



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

FABIANE CRISTINA ALTINO

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ - ALPR II

Londrina
2007

FABIANE CRISTINA ALTINO

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ - ALPR II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera.

Londrina
2007

**Catlogação na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos
da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

1	<p>A468a Altino, Fabiane Cristina. Atlas lingüístico do Paraná – ALPR II / Fabiane Cristina Altino. – Londrina, 2007. 3v. : il.</p> <p>Orientador: Vanderci de Andrade Aguilera. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2007. Bibliografia: f. 170-182.</p> <p>1. Geografia lingüística – Paraná – Teses. 2. Lingüística – Paraná – Teses. 3. Língua portuguesa – Dialetos – Teses. 4. Dialectologia – Teses. I. Aguilera, Vanderci de Andrade. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título. CDU 806.90-087.9</p>
---	---

FABIANE CRISTINA ALTINO

ATLAS LINGÜÍSTICO DO PARANÁ - ALPR II

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Dra Vanderci de Andrade Aguilera

Dra Silvia Figueiredo Brandão

Dra Aparecida Negri Isquerdo

Dra Adja Balbino de Amorim Barbieri Durão

Dr Ludoviko Carnasciali dos Santos

Londrina, 04 de dezembro de 2007.

Aos informantes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer nominalmente a todos que colaboraram nas várias etapas deste projeto. Porém, os quatro anos que se passaram, felizmente foram repletos de contribuições valiosas e seria difícil mencionar tantas atitudes e palavras de ânimo. Por isso, escolhi duas pessoas para representarem a todos que, de alguma forma, contribuíram para a elaboração desta tese. Obrigada, Vanderci e Kika, pela amizade e dedicação.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Lingüístico do Paraná - II**. 2007. 691 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

RESUMO

O *corpus* constituído para o Atlas Lingüístico do Paraná, embora já tenha sido explorado por inúmeros pesquisadores e acadêmicos (de graduação e pós-graduação) das diversas áreas de estudo da linguagem, não foi totalmente cartografado. As comunicações, artigos, dissertações corroboram a necessidade de sistematização e apresentação, em forma de cartas lingüísticas, dessa parte do *corpus* ainda inédito. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho é cartografar os dados coletados para a pesquisa de Aguilera (1994) não contemplados no Atlas Lingüístico do Paraná, dando, assim, continuidade aos estudos iniciados por essa pesquisadora e possibilitando o acesso à totalidade dos dados coletados. As questões inéditas, 54% do questionário aplicado, são o objeto deste projeto de pesquisa. A exemplo da obra de Aguilera (1994), as cartas apresentam informações semântico-lexicais, fonético-fonológicas e notas das ocorrências únicas para reproduzir as variantes registradas nos 65 pontos de estudo. As transcrições das entrevistas, foram revisadas e armazenadas em MD marca Sony de 74 min. A análise das respostas, feitas através do método dialetométrico, discute, por meio dos Índices Relativos de Distância e Identidade (IRD e IRI, respectivamente), a diversidade lexical apresentada pela localização geográfica e pela colonização local.

Palavras-chave: Geolingüística. Dialetometria. Atlas Lingüístico.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguistic of Paraná - II**. 2007. 691 p. Thesis (Doctor's degree in Studies of the Language) – State University of Londrina, Londrina, 2007.

ABSTRACT

Even innumerable researchers and academics in several areas of the study of language (graduation and after-graduation) has already explored the data about the corpus of Atlas Linguistic of Paraná, the information collected has not been mapped. The oral presentations, articles, papers corroborate the necessity of systematization and presentation in order to show this unknown corpus, in a linguistic letters form. In this way, the main objective of this paper is to map the data collected by Aguilera (1994) in his research and not contemplated in Atlas Linguistic of Paraná, giving, thus, continuity to the studies initiated by this researcher and making possible the access to the totality of collected data. The unknown questions, 54% of the applied questionnaire, are the object of this project of research. As the example of the Aguilera's work (1994), the maps present semantic-lexical information, phonetic-fonologicals and notes of the only occurrences to reproduce the variants registered in the 65 points of study. The transcriptions of the interviews had been revised and stored in Sony MD with 74 minutes each one. The analysis of the answers, made through the dialeto metric method using the Relative Indices of Distance and Identity (RID and RII, respectively) argues the lexical diversity presented by the geographic localization and the local settling

keywords: Geolinguistic. Dialeto metric. Atlas Linguistic.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Carta 23 do Atlas Prévios dos Falares Baianos - APFB (1963)	34
Figura 2	– Carta 43 do Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG (1977)	37
Figura 3	– Carta 30 do Atlas Lingüístico da Paraíba - ALPB (1984)	39
Figura 4	– Carta 40 do Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul - ALERS (2002)	42
Figura 5	– Carta 62 do Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE (1987).....	45
Figura 6	– Carta 85 do Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE II (2005).....	47
Figura 7	– Carta 73 do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR (1994)	49
Figura 8	– Carta 1 do Atlas Lingüístico Sonoro do Pará - ALISPA (2004)	51
Figura 9	– Carta 76 do Atlas Lingüístico do Amazonas - ALAM (2004)	53
Figura 10	– Carta 26 do Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina - EALLO	66
Figura 11	– Carta 41 de Áreas Fonéticas do Paraná (1992).....	67
Figura 12	– Carta 04 de Aspectos Lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico (2000).....	70
Figura 13	– Carta 28 do Pelos caminhos da Geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis (2001)	74
Figura 14	– Carta 07 de Medicina caseira paranaense: um estudo geolingüístico (2005).....	76
Figura 15	– Carta 1 de Em busca de uma história para o léxico rural paranaense (2007).....	78
Figura 16	– Carta 10 do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR (1994)	88
Figura 17	– Carta 18 do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR (1994)	94
Figura 18	– Carta 197 do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II	95
Figura 19	– Carta 367 - IRD - do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II	110
Figura 20	– Carta 368 - IRI do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II.....	111
Figura 21	– Microrregiões do Paraná	112
Figura 22	– Ocupação e povoamento do Paraná: 1640 - 1853	117
Figura 23	– Ocupação e povoamento do Paraná: 1854 - 1900	118
Figura 24	– Ocupação e Povoamento 1901 - 1940	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Atlas lingüísticos em andamento no Brasil.....	54
Quadro 2 – Atlas lingüísticos de pequenos domínios concluídos	55
Quadro 3 – Rede de Pontos do ALPR - (n°. do ponto e localidade)	82
Quadro 4 – Estrutura do questionário do Atlas Lingüístico do Paraná.....	83
Quadro 5 – Número total de questões utilizadas no ALPR.....	89
Quadro 6 – ALPR - Demonstrativo específico da cartografiação e questões inéditas.....	90
Quadro 7 – Questões contempladas em mais de uma área de estudos.....	90
Quadro 8 – Exemplo de sistematização dos dados - registro	99
Quadro 9 – Exemplo de sistematização dos dados - resumo	100
Quadro 10 – Dados confrontados - relação entre os pontos	102
Quadro 11 – Relação da Rede de Pontos e seus Interpontos.....	103
Quadro 12 – Interpontos e valores de IRI e IRD.....	104
Quadro 13 – IRD: Inserção do algoritmo de intervalação MINMWMAX	107
Quadro 14 – IRI: Inserção do algoritmo de intervalação MED, MEDM.....	108
Quadro 15 – Questões inéditas cartografadas no ALPR II.....	121
Quadro 16 – Questões cartografadas em 3 trabalhos.....	154

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS SOB O MÉTODO GEOLINGÜÍSTICO:	
COMO TUDO COMEÇOU	19
1.1 A DIALETOLOGIA NO BRASIL	26
1.2 TRABALHOS SOB O MÉTODO GEOLINGÜÍSTICO	28
1.2.1 Dos Estaduais ao Nacional: a Trajetória dos Atlas Brasileiros	29
1.2.2 Atlas Lingüísticos Publicados	31
1.2.2.1 Atlas lingüísticos publicados: monodimensionais	32
1.2.2.2 Atlas lingüísticos publicados: bidimensionais	42
1.2.2.3 Atlas lingüísticos publicados: pluridimensionais	49
1.2.3 Atlas Estaduais Concluídos e Ainda Não Publicados.....	51
1.2.4 Projetos de Atlas Estaduais em Andamento	53
1.2.5 Atlas de Pequenos Domínios	55
1.2.6 Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB	57
1.3 O PARANÁ NESSE CENÁRIO.....	63
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	79
2.1 ELABORAÇÃO DAS CARTAS DO ALPR II	80
2.1.1 Considerações Sobre o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR.....	80
2.1.1.1 A escolha da rede de pontos.....	81
2.1.1.2 O instrumento de pesquisa.....	82
2.1.1.3 Da aplicação do instrumento de pesquisa	83
2.1.2 O Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II: organização do corpus	88
2.1.2.1 Seleção das questões: o recorte do corpus	89
2.1.2.2 Tratamento e análise dos dados inéditos	92
2.2 O MÉTODO DIALETOMÉTRICO	96
2.3 CRITÉRIOS DE ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO	109
3 A ANÁLISE DIALETOMÉTRICA	110

4 DA NATUREZA DOS DADOS: O GLOSSÁRIO	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	153
REFERÊNCIAS.....	157
APÊNDICE.....	171
APÊNDICE A – Matrizes dos dados.....	172
ANEXOS	211
ANEXO A – Questionário	212
ANEXO B – Rede de Pontos.....	236
ANEXO C – Ficha dos informantes	301
VOLUME DE CARTAS	318
Apresentação	
Notação fonética	
Carta introdutória - Nomes dos municípios (pontos lingüísticos do ALPR)	
Carta introdutória - População dos municípios em 1960 e 1980	
Carta introdutória - Entrevistadoras	
Cartas Lexicais	
Cartas Fonéticas	

INTRODUÇÃO

Ainda que seja consensual que a Língua Portuguesa no Brasil não é uma nem monolítica, mas apresenta muitas diferenças dialetais¹, a maioria das quais ainda não descritas cientificamente, essas variedades têm servido para identificar e marcar geograficamente e socialmente seus usuários. Em decorrência disso, registram-se várias formas de preconceitos resultantes do valor social que se atribuem aos diferentes modos de falar: é muito comum a observação de que as variedades lingüísticas de menor prestígio são inferiores ou erradas. Além disso, a exigência da utilização da norma padrão ganha força à medida que as comunidades vão entrando em contato com a escola e as inovações científica e tecnológica². A cultura, antes regional e particular, isolada e com costumes relativamente uniformes e cristalizados, deu lugar à civilização universalista e urbana, com seus 'novos' problemas. As comunidades, agora letradas e em contato constante com o mundo (através da mídia - escrita, televisiva...), iniciaram uma nova era na comunicação humana, mais exigente e formal. A migração, o contato entre as culturas, o menor ou o maior grau de acesso à mídia e à escolaridade, entre outros fatores, contribuem para que a língua seja cada vez mais dinâmica e sofra mudanças continuamente.

Essas mudanças, porém, não se fazem de forma homogênea. Há comunidades em que, por diversas razões (culturais, geográficas, por exemplo), a mudança se faz mais lentamente, perpetuando hábitos lingüísticos há muito deixados para trás por outras comunidades de fala.

Buscar as diferenciações regionais, verificando as características sócio-históricas que cada comunidade apresenta, e averiguar se elas se refletem

¹ O conceito de dialeto é muito discutido no meio acadêmico. Segundo Dubois (1978, p. 184), o termo pode ser definido como "conjunto de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como o língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independente daquela". Para Câmara Jr. (1981, p. 95), "do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais". Para o conceito de dialeto e de suas derivações, adotou-se, para esta tese, a definição de Alvar (1996, p. 13) para quem dialeto é "un sistema de signos desgajado de una lengua común, viva o desaparecida; normalmente, con una concreta limitación geográfica, pero sin una fuerte diferenciación frente a otros de origen común. De modo secundario, pueden llamarse dialectos las estructuras lingüísticas, simultáneas a otras, que no alcanzan la categoría de lengua". Cf. também, CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. La Dialectología. Madrid: Visor Libros, 1994, pp. 19-32.

² A título de exemplo hoje, no Brasil, segundo a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações), o país contabiliza 105,09 milhões de telefones móveis. Já o número de telefones fixos instalados é de 42.027.499. Fonte: <http://www.anatel.gov.br/hotsite/conheca_brasil/default.asp>.

nas diversidades geográficas, na busca do retrato lingüístico, são metas que devem nortear a tarefa de um dialetólogo. Esses objetivos devem estar presentes não só nos atlas nacionais, mas também nos regionais, por possibilitarem o estudo da língua mais profundamente, por meio de um inventário lingüístico, no qual se espelhem algumas mudanças sociais, oferecendo, assim, subsídios para a constituição de um quadro sinótico da história da língua.

Há muito, no Brasil, estudiosos da linguagem vêm pregando a necessidade de estudos dos falares³ nacionais. Esse propósito já era discutido por Amadeu Amaral (1976 [1920], p. 2):

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, limitando-se estritamente ao terreno conhecido e abandonando por completo tudo quanto fosse hipotético, in certo, não verificado pessoalmente. Teríamos assim um grande número de pequenas contribuições, restritas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, esmerada e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de fatos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quase sempre apressadas.

Essa preocupação com os falares brasileiros também é preconizada por Houaiss (1960 [1957]), quando relata sobre a criação do Centro Latino-Americano de Pesquisa de Ciências Sociais, no Rio de Janeiro, em 1957. Assinala a necessidade de o recém fundado centro levar em consideração os aspectos fundamentais do problema lingüístico brasileiro, uma vez que

o estudo científico do instrumento de comunicação - no nosso caso concreto, a língua portuguesa feioada às nossas características nacionais - está cada vez mais na dependência de pesquisas de campo, graças às quais se poderá levar a bom termo, num futuro que esperamos não seja remoto, o Atlas Lingüístico do Brasil, melhor, o Atlas Dialectológico Brasileiro (HOUAISS, 1960, p. 40).

³ Para o termo falares, adotou-se para este trabalho o conceito fornecido por Câmara JR. (1981, p. 115): "línguas de pequenas regiões, através de um território lingüístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum. [...] Os falares caracterizam-se ainda, em face da língua comum, pela circunstância de pertencerem à língua cotidiana oral, de sorte que a língua escrita, na pequena região em que vigora, se cria na base da língua comum, embora possa se apresentar às vezes menos ou mais contaminada pelos traços do falar local".

Anteriormente a esse acontecimento, no Congresso Internacional de Lingüística, em Haia, 1928, reiterou-se a necessidade de desenvolver estudos dialetológicos no Brasil, solicitando junto ao governo federal, o patrocínio dos trabalhos necessários ao Atlas Lingüístico do Brasil⁴.

Essa idéia ganha corpo com Silva Neto e Cunha, no II Colóquio Internacional de Estudos Lusó-Brasileiros, realizado em Lisboa em 1957, que igualmente afirmavam a urgência de estudos dialetológicos pelo método geolingüístico, ressaltando a importância da elaboração de atlas regionais que pudessem investigar, mais detidamente, as variantes de cada região do Brasil. Soma-se a esses pesquisadores Nascentes, cujas proposições estão registradas na publicação das *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil* (1958, 1961), obra que fornece as diretrizes gerais para o estabelecimento da rede de pontos, o perfil dos informantes e a elaboração do instrumento de coleta de dados.

A importância dos atlas regionais, já discutida por Cunha e Silva Neto (1957), Nascentes (1958 e 1961) e também preconizada por Houaiss (1960), reside na exaustão com que os dados coletados são trabalhados, fornecendo, além de uma visão panorâmica da língua, a possibilidade de fazer seu inventário e documentar o grau de aculturação presente no espaço geográfico, de realizar o estudo da formação da língua e da sua história. Além disso, podem oferecer materiais agrupados em esferas semânticas e mostrar a distribuição geográfica das palavras. Houaiss (1960, p. 62) sinaliza para a importância dos atlas lingüísticos

As razões determinantes da necessidade de que cada comunidade lingüística possa ter sua fisionomia caracterizada exaustivamente são de várias naturezas. A técnica de apreensão dessa fisionomia lingüística é chamada dialetologia, cujos resultados só se tornam válidos se expostos em forma de atlas. O atlas lingüístico de uma comunidade lingüística é, por conseguinte, aquele registro mercê do qual todos os aspectos e particularidades dessa comunidade lingüística possam ser descritos, sistematizados, analisados.

É preciso mencionar, ainda, que esses estudos auxiliam na reconstituição das fases da língua, fornecendo uma visão sincrônica e diacrônica, ao mesmo tempo. Segundo o referido autor, "com respeito especificamente ao português do Brasil, ocorreria lembrar que de há muito se vem fazendo sentir a

⁴ Com vistas, também, ao estabelecimento do Atlas Lingüístico do Mundo. Cf. Houaiss (1960, p. 45).

necessidade imperativa de uma pesquisa a exaustiva e exata do nosso domínio dialetológico." (HOUAISS, 1960, p.44)

Assim, começaram a ser desenvolvidas pesquisas dialetais que buscavam as realidades regionais, elaborando atlas que demonstrassem de forma concreta as possíveis diferenças lingüísticas existentes dentro do território nacional. O primeiro deles foi o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB - 1963), seguido pelo *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG - 1977), do *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPB - 1984), do *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALSE - 1987), do *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR - 1994) e, recentemente, o *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS - 2002) e o *Atlas Lingüístico de Sergipe - II* (ALSE II - 2005) e o *Atlas Geo-sociolingüístico do Pará* (ALISPA - 2004), que serão descritos oportunamente.

O Atlas Lingüístico do Paraná, no que diz respeito ao *corpus* constituído entre os anos de 1985 a 1989 para o projeto de teses de Aguilera (1990), embora já tenha sido explorado por inúmeros pesquisadores e acadêmicos (da graduação e da pós-graduação) das diversas áreas de estudo da linguagem, manteve-se, em parte, inexplorado dentro do método geolingüístico. As comunicações, artigos e dissertações corroboram a necessidade de sistematização e apresentação, em forma de cartas lingüísticas, do *corpus* ainda inédito.

Cardoso (2005c, p.108), na justificativa para a composição do segundo volume do Atlas Lingüístico de Sergipe, afirma a "existência de um número considerável de dados ainda inéditos e da importância de tê-los analisados com resultados passíveis de comparação com os que se oferecem ou oferecerão para outras áreas". Acrescenta, ainda, a necessidade de "exploração de corpora organizados e ainda não trabalhados", tarefa que se torna compromisso acadêmico e social. Essas afirmações também são sentidas nesta tese e justificam a utilização dos corpora já constituídos para o ALPR.

Essa é também a opinião de Vieira (1998), ao ressaltar a necessidade de utilização dos dados coletados para a constituição dos atlas lingüísticos e que acabam sem tratamento científico. A autora afirma que

a ausência de um tratamento informatizado, adequado aos dados das entrevistas para agilizar seu aproveitamento sem perda de dados, dificulta, ou impossibilita o acesso dos interessados ao material lingüístico para pesquisas de um rico material, que precisa

continuar a ser explorado, tanto para novas cartas lingüísticas de outros volumes dos atlas, quanto para trabalhos de pesquisa, pela comunidade universitária, alunos de graduação, pós-graduação e professores (VIEIRA, 1998, p. 208).

Sobre a importância do trabalho dialético, Guarnier (1953, p. 9) preconiza que

La Ciencia tiene el deber de recopilar antes de su pérdida, estos testimonios vernáculos que reflejan una mentalidad autóctona, una concepción local particular de la vida, elaborados lentamente [...]. El terreno a explorar, cada año que pasa, se hace más estéril y más arduo: de aquí la urgencia de la labor⁵.

Pelo desafio de ver concretizado o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II, retomaram-se as discussões de caráter metodológico para a apresentação do registro dos dados coletados por Aguilera entre os anos de 1985-89, descrevendo e analisando os fatos lingüísticos, considerando não apenas o aspecto geográfico, como também o histórico e o social, igualmente estudados no ALPR (1994).

Assim, tomando por base as proposições apresentadas por Aguilera (1990), esta tese apresenta as seguintes hipóteses:

- 1 - é possível identificar em que níveis da linguagem - fonético e/ou lexical - se manifestam mais claramente as diferenças lingüísticas regionais; e
- 2 - é possível, por meio de uma nova metodologia, delimitar as diferenças ou as semelhanças lingüísticas dos falantes rurais paranaenses.

Buscar a diversidade lingüística em cada comunidade é o objetivo primeiro do dialetólogo. Se as divergências lingüísticas no tempo são pouco percebidas pela consciência coletiva, as alterações ocorridas no espaço físico são observadas mais rapidamente. Assim, para este trabalho, estabeleceu-se como objetivo geral a cartografia dos dados coletados para a pesquisa de Aguilera e que não foram contemplados no Atlas Lingüístico do Paraná (1994), dando

continuidade aos estudos iniciados por essa pesquisadora e possibilitando o acesso ao *corpus* coletado na ocasião, na sua íntegra.

Para a consecução do objetivo geral, a elaboração do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II, em que foi contemplada parte do acervo semântico-lexical de falantes de ambos os sexos com o mesmo grau de escolaridade em 65 cidades no Estado, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos:

- 1 - Contrastar os dois métodos apresentados - Geolingüística e Dialeto-metria. Tradicionalmente, no Brasil, os atlas apresentam cartas geolingüísticas com a distribuição espacial das variantes lexicais ou fonéticas registradas nas entrevistas *in loco*. O método dialetométrico constitui-se, por sua vez, de uma análise global do material coletado pela Geolingüística, o que permite uma visão generalizada dos dados. Buscou-se, por fim, analisar as contribuições de cada método, contrastando suas áreas de abrangências e suas finalidades.
- 2 - Observar, por meio da análise dialetométrica, o desempenho dos informantes quanto à diversidade lingüística e sua relação com a história social paranaense.

A Dialeto-metria, método inédito no Brasil, mas com tradição na Europa, constitui-se em análises estatísticas de dados coletados pela Geolingüística e permite abordar de maneira mais acurada uma quantidade de dados, auxiliando na obtenção de uma visão geral da variação geográfica das línguas. Os dados coletados para o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR (1994) foram tratados à luz da Dialeto-metria e seus resultados analisados na busca de áreas lexicais ligadas ao povoamento do Estado. Para essa análise foram utilizadas integralmente as entrevistas do *corpus*.

- 3 - Estabelecer o grau de influência dos diversos grupos étnicos presentes no Estado em relação aos níveis léxicos e fonéticos constitutivos do falar rural.

⁵ "A Ciência tem o dever de recopilar, antes da sua perda, estes testemunhos vernáculos que reflitam uma mentalidade autóctone, uma concepção local particular da vida, elaborados lentamente [...]. O território a explorar, cada ano que passa, será mais estéril e árduo: aqui a urgência do trabalho."(t.n.)

O Paraná tem, nos movimentos de colonização e povoamento de seu território, o elemento norteador para a divisão em regiões: Tradicional e Moderno⁶. O Paraná Tradicional, com povoamento iniciado no século XVII e estendido até o século XIX, tem sua economia baseada, inicialmente, na agropecuária e foi percorrido por indivíduos isoladamente, por bandeiras e por portugueses.

O Paraná Moderno subdivide-se em duas regiões: o Norte, no início do século XX, foi ocupado por migrantes paulistas e mineiros e imigrantes europeus atraídos pela atividade cafeeira; o Sudoeste e o Oeste, povoados por migrantes gaúchos e catarinenses em meados do século XX, com economia centrada na plantação de cereais e na criação de suínos.

Os aspectos apresentados sobre a colonização apontam para a possibilidade da diversidade lingüística do Estado. O estudo da história social do Paraná deverá sinalizar para o *status* histórico dos grupos povoadores no conjunto da população paranaense.

4 - Organizar o glossário com base no levantamento das variantes lexicais mapeadas nas cartas léxico-semânticas apresentadas nesta tese.

O universo vocabular documentado permite organizar em glossário as variantes lexicais registradas nas questões inéditas das entrevistas para o ALPR (1994). Para tanto, impõe-se a necessidade de consultas aos dicionários de uso, no caso desta pesquisa, os de Moraes Silva⁷ (1813) e Houaiss (2001). A utilização desses dois dicionários justifica-se pela importância das obras e por sua data de publicação: 1813 e 2001 respectivamente.

Pretende-se, com as observações constantes desta tese, contribuir para o conhecimento da língua portuguesa falada no Paraná, no que se refere a sua constituição e às pistas que podem levar ao conhecimento de sua história.

O plano desta obra organiza-se em 2 volumes e constitui-se, para cada volume, como segue:

O primeiro volume apresenta a Introdução, seguida do capítulo 1 que trata dos estudos Dialetológicos pelo método Geolingüístico, da Geolingüística

⁶ Divisão feita por Cardoso e Westphalen (1986).

⁷ Edição digitalizada para o Projeto do Dicionário Histórico do Português do Brasil, coordenado pela

no Brasil -periodização e trabalhos dialetológicos com método geolingüístico, da trajetória dos atlas regionais brasileiros e do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB e dos trabalhos nesta área realizados no Paraná.

No capítulo 2, expõe-se a fundamentação teórico-metodológica adotada para esta tese. Fazem parte deste capítulo as considerações sobre o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR: os critérios para a escolha da Rede de Pontos, o instrumento de pesquisa, a formação de uma equipe de pesquisa, os critérios para a escolha dos informantes, a realização das entrevistas, bem como sua armazenagem e cartografiação. Serão discutidos, também nesse capítulo, os critérios metodológicos para o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II: o recorte do *corpus*, o tratamento e a análise dos dados, a apresentação das cartas e do glossário, além do referencial teórico da Dialetoimetria, sua metodologia, cartografiação. A análise dialetométrica dos dados compõe o quarto capítulo.

A natureza dos dados lexicais será apresentada no capítulo 5 que versará sobre o universo vocabular registrado nas cartas lexicais apresentado sob a forma de glossário. Segue-se o capítulo 6 com as considerações finais sobre os dados coletados e os métodos apresentados.

Em CD-ROM, no encarte do primeiro volume, encontra-se o volume de cartas no qual constam:

- i) cartas introdutórias;
- ii) 175 cartas lexicais e fonéticas referentes às questões inéditas do *corpus* coletado para o Atlas Lingüístico do Paraná (1994);
- iii) duas cartas dialetométricas;
- iv) o apêndice no qual estão registradas as matrizes dos dados utilizados na análise dialetométrica; e
- v) os anexos desta tese que apresentam o questionário para a coleta de dados, o histórico dos 65 pontos de inquéritos no estado e os dados dos informantes.

1 ESTUDOS DIALETOLÓGICOS SOB O MÉTODO GEOLINGÜÍSTICO: COMO TUDO COMEÇOU

A Dialetoologia, feita por meio do método geolingüístico, é a área de estudo que, segundo Castro (2006, p. 41), "toma por objeto de investigação a variação lingüística geográfica ou diatópica procurando documentar, descrever, comparar variedades regionais de uma língua"⁸. Ganhou impulso no final do século XIX, quando Georg Wenker (*apud* COSERIU, 1987, p. 87) começou a recolha dos dados -que durou 10 anos - para a elaboração de cartas lingüísticas para a investigação dos dialetos falados na Alemanha. A partir dessa data, o objetivo de delinear o perfil lingüístico das comunidades tornou-se uma constante. O método utilizado por Wenker foi o da pesquisa indireta, por meio de questionários enviados a professores de diversos locais, buscando averiguar a variação dialetal nas várias regiões em quarenta frases curtas. Com isso, o pesquisador pretendia registrar a existência dos dialetos, seus limites e, sobretudo, os aspectos fonéticos encontrados em cada região. O estudioso iniciou sua pesquisa investindo, pelo método de envio de correspondência, pontos do território de fala alemã, e publicou após uma década, um fascículo com 10 mapas com os primeiros resultados da pesquisa.

No primeiro fascículo de sua obra, Wenker constatou que não se podem determinar fronteiras nítidas que delimitem os fenômenos fonéticos. Segundo Coseriu (1987, p. 87), "os resultados obtidos não confirmaram as idéias de Wenker sobre a unidade dialetal (ao contrário: indicaram que todo fenômeno tem os seus próprios limites e que o mesmo fenômeno não ocorre uniformemente em todas as palavras de uma série)".

Depois de Wenker, no cenário mundial, dentre outros pesquisadores que se interessaram pelo estudo dos dialetos, destaca-se Gilliéron (considerado o fundador da Geolingüística) que, em 1897, começou sua investigação lingüística dentro de uma determinada área geográfica. A necessidade de coletar, de forma sistematizada, os dialetos da Língua francesa e o propósito de inventariar as variedades das falas locais para sua preservação diante da difusão da língua

⁸ Sobre o termo Dialetoologia, cabe ressaltar a definição dada por BOLÉO (1974, p. 53): "sem a Dialetoologia (**entendo por esta palavra, não só o estudo dos dialetos, mas também dos falares**), o próprio estudo histórico da língua é falseada, por incompleto." (grifo nosso).

comum, incentivaram esse pesquisador a iniciar o projeto de um atlas que contemplasse todo o território de fala francesa. (COSERIU, 1987)

A idéia do atlas se consolidou, mas Gilliéron, temendo influenciar os resultados de sua pesquisa, achou por bem confiar o trabalho de campo a uma pessoa sem formação em Lingüística. Para tal tarefa contou, então, com um único auxiliar, Edmond Edmont, que, com esforço físico (seu veículo era uma bicicleta) e determinação, percorreu 639⁹ pontos, numa tarefa que teria o tempo previsto de cinco anos. Edmont empenhou-se em entrevistar os informantes para o atlas, concluindo a pesquisa de campo em quatro anos, catalogando os dialetos franceses, provençais e franco-provençais.

Em seu estudo apresentado no *Atlas Linguistique de la France - ALF*, no final do século XIX (fascículos publicados entre 1902 e 1910), o pesquisador franco-suíço procurou demonstrar os sistemas lexical, fonético, morfológico e até mesmo sintático, utilizados pelos falantes dessa língua. Entre 1902 e 1910, foram publicados os fascículos que agrupavam os 1.920 mapas (1421 cartas completas e 499 parciais), ordenados em três séries alfabéticas, registrando cerca de um milhão de formas.

Nascia, assim, a Geografia Lingüística, possibilitando conhecer os falares na França, cujos fundamentos serviriam, posteriormente, de ponto de partida para a elaboração dos atlas lingüísticos, tornando possível o registro de uma parte da história dos falares de vários povos e nações. A investigação científica de Gilliéron, com base na Geografia Lingüística, cresceu e hoje vem auxiliando na busca do conhecimento mais preciso de um dos instrumentos da comunicação humana: a língua.

Outro trabalho de referência para os estudos dialetológicos, elaborado sob o método geolingüístico é o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional - AIS, primeiro projeto a se interessar pela questão etnográfica no atlas. Pesquisa realizada por Karl Jaberg e Jakob Jud (1928-1940), reúne estudos sobre a língua falada em 407 pontos (Itália e Suíça Meridional), percorridos por três inquiridores. É importante mencionar que, para esse trabalho, foi entrevistado um informante em cada ponto, embora as intervenções dos circunstantes tivessem sido consideradas.

⁹ Brandão (1991, p. 10)

Quanto ao instrumento de coleta de dados, os pesquisadores romanistas optaram por empregar três questionários distintos: um normal, com 2.000 perguntas; um reduzido, com 800; e um ampliado, com 4.000. Esses questionários foram aplicados, respectivamente, em 355, 28 e 30 localidades. O AIS conta com 1.705 cartas com comentários e perto de 1.900 desenhos e 4.000 fotografias, reunidos em 8 tomos publicados em Zofingen (1928-1940)¹⁰.

A exemplo de Gilliéron e de Jaberg e Jud, seguiram-se vários atlas nacionais e supranacionais, coletâneas lingüísticas que narram história de suas línguas, resgatadas e recontadas. Na tentativa de abarcar os trabalhos de relevo na Dialetoлогия sob o método Geolingüístico, ressaltam-se aqui alguns dos atlas lingüísticos representativos de diferentes países e continentes: o Linguistic Atlas of New England - LANE (KURATH, et al., 1939 - 1943) que abrange os Estados americanos de Connecticut, Rhode Island, Massachusetts, Vermont, New Hampshire e Maine e da Long Island; o Atlas Lingüístico da Península Ibérica - ALPI (NAVARRO et al., 1962); o Atlas do Litoral Português - ALLP (VITORINO, 1987); o Atlas Lingüístico Dia-tópico y Diastrático del Uruguay - ADDU (THUN; FORTE; ELIZAINCÍN, 2000); o Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza - ALEPG (SARAMAGO). Citam-se, ainda, o Atlas Linguistique Roman - ALiR (1956 -1996) e o Atlas Linguarum Europae - ALE (1983 - 1990)¹¹.

O Linguistic Atlas of New England - LANE (KURATH, et al., 1939 - 1943) parte integrante do Linguistic Atlas of the United States and Canada, contempla a língua falada em alguns estados americanos e na província canadense de New Brunswick, colônias da Nova Inglaterra, fundadas no século XVII¹².

O atlas é constituído por 734 cartas lingüísticas que trazem como diferencial dos atlas, até esse momento elaborados, "o estabelecimento de critérios

¹⁰ Cf. Coseriu (1987, p. 89)

¹¹ Somam-se, aos já citados, in contáveis obras dialetológicas realizadas com base no método geolingüístico. Para mencionar algumas: Atlas Lingüístico da Catalunya - ALC (1923-36), Atlas Lingüístico d'Andorra - ALA (1960), Atlas Lingüístico de España y Portugal - ALEP (1973), Atlas Lingüístico Galego - ALGa (1990), Atlas Lingüístico do Litoral Português - ALLP (1987), Atlas Lingüístico e Etnográfico de las Islas Canarias - ALEICan (1975 - 1978), Atlas Linguístico y Etnográfico de Andalucía (1961 - 1973), Linguistic Atlas of England (1991, 1997), Atlas Linguistique de la Chine (1987, 1990), Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores (2001), Atlas Linguistique de la Wallonie (1953), Petit atlas linguistique de la Wallonie (1990, 1992, 1995); Atlas Lingüístico-Etnográfico del sur de Chile - ALESUCH (1973) Atlas Linguístico do Peru (2001); Linguistischer Atlas des dacorumánischen Sprachgebietes - LADRS (1896 - 1909); Atlante Linguistico Italiano - ALI (1995, 1996, 1997, 1999); The Czech Linguistic Atlas (1992, 1997, 1999), Atlante Lingüístico della Sicilia - ALS (1997); Atlas Gwar Wschodniostowiańskich Białostoczczyzny (1995). Fonte: <<http://www.geolectos.com/atlas.htm>>.

para a escolha dos informantes envolvendo o aspecto geográfico e o social" (CARDOSO, 2002, p. 39). Tendo em vista também a observação dos fatores sociais, estabeleceram-se, para a seleção dos informantes, três níveis de escolaridade: i) pouca instrução formal e contato social; ii) instrução média, familiaridade com a leitura e contatos sociais mais amplos que o grupo anterior; iii) instrução superior, com contato social maior que a faixa anterior e habituados com a leitura. Para os critérios de seleção ainda foram estabelecidas duas faixas etárias: idosos, geralmente acima dos 70 anos, e jovens.

O Atlas Lingüístico da Península Ibérica - ALPI, dirigido por Tomás Navarro, buscou inventariar os falares na Península. Sobre a motivação de tal empreendimento, assinala Guarner (1953, p. 39):

aunque se hablan tres romances perfectamente definidos en la Península Ibérica, y está ésta dividida en dos estados soberanos, es patente la individualidad geográfica de tal territorio, que formó una unidad en la época de la romanización, definitiva para sus lenguas y culturas, y asimismo en el último período de la dominación visigoda, trascendental en la formación de las incipientes lenguas románicas¹³.

Foram estabelecidos 527 pontos de inquéritos, divididos em seis zonas dialetais e as ilhas Baleares, incorporadas ao domínio lingüístico catalão no século XIII¹⁴. As regiões em que se fala o basco não integram a rede de pontos, pois, segundo Guarner (1953, p. 40), "como el ALPI estudia las lenguas peninsulares románicas, ha quedado fuera de él el vasco, idioma no indo-europeo que requiere un Atlas lingüístico y etnográfico propio, en cuya preparación se ha comenzado ya a trabajar"¹⁵.

O instrumento de coleta de dados foi composto por 1320 questões que abarcam as mais diversas esferas semânticas, além de fenômenos fonéticos e gramaticais. As entrevistas foram realizadas entre 1931 e 1936 com informantes do sexo masculino - pela natureza dos questionários que versam, sobretudo, a

¹² Notícias dadas por POP, 1950 e citadas por CARDOSO, 2002, p. 39.

¹³ [...] "embora se fale três romances perfeitamente definidos na Península Ibérica, e esta está dividida em dois estados soberanos, é evidente a individualidade geográfica do território, que formou uma unidade na época da romanização, definitiva para as línguas e culturas, e desta forma no último período da dominação visigoda, transcendental na formação das incipientes línguas românicas." (tradução nossa)

¹⁴ Cf. Guarner (1953, p. 39)

¹⁵ [...] "como o ALPI estuda as línguas peninsulares românicas, retirou-se o basco, idioma não indo-europeu que requer um atlas lingüístico e etnográfico próprio, em cuja preparação se começa a

terminologia agrícola - e geralmente de idosos (acima dos 70 anos), "cuya habla es, naturalmente, más arcaizante y está menos influenciada por la modernización igualitaria"¹⁶ (GUARNER, 1953, p. 57). Porém, em 1939, durante a 2ª Guerra Mundial e para preservar a documentação recolhida, Navarro retira o material da Espanha salvaguardando-os na Columbia University, em Nova Iorque. Após o conflito e retomados os inquéritos em 1947, o material coletado na década anterior retornam à Espanha em 1950 e inicia-se a segunda fase do projeto. Nessa nova etapa, incorporou-se à rede de pontos do ALPI o território de Portugal, tendo Lindley Cintra como coordenador dos inquéritos lusitanos.

O Atlas Lingüístico do Litoral Português - ALLP, sob a coordenação de Gabriela Vitorino, tem como objeto o registo do léxico relativo à pesca na orla marítima de Portugal. A rede de pontos é constituída por 40 localidades que se estendem pelo litoral do continente (23 localidades), 5 no arquipélago da Madeira e 12 nos Açores. O questionário integral do projeto conta com 1.200 questões que recobrem os seguintes campos semânticos: a pesca e os processos de pesca; as embarcações e a navegação; a tripulação das embarcações e a comercialização do pescado; a fauna e a flora, os aspectos da costa e do mar; e os fenômenos atmosféricos. Segundo informações no site do Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa - CLUL, "os trabalhos iniciaram-se com a recolha do léxico relativo às espécies da fauna e flora marinhas nas 23 localidades continentais (1984/85)"¹⁷.

O *corpus* foi transcrito e introduzido em base de dados relational do CLUL. O caráter inovador do ALLP foi a análise dialetométrica feita em cento e vinte e três conceitos do conjunto de mapas desse atlas. Segundo Vitorino (1987, p. 54),

utilizando esta análise foi possível evidenciar, em mapas de síntese, as relações preferenciais que cada localidade mantém com os outros pontos da costa, os perfis de identidade que se desenham ao longo do litoral, as zonas de maior e menor coesão e mesmo as zonas dominantes em termos lexicais.

O Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay - ADDU (2000) é um atlas pluridimensional¹⁸, isto é, contempla, além da dimensão diatópica,

traballar". (tradução nossa)

¹⁶ [...] "cuya habla es, naturalmente, más arcaizante e está menos influenciada pela modernización igualitaria" [...]. (tradução nossa)

¹⁷ <<http://www.clul.ul.pt/sectores/variação/projecto.allp.php>>. Acesso em: 27/10/2007.

¹⁸ Sobre as características dos atlas pluridimensionais, consultar a seção 2.2.2.3 desta tese.

as dimensões dialingual (espanhol e português), diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial (THUN 1997, p. 8). Para essa categoria de atlas, a inserção de fatores sociais, além do geográfico, aos dados dos atlas abre caminhos para trabalhos que permitam a observação da língua falada em uma comunidade, tanto do ponto de vista geográfico (horizontal), quanto do ponto de vista dos aspectos sociais (vertical).

O ADDU integra um grupo de atlas que contempla, além da superfície bidimensional, um espaço variacional tridimensional. Segundo Thun (s/d, p.1),¹⁹

el *ADDU* combina la dimensión diatópica con un cierto número de dimensiones no areales y las extiende a la arealidad. Se analiza no solamente cada dimensión en su extensión tópica sino también las interrelaciones que se establecen entre todos estos niveles.

Projeto comum entre o Uruguai e Alemanha, o ADDU é um atlas nacional que contempla ainda pontos de contato entre as fronteiras uruguaias (Argentina, com o castelhano, e Brasil, correspondente à zona lusa). Constituído de 130 cartas, foram entrevistados 576 informantes, de ambos os sexos²⁰, em grupos mistos de cinco informantes, com duas faixas etárias - 18 a 36 e mais de 60 anos - em 127 pontos de inquérito. O questionário lingüístico toma por base o do Atlas Lingüístico de Hispanoamérica - ALH²¹, mas também, segundo Thun (1989, p.11-20), é "como todos los cuestionarios más recientes, una síntesis de otros más viejos".

O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) foi iniciado em 1970, sob a coordenação de Luís F. Lindley Cintra. Sua equipe desenvolveu o questionário, publicado em 1974²², e estabeleceu o perfil dos informantes e a rede de pontos. Com um total de 212 localidades - 176 no Continente, 12 na Espanha, 24 nas ilhas²³ - o ALEPG é desenvolvido por uma equipe do Centro Linguístico da Universidade de Lisboa, chefiada atualmente por

¹⁹ Artigo cedido pelo autor.

²⁰ Embora, segundo Thun, em seu texto *A pluridimensionalidade del Atlas Lingüístico y Diastrático del Uruguay - ADDU*, esse critério tenha recebido um *status* secundário. (Texto sem referência, cedido pelo autor).

²¹ Projeto dirigido por M. Alvar e A. Quilis.

²² *Questionário Lingüístico*, Instituto de Lingüística, Lisboa, 1974, 3 Vols.

²³ Pontos do ALEPG nas ilhas são assim distribuídos: 17 pontos nos Açores e 7 no Arquipélago da Madeira.

João Saramago e encontra-se hoje em fase de análise e de cartografia dos dados.

Para a recolha dos dados, foram entrevistados em cada localidade um informante principal e informantes específicos para cada área de especialidades do instrumento de pesquisa. A tarefa de recolha de dados encontra-se concluída.

Para a cartografia dos dados, a equipe do Centro de Linguística - CLUL - conta com um programa desenvolvido para essa finalidade que, através da alimentação do banco de dados, permite gerar cartas lingüísticas com os dados fornecidos, viabilizando, inclusive, a inserção de informações adicionais posteriores, tais como anotações, legendas e títulos.

Dois outros atlas de vulto são o Atlas Linguistique Roman - ALiR e o Atlas Linguarum Europae - ALE, que abarcam grandes áreas territoriais, denominados atlas supranacionais.

O ALiR - Atlas Linguistique Roman inventaria as línguas e dialetos românicos na Europa. O projeto nasceu em 1987 por iniciativa do Centre de Dialectologie de Grenoble e congrega universidades e organismos nacionais de pesquisa de 8 países europeus. As cartas apresentam interpretações que o insere entre os atlas de segunda geração²⁴. Segundo seus idealizadores, o objetivo do ALiR é

la réalisation d'un Atlas de deuxième génération, interprétatif, concernant la totalité des variétés dialectales de l'Europe romane (le réseau comprend 1037 points), sous leurs différents aspects (lexical, phonétique, phonologique, morpho-syntaxique)²⁵.

O primeiro volume, publicado em 1996 em Roma, é constituído por três tomos: o primeiro, de apresentação do projeto; o segundo, em que estão

²⁴ Segundo Cardoso (2004), os atlas podem ser assim classificados: i) de primeira geração: atlas que apresentam, ou não, em suas cartas somente as notas referentes às entrevistas e que não tecem comentários nem sobre os mapas nem sobre as notas. São, em síntese, essencialmente descritivos; ii) Para o segundo grupo, observam-se nos atlas lingüísticos comentários e interpretações feitos a partir do *corpus* coletado. As notas que acompanham as cartas lingüísticas, os comentários feitos pelo pesquisador ou ainda os realizados pelo próprio informante na hora da entrevista caracterizam os atlas da segunda geração, que buscam analisar os diversos fatores -social, etário, entre outros - que influenciam na linguagem humana. Os atlas de segunda geração são, evidentemente, centrados na dimensão diatópica, mas abrem caminhos para o estudo de outras esferas; iii) terceira geração: são aqueles que, além das informações e interpretações contidas nos atlas de segunda geração, apresentam dados sonoros.

²⁵ "A realização de um atlas de segunda geração, interpretativo, referente à totalidade das variedades dialetais da Europa românica (a rede compreende 1037 pontos), sob seus diferentes aspectos (lexical, fonético, fonológico, morfossintático)." (t.n.)

publicados os questionários e a bibliografia, entre outros; e o terceiro, que contém as 14 cartas que proporcionam um cotejo entre as línguas românicas europeias.

O Atlas Linguarum Europae conta com uma rede de pontos de 2.631 localidades representativas das diversas línguas faladas na Europa. Por se tratar de um atlas plurilingüe, evidencia-se o aspecto semântico-lexical possibilitando, como observa Cardoso (2002, p. 65) "a apreciação dos fatos na perspectiva da relação língua-cultura e abrindo caminho para o estabelecimento de interfaces múltiplas com outros ramos do conhecimento". Os objetivos fundamentais são, segundo Martín (1974, p. 327), "dar una imagen de la diferenciación lingüística de Europa, reflejar las distintas estructuras lingüísticas y acercarnos a cuestiones de tipología".

1.1 A DIALETOLOGIA NO BRASIL

A tradição dialetológica no Brasil, segundo Mota e Cardoso (2006, p. 17), pode ser dividida em períodos cuja manifestação inicial, embora numa visão ampla e de natureza dialetal sobre o português do Brasil, acontece com os estudos de Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, em 1826.

Essa fase dos estudos dialetológicos no Brasil, como afirma Nascentes (1952 e 1953), Mota e Cardoso²⁶, se encerra em 1920, com a publicação de *O Dialeto Caipira*. Inaugurada por Amadeu Amaral, sua obra é o primeiro passo para que os estudos dialetais brasileiros se iniciem, marcando uma nova fase para o estudo da dialetologia no Brasil. Embora tenha, em seus anos iniciais, o cunho comparativista pela tradição filológica²⁷, a Dialetologia abre caminhos na busca da descrição dos falares no Brasil e rumo para uma sistematização dos métodos até então utilizados. Em 1928, o Congresso Internacional de Linguística, realizado em Haia, lingüistas brasileiros preconizavam a necessidade de organização do registro dos falares brasileiros. Mais tarde, a elaboração de um atlas nacional inscreveu-se "como um dos objetivos permanentes do Centro de Pesquisa da Casa de Rui

²⁶ Citam-se, ainda, os artigos de Pisciotto (1998), Isquierdo (2005) e Brandão (1991). Cf. *O Dialeto Caipira*. Primeira edição em 1920. Para este trabalho utilizou-se a segunda edição, publicada em 1976.

²⁷ Cf. *O Dialeto Caipira*. Primeira edição em 1920. Para este trabalho utilizou-se a segunda edição, publicada em 1976.

Barbosa a organização do nosso atlas lingüístico, sem, porém, propiciar meios materiais para tão avultada empresa." (HOUAISS, 1960 [1957], p.45)

Como postula Altman (2004, p. 80), a Dialectologia Tradicional se iniciou [...] "na década de 20, com a publicação de *O Dialeto Carioca*, de Amadeu Amaral, e se estendeu como tal até os anos de 50, década de renovadora cruzada dialetológica de Silva Neto, momento em que o programa de investigação dialetológica foi revisto".

Dois anos após a publicação de Amaral, em 1922, Nascentes publica *O Linguajar Carioca*, e Marroquim, em 1934, *A Língua do Nordeste*; além dessas obras, inúmeros trabalhos monográficos (tônica dos estudos dialetais no Brasil até 1952) sobre a língua falada no Brasil foram desenvolvidos. Em 1952, é publicado o Decreto 30.643, que previa a elaboração de um atlas lingüístico em que os falares brasileiros fossem identificados. Nas disposições sobre o funcionamento do Centro de Pesquisa, objeto desse decreto, foi assim estabelecido:

Art. 3º, O Centro em referência compreenderá, inicialmente, duas Secções: a de Direito e a de **Filologia**, dirigidas cada qual por uma Comissão de especialistas convidados pelo Ministro da Educação e Saúde, mediante parecer do Diretor da Casa de Rui Barbosa.

§ 3º A Comissão de Filologia promoverá pesquisar em todo o vasto campo de filologia portuguesa - fonologia (sic), morfológicas, sintáticas léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, **sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil.** (grifo nosso)²⁸

Encerra-se com essa determinação governamental o segundo período da Dialectologia brasileira e inicia-se um período fecundo dessa ciência no Brasil. Segundo Mota e Cardoso (2006, p. 19),

a importância dessa fase em que não só se sedimenta a mentalidade dialetológica preconizada por Serafim da Silva Neto no seu *Guias para estudos dialetológicos no Brasil* (1957), mas, também, se dá início aos trabalhos de natureza geolingüística, com as pesquisas para o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* e com a sua publicação em 1963.

²⁸ Fonte: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=108194>>.

O terceiro período da Dialetologia no Brasil consolida-se com o desenvolvimento do método geolingüístico em que se seguem, à publicação do decreto citado, obras de relevância publicadas para a realização desse intento: em 1957, *Guia para estudos dialetológicos*, de Serafim da Silva Neto, e em 1958, *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, de Antenor Nascentes e, em 1963, com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, seguiram a este os atlas estaduais e regionais que buscam sistematizar os conhecimentos na área e sugerir caminhos para o Atlas Lingüístico do Brasil.

Como uma nova fase da Dialetologia brasileira, a retomada de um projeto de atlas lingüístico nacional (focalizado ao final desta seção), em 1996, revitaliza a área e favorece a instalação de uma "mentalidade dialetológica" preconizada por Silva Neto (1957), inaugurando uma nova etapa dos estudos na área. Esse 4º período já proposto por vários pesquisadores²⁹ confirma-se pelas inovações metodológicas adotadas, pela envergadura de tal projeto, pela disseminação da área de pesquisa junto aos órgãos de fomento e às instituições de ensino superior (IES) em que se instalam os Comitês Regionais do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB e pelo envolvimento de alunos de graduação e pós-graduação.

1.2 TRABALHOS SOB O MÉTODO GEOLINGÜÍSTICO

É na década de 50 que os estudiosos, no Brasil, iniciam os trabalhos dialetológicos de acordo com a metodologia geolingüística. Dois momentos são significativos: o primeiro refere-se à década de 50, quando entre 1951 e 1954, Serafim da Silva Neto, em suas conferências por diversas IES do país (MG - RS - SP - RJ - BA), expôs a necessidade de documentação dos falares brasileiros. Um trabalho de referência para os estudos dialetológicos foi a publicação já citada do *Guia para Estudos Dialetológicos* (1957), em que o autor firma diretrizes e enumera as tarefas mais urgentes a serem realizadas em termos de pesquisa dialetológica no

²⁹ A periodização da Dialetologia brasileira foi apresentada por Nascentes em 1952, oportunidade em que o autor descreve as duas primeiras fases retomadas por Mota e Cardoso (2006). Cf.: NASCENTES, A. Études dialectologiques au Brésil. ORBIS - **Bulletin International de**

país. Para o autor (1957, p. 03), era imperativo formar uma equipe dialetológica para cumprir as seguintes metas:

- a) sondagens preliminares, criação de ambiente, difusão do método;
- b) recolha de vocabulários com todas as exigências da técnica;
- c) monografias etnográfico-lingüísticas sobre determinadas 'esferas semânticas';
- d) monografias etnográfico-lingüísticas sobre falares;
- e) atlas regionais;
- f) inquérito nacional feito com questionário uniforme e distribuição geográfica dos materiais recolhidos, em mapas (Atlas Nacional).

Na sequência, Silva Neto (1957) ressalta ainda a importância de atlas regionais, pela exatidão com que os dados coletados são trabalhados, fornecendo materiais para o estudo da formação da língua e da sua história. Em 1958, Antenor Nascentes publica *Bases Para a Elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, pela Casa de Rui Barbosa, obra em que o autor expõe as normas para os inquéritos a serem realizados, modelos de fichas (do informante e da localidade) e os elementos que um questionário geral poderia conter; enfim, apresenta as orientações gerais quanto à elaboração desses instrumentos para a coleta dos dados. O mesmo autor edita em 1961 um complemento do questionário geral para sanar possíveis falhas no primeiro questionário.

Essas obras, fundamentais para os estudos dialetológicos, no Brasil, renderam frutos imediatos e levaram ao segundo momento que se iniciava em 1963, com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB*, o primeiro atlas estadual brasileiro. Nascia, desta forma, o primeiro estudo dialetológico com base na geografia lingüística, possibilitando conhecer um dos falares brasileiros e, posteriormente, servir como ponto de partida para a elaboração do *Atlas Lingüístico do Brasil*, tornando possível o registro de uma parte da história dos falares nacionais.

1.2.1 Dos Estaduais ao Nacional: a Trajetória dos Atlas Brasileiros

A tradição brasileira em Dialetologia sob o método geolingüístico mostrou-se profícua nas últimas décadas. Observa-se um aumento de

pesquisadores interessados nessa área, tendência confirmada pelo número de atlas regionais hoje publicados e ainda pelos que estão nas diversas etapas de sua constituição (aprimoramento de metodologias, coleta de dados, análise de entrevistas ou fases da editoração e publicação). Outro indicador do crescimento da Geolingüística (ou Dialectologia sob o método geolingüístico) é a evolução acadêmica instaurada desde o início do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB, em 1996. Com a retomada da idéia de um projeto preconizado em 1952, os dialetólogos de diversas IES envolvidos nessa empreitada viabilizaram a consolidação de "uma mentalidade dialetológica", como recomendou Serafim da Silva Neto (1957). Os frutos da Dialectologia no Brasil são as publicações dos 7 Atlas Lingüísticos estaduais - *Atlas Prévio dos Falares Baianos* - APFB (1963), *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* - EALMG (1977), *Atlas Lingüístico da Paraíba* - ALPB (1984), *Atlas Lingüístico de Sergipe* - ALSE (1987), *Atlas Lingüístico do Paraná* - ALPR (1994), *Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará* - ALISPA (2004), *Atlas Lingüístico de Sergipe* -ALSE II (2005); e 1 regional: *Atlas Lingüístico—Etnográfico da Região Sul do Brasil* -ALERS (2002). Acrescem-se ainda a esse rol, o Atlas Lingüístico do Amazonas -ALAM, de Cruz (2004), resultado da tese de doutorado ainda sem publicação. Outros projetos de atlas estaduais e de pequenos domínios estão sendo desenvolvidos em diversas IES do Brasil e formam, junto com os já publicados, a contribuição dessa ciência para o conhecimento da língua portuguesa falada no país. Alguns desses, de pequenos domínios, já estão concluídos e serão comentados nas seções seguintes³⁰.

³⁰ É importante destacar que, além de atlas estaduais, que procuraram envolver informantes dos vários segmentos profissionais ou mesmo que não se voltam para determinadas ocupações, desenvolveu-se na UF RJ o Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Rio de Janeiro - APERJ que, embora sem publicação, fomentou inúmeros estudos, conforme afirma Brandão (2005, p. 363): "A equipe não publicou o atlas, mas gerou e divulgou uma série de estudos e, sobretudo, multiplicou-se porque, com o objetivo, certa vez, um colega e amigo, *publicou gente*, isto é, proporcionou o surgimento de jovens pesquisadores (já doutores, uns, mestres, outros) tão idealistas - quem sabe até mais - quanto aqueles que, um dia, se reuniram para organizar o APERJ." Somam-se a esses atlas os diversos trabalhos de pequenos domínios em todo o território nacional e que cumprem o papel de estudar dos falares nacionais por meio dos atlas regionais, já proposto por Silva Neto em 1957.

1.2.2 Atlas Lingüísticos Publicados

As obras publicadas trazem em si as mudanças por que passaram os estudos dialetológicos, nas diferentes fases da sua história. Segundo Thun (1997 e 1998), com a incorporação de novas teorias, podem-se dividir os atlas lingüísticos em três grupos distintos: monodimensionais, bidimensionais e pluridimensionais.

Os do primeiro grupo, os chamados monodimensionais, estão focados na dimensão espacial, apresentando uma metodologia que permite a identificação da diversidade do uso da língua dentro de uma determinada área geográfica. Já os do segundo grupo - os bidimensionais -, além da dimensão geográfica, contemplam outra dimensão, seja ela diagenérica ou diageracional, para citar as mais utilizadas. Os atlas pluridimensionais, por sua vez, focalizam não só a dimensão geográfica, mas também duas ou mais dimensões sociais - diastrática, diageracional, diassexual ou diagenérica, para citar algumas.

O desejo de fazer um atlas pluridimensional, como afirma Thun (1997, p. 1), vem desde o Atlas Lingüístico-etnográfico da Itália e da Suíça Meridional - AIS (1928-40). Nessa obra pode-se observar a dimensão diastrática, quando "proporciona, para alguns pontos urbanos, os resultados dos famosos 'relevés doubles'³¹ feitos em duas camadas citadinas diferentes".

Os estudos pluridimensionais realizados em atlas, cujo domínio abrange grandes territórios (supranacionais como já mencionado - cf. Thun 1997, p. 8) mostram que modernamente os estudos dialetológicos têm abordado fatores não previstos pela Dialetologia tradicional e que hoje já não podem ser deixados à margem dos estudos.

De acordo com Thun (1997, p. 4), a dialetologia pluridimensional "combina a dialetologia areal com a sociolingüística (e a pragmática) para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação lingüística".

A visão de que a Dialetologia e a Sociolingüística devam unir forças para descrever e analisar os falares é também opinião de Rona (1976, p. 7-22)³² que afirma ser a variação entre os dialetos assunto tanto da Dialetologia como da

³¹ "dados binários" (t. n.)

³² Originalmente apresentado em inglês no International Journal of the Sociology of Language.

Sociolinguística. Observa, ainda, o autor que as variações horizontais (no âmbito geográfico) e as verticais (no âmbito social) não necessariamente coincidem e, quando isso ocorre, pode-se praticar Dialetoлогия pura ou Sociolinguística pura.

Essas características podem ser sentidas nos atlas linguísticos brasileiros e permitem a sua apresentação, nesta tese, segundo os critérios arrolados: mono, bi ou pluridimensionais.

1.2.2.1 Atlas linguísticos publicados: monodimensionais

Dos atlas monodimensionais publicados no Brasil que fixaram o interesse de cartografia dos dados apenas na dimensão diatópica (THUN, 1997), estão o Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (1963), o Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (1977), o Atlas Linguístico da Paraíba - ALPB (1984) e o Atlas Linguístico da Região Sul - ALERS (2002) que registra os falares paranaenses, catarinenses e riograndenses.

Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB

O Atlas Prévio dos Falares Baianos - APFB (ROSSI et al., 1963) - primeiro atlas brasileiro - inventariou a língua em 50 localidades da Bahia por meio de um questionário elaborado "a partir de experiências dialetais anteriores feitas por dois grupos distintos de estudantes" (FERREIRA, 1998, p. 17). A elaboração do instrumento utilizado na pesquisa de campo teve como primeira etapa a aplicação experimental de questionários com 3.000 perguntas. Após a análise das respostas, elaborou-se o Extrato do Questionário (EQ).

O EQ, instrumento basicamente léxico-semântico, seguiu a distribuição por áreas semânticas e sua aplicação foi feita por meio de questões com formulação indireta. Os inquiridores desse trabalho ouviram 100 informantes distribuídos entre os dois sexos e com diferentes idades, entre 25 e 60 anos, embora, segundo Ferreira (1998, p. 20), esse limite de idade tenha chegado até a 84

anos. Em síntese, os informantes do APF B podem ser assim distribuídos: 34 pontos com dois informantes: um homem e uma mulher; 1 localidade com 6 informantes (ponto 5): três homens e três mulheres; 2 localidades com 3 informantes (pontos 3 e 6): um homem e duas mulheres para cada um dos dois pontos de inquérito; 7 com duas informantes (pontos 11, 27, 28, 35, 37, 43 e 50); e 6 localidades com apenas um informante: 5 homens (pontos 45, 46, 47, 48 e 49) e uma mulher (ponto 44).

Ressalta-se que, apesar de se formularem questões indiretas, para total aproveitamento dos dados fornecidos pelos informantes, o inquiridor foi instruído para, ao final da entrevista, re-tomar as perguntas que estivessem sem resposta por meio do teste de identificação direta.

O APFB conta com 154 cartas lingüísticas com transcrições fonéticas e 44 cartas sintéticas³³. Conta ainda com 11 cartas introdutórias. Segundo Ferreira (1998, p. 22-23), as cartas indicam cinco subáreas do dialeto baiano:

1. Na zona de Barreiro, Baixo São Francisco e Sertão do São Francisco podemos encontrar informantes que usam a palavra canastra para **cambalhota** (APFB 109/109R);
2. na zona do Nordeste, atingindo até o sul, com certa penetração para o centro, registra-se cacumbu para **ferramenta muito gasta** (APFB 154);
3. na zona do Nordeste, Litoral Norte e Recôncavo, os informantes responderam cobé para **feiticeiro** (APFB 99/99R);
4. na região Sul temos noruega para **nevoeiro** (APFB 12/12R) e
5. na zona do Médio São Francisco, Serra Geral e Chapada Diamantina, **galinha d'angola** é designada por quem-quém (APFB 114).

A carta 23 do APF B - trabalhador de enxada - é apresentada na figura 1 como ilustração.

³³ Segundo Montes Giraldo (1987, p. 106), as cartas de um atlas podem ser assim classificadas: i) **analíticas**: "cuando en cada punto se transcriben las respuestas tal como recogieron sin otra elaboración que algunas notas necesarias o útiles para la mejor comprensión de los fenómenos, la correspondencia del concepto em outro idioma, etc"; ii) **sintéticas**: "cuando se realiza um análisis previo a la cartografía y se reúnen los fenómenos que se dan de modo igual o similar em ciertas regiones, formando zonas que se distinguen en el mapa por rayados o coloraciones diversos"; iii) **mistas**: "no se da la respuesta literal pero sí se asigna un símbolo próprio a cada variante, es decir, que podemos ver la respuesta de cada localidade, pero no su forma fonética detallada".

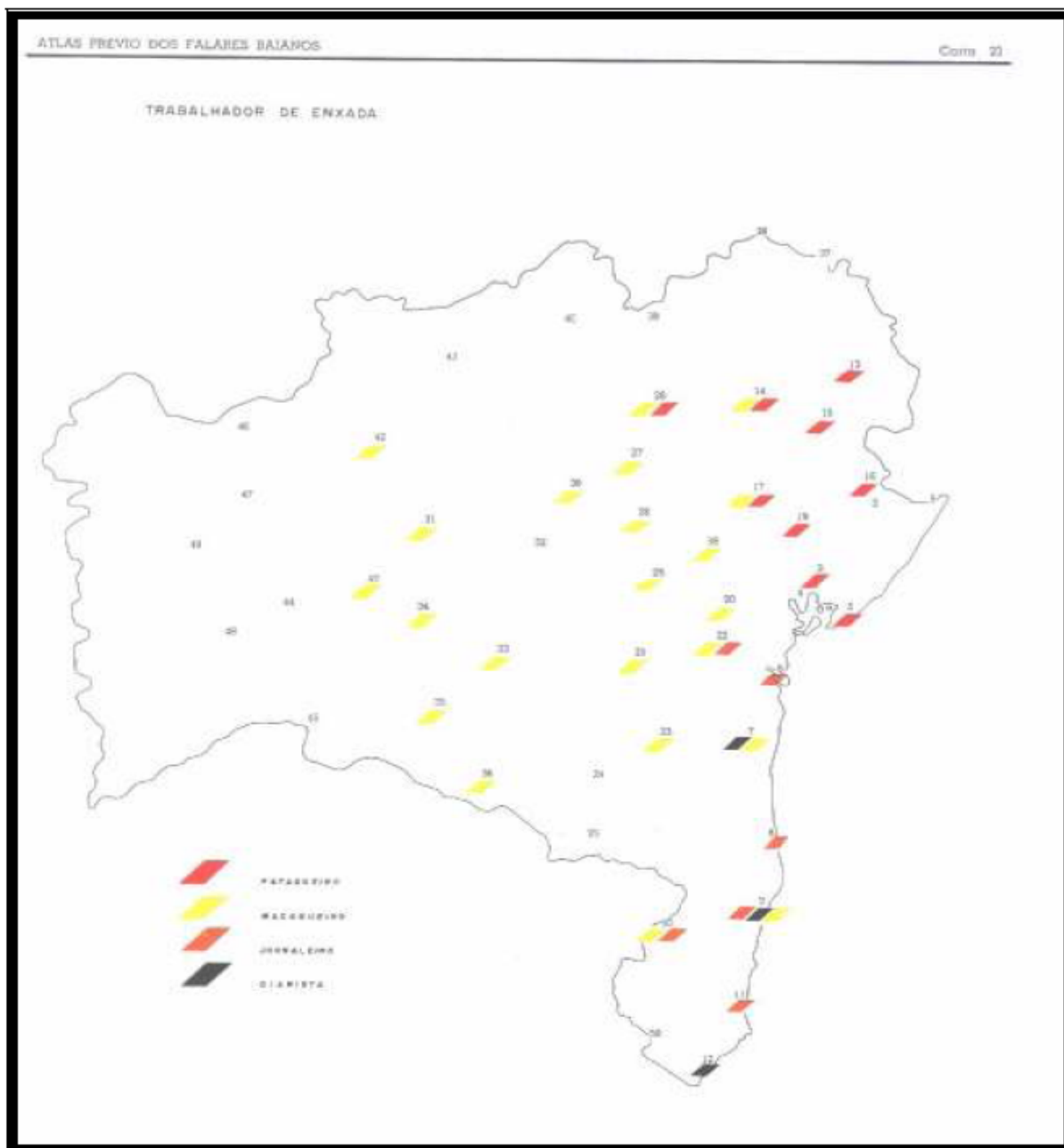


Figura 1 – Carta 23 do Atlas Prévios dos Falares Baianos – APFB (1963)

Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG

O *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG* (RIBEIRO et al., 1977), que na cronologia é o segundo atlas publicado no Brasil, cartografou três falares mineiros, abrangendo 116 pontos lingüísticos para a

observação da mudança linguística em tempo aparente³⁴. Nesse trabalho, segundo Zágari (1998, p.31), "importa saber a gramática de uso do analfabeto e do homem de nível superior: quem fala o quê a quem, onde, como e quando".

O EALMG adota a entrevista com informantes com níveis de escolaridade e faixa etária diferentes. Foram entrevistados, na primeira fase de inquéritos, 83 informantes nas localidades selecionadas, de 30 a 50 anos, analfabetos ou com curso primário. Para cada inquérito, a metodologia seguida foi a da entrevista com vários informantes ao mesmo tempo, sendo um principal, cuja resposta foi cartografada, e outros secundários ou complementares. Inicialmente a rede de pontos do EALMG era constituída de 50 localidades e, posteriormente, ampliada para 116 localidades.

Adotou-se um questionário estruturado para uma conversação semidirigida, composto de 415 perguntas. Para a cartografia, foram selecionadas questões dos campos semânticos "a terra" e "folguedos infantis", no primeiro volume. A aplicação do questionário se deu de forma direta, *in loco*, e indireta, por correspondência enviada a 672 municípios. O primeiro volume do atlas contém 78 cartas, apresentadas sem comentários informativos ou análise e é composto por 05 cartas de identificação; 21 cartas lexicais; 24 cartas fonéticas; 03 cartas isofônicas e 25 cartas isoléxicas.

Ao final há um glossário (relação de palavras) composto por 139 verbetes extraídos das cartas. Após a análise, as respostas obtidas apontam para a existência de três falares no Estado de Minas Gerais: i) falar baiano, onde se encontram as ocorrências de *neve* para **cerração**, *chuva-de-flor* para **granizo**, *zelação* para **estrela cadente**, para citar alguns; ii) falar paulista, *ramona* para **grampo**, *rabicó* para **animal sem rabo**, *chuva-de-rosa* para **granizo**, entre outras; iii) falar mineiro que, segundo o autor, não possui nenhuma das características enumeradas para as outras regiões, principalmente no que diz respeito à fonética (ZÁGARI, 1998, p. 34-35).

³⁴ Tempo aparente: designação tomada da teoria laboviana para os estudos linguísticos. O tempo real é o que estuda a linguagem através de entrevistas feitas em um intervalo de tempo (20 ou 30 anos, por exemplo). O tempo aparente é a recolha de dados em um mesmo espaço temporal, com informantes de faixas etárias diferentes que possam viabilizar a observação do fenômeno linguístico sem a necessidade de coleta de dados em dois momentos distintos. (Cf. LABOV, 1972).

Apesar de haver fronteiras lingüísticas, Zágari entende não ser possível demarcá-las,

... quer por não se poder balizá-las sem int encruzamentos, quer porque aqui e ali elas se tocam desordenadamente, quer porque o tempo mostrará que elas se movem, quer porque o que existe são fenômenos fonéticos e lexicais cuja difusão, muitas vezes ou sempre, operam de forma independente (ZÁGARI, 1998, p. 35).

Segundo o plano da obra, exposto no primeiro volume do atlas, o segundo volume do EALMG focalizará os demais campos semânticos não abordados na obra inicial (a água, o homem, as aves, os animais, a religião) e o universo lingüístico e mítico do pescador e do carreiro do carro-de-bois: seu mundo, suas crenças, sua medicina e suas benzeções (RIBEIRO et al., 1977, p. 17).

Já o terceiro volume contará com a cartografia dos "resquícios do quimbundo, língua do grupo bantu que, nas Gerais, nas cidades de Serro e Diamantina, possuem os derradeiros remanescentes dessa cultura" (ZAGARI, 1998, p. 42). Já o IV volume da obra apresentará o tratamento dialetométrico dos dados coletados nas entrevistas.

A figura 2 é a carta 43 retirada do EALMG que registra as variantes para atiradeira que apresenta como mais produtiva estilingue (53,2 % dos registros), seguida das variantes botoque (21,2%), atiradeira (20,6%) e seta (5%).

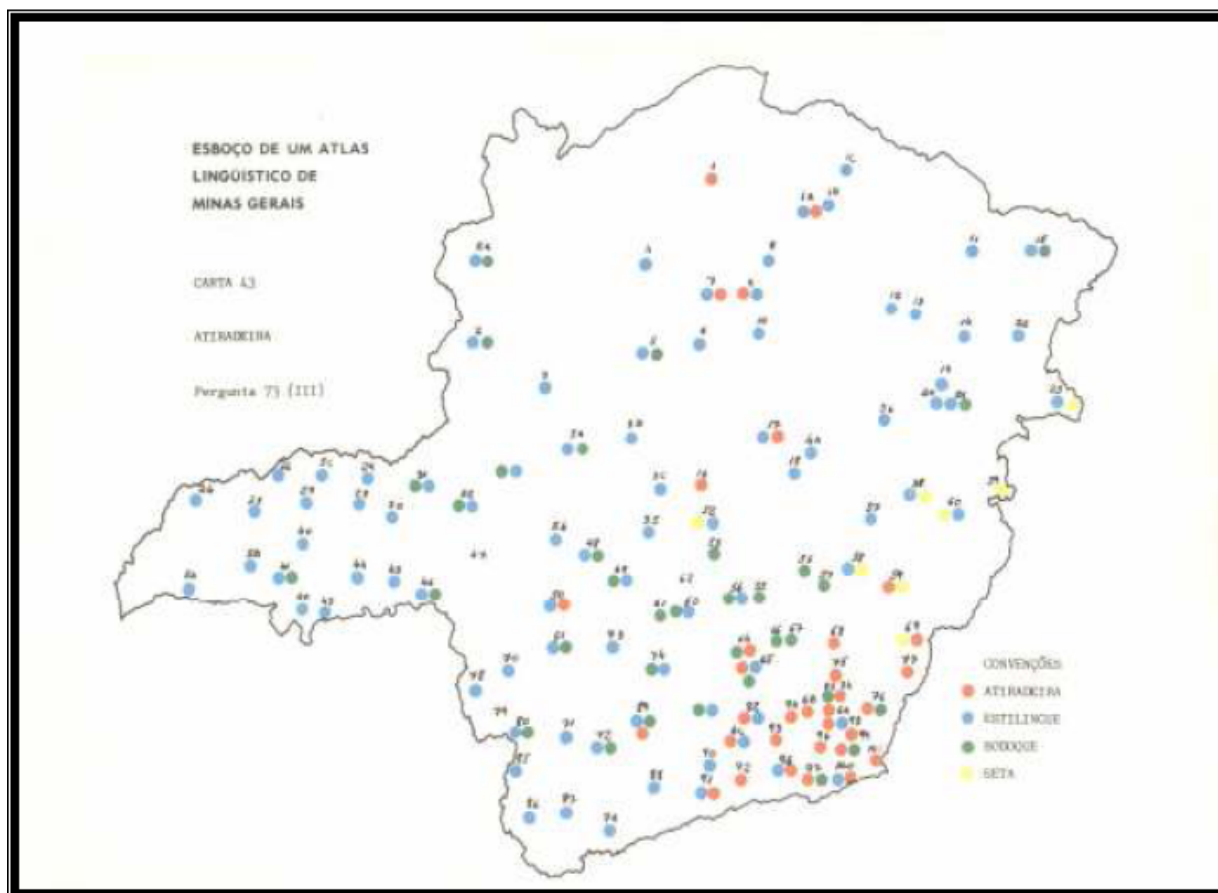


Figura 2 – Carta 43 do Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG (1977)

Atlas Lingüístico da Paraíba - ALPB

O Atlas Lingüístico da Paraíba - ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984), que cartografa os falares paraibanos, é parte integrante do projeto "Levantamento Paradigma-Sintático do Léxico Paraibano". Elaborado no intuito de averiguar e analisar os falares da Paraíba, foram pesquisadas 25 localidades, em que se entrevistaram informantes naturais da localidade, dos dois sexos, na faixa etária entre 30 e 75 anos, com nível de instrução entre analfabeto e primário incompleto. Não houve a preocupação de, em cada localidade, uniformizar o número de informantes e a faixa etária respectiva.

O questionário utilizado para a coleta de dados foi o resultado de sucessivas pesquisas e reformulações de versões aplicadas em 6 municípios paraibanos e conta com 289 questões gerais - a terra, o homem, a família, a

habitação e utensílios domésticos, aves e animais, plantação, atividades sociais - e 588 específicas - mandioca, cana-de-açúcar, agave³⁵, algodão, abacaxi.

Como resultados, no âmbito do léxico, segundo Aragão (1998, p. 74), o vocabulário paraibano conta com uma enorme riqueza lexical e "a dificuldade de se determinarem suas áreas lexicais indicam uma grande uniformidade e interpenetração das sub-regiões, inclusive com a disseminação de inovações e criações lexicais". Podemos observar as inovações dialetais, logo na carta 01, nas designações para *rio pequeno*, em que ocorrem onze variantes: **riacho, córrego, corrente, baixio, correntezinha, valeta, olheirinho, correnteza, fonte, fontezinha** e **vertente**, ou na carta 30 - *arco-íris* - como mostra a figura 3, com as variantes **arco-íris, arco celeste, olho de boi, as barras, sub-dourada, as torres, os vieiras, arco, cu de boi** e **os véus**. Os informantes do ALPB apresentam variantes cujas formas consagradas nas regiões a que pertenciam coexistiam com outras menos prestigiadas, demonstrando uma grande variação que se distribui entre as formas lexicais de maneira irregular e dispersa, não sendo possível traçar "isoléxicas de áreas definidas em cada uma das sub-regiões abrangidas pelo Atlas" (ARAGÃO, 1998, p.74).

³⁵ Segundo o dicionário de Ferreira (2004), versão eletrônica, **agave** designa: "1. Gênero de plantas agaváceas que se distribuem pelas zonas tropicais, subtropicais e temperadas; têm longas folhas espatiformes, geralmente dentadas, que crescem em roseta. A maioria das espécies é dotada de racemo, com muitas flores; o fruto é capsular ou bacáceo; tais espécies fornecem o sisal (q. v.). 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., o *Agave sisalana*, que fornece fibra dura, a mais valiosa economicamente. [Sin., nesta acepç., *agávea, sisal, piteira*¹, *pita, babosa-brava, abecedária, iúca*.]. 3. Qualquer espécime desse gênero. 4. Bras. Fibra extraída de suas folhas, com a qual se fazem cordas, barbantes, tapetes, etc., e também utilizada no preparo da pasta celulótica para fabricar papel; fornece, tb., substância precursora de hormônios esteróides".

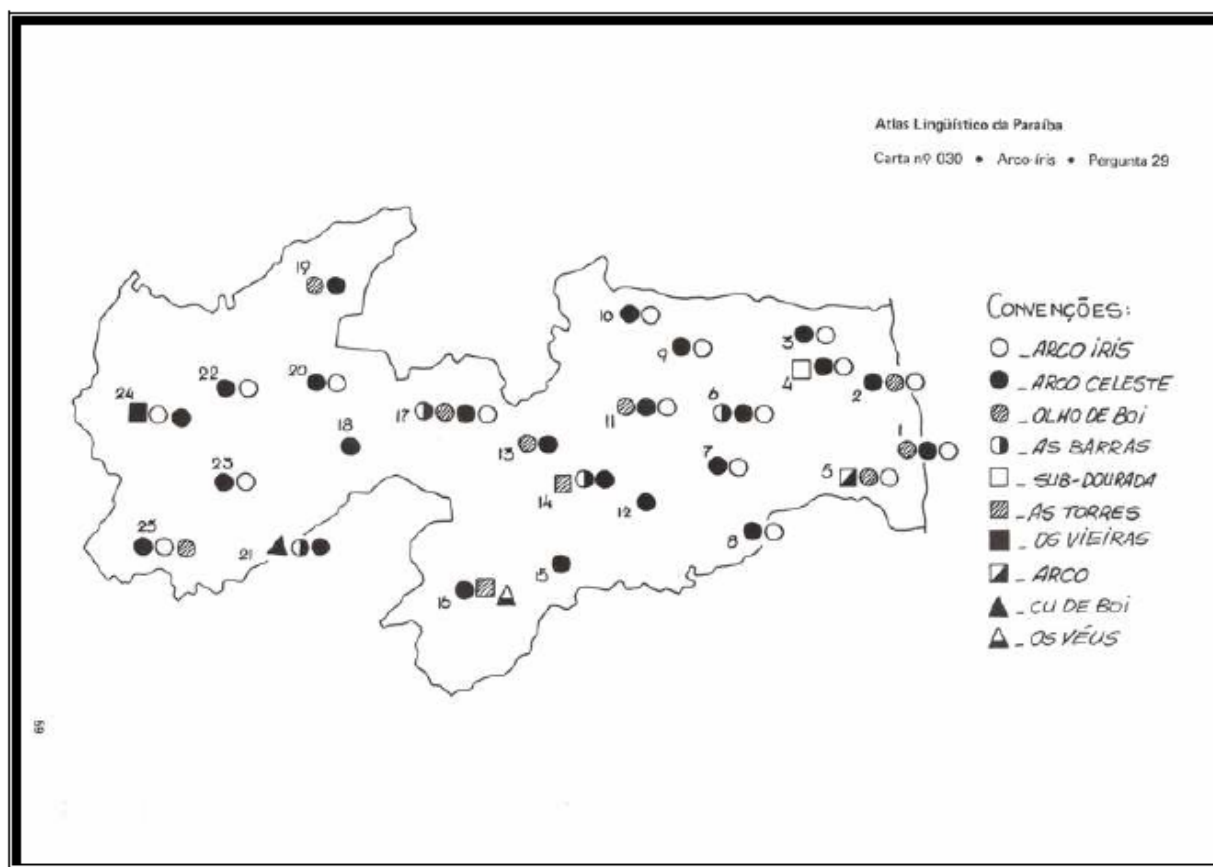


Figura 3 – Carta 30 do Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB (1984)

Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul - ALERS

O mais recente atlas monodimensional publicado no Brasil é o Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul - ALERS (KOCH, KLASSMANN, ALTENHOFEN, 2002), sob a coordenação geral de Walter Koch, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, envolvendo as respectivas Universidades Federais de cada estado. Os primeiros volumes publicados - Introdução e Cartas Morfossintáticas - trazem a metodologia do trabalho e os primeiros resultados.

Para a constituição dessa obra, foram entrevistados 664 informantes de acordo com os seguintes critérios:

a) na área rural - dois informantes para cada localidade com o seguinte perfil: nascidos na localidade, de 28 a 58 anos, analfabetos ou com pouca escolaridade (curso primário). A escolha dos informantes "incidiu, em geral, em

falantes da etnia povoadora predominantemente: neste caso sobre falantes acentuadamente aculturados do ponto de vista lingüístico" (KOCH; KLASSMAN; ALTENHOFEN; 2002, p. 19). Embora o ALERS tenha inquirido informantes de ambos os sexos, não houve a sistematização metodológica encontrada nos atlas bi ou pluridimensionais. Segundo os seus autores (2002, p. 19),

considerando o ideal de que ambos os sexos estejam representados nos inquiridos e considerando também a conveniência de que as respostas sejam controladas e, eventualmente, completadas ou suprimidas por um segundo informante, deu-se preferência a entrevistar casais, figurando normalmente o marido ou um filho como informante principal. Nos casos de impossibilidade de participação da esposa, procurou-se assegurar a participação de filhos, ou mesmo de um vizinho.

b) na zona urbana - seis informantes para cada localidade cuja seleção obedeceu aos mesmos parâmetros de naturalidade e faixa etária adotados para os entrevistados nas localidades rurais, focalizando os informantes de ascendência luso-brasileira. Optou-se, ainda, por entrevistar pessoas de diferentes níveis de escolaridade. Assim, em cada centro urbano, um informante seria analfabeto (ou alfabetizado apenas); o segundo, com Ensino Fundamental completo; e o terceiro, com Ensino Médio concluído.

Para a definição da Rede de Pontos do ALERS, partiu-se dos pontos sugeridos por Nascentes (1958), com algumas adaptações - importância histórica, distribuição geográfica, densidade demográfica - processo que resultou na seleção das 294 localidades, assim distribuídas: 275 pontos na zona rural - 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul; e 19 pontos na zona urbana: 6 no Paraná, 6 em Santa Catarina e 7 no Rio Grande do Sul.

As entrevistas para a constituição do *corpus* para o ALERS foram realizadas de forma direta, *in loco*, e o instrumento de coleta de dados conta com 735 questões de caráter geral, complementado por questionários específicos de cada Estado, assim distribuídos: i) Questionário semântico-lexical, com 800 questões que abrangem os seguintes campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempos, sistema de pesos e medidas, flora, atividades agro-pastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário; ii) Questionário morfossintático, com 75 questões que buscam investigar

os seguintes itens: gênero, pluralização, flexão verbal, concordância nominal e verbal, grau de adjetivo e formas de tratamento; iii) Questionário fonético-fonológico, com 26 questões de caráter geral e 24 perguntas específicas para as regiões de colonização não portuguesa.

A publicação da obra traz, no volume 1, a introdução (informações pertinentes à metodologia, objetivos, rede de pontos e outros subsídios necessários à leitura das cartas), e no volume 2, as 176 cartas das quais 70 são cartas fonéticas e 104 morfossintáticas. Projetam-se, ainda, os volumes relativos ao léxico que se encontram em fase de editoração. A figura 4 apresenta como exemplo a carta 40 do ALERS que registra a palatalização em "família":

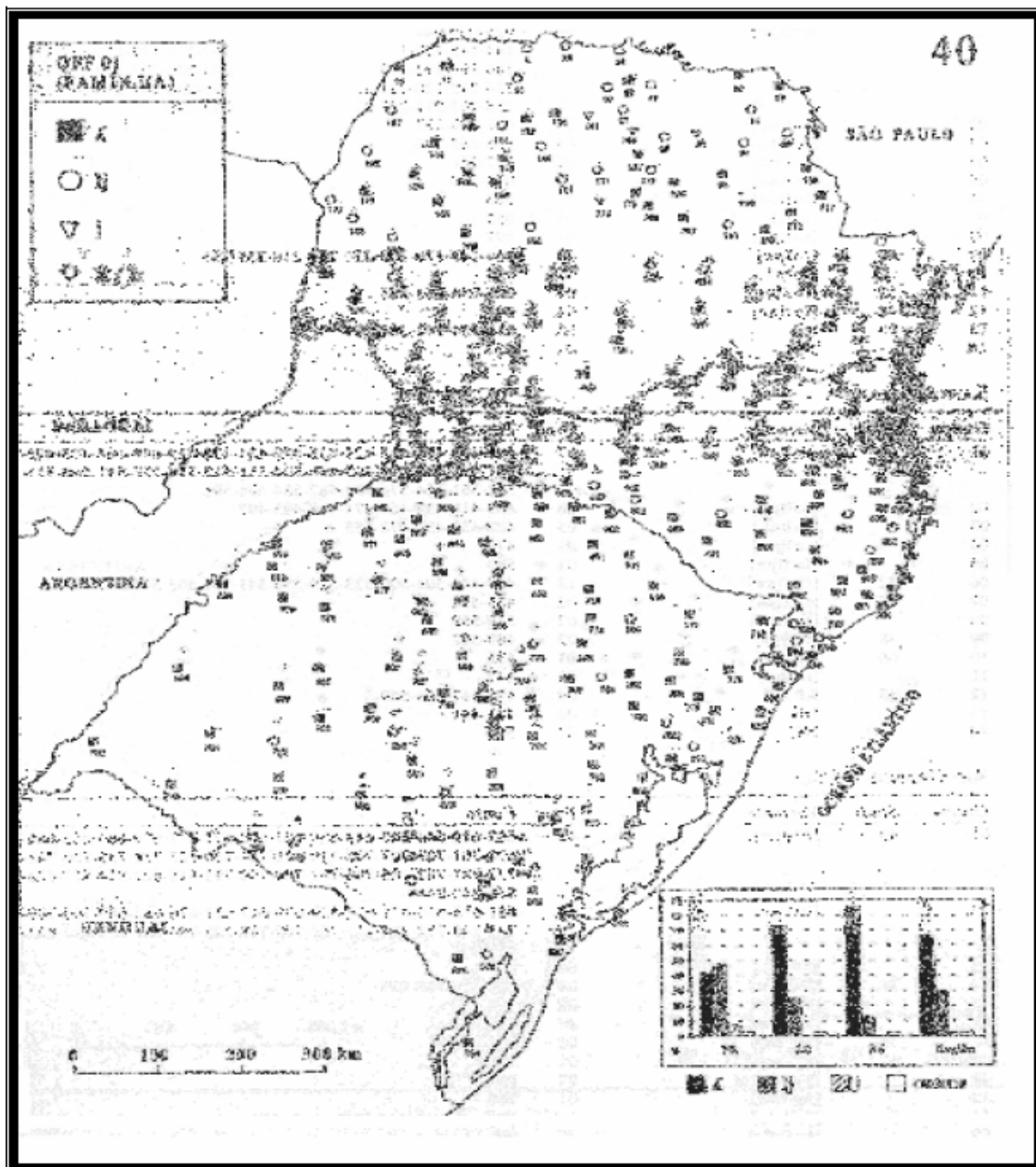


Figura 4 – Carta 40 do Atlas Lingüístico e Etnográfico da Região Sul – ALERS (2002)

1.2.2.2 Atlas lingüísticos publicados: bidimensionais

Como atlas bidimensionais, de acordo com a divisão feita por Thun (1997), podem ser citados o Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE I e II (1987 - 2005)

e o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR (1994), por contemplarem, além da dimensão diatópica, a dimensão diagenérica.

Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE

Estudo dialetológico que se inclui no rol dos atlas bidimensionais foi o realizado por Ferreira et al. (1987), para o Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE que traz, em suas 182 cartas, as variantes lexicais e fonéticas da fala rural sergipana. Das cartas publicadas no ALSE I, doze são identificadas como cartas-conjuntas que contêm o registro de formas do falar de Sergipe, documentadas também na Bahia e não cartografadas no APFB, recurso que propicia a comparação entre os falares baiano e sergipano.

O estudo foi realizado em 15 localidades, distribuídas em 5 zonas fisiográficas: Zona do Litoral, Zona Central, Zona do Baixo São Francisco, Zona do Sertão do São Francisco e Zona do Oeste³⁶, onde foram entrevistados sistematicamente informantes de ambos os sexos, com idade entre 35 e 52 anos, com grau de instrução mínimo ou nulo e com predomínio de trabalhadores do campo com a aplicação do questionário definitivo, com 686 perguntas.

O Atlas Lingüístico de Sergipe reúne um *corpus* que permite o estudo dos falares, preconizados por Nascentes (1958), fornecendo elementos para a análise da língua falada no Nordeste do Brasil. Um exemplo é a carta 62, nas designações para *útero*, apresentada como exemplo desse atlas na figura 5, desta tese, em que a variante *saco* é registrada também na BA; *bacia*, cartografada no Atlas da Paraíba; e *saquinho* e *companheira*, registradas apenas em Sergipe³⁷.

Além dos dados contidos nas cartas, o Atlas conta também com informações complementares de caráter lingüístico ou sociolingüístico, fornecidas pelos informantes, tais como: "o pessoal antigo chamam é arco-de-velho" (52, inf. A.), na carta n.º 4 *arco-íris (outras designações para)* (p. 82).

³⁶ Cf. Mota, 1998, p. 80.

³⁷ Sobre a distribuição das variantes lexicais que diferenciam o falar da Bahia nos eixos norte-sul e leste-oeste, recomenda-se a leitura do artigo de PISCIOTTA (2005, pp. 463 – 474).

A bidimensionalidade do ALSE apresenta-se nos aspectos geográfico (diatópico) e genérico (diassexual), este último observado nas anotações que permitem distinguir as respostas de mulheres (informante A) e homens (informante B), da seguinte forma: i) quando os dois informantes deram a mesma forma como resposta, transcreveu-se a forma comum sem qualquer indicação; ii) quando os informantes, em uma mesma localidade, registram respostas não coincidentes, transcreveram-se ambas, separadas por barra em ordem fixa (A|B), ou seja, com respostas das mulheres (primeira resposta) e dos homens (segunda resposta); iii) em casos do registro de apenas um dos informantes, identificou-se com a notação (A) ou (B).

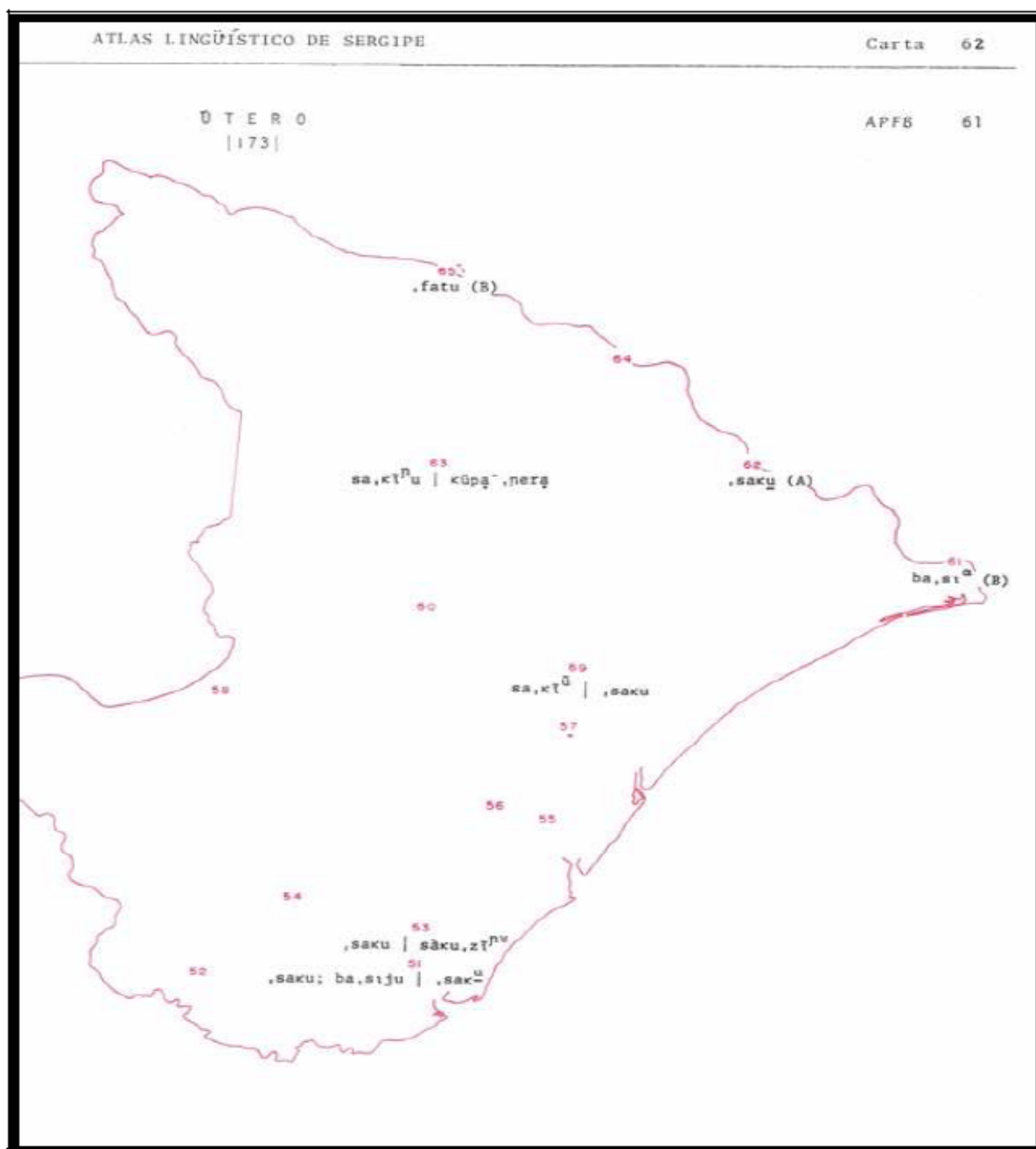


Figura 5 – Carta 62 do Atlas Lingüístico de Sergipe – ALSE (1987)

Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE II

O Atlas Lingüístico de Sergipe II (C ARDOSO, 2005) foi elaborado a partir dos dados inéditos coletados para o ALSE, publicado em 1987. Esse recorte no *corpus* completa a cartografia afação do campo semântico "homem". Segundo do Cardoso (2005b, p. 116),

O segundo volume do Atlas Lingüístico de Sergipe representa uma retomada dos materiais de campo, ainda inéditos, em consonância com a política do Grupo de Pesquisa em Dialectologia da UFBA de manter-se fiel à exploração de cunho dialetal, a que se acrescenta o compromisso de tratar, à exaustão, esse *corpus* constituído.

A obra constitui-se de dois volumes: um de introdução que retoma a metodologia e os objetivos do volume I e ainda apresenta as informações relevantes para a leitura das cartas - índice fonético, índice onomasiológico e comentários às cartas; e o segundo volume contém 108 cartas, três das quais de identificação e 105 cartas lexicais, acompanhadas de notas informativas e de anotações fonéticas.

O Atlas Lingüístico de Sergipe II, a exemplo dos demais atlas mencionados, fornece subsídios para o estudo do caráter regional da língua, como se pode observar na carta 43 - designações para **lenço grande que se coloca no pescoço como enfeite** - em que se registra a variante **jabiraca** (dicionarizada como vocabulário nordestino com acepção de roupa velha e / ou malfeita³⁸). Outro exemplo é a carta 85 - designações para **muxoxo** - em que se registra a variante **tunco** (denominação nordestina para o estalo que se dá com a língua e o céu da boca, para indicar desprezo ou desdém³⁹). Esta última é apresentada como exemplo na figura 6. Para o A LSE II a apresentação da bidimensionalidade é feita por meio de símbolos que correspondem às respostas registradas pelas mulheres (representadas por uma esfera) e pelos homens (representadas por um quadrado). Observa-se, ainda, um gráfico, no canto inferior direito, que registra a produtividade das formas obtidas com relação aos informantes.

³⁸ FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio** versão 5.0. 2004.

³⁹ op.cit.

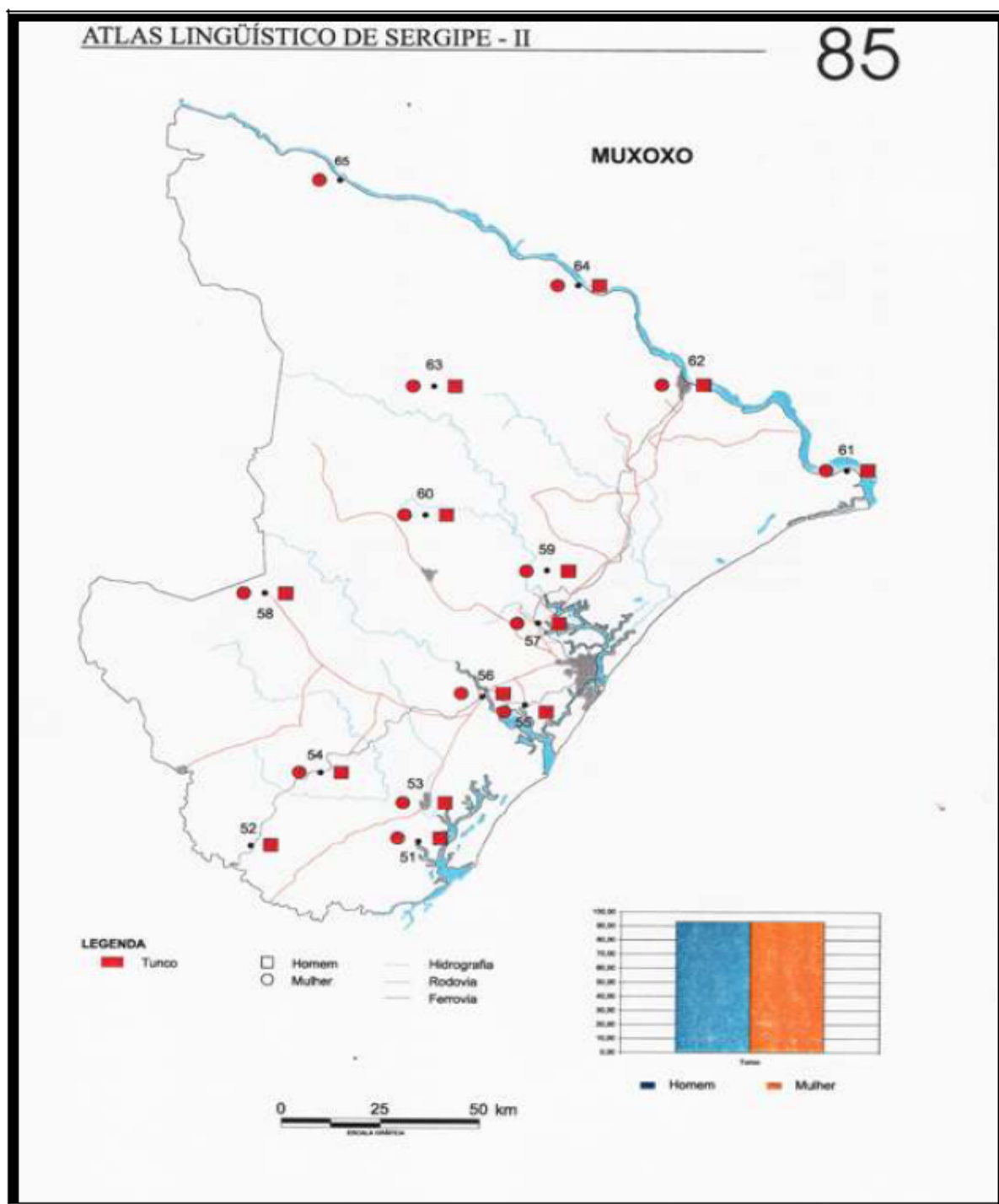


Figura 6 – Carta 85 do Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE II (2005)

Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR

O Atlas Lingüístico do Paraná, de Aguilera (1994), delineado em suas linhas gerais neste capítulo, investiga a unidade e a diversidade de usos do

português brasileiro falado no Paraná⁴⁰. Para tanto, foi utilizada a entrevista estruturada com perguntas, em sua maioria indiretas, que abordou questões lingüísticas e as implicações sócio-históricas coocorrentes, uma vez que releva elementos do mundo rural, por exemplo. Importa registrar que, a exemplo de outros atlas, quando não se obtinha a resposta, a pesquisa previa o teste de identificação direta ao final da entrevista.

A elaboração do instrumento de coleta de dados foi norteadada pelo questionário do ALESP - Atlas Lingüístico do estado do São Paulo (CARUSO, 1983), adotado pela pesquisadora quanto ao elenco dos conceitos e ao modo de formulação das questões. Após aplicação inicial, esse questionário sofreu alterações com o acréscimo e a supressão de algumas questões, resultando no questionário definitivo utilizado nas entrevistas do ALPR.

Foram selecionadas 65 localidades no Estado e, em cada uma delas, foram inquiridos dois informantes, um homem e uma mulher, selecionados dentro dos critérios da Dialetologia tradicional, ou seja, ter entre 30 e 60 anos; sem escolaridade ou semi-escolarizado; ter nascido na localidade e ou vivido nela a maior parte de sua vida; se relacionar quase que integralmente com pessoas nascidas na localidade; ser ou ter sido agricultor; não ter viajado; e, para o homem, não ter feito o serviço militar.

Nesse trabalho, Aguilera pôde inventariar as formas lingüísticas de maneira a fornecer uma visão panorâmica da linguagem rural no estado do Paraná, e possibilitando o desenvolvimento de outros trabalhos geolingüísticos sistematizados no Estado, mais especificamente por alunos da Universidade Estadual de Londrina. A bidimensionalidade foi cartografada da seguinte forma: i) para a cartografia da mesma forma dada por informantes masculinos e femininos, transcreveu-se a forma comum, sem indicações, isto é, apresentada em uma esfera (○); ii) quando as respostas dadas pelos informantes, de uma mesma localidade, não eram coincidentes, ou ainda apenas um dos informantes registra a forma, transcreveram-se as respostas identificadas pelos símbolos ♂ para o informante masculino e ♀, para o feminino.

⁴⁰ Apesar de estarem, em outros momentos desta tese, explicitados a metodologia e os resultados do ALPR, para esboçar um quadro sinótico dos atlas estaduais publicados no Brasil, foi feito um resumo do trabalho de Aguilera (1994) também nesta seção.

A carta 73 - designações para **útero** - é apresentada, a seguir, como exemplo na figura 7. Nessa carta regi-stram-se as variantes: útero (53% dos registros), mãe-do-corpo (27%), barriga (10%) e ventre (10%).

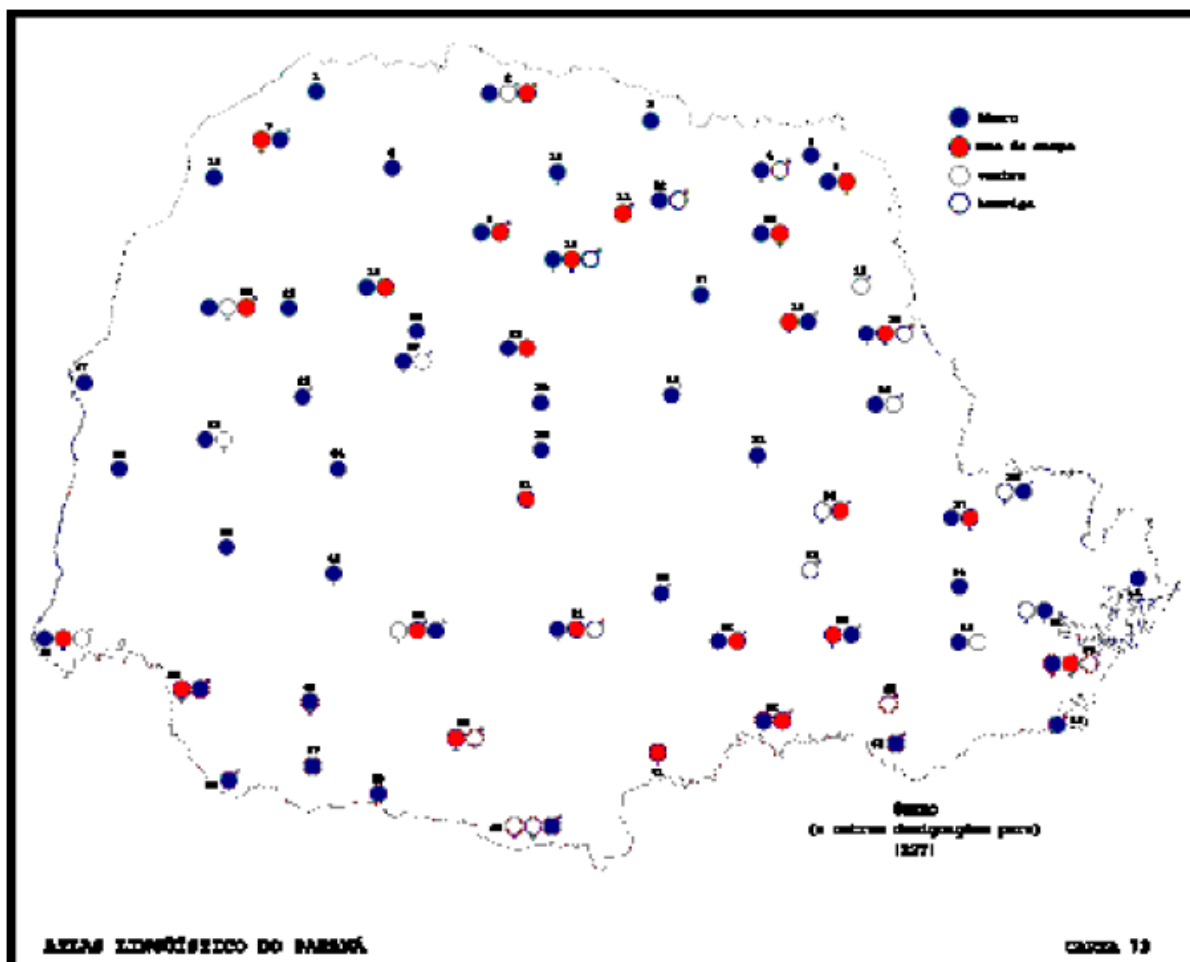


Figura 7 – Carta 73 do Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR (1994)

1.2.2.3 Atlas lingüísticos publicados: pluridimensionais

O primeiro dos atlas brasileiros de cunho pluridimensional, ou seja, aqueles que, de acordo com Thun (1997, p. 4), "combinam a dialetologia areal com a sociolingüística (e a pragmática) para converter o estudo tradicional da superfície bidimensional em estudo do espaço tridimensional da variação lingüística" é o Atlas Lingüístico Sonoro do Pará - ALISPA (RAZKY, 2004).

Atlas Lingüístico Sonoro do Pará - ALISPA

Para o ALISPA foram entrevistados 40 informantes, divididos em duas faixas etárias - 18 a 30 e 40 a 70 anos, de ambos os sexos, com nível de instrução até a 4ª série do Ensino Fundamental em 10 localidades no estado do Pará.

Parte integrante de um projeto maior, o Atlas Geo-sociolingüístico do Pará, o ALISPA (RAZKY, 2004) traz inovações. A organização dos dados em formato de texto e de áudio abre portas para a verificação dos registros fonéticos e inaugura uma nova fase para os trabalhos nessa área. Segundo Razky (2005, p. 212),

O ponto de vista socio lingüístico é de máxima importância para determinar as condições e os contextos intra e extralingüísticos em que ocorre a variação e a mudança lingüística. Englobar esses mecanismos sob o prisma interno e externo possui a dupla vantagem de possibilitar a abordagem do locutor tanto enquanto indivíduo social, dentro de uma área geográfica e específica, como enquanto indivíduo estatístico, que em um mapa geográfico mostra flutuações de um subsistema lingüístico em interação com outros subsistemas.

O instrumento de coleta foi constituído com base na primeira versão do Questionário Fonético-Fonológico do Projeto Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB que, após adaptações, reuniu 157 questões.

O Atlas Lingüístico Sonoro do Pará possibilita ao usuário o acesso aos fatos fonéticos estudados, não deixando, assim, a transcrição apresentada apenas vinculada à percepção do transcritor. Como assinala o autor, "a descrição articulatória ganha mais rigor com essa interação, mas não deixa de lado uma certa subjetividade que só pode ser controlada através de uma descrição acústica" (RAZKY, 2005, p.222).

O ALISPA conta com 600 cartas lingüísticas informatizadas e o seu *Menu* possibilita o acesso aos seguintes itens: i) dados sobre as entrevistas realizadas; ii) dados dos informantes; iii) as realizações dos fatos fonéticos em cada ponto e com cada um dos quatro informantes, dois homens e duas mulheres de duas faixas etárias (18 a 30 e 40 a 70 anos), entrevistados nos 10 pontos de inquérito; e iv) análise acústica dos itens selecionados. É possível, ainda, fazer a

Atlas Lingüístico do Amazonas - ALAM

Resultado da tese de doutorado de Maria Luíza de Carvalho Cruz, defendida na Universidade Federal de Rio de Janeiro em 2004, o ALAM ainda está sem publicação. São três volumes em que constam: a apresentação, a metodologia, e a fundamentação teórica, no primeiro volume. No segundo são apresentados a metodologia para o volume de cartas, o questionário e o índice das cartas. No terceiro volume, estão as 257 cartas, 107 cartas fonéticas e 150 cartas lexicais.

Para o ALAM, a autora visitou 9 localidades amazônicas e entrevistou 54 informantes, divididos em três faixas etárias - de 18 a 35, 36 a 55 e mais de 56 anos, de ambos os sexos e alfabetizados com escolaridade máxima até a 4ª do Ensino Fundamental.

Para a coleta de dados, tomou como base o instrumento de pesquisa elaborado para o ALiB, com acréscimo de questões que visam a determinados aspectos regionais, específicos, com 329 questões semântico-lexicais (distribuídas entre os campos semânticos do homem e da natureza).

Os dados são apresentados em forma de uma cruz dupla que registra, do lado esquerdo, as respostas dos homens e do lado direito, das mulheres. As três faixas etárias investigadas estão cartografadas apresentando no alto da cruz, a primeira faixa etária (de 18 a 35 anos), seguida da segunda faixa (de 36 a 55) ao meio, e da terceira (mais de 56 anos) ao final.

A cartografia da questão 220 - carta 76 do ALAM - para as variantes para **cambalhota** é apresentada como exemplo na figura 9, em que são registradas as variantes cambalhota (cambota, calambota, carambola, calhambota, calambiota, calhambiota) com 82% dos registros, (salto / pulo) mortal (9%), cangapé (6%) e bunda-canastra (3%).

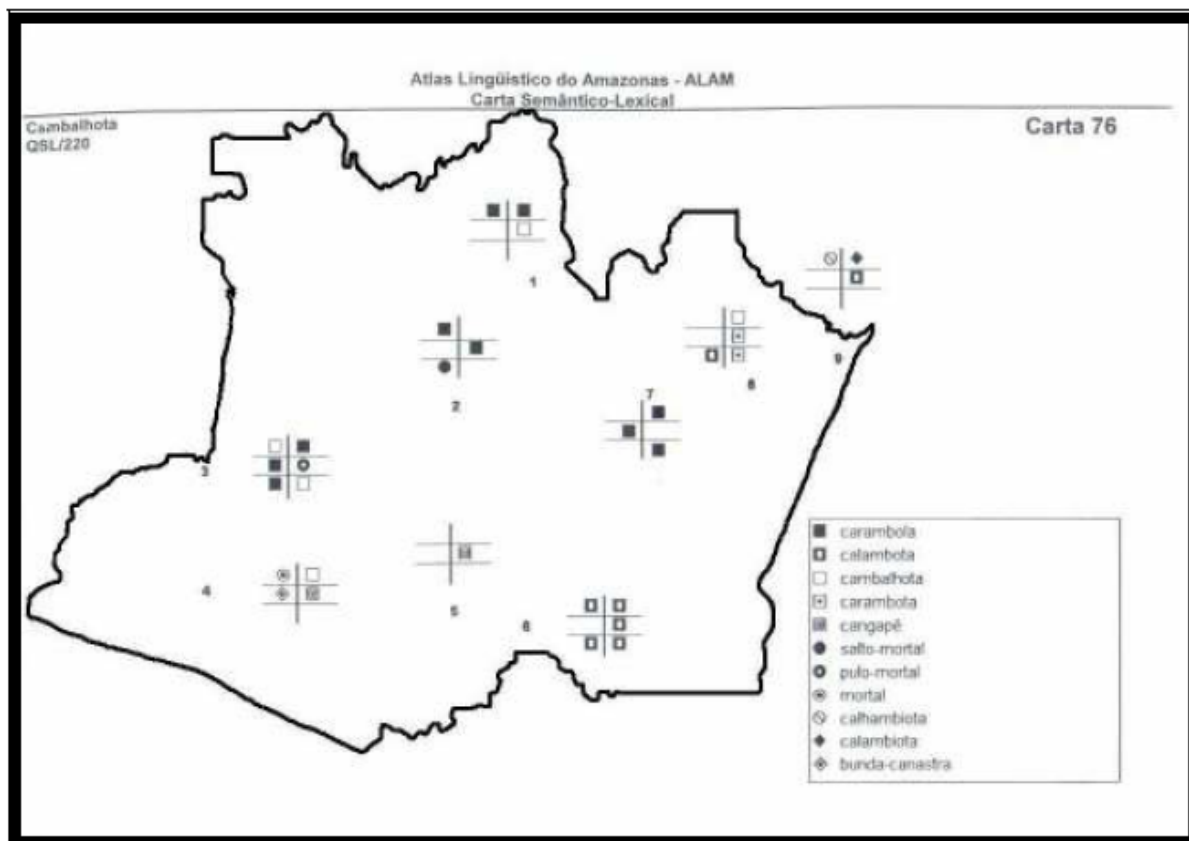


Figura 9 – Carta 76 do Atlas Lingüístico do Amazonas – ALAM (2004)

1.2.4 Projetos de Atlas Estaduais em Andamento

Há ainda mais seis atlas regionais em andamento: Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul; Atlas Lingüístico do Maranhão, Atlas Lingüístico do Rio Grande do Norte; Atlas Lingüístico do Espírito Santo, Atlas Lingüístico de Rondônia e Atlas Lingüístico do Pará⁴¹. Os atlas que estão em fase de pesquisa de campo ou de editoração estão expostos no quadro 1⁴²:

⁴¹ Devido a ausência de informações sobre a continuidade ou mesmo o desconhecimento de qual é a equipe que coordena cada um desses projetos atlas, o Atlas Lingüístico de São Paulo, o Atlas Etnográfico do Acre, o Atlas Lingüístico do Ceará e o Atlas Lingüístico do Mato Grosso foram retirados do quadro 1.

⁴² As publicações sobre notícias dos atlas em andamento avolumam-se. Sobre este tema, para citar algumas obras, conferir: (i) NOGUEIRA, A. X. Notícias de um atlas em andamento: Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul - ALMS - e AGUILERA, V. de A. Informações sobre outros Atlas em andamento; ambos publicados em AGUILERA, V. de A. (org) **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora UE L, 1998, pp. 143 - 154 e 197 - 206 respectivamente. (ii) ISQUERDO, A. N. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, V. de A. **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina:

Atlas	Nº de pontos	Nº de Informantes	Nº de questões	Nº de cartas
Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul – ALMS	33	132	557	Sem definição
Atlas Lingüístico de Rondônia – ALiRO ⁴³	05	24	Questionário do Projeto ALiB	Sem definição
Atlas Geo-sociolingüístico do Pará – ALiPA	10 pontos urbanos e 51 rurais	420 na área urbana e 204 na área rural	418	Sem definição
Atlas Lingüístico do Maranhão – ALiMA	15	76	Questionário do Projeto ALiB complementado com 50 novas questões.	Sem definição
Atlas lingüístico do Rio Grande do Norte – ALiRN	10	44	Questionário do Projeto ALiB com questionários específicos complementares	Sem definição
Atlas Lingüístico do Espírito Santo – ALES	30	60	Questionário do Projeto ALiB com questionários específicos complementares	Sem definição

Quadro 1 – Atlas lingüísticos em andamento no Brasil

Desses atlas em andamento, o projeto *Atlas Lingüístico do Espírito Santo* é bidimensional, pois trará registros dos falares de acordo com as dimensões diatópica e diagenérica. Os demais são pluridimensionais uma vez que contemplam,

EDUEL, 2005, p. 335 - 356. (iii) ARAGÃO, M. do S. S. de. Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB e ISQUERDO, A. N. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percurso metodológico; ambos publicados em: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org) **Documentos 2**: projeto do Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarta, 2006, pp. 35 - 66 e 67 -65, respectivamente.

⁴³ Projeto em fase de implementação.

além das já mencionadas, as dimensões diageracional e diastrática, por entrevistarem informantes de ambos os sexos, de duas ou três faixas etárias e de escolaridade fundamental e superior.

1.2.5 Atlas de Pequenos Domínios

Os atlas de pequenos domínios que abordam áreas menores que os estaduais ou regionais e desempenham papel complementar, propiciando a comparação com outras obras. O quadro 2, na página seguinte, expõe e alguns trabalhos já concluídos.

Atlas	Nº de pontos	Nº de Informantes	Questionário nº de questões	Nº de cartas
Pelos caminhos da geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis	06	24	105	109
Variação lexical e fonética na Ilha de Marajó	05	20	256	106
Estudos com vistas a um atlas lingüístico da ilha de Santa Catarina: abordagem dos aspectos lexicais.	35	70	310	310

Estudo geolingüístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagem de aspectos semântico-lexicais	08	72	210	207
Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porá, MS – ALIPP: marcas culturais e lingüísticas na fronteira do Brasil com o Paraguai	08	16	262	232
Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara – AFeBG	04	24	279	314 cartas ⁴⁴

Quadro 2 – Atlas lingüísticos de pequenos domínios concluídos

Há ainda os trabalhos em andamento: o Atlas Lingüístico de São Francisco do Sul e o Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses.

O Atlas Lingüístico do Estado de São Francisco do Sul - ALSF busca descrever o falar francisquense. São Francisco do Sul, cidade do litoral de Santa Catarina é a terceira cidade mais antiga do Brasil, segundo Guimarães (2006, p. 16), "um dos primeiros pontos de chegada de imigrantes de diversas regiões que aqui chegaram em busca de melhores condições de vida". Foram entrevistados 36 informantes distribuídos nos 9 pontos lingüísticos em duas faixas etárias. As entrevistas foram realizadas *in loco* pela autora do atlas, com questionário adaptado dos questionários para o Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB. Em fase de elaboração das cartas lexicais e fonéticas, a tese de Guimarães tem previsão de defesa para março de 2008.

Almeida, em seu estudo de cunho fonético-fonológico descreverá alguns falares fluminenses. Para tanto, foram entrevistados 60 informantes, distribuídos nas 10 localidades de inquérito e em três faixas etárias: 18 a 35 anos,

⁴⁴ Lima (2006) Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/posverna>>

36 a 55 e acima de 56 anos. As entrevistas foram realizadas *in loco*, com questionário com 279 questões, elaborado para a pesquisa. O estudo está em fase final de elaboração, com a preparação das cartas fonéticas e será apresentado à comunidade científica, por meio da defesa, em março de 2008.

1.2.6 Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil - ALiB

Se, conforme registrou Pe. Rousselot na pequena cidade de Cellefrouin, no Sul da França (apud ALMEIDA, 2006, p. 6), até mesmo em pequenos grupos sociais, com o a família, a diversidade lingüística pode ser documentada, muito mais se espera da língua oficial, em se tratando da variabilidade, em um país de dimensões tão grandes e de formação étnica tão variada, como é o caso do Brasil. Já em 1953, Antenor Nascentes, comentando as diferentes propostas de divisão lingüística para o Brasil, propôs uma divisão do território em seis subfalares, reunidos em 2 grupos: do Norte - amazônico e nordestino - e do sul - baiano, mineiro, fluminense e sulista (NASCENTES, 1953, p. 25). Nuances como variações fonéticas, lexicais, semânticas e até mesmo morfológicas e sintáticas, diferenciam as formas de expressão utilizadas pelo povo brasileiro. A língua, como afirma Cardoso (1988, p. 232), reflete também a variabilidade no espaço. E se estamos num mesmo tempo, numa mesma época, não significa que estejamos garantindo, necessariamente, a uniformidade da língua nessa sincronia.

Essa diferença desmitifica a unidade da língua portuguesa falada no Brasil e abriu, em 1952, conforme já se explicou, por meio do decreto 30.643 de 20 de março⁴⁵ que previa a elaboração de um atlas lingüístico nacional, um espaço para que os falares brasileiros fossem descritos.

A preocupação em descrever a língua portuguesa falada no Brasil tornou-se cada vez mais constante à medida que eram elaborados os atlas estaduais e regionais nos quais as diferenças e/ou semelhanças entre falares ficavam evidentes nas cartas lingüísticas. Aliada a essas evidências, ratificadas pelos atlas, estava a constatação da diferença entre os falares do português brasileiro nas

⁴⁵ O artigo e o parágrafo referentes ao decreto mencionado estão transcritos na seção **A Dialetoлогия no Brasil - periodização** desta tese.

diversas regiões. Não se podem negar as diferenças que se encontram não só na fonética e na semântica, mas também na escolha lexical, na organização frasal, enfim, variantes fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas, prosódicas e pragmáticas. Segundo o Comitê Nacional do ALiB,

é preciso ter-se uma visão da multidimensionalidade da língua no país, não apenas para o efeito de precisar e demarcar espaços geolingüísticos, mas para que se possa também contribuir, de forma direta, para um melhor equacionamento entre a realidade de cada área e o ensino de língua materna que nela se processa⁴⁶.

Diante de tantas evidências e questionamentos surgidos, começaram a aparecer, em várias partes do país, pesquisadores empenhados em retomar as idéias (em comunicações e mesas-redondas em Congressos regionais e nacionais), postuladas por Nascentes, Silva Neto e Cunha na intenção de formular um atlas lingüístico para o Brasil.

A retomada do projeto idealizado pelos precursores (Nascentes, Cunha, Silva Neto) - o Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) - foi concretizada no Seminário Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil, realizado na cidade de Salvador - BA, em 1996, em que representantes das Universidades Federais da Bahia, Paraíba, Juiz de Fora, Rio Grande do Sul e da Estadual de Londrina⁴⁷ constituíram um Comitê Nacional para a efetiva elaboração do Projeto ALiB.

Formou-se uma equipe de pesquisadores, representantes de várias instituições de ensino superior (federal e estadual), que tinham como meta não só verificar as diferenças léxico-semânticas entre o português brasileiro e as diferenças regionais, mas também a investigação dos aspectos fonético-fonológicos, morfossintáticos e prosódicos na tentativa de delimitar os contornos, ainda que tênues, da língua portuguesa nas diferentes áreas do Brasil.

Em março de 1997, em Maceió - AL, ocorreu a primeira reunião do Comitê Nacional para a apreciação do projeto e a proposta da rede de pontos em que os inquéritos seriam realizados, assim como o perfil e o número de informantes para cada localidade. O projeto foi posto em prática e fomentou a realização de seis

⁴⁶ **Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil:** Comitê Nacional, 1999, s.p.

⁴⁷ UFBA - Prof.^a Dr.^a Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso e Prof.^a Dr.^a Jacyra Andrade Mota; UFPB - Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Silva de Aragão; UFJF - Prof. Dr. Mário Roberto L. Zágari;

wokshops de preparação de inquiridores e dezenas de reuniões do Comitê Nacional, até o presente ano. Nesses eventos foram discutidos o aprimoramento das diretrizes do Projeto, a preparação do cronograma para a realização das etapas do projeto, a elaboração das versões - preliminares e final - dos questionários e as discussões para fins de captação de recursos. Soma-se a essas iniciativas a constante disseminação dos resultados referentes à metodologia do projeto, à preparação dos inquiridores e à coleta de dados, feita por meio de conferências, comunicações e mesas-redondas, realizadas pelos membros do Projeto nos diversos veículos científicos das IES.

Os alunos de graduação e pós-graduação das entidades envolvidas, além de outros vindos de universidades interessadas no projeto, trabalharam para aprofundar seus conhecimentos na Dialetologia e para a formação da equipe de inquiridores, tornando-se, assim, a garantia da continuidade do projeto.

Os objetivos desse projeto nacional, conforme consta do Projeto elaborado pelo Comitê Nacional, são os de descrever a realidade lingüística estabelecendo isoglossas para a que, a partir de um banco de dados que ofereça materiais em maior volume para o estudo da língua, pesquisadores dos diversos níveis dos cursos de Letras - graduação, pós-graduação e docentes - possam analisar os dados coletados, contribuindo para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento de comunicação diversificada. Ao final espera oferecer subsídios para o ensino/aprendizagem da língua materna, muitas vezes concebida como um sistema hermético que não admite variações e que dita regras rígidas seguidas sem nenhum questionamento.

O Projeto ALiB concentrou seus objetivos no estudo dos movimentos horizontais, isto é, geográfico, e incluiu os verticais, no âmbito das variáveis sociais. Esse posicionamento metodológico pode ser percebido na seleção dos informantes, por exemplo. Para tanto, foram considerados os critérios estabelecidos por Nascentes (1958) e a Dialetologia tradicional⁴⁸, acrescidos de conceitos da Geolingüística pluridimensional, contemplando as dimensões diageracional e diassexual (THUN, 1998) e a variável escolaridade que, por consequência, mostrará

UFRGS - Prof. Dr Walter Koch; UEL - Prof.a Dra Vanderci de Andrade Aguilera.

⁴⁸ Critérios que postulam a necessidade da boa dicção, saber responder com desembaraço entre outros.

as diferenças estráticas, no que diz respeito a maior ou a menor escolaridade como fatores de variação.

A execução do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil, segundo o Comitê Nacional, divide-se em quatro etapas distintas e que, segundo Cardoso (2006, p. 30), pode ser "entendido como um grupo de subprojetos integrados e vencíveis cada um no devido tempo."

Etapa 1

A primeira etapa já cumprida consta da concepção e definição da metodologia - a preparação e implantação do projeto, a definição dos princípios metodológicos adotados para essa empresa, além do estabelecimento da:

i) Rede de pontos: constituída por

250 localidades distribuídas por todo o território nacional levando-se em consideração a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área. Foram, ainda, consideradas questões referentes aos limites internos e internacionais e analisados os pontos sugeridos por Nascentes, os quais, quando reconhecida a pertinência, foram mantidos. (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. viii)

ii) Perfil e número de informantes: a amostra representativa dos falantes a serem entrevistados em cada localidade constante da rede de pontos ficou assim definida:

- a) nas capitais: oito informantes divididos entre ambos os sexos; distribuídos em duas faixas etárias - 18 a 30 anos e 50 a 65 anos - com escolaridade fundamental para quatro, dos oito informantes; e superior para outros quatro informantes entrevistados;
- b) no interior: quatro informantes divididos entre ambos os sexos, também nas duas faixas etárias citadas, com escolaridade fundamental.

Integra, ainda, o perfil a condição de serem nativos da localidade, terem profissão definida, estarem inseridos no contexto social local. Exige-se também que tenha viajado pouco e que os pais e cônjuge (quando for o caso) sejam preferencialmente nascidos na localidade.

- iii) Instrumento de coleta de dados: uma atenção especial recaiu sobre o instrumento de coleta de dados, elaborando-se questionários que pudessem refletir os objetivos do projeto, indicando com clareza as noções cujas denominações se pretende extrair dos informantes, os traços fonéticos e os tipos de frases recorrentes em cada região estudada. Dos encontros promovidos pelo Comitê Nacional, surgiram contribuições para o aperfeiçoamento dos questionários utilizados no trabalho de campo que está sendo realizado pela equipe de inquiridores do ALiB por meio dos três instrumentos de coleta de dados: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), composto de 159 questões; o Questionário Semântico-Lexical (QLS) com 202 questões e o Questionário Morfosintático (QMS) que conta com 49 perguntas. Suas duas versões preliminares (publicadas em 1998 e 2000) foram testadas em diversos inquéritos experimentais e analisadas nos encontros nacionais, chegando à versão definitiva publicada em 2001.

Etapa 2

A segunda fase é composta de trabalho de campo. Estabeleceu-se a prioridade da coleta dos dados nas capitais brasileiras⁴⁹, seguida da coleta de dados nas demais localidades.

As transcrições, fonética e gramatical dos dados, fazem parte das tarefas estabelecidas nesta fase do projeto. Para a realização das transcrições, definida nos princípios metodológicos, exigiu uma preparação cuidadosa da equipe de transcritores, precedida de ampla discussão e de exercícios de transcrições

⁴⁹ Entre as capitais brasileiras que formam a rede de ponto do ALiB, excetuam-se Palmas e Brasília por serem cidades de criação recente.

experimentais para que fossem estabelecidos os critérios a serem seguidos por todos os envolvidos nessa fase.

Etapa 3 e 4

Para a terceira etapa do projeto, estão estabelecidas as metas de término das transcrições iniciadas na fase anterior e a continuação da análise dos dados. Segue-se, a essa, a quarta etapa em que serão feitas a editoração e publicação dos materiais.

O balanço atual do Projeto ALiB, no que se refere à coleta de dados, fornece os seguintes números: 25 capitais e 108 localidades no interior concluídas, num total de 632 inquéritos dos 1100 previstos, num percentual de inquéritos realizados de 57,4%⁵⁰.

Esses são os números do avanço alcançado por essa equipe que tem na coordenação os expoentes da dialetologia brasileira, de renome internacional, e, como "exército", 13 instituições em que docentes e discentes da graduação e pós-graduação trabalham para ver realizado o mapeamento dos falares nacionais, desejo agora não apenas de Nascetes, Silva Neto, Cunha e Houaiss, mas de todos os colaboradores e membros da família alibiana.

Sobre o projeto ALiB, ainda é preciso mencionar a disseminação dos resultados parciais - inicialmente calculada na exaustiva descrição e análise da metodologia adotada pelo projeto e no significativo volume de trabalhos realizados por discentes de graduação (voluntários ou bolsistas da Iniciação Científica) e de pós-graduação, e docentes sobre as entrevistas experimentais. Depois de percorridos alguns caminhos, outros trabalhos, agora com os dados dos inquéritos definitivos nas capitais, passam a compor o quadro da difusão dos estudos realizados por esses pesquisadores. Somam-se a estes, duas publicações - Documentos I e II - que "reúnem textos fundamentais para o entendimento do

⁵⁰ Dado coletado sem 03/11/2007. Para informações atualizadas acesse o site: <<http://www.alib.ufba.br/index.asp>>

Projeto e para a compreensão da dimensão de que se reveste a pesquisa que desenvolve". (AGUILERA; MOTA; MILANI, 2004, p. 9)⁵¹

1.3 O PARANÁ NESSE CENÁRIO

O Paraná é um dos estados pioneiros na investigação dos dialetos. O estudo sobre o português falado no Paraná, atendendo aos fins didáticos, pode ser dividido em duas fases. Uma delas abrange o final do século XIX até a década de 40 do século XX e outro se inicia na década de 50 do século passado e chega aos nossos dias.

As primeiras informações sobre os falares paranaenses⁵² remontam ao século XIX, quando o pesquisador francês Auguste de Saint-Hilare (1978), em anotações de suas viagens às províncias brasileiras entre os anos de 1816 e 1822, comenta sobre o falar paranaense, sobretudo no campo fonético. Suas observações sobre a linguagem utilizada no Paraná do século XIX são poucas, mas consideradas de relevância para conhecer traços dos falares da época.

O livro de memórias de José Correia Coelho, publicado em 1844, relata suas viagens pelo Paraná e, em duas passagens, faz alusão à influência espanhola na fala paranaense, relatando que "o seu falar é cheio de interjeições; usa de hipérboles atrevidas e arriscadas e de bravatas espanholas", conforme registra Mercer (1992, p. 28). Apesar de importantes para o conhecimento das características lingüísticas, essas coletâneas, que não tinham como objetivo principal descrever a fala paranaense, apresentam poucos dados para um estudo mais acurado da língua.

Foi a partir do trabalho do General José Cândido da Silva Muricy, apresentado por Andrade Muricy durante o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada no Rio de Janeiro (1938), que o estudo do léxico paranaense passou a tomar corpo. Segundo Andrade Muricy, o General empenhou-se em descrever suas viagens pelo interior do Estado e, em sua obra, relacionou 236 vocábulos dispostos

⁵¹ Sobre o ALiB, visitar <<http://www.alib.ufba.br/index.asp>>

⁵² Síntese do que Mercer (1992) e Aguilera (1998) registram.

em ordem alfabética contendo explicações de uso ou significado do dialeto falado no Extremo Oeste paranaense.

As observações feitas pelo General Muricy são importantes como ponto de partida para os estudos lexicais no Estado, embora traga em seu conteúdo formas lingüísticas já cristalizadas na fala rural de outras regiões brasileiras. Registros como arco-da-velha para arco-íris, mãe-de-ouro para a estrela cadente ou pataca para rótula, para citar alguns, são freqüentemente encontrados na linguagem rural brasileira. Mesmo assim, seu trabalho continua relevante, por permitir o conhecimento do vocabulário presente no Paraná quando ainda em fase de povoamento.

Em meados da década de 50 e de 60 do século XX, já dentro de uma realidade diferente da vivenciada por Muricy, com a introdução dos estudos lingüísticos no currículo do ensino superior, vários estudiosos, citados por Aguilera (1987), estudaram de forma sistematizada algumas especificidades dialetais registradas no Paraná. Como exemplo, a pesquisadora cita Amaral (apud Aguilera 1987) em seu estudo sobre a linguagem utilizada no lit oral paranaense, que faz observações fonéticas como *lórie*, para pronúncia de Jorge ou *ingreia*, para igreja; Toniolo (1967), também no campo da fonética, traçou um comparativo entre os falares de Santa Maria (RS) e Ponta Grossa (PR); Andr etta (apud Aguilera 1987), num estudo das semelhanças e das diferenças no nível fônico e lexical dos falares de Laranjeiras do Sul (PR) e Erechim (RS); e Wouk (concluído na década de 60 e publicado em 1981), que estudou a fala dos descendentes ucranianos em Dorizon, comunidade do município de Mallet. Outros pesquisadores, como Filipak (1976), Mercer (1977 e 1979), Alvar e Alvar (1979) e Aguilera (1987), apresentados a seguir, documentaram as variantes, em especial as lexicais, em diversos pontos do Estado.

Filipak (1976), em seu trabalho sobre a linguagem no Vale do Iguaçu, elenca 464 vocábulos pertencentes à fala rural paranaense e mais cinco palavras estrangeiras introduzidas na região, na intenção de trazer ao conhecimento dos estudiosos da língua portuguesa aspectos lexicais pouco difundidos e muitos ainda não dicionarizados. Alguns dos vocábulos elencados pelo autor são: **bambo** para indeciso, atrapalhado, frouxo; **coivara** para galhos, ramagens, tronco de árvores que não foram queimados totalmente nas roças; e **destripar o mico** para vomitar.

Mercer (1979) apresenta em seu trabalho, além de um glossário sobre a pesca, um estudo das origens históricas da localidade e dos traços fonológicos e fonéticos, prosódicos e morfossintáticos da fala da região. Todos esses dados estão reunidos em sua tese de doutorado, *Le lexique technique de pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)*.

O estudo da fala paranaense em apreendido por Janine e Julio Alvar (1979) registrou, em obra etnográfica, o vocabulário na região de Guaraqueçaba. Nessa pesquisa, Alvar e Alvar buscaram coletar do vocabulário dos habitantes da localidade (1.390 lexias), elementos da fauna e da flora, nomes de instrumentos de trabalho, além de gravuras de objetos da cultura dos caiçaras.

A exemplo de todo país, cujas pesquisas dialetológicas feitas através do método geolingüístico estão a cada dia ganhando maior espaço nos meios acadêmicos, os estudos dialetais no Estado do Paraná também avançam como se demonstra a seguir.

Trabalho que merece destaque no cenário dialetológico paranaense é *Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina - EALLO* por Aguilera (1987). Foram selecionados 12 pontos lingüísticos no território do município em que foram entrevistados 27 informantes, com idade entre 30 e sessenta anos de ambos os sexos. O instrumento de coleta de dados foi adaptado, após inquéritos experimentais, do questionário preparado pelo Dr. Pedro Caruso para as pesquisas do ALESP - Atlas Lingüístico do Estado de São Paulo.

A pesquisa registrou, em cartas geográficas, a variedade lingüística da localidade, documentando os fatos fônicos, o grau de influência dos grupos étnicos, além da influência indígena e as formas arcaicas presentes na fala dos londrinenses.

A figura 10 traz como exemplo a carta 26 do EALLO em que são registradas as variantes para **míope**.

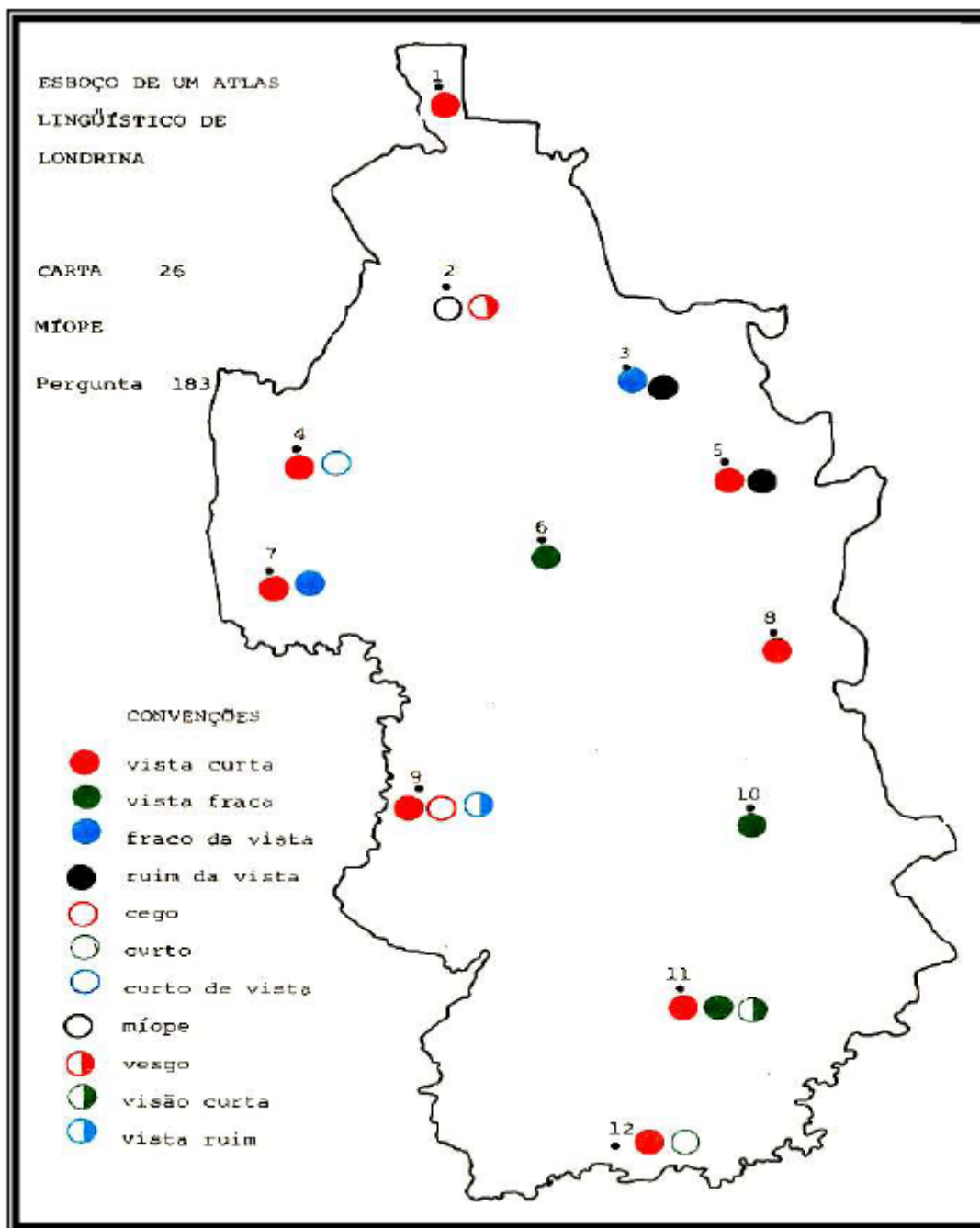


Figura 10 – Carta 26 d o Aspectos lingüísticos da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina - EALLO

O estudo *Áreas fonéticas do Paraná* (MERCER, 1992) investigou nos dados coletados para o Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul - ALERS as realizações fonéticas nas entrevistas constituintes do *corpus* paranaense. Logo no início do seu trabalho, Mercer (1992, p.1), declara: *este trabalho propõe-se delimitar áreas fonéticas do Paraná e explicar suas configurações à luz da história da ocupação do Estado.*

Os dados são apresentados, em um segundo volume, em 48 cartas geolinguísticas e os resultados da pesquisa, no que tange à interpretação do *corpus* coletado, definiram como feixe de isoglossas: a) ditongação de /a/ tônico final seguido de /s/; b) ditongação de /u/ tônico final seguido de /s/; c) conservação de /e/ átono final; d) realização apical de /R/. Sobre estas realizações, Mercer (1992, p. 107 - 108), conclui

pode-se dizer que, de forma esquemática, esse feixe de quatro linhas divide o Paraná em norte e sul e circunscribe, no sul, uma área a leste com ocorrência de ditongação de tônico final, pelas quais se liga ao norte. [...] Essa divisão - no que chamaremos Área Norte e Área Sul - vem indicada no ALP (sic) de Vanderci AGUILERA⁵³.

Para fins de exemplificação, a figura 11 traz a carta 41 que mostra a realização de /o/ pretônico seguido de sílaba pretônica com /i/.



Figura 11 – Carta 41 de Áreas Fonéticas do Paraná (1992)

⁵³ Em referência a: AGUILERA, V. de A. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Tese (Doutorado). Assis - SP,

Aguilera (1994) - no Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR mapeou a linguagem rural no Estado e abriu caminhos para novos trabalhos no campo da Dialetoлогия, despertando, em particular nos alunos da pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina, o desejo de dar continuidade à pesquisa do léxico paranaense, sobretudo de base rural. Do propósito de desvendar a história do léxico paranaense, surgiram vários trabalhos monográficos, três dissertações de mestrado e duas teses de doutorado.

Um desses estudos foi o realizado por Lino (2000), em *Aspectos Lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico* que busca analisar a fala cândido-abreuense, documentando a influência dos diferentes grupos étnicos responsáveis pela formação do povo daquela região.

Município situado no centro do Estado, essencialmente agrícola, agregou imigrantes poloneses, ucranianos, franceses e alemães que conviviam com os nacionais que nessa região residiam. A cidade recebeu também imigrantes libaneses e holandeses, que influenciaram na linguagem falada pelos moradores da localidade.

Foram realizados 36 inquéritos em 9 pontos lingüísticos, onde foram entrevistados quatro informantes, de ambos os sexos, distribuídos em duas faixas etárias, de 18 a 35 anos e 45 a 70 anos. Além desses aspectos, para que a pesquisa atingisse seu objetivo, a autora estabeleceu a urgência de estarem representados no quadro de informantes as diversas etnias (alemães, italianos, ucranianos, poloneses, entre outros) formadoras do povo de Cândido de Abreu.

Para a constituição do *corpus*, a pesquisadora elegeu o instrumento de coleta dos dados do ALiB, contribuindo também para esse projeto na medida em que os resultados obtidos na pesquisa serviram de parâmetro nas discussões para análise da variante falada em cada região do país.

Como resultados desse estudo, obtiveram-se trinta cartas lexicais mistas com a variedade lexical e sete isolexicais elaboradas a partir de cartas anteriores.

Lino (200, p.249) discute a influência da variável sexo e conclui que "os homens dominam um acervo lexical mais numeroso e que as diferenças lingüísticas entre os dois sexos estão profundamente relacionadas com suas

experiências de vida familiar, econômica ou social". Segundo a autora, essas afirmações podem ser verificadas nas cartas n.º 15 (questão 94 - ALiB, designações para a *parte alta do pescoço do homem*) em que os homens forneceram um número maior de variantes (77% das respostas obtidas) em relação às variantes coletadas entre as mulheres (33%) e n.º 26 (questão 192 - ALiB, designações para a *roupa que o homem usa debaixo da calça*) em que, novamente, houve maior produtividade nas respostas masculinas (60% das respostas obtidas) em relação às das mulheres (40%)⁵⁴.

Para a discussão sobre as etnias e suas influências na linguagem de Cândido de Abreu, a autora conclui que se pode notar um processo de aculturação em diversos campos: social, religioso, cultural e lingüístico. No âmbito do léxico, a pesquisadora pouco encontrou variantes que tivessem origem polonesa, ucraniana ou alemã. Ela exemplifica com a resposta à questão 64 (*que é que se abre com o machado, o facão, a foice para passar por um mato fechado*) em que o informante respondeu **rapindar** e que ele próprio definiu como tipo de capoeira, mato fechado.

Lino (2000, p.253) encerra afirmando que

as três etnias, polonesa, ucraniana e alemã, sem dúvida povoaram e deram vida ao município. Aprenderam o nosso léxico, emprestaram-nos expressões lingüísticas, mas a língua nativa foi mais forte e dominou as demais. A grande influência estrangeira na fala de Cândido de Abreu, acreditamos, dá-se no nível fonético, tema para futuros trabalhos dialetológicos.

A carta 04 - moinha - é apresentada na figura 12 c como exemplo desse estudo em que se registram as variantes, palha (com 48,4% das ocorrências), pó (32,2%), moinha (12,9%) e sujeira (6,5%).

⁵⁴ Observa-se que ambos os itens lexicais pesquisados fazem parte do universo masculino.

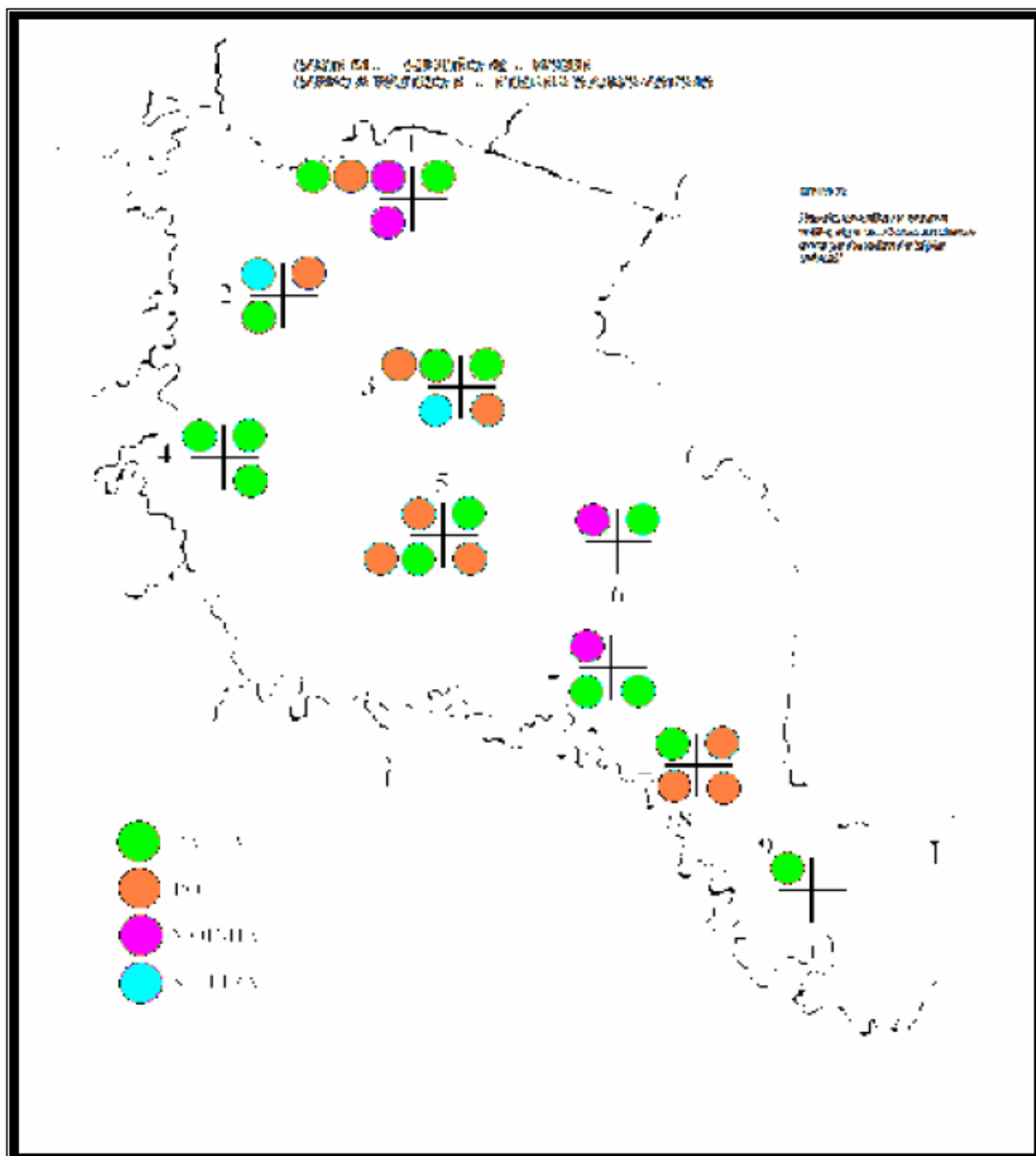


Figura 12 – Carta 04 d e Aspectos Lingüísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolingüístico (2000)

No *Glossário da Fala Rural Paranaense* (RODRIGUES, 2000), um dos objetivos é apresentar um rol da fala popular rural do Paraná com base na reunião e comparação de obras sobre o léxico desse estado. Para tanto, a autora selecionou quatro estudos de um universo de nove obras de maior vulto, que privilegiam o Norte, o Sudeste, a região central e o lit oral paranaense. Faz em parte

também desse estudo as informações contidas no Atlas Lingüístico do Paraná, que reflete a fala rural popular de todas as regiões do estado.

A reunião dessas obras gerou uma listagem inicial de aproximadamente 2.500 itens, cujas dificuldades de manejo ensejaram novos recortes até ser alcançado o número de 511, com os quais foi organizado o glossário.

Os trabalhos selecionados⁵⁵ descrevem a fala de vários pontos do Estado e terminam por complementar-se, revelando o conhecimento do homem do campo. No caso do *Glossário da Fala Popular Rural* a principal contribuição se dá por permitir a comparação de dados a partir de trabalhos diversos, o que facilita o alcance de uma visão conjunta.

A perspectiva lexicográfica permitiu a apresentação da cultura rural, das crenças e costumes dos informantes por meio das entrevistas transcritas para o ALPR e, certamente, aí reside outra contribuição do seu produto final.

Altino (2001), em *Pelos caminhos da Geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis*, focaliza o estudo da fala popular em Adrianópolis, com o objetivo de analisar e registrar em cartas lingüísticas os dados lexicais da língua oral, coletados por meio de questionário estruturado contemplando parte do acervo semântico-lexic al de falantes de duas gerações e de ambos os sexos com o mesmo grau de escolaridade. Esse *corpus* serviu como um dos elementos da comparação de dados para verificar as mudanças em tempo aparente. O tempo real dado pelos registros const antes das cartas comuns com o ALPR (1994), embora num espaço cronológico relativamente pequeno, ofereceu pistas de como se processam as mudanças e/ ou permanência da língua falada numa comunidade com aquele perfil.

Município situado no nordeste do estado, teve na exploração das minas de chumbo, ouro e prata, na década de 70, uma população estimada em 11 mil habitantes na sua maioria imigrantes. Pelo Censo de 2000, Adrianópolis contava com pouco mais da metade daquele número de habitantes, com uma população formada em sua maioria por adultos com pouca escolaridade. Outro fator relevante para a escolha desta localidade é seu considerável isolamento, tanto geográfico -

⁵⁵ Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste - MURICI (1938); Vocabulário de Tibagi - TONIOLO (1981); Aspecto lingüístico da fala londrinense: Esboço de um Atlas Lingüístico de Londrina - EALLO - AGUILERA (1987); Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR - AGUILERA (1994).

localidade cercada pela Serra do Mar e por rios da região - quanto social, que podem indicar um possível conservadorismo no que diz respeito aos hábitos lingüísticos.

As entrevistas foram realizadas com 24 informantes de ambos os sexos, com mínima ou nula escolaridade e de duas faixas etárias (de 20 a 45 e acima de 55 anos), em seis pontos lingüísticos. Para esta pesquisa, foi utilizado como instrumento o questionário do ALiB (1999), pois, segundo Altino (2001), sua estrutura abrange as mais diversas áreas semânticas (15 ao todo), satisfazendo aos objetivos do trabalho. As áreas semânticas que constam do questionário semântico-lexical do Projeto ALiB são: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, flora, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e vida urbana. Foram selecionadas 105 questões dentre as 207 propostas.

Como resultado da pesquisa, foram elaboradas 109 cartas lingüísticas, cuja análise foi sistematizada em duas seções: a primeira parte consta da análise das cartas comuns com o ALPR (A GUILERA, 1994), subdividido nos campos semânticos estabelecidos pelo instrumento de coleta adotado; a segunda parte trata da análise das cartas não coincidentes com o ALPR. Foram pontos de discussão: o polimorfismo, a manutenção da fala popular arcaica, o fator diatópico e as marcas regionais.

A análise dos resultados mostra que as mudanças lingüísticas, embora de maneira lenta, vêm acontecendo devido à necessidade de inovações na linguagem, como é o caso das brincadeiras infantis (como exemplo a carta 81, designações para esconde-esconde, como ocorrência *mãe-cega*) ou de adotar uma lexia que recubra melhor os conceitos (Cf. no 2º volume as cartas 18, sobre as designações para tangerina e 71, para menino entre outras).

Quanto à variável faixa etária, os dados indicam que a maior proximidade dos jovens com outras culturas, através da televisão, do rádio ou do convívio com familiares e amigos, e que freqüentam a escola, tenha desencadeado mudanças lexicais tais como o registrado na carta 47, onde os informantes jovens registraram *micróbio*, para sanguessuga e na carta 31 (*designações para bolsa que se coloca no lombo do cavalo ou burro*), em que a maioria dos informantes da primeira faixa etária respondeu *bruaca*, e os mais jovens registraram *bolsa, mala*,

capa da cangalha, atualizando algumas formas genéricas e desprezando outras arcaicas.

Nessa pesquisa, o fator diassexual não se revelou determinante, no que diz respeito às mudanças no vocabulário ativo dos falantes, embora, quanto ao número de variantes, verifique-se maior produtividade lexical para os homens (51,8%) em detrimento das mulheres (48,2%). Isso pode ser observado na carta 04, nas designações para redemoinho de água, em que estão cartografadas 15 variantes na fala masculina e 12 na feminina. O círculo de amigos da mulher que se ocupa dos afazeres domésticos é bastante restrito, ao contrário do universo masculino; o próprio conceito redemoinho de água está mais próximo dos homens (lazer, trabalho, intercâmbio) e propicia o conhecimento de um número maior de parassinônimos.

Os dados permitem concluir que, apesar das mudanças lexicais se efetuarem de forma lenta - haja vista a correspondência de variantes nas cartas comuns com o ALPR -, a presença das mesmas lexias coletadas por Aguilera no ano de 1989 e reunidas no Atlas Lingüístico do Paraná (1994), outras variantes parassinônimas indicam que a faixa etária é o fator determinante mais significativo para a diversidade do léxico na fala em Adrianópolis que o fator sexo. Observando-se as cartas lingüísticas, verifica-se que a primeira faixa etária (mais velhos) forneceu um número maior de variantes para os conceitos solicitados (52,5%), enquanto os da segunda faixa registraram menor produtividade (47,5%).

O conservadorismo lingüístico ou a mudança lenta observada no acervo lexical da população adrianopolitense parecem estar ligados à predominância da população idosa no município, uma vez que os jovens deixam suas famílias para estudar ou trabalhar nos grandes centros urbanos.

A autora afirma estar confirmada a hipótese inicial do trabalho de que o isolamento geográfico (serra, floresta e precariedade de meios de comunicação) e a constituição de uma população são fatores que contribuem para que as alterações lingüísticas inerentes à linguagem aconteçam de forma mais lenta e se mantenham na fala da comunidade as variantes coletadas e cartografadas há 10 anos, como mostra o exemplo da carta 28 (figura 13) - designações para cangalha.

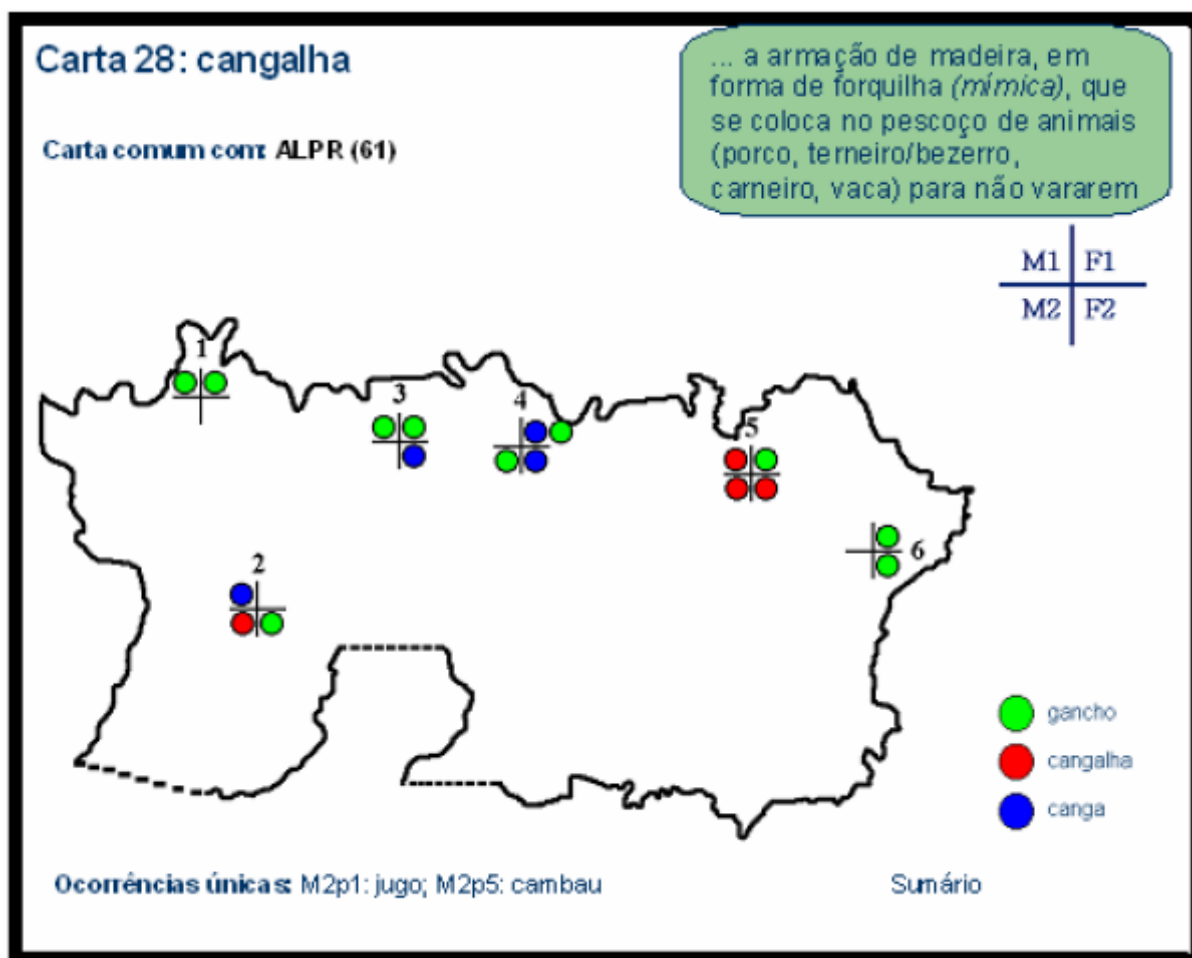


Figura 13 – Carta 28 do Pelos caminhos da Geolingüística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis (2001)

Toniolo (2002), *Do presente ao passado: um olhar sobre o vocabulário de Tibagi*, buscou estudar a variação lexical em tempo real e aparente, ocorridas em dois bairros rurais do município de Tibagi, região dos Campos Gerais do Paraná, em dois momentos, 1975 e 2001.

O autor desse estudo analisou o universo lexical tibagiense, valendo-se dos dados recolhidos em 1975 na cidade de Tibagi. Desta forma fez um estudo em tempo real, voltando às localidades visitadas no ano de 75 e, em tempo aparente, coletando novos dados. Foram entrevistados 14 informantes, divididos entre os dois sexos e distribuídos entre três faixas etárias (de 18 a 30, 50 a 65 e acima de 75 anos) em dois pontos lingüísticos.

Como instrumento de coleta de dados, Toniolo retomou o questionário utilizado para a pesquisa em 1975, realizando algumas adaptações e

acrescentando novas questões. Segundo o autor, a reformulação utilizou largamente o questionário elaborado pelo ALiB por representar a "decantação de numerosas pesquisas de natureza geolinguística, tendo sido revisado e aperfeiçoado em diferentes eventos" (TONIOLO, 2002, p.33).

Como conclusões de pesquisa, o autor reafirma a efetiva arcaização das lexias que denominam referentes em desuso. É o que apontam os exemplos: i) nas denominações para objetos de couro, com tampa, para levar farinha, no lombo do cavalo ou do burro, cita o autor que em relação à lexia **bruaca**, praticamente desaparecida com os tropeiros, alguns informantes da faixa intermediária conhecem a palavra, e poucos conhecem o objeto; ii) nas denominações para a unidade de medida de áreas, a lexia **celamim** é também pouco utilizada pelos falantes tibiagiense. O trabalho de Toniolo aponta, ainda, outras lexias que estão em via de desaparecimento, tais como **jojoca** para solução, e **urupê** para cogumelo.

Outra conclusão a que chegou o autor é que a influência da norma culta, vinda da escola e da mídia, revelou-se pouco significativa. Quanto à faixa etária, os adultos e mais idosos mostraram-se mais conservadores e menos propensos às inovações. As lexias consideradas novas pelo autor foram registradas nas falas dos informantes jovens e, provavelmente, "resultem da adoção de lexias provenientes de outras regiões, trazidas pelas correntes migratórias, ou pela própria mídia". (TONIOLO, 2002, p. 133)

Já o estudo realizado sobre os dados coletados para o *corpus* do Atlas Lingüístico do Paraná, *Medicina caseira paranaense: um estudo geolinguístico* (SOUZA, 2005), dissertação de mestrado, cartografou sete questões inéditas do subcampo semântico - plantas medicinais: 088 - erva-doce (semente para chá contra dor de barriga); 090 - erva-de-santa-maria (erva contra 'bicha' das crianças); 093 - sabugueiro (chá para arrebentar sarampo); 098 - arruda (planta para espantar mau-olhado); 099 - ipê (árvore de flores amarelas e roxas); 101 - rubim (planta para dar sorte); 102 - guiné (planta para dar sorte).

O estudo de Souza analisou as respostas dos informantes com relação às questões acima e buscou as denominações de algumas plantas medicinais dentro das várias regiões no estado. O trabalho apresenta, ainda, uma discussão dessas variantes no vocabulário das plantas medicinais e a interferência da língua e/ou cultura da sociedade na configuração do léxico.

A autora conclui seu estudo afirmando que

As variações, os empréstimos não se constituem em questão meramente lingüística, mas refletem a influência cultural e demais características às quais esteve sujeita a região. Uma vez que o indivíduo se revela pela língua; por extensão e ela também revela o subgrupo a que pertence esse indivíduo. Da mesma forma que há marcas específicas que caracterizam um estilo individual, há características grupais - sejam grupos regionais, sociais ou profissionais - passíveis de serem observadas. (SOUZA, 2005, p. 95)

A figura 14 apresenta como exemplo a carta 07 em que se registram as variantes para guiné.

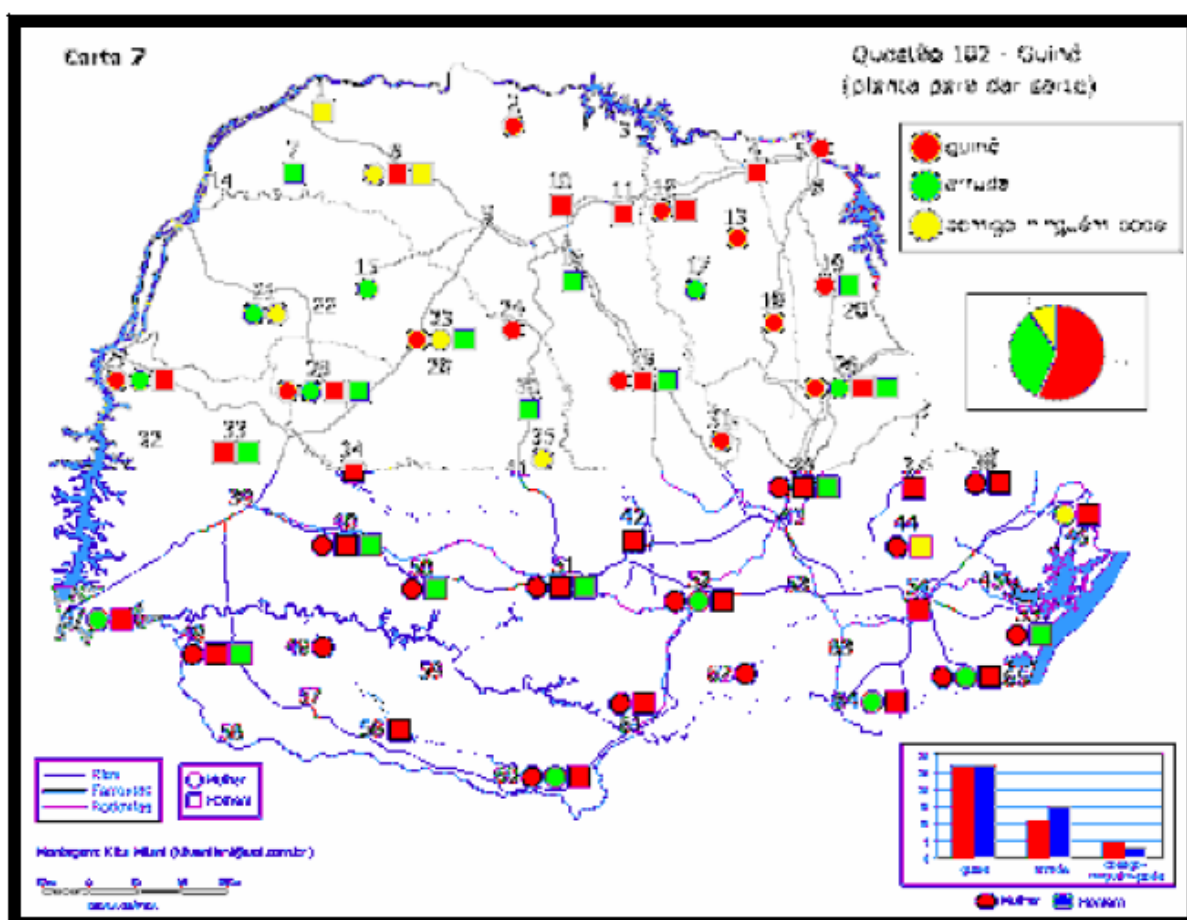


Figura 14 – Carta 7 de Medicina caseira paranaense: um estudo geolinguístico (2005)

O mais recente trabalho realizado sobre a linguagem no Paraná é a tese de doutorado *Em busca de uma história para o léxico rural paranaense* (RODRIGUES, 2007). A autora reuniu obras sobre a língua no Paraná, explicando a dinâmica vocabular das variantes no espaço geográfico com base nos dados lingüísticos. Segundo Rodrigues (2007, p. 22), o estudo levanta a hipótese de haver

no Estado, "áreas lexicais estreitamente ligadas ao povoamento [...] e que essas áreas são fruto da diferenciação cultural paranaense, nascida, por sua vez, da diversidade de indivíduos que aportaram no Estado".

O estudo comparativo/interpretativo de obras que tratam da fala paranaense, a seleção de 20 mapas do ALPR⁵⁶, a separação em áreas (no que tange à variação), a comparação dos dados analisados e a constituição de 90 novas cartas isoléxicas, compõem o perfil metodológico dessa tese. Foram reunidos dados lingüísticos e também extralingüísticos; estes últimos como suportes para a análise e das áreas lingüísticas sugeridas pela autora.

Como resultados da pesquisa foram delineadas três grandes áreas lexicais:

Em síntese, observamos que o Paraná possui três grandes áreas lexicais, que, como sabemos, interagem e estão mediadas por áreas de transição. O Norte do Estado possui suas próprias características léxicas, com um vocabulário oriundo em parte de mineiros, paulistas e nordestinos que, a partir do século XX, desenvolveram a região. O Sul possui também características próprias e as variantes que nela ocorrem resultam em boa parte do contato com indivíduos da Região Sul, catarinenses e gaúchos que povoaram a região também a partir do século XX. No Centro Norte do Estado localiza-se uma área de transição na qual as variantes co-ocorrem. (RODRIGUES, 2007, p. 345)

A autora ainda ressalta, nas conclusões, a permanência de traços lexicais indígenas e de arcaísmos e a influência da norma padrão. Reafirma também que o ALPR cumpre seu papel detectando e registrando os traços do vocabulário paranaense.

Para fins de exemplificação, a carta 1 é a apresentada na figura 15. Nela são traçadas as isoglossas para a variante *banhado para terreno próprio da cultura de arroz*.

⁵⁶ Cartas selecionadas: 01 - Terre no próprio para cultura do arroz; 02 - Rio quente; 08 - Terreno úmido; 26 - Chuva de pedra; 27 - Trovão; 28 - Trovoada; 29 - Tempestade; 30 - Relâmpago; 31 - Raio; 38 - Cogumelo; 39, 40, 41 - Cogumelo (outras de signações); 46 - Bana na dupla; 50 - Urubu; 51 - Gavião; 65 - Dentes molares; 66 - Dente do siso; 83 - Vagem do feijão; 87 - Papagaio.

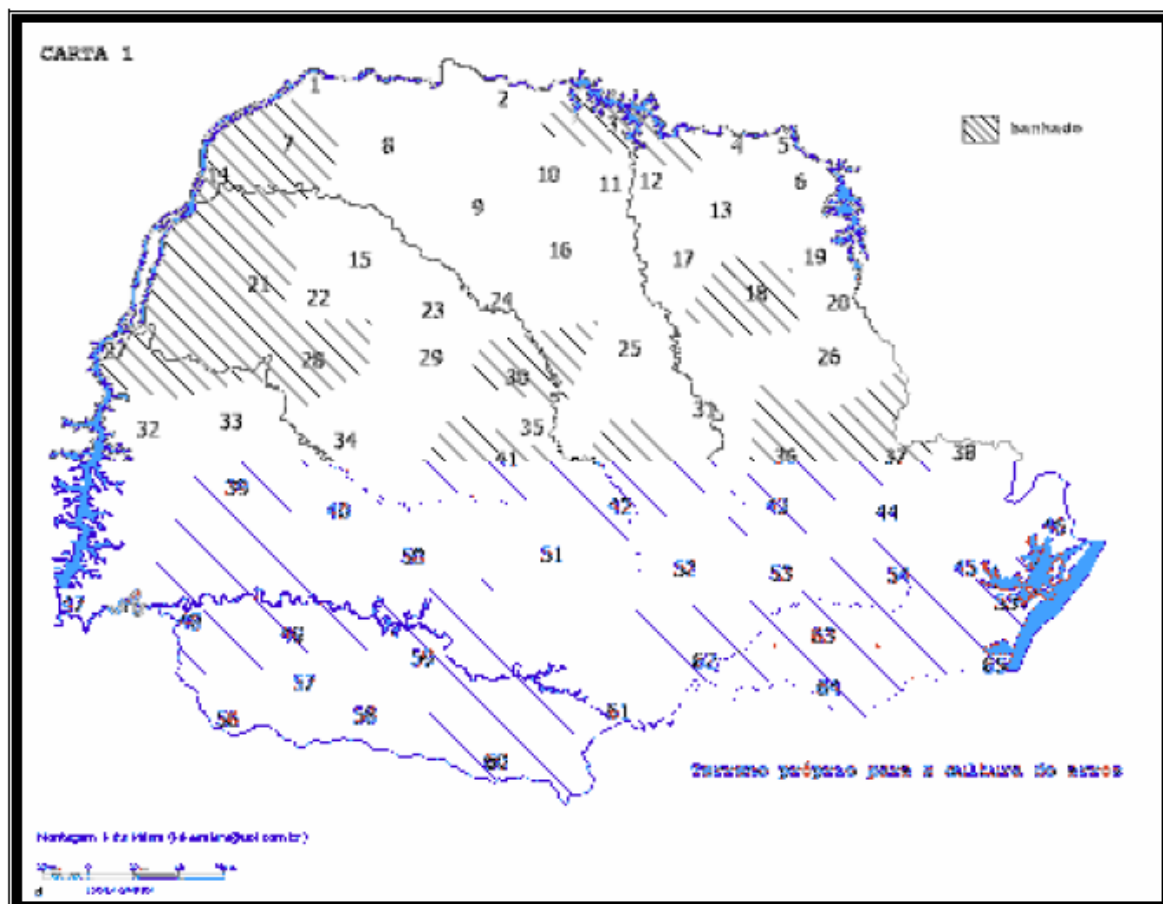


Figura 15 – Carta 1 de Em busca de uma história para o léxico rural paranaense (2007)

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Esta tese tem como orientação o método geolingüístico e o dialetométrico. Sobre o método geolingüístico ou Geografia Lingüística, Coseriu (1987, p. 79) orienta:

na terminologia técnica da lingüística atual, a expressão 'geografia lingüística' designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo que chegou a ter extraordinário desenvolvimento em nosso século [séc. XX], sobretudo no campo românico, e que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas lingüísticas (fónicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou que, pelo menos, tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados.

Segundo Montes Giraldo (1987, p.81), "la geografía lingüística representa una reacción contra la rigidez de la doctrina de los neogramáticos." Ela busca a realidade na língua falada não reduzindo sua investigação a textos escritos, mas buscando os diferentes aspectos da evolução e funcionamento de uma língua nas diversas regiões e nos diferentes níveis sociais.

Também sobre a Geolingüística, Brandão (1991, p.15) assinala:

A geografia lingüística representa o coroamento de uma linha de investigação científica - o comparativismo - que, já bem desenvolvida, buscava o pleno conhecimento dos mecanismos de alteração e funcionamento das línguas, por meio de procedimentos metodológicos tão eficazes quanto rigorosos.

Já a Dialetometria surgiu no final da década de 60 do século passado, preconizada por Séguy que efetivamente utilizou o método dialetométrico no Atlas Linguistique de la Gascogne - ALG, em 1973⁵⁷. Esse método quantitativo que, segundo Saramago (1987, p. 491), "permite o máximo aproveitamento da informação contida num atlas lingüístico, de modo a relacionar duas localidades ou um conjunto de localidades", tem como objetivo mostrar, em um conjunto de dados empíricos, os padrões e as estruturas de agrupamentos impossíveis de

⁵⁷ Cf. Saramago (1987, p. 491)

detectar pela análise individual de cada um dos mapas lingüísticos. É um método que, aplicado à Geolingüística, permite abordar uma enorme quantidade de dados; ela auxilia na obtenção de uma visão geral da variação geográfica das línguas, na busca de padrões de variação.

Segundo Goebel (1981, 351), "la dialectométrie constitue un amalgame bidisciplinaire réunissant les apports de la géolinguistique et de la taxonomie (ou taxinomie) numérique"⁵⁸. Para Fernández (s/d)⁵⁹, a dialetometria é a análise dos dados dialetais para uma imagem de síntese da variação espacial, é a análise numérica e quantitativa da Dialetologia. É precisamente o método proposto por Goebel⁶⁰ que se adota para este estudo introdutório.

Na Dialetometria busca-se o grau de semelhança ou de diferença lingüística entre os pontos (ou localidades) de um atlas, tendo como hipótese que o grau de aproximação ou de afastamento lingüístico é proporcional ao número de fenômenos que lhe são comuns ou distintos⁶¹.

2.1 ELABORAÇÃO DAS CARTAS DO ALPR II

2.1.1 Considerações Sobre o Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR⁶²

No Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR, Aguilera (1994) objetivou cartografar as variantes lexicais, as variantes fonéticas, a delimitação de isoglossas, além de organizar um glossário. Quanto a esse último, quando da publicação do

⁵⁸ "A Dialetometria constitui um amálgama bidisciplinar resultante da contribuição da Geolingüística e da taxionomia numérica". Cf. Goebel (1981, p. 351 - 420): *Éléments d'analyse dialectométrique (avec application à l'ALS)*.

Ainda sobre o termo, Goebel (1976b, p. 282) nas notas do seu trabalho transcreve um excerto sobre o termo dialetometria.

Segundo Ségué (1973/1, 1), *C'est sans le moindre scrupule que nous écrivons le néologisme dialectométrie. Aux choses nouvelles de mots nouveaux... Puisque une économétrie, une sociométrie et une jurimétrie figurent déjà l'état civil des sciences humaines, rien ne s'oppose au baptême et à l'inscription de la dialectométrie.*

⁵⁹ <<http://web.usc.es/~fgxsousa/pdf/adialectometria.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2005.

⁶⁰ Dois outros métodos foram propostos: o método de Ségué e o de Henri Guiter, conforme assinala Saramago (1987, p. 491 ss).

⁶¹ Cf. Goebel, 1987.

⁶² O ALPR está descrito também no capítulo 3.

ALPR, a pesquisadora optou por adiar sua apresentação para ampliação e revisão dos verbetes.

Como resultado daquele estudo, a autora apresenta 191 cartas geolingüísticas, que contemplam - ao lado das cartas necessárias para a localização e informações relevantes à pesquisa - cartas lingüísticas sobre itens lexicais e aspectos fonéticos, acompanhadas de notas explicativas das variantes registradas; cartas de possíveis isoglossas que se podem traçar sobre a linguagem paranaense. Aguilera⁶³ verificou, por exemplo, a manutenção, no vocabulário ativo de falantes rurais, de unidades lexicais como **burcão** para nuvem escura, e de **dente queiro** para o dente molar, heranças do português peninsular quinhentista, ou **inconha** para bananas grudadas, vocábulo de basco e tupi. Como exemplo da pluralidade de designações, onde coocorrem variantes das normas culta e popular regional, destacam-se: **barriga, útero, mãe-do-corpo** e **ventre**, designações para útero; ou **setra, bodoque, estilingue, funda** e **atiradeira**, para estilingue.

A metodologia do ALPR foi norteadada pela Dialectologia tradicional, postulada por Cunha e Silva Neto, no II Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros (1957) e por Nascentes (1958 e 1961) que, após algumas adaptações à realidade histórica e regional, apresentou-se da seguinte forma:

2.1.1.1 A escolha da Rede de Pontos

O Estado do Paraná, apesar de industrializado e bastante desenvolvido, conserva ainda lugares onde o progresso e a modernidade ou não conseguiram chegar ou se processam lentamente. Foram selecionadas 65 localidades no estado, seguindo inicialmente as sugestões postuladas por Nascentes (1958, p. 21) e feitas as adaptações "levando-se em conta fatores etno-geo-históricos de cada um, aí incluindo a data de fundação" (AGUILERA, 1998b, p. 108). As localidades foram numeradas de 1 a 65, dispostas no sentido oeste-leste e do norte para o sul, como mostra o quadro 3.

⁶³ Cf. Aguilera, 1994b.

1- Diamante do Norte	17- São Jerônimo da Serra	33- Assis Chateaubriand	49- Dois Vizinhos
2- Santo Inácio	18- Ibaiti	34- Campina da Lagoa	50- Laranjeiras do Sul
3- Primeiro de Maio	19- Siqueira Campos	35- Manoel Ribas	51- Guarapuava
4- Bandeirantes	20- São José da Boa Vista	36- Castro	52- Irati
5- Cambará	21- Umuarama	37- Cerro Azul	53- Palmeira
6- Jacarezinho	22- Cruzeiro do Oeste	38- Adrianópolis	54- Curitiba
7- Loanda	23- Peabiru	39- Cascavel	55- Paranaguá
8- Paranaíba	24- S Pedro do Ivaí	40- Guaraniaçu	56- Barracão
9- Maringá	25- Ortigueira	41- Pitanga	57- Francisco Beltrão
10- Jaguapitã	26- Jaguariaíva	42- Prudentópolis	58- Pato Branco
11- Londrina	27- Guairá	43- Ponta Grossa	59- Manguaçu
12- Jataizinho	28- Goio-erê	44- Rio Branco do Sul	60- Palmas
13- Ribeirão do Pinhal	29- Campo Mourão	45- Antonina	61- União da Vitória
14- Querência do Norte	30- Ivaiporã	46- Guaraqueçaba	62- São Mateus do Sul
15- Cianorte	31- Tibagi	47- Foz do Iguaçu	63- Lapa
16- Apucarana	32- Marechal Cândido Rondon	48- Capanema	64- Rio Negro
			65- Guaratuba

Quadro 3 – Rede de Pontos do ALPR – (nº. do ponto e localidade)

2.1.1.2 O instrumento de pesquisa

A importância dos questionários estruturados para a pesquisa dialetológica há muito é reconhecida pelos dialetólogos e geolinguistas. Seu uso permite a homogeneização dos procedimentos de coleta de dados necessária à pesquisa dentro dos moldes científicos, restringindo os contextos de uso de determinados fonemas, por exemplo, ou permitindo a identificação do uso lexical.

Os primeiros atlas regionais (o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, por exemplo) não puderam contar com um referencial de questionários nacionais para a

elaboração do instrumento de coleta de dados. Hoje, os estudiosos contam com a experiência de outros geolinguistas, cada qual podendo adotar ou adaptar, pela comparação, o instrumento mais adequado à sua pesquisa.

A elaboração do instrumento de coleta de dados para o ALPR⁶⁴ foi norteada pelo questionário do ALESP - *Atlas Lingüístico do Estado do São Paulo* (CARUSO, 1983), adotado pela pesquisadora quanto ao elenco dos conceitos e ao modo de formulação das questões. Após testagem inicial, o questionário sofreu alterações com acréscimo e supressão de algumas questões, para chegar ao questionário definitivo utilizado nas entrevistas do ALPR, que ficou assim estruturado:

Campo semântico	Subcampos Semânticos	Questões
TERRA	Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo.	01 a 58
	Flora: árvores, frutos, etc.	59 a 103
	Fauna (Aves, Pássaros, Animais Etc.).	104 a 155
Homem	Partes do corpo, funções, doenças, etc.	156 a 262
	VESTUÁRIO E CALÇADOS	263 a 276
	Agricultura, instrumentos agrícolas, etc.	277 a 305
	Brinquedos infantis, etc.	306 a 318
	LENDAS E SUPERSTIÇÕES	319 a 325

Quadro 4 – Estrutura do questionário do Atlas Lingüístico do Paraná

2.1.1.3 Da aplicação do instrumento de pesquisa

EQUIPE DE PESQUISA

Contribuíram para a coleta de dados como inquiridores:

Rita de Cássia Paulino: graduada em Letras e Jornalismo e mestre em Língua Portuguesa, realizando 4 entrevistas;

⁶⁴ O Questionário utilizado encontra-se descrito na íntegra nos anexos desta tese.

Elaine Cristina Fabris: graduada em Letras, com 19 entrevistas;

Ivone Lima: professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássica, com 6 entrevistas;

Vanderci de Andrade Aguilera: autora do primeiro volume do ALPR, com 91 entrevistas.

Em 10 localidades, colaboraram estudantes de Letras da Universidade Estadual de Londrina.

Os inquéritos foram realizados entre 1985 e 1989.

INFORMANTES

Para a seleção dos informantes, estabeleciam-se critérios baseados em Nascentes (1958) e na Dialetologia tradicional (com Silveira Neto, Coseriu, Alvar), em que se postula a necessidade de boa dicção, de saber responder com desembaraço, entre outros, aos quais foram acrescentados alguns dos conceitos que contemplam, além da dimensão diatópica, a diastráxia (THUN, 1998). Em cada ponto lingüístico, os informantes foram selecionados atendendo ao seguinte perfil:

Nível de instrução: foram entrevistados informantes com baixa ou nula escolaridade, a fim de obter dados mantidos na fala dos moradores sem a influência direta da escola.

Tempo de residência, profissão e relacionamentos: os informantes deveriam morar na localidade, preferencialmente desde o nascimento; ou ter vivido nela a maior parte de sua vida, se relacionar quase que integralmente com pessoas nascidas na localidade, ser ou ter sido agricultor, não ter viajado e, o homem, não ter feito o serviço militar.

Faixa etária⁶⁵: de 30 a 60 anos.

Sexo: em cada localidade foram entrevistados, sistematicamente, um homem e uma mulher.

⁶⁵ Alguns informantes estavam fora da faixa etária estipulada na metodologia do ALPR (1994). São eles: i) informante A do ponto 14 - Querência do Norte - com 27 anos; ii) informante B do ponto 28 -

A amostra é constituída de 130 informantes, dois em cada um dos pontos estudados, cujos dados pessoais constam das fichas dos informantes (no volume de apêndices e anexos).

A ENTREVISTA

A metodologia utilizada foi a da entrevista estruturada com perguntas, em sua maioria, indiretas - método onomasiológico⁶⁶, que abordavam questões lingüísticas e as implicações sócio-históricas coocorrentes. Importa registrar que, a exemplo de outros atlas, quando não se obteve a resposta, a pesquisa previa o teste de identificação direta ao final da entrevista que foram realizadas, em sua maioria, na residência do informante. Em algumas delas, foi preciso recorrer a outros locais, tais como, salas na Prefeitura do município, no Departamento de Educação e, por vezes, na casa do intermediário ou até mesmo locais ao ar livre.

O MATERIAL

Para a realização das entrevistas foram utilizados os gravadores portáteis Sanyo M-1660 - F e Panasonic - RQ 2234, cassete movido a corrente alternada e a pilhas, com microfone acoplado; fitas cassetes de sessenta minutos, das marcas Basf, Scotch e TDK.

Goio-erê - com 28 anos; iii) informante A do ponto 59 - Mangueirinha - com 62 anos.

⁶⁶ Segundo Câmara Jr. (1981, p. 182), o método de pesquisa onomasiológico “consiste em reunir as expressões de que dispõe uma língua para traduzir determinada noção”. No caso do questionário do ALPR, por exemplo, na questão 6, pergunta-se: “Como se chama aquela construção, feita de madeira ou cimento armado, que a gente usa para atravessar um rio de um lado para outro?”, para chegar ao registro das variantes para ‘ponte’.

O REGISTRO

O *corpus* coletado foi transcrito grafematicamente, com os seguintes critérios:

- i) a manutenção da fala do informante com marcações de elementos de linguagem oral, como superposições, ruídos, truncamentos, comentários do inquiridor, pausas, etc.;
- ii) a fala do inquiridor foi transcrita de acordo com a norma padrão, dentro das convenções ortográficas, independentemente das realizações efetivamente ocorridas, por não haver interesse no estudo do desempenho lingüístico do inquiridor.

A transcrição fonética seguiu o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com algumas adaptações exigidas pela utilização da máquina de datilografia IBM.

AS CARTAS

Para a cartografia dos dados do Atlas Lingüístico do Paraná (AGUILERA, 1994), inicialmente foram selecionados os vocábulos com o maior número de ocorrências. A partir das transcrições ortográficas fez-se inicialmente "um levantamento de cerca de 250 vocábulos que apresentaram alguma variação, lexical ou fonética, significativa do ponto de vista dialetológico" (AGUILERA, 1990, p. 145). Seguiu-se a essa primeira seleção, a composição de um rol de 146 vocábulos-tema. Para o acervo lexical, levaram-se em conta as cartas do atlas até então publicados - Bahia, Sergipe, Minas Gerais e Paraíba, "com o fim de expor os temas coincidentes nas cartas do ALPR." (AGUILERA, 1990, p. 146). Para as cartas fonéticas, foram levantadas as prováveis mudanças fonéticas que servissem de embasamento para o estudo dos sons produzidos com obstrução total à passagem de ar (contóides) e os produzidos sem a obstrução à passagem de ar (vocóides).

A apresentação das cartas no ALPR (1994) está assim sistematizada: i) cartas lexicais (1 a 92), correspondendo a setenta questões, ii)

cartas fonéticas (93 a 162), correspondem do a cinquenta e seis questões e iii) cartas isoglóssicas, ou sintáticas (163 a 191). As cartas (lexicais e fonéticas) foram apresentadas com as notas explicativas das variantes registradas. Antecedendo as cartas geolingüísticas, encontram-se as seguintes cartas: iv) do Paraná no Brasil; v) das microrregiões do estado; vi) dos pontos lingüísticos e municípios sugeridos por Nascentes (1958, p.21); vi) dos pontos lingüísticos do ALPR com o nome dos municípios; vii) da população em 1960 e 1980; e viii) do nome das entrevistadoras.

Nesse trabalho, Aguilera pôde inventariar as formas lingüísticas de maneira a fornecer uma visão panorâmica da linguagem no estado do Paraná. Foram estudadas algumas realizações fonéticas, apresentadas variantes lexicais e estabelecidas isoglossas, dando início aos trabalhos geolingüísticos sistematizados no estado, mais especificamente os desenvolvidos posteriormente por alunos da Universidade Estadual de Londrina.

Para a representação das falas dos informantes, a autora adotou os símbolos ♂ para o informante masculino e ♀, para o feminino. Quando os dois informantes de uma localidade apresentavam a mesma resposta, registrou apenas o círculo (○) com a cor referente à variante. No canto superior direito da carta imprime-se a legenda em que são registradas as variantes obtidas em ordem de frequência (do maior para o menor número de ocorrências). O número da questão no questionário vem apresentado entre parênteses logo abaixo do nome da carta, que aparece no canto inferior direito. Na base do retângulo que contém a carta aparecem, do lado esquerdo, a identificação "Atlas Lingüístico do Paraná" e, do lado direito, o número da carta. A carta 10 - designações para o 'caminho do gado no pasto', apresentada a seguir, é um exemplo da cartografia utilizada no ALPR.

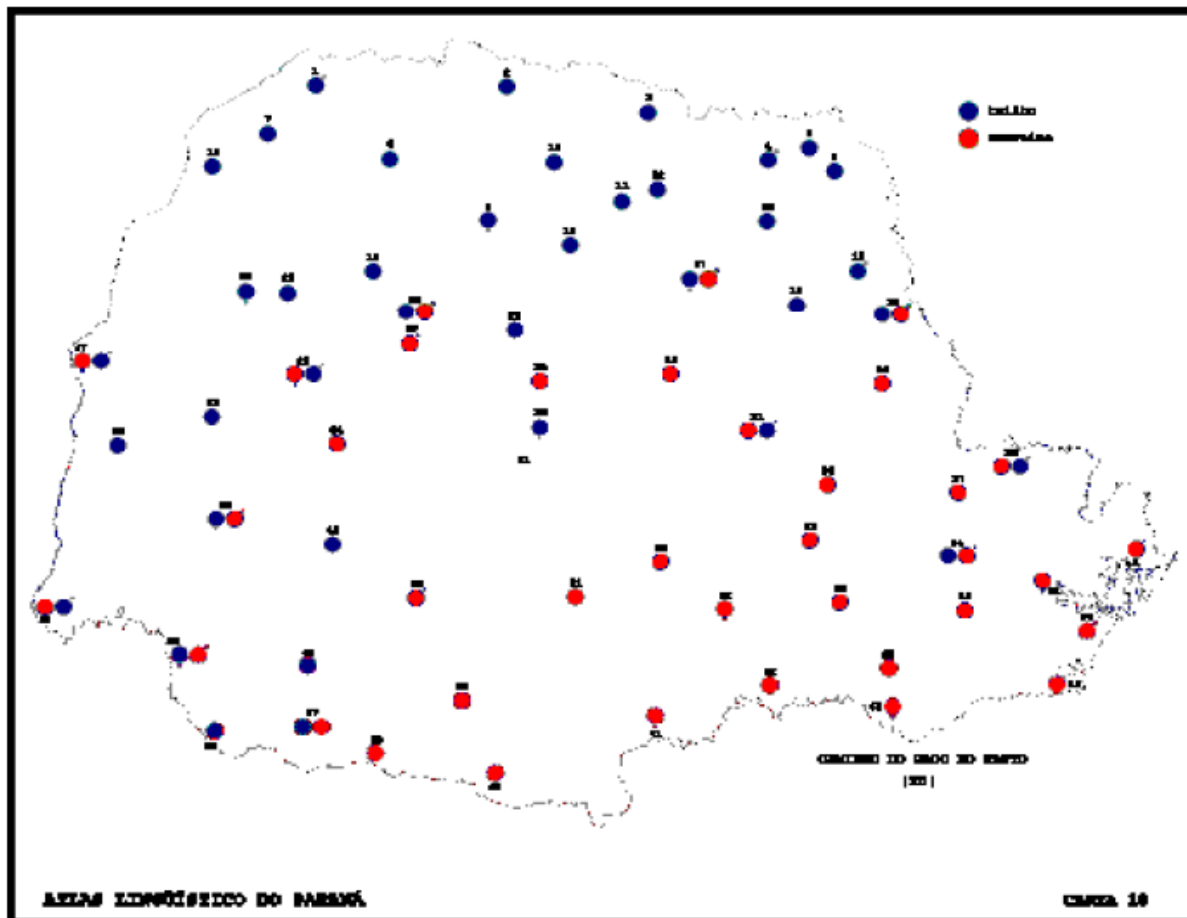


Figura 16 – Carta 10 do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (1994)

2.1.2 O Atlas Lingüístico do Paraná - ALPR II: organização do *corpus*

Os documentos coletados por Aguilera (1985 - 89), armazenados em forma de gravação e material escrito, têm servido de fonte de dados para diversas pesquisas científicas realizadas na Universidade Estadual de Londrina, desenvolvidas por alunos de graduação e de pós-graduação - lato e stricto sensu. Porém, boa parte desse corpus ainda não havia sido sistematizada e apresentada para o acesso à comunidade em geral.

Peça fundamental para a execução do trabalho desenvolvido, os procedimentos metodológicos desta pesquisa, de cunho descritivo, consiste no registro dos dados já coletados por Aguilera (1985 - 89), e seguiram as etapas apresentadas.

2.1.2.1 Seleção das questões: o recorte do *corpus*

A elaboração e a publicação do ALPR (1994) contemplaram um recorte no *corpus* coletado. Os quadros 4, 5 e 6 trazem o número de perguntas do questionário aplicado, apresentando as áreas observadas na totalidade do *corpus*. Apresenta, ainda, o percentual de itens cartografados, as questões que foram contempladas em mais de uma área de estudo e os itens inéditos, esses últimos, objeto deste trabalho.

Total de questões do questionário aplicado	Questões cartografadas	Percentual de questões cartografadas	Questões inéditas	Percentual de questões inéditas
325	131	40%	194	60%

Quadro 5 – Número total de questões utilizadas no ALPR

Áreas semânticas		Total de questões	Questões cartografadas	Questões inéditas	
				Total	Percentual
T E R R A	Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo.	58	35	23	7 %
	Flora, árvores, frutos.	29	17	12	4 %
	Plantas medicinais.	16	12 ⁶⁷	04	1 %
	Fauna: aves, pássaros, outros animais.	52	26	26	8 %
H O M E M	Partes do corpo, funções, doenças.	107	23	84	26 %
	Vestuário e calçados.	14	02	12	4 %
	Agricultura, instrumento agrícolas.	29	08	21	6 %
	Brinquedos e jogos infantis.	13	07	06	2 %
	Lendas e superstições.	07	0	07	2%
Total		325	130	195	60%

Quadro 6 – ALPR – Demonstrativo específico da cartografia e questões inéditas

Questões	Cartas	Cartas	Cartas	Cartas
	lexicais	fonéticas	isolexicais	isofônicas
03, 20, 37, 76, 77, 80, 89, 91, 104, 107, 111, 198, 253, 306, 316	X		X	
06, 24, 27, 71, 94, 141, 258, 296		X		X
32, 38, 48, 112, 123, 148, 177, 213, 227, 294	X	X		
34, 43, 125	X	X	X	
228	X	X	X	X

Quadro 7 – Questões contempladas em mais de uma área de estudos

⁶⁷ Das 16 questões do campo semântico das plantas medicinais, 5 foram cartografadas no primeiro volume do ALPR. São elas: cravo, hortelã e alecrim (cartas fonéticas); erva-cidreira – desdobrada em capim-cidreira e erva-cidreira – e camomila (cartas lexicais); 7 foram cartografadas por Souza (2005). São elas: 088 – erva-doce; 090 – erva-de-santa-maria; 093 – sabugueiro; 098 – arruda; 099 – ipê; 101 – rubim; 102 – guiné, totalizando 12 questões cartografadas.

O ALPR II retoma os dados registrados pela pesquisadora na ocasião, mas que não foram contemplados no primeiro volume do atlas. As questões inéditas, 54% do questionário aplicado, são o objeto desta tese de doutoramento.

Algumas questões, no entanto, não foram objeto desta tese por serem questões abertas e / ou não permitirem a sistematização necessária para a organização dos dados para a cartografia. Isso não inviabiliza, contudo, o seu estudo em trabalhos monográficos, por exemplo, que possam buscar outras metodologias adequadas aos objetivos traçados. São elas:

- 001 – Tipos de terreno;
- 058 – Meses do ano;
- 082 – Qualidades de mamão;
- 083 – Qualidades de limão;
- 097 – Outros temperos para comida;
- 132 – Variedades de cobras;
- 149 – Variedades de peixes;
- 277 – Qualidades de arroz;
- 282 – Qualidades de milho;
- 289 – Qualidades de café;
- 293 – Qualidades de feijão;
- 301 – Cavadeira (variedades).

Também as questões de 319 a 325 - narrativas de experiências pessoais e lendas - não foram abordadas neste estudo. Essas questões são ricas, tanto para o estudo dialetológico quanto para o sociolinguístico, por exemplo, e devem ser tratadas de forma mais exaustiva em estudos específicos. Um exemplo é o trabalho "O baetátá existe realmente?" (AGUILERA, 2004) que analisa algumas narrativas orais do *corpus* do ALPR, sobre a lenda do boitatá ou a crença no baetátá registradas na questão 319 - Boitatá / baetátá (O senhor conhece alguma história sobre boitatá). Outro trabalho é o de Aguilera e Santos (2005) que analisou as respostas obtidas na questão 320 - Caipora / capora (O senhor conhece alguma história sobre caipora?).

Sobre as entrevistas realizadas para a constituição do *corpus* do ALPR, vale ressaltar que se buscou o resgate do material fonográfico, bastante

utilizado em trabalhos acadêmicos. O acervo conta com os originais em fitas K7 e cópias em MD. Duas localidades, devido ao grande manuseio do material, tiveram suas fitas originais extraviadas, é o caso de Diamante do Norte (ponto 1) e Cambará (ponto 5). As demais gravações encontram-se no acervo sonoro da sala 169, do Instituto de Referência do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina.

2.1.2.2 Tratamento e análise dos dados inéditos

Passados quase 20 anos da coleta de dados feita para a constituição do *corpus* para o ALPR, o estudo dos dados coletados anteriormente à consecução desta tese facultava possibilidades que o diferenciam da primeira edição do Atlas. Fatores determinantes para a pesquisa dialetológica por meio do método geolingüístico e do estudo dialetométrico, o embasamento teórico para a análise dos dados neste estudo e a apresentação cartográfica, ofereceram outras probabilidades de leitura do *corpus*.

Assim, os elementos léxico-semânticos, coletados e transcritos nas entrevistas para o ALPR, foram tratados à luz da teoria dialetométrica, o que permitiu a análise dos elementos que interferem e modificam a linguagem⁶⁸.

Os dados reunidos para este atlas foram sistematizados em um glossário que abrangem os registros das cartas lexicais que, terminado o levantamento, chegou-se ao número de 1.036 registros, cujo significado foi apurado em duas obras: i) Dicionário Moraes Silva (1813); ii) Dicionário eletrônico Houaiss (2001). O Glossário da tese de Aguilera (1990, p.162) em que constam "os termos cuja forma/ou significados eram estranhos à linguagem urbana, ou pouco conhecidos neste contexto", serviu para a verificação da existência da variante. Espera-se com o glossário registrar variantes lexicais paranaenses que podem não ter sido ainda referidas em trabalhos lexicográficos.

⁶⁸ Para o conhecimento dos fundamentos da análise dialetométrica, torna-se imprescindível sinalizar a contribuição recebida da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - pelos recursos oferecidos sob a forma de bolsa sanduíche que possibilitaram o estágio realizado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob a orientação do Dr. João Antonio das Pedras Saramago, especialista em Dialetometria.

Apresentação das cartas

A exemplo do ALPR (1994), as cartas apresentam informações semântico-lexicais, fonético-fonológicas e ocorrências únicas sobre as variantes registradas nos 65 pontos de estudo. A visualização das cartas (impressas) foi realizada em programa informatizado.

Manteve-se a sistematização da cartografia dos dados - disposição dentro da carta, símbolos para designar os informantes (homens e mulheres) - e seguindo o modelo apresentado por Cardoso (2005c) no segundo volume do Atlas Lingüístico de Sergipe - ALSE II⁶⁹, inclui-se no mapa base da carta a indicação dos maiores rios do estado, o gráfico de freqüências de respostas de homens e mulheres e a escala geográfica. O volume de cartas ficou, assim, sistematizado: cartas introdutórias, 125 cartas lexicais e 50 fonéticas referentes às questões inéditas do *corpus* coletado para o Atlas Lingüístico do Paraná (1994). As cartas desse volume são mistas, ou seja, assinala-se a resposta com um símbolo próprio a cada variante. (MONTES GIRALDO, 1987, p. 106). As cartas 18 e 197 retiradas do ALPR (1994) e ALPR II, respectivamente, mostram a continuidade na apresentação das variantes.

⁶⁹ O ALERS tem uma apresentação visual semelhante ao do ALSE II.

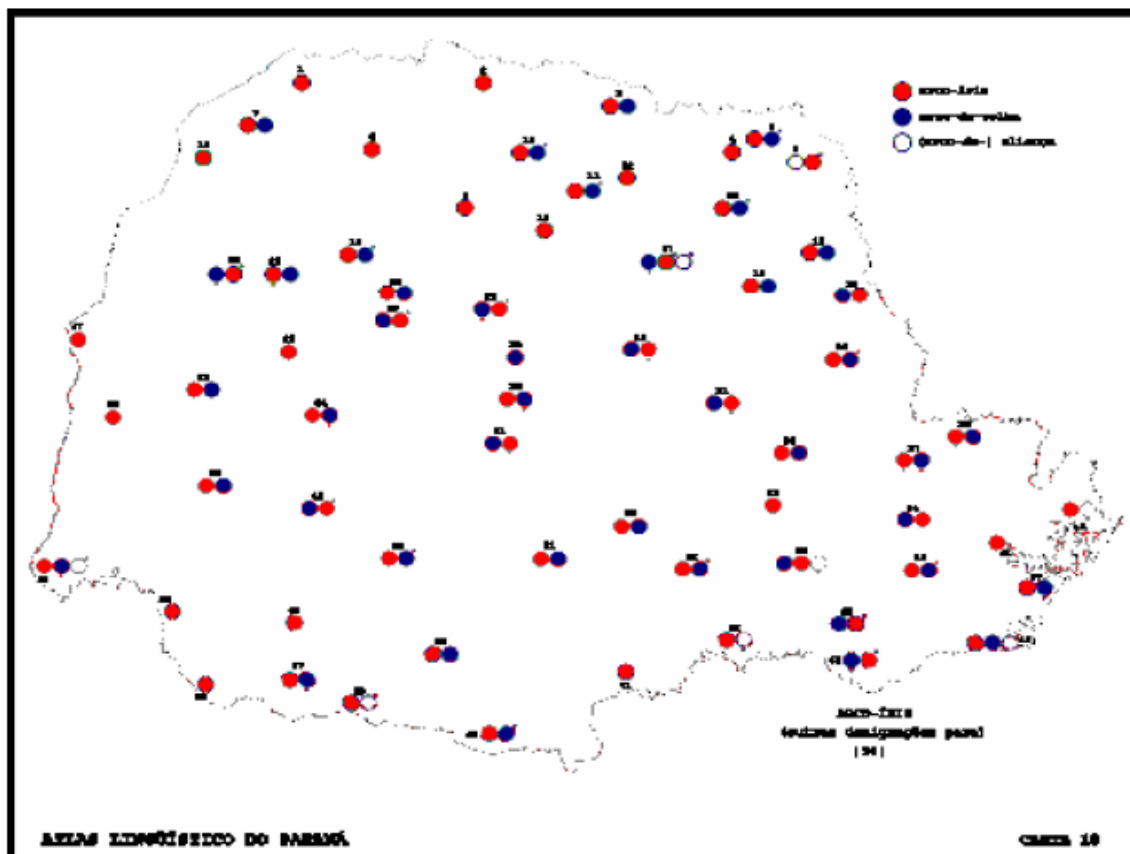


Figura 17 – Carta 18 do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR (1994)

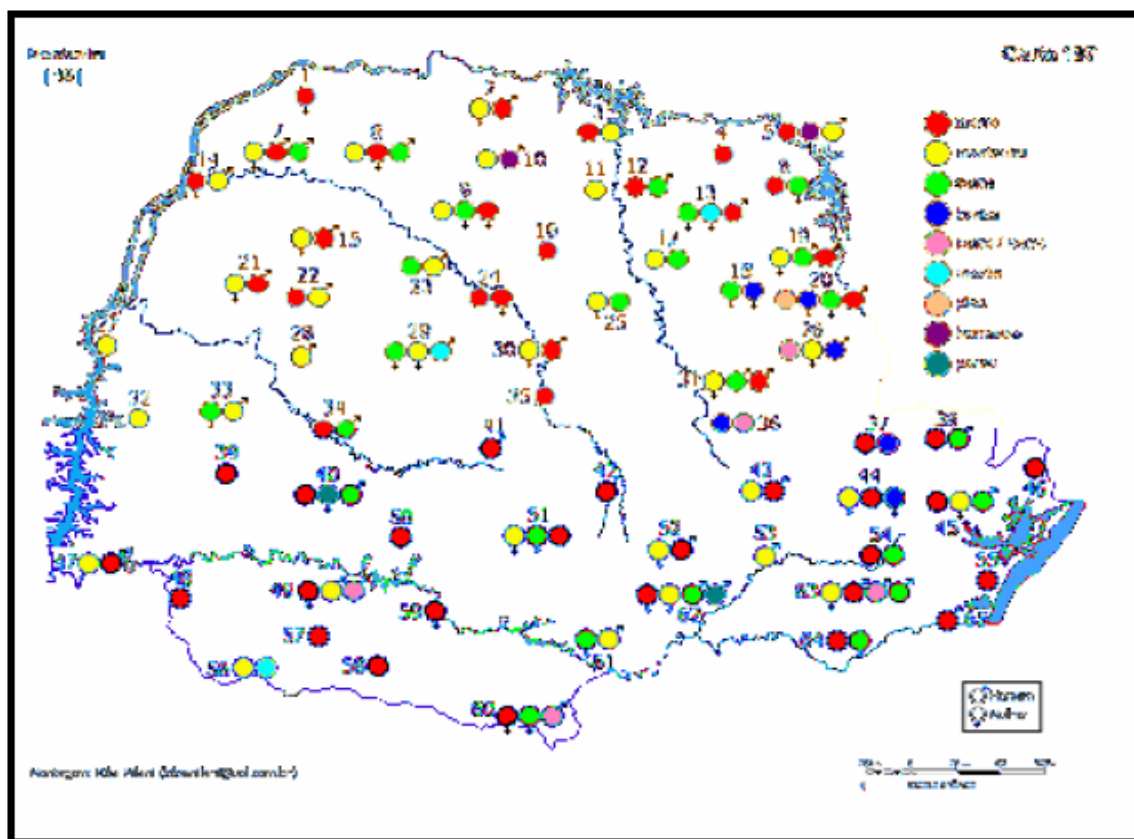


Figura 18 – Carta 197 do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II

Em cada carta, os dados estão dispostos da esquerda para a direita, informando: i) título correspondente ao conceito estudado; ii) número da questão elaborada para o questionário; iii) número da carta a que se referem os dados; iv) dados coletados dispostos em cada localidade, de acordo com as respostas dos informantes; v) legenda: os itens (lexicais ou fonéticos) constantes da legenda estão em ordem de frequência representados nas cores: vermelha para a maior frequência e, progressivamente, amarela, verde, azul, rosa e azul claro; vi) os itens são apresentados com os mesmos símbolos utilizados na cartografia do ALPR (1994): ♂ para o informante masculino e ♀, para o feminino; vii) a escala geográfica de 1 : 3 000 000.

As ocorrências únicas, gráfico de produtividade e tabelas das ocorrências, segundo a variável sexo, utilizando a cor azul para marcar os dados fornecidos pelos homens e a cor vermelho para as mulheres, encontram-se registradas na seqüência de cada carta que as precedem.

É preciso informar ainda que os espaços vazios indicam que a questão não foi formulada, ou que não se obteve resposta ou, ainda, que houve ocorrência única que, embora não cartografada, encontra-se registrada no verso das cartas anteriores a que corresponde. Os vocábulos não dicionarizados foram grafados entre aspas simples.

A revisão das entrevistas

As transcrições das entrevistas, revisadas e armazenadas em MD da marca Sony de 74 min, forneceram os dados, lexicais e fonéticos, necessários para a composição das cartas lingüísticas.

As revisões das transcrições gramaticais foram feitas por uma equipe formada para esse fim, que observou também o estado de conservação das gravações originais. Essa equipe foi constituída pela orientadora desta tese, Prof^a. Dr^a Vanderci de Andrade Aguilera, a Profa. Dra. Rosa Evangelina de Santana Belli Rodrigues, a doutoranda Fabiane Cristina Altino, autora desta tese, e da colaboradora Gleidy Aparecida Lima Milani.

Além de fornecer subsídios para a pesquisa em diversos projetos, um futuro banco de dados, formado pelas entrevistas realizadas por ocasião da coleta de dados para o ALPR, deverá oferecer, aos estudantes e pesquisadores da língua portuguesa, um instrumento de acesso a dados dialetológicos e geolingüísticos sobre a linguagem rural paranaense, divulgando o conteúdo das entrevistas realizadas para a constituição do *corpus* para o ALPR.

2.2 O MÉTODO DIALETOMÉTRICO

A Dialetometria utiliza-se dos dados fornecidos pela Dialetologia - dentro do método geolingüístico, tanto a tradicional quanto a pluridimensional. Segundo Fernández (s/d), a Dialetologia tradicional apresenta a distribuição regional das formas lingüísticas (áreas lingüísticas) em mapas ou em listagens. Parece, para

o autor, que os estudos das fronteiras dialetais não devem partir da simples observação do pesquisador. O estabelecimento de isoglossas é de caráter subjetivo e pode resultar em diferentes propostas de classificação dialetal de um mesmo território lingüístico. Em suma, o método da Dialectologia pode ser arbitrário e parcial, segundo o olhar desse teórico.

Ainda argumentando sobre o método da Dialectologia, Fernández (s/d, p.3-13) assinala:

aínda que sexa un procedemento subxectivo e aberto ás influencias, intereses e experiencias dos investigadores, debe recoñecerse tamén que este método de carácter cualitativo é unha das poucas estratexias que lle quedan ó investigador para darlle sentido á abundante e dificilmente manexable cantidade de datos que sobre a variedade xeográfica ofrecen os atlas lingüísticos⁷⁰.

A sistematização do método para o ALPR

Para o estudo dialetométrico dos falares paranaenses, utilizou-se o *corpus* recolhido na sua totalidade, ou seja, as questões cartografadas no ALPR e no trabalho de Souza (2005) - 131 questões, 46% dos dados recolhidos - e as questões inéditas - 194 questões, 54% do *corpus* -, que obedeceu às etapas relacionadas abaixo. O estudo dialetométrico foi efetivado nas relações entre cada par de pontos, o interponto. Goebel (1981 e 1983) postula que o interponto (IP) constitui-se no ponto médio do segmento que une cada par de pontos. Cada interponto tem duas funções: a função comunicativa, quando se analisam as semelhanças e a função discriminatória, quando se analisam as diferenças.

⁷⁰ [...] "aínda que sexa un procedemento subxectivo e aberto ás influencias, intereses e experiencias dos investigadores, debe recoñecer-se tamén que este método de carácter cualitativo é unha das poucas estratexias que resta ao investigador para dar sentido á abundante e dificilmente manexable cantidade de datos que a variedade xeográfica ofrece aos Atlas lingüísticos. Os atlas lingüísticos ofrecen sobre a variedade xeográfica" Cf. Fernández (s/d, pp. 13) *Aproximación á análise dialetométrica das variedades xeolingüísticas galegas: un estudo comparativo*.

Revisão e seleção do *corpus*

A seleção dos mapas de um atlas lingüístico, chamados pela Dialeto-metria de atributos, e a definição dos critérios, chamados de unidades classificatórias, compreendem as respostas em cada um dos atributos (mapas do atlas). Os critérios para a seleção das unidades classificatórias podem ser etimológico, morfosintático, lexical e/ou fonético.

Para este estudo foram agrupadas as respostas dadas pelos informantes, homens e mulheres, nos 65 pontos do ALPR, e buscou-se a distribuição diatópica das lexias registradas, tanto nas cartas do ALPR quanto nos dados inéditos do ALPR II. Assim, foram consideradas as respostas dadas pelos informantes da localidade, agrupando os registros. Para a investigação dos conceitos optou-se por analisar o léxico, haja vista o número de possibilidades lexicais sugeridas no questionário e verificadas nas entrevistas.

Dos 325 conceitos investigados foram selecionados 209 para se serem tratados à luz da dialeto-metria. Foram suprimidas as questões que contemplavam respostas abertas - lendas, superstições e narrativas pessoais (7 questões); questões que continham respostas não verificáveis, isto é, questões do instrumento de coleta de dados que não permitiam a observação imediata e irrefutável do referente. Por exemplo: **Quais os tipos de terreno que o(a) Sr.(a) conhece?** e **E quais os tipos de milho que o(a) sr(a) conhece?**⁷¹ (16 questões); e as com respostas com denominação única para o referente, como na questão 156 para as denominações para Cabeça: **Como se chama essa parte aqui? (Apontar)** (93 questões).

Tabulação e codificação dos dados

As questões selecionadas das 65 localidades foram tabuladas no programa Excel. Para cada referente investigado adotou-se um código numérico

⁷¹ Respectivamente, questões 1 e 282 do questionário.

para as respostas obtidas (taxonomia numérica ⁷²), em que estão anotadas as variantes registradas para cada conceito e o resumo por lexia encontrada traz o ponto em que ela foi registrada, como segue o exemplo nos quadros 8 e 9. No quadro 8, estão relacionadas as respostas dos informantes de cada ponto de inquérito. Desta forma, como exemplo, na localidade 12 (Jataizinho) registra-se a variante *córrego*, representada pelo código numérico 1. No quadro 9, tem-se o resumo do quadro 8, ou seja, estão dispostas, de um lado, as variantes (*córrego* - 1 - *lajeado* - 8 - etc.) e, de outro, as localidades em que se registram tais variantes. Desse procedimento tem-se a base de dados que subsidiou a análise dialetométrica.

03 – Rio pequeno – (Terra – Natureza, fenômenos atmosféricos, astros e tempos, etc.)						Informações sobre a pergunta no questionário.
Como se chama um rio pequeno, com uns dois metros de largura?						
Localidade	Código	Localidade	Código	Localidade	Código	Código atribuído às respostas dadas.
1	1	24	1	47	1	
2	1	25	1	48	5	
3	1	26	2	49	0	
4	1	27	4	50	4	
5	2, 1	28	1	51	5	
6	1	29	1	52	5, 6	
7	1	30	9	53	4	
8	0	31	4	54	3	
9	1	32	5	55	2	
10	3, 6	33	1, 10	56	5	
11	2, 1	34	1	57	5, 8	
12	1	35	4, 2	58	5	
13	7, 1	36	2, 11	59	4, 8, 12	
14	1	37	2	60	5	
15	2, 1	38	1	61	4	
16	1	39	5	62	4	
17	1	40	4	63	4	
18	1	41	4	64	4	
19	8	42	4	65	2	
20	2	43	10			
21	1	44	2			
22	1	45	3			
23	6	46	10			

Quadro 8 – Exemplo de sistematização dos dados – registro

⁷² A análise taxonômica também pode ser denominada como classificação numérica, análise tipológica ou classificação automática.

Código	Resposta	Rede de Pontos
0	Não resposta	8, 49
1	Córrego	1, 2, 3, 4, <u>5</u> , 6, 7, 9, <u>11</u> , 12, <u>13</u> , 14, <u>15</u> , 16, 17, 18, 21, 22, 24, 25, 28, 29, <u>33</u> , 34, 38, 47
2	Ribeirão	<u>5</u> , <u>11</u> , <u>15</u> , 20, 26, <u>35</u> , <u>36</u> , 37, 44, 55, 65
3	Rio pequeno	<u>10</u> , 45, 54
4	Arroio	27, 31, <u>35</u> , 40, 41, 42, 50, 53, <u>59</u> , 61, 62, 63, 64
5	Sanga	32, 39, 48, 51, <u>52</u> , 56, 57, 58, 60
6	Água	<u>10</u> , 23, <u>52</u>
7	Rio	<u>13</u>
8	Lajeado	19, <u>57</u> , <u>59</u>
9	Mina	30
10	Riacho	<u>33</u> , 43, 46
11	Olho d'água	<u>36</u>
12	Passo	<u>59</u>

Síntese dos dados apresentados. Os pontos sublinhados registram duas ou mais lexias para o mesmo referente.

Quadro 9 – Exemplo de sistematização dos dados - resumo

Para a apresentação, seguiu-se o modelo sugerido por Saramago (1986) para a exposição da matriz dos dados, constantes no CD-ROM apresentado em forma de encarte.

Contagem do número de semelhanças e de diferenças e segunda seleção:

Após a escolha dos critérios e a determinação das variantes, fez-se a quantificação das semelhanças, designadas co-identidades (COI), da qual se retirou o índice de semelhança existente entre dois pontos, denominado índice relativo de identidade (IRI). As diferenças e co-diferenças (COD) perfizeram o índice relativo de distância (IRD).

Para essa etapa foram tabulados os dados em planilhas do programa Excel⁷³ em que foram anotadas as diferenças e as semelhanças lexicais de um ponto de estudo para outro. Desse modo, um ponto lingüístico estudado teve seus registros lexicais confrontados com os das demais localidades (as outras 64 cidades). Para a comparação dos conceitos registrados entre os pares de pontos, utilizou-se um sistema binário: para os conceitos coincidentes, adotou-se o código '0' e para os não coincidentes, '1'. As não respostas não foram anotadas. Assim,

⁷³ Ver quadro 9: Dados confrontados - relação entre os pontos.

obteve-se, a partir dessa segunda tabulação, uma observação geral dos conceitos com o número elevado de não respostas, alvo da segunda seleção.

O índice estabelecido de não resposta teve como parâmetro o trabalho realizado por GOEBL (2003, p.65), em que são assinalados 6% para a taxa de não resposta. Segundo ele,

Nous n'avons taxé que des planches - ALF aussi complètes que possible tout en écartant celles qui, sur le total des 638 réponses théoriquement possibles, disposent de moins de 600 entrées transcrites et pourtant utilisables: ceci pour minimiser le danger de distorsions numériques qui résulteraient inévitablement de la prise en compte taxométrique de cartes d'atlas par trop lacunaires⁷⁴.

Para o trabalho com os dados do ALPR e do ALPR II, foi estabelecida a taxa de 4,5% para a não resposta, ou seja, em um universo de 130 possibilidades de resposta para cada referente⁷⁵, o índice máximo a ser considerado foi de 5 não respostas por conceito. O número de questões selecionadas chegou, assim, a 148 atributos, ou seja, questões a serem analisadas pela Dialetometria, discriminadas no CD-ROM na seção de apêndices e anexos desta tese.

Cálculo das médias e inserção do algoritmo de intervalação

Os conceitos selecionados (148 questões) foram planilhados conforme as semelhanças (anotadas com 0) e as diferenças (1) entre os pontos. Desta forma, todas as localidades de inquérito tiveram seus dados confrontados com os dados dos demais pontos, como segue no exemplo no quadro 10. Neste quadro estão discriminadas as comparações entre as localidades; por exemplo, entre os pontos 1/65 - Diamante do Norte/ Guaratuba há um cotejo dos registros em cada um dos conceitos (relacionados na primeira coluna do quadro) estudados. Pode-se observar que entre estas duas localidades, citadas como exemplo, no conceito 3 (rio

⁷⁴ "Para a análise, foram apenas escolhidos os mapas que apresentavam um número aceitável de respostas no seu todo. Assim, foram eliminados todos aqueles que, num total de 638 respostas, teoricamente possíveis, não atingiram 600 entradas transcritas. Isto para minimizar o perigo de distorções numéricas que, inevitavelmente, resultariam, no processo taxométrico, da inclusão de mapas com demasiadas lacunas."

⁷⁵ É oportuno lembrar que o universo de informantes do ALPR é constituído de 2 informantes (1 homem e 1 mulher) em cada um dos 65 pontos inquiridos.

pequeno), há uma relação de diferença, uma vez que os informantes denominaram o acidente geográfico citado com variantes diferentes (como se pode constar nos quadros 8 e 9 acima) - córrego para a localidade 1 e ribeirão, na localidade 65.

É importante assinalar que o espaço vazio refere-se a não resposta, ou seja, nesta localidade não houve uma resposta para a pergunta em questão.

Conceitos/ localidades	1\2	1\3	1\4	1\5	1\6	1\7	1\8	1\9	1\10	1\11	1\12	...	1\65
2	0	0		0	0	0	0	0	1	0	0		1
3	0	0	0	0	0	0		0	1	0	0		1
4	1	1	1	1	1	1	1		1	1	1		1
5	0	1	0	1	1	1	1	1	1		1		1
6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		0
7													
8													
9													
10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		0
11	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	0		1

311	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1		0
312	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		1
313													
314													
316	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		0
318													
	36	45	43	47	47	42	34	45	54	46	47		43

Atributos:
Número da questão e/ou cartas

Relação entre os pontos de inquérito

Conceitos com 6 ou mais não respostas

Soma das diferenças entre os pontos

Quadro 10 – Dados confrontados - relação entre os pontos

Foram, a seguir, selecionados os interpontos, ou seja, as 'fronteiras' entre os pontos, seguindo o critério de contiguidade, sem se cruzarem dentro do mapa. Segundo Saramago (s/d, p. 2-31)⁷⁶, "o critério de união é o da menor distância geográfica, portanto os que estão mais próximos os entre si". Assim, obteve-se a relação dos interpontos, como segue no quadro 11. Fazendo uma leitura desse quadro, observa-se, como exemplo, que o ponto 19 (Siqueira Campos) tem uma

relação interpontual com os pontos 6 (Jacarezinho), 13 (Ribeirão do Pinhal), 18 (Ibaiti), 20 (São José da Boa Vista).

Loc.	Interpontos	Loc.	Interpontos	Loc.	Interpontos
01	7, 8	23	8, 15, 24, 29	45	38, 44, 46, 54, 55
02	3, 8, 10	24	10, 16, 23, 25, 30	46	45, 55
03	2, 4, 10, 12	25	16, 17, 24, 31, 35, 42	47	32, 48
04	3, 5, 12, 13	26	18, 20, 31, 36, 37	48	32, 39, 47, 49, 56
05	4, 6	27	14, 21, 32, 33	49	39, 48, 50, 57, 58
06	5, 13, 19	28	15, 21, 22, 29, 33, 34	50	34, 39, 40, 49, 51, 58, 59
07	1, 8, 14, 15, 21, 22	29	15, 23, 28, 30, 34, 35, 40	51	40, 41, 42, 50, 59, 61
08	1, 2, 7, 10, 15, 23	30	24, 25, 29, 35	52	42, 43, 53, 61, 62
09	10, 11, 16	31	18, 25, 26, 36, 42, 43	53	43, 44, 52, 54, 62, 63
10	2, 3, 8, 9, 11, 16, 24	32	27, 33, 39, 47, 48	54	44, 45, 53, 55, 63, 65
11	3, 9, 10, 12, 16, 17	33	21, 27, 28, 32, 34, 39	55	45, 46, 54, 65
12	3, 4, 11, 13, 17	34	28, 29, 40, 41, 39, 50	56	48, 57
13	4, 6, 12, 17, 18, 19	35	25, 29, 30, 41, 42	57	49, 56, 58
14	7, 21, 27	36	26, 31, 37, 43, 44	58	49, 50, 57, 59, 60
15	7, 8, 22, 23, 28, 29	37	20, 26, 36, 38, 44	59	50, 51, 58, 60, 61
16	9, 10, 11, 24, 25	38	37, 44, 45	60	58, 59, 61
17	11, 12, 13, 18, 27	39	32, 33, 34, 48, 49, 50	61	51, 52, 59, 60, 62
18	13, 17, 19, 25, 26, 31	40	34, 41, 50, 51	62	52, 53, 61, 63, 64
19	6, 13, 18, 20	41	29, 34, 35, 40, 42, 51	63	53, 54, 62, 64
20	19, 26, 37	42	25, 31, 35, 41, 43, 51, 52	64	62, 63
21	7, 14, 22, 27, 28, 33	43	31, 36, 42, 52, 53	65	54, 55
22	7, 15, 21, 28	44	36, 37, 38, 43, 45, 53, 54		

Quadro 11 – Relação da Rede de Pontos e seus Interpontos

⁷⁶ Artigo cedido pelo autor.

Índices Relativos

É a partir dos índices relativos que se constitui a matriz simétrica dos dados e se constroem os mapas com dados dialetométricos. No quadro 12, estão os Índices Relativos de Diferenças (IRD) e os Índices Relativos de Identidade (IRI) para os pontos, calculados a partir do número de semelhanças e diferenças encontradas nas planilhas discriminadas no quadro 10.

Interpontos	IRI	IRD	Interpontos	IRI	IRD
02/03	89,05	10,95	11/17	77,94	22,06
57/58	87,59	12,41	39/50	77,94	22,06
02/08	86,99	13,01	40/41	77,86	22,14
08/23	86,99	13,01	52/53	77,86	22,14
49/57	86,90	13,1	18/26	77,78	22,22
49/58	86,90	13,1	18/31	77,78	22,22
55/65	86,81	13,19	16/24	77,70	22,3
21/33	86,49	13,51	24/30	77,63	22,37
09/16	85,92	14,08	29/30	77,56	22,44
45/46	85,82	14,18	44/54	77,56	22,44
07/14	85,72	14,28	48/56	77,40	22,6
07/15	85,72	14,28	04/13	77,31	22,69
18/19	85,42	14,58	11/16	77,25	22,75
07/21	85,04	14,96	52/62	77,15	22,85
15/23	84,94	15,06	29/34	76,88	23,12
31/43	84,83	15,17	04/12	76,60	23,4
06/13	84,73	15,27	38/45	76,39	23,61
45/55	84,40	15,6	21/28	76,36	23,64
08/07	84,25	15,75	47/48	76,23	23,77
08/15	84,25	15,75	01/08	76,06	23,94
26/31	84,25	15,75	28/29	76,06	23,94
03/12	83,79	16,21	36/43	76,06	23,94
41/51	83,58	16,42	58/60	76,06	23,94
50/59	83,58	16,42	15/22	76,03	23,97
12/13	83,57	16,43	35/41	75,87	24,13
37/44	83,45	16,55	29/35	75,52	24,48
46/55	83,34	16,66	39/49	75,18	24,82
03/04	83,11	16,89	18/25	75	25
13/18	83,10	16,9	21/27	75	25
44/45	83	17	63/64	74,81	25,19
23/24	82,88	17,12	10/24	74,66	25,34
33/34	82,76	17,24	14/27	74,66	25,34
38/44	82,64	17,36	25/30	75,66	25,34
17/18	82,52	17,48	34/39	74,31	25,69
05/06	82,32	17,68	14/21	73,98	26,02
40/50	82,15	17,85	36/44	73,95	26,05
27/33	82,07	17,93	36/53	73,95	26,05
49/50	82,07	17,93	42/51	73,76	26,24
13/17	81,70	18,3	21/22	73,39	26,35
13/19	81,70	18,3	16/25	73,39	26,61
58/59	81,70	18,3	42/43	73,05	26,95
07/22	81,64	18,36	53/54	73,05	26,95
15/28	81,51	18,49	50/51	72,86	27,14
41/42	81,43	18,57	60/61	72,73	27,27
56/57	81,38	18,62	10/11	72,61	27,39

06/19	81,25	18,75	25/35	72,61	27,39
34/40	81,25	18,75	28/34	72,54	27,46
04/05	80,86	19,14	54/55	72,54	27,46
48/49	80,83	19,17	43/52	72,42	27,58
50/58	80,72	19,28	62/64	72,42	27,58
31/36	80,69	19,31	17/25	72,03	27,97
31/42	80,69	19,31	20/26	71,97	28,03
37/38	80,69	19,31	20/37	71,97	28,03
59/60	80,56	19,44	26/37	71,92	28,08
29/41	80,28	19,72	09/10	71,84	28,16
02/10	80,14	19,86	32/48	71,84	28,16
11/12	80	20	43/53	71,73	28,27
59/61	79,87	20,13	22/28	71,43	28,57
51/59	79,58	20,42	35/42	71,04	28,96
12/17	79,46	20,54	44/53	70,75	29,25
26/36	79,46	20,54	01/07	70,43	29,57
39/48	79,32	20,68	54/63	70,43	29,57
03/11	79,06	20,94	45/54	70,35	29,65
36/37	78,88	21,12	62/63	70,35	29,65
08/10	78,77	21,23	53/62	70,22	29,78
25/31	78,77	21,23	40/51	70	30
25/42	78,77	21,23	52/61	70	30
42/52	78,73	21,27	61/62	69,41	30,59
19/20	78,68	21,32	32/39	69,02	30,98
11/09	78,63	21,37	54/65	68,31	31,69
33/39	78,63	21,37	32/47	67,61	32,39
34/41	78,48	21,52	51/61	67,61	32,39
03/10	78,38	21,62	27/32	66,90	33,1
28/33	78,17	21,83	32/33	66,20	33,8
10/16	78,09	21,91	53/63	65,96	34,04
15/29	78,09	21,91	24/25	65,38	34,62
23/29	78,09	21,91			

Quadro 12 – Interpontos e valores de IRI e IRD

Índice Relativo de Distância (IRD)

Identificados os interpontos, a fase subsequente consistiu em obter uma média geral calculada pela fórmula - \sum % dos interpontos, dividido pelo n° de interpontos. Para este estudo, obteve-se o número de 153 interpontos. Assim, a média global foi calculada da seguinte forma: \sum % /153. Tem-se, assim, a soma das percentagens do Índice Relativo de Distância (3.388,8), dividido pelo número de interpontos (153), resultando na média 22,14.

Índice Relativo de Identidade (IRI)

Para o IRI, o valor mediano é calculado a partir das médias do índice relativo de distância, seguindo a fórmula $IRD + IRI = 100$. Para essa operação, obteve-se uma mediana aproximada (78,09) uma vez que, para encontrar a mediana, subtrai-se de 100, o valor do IRD (22,14) e o resultado será - 77,86. O valor mais próximo deste resultado será 78,09.

Intervalção

Para a distribuição dos valores do IRI e IRD nas cartas, Goebel (1983)⁷⁷ emprega o algoritmo MINM WMAX (média) para o IRD e o algoritmo MED, MEDMW (mediana) para o IRI.

Inserção do algoritmo de intervalção MINM WMAX

Para encontrar os valores de intervalção abaixo e acima da média anteriormente obtida, a sistematização seguiu as fórmulas: i) MW (média) em % menos a MIN (menor) % e ii) MW (média) em % menos a MAX (maior) %. Os resultados dessas operações foram divididos por 3 como recomenda Goebel (1981, p. 362):

les écarts numériques entre le minimum et la moyenne arithmétique et entre le maximum et la moyenne arithmétique sont respectivement divisés par trois. Les valeurs ainsi déterminées constituent les tailles des intervalles situés au-dessous et au-dessus de la moyenne arithmétique⁷⁸.

⁷⁷ Cf. Goebel (1983 e 1987) e Saramago (1986)

⁷⁸ "As distâncias numéricas entre o mínimo e a média aritmética e entre o máximo e a média aritmética são, respectivamente, divididas por três. Os valores assim determinados constituem recortes dos intervalos situados abaixo e acima da média aritmética" (t. n.).







Dessa forma, expõem-se, para os dados, no quadro 13, os intervalos, o número de interpontos em cada um e o símbolo utilizado para a cartografia do Índice Relativo de Distância nas 65 localidades do Paraná.

IRD mínimo: 10,95 (interponto: 2/3) IRD máximo: 34,62 (interponto: 24/25) Média aritmética: 22,14 Intervalo para os valores abaixo da média = 3,73 Intervalo para os valores acima da média = 4,16		
Intervalo	Número de Interpontos	Símbolo p/ carta
1: 22,14 – 26,30	34	— — —
2: 26,30 – 30,46	29	—
3: 30,46 – 34,62	09	—
4: 18,41 – 22,14	39	— — —
5: 14,68 – 18,41	29	—
6: 10,95 – 14,68	13	—

Quadro 13 – IRD: Inserção do algoritmo de intervalação MINMWMAX

Inserção do algoritmo de intervalação MED, MEDMW

Os valores da intervalação para o estudo das identidades são encontrados por meio do valor mediano das porcentagens e seguem a sistematização feita para os índices de distância, ou seja, as fórmulas: i) mediana em % menos a menor % e ii) mediana % menos a maior %. Os resultados foram também submetidos à divisão por três como propõe Goebel (2003). Expõem-se, no quadro 14 a seguir, os intervalos, o número de interpontos em cada um e o símbolo utilizado para a cartografia do Índice Relativo de Identidade nas 65 localidades do Paraná.

IRI mínimo: 65,38 (interponto: 24/25) IRI máximo: 89,05 (interponto: 2/3) mediana: 78,09 Intervalo para os valores abaixo da mediana = 4,23 Intervalo para os valores acima da mediana = 3,65		
Intervalo	Número de Interpontos	Símbolo p/ carta
1: 65,38 – 69,63	09	
2: 69,63 – 73,86	30	
3: 73,86 – 78,09	44	
4: 78,09 – 81,74	37	
5: 81,74 – 85,39	26	
6: 85,39 – 89,05	13	

Quadro 14 – IRI: Inserção do algoritmo de intervalação MED, MEDM

Cartografia dos dados numéricos obtidos

São dois os suportes visuais para neles se cartografarem os valores de IRI e de IRD. O primeiro suporte, designado por Goebel por "parquet triangulaire", obtém-se a partir da união linear entre os pontos da rede. De notar que o principal critério de união é o da distância geográfica (são unidos aqueles que se encontrem geograficamente mais próximos, desde que não haja cruzamento das suas linhas de união). Nesse "parquet triangulaire" são visualizados os valores de IRI. O segundo suporte, designado pelo mesmo autor, como "parquet polygonal" é construído sobre o primeiro, através da aplicação do método dos polígonos de Thiessen: para cada linha do "parquet triangulaire" é traçada a respectiva mediatriz. Os pontos de encontro entre cada par de mediatrizes são os ângulos de união de cada um dos lados do polígono onde será visualizada a relação interpontual entre um determinado ponto e aqueles que lhe são vizinhos. E dois suportes foram desenhados pelo professor Dr. Xulio Sousa Fernandez, do Instituto de Língua Galega da Universidade de Santiago de Compostela - Espanha.

2.3 CRITÉRIOS DE ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO⁷⁹

É reconhecida a importância dos glossários para os estudos da variação lingüística. A exemplo de outros trabalhos, constituiu-se, ao final desta tese (capítulo 5), um glossário com as ocorrências das 175 cartas, transcritas ortograficamente.

Para essa seção, foram listados os campos semânticos Terra e Homem, que constituem o Questionário utilizado para a coleta de dados e compreende as lexias que se referem a:

Terra - a) natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc; b) flora: árvores, frutos, etc; c) fauna: aves, pássaros, animais etc.

Homem - a) partes do corpo, funções, doenças, etc; b) vestuário e calçados; c) agricultura, instrumentos agrícolas, etc; d) brinquedos infantis, etc.

Não constam do glossário o subcampo semântico lendas e superstições. Ressalta-se que as lexias apresentadas no glossário estão dispostas em ordem alfabética com uma notação da carta a que se refere.

⁷⁹ Sobre o termo Glossário, Rodrigues (2000, p. 19) considera: "O termo glossário, de maneira geral, tem identificado trabalhos cujo principal objetivo é solucionar dúvidas a respeito de um determinado texto, seja ele um conto ou uma obra teórica. Mas ele pode ir um pouco além disso, por exemplo, ao complementar um atlas lingüístico, pois não só contribui para a compreenção ao apresentar os significados das unidades léxicas, mas também traz à tona aquelas que não foram cartografadas, tornando-as conhecidas."

3 A ANÁLISE DIALETOMÉTRICA

Os dados expostos no capítulo anterior, para o IRD - Índice Relativo de Distância e o IRI - Índice Relativo de Identidade, estão sistematizados nas duas cartas que seguem. A carta 367⁸⁰ registra o IRD e a 368, o IRI.

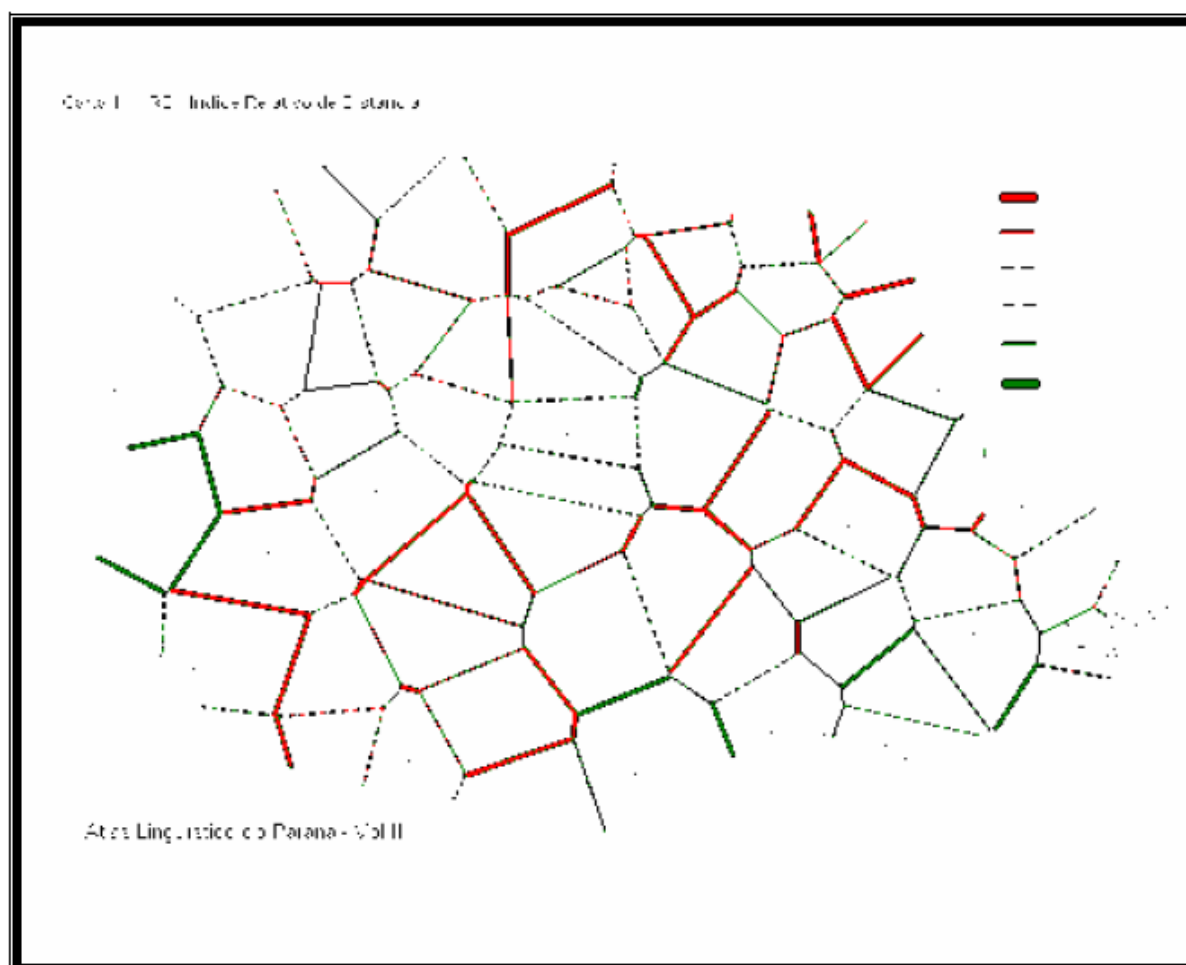


Figura 19 – Carta 367 – IRD – do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II

⁸⁰ As duas cartas dialetométricas, seguindo a numeração das cartas lingüísticas, receberam a numeração 367 para o IRD e 368 para o IRI e estão incluídas, também, no volume de cartas desta tese.

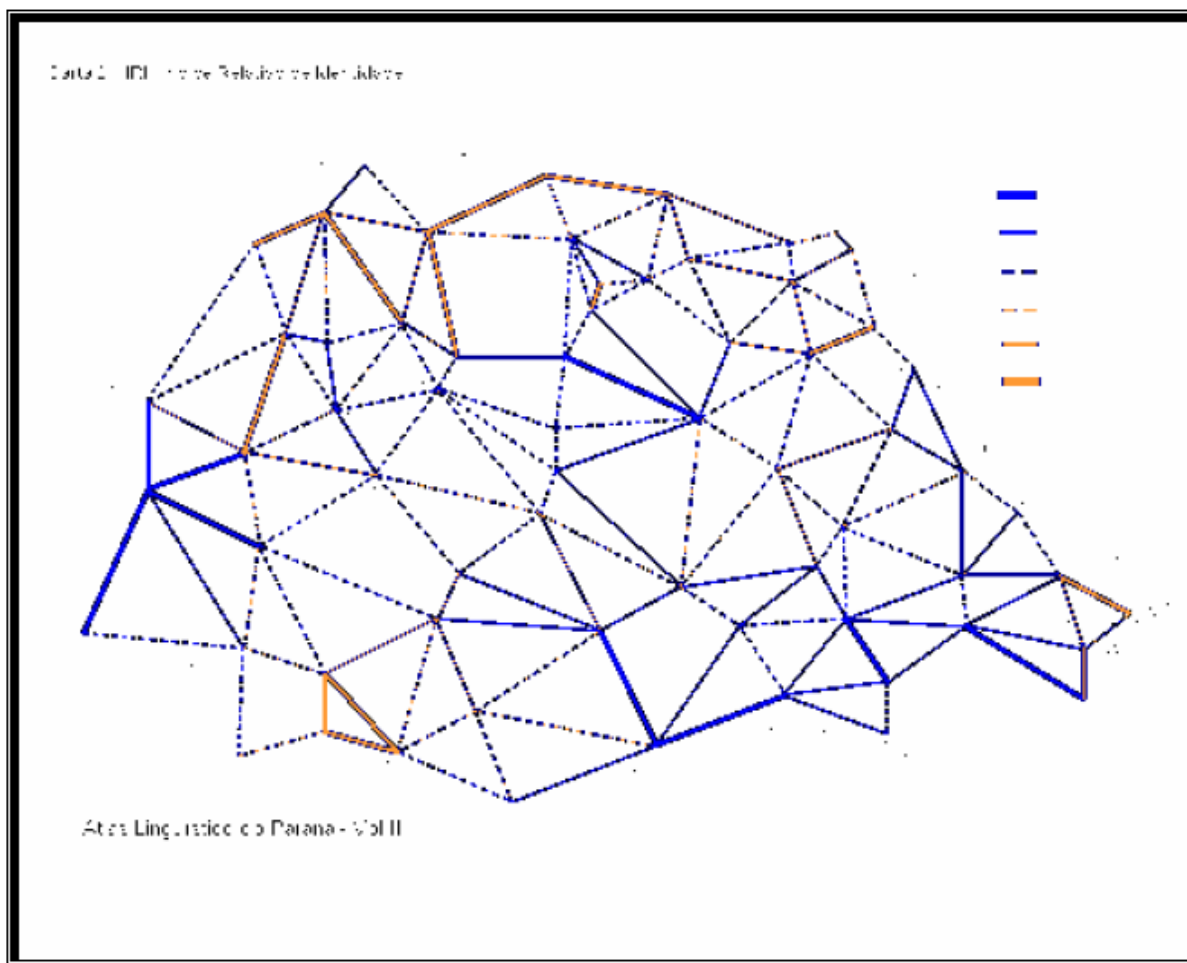


Figura 20 – Carta 368 – IRI do Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II

Os dois mapas dialetométricos expostos representam as sínteses dos dados para os 148 atributos selecionados. Cabe esclarecer a forma com que os dados estão dispostos.

Na leitura dos dados da carta 367 que mostra o IRD, vêem-se cartografados os índices da seguinte forma: ■ para o menor índice; — para o índice intermediário; — para o índice próximo da média geral. Essas anotações, transpostas para o mapa, evidenciam as menores diferenças entre os falares das localidades estudadas. Da mesma forma, as notações em verde representam gradualmente o índice próximo da média (—), o intermediário (—) e o maior índice (■). Quando transportadas para a carta, essas informações demarcam as áreas em que há menor contato lingüístico, ou seja, um maior índice de diferenças entre os pontos estudados.

Quantificando os dados da carta 367 - IRD -, obtiveram-se 72 interpontos (47%) acima da média e 81 (53%) abaixo da média. Dentre os valores acima da média, destacam-se as fronteiras das localidades e suas microrregiões (mostradas na figura 21): São Pedro do Iváí (ponto 24) na microrregião 13 com Ortigueira (25) na microrregião 19; União da Vitória (61) na microrregião 33 com Guarapuava (51) na microrregião 29 e São Mateus do Sul (62) na microrregião 34; Lapa (63), microrregião 36 e Palmeira (53), microrregião 21. Sobreleva-se dos demais pontos em que há maior índice de distância, a localidade de Marechal Cândido Rondon (ponto 32) na microrregião 22 que tem na maioria de suas fronteiras - com os pontos 27 (Guairá) e 33 (Assis Chateaubriand), ambas da microrregião 22, 39 (Cascavel, microrregião 23) e 47 (Foz do Iguaçu, microrregião 24) - índices elevados de distância.



Figura 21 – Microrregiões do Paraná

Fonte: Governo do Estado do Paraná (<<http://www.parana.pr.gov.br>>)

Ainda sobre a quantificação dos dados na carta 367, encontram-se índices intermediários de distância entre os pontos das microrregiões: de 1 a 6, 8, 9,

10, 12, 13, 19. Os índices de menor distância encontram-se entre os pontos das microrregiões: 7, 15, 16, 17, 18, 19, 29, 30, 31. Ressalta-se, entre os pontos com índices de menor distância, a localidade 19 - Siqueira Campos (microrregião 18) com os pontos 6 (Jacarezinho - 16), 18 (Ibaiti - 17) e 20 (São José da Boa Vista - 18).

Seguindo a mesma sistemática adotada para a leitura dos dados constantes da carta 367 - IRD, para a carta 368 - IRI vêem-se: — para o menor índice de identidade, — para o índice intermediário e — para indicar proximidade à mediana. As informações subseqüentes desta carta denotam, também, um caminho progressivo para o índice mais alto de identidade. Inversamente proporcional à leitura da carta anterior, as informações encontradas nas notações em verde claro demonstram maior proximidade das áreas estudadas e representadas pelos símbolos — / — / — .

Para o índice relativo de identidade - carta 368 -, observa-se uma afinidade lexical no noroeste paranaense, nas microrregiões de Paranavaí (01) e de Umuarama (02), e no centro-oeste paranaense nas microrregiões de Goioerê (04) e Campo Mourão (05). Destacam-se os índices de identidade entre o município 57 (Francisco Beltrão - 26) e seus circunvizinhos 59 (Mangueirinha - 30), 49 (Dois Vizinhos - 26) e 58 (Pato Branco - 27).

Sobre o IRD, torna-se fundamental uma observação mais detida sobre o município de Marechal Cândido Rondon (ponto 32) e seus circunvizinhos Guaíra (27), Assis Chateaubriand (33), Cascavel (39) e Foz do Iguaçu (47) cidades pertencentes à microrregião do Extremo Oeste Paranaense. Na constituição da população de cada localidade refletida no perfil dos informantes pode residir a distância encontrada na linguagem. Provavelmente a ilha de isolamento lingüístico que se formou no ponto 32 seja decorrente da sua formação étnica.

É preciso historiar a formação da população e o perfil do informante em cada município⁸¹.

1 - Marechal Cândido Rondon tem, na formação de seu povo, imigrantes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, descendentes em sua maioria de alemães.

Informantes: A⁸² e B - nascidos em Santa Rosa - RS.

⁸¹ As informações dos municípios constantes da rede de pontos deste trabalho correspondem às encontradas no volume de apresentação do ALPR (1994) e foram compiladas no volume de cartas desta tese.

2 - Guaíra (ponto 27) já pertenceu ao Paraguai (século XVI) sob domínio espanhol e teve como primeiros habitantes nativos de várias tribos. No início do século XVII, a Província Del Guayrá passa ao domínio português. Cruzaram por essas terras bandeirantes e padres jesuítas estabelecidos nas reduções, posteriormente abandonadas e destruídas.

Informantes: A e B - nascidos na localidade.

3 - Assis Chateaubriand (ponto 33) teve seu território considerado como terras devolutas, ficando entre os anos de 1950 e 1958 em poder da justiça. Após esse período, a Sociedade Colonizadora Norte do Paraná S/A reinicia a colonização atraindo agricultores de vários pontos do país, principalmente de Minas Gerais.

Informantes: A - nascida em São Sebastião da Amoreira⁸³ - PR; B - nascido em Minas Gerais, foi para a Assis Chateaubriand aos 12 anos.

4 - Cascavel (ponto 39) teve como primeiros colonos os imigrantes vindos de Guarapuava e posteriormente muitos outros sulistas de origem alemã e italiana, atraídos pela agricultura que lá iniciaram o cultivo de cereais e a criação de rebanhos de suínos.

Informantes: A - nascida na localidade; B - nascido no interior do RS, mudou-se para Cascavel aos 6 anos.

5 - Foz do Iguaçu (ponto 47), cidade fronteiriça, teve a primeira instalação militar em 1889, quando era habitada por paraguaios, brasileiros e argentinos.

Informantes: A - nascida em Torres - RS, mudou-se para a localidade aos 6 anos de idade; B - nascido na localidade.

Sobre os dados da carta 367, cabe ressaltar o município de Siqueira Campos (ponto 19 - microrregião 18) com Ibitaiti (ponto 18, microrregião 17), São José da Boa Vista (ponto 20, microrregião 18) e o Jacarezinho (ponto 6 - 16) que

⁸² Informantes: A - Mulheres; B - Homens.

⁸³ Cidade da microrregião geográfica Assaí (18).

foram colonizados por paulistas e mineiros que ali se estabeleceram, principalmente, com a plantação do café. Sobre os informantes de cada localidade, tem-se:

Ponto 19 - Siqueira Campos: informantes A - nascida em Tomazina⁸⁴; B - nascido na localidade.

Ponto 18 - Ibaiti: informantes A e B - nascidos na localidade.

Ponto 20 - São José da Boa Vista: informantes - A e B - nascidos na localidade.

Ponto 06 - Jacarezinho: informantes - A e B - nascidos na localidade.

Sobre os índices de identidade e - encontrados na carta 368 - observam-se os municípios 57 (Francisco Beltrão - 26) e seus circunvizinhos 59 (Mangueirinha -30), 49 (Dois Vizinhos - 26) e 58 (Pato Branco - 27), cidades colonizadas, em sua maioria, por gaúchos e catarinenses.

Sobre os informantes verifica-se:

Ponto 57 - Francisco Beltrão: informantes - A - nascida no RS; B - nascido em SC, mudou-se para a localidade aos 6 anos.

Ponto 59 - Mangueirinha: informantes - A e B - nascidos na localidade.

Ponto 49 - Dois Vizinhos: informantes - A - nascida na localidade; B - Coxilha - SC, mudou-se para a localidade aos 14 anos.

Ponto 58 - Pato Branco: informantes - A e B - nascidos na localidade.

Os dados das cartas sintéticas (367 e 368) acima reportam à história da colonização paranaense. A constituição do povo paranaense que, inicialmente, foi formada de portugueses, negros e índios encontrados no litoral do estado, passou, segundo Cardoso e Westphalen (1986), por três ondas povoadoras. Na primeira, durante os séculos XVI e XVII, portugueses e espanhóis, por meio dos bandeirantes paulistas sob ordem do governo português e das missões jesuíticas espanholas, buscaram a posse do território paranaense, dando início a inúmeros núcleos de povoamento ao longo dos principais rios.

Por volta de 1640, tinha seqüência o povoamento do litoral, provavelmente iniciado no século anterior, por aventureiros em busca de jazidas de ouro. Nessa mesma época, chegava a Paranaguá o capitão de infantaria Gabriel de

⁸⁴ Cidade limítrofe do município de Siqueira Campos.

Lara com a missão de resguardar a costa paranaense dos ataques estrangeiros. A descoberta de ouro, embora escasso, atraía moradores para Curitiba, os quais, ao lado da mineração, desenvolviam a agricultura e a criação de gado. A expansão da pecuária determinou a posse das terras circundantes em que se formaram núcleos de povoamento nas regiões de Antonina, Campo Largo, Palmeira e Castro.

Em 1711, por ocasião da venda à Coroa Portuguesa das terras que constituíam a capitania de Paranaguá, de propriedade do Marquês de Cascais, o Paraná passou a integrar a Capitania de São Paulo como a Quinta comarca. Neste ínterim, por iniciativa particular, continuavam as apropriações de terras dos Campos Gerais, chegando a Ponta Grossa, Tibagi e Jaguariaíva, por volta de 1719.

Em 1727, teve início a abertura da estrada do Viamão - RS.

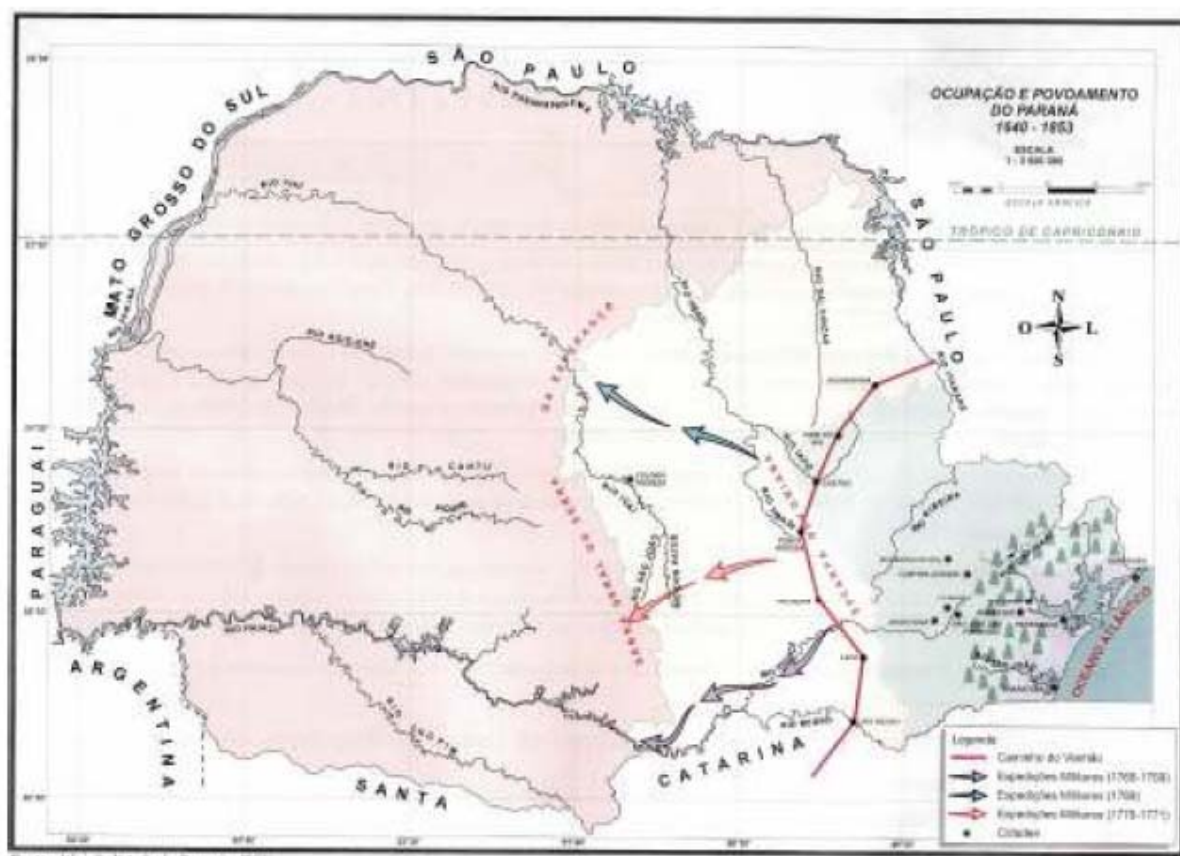
"Objetivando a introdução das cavalgadas do sul em direção a São Paulo" (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p.44). Tal evento vai determinar o surgimento de povoações em torno das fazendas de pouso, no sudeste paranaense, na direção sul-norte.

Já em 1750, com o Tratado de Madrid que reconhecia o direito de ocupação e posse das terras, expedições militares aventuram-se em busca da conquista do interior do estado paranaense.

Em 1829, chegaram a Rio Negro os primeiros colonos alemães e em 1839 teve início a ocupação e povoamento dos Campos de Palmas. Vieram somar-se, segundo Rodrigues (2007, p.89), aos imigrantes alemães franceses, suíços, ingleses e italianos. Por iniciativa governamental, novos grupos de colonos foram fixados próximos às localidades já povoadas rumo ao interior do Paraná. Esta ação propiciou uma alteração no quadro demográfico com grupos de imigrantes de alemães de origem russa no Planalto Central paranaense.

Entre 1840 e 1860, verificou-se o "apogeu do comércio de tropas de mulas conduzidas sobretudo por tropeiros paranaenses, que passam e invernam nos campos do Paraná, com destino às feiras de Sorocabá." (CARDOSO; WESTPHALEN, 1986, p. 56)

A figura 22, apresentada a seguir, mostra a movimentação das expedições militares, o caminho de Viamão, utilizado pelos tropeiros e as primeiras cidades paranaenses.



Fonte: Atlas do Estado do Paraná - (TC)

Figura 22 – Ocupação e povoamento do Paraná: 1640 – 1853

Fonte: Cigolini; Mello e Lopes (2001)

Entre 1860 e 1900 multiplicaram-se as colônias formadas por imigrantes poloneses, italianos, alemães, russos alemães, ucranianos, e por último, sírios e libaneses. É nesta mesma época que se iniciaram os núcleos da Colônia Mineira ou Tomazina do Norte e Pioneiro, com fazendeiros paulistas e mineiros dedicados à plantação de café.

Curitiba ganhava, também, grande importância com a extração e comercialização da erva-mate, e passava por transformações de natureza vária, tanto na cultura, como na política, no comércio e na indústria. Por volta de 1900, segundo Cardoso e Westphal em (1986, p. 60), o governo imperial concedeu à Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande do Sul, subsidiária da Brazilian Railways Company, terras devolutas nacionais, no sudoeste, oeste e norte do Paraná. Em 1888, a fundação da colônia militar em Foz do Iguaçu, "registra o ponto de partida para a ocupação e colonização daquela região." (CIGOLINI; MELLO; LOPES, 2001, p. 72)

Na figura 23 - sobre a ocupação e o povoamento do estado entre 1854 e 1900, pode-se observar a constituição dos núcleos de migrantes paulistas, no norte pioneiro e a demarcação das terras concedidas pelo governo imperial. É importante ressaltar que, em 1853, o estado se emancipa de São Paulo e a cidade de Curitiba é escolhida como capital de Província do Paraná. Pode-se observar, ainda, que as áreas - núcleos de povoamento paulista e as cidades correspondentes ao território concedido - apresentam nos mapas 367 - IRD e 368 - IRI índices que mostram grande afinidade lexical entre os pontos investigados.

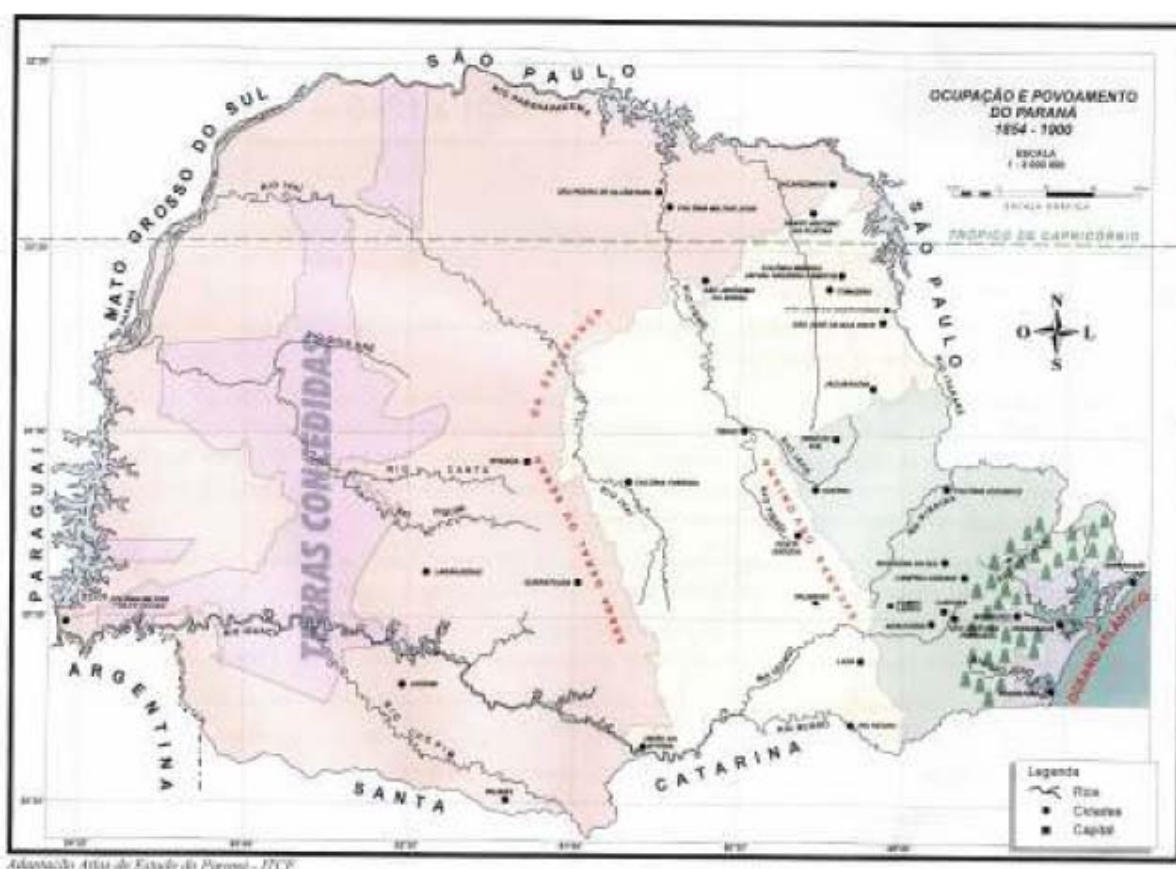


Figura 23 – Ocupação e povoamento do Paraná: 1854 - 1900

Fonte: Cigolini; Mello e Lopes (2001)

De 1900 a 1940, novas concessões de terras foram realizadas nas várias regiões paranaenses, determinando grandes repercussões na indústria da ocupação do Paraná moderno. As terras, divididas em lotes coloniais de cerca de 15 alqueires e lotes urbanos, eram vendidas também a prestação, medida que

atraiu principalmente migrantes paulistas, mineiros e nordestinos, além de imigrantes de variada origem e procedência.

A Paraná Plantation Limited, com sede em Londres, sucedida pela Companhia de Terras do Norte do Paraná, hoje Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, foi uma das concessionárias que recebeu 515 mil alqueires das terras do norte paranaense formando novas fazendas, colônias e cidades tanto de imigrantes quanto de brasileiros. Os interesses econômicos estavam diretamente ligados à cafeicultura. Foi muito significativa, nessa época, no norte paranaense a onda da imigração japonesa.

Nas décadas de 20 a 40, teve início em grande escala a corrente povoadora de agricultores de origem alemã e italiana vinda do sul do país que se estabeleceu nas matas do atual território localizado entre Pato Branco e Cascavel.

A abertura de estradas de rodagem veio proporcionar, pouco a pouco, a integração do norte com o sul do estado, sobretudo com o escoamento da produção cafeeira pelo porto de Paranaguá.

A última fase de ocupação territorial do Paraná deu-se entre 1940 e 1960, nas regiões noroeste ou Norte Novíssimo, e oeste, com a concessão de terras devolutas, pelo governo e por companhias privadas de colonização.

A figura 24 mostra a última fase de ocupação do estado e a demarcação das terras concedidas às companhias de colonização. Nesse mapa pode-se observar, também, em comparação com os mapas 367 e 368, a afinidade lexical entre os pontos nessa área. Assinala-se, ainda, a entrada de colonos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina na que, partindo de Pato Branco, rumaram para os vales dos rios Chopim, Piquiri e Paraná. Esses reemigrantes (alemães e italianos principalmente) que se instalaram no oeste paranaense conferem, em especial ao município de Marechal Cândido Rondon - ponto 32 do ALPR, um possível isolamento lingüístico.

Ainda sobre a mesma época, segundo Cigolini; Mello e Lopes (2001, p. 74), "colonos europeus continuaram a estabelecer-se nas proximidades de Curitiba e no centro-sul do estado, formando novos núcleos colonizadores: Irati, Mallet, Prudentópolis e São Mateus do Sul." Esses novos núcleos⁸⁵ apresentados nos mapas de Índices Relativos de Distância - IRD (367) e Índice Relativo de

⁸⁵ Dos municípios citados, fazem parte da rede de pontos do ALPR: Irati, ponto 52; Prudentópolis, ponto 42; e São Mateus do Sul, ponto 62

Identidade - IRI (368) refletem a formação étnica de seu povo registrando índices acima da média para as diferenças.

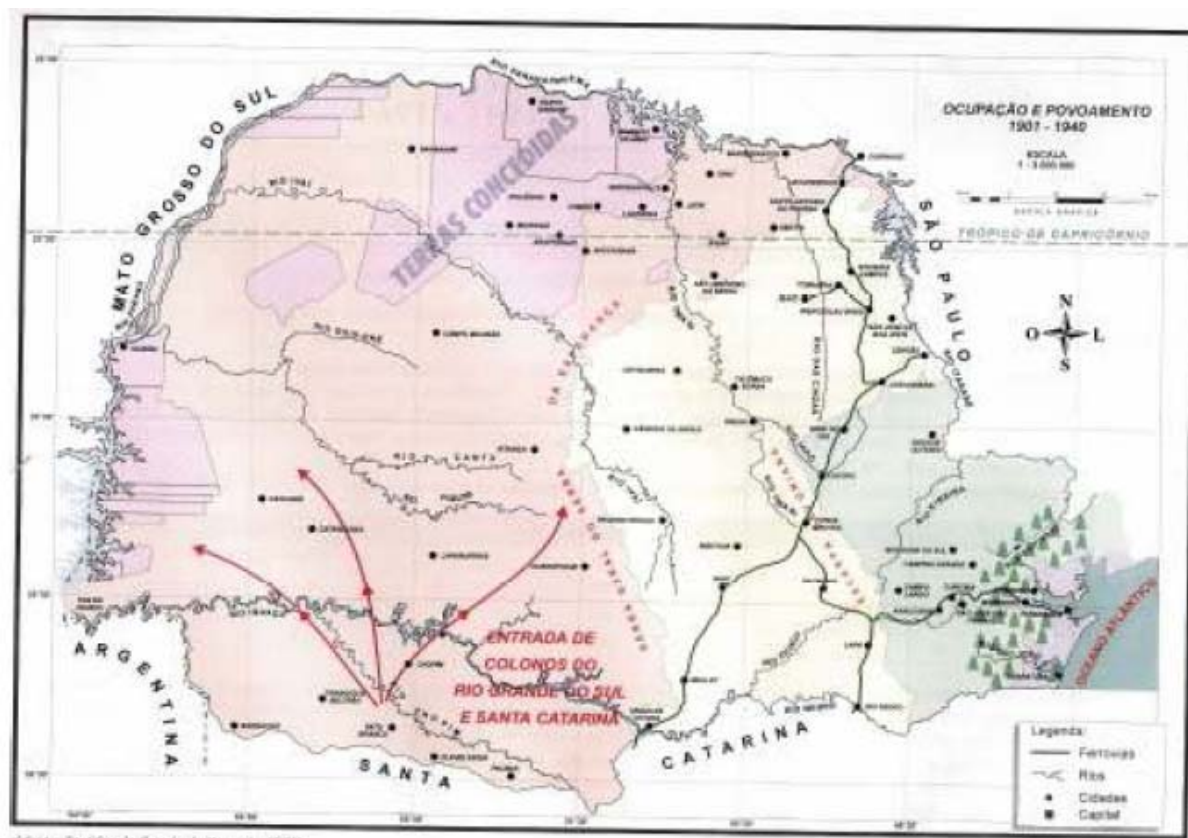


Figura 24 – Ocupação e Povoamento 19Q1 - 194Q

Fonte: Cigolini; Mello e Lopes (2001)

A partir da história da ocupação do Paraná em que evidencia a presença de três ondas povoadoras é possível encontrar, sob conjunturas diversas e com motivações distintas, ressaltada a constituição étnica do estado como um dos prováveis responsáveis pelas similaridades e diferenças dos falares paranaenses.

4 DA NATUREZA DOS DADOS: O GLOSSÁRIO

*É um dos problemas mais apaixonantes da geografia linguística
o poder seguir as viagens das palavras.
BOLÉO (1974, p. 60)*

A cartografia dos dados apresentada no ALPR II segue a sistematização discriminada no quadro 15:

Áreas semânticas		Nº. total de questões do questionário	Nº. de questões do ALPR II	% ⁸⁶
T e r r a	Natureza	58	21	6,5
	Flora	29	10	3,0
	Plantas medicinais.	16	02	0,6
	Fauna	52	24	7,4
H o m e m	Partes do corpo	107	84	25,8
	Vestuário e calçados.	14	12	3,7
	Agricultura	29	16	5,0
	Brinquedos e jogos infantis.	13	06	2,0
	Lendas e superstições.	07	0	0
Total		325	175	54,0

Quadro 15 – Questões inéditas cartografadas no ALPR II

O levantamento feito a partir das cartas léxico-semânticas permite organizar a apresentação do universo vocabular para as respostas obtidas às questões selecionadas para o ALPR II. Pretende-se, nesta seção, apresentar o vocabulário⁸⁷ contido nas cartas lexicais do ALPR II e, para tanto, verificou-se nos dicionários de uso de Moraes (1813) e Houaiss (2001) e no glossário do ALPR

⁸⁶ Porcentagem feita sobre as 325 questões do instrumento de coleta de dados.

(1990). Os 935 verbetes são apresentados , segundo os padrões adotados para o ALPR, com a seguinte sistematização:

- 1 – Adotou-se a norma ortográfica a padrão para a apresentação dos verbetes. Essa opção justifica-se pela própria constituição das cartas. Quando a variante registrada pelo informante apresentar uma forma muito diferente que dificulte a identificação da forma padrão, foi adotado o critério da aproximação entre as formas. Nesse caso, a variante fornecida pelo informante foi grafada em itálico⁸⁸.
- 2 – O registro do conceito a que o vocábulo remete segue a entrada do verbete com a indicação, entre parênteses, da carta no ALPR - II, de onde a variante foi coletada.
- 3 – **HL** - Notação de ocorrência única (Hápx Legomenon).
- 4 – **[*ALPR (1994)]** - notação de registro no glossário do ALPR.
- 5 – **[**ALPR (1994)]** - notação de registro no glossário do ALPR com aceção diferente.
- 6 – **[***ALPR (1994)]** - notação de não registro no glossário do ALPR.
- 7 – **[*H]** - indicação de verbete dicionarizado com a mesma aceção no dicionário Houaiss (2001).
- 8 – **[**H]** - indicação de verbete dicionarizado com aceção diferente no dicionário Houaiss (2001).
- 9 – **[***H]** - indicação de verbete não dicionarizado no dicionário Houaiss (2001).
- 10 – **[**MS]** - indicação de verbete dicionarizado com aceção diferente no dicionário Moraes Silva (1813).
- 11 – **[*MS]** - indicação de verbete dicionarizado com a mesma aceção no dicionário Moraes Silva (1813).
- 12 – **[***MS]** - indicação de verbete não dicionarizado no dicionário Moraes Silva (1813).
- 13 – Quando uma variante estiver registrada em duas ou mais cartas do ALPR II, foi objeto de duas ou mais entradas no glossário, nesse caso, o

⁸⁷ Por vocabulário entende-se, conforme Câmara Jr. (1981, p. 241), "em sentido lato, o conjunto de vocábulos de uma língua."

⁸⁸ Como exemplo cita-se a variante **sacho** para o instrumento que serve para fazer buracos (carta 308) que, na fala do informante, foi registrada como "xuxu".

lema foi marcado com o respectivo número de ordem de entrada. Ex: Água¹, Água²...

- açude:** lagoa (194) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- água braba:** correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- água corrente:** correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- água ensopada:** poça d'água (195) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- água ligeira:** correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- água parada:** lagoa (194) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- água presa:** lagoa (194) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- água¹:** correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- água²:** lagoa (194) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- água³:** Ranho, secreção líquida do nariz (256) [***ALPR (1994)] / [***H] / [**MS]
- alçapão:** Arapuca (218) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- aleijado¹:** Maneta (282) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- aleijado²:** Coxo (284) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- aleijado³:** Perneta (285) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- alergia:** Sarna (293) - HL [*ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- alfanje.** *Franje:* Instrumento de cortar arroz (300) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- alojar:** Vômito (264) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- alto¹ (da terra virgem):** Floresta (209) - HL [**H] [***ALPR (1994)] // [***MS]
- alto²:** Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- amanhecer:** Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- amarelão¹:** Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- amarelão²:** Icterícia (276) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- amêndoa:** Carço (213) - HL [*H] / [**MS]
- ancinho:** Instrumento de cortar arroz (300) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- andar torto:** Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- anjos de Santa Maria:** Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- ânsia¹:** Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- ânsia²:** Vômito (264) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- apero:** Arreio (224) [*ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

arco: círculos da lua (203). [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

ar-de-sete-dias: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

areia: Margem de rio (193) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

armadilha: Arapuca (218) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

ar-nos-olhos: Terçol (252) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

ar-no-umbigo: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

arreio: Pelego (225) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]

arriata: Arreio (224) - HL [*ALPR (1994)] / [***H] / [**MS]

arroz de duas granadas: Arroz de segunda colheita (299) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

arroz do toco: Arroz de segunda colheita (299) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

arvoredo: floresta (209) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

aspa: Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

assento¹¹ planície (198) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

assento²: parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

aurora: Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

ave Maria: Três-marias - constelação (204) [**ALPR (1994)] / [***H] / [**MS]

azedo: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

bacia: Torrador (304) - HL - [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

bagaço: Semente (212) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

baginha: Rabo de cascavel (228) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

baixada: Planície (198) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

baixo¹: Lagoa (194) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

baixo²: Planície (198) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

balaio²: Ninho (222) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

bandana: Pelego (225) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

banguela da perna: Perneta (285) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

banhado¹: Lagoa (194) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

banhado²: Poça d'água (195) [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

barba: Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

barbatana: Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

barra bol: Queimada (314) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

barra-do-dia: Primeiras horas do dia (208) [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

barranca¹: Margem de rio (193) [*ALPR (1994)] [*H] / [**MS]

barranca²: Margem de estrada / barranco (200) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

barranceira: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]

barranco¹: Margem de rio (193) [*ALPR (1994)] [*H] / [**MS]

barranco²: Montanha (197) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

barranco³: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]

barranco⁴: Margem de estrada / barranco (200) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

barreira: Queimada (314) - HL [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

barriga (da): Intestino (274) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]

barrigueira: Arreio (224) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

bastos: Arreio (224) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

beijos: Lábios (244) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

beira¹: Margem de estrada / barranco (200) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

beira¹: Margem de rio (193) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

beirada: Aceiro (210) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

beleza: Costeleta (250) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

beque: Beijos (245) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

bicho (a / inho) da goiaba: Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

bico: Beijos (245) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

bico-de-pato: Arado (307) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

bigato: Doenças da goiaba (216) [*ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

bigode: Ferrão (235) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

birolho: Vesgo (254) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

birosca: Bolinha de vidro (311) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

blusa: Paletó (295) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

boba: Galinha choca / emperrada (219) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

boca do nariz: Narinas (260) [***ALPR (1994)] / [***H] / [*MS]

boca¹: Beijos (245) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

boca²: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [***H] / [**MS]

boca³: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [**MS]

boca-de-burro: Enxada (306) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

bóia: Chumbada (236) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

bolinha de aço: Chumbada (236) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

bolinha de gude: Bolinha de vidro (311) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

bolinha: Bolinha de vidro (311) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

bolita: Bolinha de vidro (311) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

bolor: Doenças da goiaba (216) [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

bomba de vento: Roda d'água (310) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

boqueira: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

botadeira: Galinha choca / emperrada (219) - HL [*ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

botina: Bota (296) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

box: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brejo: lagoa (194) - HL. [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

brincar de bobo: Queimada (314) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brincar de carimbar: Queimada (314) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brincar de matar: Queimada (314) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brincar de pinchar a bola no outro: Queimada (314) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brincar de taquinho: Béti (316) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brinco no rabo: Rabo de cascavel (228) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

broca: Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

brocado: Dente estragado (247) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

brota do arroz: Soca de arroz (298) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brota: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

brotoeja: Sapinhos (248) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

bucho: Intestino (274) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

bugreiro grosso: Impigem (294) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

buraco do nariz: Narinas (260) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

buraco no dente: Dente estragado (247) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

buraco¹: Poça d'água (195) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

buraco²: Poço (309) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

buraco³: Biroca / búrico (312) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

burca: Bolinha de vidro (311) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

burcão: Correnteza / corredeira (192) - HL [*ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

burco: Biroca / búrico (312) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

búrica: Bolinha de vidro (311) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

busto: Seios (270) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

buzo: Biroca / búrico (312) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

cabeça-de-prego¹: Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cabeça-de-prego²: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cabeça-do-pinto: Gala (221) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

cabeceira: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cabelo do olho: Pestana / cílios (251) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

cabra-cega: Cobra-cega (313) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

cacaca do nariz: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

caçadeira: Aranha (234) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

caçador: Queimada (314) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

caçapa: Biroca / búrico (312) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

caçarola: Torrador (304) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

cachoeira: Correnteza / corredeira (192). [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

cachorro de Deus: Louva-a-deus (233) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

cadeirinha de Nossa Senhora: Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

caída de terra: Margem de estrada / barranco (200) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

caixa: Ninho (222) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

caixão de anjinho: Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

caixote: Ninho (222) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

calcanhar: Tornozelo (283) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

calmarião: Corisco (206) [*ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

calor: Estações do ano (207) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cama-de-milho: Bandeira (301) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

cambaio: Coxo (284) [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

cambeta: Coxo (284) [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

cambito: Moça da perna fina (286) [**ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

cambota: Perneta (285) - HL [*ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

caminho-de-santiago: Três-marias - constelação (204) [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

campainha: Úvula (249) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

canal do nariz: Narinas (260) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

canal: correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cancha: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

canela de palmito: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

canela de veado: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

canela fina: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

canela: Tornozelo (283) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

caneluda: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

cangote: Nuca (239) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

cano do nariz: Narinas (260) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

caolho¹: Cego de um olho (255) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

caolho²: Vesgo (254) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

capa do olho: Pestana / cílios (251) - HL [*ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

capão de mato: Floresta (209) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

capão: Floresta (209) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

capela dos olhos: Pestana / cílios (251) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

capengo: Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

capoeira: Floresta (209) [*ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

capoeirão: Floresta (209) [*ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

capucho: Costeleta (250) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

careca: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

cariado: Dente estragado (247) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

cariri: Isca (237) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

carne: Isca (237) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

carnegão: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

caroço¹: Semente (212) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

caroço²: Úvula (249) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

carpideira: Arado (307) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

carunchado: Dente estragado (247) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

caruncho: Doenças da goiaba (216) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

casaco: Paletó (295) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

- casca do nariz¹**: Ranho, secreção líquida do nariz (256) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- casca do nariz²**: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- casca final**: Cicatriz (288) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- casinha**: Biroca / búrico (312) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- castanha**: Carço (213) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- catapora¹**: Sarampo (265) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- catarro seco**: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- catarro**: Ranho, secreção líquida do nariz (256) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- cata-vento**: Roda d'água (310) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- cateto na toca**: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- catinga de nego**: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- catinga de sovaco**: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- catinga ruim**: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cavadeira¹**: Enxada (306) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- cavadeira²**: Pá (308) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- cavaleta**: Louva-a-deus (233) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cavalo de Deus**: Louva-a-deus (233) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- cavalo de Nosso (a) Senhor (a)**: Louva-a-deus (233) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cavalo de pau**: Louva-a-deus (233) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- cavalo de São Jorge**: Louva-a-deus (233) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- cavalo do cão**: Louva-a-deus (233) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- cavanhaque**: Costeleta (250) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- cecê**: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- cedo**: Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- cego¹**: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- cego²**: Cobra-cega (313) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- ceguete**: Instrumento de cortar arroz (300) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- ceifa**: Instrumento de cortar arroz (300) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- centro**: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- cepa¹**: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- cepa²**: Soca de arroz (298) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- cera do nariz**: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

- cerrado:** Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- cerro¹:** Montanha (197) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- cerro²:** Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- certo:** Destro (281) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- cesto:** Ninho (222) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- cesura:** Cicatriz (288) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- chapada¹:** Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- chapada²:** Planície (198) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- chapadão:** Planície (198) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- chapado:** Planície (198) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- chato¹:** Planície (198) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- chato²:** Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- cheia:** Fases da lua (202) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- cheiro de baralho velho:** Mau cheiro do corpo (277) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de batata podre:** Mau cheiro do corpo (277) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de bode:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de cachorro molhado:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de gambá:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de nego:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de onça:** Mau cheiro do corpo (277) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de raposa:** Mau cheiro do corpo (277) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de sovaco:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro de suor:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro forte:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- cheiro ruim:** Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- chifre:** Ferrão (235) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- chineleta:** Chinelo (297) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- chiqueirinho:** Arapuça (218) - HL [*ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- choca / chocadeira:** Galinha choca / emperrada (219) [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- choco:** Gala (221) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- chorão (zinho):** Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

chulé do corpo: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

chupança: Percevejo (231) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

cincerro: Rabo de cascavel (228) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

cisterna: Poço (309) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

clarear da manhã: Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

cobreiro: Impigem (294) [*ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

coça-coça: Sarna (293) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

coceira: Sarna (293) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cocuruto: Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

cogote: Nuca (239) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

coivara: aceiro (210) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

colhedeira: Instrumento de cortar arroz (300) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

colher de areia: Pá (308) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

começa a esquentar o sol: Primeiras horas do dia (208) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

começo do dia: Primeiras horas do dia (208) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

companheira: Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

constipado: Gripe (261) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

corisco: Corisco (206) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

coró (zinho): Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [*ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

coroa do ovo: Gala (221) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

coroa: Penca de banana (215) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS] / [**MS]

corredeira: Ranho, secreção líquida do nariz (256) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

cortadeira¹: Enxada (305) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cortadeira²: Enxadao (306) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

cortadeira³: Arado (307) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

cortadeira⁴: Pá (308) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

corte: Cicatriz (288) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

coruja¹: Pamonha (302) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

coruja²: Curau (303) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

costa da estrada: Margem de estrada / barranco (200) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

cotia¹: Ranho, secreção líquida do nariz (256) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
cotia²: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
cotó¹: Maneta (282) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
cotó²: Coxo (284) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
cotó³: Perneta (285) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
cotovelo embaixo: Tornozelo (283) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
couro alto: Cicatriz (288) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
cova: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
cova-de-Adão e Eva: Três-marias - constelação (204) [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
coxilha¹: Montanha (197) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
coxilha²: Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
coxo: Perneta (285) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
coxonilho: Pelego (225) [*ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
craca: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
crau¹: Semente (212) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
crau²: Carçoço (213) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
creme: Curau (303) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
crescente: Fases da lua (202) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
criadeira: Galinha choca / emperrada (219) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
cruzeiro do Sul: Três-marias - constelação (204) [**ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
curau: Pamonha (302) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
curral: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
curto da vista: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [*MS]
cuscuz¹: Pamonha (302) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
cuscuz²: Curau (303) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
cutiana: Arreio (224) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
de um olho só: Cego de um olho (255) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
dedos: Penca de banana (215) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
defeituoso¹: Maneta (282) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
defeituoso²: Coxo (284) [*ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
defeituoso³: Perneta (285) [*ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
deficiente¹: Maneta (282) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
deficiente²: Coxo (284) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

deficiente³: Perneta (285) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

defluxo¹: Ranho, secreção líquida do nariz (256) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

defluxo²: Gripe (261) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

dente da frente: Dente canino (246) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

dente da vista: Dente canino (246) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

dente grande: Dente canino (246) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

derrubada: Aceiro (210) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

descida: Correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

desejo: Náusea (263) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

direiteiro: Destro (281) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

direito: Destro (281) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

doença do umbigo: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

doença nas vistas: Míope (253) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

dois canudos enfiados no sabugo: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

dor de umbigo: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

dor no estômago: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

dor-d'olho: Terçol (252) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

doutor: Médico (268) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

eletricidade: Corisco (206) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

elevação: Montanha (197) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

empachado: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

emperrada: Galinha choca / emperrada (219) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

encilha: Arreio (224) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

engaço: Cacho de banana (214) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

engate: Chumbada (236) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

engenho: Roda d'água (310) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

enjôo¹: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

enjôo²: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

enxada: Arado (307) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

enxadão: Pá (308) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

enxurrada: Poça d'água (195) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

erguer do galo: Gala (221) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
erisipela: Impigem (294) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
escoivaração: aceiro (210) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
espadim: Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
esparrela: Arapuca (218) - HL [*ALPR (1994)] / [***H] / [*MS]
espasia' no umbigo: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
esperança: Louva-a-deus (233) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
espetinho: Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
espigão: Parte mais alta de um terreno (199) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
espinho¹: Semente (212) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
espinho²: Carçoço (213) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
espinho³: Ferrão (235) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
espinho⁴: Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [***H] / [**MS]
espora: Ferrão (235) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
esquerda: Canhoto (280) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
esquerdeiro: Canhoto (280) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
estanho: Chumbada (236) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
esteira: Arapuca (218) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
estigmatismo: Vesgo (254) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
estilete: Costeleta (250) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
estômago embrulhado¹: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
estômago embrulhado²: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
estômago revirado: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
estômago ruim¹: Azia (273) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
estômago ruim²: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
estopim: Carnegão (290) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
estrela de São Pedro: Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
estrela guia: Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
estufaço: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
faca: Instrumento de cortar arroz (300) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
facão: Instrumento de cortar arroz (300) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
face: Rosto / Cara (241) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

faísca: Corisco (206) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
alaciosa: Maneta (282) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
falhada¹: Doenças da goiaba (216) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
falhada²: Galinha choca / emperrada (219) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
falso de uma perna: Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
falta de uma vista (um olho): Cego de um olho (255) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
falta de vista¹: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
falta de vista²: Vesgo (254) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
falta um braço: Maneta (282) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
farmacêutico: Médico (268) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
fases: Estações do ano (207) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
fastio¹: Gripe (261) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
fastio²: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
fedor de macaco: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
fedor de suor: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
feição: Rosto / Cara (241) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
ferida¹: Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
ferida²: Cicatriz (288) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
ferro: Instrumento de cortar arroz (300) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
ferrugem¹: Doenças da goiaba (216) [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
ferrugem²: Sarda (292) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
figueira: Antraz (291) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
filhote: Gala (221) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
filipe: Antraz (291) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
fim-fim: Percevejo (231) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
fisionomia: Rosto / Cara (241) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
focinho¹: Rosto / Cara (241) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
focinho²: Beiços (245) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
fogueira: Aceiro (210) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
foice: Instrumento de cortar arroz (300) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
foquinho: Soca de arroz (298) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
força: Arapuca (218) - HL. [*ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
forje: correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

formigueiro: Antraz (291) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
fornalha¹: Narinas (260) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
fornalha²: Torrador (304) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
forneiro: João-de-barro (217) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
forno: Torrador (304) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
fraco da vista: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [*MS]
franja: Ruga (242) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
franzido: Ruga (242) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
fraqueza: Náusea (263) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
friagem: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
frigideira: Torrador (304) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
frio: Estações do ano (207) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
friso: Cicatriz (288) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
fruê: Fanhoso (258) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
fungos: Doenças da goiaba (216) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
furacão: Vento muito forte / ventania (205) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
furadeira: Enxadão (306) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
furado: Dente estragado (247) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
furo do nariz: Narinas (260) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
furo: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
furúnculo¹: Carnegão (290) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
furúnculo²: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
fuzil: Corisco (206) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
gafanhoto: Louva-a-deus (233) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
galinheiro: Ninho (222) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
gamelinha de água: Poça d'água (195) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
gancho: Instrumento de cortar arroz (300) - HL [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
garganta: Úvula (249) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
garrão: Tornozele (283) [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
gato (a)-cego (a): Cobra-cega (313) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
geração do frango: Gala (221) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
gibu: Animal sem chifres (223) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
glândula: Úvula (249) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

- gogó:** Úvula (249) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- goiva:** Instrumento de cortar arroz (300) - HL [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- gorado:** Gala (221) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- gosma:** Náusea (263) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- gota:** Úvula (249) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- grade:** Arado (307) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- granagem:** Soca de arroz (298) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- grilo:** Louva-a-deus (233) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- grosseiro:** Sarna (293) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- grota¹:** Margem de rio (193) - HL [**ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- grota²:** Poça d'água (195) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- guelra:** Ferrão (235) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- guizeira:** Rabo de cascavel (228) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- guizo-de-cascavel:** Rabo de cascavel (228) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- hemorragia:** Aborto (275) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- hepatite:** Icterícia (276) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- inchaço¹:** Íngua (287) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- inchaço²:** Furúnculo (289) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- inchaço³:** Carnegão (290) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- inchaço⁴:** Antraz (291) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS] **indez:** Gala (221) - HL [**ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- infecção no umbigo:** Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- inflamação no umbigo:** Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- inflamação¹:** Íngua (287) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- inflamação²:** Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- inflamação³:** Carnegão (290) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- influenza:** Gripe (261) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- intanha:** Sapo (226) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- inutilizado¹:** Maneta (282) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- inutilizado²:** Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- inválido:** Maneta (282) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- inverno:** Estações do ano (207) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

jaburu: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
jaracaca do nariz: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
jarrete: Tornozelo (283) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
jia: Rã (227) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
jitica: Sarda (292) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
joão-bobo¹: João-de-barro (217) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
joão-bobo²: Queimada (314) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
jogo de lata: Béti (316) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
juá: Furúnculo (289) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
junta¹: Pulso (278) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
junta²: Tornozelo (283) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
juquiá: Arapuca (218) - HL [*ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
lábios: Beiços (245) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
laço: Arapuca (218) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
ladeira: Margem de rio (193) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
lagarta: Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
lago: Lagoa (194) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
lagoa: Poça d'água (195). [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
lama: Poça d'água (195) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
lançar: Vômito (264) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
lania: Animal sem chifres (223) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
larado: Cicatriz (288) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
larva: Lêndea (230) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
lastilho: Arapuca (218) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
latão: Ninho (222) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
leicença¹: Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
leicença²: Carnegão (290) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
leicença³: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
leira de milho: Bandeira (301) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] [**MS]
levantar do dia: Primeiras horas do dia (208) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
lichica: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
ligeirinho: Arroz de segunda colheita (299) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
língua pequena: Úvula (249) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
lobinho¹: Doenças da goiaba (216) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

- lobinho**²: Terçol (252) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- lomba**¹: montanha (197) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- lomba**²: parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- lombada**: parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- lombilho**: Arreio (224) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- lombo**: Nuca (239) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- lunanco**¹: Coxo (284) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- lunanco**²: Perneta (285) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- má digestão**: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- macaco**¹: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- macaco**²: Queimada (314) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- machucado**: Doença que dá nas unhas (279) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- madrugada**: Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- mãe**: Queimada (314) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- magra**: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- mal estar no estômago**¹: Azia (273) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- mal estar no estômago**²: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- maldades**: Carnegão (290) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- mal-de-simioto**: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- maldita**¹: Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- maldita**²: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- mal-do-umbigo**: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- maligno**: Antraz (291) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- mama**: Seios (270) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- mamica**: Seios (270) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- mamote**: parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- mancha do golpe**: Cicatriz (288) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- mancha**: Sarda (292) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- manco**¹: Coxo (284) [*ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- manco**²: Perneta (285) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- maneta de uma perna**: Perneta (285) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- manhã**: Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

manquitola¹: Coxo (284) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
manquitola²: Pernetá (285) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
mão: Penca de banana (215) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
marandová: Doenças da goiaba (216) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
marca: Cicatriz (288) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
maria salomé: Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
maria-esconde: Cobra-cega (313) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
massa: Carnegão (290) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
matador: Queimada (314) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
matéria: Carnegão (290) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
mato¹: Floresta (209) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
mato²: Ninho (222) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
mau cheiro: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
médico: Farmacêutico (270) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
menina espigada: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
meroio: Cego de um olho (255) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
micose¹: Doença que dá nas unhas (279) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
micose²: Sarna (293) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
micróbio¹: Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
micróbio²: Impigem (294) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
micuim¹: Carrapato (229) - HL [**ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
micuim²: Terçol (252) [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
mijacão¹: Doença que dá nas unhas (279) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
mijacão²: Antraz (291) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
mina: Poço (309) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
mingau¹: Pamonha (302) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
mingau²: Curau (303) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
minguante: Fases da lua (202) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
minhoca: Isca (237) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
miolo¹: Caroço (213) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
miolo²: Cérebro (238) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
mocho: Animal sem chifres (223) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
moco: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

- mocotó:** Tornozelo (283) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- mofa:** Ranho, secreção líquida do nariz (256) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- mofa:** Doenças da goiaba (216) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- moinho¹:** Torrador (304) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- moinho²:** Roda d'água (310) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- moita:** Ninho (222) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- monjolo:** Roda d'água (310) [*ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- montanha:** Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- montaria:** Arreio (224) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- monte¹:** Montanha (197) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- monte²:** Bandeira (301) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- morrinha:** Mau cheiro do corpo (277) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- morro¹:** Margem de estrada / barranco (200) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- morro²:** Montanha (197) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- morro³:** Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- mundéu:** Arapuca (218) [*ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- munheca:** Pulso (278) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- munsana:** Doenças da goiaba (216) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- muque:** Pulso (278) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- muquirana:** Percevejo (231) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- músculo:** Pulso (278) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- náfego¹:** Maneta (282) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- náfego²:** Coxo (284) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- náfego³:** Perneta (285) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- não é bom das vistas:** Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- nariz escorrendo:** Ranho, secreção líquida do nariz (256) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- nariz sujo:** Ranho, secreção líquida do nariz (256) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- nariz trancado:** Fanhoso (258) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- narote:** Ranho, secreção líquida do nariz (256) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- narótia:** Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- nascer fora do tempo:** Aborto (275) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- nascida¹:** Doença que dá nas unhas (279) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

nascida²: Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

nascida³: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

natimorto: Aborto (275) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

navalha: Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

negongo: Nariz (259) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

negrinha: Sarda (292) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

nervo encolhido: Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

nhaca: Mau cheiro do corpo (277) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

nharoque: Ranho, secreção líquida do nariz (256) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

nível: Planície (198) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

nojo: Náusea (263) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

nova: Fases da lua (202) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

nuvem: Céu (201) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

ocado: Dente estragado (247) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

olho (do pintinho): Gala (221) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

olho avesso: Vesgo (254) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

olho d'água: Poço (309) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

olho torto¹: Vesgo (254) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

olho torto²: Cego de um olho (255) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

olho virado: Vesgo (254) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

olho: Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

osso: Caroço (213) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

outono: Estações do ano (207) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

pá: Enxada (306) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

palha do arroz¹: Soca de arroz (298) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

palha do arroz²: Arroz de segunda colheita (299) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

palito: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

palma: Penca de banana (215) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

panariz¹: Doença que dá nas unhas (279) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

panariz²: Furúnculo (289) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

panariz³: Carnegão (290) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

panela: Torrador (304) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

panelinha: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

pano (no rosto): Sarda (292) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

papa: Curau (303) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

papa-vento: Roda d'água (310) [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

paralítico¹: Coxo (284) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

paralítico²: Pernetá (285) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

parelho: Planície (198) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

parte da seca: Estações do ano (207) -HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

parte das águas: Estações do ano (207) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

parto: Aborto (275) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

passa-bico: Enxada (305) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

passador: Queimada (314) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

passa-santa: Louva-a-deus (233) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

pataca: Tornozelo (283) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

patacão: Tornozelo (283) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

patriarco: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

pé: Soca de arroz (298) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

pêca: Bolinha de vidro (311) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

pedaço de dente: Dente estragado (247) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

pé-de-galinha: Ruga (242) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

pé-de-vento: Vento muito forte / ventania (205) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

pedra¹: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

pedra²: Corisco (206) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

pedreiro (da campina): João-de-barro (217) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

peito: Seios (270) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

pele do olho: Terçol (252) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

pêlos: Pestana / cílios (251) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

pelote: Bolinha de vidro (311) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

perau¹: Montanha (197) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

perau²: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

perda: Aborto (275) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

perdeu uma vista: Cego de um olho (255) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

perna bamba: Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

perna de garça: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

perna de garrafa: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna de girafa: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna de mesa: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna de pau¹: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
perna de pau²: Perneta (285) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna de pernilongo: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna de sabiá: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna de socó: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna de vassoura: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna mais curta: Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna seca: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perna torta: Perneta (285) - HL [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
perneta: Coxo (284) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
pernuda: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
pescoço: Nuca (239) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
peste: Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
peté: Perneta (285) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
pião: Carnegão (290) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
picada: Aceiro (210) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
picão¹: Enxada (306) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
picão²: Pá (308) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
picareta¹: Enxada (305) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
picareta²: Enxada (306) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
picogo: Cego de um olho (255) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
pico¹: Montanha (197) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
pico²: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
picumã: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
pilha: Bandeira (301) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
pinchadeira: Pá (308) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
pinchar: Vomitar (264) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
pingoroto: Carrapato (229) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
pinguela: Úvula (249) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
pinta (inha): Gala (221) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

- pinta de beleza:** Sarda (292) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- pinta de caboclo:** Sarda (292) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- pinta de charme:** Sarda (292) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- pinta preta:** Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- pinta seca:** Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- pinta:** Sarda (292) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- pintinho:** Gala (221) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- pirambeira¹:** Montanha (197) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- pirambeira²:** Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- pitoco¹:** Maneta (282) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- pitoco²:** Perneta (285) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- plaino¹:** Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- plaino²:** Planície (198) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- plano (outro):** céu (201) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- pneumonia:** Gripe (261) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- pó branco:** Doenças da goiaba (216) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- poça:** poça d'água (195) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- poço¹:** Lagoa (194) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- poço²:** Poça d'água (195) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- poço³:** Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- podão:** Instrumento de cortar arroz (300) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- podre¹:** Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- podre²:** Dente estragado (247) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
- podridão:** Furúnculo (289) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- polenta:** Curau (303) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- porta-do-céu:** Três-marias - constelação (204) - HL [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- porto:** Margem de rio (193) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- pouca visão:** Míope (253) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- praga:** Antraz (291) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- prega:** Ruga (242) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- presa:** Dente canino (246) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- primavera:** Estações do ano (207) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- pudim:** Curau (303) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

pulgão: Doenças da goiaba (216) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

punho: Pulso (278) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

pupila: Pestana / cílios (251) [**ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

purgão: Carnegão (290) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

pus¹: Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

pus²: Carnegão (290) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

puxada do rio: Correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

quarto crescente: Fases da lua (202) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

quarto minguante: Fases da lua (202) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

quebra-cabeça: Arapuca (218) - HL [*ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

quebra-coco: Arapuca (218) - HL [*ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

queimação: Azia (273) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

quero-quero: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

rabisseco: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

rabo: Rabo de cascavel (228) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

rabugem: Sarna (293) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

raiar do dia: Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

raio: Corisco (206) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

raiz¹: Floresta (209) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

raiz²: Soca de arroz (298) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

rampa: Margem de estrada / barranco (200) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

ranho seco: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

raspagem: Aborto (275) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

rebento: Corisco (206) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

recanto: Soca de arroz (298) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

recatada: Arroz de segunda colheita (299) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

recorte: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

rede: Balanço (315) [*ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

regato: Lagoa (194) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

relâmpago: Corisco (206) [*ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]

rendidura: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

rengo: Coxo (284) [*ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

represa (seca): Lagoa (194) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

repugnância no estômago: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

resfriado: Gripe (261) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

respirador: Narinas (260) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

respiratório: Narinas (260) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

ressoca: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

ressoca: Soca de arroz (298) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

resteva¹: Soca de arroz (298) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

resteva²: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

resto: Soca de arroz (298) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

retanho: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

reto: Planície (198) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

rio corrente: correnteza / corredeira (192) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

risco: Cicatriz (288) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

roçada: aceiro (210) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

roda-vento: Roda d'água (310) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

rolha: Chumbada (236) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

romper do dia: Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]

rot: Ranho, secreção líquida do nariz (256) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

ruim da vista: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

ruindade no estômago: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

sacho: *xuxu*. Pá (308) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

sagia: Aceiro (210) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

saibro: Areia (196) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

sapato de cano alto: Bota (296) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

sapo sarnento: Queimada (314) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

saporema: Doenças da goiaba (216) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

saracura: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

saraquá: Enxada (306) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

schurchige: Terçol (252) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

seca: Estações do ano (207) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]

segunda safra: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

segundo corte: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

sela: Arreio (224) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

sem um pé: Perneta (285) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

- semente:** Carço (213) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- semprevejo:** Percevejo (231) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sepultura-de-Adão e Eva:** Três-marias - constelação (204) [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- seriema:** Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- serra¹:** Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- serra²:** Ferrão (235) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- serra³:** Instrumento de cortar arroz (300) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- sertão:** Floresta (209) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- sete-bocas:** Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sete-buracos:** Antraz (291) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sete-camaçadas:** Antraz (291) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sete-couro:** Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- sete-estrelas:** Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sete-marias:** Três-marias - constelação (204) -HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sete-olhos:** Antraz (291) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- signo de salomão:** *Cinco salamão*. Prática popular para curar a impigem (294) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- sinal de beleza:** Sarda (292) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sinal de velhice:** Ruga (242) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sinal:** Cicatriz (288) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- sino:** Úvula (249) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- sítio:** floresta (209) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- só um braço:** Maneta (282) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sobra do arroz:** Arroz de segunda colheita (299) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sobra:** Soca de arroz (298) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- sobrancelhas:** Pestana / cílios (251) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- soca:** Arroz de segunda colheita (299) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- sofre das vistas:** Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- sofreu algum incômodo:** Aborto (275) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- soqueira¹:** Soca de arroz (298) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- soqueira²:** Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

sovaqueira: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

subida¹: Montanha (197) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

subida²: Parte mais alta de um terreno (199) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

sujeira do nariz¹: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

sujeira do nariz²: Ranho, secreção líquida do nariz (256) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

sujeira: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

sujo: Mau cheiro do corpo (277) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

sulcador: Arado (307) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

suspiratório: Narinas (260) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

tabuleiro: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

tacho: Torrador (304) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

taco de sinuca: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

talão do nariz: Narinas (260) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

tanque: Lagoa (194) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

tapete: Pelego (225) - HL [*ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

taquara: Moça da perna fina (286) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

tataraca: Ceroto (257) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

tatu¹: Ranho, secreção líquida do nariz (256) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

tatu²: Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

teimosa: Galinha choca / emperrada (219) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

tempestade: Vento muito forte / ventania (205) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

temporal: Vento muito forte / ventania (205) [**ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

temporão: Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

terno: Paletó (295) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

terra branca: Areia (196) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

tesoura: Instrumento de cortar arroz (300) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]

teta: Seios (270) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]

tétano: Mal-de-sete-dias, infecção umbilical (271) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

tico-tico: Sarda (292) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

tigüera¹: Arroz de segunda colheita (299) [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

tigüera²: Soca de arroz (298) - HL [**ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

toca¹: Narinas (260) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

toca²: Biroca / búrico (312) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

- toca-vento:** Roda d'água (310) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- toco:** Soca de arroz (298) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- tombador:** Arado (307) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- topo:** Parte mais alta de um terreno (199) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- tormenta:** Vento muito forte / ventania (205) [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- touceira¹:** Soca de arroz (298) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
- touceira²:** Arroz de segunda colheita (299) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- traçador:** Enxada (305) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- três-anjos:** Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- três-estrelas:** Três-marias - constelação (204) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- três-marias:** Três-marias - constelação (204) [**ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- três-pessoas:** Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- três-reis-magos:** Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- três-irgens:** Três-marias - constelação (204) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- trinta-e-um:** Queimada (314) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- tripa:** Intestino (274) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- troncho:** Coxo (284) [***ALPR (1994)] / [*H] / [**MS]
- tronco do pé:** Tornozelo (283) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- trovoada:** Corisco (206) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- tufão:** Vento muito forte / ventania (205) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- tufão:** Vento muito forte / ventania (205) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- tumor¹:** Furúnculo (289) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- tumor²:** Carnegão (290) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- tumor³:** Antraz (291) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- turvo:** Primeiras horas do dia (208) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- tutano:** Ceroto (257) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- uma perna:** Perneta (285) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- umbigo:** Gala (221) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
- unheiro:** Doença que dá nas unhas (279) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
- vaca-cega:** Cobra-cega (313) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
- valeta¹:** Poça d'água (195) - HL. [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
- valeta²:** Margem de estrada / barranco (200) - HL. [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]

vanga¹: Enxada (306) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vanga²: Pá (308) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vara de bater pecado: Moça da perna fina (286) - HL [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
vareta: Moça da perna fina (286) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
vargedo¹: Parte mais alta de um terreno (199) - HL [**ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
vargedo²: Planície (198). [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
vargem: Planície (198). [**ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
varicela¹: Sarampo (265) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
vasinho: Doenças da goiaba (216) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
velha: Galinha choca / emperrada (219) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
velha-cega: Cobra-cega (313) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vendaval: Vento muito forte / ventania (205) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
ventania: Vento muito forte / ventania (205) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
ventarola: Vento muito forte / ventania (205) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
ventas: Narinas (260) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
ventilação do nariz: Narinas (260) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vento do sul: Vento muito forte / ventania (205) [***ALPR (1994)] / [**H] / [***MS]
vento forte: Vento muito forte / ventania (205) [***ALPR (1994)] / [**H] / [*MS]
verão: Estações do ano (207) [***ALPR (1994)] / [*H] / [*MS]
vergão: Cicatriz (288) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
vermelho: Gema (220) [*ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
vesgo: Cego de um olho (255) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
viração: Náusea (263) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
vira-terra: Arado (307) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vioto: Vesgo (254) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vista cansada: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vista curta: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]
vista fraca: Míope (253) [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
vista torta: Vesgo (254) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]
viúva: Terçol (252) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
volta da lua: Círculos da lua (203) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
volta do rio: Correnteza / corredeira (192) - HL [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]
vômito: Náusea (263) [***ALPR (1994)] / [**H] / [**MS]

zarolho¹: Vesgo (254) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

zarolho²: Cego de um olho (255) [***ALPR (1994)] / [*H] / [***MS]

zenzo: Instrumento de cortar arroz (300) - HL [***ALPR (1994)] / [***H] / [***MS]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma retomada dos dados

Para o ALPR II foi definido como objetivo geral a cartografia dos dados inéditos coletados para o Atlas Lingüístico do Paraná (1994), com vistas ao registro e a disseminação do acervo lingüístico coletado. Por meio das cartas constantes do Atlas, muitos estudiosos poderão se servir dos dados para suas pesquisas, permitindo o entendimento dos usos lingüísticos, dentro do contexto social da comunidade estudada.

Desta forma, reafirma-se a importância dos estudos dialetológicos para a preservação, a compreensão e a disseminação dos fatos lingüísticos, sejam eles registrados pela Dialectologia tradicional, isto é, apenas levando em conta a sua distribuição no espaço geográfico, sejam documentados pela dialetologia pluridimensional, que observa também os diversos outros aspectos (diastrático, diageracional, diassexual...) influenciadores da linguagem.

O ALPR II com suas 175 cartas, 125 lexicais e 50 fonéticas, é o inventário de algumas formas lingüísticas atualizada na modalidade oral da língua. A utilização dos dados coletados por meio das entrevistas realizadas para o ALPR (1994) alcança, com esta tese, 94,5% dos dados. É importante ressaltar que os 5,9% ainda não cartografados (devido à natureza aberta das questões) estão servindo de fonte para inúmeros trabalhos monográficos. O quadro 16, a seguir, mostra a distribuição das questões cartografadas.

Autor	Obra	Questões cartografadas	%
Aguilera (1994)	Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR	124	38
Souza (2005)	Medicina caseira paranaense: um estudo geolingüístico	07	2,5
Altino (2007)	Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II	175	54
	Total	306	94,5

Quadro 16 – Questões cartografadas em 3 trabalhos

A retomada dos dados coletados entre 1985 e 1989, 18 anos depois, não inviabiliza a sua cartografia. Ao contrário, aponta para o rigor científico da coleta dos dados que reafirma a possibilidade de análise e da documentação, seja imediatamente após sua recolha ou não. Muitos estudos ainda poderão ser desenvolvidos a partir dos dados já cartografados (ALPR e ALPR II) ou inéditos, seja pela aplicação de novas metodologias, seja pela incorporação de novas coletas de dados às já feitas, demonstrando, segundo Cardoso (2002, p.164), a necessidade para o "conhecimento efetivo de uma dada realidade lingüística."

Observa-se nas cartas do ALPR II o registro de uma grande produtividade lexical para a denominação do mesmo conceito. Trata-se de um elenco complexo que abarca desde formas inovadoras seja da linguagem padrão seja de criação popular recente como *teimosa* (para galinha choca/ emperrada - carta 219) e *ferrugem* (para sarna - carta 292); até formas antigas presentes ao português europeu como *rabugem* (para sarna - carta 293), *náfego* (para coxo - carta 284) e *lomba* (para parte mais alta de um terreno - carta 199). Citam-se, ainda, os regionalismos, como *coça-coça* (para sarna - carta 293) e as ocorrências únicas *juquiá* (para Arapuça), *mijacão* (para Antraz); e as formas populares disseminadas pelo português oral de outras regiões do Brasil como *lunanco* (para pernetta - carta 285), *coxilha* (para parte mais alta de um terreno - carta 199).

Sobre a manutenção da linguagem popular arcaica, registram-se exemplos como na carta 284, em que se cartografa a variante *náfego*, arcaísmo utilizado pelos homens, ou *leicenço* (para furúnculo - carta 289, carnegão - carta 290 e antraz - carta 291). Há, ainda, algumas variantes motivadas pelo fator diatópico, ou seja, são encontradas em uma determinada região dentro do estado. Como exemplo, as cartas 293 - designações para a sarna e 295 - designações para paletó, em que se registram a variante *coça-coça* e *casaco*, respectivamente, no extremo oeste paranaense, e na carta 220 - designações para a gema, registra-se vermelho nos pontos 37 (Cerro Azul), 38 (Adrianópolis) e 64 (Rio Negro). Nas cartas 212 - designações para semente - e 231 - designações para percevejo, registram-se *bagaço* e *chupança* no norte do estado. É importante destacar as cartas nas quais a variação não ocorre e que expressam o caráter homogêneo da fala no Paraná. Como exemplo, citam-se as cartas 229 - designações para o *bichinho*, *cheio de perninhas*, *que gruda na gente ou nos animais* e *que chupa sangue*, que registra para todo o estado apenas a variante *carrapato*, ou na carta 248 - designações para

as manchinhas brancas que aparecem na boca das criancinhas que mamam, com o registro de *sapinho* em todo o Paraná.

É preciso assinalar, ainda, a importância do glossário organizado com base no levantamento, feito a partir das cartas léxico-semânticas apresentadas nesta tese, das variantes lexicais registradas nas questões inéditas das entrevistas para o ALPR (1994).

Quanto à utilização de métodos

Tradicionalmente no Brasil, o método geolingüístico vem sendo utilizado para a apresentação dos dados registrados nas entrevistas *in loco*. Essa distribuição espacial das variantes lexicais ou fonéticas tem prestado uma valiosa contribuição para o conhecimento da língua falada em diversas regiões do país.

O método dialetométrico constitui-se, por sua vez, de uma análise global dos dados coletados pela Geolingüística, o que permite uma visão generalizada desses dados, as contribuições dessa metodologia são as de fornecer um quadro sintético do comportamento lingüístico no estado do Paraná.

A aplicação de tais métodos - geolingüístico e dialetométrico - ao *corpus* coletado para o ALPR (1994) é complementar, uma vez que cada uma das metodologias adotadas consagra-se por sua abrangência: o método do geolingüístico, por permitir a visualização das particularidades de cada ponto de inquérito e de cada informante; e o método dialetométrico, por considerar todo o volume de dados e sintetizá-los por meio das cartas que demonstram os índices de identidade e de distância entre os pontos de um atlas. As cartas dialetométricas (367 e 368), constituídas de análises estatísticas de dados coletados pela geolingüística, evidenciam a diversidade lingüística e a sua relação com a história da colonização paranaense, demonstrada no capítulo 4, em que se estabelece o grau de influência dos diversos grupos colonizadores do Paraná, em relação ao nível léxico na falar rural.

Esses métodos associados proporcionaram a identificação, por meio das cartas lingüísticas, do(s) nível(is) da linguagem - fonético e/ou lexical - em que se manifestam mais claramente as diferenças lingüísticas regionais; e, dentro de

uma nova metodologia, a associação das diferenças ou semelhanças lingüísticas dos falantes rurais paranaenses à história social do estado.

Pretende-se, por fim, com as observações constantes desta tese, contribuir para o conhecimento da língua portuguesa falada no Paraná.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. (Org.) **A Geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005.

_____. O baetaté existe realmente? In: BLAYER, I. M. F.; ANDERSON, M. C. **Latin American narratives and Cultural Identity** - selected reading. New York: Peter Lang, 2004. p. 201-216.

_____. (Org.) **A Geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998a.

_____. Atlas Lingüístico do Paraná: veredas. In: _____. (Org.) **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998b. p. 99-136.

_____. Informações sobre outros Atlas em andamento. In: _____. (Org.) **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998c. p. 197-206.

_____. **Atlas lingüístico do Paraná - ALPR**. Apresentação. Londrina: Eduel, 1996.

_____. **Atlas lingüístico do Paraná - ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994a.

_____. Atlas lingüístico do Paraná: algumas notas sobre a variação lexical. In: **SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ**, 8, Curitiba. **Anais...**, p. 1-16, 1994b.

_____. **Atlas Lingüístico do Paraná**. 1990. 426p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis. 2v..

_____. **Aspecto lingüístico da fala londrinense: esboço de um atlas lingüístico de Londrina**. 1987. 313p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis. 2v.

_____.; MOTA, J. A.; MILANI, G. A. L. **Documentos I: Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2004.

_____.; SANTOS, A. C. dos. O senhor conhece o caipora? As credices populares no imaginário dos falantes. In: **ENCONTRO INTEGRADO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E DE EXTENSÃO**. Rolândia: FACCAR, 2005.

ALKMIM, T. Sociolingüística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, F. da S. C. Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ): uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. Rio de Janeiro. 2006. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. (Relatório de Qualificação).

ALTINO, F. C. Atlas lingüístico do Brasil: avanços e contribuições. In: SELISIGNO: SEMINÁRIO DE LINGÜÍSTICA E SIGNIFICAÇÃO E SIMPÓSIO DE LEITURA DA UEL, 4. e 5., Londrina. 2004. **Anais...** Londrina, 2004a.

_____. Procedimentos metodológicos: a entrevista. **Revista Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 33, 2004b. 1CD-rom.

_____. **Pelos caminhos da geolingüística paranaense**: um estudo do léxico popular de Adrianópolis. 2001. 218p. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2v.

_____. et al. Definições metodológicas para uma pesquisa geolingüística: o Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil. In: **Anais do XVI seminário do CELLIP**. Londrina: UEL, 2003.

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)**. 2. ed. São Paulo: Humanitas/IFFLCH/USP, 2004.

ALVAR, J.; ALVAR, J. **Guaraqueçaba, mar e mato**. Curitiba: UFPR, 1979.

_____. Notas dialetológicas sobre Guaraqueçaba. **Estudos Brasileiros**, v. 2, p. 35-64, jun. 1977.

ALVAR, M. (Dir.) **Manual de dialectologia hispânica**: el español de España. Barcelona: Ariel, 1996.

ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 1992.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 2. ed. São Paulo: HUCITEC/ Secretaria da Cultura, 1976.

ANATEL - AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br/hotsite/conheca_brasil/default.asp>. Acesso em: 12 jul. 2007.

ARAGÃO, M. do S. S. de. Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.) **Documentos 2: projeto do Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 35-66.

_____. Atlas Lingüístico da Paraíba. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Editora UEL:1998, p. 55 - 78.

_____.; MENEZES, C. B. de. **Atlas lingüístico da Paraíba - ALPB**. Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, 1984. 2. v.

ATLAS LINGÜÍSTICOS EN INTERNET. Disponível em: <<http://www.geolectos.com/atlas.htm>>. Vários acessos.

ATLAS LINGUISTIQUE ROMAN (informações). Disponível em: <<http://w3.u-grenoble3.fr/dialecto/ALIR/alir.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2007.

BLANCH; J. M. L. Geografía y sociología lingüística en México. In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 14., Nápoli, 15 a 20 aprile, 1974.. **Atti...**, p. 207-220, v. 1, Nápoli.

BOLÉO, M. de P. **Estudos de lingüística portuguesa e românica**. v. I. Dialectologia e história da língua. Tomo I. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1974.

_____. **Brasileirismo: problemas de método**. Coimbra: Coimbra, 1943.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1986.

BRANDÃO, S. F. A história e as contribuições de um projeto na linha geolingüística. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 357-370.

_____. **A Geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

_____.; MORAES, J. A. A Geolingüística no Brasil: resultados e perspectivas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA AMÉRICA LATINA, 9., Campinas. **Atas...** v. 4. Campinas : Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 1998.

BRASIL. Senado Federal. Subsecretaria de Informações. Decreto N° 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=108194>>. Acesso em 12/07/2007

CALVET, L.J. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMACHO, R. G. Sociolingüística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CÂMARA JR, J. M. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981.

CARDOSO, J. A.; WESTPHALEN, C.M. **Atlas histórico do Paraná**. 2. ed. rev. e ampl. Curitiba: Livraria Chain, 1986.

CARDOSO, S. A. M. O projeto ALiB e sua trajetória. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.) **Documentos 2**: projeto do Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006a.

_____. A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? **Revista do GELNE**, Fortaleza, v. 4, n. 1/2, p. 215-223, 2006b. Disponível em: <http://elis.npd.ufc.br/gelne/revista_ano4_no2_12.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2007.

_____. O atlas lingüístico do Brasil: de "nascituro" a "adoscente". In: AGUILERA, V. de A. (Org.) **A Geolingüística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EdueI, 2005a. p. 1-12.

_____. Sergipe: um estado com dois atlas. In: AGUILERA, V. de A. **A geolingüística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: EdueI, 2005b. p. 101-135.

_____. **Atlas lingüístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005c.

_____. O projeto ALiB: caminhos andados e a percorrer. In: AGUILERA, V. de A.; MOTA, J. A.; MILANI, G. A. L. **Documentos I: Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2004. p. 27 - 31.

_____. **Atlas lingüístico de Sergipe II**. 2002. Tese (Doutorado em Letras – Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. La dialectologie au Brasil aperçu historique et bilan actuel. In : CONTINI, M (Org). **La géolinguistique en Amérique latine**. Hors série n°2 de Géolinguistique. Université Stendhal, Grenoble 3, 2001/2002. p. 197-229.

_____. O Atlas Lingüístico do Brasil: um projeto nacional. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998. p. 165-176.

_____. Perspectivas para a Dialectologia no Brasil. In: _____. (Org.) **Diversidade lingüística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996.

_____. Língua: meio de opressão ou de socialização? In: FERREIRA, C. et al. **Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

_____; Ferreira, C. **A dialectología no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARUSO, P. **Atlas lingüístico do estado de São Paulo: questionário**. Assis: Instituto de Letras/História e Psicologia / UNESP/Prefeitura Municipal de Assis, 1983.

CARVALHO, N. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

CASTILHO, A. T. de. O Português no Brasil. In: ILARI, R. **Lingüística românica**. São Paulo: Ática, 1992.

CASTRO, V. S. de. Os estudos dialetológicos nos Estado de São Paulo. In: OLIVEIRA, M. de (Org). **Língua Portuguesa em São Paulo: 450 anos**. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 39-61.

CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA - Pt. Disponível em:
<http://www.clul.ul.pt/sectores/variacao/projecto_allp.php>.

CHAMBERS, J.K.; TRUDGILL, P. **La Dialectologia**. Madri: Visor Libros, 1994. p. 19-32.

CHAVES DE MELO, G. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico S/A, 1981a.

_____. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981b.

CIGOLINI, A.; MELLO, L. de; LOPES, N. **Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2001.

COMITÊ NACIONAL DO ALiB. **Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil**, 1999.

COSERIU, E. **O Homem e sua linguagem**. 2. ed. Trad. FONSECA, C. A.; FERREIRA, M. Rio de Janeiro: Presença, 1987. (Coleção Linguagem, v. 16).

COUTINHO, I. de L. **Gramática histórica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.

CULLER, J. **As idéias de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1979.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERNÁNDEZ, F. M. Lengua, geografía y sociedad. In: **JORNADA DE LINGÜÍSTICA**, 4., 17 y 18 de noviembre, Cádiz. 1998, p. 53-76.

FERREIRA, A. B. de H.. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. **Novo dicionário eletrônico Aurélio**. versão 5.0. 2004. 1 CD-rom.

FERREIRA, C. Atlas Prévio dos Falares Baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, V. de A. **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998. p. 15-30.

_____. et al. **Atlas lingüístico de Sergipe - ALS**. Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.

FERREIRA, J. C. V. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

FILIPACK, F.; SICURO, N. A. **A Antologia do Vale do Iguaçu**. União da Vitória: Fundação Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória, 1976.

GOEBL, H. Regards dialectométriques sur les données de l'Atlas Linguistique de la France (ALF) : relations quantitatives et structures de profondeur. **Estudis Romanics**, Barcelona, Institut D'Estudis Catalans, v. 25, p. 59-96, 2003.

_____. Analyse dialectométrique des structures de profondeur de l'ALF. **Revue de Linguistique Romane**, Strasbourg, tome 66, p. 5- 63, 2002.

_____. Points chauds de l'analyse dialectométrique : pondération et visualisation. **Revue de Linguistique Romane**, tome 51, p. 63-118, 1987.

_____. Parquet polygonal et treillis triangulaire: les deux versants de la dialectométrie interponctuelle. **Revue de Linguistique Romane**, Strasbourg, tome 47, p. 353-412, 1983.

_____. Eléments d'analyse dialectométrique avec application à l'ALS, **Revue de Linguistique Romane**, Strasbourg, tome 44, p. 349-420, 1981.

_____. La dialectométrie appliquée à l'ALF (Normandie). In: CONGRESSO INTERNAZIONALE DE LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 14., Nápoli. **Atti...**, Nápoli, v. 2, p. 165-195, 1976a.

_____. Analyse dialectométrique de quelques points de l'ALS : italien standard, valdotain, provençal alpin, turinois, milanais. **Universität Regensburg**, p. 282-299, 1976b.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Microrregiões do Paraná**. Disponível em: <<http://www.parana.pr.gov.br>>. Acesso em: 15 maio 2007.

GUARNER, M. S. **La cartografía lingüística en la actualidad y el atlas de la Península Ibérica**. Madrid: Instituto Miguel de Cervantes, 1953.

GUIMARÃES, T. B. Atlas lingüístico de São Francisco do Sul (SC). In: OLIVEIRA, E. G. de (Org.). **Caderno de resumos [do] V SEDATA** - Seminário de dissertações e teses em andamento. Londrina: PPGEL, 2006.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Sugestões para uma política da língua**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Instituto Nacional do Livro, 1960.

IMAGUIRE, L. M. C. **Estudo geolingüístico de alguns municípios do litoral sul paulista**: abordagem de aspectos semântico-lexicais. 2004. 450p. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. **Estudos com vistas a um atlas lingüístico da ilha de Santa Catarina**: abordagem dos aspectos lexicais. 1999. 554p. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Universidade de São Paulo. São Paulo. 2v.

ISQUERDO, A. N. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percurso metodológico. In: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (Orgs.) **Documentos 2**: projeto do Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-96.

_____. Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) **A geolingüística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005. p. 335-356.

JOTA, Z. dos S. **Dicionário de lingüística**. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

KERECUK, N. L. A Entrevista na pesquisa sociolingüística. In: **ENCONTRO DO BILINGUISMO E VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA DA REGIÃO SUL**, 6., Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 1987.

KOCH, W.; KLASSMANN, M.S.; ALTENHOFEN, C.V. **Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil - ALERS**. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, v. 53-54, p. 60-94, 1978.

LIMA SOBRINHO, B. **A língua portuguesa e a unidade do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LINO, F. M. M. **Aspectos lingüísticos da fala de Cândido de Abreu**: um estudo geossociolingüístico. 2000. 291p. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

MAC DAVID JR, R. I. Dialetos: padrão e sub-padrão britânico e norte-americano. In: HILL, A. A. **Aspectos da Lingüística Moderna**. (cópia xerocada) MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD Livros, 1996.

MARTÍN, R. M. C. Aragón en los atlas lingüísticos. CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 14., Nápoli, 15 a 20 aprile, 1974.. **Atti...**, p. 325-345, v. 1, Nápoli.

MERCER, J. L. da V. Notas dialetológicas sobre Guaraqueçaba. In: **Estudos Brasileiros**, 2: 35-64, jun./1977.

_____. **Le lexique technique des pêcheurs de Guaraqueçaba (Brésil)**. Tese (Doutorado em Estudos Românicos) - Université de Toulouse II, Toulouse, 1979.

_____. **Áreas fonéticas do Paraná**. Tese (Admissão como Docente Titular) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1992.

MODÉJAR, J. Los atlas lingüísticos del área iberorrománica: informe crítico. **Boletim de Filologia**, Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, tomo 32, p. 1988-1992, 1992.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolingüística**: tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTES GIRALDO, J.J. **Dialectología general e hispanoamericana**: orientación teórica, metodológica y bibliográfica. 2. ed. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.

MORAES SILVA, A. de. **Diccionario da lingua portugueza**. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813. (edição digitalizada)

MORENO-FERNÁNDEZ, F. **Princípios de sociolingüística y sociologia del lenguage**. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: _____; _____. (Orgs.) **Documentos 2: Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006.

MURICY, A. **Algumas vozes regionais do Paraná do Extremo Oeste**. Rio de Janeiro, Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, 1938.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil: questionário**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1961.

_____. **Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

_____. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. Études dialectologiques au Brésil. ORBIS - **Bulletin International de Documentation Linguistique**, Louvain, tome 1, n. 1, 1952.

NOGUEIRA, A. X. Notícias de um atlas em andamento: Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul - ALMS . In: AGUILERA, V. de A. (Org) **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998. p. 143-154.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. **O português do Brasil: brasileirismos e regionalismos**. 1999. 171p. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara.

PISCIOTTA, H. O lexical nos eixos horizontal e vertical. In: AGUILERA, V. de A. (Org.) **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: Eduel, 2005. p. 463-474.

_____. O lexical nos eixos horizontal e vertical. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998. p. 243-252.

QUESTIONÁRIO LINGÜÍSTICO. Lisboa: Instituto de Lingüística, 1974. 3v.

RAZKY, A. Atlas lingüístico sonoro do Pará: uma nova perspectiva para a organização de corpus geolingüístico. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer.** Londrina: Eduel, 2005. p. 209-228.

_____. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALISPA. In: AGUILERA, V. de A.; MOTA, J. A.; MILANI, G. A. L. **Documentos I: Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2004.

REIS, R.C.P. **Atlas lingüístico do município de Ponta Porã - MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai.** 2006. 456p. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Lingüísticos) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas. 2v.

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais - EALMG.** v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RODRIGUES, L. Brasil tem 105 milhões de celulares, diz Anatel. **Folha Online**, 18 jun. 2007. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u305222.shtml>>. Acesso em: 19 jun. 2007.

RODRIGUES, R. E. de S. B. **Em busca de uma história para o léxico rural paranaense.** 2007. 378p. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2007. 2v.

_____. **Para um glossário da fala popular rural paranaense.** 2000. 180p. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, 2000.

RONA, J. P. The social dimension of dialectology. **International Journal of the Sociology of Language**, 9, p. 7-22, 1976.

ROSSI, N.; FERREIRA, C.; ISENSEE, D. **Atlas prévio dos falares baianos - APFB.** Rio de Janeiro: INL/MEC, 1963.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem a Curitiba e Santa Catarina**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SARAMAGO, J. A. das P. GONÇALVES, J. B. Diferenciação lexical interpontual no Açores: estudo dialectométrico aplicado em materiais do ALEAç. In: CONTINI, M. **Parole romanze**. Alexandria: Dell'orso, 2003, pp. 421- 440.

_____. **Diferenciação lexical interpontual nos territórios galego e português** (Estudo dialectométrico aplicado a materiais portugueses do ALPI e a materiais galegos do ALGa). Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/jsaramago/variacao_lexical.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2007.

_____. **A ilha do corvo**: alguns aspectos lingüísticos. Dissertação em Lingüística Portuguesa para acesso à categoria de Investigador Auxiliar de acordo com o disposto no n°1 do art. 17° do Dec.-Lei n° 415/80 de 27-9. Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa. Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa, 1987.

_____. Diferenciation lexicale: um essai dialectometrique applique aux materiaux portugais de l'A.L.E. **Bulletin du Centre de Dialectologie**, Grenoble, v. 2, p. 1-31, 1986.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. ed. Belém: Conselho Nacional de Pesquisa/Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à sociolingüística**: tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, S.S. de. **Medicina caseira paranaense**: um estudo geolingüístico. 2005. 123p. Dissertação (Mestrado em Estudos da linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

TARALLO, F. **A Pesquisa sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. (Série Princípios)

THUN, H. **La pluridimensionalidad del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)**. Cópia cedida pelo autor em curso ministrado na Universidade Estadual de Londrina, em julho de 2007.

_____. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera. **New Wege der Romanischen Geolinguistic: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie.** (Heidelberg/Mainz 21-24, 10.1991) Kiel: Westensee-Verl, 1998. p. 210-225.

_____. **A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata.** Porto Alegre: UFRGS, 1997.

_____. ; ELIZAINCÍN, A. **Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay (ADDU).** Kiel: Westensee, 2000.

_____.; FORTE, C. E.; ELIZAINCÍN, A. El Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU) - presentación de un proyecto. **Iberoromania:** revista dedicada a las Lenguas y Literaturas iberorrománicas de Europa y América, n. 30, Max Niemeyer Verlag, Tübingen, 1989. (número temático sobre el español de América)

TONIOLO, E. J. **Do presente ao passado:** um olhar sobre o vocabulário de Tibagi. 2002. 140p. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

_____. **Vocabulário de Tibagi.** Apucarana: Fundação Faculdade Estadual de Ciências Econômicas, 1981.

_____. A Linguagem da depressão central gaúcha e a dos campos gerais. **Minerva**, v. 1, p. 95-6, 1967.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics:** an introduction to Language and Society. Gateshead: Penguin Books, 1984. p. 169-191.

VENY, J. **Introducción a la dialectología catalana.** Barcelona: Enciclopedia Catalana, 1985.

VIEIRA, H. G. Fundamentos para organizar, implementar e manter um banco de dados geolingüístico. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolingüística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Eduel, 1998. p. 207-224.

VITORINO, G. **Atlas lingüístico de litoral português:** fauna e flora (introdução, dialetometria e índices). Lisboa: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa/ Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

WOUK, M. **Estudo etnográfico-lingüístico da comunidade ucraniana de Dorizon**. Curitiba: Projeto, 1981. p. 107-110.

ZAGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (Org). **A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Eduel, 1998. p. 31-54.

APÊNDICE

Apêndice A Matriz dos dados

Neste apêndice estão registradas as matrizes dos dados utilizados na análise dialetométrica. A apresentação das matrizes na seguinte sistematização: número e tema da questão do questionário, código atribuído, registros (inclusive a não resposta) e número dos pontos lingüísticos. Quando uma questão recebe mais de uma resposta em determinada localidade, o número do ponto aparece sublinhado. Vocábulos não dicionarizados foram grafados entre aspas simples.

2. Terreno próximo aos rios

0	não resposta	4, 46, 50, 62
1	vargem	1, 2,3,5,6,7,8,9,11,12, <u>13</u> ,17, <u>20</u> , 21, 23, 26, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, <u>38</u> , 40, 41, 44, <u>47</u> ,49, 52, 56, 57, 58, 59, 61, <u>64</u>
2	brejo	5, 10, <u>13</u> , <u>15</u> , 22, 24, <u>65</u>
3	meia mista	<u>13</u>
4	meia	<u>13</u>
5	marinha	14, <u>55</u>
6	banhado	18, <u>20</u> , 27, <u>28</u> , 30, <u>39</u> , 42, 43, 48, <u>51</u> , 54, 60, <u>64</u> , <u>65</u>
7	areia	<u>15</u> , <u>38</u>
8	baixada	16, <u>20</u> , 45
9	beira do rio	19, <u>51</u>
10	úmida	<u>25</u> , <u>47</u>
11	barranca do rio	63
12	molhada	<u>39</u> , 53
13	grota	<u>51</u>
14	lama	<u>25</u>
15	coivara	<u>55</u>
16	encharcada	20, 37
17	barro	<u>28</u>

3. Rio pequeno

0	não resposta	7, 49
1	córrego	1, 2, 3, 4, <u>5</u> , 6, 7, 9, <u>11</u> , 12, <u>13</u> , 14, <u>15</u> , 16, 17, 18, 21, 22 24, 25, 28, 29, <u>33</u> , 34, 38, 47
2	ribeirão	<u>5</u> , <u>11</u> , 12, <u>15</u> , 20, 26, <u>35</u> , <u>36</u> , 37, 44, 55, 65
3	rio pequeno	<u>10</u> , 45, 54
4	arroyo	27, 31, <u>35</u> , 40, 41, 42, 50, 53, <u>59</u> , 61, 62, 63, 64
5	sanga	32, 39, 48, 51, <u>52</u> , 57, 58, 60,
6	água	<u>10</u> , 23, <u>52</u>
7	rio	<u>13</u>
8	lajeado	19, 57, <u>59</u>
9	mina	30
10	riacho	<u>33</u> , 43, 46
11	olho d'água	<u>36</u>
12	passo	<u>59</u>

4. Correnteza / corredeira

0	não resposta	16, 19, 60
1	correnteza	2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 14, 15, 18, <u>20</u> , 21, 22, 23, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, <u>37</u> , 40, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 57, 65
2	corredeira	13, 17, <u>20</u> , 24, 34, 35, 39, 41, <u>51</u> , 59, 61
3	cachoeira	3, 25, <u>37</u> , <u>58</u> , 62, 64
4	rio (água) corrente	10, 36, 38, 43, <u>51</u> , 54, 56
5	'burcão'	<u>58</u>
6	descida	63
7	volta do rio	53

5. Margem de rio

0	não resposta	11, 19
1	barranco (a)	3, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, <u>47</u> , 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, <u>63</u> , 65
2	vargem	51
3	margem	10, <u>58</u>
4	beira do rio	1, 2, 4, 37, <u>41</u> , 44, 46, <u>47</u> , 50, <u>58</u> , <u>63</u>
5	porto	14

6. Ponte

0	não resposta	61
1	ponte	1 - 60, 62, 63, 64, 65
2	pinguela	<u>35</u> , <u>43</u>

10. Lagoa

1	lagoa	1 - 27, 29 - 44, 46 - 51, 53, 55 - 59, 62 - 65
2	tanque	<u>36</u> , 54
3	poço	60, 61
4	regato	<u>37</u>
5	água parada	28

11. Terreno úmido

0	não resposta	25, 48, 64
1	banhado	14, 17, 18, 26, 27, 28, <u>31</u> , 32, 35, <u>36</u> , 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, <u>44</u> , 47, 49, 50 - 63
2	atoleiro	2, 3, <u>6</u> , <u>8</u> , <u>12</u> , <u>16</u> , <u>19</u> , 20, <u>22</u> , <u>31</u> , <u>34</u> , <u>36</u> , <u>44</u>
3	brejo	3, 4, <u>5</u> , <u>6</u> , <u>7</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , 10, 11, 13, 15, 16, 19, <u>21</u> , 22, 23, 24, 29, 30, 33, 34, 45, 65
4	lama	1, <u>9</u> , <u>12</u>
5	vargem	<u>8</u> , <u>12</u> , <u>33</u> , <u>44</u>
6	barro(eiro)	<u>12</u>
7	lodo	28
8	baixada	<u>16</u> ,
9	terra mole	46

12. Poça d'água

0	não resposta	4, 23, 49
1	poça d'água	1, 2, 3, 5 -12, 14 - 22, 24 - 34, 36 - 42, 44 -48, 50 - 62, 64, 65
2	lama	13, <u>47</u>
3	lagoa	<u>26</u> , <u>46</u>
4	banhado	35, 63
5	barro	<u>47</u>
6	gamela de água	43
7	valeta	<u>57</u>
8	grota	<u>60</u>

15. Onda de rio

0	não resposta	15
1	onda	2 -13, 16, 18 -21, 24-28, 31-38, <u>40</u> - 59, 61 -65
2	maré	1, 14, 17, 22, 23, 29, 39, <u>51</u> , 60
3	'vanzeiro'	<u>45</u> , <u>55</u>
4	cachoeira	<u>25</u>

5	mareta	<u>57</u>
6	correnteza	<u>30, 40</u>
7	tombo da água	<u>40</u>

16. Montanha

0	não resposta	
1	morro	1, <u>3, 5, 6, 8, 9</u> , 12, 14, <u>17, 19, 21</u> – 33, 43, <u>44, 45</u> , 47, 49, <u>51, 52, 53, 56, 59</u> , 61, <u>62, 63</u>
2	montanha	2, 4, 7, <u>8, 9, 10</u> , 11, 15, <u>17, 19, 21, 24, 25, 26</u> , 27, <u>29, 30, 31, 32, 43, 44, 45</u> , 47, <u>51, 52, 56, 62, 63</u>
3	serra	<u>6, 7, 8, 9, 12, 13, 17</u> , 19, <u>20, 23, 25, 29, 31, 33, 34</u> , 38, <u>40, 45, 51, 54, 60, 61, 62, 63, 64</u>
4	lomba	18, 20, <u>26, 36, 37, 44</u>
5	cerro /serro	<u>26, 36, 49, 60, 63</u>
6	monte	<u>13, 29, 56</u>
7	pico	<u>20</u>
8	barranco	<u>5, 10</u>
9	perau	<u>40, 62</u>
10	elevação	<u>10</u>
11	pirambeira	<u>24</u>
12	subidão	<u>53</u>
13	coxilha	<u>59</u>

17. Planície

0	não resposta	13, 20, 36, 41, 58
1	plano	1 - 12, 14 - 19, 22 - 35, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 48 - <u>57, 59, 60, 61, 62</u> ,
2	assentado	37, 38, <u>44</u>
3	nivelada	<u>8, 51</u>
4	lugar reto	<u>15</u>
5	baixada	21, 47, 63, 65
6	vargem	46, <u>57</u>
7	chapada	64

18. Parte mais alta de um terreno

0	não resposta	2, 11, 16, 27, 56
1	morro	1, 4, 10, 21, <u>23, 31</u> , 43, 46, 48, <u>51, 53</u> , 54, 55, 64, 65
2	serra	6, 19, <u>20, 22, 25</u> , 29, <u>31, 51</u> , 52, <u>57</u> , 61
3	espigão	3, 7, <u>8, 30</u> , 34, <u>59</u>
4	montanha	<u>28, 30, 31</u> , 40, 47, 49, 58
5	subida	<u>53, 62</u>
6	lombada / lomba	18, <u>25, 26</u> , 35, 36, 38, <u>53</u> ,
7	alto	5, 12, 14, 15, 17, <u>23, 24, 28, 30</u> , 33, 39, 42, 63
8	cerro	<u>26, 59</u> , 60
9	pico	<u>20</u>
10	coxilha	32, 50

11	cacuruta	44, <u>57</u>
12	subida	<u>53</u>
13	assento	<u>37</u>
14	pedra	13
15	barranco	41
16	vargedo	45
17	balainho	<u>8</u>
18	em cima	9

19. Margem de estrada / barranco

0	não resposta	39, 41, 51, 54
1	barranco	1 - 10, <u>13</u> -24, 26 -35, 37, <u>38</u> , 40, 42 - 46, 48, 49, 52, 53, 55 - 65
2	beirada	<u>12</u> , 47
3	rampa	25, 36, <u>38</u> , 50
4	lado	<u>12</u>
5	morro	11
6	costa da estrada	<u>13</u>

20. Caminho do gado no pasto

0	não resposta	28, 46,
1	trilho	2 - 18, 20 - 24, 32, 33, 35, 39, 40, <u>44</u> , 48, 49, 56, <u>57</u>
2	carreador	1, 8, 19, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 36, 37, <u>38</u> , 41, 42, 43, <u>44</u> , 47, 50 - 54, <u>57</u> - 64
3	caminho	<u>4</u> , <u>29</u> , <u>45</u> , 55, 65
4	rasto	<u>4</u>
5	fundador	<u>29</u>
6	estrada	<u>38</u> , <u>45</u>

26. Círculos da lua

0	não resposta	53
1	círculo da Lua	<u>1</u> - <u>52</u> , 54 - 65
2	arco / arco-íris	<u>1</u> , <u>8</u> , <u>21</u> , <u>40</u> , <u>52</u>
3	volta da lua	40
4	'carmarião'	55

34. Arco-íris

0	não resposta	
1	arco -íris	1, 2, 4, 5, <u>7</u> , 8 -15, <u>16</u> , <u>17</u> , <u>18</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , 22, <u>23</u> , <u>25</u> , 26, 27, 28, <u>31</u> , 32, <u>33</u> , 34, <u>35</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , 43, 45, <u>46</u> , <u>47</u> , 48, 49, 50, <u>51</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , 54, <u>55</u> , 56, <u>57</u> , 58, <u>59</u> , <u>60</u> , 61, <u>62</u> , <u>65</u>

2	arco-da-velha	<u>7</u> , <u>16</u> , <u>17</u> , <u>18</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , 21, <u>23</u> , <u>24</u> , <u>25</u> , 29, 30, <u>31</u> , <u>33</u> , <u>35</u> , 36, <u>37</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , 40 <u>41</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>47</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>59</u> , <u>60</u> , 63, 64, <u>65</u>
3	arco da (nova) aliança	6, <u>46</u> , <u>53</u> , <u>62</u>
4	arco celeste	<u>44</u>
5	chama-chuva	<u>24</u>
6	caminho de Nosso Senhor	3

35. Chuva miúda e demorada

0	não resposta	22
1	garoa	1, 2, <u>3</u> , <u>5</u> , 6, 8, 12 - 21, <u>26</u> , <u>27</u> , 29, 30, 31, 33 - 45, <u>47</u> - 61, 63, 64, 65
2	neblina	<u>13</u> , 28, 46, 62
3	chuva fina	<u>3</u> , 7, <u>17</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>32</u> , 44, <u>45</u> , <u>50</u>
4	chuvisqueiro/ chuvisco	4, 5, 9, <u>23</u> , 24, <u>27</u> , <u>32</u> , <u>54</u>
5	chuva calma/ mansa	11, <u>23</u> , <u>25</u> , <u>47</u> , <u>52</u>
6	molha bobo	10
7	chuva criadeira	<u>25</u>
8	chuva miúda	<u>27</u> , <u>61</u>
9	chuva atravessada	<u>65</u>
10	chuva molhada	<u>47</u>

36. Chuva passageira

0	não resposta	17, 46
1	passageira	1, <u>4</u> , <u>6</u> , 7, <u>8</u> , 10, <u>16</u> , <u>21</u> , 22, 26, <u>31</u> , 32, 39, 40, 43, <u>45</u> , 47, 48, <u>50</u> , <u>51</u> , 52, <u>58</u> , 60, <u>61</u> , 62
2	chuva de manga	2, 3, 12 - <u>16</u> , 23, 24, 25, <u>31</u> , 33, 34, 41, <u>42</u> , 49, <u>50</u> , <u>51</u> , 53, <u>58</u>
3	chuva de verão	<u>8</u> , <u>21</u> , 56
4	pancada de chuva	5, 9, 18, <u>20</u> , <u>29</u> , <u>31</u> , 35, 36, <u>42</u> , 48, <u>51</u> , 57, 63, 64
5	bomba d'água / tromba d'água	<u>4</u> , <u>42</u>
6	chuva de 'burcão'	30, 37, 38, 59
7	chuva de cordão	<u>6</u>
8	chuva grossa	<u>20</u> , 28, 55, <u>65</u>
9	chuva de trovoadas	<u>45</u> , <u>65</u>
10	chuva	11
11	tempestade	<u>20</u>
12	chuva rápida	<u>29</u> , <u>61</u>
13	chuva brava	19
14	chuva graúda	<u>29</u>
15	chuva do calor	54
16	aguaceiro	27
17	chover o capão'	44

37. Chuva de pedra

0	não resposta	58
1	chuva de pedra	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>3</u> , <u>5</u> , <u>9</u> , <u>13</u> , <u>16</u> - 18, 19 - <u>23</u> , <u>25</u> , 27, <u>28</u> , <u>30</u> - 34, <u>37</u> - <u>44</u> , <u>46</u> - <u>55</u> , <u>57</u> , 59, 60, <u>62</u> - 65
2	chuva de flor	<u>1</u> , <u>3</u> , <u>8</u> , 10, 14, <u>22</u> , <u>23</u> , 24, <u>25</u> , <u>28</u> , <u>30</u> , <u>47</u>
3	granizo	<u>2</u> , <u>5</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , 15, <u>16</u> , 26, <u>40</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , <u>50</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , 61, <u>62</u>
4	chuva de neve	<u>7</u> , 35
5	chuva de rosas	4, <u>7</u> , <u>12</u> , 29, <u>33</u>
6	tormenta	<u>37</u> , <u>43</u> , 45, <u>48</u>
7	tempestade	<u>7</u> , <u>20</u> , <u>37</u> , <u>44</u> , 56, <u>63</u>
8	chuva de milho	<u>11</u>
9	ave-maria	6
10	'burcão' de pedra	<u>44</u>
11	'remor' de pedra	<u>40</u>
12	saraiva	<u>25</u>

38. Trovão

0	não resposta	25, 40, 52
1	trovão	1 - 24, 26, 28, 29, <u>30</u> , 32, 33, 35 - <u>37</u> , 39, 42, 43, <u>45</u> - 47, 49, <u>50</u> , 51, 54, 56 - 59, 61, 63
2	estalo	<u>11</u>
3	estrondo	34
4	rebento	<u>30</u> , 31, <u>37</u> , 38, 41, <u>50</u> , 53, <u>64</u>
5	estouro	48, <u>58</u>
6	raio	27
7	zoada	44
8	ronco	<u>45</u> , 65
9	'carmarião'	<u>64</u>
10	bloqueio	55
11	tormenta	62

40. Vento muito forte / ventania

0	não resposta	19, 38
1	ventania	3 - 9, <u>12</u> , 15 - 18, 22 - 26, <u>31</u> , 32, 34, 35, 37, 39 - <u>44</u> , 47, <u>49</u> , <u>51</u> - <u>54</u> , 56, 59, 60, 62, 64
2	vendaval	1, <u>2</u> , <u>8</u> , 10, 11, 13, <u>44</u> , 48,
3	tempestade	3, 20, 21, <u>27</u> , 28, 65
4	vento (forte)	<u>12</u> , 30, <u>49</u> , 50, <u>57</u> , 58, <u>61</u> , 63
5	temporal	4, 33, <u>54</u>
6	tormenta	<u>27</u> , <u>31</u> , <u>40</u> , 45, 46, <u>51</u> , 55, <u>57</u> , <u>61</u>
7	vento sul	14, 29, <u>40</u>
8	tufo de vento	36

41. Redemoinho

0	não resposta	
1	redemoinho	1 - 23, 25 - 52, 54 - 65

2	corrupio	<u>24</u> , 53
3	vendaal	<u>24</u>

42. Tempestade

0	não resposta	4, 9, 24, 30, 54
1	tempestade	1, 2, 5 - 8, 11 - 14, 17, 18, 19, <u>21</u> , <u>22</u> , 23, <u>25</u> - 29, 31, <u>37</u> , 39, 42, 44, 50, 51, 59 - 61, 65
2	temporal	3, 15, <u>22</u> , <u>28</u> , <u>32</u> , 33, <u>57</u> , <u>58</u> ,
3	chuva brava	10
4	vendaal	16, <u>44</u>
5	tormenta	25, 26, 32, 34 - 38, 40 - 49, 52, 53, 55, 56, 57, 62 - 65
6	chuva forte	22, 46
7	vento forte	20, 21
8	pancada	58
9	furacão	40

43. Relâmpago

0	não resposta	20
1	relâmpago	1 - 19, 21- 28, 30, 32, 33, <u>36</u> , <u>38</u> , 39, 40, <u>45</u> , <u>46</u> -51, 57, <u>58</u> , 59
2	'carmario'	<u>6</u> , 29, 34, 37, 41, <u>43</u> , <u>58</u> , 60, 62, 63, 64
3	fuzilo	<u>26</u> , 31, <u>36</u> , 42, <u>43</u> , 44, <u>45</u> , <u>46</u> , 53, 54, 55, <u>65</u>
4	corisco	<u>36</u> , 52
5	trovoada	<u>45</u> , <u>46</u> , <u>65</u>

47. Orvalho

0	não resposta	23, 58
1	orvalho	1, 2, 3, 5 - 8, 11, 12, 14, <u>15</u> , 18, <u>19</u> - <u>22</u> , 25, 26, <u>27</u> , 28, 30 - 34, 36 - 43, 49 - 57, 59, 60, 62, 64
2	sereno	<u>3</u> , 4, <u>6</u> , <u>7</u> , <u>8</u> , 9, 10, 13, <u>15</u> , 16, 17, <u>19</u> - <u>22</u> , 24, <u>27</u> , 29, <u>33</u> , 35, <u>37</u> , <u>44</u> , 45, 46, <u>47</u> , 48, <u>49</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , 63, 65
3	cerração	<u>47</u> , 61
4	neblina	<u>44</u>

48. Cerração

0	não resposta	58
1	cerração	3 - 6, 8, 9, <u>11</u> , <u>12</u> , 13, 14, 16, <u>18</u> , <u>20</u> , 23, 25, <u>26</u> , 27, 30, 31, <u>33</u> - 38, 40 - 46, 48 - <u>54</u> , 56, 57, 59 - 65
2	neblina	2, 7, 10, 15, <u>18</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>24</u> , <u>26</u> , 28, 29, 32, <u>33</u> , 55
3	sereno	<u>11</u> , 17, <u>54</u>
4	fumaça	1, <u>8</u> , <u>19</u> , <u>22</u> ,
5	garoa	<u>22</u> , <u>24</u>

49. Geada

0	não resposta	15, 19, 57
1	geada	1 – 14, 16, 17, 18, 20 -43, 45 – 56, 58 - 65
2	vento frio	<u>9</u> , <u>12</u> , <u>52</u>
3	neve	<u>18</u> , <u>25</u> , <u>59</u> , <u>60</u>
4	gelo	44, <u>65</u>

56. Primeiras horas do dia

0	não resposta	
1	amanhecer	1, <u>6</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , 14, <u>15</u> , <u>17</u> , 24, <u>31</u> , 38, 46, <u>49</u> , <u>54</u>
2	manhã	<u>3</u> , <u>13</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , 21, <u>22</u> , <u>23</u> , <u>27</u> , <u>34</u> , <u>43</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>55</u> , 65
3	cedo	<u>3</u> , 4, 12, <u>15</u> , <u>16</u> , 20, <u>27</u> , 37, <u>42</u> , <u>43</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>48</u> , <u>52</u> , <u>55</u> , <u>59</u>
4	madrugada	5, <u>6</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , 10, <u>13</u> , <u>18</u> , <u>23</u> , 26, <u>27</u> , 28, 29, <u>31</u> , 32, 39, <u>42</u> , <u>57</u> , <u>59</u> , 60, 62
5	barra do dia	<u>25</u> , 30, <u>31</u> , 35, 41, <u>49</u> , <u>56</u>
6	clarear do dia	7, 11, <u>17</u> , 19, <u>25</u> , <u>31</u> , 40, <u>47</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , 51, <u>52</u> , 53, <u>54</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>59</u> , 61, 64
7	raiar o dia	33, <u>58</u>
8	aurora	<u>34</u> , <u>47</u>
9	romper do dia	<u>22</u>

63. Picada / carreiro

0	não resposta	30
1	picada	1, 2, 3, 5 -15, 17 – 24, 27, 28, <u>29</u> , 31 – 35, 38 – 43, <u>45</u> , 46, <u>48</u> , 49, 55, 56, 58, 62 – 65
2	trilho (a)	4, <u>11</u> , 16, <u>48</u>
3	carreador	26, 36, 47, 51, 52, 53, <u>54</u> , <u>60</u>
4	carreiro	25, <u>29</u> , 37, <u>40</u> , 44, 50, <u>54</u> , <u>57</u> , 59, <u>60</u> , 61
5	estrada	<u>57</u>
6	caminho	<u>45</u>

64. Aceiro

0	não resposta	28, 40
1	aceiro	1 – 13, 15 – 27, 29 – 39, 41 – 54, 56, 58 – 65
2	coivara	<u>55</u>
3	derrubada	14
4	fogueira	<u>55</u>
5	calheira	<u>57</u>
6	roçada	<u>57</u>

74. Carçoço

0	não resposta	7, 51
1	carçoço	1 – 5, 8, 10, 12, 14, 15, 19, <u>20</u> , 21, 25, 26, 28, 29, 31, 32, 34, 36, 37, 39 – 44, 47, 48, 54, <u>57</u> , 59, 61, 62, 63

2	semente	6, 9, 13, 16, 18, <u>20</u> , 22, 27, 33, 35, 38, 45, 46, <u>48</u> , 49, 50, 52, 53, 55, 56, <u>57</u> , 58, 60, 65
3	castanha	17, 23, 30

75. Girassol

0	não resposta	24
1	girassol / 'virassol'	1 – 21, 23, 25 – 39, 41 - 65
2	mirassol	22, <u>27</u> , 40, <u>60</u>

76. Cogumelo

0	não resposta	16, 20, 40, 51, 61
1	urupê	25, <u>26</u> , 30, 34, <u>36</u> , 37, 41, 42, <u>43</u> , 44, 45, 46, 50, 52, <u>62</u> , 63, 64
2	orelha de pau	1, <u>2</u> , <u>6</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , 14, 17, 18, 22, <u>47</u> , 48, 55, 57, <u>65</u>
3	orelha de padre	<u>4</u> , <u>8</u> , <u>21</u> , <u>23</u> , <u>33</u> , 59
4	cogumelo	<u>2</u> , <u>8</u> , <u>13</u> , <u>27</u> , 28, <u>33</u> , <u>47</u> , <u>60</u> , <u>65</u>
5	chapéu de saci	3, <u>6</u>
6	chapéu de velho	<u>19</u> , 35
7	chapéu de flor	<u>19</u>
8	chapéu de cobra	<u>27</u>
9	orelha	38, <u>53</u>
10	guarda-chuva	<u>4</u> , 9, 10, <u>12</u> , <u>13</u> , <u>21</u> , <u>26</u> , 39, 56, <u>59</u>
11	sombrinha	<u>4</u> , 7, <u>8</u> , 15, <u>26</u> , <u>31</u> , 49
12	'buzenim' de saci	5
13	colher de pau	<u>11</u>
14	boneca do saci	<u>23</u>
15	chapéu de couro	24
16	véu de noiva	<u>29</u>
17	grinalda do diabo	<u>29</u>
18	orelha de mico	<u>31</u> , <u>53</u> , <u>62</u>
19	'chuá'	32
20	orelha de lobisomem	<u>36</u> , 54
21	fungo	<u>43</u>
22	orelha de velho	<u>60</u>
23	orelha de negro	<u>58</u>
24	noiva	<u>58</u>
25	flor do pau	<u>53</u>
26	barbela do pau	<u>65</u>

79. Penca de banana

0	não resposta	53, 61, 63
1	penca	1 – 9, 11 – 31, 33 – 49, 51, 54, 55, 57 – 60, 62, 64, 65
2	mão	32, 56
3	dedo	10, <u>17</u> , 40, 50,
4	cacheadinha	52

81. Banana dupla

0	não resposta	
1	filipe	1 – 4, 6 – 10, 13 – 24, 28, 29, 30, 34, 39
2	gêmeas	<u>4</u> , 5, <u>7</u> , 11, 12, <u>15</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>25</u> , 26, 27, <u>28</u> , 31 – <u>34</u> , 38, 40 – <u>44</u> , 48 – 52, 54, 56 – 64
3	inconha	<u>25</u> , <u>30</u> , 37, <u>44</u> , 45, 46, 55, 65
4	aleijada	<u>53</u>
5	emendada	<u>58</u>

84. Garapa / caldo de cana

0	não resposta	11, 61, 64
1	garapa	<u>1</u> – 10, 12 – 35, 37 – 41, 44 – 51, 55 – 60, 62, 65
2	caldo de cana	<u>1</u> , 63
3	sumo / suco	42, 43, <u>50</u> , 52, 53, 54, 650
4	água da cana	36

85. Bagaço

0	não resposta	43, 52, 64
1	bagaço	1 – 40, 42, 44 – 51, 53 – 59, 61, 62, 65
2	massa da cana	<u>18</u> , <u>31</u> , 60, <u>63</u>
3	casca	41, <u>63</u>

104. Urubu

0	não resposta	
1	urubu	1 – <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>43</u> – <u>49</u> , <u>52</u> , <u>54</u> , <u>57</u> – <u>60</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>65</u>
2	corvo	<u>2</u> , <u>4</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , <u>11</u> , <u>13</u> , <u>17</u> – <u>24</u> , <u>26</u> , <u>29</u> – <u>65</u>

105. Gavião – espécies

0	não resposta	9
1	gavião	1 – <u>8</u> , 10 – 16, 18, 20 – <u>37</u> , 39 – 65
2	anu	<u>8</u>
3	cará-cará	<u>3</u> , <u>15</u> , <u>21</u> , <u>24</u> , <u>64</u>
4	pinhé	<u>12</u> , 17, 19, <u>31</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , <u>64</u>
5	carancho	<u>12</u> , <u>13</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>31</u> , <u>35</u> , <u>36</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>44</u> , <u>49</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , 56, <u>57</u> , <u>58</u> , <u>61</u> , <u>62</u>
6	carcará	<u>22</u>
7	caburé	<u>38</u>
8	curicaca	<u>60</u>

106. João-de-barro

0	não resposta	
1	joão-de-barro	1 – 65
2	pedreiro (da campina)	<u>4</u> , <u>52</u>

3	joão-bobo	<u>10</u>
4	fornheiro	<u>47</u>

107. Beija-flor

0	não resposta	
1	beija-flor	1 – 16, 18 – <u>35</u> , <u>37</u> – <u>44</u> , <u>46</u> – <u>51</u> , 54 – <u>62</u> , <u>65</u>
2	cuitelo	<u>6</u> , <u>11</u> , 17, <u>20</u> , <u>23</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>34</u> – 47, <u>50</u> – 53, <u>55</u> , <u>59</u> , <u>60</u> , <u>62</u> - <u>65</u>

108. Alçapão

0	não resposta	1, 19, 52, 56
1	alçapão	2 – 5, 7, 8, 9, 11 – 18, <u>20</u> – 27, 29 – 50, 53, 54, 55, 57 – 61, <u>65</u>
2	laço	6, 10, <u>31</u> , 51, 63, 64
3	juquiá	<u>20</u> , <u>40</u>
4	armadilha	28
5	esparrela	<u>65</u>

109. Arapuca

0	não resposta	
1	arapuca	1- 5, 7 - 65
2	laço	<u>12</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>27</u> , <u>35</u> , <u>48</u> , <u>62</u>
3	alçapão	6
4	mundéu	<u>38</u> , <u>40</u>
5	forca	<u>27</u>
6	esteira	<u>26</u>

111. Papagaio

0	não resposta	
1	papagaio	1, 2, <u>3</u> , <u>5</u> – <u>8</u> , 10, 12, <u>13</u> , <u>15</u> – 32, <u>34</u> – 53, <u>55</u> – <u>65</u>
2	louro	1, <u>3</u> – 9, <u>11</u> , <u>13</u> – <u>16</u> , <u>19</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>25</u> , <u>27</u> , <u>28</u> , <u>30</u> , 33, <u>34</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>54</u>
3	sem-fim	<u>11</u>
4	baitaca	<u>25</u> , <u>30</u>
5	araguaí	<u>26</u> , <u>31</u>
6	rico	<u>26</u> , <u>31</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>47</u> , <u>49</u> , <u>52</u> , <u>59</u> , <u>60</u>
7	periquita	<u>28</u> , <u>55</u> , <u>65</u>
8	cocota'	<u>34</u>
9	maracanã	<u>60</u>

115. Clara

0	não resposta	
1	clara	1 – 60, 62 - 65
2	branco	61

116. Gema

0	não resposta	
1	gema	1 – 63, 65
2	vermelho do ovo	64

118. Ninho

0	não resposta	12
1	ninho	1 – 11, 13, 14, 15, 17 – 59, 61 - 65
2	cesto	<u>26</u> , <u>60</u>
3	balaio	<u>16</u> , <u>23</u>
4	caixa	<u>60</u> , <u>61</u>
5	mato	<u>26</u> , <u>47</u>
6	moita	<u>23</u>
7	latão	<u>23</u>
8	galinheiro	<u>60</u> , <u>61</u>

119. Indez

0	não resposta	31, 54
1	indez	1 – 13, 15 – 30, 33 – 53, 55 – 60, 62 - 65
2	goro (v)	14
3	choco	32, <u>40</u>
4	emperrada	<u>41</u>
5	ovo de sobra	61

121. Animal de rabo cortado

0	não resposta	
1	pitoco	2 – 23, 25 – 31, 33 - 65
2	suro	1, <u>60</u>
3	cotó	24
4	mocho	32

122. Animal sem chifres

0	não resposta	4, 32, 46, 55
1	mocho	2, 3, 6 – 27, 29, 30, 31, 33 – 45, 47 – 54, 56 - 65
2	sem chifre	1
3	suru	5
4	'lania'	28

123. Triângulo que se coloca no pescoço do animal

0	não resposta	1, 55
1	canga	2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, <u>15</u> , 16, 22, 23, 24, <u>28</u> , 30, 32, 35, 39, 53, 60
2	cangalha	4, 8, 14, 17 – 21, 25, 26, 27, 29, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40 – 52, 54, 56 – 59, 62, 63, 64
3	forquilha	<u>28</u> , 61

4	vara	11
5	estribo	<u>15</u>
6	focinheira	<u>65</u>

124. Arreio

0	não resposta	
1	arreio	1 – 11, 13 – 20, 22 – 31, 33 – 45, 47 – 51, 53, 55 – 64
2	apeiros	<u>29</u> , <u>57</u> , <u>62</u>
3	sela	12, 32, <u>35</u> , <u>40</u> , <u>44</u> , 54
4	barrigueira	<u>6</u>
5	freio	<u>8</u>
6	encilha	<u>39</u>
7	montaria	52

126. Pelego

0	não resposta	1, 6, 63
1	pelego	2, 3, 5, 7, 8, 10 – 21, 23 – 42, 44 – 62, 64, 65
2	coxinilho	4, <u>22</u> , <u>35</u>
3	tapete	43
4	saco	<u>9</u>
5	suador	<u>9</u>
6	badana	<u>22</u> , <u>25</u>

128. Lagarto

0	não resposta	
1	lagarto	1 - 65
2	teiú	<u>23</u>

129. Lagartixa

0	não resposta	
1	lagartixa	2 – 63, 65
2	calango	1, <u>7</u> , <u>8</u>
3	camaleão	<u>29</u> , 64
4	biba	<u>8</u>
5	furão	<u>51</u>
6	serelepe	<u>51</u>

133. Rabo de cascavel

0	não resposta	4, 17, 45
1	guizo	1, 2, 3, 5 – 16, 18 – 44, <u>46</u> – 51, 53 - 65
2	brinco	52
3	'baginha'	<u>22</u>
4	rabo	<u>46</u>
5	cincerro	<u>54</u>
6	guizeira	<u>61</u>

134. Carrapato

0	não resposta	18, 24, 57, 61
1	carrapato	1 – 17, 19 – 23, 25 – 56, 58, 59, 60, 62 - 65
2	micuim	<u>7</u>
3	'pingoroto'	<u>14</u>

135. Vaga-lume

0	não resposta	
1	vaga-lume	1 – 63, 65
2	pisca-pisca	<u>7</u>
3	chocalho	<u>4</u>
4	lacrãia	<u>6, 22, 33</u>
5	'pagalém/ pagalão'	<u>7</u>
6	caga-fogo	<u>40</u>
7	caga-lume'	64

136. Besouro

0	não resposta	19
1	besouro	2 – 18, 20 – 54, 56 – 64
2	rola-bosta	1, <u>8, 13, 16, 21, 22, 23, 25, 31, 38 – 41</u>
3	vira-bosta	<u>24, 42, 44, 47</u>
4	vira-esterco	<u>60</u>
5	'cucunha'	<u>45, 55</u>
6	casquinho	65
7	cafofo	<u>40</u>

139. Percevejo

0	não resposta	40, 61, 63, 64
1	percevejo	1 – 39, 41 – 60, 62, 65
2	chupança	<u>5, 11, 17</u>
3	fim-fim	<u>23</u>
4	'semprevejo'	<u>44</u>
5	muquirana	<u>36</u>

142. Louva-a-deus

0	não resposta	29, 52, 53
1	louva-a-deus	<u>2, 12, 15, 26, 27, 30, 32, 34, 37, 38, 43, 44, 46, 56, 59, 62, 63</u>
2	lava-Deus	3, 6, 13, 14, <u>20, 23, 24, 25, 26, 33, 36, 47, 48, 49, 55, 57, 58, 60, 65</u>
3	cavalinho de Deus	<u>2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 31, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 51</u>
4	cavalinho (de pau)	<u>22, 50, 54, 61</u>
5	esperança	1, <u>22, 27</u>
6	gafanhoto	<u>11, 19, 20, 28</u>
7	cavalinho de nossa senhora	<u>11</u>

8	cachorrinho de Deus	<u>43</u>
9	grilo	<u>31</u> , 45
10	passa-santa	<u>17</u>

146. Teia de aranha

0	não resposta	
1	teia	1 – 4, 6, 8, 9, 11 – 21, 23, 25 – 28, 30 – 39, 41 – 60, <u>62 – 65</u>
2	casa	<u>3</u> , 6, 10, 22, 24, 29, 61
3	de aranha	5, 40
4	redinha	<u>15</u>

147. Picumã

0	não resposta	
1	picumã	1 – 26, 29, 30, 31, 33 - 65
2	casa de aranha	28
3	fuligem	27
4	'ruco'	32
5	sujeira	<u>65</u>

148. Piolho de cobra

0	não resposta	19, 50, 53, 57, 61
1	piolho-de-cobra	2, <u>3</u> , 5 – 13, <u>15</u> – 18, 20 – 31, 33 – 45, 48, 49, 51, 55, 56, 58, 59, 60, 62 - 65
2	filhote de cobra	4, 52
3	lacrãia	3
4	embuá	1, <u>23</u>
5	calango	8
6	gogo	14, <u>15</u> , <u>23</u>
7	sessenta pernas (pés)	46, 47
8	centopéia	<u>27</u> , 54
9	'miterninha'	32
10	fidalgo	<u>44</u>

151. Ferrão

0	não resposta	19, 36, 41, 50, 65
1	ferrão	1, 2, 4 – 10, 12, 13, 15 – 18, <u>20</u> – 25, 31 – 34, 38, 40, 42, 43, 47, 48, 49, <u>51</u> , 52, 54, 56, 58, 61 – 64
2	espinho	<u>7</u> , 11, <u>20</u> , 28, 29, 30, <u>52</u> , 53, 59
3	espora	14, 45, 46, 55
4	chifre	3, 39
5	guelra	<u>22</u>
6	espada	26
7	barbatana	27
8	espeto	35
9	bigode	44

10	garra	57
11	serra	60

153. Chumbada

0	não resposta	19, 44, 51, 63, 64
1	chumbada	1 – 8, 10 – 14, 17, 18, 20 – 23, 26 – 31, 34, 35, 39, 42, 43, 45, 47, 48, 50, 52, 55, 59, 60, 65
2	chumbo	<u>5</u> , 9, 15, 16, <u>25</u> , <u>27</u> , 32, 33, 37, 38, 40, 41, 46, 54, 56, 58
3	estanho	36, 49, 53, 61
4	encastar	<u>25</u>
5	bóia	24
6	bola de aço	<u>28</u>
7	empate	57
8	rolha	62

157. Cérebro

0	não resposta	
1	miolo	1 - 65
2	cérebro	<u>2</u> , <u>5</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , <u>17</u> , <u>26</u> , <u>27</u> , <u>29</u> , <u>32</u> , <u>38</u> , <u>47</u> , <u>58</u> ,

158. Nuca

0	não resposta	
1	nuca	1 – 52, 54 – <u>58</u> , 60 – <u>63</u> , 65
2	cogote / cangote	1, <u>11</u> , <u>17</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , <u>24</u> , <u>25</u> , <u>36</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , <u>53</u> , 59, <u>63</u> , 64
3	pescoço	<u>2</u> , <u>6</u> , <u>24</u> , <u>53</u> , <u>58</u> , <u>62</u> , <u>63</u>
4	lombo	<u>49</u>

164. Rosto / Cara

0	não resposta	
1	cara	<u>1</u> - <u>65</u>
2	rosto	<u>1</u> - <u>65</u>
3	feição	<u>18</u> , <u>20</u> , <u>26</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>51</u> , <u>52</u>
4	face	<u>4</u> , <u>15</u> , <u>32</u> , <u>47</u> ,
5	focinho	<u>1</u> , <u>10</u> , <u>53</u>
6	cabeça	<u>53</u> , <u>61</u>
7	fisionomia	<u>42</u>

165. Ruga

0	não resposta	
1	rua	<u>1</u> - <u>64</u>
2	pé-de-galinha	<u>1</u> , <u>5</u> , <u>8</u> , <u>13</u> , <u>17</u> , <u>20</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>27</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>35</u> , <u>36</u> , <u>44</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>59</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
3	prega	<u>43</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>53</u> , <u>55</u> , <u>65</u>
4	franja	<u>37</u> , <u>53</u> , <u>65</u>

5	franzido	<u>25</u> , <u>46</u>
6	sinal de velhice	<u>17</u>

167. Lábios

0	não resposta	
1	lábios	<u>1</u> - <u>65</u>
2	beiços	<u>1</u> , <u>3</u> , <u>5</u> , <u>8</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>28</u> , <u>29</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>42</u> , <u>45</u> , <u>47</u> , <u>52</u> , <u>55</u> , <u>59</u> , <u>65</u>

169. Dente canino

0	não resposta	
1	presa	1 – 31, 33 - 65
2	dente da frente (vista)	<u>6</u> , <u>8</u> , <u>12</u> , <u>32</u>
3	canino	<u>27</u> , <u>32</u> ,
4	dente grande	<u>10</u>

170. Dentes molares

0	não resposta	41, 46, 52
1	dente chato	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>5</u> , 6, 7, 9, 11, 12, 14, <u>16</u> – 21, 23, 24, 26, 29, 30, 31, 33, 59
2	queixal	<u>1</u> , 8, <u>20</u> , <u>25</u> , 28, 34 – 40, 44, 45, 47 – 51, 55, 56, 57, 61, 62, 64
3	pilão	3, 4, <u>5</u> , 10, 13, 15,
4	do fundo	43, 53, 54
5	molar	<u>16</u> , 27
6	dentão	22
7	da faca	32
8	dente da frente	<u>25</u>
9	do canto	42
10	forquilha	58
11	último	60
12	maior	63
13	presa	65

171. Dente do siso

0	não resposta	18, 28, 34, 63
1	dente do juízo	<u>2</u> – 12, <u>14</u> , 15, 16, <u>19</u> , 21, 23, 24, 27, <u>42</u> , <u>47</u> , 52, 54, 61
2	dente do siso	<u>2</u> , 13, 17, <u>19</u> , 20, 25, 26, ,29, 30, 31, 33, 35 – 39, 41, 43 – 51, 53, 55 – 60, 62, 65
3	dente isqueiro	1
4	dente queiro	<u>14</u>
5	dente de leite	22
6	dente da idéia	32
7	dente nascente	40
8	presa	<u>42</u>
9	queixal	64

172. Pessoa sem dente

0	não resposta	33
1	banguela	1, 2, 3, 5 – 20, 22 – 32, 34 – 65
2	boca murcha	21, <u>24</u>
3	falhada	4
4	desdentado	<u>57</u>

173. Dente estragado

0	não resposta	40, 60
1	podre	1, 3, 4, <u>5</u> , <u>9</u> , 10, <u>13</u> , 14, <u>15</u> , <u>17</u> , <u>20</u> , 21, 23 – <u>26</u> , 28 – 32, 35 – 38, 44, <u>45</u> , <u>47</u> , 51, <u>54</u> , 55, <u>59</u> , 64, <u>65</u>
2	cariado	2, 5, <u>6</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , 11, 12, <u>13</u> , <u>15</u> – <u>20</u> , <u>26</u> , 27, <u>29</u> , <u>31</u> , 33, 34, 42, 43, <u>46</u> – 50, <u>54</u> , 56, 57, 58, <u>59</u> , 62 <u>65</u>
3	estragado	<u>9</u> , <u>18</u> , <u>65</u>
4	ocado	<u>25</u> , 52, 53, 61
5	broqueado	<u>5</u> , <u>6</u> , 22, 39, 41
6	furado	<u>8</u> , <u>46</u>
7	buraco	<u>45</u>
8	pedaço de dente	63

176. Úvula

0	não resposta	38, 58, 61
1	campinha	<u>1</u> , 2, 3, <u>5</u> – 13, 15 – 31, 33 – 37, 39 – 56, 59, 60, 62, 63, 64, 65
2	glândula	<u>5</u> , <u>48</u> , <u>55</u>
3	garganta	<u>1</u> , 14, <u>36</u> , <u>57</u>
4	língua pequena	<u>54</u> , <u>57</u>
5	sino	4
6	gota	<u>26</u>
7	gogó	<u>39</u>
8	caroço	<u>40</u>
9	pinguela	<u>55</u>

179. Bigode

0	não resposta	58
1	bigodes	1 – 24, 26 – 34, 35 – 57, 59 – 65
2	capuchinho	25
3	'gogota'	35

181. Costeleta

0	não resposta	32
1	costeletas	1 – 31, 33 – <u>48</u> , 50 – 56, 58 – 65
2	beleza	<u>25</u> , <u>49</u> , 57
3	'istilete'	<u>48</u>

4	cavanhaque	<u>49</u>
5	capucho	<u>60</u>

183. Queixo

0	não resposta	17
1	queixo	1 – 16, 18 – 23, 25 – 34, 36 - 65
2	barbudinho	24
3	'gogota'	35

190. Remela

0	não resposta	63
1	remela	1 – 31, 33 – 53, 55 - 60, 62, 64, 65
2	sujeira	54, <u>61</u>
3	inflamação	<u>61</u>

192. Míope

0	não resposta	
1	vista curta ou curto da vista	2, <u>3</u> , <u>5</u> – <u>11</u> , 12, <u>13</u> , <u>15</u> – <u>18</u> , <u>20</u> -28, 32, 33, <u>36</u> , 39, 40, 44 – 49, 54 – 61, <u>63</u> , 65
2	vista fraca ou fraco da vista	<u>1</u> , <u>3</u> , 4, <u>8</u> , <u>10</u> - <u>14</u> , 16, <u>19</u> – 23, <u>27</u> , <u>29</u> , <u>30</u> - <u>34</u> , <u>37</u> - 40, <u>42</u> , <u>50</u> - <u>53</u> , <u>55</u> , <u>58</u>
3	falta de vista	<u>19</u> , <u>29</u> , <u>36</u> , <u>37</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>45</u> , <u>50</u> , 51, <u>60</u>
4	cego	<u>5</u> , <u>7</u> , <u>8</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>13</u> , <u>14</u> , <u>15</u> , <u>20</u> , <u>22</u> , <u>34</u> , 41, <u>43</u> , 46, <u>55</u> , 64
5	vista cansada	<u>5</u> , <u>30</u> , <u>59</u> , 62
6	ruim da vista	<u>6</u> , <u>18</u> , <u>25</u> , 35, <u>38</u>
7	sofre das vistas	<u>1</u> , <u>37</u> , <u>53</u>
8	míope	<u>27</u>
9	não é bom das vistas	<u>63</u>
10	pouca visão	<u>8</u>
11	doença nas vistas	<u>22</u>

194. Vesgo

0	não resposta	
1	vesgo	<u>1</u> – <u>7</u> , 10 – 13, <u>16</u> – <u>21</u> , <u>24</u> – <u>28</u> , 30 – 36, 38, 39, <u>40</u> – 52, <u>54</u> – 63, <u>65</u>
2	zarolho	<u>1</u> , <u>2</u> , 4, <u>5</u> , <u>7</u> , <u>8</u> , 9, 12 – 15, <u>19</u> , <u>21</u> – <u>24</u> , <u>26</u> , <u>28</u> – <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , 37 – <u>40</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>47</u> , 53, <u>54</u> , <u>60</u> – 64
3	caolho	<u>2</u> , <u>6</u> , <u>8</u> , <u>11</u> , <u>18</u> , <u>19</u> , <u>22</u> , <u>25</u> , <u>27</u> , <u>29</u> , <u>32</u> , <u>43</u> , <u>47</u> , <u>56</u>
4	olho torto	<u>5</u> , <u>8</u> , <u>16</u> , <u>20</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>43</u> , <u>65</u>
5	estrabismo	<u>47</u>
6	olho avesso	<u>58</u>

7	vista torta	<u>40</u>
8	olho virado	<u>16</u>
9	'virote'	<u>16</u>
10	falta uma vista	<u>50</u>

195. Cego de um olho

0	não resposta	
1	cego (de um olho)	<u>1</u> – <u>5</u> , <u>7</u> – <u>10</u> , <u>13</u> – <u>26</u> , <u>28</u> , <u>29</u> , <u>31</u> , <u>32</u> , <u>34</u> – <u>38</u> , <u>40</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>47</u> , <u>49</u> – <u>53</u> , <u>58</u> – <u>65</u>
2	caolho	<u>4</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , <u>15</u> , <u>17</u> , <u>18</u> , <u>20</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>27</u> , <u>30</u> , <u>32</u> , <u>33</u> , <u>36</u> , <u>37</u> , <u>39</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>48</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>65</u>
3	zarolho	<u>23</u> , <u>24</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>52</u>
4	falta de uma vista	<u>30</u> , <u>49</u> , <u>53</u> , <u>60</u>
5	de um olho só	<u>1</u> , <u>6</u> , <u>11</u> , <u>43</u> , <u>54</u> , <u>63</u>
6	perdeu uma vista	<u>22</u> , <u>40</u>
7	picego	<u>55</u>
8	vesgo	<u>23</u>
9	'merôio'	<u>57</u>
10	olho torto	<u>60</u>

196. Ranho

0	não resposta	
1	ranho	<u>2</u> , <u>4</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>8</u> – <u>13</u> , <u>15</u> – <u>23</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>27</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>33</u> – <u>36</u> , <u>38</u> – <u>43</u> , <u>47</u> – <u>53</u> , <u>56</u> – <u>64</u>
2	catarro	<u>1</u> – <u>4</u> , <u>8</u> , <u>11</u> , <u>14</u> , <u>15</u> , <u>20</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>24</u> , <u>28</u> , <u>29</u> , <u>33</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>65</u>
3	água do nariz	<u>3</u> , <u>44</u> , <u>55</u> , <u>57</u>
4	sujeira do nariz / nariz sujo	<u>7</u> , <u>32</u>
5	casca do nariz	<u>7</u> , <u>42</u>
6	defluxo	<u>20</u> , <u>37</u>
7	tatu	<u>25</u> , <u>42</u>
8	rot	<u>32</u>
9	'narote'	<u>24</u>
10	nariz escorrendo	<u>22</u>
11	mofa	<u>12</u>
12	cotia	<u>33</u>
13	constipação	<u>54</u>
14	corredeira	<u>58</u>
15	'nharoque'	<u>58</u>

197. Ceroto

0	não resposta	
1	tatu	<u>6</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , <u>15</u> , <u>17</u> – <u>21</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>27</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>32</u> , <u>34</u> – <u>43</u> , <u>46</u> – <u>64</u>

2	cera do nariz	<u>2, 3, 5, 6, 8, 10, 13, 22, 29, 33, 46, 55</u>
3	sujeira do nariz	<u>3, 6, 9, 16, 24, 27, 54, 61</u>
4	casca do nariz	<u>1, 4, 14, 16, 21, 23, 42, 57</u>
5	ranho (seco)	<u>9, 17, 23, 24, 42, 48, 49, 53</u>
6	tutano	<u>30, 44, 45, 60</u>
7	craca	<u>11, 15, 21, 28, 36</u>
8	cateto (na toca)	<u>17, 19</u>
9	'narótia'	<u>7</u>
10	cotia	<u>8, 33</u>
11	macaco	<u>12, 21</u>
12	careca	<u>1</u>
13	'cacaca' do nariz	<u>5</u>
14	'iichica'	<u>13</u>
15	'tataraca'	<u>14</u>
16	'jararacaca' do nariz	<u>22</u>
17	catarro seco	<u>23</u>
18	'moco'	<u>28</u>
19	picumã	<u>65</u>
20	'retanho'	<u>65</u>

198. Solução

0	não resposta	
1	solução	<u>1 - 24, 26 - 36, 39 - 43, 47 - 51, 53 - 63</u>
2	'jojoca'	<u>23, 31, 36, 42, 43, 44, 45, 46, 52, 53, 54, 55, 61, 64, 65</u>
3	'ipo'	<u>27</u>

199. Fanhoso

0	não resposta	<u>32</u>
1	fanho(oso)	<u>1 - 31, 33 - 65</u>
2	'fruê'	<u>1</u>
3	nariz trancado	<u>9</u>

200. Orelha

0	não resposta	
1	orelha	<u>1 - 65</u>
2	ouvido	<u>8, 17, 22, 45, 46, 53</u>

202. Surdo

0	não resposta	<u>16, 24</u>
1	surdo	<u>1 - 15, 17 - 23, 25 - 65</u>
2	mouco	<u>6</u>

204. Narinas

0	não resposta	
1	buraco do nariz	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>3</u> , <u>5</u> – <u>9</u> , <u>11</u> – <u>17</u> , <u>19</u> , <u>21</u> – <u>42</u> , <u>44</u> – <u>47</u> , <u>49</u> – <u>61</u> , <u>63</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
2	ventas	<u>2</u> , <u>4</u> , <u>10</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>27</u> , <u>30</u> , <u>41</u> , <u>43</u> , <u>48</u> , <u>51</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>60</u> , <u>62</u>
3	narina	<u>6</u> , <u>8</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>14</u> , <u>17</u> , <u>24</u> , <u>26</u> , <u>31</u> , <u>34</u> , <u>47</u> , <u>49</u>
4	cano do nariz	<u>40</u> , <u>50</u> , <u>53</u> , <u>58</u> , <u>62</u>
5	respiratório (dor)	<u>9</u> , <u>43</u> , <u>48</u> , <u>52</u> ,
6	furo do nariz	<u>42</u> , <u>43</u>
7	boca do nariz	<u>55</u> , <u>65</u>
8	fornalha	<u>14</u>
9	canal do nariz	<u>22</u>
10	'suspíratório'	<u>22</u>
11	talão do nariz	<u>25</u>
12	ventilação do nariz	<u>54</u>
13	toca	<u>60</u>

205. Espirro

0	não resposta	<u>19</u> , <u>54</u>
1	espirro	<u>1</u> – <u>18</u> , <u>20</u> – <u>41</u> , <u>43</u> – <u>53</u> , <u>55</u> – <u>60</u> , <u>61</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
2	suspiro	<u>42</u> , <u>61</u>

206. Gripe

0	não resposta	<u>49</u>
1	gripe	<u>1</u> – <u>35</u> , <u>37</u> – <u>48</u> , <u>50</u> – <u>65</u>
2	resfriado	<u>3</u> , <u>5</u> – <u>8</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>15</u> – <u>20</u> , <u>22</u> , <u>24</u> , <u>27</u> , <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>36</u> , <u>37</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>59</u> , <u>60</u> , <u>63</u> , <u>65</u>
3	constipado	<u>5</u> , <u>10</u> , <u>12</u> , <u>20</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>31</u> , <u>40</u> , <u>43</u> , <u>47</u> , <u>50</u> , <u>62</u>
4	defluxo	<u>26</u> , <u>36</u> , <u>40</u> , <u>44</u> , <u>50</u> , <u>55</u> , <u>60</u>
5	influenza	<u>33</u>
6	fastio	<u>57</u>
7	pneumonia	<u>6</u>

210. Náusea

0	não resposta	
1	enjôo	<u>1</u> – <u>27</u> , <u>29</u> – <u>36</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>42</u> – <u>52</u> , <u>54</u> – <u>65</u>
2	ânsia	<u>1</u> , <u>12</u> , <u>25</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>53</u>
3	estômago ruim/ ruindade no estômago	<u>6</u> , <u>10</u> , <u>28</u> , <u>37</u> , <u>51</u>
4	mal estar no estômago	<u>3</u> , <u>7</u> , <u>23</u> , <u>28</u> , <u>49</u> , <u>53</u> , <u>63</u>
5	fastio	<u>20</u> , <u>22</u> , <u>50</u>

6	náusea	<u>15, 32</u>
7	vômito	<u>31, 42</u>
8	estômago embrulhado	<u>4, 40</u>
9	repugnância no estômago	<u>48, 59</u>
10	nojo	<u>39</u>
11	gosma	<u>43</u>
12	viração	<u>45</u>
13	desejo	<u>46</u>
14	fraqueza	<u>52</u>

211. Vômito

0	não resposta	
1	vômito	1 - 65
2	lançar	<u>9, 24, 27, 36, 44, 47, 62, 64</u>
3	ânsia	<u>2, 41</u>
4	alojar	<u>40, 44</u>
5	pinchar fora	<u>49</u>

213. Tuberculose

0	não resposta	36, 51, 52, 61
1	tuberculose	1 - 17, 19 - 24, 26- 35, 36, 37, 38, 40 - 50, 53, 54, 56 - 60, 62, 64, 65
2	pneumonia	<u>5, 39</u>
3	doença dos pulmões	<u>6, 25, 37, 55, 63</u>
4	doença dos peitos	55
5	magra	<u>20, 59</u>
6	pulmão fraco	18

214. Quebranto

0	não resposta	
1	quebranto	<u>2, 3, 4, 5, 7 - 15, 17, 19 - 31, 33 - 37, 39, 41 - 55, 57 - 63, 65</u>
2	mau-olhado	1 - <u>7, 9, 14, 15, 16, 18, 20, 22, 24, 26, 27, 28, 30 - 33, 36, 38, 40, 42, 44, 45, 48, 53, 54, 55, 56, 61, 62, 64, 65</u>
3	inveja	<u>2, 17</u>
4	olho gordo	<u>6</u>
5	olho ruim	<u>39</u>

216. Médico

0	não resposta	
1	médico	1 - 47, <u>49</u> - 65
2	doutor	<u>11, 15, 18, 23, 27, 28, 29, 33, 39, 40, 48, 49, 50, 58, 59</u>
3	farmacêutico	1, <u>44,</u>

218. Seio

0	não resposta	
1	peito	1, <u>3</u> – <u>26</u> , 29 – <u>34</u> , 36 – 41, <u>43</u> , 45 – 56, 59, <u>60</u> , <u>61</u> , <u>63</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
2	seios	<u>2</u> , <u>3</u> , <u>5</u> – <u>8</u> , <u>11</u> , <u>13</u> , <u>18</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>23</u> , <u>26</u> – <u>30</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>35</u> , <u>37</u> , <u>40</u> , <u>43</u> – <u>48</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , 57, 58, <u>60</u> , <u>62</u> , <u>65</u>
3	mama / 'mamica'	<u>2</u> , <u>4</u> , <u>7</u> , <u>15</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>33</u> , <u>37</u> , <u>40</u> , 44, 46, <u>55</u>
4	teta	<u>12</u> , <u>14</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>24</u> , <u>27</u> , 32, <u>40</u> , 42, <u>61</u> , <u>62</u>
5	busto	<u>40</u>

221. Mal-de-sete-dias

0	não resposta	
1	mal-de-sete-dias	<u>3</u> , <u>4</u> , <u>6</u> , 7, 9, 11 – 15, <u>17</u> – <u>21</u> , 23, 24, <u>26</u> , <u>27</u> , 28, <u>30</u> , <u>33</u> – 36, <u>39</u> , <u>40</u> , <u>43</u> , 45, 46, <u>47</u> – 50, <u>53</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , 59, <u>61</u> - 65
2	(mal / doença) do umbigo	<u>1</u> , 5, <u>6</u> , 8, <u>10</u> , <u>17</u> , <u>22</u> , 23, 24, <u>28</u> , <u>33</u> , <u>38</u> , 42, <u>54</u> , <u>55</u> , 56, <u>62</u> , <u>64</u>
3	'ar-de-sete-dias'	25, 31, <u>41</u> , 51, 52, <u>61</u>
4	ar no umbigo	<u>26</u> , 29, <u>30</u> , 37, <u>38</u> , <u>40</u> , <u>41</u> , 44, <u>47</u> , 51, <u>53</u> , <u>54</u> , <u>58</u> , <u>60</u>
5	inflamação / infecção no umbigo	<u>1</u> , <u>4</u> , <u>6</u> , <u>12</u> , <u>17</u> , 32, <u>39</u> , <u>48</u> , <u>57</u> , <u>60</u> , 64
6	tétano	<u>2</u> , <u>10</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>27</u> , <u>38</u> , 47, <u>57</u>
7	sarampo	25
8	mal de 'mioto'	<u>28</u>
9	rendidura	31
10	dor de umbigo	<u>43</u>
11	'espasia' no umbigo	<u>49</u>
12	friagem	<u>60</u>

224. Estômago

0	não resposta	
1	estômago	1 – 21, 24 – 39, 41 – 65
2	bucho	22, 23
3	tripa	40
4	barriga	<u>55</u>

225. Azia

0	não resposta	
1	azia	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>3</u> , <u>5</u> , <u>7</u> , <u>8</u> , <u>10</u> – <u>18</u> , <u>20</u> – <u>40</u> , <u>42</u> - <u>65</u>
2	queimação	<u>1</u> – <u>11</u> , <u>15</u> – <u>26</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , 41, <u>42</u> , <u>43</u> , <u>44</u> , <u>47</u> , <u>49</u> , <u>51</u> , <u>53</u> , <u>59</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>65</u>
3	estômago ruim	<u>4</u> , <u>9</u> , <u>23</u> , <u>29</u> , <u>47</u>
4	estômago revirado	<u>63</u>
5	enjôo	<u>54</u>
6	empachado	<u>40</u>

7	mau digestão	<u>26</u>
8	boca do estômago	<u>28</u>
9	estômago embrulhado	<u>23</u>
10	dor no estômago	<u>18</u>
11	tripa	<u>19</u>
12	mal estar no estômago	<u>20</u>
13	'estofação'	<u>20</u>

226. Intestino

0	não resposta	
1	tripa	<u>1</u> – <u>16</u> , <u>18</u> , <u>19</u> , <u>21</u> – <u>27</u> , <u>29</u> – <u>49</u> , <u>51</u> – <u>56</u> , <u>58</u> – <u>65</u>
2	bucho	<u>6</u> , <u>7</u> , <u>9</u> , <u>10</u> , <u>12</u> , <u>23</u> , <u>28</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>35</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>43</u> , <u>48</u> , <u>50</u> , <u>52</u> , <u>57</u> , <u>65</u>
3	intestino	<u>2</u> , <u>4</u> , <u>5</u> , <u>8</u> , <u>17</u> , <u>20</u> , <u>22</u> , <u>24</u> , <u>25</u> , <u>28</u> , <u>33</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , <u>50</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>59</u>
4	barriga(da)	<u>10</u> , <u>18</u> , <u>25</u> , <u>27</u> , <u>41</u>
5	bofe	<u>33</u>

228. Parteira

0	não resposta	<u>53</u> , <u>63</u>
1	parteira	<u>1</u> – <u>6</u> , <u>8</u> - <u>13</u> , <u>15</u> – <u>24</u> , <u>26</u> – <u>52</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>56</u> , <u>58</u> – <u>62</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
2	assistente	<u>2</u> , <u>3</u> , <u>8</u> , <u>14</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>19</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>24</u> , <u>28</u> , <u>30</u> , <u>34</u>
3	'surjoa'	<u>13</u> , <u>17</u> , <u>19</u> , <u>26</u> , <u>30</u>
4	cegonha	<u>23</u> , <u>35</u> , <u>40</u> , <u>54</u>
5	médica	<u>59</u>
6	companheira	<u>60</u>

229. Aborto

0	não resposta	
1	aborto	<u>1</u> – <u>37</u> , <u>39</u> – <u>42</u> , <u>44</u> – <u>53</u> , <u>55</u> – <u>59</u> , <u>65</u>
2	perda	<u>4</u> , <u>5</u> , <u>16</u> , <u>24</u> , <u>26</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>47</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>56</u> , <u>60</u> , <u>63</u> , <u>64</u>
3	hemorragia	<u>6</u> , <u>10</u> , <u>36</u> , <u>45</u> , <u>59</u> , <u>61</u>
4	(nascer) fora do tempo	<u>17</u> , <u>61</u> , <u>62</u>
5	parto	<u>1</u>
6	natimorto	<u>8</u>
7	raspagem	<u>10</u>
8	sofreu um incômodo	<u>62</u>

230. Icterícia

0	não resposta	
1	icterícia	<u>1</u> – <u>17</u> , <u>19</u> – <u>25</u> , <u>27</u> – <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>38</u> , <u>40</u> , <u>41</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>59</u> , <u>64</u> , <u>65</u>

2	amarelão	<u>4</u> , <u>13</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , <u>26</u> , <u>29</u> , <u>31</u> , 32, <u>35</u> , 36, 37, 39, <u>40</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>47</u> , 49 – 54, 56 – 61, 63, <u>64</u>
3	hepatite	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>13</u> , <u>17</u> , 18, <u>21</u> , <u>26</u> , <u>35</u> , <u>44</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , 62
4	'semioto'	<u>6</u>

232. Axila

0	não resposta	
1	sovaco	1 – 65
2	axila	<u>27</u>

233. Mau cheiro do corpo

0	não resposta	
1	(cheiro / fedor de) suor	<u>1</u> – <u>10</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , 21, <u>23</u> , <u>26</u> , <u>28</u> , <u>30</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>37</u> , 38, 42, <u>43</u> , <u>46</u> , <u>52</u> , 55, <u>56</u> , 58, <u>61</u> , <u>62</u> , <u>65</u>
2	cheiro de sovaco / sovaqueira	<u>1</u> , <u>3</u> , <u>5</u> , <u>8</u> , <u>12</u> , <u>15</u> , <u>20</u> , 21, <u>23</u> , <u>24</u> – <u>28</u> , <u>30</u> – <u>33</u> , <u>35</u> , <u>36</u> , <u>37</u> , <u>40</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>46</u> , 47, 49, 51, <u>52</u> , <u>54</u> , <u>57</u> – <u>60</u>
3	catinga (ruim / de nego / de sovaco)	<u>11</u> , <u>16</u> , 17, <u>19</u> , <u>20</u> , <u>22</u> , <u>25</u> , <u>29</u> , <u>35</u> , <u>36</u> , <u>39</u> , <u>44</u> , <u>50</u> , 51, 55, <u>56</u> , <u>60</u> , <u>62</u> , <u>64</u>
4	mau cheiro (ruim / forte)	<u>6</u> , <u>9</u> , <u>11</u> , <u>13</u> , <u>18</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>37</u> , <u>41</u> , <u>46</u> , <u>61</u>
5	fedor (de macaco)	<u>7</u> , <u>14</u> , <u>18</u> , <u>29</u> , 45, <u>48</u>
6	cheiro de gambá	<u>19</u> , <u>30</u> , <u>44</u> , <u>54</u> , <u>59</u>
7	cheiro de cachorro molhado	<u>20</u> , <u>23</u> , <u>34</u>
8	cheiro de nego	<u>10</u> , <u>14</u> , <u>18</u>
9	azedo	<u>4</u> , <u>27</u> , 53
10	chulé do corpo	<u>40</u> , <u>48</u> , <u>56</u>
11	cheiro de bode	<u>39</u> , <u>61</u>
12	cecê	<u>27</u> , <u>65</u>
13	sujeira / sujo	<u>9</u> , <u>50</u>
14	'nhaca'	<u>24</u>
15	cheiro de batata podre	<u>40</u>
16	cheiro de onça	<u>43</u>
17	cheiro de baralho velho	<u>43</u>
18	morrinha	57
19	cheiro de raposa	<u>64</u>

235. Pulso

0	não resposta	
1	munheca	<u>1</u> , 2, 3, <u>5</u> – <u>23</u> , <u>25</u> , 26, <u>27</u> , 28, <u>30</u> , 31, 33, 34, <u>36</u> , 37, <u>39</u> – <u>47</u> , <u>49</u> – 53, <u>55</u> , <u>59</u> , <u>61</u> – <u>65</u>
2	pulso	<u>1</u> – <u>5</u> , 10, 14, 16, <u>24</u> , 29, <u>30</u> , 32, <u>36</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , 56, <u>57</u> , 58, <u>60</u> , <u>62</u> , <u>63</u>

3	punho	<u>5</u> , 13, <u>15</u> , <u>27</u> , 35, 41, <u>47</u> , <u>51</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>61</u> , <u>65</u>
4	junta	11, <u>23</u> , <u>24</u> , <u>25</u> , <u>38</u> , <u>47</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>59</u> , <u>60</u>
5	músculo	<u>15</u> , <u>42</u>
6	muque	<u>36</u>

238. Canhoto

0	não resposta	
1	canhoto	1 - 65
2	esquerda	<u>3</u> , <u>9</u> , <u>15</u> , <u>37</u> , <u>49</u>

240. Maneta

0	não resposta	17
1	aleijado	<u>1</u> , 2, 4 – 14, 16, <u>18</u> – <u>26</u> , 28 <u>29</u> , <u>31</u> – <u>37</u> , <u>39</u> , 41, 42, <u>44</u> , <u>46</u> , 48, <u>50</u> , <u>51</u> , 52, <u>53</u> , 56, 59, <u>60</u> , <u>62</u> , 63, 64
2	maneta	<u>15</u> , 27, 28, <u>39</u> , <u>40</u> , 41, 42, <u>45</u> , 47, 48, 54, 56, 57, 58, 61
3	pitoco	<u>3</u> , <u>5</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>18</u> , 20, <u>23</u> , 25, <u>26</u> , 30, <u>31</u> , 35, <u>37</u> , 38, <u>40</u> , 43, <u>44</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>49</u> , <u>51</u> , <u>53</u> , 55, 65
4	defeituoso / deficiente	<u>7</u> , <u>8</u> , <u>13</u> , 22, <u>23</u>
5	(só / falta) um braço	<u>1</u> , <u>3</u> , <u>7</u> , <u>26</u> , <u>29</u> , <u>60</u> , <u>62</u>
6	cotó	<u>15</u> , <u>21</u> , <u>24</u> , <u>33</u> , <u>34</u>
7	inutilizado / inválido	<u>31</u> , <u>49</u>
8	'falanciosa'	<u>46</u>
9	náfego	<u>50</u>

242. Rótula

0	não resposta	
1	pataca / patacão	6, 7, 8, 10, 11, 12, <u>13</u> , 15, 17 – 21, 25 – 31, 34 – 38, 40 – 54, 57, 63
2	bolacha	1, 14, 23, 24
3	tramela	3, 4, 65
4	batata	9, 22
5	rótula	2
6	junta	<u>13</u>
7	osso	<u>27</u> , 56
8	capa	32
9	coroa	<u>55</u>
10	boceta	<u>55</u>
11	rodela	64

243. Tornozelo

0	não resposta	
1	junta	<u>1</u> , <u>4</u> , <u>6</u> , <u>7</u> , <u>9</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>15</u> , <u>17</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>24</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>28</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>33</u> , <u>35</u> , <u>37</u> – <u>45</u> , <u>47</u> – <u>52</u> , <u>54</u> , <u>56</u> - <u>65</u>
2	tornozelo	<u>2</u> – <u>8</u> , <u>10</u> , <u>13</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>27</u> , <u>28</u> , <u>29</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>35</u> , <u>39</u> , <u>44</u> , <u>46</u> , <u>48</u> , <u>54</u>
3	canela	<u>2</u> , <u>28</u> , <u>32</u> , <u>36</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>64</u>
4	garrão	<u>29</u> , <u>34</u> , <u>36</u> , <u>41</u> , <u>53</u> , <u>55</u>
5	mocotó	<u>1</u> , <u>14</u> , <u>21</u> , <u>47</u> , <u>65</u>
6	calcanhar	<u>1</u> , <u>33</u> , <u>62</u>
7	cotovelo	<u>1</u> , <u>12</u>
8	pataca / patacão	<u>24</u> , <u>51</u>
9	jarrete	<u>45</u>
10	tronco do pé	<u>45</u>
11	fininho	<u>56</u>

244. Calcanhar

0	não resposta	
1	calcanhar	<u>1</u> – <u>38</u> , <u>41</u> – <u>46</u> , <u>48</u> , <u>51</u> , <u>53</u> , <u>54</u> , <u>59</u> – <u>63</u>
2	garrão	<u>28</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>55</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
3	sola	<u>10</u>

245. Coxo

0	não resposta	<u>41</u>
1	manco	<u>1</u> – <u>25</u> , <u>27</u> , <u>28</u> , <u>30</u> – <u>37</u> , <u>39</u> , <u>42</u> , <u>44</u> – <u>48</u> , <u>50</u> - <u>65</u>
2	náfego	<u>1</u> , <u>10</u> , <u>23</u> , <u>26</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>35</u> , <u>38</u> , <u>40</u> , <u>43</u> , <u>48</u> , <u>60</u> , <u>64</u>
3	aleijado	<u>4</u> , <u>6</u> , <u>11</u> , <u>15</u> , <u>18</u> , <u>22</u> , <u>32</u> , <u>37</u> , <u>42</u> , <u>51</u> , <u>53</u> , <u>57</u>
4	rengo	<u>27</u> , <u>29</u> , <u>49</u> , <u>56</u> , <u>57</u>
5	lunanco	<u>17</u> , <u>23</u> , <u>34</u> , <u>49</u> , <u>58</u>
6	cambaio	<u>46</u> , <u>55</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
7	troncho	<u>22</u> , <u>43</u> , <u>44</u>
8	coxo	<u>15</u> , <u>20</u> , <u>24</u> , <u>33</u> , <u>36</u>
9	manquitola	<u>5</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>21</u> , <u>37</u>
10	paralítico	<u>4</u> , <u>25</u> , <u>29</u>
11	cambeta	<u>9</u> , <u>13</u> , <u>38</u>
12	defeituoso / deficiente	<u>8</u> , <u>51</u>
13	cotó	<u>21</u> , <u>26</u>
14	anda torto	<u>7</u>
15	capengo	<u>39</u>
16	falso de uma perna	<u>40</u>
17	perna bamba	<u>47</u>
18	nervo inutilizado / encolhido	<u>49</u>
19	perneta	<u>54</u>
20	perna mais curta	<u>56</u>

248. Moça de pernas finas

0	não resposta	
1	saracura	<u>2</u> , <u>3</u> , <u>4</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>7</u> , <u>9</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>17</u> , 19, <u>22</u> – 44, 48 – 54, <u>56</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , 61 – 65
2	caneluda	<u>20</u> , <u>21</u> , 45, <u>51</u> , <u>59</u>
3	perna de sabiá	<u>11</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , 25, <u>28</u> , <u>29</u> , <u>34</u> , <u>59</u> , <u>60</u>
4	cambito	<u>3</u> , <u>5</u> , <u>7</u> , <u>15</u> , 21, <u>40</u> , <u>44</u> , <u>47</u> , <u>53</u>
5	perna / canela fina	<u>3</u> , <u>6</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>13</u> , <u>14</u> , <u>26</u> , <u>29</u> , <u>32</u> , 45, <u>49</u> , <u>55</u> , <u>56</u> , <u>60</u>
6	perna de garça	<u>29</u> , <u>43</u> , <u>46</u>
7	perna de pau	<u>1</u> , <u>47</u> , <u>60</u>
8	perna de girafa	<u>1</u> , 8, <u>12</u> , <u>50</u>
9	vareta	<u>5</u> , 18, <u>51</u>
10	perna de garrafa	<u>55</u> , <u>57</u>
11	palito	<u>40</u> , <u>49</u> , <u>62</u>
12	perna seca	<u>31</u> , <u>37</u> , <u>41</u> , <u>58</u>
13	perna de vassoura	<u>17</u> , <u>31</u> , <u>59</u>
14	magra	<u>41</u> , 51
15	seriema	<u>21</u> , <u>28</u>
16	canela de palmito	<u>5</u> , <u>22</u>
17	pernuda	<u>58</u>
18	menina espigada	<u>55</u>
19	rabi seco	<u>46</u>
20	perna de socó	<u>43</u>
21	patriarca	<u>31</u>
22	quero-quero	<u>27</u>
23	vara de bater pecado	<u>23</u>
24	dois canudos enfiados no sabugo	<u>23</u>
25	canela de veado	<u>20</u>
26	taco de sinuca	<u>15</u>
27	jaburu	<u>14</u>
28	taquara	<u>13</u>
29	perna de pernilongo	<u>9</u>
30	perna de mesa	<u>2</u>

249. Calo

0	não resposta	
1	calo	1 – 10, 12 – 65
2	bolha d'água	11, <u>22</u> , <u>23</u> , <u>26</u>

250. Bolha d'água

0	não resposta	
1	calo	<u>1</u> , <u>2</u> , 11, 13, 16 – 18, 20, 22, 23, 25, 26, <u>29</u> , 30, 32 – 39, 42 – 46, 48 – 55, 57 – <u>65</u>
2	bolha	<u>2</u> , 3 - <u>9</u> , 12, 14, 15, 19, 21, 24, 27, 28, <u>29</u> , <u>33</u> , <u>36</u> , 47, <u>56</u> , <u>65</u>

3	borbulha	<u>7, 9, 41</u>
4	bexiga	<u>1, 7, 56, 60</u>
5	'pebóia'	<u>10</u>
6	cheio de água	<u>40</u>

251. Íngua

0	não resposta	
1	íngua	<u>1 – 65</u>
2	chulé	<u>23, 34</u>
3	inflamação	<u>49</u>
4	inchaço	<u>45</u>
5	cabeça de prego	<u>13</u>

253. Cócegas

0	não resposta	
1	cócegas	<u>1 – 43, 45 – 49, 50 – 65</u>
2	curica	<u>30, 36, 37, 38, 44, 45, 50, 55, 64, 65</u>
3	coceira	<u>49</u>
4	comichão	<u>49</u>

254. Cicatriz

0	não resposta	
1	cicatriz	<u>1 – 10, 12 – 17, 20 – 36, 38, 39, 40, 43 – 50, 54 – 61, 63, 64, 65</u>
2	sinal	<u>1, 4, 6, 10, 11, 13, 18, 19, 23, 25, 26, 29, 30, 31, 34, 35, 37, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 59, 60, 62, 64</u>
3	cissura	<u>17, 36, 60</u>
4	mancha (do golpe)	<u>23, 34, 46, 53, 62</u>
5	marca	<u>6, 9</u>
6	corte	<u>4, 33</u>
7	casca final	<u>27</u>
8	risco	<u>41</u>
9	larada	<u>42</u>
10	ferida	<u>44</u>
11	friso	<u>53</u>
12	couro alto	<u>18</u>
13	vergão	<u>18</u>

255. Furúnculo

0	não resposta	
1	leicença	<u>6, 13, 20, 23, 26, 29, 31, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 43, 45, 47 – 51, 53, 55 – 62, 65</u>
2	tumor	<u>1 – 8, 10 – 19, 20 – 24, 26 – 34, 38, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 54, 55</u>

3	cabeça de prego	<u>1</u> , <u>3</u> , <u>4</u> , <u>5</u> , <u>7</u> – 18, <u>20</u> , 22, <u>23</u> , <u>25</u> , 26, <u>30</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>35</u> , <u>36</u> , <u>39</u> , 41, <u>42</u> , 44, <u>46</u> , <u>47</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>65</u>
4	inchaço	<u>25</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>35</u> , <u>37</u> , 44, <u>45</u> , <u>50</u> , 52, <u>54</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>64</u>
5	furúnculo	<u>3</u> , <u>8</u> , <u>14</u> , 27, 32, <u>33</u> , <u>37</u> , <u>42</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>55</u>
6	nascida	<u>6</u> , <u>21</u> , <u>23</u> , <u>29</u> , <u>33</u> , 49
7	maldita	<u>42</u> , <u>60</u>
8	inflamação / inflamado	<u>31</u> , <u>63</u>
9	pus	<u>54</u> , <u>65</u>
10	espinho	<u>10</u> , <u>45</u>
11	juá	<u>3</u>
12	panariz	<u>21</u>
13	podridão	<u>51</u>

256. Carnegão

0	não resposta	
1	carnegão	1 – <u>31</u> , 33 – <u>65</u>
2	pus	<u>2</u> , <u>4</u> , <u>32</u> , <u>40</u> , <u>48</u> , <u>55</u> , <u>57</u>
3	inflamação	<u>40</u> , <u>63</u>
4	tumor	<u>31</u> , <u>51</u>
5	leicença	<u>27</u> , <u>31</u>
6	estopim	<u>56</u> , <u>58</u>
7	'purgão' (purgação)	<u>18</u>
8	maldades	<u>35</u>
9	matéria	<u>37</u>
10	panariz	<u>48</u>
11	pião / furúnculo/ inchaço	<u>54</u>
12	massa	<u>65</u>

258. Verruga

0	não resposta	
1	verruca	1 – 65
2	sinal	<u>59</u>
3	cravo	<u>57</u>
4	espinha	<u>13</u>

259. Sarda

0	não resposta	
1	sarda	1, 2, 3, 5 – 18, 20, 21, <u>23</u> – <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , 35, <u>37</u> – <u>42</u> , <u>44</u> – <u>51</u> , <u>53</u> , 54, 55, <u>57</u> – 63, 65
2	pinta (de beleza)	<u>6</u> , <u>9</u> , <u>10</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , <u>15</u> , 19, <u>22</u> , <u>28</u> , <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>37</u> , <u>39</u> , <u>42</u> , <u>45</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , <u>57</u> , <u>61</u> , 64
3	mancha	<u>4</u> , <u>13</u> , 16, <u>34</u> , 56
4	pano (no rosto)	<u>11</u> , <u>22</u> , <u>59</u>
5	ferrugem	<u>23</u> , 32
6	'jítica'	43

7	pinta de caboclo	<u>4</u>
8	tico-tico	<u>13</u>
9	pinta de charme	<u>17</u>
10	negrinha	<u>44</u>
11	sinal de beleza	<u>46</u>

262. Impigem

0	não resposta	
1	impigem	<u>2</u> – <u>13</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>20</u> – <u>25</u> , <u>27</u> – <u>30</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>42</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>49</u> , <u>51</u> , <u>53</u> , <u>55</u> – <u>60</u> , <u>62</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
2	cobreiro	<u>1</u> , <u>3</u> , <u>4</u> , <u>9</u> , <u>11</u> – <u>15</u> , <u>17</u> – <u>20</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>28</u> – <u>32</u> , <u>34</u> , <u>35</u> – <u>44</u> , <u>46</u> , <u>48</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , <u>54</u> , <u>56</u> – <u>64</u>
3	cinco Salomão	<u>10</u>
4	bugreiro grosso	<u>31</u>
5	micróbio	<u>38</u>
6	erisipela	<u>50</u>

265. Cueca

0	não resposta	<u>17</u> , <u>19</u> , <u>41</u> , <u>59</u>
1	zorba	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>3</u> , <u>5</u> – <u>13</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>23</u> , <u>25</u> , <u>27</u> , <u>28</u> , <u>30</u> , <u>32</u> – <u>40</u> , <u>42</u> – <u>48</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>60</u> , <u>61</u>
2	cueca	<u>2</u> , <u>5</u> – <u>9</u> , <u>11</u> , <u>12</u> , <u>15</u> , <u>18</u> , <u>24</u> , <u>26</u> , <u>27</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>36</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>43</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>56</u> , <u>60</u> , <u>61</u> , <u>62</u> , <u>63</u>
3	ceroula	<u>2</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>34</u> , <u>36</u> , <u>42</u> , <u>52</u> , <u>54</u> , <u>55</u>
4	calção	<u>3</u> – <u>6</u> , <u>9</u> – <u>14</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>20</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>25</u> , <u>29</u> , <u>31</u> , <u>35</u> – <u>40</u> , <u>42</u> , <u>44</u> – <u>53</u> , <u>55</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>60</u> , <u>62</u> – <u>65</u>
5	shorts	<u>4</u>

276. Alpargata

0	não resposta	
1	alpargatas	<u>1</u> – <u>5</u> , <u>7</u> – <u>16</u> , <u>18</u> , <u>21</u> – <u>24</u> , <u>26</u> – <u>29</u> , <u>31</u> – <u>34</u> , <u>37</u> – <u>40</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , <u>47</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>54</u> – <u>60</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>64</u>
2	pé-de-cachorro	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>7</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>14</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , <u>22</u> , <u>24</u> , <u>27</u> , <u>28</u> , <u>33</u> , <u>36</u> , <u>46</u> – <u>50</u> , <u>53</u> , <u>62</u> , <u>63</u>
3	come-quieto	<u>4</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>10</u> – <u>13</u> , <u>15</u> , <u>17</u> , <u>18</u> , <u>20</u> – <u>25</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>33</u> – <u>37</u> , <u>40</u> – <u>44</u> , <u>54</u> , <u>60</u> , <u>61</u>
4	pé-de-gato	<u>3</u> , <u>5</u> , <u>7</u> , <u>12</u> , <u>25</u> , <u>28</u> , <u>34</u> , <u>39</u> , <u>44</u> , <u>46</u>
5	arigó	<u>40</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>53</u>
6	ladrão de galinhas	<u>3</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>34</u>
7	sapato de ladrão	<u>20</u> , <u>37</u>
8	sete vidas	<u>11</u>
9	rouba galinhas	<u>15</u>
10	'petebê'	<u>17</u> , <u>33</u>

11	esparrama bosta	<u>20</u>
12	pão doce	<u>26</u>
13	conga	<u>31</u>
14	pé-de-pomba	<u>3</u> , 38
15	pé-de-anjo	<u>52</u>
16	último recurso	<u>61</u>
17	seca-poça	<u>15</u>
18	'pé-de-pano'	<u>65</u>

278. Soca de arroz

0	não resposta	38
1	soqueira	<u>1</u> – <u>25</u> , <u>27</u> – 31, 33 – <u>36</u> , 39, <u>40</u> , 43, 47, <u>51</u> , 52, <u>56</u> , <u>57</u> , <u>59</u>
2	toco	<u>6</u> , <u>11</u> , <u>19</u> , <u>20</u> , <u>26</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , 32, <u>35</u> , <u>36</u> , <u>37</u> , <u>40</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , 52, <u>53</u> , <u>54</u> , <u>61</u> , <u>62</u> , <u>63</u>
3	soca	<u>11</u> , <u>17</u> , <u>23</u> , <u>25</u> , <u>34</u> , <u>44</u> , <u>45</u> , 46, <u>47</u> , <u>55</u> , 65
4	cepa	26, <u>35</u> , <u>41</u> , <u>45</u> , <u>49</u> , <u>55</u> , <u>61</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>64</u>
5	resteva	<u>47</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , <u>50</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>59</u> , <u>60</u> , <u>61</u>
6	raiz	<u>6</u> , <u>34</u> , <u>35</u> , <u>37</u> , <u>42</u> , <u>54</u> , <u>64</u>
7	touceira	<u>2</u> , <u>5</u> , <u>9</u> , <u>27</u> , <u>48</u>
8	palha do arroz	<u>53</u> , <u>58</u>
9	brota do arroz	<u>1</u> , <u>4</u>
10	resto	<u>8</u>
11	sobra	<u>16</u>
12	pé	<u>26</u>
13	foquinho	<u>18</u>
14	tigüera	<u>31</u>
15	'granagem'	38
16	ressoca	55
17	recanto	<u>60</u>

280. Instrumento para cortar arroz

0	não resposta	
1	ferro	1 – 29, 31, <u>40</u> – 43, <u>45</u> , <u>50</u> – <u>55</u> , <u>61</u> – <u>65</u>
2	faca / facão	<u>3</u> , <u>4</u> , <u>18</u> , <u>21</u> , <u>25</u> , 30, 34, 35, 37, 38, <u>44</u> , <u>45</u> , 46, <u>55</u> , <u>61</u> , <u>65</u>
3	foice	<u>28</u> , <u>32</u> , 39, <u>40</u> , <u>47</u> – <u>50</u> , <u>53</u> , 56 – <u>61</u>
4	ceifa	<u>32</u> , 33, <u>42</u>
5	maquina colheitadeira	<u>11</u> , <u>18</u> , <u>65</u>
6	'ceguete'	<u>47</u>
7	gancho	<u>5</u>
8	podão	<u>8</u>
9	batedor	<u>19</u>
10	'cindro' (cindir)	<u>27</u>
11	serra	<u>45</u>
12	goiva	<u>54</u>
13	franje	<u>55</u>
14	'zenzu'	<u>55</u>

15	cacete	<u>58</u>
16	tesoura	<u>60</u>

283. Restolho

0	não resposta	
1	restolho	<u>2, 7, 8, 9, 22, 25, 30, 31, 34, 39, 44, 46, 48, 49, 50, 52, 53, 56, 58, 60</u>
2	falhada	<u>3 – 8, 12, 13, 16, 19 – 25, 27, 28, 32, 33, 34, 42, 44, 45, 48, 49, 51, 52 – 56, 58, 61, 63, 64, 65</u>
3	milho ralo	<u>7, 10, 15, 17, 20, 23, 26, 28, 34, 37, 43, 46, 55, 57</u>
4	frango	<u>15, 17, 25, 26, 29, 30, 34 – 41, 43, 49, 50, 51, 59, 60, 62</u>
5	emguirim	<u>5, 10, 13, 18, 20, 23, 33</u>
6	mal granada	<u>7, 15, 19, 46</u>
7	banguela	<u>3</u>
8	meia granada	<u>12, 18</u>
9	tigüera	<u>14</u>
10	chocho	<u>6, 47, 49, 57</u>
11	dente de velha	<u>45</u>
12	sovela	<u>36, 62</u>
13	galo	<u>29, 38, 41</u>
14	milho salteado	<u>11</u>
15	milho mirim	<u>50</u>
16	sabugo ralo	<u>9</u>
17	milho ruim	<u>1</u>

284. Sabugo

0	não resposta	
1	sabugo	<u>1 – 65</u>
2	palha	<u>6, 20, 46</u>
3	meia granada	<u>14</u>
4	falhada	<u>14</u>

285. Bandeira

0	não resposta	
1	bandeira	<u>1 – 31, 33 – 54, 56 – 64</u>
2	monte	<u>1, 4, 12, 15, 16, 32, 45, 49, 55, 56, 65</u>
3	pilha	<u>45, 46, 55, 65</u>
4	lera de milho	<u>27</u>
5	cama de milho	<u>28</u>

286. Palha

0	não resposta	
1	palha	<u>1 – 65</u>
2	casca	<u>19</u>

291. Coador

0	não resposta	
1	coador	1 – <u>65</u>
2	peneira	<u>26</u> , <u>41</u>
3	filtro	<u>35</u>
4	passador	<u>50</u>
5	saco	<u>55</u> , <u>65</u>

294. Vagem

0	não resposta	
1	vagem	1 – 5, 7 – 16, <u>18</u> , 19 – 24, <u>26</u> – <u>35</u> , 39, <u>40</u> , 45 – 49, <u>51</u> , 55 – 60, <u>65</u>
2	bainha	<u>15</u> , 17, <u>18</u> , 25, <u>26</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>35</u> – 38, <u>40</u> – 44, 50 – 54, 61 – <u>65</u>
3	capa	<u>49</u>
4	palha	<u>49</u>
5	casca	<u>63</u>

296. Cambau

0	não resposta	
1	cambau	1 – <u>25</u> , 28 – <u>31</u> , 33 – <u>35</u> , 37, 28, <u>40</u> – <u>43</u> , <u>50</u> – <u>54</u> , <u>59</u> , <u>61</u> , <u>63</u>
2	vara	<u>3</u> , 11, <u>18</u> , 19, <u>25</u> , 26, <u>30</u> , <u>31</u> , <u>36</u> – 38, <u>40</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , 44, <u>46</u> , <u>47</u> , <u>51</u> – <u>54</u> , <u>59</u> , <u>61</u> , <u>63</u> , 64
3	pau	<u>3</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>61</u> , <u>62</u> , 65
4	'trilhadeira'	<u>3</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>30</u> , <u>34</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>59</u> , <u>61</u>
5	máquina	<u>6</u> , <u>12</u> , <u>17</u> , <u>18</u>
6	mangual	32, 39, <u>47</u> , 48, <u>49</u> , <u>55</u> – 60
7	batedor	<u>38</u> , <u>50</u> , <u>57</u> , <u>58</u> , <u>59</u> , <u>62</u>
8	malha	<u>27</u> , <u>35</u> , <u>36</u> , <u>53</u> , <u>62</u>
9	foice	<u>24</u>
10	garrote	<u>27</u>
11	gambá	<u>9</u>
12	cacete	<u>45</u>
13	chifre	<u>42</u>
14	couro	<u>49</u>
15	ferro	<u>46</u>

298. Enxada (instrumento para carpir)

0	não resposta	
1	enxada	1 - 65
2	cortadeira	<u>35</u> , <u>53</u>
3	traçador	<u>2</u>
4	passa-bico	<u>11</u>
5	picareta	<u>35</u>

302. Pá

0	não resposta	
1	pá	<u>1</u> – 52, 54 – 65
2	'vanga'	<u>1</u> , <u>2</u> , <u>7</u> , <u>14</u> , <u>23</u> , <u>24</u>
3	cortadeira	<u>25</u> , <u>31</u> , <u>39</u> , <u>42</u> , <u>50</u> , <u>53</u> , 55, <u>63</u> , <u>64</u>
4	enxadão	<u>55</u> , <u>64</u>
5	'pinchadeira'	<u>31</u> , <u>35</u>
6	colher de areia	<u>7</u>
7	xuxu	<u>30</u>
8	cavadeira	<u>53</u>
9	picão	<u>56</u>

303. Poço

0	não resposta	
1	poço	1 – 8, 10 - 65
2	cisterna	<u>36</u> , <u>40</u> , <u>53</u>
3	buraco	9
4	mina	<u>23</u>
5	olho d'água	<u>40</u>

306. Estilingue

0	não resposta	
1	estilingue	1 – <u>36</u> , 38 – 43, <u>46</u> , 47, <u>48</u> , 50, 54, <u>55</u> , 61
2	bodoque	<u>2</u> , <u>7</u> , <u>12</u> , <u>13</u> , <u>14</u> , <u>20</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>25</u> , <u>28</u> , <u>29</u> , <u>31</u> , <u>32</u> , <u>34</u> , <u>36</u> – <u>40</u> , 44, 45, <u>46</u> , <u>48</u> , 49, 51, 52, <u>55</u> , 56, 58, 59, 60, <u>65</u>
3	setra	<u>5</u> , <u>13</u> , <u>17</u> , <u>18</u> , <u>20</u> , <u>25</u> , <u>27</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>34</u> , <u>35</u> , <u>37</u> – <u>55</u> , <u>57</u> – <u>65</u>
4	atiradeira	<u>33</u>
5	funda	<u>47</u>

307. Bolinha de vidro

0	não resposta	
1	búrica	14, 27, 31, <u>34</u> – 37, <u>39</u> – <u>43</u> , 45, <u>46</u> , <u>48</u> – <u>55</u> , <u>57</u> – 65
2	'burca'	1 – <u>5</u> , <u>7</u> – <u>13</u> , 15, 16, <u>17</u> , 21 – 25, <u>27</u> , 28, <u>29</u> , 30, <u>33</u> , <u>34</u> , <u>38</u> , <u>43</u> , 44, <u>51</u>
3	bolinha de vidro	<u>3</u> , <u>5</u> , 6, <u>7</u> , <u>9</u> , <u>13</u> , <u>17</u> , <u>18</u> , 19, <u>22</u> , 26, <u>29</u> , <u>33</u> , <u>46</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>60</u> , <u>64</u>
4	bolita	<u>27</u> , 32, <u>39</u> , 47, <u>48</u> , <u>57</u> , <u>58</u>
5	bolinha de gude	<u>2</u> , <u>5</u> , <u>12</u> , <u>38</u> , <u>55</u>
6	bolinha	<u>4</u> , 8, <u>10</u> , <u>11</u> , <u>18</u>
7	birosca	<u>2</u>
8	pelote	<u>64</u>
9	'pêca'	<u>64</u>

309. Papagaio

0	não resposta	
1	papagaio	<u>1</u> – <u>31</u> , <u>33</u> – <u>35</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>52</u> – <u>55</u>
2	pipa	<u>1</u> – <u>6</u> , <u>8</u> , <u>9</u> , <u>12</u> , <u>15</u> , <u>17</u> , <u>21</u> , <u>23</u> , <u>24</u> , <u>28</u> , <u>31</u> , <u>33</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , <u>47</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>61</u> , <u>65</u>
3	raia	<u>5</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>44</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>61</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>65</u>
4	papa-vento	<u>6</u> , <u>15</u> , <u>21</u> , <u>22</u> , <u>28</u> , <u>36</u> , <u>37</u> , <u>39</u> , <u>42</u> , <u>49</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , <u>62</u>
5	balão	<u>13</u> , <u>49</u> , <u>55</u> , <u>58</u> , <u>59</u> , <u>61</u> , <u>64</u>
6	pandorga	<u>27</u> , <u>32</u> , <u>35</u> , <u>39</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>50</u> , <u>51</u> , <u>57</u> , <u>60</u>
7	satélite	<u>48</u>
8	aviãozinho	<u>49</u> , <u>56</u>
9	'rabo-de-velha'	<u>65</u>

310. Virar cambota

0	não resposta	
1	cambalhota	<u>1</u> – <u>15</u> , <u>17</u> – <u>65</u>
2	pirueta	<u>1</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>8</u> , <u>11</u> , <u>15</u> , <u>16</u> , <u>18</u> , <u>21</u> , <u>29</u> , <u>34</u> , <u>54</u> , <u>57</u> , <u>58</u>
3	salto mortal	<u>5</u> , <u>7</u> , <u>10</u> , <u>13</u> , <u>20</u> , <u>22</u> , <u>25</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , <u>51</u> , <u>59</u>
4	virar baliza	<u>20</u>
5	ponta-cabeça	<u>24</u>
6	'carretê'	<u>49</u>

311. Cobra-cega

0	não resposta	
1	cobra-cega	<u>1</u> – <u>25</u> , <u>27</u> – <u>31</u> , <u>33</u> – <u>47</u> , <u>50</u> – <u>55</u> , <u>60</u> – <u>65</u>
2	gato(a)-cego(a)	<u>11</u> , <u>14</u> , <u>26</u> , <u>33</u> , <u>39</u> , <u>47</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , <u>56</u> – <u>59</u>
3	cabra-cega	<u>27</u> , <u>45</u>
4	vaca-cega	<u>32</u>
5	cego	<u>9</u>
6	velha cega	<u>28</u> , <u>54</u> , <u>59</u>
7	'maria-esconde'	<u>57</u>

312. Pique / esconde-esconde

0	não resposta	
1	esconde-esconde	<u>3</u> , <u>6</u> – <u>9</u> , <u>12</u> – <u>18</u> , <u>20</u> – <u>27</u> , <u>29</u> , <u>30</u> , <u>31</u> , <u>33</u> , <u>34</u> , <u>36</u> , <u>38</u> , <u>39</u> , <u>40</u> , <u>42</u> – <u>51</u> , <u>53</u> , <u>54</u> , <u>56</u> – <u>60</u> , <u>62</u> , <u>63</u> , <u>64</u> , <u>65</u>
2	pique	<u>2</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>7</u> , <u>10</u> , <u>11</u> , <u>15</u> , <u>19</u> , <u>22</u> , <u>23</u> , <u>24</u> , <u>28</u> , <u>33</u>
3	pega-pega	<u>2</u> , <u>4</u> , <u>5</u> , <u>6</u> , <u>11</u> , <u>15</u> , <u>17</u> , <u>27</u> , <u>32</u> , <u>35</u> , <u>48</u> , <u>49</u> , <u>56</u> , <u>57</u> , <u>62</u> , <u>63</u>
4	mãe	<u>18</u> , <u>20</u> , <u>29</u> , <u>31</u> , <u>41</u> , <u>45</u> , <u>52</u> , <u>53</u> , <u>55</u> , <u>59</u> , <u>60</u> , <u>61</u>
5	trinta-e-um	<u>23</u> , <u>27</u> , <u>37</u> , <u>38</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>44</u> , <u>54</u> , <u>55</u> , <u>59</u>
6	'fêda'	<u>2</u> , <u>3</u> , <u>10</u> , <u>13</u> , <u>23</u>
7	barata	<u>1</u> , <u>4</u> , <u>14</u> , <u>15</u> , <u>28</u>
8	corre-corre	<u>2</u> , <u>17</u> , <u>30</u>

9	salva	<u>2</u> , <u>3</u> , <u>8</u> , <u>14</u>
10	rela-rela	<u>3</u> , <u>5</u> , <u>30</u>
11	'létis'	<u>8</u> , <u>14</u> , <u>32</u> , <u>39</u>
12	'maria-esconde'	<u>51</u> , <u>60</u>
13	bate cara	<u>25</u>
14	campear	<u>25</u>
15	cobra	<u>35</u>
16	vira-lata	<u>37</u>
17	pai	<u>43</u>
18	balança caixão	<u>15</u>

316. Gangorra

0	não resposta	
1	gangorra	2 – <u>29</u> , <u>33</u> , <u>40</u> , 47, 52, 57, 63
2	balanço	1, <u>9</u> , <u>14</u> , <u>19</u> , <u>22</u> , <u>25</u> , <u>26</u> , <u>29</u> – <u>41</u> , <u>43</u> , <u>45</u> , <u>46</u> , 48, 49, 54 - <u>59</u> , 61 – <u>65</u>
3	pinhé	<u>29</u> , <u>41</u> , <u>42</u> , <u>43</u> , 50, 51, 53, <u>59</u> , 60
4	monjolinho	<u>3</u> , <u>17</u>
5	vai-e-vem	30
6	assento	44
7	corrupio	<u>42</u>
8	'sobe-e-baixa'	<u>56</u>
9	catita	<u>45</u> , <u>46</u> , <u>55</u>
10	tronco	<u>65</u>

ANEXOS

Anexo A

Questionário

Terra

Natureza, fenômenos atmosféricos, astros, tempo, etc.

1. Tipos de terreno

Quais os tipos de terreno que o (a) Sr.(a) conhece?

2. Terreno próximo aos rios

Como se chama aquele terreno que fica perto do rio e que muitas pessoas aproveitam para fazer plantação?

3. Rio pequeno

Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?

4. Correnteza / corredeira

Como se chama o trecho do rio em que a água corre com mais força?

5. Margem de rio

Como se chama aquele terreno que fica na beira do rio?

6. Ponte

Como se chama aquela construção, feita de madeira ou cimento armado, que a gente usa para atravessar um rio de um lado para outro?

7. Pinguela

Como se chama aquele pau que se joga por cima de um rio pequeno pra passar para o outro lado?

8. Nascente de rio

Como se chama o lugar onde o rio nasce?

9. Barra de rio / foz

Como se chama o lugar em que o rio termina?

10. Lagoa

Muitas vezes, a água da chuva forma nas baixadas um negócio que chega até a ter peixes. Não é a gente que constrói, a chuva é que forma. Como se chama isso?

11. Terreno úmido

Como se chama aquela terra úmida em que a gente afunda os pés quando passa?

12. Poça d'água

Depois da chuva, na terra fica um pouco d'água parada, aqui, ali, lá. Como se chama isso?

13. Areia

Como se chama aquela terra, meio branca e fina, que se usa para construir casas?

14. Ilha

Como se chama aquele lugar no meio do rio que as pessoas vão para pescar?

15. Onda de rio

Como se chama aqueles montinhos d'água que se formam no rio quando venta?

16. Montanha

Como se chama uma elevação de terra bem alta, mas bem alta mesmo?

17. Planície

Como se chama um terreno que é bem reto, que não tem morros?

18. Parte mais alta de um terreno

Como se chama aquela parte mais alta de um terreno?

19. Margem de estrada / barranco

Como se chamam aqueles lados altos que ficam do lado de uma estrada?

20. Caminho do gado no pasto

Como se chama aquele lugar onde os animais sempre passam e que fica até afundado no meio do pasto?

21. Céu

Dizem que quando uma pessoa muito boa morre, ela vai para onde?

22. Nuvem

Como se chamam aquelas manchas escuras que aparecem no céu quando vai chover?

23. Sol

O que é que clareia a terra durante o dia?

24. Lua

O que é que clareia a terra durante a noite?

25. Faces da lua

E a lua é sempre igual? Como chama essas mudanças dela?

26. Círculos da lua

Como se chama aquela roda que fica em volta da lua?

27. Estrelas

Como se chama aqueles pontinhos que brilham no céu, de noite?

28. Estrela D'alva

Como se chama aquela estrela grande que a gente vê até o clarear o dia?

29. Estrela cadente

Como se chama aquela estrela que corre no céu e que parece que cai?

30. Três-marias (constelação)

Como se chamam aquelas três estrelas que sempre aparecem juntinhas?

31. Cruzeiro do Sul

Como se chama aquelas estrelas que formam uma cruz?

32. Via Láctea

Em noite bem estrelada, como se chama aquele espaço cheio de estrelas, até esbranquiçado, que fica bem no meio do céu?

33. Eclipse (do sol, da lua)

De dia, quando a terra fica escura, dizem que é porque a lua tapou o sol. Isso acontece muito pouco. Como se chama isso?

34. Arco-íris

Depois da chuva, como se chama aquele negócio colorido que se forma no céu?

35. Chuva miúda e demorada

Como se chama aquela chuvinha miúda e demorada?

36. Chuva passageira

Como se chama aquela chuva que dá e logo passa?

37. Chuva de pedra

Quando chove e caem pedrinhas de gelo, como se chama essa chuva?

38. Trovão

Antes ou durante a chuva, como se chama aquele barulhão que faz no céu? Bruuummm, depois de algum tempo outra vez?

39. Trovoada

Como se chama quando tem bastante bruummm?

40. Vento muito forte / ventania

Como se chama aquele vento bem forte?

41. Redemoinho

Como se chama aquele vento em espiral que levanta sujeira no chão?

42. Tempestade

Como se chama aquela chuva bem forte, com vento e que pode até derrubar casas?

43. Relâmpago

Quando vai chover, como se chamam aqueles clarões que dão no céu?

44. Raio

Quando chove ou quando está querendo chover, como se chamam aqueles riscos de fogo que correm no céu e que podem até matar as pessoas? Conhece algum outro nome pra isso?

45. Corisco

O senhor conhece por algum outro nome? Dizem que quando cai um negócio como uma pedra tem outro nome?

46. Enxurrada

Depois da chuva, como se chama aquela água que fica correndo?

47. Orvalho

De manhã cedo, como se chamam aquelas gotinhas d'água que ficam nas folhas?

48. Cerração

Muitas vezes, de manhã cedo, quase não se pode enxergar por causa se uma espécie de fumaça que cobre quase tudo. Como se chama isso?

49. Geada

Quando faz muito frio, como se chama aquele negócio que queima a plantação, de café, por exemplo?

50. Estações do ano

Quais são as estações do ano?

51. Dias da semana

Quais são os dias da semana?

52. Ontem

Como se chama o dia que passou? (Quando o (a) senhor(a) almoçou/jantou a última vez?)

53. Anteontem

E mais um dia pra trás? (Tem o hoje, tem o ontem e antes...?)

54. Trasanteontem

E mais um dia pra trás ainda? (Tem o hoje, tem o ontem, tem o antes de ontem e mais um dia pra trás?)

55. Amanhã

Como se chama o dia depois de hoje?

56. Primeiras horas do dia

Como se chamam as primeiras horas do dia, ali pelas seis horas da manhã?

57. Boca da noite

Como se chama quando está começando a escurecer? As primeiras horas da noite?

58. Meses do ano

O (a) sr(a) pode dizer os meses do ano pra mim?

Flora: árvores, frutos, etc.**59. Árvore**

Como se chama aquilo que a gente tem que derrubar para tirar uma tora, por exemplo?

60. Floresta

Como se chama o lugar que tem um mundo de árvores altas e bem juntas, que a gente tem que derrubar se quiser fazer uma plantação? Conhece por outro nome?

61. Eucalipto

Como se chama aquela árvore bem alta, sem galhos, e que tem uma folha cheirosa, boa pra fazer chá pra gripe?

62. Urtiga

Como se chama aquele mato que se a gente toca nele dá uma coceira muito grande?

63. Picada / carreiro

Como se chama um caminho feito a machado no meio do mato?

64. Aceiro

Quando a gente quer fazer a queimada de um mato, a gente tem que limpar em volta dele. Como se chama essa parte limpa?

65. Raiz

Tem a árvore. Como se chama aquela parte que fica dentro da terra? (Desenhar)

66. Raiz mestra / pião

Como se chama aquela raiz que fica dentro da terra?

67. Galho

Como se chamam aquelas partes que saem do tronco das árvores?

68. Espinho

Se a gente vai apanhar uma rosa, por exemplo, a gente tem que tomar muito cuidado, porque senão a gente espeta o dedo em que?

69. Casca

Como se chama aquela parte verde ou escura que cobre o tronco das árvores?

70. Flor

Na árvore, depois que dá o botão vem o quê?

71. Fruta

Na árvore, depois que dá a flor vem o quê?

72. Folha

Algumas árvores, na época do frio, ficam peladas e o chão fica cheio daquilo que cai delas. O que é isso que cai?

73. Semente

Quando a gente chupa uma laranja, por exemplo, o que é que a gente joga fora? (Como se chama aquelas bolinhas que tem dentro da fruta?)

74. Carço

E do abacate?

75. Girassol

Como se chama aquela flor que parece uma roda, que nem uma cabeça, e que acompanha o movimento do sol?

76. Cogumelo

Como se chama aqueles guarda-chuvinhas que se formam no pau podre?

77. Banana - variedades

Quais as variedades de banana que o senhor conhece?

78. Cacho de banana

Como é que a gente faz para colher a banana? A gente corta o que?

79. Penca de banana

Um cacho de bananas pode ter 4, 5 ou mais o quê?

80. Flor / Inflorescência da banana

Como se chama aquela ponta roxa que tem no cacho de bananas?

81. Banana dupla

Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?

82. Mamão – variedades

Quais os tipos de mamão que o (a) sr(a) conhece?

83. Limão – variedades

Quais os tipos de limão que o (a) sr(a) conhece? (E de limão?)

84. Garapa / caldo de cana

Como se chama aquela água doce e gostosa que sai da cana quando a gente mói?

85. Bagaço

Depois que a gente mói a cana o que sobra dela?

86. Goiaba

Como se chama aquela fruta, que dá branca ou vermelha, e quase sempre tem bicho dentro? A gente come com casca e tudo, faz doce.

87. Doenças da goiaba

Quais são as doenças que dão na goiaba?

88. Erva-doce

Como se chama aquela sementinha que serve pra gente fazer chá e pra botar em bolo de fubá?

89. Erva-cidreira

Como se chama aquela planta que se usa pra fazer chá e que tem folhas ásperas iguais às folhas de sapé?

90. Erva de Santa Maria

Que chá a gente usa pra acalmar as bichas das crianças?

91. Camomila

Como se chama umas florezinhas brancas com miolo amarelinho, que serve pra fazer chá pra dor de barriga do neném?

92. Hortelã

Como se chama aquela planta que a gente usa para fazer chá quando a criança está assustada?

93. Sabugueiro

Como se chama

94. Cravo

Como se chamam aqueles pauzinhos pretos que a gente coloca em doces de abóbora, por exemplo?

95. Canela

Como se chamam aquelas casquinhas de madeira, cheirosas, que a gente coloca em doces de abóbora, por exemplo?

96. Alho

Como se chama aquele tempero que tem a forma de uma cabeça, cheia de dentes, e com um cheiro muito forte?

97. Temperos para comida

Quais outros temperos o (a) senhor(a) conhece pra comida?

98. Arruda

Como se chama aquela planta cheirosa que se usa pra espantar mau olhado?

99. Ipê

Como se chama uma árvore grande, que dá flor ou roxa ou amarela? A casca serve pra fazer chá pra problema de estômago?

100. Alecrim

Como se chama aquela planta que tem folhas iguais às de um pinheirinho? É uma planta muito cheirosa e que serve pra fazer chá pra quem sofre do coração?

101. Rubim

Como se chama aquela planta que se usa pra fazer emplasto e colocar em machucaduras?

102. Guiné

Como se chama aquela planta que é bom a gente ter em casa pra dar sorte?

103. Outras plantas medicinais

Quais outras plantas que o senhor conhece pra fazer chá? (Dizer pra que serve).

Fauna (aves, pássaros, animais etc.)**104. Urubu**

Como se chama aquela ave preta, que parece uma galinha, que come carniça? Conhece por outro nome?

105. Gavião - espécies

Como se chama aquele passarinho que come pintinhos?

106. João-de-barro

Como se chama aquele passarinho que faz casinhas de barro nas árvores?

107. Beija-flor

Como se chama aquele passarinho pequenininho, que tem um bico bem comprido e que pode até ficar parado no ar?

108. Alçapão

Como se chama aquela armadilha pra pegar passarinho, que as crianças deixam dependuradas nas gaiolas?

109. Arapuca

As crianças, para caçar passarinhos, fazem uma armadilha de pauzinhos, um em cima do outro, trançados, formando quase uma casinha. Como se chama essa armadilha?

110. Gaiola

Como se chama aquela armação feita de pauzinhos ou de arame, onde a gente prende os passarinhos?

111. Papagaio

Como se chama aquele passarinho de penas coloridas, que remeda as pessoas, fala nome feio, dá o pé, etc.?

112. Galinha - espécies

Quais são as espécies de galinha que o (a) senhor(a) conhece?

113. Galinha choca / emperrada

Como se chama a galinha que depois de botar por algum tempo, passa a ficar deitada dia e noite e só levanta pra comer?

114. Ovo / ovos

O que é que a galinha bota? Duas galinhas botam dois...

115. Clara

Como se chama aquela parte branca que fica dentro do ovo?

116. Gema

E a amarela?

117. Gala

Como se chama aquela pintinha que aparece na gema do ovo e que, sem ela, o ovo não presta para chocar?

118. Ninho

Como se chama o lugar onde a galinha bota ou fica chocando?

119. Indez

Como se chama aquele ovo se que deixa no ninho pra galinha botar outra vez?

120. Galinha sem rabo

Como se chama a galinha que nasce sem rabo?

121. Animal de rabo cortado

Como se chama o animal que não tem rabo?

122. Animal sem chifres

Como se chama o animal que não tem chifres?

123. Triângulo que se coloca no pescoço do animal

Como se chama aquele triângulo que se coloca no pescoço do animal pra que ele não pule a cerca?

124. Arreio

Como se chama aquela armação que a gente coloca em cima do animal e que serve pra gente montar? Tem outro nome?

125. Arreio de mulher

Tem um arreio que é feito para as mulheres montarem. Como se chama este arreio?

126. Pelego

O que é que a gente coloca em cima do arreio ou da sela e que serve pra ficar macio quando a gente senta? É uma pele de carneiro.

127. Baixeiro

O que é que a gente coloca em cima do arreio ou da sela e que serve pra ficar mais macio quando a gente senta?

128. Lagarto

Como se chama aquele bicho, que parece um jacaré, mas é bem menor, e que gosta de beber ovo?

129. Lagartixa

Como se chama aquele bichinho, que parece um lagartinho, que anda pelas paredes, pelo teto e que come bichinhos?

130. Sapo

Como se chama aquele bicho que fica a noite cantando do brejo? Este a gente não come.

131. Rã

E aquele outro que a gente come?

132. Cobra - espécies

Que espécies de cobra que o senhor conhece?

133. Rabo de cascavel

Como se chama aquele rabinho que a cascavel tem?

134. Carrapato

Como se chama aquele bichinho, cheio de perninhas, que gruda na gente ou nos animais e que chupa sangue?

135. Vaga-lume

Como se chama aquele bichinho que voa de noite e que acende e apaga uma luzinha?

136. Besouro

Como se chama aquele bichinho preto, de casca dura, que fica voando perto da luz?

137. Piolho

Como se chama aquele bichinho que às vezes aparece na cabeça da gente e que dá muita coceira? A gente mata com as unhas.

138. Lêndea

E o ovinho branco desse bichinho, como se chama?

139. Percevejo

Como se chama aquele bichinho, bem pequenininho, parece uma baratinha, que chupa o sangue da gente e que fica escondido nos buraquinhos da cama ou no colchão.

140. Pulga

Como se chama aquele outro bichinho, menor ainda, que também chupa o sangue da gente e que a gente mata com as unhas?

141. Mutuca / butuca

Como se chama aquele mosquitão que chupa o sangue dos animais?

142. Louva-a-deus

Como se chama aquele inseto de perninhas compridas e que parece estar agradecendo a Deus?

143. Pernilongo

Como se chama aquele inseto de perninhas compridas e que canta no ouvido da gente à noite?

144. Borboleta

Como se chama aquele inseto de asinhas coloridas, muito bonito, que fica voando de flor em flor?

145. Aranha

Como se chama aquele bicho, com bastantes perninhas, que faz uma espécie de rede pra pegar mosquitos?

146. Teia de aranha

Como se chama a rede que a aranha faz?

147. Picumã

Muitas vezes, no telhado da cozinha aparecem umas teias de aranha que ficam grossas e pretas. Como se chama isso?

148. Piolho de cobra

Como se chama aquele bichinho preto, cheio de perninhas, que parece uma minhoca?

149. Peixe – espécies

Que espécies de peixe o senhor conhece?

150. Guelra

Por onde os peixes respiram?

151. Ferrão

Quando a gente pesca um bagre, a gente tem que ter muito cuidado com um negócio que ele tem e que espeta a gente. Como se chama isso?

152. Anzol

Como se chama aquele ganchinho que é amarrado na ponta da linha e que fisga o peixe?

153. Chumbada

Como se chama aquele pesinho que a gente coloca um pouquinho pra cima do anzol e que serve pra ele afundar?

154. Isca

A gente usa minhoca como ... (o que) ... pra pescar? (Pra quê que a gente usa a minhoca quando pesca?)

155. Rato

Como se chama o bichinho que o gato caça?

Homem**Partes do corpo, funções, doenças, etc.****156. Cabeça**

Como se chama essa parte aqui? (Apontar)

157. Cérebro

O que é que a gente tem aqui dentro da cabeça? (Apontar)

158. Nuca

Como se chama essa parte aqui? (Apontar)

159. Moleira

Como se chama aquela parte mole que as criancinhas têm aqui? (Apontar)

160. Caspa

Muitas pessoas quando coçam a cabeça, sai uma coisa, parece até farinha. Como se chama isso?

161. Careca

Como se chama a pessoa que não tem cabelos?

162. Testa

Como se chama esta parte? (Apontar)

163. Fontes

Como se chamam estas partes?

164. Rosto / Cara

Como se chama isto? E se for de animal? (Apontar)

165. Ruga

Como se chamam estas coisas que aparecem no rosto de pessoas idosas?

166. Boca

Quando a gente vai comer alguma coisa a gente precisa abrir o quê?

167. Lábios

Como se chama isto? (Apontar)

168. Beiços

E se for de animal?

169. Dente canino

Como se chama esses dentes aqui? (Apontar)

170. Dentes molares

Como se chamam estes dentes que estão depois dos caninos? (Apontar)

171. Dente do siso

Como se chama o dente que nasce por último, quando a gente já está bem grandão?

172. Pessoa sem dente

Como se chama a pessoa que não tem dentes?

173. Dente estragado

Como se chama o dente que está estragado, que tem buraco?

174. Gengiva

Como se chama esta parte onde os dentes estão plantados? (Apontar)

175. Sapinho

Como se chamam aquelas manchinhas brancas que aparecem na boca das criancinhas que mamam?

176. Úvula

Como se chama aquele rabinho que a gente tem lá no fundo da boca?

177. Amígdalas

Como se chama aquelas bolinhas que a gente tem lá no fundo da garganta?

178. Barba

Como se chamam aqueles pêlos que os homens têm no rosto? (Apontar)

179. Bigode

E aqueles pêlos que muitos homens deixam crescer assim? (Apontar)

180. Cavanhaque

Como se chamam aqueles pêlos que muitos homens deixam crescer assim no queixo?

181. Costeleta

Como se chamam aqueles cabelos que os homens deixam crescer assim?
(Apontar)

182. Pomo-de-adão

Como se chama esse caroço que os homens têm assim? (Apontar)

183. Queixo

Como se chama esta parte? (Apontar)

184. Olho / olhos

Como se chama isto? (Apontar) E os dois?

185. Pálpebras

Como se chama isto? (Apontar)

186. Pestana / cílios

Como se chamam estes pelinhos? (Apontar)

187. Sono

A gente dorme bem quando a gente está com bastante o quê?

188. Sonho

Quando a gente está dormindo, a gente pensa que está fazendo coisas, muitas vezes estranhas. Como se chama isso?

189. Sobrancelhas

Como se chama essa parte aqui? (Apontar)

190. Remela

Como se chama aquela sujeirinha amarela que fica no canto dos olhos?

191. Terçol

Algumas vezes aparece uma bolinha vermelha nas pálpebras e que dói muito.
Como se chama isso?

192. Míope

Como se chama a pessoa que só enxerga de perto?

193. Óculos

Se a pessoa não enxerga bem, ela tem que usar o quê?

194. Vesgo

Como se chama a pessoa que tem o olho torto, virado?

195. Cego de um olho

Como se chama a pessoa que só enxerga de um olho, porque não tem o outro?

196. Ranho

Como se chama aquele negócio que escorre do nariz quando a gente está gripado, constipado?

197. Ceroto

Como se chama aquela sujeirinha dura que está dentro do nariz e que muitas pessoas tiram com as unhas?

198. Soluço

Quase sempre, a criança, depois que chora, fica fazendo um barulho assim... Como se chama isso?

199. Fanhoso

Como se chama a pessoa que fala pelo nariz?

200. Orelha

Como se chama isto? (Apontar)

201. Brinco

Como se chama esse enfeite que as mulheres usam assim na orelha? (Apontar)

202. Surdo

Como se chama a pessoa que não escuta direito?

203. Nariz

Como se chama isto? (Apontar)

204. Narinas

Como se chamam estes buraquinhos? (Apontar)

205. Espirro

Quando estamos resfriados, fazemos muitas vezes assim: atchim. Como se chama isso?

206. Gripe

Quando a gente espirra muito, tem dor de cabeça, o nariz escorre, é quase certo que a gente está com o quê?

207. Tosse

Quando a gente está resfriado, a gente faz muito assim: (TOSSIR). Como se chama este barulho?

208. Xarope

Quando a gente está com tosse, tomamos um líquido doce e grosso. Como se chama este líquido?

209. Remédio

Quando a gente está doente, a gente vai ao médico e ele receita o quê?

210. Náusea

Quando a mulher está grávida, ela muitas vezes não pode sentir o cheiro de algumas coisas e fica sentido o quê?

211. Vômito

Quando a pessoa se sente mal e põe pra fora aquilo que comeu, depois alguém vai ter que limpar o quê?

212. Sarampo

Como se chama aquela doença que dá uma febre muito alta e que deixa o corpo das crianças cheio de pintinhas vermelhas?

213. Tuberculose

Como se chama aquela doença que ataca os pulmões e deixa a pessoa muito magra?

214. Quebranto

Quando a mãe amarra uma fitinha vermelha e uma figuinha na criança, ela quer evitar o quê?

215. Farmácia

Onde a gente compra os remédios?

216. Médico

Quando a gente está muito doente e tem que fazer uma operação, quem é que faz a operação?

217. Farmacêutico

Quem é que vende remédios na farmácia? Tem outro nome?

218. Seio

Onde o nenê mama, logo depois que nasce?

219. Sutiã

Como se chama a peça que a mulher usa para segurar os seios?

220. Umbigo

Qual o nome daquele buraquinho que a gente tem no meio da barriga?

221. Mal-de-sete-dias

Quando o umbigo da criança inflama e ela morre antes de completar sete dias, a gente diz que ela morreu de quê?

222. Gêmeos

Às vezes, a mulher dá a luz a duas crianças de uma só vez. Como se chamam estas crianças?

223. Coração

O que é que fica batendo aqui dentro do peito?

224. Estômago

Aqui fica a barriga e aqui um pouco mais em cima fica o quê?

225. Azia

Quando a gente come a passa a sentir um ardume assim (GESTO), a gente diz que está com o quê?

226. Intestino

Se uma pessoa leva uma facada na barriga, a faca fura a barriga e o que mais?

227. Útero

Como se chama o lugar, dentro da barriga da mulher, onde a criança fica antes de nascer?

228. Parteira

Como se chama a mulher que ajuda, na hora do parto, a outra mulher que vai ganhar criança?

229. Aborto

Se a mulher perde a criança antes do tempo, a gente diz que ela sofreu o quê?

230. Icterícia

Como se chama aquela doença que deixa as pessoas amarelas e que quase só sara com benzimento?

231. Ombro

Como se chama esta parte? (Apontar)

232. Axila

Como se chama esta parte debaixo do braço?

233. Mau cheiro do corpo

Qual o nome que se dá para o mau cheiro do corpo?

234. Cotovelo

Como se chama esta parte? (Apontar)

235. Pulso

Como se chama esta parte? (Apontar)

236. Unhas

Como se chama esta parte? (Apontar)

237. Doença que dá nas unhas

Como se chama a doença que dá nas unhas?

238. Canhoto

A pessoa que só sabe usar a mão esquerda é o quê?

239. Destro

Quem só usa a mão direita é o quê?

240. Maneta

Como se chama a pessoa que só tem uma mão?

241. Joelho

Como se chama esta parte? (Apontar)

242. Rótula

Como se chama esse osso redondo que fica em cima do joelho? (Apontar)

243. Tornozelo

Como se chama este osso? (Apontar)

244. Calcanhar

Como se chama esta parte? (Apontar)

245. Coxo

Como se chama uma pessoa que tem uma perna mais curta que a outra?

246. Perneta

Como se chama uma pessoa que só tem uma perna?

247. Pessoa que tem as pernas arqueadas

Como se chama a pessoa que tem as pernas tortas para fora? (Desenhar)

248. Moça de pernas finas

Que nome se dá a moça que tem pernas finas e compridas?

249. Calo

Como se chama aquele negócio duro que dá assim nas mãos das pessoas?

250. Bolha d'água

Se a gente compra um sapato muito apertado, ele machuca o pé da gente e forma um negócio cheio d'água. Como se chama isso?

251. Íngua

Se a gente muitas vezes tem um machucado no corpo, pode aparecer um negócio embaixo do braço que dói muito. Como se chama isso?

252. Chulé

Muitas vezes a gente sente um mau cheiro muito grande quando alguém tira o sapato. Como se chama este mau cheiro?

253. Cócegas

Muitas vezes a gente fica todo arrepiado se alguém passa alguma coisa no nosso pé ou embaixo do braço. Como se chama isso?

254. Cicatriz

Por exemplo, uma pessoa corta a mão com a faca. A mão sara, mas ainda depois de muito tempo, anos muitas vezes, fica naquele lugar o quê?

255. Furúnculo

Por exemplo, surge assim no braço um pontinho amarelado e vermelho em volta. Depois de alguns dias aquilo aumenta e dói muito. Tem que apertar para tirar aquilo que tem dentro. Como se chama isso?

256. Carnegão

E como se chama aquele negócio meio duro que sai de dentro?

257. Antraz

E se esse tumor tiver mais de um buraquinho, como se chama?

258. Verruga

Como se chamam aqueles carocinhos que muitas vezes saem no corpo da gente?

259. Sarda

Muitas pessoas têm o rosto cheio de pintinhas escuras. Como se chamam essas pintinhas?

260. Sarna

Algumas vezes, dá uma coceira muito forte em alguma parte do corpo da gente. Como se chama esta coceira?

261. Erisipela

Como se chama aquela doença que dá em alguma parte do corpo da gente e que deixa essa parte muito vermelha e dolorida? Dá até febre na gente. Às vezes, sara com benzimento.

262. Impingem

Como se chamam aquelas manchas meio brancas que surgem em alguma parte do corpo da gente? Elas não doem e saram quando a gente passa tinta de escrever em cima delas.

Vestuário e calçados**263. Camisa**

Como se chama esta peça que os homens usam? (Apontar)

264. Calças

Como se chama esta peça que os homens ou as mulheres usam?

265. Cueca

Como se chama a peça que os homens usam por baixo das calças?

266. Meias

Como se chama aquilo que a gente enfia no pé assim? (Mostrar)

267. Saia

Como se chama esta peça que as mulheres usam? (Apontar)

268. Blusa

Como se chama essa peça que as mulheres usam assim? (Mostrar)

269. Vestido

Como se chama essa peça que as mulheres usam e que vai daqui até aqui? (Mostrar)

270. Paletó

Como se chama essa peça que os homens usam quando está frio ou quando vão a algum lugar importante?

271. Chapéu

Como se chama aquilo que as pessoas usam em cima da cabeça?

272. Alfaiate

Como se chama aquele homem que faz calças, paletó, etc. para os homens?

273. Sapato

Como se chama isso que as pessoas colocam nos pés? (Mostrar)

274. Bota

Como se chama esse calçado que as pessoas usam e que é alto, vem até aqui mais ou menos? (Mostrar)

275. Chinelo

Como se chama aquele calçado que a gente usa em casa pra descansar?

276. Alpargata

Como se chama aquele calçado de pano e sola de corda que a gente usava antigamente? Conhece por outro nome?

Agricultura, instrumentos agrícolas, etc.**277. Arroz - variedades**

Quais as variedades de arroz que o senhor conhece?

278. Soca de arroz

Depois que se corta o pé de arroz, ainda fica uma pequena parte enterrada. Como se chama essa parte que fica na terra?

279. Arroz de segunda colheita

Como se chama o arroz de segunda colheita?

280. Instrumento para cortar arroz

Como se chama aquele instrumento que se usava ou ainda se usa pra cortar arroz?

281. Milho

De que é feito o fubá?

282. Qualidades / espécies de milho

E quais os tipos de milho que o (a) sr(a) conhece?

283. Restolho

Como se chama aquela espiga de milho que quase não tem grãos?

284. Sabugo

Depois que se debulha o milho, o que é que resta da espiga?

285. Bandeira

Quando se colhe o milho, a pessoa vai quebrando as espigas e vai formado pequenos montes no meio da roça. Como se chamam esses montinhos de milho?

286. Palha

O que é que cobre a espiga de milho? Muitos usam pra fazer cigarro.

287. Pamonha

Como se chama aquilo que a gente faz de milho verde ralado e que é cozido, embrulhado na palha de milho?

288. Curau

A gente rala o milho, tira o leite e põe pra cozinhar com açúcar. Qual o nome do doce que sai daí?

289. Café – variedades

Quais as variedades de café que o senhor conhece?

290. Pó de café usado

Depois que se fez o café, como se chama aquele pó que já foi usado?

291. Coador

Onde que a gente cõa o café? (Como se chama aquele negócio que se usa pra coar café e que é feito de pano?)

292. Torrador

Qual o nome do instrumento que se usa pra torra café?

293. Feijão – variedades

Quais as variedades de feijão que o senhor conhece?

294. Vagem

Os grãos de feijão ficam dentro do quê?

295. Moinha

Como se chama aquela sujeira que só sai do feijão, depois de batido, quando se abana?

296. Cambau

Como se chama aquele instrumento de bater feijão, feito com dois paus amarrados com uma tira de couro?

297. Machado

Como se chama aquele instrumento usado pra picar ou rachar lenha?

298. Enxada (instrumento para carpir)

Qual o nome daquele instrumento que se usa pra capinar o mato na roça?

299. Enxadão (instrumento para fazer buraco)

Como se chama aquele instrumento que se usa pra fazer buraco? Parece uma enxada, mas é mais estreito e mais alto.

300. Arado

Como se chama aquele instrumento que era usado para arar a terra e que era puxado por animais?

301. Cavadeira – variedades

Como se chama aquele instrumento que serve pra fazer buracos bem fundos? Quais os tipos que tem?

302. Pá

Se a pessoa quer encher um carrinho de mão de terra, por exemplo, ela tem de usar qual instrumento pra jogar a terra em cima do carrinho?

303. Poço

Como se chama aquele buraco bem fundo, de onde as pessoas tiram água para beber?

304. Cambito / manivela / sarilho

Para tirar água do poço, a gente usa um balde amarrado numa corda que é enrolada em um pau. Como se chama esse pau?

305. Roda d'água

Como se chama aquela armação bem alta, com uma roda de hélice na ponta, tocada pelo vento e que serve pra tirar água do poço?

Brinquedos infantis, etc.**306. Estilingue**

As crianças usam uma arma pra matar passarinho, que é feita com uma forquilha, duas talas de borracha compridas e um pedacinho de couro. Como se chama essa arma?

307. Bolinha de vidro

Como se chamam aquelas bolinhas de vidro que as pessoas usam para brincar?

308. Biroca / búrico

Como se chama aquele buraquinho que as crianças fazem no chão pra jogar bolinha de vidro?

309. Papagaio

Como se chama aquele brinquedo feito de papel e amarrado numa linha bem comprida, que as crianças, quando tem vento, soltam nos céus e ficam segurando?

310. Virar cambota

Como se chama aquela brincadeira que as crianças fazem, virando assim de cabeça pra baixo?

311. Cobra-cega

Como se chama aquela brincadeira que as crianças fazem, quando elas tapam os olhos com um lenço ou um pano e ficam procurando as outras crianças.

312. Pique / esconde-esconde

Como se chama aquela brincadeira que as crianças correm para que uma delas não as pegue. Se a criança for pega, ela é que passa a correr atrás das outras?

313. Amarelinha

Como se chama aquela brincadeira que as crianças fazem, riscando uns quadradinhos no chão e pulando, vão chutando uma pedrinha?

314. Queimada

Como se chama aquela brincadeira em que uma turma de crianças fica de um lado e a outra turma do outro e com uma bola tentam acertar os outros?

315. Balanço

Como se chama aquele brinquedo que as crianças fazem amarrando uma corda numa árvore e, sentadas embaixo, fazem assim? (GESTO)

316. Gangorra

Como se chama aquele brinquedo que as crianças fazem, colocando uma tábua em cima de alguma coisa e, cada criança fica numa ponta, ficam levantando e baixando?

317. Peteca

Como se chama aquele brinquedo que tem penas em cima e que as crianças jogam, usando as palmas da mão?

318. Béti

Este jogo é assim: 4 crianças, duas delas seguram um pedaço de pau e batem numa bolinha de borracha que as outras duas usam para derrubar as casinhas. Quando acertam elas correm para fazerem pontos. Como se chama esse jogo?

Lendas e superstições**319. Boitatá / baitatá**

O senhor conhece alguma história sobre boitatá?

320. Caipora / capora

O senhor conhece alguma história sobre caipora?

321. Lobisomem

O senhor conhece alguma história sobre lobisomem?

322. Saci

O senhor conhece alguma história sobre saci?

323. Mula-sem-cabeça

O senhor conhece alguma história sobre mula sem cabeça?

324. Curupira

O senhor conhece alguma história sobre curupira?

325. Narrativa

Gostaria que o senhor contasse alguma que tivesse acontecido com o senhor e que tivesse deixado o senhor muito preocupado ou nervoso. Por exemplo, o senhor ou alguma pessoa da família do senhor já esteve em presença da morte, quase morreu? O senhor poderia contar isso?

Anexo B Rede de Pontos

Os dados apresentados abaixo se referem à história dos 65 municípios pesquisados para o Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR em seus aspectos Geo-econômicos e históricos¹. Como já mencionado anteriormente, o ALPR II é a retomada dos dados inéditos coletados para a obra apresentada como tese de doutoramento em Aguilera (1990) e posterior publicação em 1994, por isso cabe aqui uma revisão dos dados dos municípios visitados. Faz-se, assim, uma compilação dos dados conforme Aguilera (1990, p.22) que assinala sobre a obtenção dos dados

Tais dados foram obtidos: nas prefeituras municipais sob a forma de apostilas escolares; na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (1959), no 4º volume da obra de EI-KHATIB, Municípios do Paraná (1969); no Dicionário da Geografia do Brasil (1976); e na Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE), escritório regional Londrina.

Pontos Lingüísticos Investigados

Ponto 01 – Diamante do Norte

Consta que o nome Diamante do Norte teve origem por sugestão apresentada pelo engenheiro Dr. Roberto, que havia dado nome de Diamante ao córrego próximo ao povoado, em virtude de alguns moradores terem descoberto certas pedras (cristais de rocha) que alegavam serem diamantes. Na criação do município, foi sugerido que se chamasse Diamante do Norte.

Data de criação do município: 29 de novembro de 1963.

Nome anterior: Gleba Macuco.

Gentílico: diamantense.

¹ Síntese dos 65 municípios que constituem a rede de pontos, apresentados por Aguilera 1990.

População – 1980: 8.401

Altitude: 400 m

Microrregião: 283. Norte Novíssimo de Paranavaí.

Área: 228 km².

Sua economia é de predominância rural: agricultura (café, milho, arroz, feijão) e gado (bovino, suíno e ovino).

Municípios mais próximos: Nova Londrina, Terra Rica e Itaúna do Sul. Está separado do estado de São Paulo, ao norte, pelo rio Paranapanema.

É servido por rodovia asfaltada, distando da capital estadual 620 km.

O município de Diamante do Norte originou-se nos anos de 1949 a 1950, quando a Companhia Toledo Pizza iniciou a abertura da Gleba Zimaré e da Gleba Macuco, cujos lotes foram vendidos a agricultores procedentes, em sua maioria, do interior paulista.

Ponto 02 – Santo Inácio

Em 1610, foram criadas, à margem esquerda do médio Paranapanema, as reduções jesuíticas de Nossa Senhora de Loreto e de Santo Inácio Mini, com o objetivo de pacificar e converter os indígenas das terras do Ocidente do Paraná.

No entanto, as diversas incursões dos bandeirantes contra as reduções jesuíticas determinaram seu abandono e extinção, deixando o Ocidente do Paraná à margem da colonização por mais de um século e meio.

Em 1924, o Dr. Manuel Firmino de Almeida requereu e obteve do Governo do estado do Paraná, a concessão de uma gleba de 50.000 hectares de terras, no local onde se encontra hoje o município de Santo Inácio. Logo

após a demarcação dos lotes, começaram a chegar os primeiros colonos, vindos, em sua maioria, do interior paulista e mineiro.

O nome Santo Inácio é uma homenagem a Santo Inácio de Loiola, fundador da ordem dos padres jesuítas.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Nomes anteriores: Colônia Zacarias de Góis, Distrito da Redução de Santo Inácio.

Gentílico: santo-inaciense.

População – 1960: 11.400

1980: 5.612

Altitude: 410 m.

Microrregião: 281. Norte Novo de Londrina.

Área: 276 km².

Sua economia é predominantemente rural: agricultura (café, algodão, milho, arroz) e pecuária.

Municípios mais próximos: Lupionópolis, Colorado, Cafeara, Nossa Senhora das Graças.

É servido por rodovia asfaltada, distando da capital 565 km.

Ponto 03 – Primeiro de Maio

O nome de Primeiro de Maio está vinculado à data do início de demarcação dos lotes e ruas do povoado: 1º de maio de 1920.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Gentílico: primaiense.

População – 1960: 25.165

1980: 13.214

Altitude: 298 m.

Microrregião: 281. Norte Novo de Londrina.

Área: 387 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (soja, trigo, algodão, arroz, café e milho) e pecuária.

Municípios mais próximos: Sertanópolis, Bela Vista do Paraíso, Alvorada do Sul. Está separado do estado de São Paulo pelo rio Paranapanema.

Servido por rodovia asfaltada, dista da capital estadual 475 km.

Afonso Alves de Camargo, presidente do estado do Paraná, em outubro de 1919, celebrou com a firma paulista Corain e Machado o contrato para colonizar uma área da antiga Colônia do Limoeiro, área essa delimitada ao norte pelo rio Paranapanema, ao sul pelo ribeirão do Biguá, a leste pelo rio Tibagi, e a oeste pelo ribeirão Bonito. Tal empreendimento atraiu a atenção de pioneiros vindos, sobretudo, do interior paulista e mineiro.

Ponto 04 – Bandeirantes

Inicialmente, havia uma estação de Estrada de Ferro São Paulo-Paraná no atual território do município, denominada Bandeirantes, que deu origem à cidade de Bandeirantes.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1934.

Nome anterior: Invernada.

Gentílico: bandeirantense.

População – 1960: 30.039

1980: 33.743

Altitude: 492 m.

Microrregião: 279. Norte Velho de Jacarezinho.

Área: 487 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (alfafa, algodão, arroz, cana-de-açúcar).

Municípios mais próximos: Andirá, Itambaracá, Santa Amélia, Santa Mariana, Santo Antônio da Platina e Cornélio Procópio.

Servido por rodovia asfaltada, dista da capital estadual 398 km.

Em 1920, era habitado pelos índios caingangues. Em dezembro de 1926, foram vendidos 10 alqueires de uma fazenda para a fundação do povoado de Invernada. Com a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, surgiu nas imediações outro povoado, Vila Resende. Em 1931, iniciou-se a unificação desses dois povoados, dando origem ao município de Bandeirantes.

Ponto 05 – Cambará

O nome origina-se da árvore cambará, camará.

Data de criação do município: 28 de março de 1923.

Nome anterior: Alambari.

Gentílico: cambaraense.

População – 1960: 22.683

1980: 21.344

Altitude: 450 m.

Microrregião: 279. Norte Velho de Jacarezinho.

Área: 375 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, feijão, algodão, arroz, cana-de-açúcar), comércio e indústria.

Municípios mais próximos: Jacarezinho, Andirá, Barra do Jacaré, Ourinhos (SP).

Servido por estrada rodoviária asfaltada e de ferro, dista 329 km da capital do estado.

Os primeiros colonizadores estabeleceram-se no atual território por volta de 1904, fundando o povoado de Alambari. A exuberância das terras propiciou a formação de grande número de fazendas de café, atraindo inicialmente grande contingente de paulistas e mineiros.

Ponto 06 – Jacarezinho

O nome proveio do rio Jacaré, que banha o município.

Data de criação do município: 02 de abril de 1900.

Nome anterior: Nova Alcântara.

Gentílico: jacareziense.

População – 1960: 42.662

1980: 38.926

Altitude: 435 m.

Microrregião: 279. Norte Velho de Jacarezinho.

Área: 435 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (abacaxi, arroz, café, cana-de-açúcar, feijão).

Municípios mais próximos: Cambará, Ribeirão Claro, Santo Antônio da Platina, Joaquim Távora.

Servido por rodovia asfaltada e estrada de ferro, dista 360 km da capital.

O povoamento do atual território data de 1886, com a chegada de pioneiros vindos do interior paulista, mineiro e do sul paranaense, atraídos pela fertilidade do solo.

Ponto 07 – Loanda

O nome Loanda foi escolhido mediante um concurso promovido pela empresa Colonizadora e submetido à votação dos rádio-ouvintes. Parece ter sua origem no nome Luanda, capital de Angola, país africano.

Data de criação do município: 26 de novembro de 1954.

Gentílico: loandense.

População – 1960: 20.491

1980: 19.457

Altitude: 560 m.

Microrregião: 283. Norte Novíssimo de Paranavaí.

Área: 747 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café e algodão), pecuária (bovinos), indústria (móveis).

Municípios mais próximos: Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Isabel do Ivaí, Nova Londrina, São Pedro do Paraná, Porto Rico, Guairaçá, Planaltina do Paraná e Marilena.

Servido por rodovia asfaltada, dista da capital 607 km.

Fundada em outubro de 1952, pela Empresa Colonizadora Norte do Paraná Ltda., com a demarcação e venda de 220 alqueires de terras a agricultores paulistas, gaúchos e japoneses.

Ponto 08 – Paranavaí

Paranavaí é a junção dos nomes dos rios Paraná e Ivaí, que cortam a região noroeste do estado.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Gentílico: paranavaense.

População – 1960: 62.405

1980: 65.290

Altitude: 503 m.

Microrregião: 283. Norte Novíssimo de Paranavaí.

Área: 1.149 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, algodão, milho, arroz e feijão), pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Terra Rica, Tamboara, São João do Caiuá, Alto Paraná, Santo Antônio do Caiuá, Nova Aliança do Ivaí e Guairaçá.

Servido por rodovia asfaltada, dista 517 km de Curitiba.

A fundação de Paranavaí data de 1930, com a chegada de pioneiros vindos do interior paulista. Devido à falta de meios de comunicação, entrou em decadência até 1944, quando, impulsionada pela criação de municípios vizinhos e pela abertura de estradas, retomou uma fase de progresso.

Ponto 09 – Maringá

O nome proveio da canção “Maringá”, de Joubert de Carvalho, muito popular na época.

Data de criação do município: 10 de maio de 1947.

Gentílico: maringaense.

População – 1960: 103.546

1980: 168.239

Altitude: 555 m.

Microrregião: 282. Norte Novo de Maringá.

Área: 500 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, feijão, arroz, trigo e cana-de-açúcar) e indústria.

Municípios mais próximos: Mandaguaçu, Flórida, Iguaçu, Marialva, Floresta e Paissandu.

Servido por transporte aéreo e rodoviário, dista 435 km de Curitiba.

Maringá é uma das mais importantes cidades fundadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná, atual Companhia Melhoramentos Norte do Paraná.

Ponto 10 – Jaguapitã

O nome provém do tupi: iauara, jaguar, onça, cão + pitã: avermelhado, pardo = cão avermelhado, raposa avermelhada.

Data de criação do município: 10 de outubro de 1947.

Nome anterior: Colônia de São José dos Bandeirantes.

Gentílico: jaguapitãense.

População – 1960: 21.738

1980: 12.001

Altitude: 450 m.

Microrregião: 281. Norte Novo de Londrina.

Área: 519 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, algodão, feijão, arroz), pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Guaraci, Centenário do Sul, Rolândia, Mirassol, Cambé, Astorga e Munhoz de Mello.

Servido por estrada rodoviária asfaltada, dista 405 km de Curitiba.

A fundação de Jaguapitã deu-se em 1937, com a chegada das primeiras famílias paulistas e mineiras, atraídas pela fertilidade das terras do setentrião paranaense.

Ponto 11 – Londrina

O nome Londrina foi criado a partir do topônimo Londres, acrescido do sufixo –ina, denotativo de procedência, origem, em homenagem à companhia inglesa Paraná Plantations Limitada, de Londres, principal acionista da Companhia de Terras Norte do Paraná, incumbida de adquirir e lotear terras no norte paranaense, na década de 1920.

Data de criação do município: 03 de fevereiro de 1934.

Gentílico: londrinense.

População – 1960: 133.739

1980: 301.711

Altitude: 576 m.

Microrregião: 281. Norte Novo de Londrina.

Área: 2.028 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, arroz, feijão, algodão, soja, trigo, uva), pecuária (bovinos, suínos, avicultura), indústria e comércio.

Municípios mais próximos: Sertanópolis, Cambé, Ibiporã, Ortigueira.

Servido por transporte rodoviário, ferroviário e aéreo, dista da capital 390 km.

Em 1924, chegou ao Paraná um grupo de capitalistas ingleses, que, entusiasmados com a exuberância das terras, adquiriu do governo do estado 500.000 alqueires de terras devolutas e fundou a Companhia de Terras do Norte do Paraná Plantations Limitada de Londrina. Tal empreendimento, associado à expansão da rede ferroviária, deu início a um dos maiores movimentos migratórios de que se tem notícia no Brasil, atraindo pioneiros paulistas, mineiros, nordestinos, sul paranaenses, além de japoneses, alemães, poloneses, italianos, sírios, libaneses, espanhóis e portugueses. Londrina é a principal cidade do interior paranaense.

Ponto 12 – Jataizinho

Jataí era o nome da antiga Colônia Militar aí estabelecida em 1850. Como já existia uma cidade homônima em Goiás, passou-se a denominar Jataizinho. Jataí, em tupi, significa abelha.

Data de criação do município: 14 de março de 1929.

Nomes anteriores: Colônia Militar de Jataí, Aldeamento de São Pedro Alcântara, Freguesia de Jataí, Jataí.

Gentílico: jataizinhense.

População – 1960: 18.165

1980: 9.558

Altitude: 346 m.

Microrregião: 280. Algodoeira de Assai.

Área: 222 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café e algodão), indústria (olaria).

Municípios mais próximos: Uraí, Sertanópolis, Ibiporã, Assai, Rancho Alegre e Londrina.

Servido por estrada rodoviária asfaltada e de ferro, dista da capital 315 km.

Com o objetivo de descoberta dos campos Paiquerê e a abertura de uma estrada comunicando os campos gerais com o Mato Grosso, abriu-se uma picada em direção ao rio Tibagi. Ao fim da picada fundou-se uma colônia militar onde hoje é Jataizinho. Em 1855, o frei Thimoteo de Castel Nuovo fundou o núcleo catequético de São Pedro de Alcântara. Com o crescimento do povoado, em 1872 foi criada a Freguesia de Jataí, posteriormente elevada a vila com o nome de São Jerônimo. Em 1929, com o nome de Jataí, passou à categoria de cidade.

Ponto 13 – Ribeirão do Pinhal

O primeiro nome de Ribeirão do Pinhal, Espírito Santo do Pinhal, foi dado em homenagem ao dia do nascimento de um dos fundadores. Ribeirão do Pinhal é o nome do rio que o banha.

Data de criação do município: 10 de outubro de 1947.

Nomes anteriores: Espírito Santo do Pinhal, Laranjinha, Vila do Pinhal.

Gentílico: pinhalense ou ribeiro-pinhalense.

População – 1960: 16.577

1980: 14.840

Altitude: 369 m.

Microrregião: 279. Norte Velho de Jacarezinho.

Área: 410 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, feijão, algodão, banana), pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Nova Fátima, Abatiá, Jundiá do Sul, Congonhas, Cornélio Procópio e Ibaiti.

Dista 390 km da capital.

Ribeirão do Pinhal foi fundado em 1924, por agricultores paulistas e mineiros, atraindo novos povoadores pela fertilidade do solo.

Ponto 14 – Querência do Norte

Querência é termo gaúcho que significa lugar querido, ou onde se quer viver; “Lembra a terra onde nasceu, criou-se e lhe traz saudades” (P. M. Querência do Norte: 1).

Data de criação do município: 26 de dezembro 1954.

Gentílico: querenciano.

População – 1960: 7.490

1980: 9.064

Altitude: 490 m.

Microrregião: 283. Norte Novíssimo de Paranaíba.

Área: 967 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (arroz, trigo, soja, algodão, feijão), pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Santa Cruz do Monte Castelo, Porto Rico, Umuarama, Icaraíma; ao oeste é banhado pelo rio Paraná, divisando com Mato Grosso.

Dista 663 km da capital.

Em 1950, a Companhia Colonizadora Brasil Paraná Loteamento S. A. fundou um pequeno povoado a poucos quilômetros de Paranavaí, atraindo grandes levas de gaúchos e catarinenses. Este povoado deu origem ao atual município. Querência do Norte pertence à Comarca de Paranavaí.

Ponto 15 – Cianorte

A denominação Cianorte é a sigla da Companhia de Terras Norte do Paraná.

Data de criação do município: 13 de julho de 1955.

Gentílico: cianortense.

População – 1960: 48.822

1980: 48.797

Altitude: 490 m.

Microrregião: 285. Norte Novíssimo de Umuarama.

Área: 790 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, algodão, feijão, milho), indústria (confecções de vestuário) e pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Araruna, Rondon, Jussara, Tapejara, São Tomé e Tuneiras do Oeste.

Dista da capital 543 km.

Depois de haver colonizado quase todo o norte paranaense, a Companhia de Terras Norte do Paraná rumou mais para oeste e fundou mais uma cidade de acordo com os padrões tradicionais: demarcando e dividindo

uma gleba de terras em lotes urbanos e rurais. Para lá atraiu grandes levas de paulistas e nordestinos.

Ponto 16 – Apucarana

O nome provém do caingangue: apo: a base, caarã: semelhante à floresta imensa, anã: imensa, traduzido por 'a base semelhante à floresta imensa'. BORDONI registra como de origem tupi: 1. que se estende em círculo; 2. em círculo rachado.

Data de criação do município: 30 de dezembro de 1943.

Gentílico: apucaranaense.

População – 1960: 65.800

1980: 80.245

Altitude: 983 m.

Microrregião: 284. Norte Novo de Apucarana.

Área: 526 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, arroz e feijão) e indústrias.

Municípios mais próximos: Arapongas, Mandaguari, Califórnia, Rio Bom, Cambira e Jandaia do Sul.

Servido por rodovia asfaltada, dista 410 km da capital. Também é servido por ferrovia.

Como grande parte das cidades do norte paranaense, Apucarana foi colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, antiga

Companhia de Terras do Norte do Paraná, tendo como marco inicial o ano de 1938.

Ponto 17 – São Jerônimo da Serra

O nome se deu em virtude de uma capela construída em 1870, sob a invocação de São Jerônimo.

Data de criação do município: 23 de fevereiro de 1920.

Nomes anteriores: Aldeamento de São Tomás de Papanduva, São Jerônimo e Araiporanga.

Gentílico: jeronimense.

População – 1960: 31.344

1980: 16.389

Altitude: 920 m.

Microrregião: 280. Algodoeira de Assai.

Área: 722 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, algodão, milho, trigo, soja, feijão e arroz), pecuária.

Municípios mais próximos: Congoinhas, Assai, Santa Cecília do Pavão, Santo Antônio do Paraíso e Sapopema.

Servido por rodovia asfaltada, dista 314 km da capital.

São Jerônimo da Serra era povoado indígena da tribo caingangue. Em 1854, por ordem do Imperador D. Pedro II, chegou a primeira expedição catequizadora para a região, fundando o povoado com o nome de Aldeamento de São Thomas de Papanduva.

Ponto 18 – Ibaiti

Do tupi iba: fruta + iti: cisco = cisco de fruta.

Data de criação do município: 11 de outubro de 1947.

Nome anterior: Patrimônio do Café.

Gentílico: ibaitiense.

População – 1960: 20.590

1980: 28.479

Altitude: 850 m.

Microrregião: 278. Norte Velho de Wenceslau Braz.

Área: 947 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, arroz, feijão, milho, algodão, batata-inglesa), pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Ribeirão do Pinhal, Curiúva, Japira, Pinhalão, Congoinhas, Tibagi e Sapopema.

Servido por rodovia asfaltada, dista 319 km da capital.

Ibaiti foi fundada em 1909 com o nome de Patrimônio do Café, tendo atraído inicialmente mineiros e paulistas.

Ponto 19 – Siqueira Campos

O nome é uma homenagem ao revolucionário brasileiro Siqueira Campos.

Data de criação do município: 20 de março de 1929.

Gentílico: siqueirense.

População – 1960: 18.279

1980: 15.344

Altitude: 665 m.

Microrregião: 278. Norte Velho de Wenceslau Braz.

Área: 210 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, feijão, laranja e arroz) e pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Joaquim Távora, Tomazina, Quatiguá, Wenceslau Braz e Salto do Itararé.

Servido por rodovia asfaltada, dista 285 km da capital. É servido também por ferrovia.

A fundação de Siqueira Campos data de 1843, com a chegada de pioneiros paulistas e mineiros, ávidos de se estabelecerem com a plantação do café, formando fazendas nos moldes tradicionais de São Paulo e Minas Gerais.

Ponto 20 – São José da Boa Vista

O nome é uma homenagem ao santo de devoção de seu fundador.

Data de criação do município: 25 de julho de 1960.

Gentílico: boa-vistense.

População – 1980: 9.785

Altitude: 650 m.

Microrregião: 278. Norte Velho de Wenceslau Braz.

Área: 440 km² (P.M. de São José da Boa Vista).

Atividades econômicas predominantes: agricultura (feijão, arroz, milho), pecuária (bovinos, suínos e avicultura).

Municípios mais próximos: Santana do Itararé, Sengés, Wenceslau Braz e Arapoti.

Servido por rodovia asfaltada, dista 305 km da capital.

Em 1848, chegou o primeiro desbravador na região, vindo de São Caetano da Vargem Grande (MG), para tomar posse das terras adquiridas de um sertanista da região. Iniciou a colonização doando uma área de terras para o futuro patrimônio de São José do Cristianismo. Retornando várias vezes a Minas Gerais, conseguiu incentivar outros agricultores para se estabelecerem no norte paranaense.

Ponto 21 – Umuarama

Do tupi u: encontro; mü: amigo; rama: lugar, traduzido por 'lugar onde os amigos se encontram' (P.M. Umuarama: 9). Segundo BORDONI significa: 'sítio alto e assoalhado'.

Data de criação do município: 25 de julho de 1960.

Gentílico: umuaramense.

População 1980: 100.545

Altitude: 530 m.

Microrregião 285. Norte Novíssimo de Umuarama.

Área: 2.911 Km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, café, mandioca, arroz) e pecuária (bovinos, suínos e aves).

Municípios mais próximos: Querência do Norte, Santa Cruz do Oeste, Alto Piquiri, Douradina, Maria Helena, Cruzeiro do Oeste, Icaraíma, São Jorge do Patrocínio, Xambrê e Iporã. A oeste é banhado pelo rio Paraná.

Servido por rodovia asfaltada, dista 573 Km da capital.

Umuarama foi fundada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná em 1995.

Ponto 22 – Cruzeiro do Oeste

O nome inicial era Cruzeiro, por ter-se iniciado o primeiro povoado à beira de uma encruzilhada de estradas de rodagem. Oeste por se localizar no oeste paranaense e para diferenciá-lo de outros povoados homônimos.

Data de criação do município: 28 de novembro de 1954.

Nome anterior: Cruzeiro.

Gentílico: cruzeirense ou cruzdoestano.

População – 1960: 135.326

1980: 27.278

Altitude: 580 m.

Microrregião: 285. Norte Novíssimo de Umuarama.

Área: 784 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (arroz, milho, algodão, feijão e trigo) e pecuária (suínos).

Municípios mais próximos: Maria Helena, Tapira, Cidade Gaúcha, Tapejara, Tuneiras do Oeste, Moreira Sales, Mariluz e Umuarama.

Servido por rodovia asfaltada, dista 546 km da capital.

Em 1947 chegaram os primeiros colonizadores, vindos, sobretudo, do interior paulista e mineiro.

Ponto 23 – Peabiru

O nome é de origem tupi, pe: caminho e abiru: gramado amassado, significando caminho gramado amassado (P.M. de Peabiru): 1). Para BORDONI: 1. caminho consertado, conservado; 2. caminho brando, suave.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Gentílico: peabiruense.

População – 1960: 18.977

1980: 16.967

Altitude: 520 m.

Microrregião: 286. Campo Mourão.

Área: 557 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (soja, milho, trigo, arroz, feijão, mandioca), pecuária.

Municípios mais próximos: Engenheiro Beltrão, Campo Mourão, Araruna, Quinta do Sol, Fênix, Terra Boa e Barbosa Ferraz.

Servido por rodovia asfaltada, dista 464 km da capital.

A história do município de Peabiru está ligada à expedição militar de conquista organizada pelo capitão-mor Afonso Botelho de San Payo de Souza, em 1769. No entanto, o desenvolvimento só se deu de maneira decisiva a partir de 1903. Entre 1940 e 1942, o então interventor federal Manoel Ribas efetuou a distribuição de posses de terras aos colonizadores, atraindo compradores dos mais distantes pontos do país.

Ponto 24 – São Pedro do Ivaí

O nome é uma homenagem ao santo da Igreja Católica, acrescido da locução adjetiva referente ao rio Ivaí, que banha a região.

Data de criação do município: 26 de novembro de 1954.

Nome anterior: Ivaí.

Gentílico: são-pedrense-do-ivaí

População – 1960: 11.546

1980: 10.461

Altitude: 400 m.

Microrregião: 284. Norte Novo de Apucarana.

Área: 252 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, feijão, arroz, cana-de-açúcar), indústria (álcool), pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Bom Sucesso, Itambé, Marumbi, Kaloré, São João do Ivaí e Fênix.

Servido por rodovia asfaltada, dista 408 km da capital.

A história de São Pedro do Ivaí começa com a instalação de uma serraria às margens do rio Ivaí. A partir daí, iniciou-se o deslocamento de colonos e posseiros para o local, vindos do interior paulista e mineiro.

Ponto 25 – Ortigueira

Provavelmente o nome tenha vindo de urtiga, ortiga, mais o sufixo – eira.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Nomes anteriores: Monjolinho, Queimadas.

Gentílico: ortigueirense.

População – 1960: 17.244

1980: 50.113

Altitude: 760 m.

Microrregião: 277. Alto Ivaí.

Área: 2.487 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (feijão, milho, batata-inglesa, arroz, trigo), pecuária (bovinos e suínos).

Municípios mais próximos: Faxinal, Reserva, Londrina, Marilândia do Sul, Sapopema, Telêmaco Borba, Ponta Grossa.

Servido por rodovia asfaltada, dista 250 km da capital.

Por volta de 1900, surgem os primeiros colonizadores, instalando-se num outeiro denominado Monjolinho. Com o crescimento do povoado passou a denominar-se Vila das Queimadas.

Ponto 26 – Jaguariaíva

“O nome é de origem tupi, **jaguar**: lobo; **y**: água, rio; **aíva**: do outro lado = cachorro que ladra (ou vagueia) do outro lado do rio” (P.M. Jaguariaíva: 2). Segundo BORDONI, origina-se de **jaguari**: rio da onça + **aíva**: ruim = rio do jaguar ruim, da lontra brava.

Data de criação do município: 24 de abril de 1875.

Gentílico: jaguariaivense.

População – 1960: 13.786

1980: 15.310

Altitude: 840 m.

Microrregião: 274. Campos de Jaguariaíva.

Área: 1.672 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (soja, trigo, milho, feijão, batata-inglesa), pecuária (bovinos), indústrias (tecidos, papel, pasta mecânica, madeira).

Municípios mais próximos: Pirai do Sul, Cerro Azul, Arapoti, Wenceslau Braz e Sengés.

Servido por rodovia asfaltada, dista 220 km da capital. É servido também por ferrovia.

No início do século XVII, bandeirantes paulistas e tropeiros de gado fizeram as primeiras penetrações na região atualmente ocupada pelo território de Jaguariaíva. Desses caminhos, surgiram os ‘pousos’, povoados que integraram o Caminho de Sorocaba, ligando esta cidade paulista a Viamão (RS), e que serviam de paradas para os tropeiros pernovernarem.

A região era habitada pelos índios coroados, da família caingangue. Os primeiros povoadores vinham do interior paulista e dos Campos de Curitiba.

Ponto 27 – Guáira

“Guáira é de origem tupi, podendo ter vários significados. Parece-nos, todavia, mais exato o de lobo selvagem”. (P.M. Guáira: 1). BORDONI apresenta os seguintes significados: **guairá**: o paraíso terrestre, a terra sem mal, segundo os Guaranis do Paraguai; **guáira**: o intransitável, do qual não se pode ir além, nome indígena do Salto das Sete Quedas; **guáira**: de **qua-y-rá**, salto intransitável.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Gentílico: guairintio ou guaireense.

População – 1960: 21.386

1980: 29.169

Altitude: 231 m.

Microrregião: 288. Extremo Oeste Paranaense.

Área: 458 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (feijão, milho, arroz, batata-inglesa e banana), indústria extrativa e pecuária (bovinos e suínos).

Municípios mais próximos: Altônia, Terra Roxa d'Oeste, Marechal Cândido Rondon, estado de Mato Grosso e República do Paraguai.

Servido por rodovia asfaltada, dista cerca de 657 km da capital.

“Até meados do século XVI, a região compreendida na margem esquerda do Rio Paraná, apesar de pertencer ao governo do Paraguai, como

de resto a área que constitui o território do estado do Paraná, era habitado exclusivamente por nativos de numerosas tribos.” (P.M. Guaíra: 1).

Em 1556 é fundada a Ciudad Real Del Guairá, que se transforma em capital da Província Del Guayrá, em 1610. Em 1620, Guayrá deixa de pertencer ao domínio espanhol. Sucedendo-se constantes ataques dos bandeirantes aos padres jesuítas estabelecidos nas reduções aí existentes, a Ciudad Real Del Guayrá é abandonada e posteriormente destruída.

Em 1903, a Companhia Mate Laranjeira recebe do governo brasileiro a concessão para explorar a Herva Paraguaya (erva-mate), no sul do Mato Grosso, aí permanecem até 1944, quando foi encampada pelo governo federal. O então florescente povoado entra em declínio a partir da 2ª Guerra Mundial.

Guairá constitui-se em cidade turística, devido às Sete Quedas, até o ano de 1982, quando a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu inundou uma das mais belas e majestosas construções da natureza, provocando, mais uma vez, o declínio da cidade.

Ponto 28 – Goio-erê

Mesmo nome do rio que passa pela cidade. Segundo BORDONI, é nome caingangue, significando: ‘água limpa ou clara’.

Data de criação do município: 10 de agosto de 1955.

Gentílico: goio-erense.

População – 1960: 23.660.

1980: 48.780

Altitude: 550 m.

Microrregião: 286. Campo Mourão.

Área: 1.136 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, feijão, arroz, algodão, alho e cebola) e suinocultura.

Municípios mais próximos: Mariluz, Moreira Sales, Janiópolis, Mamburê, Ubiratã, Nova Aurora e Formosa d'Oeste.

Servido por rodovia asfaltada, dista cerca de 527 km da capital.

Em 1943, chegaram os primeiros colonizadores, abrindo picadas através do sertão bruto e fundando as primeiras fazendas de café da região. Com a demarcação e venda de lotes rurais e urbanos, iniciou-se o povoamento da nova cidade.

Ponto 29 – Campo Mourão

O nome é uma homenagem a D. Luiz Antônio de Souza Botelho Mourão, um dos desbravadores da região no século XVIII.

Data de criação do município: 10 de outubro de 1947.

Gentílico: campo-mourense.

População – 1960: 140.362

1980: 75.427

Altitude: 630 m.

Microrregião: 286. Campo Mourão.

Área: 2.080 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, arroz, café, trigo, feijão, algodão, batata-inglesa e centeio), pecuária e indústria extrativa vegetal.

Municípios mais próximos: Araruna, Peabiru, Janiópolis, Barbosa Ferraz, Iretama, Roncador, Nova Cantu, Mamburê e Boa Esperança.

Servido por rodovia asfaltada, dista 447 km da capital.

A história do município de Campo Mourão está ligada à história do famoso Caminho de Peabiru ou Caminho de São Tomé. No entanto, o povoamento desta região só se deu efetivamente após 1903, com a chegada das primeiras famílias precedentes de Guarapuava e do Rio Grande do Sul.

Ponto 30 – Ivaiporã

O nome é de origem tupi, formado por: Ivaí, nome do rio da região, que significa, **i**: água, rio; **vai, baí**: frutas; e **porã**: bonito, lindo = rio das frutas lindas.

Data de criação do município: 25 de julho de 1960.

Nomes anteriores: Queimada, Cruzeiro, Sapecada, Ivainópolis.

Gentílico: ivaiporãense.

População – 1980: 62.835

Altitude: 700 m.

Microrregião: 284. Norte Novo de Apucarana.

Área: 915 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, algodão, café, soja, trigo).

Municípios mais próximos: Pitanga, Jardim Alegre, Grandes Rios, Cândido de Abreu e Manoel Ribas.

Servido por rodovia asfaltada, dista 400 km da capital.

A origem de Ivaiporã remonta ao ano de 1853, quando se tem notícia da venda de uma área de terras de 83.000 alqueires às margens do rio Ivaí. Mais tarde denomina-se Fazenda Ubá e é explorada por uma companhia inglesa. Em 1924, coube à Sociedade Territorial Ubá Ltda. a tarefa de colonizar a área. No entanto, a partir de 1939, o governo do estado do Paraná contestou a legitimidade do domínio da Sociedade Territorial Ubá, considerando as terras como devolutas e pretendentes ao Estado, incentivando a instalação de inúmeros posseiros. Durante uma década a região de Ivaiporã foi alvo de litígio judicial entre a empresa colonizadora, posseiros e governo. A partir de 1951 acelerou-se a colonização com a vinda de agricultores catarinenses, paulistas, nordestinos, mineiros e paranaenses de outras regiões.

Ponto 31 – Tibagi

Tibagi significa “o rio do pouso, o rio da parada”.

Data de criação do município: 18 de março de 1872.

Gentílico: tibagiense ou tibagiano.

População – 1960: 40.084

1980: 20.600

Altitude: 730 m.

Microrregião: 273. Campos de Ponta Grossa.

Área: 3.829 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, feijão, batata-inglesa, café e arroz), pecuária e indústria.

Municípios mais próximos: Castro, Curiúva, Ipiranga, Arapoti, Reserva, Piraí do Sul, Ivaí, Telêmaco Borba, Ponta Grossa e Ibaiti.

Servido por rodovia asfaltada, dista 200 km da capital.

A fundação de Tibagi data de 1782, com a chegada de colonizadores vindos do sul paranaense.

Ponto 32 – Marechal Cândido Rondon

O nome é uma homenagem ao desbravador Marechal Cândido Rondon.

Data de criação do município: 25 de julho de 1960.

Nome anterior: General Rondon.

Gentílico: rondonense.

População – 1960: 37.892

1980: 56.210

Altitude: 420 m.

Microrregião: 288. Extremo Oeste Paranaense.

Área: 1.401 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, algodão, milho e arroz) e indústria.

Municípios mais próximos: Guaíra, Terra Roxa d'Oeste, Toledo, Santa Helena e a República do Paraguai.

Servido por rodovia asfaltada, dista 631 km da capital.

A colonização efetiva de Marechal Cândido Rondon é bastante recente. Data de 1950 a chegada das primeiras famílias, procedentes do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, descendentes em sua maioria de alemães.

A companhia de madeiras Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A (MARIPÁ), procedeu à divisão dos lotes urbanos e rurais e ao assentamento dos primeiros agricultores.

Ponto 33 – Assis Chateaubriand

Homenagem prestada pelo fundador da cidade ao embaixador e jornalista brasileiro Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, a pedido de seu amigo David Nasser.

Data de criação do município: 27 de agosto de 1966.

Nome anterior: Tupãssi.

Gentílico: assis-chateaubriense ou chateaubriense.

População – 1980: 50.631

Altitude: 440 m.

Microrregião: 288. Extremo Oeste Paranaense.

Área: 1.010 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (soja, trigo, algodão, milho, feijão, arroz) e pecuária (aves, bovinos, eqüinos).

Municípios mais próximos: Palotina, Iporã, Alto Piquiri, Formosa do Oeste, Nova Aurora, Cascavel e Toledo.

Servido por rodovia asfaltada, dista cerca de 608 km da capital.

O território atual de Assis Chateaubriand fazia parte de um lote de 90.000 alqueires de terras consideradas devolutas e que ficaram durante oito anos pendentes na justiça (de 1950 a 1958), apesar de iniciada a sua venda pela Sociedade Colonizadora Norte do Paraná S/A, que reinicia a colonização

de forma mais moderna, abrindo estradas, construindo pontes, fundando patrimônios e dividindo em pequenos lotes de 5 a 20 alqueires, atraindo agricultores dos vários pontos do país.

Ponto 34 – Campina da Lagoa

O nome Campina da Lagoa foi dado pelos fundadores quando chegaram àquela região plana, “numa campina, localizada no alto de um platô, onde verificaram a existência de três lagoas”. (P.M. Campina da Lagoa: 06).

Data de criação do município: 25 de julho de 1960.

Nome anterior: Campina das Três Lagoas, Colônia Cantu.

Gentílico: campinalagoense ou campinalagoano.

População – 1980: 23.112

Altitude: 780 m.

Microrregião: 286. Campo Mourão.

Área: 799 km².

Municípios mais próximos: Ubitatã, Mamborê, Nova Cantu, Palmital, Guaraniaçu e Corbélia.

Servido por rodovia asfaltada, dista 394 km da capital.

Iniciou-se a colonização do atual território de Campina da Lagoa por volta de 1940, com a chegada dos primeiros povoadores, procedentes do sul paranaense e de Santa Catarina, em busca das “tão sonhadas riquezas das campinas Vitorianas” (P.M. Campina da Lagoa: 01). Pouco a pouco, atraiu também mineiros, paulistas, gaúchos, nordestinos, além de imigrantes de várias nacionalidades: espanhóis, japoneses, italianos, portugueses.

Ponto 35 – Manoel Ribas

O nome é uma homenagem ao Sr. Manoel Ribas, ex-interventor Federal do Paraná.

Data de criação do município: 05 de julho de 1955.

Nomes anteriores: Campina do Corumbataí, Campina Alta.

Gentílico: campineiro (EL-KHATIB: 216) ou manoel-ribense.

População – 1960: 54.843

1980: 16.163

Altitude: 972 m.

Microrregião: 287. Pitanga.

Área: 589 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (café, milho, feijão, arroz, centeio, batatinha, fumo e alho), pecuária e indústria.

Municípios mais próximos: Cândido de Abreu, Pitanga e Ivaiporã.

Servido por rodovia asfaltada, dista cerca de 469 km da capital.

Em 1917, chegavam de Pitanga os primeiros desbravadores da região, até então habitada pelos caingangues, que passaram a explorar a erva-mate e a criação de porcos. Plantavam milho para o sustento dos suínos, extraíam mel e cera das abelhas silvestres, comercializando seus produtos em Cândido de Abreu e Pitanga, através das picadas e picadões, a pé ou no lombo de animais.

Ponto 36 – Castro

O nome é homenagem ao Ministro dos Negócios Ultramarinos de Portugal, Martinho de Mello e Castro.

Data de criação do município: 02 de junho de 1854.

Nomes anteriores: Sant'Ana do Iapó, Vila Nova de Castro.

Gentílico: castrense.

População – 1960: 32.555

1980: 49.816

Altitude: 1.005 m.

Microrregião: 273. Campos de Ponta Grossa.

Área: 3.040 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, feijão, batata inglesa, centeio, arroz, trigo), pecuária e indústria extrativa.

Servido por rodovia asfaltada, dista 150 km da capital.

Castro teve como origem os pousos de tropeiros que percorriam o histórico caminho Sorocaba-Viamão. Situado em localidade privilegiada, desenvolveu-se rapidamente, sendo elevado à categoria de freguesia em 1771, com a denominação de Sant'Ana do Iapó.

Ponto 37 – Cerro Azul

Cerro significa colina pequena e penhascosa, geralmente de forma tabular. O nome Cerro Azul foi tirado do morro do mesmo nome localizado nas proximidades.

Data de criação do município: 27 de dezembro de 1882.

Nome anterior: Açungui.

Gentílico: cerro-azulense.

População – 1960: 17.200

1980: 20.003

Altitude: 393 m.

Microrregião: 270. Alto Ribeira.

Área: 1.929 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (batata-inglesa, milho, feijão), citricultura e suinocultura.

Municípios mais próximos: Sengés, Rio Branco do Sul, Bocaiúva do Sul, Castro, Piraí do Sul, Jaguariaíva, Adrianópolis e Estado de São Paulo;

Servido por rodovia asfaltada, dista 112 km da capital.

A fundação de Cerro Azul data de 1860. Por determinação do governo imperial, foram divididos 59.681 hectares de terras em 400 lotes e entregues aos colonos ingleses, franceses, alemães, suíços e italianos, recém-chegados da Europa, que ali se estabeleceram, cultivando café e cana-de-açúcar. Graças à proteção da Princesa Isabel, Cerro Azul evoluiu consideravelmente, chegando a ser um dos núcleos coloniais de maior importância e progresso na Província do Paraná.

Ponto 38 – Adrianópolis

O nome é homenagem ao pioneiro dos ministérios da região, Sr. Adriano Seabra da Fonseca.

Data de criação do município: 25 de julho de 1960.

Nomes anteriores: Eptácio Pessoa, Paranaí.

Gentílico: adrianopolitense.

População – 1980: 11.096

Altitude: 154 m.

Microrregião: 270. Alto Ribeira.

Área: 1.229 km².

Atividades econômicas predominantes: indústria extrativa de minérios (chumbo, ouro, prata, cobre, calcário), pecuária e agricultura (milho).

Municípios mais próximos: Cerro Azul e Bocaiúva do Sul. Ao norte é banhado pelo rio Ribeira, na divisa com o Estado de São Paulo.

É o único ponto (dentre os sessenta e cinco do ALPR) que não está ligado à capital por rodovia asfaltada. São 97 km de estrada macadamizada, em estado precário.

As referências históricas a Adrianópolis mais remotas são as de 1937, quando foi elevada à categoria de distrito.

Os primeiros moradores vieram do interior paulista atraídos pelas terras férteis do vale do rio Ribeira.

Ponto 39 – Cascavel

Nome dado pelo fundador da cidade, por existir na região grande quantidade de cobras venenosas (*Crotalus terrificus*).

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Nomes anteriores: Encruzilhada, Aparecida dos Portos.

Gentílico: cascavelense.

População – 1960: 39.513

1980: 163.459

Altitude: 754 m.

Microrregião: 288. Extremo Oeste Paranaense.

Área: 2.901 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, feijão, arroz, batata-inglesa, trigo, centeio) e pecuária.

Municípios mais próximos: Guaraniaçu, Toledo, Assis Chateaubriand, Nova Aurora, Corbélia, Catanduvas e Capitão Leônidas Marques.

Servido por rodovia asfaltada, dista 633 km da capital.

A história de Cascavel teve início em março de 1928, com a chegada dos primeiros colonos, vindos de Guarapuava, ao povoado conhecido como Encruzilhada. O povoado ficava num ponto estratégico: era o local de entroncamento de várias trilhas abertas pelos ervateiros, próximo ao município de Foz do Iguaçu. Milhares de colonos sulistas, descendentes de alemães e italianos, migraram para o local após o ciclo da erva-mate, iniciando o cultivo de cereais e a criação de rebanhos de suínos.

Ponto 40 – Guaraniaçu

Guaraniaçu é a combinação dos elementos “Guarani” de rio Guarani e Açú de rio Iguaçu. Numa segunda versão, Guaraniaçu significaria **índio grande**.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Nomes anteriores: Rocinha e Queimado (povoados que deram origem a Guaraniaçu).

Gentílico: guaraniaçuano.

População – 1960: 21.284

1980: 34.556

Altitude: 920 m.

Microrregião: 288. Extremo Oeste Paranaense.

Área: 2.035 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, trigo, arroz, batata-inglesa, feijão), indústria (de madeira, móveis) e suinocultura.

Municípios mais próximos: Cascavel, Laranjeiras do Sul, Corbélia, Campina da Lagoa, Palmital, Campo Novo e Catanduvas.

Servido por rodovia asfaltada, dista 562 km da capital.

Guaraniaçu tem como origem o povoado de Rocinha, que ficava às margens da estrada Guarapuava - Foz do Iguaçu, construída no ano de 1917. Dada a localização privilegiada, logo atraiu a atenção de imigrantes poloneses, italianos e alemães, bem como de migrantes gaúchos, catarinenses, mato-grossenses e nordestinos. Guaraniaçu foi palco de batalhas entre 1922 e 1925.

Ponto 41 – Pitanga

O topônimo Pitanga, em tupi, significa vermelho, e é o nome dado ao fruto da pitangueira.

Data de criação do município: 30 de dezembro de 1943.

Gentílico: pitanguense.

População – 1960: 55.916

1980: 84.502

Altitude: 860 m.

Microrregião: 287. Pitanga.

Área: 4.551 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, feijão, arroz, trigo, centeio, batata-inglesa), indústria e pecuária.

Municípios mais próximos: Cândido de Abreu, Manoel Ribas, Guarapuava, Roncador, Iretama, Jardim Alegre, Ivaiporã e Palmital.

Servido por rodovia asfaltada, dista 330 km da capital.

Pitanga era um distrito de Guarapuava, cujo território foi povoado no início do século atual. Os primeiros colonizadores vieram atraídos pela notícia da fertilidade de suas terras, até então ocupadas pelos índios caingangues. Eram ucranianos, poloneses, italianos, gaúchos, catarinenses e paranaenses de outras localidades.

Ponto 42 – Prudentópolis

O nome foi dado em homenagem ao Presidente da República, Sr. Prudente José de Moraes Barros.

Data de criação do município: 05 de março de 1906.

Nome anterior: João do Capanema.

Gentílico: prudentopolense.

População – 1960: 29.678

1980: 39.706

Altitude: 730 m.

Microrregião: 276. Colonial de Irati.

Área: 2.402 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, trigo, batata-inglesa, centeio, arroz), pecuária e silvicultura.

Municípios mais próximos: Cândido de Abreu, Irati, Imbituva, Guarapuava, Ivaí e Inácio Martins.

Servido por rodovia asfaltada, dista 240 km da capital.

Com a construção de uma estrada de rodagem em 1882, as terras do município de Guarapuava passaram a ser valorizadas e a atrair pioneiros de várias localidades. Em 1884, o Barão de Capanema, dirigindo a construção da linha telegráfica e fiscalizando a construção da estrada de rodagem, manifestou o desejo de aí construir um povoado, com o nome de São João de Capanema. Em fins de 1894, o Governo Federal resolveu colonizar a região, nomeando Cândido de Abreu o diretor da colônia e assentando famílias de imigrantes poloneses e ucranianos.

Ponto 43 – Ponta Grossa

Segundo a lenda, o nome origina-se de uma expressão usada por um capataz ao explicar ao patrão o local escolhido para a futura sede do município: “é encostado naquele capão que tem a **ponta grossa**”.

Data de criação do município: 07 de abril de 1855.

Nomes anteriores: Freguesia da Estrela, Pitanguí.

Gentílico: ponta-grossense.

População – 1960: 89.948

1980: 186.647

Altitude: 975 m.

Microrregião: 273. Campos de Ponta Grossa.

Área: 2.084 km².

Atividades econômicas predominantes: indústria (óleos vegetais, móveis), agricultura (milho, trigo, arroz, feijão, batata-inglesa e centeio) e pecuária (bovinos e ovinos).

Municípios mais próximos: Campo Largo, Ipiranga, Teixeira Soares, Castro, Tibagi.

Servido por rodovia asfaltada, dista 110 km da capital.

Tem-se notícia de diversas expedições portuguesas e espanholas efetuadas aos Campos Gerais durante o século XVI. No entanto, a posse das terras e o início da colonização deram-se a partir de 1800, com o estabelecimento de fazendeiros paulistas e paranaenses, ao lado de padres beneditinos e, mais tarde, de jesuítas. A construção de um barracão, conhecido como a Casa de Telha, com as funções de igreja, tornou-se o ponto de referência para os que vinham do sul e do litoral com destino a São Paulo, assim como das tropas que buscavam a famosa feira de Sorocaba.

Ponto 44 – Rio Branco do Sul

O topônimo é uma homenagem ao Barão do Rio Branco. Por já existir uma cidade homônima, complementou-se com a locução adjetiva **do sul**.

Data de criação do município: 16 de março de 1871.

Nomes anteriores: Senhora do Amparo de Votuverava, Votuverava, Vila Rio Branco.

População – 1960: 20.243

1980: 31.767

Altitude: 892 m.

Microrregião: 268. Curitiba.

Área: 1.110 km².

Atividades econômicas predominantes: indústrias (minério, sobretudo cimento, além de cal, mármore, ferro, chumbo), agricultura (milho, feijão, uva, batata-inglesa, trigo) e pecuária (bovinos).

Municípios mais próximos: Campo Largo, Cerro Azul, Almirante Tamandaré, Castro, Colombo e Bocaiúva do Sul.

Servido por rodovia asfaltada, dista 30 km da capital.

Embora a falta de documentação precisa não permita comprovar certos dados históricos, é quase certo que Rio Branco do Sul tenha sua origem em arraiais formados por mineradores, ao longo de alguma jazida aurífera, ainda no século XVII.

Ponto 45 – Antonina

O nome Antonina é uma homenagem à memória do príncipe D. Antônio.

Data de criação do município: 29 de agosto de 1787.

Nome anterior: Capela.

Gentílico: antoniense ou capelista.

População – 1960: 11.980

1980: 16.305

Altitude: 5 m.

Microrregião: 269. Litoral do Paraná.

Área: 1.024 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (banana, cana-de-açúcar, abacaxi e arroz).

Municípios mais próximos: Campina Grande do Sul, Guaraqueçaba, Morretes e Paranaguá. Ao leste, é banhado pelo Oceano Atlântico.

Servido por rodovia asfaltada, dista 84 km da capital. É também servido por ferrovia.

Estabeleceu-se como data da fundação de Antonina o dia 12 de setembro de 1717, quando foi autorizada a construção de uma capela em homenagem à Virgem do Pilar.

Ponto 46 – Guaraqueçaba

O topônimo Guaraqueçaba é de origem tupi, **guará**: pássaro vermelho de bico fino, e também uma espécie de lobo; **kessaba**: ninho ou refúgio = lugar de guarás.

Data de criação do município: elevado à categoria de município em 1880, depois extinto e anexado ao município de Paranaguá. Em 10 de outubro de 1947 foi restaurada sua autonomia.

Gentílico: guaraqueçabano.

População – 1960: 7.675

1980: 7.647

Altitude: 10 m.

Microrregião: 269. Litoral do Paraná.

Área: 2.020 km².

Atividades econômicas predominantes: pescada, agricultura em pequena escala, pecuária (bovinos, suínos, avicultura).

Municípios mais próximos: Antonina, Campina Grande do Sul, Paranaguá. Ao norte, limita-se com o estado de São Paulo e ao leste, com o Oceano Atlântico.

Servido por rodovia asfaltada, dista 118 km da capital.

Guaraqueçaba foi o primeiro pedaço de solo paranaense povoado por portugueses, conforme Hans Staden, em **Viagens e Cativoiro entre os selvagens do Brasil** (1545). Entre 1638 e 1645, foi descoberta rica lavra de ouro, atraindo numerosos mineiros e aventureiros. Por sua vez, os missionários e jesuítas da Casa das Missões de Cananéia fundaram, em Superagüi, uma colônia agrícola e religiosa com o fim de catequizar os índios colorados. A população, disseminada ao longo dos numerosos rios, encontrava dificuldade para centralizar o povoado. A construção de uma capela da fralda do morro Kitumbê possibilitou a construção de habitações e daí a formação do povoado.

Ponto 47 – Foz do Iguçu

O nome é de origem guarani, **Y**: água; **açu, guaçu**: grande; portanto, “**yguaçu**” = rio grande, em virtude de ser ali a desembocadura do rio de mesmo nome.

Data de criação do município: 14 de março de 1914.

Nome anterior: Vila Iguaçu.

Gentílico: iguaçuense.

População – 1960: 28.079

1980: 136.321

Altitude: 173 m.

Microrregião: 288. Extremo Oeste Paranaense.

Área: 873 km².

Atividades econômicas predominantes: indústria extrativa vegetal, agricultura (milho, feijão, arroz, batata-inglesa, trigo, tomate e uva).

Municípios mais próximos: São Miguel do Iguaçu, a oeste é banhado pelos rios Paraná e Iguaçu, fazendo divisa com as Repúblicas do Paraguai e Argentina.

Servido por rodovia asfaltada, dista 624 km da capital.

Devido à sua posição geográfica exerce papel relevante na interligação comercial e de boa vizinhança continental. Data de 1888 o início do povoamento da região. A instalação de uma Colônia Militar deu-se no ano de 1889, quando era habitada por paraguaios, brasileiros e argentinos. É importante cidade turística devido às cataratas do Iguaçu e ao comércio da cidade paraguaia limítrofe.

Ponto 48 – Capanema

O nome provém da figura histórica Visconde de Capanema.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Gentílico: capanemense.

População – 1960: 29.178

1980: 25.753

Altitude: 350 m.

Microrregião: 289. Sudoeste Paranaense.

Área: 364 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (mandioca, feijão, milho, soja e fumo), pecuária (suínos, bovinos e avicultura) e indústria (laticínios e abate de aves).

Municípios mais próximos: Medianeira, Matelândia, Céu Azul, Capitão Leônidas Marques, Realeza e Planalto.

Servido por rodovia asfaltada, dista 600 km da capital.

“Em 05 de fevereiro de 1885, a região de conflito entre a Argentina e o Brasil, que perfaz o Sudoeste do Paraná e Oeste de Santa Catarina, passa a pertencer definitivamente ao território brasileiro”. (P.M. Capanema: 01).

A fertilidade do solo e a abundância de madeira de lei aí existente atraíram a atenção dos agricultores gaúchos e catarinenses.

Ponto 49 – Dois Vizinhos

O nome Dois Vizinhos inicialmente foi dado ao rio que passa nas proximidades da atual sede do município que, pela tradição, teria a sua origem na existência de dois pioneiros que moravam às suas margens.

Data de criação do município: 25 de julho de 1960. Segundo estudos da P.M. de Dois Vizinhos, a data seria 28 de junho de 1960.

Gentílico: vizinhense.

População – 1980: 42.472

Altitude: 756 m.

Microrregião: 289. Sudoeste Paranaense.

Área: 338 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, soja, feijão, mandioca, arroz, trigo e fumo), pecuária (bovinos, suínos e aves).

Municípios mais próximos: São Jorge do Oeste, Salto do Lontra, Nova Prata do Iguaçu, Três Barras do Paraná, Quedas do Iguaçu, Enéas Marques e Verê.

Servido por rodovia asfaltada, dista 470 km da capital.

Na década de 1940, com as facilidades oferecidas para a aquisição de terras do sudoeste paranaense, foi grande o afluxo de agricultores catarinenses e gaúchos para esta região. No entanto, algumas companhias colonizadoras passaram a praticar atos abusivos de extorsão contra os agricultores, provocando vários levantes de posseiros agricultores, culminando com a intervenção do Governo Federal em convênio com o estado do Paraná para demarcar e titular as áreas em conflito.

Ponto 50 – Laranjeiras do Sul

Data de criação do município: 21 de novembro de 1946.

Nomes anteriores: Colônia Marechal Mallet, Iguaçu.

Gentílico: laranjeirense.

População – 1960: 35.853

1980: 62.833

Altitude: 900 m.

Microrregião: 290. Campos de Guarapuava.

Área: 3.158 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, trigo, arroz, soja, feijão), pecuária (bovinos, suínos, aves e ovinos) e indústria (extrativa vegetal, de álcool, móveis, fecularia).

Municípios mais próximos: Chopinzinho, Guaraniaçu, Guarapuava, Palmital, São Jorge do Oeste, Campo Novo.

Servido por rodovia asfaltada, dista 450 km da capital.

Os desbravadores e conquistadores foram os responsáveis pelas primeiras estradas no sertão e a iniciação do povoamento da região.

Em 1888, quando se fundou o Distrito Policial, que seria o ponto de ligação entre Foz do Iguaçu e Guarapuava, já se encontravam colonos descendentes de ingleses, italianos, paraguaios, espanhóis e franceses habitando as margens do rio Paraná.

No período de 1923 a 1925, a região foi palco de violentos combates entre as tropas legais e os revolucionários comunistas.

Em 1943, com a criação do Território Federal do Iguaçu, Laranjeiras passou a denominar-se Iguaçu e foi elevado à categoria de capital. A população constituiu-se de vários grupos étnicos: italianos, poloneses, alemães e brasileiros procedentes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Ponto 51 – Guarapuava

É um topônimo indígena da língua guarani, **guará:** lobo, cão selvagem; **apuava:** bravio, arisco; portanto, **Guarapuava** lobo bravio. BORDONI apresenta duas etimologias: 1. **guará:** garça, **pu:** barulho, e **ava, aba:** lugar =

lugar cheio de rumor de pássaros. 2. **guará:** lobo, cachorro do mato, **pu:** barulho, rumor, uivo, e **ava:** lugar = lugar onde se ouve o uivo de lobos.

Data de criação do município: 11 de novembro de 1819.

Nomes anteriores: Freguesia de Guarapuava, Povoação de Nossa Senhora de Belém de Guarapuava.

Gentílico: guarapuavano.

População – 1960: 96.361

1980: 158.587

Altitude: 1.120 m.

Microrregião: 290. Campos de Guarapuava.

Área: 8.073 km².

Atividades econômicas predominantes: indústria extrativa vegetal, pecuária e agricultura (milho, trigo, batata-inglesa, feijão, arroz, amendoim, centeio e cevada).

Municípios mais próximos: Laranjeiras do Sul, Pitanga, Mangueirinha, Chopinzinho, Prudentópolis, Palmital, Cândido de Abreu, Inácio Martins e Pinhão.

Servido por rodovia asfaltada, dista 250 km da capital.

O descobrimento da região dos Campos de Guarapuava foi obra realizada por bandeirantes no último quartel do século XVIII. No entanto, o seu povoamento só se efetuou realmente cem anos depois, após sucessivos confrontos entre bandeirantes e indígenas. Guarapuava é o município paranaense de maior extensão territorial.

Ponto 52 – Irati

Irati, nome de uma variedade de abelhas encontrada na região, em guarani significa 'terra de bastante mel'.

Data de criação do município: 02 de abril de 1907.

Nome anterior: Covalzinho.

Gentílico: iratiense.

População – 1960: 30.525

1980: 42.234

Altitude: 812 m.

Microrregião: 276. Colonial de Irati.

Área: 783 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (batata-inglesa, trigo, milho, feijão, centeio, arroz e uva).

Municípios mais próximos: Teixeira Soares, Rio Azul, Rebouças, Imbituva, Prudentópolis e Inácio Martins.

Servido por rodovia asfaltada, dista 130 km da capital.

“A denominação Irati ocorreu, provavelmente, em 1829 ou 1830 (...)” dada pelos primeiros desbravadores da região, No entanto, o local era também conhecido por Covalzinho.

Em 1839, chegaram os bandeirantes paulistas. Ocorreram novas levas de colonizadores procedentes do sul paranaense por volta de 1864. EM 1889, a construção de Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande atraiu novos habitantes, intensificando o desenvolvimento em todos os setores. Em 1908,

em movimento colonizador dirigido pelo Governo Federal, chegaram a Irati os imigrantes ucranianos, poloneses e holandeses.

Ponto 53 – Palmeira

É o nome de uma fazenda de propriedade dos doadores da terra onde se instalou a nova freguesia.

Data de criação do município: 03 de maio de 1869.

Gentílico: palmeirense.

População – 1960: 16.851

1980: 24.235

Altitude: 864 m.

Microrregião: 272. Campos da Lapa.

Área: 1.485 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (feijão, milho, batata-inglesa, trigo, uva, centeio, arroz).

Municípios mais próximos: São João do Triunfo, Porto Amazonas, Teixeira Soares, Campo Largo, Ponta Grossa, Balsa Nova e Lapa.

Servido por rodovia asfaltada, dista 96 km da capital.

Os primeiros habitantes foram os índios caingangues, que tiveram que dividir seu espaço com os espanhóis vindos do oeste para estabelecer as reduções jesuíticas. No entanto, a povoação efetiva dos Campos foi consolidada pelos portugueses vindos do sul de São Paulo e do litoral paranaense. Palmeira é, pois, produto do movimento de tropeirismo ocorrido no século passado.

A partir de 1876 começaram a chegar os imigrantes russo-alemães, poloneses, italianos anarquistas, alemães menonitas e russos brancos.

Ponto 54 – Curitiba

O nome vem do guarani, **curi**: pinhão, pinheiro que dá o pinhão, e **tyba, tuba**: reunião, lugar onde há muitos pinheiros.

Data de criação do município: 29 de março de 1693. Data da elevação à categoria de cidade e capital da Quinta Comarca de São Paulo: 29 de agosto de 1853.

Nomes anteriores: Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, Bom Jesus dos Pinhais.

População – 1960: 515.141

1980: 1.024.975

Altitude: 908 m.

Microrregião: 268. Curitiba.

Área: 431 km².

Atividades econômicas predominantes: indústria, comércio, pecuária e agricultura (abóbora, alho, centeio, milho, trigo, tomate).

Municípios mais próximos: Campo Largo, Almirante Tamandaré, Colombo, Piraquara, São José dos Pinhais, Mandirituba e Araucária.

Servido por rodovias, ferrovias e transporte aéreo.

Os primeiros bandeirantes, atraídos pelas jazidas de ouro, começaram a chegar aos campos de Curitiba por volta de 1645-1647, liderados por Eleodoro Ébano Pereira. Quando o ouro começou a esgotar-se, Curitiba

passou a viver em função da pecuária, por ser via de passagem entre o Rio Grande do Sul (Viamão) e São Paulo (Sorocaba), constituindo-se uma aristocracia rural que predominou por mais de um século. As correntes imigratórias de alemães, poloneses, ucranios e italianos tiveram início no século XIX (1830-1840), alterando, sobremaneira, os hábitos, “gostos e pendoros”, até então portugueses.

Como capital do estado e por seu intenso progresso, tem atraído imigrantes de várias nacionalidades e migrantes de todas as regiões do estado e do país.

Ponto 55 – Paranaguá

O nome deriva da língua indígena, **paraná:** grande rio; **goa:** redondo; alusão manifesta à baía existente na região.

Data de criação do município: 26 de dezembro de 1648.

Nome anterior: Vila de Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá.

Gentílico: parnanguara ou paranagüense.

População – 1960: 38.661

1980: 81.974

Altitude: 5 m.

Microrregião: 269. Litoral do Paraná.

Área: 667 km².

Atividades econômicas predominantes: transportes, comunicações, armazenagem, agricultura (arroz, banana, laranja, milho), produção do pescado e indústria.

Municípios mais próximos: Guaratuba, Morretes, Antonina, Guaraqueçaba e Matinhos. É banhado ao leste pelo Oceano Atlântico.

Servido por rodovia asfaltada, dista 87 km da capital. É servido também por ferrovias e transporte marítimo.

Os primeiros moradores estabeleceram-se no local entre 1550 e 1560, formando um arraial na ilha do Cotinga, receosos dos ataques dos índios carijós. A notícia da existência de minas de ouro atraiu a atenção de aventureiros e desbravadores durante o século XVIII.

É um dos mais importantes portos marítimos brasileiros.

Ponto 56 – Barracão

É desconhecida a origem do nome dado à cidade.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Gentílico: barraconense.

População – 1960: 14.830

1980: 18.145

Altitude: 835 m.

Microrregião: 289. Sudoeste Paranaense.

Área: 511 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, feijão, trigo, arroz e amendoim).

Municípios mais próximos: Santo Antonio do Sudoeste, Salgado Filho. Ao sul, divisa com Dionísio Cerqueira, estado de Santa Catarina e República Argentina.

Servido por rodovia asfaltada, dista 580 km da capital.

A colonização é recente e, na maior parte, de iniciativa particular, atraindo grandes levas de gaúchos e catarinenses que se dedicavam à cultura de cereais, fumo e cana-de-açúcar.

Barracão está geminada à cidade catarinense de Dionísio Cerqueira, separadas apenas por uma linha divisória seca, ambas confrontando com a cidade de Barracon, pertencente à República Argentina.

Ponto 57 – Francisco Beltrão

O nome é homenagem ao ilustre engenheiro paranaense, Dr. Francisco Gutierrez Beltrão, diretor da Colonizadora Engenheiro Beltrão Ltda.

Data de criação do município: 14 de novembro de 1951.

Nome anterior: Povoado de Marrecas.

Gentílico: beltrãoense.

População – 1960: 55.253

1980: 48.762

Altitude: 600 m.

Área: 757 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, trigo, feijão, arroz, batata-inglesa, centeio, amendoim), pecuária (suínos, bovinos e aves) e indústria extrativa vegetal.

Municípios mais próximos: Peabiru, Terra Boa, Ivatuba, Floresta, Itambé e Quinta do Sol.

Servido por rodovia asfaltada, dista 490 km da capital.

O município de Francisco Beltrão, conhecido então por Marrecas, começou a ser colonizado após a criação da Colônia Agrícola Central General Osório (CANGO), em 1943. Entretanto, surgiram inúmeros problemas com a ocupação da terra, devido a conflitos entre outras Companhias de Terra e os posseiros procedentes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em sua maioria. Foi necessária a intervenção do Governo Federal para que, a partir de 1962, fossem localizados os títulos de propriedade.

Ponto 58 – Pato Branco

O nome proveio do rio de idêntico nome situado nas proximidades da sede municipal. Por sua vez, o rio recebeu este nome devido à criação de patos, na sua maioria brancos, por um dos primeiros habitantes da região, proprietário de um alojamento para tropeiros.

Data de criação do município: 30 de outubro de 1951.

Nomes anteriores: Vila Nova de Clevelândia, Bom Retiro.

Gentílico: pato-branquense.

População – 1960: 51.124

1980: 45.937

Altitude: 767 m.

Microrregião: 289. Sudoeste Paranaense.

Área: 751 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (soja, milho, feijão, trigo, arroz, centeio, batata-doce, cebola e fumo), indústria manufatureira e pecuária (bovinos, suínos e avicultura).

Municípios mais próximos: Coronel Vivida, Clevelândia, Francisco Beltrão, Itapejara do Oeste, Mangueirinha, Mariópolis, Vitorino e Renascença.

Servido por rodovia asfaltada, dista 439 km da capital.

As primeiras incursões no território do atual município de Pato Branco deram-se no século XVII, pelos bandeirantes paulistas e pelas expedições exploratórias determinadas pelo então Governador da Província de São Paulo, entre os anos de 1768 e 1772. Em 1919, aportaram à localidade os primeiros moradores procedentes do Rio Grande do Sul.

A partir de 1924, intensificou-se a colonização da região com as constantes levas de colonos gaúchos e catarinenses, impulsionando o povoado conhecido por Vila Nova de Clevelândia. Em 1928, iniciaram-se os trabalhos de medição e demarcação dos primeiros lotes, atraindo elevado número de agricultores e colonos posseiros.

Ponto 59 – Mangueirinha

O topônimo Mangueirinha representa o diminutivo de mangueira (curral), lugar onde se recolhe o gado.

Data de criação do município: 21 de novembro de 1946.

Nome anterior: Distrito Conceição do Rosário.

Gentílico: mangueirense.

População – 1960: 11.606

1980: 21.157

Altitude: 975 m.

Microrregião: 291. Médio Iguaçu.

Área: 1.913 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (soja, feijão, trigo, arroz, amendoim, milho, batata-inglesa) e pecuária (bovinos, suínos, ovinos e caprinos).

Municípios mais próximos: Guarapuava, Chopinzinho, pinhão, Coronel Vivida, Clevelândia, Palmas e Pato Branco.

Servido por rodovia asfaltada, dista 390 km da capital.

Em 1887, o povoado, que então se formara com a chegada de colonos gaúchos e catarinenses, foi elevado à categoria de Distrito. A população atual é constituída, em sua maioria, de descendentes alemães e italianos vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Ponto 60 – Palmas

É ignorada a origem do topônimo, sabendo-se que a cidade está localizada nos campos de Palmas, antigo Campos de Biturunas (Ibiturunas).

Data de criação do município: 16 de abril de 1880.

Nome anterior: Região dos Ibiturunas.

Gentílico: palmense.

População – 1960: 19.537

1980: 30.876

Altitude: 1.160 m.

Microrregião: 291. Médio Iguaçu.

Área: 3.245 km².

Atividades econômicas predominantes: pecuária, indústria e agricultura (maçã, uva, soja, erva-mate, milho, batata e arroz).

Municípios mais próximos: Mangueirinha, Pinhão, Bituruna, General Carneiro e Clevelândia.

Segundo historiadores, a região era conhecida pelos bandeirantes paulistas desde o século XVII. A partir daí, sucederam-se diversas bandeiras e expedições de sertanistas movidas por objetivos diferentes, sendo constantes os choques com os indígenas da região.

Ponto 61 – União da Vitória

O topônimo foi adotado após a solução da questão de limites entre Paraná e Santa Catarina, em 07 de setembro de 1917.

Data de criação do município: 27 de março de 1890.

Nomes anteriores: Entrepasto de Nossa Senhora da Vitória, Porto União da Vitória.

Gentílico: união-vitoriense ou uni-vitoriense.

População – 1960: 30.012

1980: 29.631

Altitude: 752 m.

Microrregião: 291. Médio Iguaçu.

Área: 899 km².

Atividades econômicas predominantes: atividade extrativa vegetal, agricultura (milho, feijão, arroz, trigo e uva) e pecuária.

Municípios mais próximos: Cruz Machado, Mallet, Paulo Frontin, Bituruna, Paula Freitas, Porto Vitória e o Estado de Santa Catarina.

Servido por rodovia asfaltada, dista 231 km da capital.

União da Vitória é o produto das penetrações efetuadas na região sul do Paraná, através dos primeiros povoadores dos Campos de Palmas, no século XVIII. Ao longo de seu desenvolvimento, União da Vitória recebeu várias levas de imigrantes alemães, poloneses e ucranianos, muitas vezes procedentes de Santa Catarina e da cidade de Rio Negro. Devido ao tratado de limites estabelecido entre o Paraná e Santa Catarina, a cidade ficou dividida em duas: União da Vitória, no Paraná, e Porto União, em Santa Catarina.

Ponto 62 – São Mateus do Sul

O nome é homenagem ao apóstolo cristão São Mateus, e por estar localizado no sul paranaense, recebeu a complementação, do Sul.

Data de criação do município: 02 de abril de 1908.

Gentílico: são-mateuense.

População – 1960: 18.894

1980: 26.974

Altitude: 760 m.

Microrregião: 275. São Mateus do Sul.

Área: 1.311 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, feijão, trigo, centeio, arroz e batata), pecuária e indústria (extração do xisto betuminoso).

Municípios mais próximos: São João do Triunfo, Rebouças, Rio Azul, Paulo Frontin, Antonio Olinto, e o Estado de Santa Catarina.

Servido por rodovia asfaltada, dista 150 km da capital.

As primeiras penetrações no território do atual município de São Mateus do Sul foram feitas por tropeiros e viajantes, tornando-se pouso obrigatório destes trabalhadores, a partir do século XVIII.

Em 1890, iniciaram-se os trabalhos de fundação de uma colônia, por imigrantes alemães, com a finalidade de explorar petróleo e xisto betuminoso. Mais tarde, chegaram levas de imigrantes eslavos, poloneses, ucranianos e espanhóis. A indústria e a comercialização da erva-mate foram as propulsoras do desenvolvimento de São Mateus do Sul.

Ponto 63 – Lapa

O nome vem da presença, próximo à cidade, das formações areníticas, pedras que formam a Gruta do Monge.

Data de elevação à categoria de Freguesia: 13 de junho de 1797; e à vila: 26 de fevereiro de 1806.

Nomes anteriores: Capão Alto, Freguesia de Santo Antônio da Lapa, Vila Nova do Príncipe.

Gentílico: lapeano.

População – 1960: 35.935

1980: 35.021

Altitude: 907 m.

Microrregião: 272. Campos de Lapa.

Área: 2.125 km².

Atividades econômicas predominantes: agropecuária, indústria extrativa vegetal e agricultura (trigo, milho, centeio, arroz, feijão, batata-inglesa, tomate, cevada e amendoim).

Municípios mais próximos: Porto Amazonas, São João do Triunfo, Rio Negro, Contenda, Palmeira, Balsa Nova, Quitandinha, Campo do Tenente, Antonio Olinto.

Servido por rodovia asfaltada, dista 40 km da capital.

O povoamento da Lapa, então Capão Alto, data de 1731 e está ligado ao tropeirismo, como pousada obrigatória de tropeiros vindos do Rio Grande do Sul. O desenvolvimento da região foi atraindo sempre mais gaúchos e catarinenses, além de imigrantes russos, alemães, ucranianos e espanhóis.

Foi palco, em 1894, da guerra aberta entre **maragatos** (federalistas) e **pica-paus** (castilhistas) no famoso Cerco da Lapa.

Ponto 64 – Rio Negro

Rio Negro é designação homônima do rio que banha o município.

Data de criação do município: 02 de abril de 1870.

Nome anterior: Capela do Rio Negro.

Gentílico: rio-negrense.

População – 1960: 30.057

1980: 21.676

Altitude: 775 m.

Microrregião: 272. Campos da Lapa.

Área: 536 km².

Atividades econômicas predominantes: agricultura (milho, fumo, feijão, trigo, centeio, batata), pecuária e silvicultura (mate, madeira).

Municípios mais próximos: Lapa, Campo do Tenente, Piên. É banhado ao sul pelo rio Negro, divisando com Mafra, no Estado de Santa Catarina.

Servido por rodovia asfaltada, dista 106 km da capital. É também servido por ferrovia.

Até 1806, era habitado apenas pelos índios botocudos. A origem de Rio Negro está ligada ao tropeirismo, com a abertura da estrada da Mata, numa expansão de 40 léguas, ligando Vila do Príncipe (Lapa) à vila de Lages, em Santa Catarina. Admite-se como data de fundação da povoação a de 21 de julho de 1826. Ao lado dos primeiros colonizadores, descendentes de lusitanos, vieram conviver os imigrantes alemães. A cidade de Rio Negro ocupava primitivamente ambas as margens do rio Negro, ligadas que eram por balsa. Com o acordo de limites, a parte situada na margem direita passou a pertencer a Santa Catarina, com o nome de Mafra.

Ponto 65 – Guaratuba

Do tupi, **guará**: lobo, cão selvagem, mas também garça e mesmo uma variedade de peixe, segundo BORDONI, e **tuba**: reunião = local onde há muito lobo, garça ou peixe **guará**.

Data de criação do município: 10 de outubro de 1947.

Nome anterior: Vila de São Luiz de Guaratuba da Marinha.

Gentílico: guaratubano.

População – 1960: 6.442

1980: 12.183

Altitude: 6 m.

Microrregião: 269. Litoral do Paraná.

Área: 1.285 km².

Atividades econômicas predominantes: pesca, turismo e agricultura (milho, mandioca, arroz, cana-de-açúcar, banana e laranja).

Municípios mais próximos: São José dos Pinhais, Morretes, Tijucas do Sul, Paranaguá, Matinhos, Estado de Santa Catarina e Oceano Atlântico.

Servido por rodovia asfaltada, dista 140 km da capital.

O município e Guaratuba é um dos mais antigos do Estado, figurando entre os cinco municípios fundados no regime colonial. Seu povoamento data de 1656, atribuindo-se a Gabriel de Lara o início de sua colonização.

A unificação do povoamento de Guaratuba teve início em 1765, com a recomendação do rei de Portugal, D. José I, para que fossem fundadas vilas e povoados em pontos mais convenientes do Brasil, a fim de congregar todas as pessoas que viviam em sítios volantes dispersos. Em 1771, a nova povoação foi elevada à condição de vila, como nome de Vila São Luiz de Guaratuba da Marinha.

Anexo C

Ficha dos Informantes

A caracterização dos informantes por localidade já foi exposta na apresentação do primeiro volume. Para o segundo volume do Atlas Lingüístico do Paraná, transcrevem-se as mesmas informações para que o leitor desse volume possa fazer sua análise, mesmo sem contato prévio com a apresentação do volume I. Conforme foi designado anteriormente, A refere-se a informante do sexo feminino e B, masculino. As informações estão assim dispostas: Iniciais do nome completo. Apelido (se houver). Escolaridade. Local de Nascimento. Idade. Tempo de residência no local. Profissão. Estado Civil. Viagens realizadas. Local de nascimento do cônjuge (se for o caso) e dos pais. Inquiridor (V.A.A. para Vanderci de Andrade Aguilera; E.C.F. para Elaine Cristina Fabris; R.C.P. para Rita de Cássia Paulino; I.A.L. para Ivone Alves de Lima e A.L. para alunos de Letras). Data da entrevista.

1. Diamante do Norte

(Inf. A) – A.M.M. Licinha. Analfabeta Tupi-Paulista (SP). 31 anos. 28 anos. Do lar. Casada. Viagens para cidades vizinhas. Esposo e pais do interior de Pernambuco. V.A.A. 24/08/85.

(Inf. B) – C.C. Gabrié. Analfabeto. Jurema (SP). 53 anos. 38 anos. Agricultor. Casado. Viagens para as cidades circunvizinhas e interior de São Paulo. Pais do interior de São Paulo. Pais do interior paulista. Esposa da localidade. A.L. 25/08/85.

2. Santo Inácio

(Inf. A) – C.A. MOBREAL. Santo Inácio. 33 anos. 33 anos. Do lar. Casada. Viagens pelo o interior do estado. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 14/04/85.

(Inf. B) – J.A. Primário incompleto. Santo Inácio. 37 anos. 37 anos. Agricultor. Casado. Viagens para a Capital e interior do estado. Pai nascido no interior de Minas Gerais. Mãe e esposa da localidade. V.A.A. 14/04/85.

3. Primeiro de Maio

(Inf. A) – M.D.G. Mariquinha. MOBRAL. Primeiro de Maio. 39 anos. 39 anos. Do lar. Casada. Viagens pelas cidades vizinhas e pela capital paulista. Pais nascidos em Mar de Espanha (MG). Esposo da localidade. V.A.A. 25/09/89.

(Inf. B) – M.D.R. Nenê Gardino. MOBRAL. Primeiro de Maio. 42 anos. 42 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelo interior paranaense e paulista. Pais nascidos em Mar de Espanha (MG). Esposa da localidade V.A.A. 24/09/88.

4. Bandeirantes

(Inf. A) – M.J.C.C. Jorgina. Analfabeta. Bandeirantes 29 anos. 29 anos. Do lar. Casada. Viagens para Cascavel e capital paulista. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 08/04/86.

(Inf. B) – O.A. MOBRAL. Bandeirantes. 48 anos. 48 anos. Agricultor. Solteiro. Viagens pelas cidades vizinhas. Pais de Ribeirão Claro (PR). V.A.A. 08/04/86.

5. Cambará

(Inf. A) – A.A.D. Analfabeta. Cambará. 48 anos. 48anos. Zeladora. Casada. Viagem para Maringá (PR) e Aparecida do Norte (SP). Pai nascido em Jacarezinho (PR), mãe nascida em Piquete (RJ). Esposo da localidade. A.L. 12/04/86.

(Inf. B) – G.G.G. Chiquinho. Analfabeto. Cornélio Procópio (PR). 36 anos. 32 anos. Agricultor. Casado viagens para Cascavel, Itambé, capital paranaense e interior do Mato Grosso. Pai. A.A. 12/04/86 e 11/12/88.

6. Jacarezinho

(Inf. A) – M.D.A.N. Fia. Analfabeta. Jacarezinho. 35 anos. 35 anos. Agricultora. Casada. Viagem para Recife (PE). Pais da localidade. Esposo de Recife (PE). V.A.A. 05/12/88.

(Inf. B) – A.F. Analfabeto. Jacarezinho. 43 anos. 43 anos. Agricultor. Casado. Nunca viajou. Pais da localidade. Esposa de Cambará. R.C. P. 05/12/88.

7. Loanda

(Inf. A) – M.S.B. Tica. Analfabeta. Balbino (SP). 44 anos. 33 anos. Do lar. Casada. Viagens para Terra Roxa (PR) e interior do Mato Grosso. Pais do interior paulista (descendentes de italianos) V.A.A. 19/01/89.

(Inf. B) – J. B. Zezinho. Primário incompleto. Balbino (SP). 40 anos. 34 anos. Agricultor. Solteiro. Viagens para Maringá (PR). E Ivanhema (MG). Pais do interior paulista (descendentes de italianos). V.A.A. 19/01/89.

8. Paranavaí

(Inf. A) – J.C.P. Primário incompleto. Paranavaí. 36 anos. 36 anos. Do lar. Casada. Viagens para Maringá (PR) e capital paulista. Pais do interior paulista. Esposo da localidade. V.A.A. 25/07/89.

(Inf. B) – J. L. P. Neco. Analfabeto. Centenário do Sul (PR). 38 anos. 36 anos. Pedreiro. Casado. Viagem para Indaiatuba (SP). Pai de Brejo das Almas (BA), mãe de Montes Claros (MG). Esposa da localidade I.A.L. 24/08/85.

09. Maringá

(Inf. A) – M.S.Z. Tia Maria. Primário incompleto. Maringá. 36 anos. 36 anos. Do lar. Casada. Viagens para Cuiabá (MT) e Ibitinga (SP). Esposo da localidade. V.A.A. 22/10/88.

(Inf. B) – E.P.C.S. Barriga de bagre. Primário incompleto. Maringá. 46 anos. 46 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelo interior e capital paranaense, e Mato Grosso. Pais de Araçariquama (SP). Esposa de Cambe (PR). V.A.A. / R.C.P. 22/10/88.

10. Jaguapitã

(Inf. A) – A.S.G. Primário incompleto. 38 anos. 38 anos. Agricultora. Viúva. Viagens pelas cidades circunvizinhas, pelo interior de Minas Gerais e pela capital paulista. Pais e esposo do interior mineiro. A.L. 10/09/85.

(Inf. B) – V.L.F. Analfabeto. Jaguapitã. 41 anos. 41 anos. Retireiro. Casado. Viagem para Cascavel e Londrina. Pai da localidade, mãe do interior paulista. Esposa da localidade. V.A.A. 26/11/88.

11. Londrina

(Inf. A) – M.B.S. Analfabeta. Avaré (SP). 50 anos. 48 anos. Do lar. Casada. Viagem para Aparecida do Norte (SP). Pais e esposo de Avaré (SP). V.A.A. 26/04/87.

(Inf. B) – M.L. Analfabeto. Londrina. 44 anos. 44 anos. Agricultor. Casado. Viagem para Cruzeiro do Oeste. Pai de Jabuti (SP), mãe de São Jerônimo da Serra (PR). Esposa de Assai (PR). V.A.A. 13/11/88.

12. Jataizinho

(Inf. A) – D.S.S. Analfabeta. Montes Claros (MG). 40 anos. 38 anos. Do lar. Casada. Viagem para Londrina. E capital paranaense. Pais de Montes Claros (MG). Esposo do Rio de Janeiro (RJ). E.C.F. 24/11/88.

(Inf. B) – C.M.D. Primário incompleto. Interior paulista. 48 anos. 45 anos. Agricultor. Casado. Viagem para o interior de Minas Gerais. Mãe do interior paulista. Esposa do interior baiano. V.A.A. 24/11/88.

13. Ribeirão do Pinhal

(Inf. A) – B.T.C.O. Dita. Primário incompleto. Ribeirão do Pinhal. 38 anos. 38 anos. Do lar. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas e capital paranaense. Pai de Piraju (SP), mãe de Fatura (SP). Esposo de Ortigueira (PR). E.C.F. 15/04/89.

(Inf. B) – A.L.S. MOBREAL. Ribeirão do Pinhal. 54 anos. 54 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais de Carlópolis (PR). Esposa de Jundiá do Sul (PR). V.A.A. 15/04/89.

14. Querência do Norte

(Inf. A) – M.L.P.Z. Lourdes. MOBREAL. Querência do Norte. 27 anos. 27 anos. Do lar. Casada. Viagens da Curitiba e interior do Mato Grosso. Pais e esposo da localidade. V.A.A. / A.L. 25/08/85.

(Inf. B) – A.Z. Beto. Primário incompleto. Querência do Norte. 30 anos. 30 anos. Agricultor e pescador. Casado. Nunca viajou. Pais do interior catarinense. Esposa da localidade. V.A.A. 25/08/85.

15. Cianorte

(Inf. A) – S.A.C. Amália. Primário incompleto. Bocaiúva (SP). 44 anos. 42 anos. Do lar. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas e Londrina. Ignora o local de nascimento do pai e do esposo. Mãe de Maringá. V.A.A. 18/01/89.

(Inf. B) – E.M. Nego. Primário incompleto. Jataizinho. 38 anos. 27 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas e par Monte Aprazível (SP). Pais de Santa Rita de Passa Quatro (SP). Esposa de Maringá (PR). V.A.A. 25/06/89.

16. Apucarana

(Inf. A) – D.C.M. Primário incompleto. Jaú (SP). 55 anos. 44 anos. Do lar. Casada. Viagens para o interior de Mato Grosso, Santa Catarina e Rondônia. Pais e esposo de Jaú (SP). V.A.A. 04/11/88.

(Inf. B) – J.P.S. Zico. Analfabeto. Califórnia (PR). 34 anos. 33 anos. Agricultor e retireiro. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas, Rio de Janeiro, Aparecida do Norte (SP) e Monte Belo (MG). Pais de Monte Belo (MG). Esposa de Arapongas (PR). V.A.A. 26/06/89.

17. São Jerônimo da Serra

(Inf. A) – T.R.P. Analfabeta. São Jerônimo da Serra. 41 anos. 41 anos. Do lar. Solteira. Nunca viajou. Pais da localidade V.A.A. 17/08/86.

(Inf. B) – J.C. Analfabeto. São Jerônimo de Serra. 50 anos. 50 anos. Tratorista. Casado. Viagens para Londrina, Maringá e capital paranaense, interior do Mato Grosso e São Paulo (capital). Pais e esposa da localidade. V.A.A. 17/08/86.

18. Ibaiti

(Inf. A) – T.D.O. Analfabeta. Ibaiti. 38 anos. 38 anos. Do lar. Casada. Viagem para a capital. Pais do interior de Minas Gerais. Esposo da localidade. V.A.A. 06/12/88.

(Inf. B) – J.F.F. Sé gordo. Analfabeto. Ibaiti. 41 anos. 41 anos. Servente de pedreiro. Casado. Viagens para Curitiba e Aparecida do Norte (SP). Pai da localidade Mãe e esposa do interior de Minas Gerais. R.C.P. 06/12/88.

19. Siqueira Campos

(Inf. A) – I.C.S. Primário incompleto. Tomazina. 55 anos. 53 anos. Do lar. Casada. Viagens para Curitiba e Rio de Janeiro. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 08/09/86.

(Inf. B) – J.O.C. Primário incompleto. Siqueira Campos. 60 anos. 60 anos. Agricultor. Casado. Viagens para cidades circunvizinhas e Curitiba. Pai de São José da Boa Vista (PR), mãe da localidade. Esposa de Tomazina (PR). I.A.L. 08/09/86.

20. São José da Boa Vista

(Inf. A) – M.D.R. Das dor. Analfabeta. São José da Boa Vista. 54 anos. 54 anos. Agricultora. Viúva. Viagens para Curitiba, Londrina e interior de Minas Gerais. Pais e esposo da localidade. R.C.P. 05/12/88.

(Inf. B) – J.E.L. Zeca Turíbio. Analfabeto. São José da Boa Vista. 52 anos. 52 anos. Agricultor casado. Viagens para Curitiba, interior de Mato Grosso e Aparecida do Norte (SP). Pais e esposa da localidade. V.A.A. 05/12/88.

21. Umuarama

(Inf. A) – M.B.S. Lia. Analfabeta. Machadinho (MG). 43 anos. 43 anos. Agricultora. Viúva. Viagens para Cascavel e interior de Mato Grosso. Pais e esposo do interior de Minas Gerais. V.A.A. 17/01/89.

(Inf. B) – V.A. Mirinho. Analfabeto. Santa Fé (PR). 32 anos. 30 anos. Agricultor. Casado. Viagens para interior de Rondônia, de São Paulo, do Mato Grosso do Sul e do Paraguai. Pais do interior do Ceará. Esposa de Jandaia do Sul (PR). V.A.A. 16/01/89.

22. Cruzeiro do Oeste

(Inf. A) – V.R.L. Fia. Vitinha. Analfabeta. Mococa (SP). 37 anos. 35 anos. Agricultora e do lar. Casada. Viagens para Curitiba e interior do Mato Grosso. Pais de Mococa (SP). Esposo de Sodrê (SP). E.C.P. 18/01/89.

(Inf. B) – B.J.L. Cidinho Poceiro. Analfabeto. Sodrê (SP). 44 anos. 34 anos. Empregado em curtume. Casado. Viagens para Curitiba, Umuarama e São Paulo. Pai do interior de Minas Gerais, mãe do inteiro de São Paulo. Esposa de Mococa (SP). V.A.A. 18/01/89.

23. Peabiru

(Inf. A) – M.C.M. Nega. Analfabeta. Peabiru. 37 anos. 37 anos. Do lar. Viúva. Nunca viajou. Pais da localidade. Esposo do interior de Minas Gerais. E.C.F. 08/02/89.

(Inf. B) – A.C. Cidinho. Analfabeto. Peabiru. 39 anos. 39 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba e interior paranaense. Pai de Marilândia do Sul (PR), mãe de São Jerônimo da Serra (PR). Esposa da localidade. V.A.A. 08/02/89.

24. São Pedro do Ivaí

(Inf. A) – M.P.P. B. Nega, Menê. Analfabeta. Sales de Oliveira (SP). 41 anos. 31 anos. Do lar. Casada. Nunca viajou. Pai de São José dos Campos (SP), mãe de São Paulo (SP). Esposo de Ribeirão Preto (SP). E.C.F. 05/11/88.

(Inf. B) – A.G. Toninho. Analfabeto. Urupê (SP). 45 anos. 37 anos. Comércio. Casado. Viagens para Cascavel e Assis Chateaubriand. Pais do interior de São Paulo. Esposa do interior de Minas Gerais. V.A.A. 06/11/88.

25. Ortigueira

(Inf. A) – V.M.C. Analfabeta. Ortigueira. 46 anos. 46 anos. Agricultora. Casada. Viagens para Curitiba e Faxinal. Desconhece local de nascimento do pai. Mãe e esposo da localidade. V.A.A. 01/10/88.

(Inf. B) – S.M. Tucura. Analfabeto. Ortigueira. 37 anos. 37 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba, Londrina, Maringá, Rio de Janeiro e Aparecida do Norte (SP). Pais e esposa da localidade. V.A.A. 01/10/88.

26. Jaguariaíva

(Inf. A) – I.M.J. Cema. Primário incompleto. Jaguariaíva. 46 anos. 46 anos. Agricultora. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 22/02/89.

(Inf. B) – A.J.J. Amiltão. Primário incompleto. Jaguariaíva. 44 anos. 44 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Foz do Iguaçu, Aparecida do Norte (SP) e Paraguai. Pais e esposa da localidade. E.C.F. 22/02/89.

27. Guaíra

(Inf. A) – A.U. Agostinha. Primário incompleto. Guaíra. 48 anos. 48 anos. Do lar. Casada. Viagens para Curitiba, cidades circunvizinhas, Porto Epitácio (SP), Buenos Aires e interior de Santa Catarina. Pai do interior de Mato Grosso e mãe do interior da Argentina. Esposo do interior de Santa Catarina. V.A.A. 17/01/89.

(Inf. B) – A.M. Primário incompleto. Guaíra. 49 anos. 49 anos. Mecânico. Casado. Viagens pela fronteira do Paraná, Rio Grande do Sul, São Paulo e Mato Grosso. Pai do interior do Paraguai e mãe do interior da Argentina. Esposa do interior de Mato Grosso do Sul. V.A.A. 16/06/86.

28. Goio-Erê

(Inf. A) – M.T.S. MOBRAL. Campina da Lagoa (PR). 37 anos. 19 anos. Atendente da APAE. Casada. Viagens para Curitiba, Foz do Iguaçu e Aparecida do Norte (SP). Pais de Pitanga. Esposo de Primeiro de Maio. A.L. 23/03/86.

(Inf. B) – J.N.F.M. MOBRAL. Interior de Minas Gerais. 28 anos. 26 anos. Pedreiro. Solteiro. Nunca viajou. Pai do interior da Bahia e mãe do interior de Minas Gerais. V.A.A. 23/03/86.

29. Campo Mourão

(Inf. A) – M.C.S. Analfabeta. Piquirivaí (PR). 29 anos. 25 anos. Do lar. Casada. Viagem pelo interior paranaense. Pais da localidade. Esposo de Nova Esperança (PR). V.A.A. 22/03/86.

(Inf. B) – J.R.S. Quinco, Cem grana. Primário incompleto. Campo Mourão. 36 anos. 36 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba e Maringá. Pai de Itapeva (SP) e mãe de Guarapuava (PR). Esposa da localidade. A.L. 23/03/86.

30. Ivaiporã

(Inf. A) – M.J.N.M. Analfabeta. Faxinal (PR). 53 anos. 33 anos. Do lar. Casada. Viagem para Curitiba. Pais e esposo de Faxinal (PR). V.A.A. / A.L. 20/03/88.

(Inf. B) – J.S.M. Jeca. Analfabeto. Faxinal (PR). 43 anos. 28 anos. Pedreiro. Casado. Viagens para Curitiba, Paranaguá e Joinville (SC). Pais de Ribeirão do Pinhal (PR). Esposa de Faxinal. V.A.A. 20/03/88.

31. Tibagi

(Inf. A) – I.A.S. Ivone. Analfabeta. Tibagi. 40 anos. 40 anos. Agricultora. Casada. Nunca viajou. Pais da localidade. Esposo de Palmas (PR). E.C.F. 30/01/89.

(Inf. B) – M.J.S. Manecão. Analfabeto. Tibagi. 44 anos. 44 anos. Funcionário de Serraria. Casado. Viagem para Ponta Grossa. Pais e esposa de Ipiranga (PR). V.A.A. 30/01/89.

32. Marechal Cândido Rondon

(Inf. A) – L.H.B. Primário incompleto. Santa Rosa (RS). 29 anos. 29 anos. Do lar. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais e esposo de Santa Rosa (RS). V.A.A. 15/06/86.

(Inf. B) – J.L.B. Primário incompleto. Santa Rosa (RS). 45 anos. 35 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba, Ponta Grossa, interior do Mato Grosso e de São Paulo. Pais e esposa de Santa Rosa (RS). V.A.A. 15/06/86.

33. Assis Chateaubriand

(Inf. A) – N.O. Primário incompleto. São Sebastião da Amoreira (PR). 40 anos. 28 anos. Do lar. Casada. Viagens para Ibiporã, Curitiba, Campo Grande (MS), Itacuru (MA) e interior de Rondônia. Pais e esposo do interior de Minas Gerais. V.A.A. 17/01/89.

(Inf. B) – O.R.O. Ruela. Analfabeto. Minas Gerais. 48 anos. 48 anos. Agricultor. Casado. Viagem para o interior de Goiás. Pais do interior de Minas Gerais. Esposa de São Sebastião da Amoreira (PR). E.C.F. 17/01/89.

34. Campina da Lagoa

(Inf. A) – R.C.P. Rosa. Analfabeta. Rebouças (PR). 46 anos. 38 anos. Agricultora. Casada. Viagens pelo interior do estado e Curitiba. Pai de Irati, mãe de Rebouças (PR). Esposo de Pitanga. V.A.A. 27/02/88.

(Inf. B) – J.G.L. Brugué. MOBREAL. Água Doce (SC). 39 anos. 29 anos. Comerciante. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pai do interior do Rio Grande do Sul, mãe do interior de Santa Catarina. Esposa da localidade V.A.A. 31/10/88.

35. Manoel Ribas

(Inf. A) – C.B. Primário incompleto. Cândido de Abreu (PR). 55 anos. 46 anos. Do lar. Casada. Viagens pelo interior do Paraná. Pais e esposo de Cândido de Abreu. V.A.A. 16/10/85.

(Inf. B) – A.R.B. Analfabeto. Manoel Ribas. 57 anos. 57 anos. Agricultor. Casado. Nunca viajou. Pais de Cândido de Abreu (PR). Esposa da localidade. I.A.L. 16/10/85.

36. Castro

(Inf. A) – L. M. analfabeta. Castro. 46 anos. 46 anos. Agricultora. Casada. Nunca viajou. Pais e esposos da localidade. V.A.A. 27/09/86.

(Inf. B) – O.P.C. MOBREAL. Castro. 57 anos. 57 anos. Agricultor. Casado. Viagem para São Paulo. Pais e esposa da localidade. V.A.A.27/09/86.

37. Cerro Azul

(Inf. A) – M.M.L. Analfabeta. Cerro Azul. 38 anos. 38 anos. Agricultora. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 28/12/88.

(Inf. B) – O.N. Analfabeto. Cerro Azul. 39 anos. 39 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba e Jaguariaíva. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 28/12/88.

38. Adrianópolis

(Inf. A) – M.R.L. Analfabeta. Adrianópolis. 57 anos. 57 anos. Do lar. Casada. Viagem para Curitiba. Pai de Ribeira (SP). Mãe e esposo da localidade. E.C.F. 01/02/89.

(Inf. B) – A.R. F. Anjo. Analfabeto. Bocaiúva do Sul (PR). 42 anos. 42 anos. Agricultor e servente de pedreiro. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pai de Bocaiúvas do Sul (PR). Mãe e esposa da localidade. V.A.A. 01/02/89.

39. Cascavel

(Inf. A) – S.A.A. Analfabeta. Cascavel. 34 anos. 34 anos. Agricultora. Casada. Viagem para o interior do Mato Grosso do Sul. Pais de Guarapuava. Esposo do interior de Santa Catarina. V.A.A. 12/06/86.

(Inf. B) – D.S. Kid. Primário incompleto. Interior do Rio Grande do Sul. 36 anos. 30 anos. Encanador, eletricitista, pintor. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas, interior do Paraguai e do Mato Grosso. Pais e esposa do Rio Grande do Sul. V.A.A. 30/10/88.

40. Guaraniaçu

(Inf. A) – I.A.S. Analfabeta. Guaraniaçu. 42 anos. 42 anos. Agricultora. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais de Irati. Esposo de Três Corações (MG). V.A.A. 09/02/89.

(Inf. B) – J.M.O.S. Jango. Analfabeto. Guarapuava. 39 anos. 36 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba e cidades circunvizinhas. Pai do interior de Santa Catarina e mãe de Guarapuava. Esposa da localidade. V.A.A. 09/02/89.

41. Pitanga

(Inf. A) – M.C.V. Carmem. Analfabeta. Pitanga. 41 anos. 41 anos. Agricultora. Viúva. Nunca viajou. Pais e esposo da localidade. E.C.F. 20/11/88.

(Inf. B) – J. D. Analfabeto. Pitanga. 40 anos. 40 anos. Agricultor. Casado. Nunca viajou. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 15/10/85.

42. Prudentópolis

(Inf. A) – A.S.B. Aninha. Analfabeta. Prudentópolis. 40 anos. 40 anos. Do lar. Viúva. Nunca viajou. Pais e esposo da localidade. E.C.F. 31/01/89.

(Inf. B) – J.B.S. João Polaco. Primário incompleto. Prudentópolis. 53 anos. 53 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas e Aparecida do Norte (SP). Pais e esposa da localidade. V.A.A. 31/01/89.

43. Ponta Grossa

(Inf. A) – L.P.F.P. MOBREAL. Ponta Grossa. 38 anos. 38 anos. Do lar. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais da localidade. Esposo de Palmeira (PR). V.A.A. 01/07/89.

(Inf. B) – N.A.C Analfabeto. Ponta Grossa. 46 anos. 46 anos. Agricultor. Casado nunca viajou. Desconhece o local de nascimento do pai. Mãe e esposa da localidade. E.C.F. 01/07/89.

44. Rio Branco do Sul

(Inf. A) – B.S. Analfabeta. Rio Branco do Sul. 52 anos. 52 anos. Do lar. Casada. Viagem para Curitiba. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 29/12/88.

(Inf. B) – M.J. Primário incompleto. Rio Branco do Sul. 40 anos. 40 anos. Agricultor. Casado. Viagem para Curitiba. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 29/12/88.

45. Antonina

(Inf. A) – C.M. Nega. Analfabeta. Antonina. 52 anos. 52 anos. Agricultora. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 12/12/88.

(Inf. B) – A.M. Aírton. Analfabeto. Antonina. 54 anos. 54 anos. Agricultor. Casado. Viagem para Curitiba. Pai de Guaraqueçaba. Mãe e esposa da localidade. V.A.A. 12/12/88.

46. Guaraqueçaba

(Inf. A) – J.B.G. Juraci. Primário incompleto. Guaraqueçaba. 59 anos. 59 anos. Zeladora. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 12/12/88.

(Inf. B) – L.R. Rico. Analfabeto. Guaraqueçaba. 35 anos. 35 anos. Pescador. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 12/12/88.

47. Foz do Iguaçu

(Inf. A) – B.A.A. Bida. Primário incompleto. Torres (RS). 38 anos. 32 anos. Agricultora. Casada. Viagens para Maringá e interior de Santa Catarina. Pais de Torres (RS). Esposo da localidade. V.A.A. 10/02/89.

(Inf. B) – J.M.C. Nenê. Primário incompleto. Foz do Iguaçu. 45 anos. 45 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades paranaenses, interior do Mato Grosso e São Paulo. Pai de Carazinho (RS). Mãe do interior catarinense. Esposa de Torres (RS). E.C.F. 10/02/89.

48. Capanema

(Inf. A) – V.O.S. Analfabeta. Três Passos (RS). 40 anos. 33 anos. Zeladora. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas catarinenses. Pais de Moto Castelhana (RS). Esposo de Três de Maio (RS). V.A.A. 25/02/88.

(Inf. B) – G.A.S. Analfabeto. Palmeira das Missões (RS). 48 anos. 47 anos. Pedreiro. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais de Palmeira das Missões (RS). Esposa de Francisco Beltrão (PR). V.A.A. 25/02/88.

49. Dois Vizinhos

(Inf. A) – S.B. Primário incompleto. Dois Vizinhos. 33 anos. 33 anos. Do lar. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais de Joaçaba (SC). Esposo do interior do Rio Grande do Sul. V.A.A. 26/02/88.

(Inf. B) – V.D.S Analfabeto. Coxilha Rica (SC). 37 anos. 32 anos. Servente de pedreiro. Solteiro. Nunca viajou. Pais do interior do Rio Grande do Sul. V.A.A. 09/02/89.

50. Laranjeiras do Sul

(Inf. A) – Dega. Primário incompleto. Laranjeiras do Sul. 37 anos. 37 anos. Do lar. Casada. Viagem para Aparecida do Norte (SP). Pais e esposo da localidade. E.C.F. 19/11/88.

(Inf. B) – A.C.O.P. Toninho. Analfabeto. Laranjeiras do Sul. 53 anos. 53 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Londrina, Ponta Grossa, Curitiba e Foz do Iguaçu. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 19/11/88.

51. Guarapuava

(Inf. A) – T.P.L. Tia Teça. Analfabeta. Guarapuava. 46 anos. 46 anos. Do Lar. Casada. Nunca viajou. Pai da localidade e mãe de Irati. Esposo de Campo Largo (PR). I.A.L. 13/10/85.

(Inf. B) – L.G. Antoninho. Toninho. Primário incompleto. Prudentópolis. 40 anos. 38 anos. Agricultor. Casado. Nunca viajou. Ignora o local de nascimento do pai. Mãe e esposa da localidade. V.A.A. 20/11/88.

52. Irati

(Inf. A) – V.F.T. Analfabeta. Irati. 46 anos. 46 anos. Agricultora. Viúva. Viagem para Ponta Grossa. Pai e esposo da localidade. Mãe de São Mateus do Sul. V.A.A. 31/01/89.

(Inf. B) – E.F. Nego. Analfabeto. Irati. 44 anos. 44 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Ignora o local de nascimento do pai (diz que veio da Europa). Mãe e esposa da localidade. E.C.F. 31/01/89.

53. Palmeira

(Inf. A) – C.F.S. Analfabeta. Palmeira. 54 anos. 54 anos. Agricultora. Casada. Viagem para Ponta Grossa. Pais da localidade. Esposo de Imbituva (PR). V.A.A. 03/02/88.

(Inf. B) – A.L.N. Analfabeto. Palmeira. 51 anos. 51 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades vizinhas. Pai e esposa da localidade. V.A.A. 03/02/88.

54. Curitiba

(Inf. A) – F.A.K. Tina. Primário incompleto. Curitiba. 42 anos. 42 anos. Do lar. Casada. Nunca viajou. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 02/07/89.

(Inf. B) – M.O.N. Romopes. MOBREAL. Curitiba. 52 anos. 52 anos. Agricultor e pedreiro. Casado. Viagens para Campo Mourão, Pinhão e Guarapuava. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 02/07/89 e 11/07/89.

55. Paranaguá

(Inf. A) – H.R.F. Analfabeta. Paranaguá. 42 anos. 42 anos. Doméstica. Casada. Viagem para o interior de Santa Catarina. Pai e esposo da localidade. Mãe de Guaratuba. V.A.A. 13/12/88.

(Inf. B) – M.S.S. Primário incompleto. Paranaguá. 48 anos. 48 anos. Pedreiro e carpinteiro. Casado. Viagem da Curitiba. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 13/12/88.

56. Barracão

(Inf. A) – M.D. Analfabeta. Barracão. 38 anos. 38 anos. Agricultora. Casada. Viagem para Medianeira. Pai de Palmas, mãe de Pato Branco. Esposo do interior do Rio Grande do Sul. V.A.A. 25/02/88.

(Inf. B) – V.L. Nel. Analfabeto. Portela (RS). 40 anos. 40 anos. Agricultor. Casado. Pais do interior do Rio Grande do Sul. Esposa da localidade. V.A.A. 25/02/88.

57. Francisco Beltão

(Inf. A) – I.M.B. Analfabeta. Rio Grande do Sul. 37 anos. 31 anos. Agricultora. Casada. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais e esposo do interior do Rio Grande do Sul. V.A.A. 23/02/88.

(Inf. B) – P.S. Analfabeto. Santa Catarina. 39 anos. 33 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais do interior de Santa Catarina. Esposa da localidade. V.A.A. 23/02/88.

58. Pato Branco

(Inf. A) – A.M. Primário incompleto. Pato Branco. 50 anos. 50 anos. Agricultora. Casada. Viagem para Barracão. Pai do interior do Rio Grande do Sul. Mãe e esposa do interior de Santa Catarina. V.A.A. 23/02/88.

(Inf. B) – G.P. Primário incompleto. Pato Branco. 47 anos. 47 anos. Agricultor. Casado. Viagens pelas cidades circunvizinhas. Pais do interior do Rio Grande do Sul. Esposa da localidade. V.A.A. 23/02/88.

59. Mangueirinha

(Inf. A) – M.B.A. MOBREAL. Mangueirinha. 62 anos. 62 anos. Agricultora. Casada. Viagens para Guaraniaçu, Aparecida do Norte (SP) e interior de Rondônia. Pai e esposo da localidade. Mãe de Laranjeiras do Sul. V.A.A. 16/12/86.

(Inf. B) – M.R.A. Primário incompleto. Mangueirinha. 56 anos. 56 anos. Agricultor. Casado. Viagem para Curitiba. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 16/12/86.

60. Palmas

(Inf. A) – M.J.B. analfabeta. Palmas. 59 anos. 59 anos. Agricultora. Casada. Viagem para Curitiba. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 15/12/86.

(Inf. B) – M.B. Analfabeto. Palmas. 56 anos. 56 anos. Agricultor aposentado. Casado. Nunca viajou. Pai de Faxinal, mãe e esposa da localidade. V.A.A. 15/12/86.

61. União da Vitória

(Inf. A) – E.S. Primário incompleto. Cruz Machado. 53 anos. 53 anos. Do lar. Casada. Viagem para Cruz Machado. Pais de Cruz Machado. Esposo de União da Vitória. V.A.A. 01/02/88.

(Inf. B) – L.D. Kita. Analfabeto. União da Vitória. 51 anos. 51 anos. Agricultor. Casado. Viagem para Guaraniaçu. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 01/02/88.

62. São Mateus do Sul

(Inf. A) – M.J.G. Primário incompleto. São Mateus do Sul. 50 anos. 50 anos. Do lar. Casada. Viagem para Curitiba. Pais e esposo da localidade. I.A.L. 30/01/88.

(Inf. B) F.R.B. Chico. Analfabeto. São Mateus do Sul. 49 anos. 49 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba e cidades circunvizinhas. Pais e esposas da localidade. V.A.A. 30/01/88.

63. Lapa

(Inf. A) – S.F. Bastiana. Primário incompleto. Lapa. 48 anos. 48 anos. Do lar. Casada. Viagens para Cianorte e Curitiba. Pais e esposo da localidade. I.A.L. 29/01/88.

(Inf. B) – I.S.S. Zé. Analfabeto. Lapa. 46 anos. 46 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba e Aparecida do Norte (SP). Pais e esposa da localidade. V.A.A. 29/01/88.

64. Rio Negro

(Inf. A) – Z.I. Analfabeta. Rio Negro. 54 anos. 54 anos. Do lar. Casada. Viagens para Lapa e Curitiba. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 02/02/88.

(Inf. B) – P.M.A. Pedro Veja. Analfabeto. Rio Negro. 49 anos. 49 anos. Agricultor. Casado. Viagens para Curitiba e cidades circunvizinhas. Pais e esposa da localidade. V.A.A. 02/02/88.

65. Guaratuba

(Inf. A) – M.R.V. Maira. Analfabeta. Guaratuba. 49 anos. 49 anos. Diarista. Viúva. Viagem para Curitiba. Pais e esposo da localidade. V.A.A. 14/12/88.

(Inf. B) – J.P. Analfabeto. Guaratuba. 49 anos. 49 anos. Funcionário de Limpeza Pública. Casado. Viagens para Curitiba e Paranaguá. Pais e esposa da localidade. V.A.A./ E.C.F. 14/12/88.



Fabiane Cristina Altino

**Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II
Volume de Cartas**

Londrina

Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR II

Volume de Cartas

Ao lingüista não compete afixar normas, regras de bem falar; isso compete ao gramático. O lingüística ou filólogo não se ri de certos vocábulos e expressões populares; por muito estranhos e adulterados que lhe pareçam, têm quase sempre a sua razão de ser.

BOLÉO (1974, p. 50)

Sumário – Volume de Cartas

Apresentação.....	12
Notação fonética.....	14

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
I	nomes dos municípios (pontos lingüísticos do ALPR)	introdutória
II	população dos municípios em 1960 e 1980	introdutória
III	entrevistadoras	introdutória
192	correnteza/ corredeira	lexical
193	margem do rio	lexical
194	lagoa	lexical
195	poça d'água	lexical
196	areia	lexical
197	montanha	lexical
198	planície	lexical
199	parte mais alta de um terreno	lexical
200	margem de estrada / barranco	lexical
201	céu	lexical
202	fases da lua	lexical
203	círculo da lua	lexical
204	três-marias	lexical

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
205	vento muito forte / ventania	lexical
206	corisco	lexical
207	estações do ano	lexical
208	primeiras horas do dia	lexical
209	floresta	lexical
210	aceiro	lexical
211	espinho	lexical
212	semente	lexical
213	caroço	lexical
214	cacho de banana	lexical
215	penca de banana	lexical
216	doenças da goiaba	lexical
217	joão-de-barro	lexical
218	arapuca	lexical
219	galinha choca / emperrada	lexical
220	gema	lexical
221	gala	lexical
222	ninho	lexical
223	animal sem chifres (boi / vaca)	lexical

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
224	arreio	lexical
225	pelego	lexical
226	sapo	lexical
227	rã	lexical
228	rabo de cascavel	lexical
229	carrapato	lexical
230	lêndea	lexical
231	percevejo	lexical
232	pulga	lexical
233	louva-a-deus	lexical
234	aranha	lexical
235	ferrão	lexical
236	chumbada	lexical
237	isca	lexical
238	cérebro	lexical
239	nuca	lexical
240	careca	lexical
241	rosto/ cara	lexical
242	ruga	lexical

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
243	boca	lexical
244	lábios	lexical
245	beijos	lexical
246	dente canino	lexical
247	dente estragado	lexical
248	sapinho	lexical
249	úvula	lexical
250	costeletas	lexical
251	pestana / cílios	lexical
252	terçol	lexical
253	míope	lexical
254	vesgo	lexical
255	cego de um olho	lexical
256	ranho	lexical
257	ceroto	lexical
258	fanhoso	lexical
259	nariz	lexical
260	narinas	lexical
261	gripe	lexical

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
262	tosse	lexical
263	náusea	lexical
264	vômito	lexical
265	sarampo	lexical
266	quebranto	lexical
267	farmácia	lexical
268	médico	lexical
269	farmacêutico	lexical
270	seio	lexical
271	mal-de-sete-dias	lexical
272	gêmeos	lexical
273	azia	lexical
274	intestino	lexical
275	aborto	lexical
276	icterícia	lexical
277	mau cheiro do corpo	lexical
278	pulso	lexical
279	doenças que dá nas unhas	lexical
280	canhoto	lexical

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
281	destro	lexical
282	maneta	lexical
283	tornozelo	lexical
284	coxo	lexical
285	perneta	lexical
286	moça de pernas finas	lexical
287	íngua	lexical
288	cicatriz	lexical
289	furúnculo	lexical
290	carneção	lexical
291	antraz	lexical
292	sarda	lexical
293	sarna	lexical
294	impigem	lexical
295	paletó	lexical
296	bota	lexical
297	chinelos	lexical
298	soca de arroz	lexical
299	arroz da segunda colheita	lexical

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
300	instrumento p cortar arroz	lexical
301	bandeira	lexical
302	pamonha	lexical
303	curau	lexical
304	torrador	lexical
305	enxada (instrumento para carpir)	lexical
306	enxadao (instrumento para fazer buracos)	lexical
307	arado	lexical
308	pá	lexical
309	poço	lexical
310	roda d'água	lexical
311	bolinha de vidro	lexical
312	biroca / búrico	lexical
313	cobra-cega	lexical
314	queimada	lexical
315	balanço	lexical
316	béti	lexical
317	nuvem	fonética
318	ontem	fonética

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
319	anteontem	fonética
320	amanhã	fonética
321	raiz	fonética
322	casca	fonética
323	canela	fonética
324	alho	fonética
325	gaiola	fonética
326	ovo /ovos	fonética
327	rato	fonética
328	cabeça	fonética
329	moleira	fonética
330	caspa	fonética
331	testa	fonética
332	fontes	fonética
333	barba	fonética
334	bigode	fonética
335	queixo	fonética
336	olho /olhos	fonética
337	sono	fonética

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
338	sonho	fonética
339	sobrancelhas	fonética
340	óculos	fonética
341	orelha	fonética
342	brinco	fonética
343	surdo	fonética
344	espirro	fonética
345	xarope	fonética
346	remédio	fonética
347	umbigo	fonética
348	coração	fonética
349	ombro	fonética
350	cotovelo	fonética
351	unhas	fonética
352	joelho	fonética
353	calo	fonética
354	chulé	fonética
355	camisa	fonética
356	calças	fonética

Nº da carta	Conceito	Tipo de carta
357	meias	fonética
358	saia	fonética
359	blusa	fonética
360	vestido	fonética
361	chapéu	fonética
362	alfaiate	fonética
363	sapato	fonética
364	sabugo	fonética
365	palha	fonética
366	machado	fonética
367	índice relativo de distância	dialetométrica
368	índice relativo de identidade	dialetométrica

Apresentação

Este volume consta de cartas introdutórias e 175 cartas referente às questões inéditas do *corpus* coletado para o Atlas Lingüístico do Paraná (1994) e estão assim organizadas: 125 cartas lexicais e 50 cartas fonéticas, além de cartas introdutórias – carta I - nomes dos municípios (pontos lingüísticos do ALPR); carta II – população dos municípios em 1960 e 1980; carta III – entrevistadoras.

Constam, ainda, neste volume as fichas dos informantes e o questionário na íntegra utilizado para a coleta de dados do ALPR (1994).

Em cada carta, os dados estão dispostos da esquerda para a direita, informando:

título correspondente ao conceito estudado;

número da questão que originou a carta entre barras;

número da carta a que se referem os dados;

Mapa do estado do Paraná, onde estão dispostos os dados coletados em cada localidade, de acordo com as respostas dos informantes;

Legenda, contendo os itens (lexicais ou fonéticos) cartografados em ordem de frequência representados por meio de cores: vermelho para a maior frequência e, progressivamente, amarela, verde, azul, rosa, azul claro, marrom claro, roxo e verde escuro, para as demais frequências.

Símbolos indicadores da variável sexo, assim sistematizados:



Escala gráfica de 1 : 3 000 000

É importante informar que, nas cartas, os espaços vazios indicam que a questão não foi formulada, ou que não se obteve resposta ou, ainda, que houve ocorrência única. Os vocábulos não dicionarizados foram grafados entre aspas simples.

As ocorrências únicas, gráfico de produtividade e tabelas das ocorrências, segundo a variável sexo, utilizando a cor azul para marcar os dados fornecidos pelos homens e a cor vermelho para as mulheres, encontram-se registradas no verso das cartas que as precedem.

Notação fonética

O trabalho de notação fonética das cartas de número 317 a 366 foi realizado por Ana Paula Puzinato, Daniele da Silva Pastorelli e Eloisa Elena Barbara de Oliveira, alunas do curso de Letras na Universidade Estadual de Londrina e transcritoras do Projeto do Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB – regional Paraná, e revisado pela autora. Utilizou-se, basicamente, o Alfabeto Fonético Internacional, da seguinte forma:

Vogais:

[a] - central baixa não-arredondada

[ɑ] - posterior baixa arredondada

[ɐ] - central média-baixa não-arredondada átonas

[e] - anterior média-alta não-arredondada

[ɛ] - anterior média-baixa não-arredondada

[i] - anterior alta não-arredondada

[ɪ] - anterior alta não-arredondada átonas

[o] - posterior média-alta arredondada

[ɔ] - posterior média-baixa arredondada

[u] - posterior alta arredondada

[ʊ] - posterior alta arredondada átonas

Semivogais:

[j] - palatal sonora

[w] - velar sonora

Consoantes:

[p] - oclusiva bilabial surda

[b] - oclusiva bilabial sonora

[t] - oclusiva alveolar surda

[d] - oclusiva alveolar sonora

[k] - oclusiva velar surda

[g] - oclusiva velar sonora

[tʃ] - africada alveopalatal surda

[dʒ] - africada alveopalatal sonora

[f] - fricativa labiodental surda

[v] - fricativa labiodental sonora

[s] - fricativa alveolar surda

[z] - fricativa alveolar sonora

[ʃ] - fricativa alveopalatal surda

[ʒ] - fricativa alveopalatal sonora

[x] - fricativa velar surda

[m] - nasal bilabial sonora

[n] - nasal alveolar sonora

[ɲ] - nasal palatal sonora

[r] - tepe alveolar sonoro

[r] - vibrante alveolar sonora

[ɾ] - retroflexa alveolar sonora

[l] - lateral alveolar sonora

[ʎ] - lateral palatal sonora

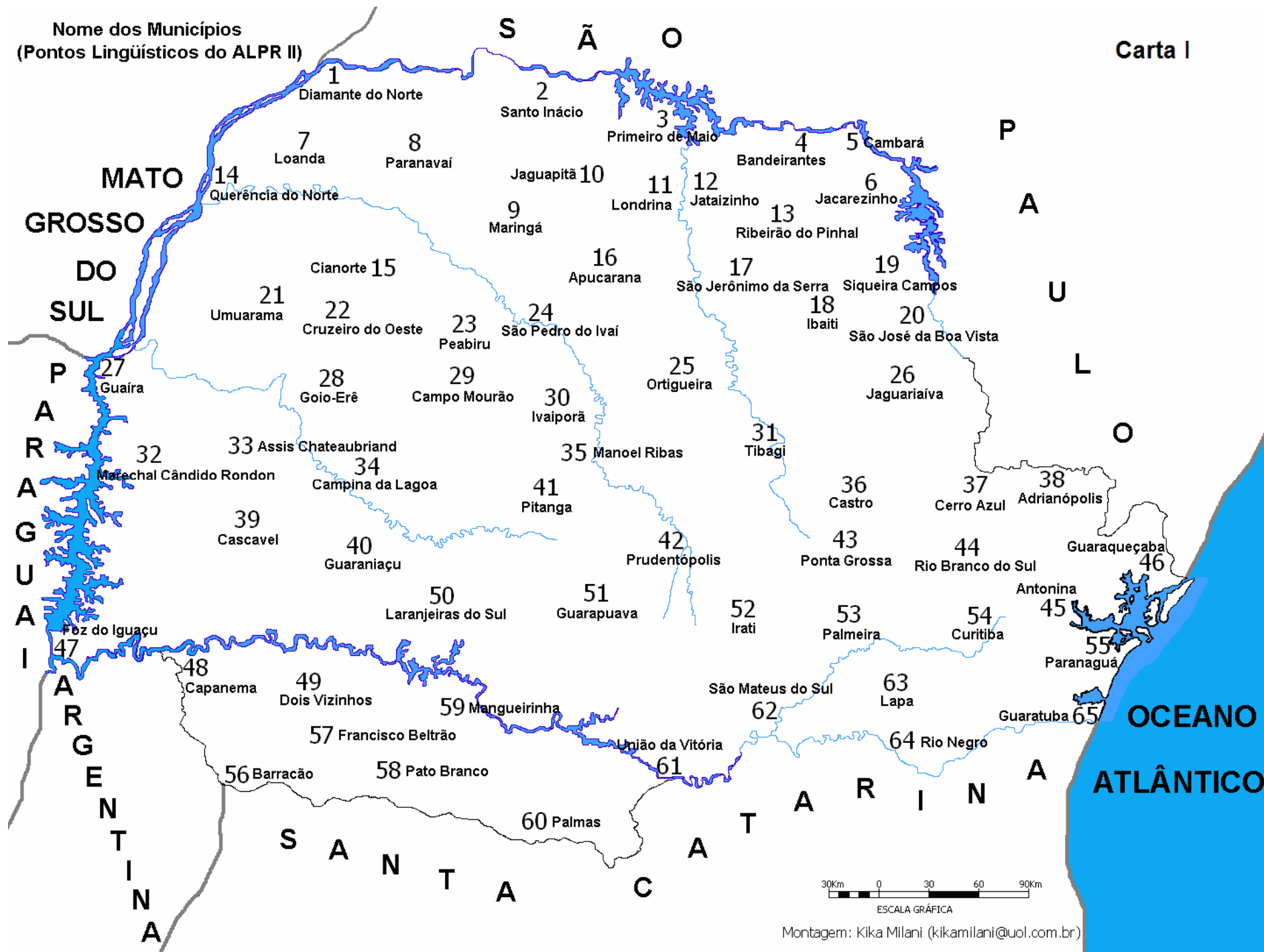
Sinais diacríticos:

ˈ - tonicidade

˜ - nasalidade

Nome dos Municípios
(Pontos Lingüísticos do ALPR II)

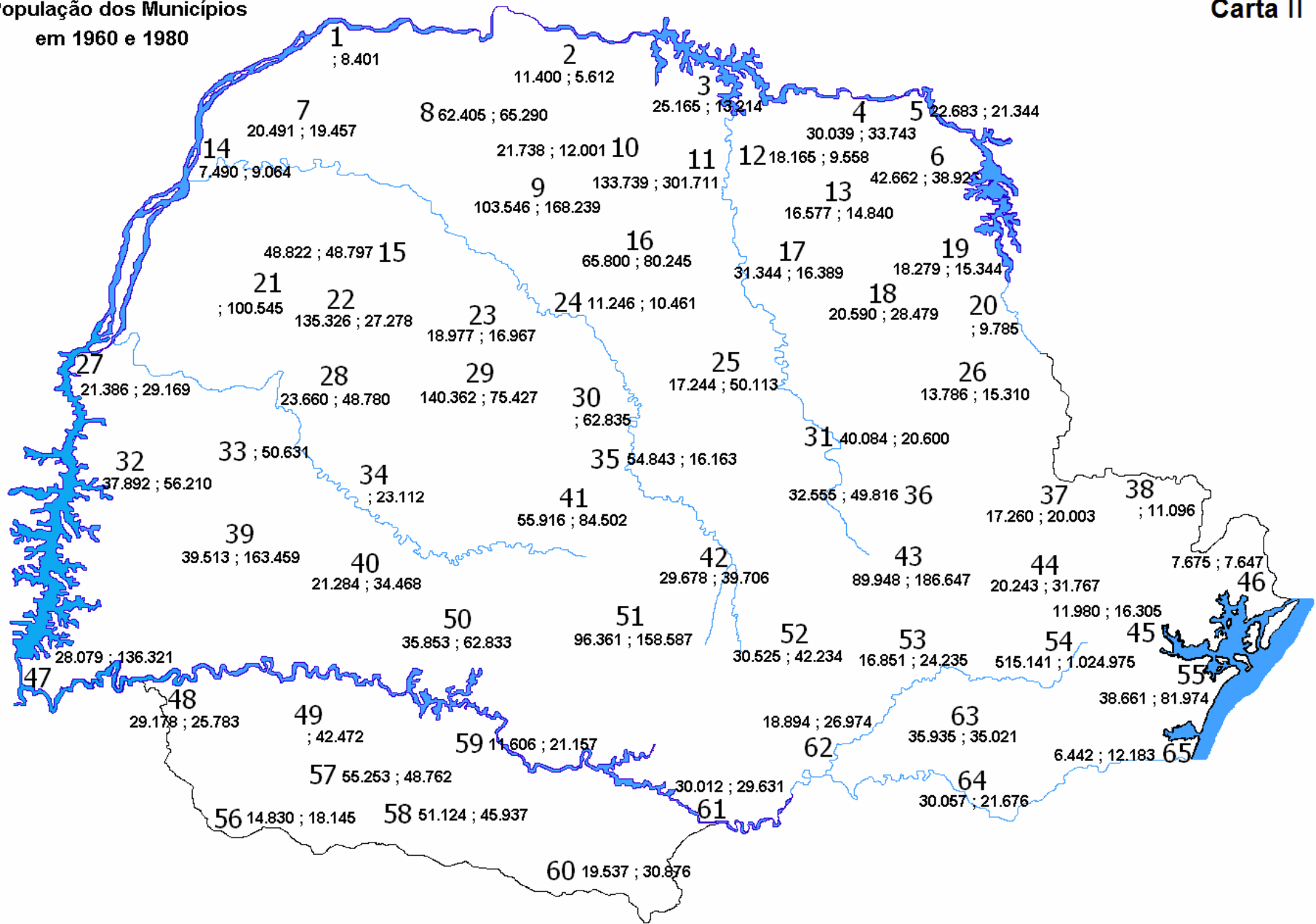
Carta I



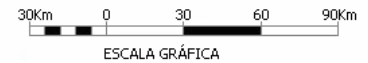
Montagem: Kika Milani (kikamilani@uol.com.br)

**População dos Municípios
em 1960 e 1980**

Carta II

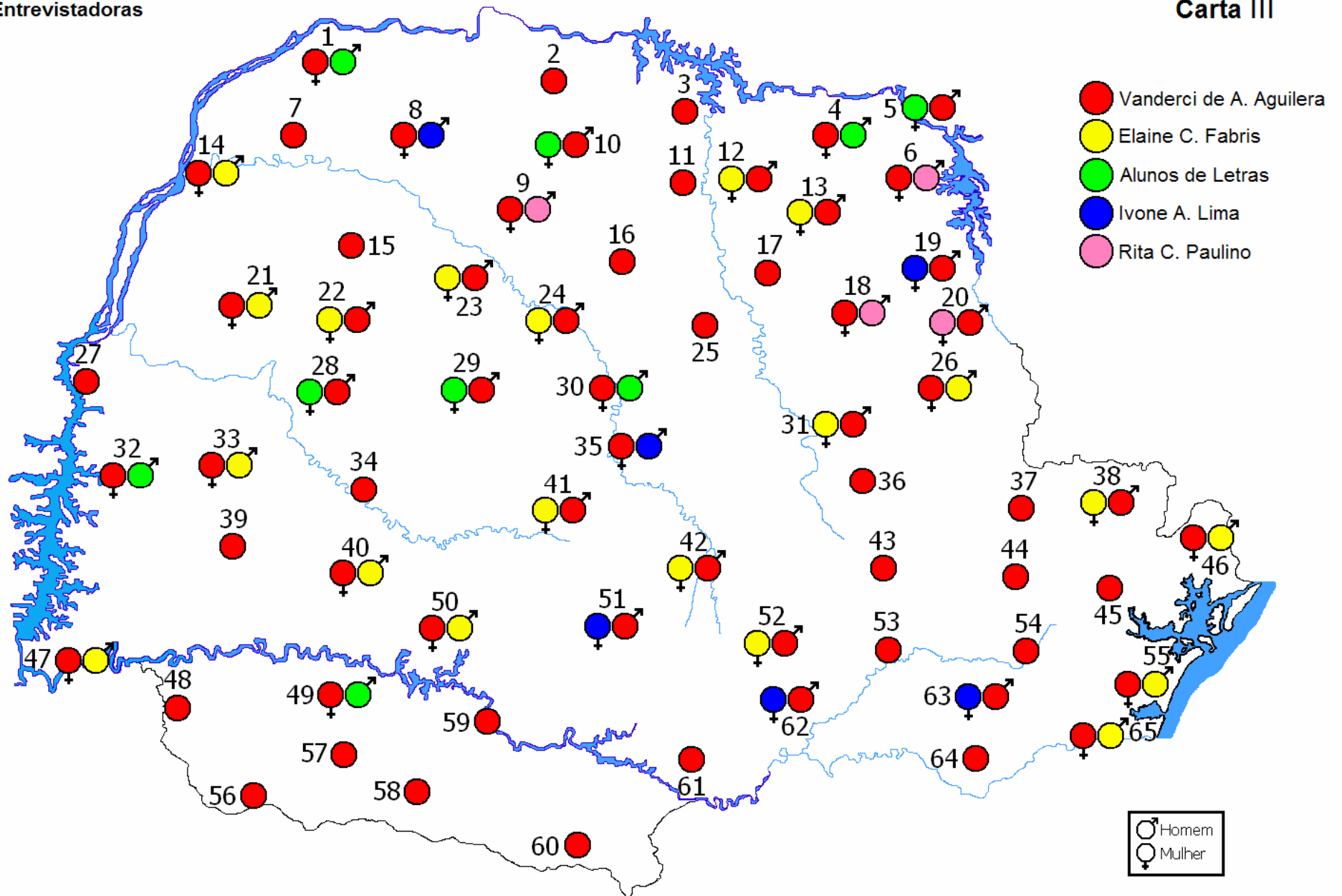


Montagem: Kika Milani (kikamilani@uol.com.br)



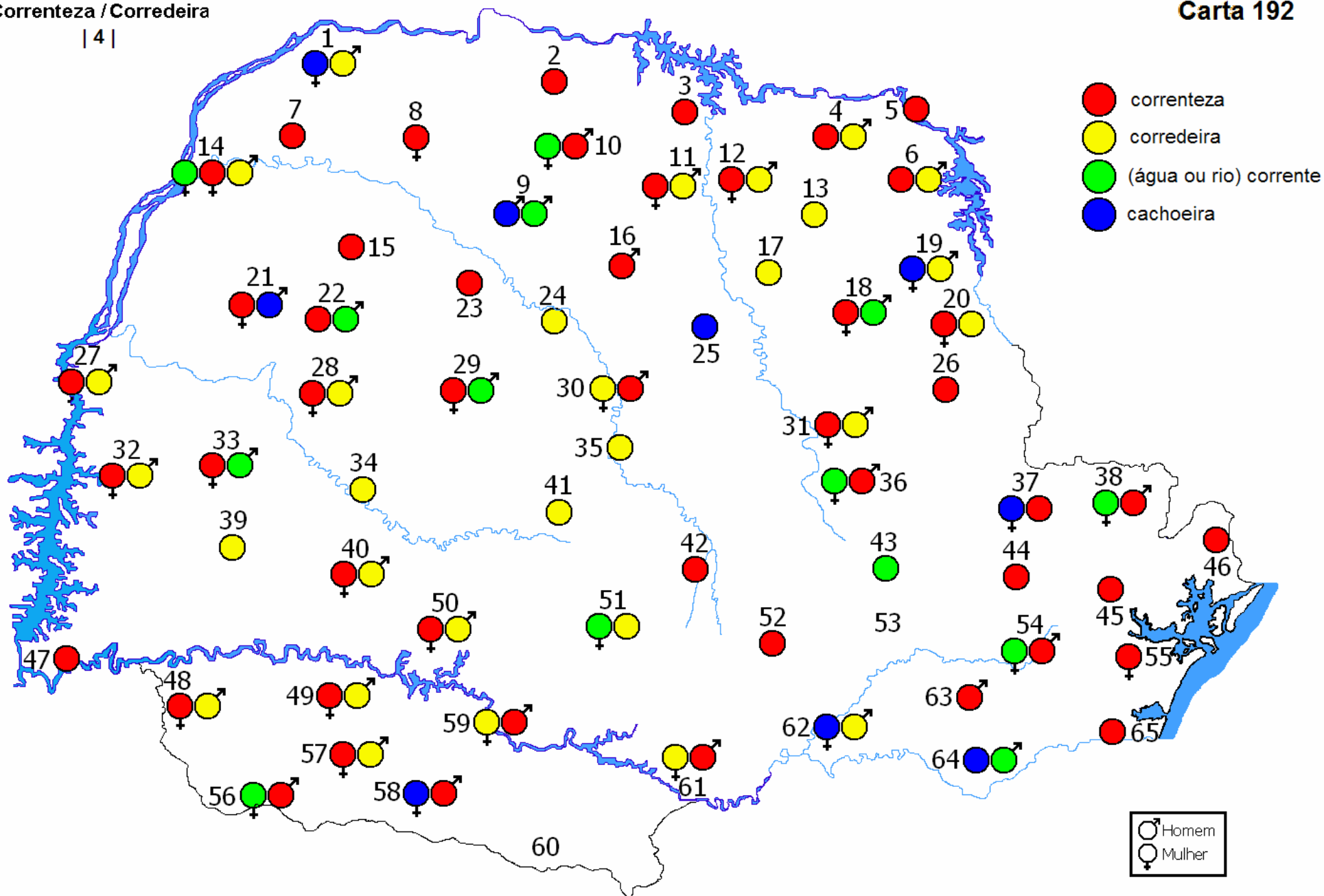
Entrevistadoras

Carta III



Montagem: Kika Milani (kikamilani@uol.com.br)

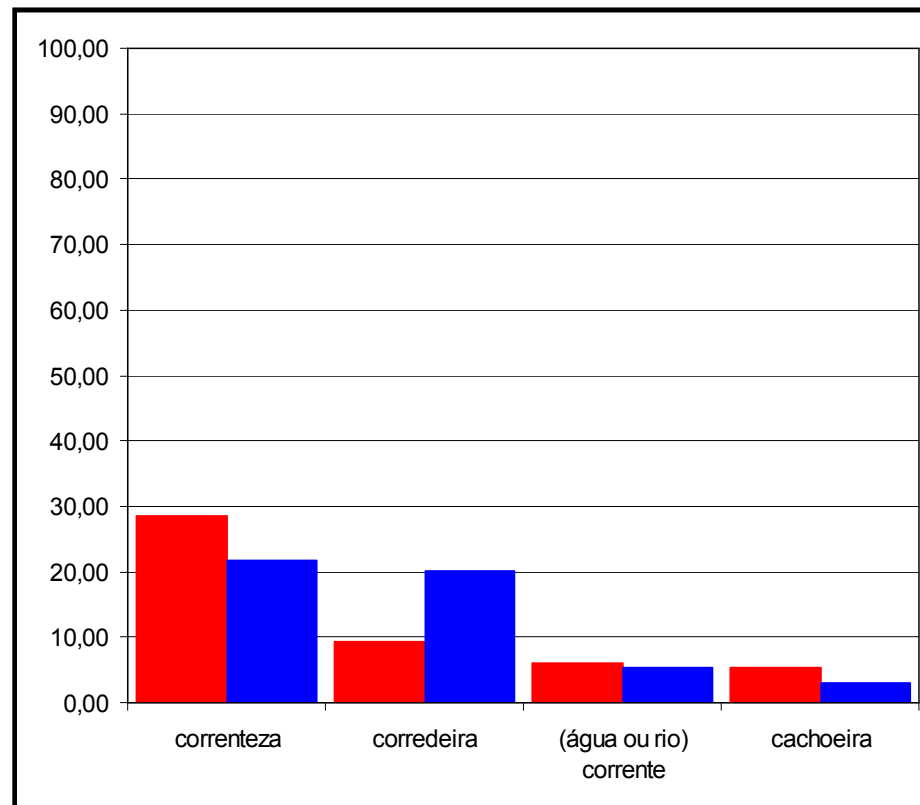


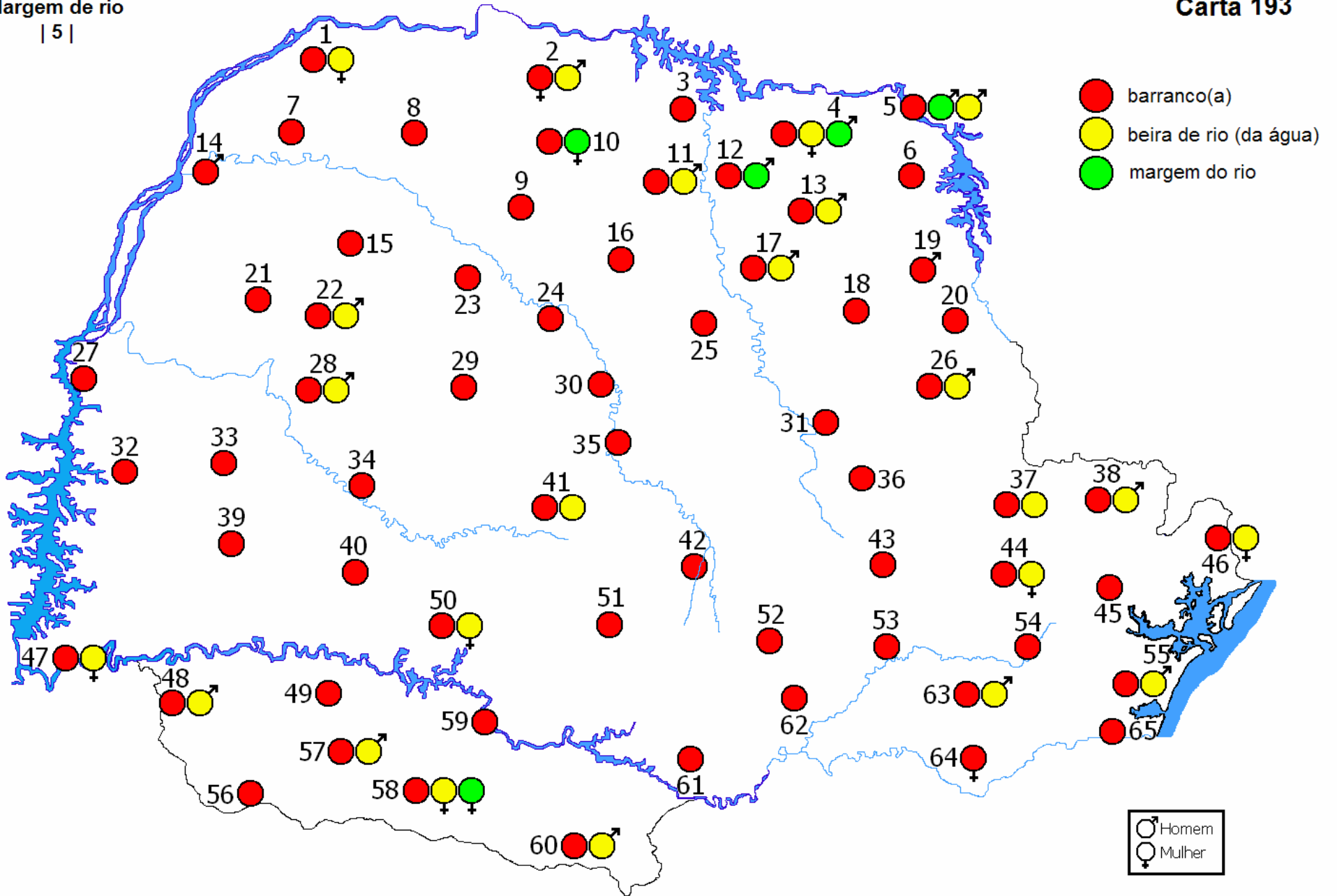


Ocorrências Únicas – Carta 192

Ponto 08 – Inf. B: Canal
Ponto 33 – Inf. B: Água braba
Ponto 53 – Inf. A: Volta do Rio
Ponto 53 – Inf. B: Forje
Ponto 55 – Inf. B: Puxada do rio
Ponto 58 – Inf. A: Burcão
Ponto 60 – Inf. B: Incantilago, água ligeira
Ponto 63 – Inf. A: Descidinha

Carta 192 (129 ocorrências)	Mulher	Homem
correnteza	37 (28,68%)	28 (21,70%)
corredeira	12 (9,30%)	26 (20,15%)
(água ou rio) corrente	8 (6,20%)	7 (5,43%)
cachoeira	7 (5,43%)	4 (3,11%)





Ocorrências Únicas – Carta 193

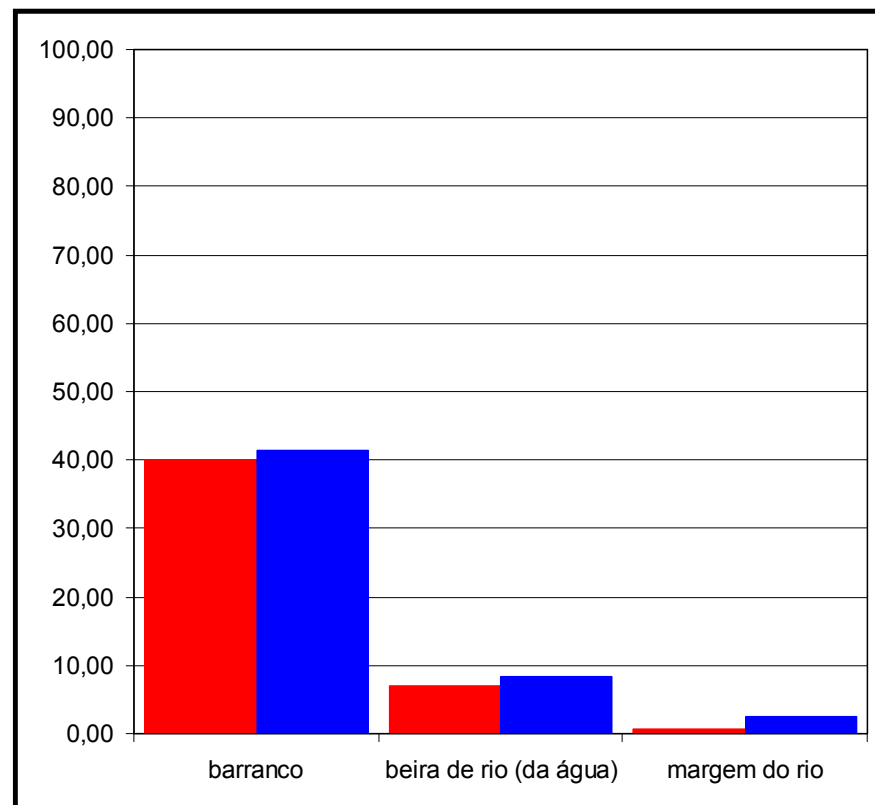
Ponto 14 – Inf. A: Porto

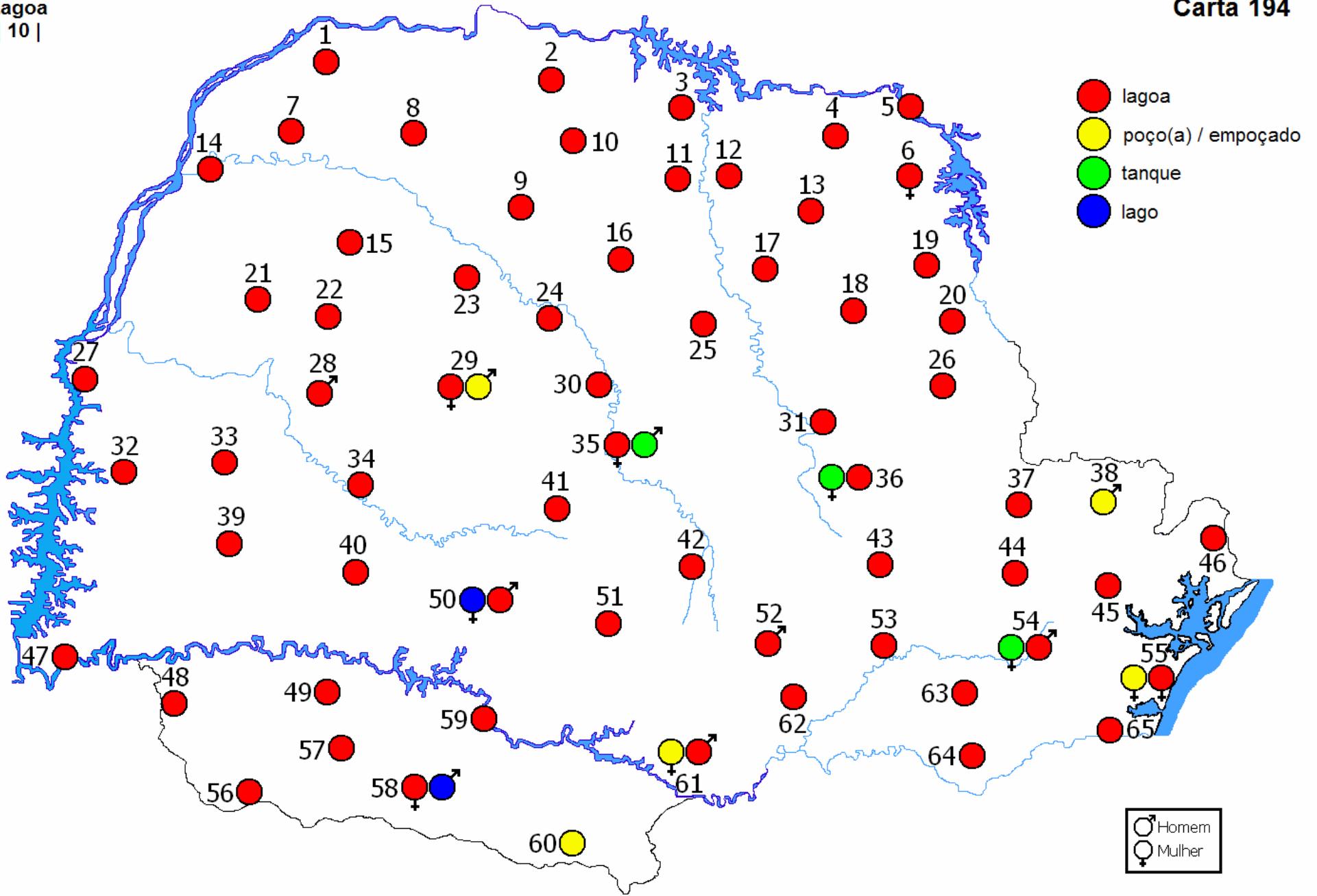
Ponto 22 – Inf. A: Areia

Ponto 51 – Inf. A: Grotas

Ponto 64 – Inf. B: Ladeira

Carta 193 (155 ocorrências)	Mulher	Homem
barranco	62 (40,00%)	64 (41,29%)
beira de rio (da água)	11 (7,10%)	13 (8,38%)
margem do rio	1 (0,65%)	4 (2,58%)

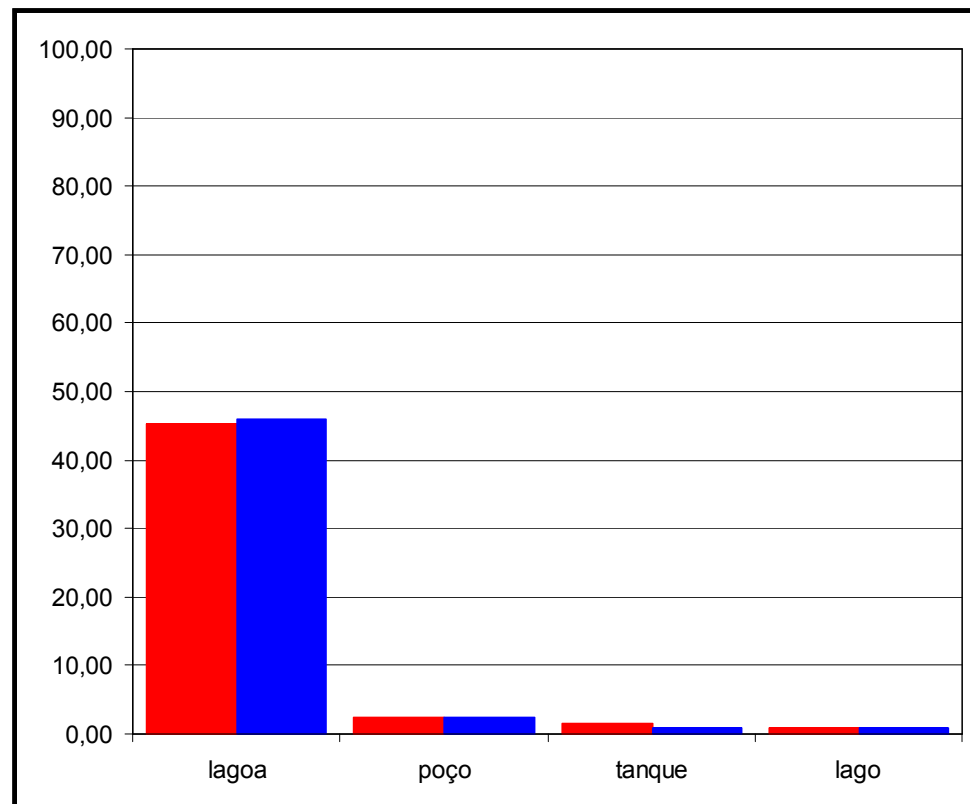


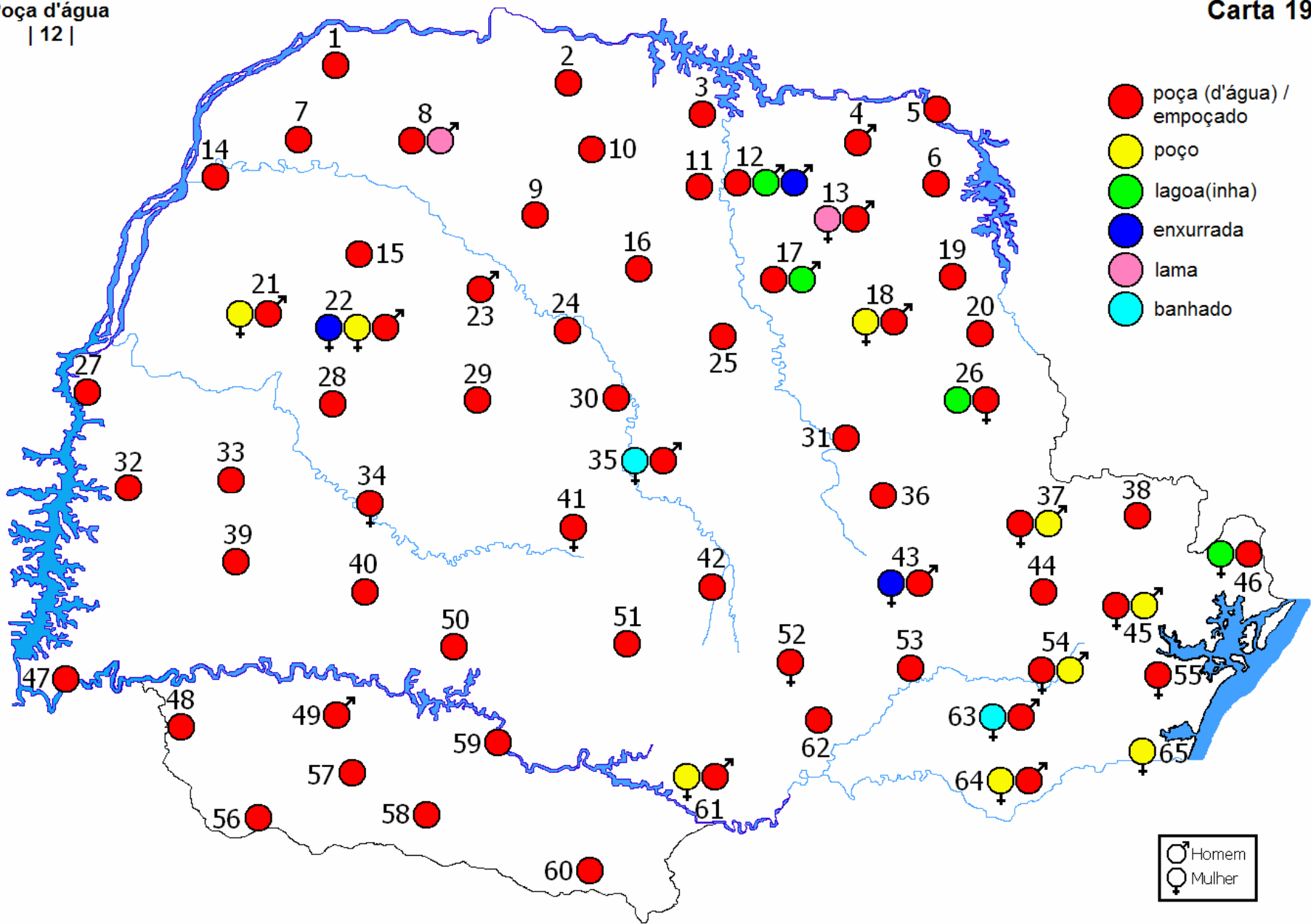


Ocorrências Únicas – Carta 194

Ponto 04 – Inf. B: Banhado
Ponto 21 – Inf. B: Represa seca
Ponto 28 – Inf. A: Água parada
Ponto 35 – Inf. B: Açude
Ponto 37 – Inf. A: Regato
Ponto 45 – Inf. B: Brejo
Ponto 55 – Inf. A: Água presa
Ponto 55 – Inf. B: Baixo

Carta 194 (126 ocorrências)	Mulher	Homem
lagoa	57 (45,23%)	58 (46,03%)
poço	3 (2,38%)	3 (2,38%)
tanque	2 (1,58%)	1 (0,80%)
lago	1 (0,80%)	1 (0,80%)





Ocorrências Únicas – Carta 195

Ponto 13 – Inf. A: Poça de lama

Ponto 38 – Inf. B: Buraco

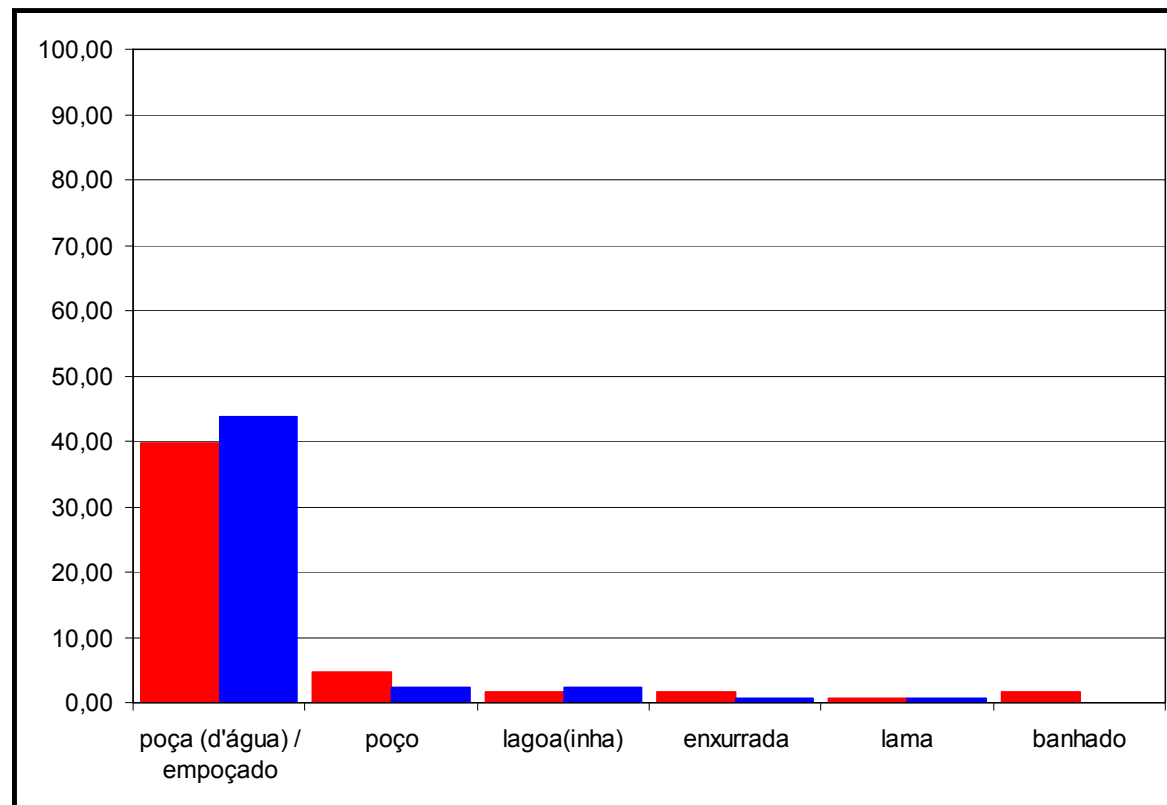
Ponto 43 – Inf. A: Gamelinha de água

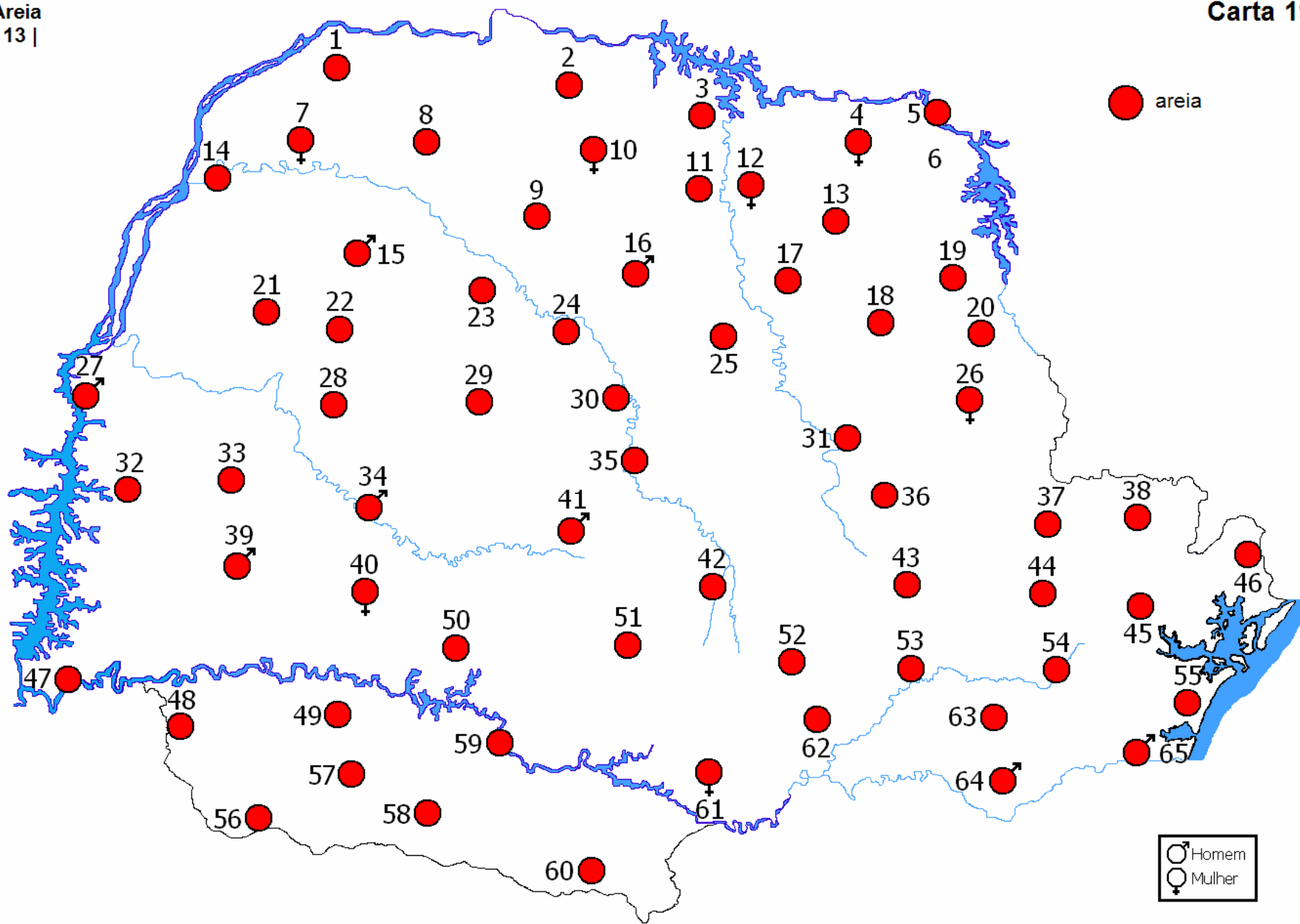
Ponto 55 – Inf. B: Água ou poço ensopado

Ponto 57 – Inf. A: Valeta

Ponto 60 – Inf. A: Grotinha

Carta 195 (128 ocorrências)	Mulher	Homem
poça (d'água) / empoçado	51 (39,84%)	56 (43,75%)
poço	6 (4,68%)	3 (2,34%)
lagoa(inha)	2 (1,56%)	3 (2,34%)
enxurrada	2 (1,56%)	1 (0,79%)
lama	1 (0,79%)	1 (0,79%)
banhado	2 (1,56%)	0 (0 %)



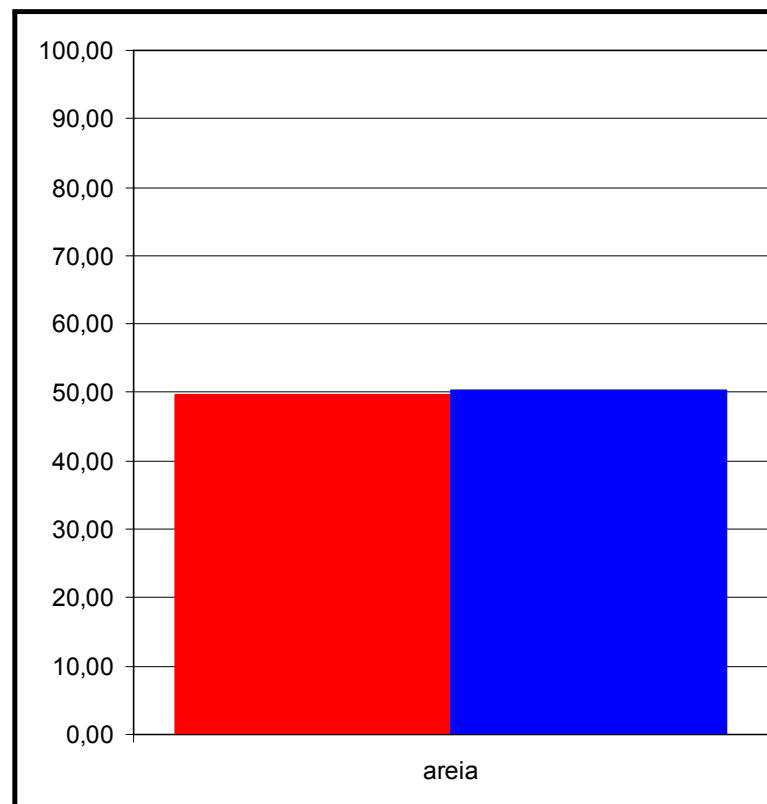


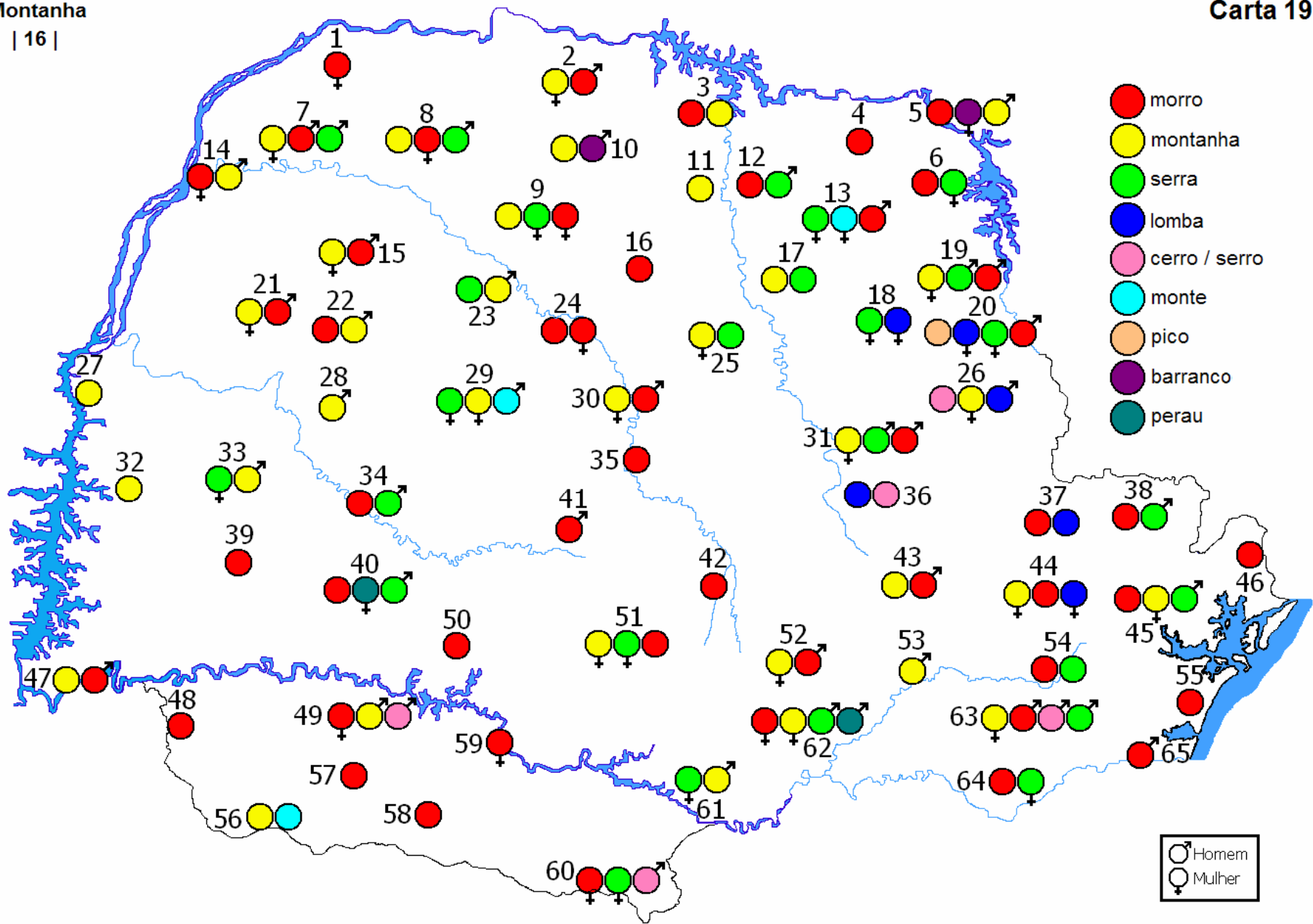
Ocorrências Únicas – Carta 196

Ponto 12 – Inf. B: Saibro

Ponto 38 – Inf. B: Terra branca

Carta 196 (113 ocorrências)	Mulher	Homem
areia	56 (49,55%)	57 (50,45%)

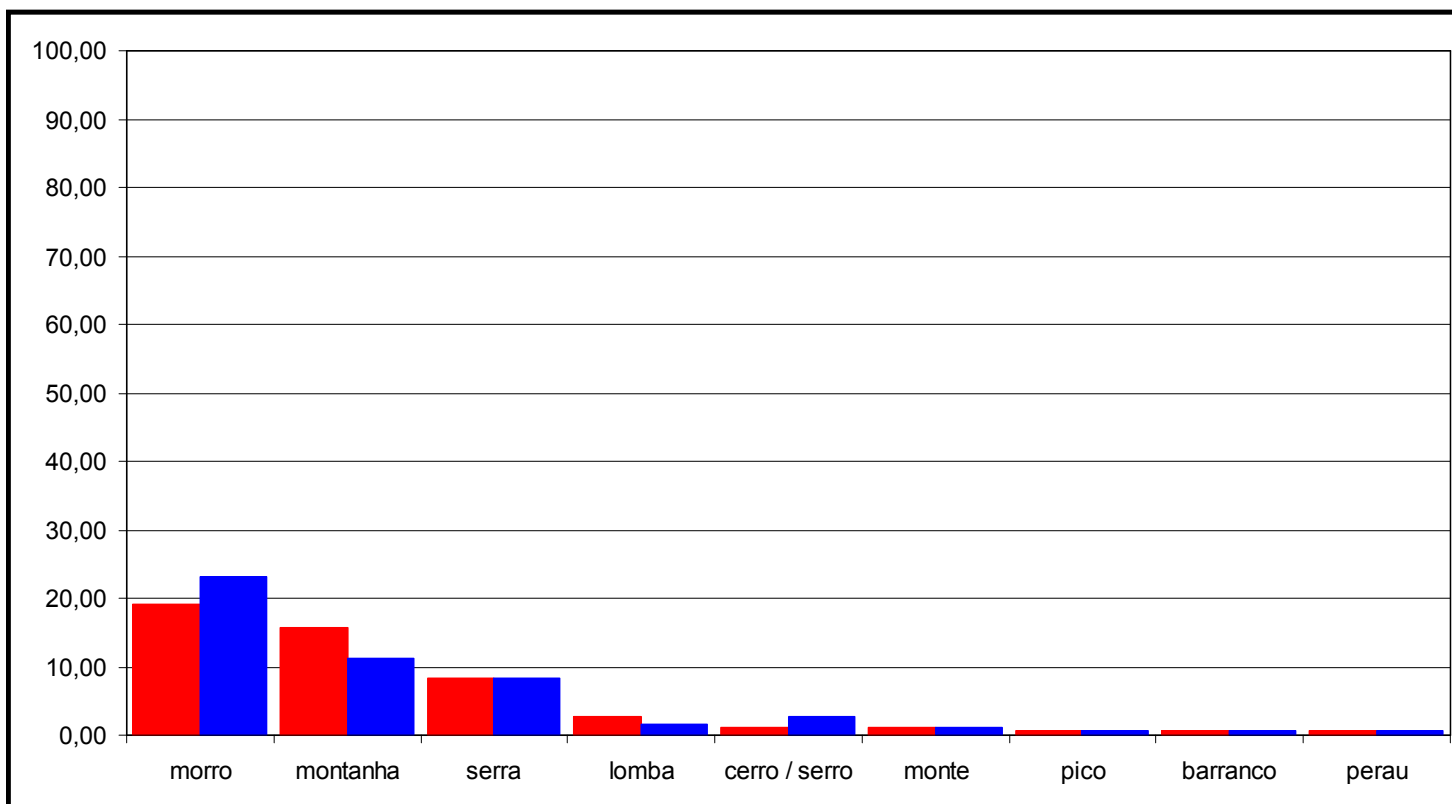


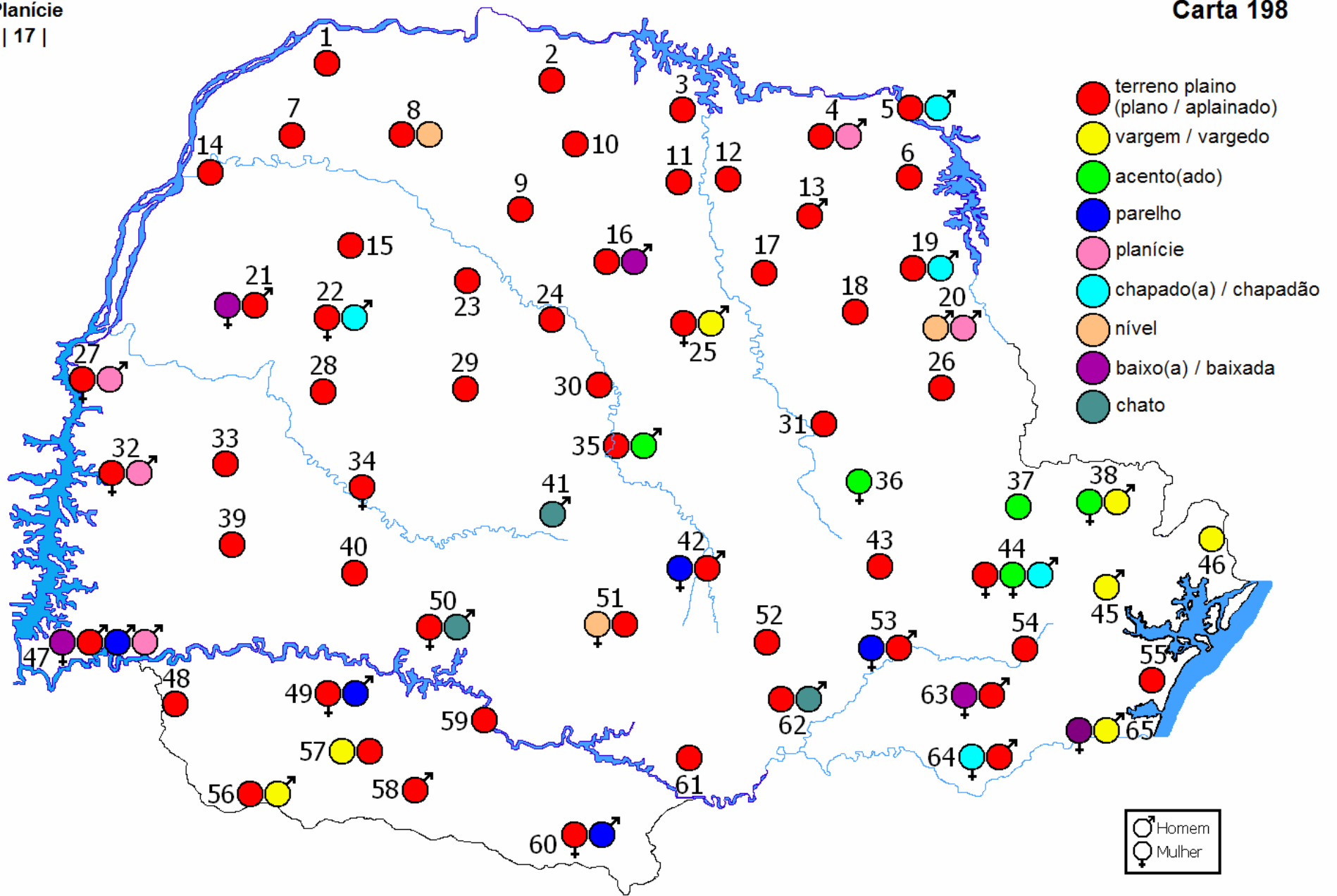


Ocorrências Únicas – Carta 197

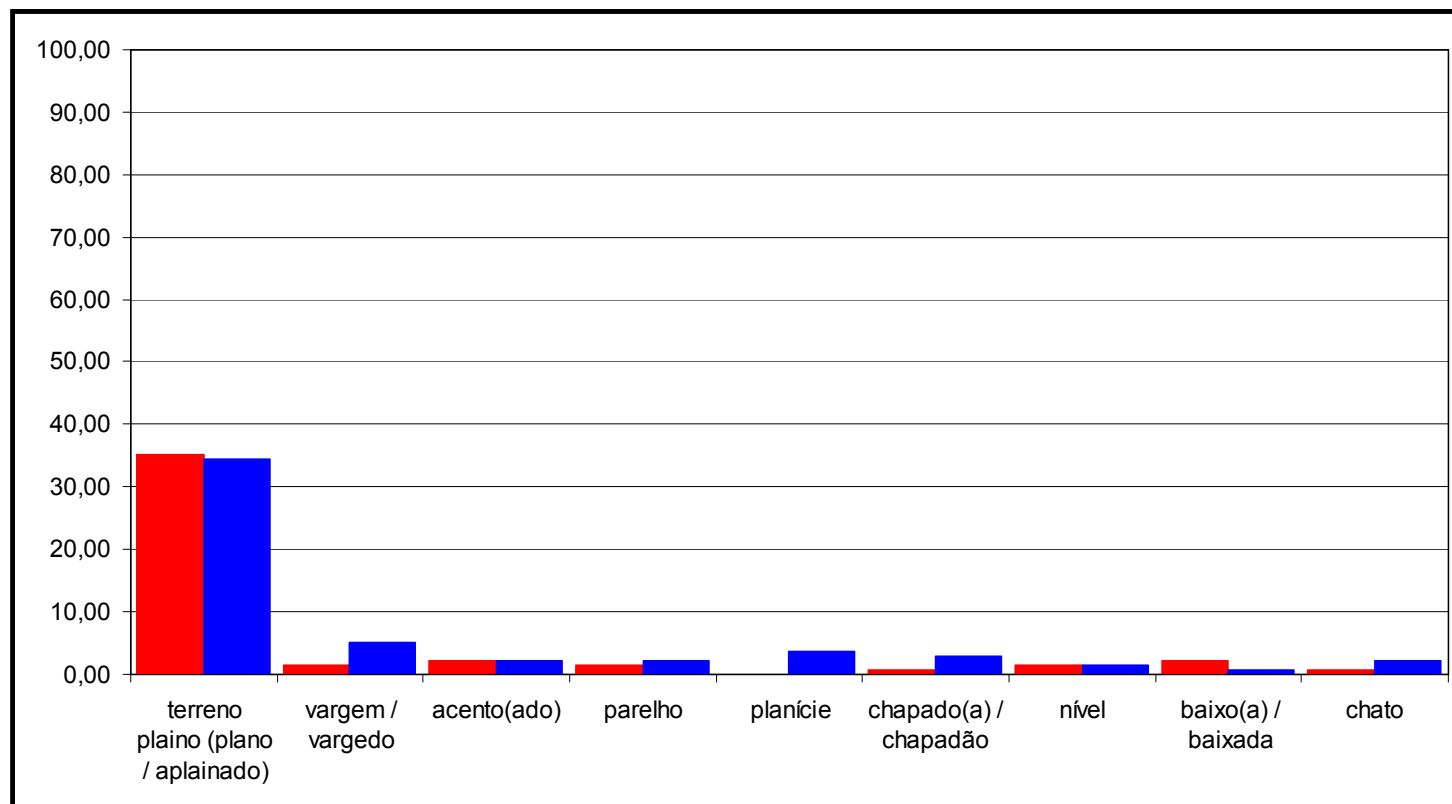
Ponto 10 – Inf. B: Elevação
Ponto 24 – Inf. B: Pirambeira
Ponto 53 – Inf. A: Subidão
Ponto 59 – Inf. B: Coxilha

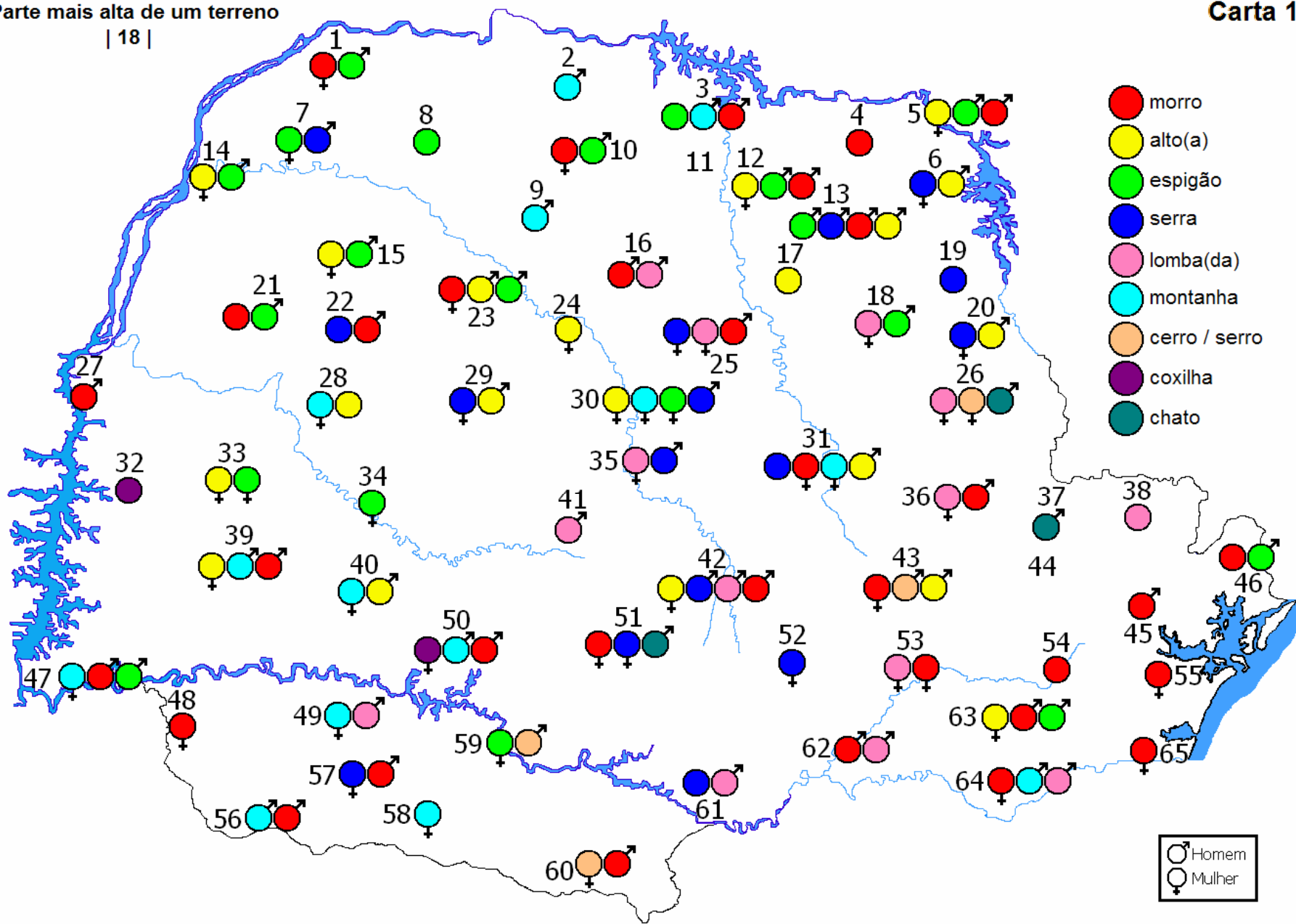
Carta 197 (178 ocorrências)	Mulher	Homem
morro	34 (19,10%)	41 (23,04%)
montanha	28 (15,73%)	20 (11,23%)
serra	15 (8,42%)	15 (8,42%)
lomba	5 (2,80%)	3 (1,68%)
cerro / serro	2 (1,12%)	5 (2,80%)
monte	2 (1,12%)	2 (1,12%)
pico	1 (0,57%)	1 (0,57%)
barranco	1 (0,57%)	1 (0,57%)
perau	1 (0,57%)	1 (0,57%)





Carta 198 (139 ocorrências)	Mulher	Homem
terreno plano (plano / aplainado)	49 (35,26%)	48 (34,53%)
vargem / vargado	2 (1,43%)	7 (5,03%)
acento(ado)	3 (2,16%)	3 (2,16%)
parelho	2 (1,43%)	3 (2,16%)
planície	0	5 (3,60%)
chapado(a) / chapadão	1 (0,73%)	4 (2,87%)
nível	2 (1,43%)	2 (1,43%)
baixo(a) / baixada	3 (2,16%)	1 (0,73%)
chato	1 (0,73%)	3 (2,16%)

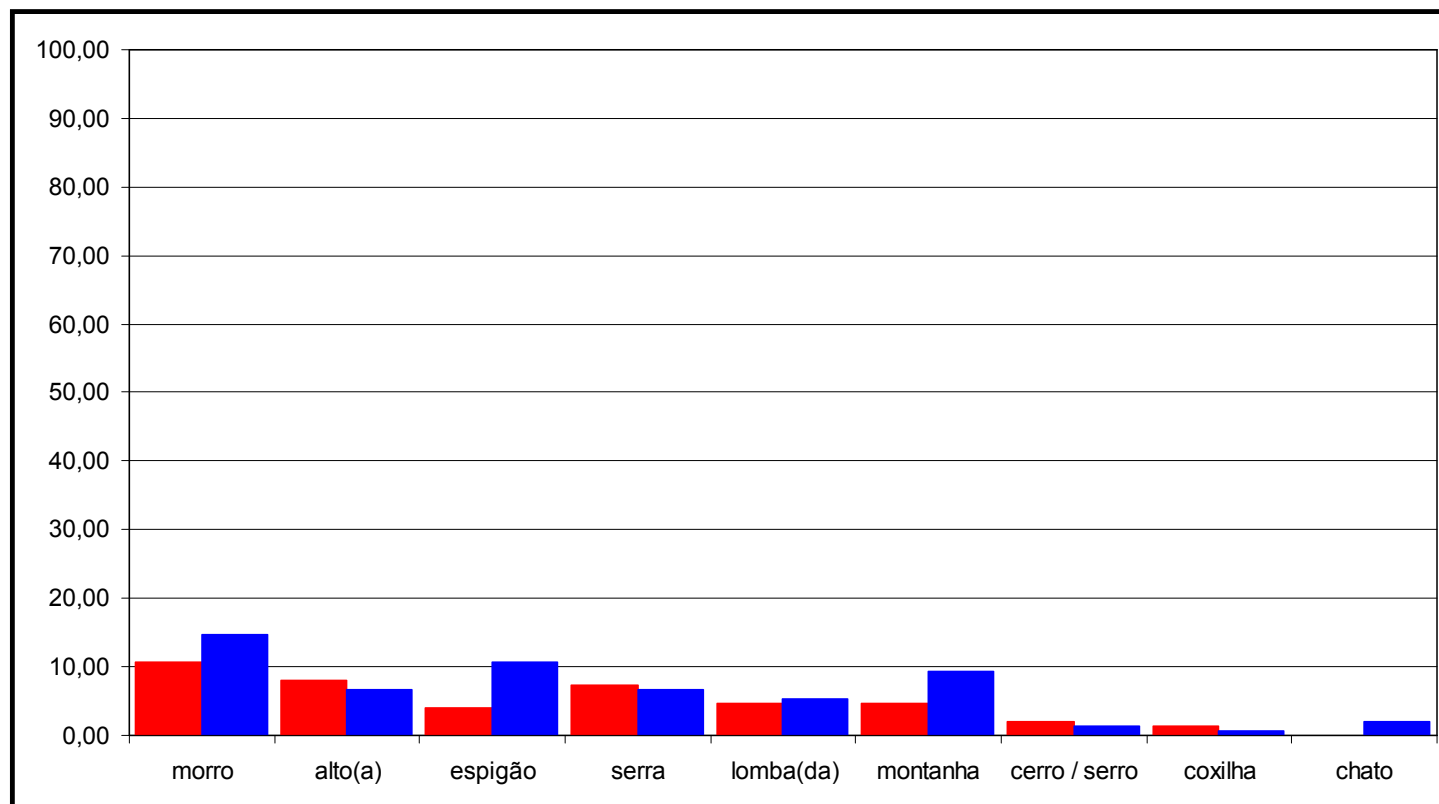


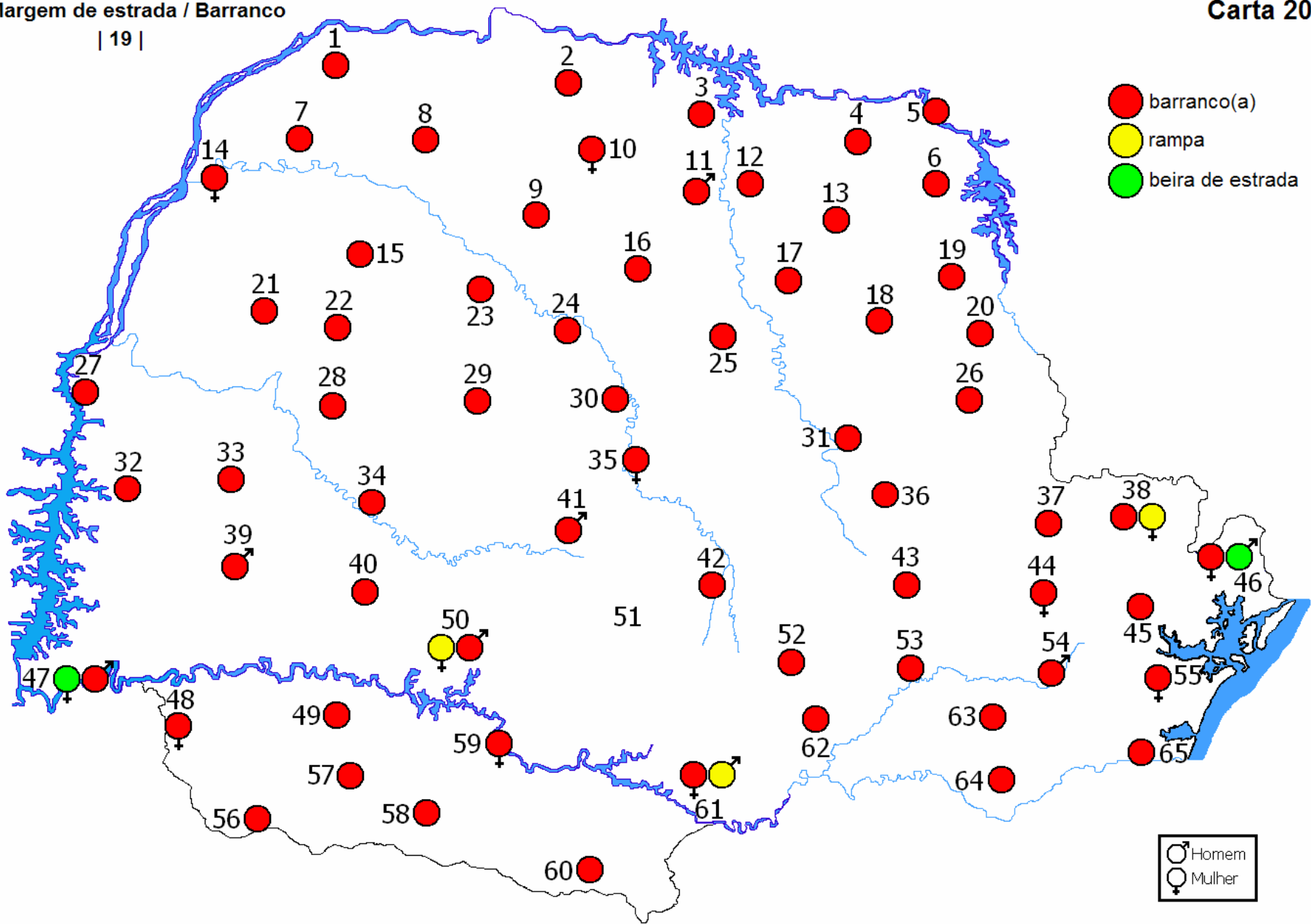


Ocorrências Únicas – Carta 199

Ponto 02 – Inf. B: Cabeceira
 Ponto 09 – Inf. A: Em cima
 Ponto 13 – Inf. A: Pedra
 Ponto 18 – Inf. B: Barranceira
 Ponto 20 – Inf. A: Pico
 Ponto 24 – Inf. B: Pirambeira
 Ponto 37 – Inf. A: Acento
 Ponto 39 – Inf. A: Topo
 Ponto 41 – Inf. A: Barranco
 Ponto 45 – Inf. A: Vargedo / Plaino
 Ponto 53 – Inf. B: Tabuleiro
 Ponto 59 – Inf. B: Mamote
 Ponto 64 – Inf. B: Perau
 Ponto 65 – Inf. B: Chapada

Carta 199 (150 ocorrências)	Mulher	Homem
morro	16 (10,67%)	22 (14,66%)
alto(a)	12 (8,00%)	10 (6,66%)
espigão	6 (4,00%)	16 (10,67%)
serra	11 (7,34%)	10 (6,66%)
lomba(da)	7 (4,66%)	8 (5,34%)
montanha	7 (4,66%)	14 (9,34%)
cerro / serro	3 (2,00%)	2 (1,34%)
coxilha	2 (1,34%)	1 (0,66%)
chato	0	3 (2,00%)

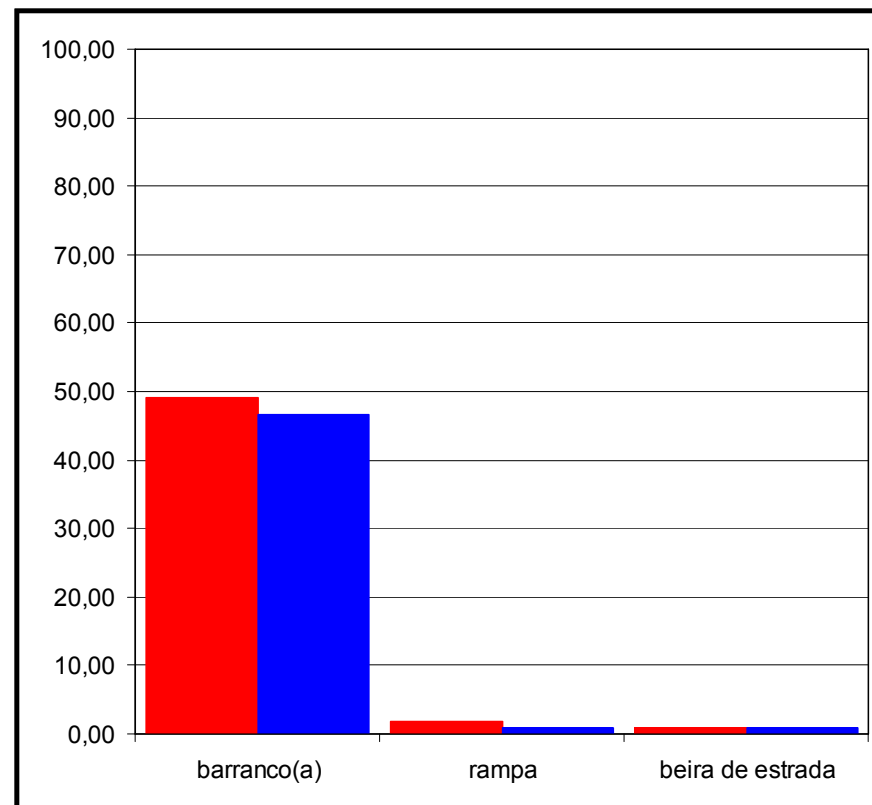


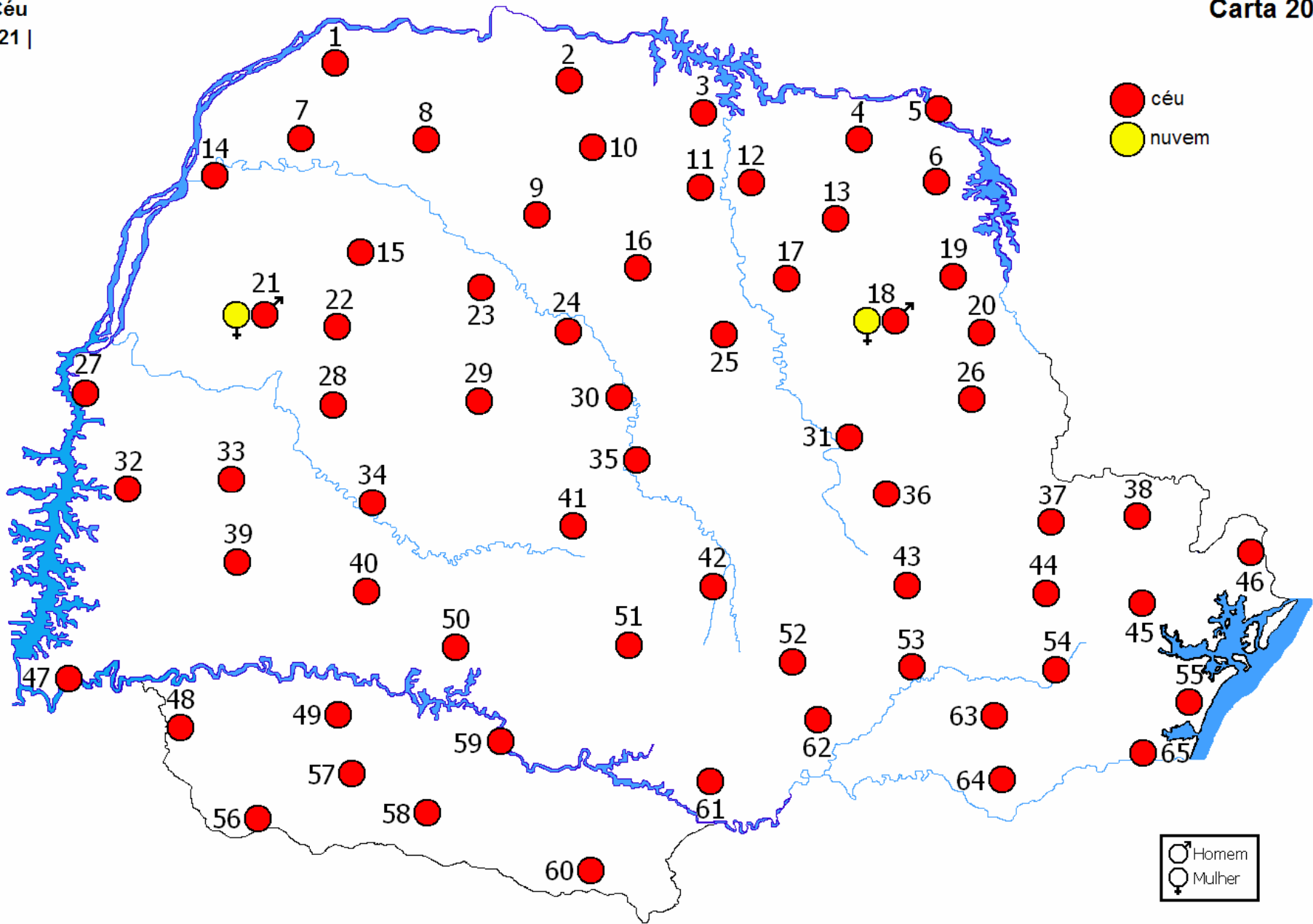


Ocorrências Únicas – Carta 200

Ponto 35 – Inf. B: Caída de terra
Ponto 37 – Inf. B: Valeta
Ponto 11 – Inf. A: Morro
Ponto 13 – Inf. A: Costa da estrada

Carta 200 (118 ocorrências)	Mulher	Homem
barranco(a)	58 (49,15%)	55 (46,61%)
rampa	2 (1,69%)	1 (0,85)
beira de estrada	1 (0,85)	1 (0,85)

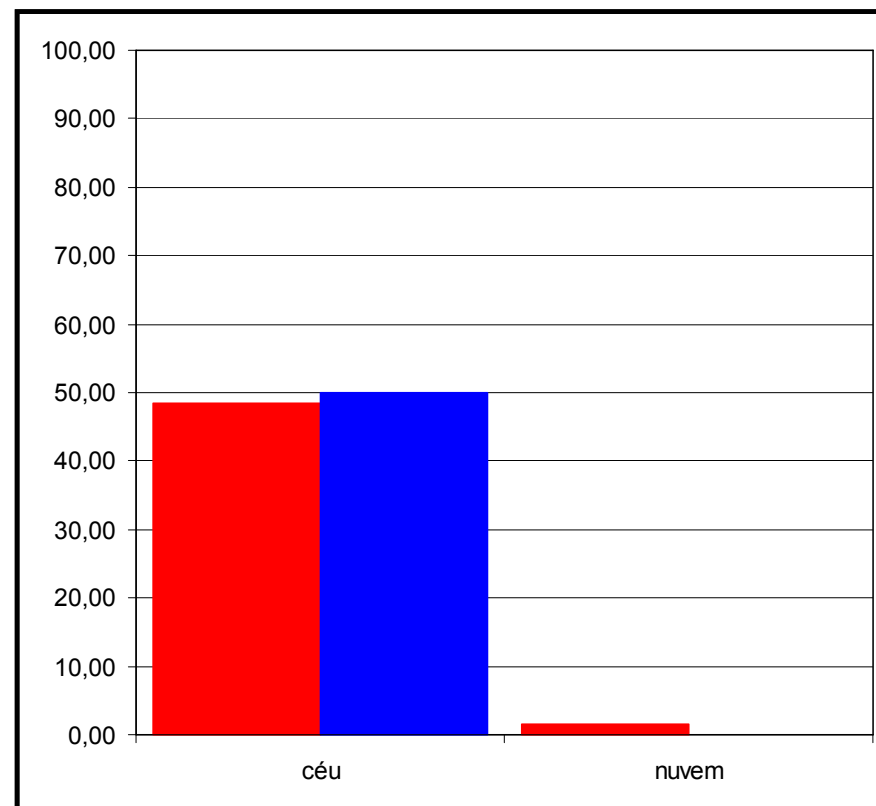


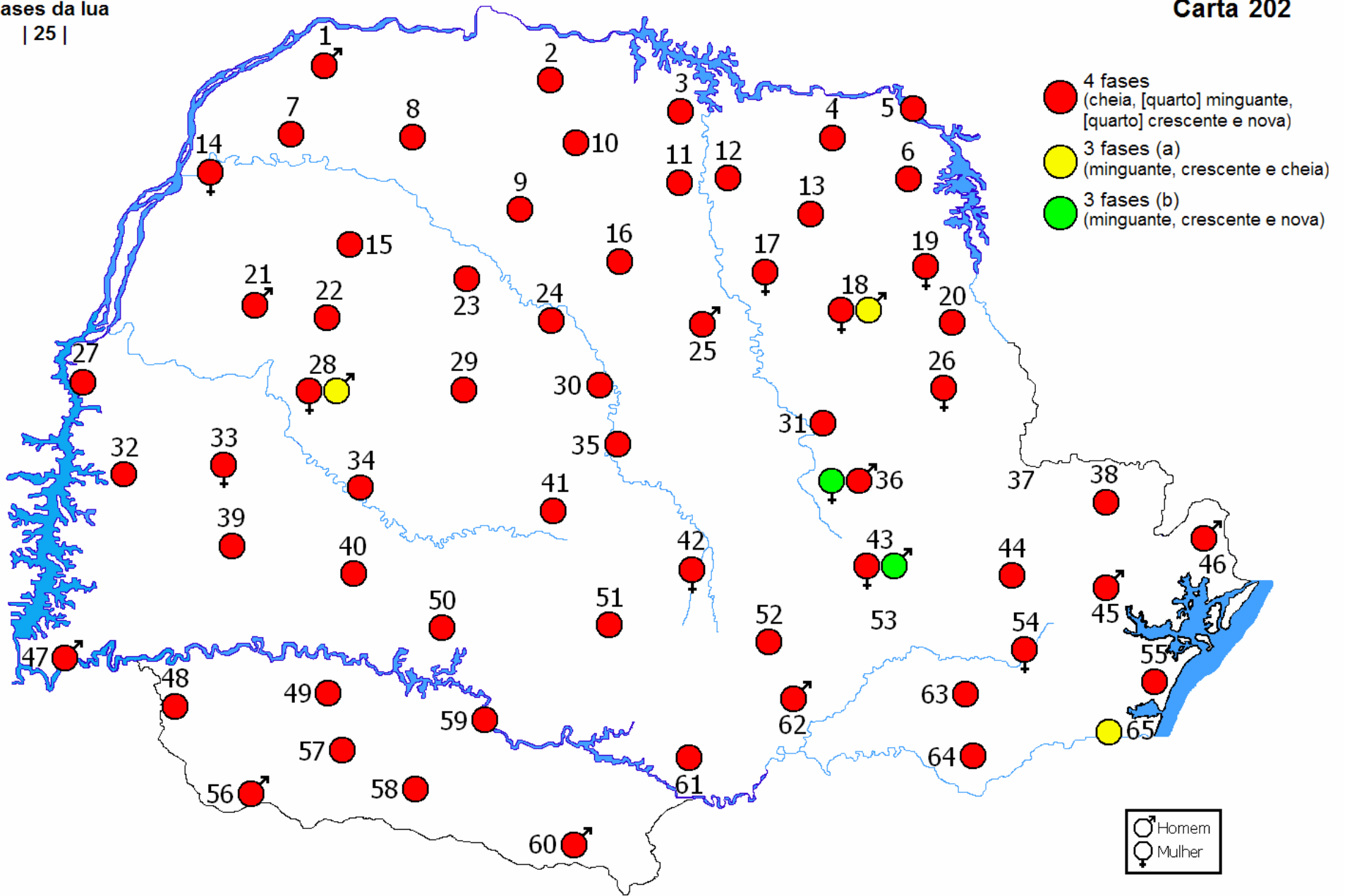


Ocorrências Únicas – Carta 201

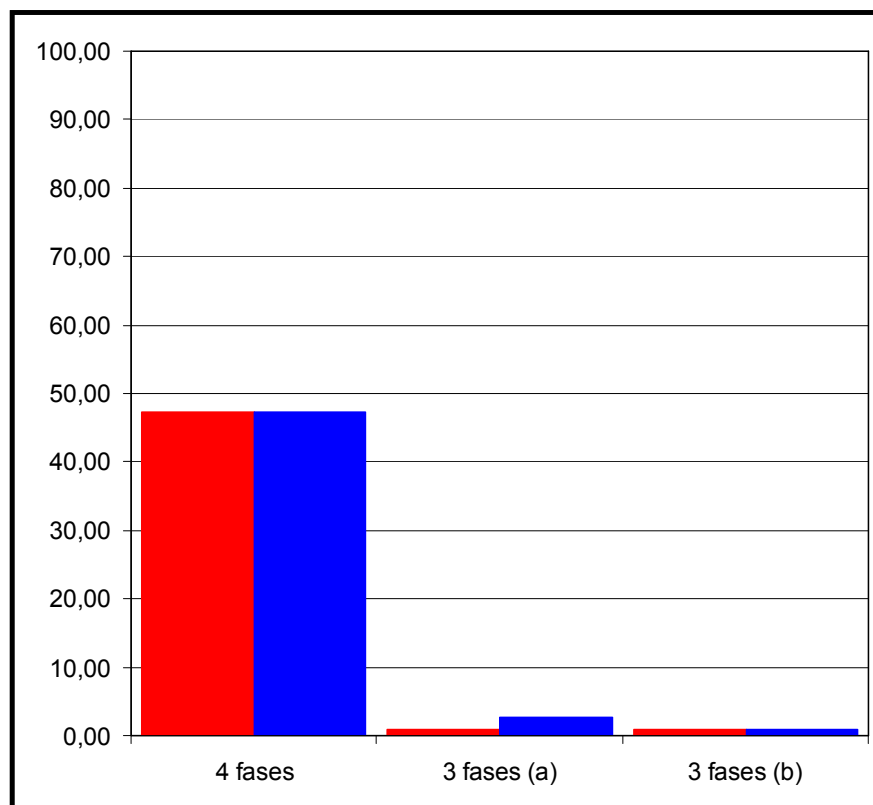
Ponto 27 – Inf. A: Outro plano

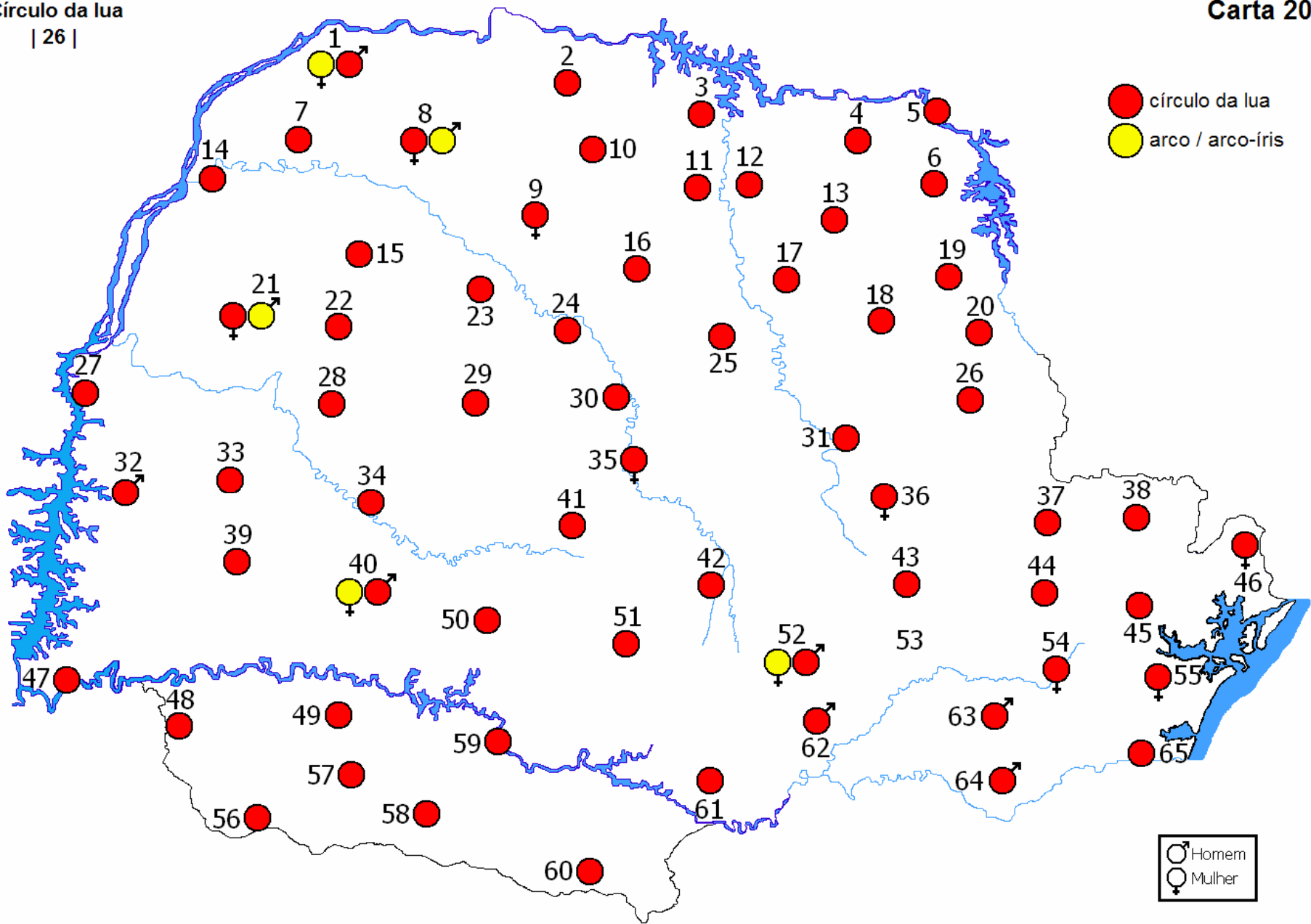
Carta 201 (130 ocorrências)	Mulher	Homem
céu	63 (48,46%)	65 (50,00%)
nuvem	2 (1,54%)	0



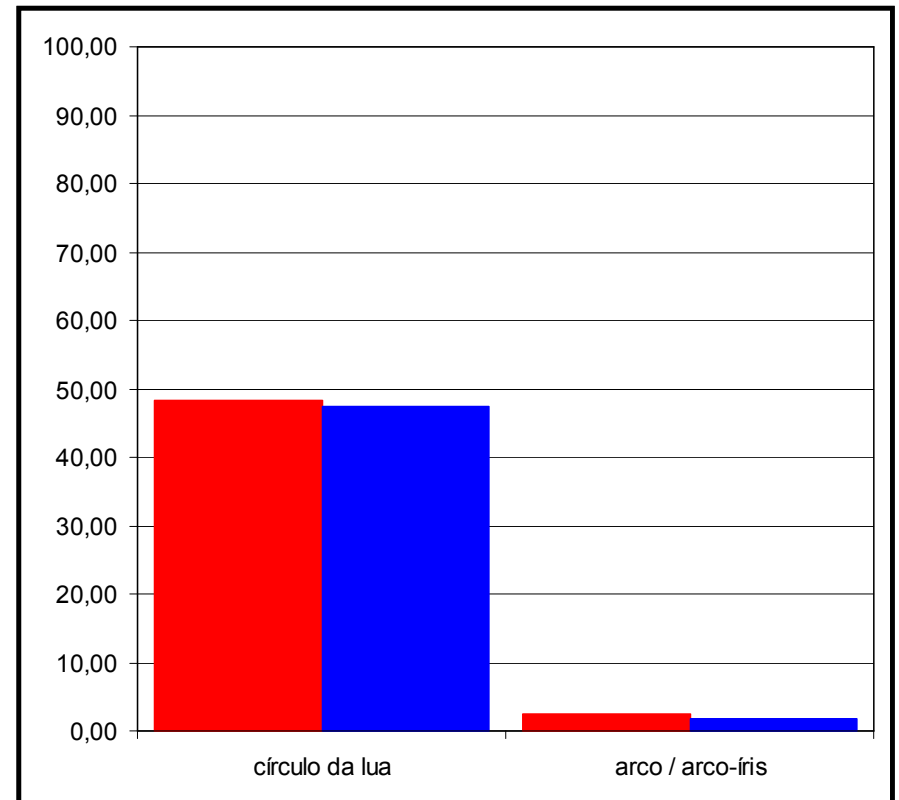


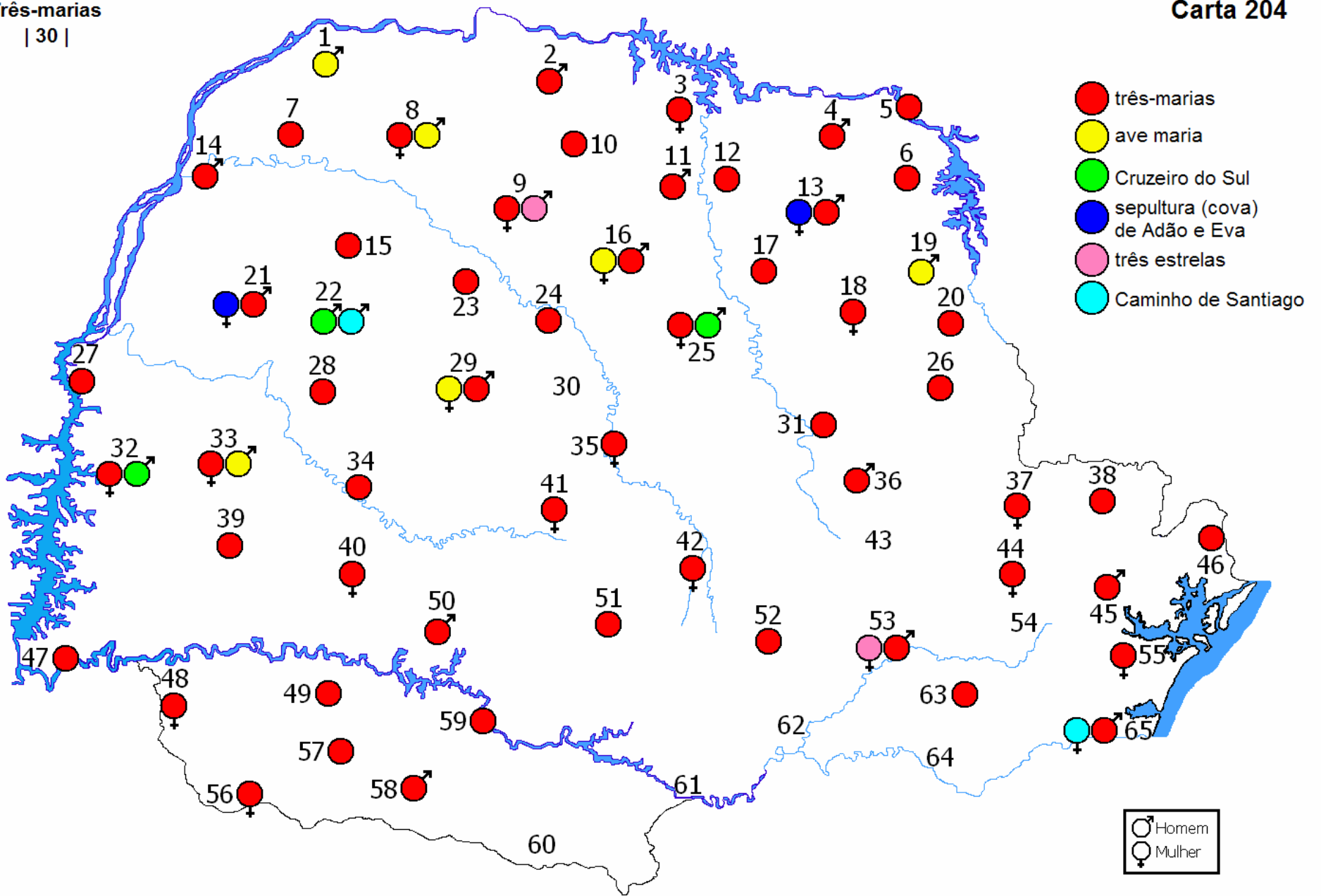
Carta 202 (110 ocorrências)	Mulher	Homem
4 fases	52 (47,29%)	52 (47,29%)
3 fases (a)	1 (0,90%)	3 (2,72%)
3 fases (b)	1 (0,90%)	1 (0,90%)



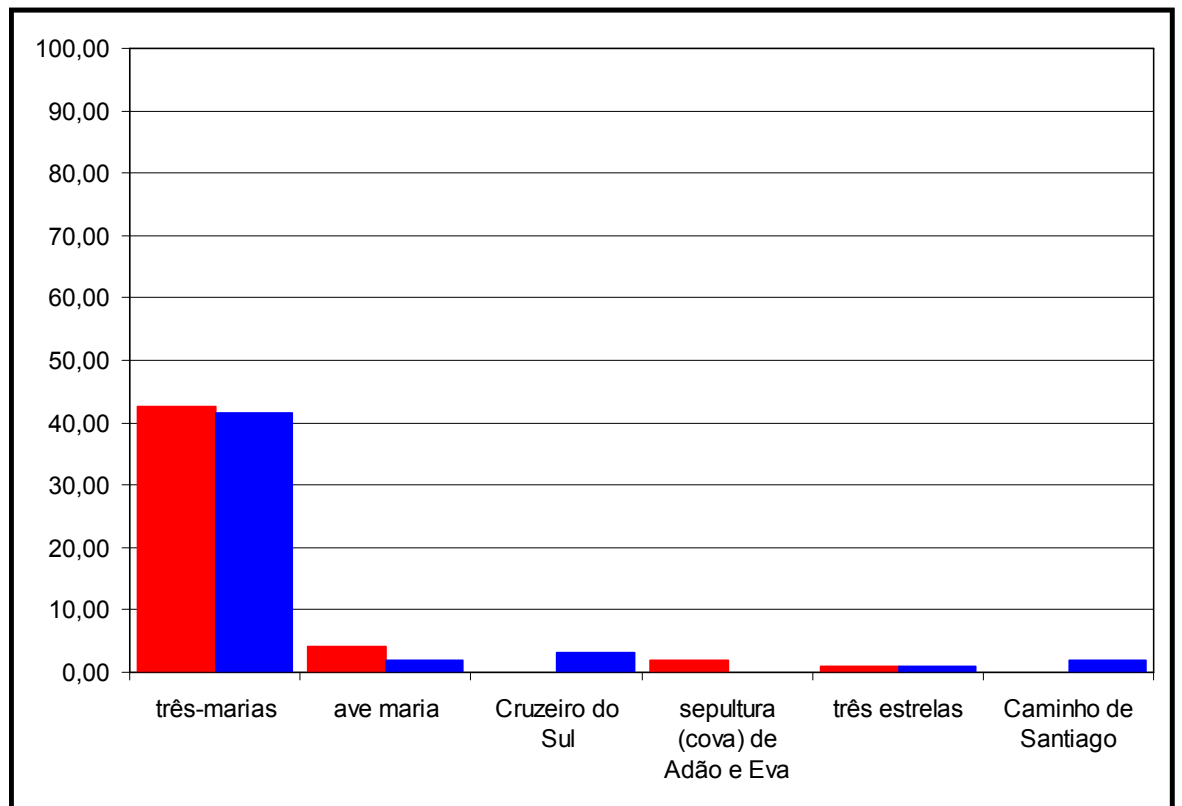


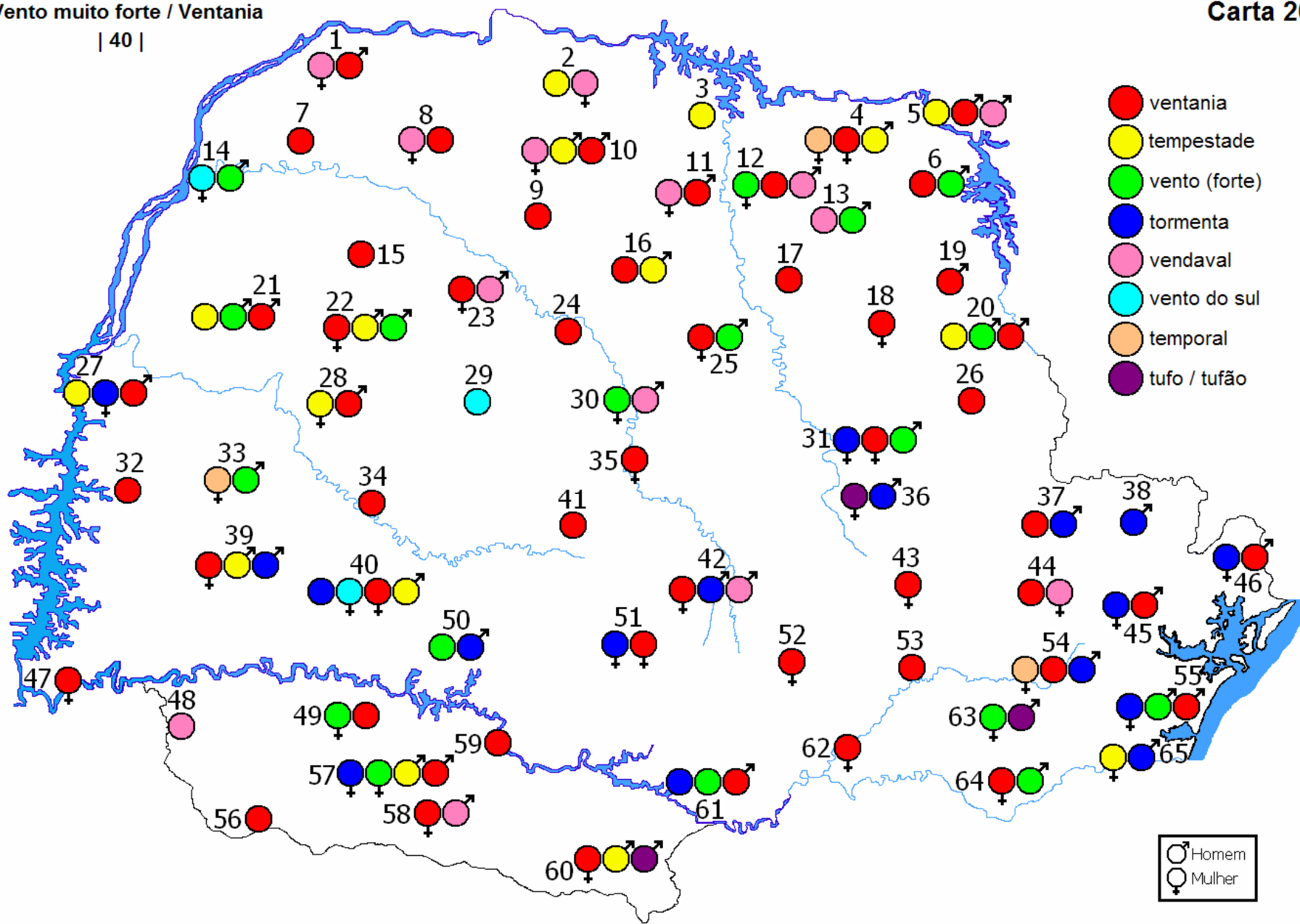
Carta 203 (118 ocorrências)	Mulher	Homem
círculo da lua	57 (48,30%)	56 (47,45%)
arco / arco-íris	3 (2,55%)	2 (1,70%)





Carta 204 (96 ocorrências)	Mulher	Homem
três-marias	41 (42,70%)	40 (41,66%)
ave maria	4 (4,16%)	2 (2,09%)
Cruzeiro do Sul	0	3 (3,13%)
sepultura (cova) de Adão e Eva	2 (2,09%)	0
três estrelas	1 (1,04%)	1 (1,04%)
Caminho de Santiago	0	2 (2,09%)



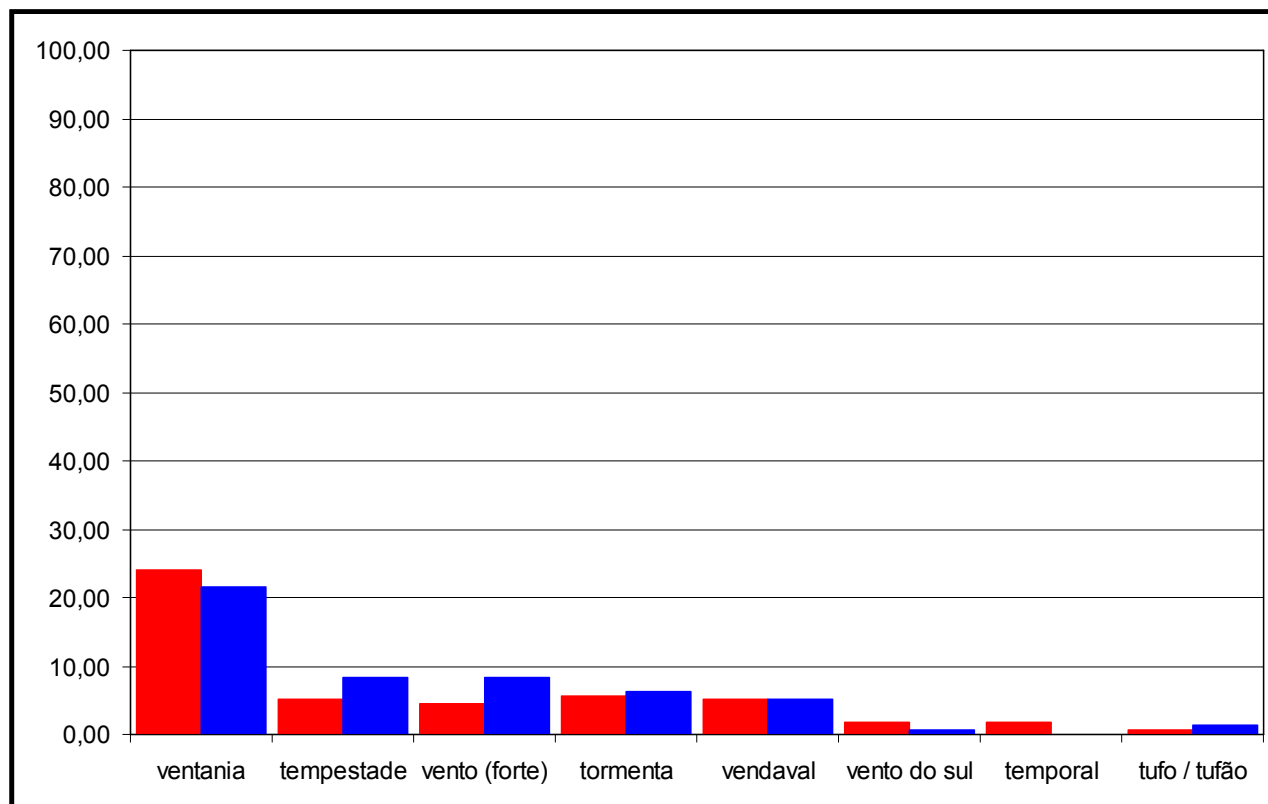


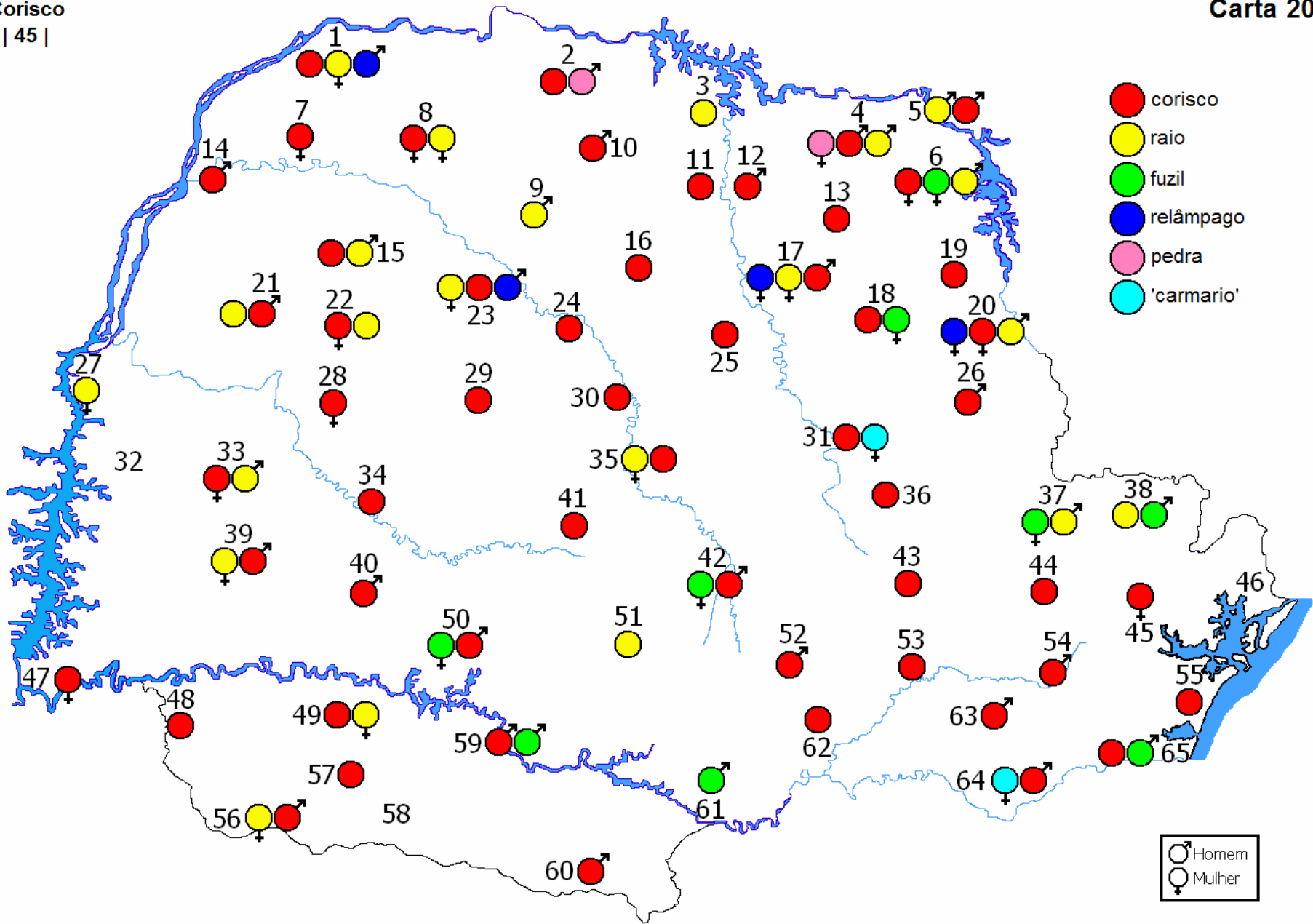
Ocorrências Únicas – Carta 205

Ponto 52 – Inf. B: Ventarola

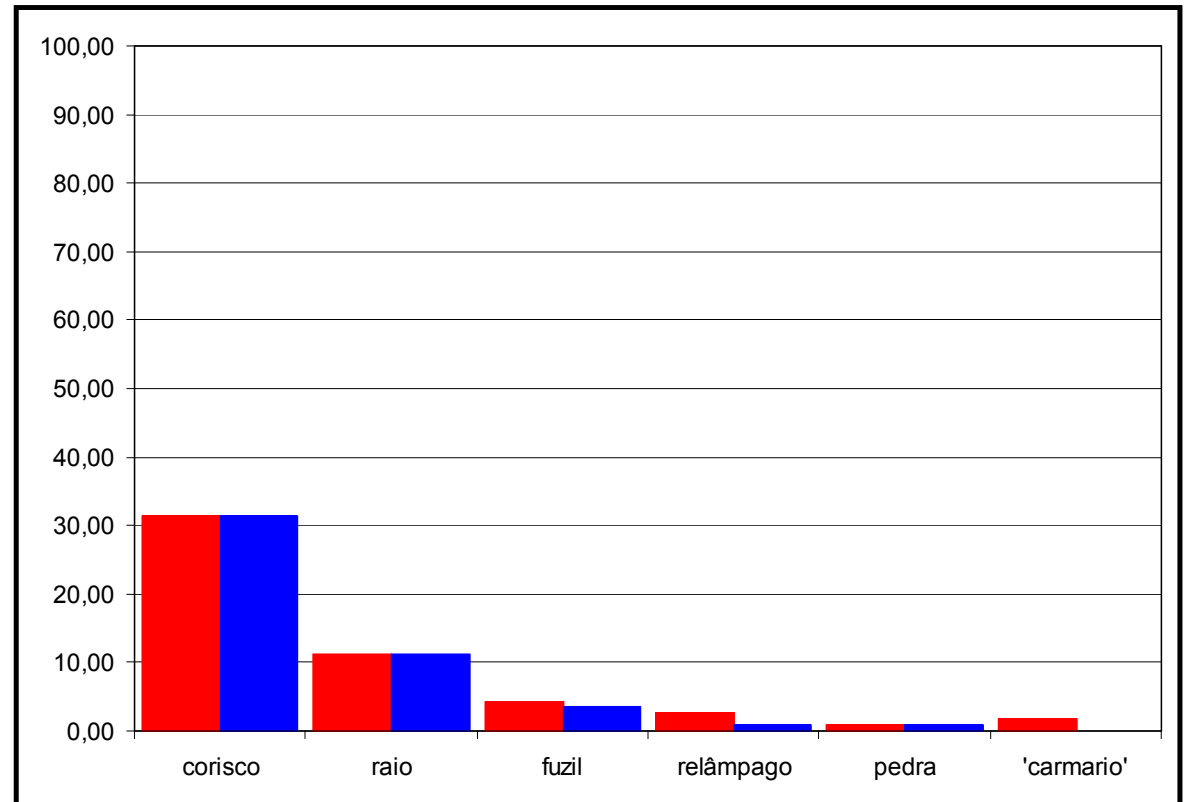
Ponto 22 – Inf. B: Pé de vento

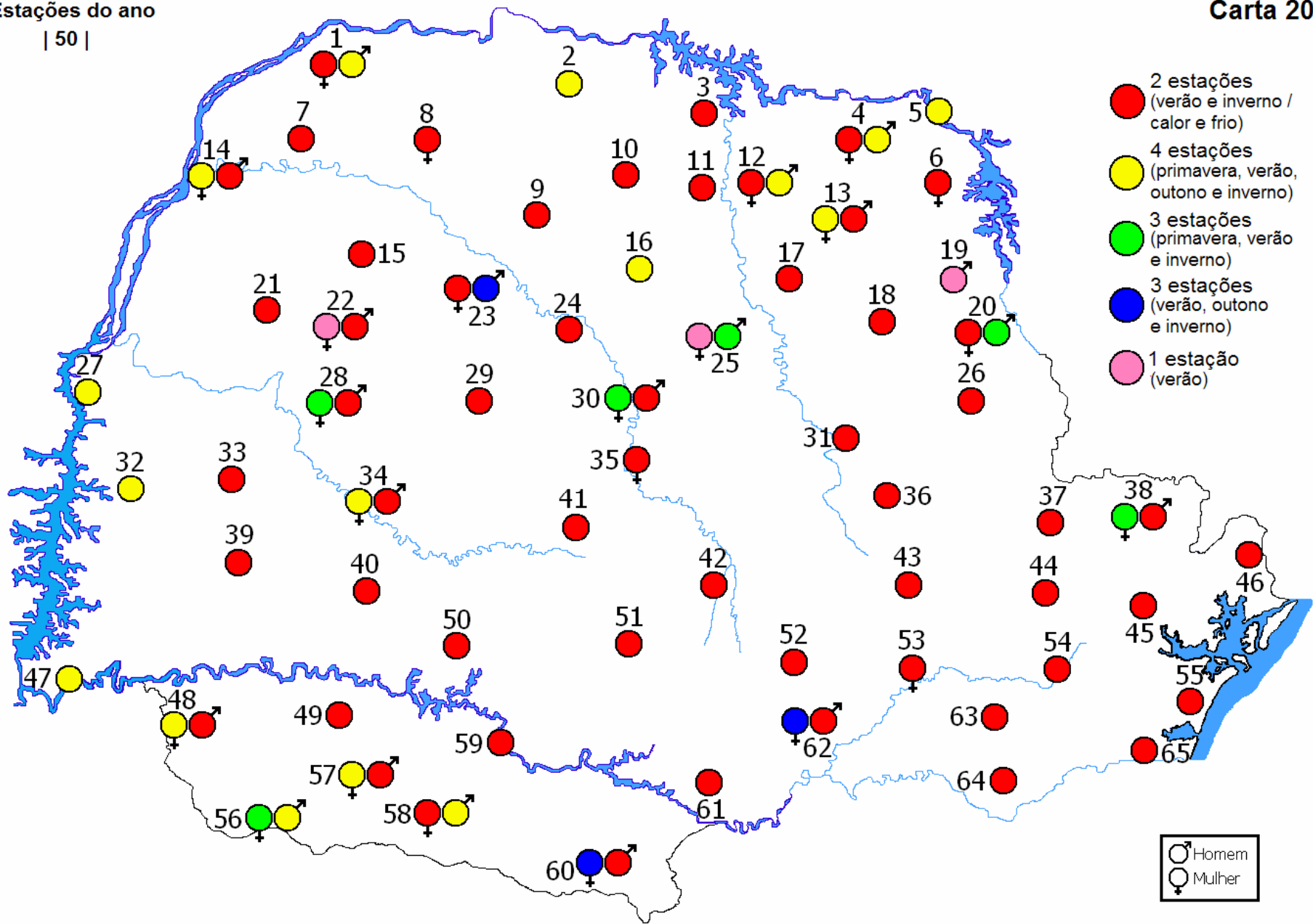
Carta 205 (158 ocorrências)	Mulher	Homem
ventania	38 (24,06%)	34 (21,52%)
tempestade	8 (5,06%)	13 (8,23%)
vento (forte)	7 (4,43%)	13 (8,23%)
tormenta	9 (5,69%)	10 (6,32%)
vendaval	8 (5,06%)	8 (5,06%)
vento do sul	3 (1,90%)	1 (0,64%)
temporal	3 (1,90%)	0
tufo / tufão	1 (0,64%)	2 (1,26%)





Carta 206 (115 ocorrências)	Mulher	Homem
corisco	36 (31,30%)	36 (31,30%)
raio	13 (11,31%)	13 (11,31%)
fuzil	5 (4,34%)	4 (3,48%)
relâmpago	3 (2,61%)	1 (0,87%)
pedra	1 (0,87%)	1 (0,87%)
carmario	2 (1,74%)	0

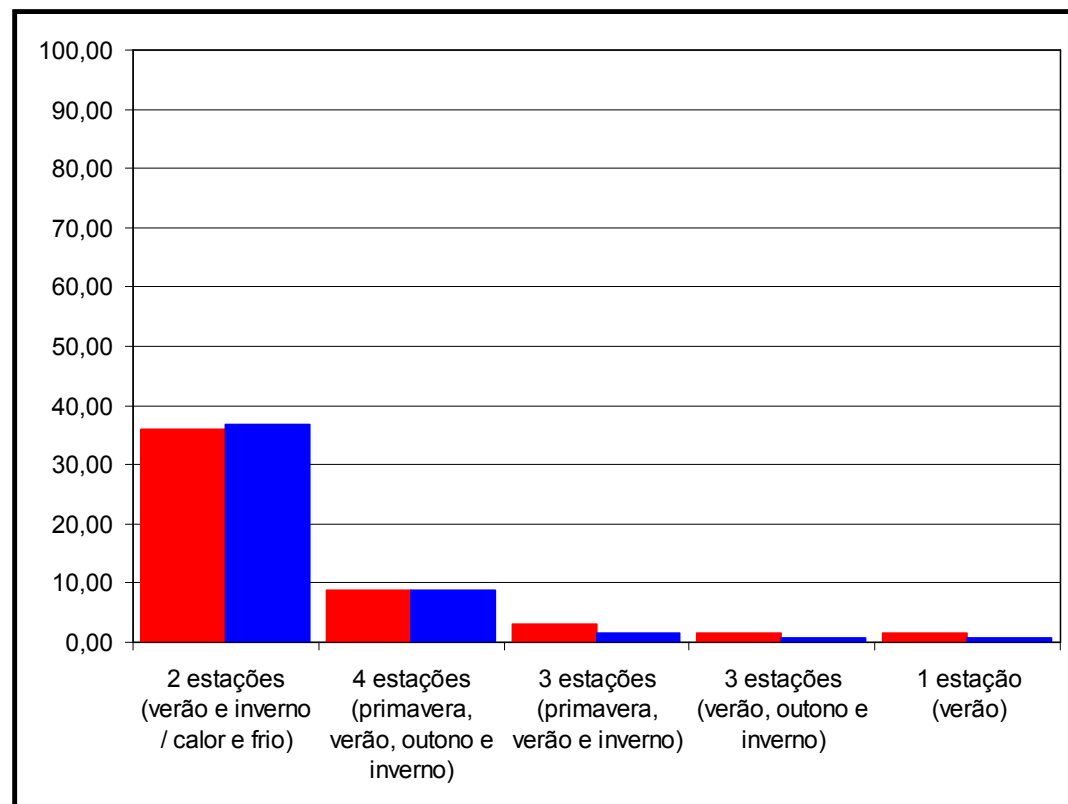


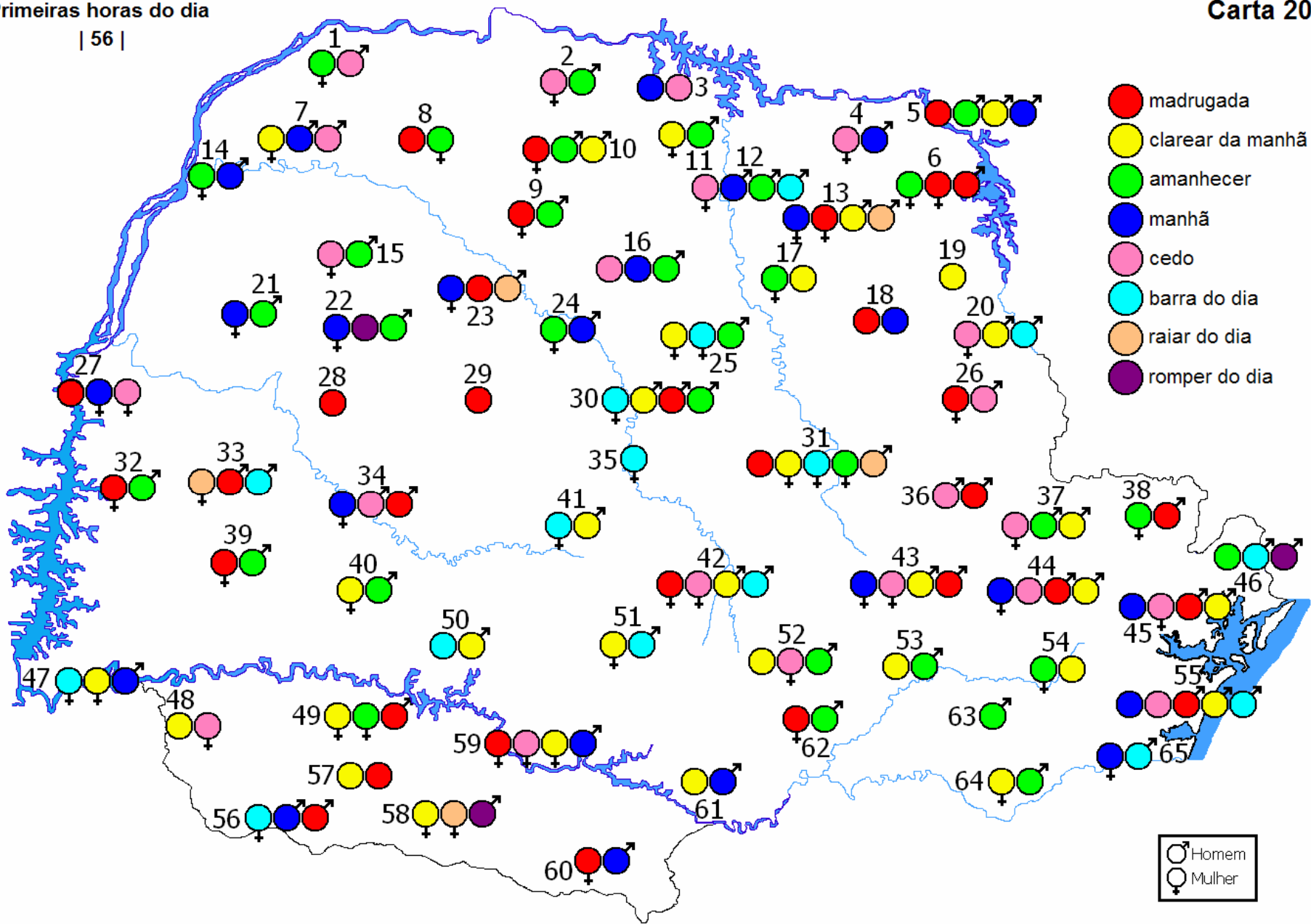


Ocorrências Únicas – Carta 207

Ponto 05 – Inf. B: Parte da seca,
parte das águas
Ponto 06 – Inf. B: Têm fases
Ponto 08 – Inf. B: Primavera, verão
Ponto 19 – Inf. A: Frio
Ponto 39 – Inf. A: Seca

Carta 207 (125 ocorrências)	Mulher	Homem
2 estações (verão e inverno / calor e frio)	45 (36,00%)	46 (36,80%)
4 estações (primavera, verão, outono e inverno)	11 (8,80%)	11 (8,80%)
3 estações (primavera, verão e inverno)	4 (3,20%)	2 (1,60%)
3 estações (verão, outono e inverno)	2 (1,60%)	1 (0,80%)
1 estação (verão)	2 (1,60%)	1 (0,80%)





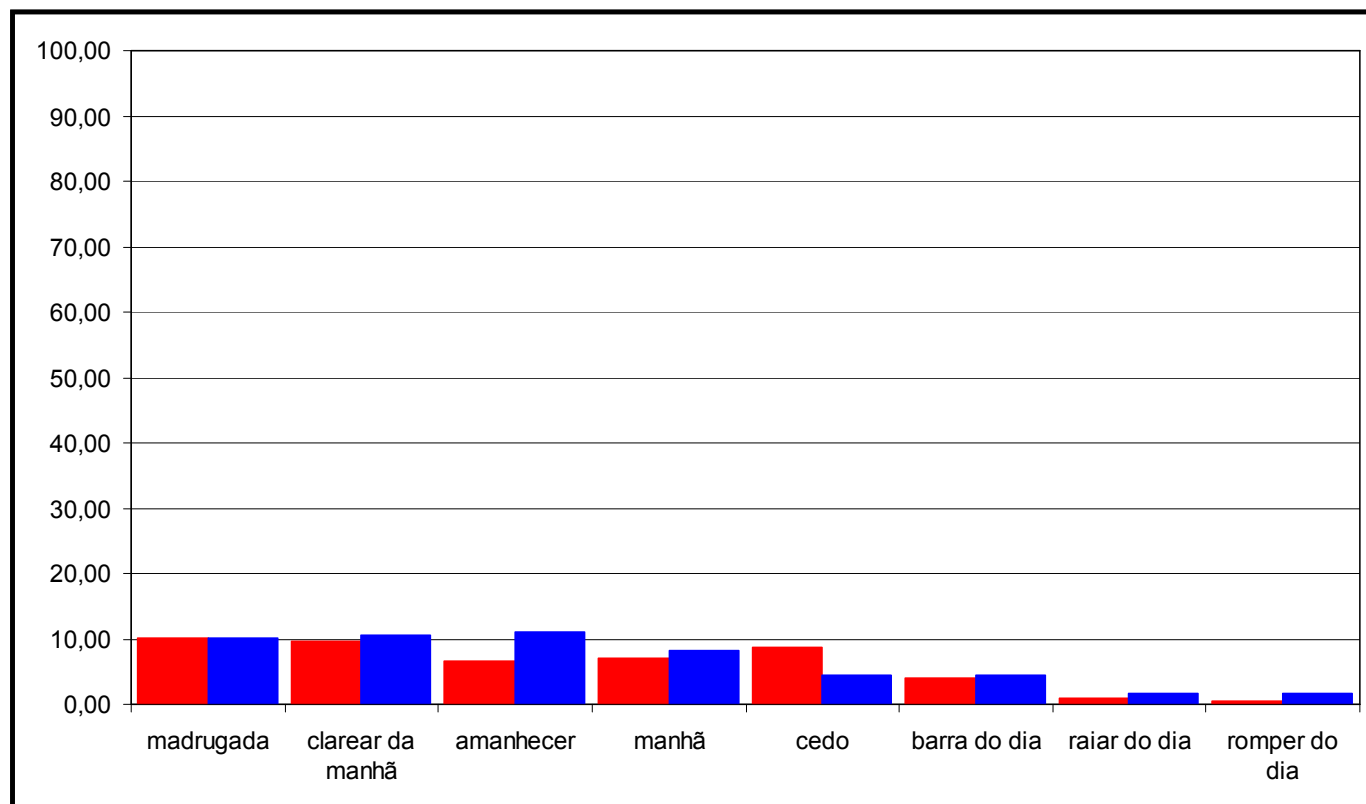
Ocorrências Únicas – Carta 208

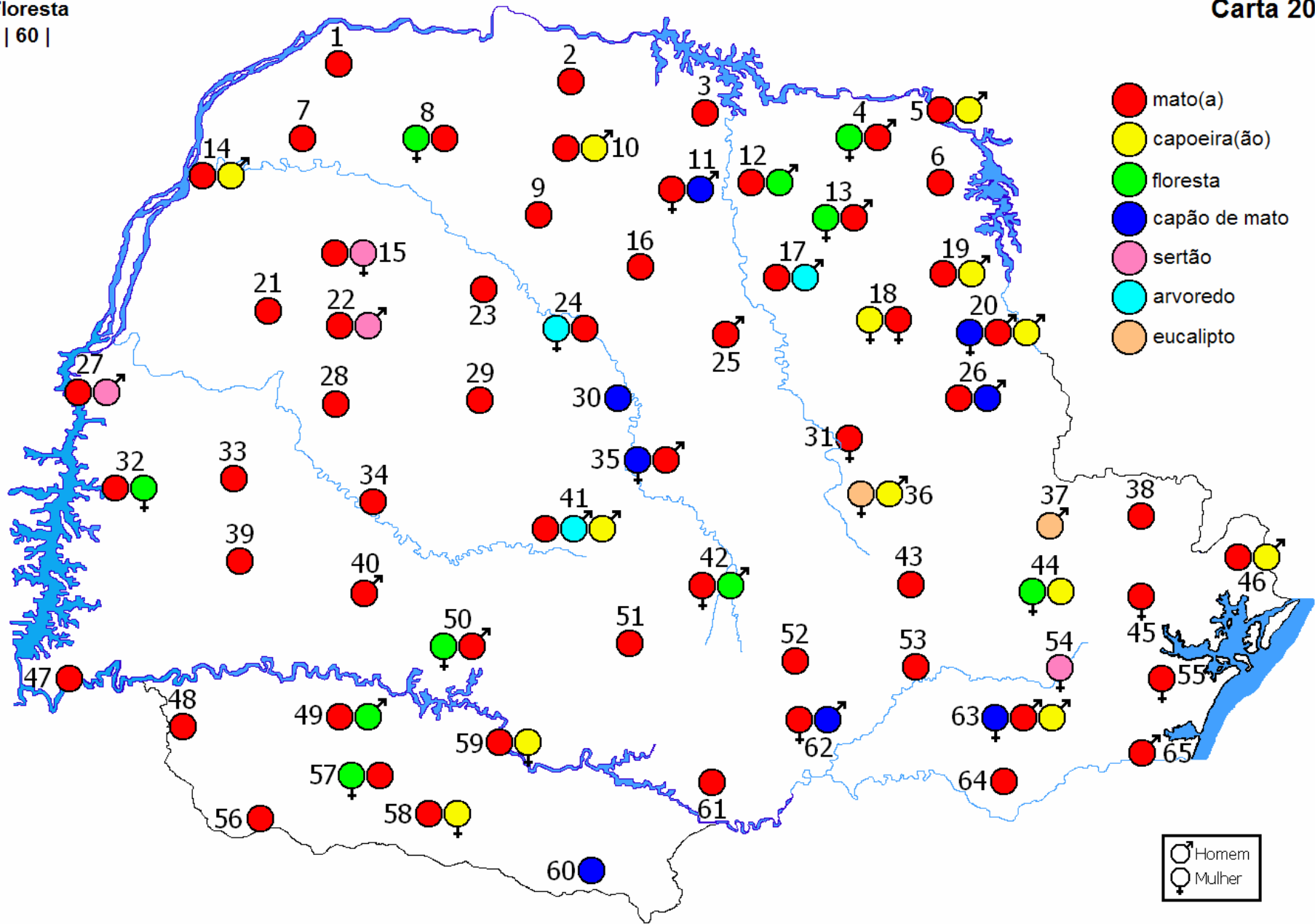
Ponto 45 – Inf. B: Começo do dia

Ponto 55 – Inf. B: Levantar do dia

Ponto 63 – Inf. A: Começa a esquentar o sol

Carta 208 (197 ocorrências)	Mulher	Homem
madrugada	20 (10,15%)	20 (10,15%)
clarear da manhã	19 (9,65%)	21 (10,65%)
amanhecer	13 (6,60%)	22 (11,16%)
manhã	14 (7,10%)	16 (8,12%)
cedo	17 (8,62%)	9 (4,56%)
barra do dia	8 (4,06%)	9 (4,56%)
raiar do dia	2 (1,02%)	3 (1,54%)
romper do dia	1 (0,52%)	3 (1,54%)



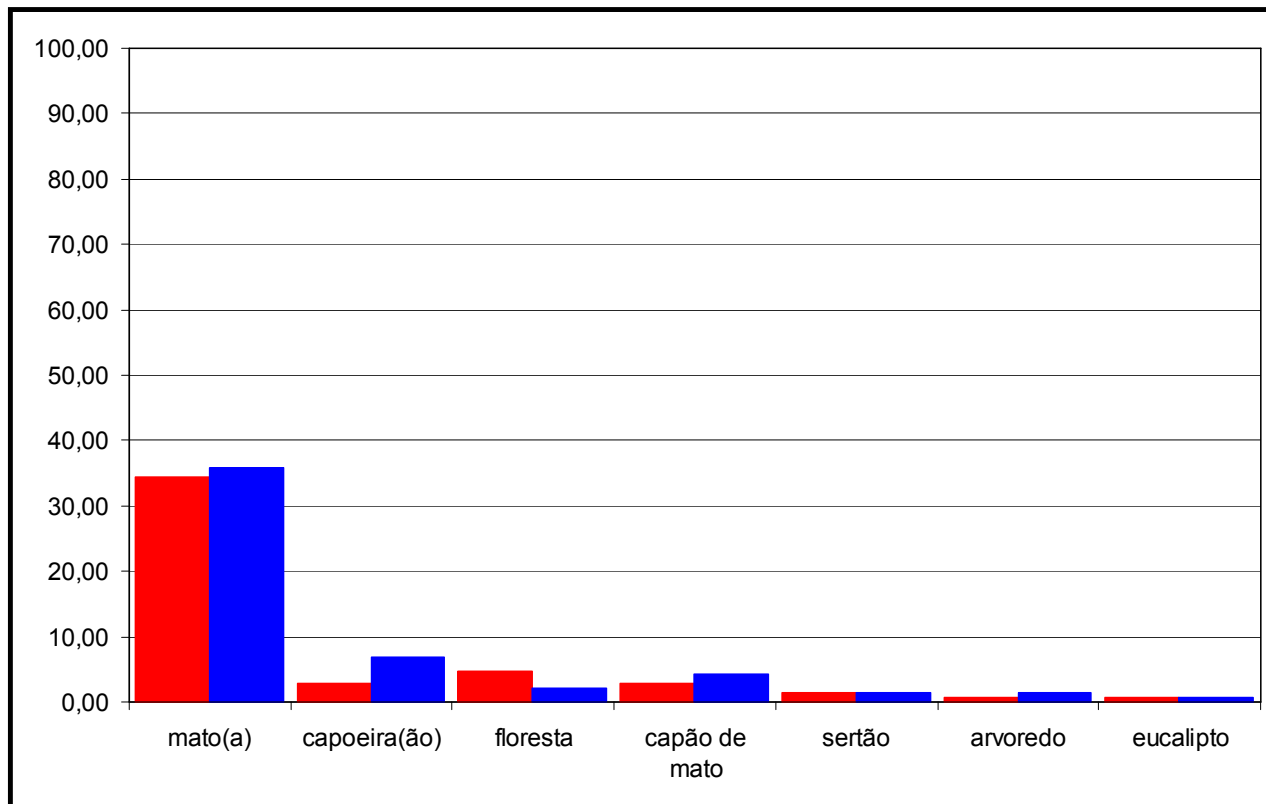


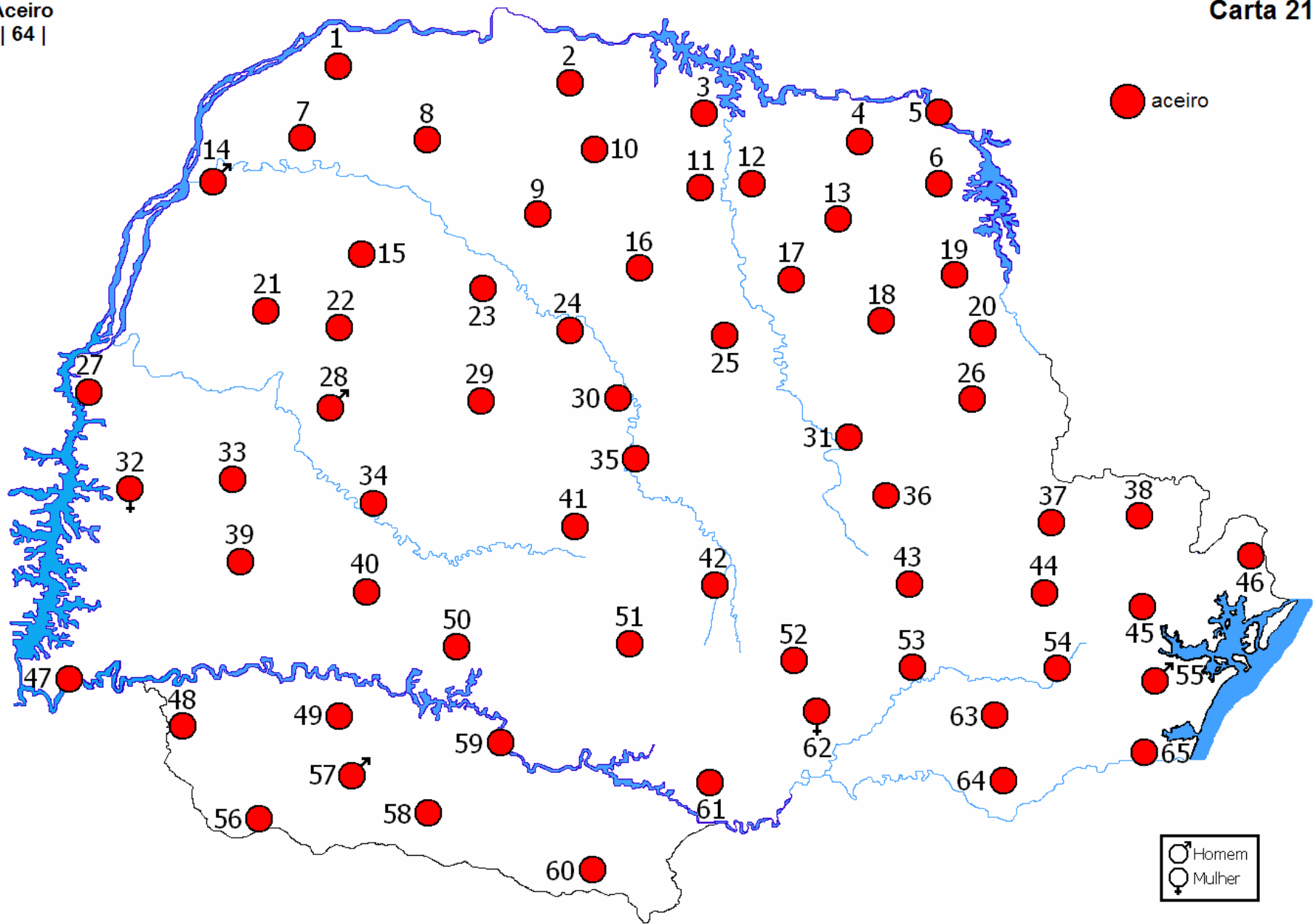
Ocorrências Únicas – carta 209

Ponto 31 – Inf. B: Alto de terra virgem

Ponto 40 – Inf. A: Terreno virgem / pinhal

Carta 209 (145 ocorrências)	Mulher	Homem
mato(a)	50 (34,48%)	52 (35,86)
capoeira(ão)	4 (2,76%)	10 (6,90%)
floresta	7 (4,83%)	3 (2,07%)
capão de mato	4 (2,76%)	6 (4,13%)
sertão	2 (1,38%)	2 (1,38%)
arvoredo	1 (0,69%)	2 (1,38%)
eucalipto	1 (0,69%)	1 (0,69%)

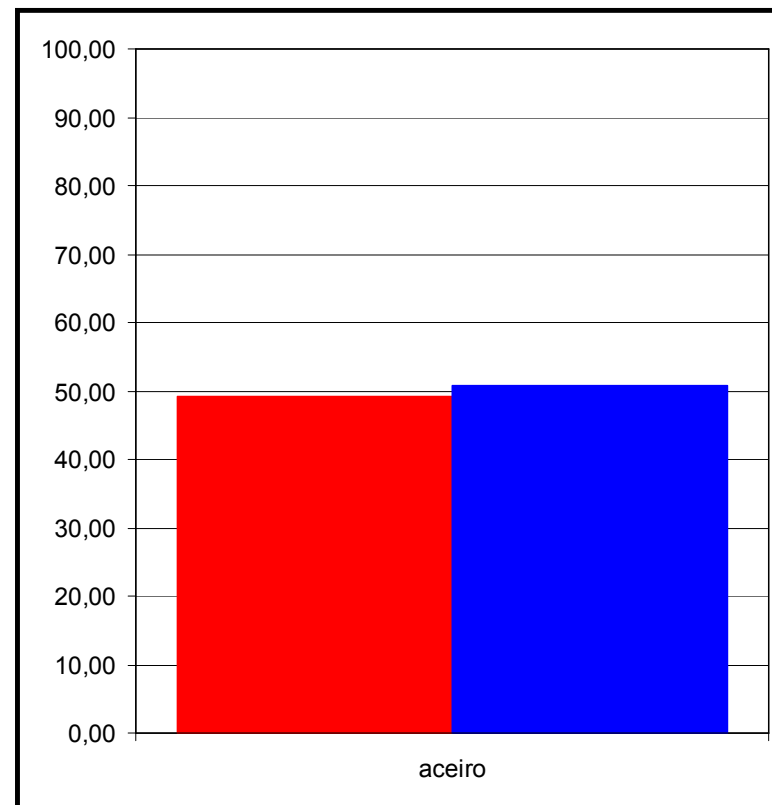


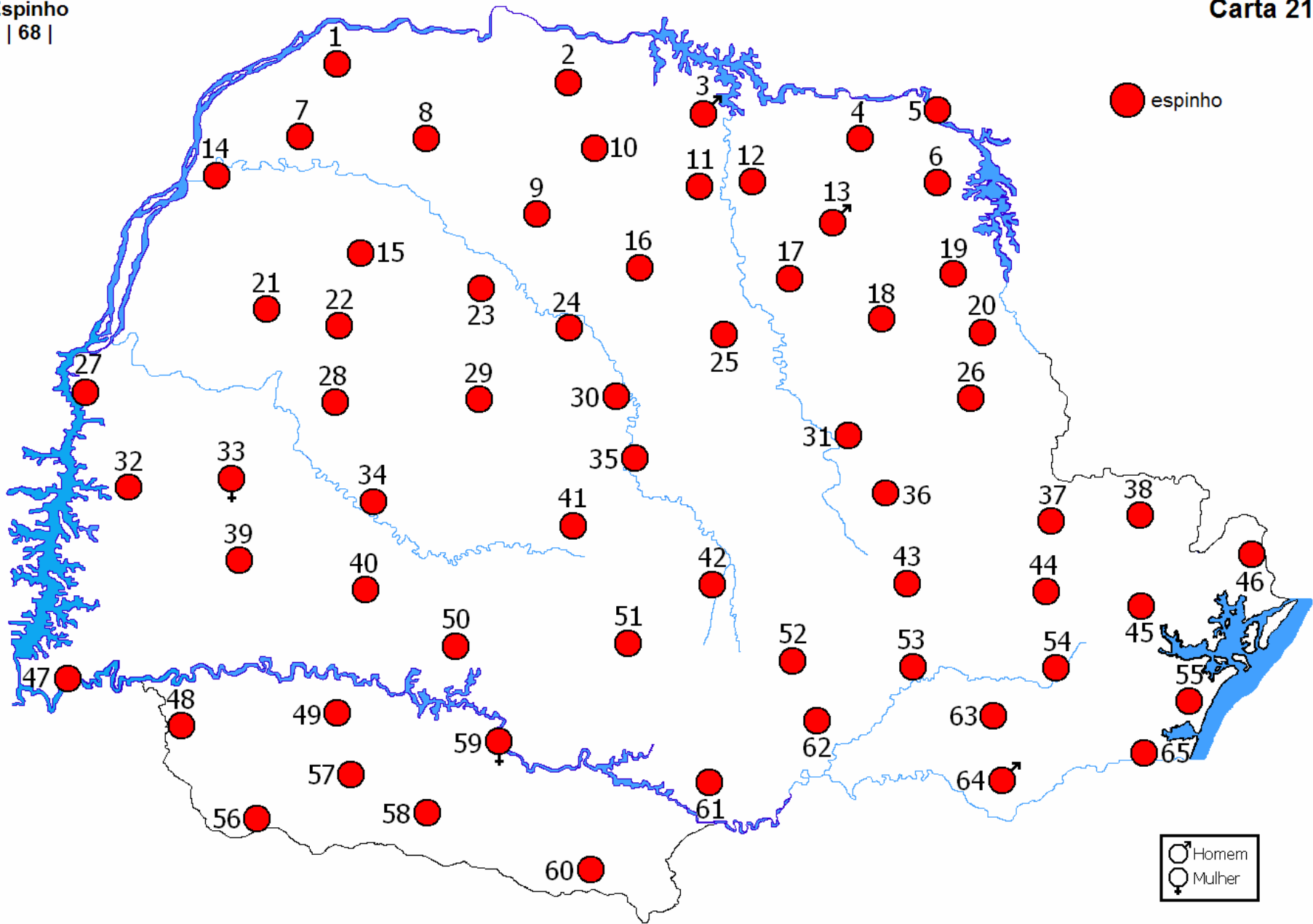


Ocorrências Únicas – carta 210

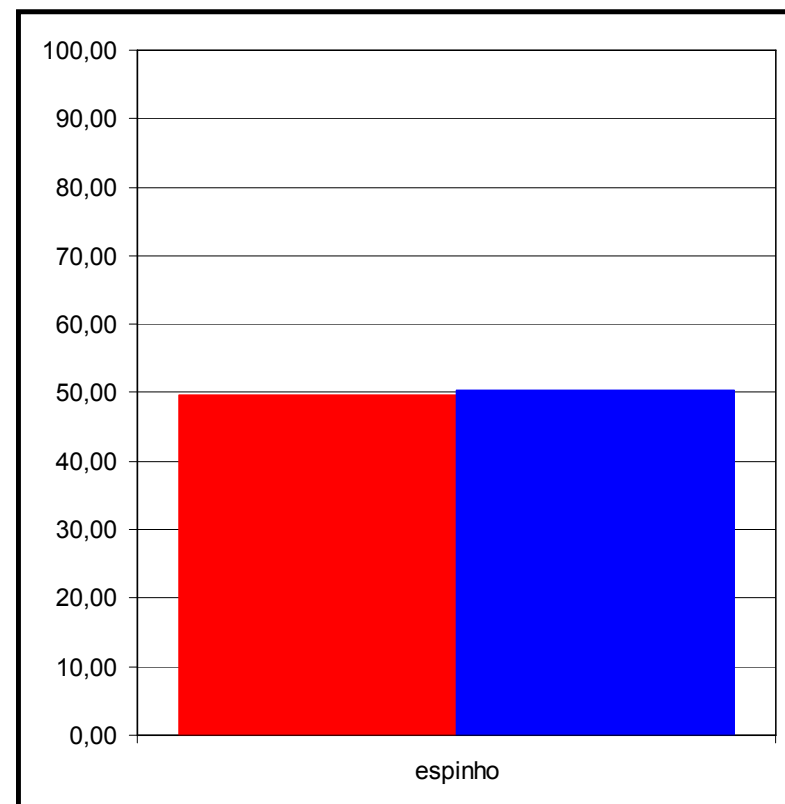
- Ponto 14 – Inf. A: Derrubada
- Ponto 32 – Inf. B: 'Escoivaração' / Picada
- Ponto 32 – Inf. B: Beirada
- Ponto 48 – Inf. A: Sagia
- Ponto 55 – Inf. A: Coivara / Fogueira
- Ponto 57 – Inf. A: Roçada, Calheira

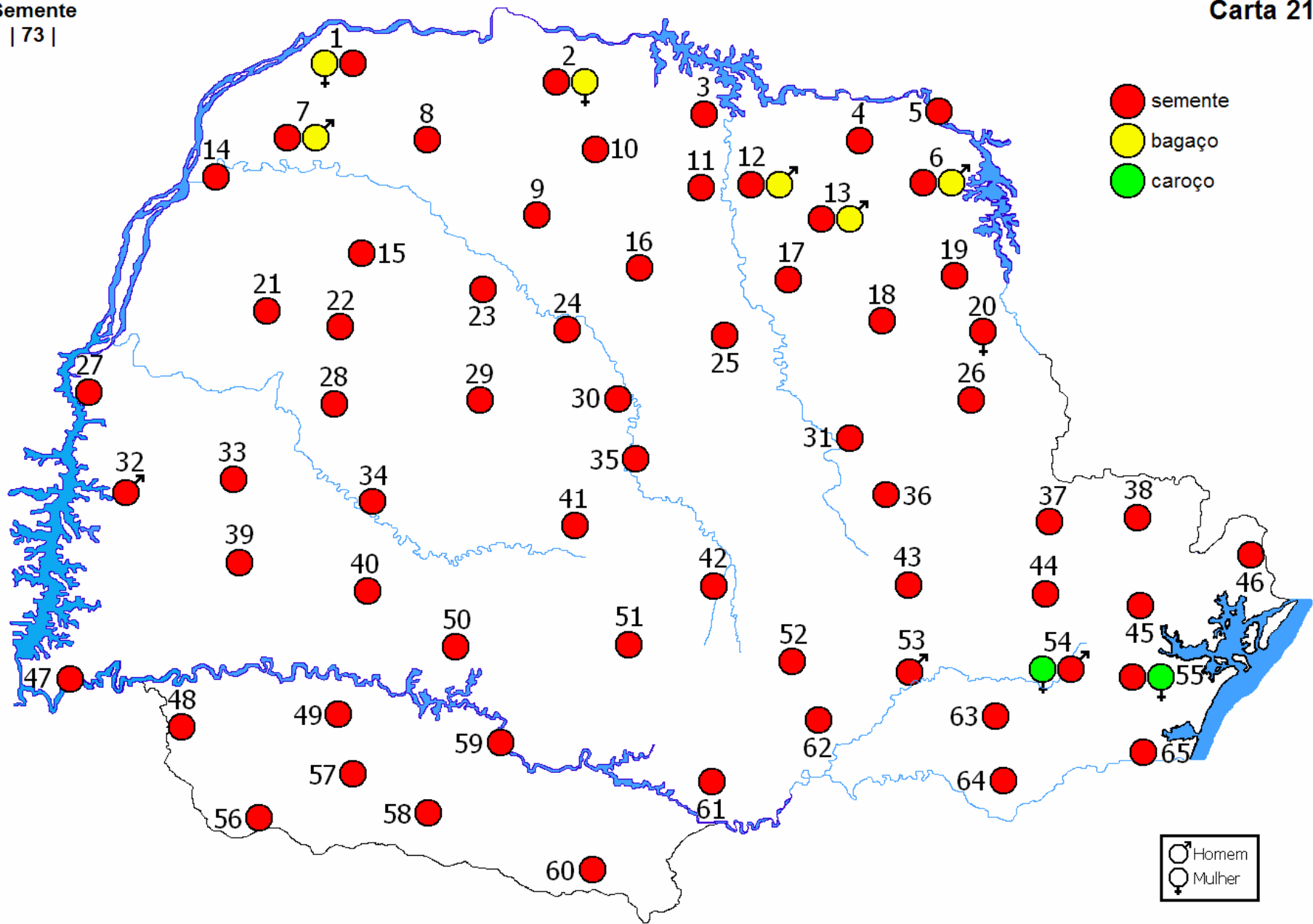
Carta 210 (124 ocorrências)	Mulher	Homem
aceiro	61 (49,20%)	63 (50,80%)





Carta 211 (125 ocorrências)	Mulher	Homem
espinho	62 (49,60%)	63 (50,40%)



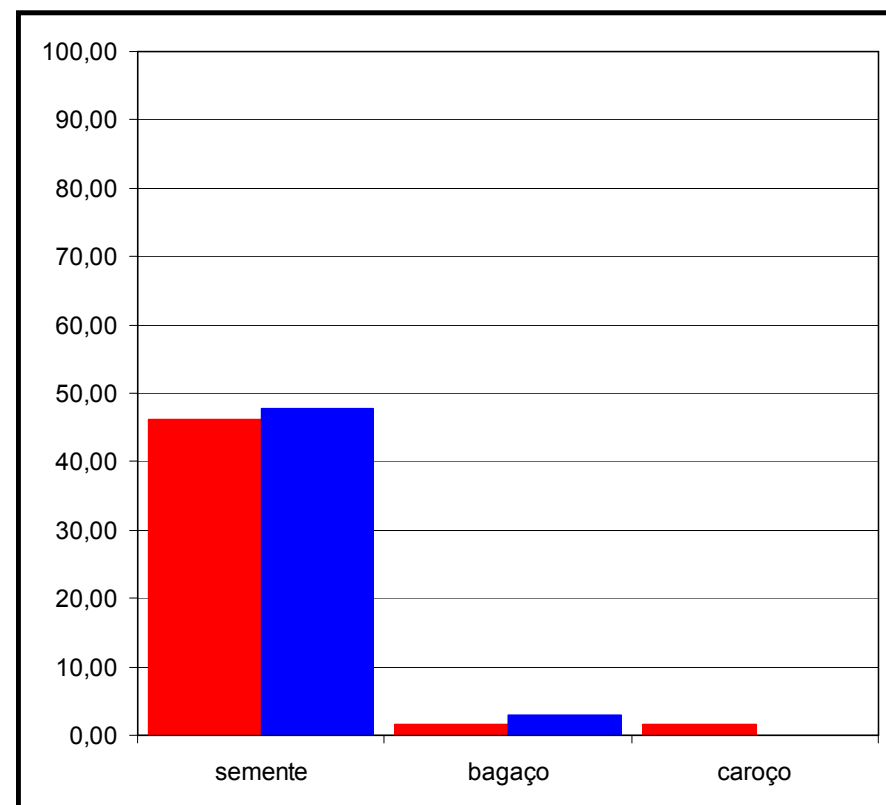


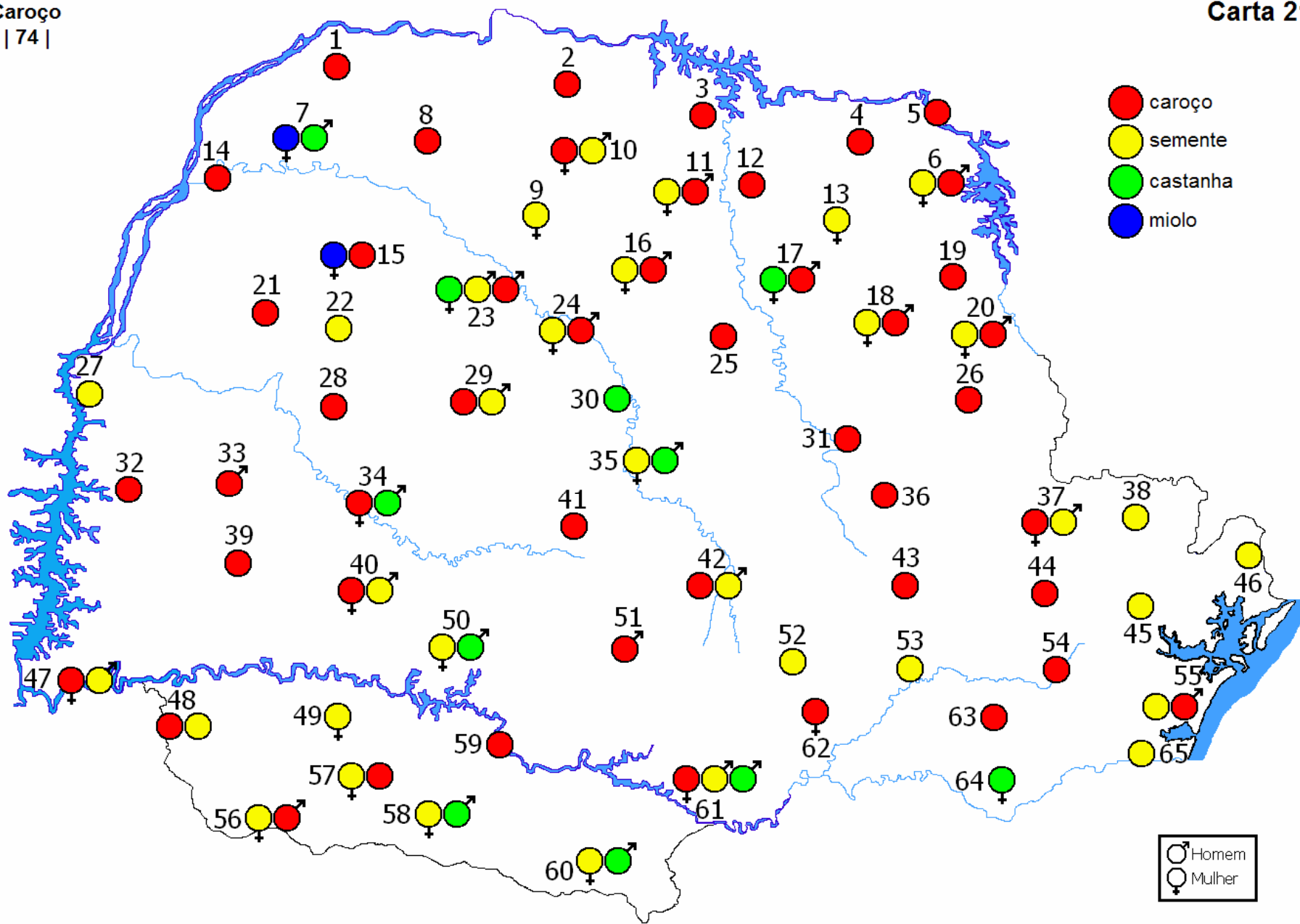
Ocorrências Únicas – Carta 212

Ponto 32 – Inf. A: Crau

Ponto 64 – Inf. A: Espinho

Carta 212 (134 ocorrências)	Mulher	Homem
semente	62 (46,27%)	64 (47,77)
bagaço	2 (1,49%)	4 (1,49%)
caroço	2 (1,49%)	0





Ocorrências Únicas – Carta 213

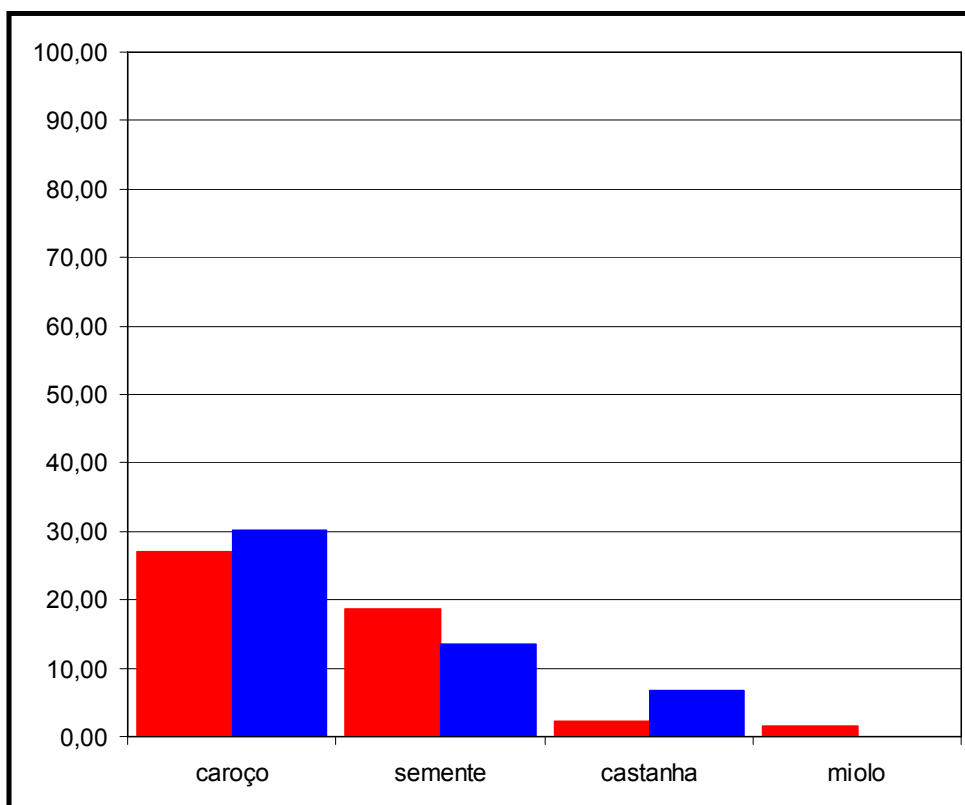
Ponto 07 – Inf. A: Osso

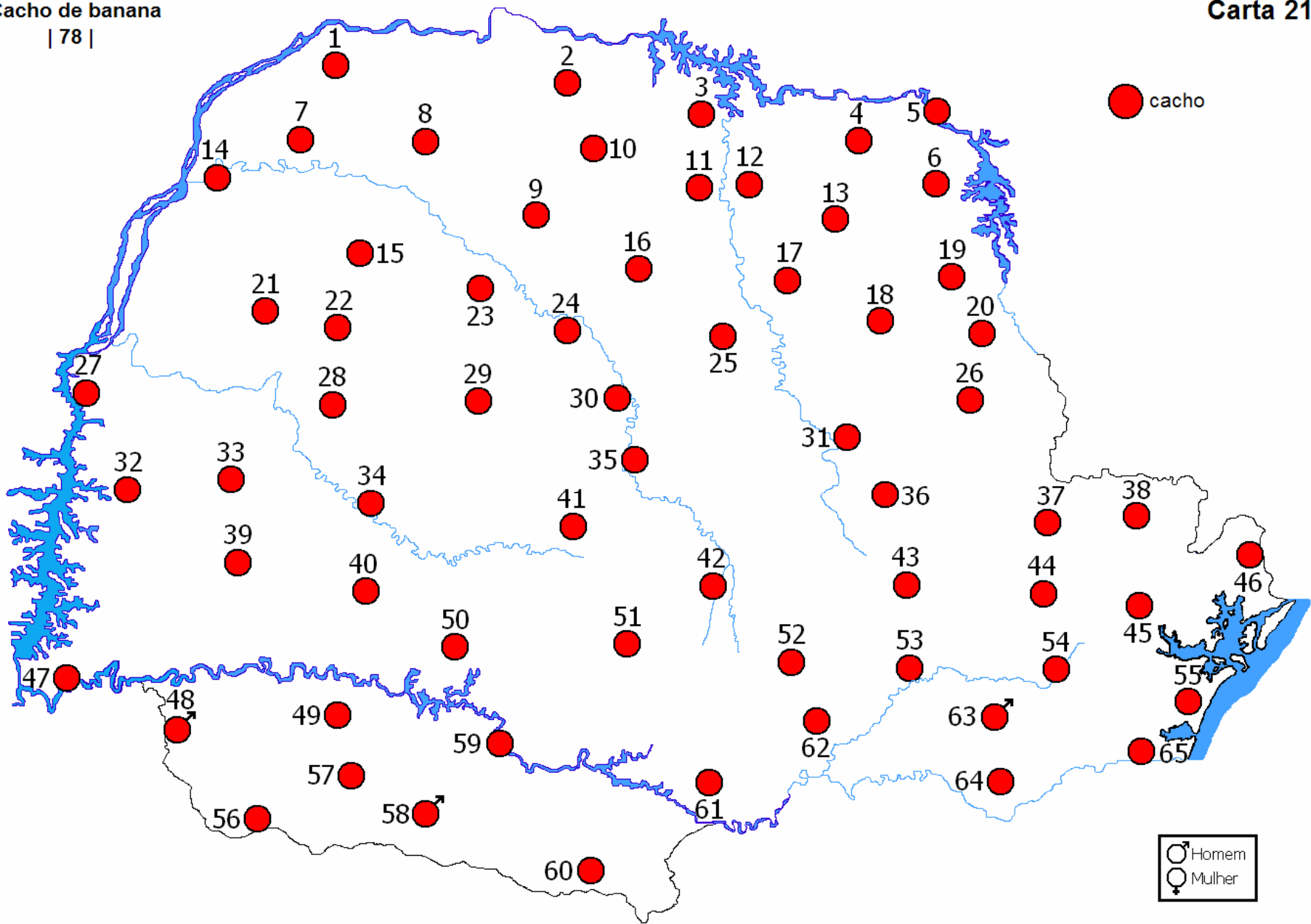
Ponto 15 – Inf. A: Espinho

Ponto 32 – Inf. A: Crau (crou)

Ponto 49 – Inf. A: Amêndoa

Carta 213 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
caroço	36 (27,07%)	40 (30,08)
semente	25 (18,80%)	18 (13,53%)
castanha	3 (2,26%)	9 (6,76%)
miolo	2 (1,50%)	0





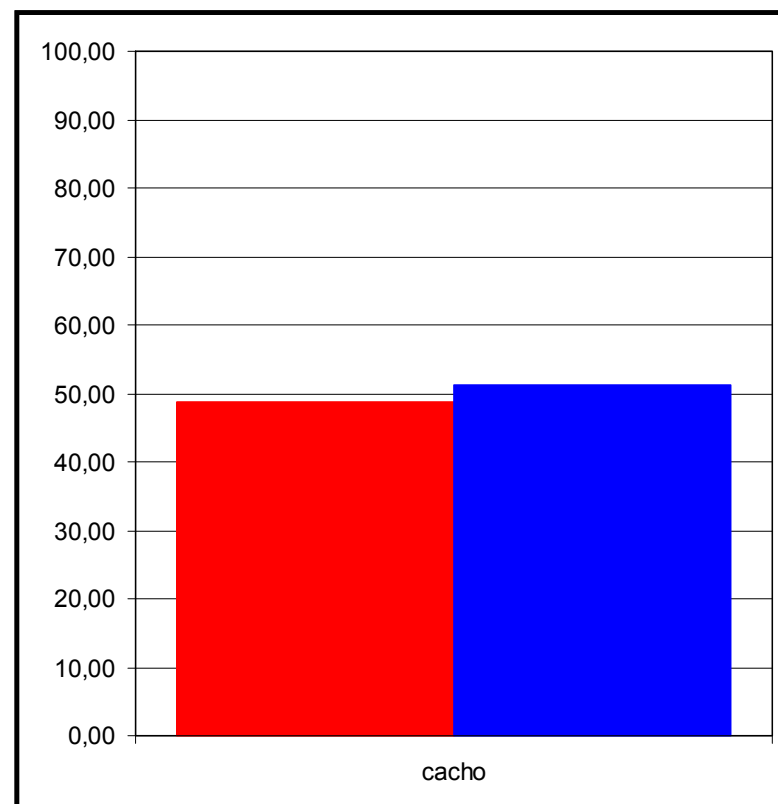
Ocorrências Únicas – Carta 214

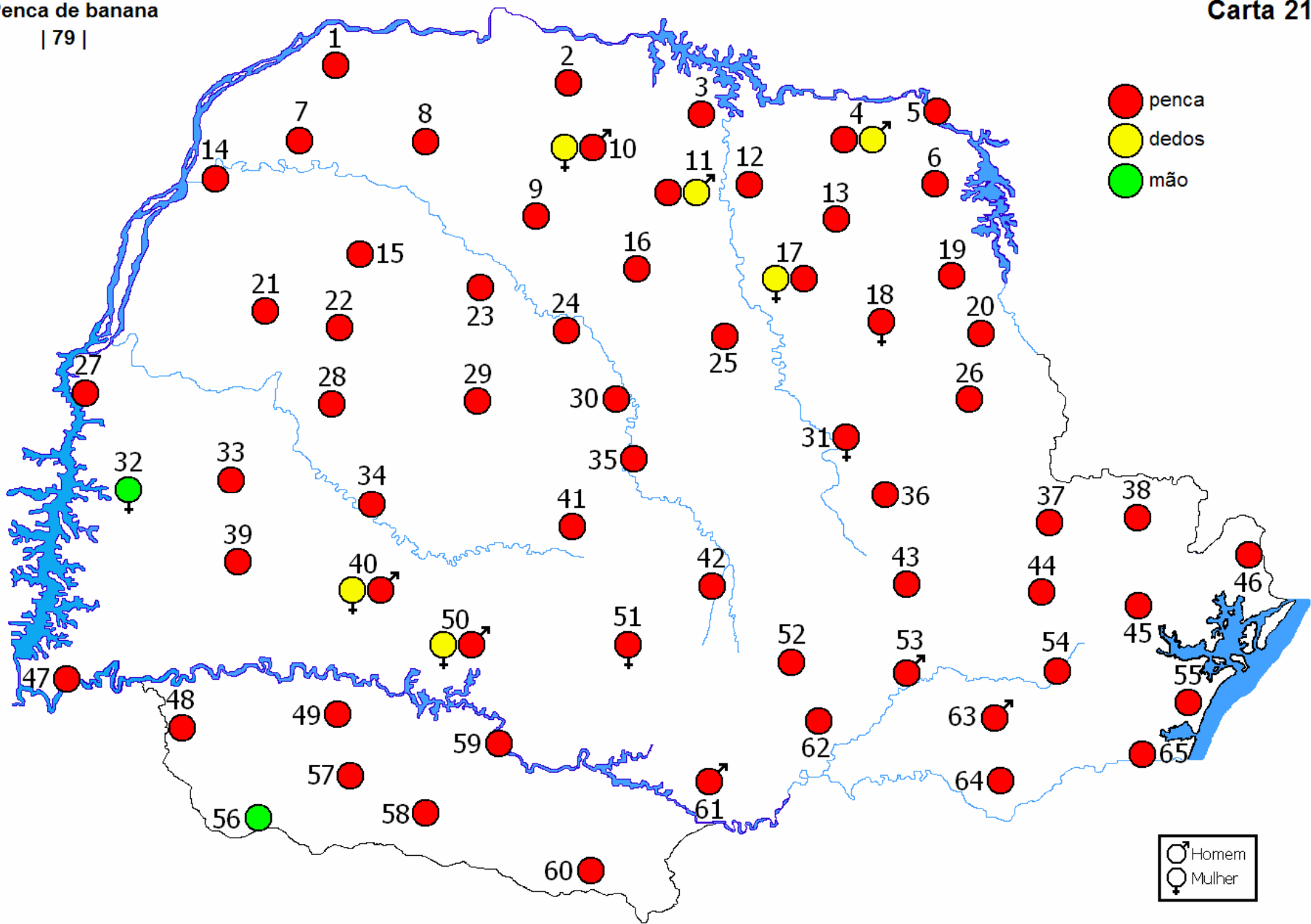
Ponto 46 – Inf. A: Engaço

Ponto 57 – Inf. A: Pitiça

Ponto 63 – Inf. A: Galho

Carta 214 (127 ocorrências)	Mulher	Homem
cache	62 (48,81%)	65 (51,19%)





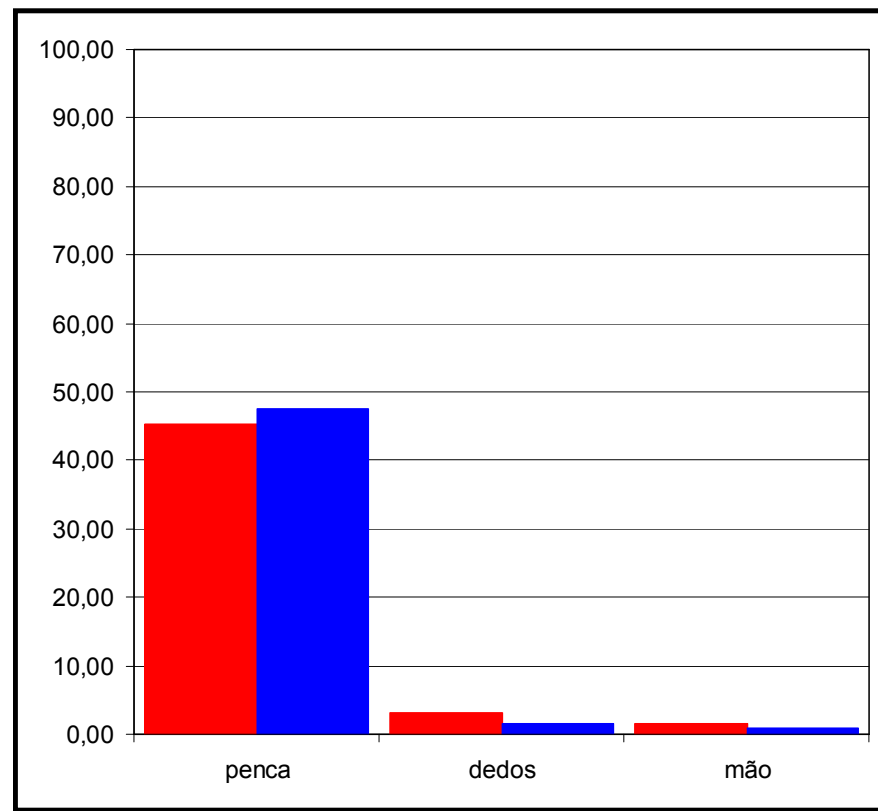
Ocorrências Únicas – Carta 215

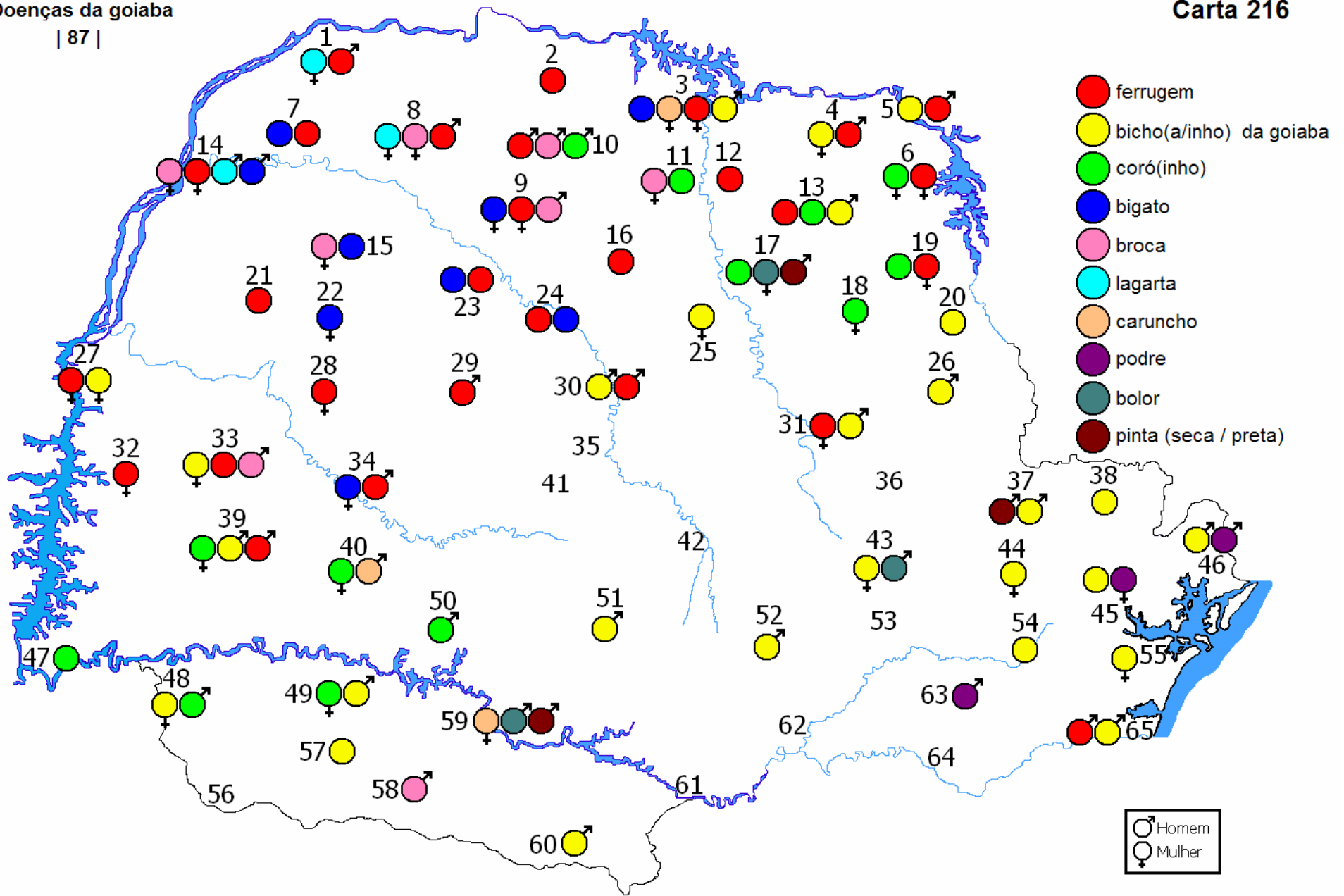
Ponto 12 – Inf. B: Cheio de banana

Ponto 32 – Inf. B: Coroa

Ponto 33 – Inf. B: Palma

Carta 215 (126 ocorrências)	Mulher	Homem
penca	57 (45,23%)	60 (47,62%)
dedos	4 (3,17%)	2 (1,59%)
mão	2 (1,59%)	1 (0,80%)

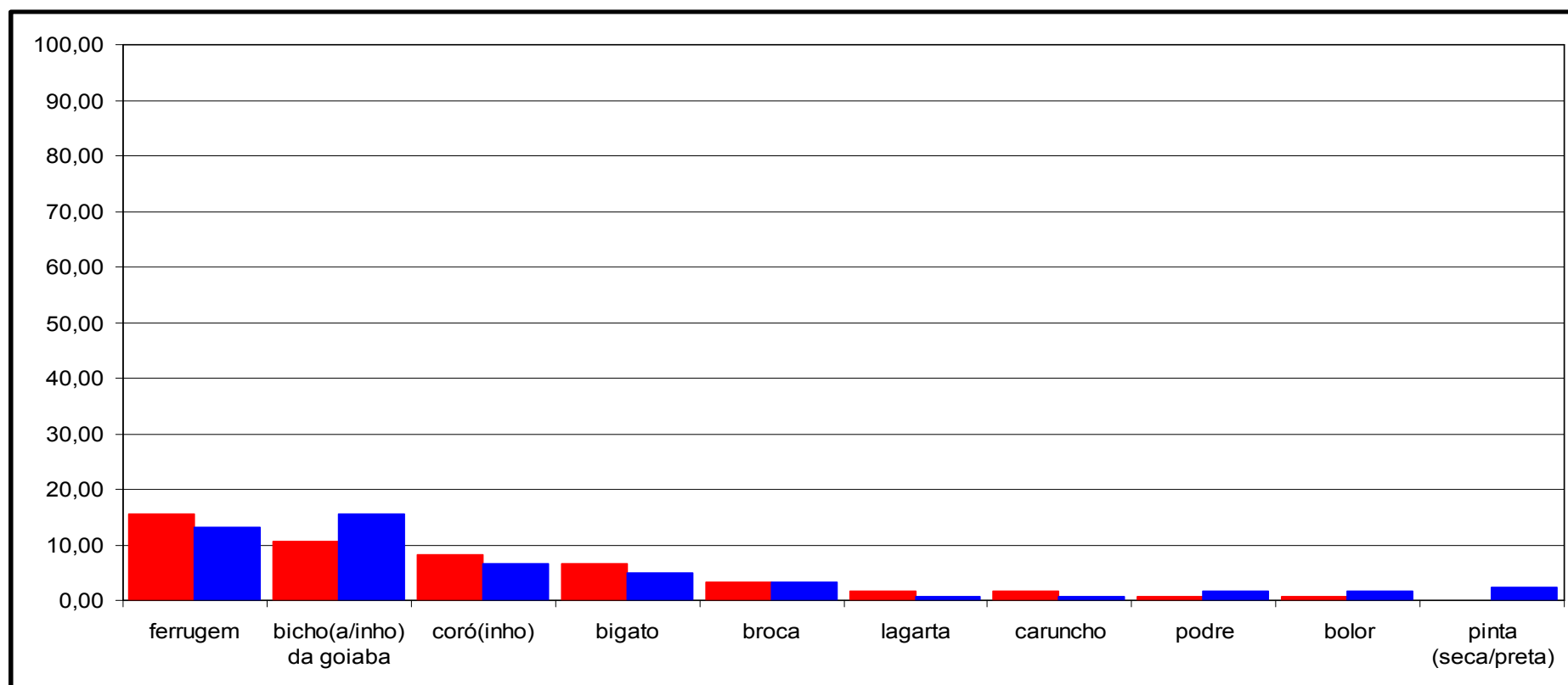


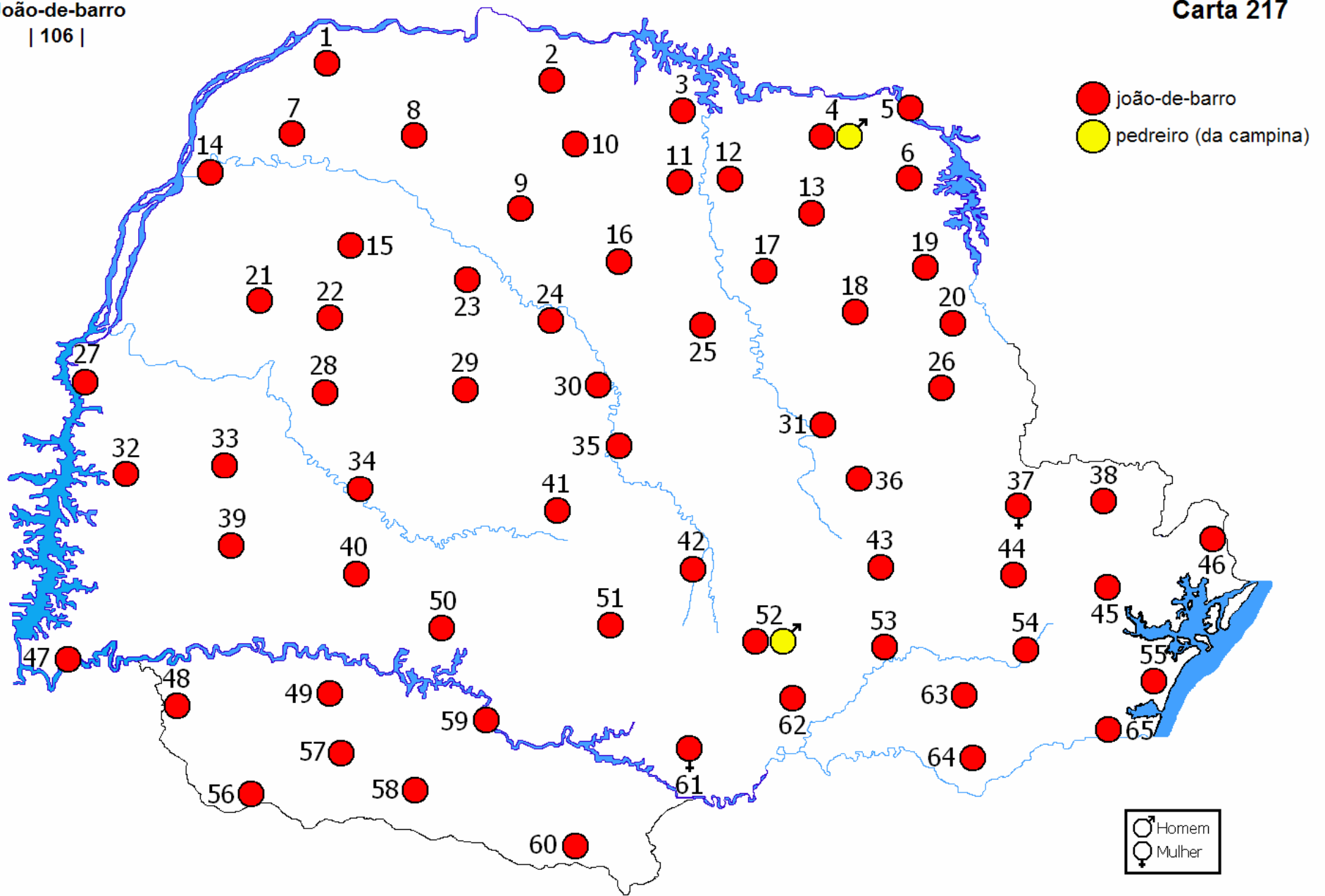


Ocorrências Únicas – Carta 216

Ponto 11 – Inf. B: Mofo
 Ponto 25 – Inf. B: Lobinho
 Ponto 27 – Inf. B: Munsana
 Ponto 31 – Inf. A: Mandoro / Vasinho
 Ponto 35 – Inf. A: Pó branco
 Ponto 43 – Inf. B: Fungos
 Ponto 55 – Inf. B: Falhada
 Ponto 65 – Inf. B: Saporema

Carta 216 (122 ocorrências)	Mulher	Homem
ferrugem	19 (15,57%)	16 (13,11%)
bicho(a/inho) da goiaba	13 (10,65%)	19 (15,57%)
coró(inho)	10 (8,20%)	8 (6,56%)
bigato	8 (6,56%)	6 (4,92%)
broca	4 (3,28%)	4 (3,28%)
lagarta	2 (1,64%)	1 (0,82%)
caruncho	2 (1,64%)	1 (0,82%)
podre	1 (0,82%)	2 (1,64%)
bolor	1 (0,82%)	2 (1,64%)
pinta (seca/preta)	0	3 (2,46%)



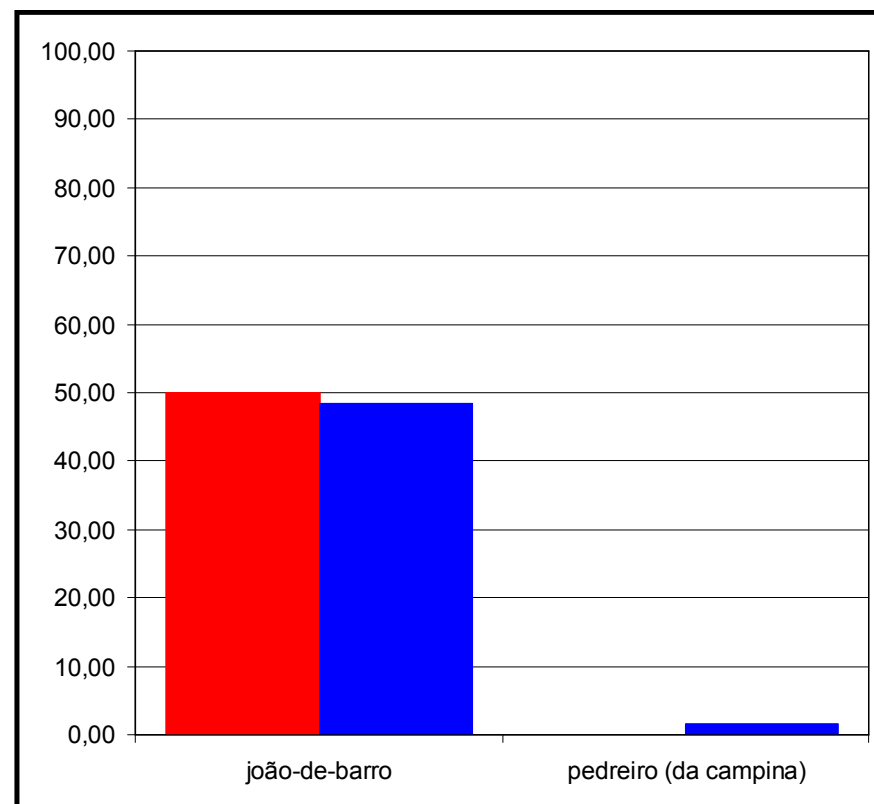


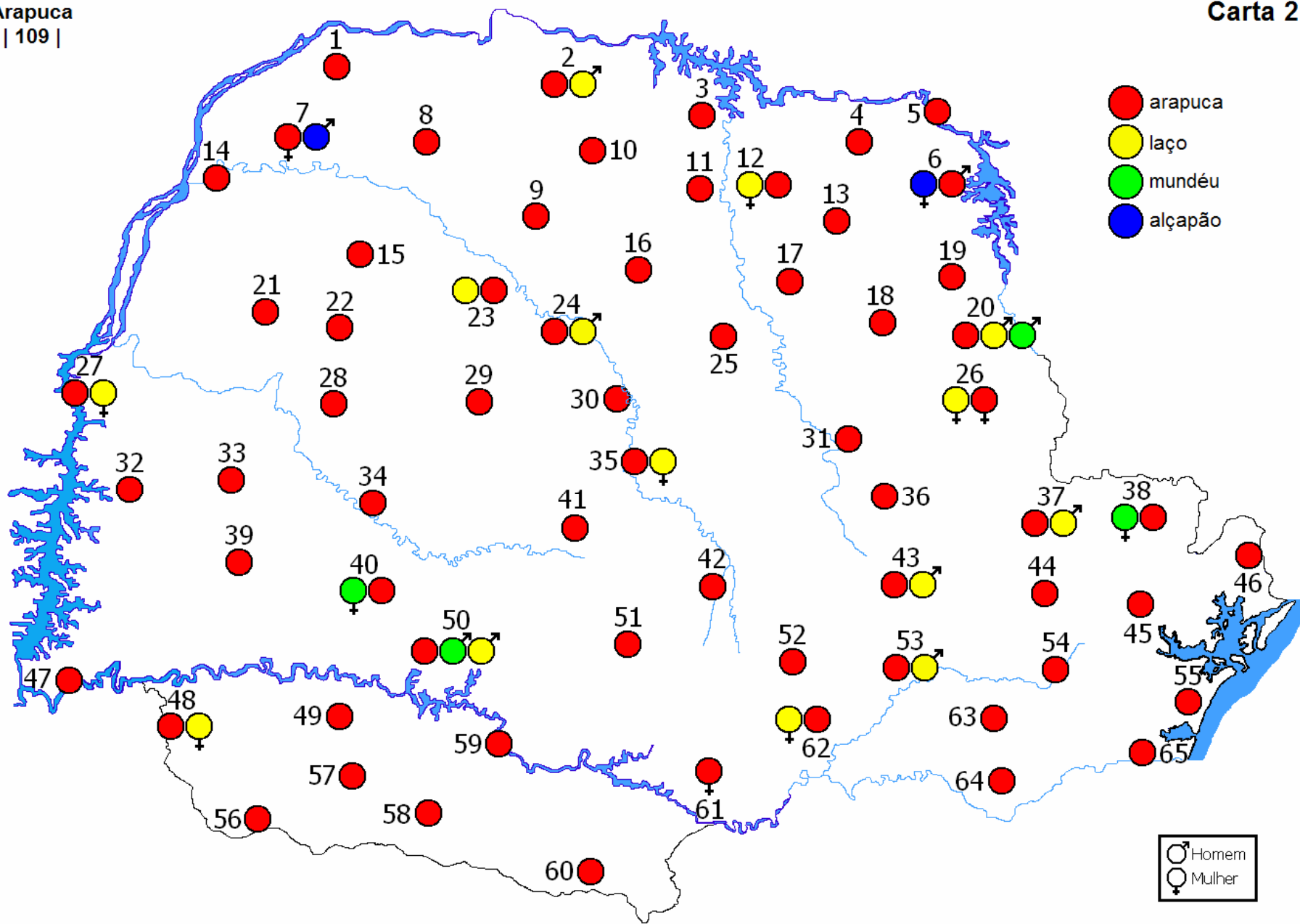
Ocorrências Únicas – Carta 217

Ponto 10 – Inf. A: João bobo

Ponto 47 – Inf. A: Forneiro

Carta 217 (130 ocorrências)	Mulher	Homem
joão-de-barro	65 (50,00%)	63 (48,46%)
pedreiro (da campina)	0	2 (1,54%)





Ocorrências Únicas – Carta 218

Ponto 04 – Inf. B: Chiqueirinho / Esparrela

Ponto 07 – Inf. B: Armadilha

Ponto 20 – Inf. B: Junquiá

Ponto 26 – Inf. A: Esteira

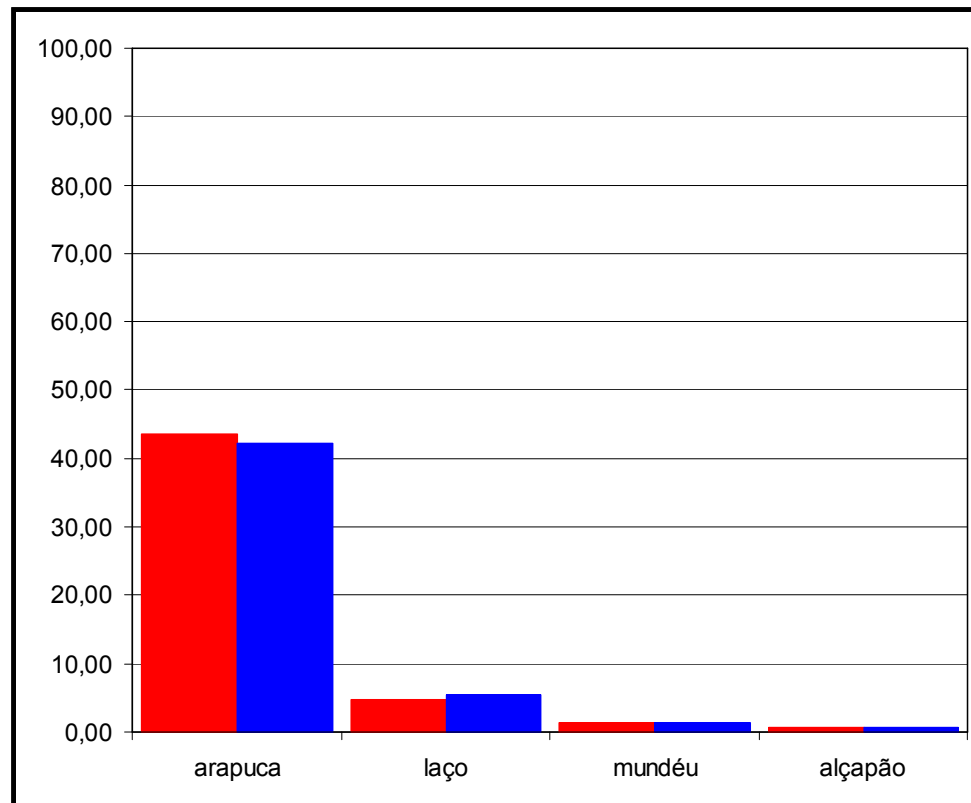
Ponto 27 – Inf. A: Forca

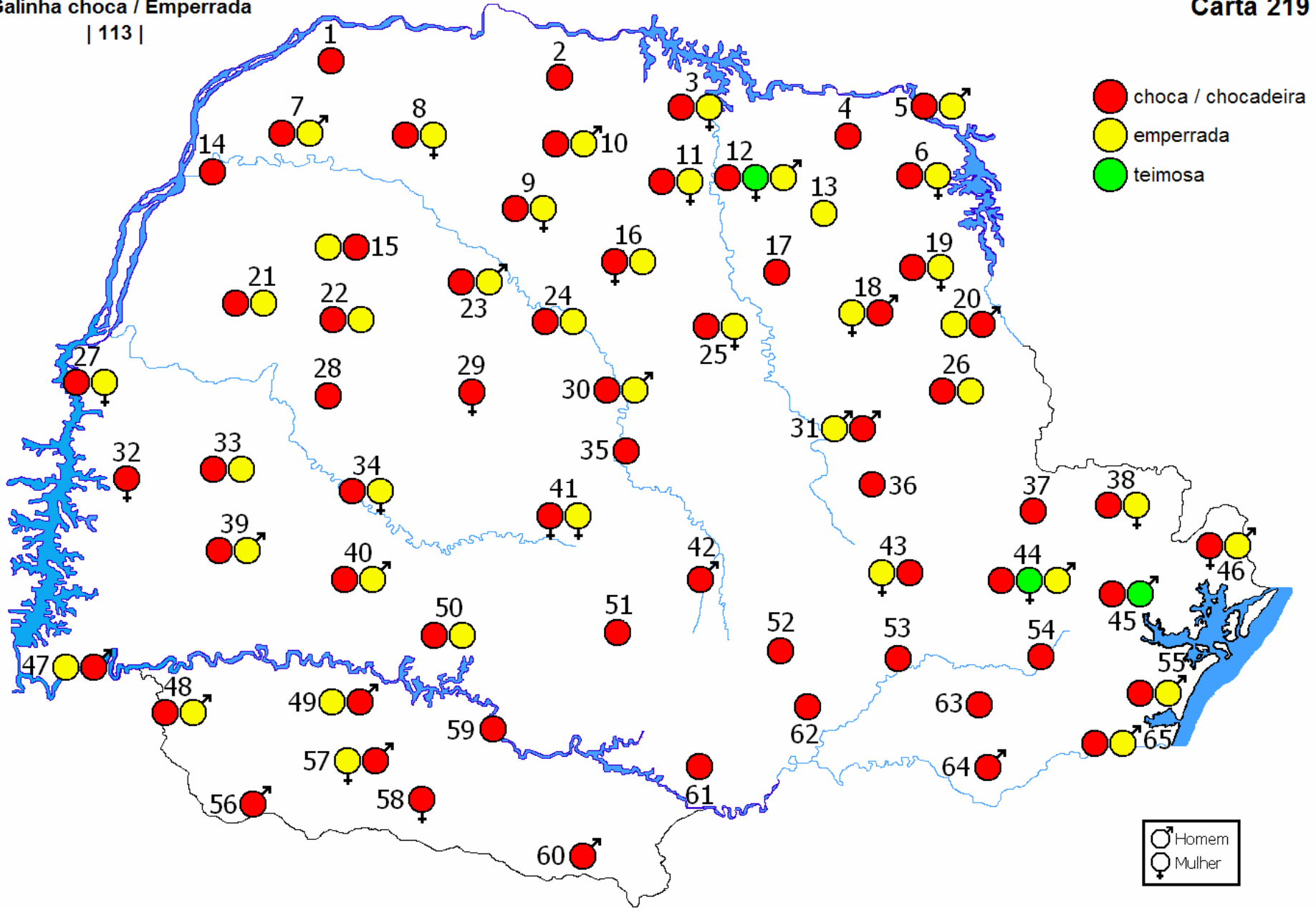
Ponto 28 – Inf. B: Quebra-cabeça

Ponto 50 – Inf. B: Quebra-coco

Ponto 63 – Inf. B: Lastilho

Carta 218 (147 ocorrências)	Mulher	Homem
arapuca	64 (43,54%)	62 (42,18%)
laço	7 (4,76%)	8 (5,44%)
mundéu	2 (1,36%)	2 (1,36%)
alçapão	1 (0,68%)	1 (0,68%)

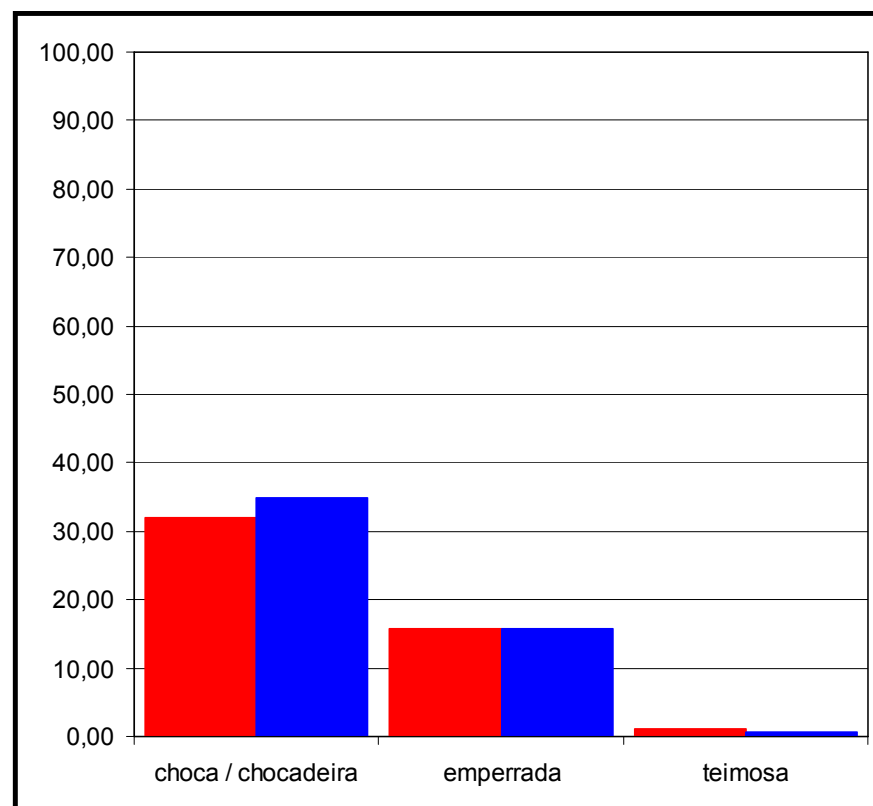


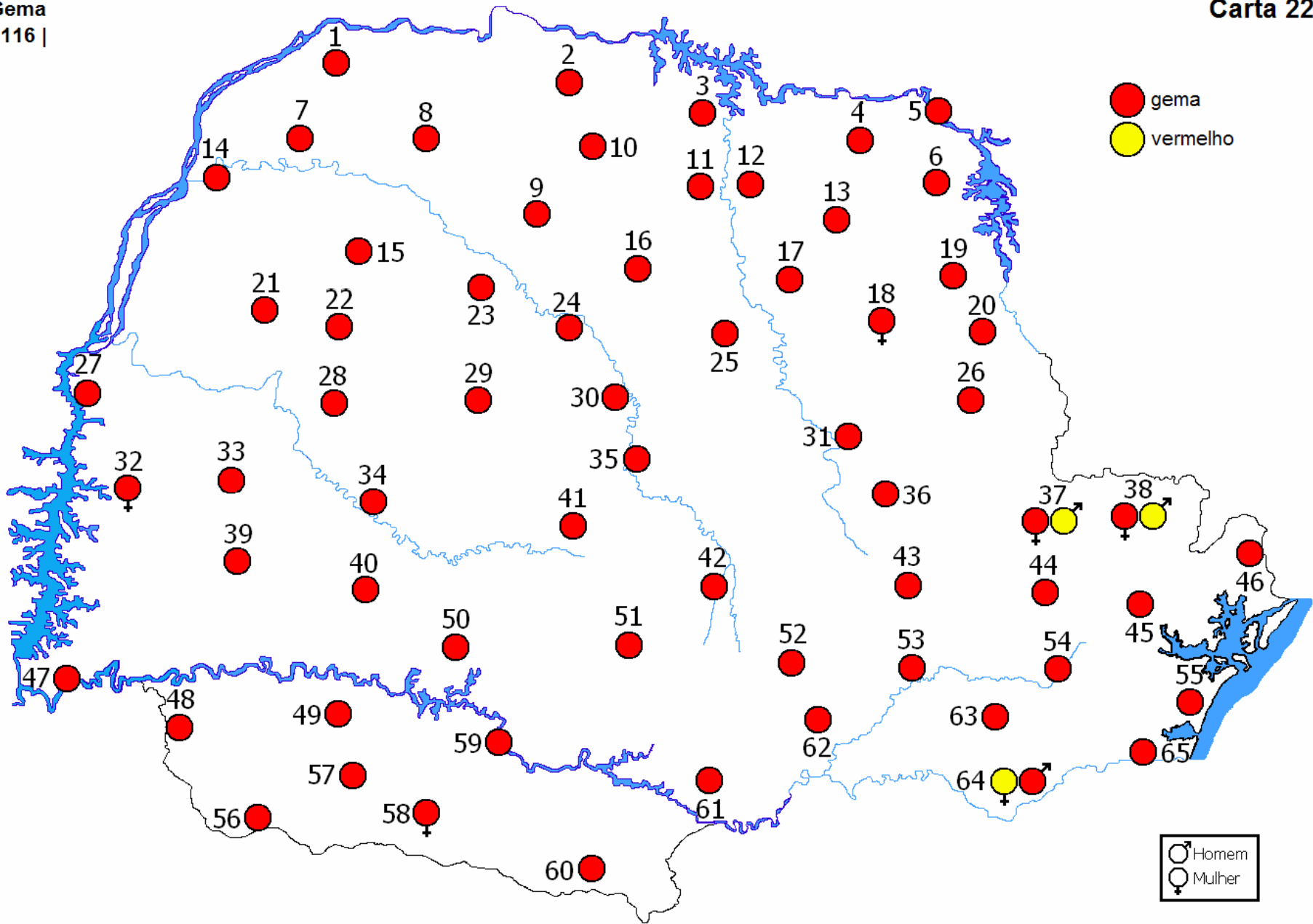


Ocorrências Únicas – Carta 219

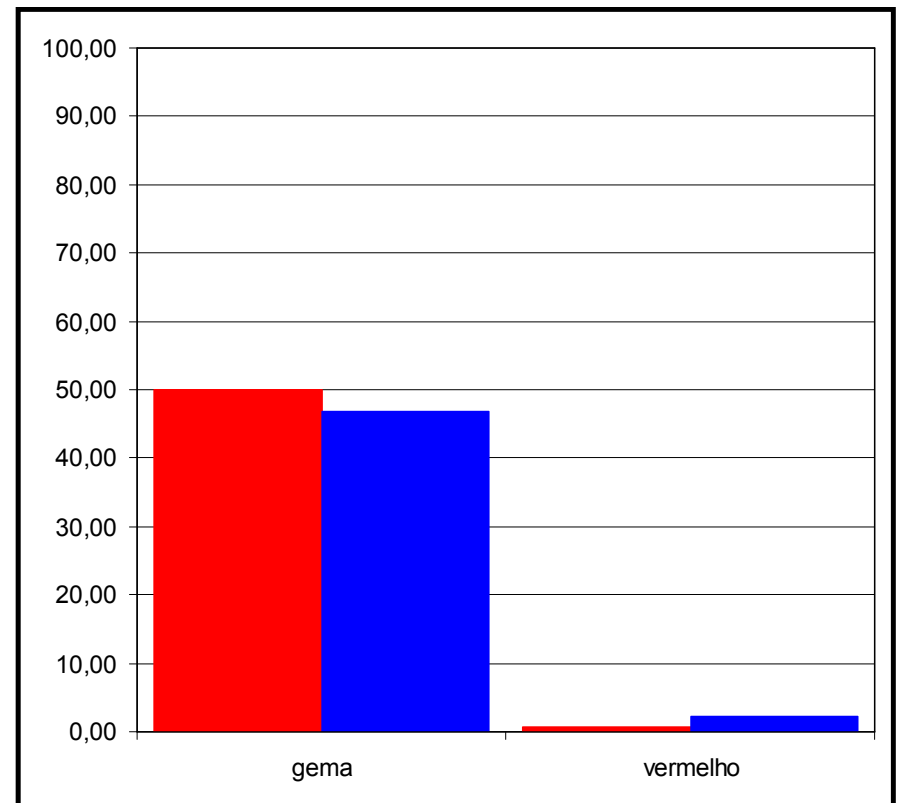
Ponto 29 – Inf. A: Galinha velha
Ponto 43 – Inf. A: Galinha criadeira
Ponto 43 – Inf. B: Galinha boba
Ponto 52 – Inf. A: Galinha Falhada
Ponto 55 – Inf. B: Galinha botadeira

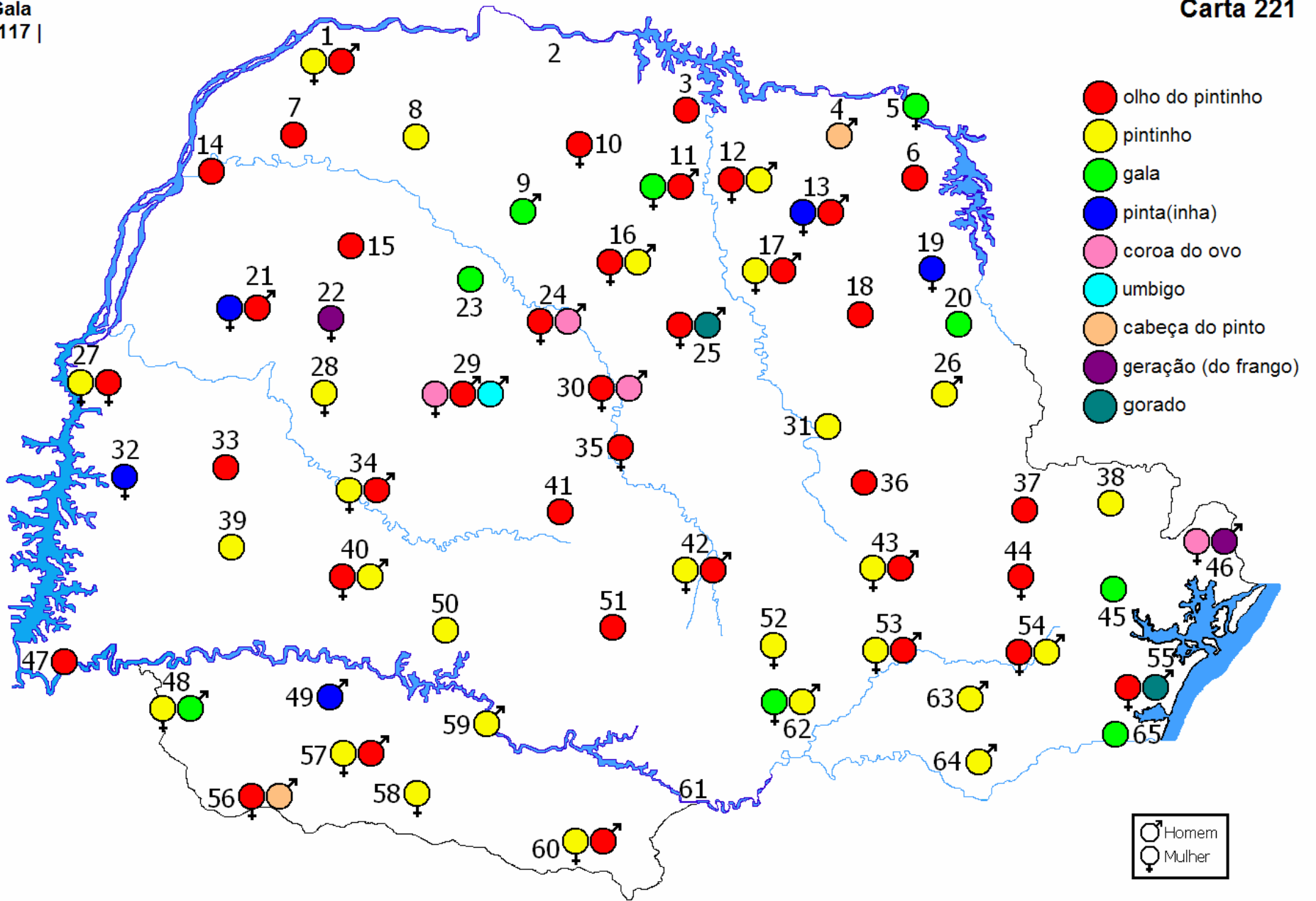
Carta 219 (166 ocorrências)	Mulher	Homem
choca / chocadeira	53 (31,92%)	58 (34,94%)
emperrada	26 (15,67%)	26 (15,67%)
teimosa	2 (1,20%)	1 (0,60%)





Carta 220 (128 ocorrências)	Mulher	Homem
gema	64 (50,00%)	60 (46,87%)
vermelho	1 (0,78%)	3 (2,35%)





Ocorrências Únicas – Carta 221

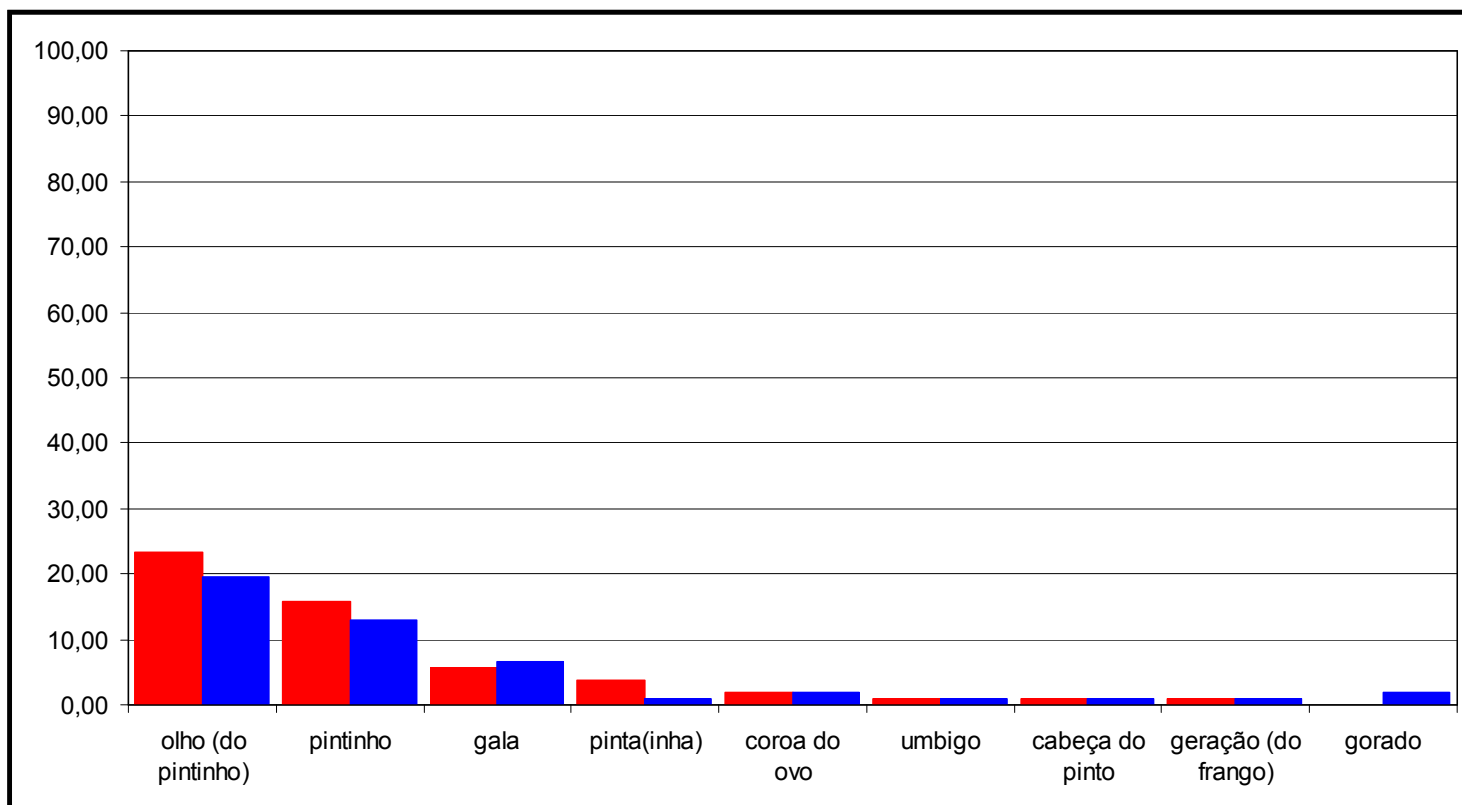
Ponto 13 – Inf. B: Indez

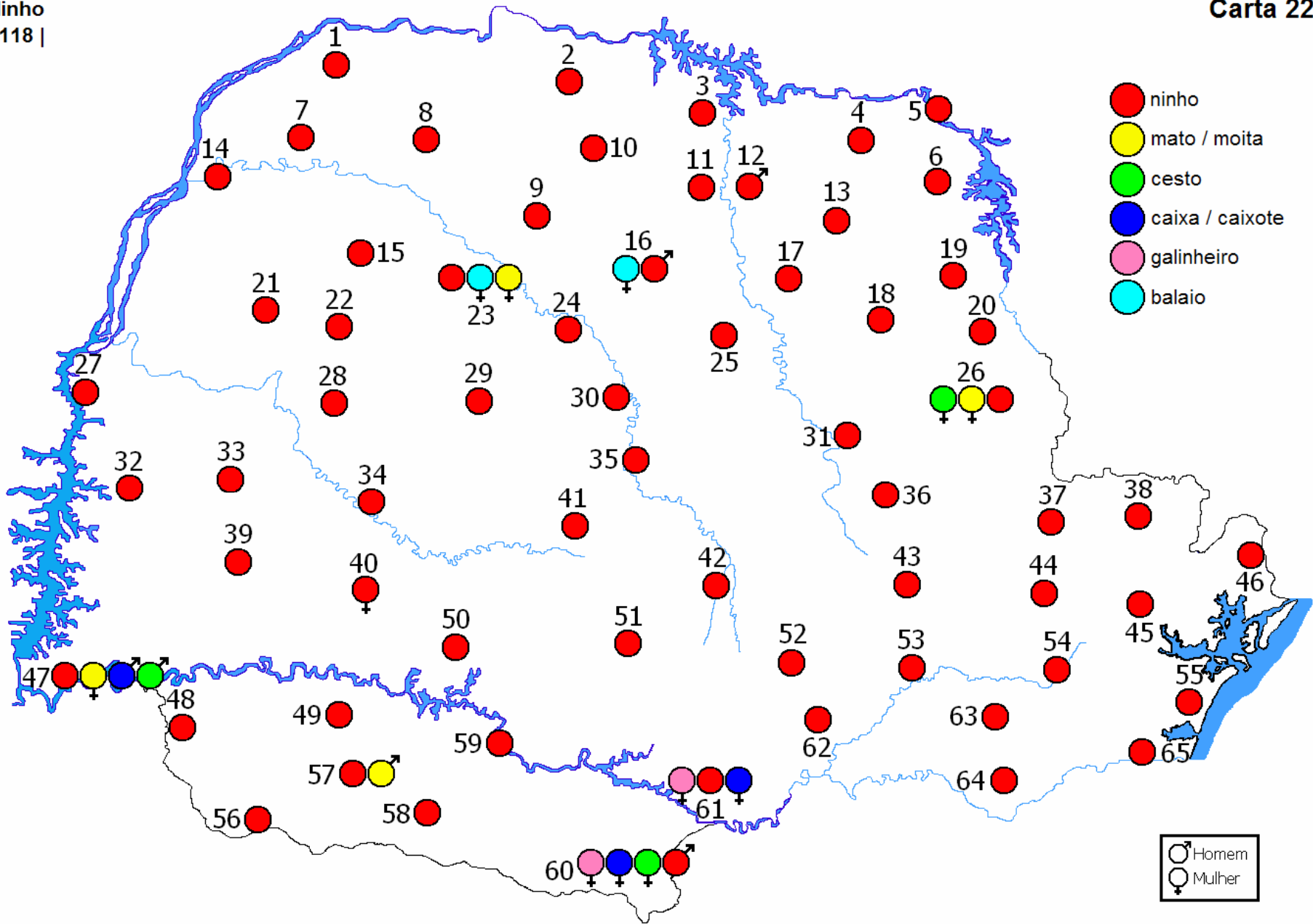
Ponto 59 – Inf. A: Erguer (d) o galo

Ponto 60 – Inf. A: Choco

Ponto 61 – Inf. A: Filhote

Carta 221 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
olho (do pintinho)	25 (23,36%)	21 (19,62%)
pintinho	17 (15,88%)	14 (13,08%)
gala	6 (5,60%)	7 (6,54%)
pinta(inha)	4 (3,73%)	1 (0,94%)
coroa do ovo	2 (1,87%)	2 (1,87%)
umbigo	1 (0,94%)	1 (0,94%)
cabeça do pinto	1 (0,94%)	1 (0,94%)
geração (do frango)	1 (0,94%)	1 (0,94%)
gorado	0	2 (1,87%)

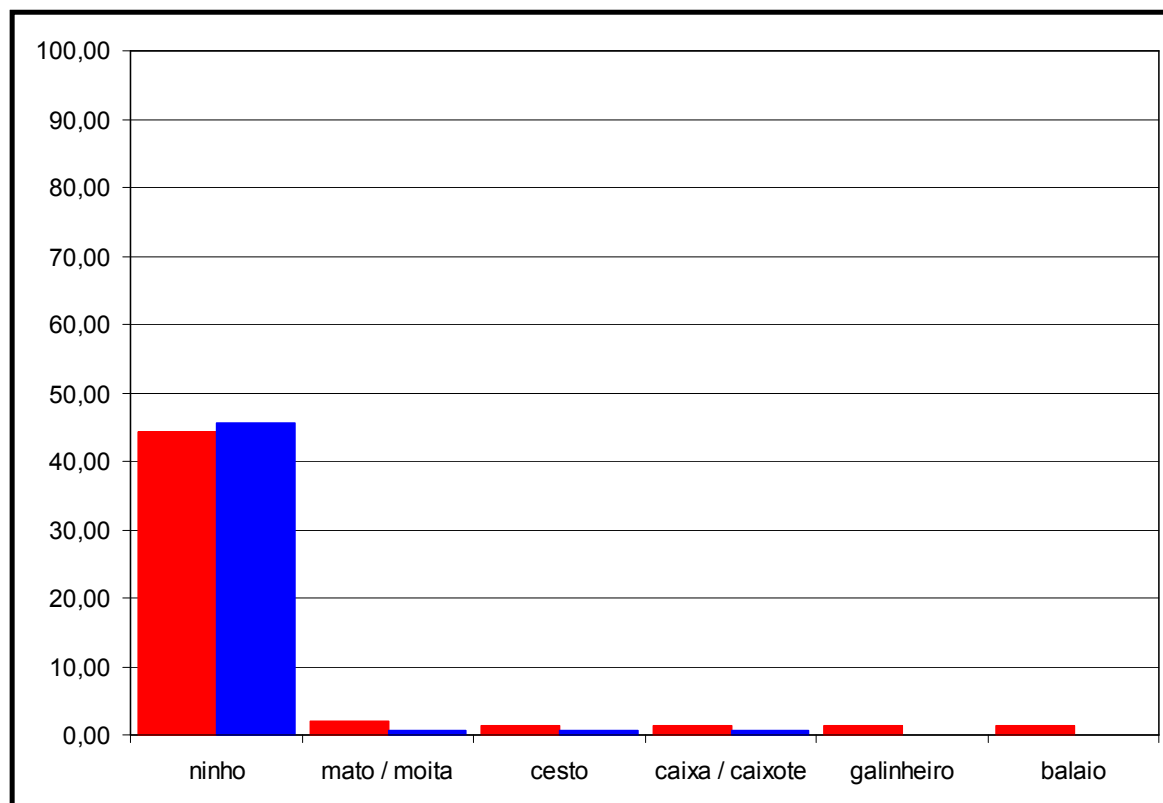




Ocorrências Únicas – Carta 222

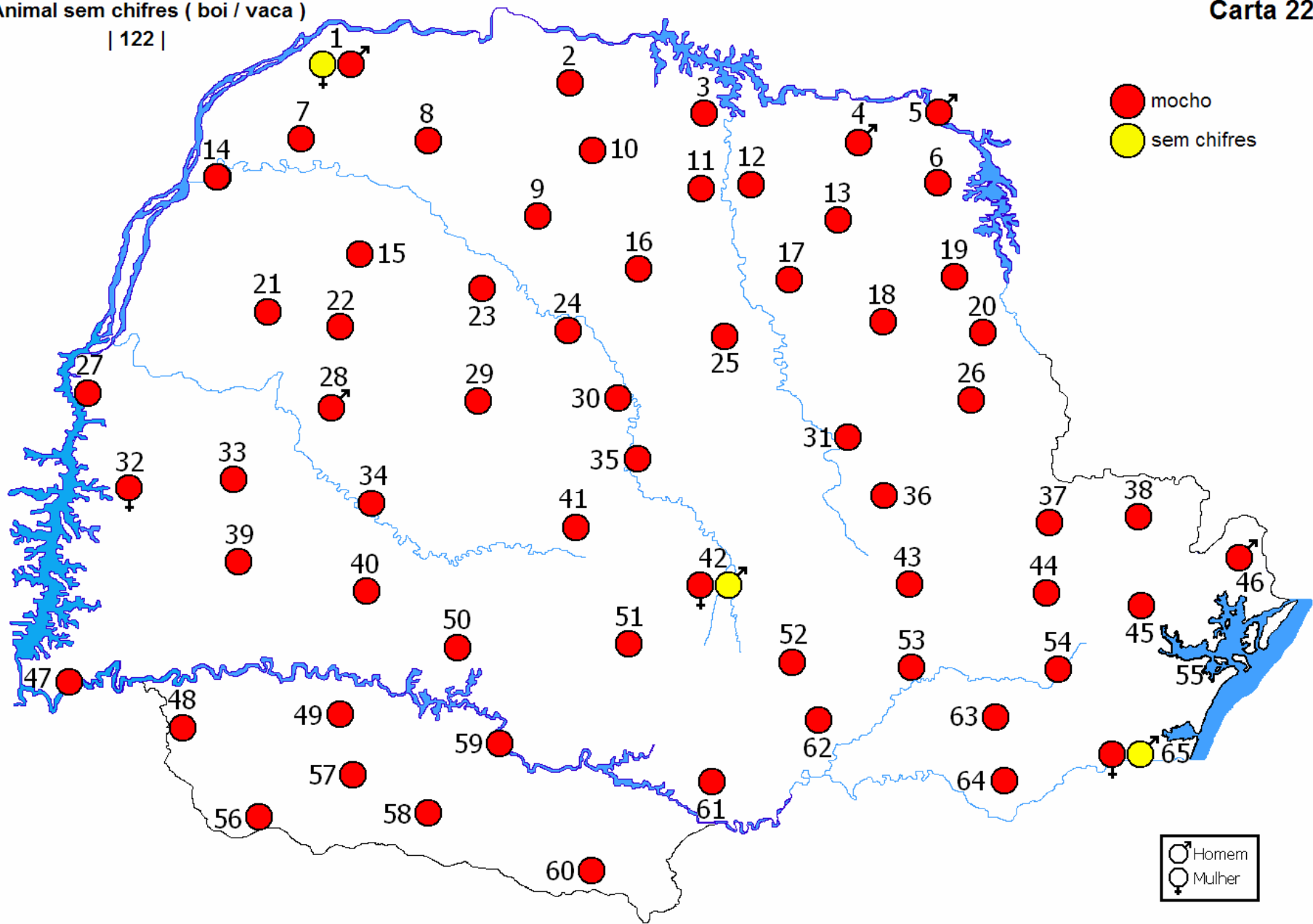
Ponto 23 – Inf. A: Latão

Carta 222 (140 ocorrências)	Mulher	Homem
ninho	62 (44,28%)	64 (45,71%)
mato / moita	3 (2,13%)	1 (0,72%)
cesto	2 (1,43%)	1 (0,72%)
caixa / caixote	2 (1,43%)	1 (0,72%)
galinheiro	2 (1,43%)	0
balaio	2 (1,43%)	0

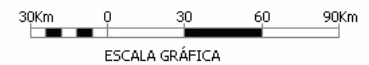


Animal sem chifres (boi / vaca)
| 122 |

Carta 223



Montagem: Kika Milani (kikamilani@uol.com.br)

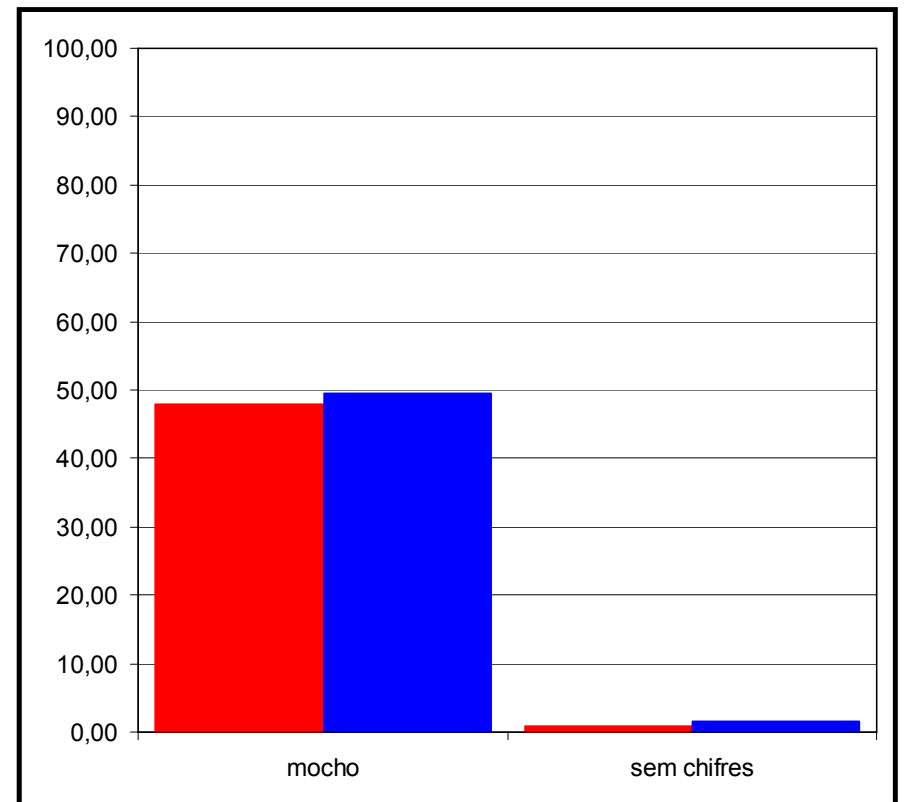


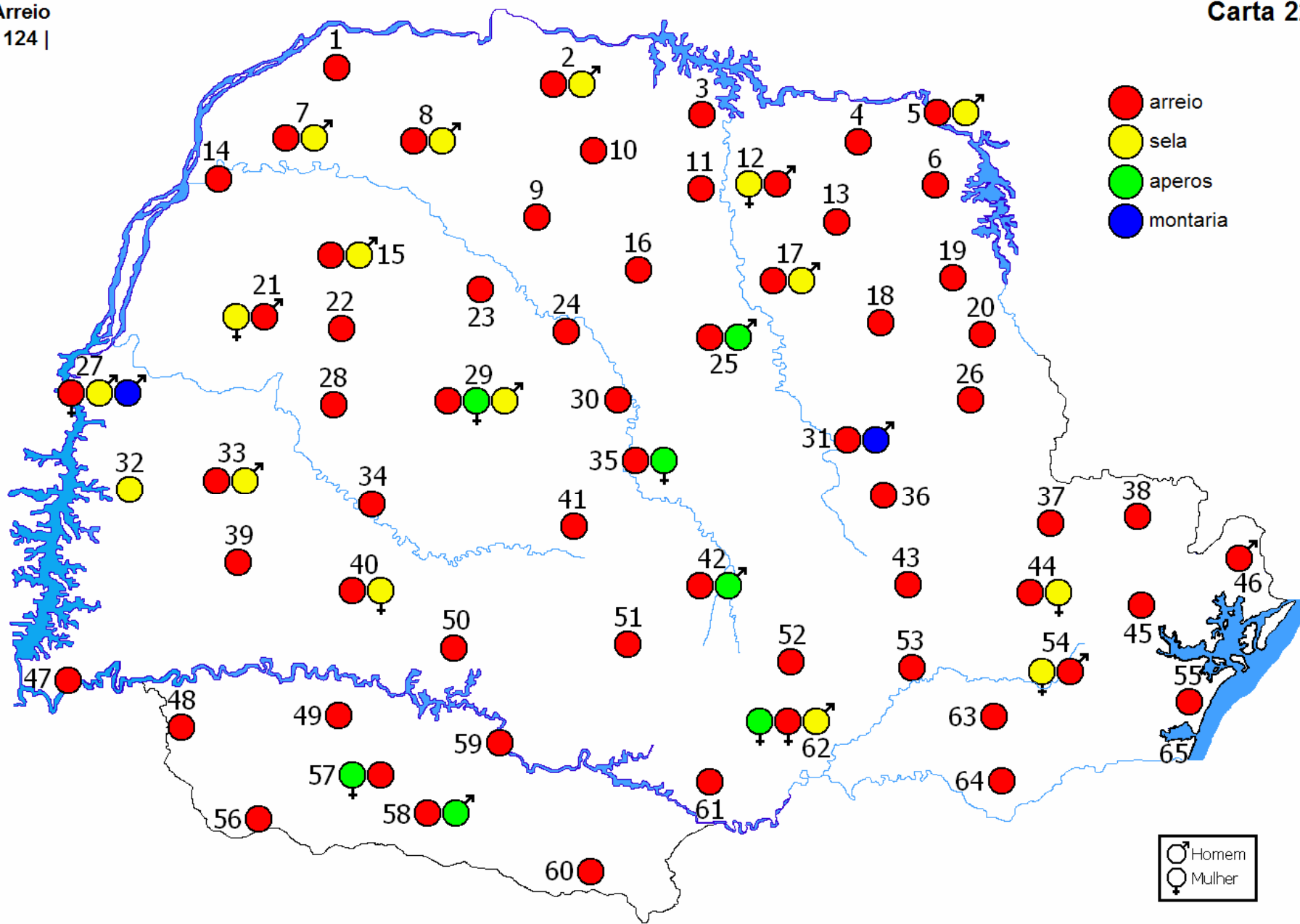
Ocorrências Únicas – Carta 223

Ponto 28 – Inf. A: Lania

Ponto 49 – Inf. B: Gibu

Carta 223 (123 ocorrências)	Mulher	Homem
mocho	59 (47,96%)	61 (49,61%)
sem chifres	1 (0,81%)	2 (1,62%)





Ocorrências Únicas – Carta 224

Ponto 01 – Inf. B: Cutiana / Basto

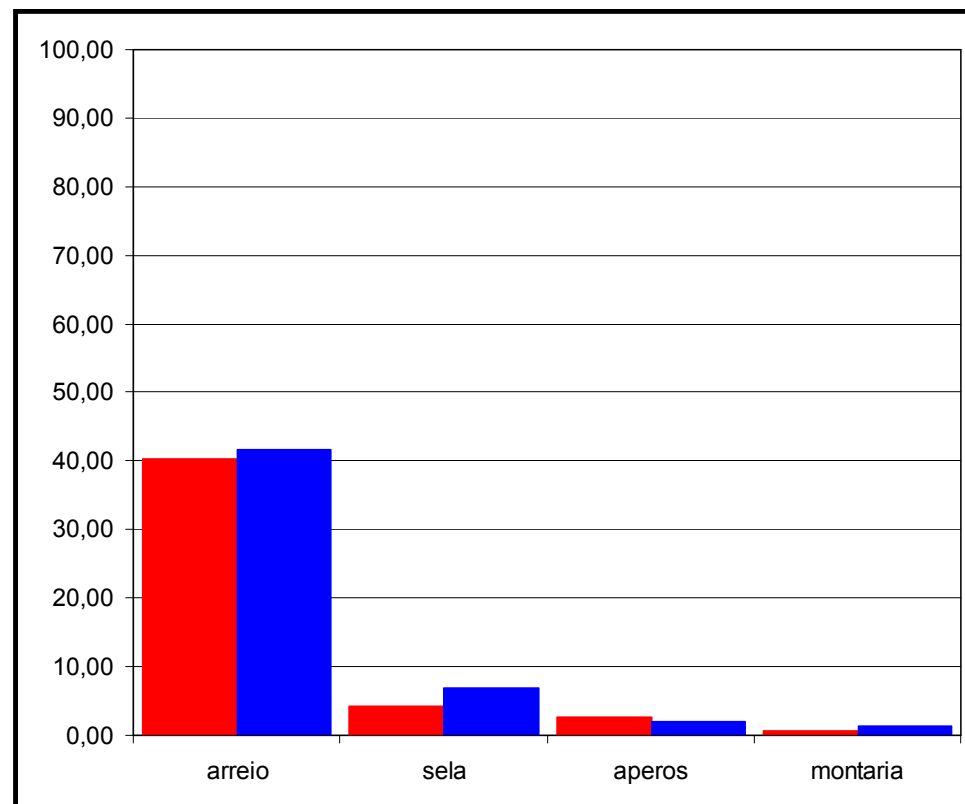
Ponto 06 – Inf. A: Barrigueira

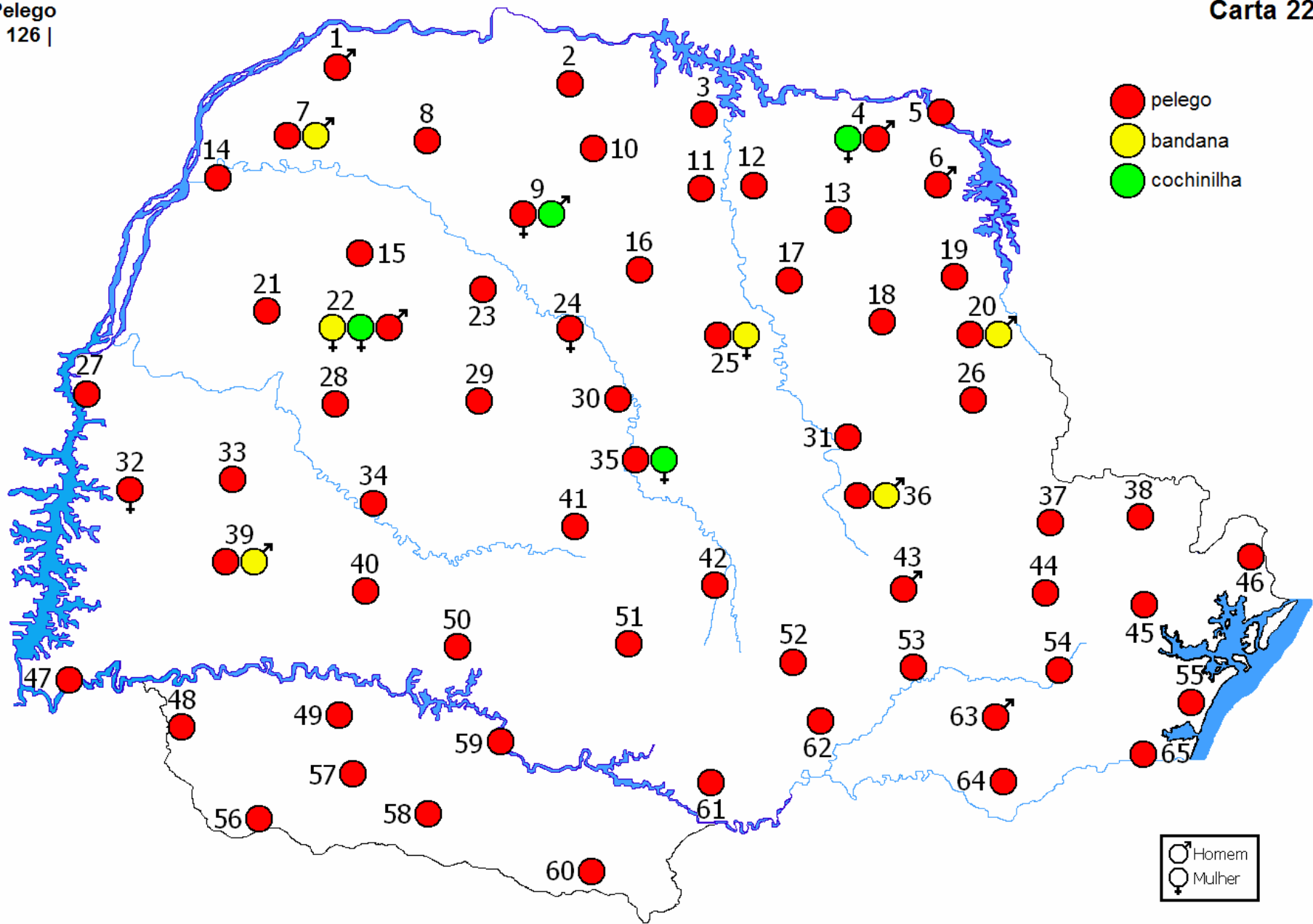
Ponto 22 – Inf. B: Arriata

Ponto 35 – Inf. B: Lombio

Ponto 39 – Inf. A: Encilha

Carta 224 (144 ocorrências)	Mulher	Homem
arreio	58 (40,28%)	60 (41,67%)
sela	6 (4,16%)	10 (6,96%)
aperos	4 (2,78%)	3 (2,08%)
montaria	1 (0,69%)	2 (1,38%)

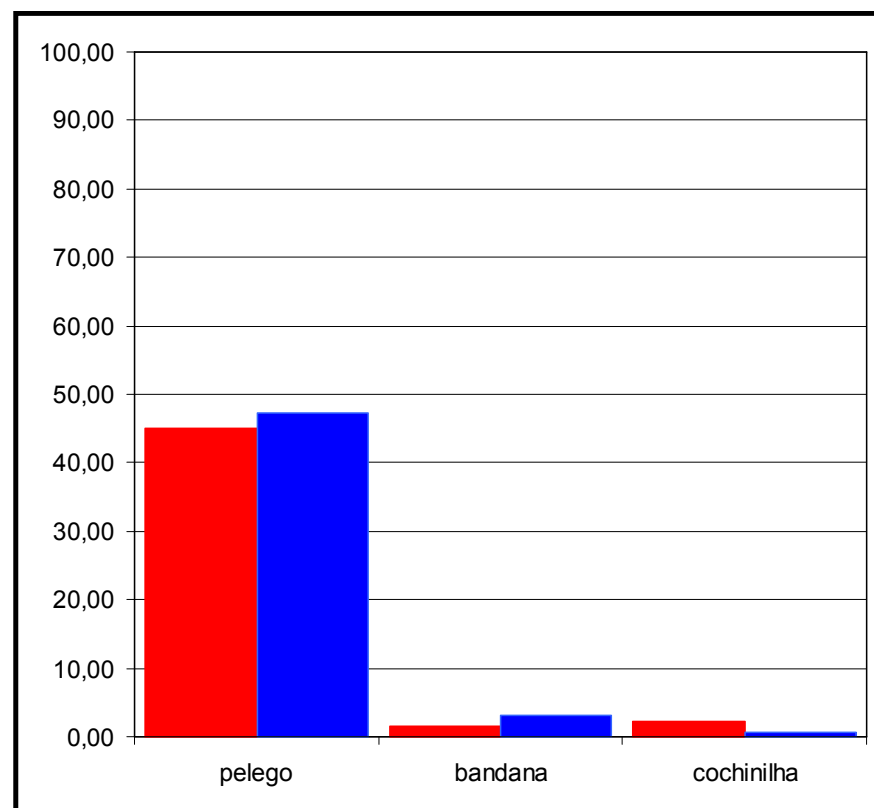


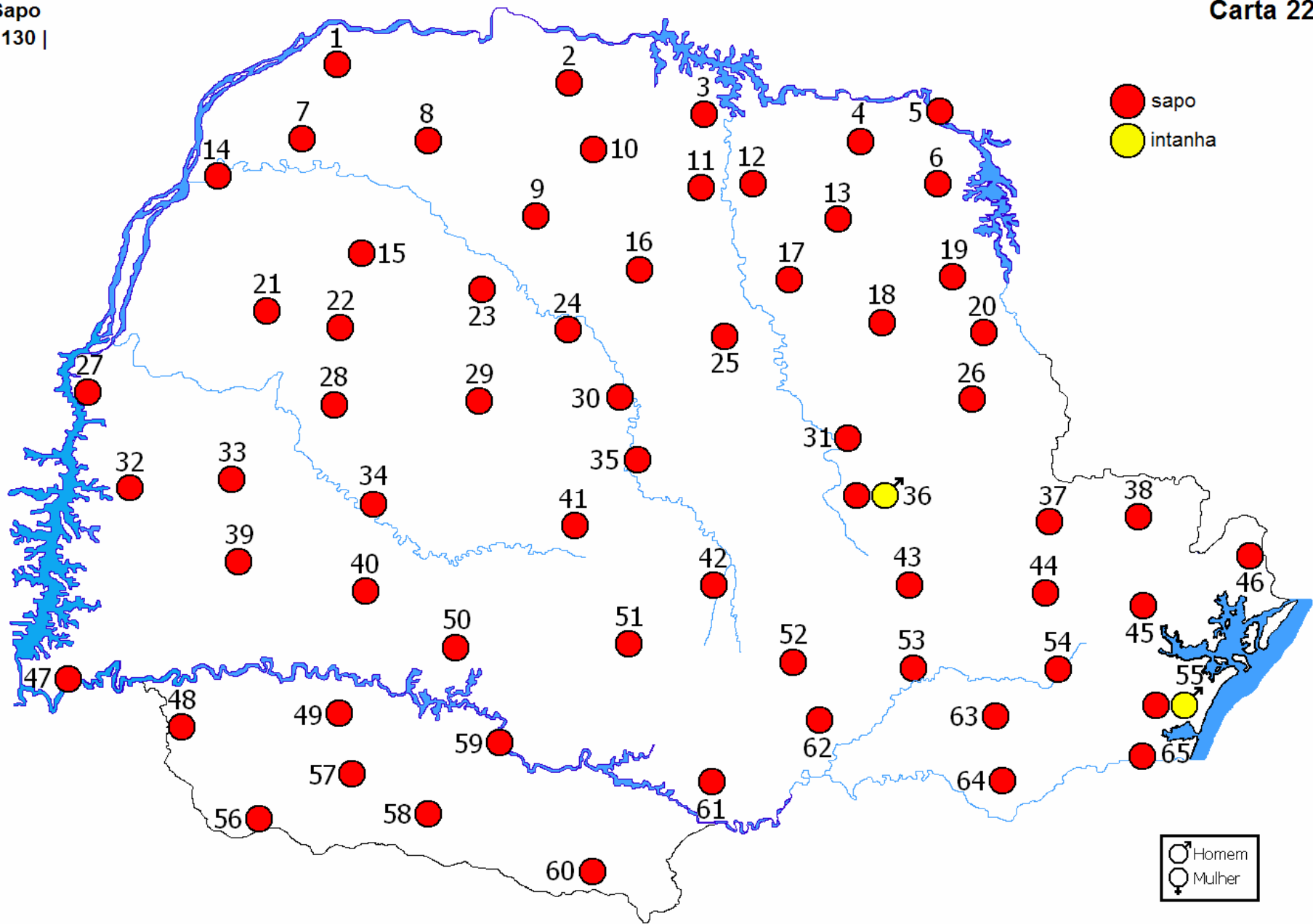


Ocorrências Únicas – Carta 225

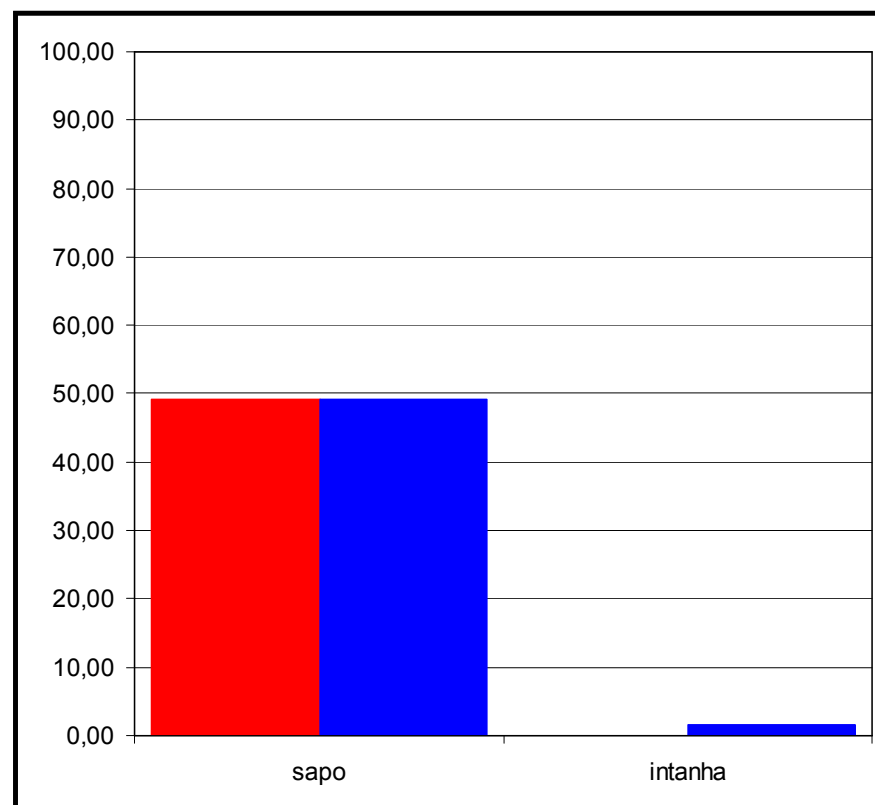
Ponto 15 – Inf. A: Arreio
Ponto 43 – Inf. A: Tapete

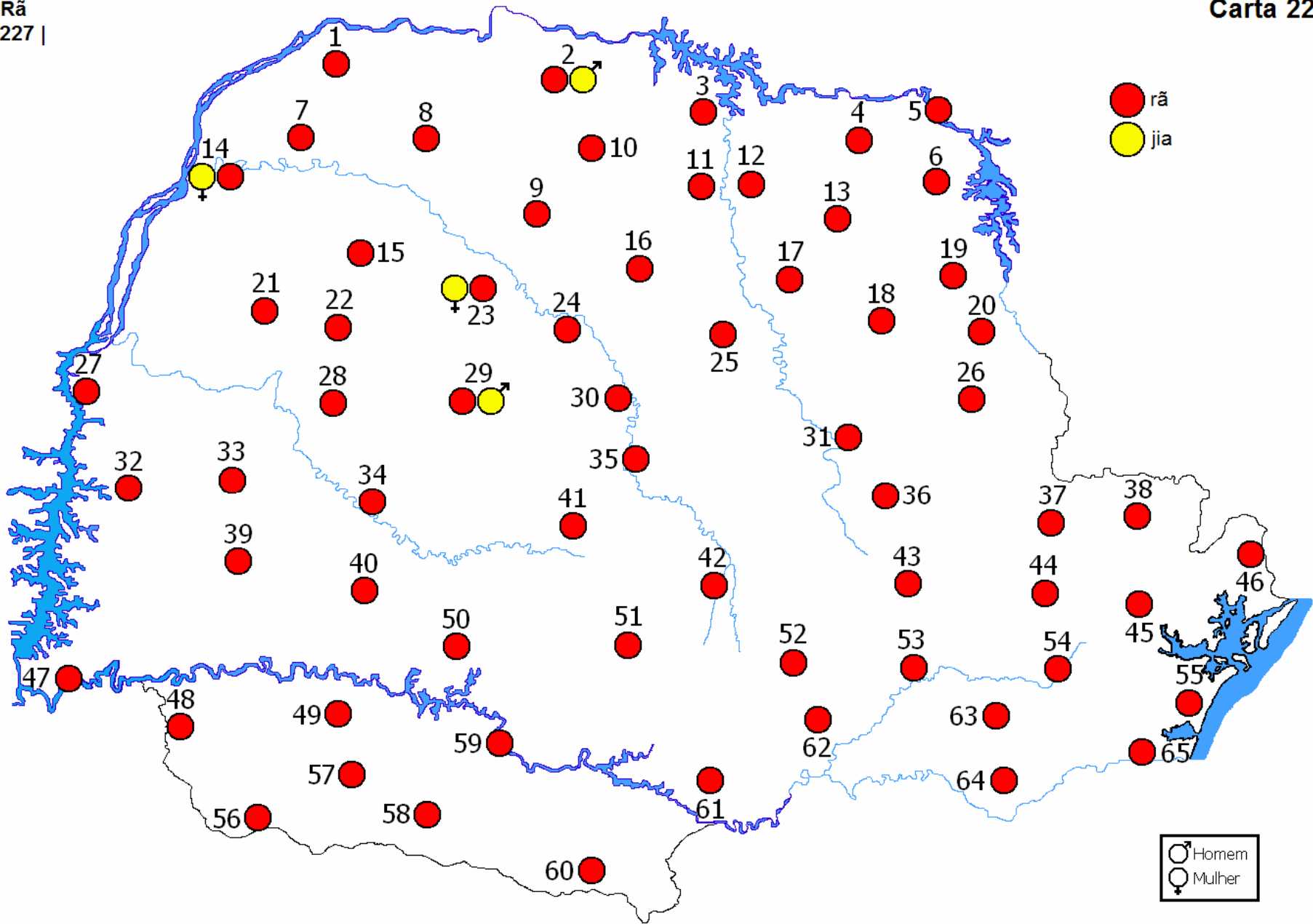
Carta 225 (131 ocorrências)	Mulher	Homem
pelego	59 (45,03%)	62 (47,32%)
bandana	2 (1,52%)	4 (3,06%)
cochinilha	3 (2,30%)	1 (0,77%)



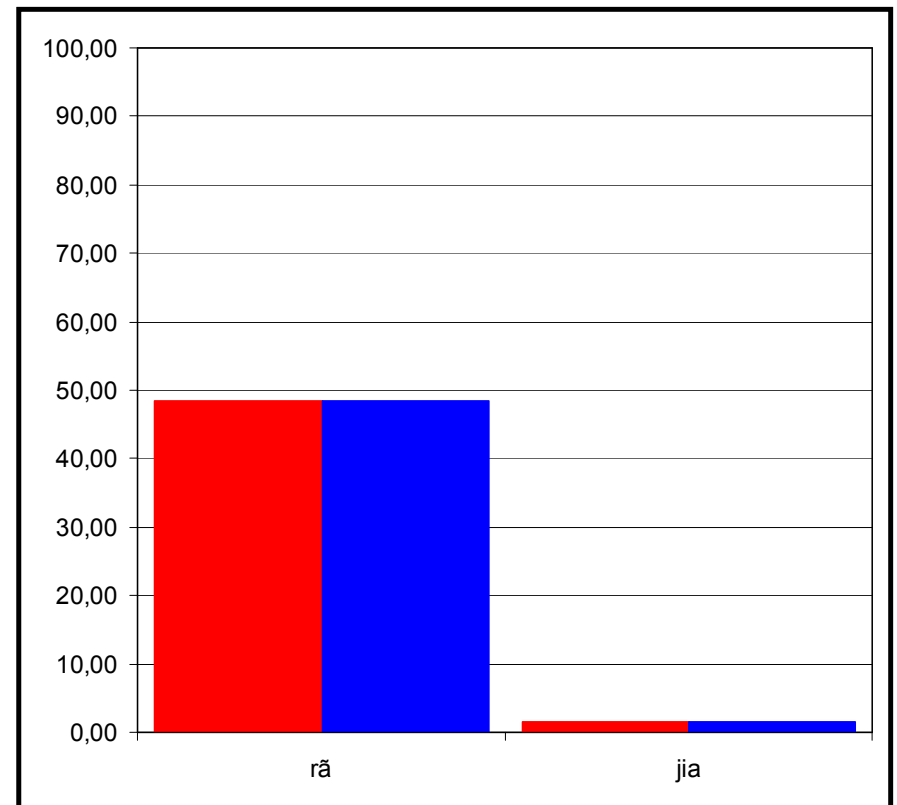


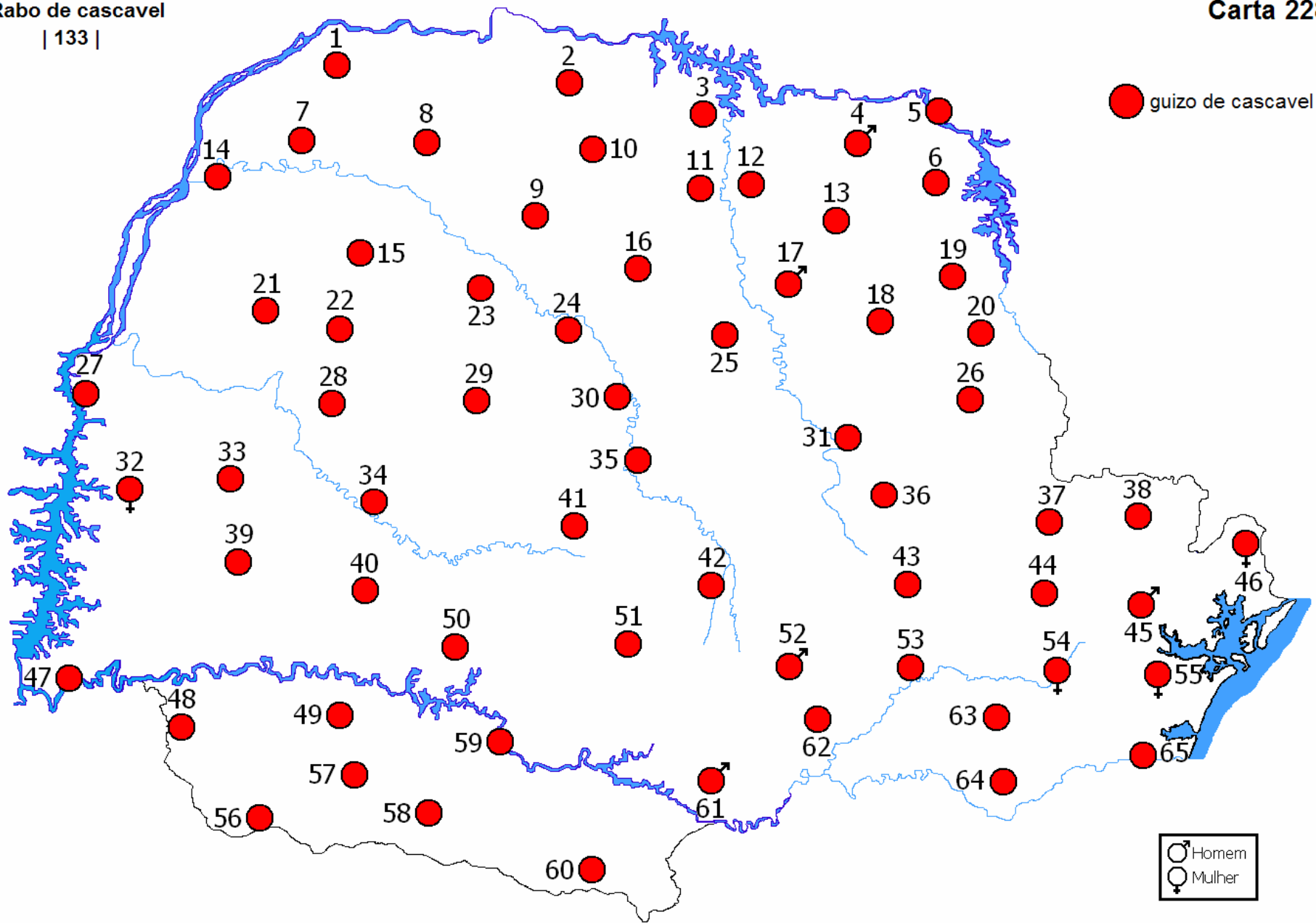
Carta 226 (132 ocorrências)	Mulher	Homem
sapo	65 (49,25%)	65 (49,25%)
intanha	0	2 (1,50%)





Carta 227 (134 ocorrências)	Mulher	Homem
rã	65 (48,50%)	65 (48,50%)
jia	2 (1,50%)	2 (1,50%)





Ocorrências Únicas – Carta 228

Ponto 22 – Inf. A: Baginha'

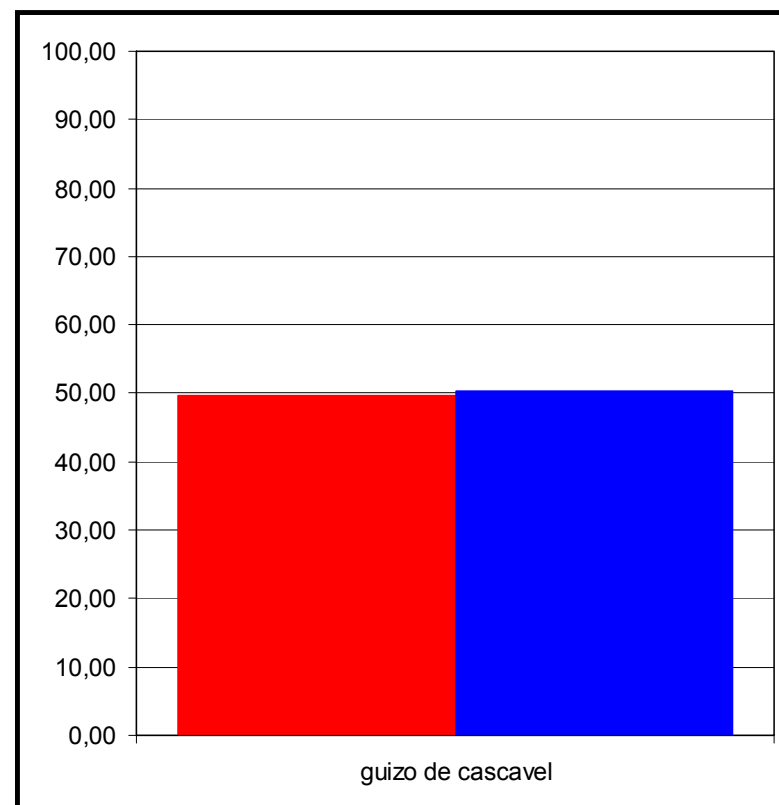
Ponto 46 – Inf. B: Rabo

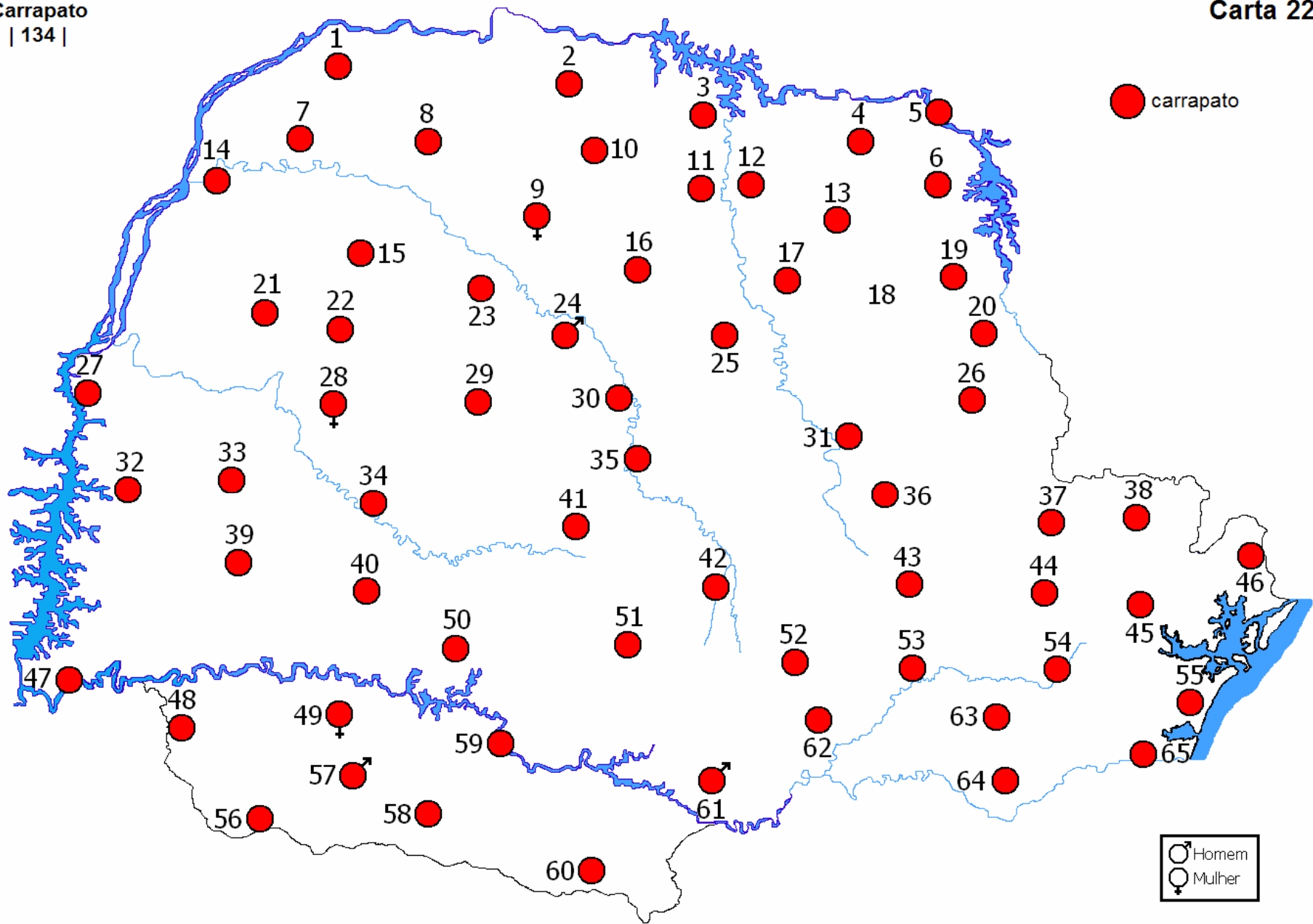
Ponto 52 – Inf. A: Brinco no rabo

Ponto 54 – Inf. B: Cincerro

Ponto 61 – Inf. A: Guizeira

Carta 228 (121 ocorrências)	Mulher	Homem
guizo de cascavel	60 (49,58%)	61 (50,42%)



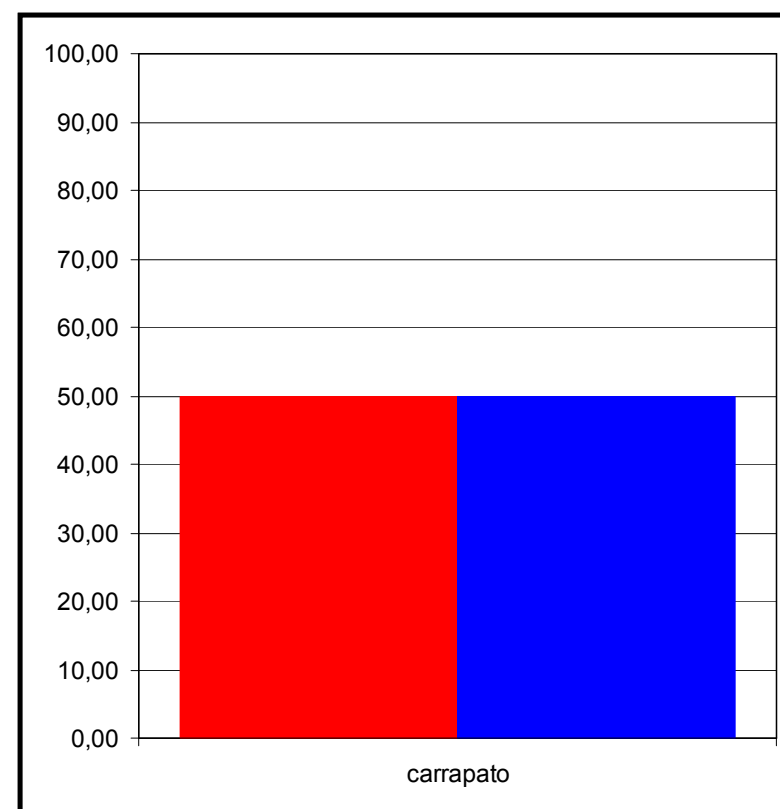


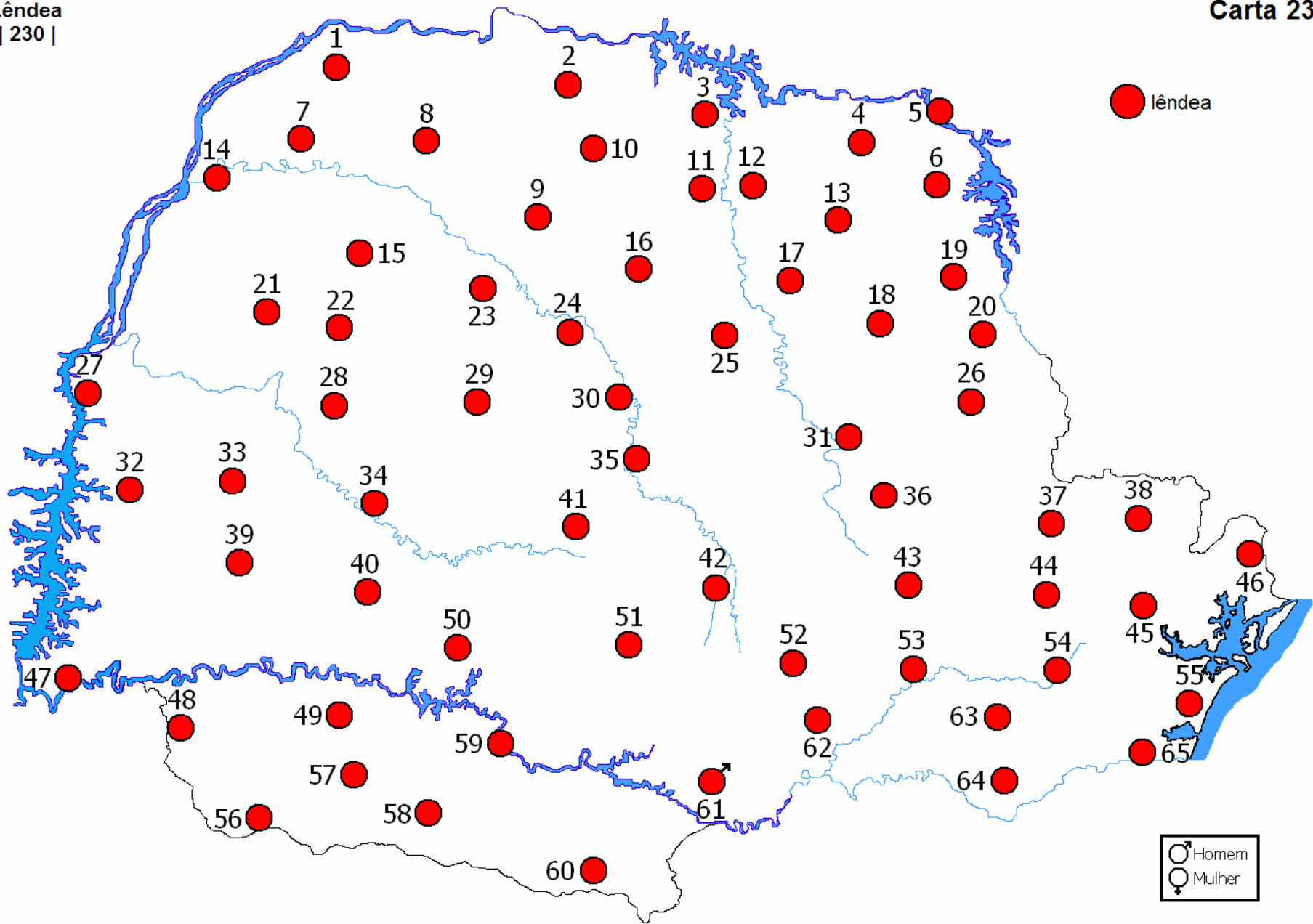
Ocorrências Únicas – Carta 229

Ponto 14 – Inf. B: Pingoroto

Ponto 07 – Inf. A: Micuim

Carta 229 (122 ocorrências)	Mulher	Homem
carrapato	61 (50,00%)	61 (50,00%)

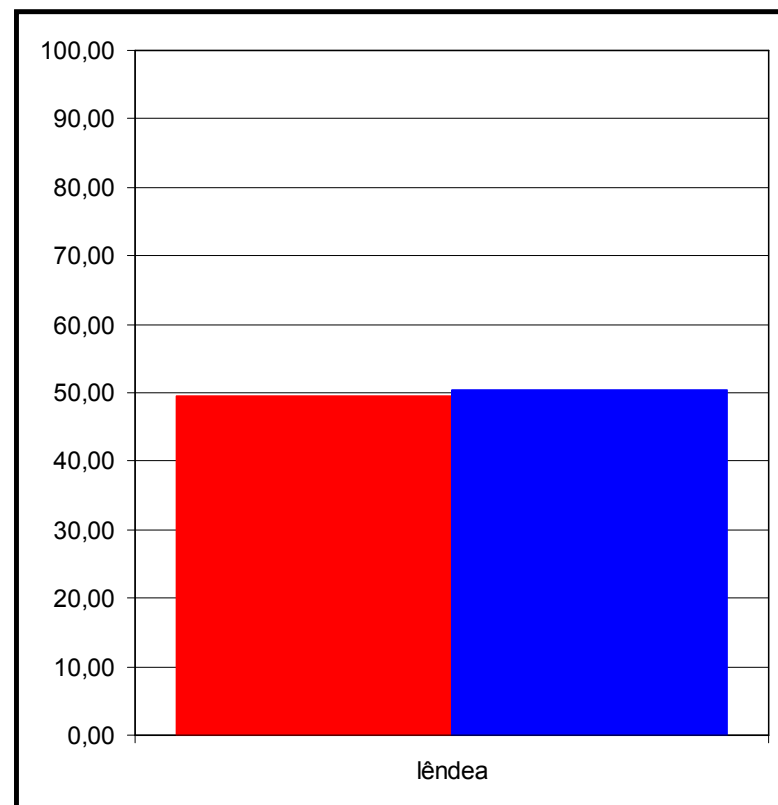


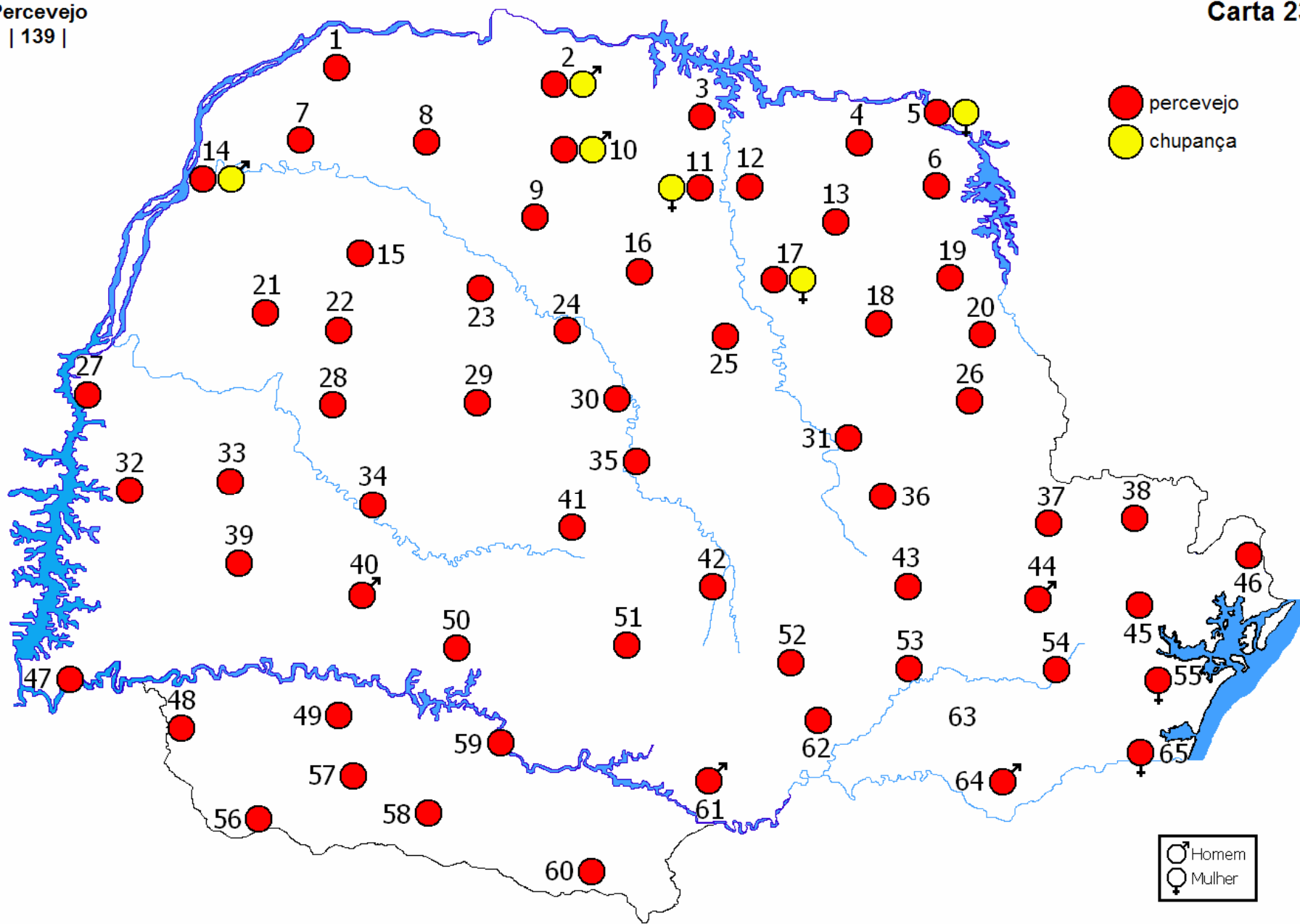


Ocorrências Únicas – Carta 230

Ponto 47 – Inf. B: Larva

Carta 230 (129 ocorrências)	Mulher	Homem
lêndea	64 (49,62%)	65 (50,38%)





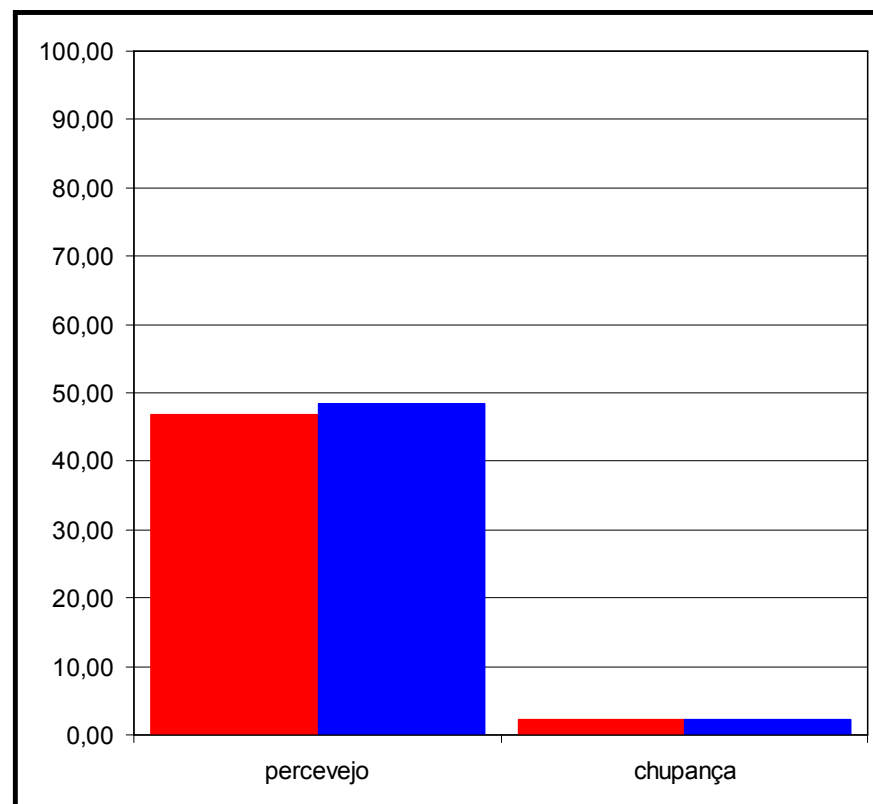
Ocorrências Únicas – Carta 231

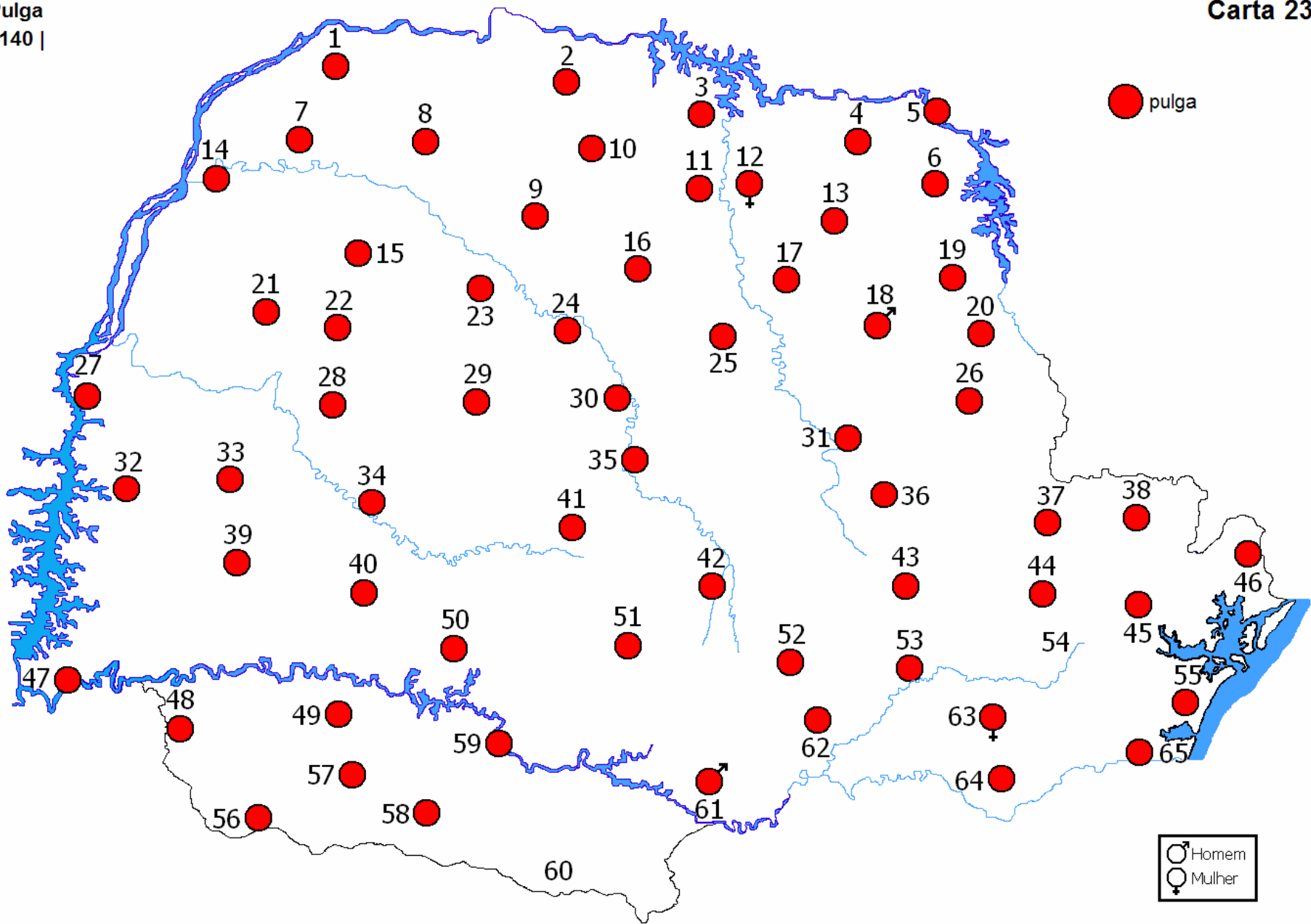
Ponto 23 – Inf. A: Fim-fim

Ponto 44 – Inf. A: Semprevejo

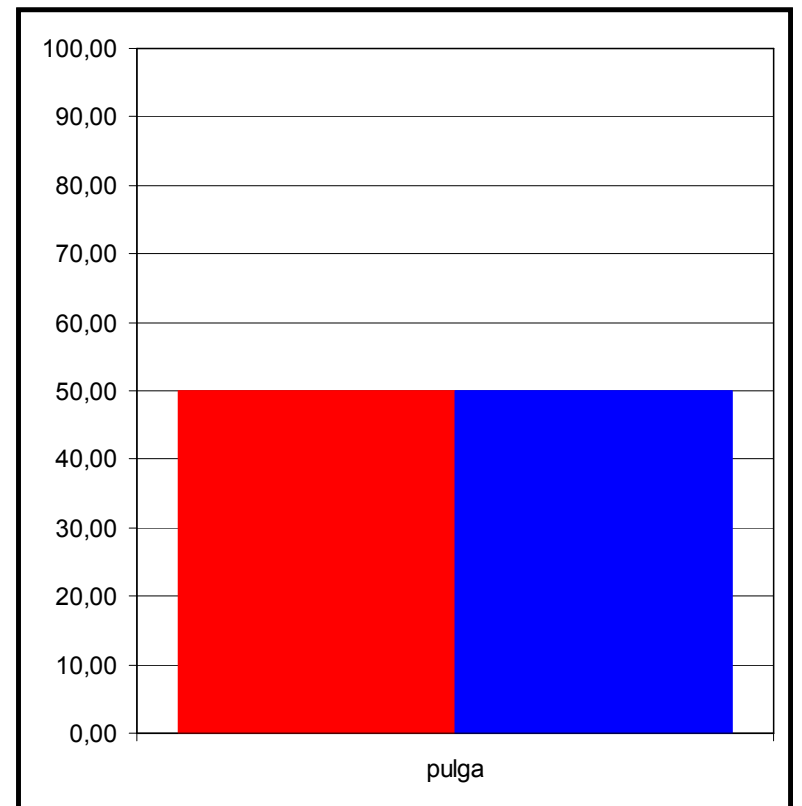
Ponto 36 – Inf. B: Muquirana

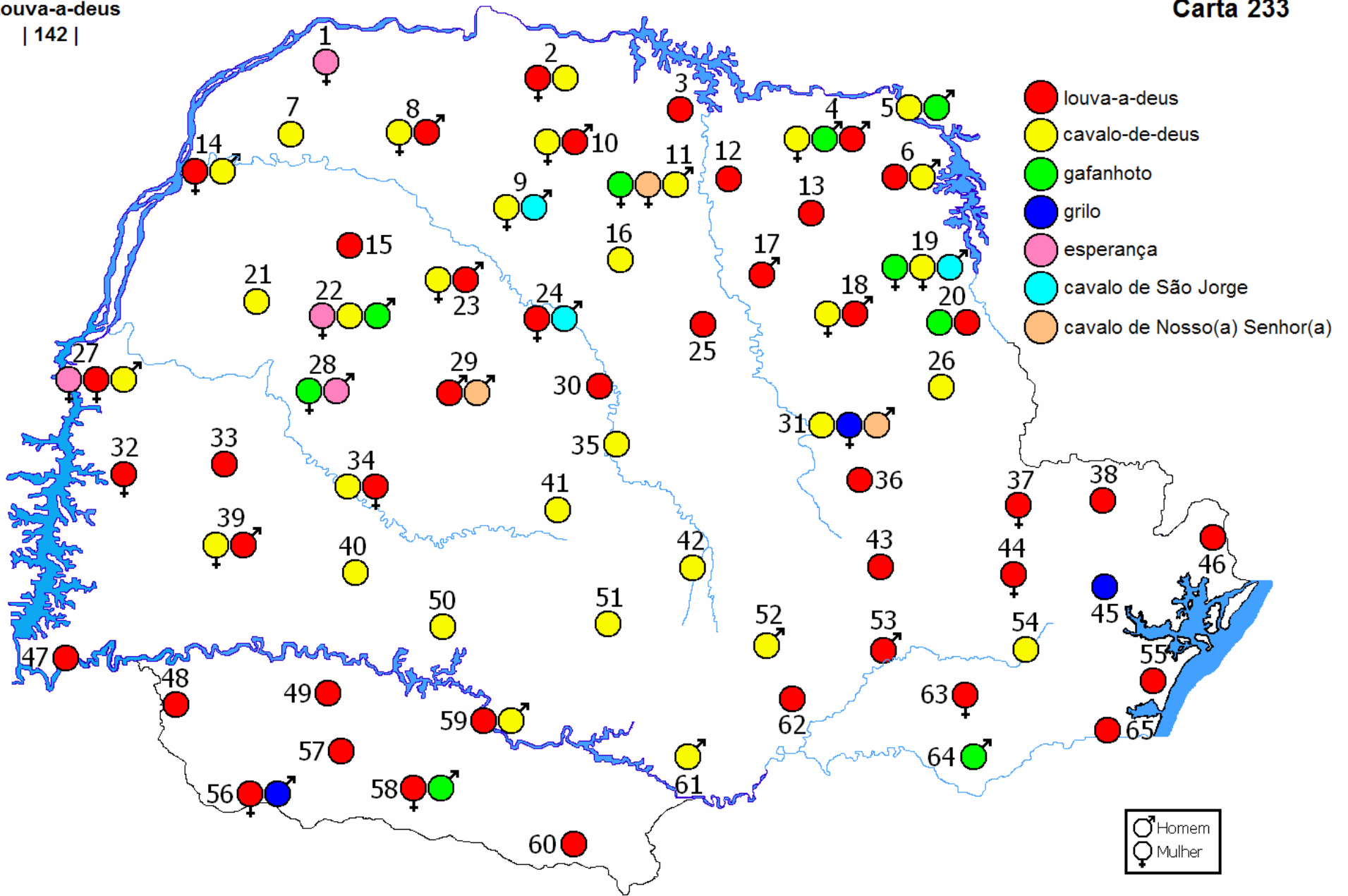
Carta 231 (128 ocorrências)	Mulher	Homem
percevejo	60 (46,87%)	62 (48,43%)
chupaça	3 (2,35%)	3 (2,35%)





Carta 232 (126 ocorrências)	Mulher	Homem
pulga	63 (50,00%)	63 (50,00%)

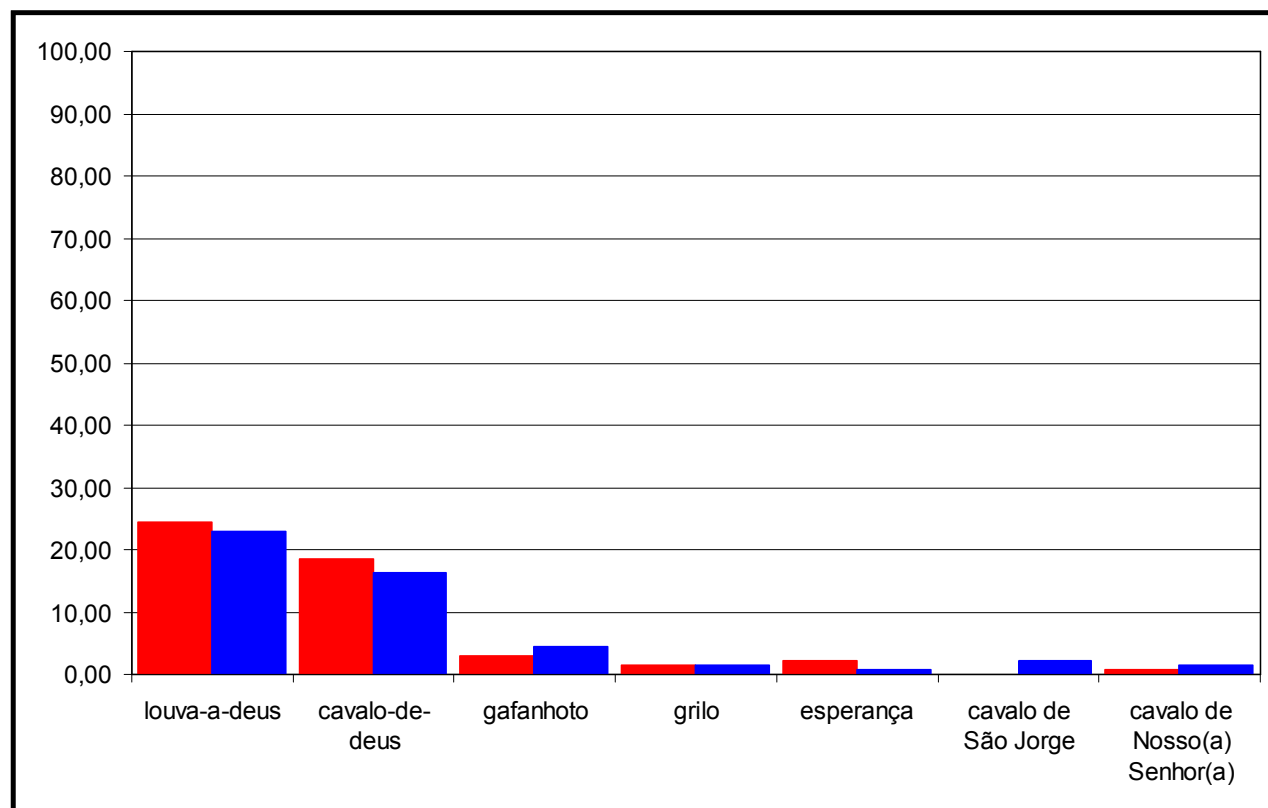


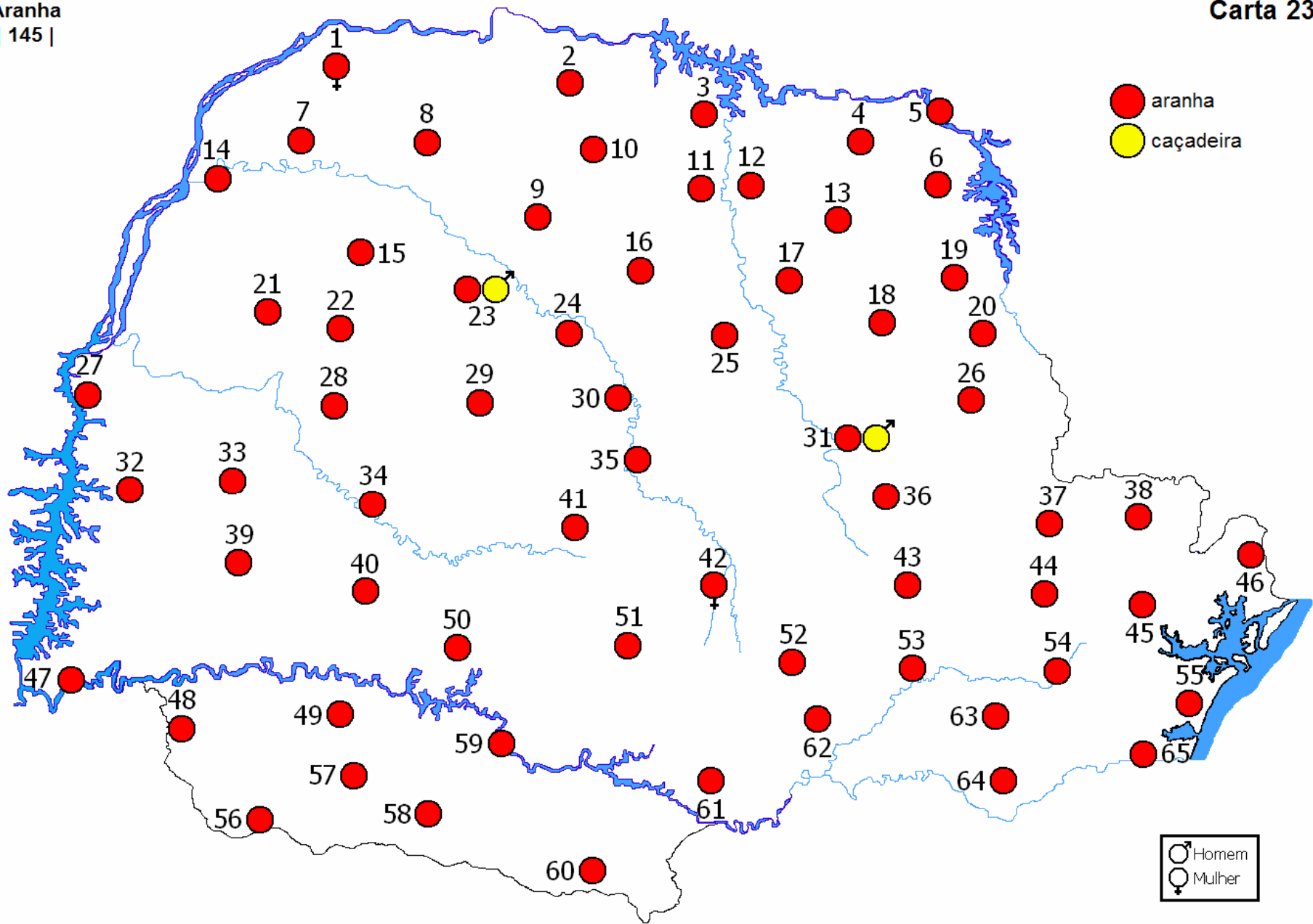


Ocorrências Únicas – Carta 233

Ponto 14 – Inf. B: Cavalo do cão
Ponto 15 – Inf. B: Cavaleta
Ponto 17 – Inf. A: Passa Santa
Ponto 22 – Inf. A: Cavalo de pau
Ponto 43 – Inf. A: Cachorro de Deus

Carta 233 (135 ocorrências)	Mulher	Homem
louva-a-deus	33 (24,44%)	31 (22,96%)
cavalo-de-deus	25 (18,51%)	22 (16,28%)
gafanhoto	4 (2,96%)	6 (4,44%)
grilo	2 (1,49%)	2 (1,49%)
esperança	3 (2,22%)	1 (1,75%)
cavalo de São Jorge	0	3 (2,22%)
cavalo de Nosso(a) Senhor(a)	1 (1,75%)	2 (1,49%)

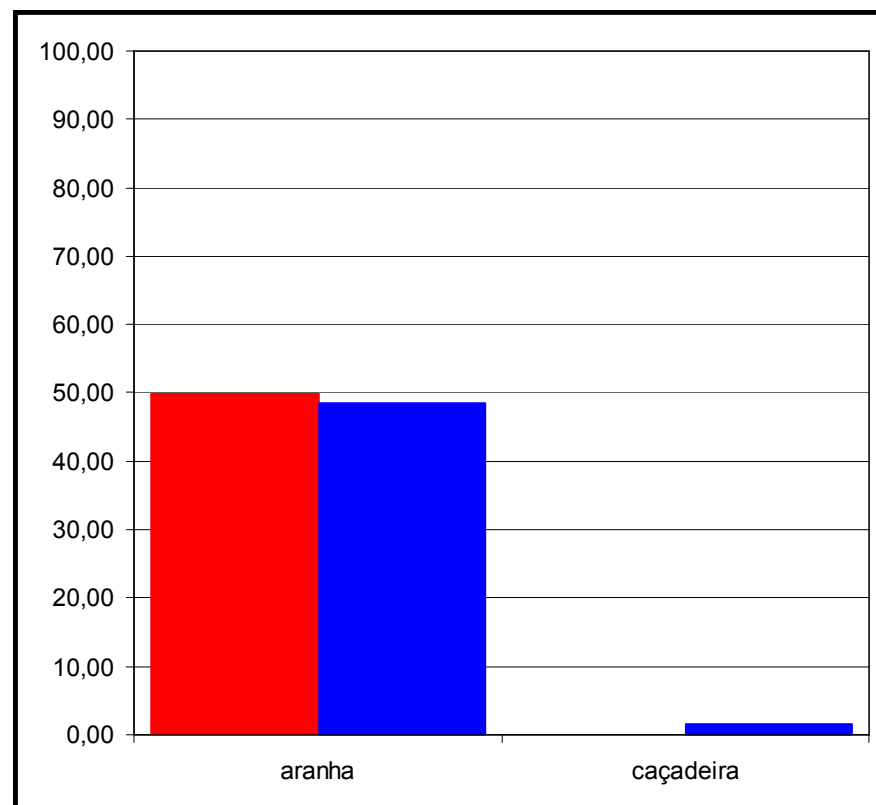


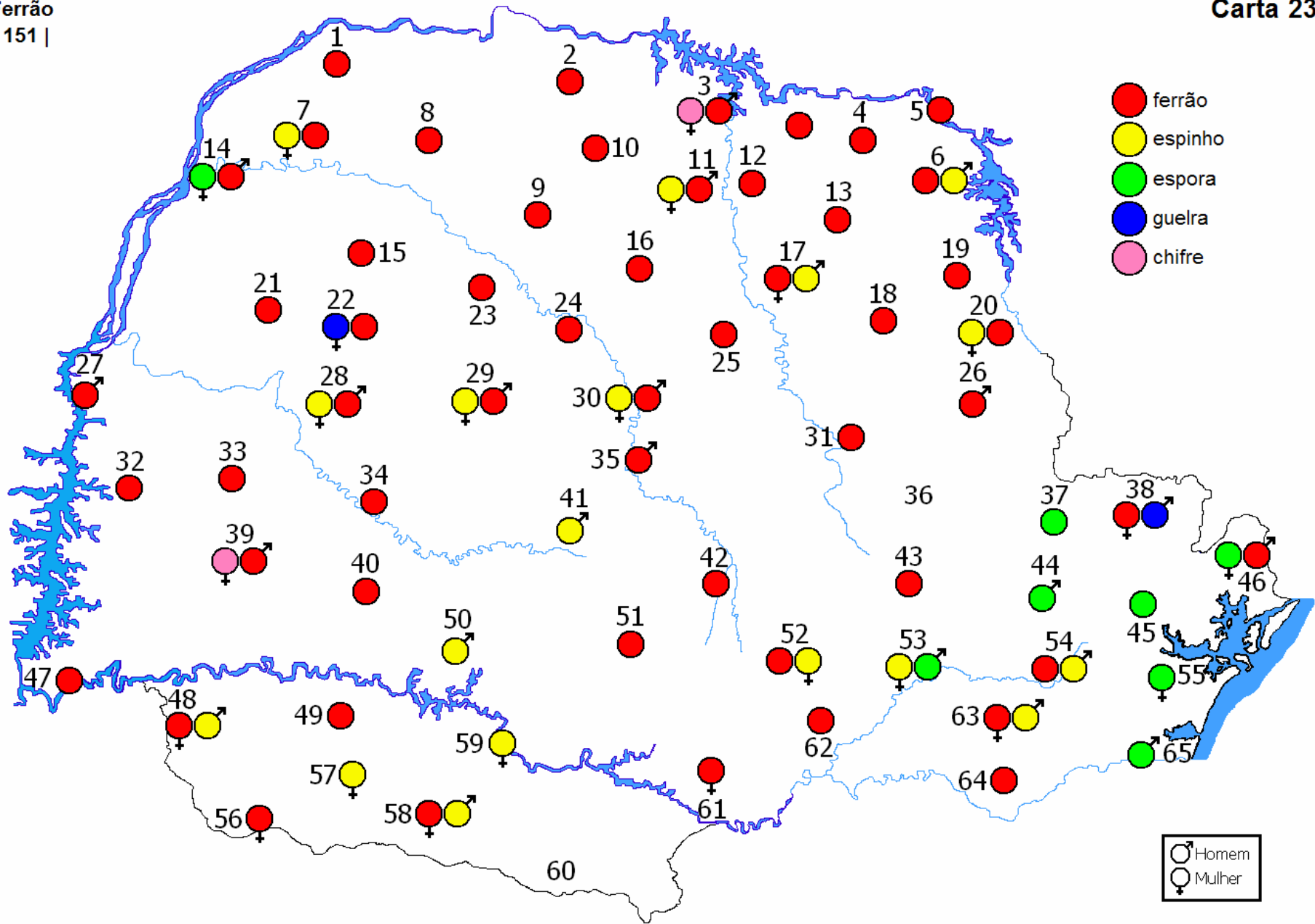


Ocorrências Únicas – Carta 234

Ponto 07 – Inf. A: Aranha rainha

Carta 234 (130 ocorrências)	Mulher	Homem
aranha	65 (50,00%)	63 (48,46%)
caçadeira	0	2 (1,54%)

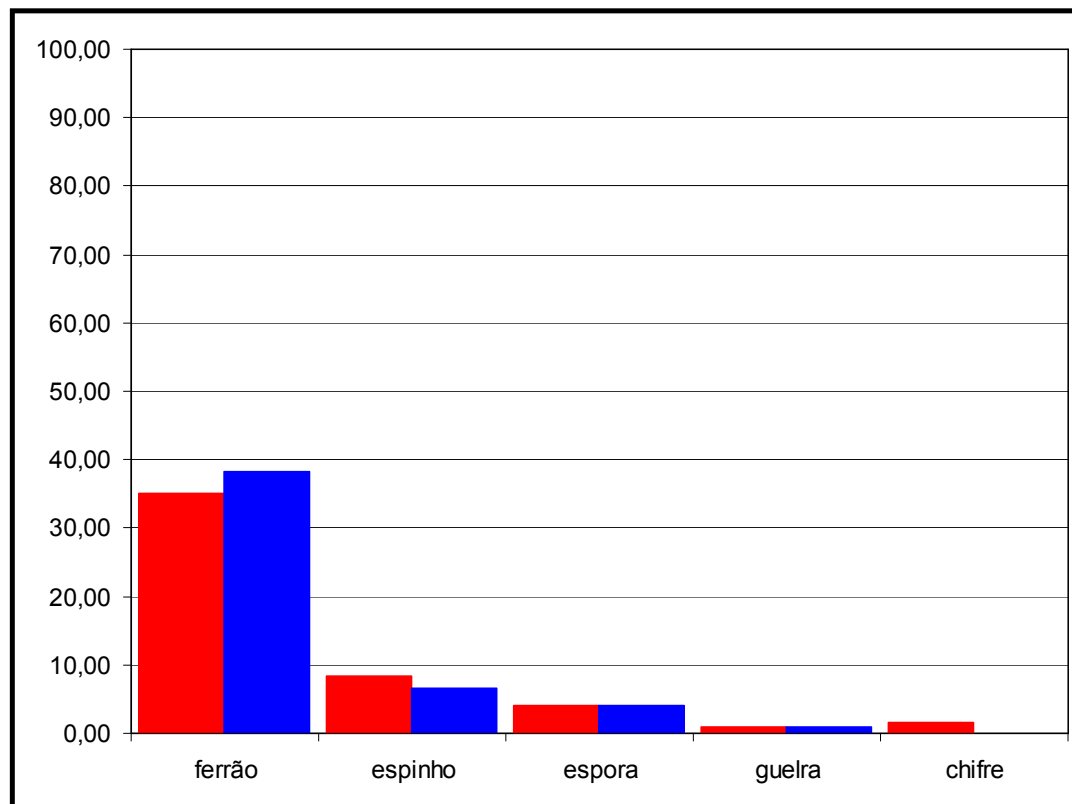


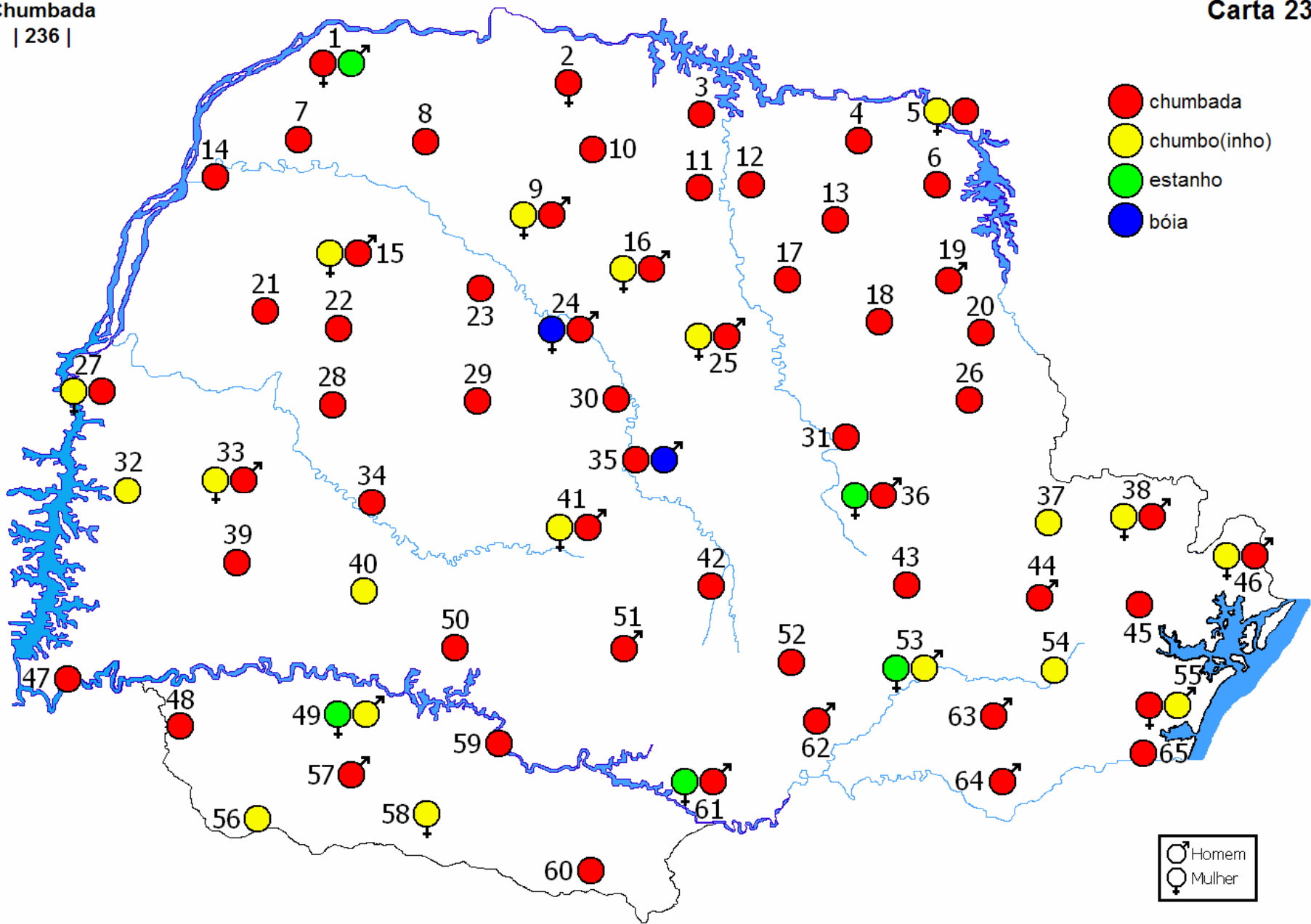


Ocorrências Únicas – Carta 235

Ponto 26 – Inf. A: Espadim
Ponto 27 – Inf. A: Barbatana
Ponto 33 – Inf. B: Chorão / Chorãozinho
Ponto 35 – Inf. A: Espetinho
Ponto 36 – Inf. B: Aspa
Ponto 44 – Inf. A: Bigode
Ponto 59 – Inf. B: Navalha
Ponto 60 – Inf. A: Serra
Ponto 60 – Inf. B: Barba

Carta 235 (120 ocorrências)	Mulher	Homem
ferrão	42 (35,00%)	46 (38,33%)
espinho	10 (8,33%)	8 (6,66%)
espora	5 (4,17%)	5 (4,17%)
guelra	1 (0,84%)	1 (0,84%)
chifre	2 (1,66%)	0





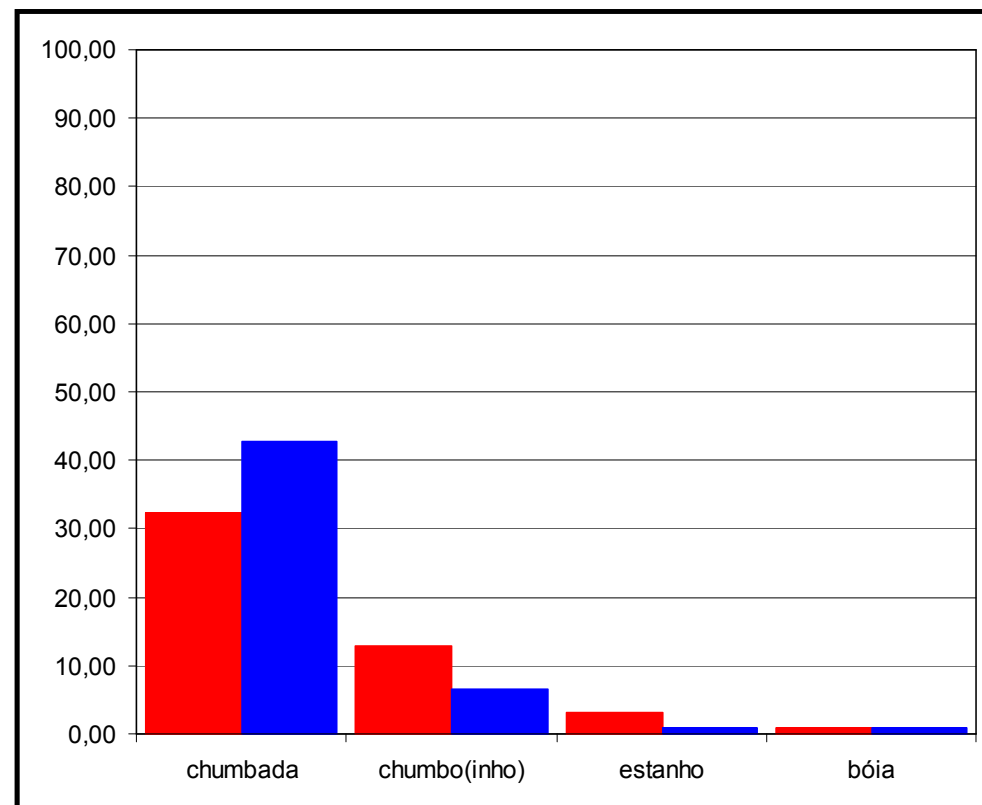
Ocorrências Únicas – Carta 236

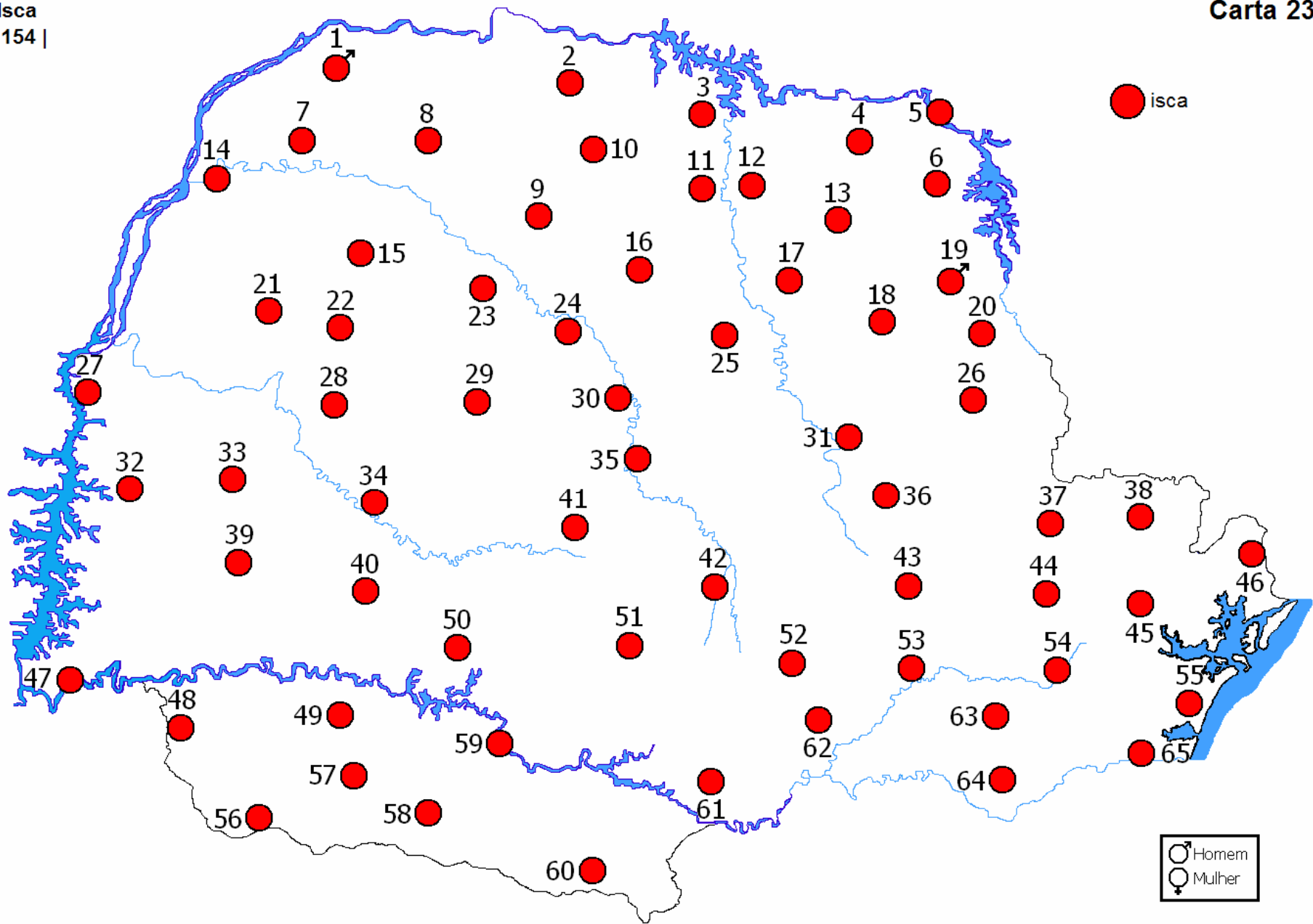
Ponto 28 – Inf. A: Bolinha de aço

Ponto 57 – Inf. B: Engate

Ponto 62 – Inf. A: Rolha

Carta 236 (124 ocorrências)	Mulher	Homem
chumbada	40 (32,26%)	53 (42,75%)
chumbo(inho)	16 (12,91%)	8 (6,46%)
estanho	4 (3,22%)	1 (0,80%)
bóia	1 (0,80%)	1 (0,80%)



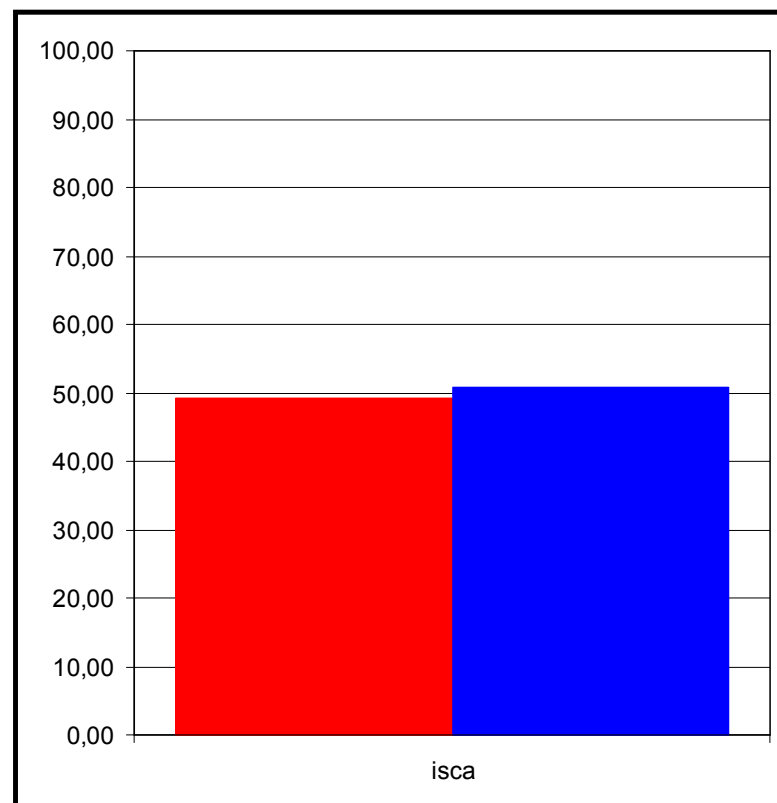


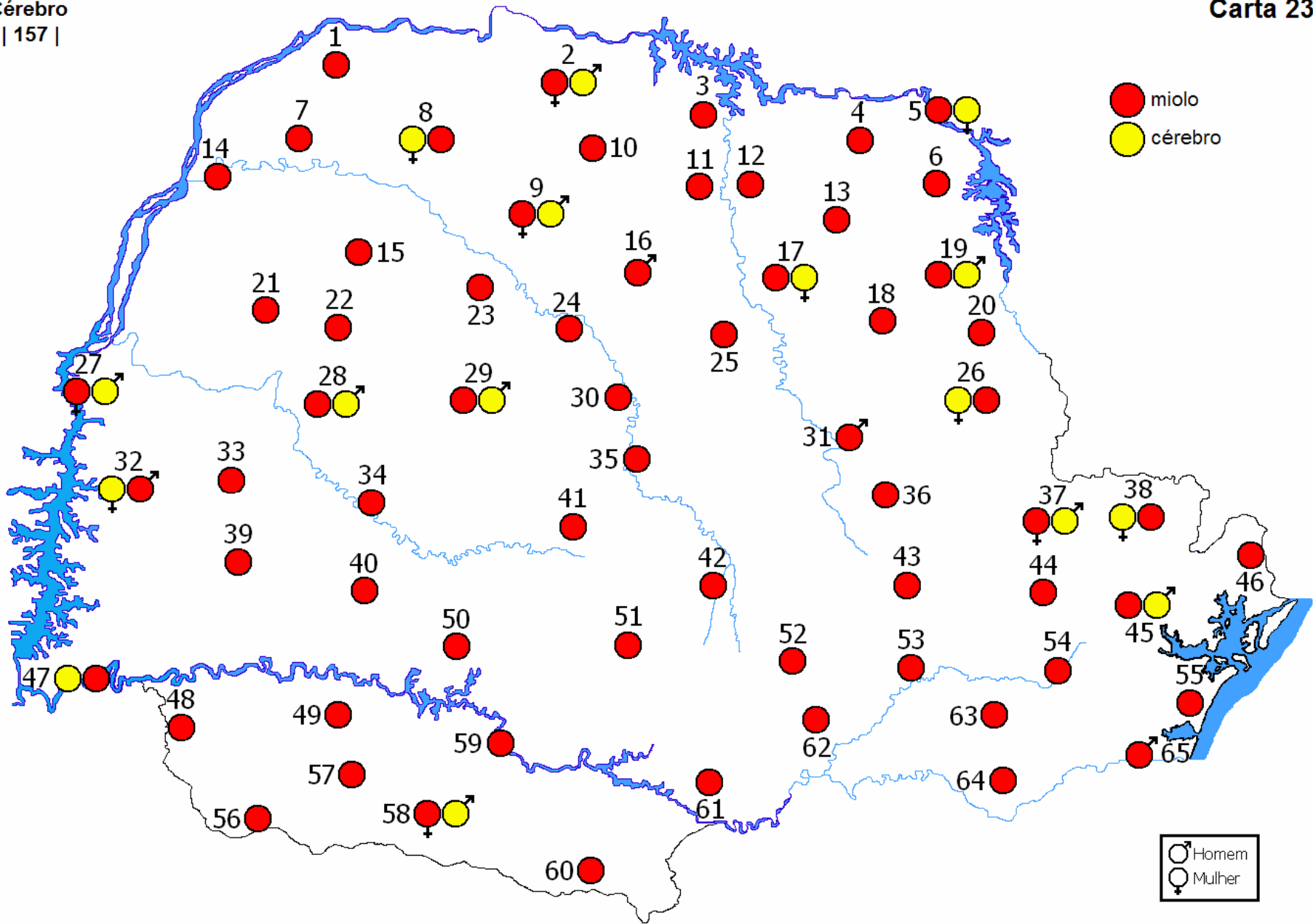
Ocorrências Únicas – Carta 237

Ponto 13 – Inf. A: Minhoca/ Carne

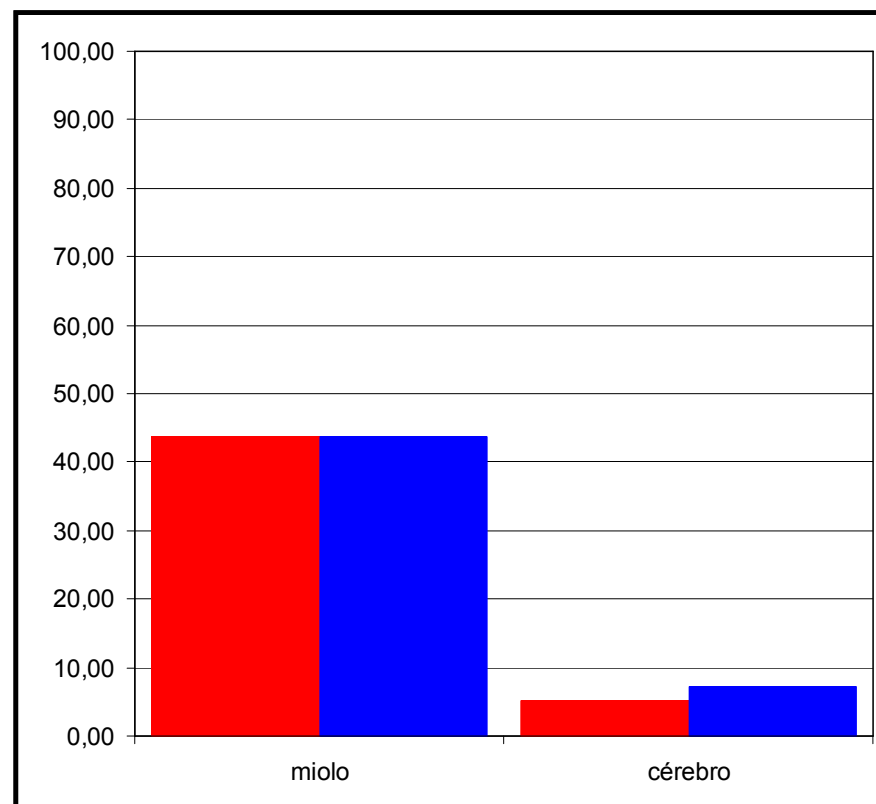
Ponto 46 – Inf. A: Cariri

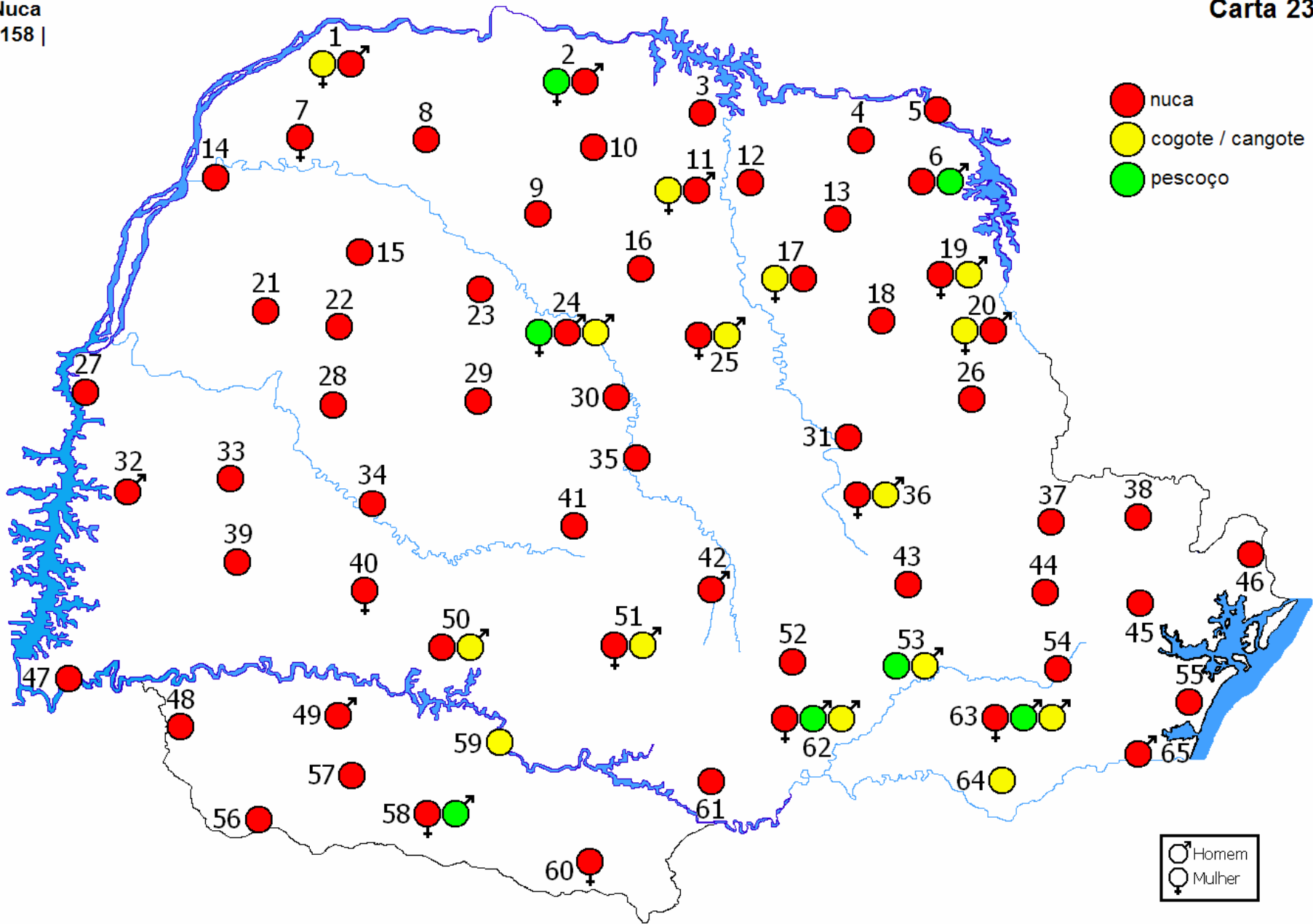
Carta 237 (128 ocorrências)	Mulher	Homem
isca	63 (49,22%)	50,78%





Carta 238 (137 ocorrências)	Mulher	Homem
miolo	60 (43,80%)	60 (43,80%)
cérebro	7 (5,10%)	10 (7,30%)

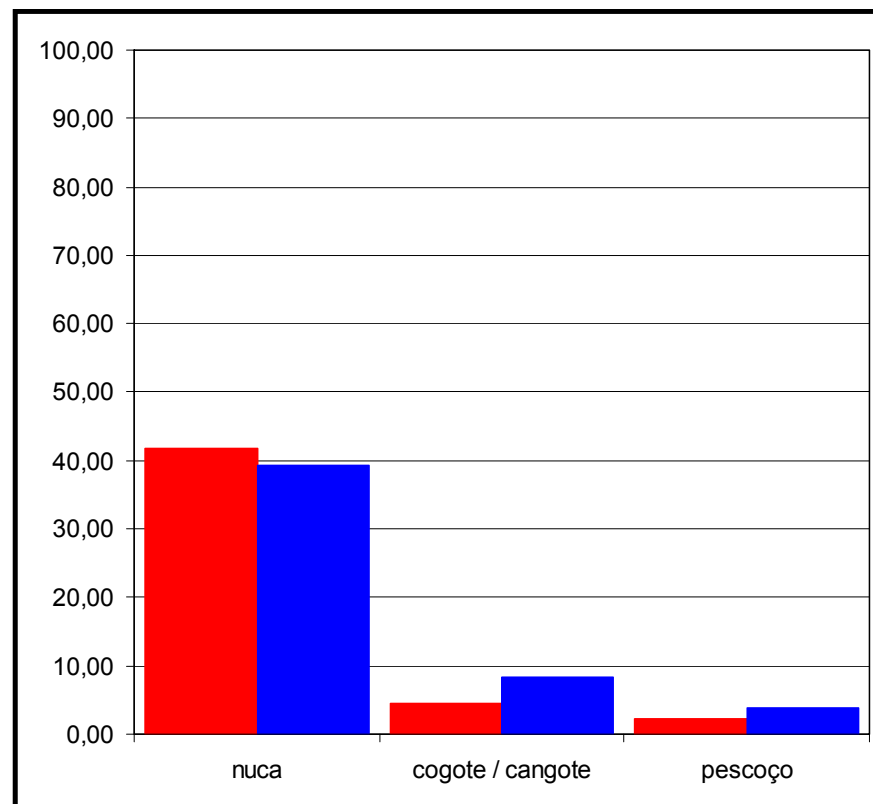


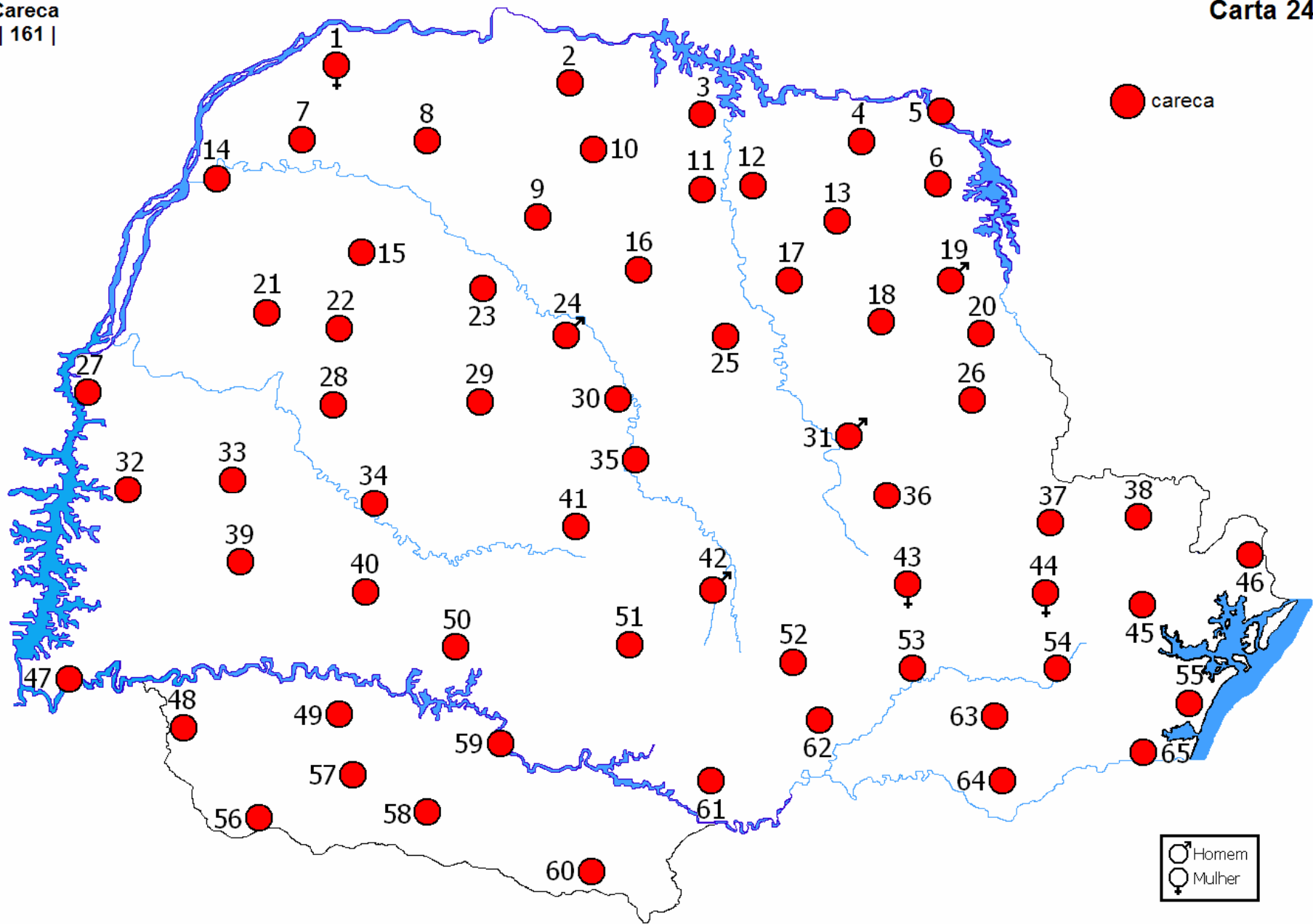


Ocorrências Únicas – Carta 239

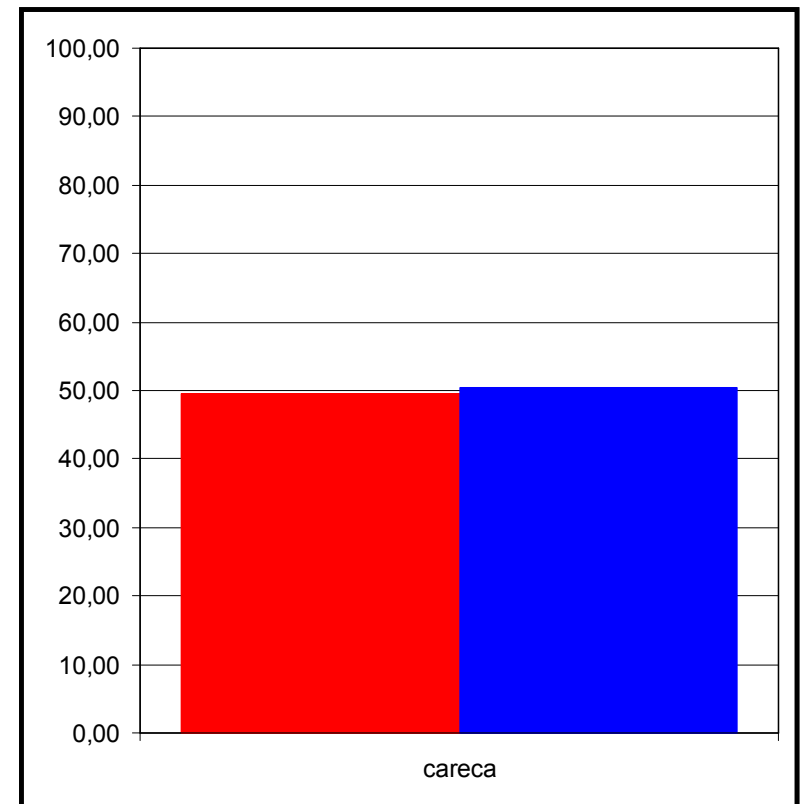
Ponto 49 – Inf. A: Lombo

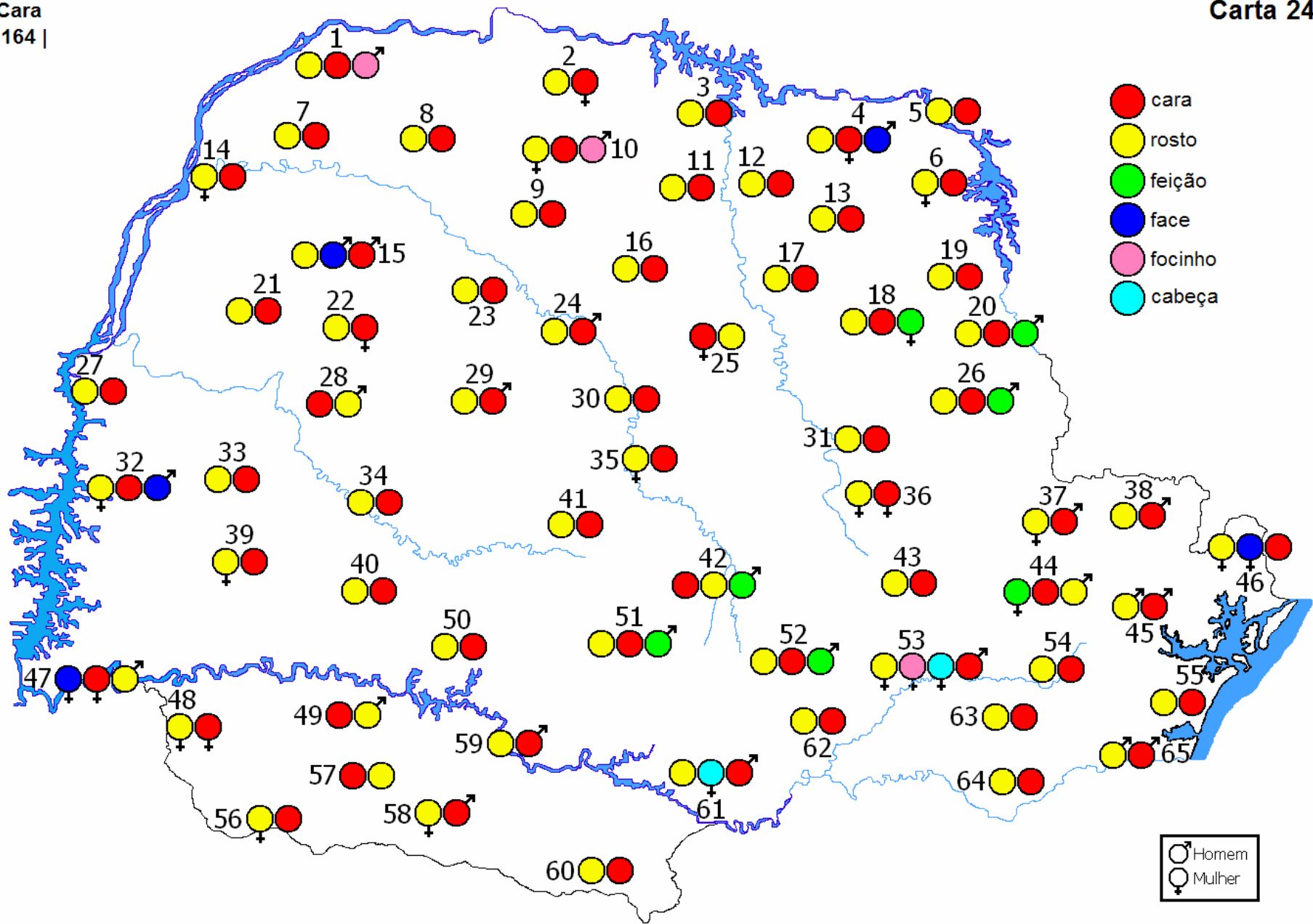
Carta 239 (132 ocorrências)	Mulher	Homem
nuca	55 (41,66%)	52 (39,39%)
cogote / cangote	6 (4,54%)	11 (8,34%)
pescoço	3 (2,28%)	5 (3,79%)





Carta 240 (123 ocorrências)	Mulher	Homem
careca	61 (49,59%)	62 (50,41%)

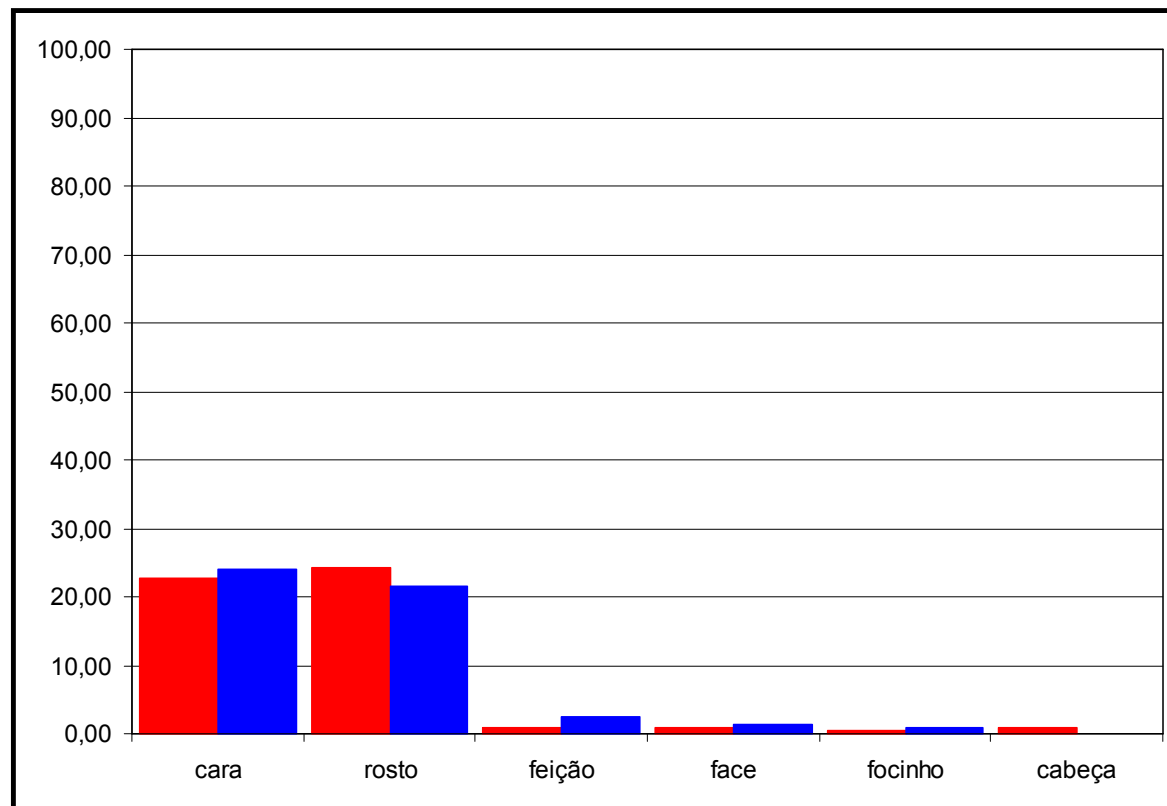


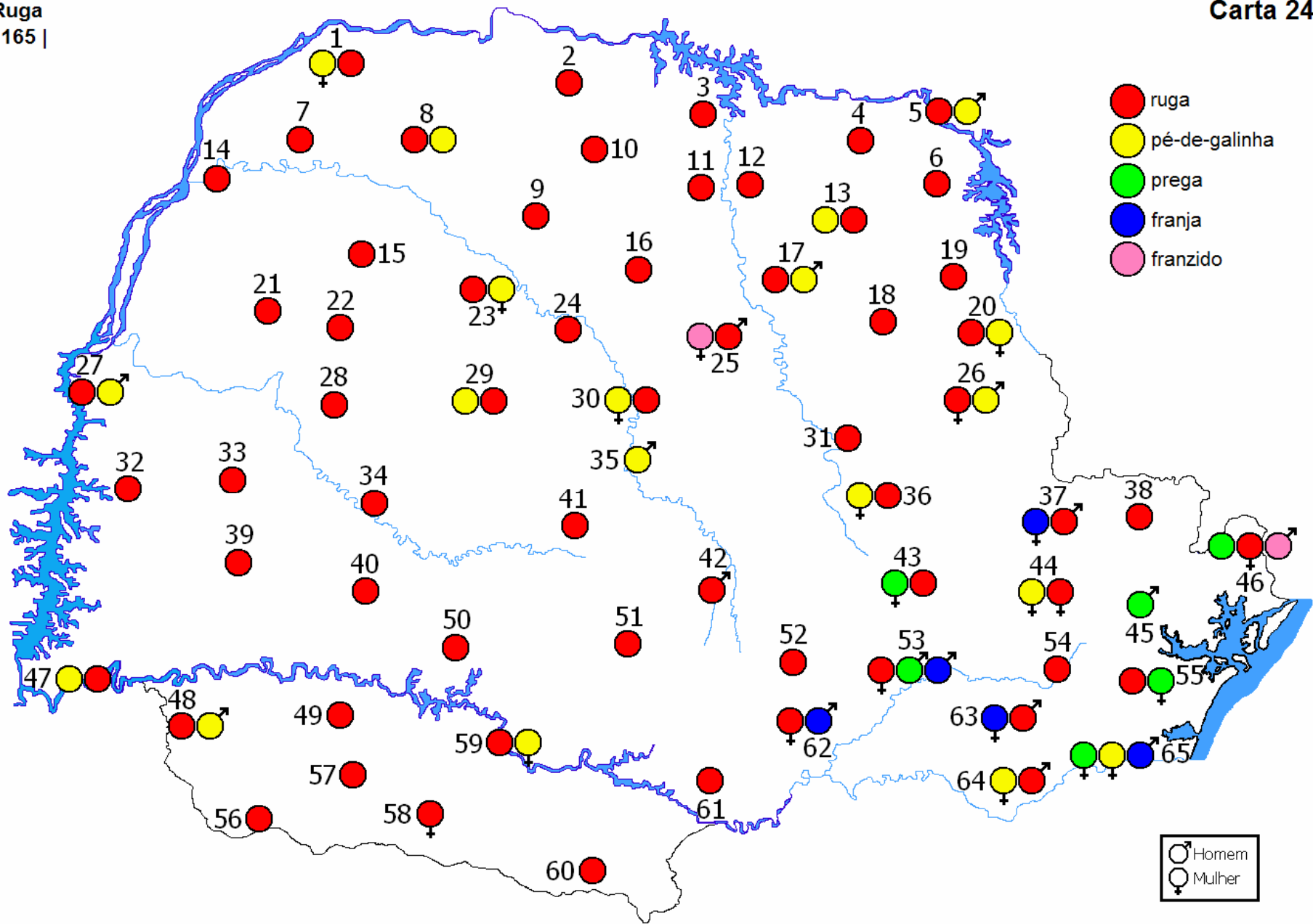


Ocorrências Únicas – Carta 241

Ponto 42 – Inf. B: Fisionomia

Carta 241 (242 ocorrências)	Mulher	Homem
cara	55 (22,72%)	58 (23,96%)
rosto	59 (24,38%)	52 (21,48%)
feição	2 (0,83%)	6 (2,48%)
face	2 (0,83%)	3 (1,24%)
focinho	1 (0,42%)	2 (0,83%)
cabeça	2 (0,83%)	0

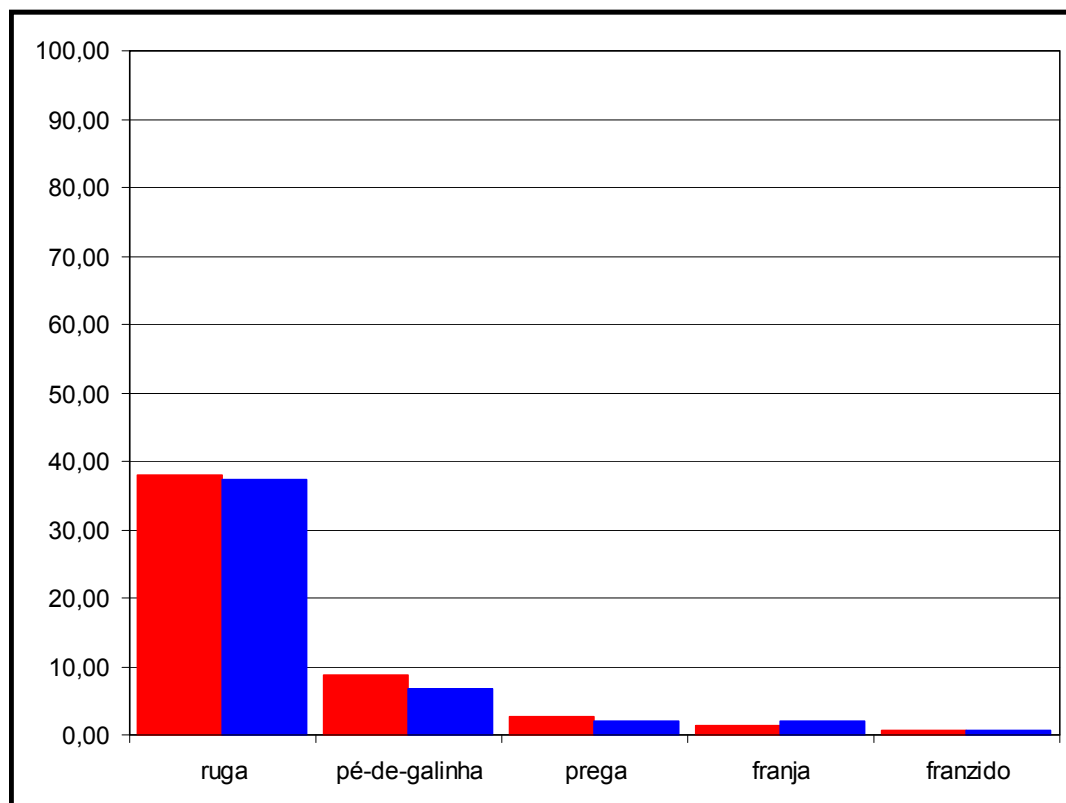


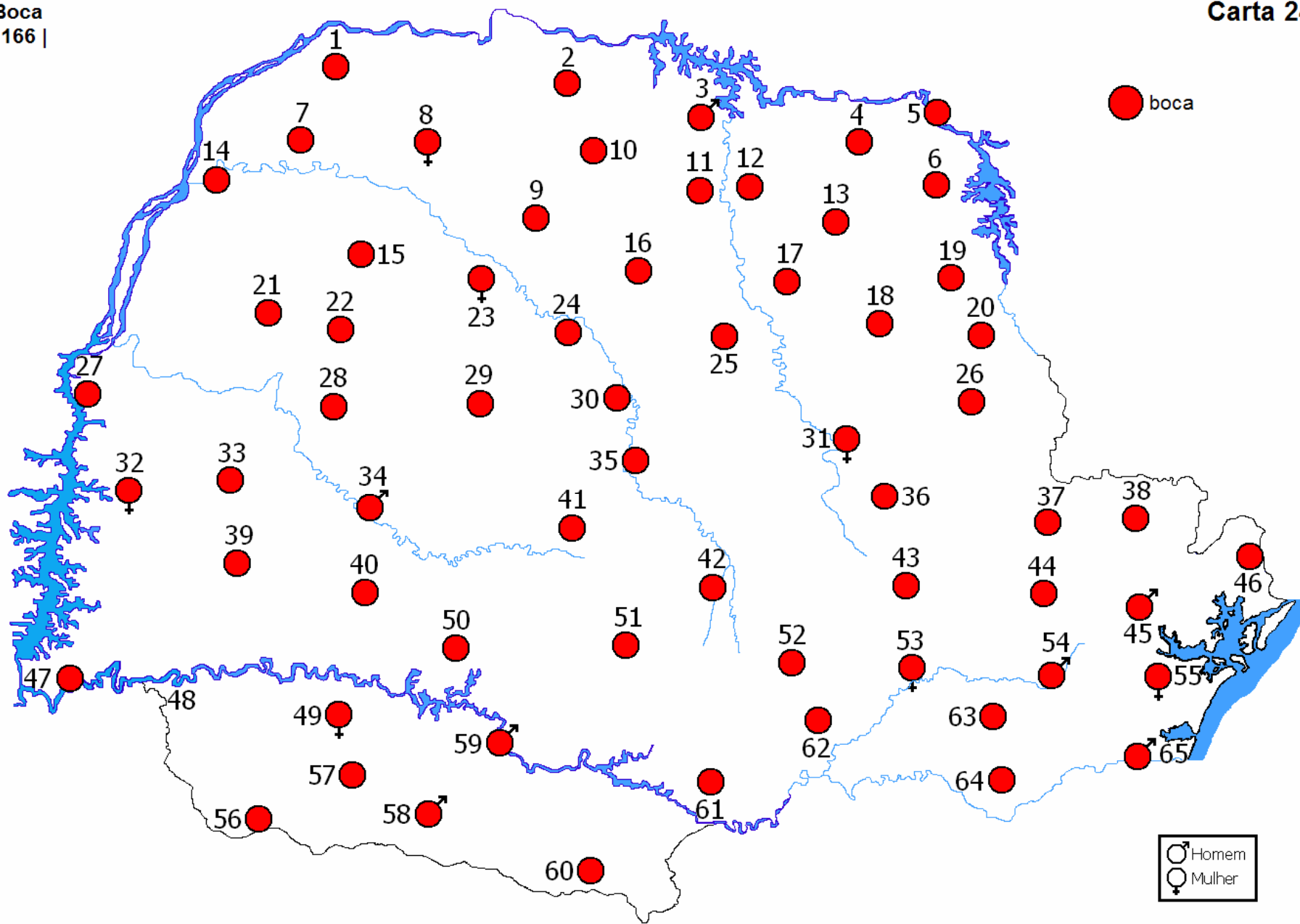


Ocorrências Únicas – Carta 242

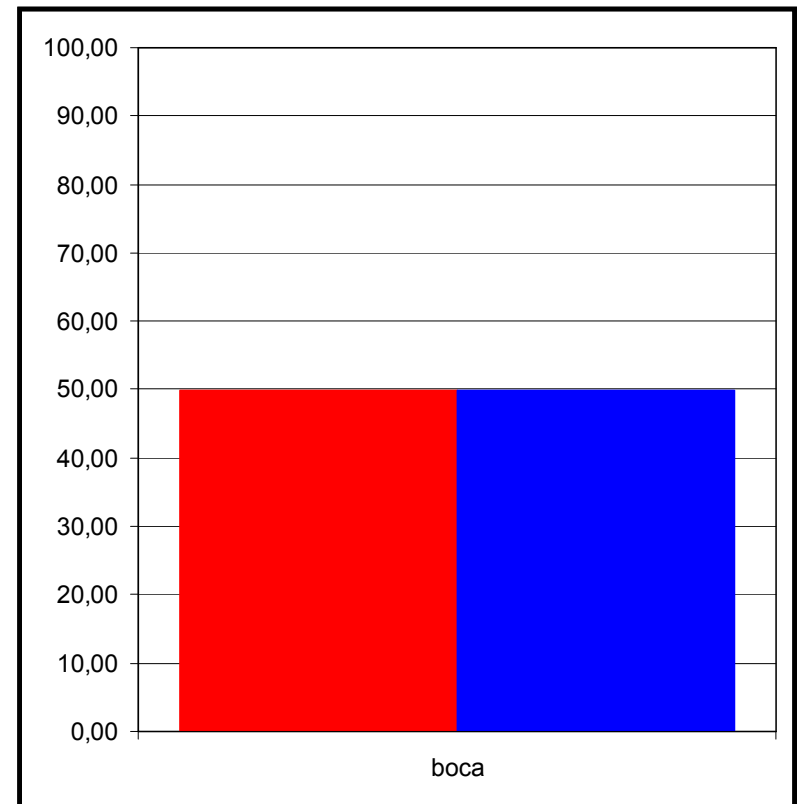
Ponto 17 – Inf. B: Sinal de velhice

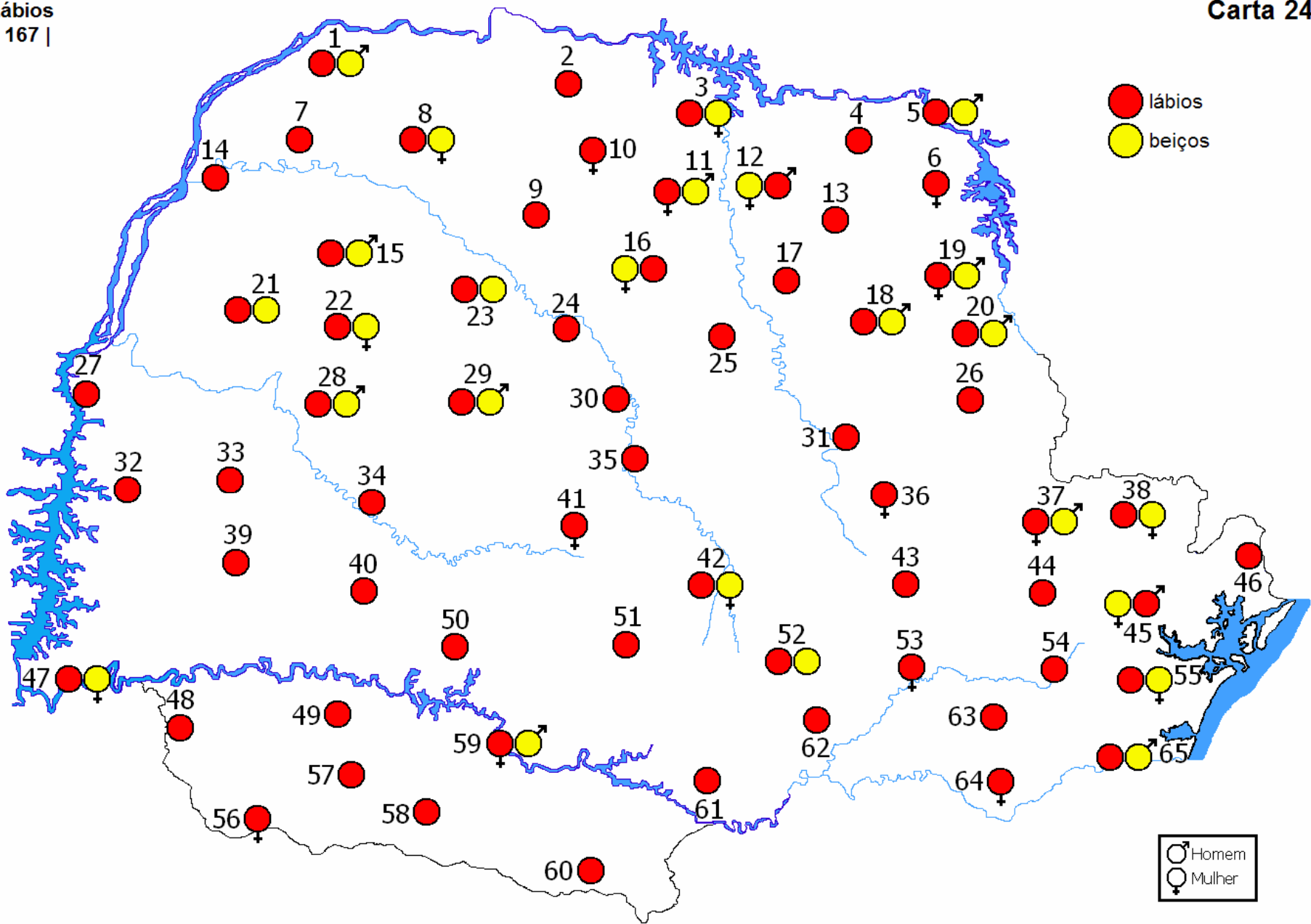
Carta 242 (150 ocorrências)	Mulher	Homem
ruga	57 (38,00%)	56 (37,33%)
pé-de-galinha	13 (8,66%)	10 (6,66%)
prega	4 (2,67%)	3 (2,00%)
franja	2 (1,34%)	3 (2,00%)
franzido	1 (0,67%)	1 (0,67%)



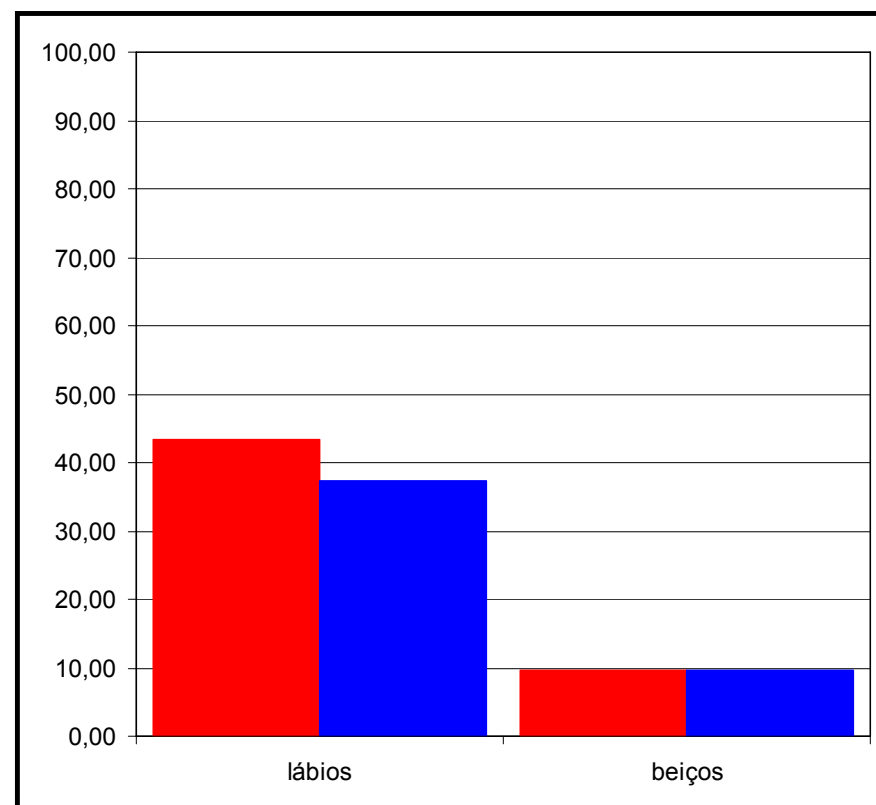


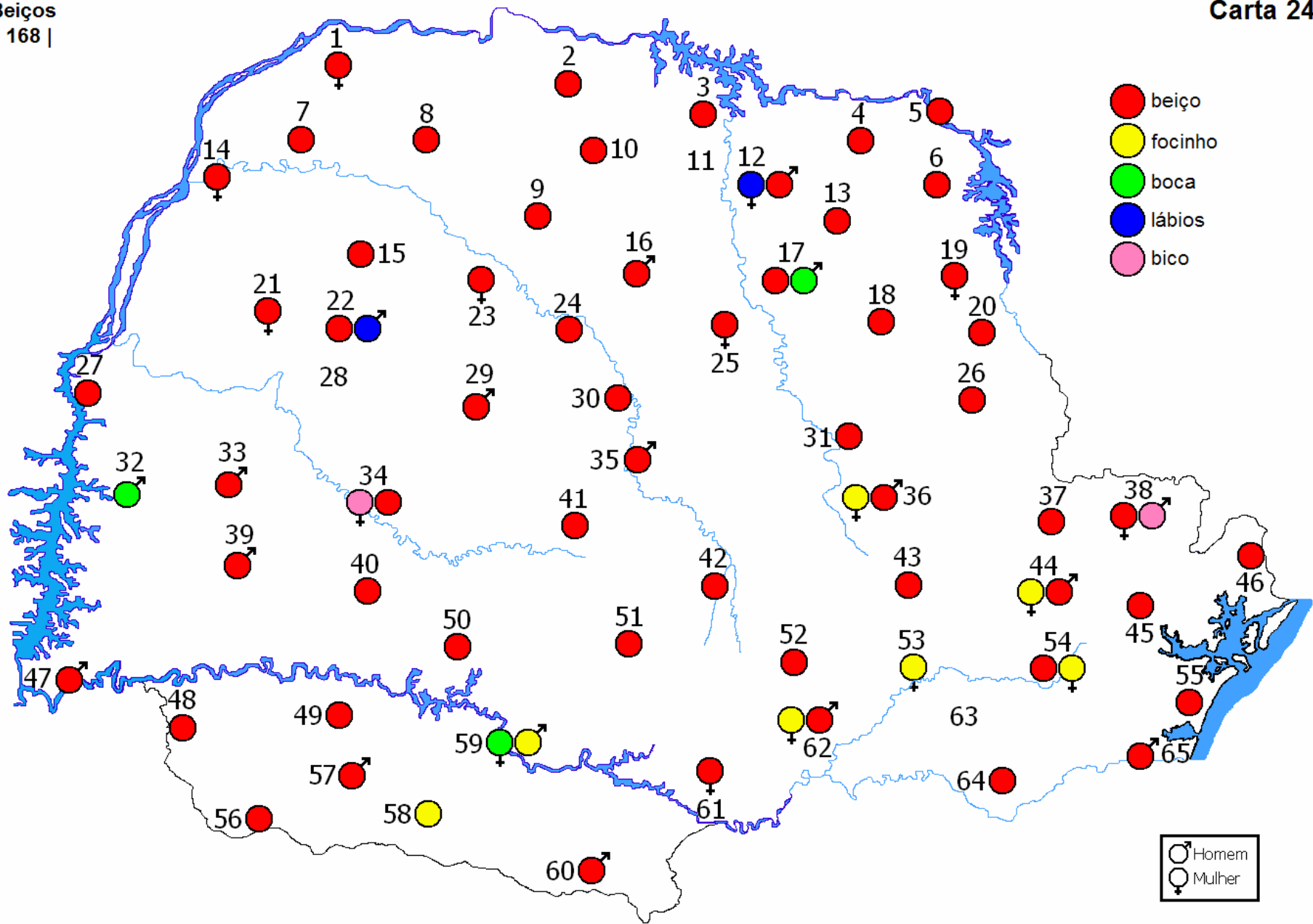
Carta 243 (114 ocorrências)	Mulher	Homem
boca	57 (50,00%)	57 (50,00%)





Carta 244 (145 ocorrências)	Mulher	Homem
lábios	63 (43,45%)	54 (37,25%)
beijos	14 (9,65%)	14 (9,65%)

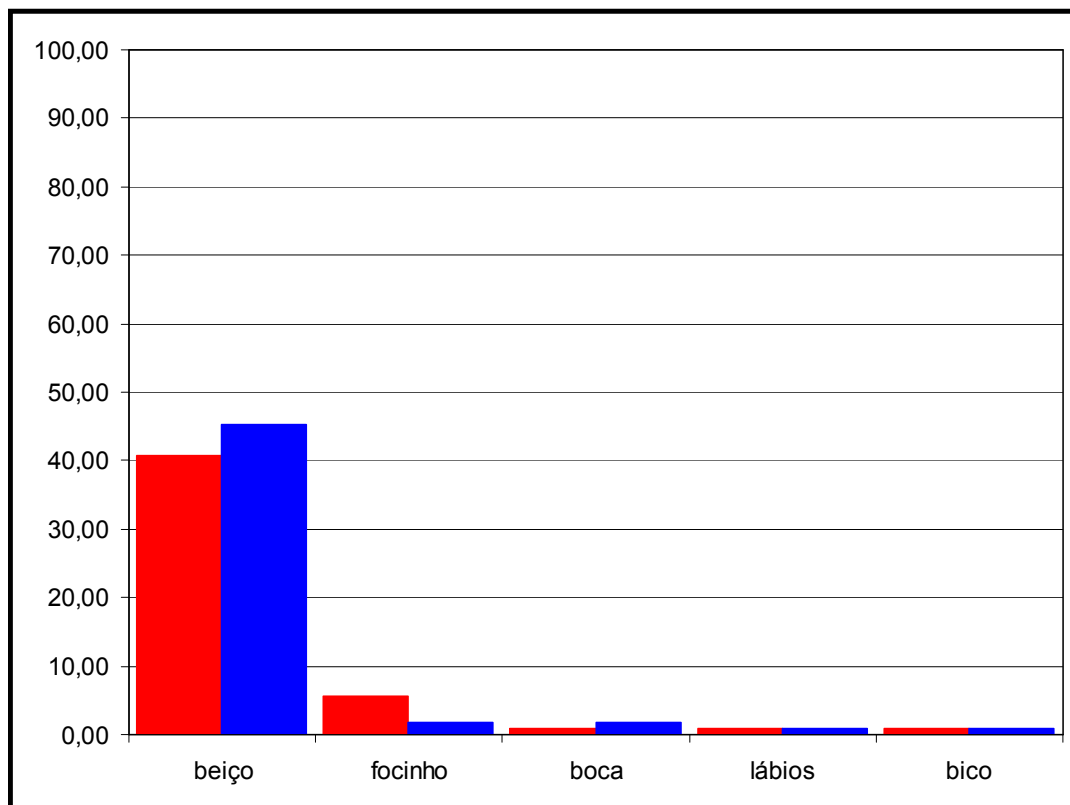


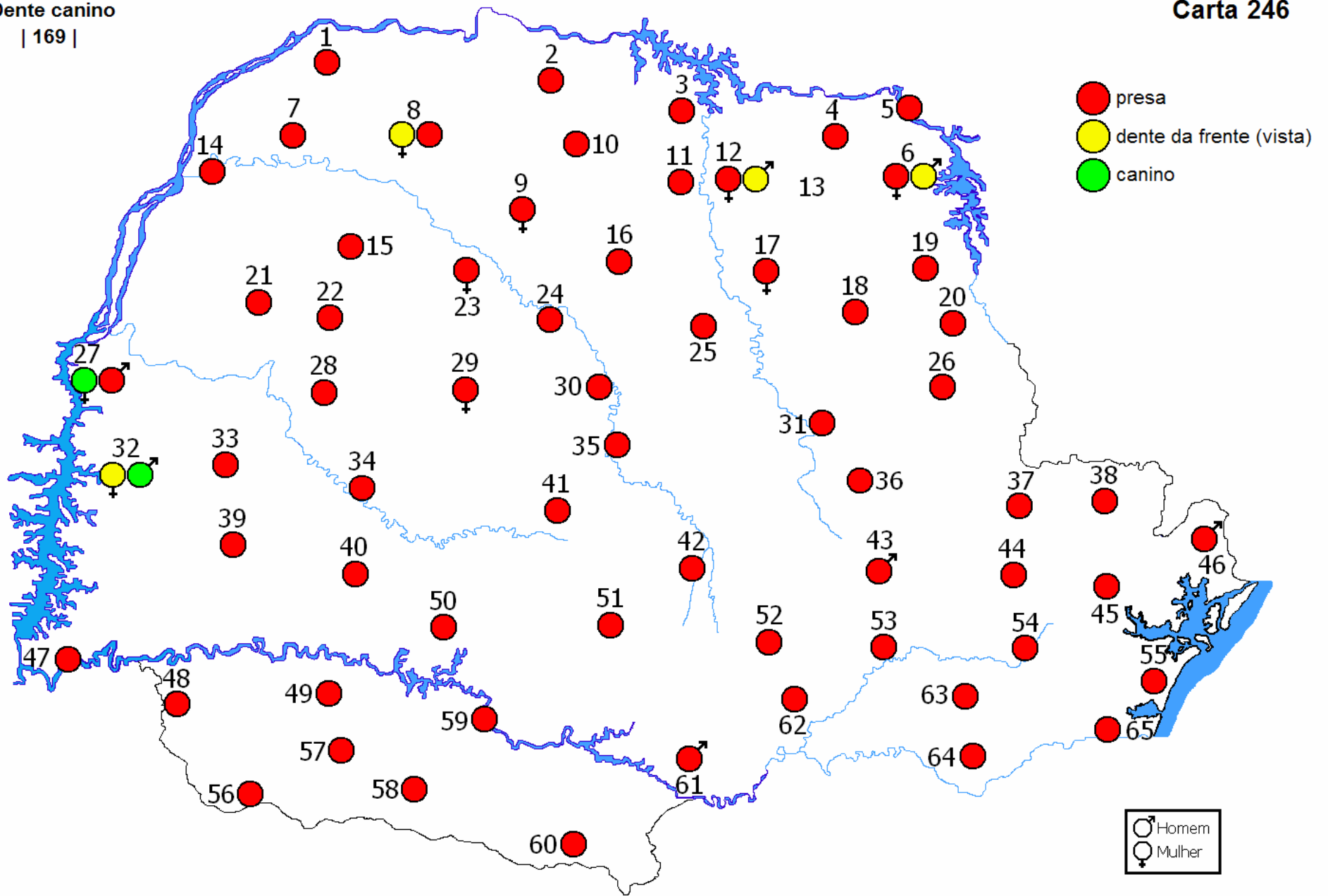


Ocorrências Únicas – Carta 245

Ponto 44 – Inf. A: Béque

Carta 245 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
beijo	44 (40,74%)	49 (45,36%)
focinho	6 (5,55%)	2 (1,85%)
boca	1 (0,93%)	2 (1,85%)
lábios	1 (0,93%)	1 (0,93%)
bico	1 (0,93%)	1 (0,93%)

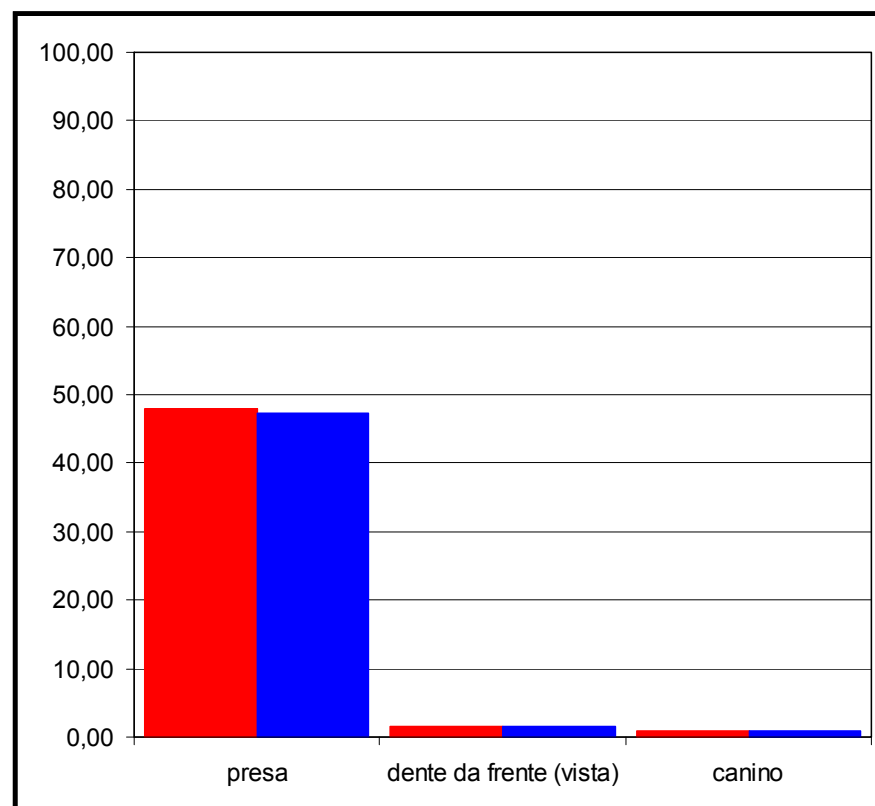


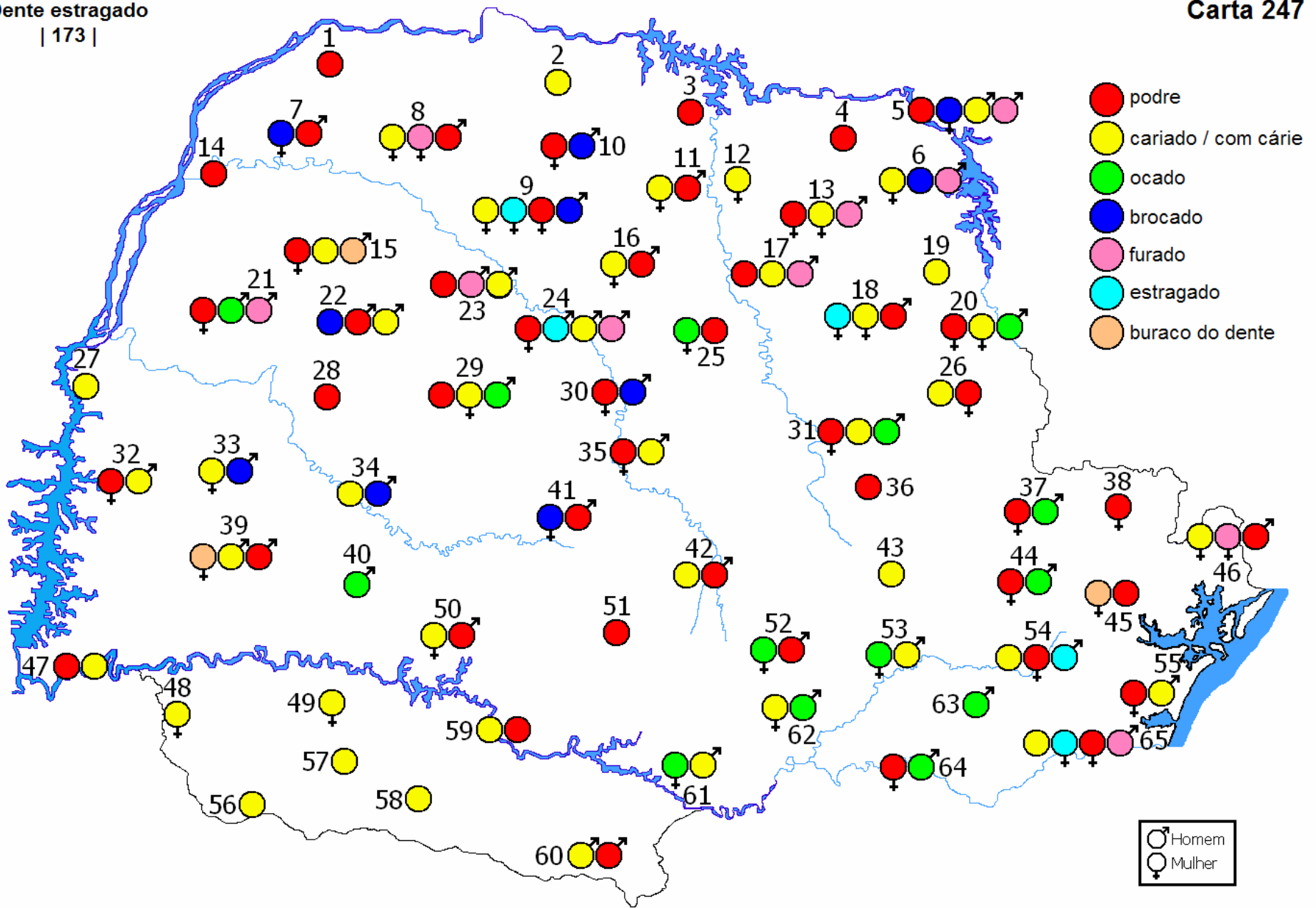


Ocorrências Únicas – Carta 246

Ponto 10 – Inf. A: Dente grande

Carta 246 (125 ocorrências)	Mulher	Homem
presa	60 (48,00%)	59 (47,20%)
dente da frente (vista)	2 (1,60%)	2 (1,60%)
canino	1 (0,80%)	1 (0,80%)



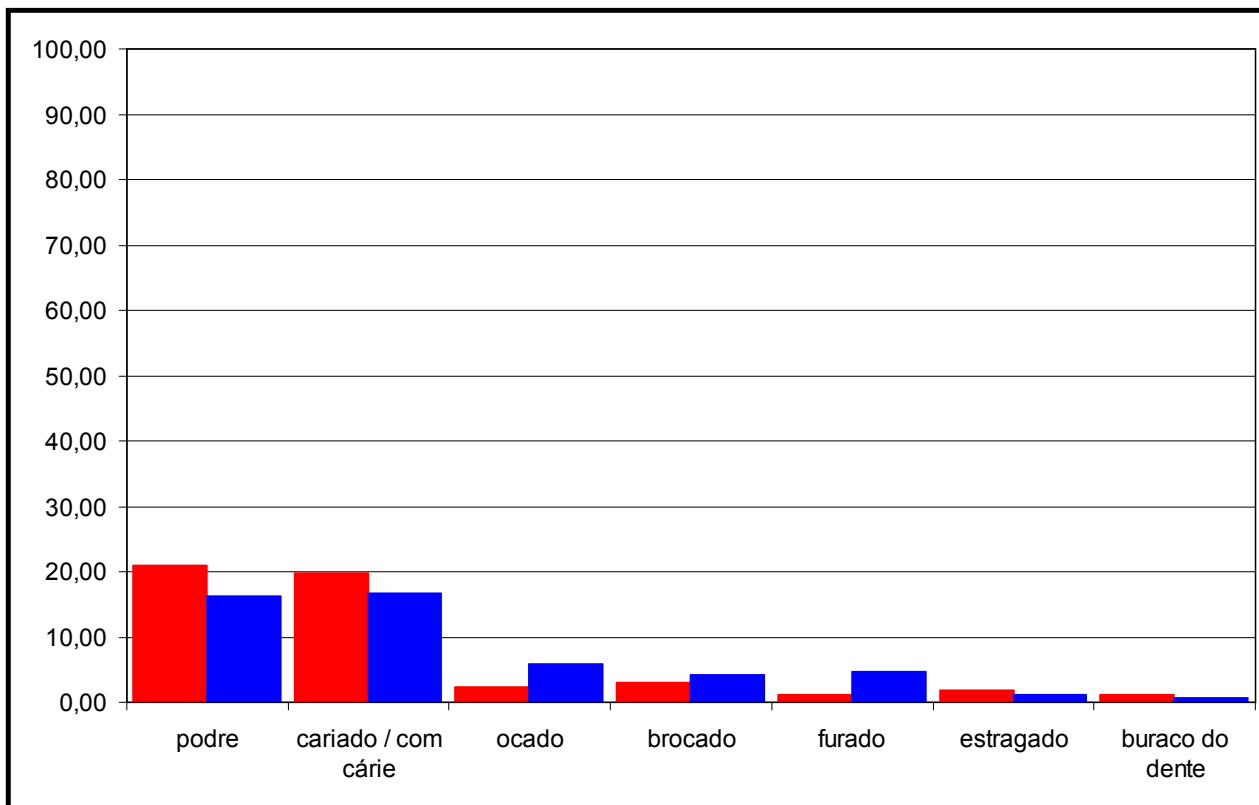


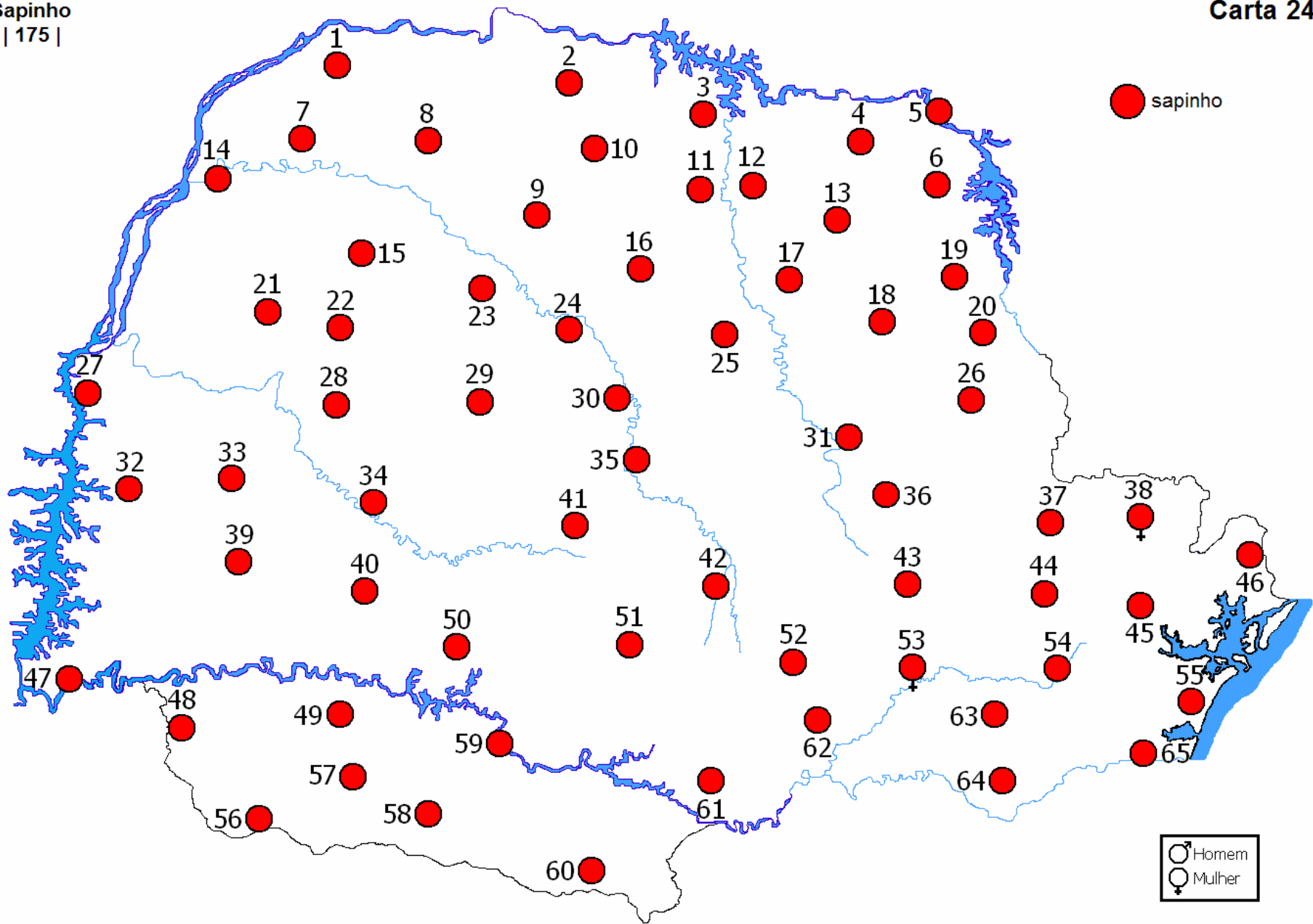
Ocorrências Únicas – Carta 247

Ponto 49 – Inf. B: Carunchado

Ponto 63 – Inf. A: Pedaco de dente

Carta 247 (167 ocorrências)	Mulher	Homem
podre	35 (20,96%)	27 (16,16%)
cariado / com cárie	33 (19,76%)	28 (16,76%)
ocado	4 (2,39%)	10 (5,98%)
brocado	5 (2,99%)	7 (4,20%)
furado	2 (1,20%)	8 (4,80%)
estragado	3 (1,80%)	2 (1,20%)
buraco do dente	2 (1,20%)	1 (0,60%)

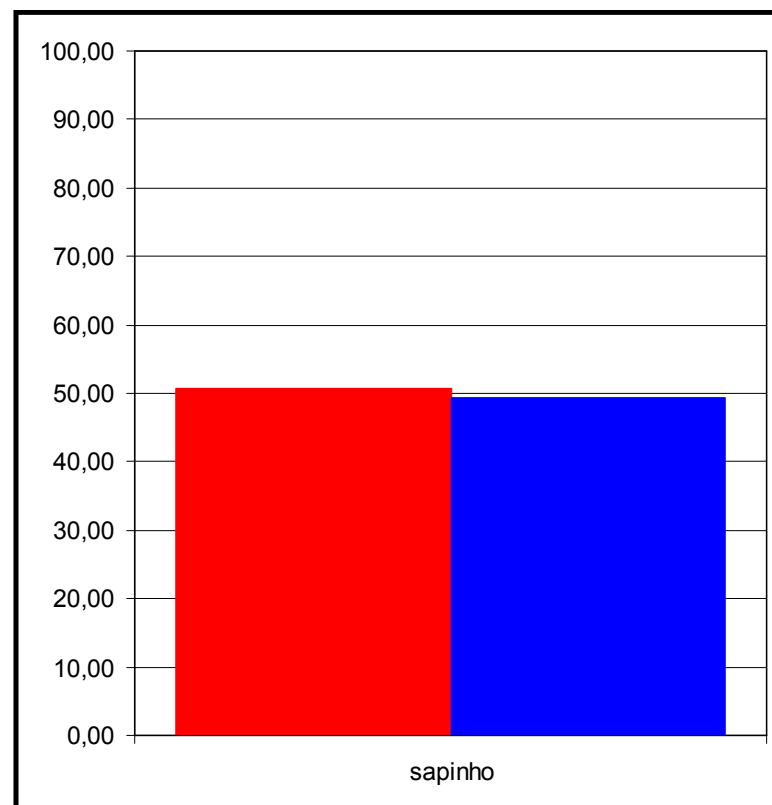


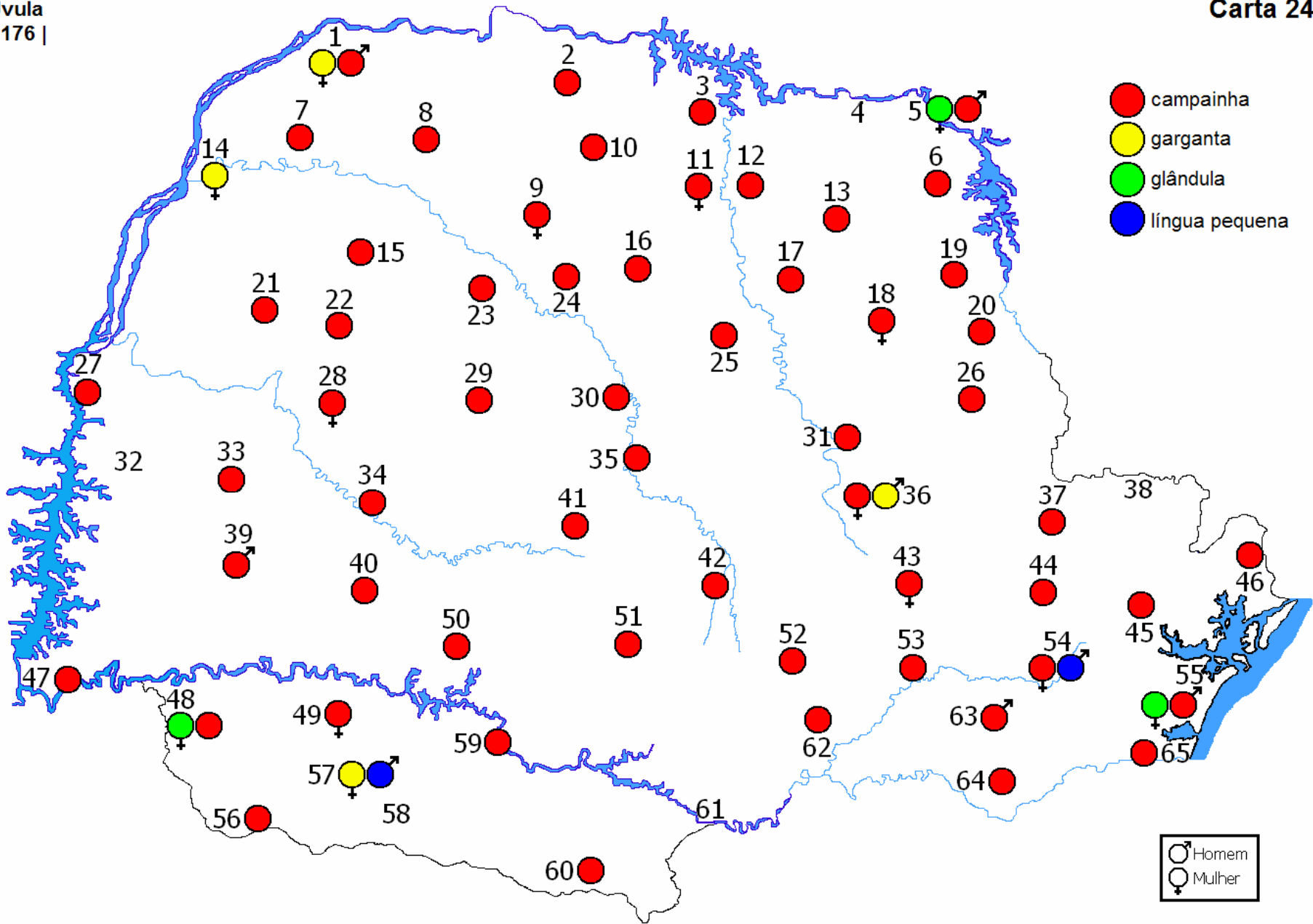


Ocorrências Únicas – Carta 248

Ponto 12 – Inf. B: Brotoeja

Carta 248 (128 ocorrências)	Mulher	Homem
sapinho	65 (50,78%)	63 (49,22%)





Ocorrências Únicas – Carta 249

Ponto 04 – Inf. A: Sino

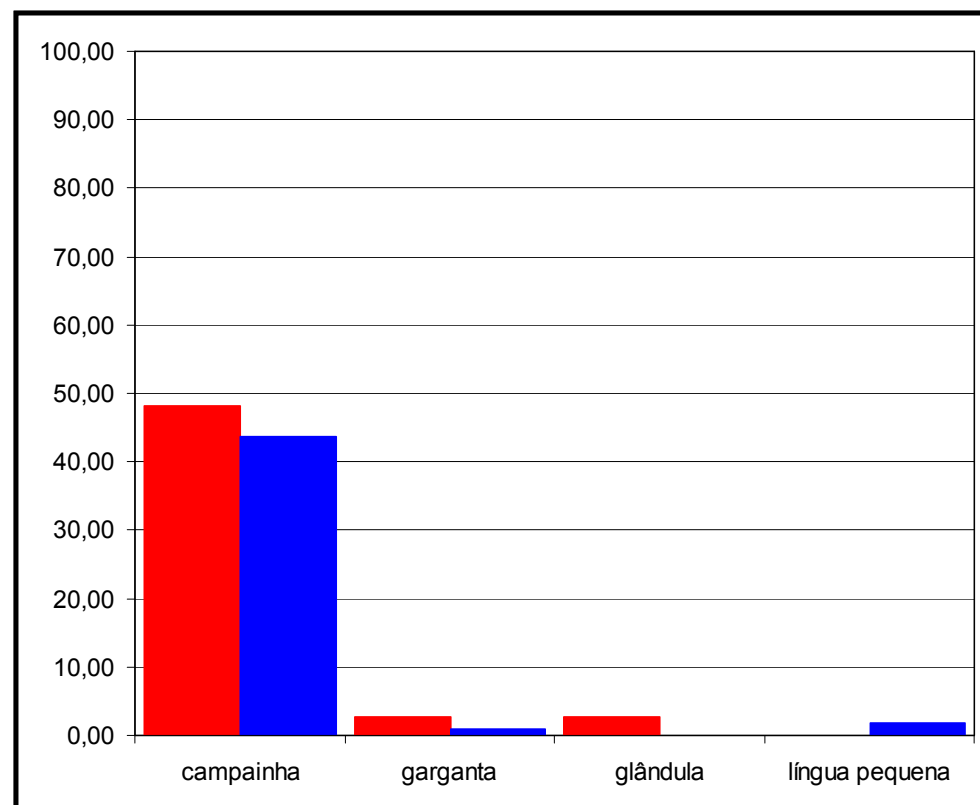
Ponto 26 – Inf. B: Gota

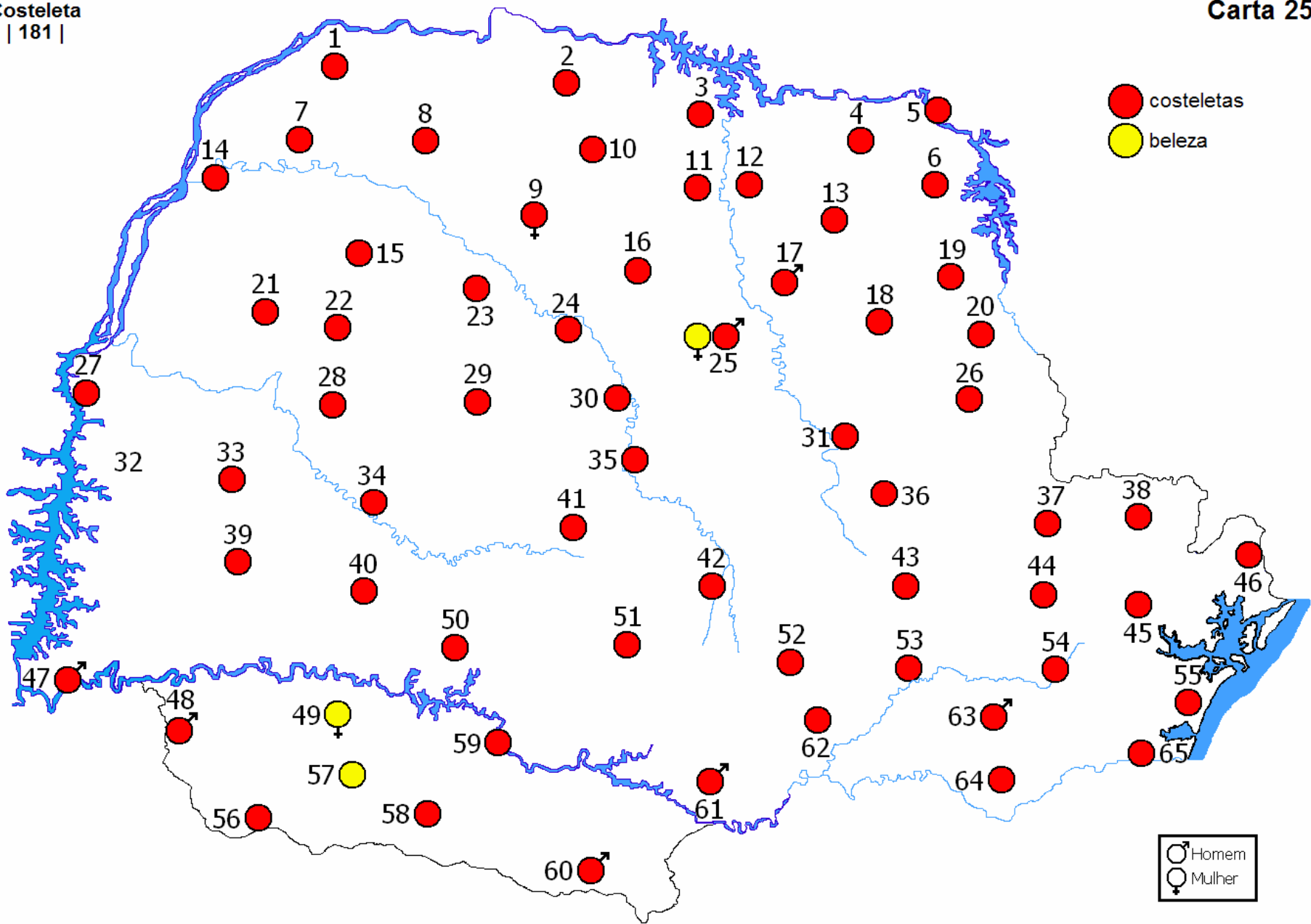
Ponto 39 – Inf. A: Gogó

Ponto 40 – Inf. A: Carçoço

Ponto 55 – Inf. A: Pinguela

Carta 249 (112 ocorrências)	Mulher	Homem
campainha	54 (48,21%)	49 (43,75%)
garganta	3 (2,67%)	1 (0,90%)
glândula	3 (2,67%)	0
língua pequena	0	2 (1,80%)





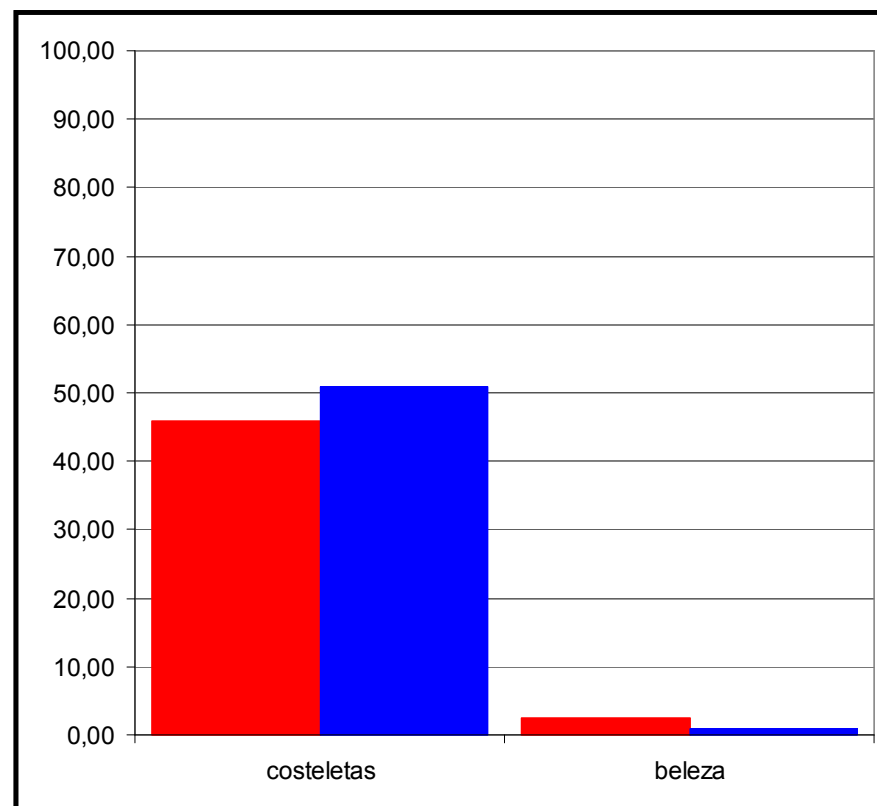
Ocorrências Únicas – Carta 250

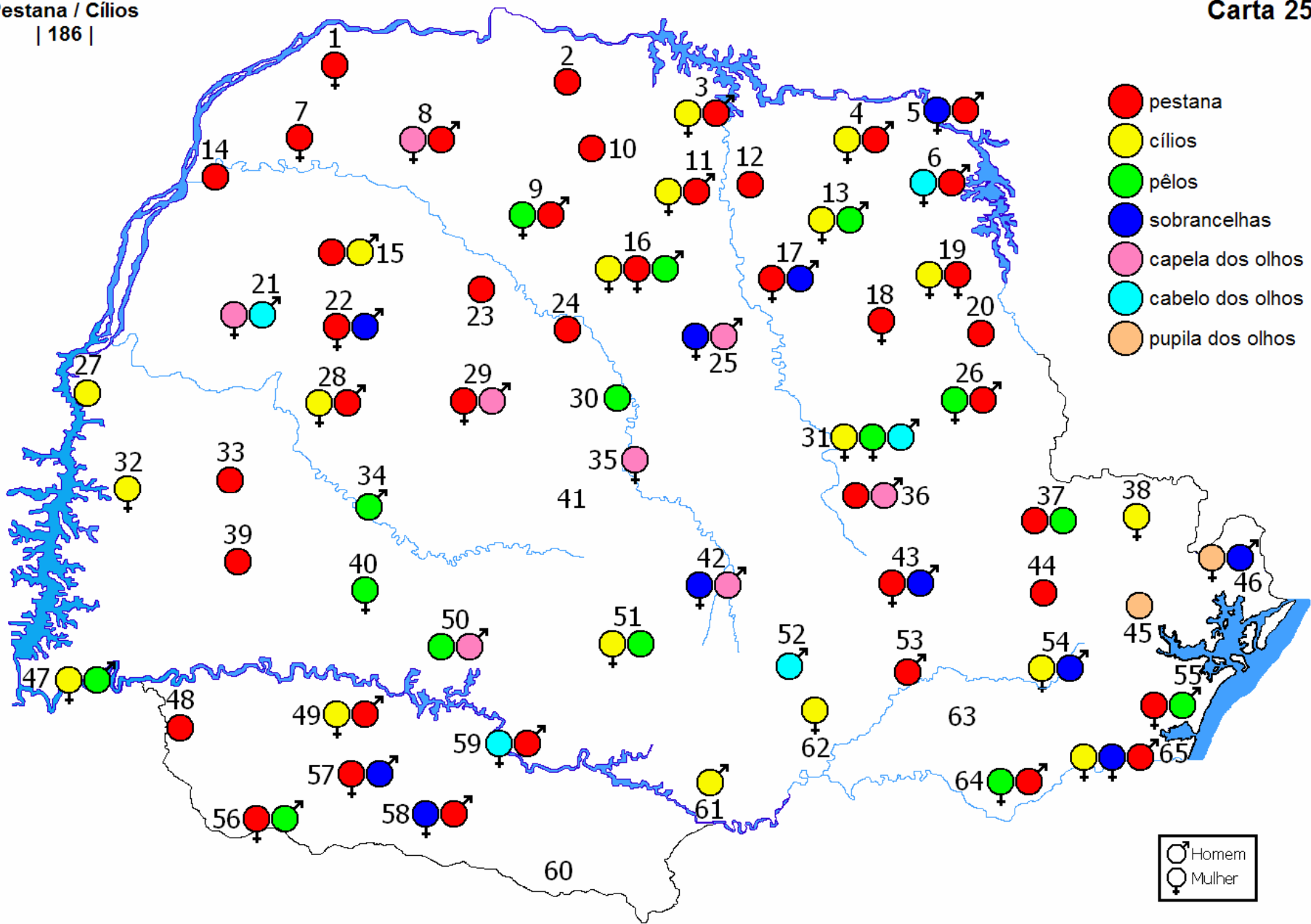
Ponto 48 – Inf. A: Istilete

Ponto 49 – Inf. B: Cavanhaque

Ponto 60 – Inf. A: Capucho

Carta 250 (120 ocorrências)	Mulher	Homem
costeletas	55 (45,83%)	61 (50,83%)
beleza	3 (2,50%)	1 (0,84%)

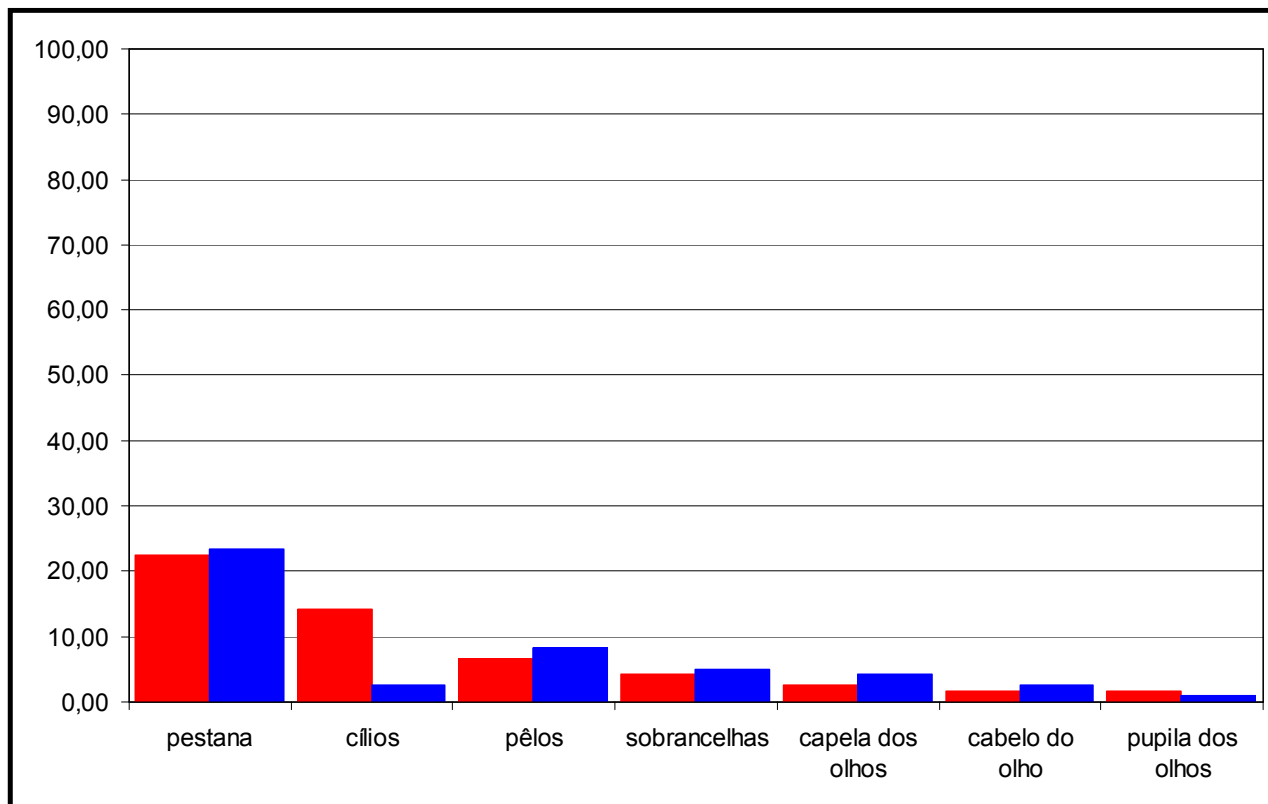


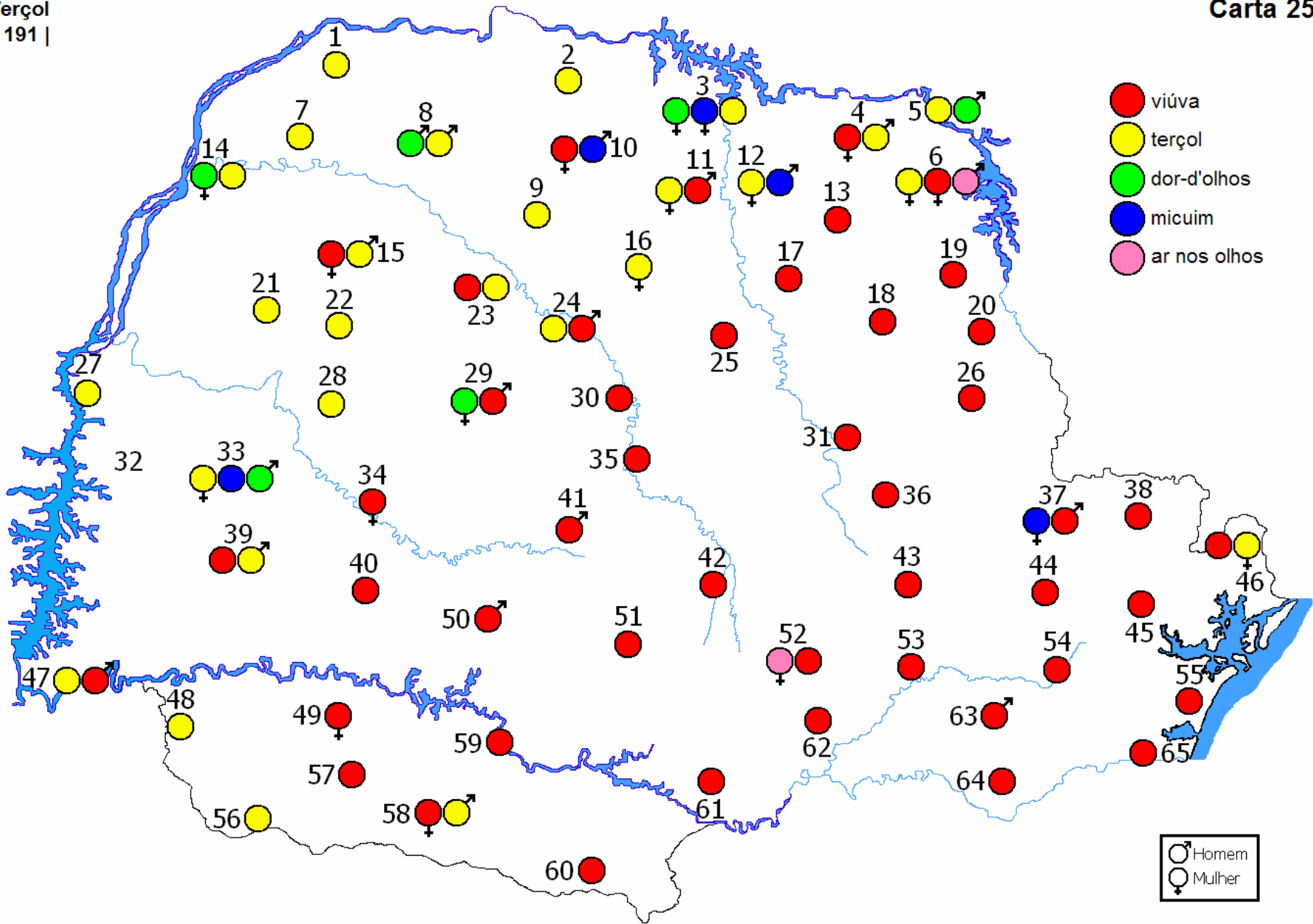


Ocorrências Únicas – Carta 251

Ponto 24 – Inf. B: Capa do olho

Carta 251 (120 ocorrências)	Mulher	Homem
pestanda	27 (22,50%)	28 (23,34%)
cílios	17 (14,17%)	3 (2,50%)
pêlos	8 (6,67%)	10 (8,32%)
sobrancelhas	5 (4,17%)	6 (5,00%)
capela dos olhos	3 (2,50%)	5 (4,17%)
cabelo do olho	2 (1,66%)	3 (2,50%)
pupila dos olhos	2 (1,66%)	1 (0,84%)





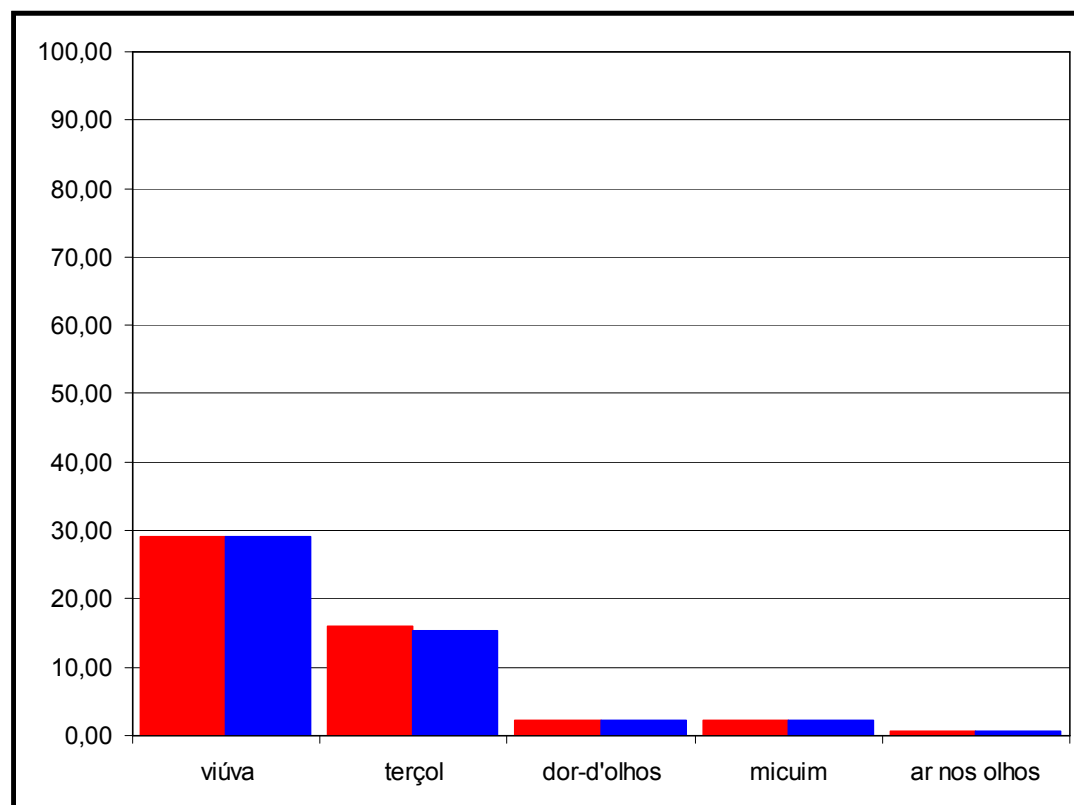
Ocorrências Únicas – Carta 252

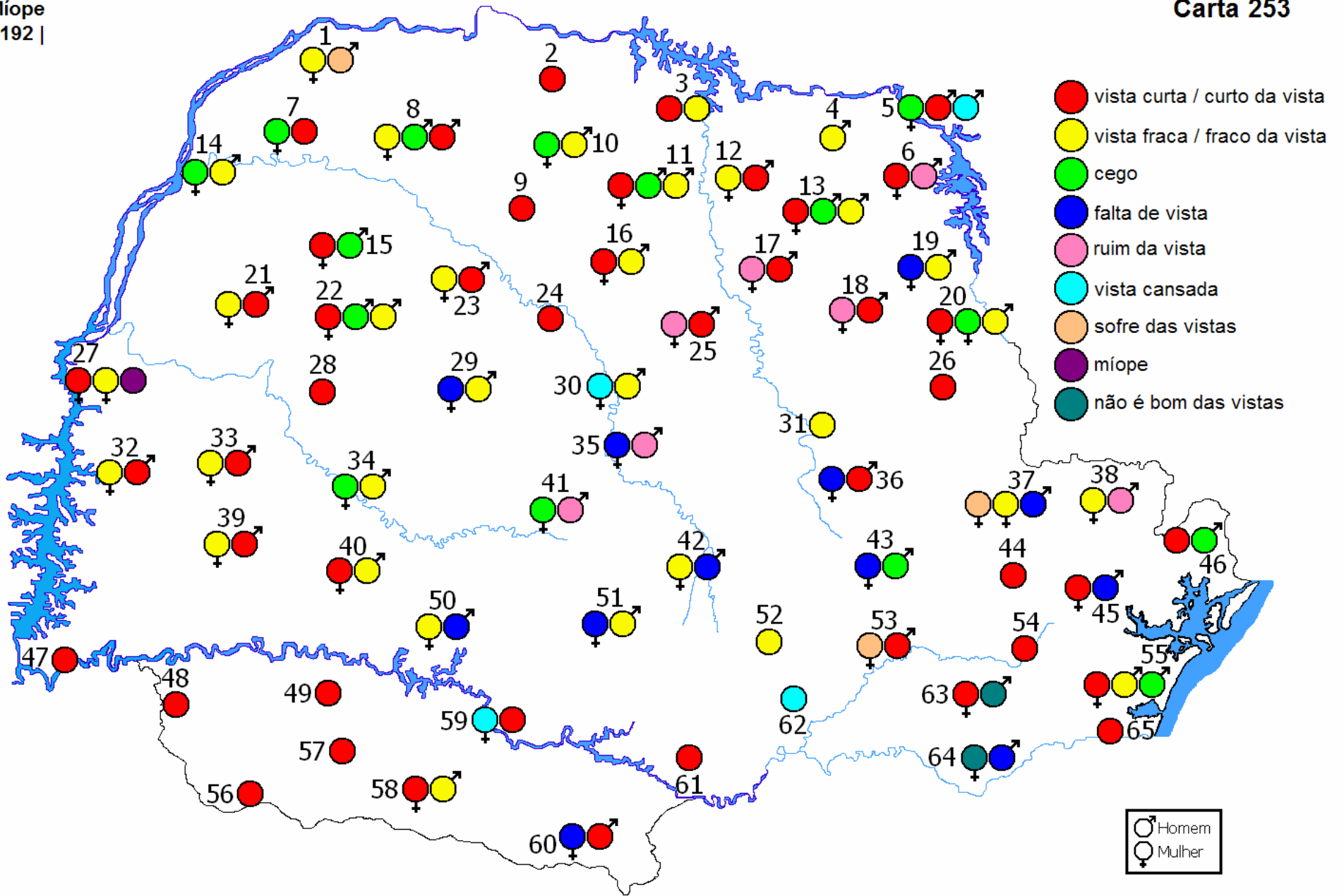
Ponto 08 – Inf. B: Lobinho

Ponto 15 – Inf. B: Pele do olho

Ponto 32 – Inf. A: Schurchige

Carta 252 (137 ocorrências)	Mulher	Homem
viúva	40 (29,19%)	40 (29,19%)
terçol	22 (16,05%)	21 (15,33%)
dor-d'olhos	3 (2,20%)	3 (2,20%)
micuim	3 (2,20%)	3 (2,20%)
ar nos olhos	1 (0,72%)	1 (0,72%)



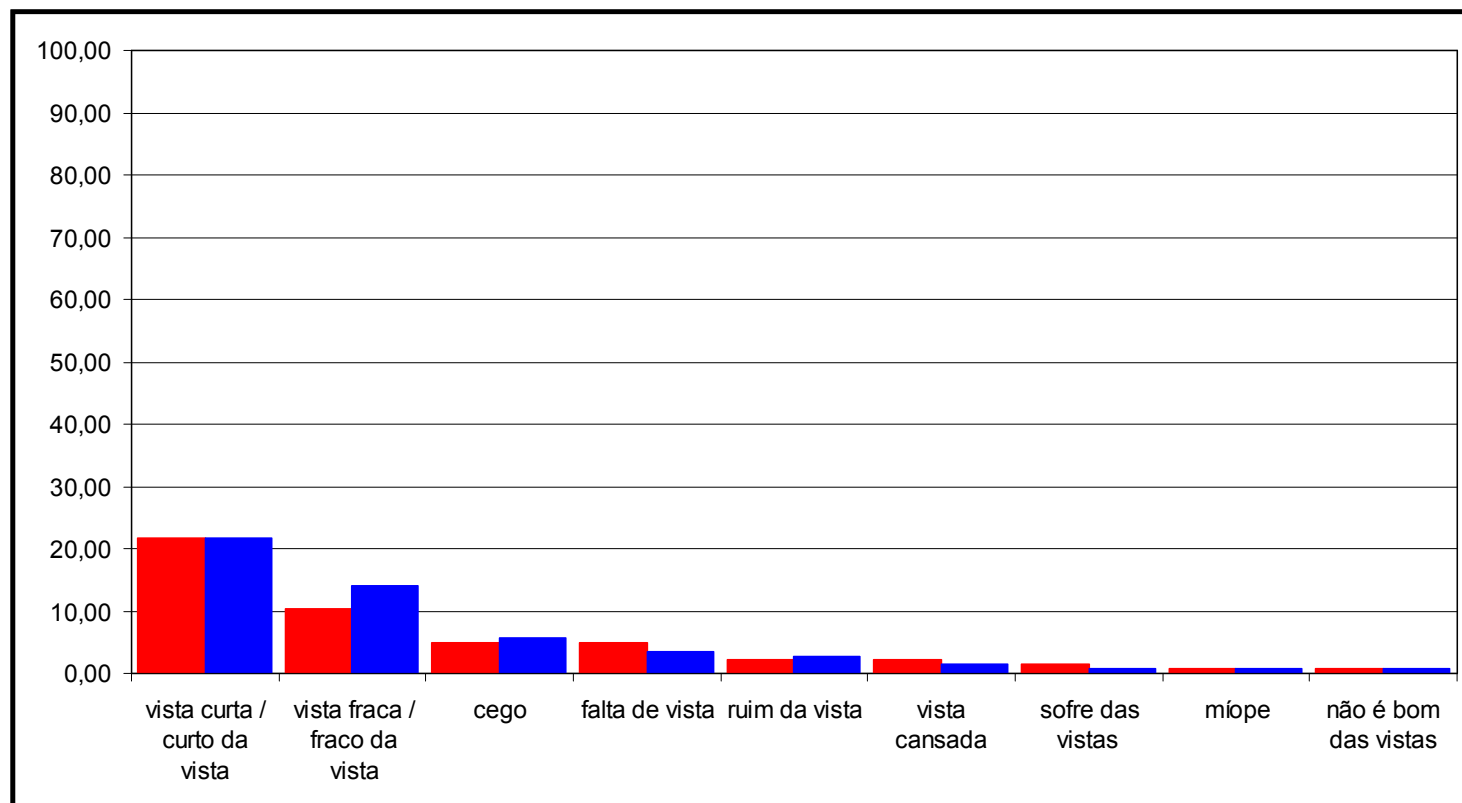


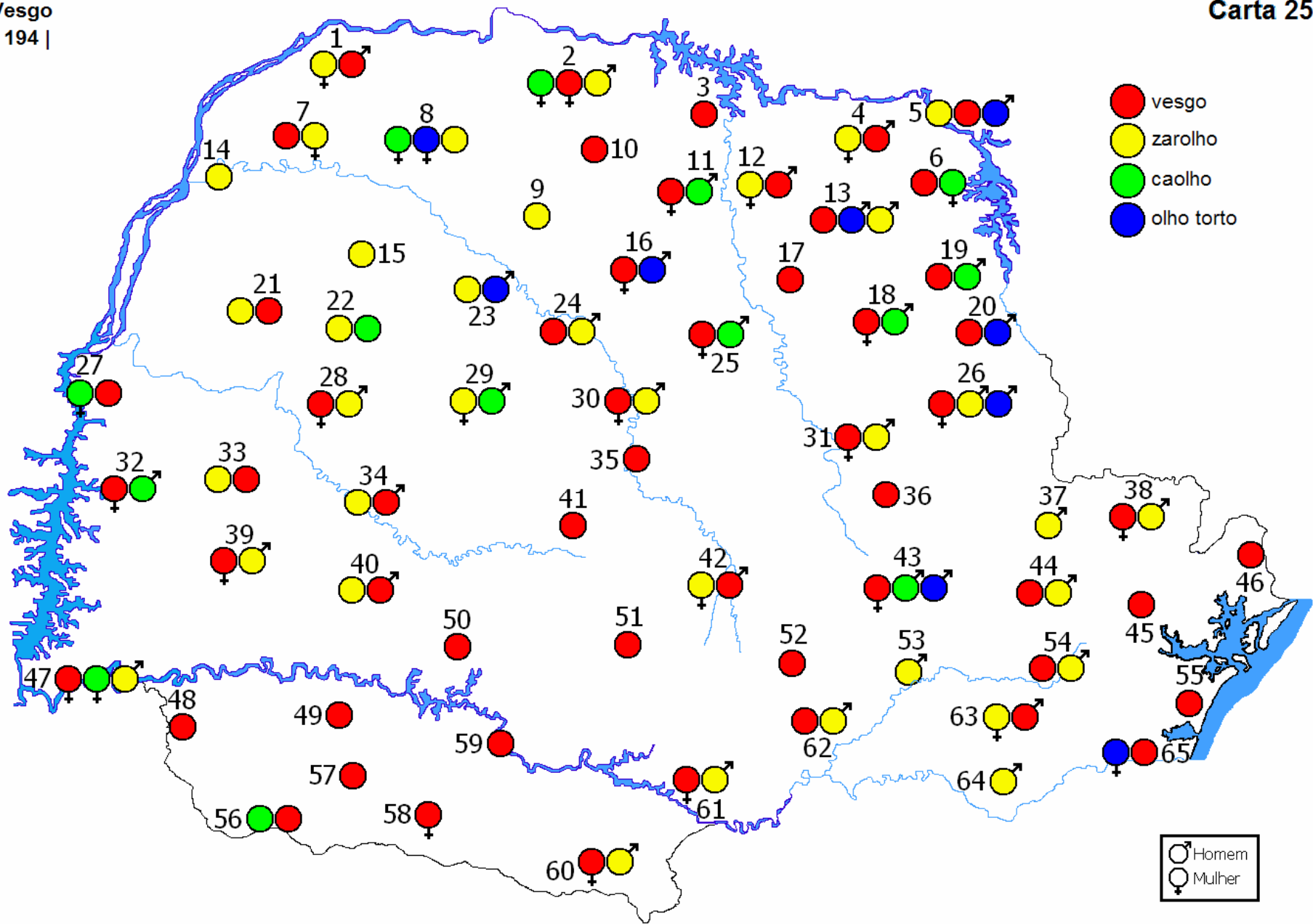
Ocorrências Únicas – Carta 253

Ponto 08 – Inf. A: Pouca visão

Ponto 22 – Inf. B: Doença nas vistas

Carta 253 (143 ocorrências)	Mulher	Homem
vista curta / curto da vista	31 (21,67%)	31 (21,67%)
vista fraca / fraco da vista	15 (10,48%)	20 (13,99%)
cego	7 (4,90%)	8 (5,59%)
falta de vista	7 (4,90%)	5 (3,50%)
ruim da vista	3 (2,10%)	4 (2,80%)
vista cansada	3 (2,10%)	2 (1,40%)
sofre das vistas	2 (1,40%)	1 (0,70%)
míope	1 (0,70%)	1 (0,70%)
não é bom das vistas	1 (0,70%)	1 (0,70%)





Ocorrências Únicas – Carta 254

Ponto 16 - Inf. A: Viroto

Ponto 16 – Inf. B: Olho virado

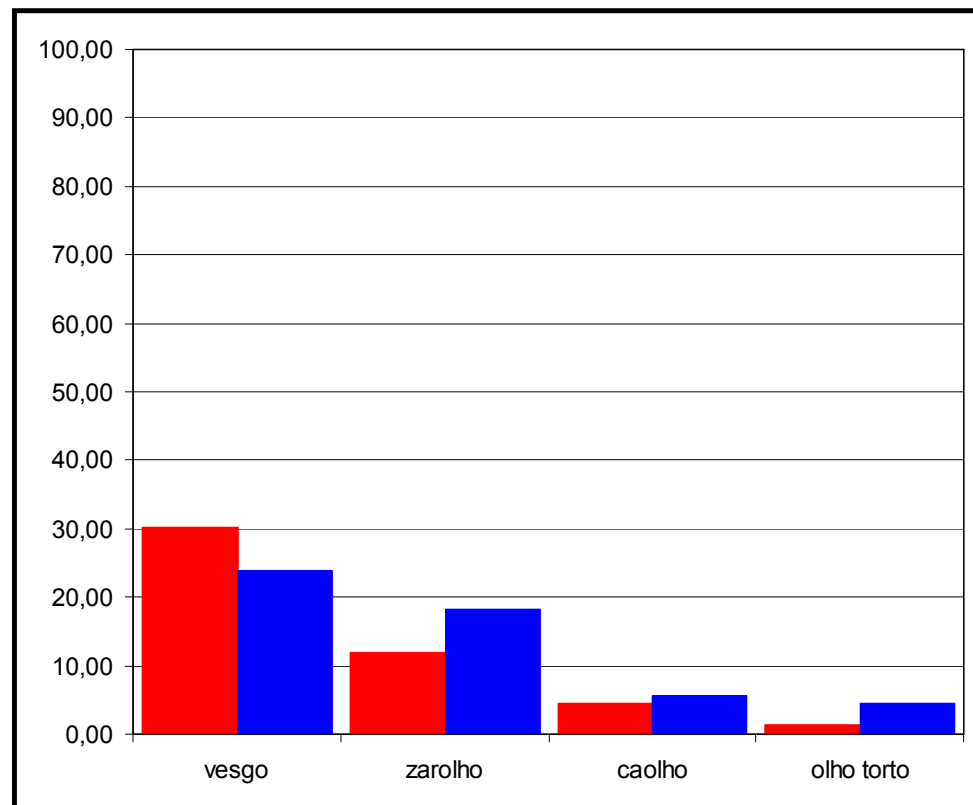
Ponto 40 – Inf. B: Vista torta

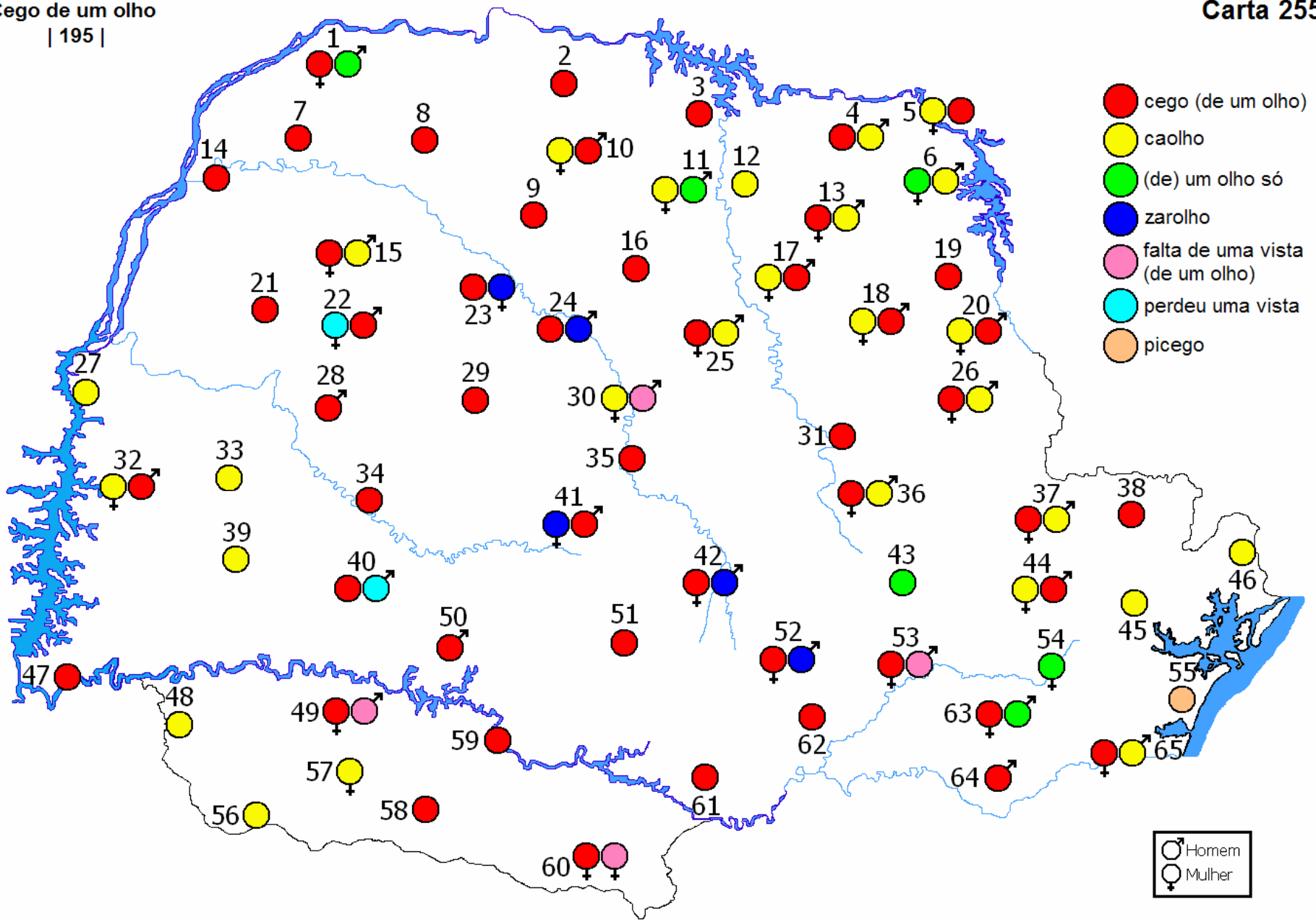
Ponto 47 – Inf. A: Estigmatismo / Birolho

Ponto 50 – Inf. A: Falta uma vista

Ponto 58 – Inf. B: Olho avesso

Carta 254 (159 ocorrências)	Mulher	Homem
vesgo	48 (30,19%)	38 (23,90%)
zarolho	19 (11,95%)	29 (18,24%)
caolho	7 (4,40%)	9 (5,66%)
olho torto	2 (1,26%)	7 (4,40%)





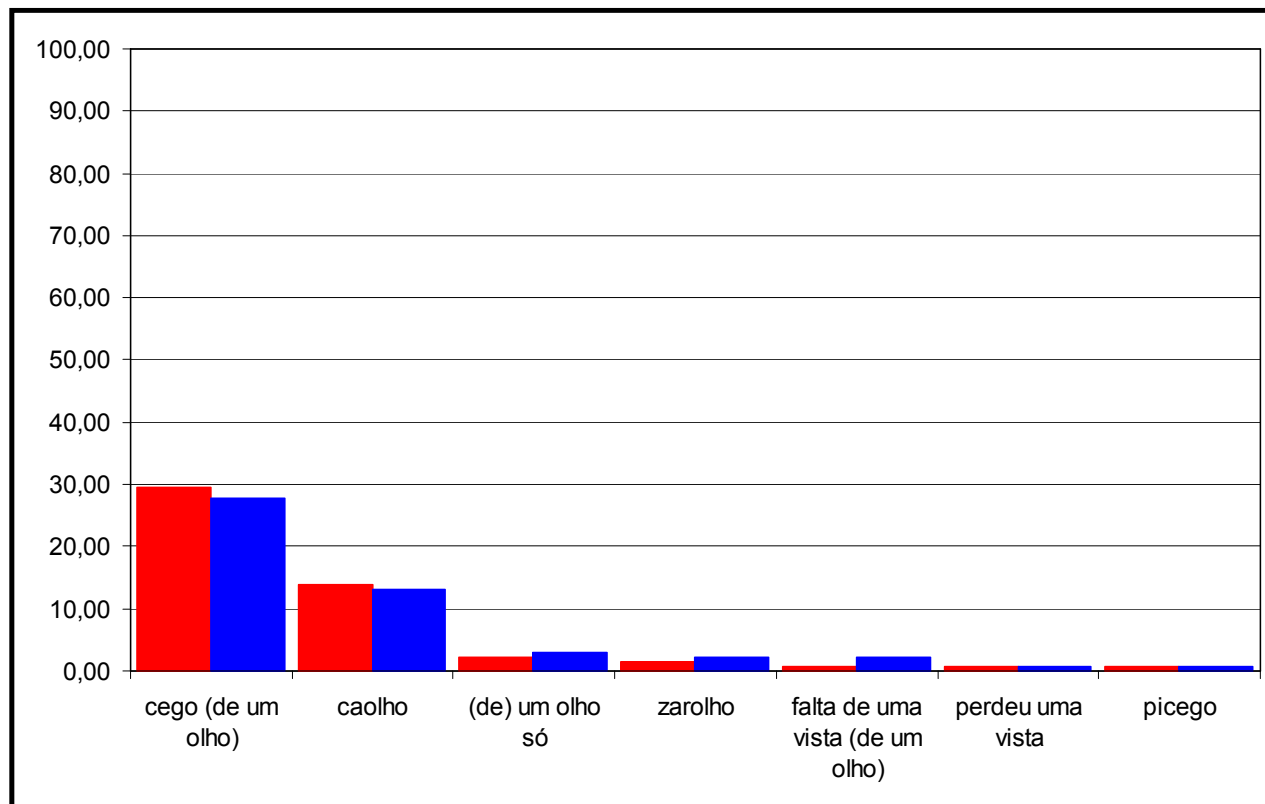
Ocorrências Únicas – Carta 255

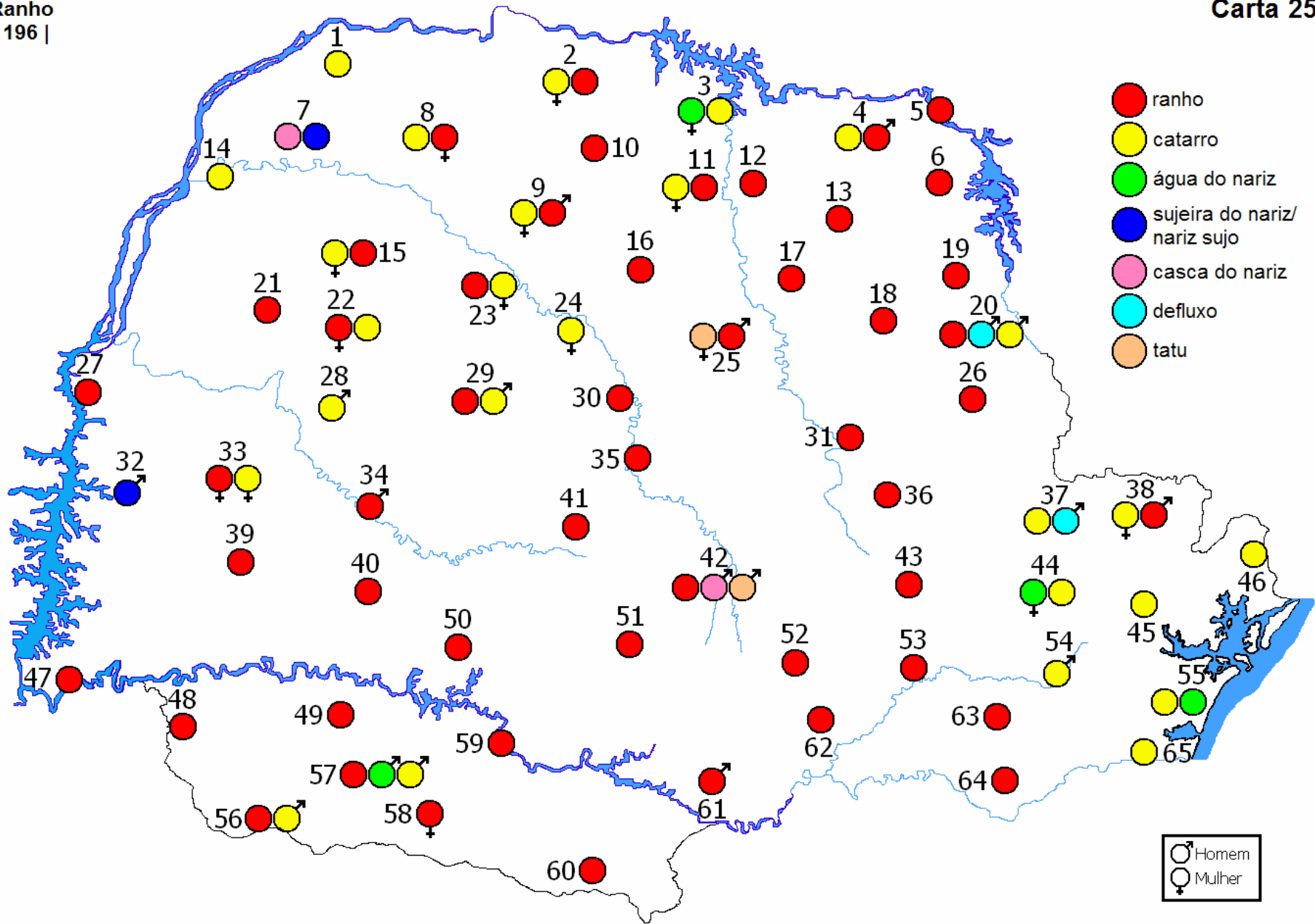
Ponto 23 – Inf. A: Vesgo

Ponto 57 – Inf. B: Merôio

Ponto 60 – Inf. B: Olho torto

Carta 255 (129 ocorrências)	Mulher	Homem
cego (de um olho)	38 (29,45%)	36 (27,90%)
caolho	18 (13,94%)	17 (13,18%)
(de) um olho só	3 (2,33%)	4 (3,10%)
zarolho	2 (1,54%)	3 (2,33%)
falta de uma vista (de um olho)	1 (0,78%)	3 (2,33%)
perdeu uma vista	1 (0,78%)	1 (0,78%)
picego	1 (0,78%)	1 (0,78%)

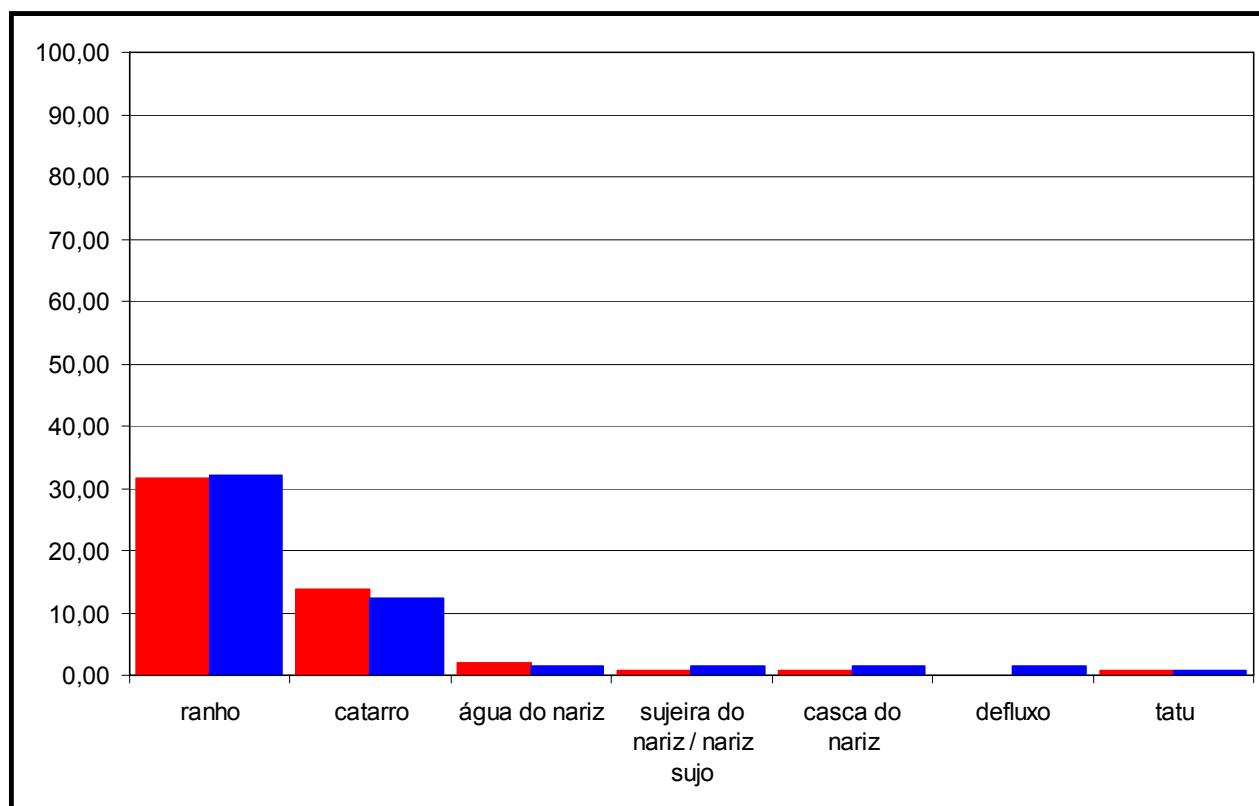


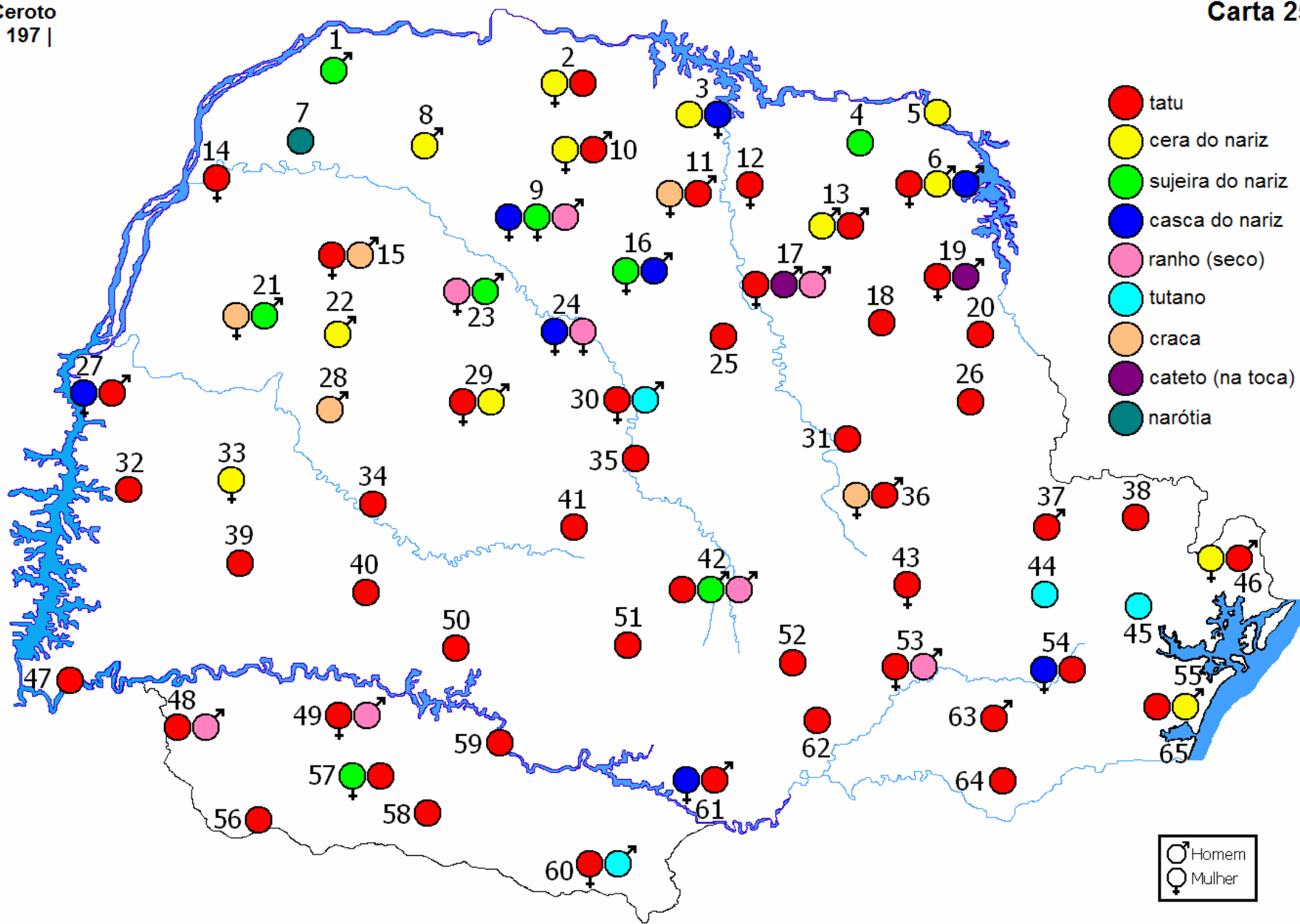


Ocorrências Únicas – Carta 256

Ponto 12 – Inf. B: Mofa
Ponto 22 – Inf. B: Nariz escorrendo
Ponto 24 – Inf. B: Narote
Ponto 32 – Inf. A: Rot
Ponto 33 – Inf. B: Cotia
Ponto 54 – Inf. B: Constipação
Ponto 58 – Inf. B: Correadeira / Nharoque

Carta 256 (146 ocorrências)	Mulher	Homem
ranho	46 (31,52%)	47 (32,19%)
catarro	20 (13,71%)	18 (12,33%)
água do nariz	3 (2,05%)	2 (1,37%)
sujeira do nariz / nariz sujo	1 (0,68%)	2 (1,37%)
casca do nariz	1 (0,68%)	2 (1,37%)
defluxo	0	2 (1,37%)
tatu	1 (0,68%)	1 (0,68%)

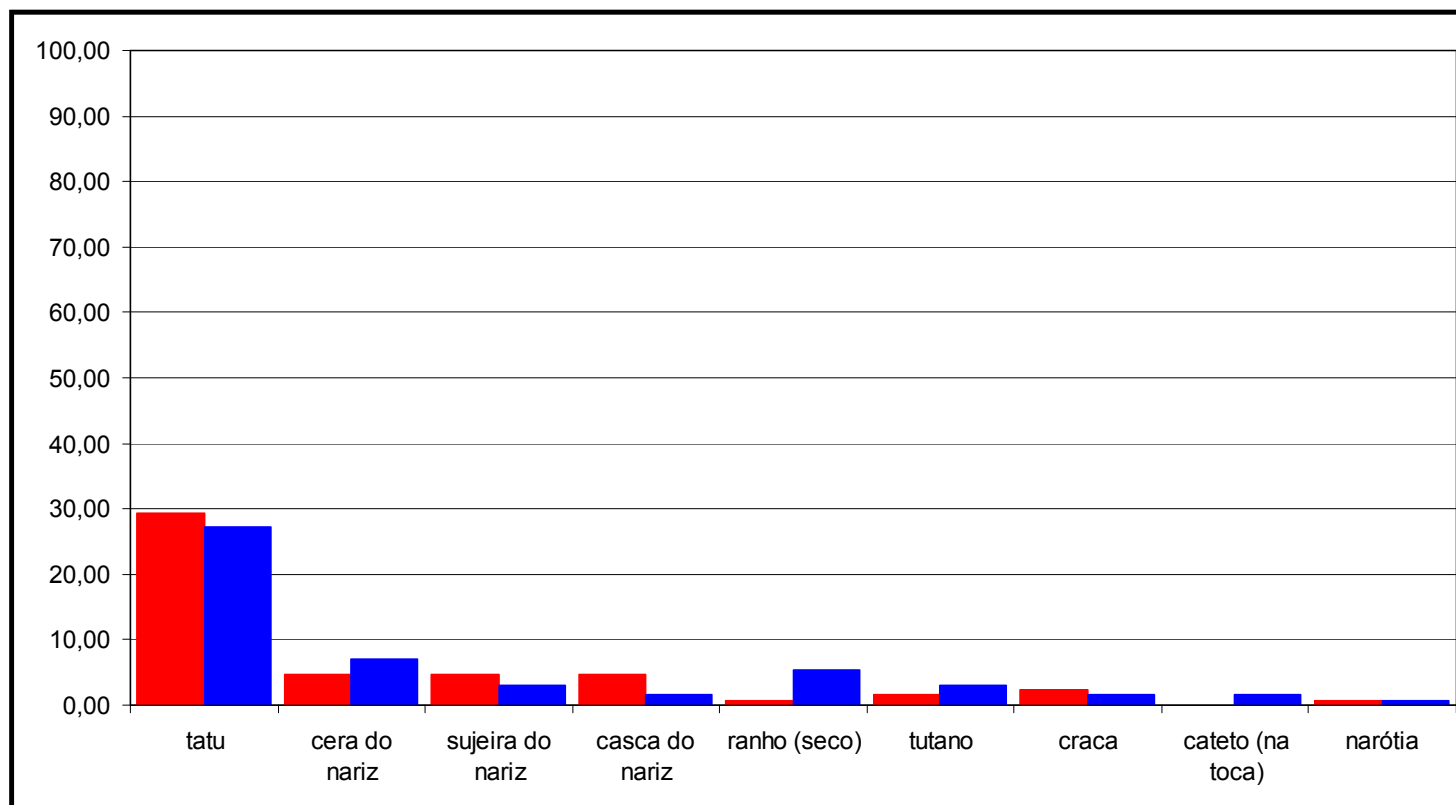


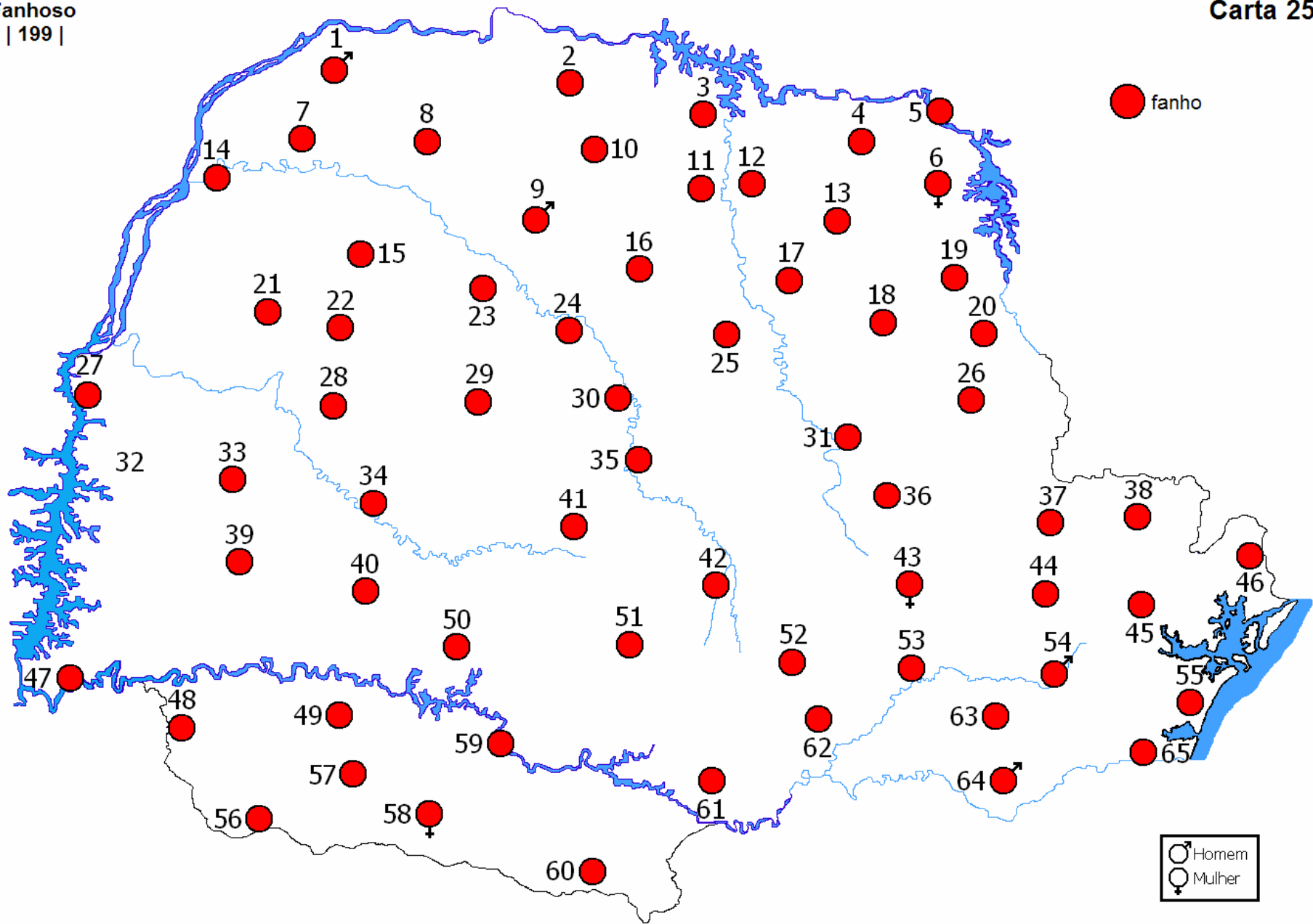


Ocorrências Únicas – Carta 257

- Ponto 01 – Inf. A: Careca
- Ponto 05 – Inf. B: Cacaca do nariz
- Ponto 13 – Inf. A: lichica
- Ponto 14 – Inf. B: Tataraca
- Ponto 22 – Inf. A: Jararacaca do nariz
- Ponto 23 – Inf. A: Catarro seco
- Ponto 28 – Inf. A: Moco
- Ponto 65 – Inf. A: Picumi
- Ponto 65 – Inf. B: Retanho

Carta 257 (129 ocorrências)	Mulher	Homem
tatu	38 (29,45%)	35 (27,12%)
cera do nariz	6 (4,65%)	9 (6,98%)
sujeira do nariz	6 (4,65%)	4 (3,10%)
casca do nariz	6 (4,65%)	2 (1,55%)
ranho (seco)	1 (0,78%)	7 (5,43%)
tutano	2 (1,55%)	4 (3,10%)
craca	3 (2,33%)	2 (1,55%)
cateto (na toca)	0	2 (1,55%)
narótia	1 (0,78%)	1 (0,78%)



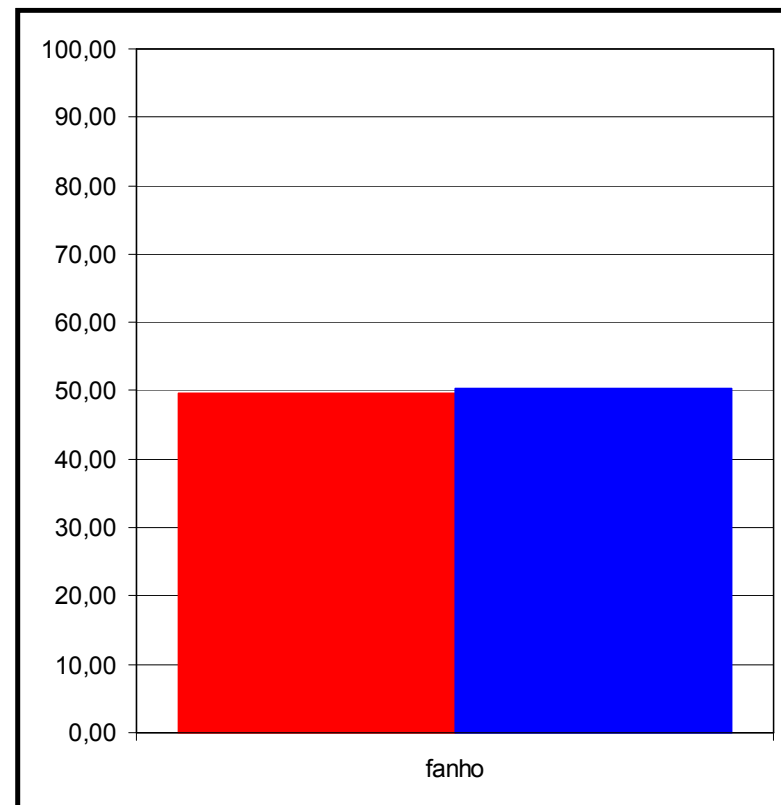


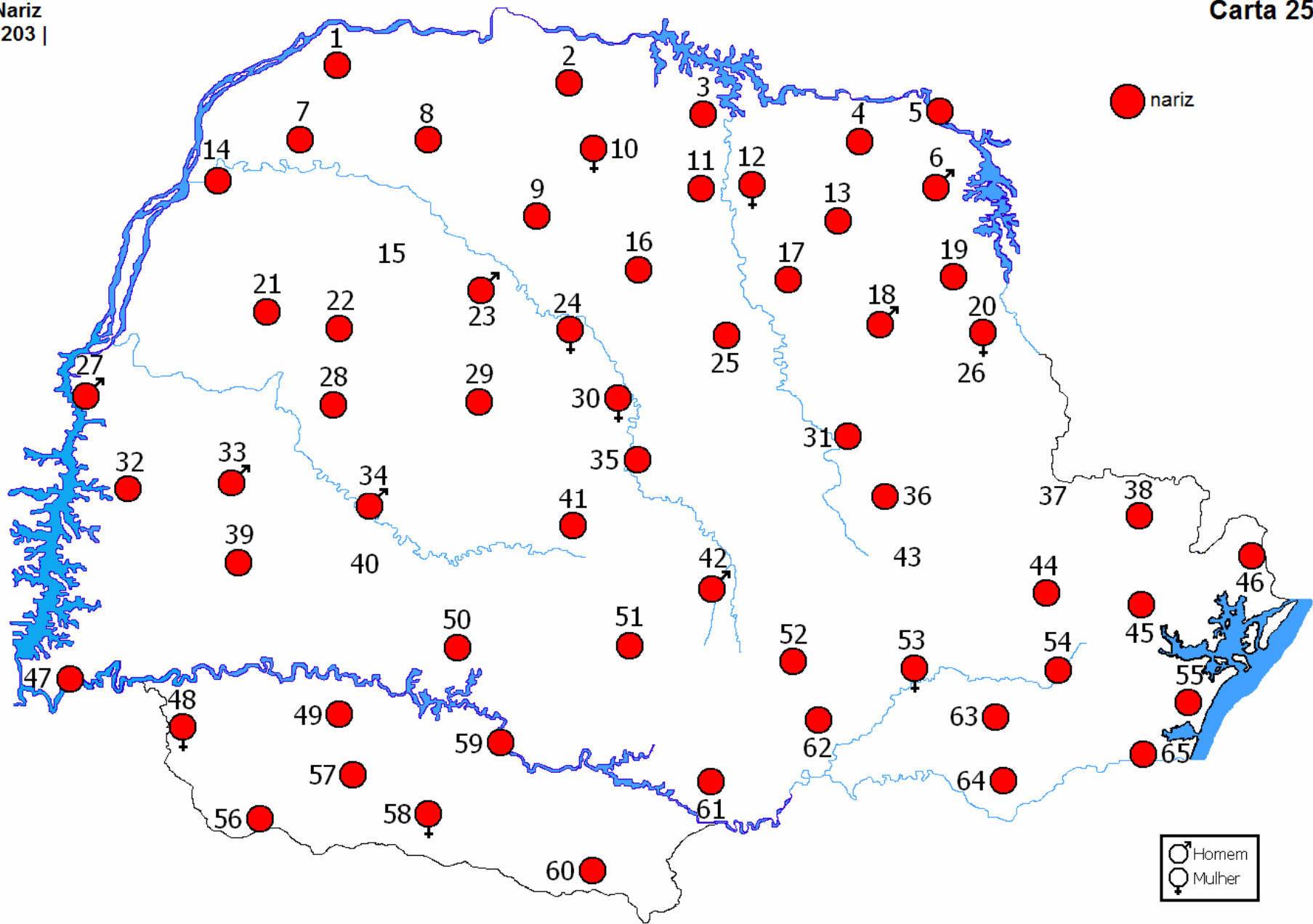
Ocorrências Únicas – Carta 258

Ponto 01 – Inf. A: Fruê

Ponto 09 – Inf. A: Nariz trancado

Carta 258 (121 ocorrências)	Mulher	Homem
fanho	60 (49,59%)	61 (50,41%)

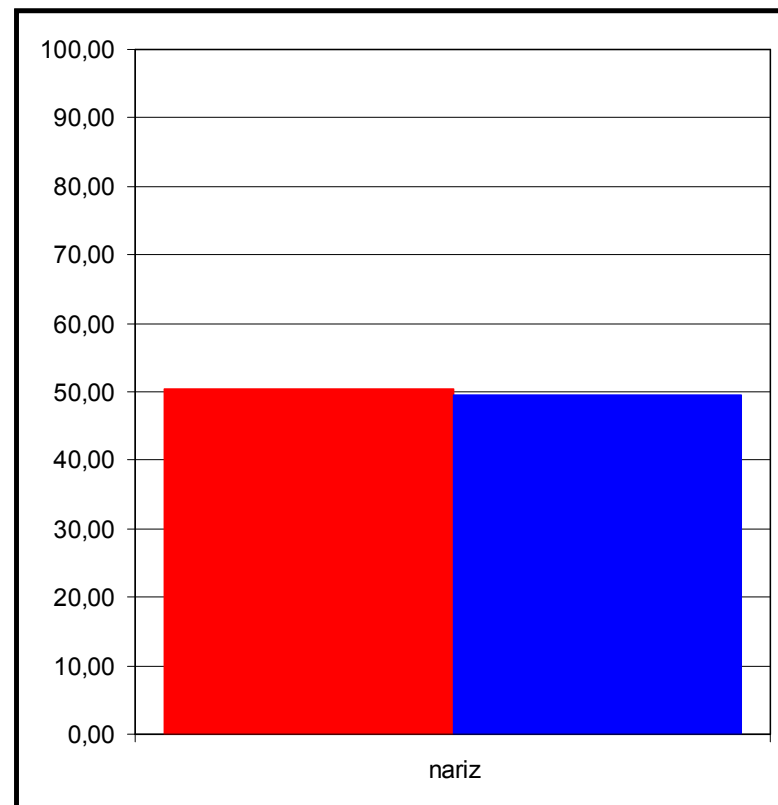


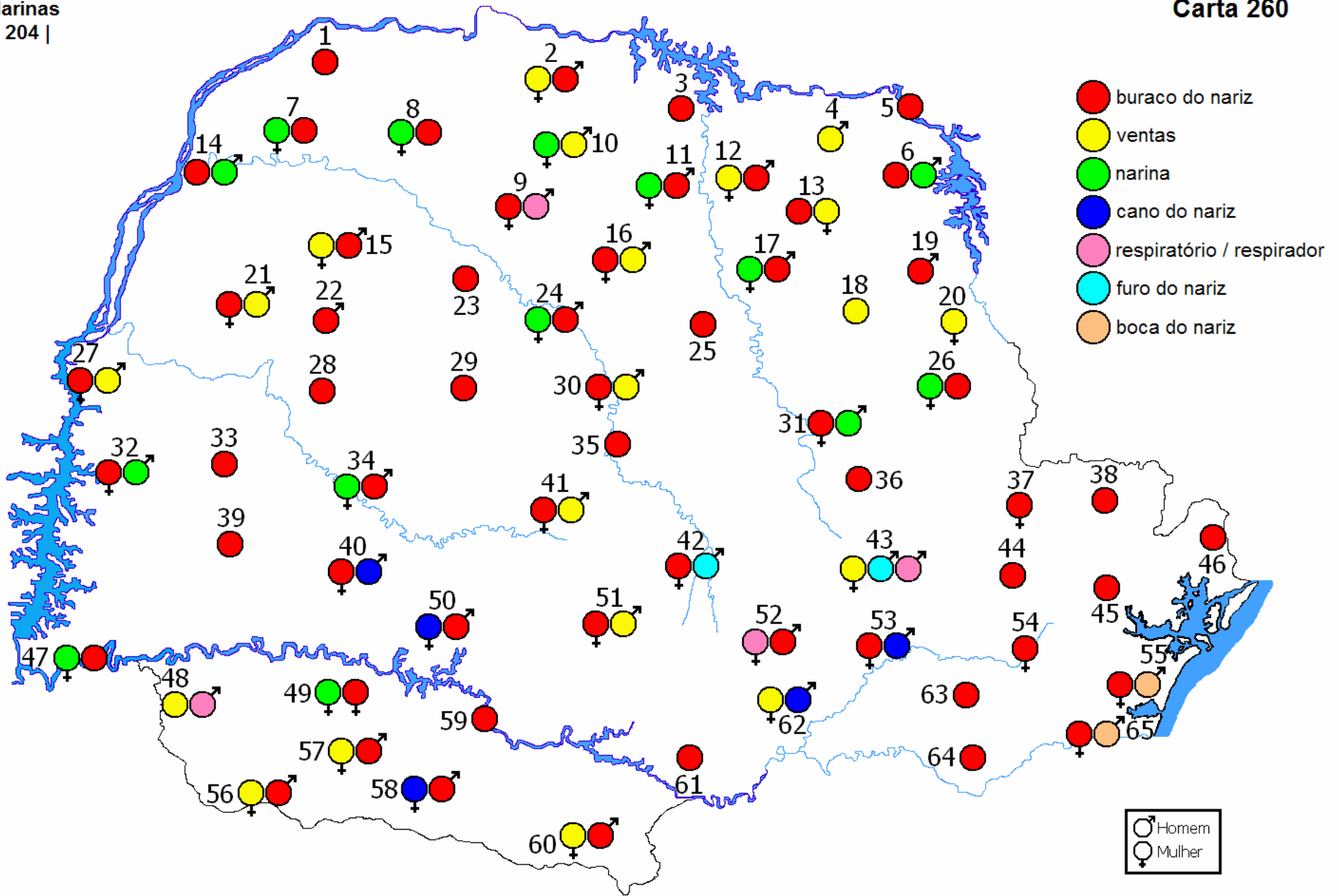


Ocorrências Únicas – Carta 259

Ponto 01 – Inf. B: Negongo

Carta 259 (105 ocorrências)	Mulher	Homem
nariz	53 (50,48%)	52 (49,52%)





Ocorrências Únicas – Carta 260

Ponto 14 – Inf. B: Fornalha

Ponto 22 – Inf. A: Canal do nariz

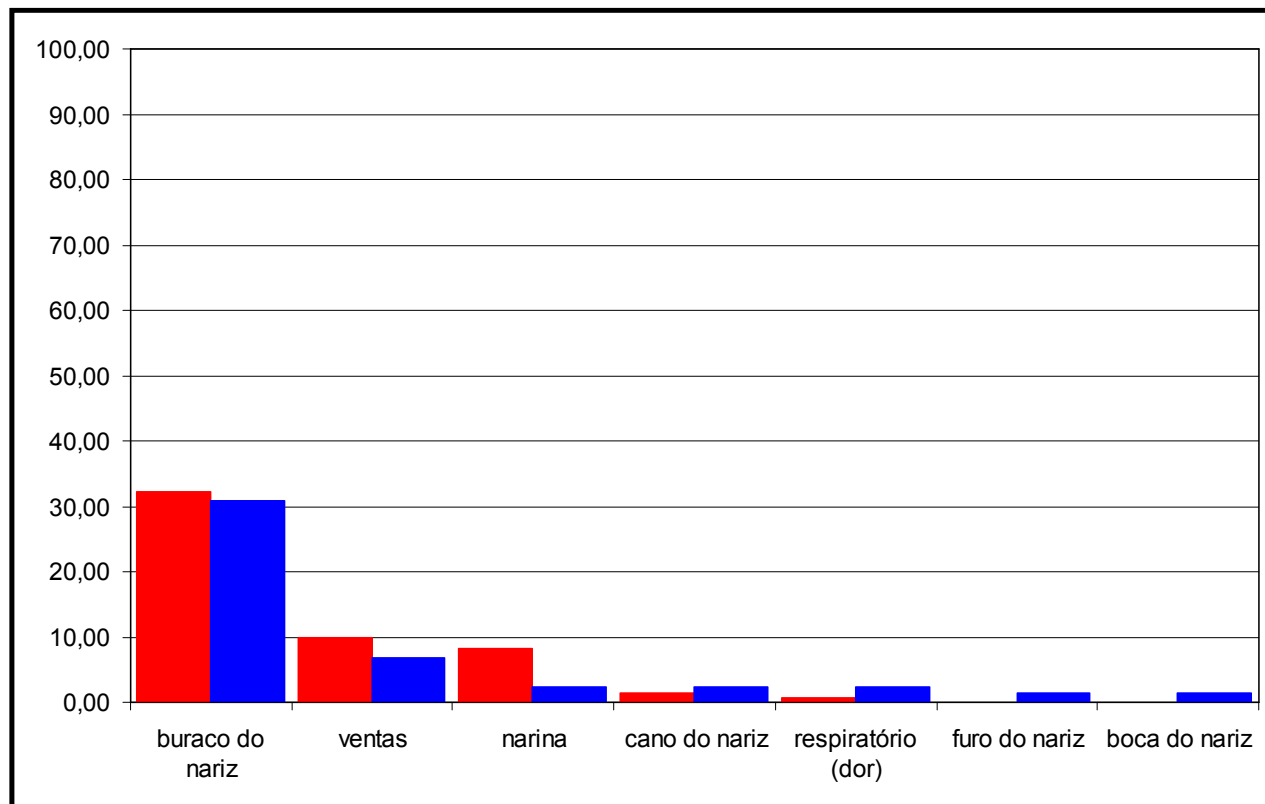
Ponto 22 – Inf. B: Suspiratório

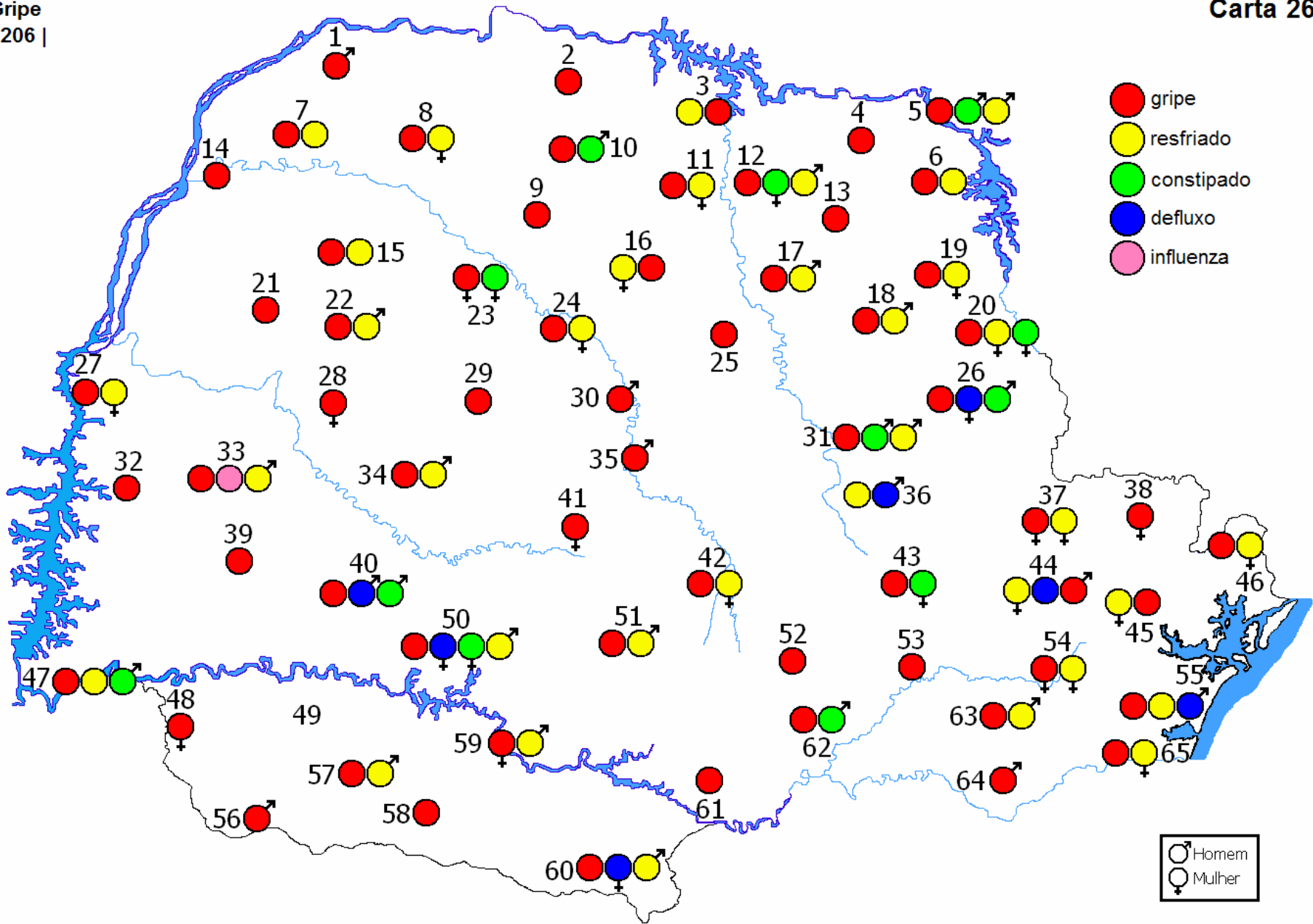
Ponto 25 – Inf. B: Talão do nariz

Ponto 54 – Inf. B: Ventilação do nariz

Ponto 60 – Inf. B: Toca

Carta 260 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
buraco do nariz	43 (32,33%)	41 (30,83%)
ventas	13 (9,77%)	9 (6,77%)
narina	11 (8,27%)	3 (2,26%)
cano do nariz	2 (1,50%)	3 (2,26%)
respiratório (dor)	1 (0,75%)	3 (2,26%)
furo do nariz	0	2 (1,50%)
boca do nariz	0	2 (1,50%)



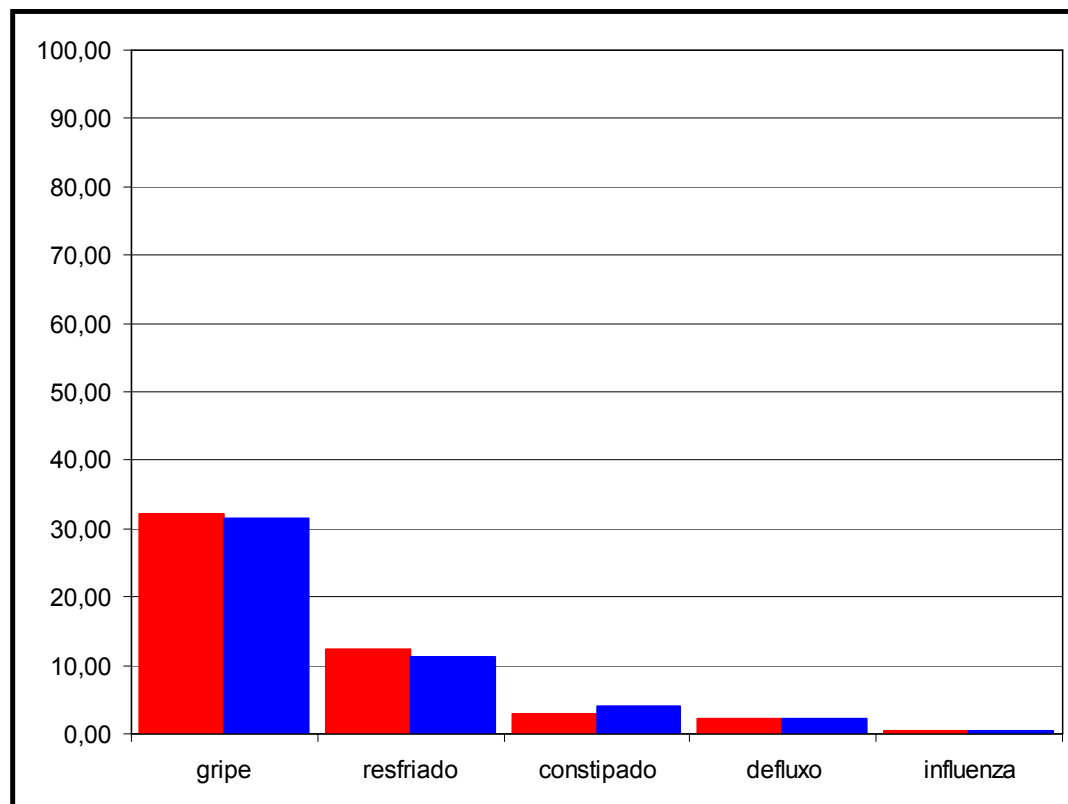


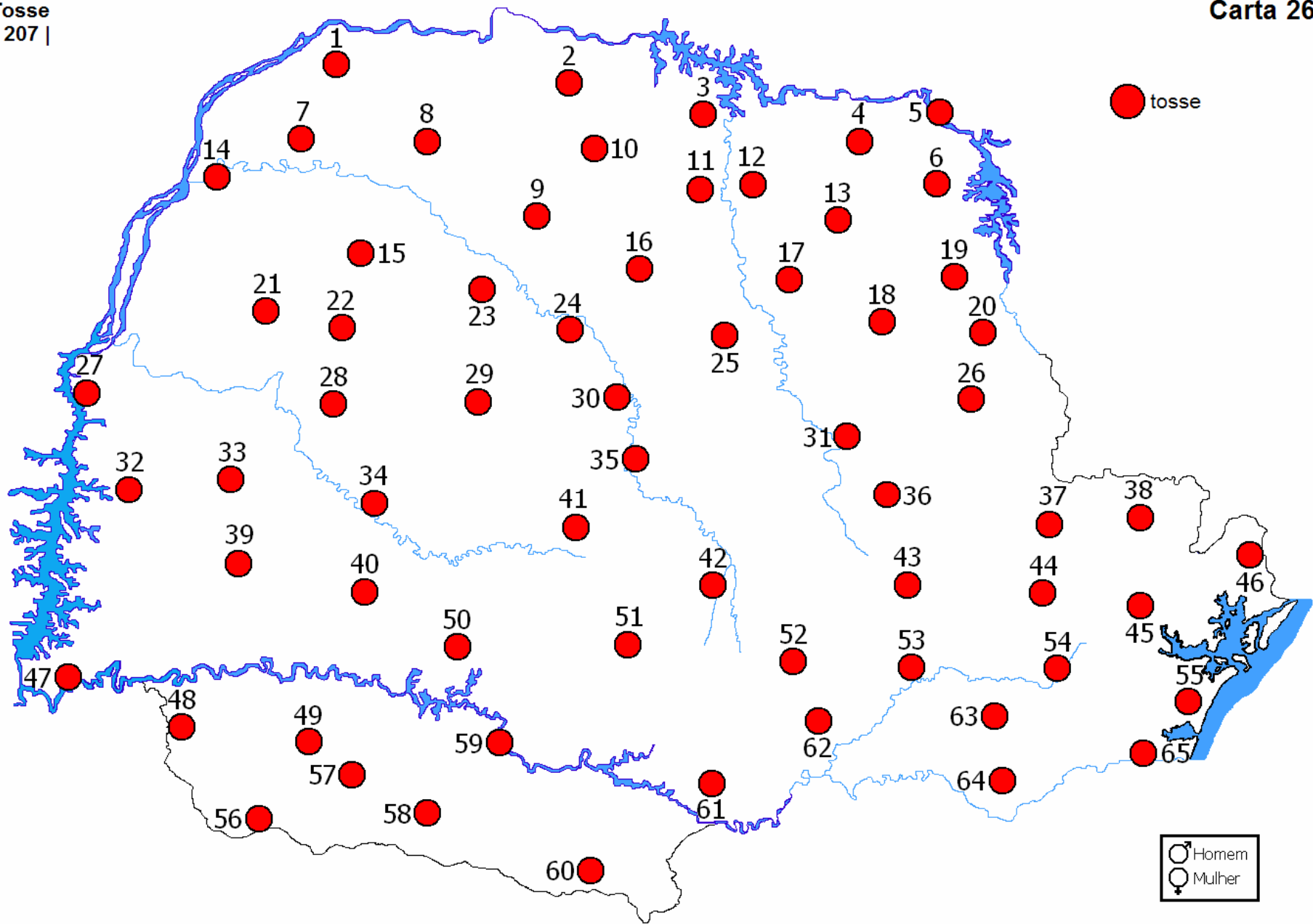
Ocorrências Únicas – Carta 261

Ponto 06 – Inf. A: Pneumonia

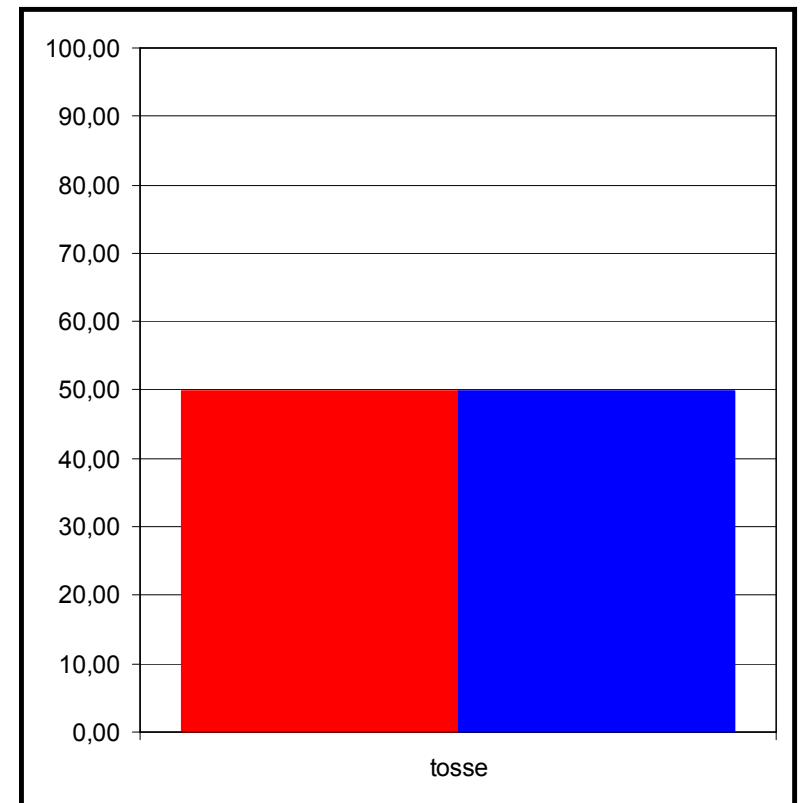
Ponto 57 – Inf. A: Fastio

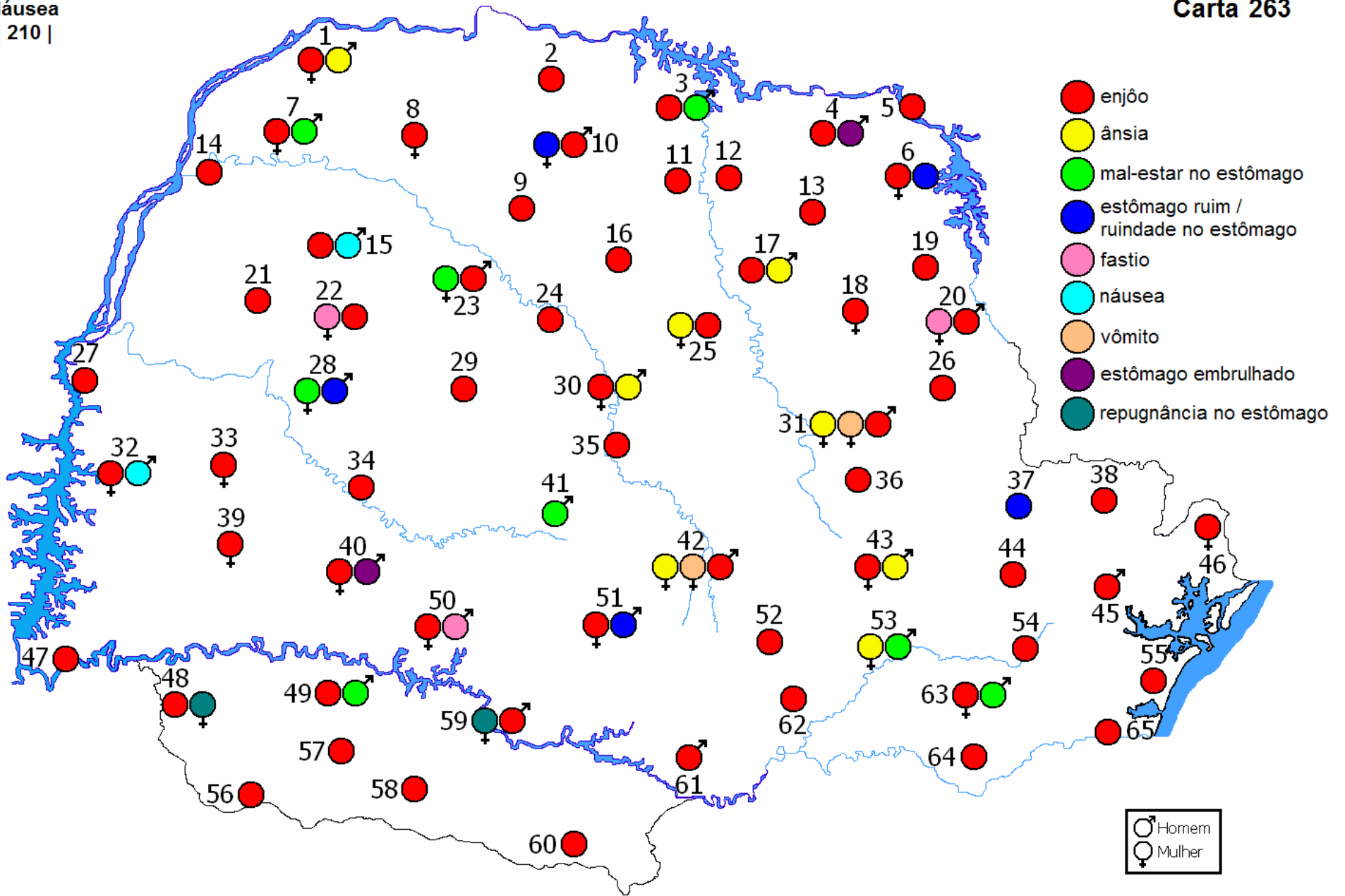
Carta 261 (177 ocorrências)	Mulher	Homem
gripe	57 (32,20%)	56 (31,64%)
resfriado	22 (12,44%)	20 (11,30%)
constipado	5 (2,83%)	7 (3,95%)
defluxo	4 (2,26%)	4 (2,26%)
influenza	1 (0,56%)	1 (0,56%)





Carta 262 (130 ocorrências)	Mulher	Homem
tosse	65 (50,00%)	65 (50,00%)

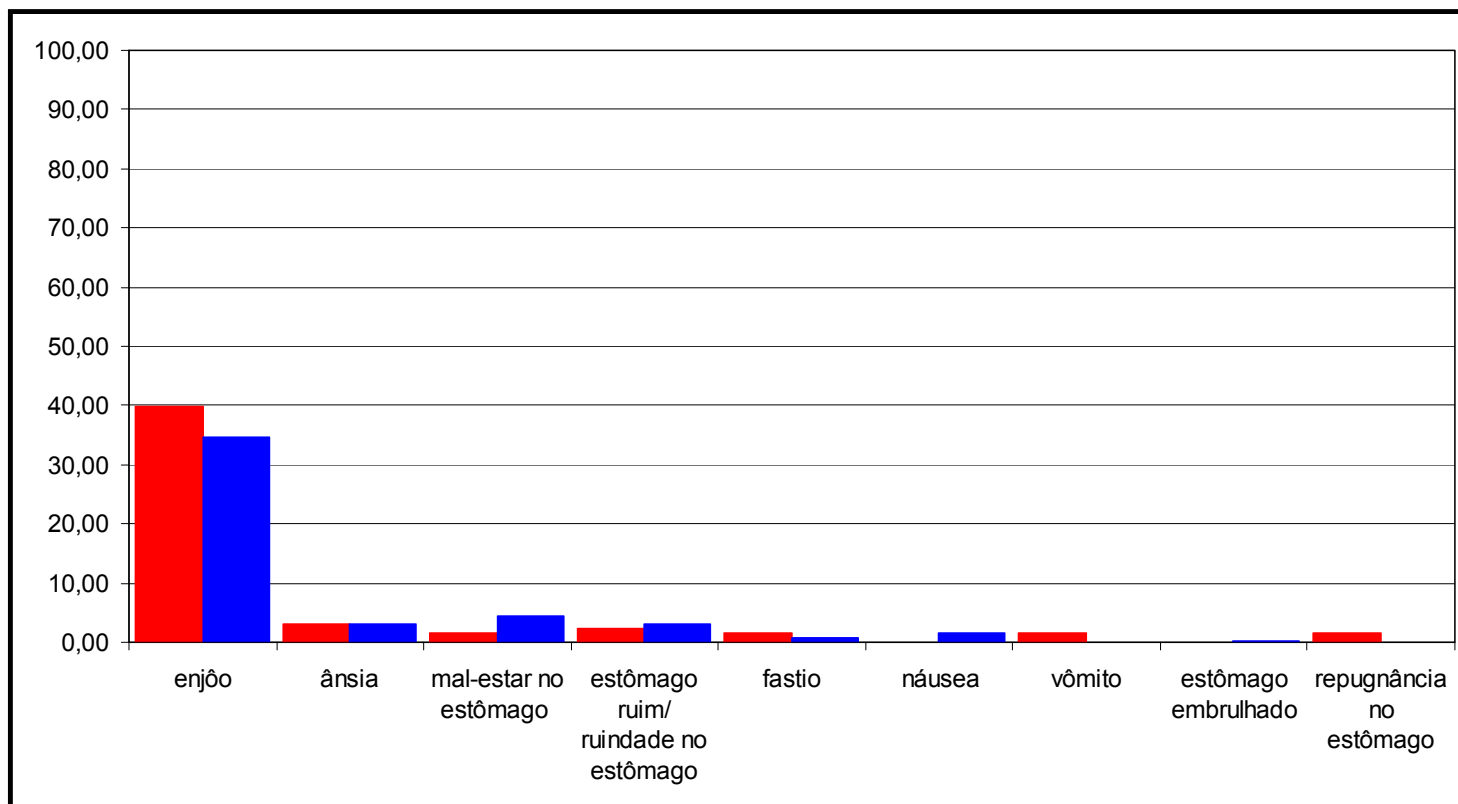


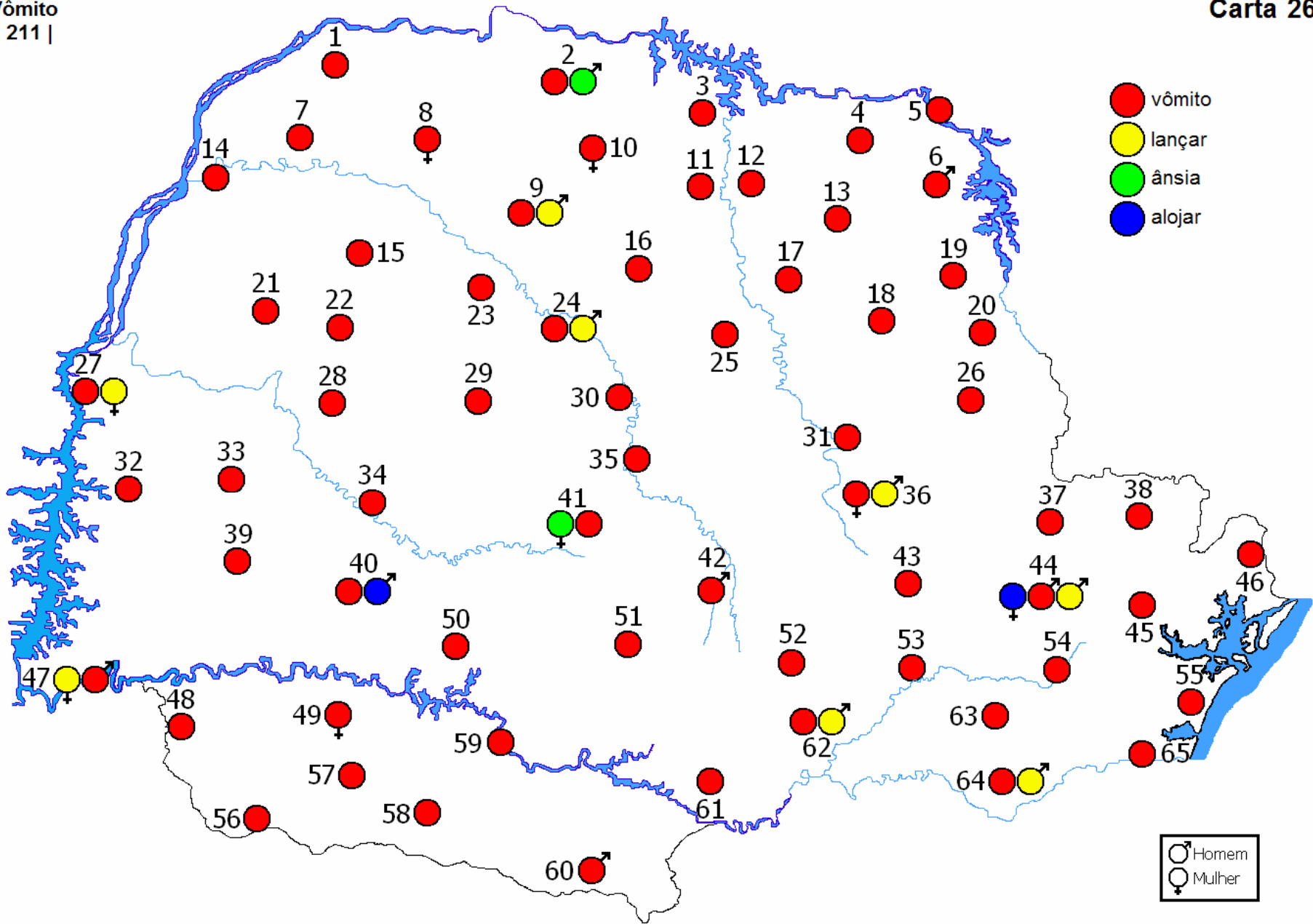


Ocorrências Únicas – Carta 263

Ponto 39 – Inf. B: Nojo
Ponto 43 – Inf. B: Gosma
Ponto 45 – Inf. A: Viração
Ponto 46 – Inf. B: Desejo
Ponto 52 – Inf. A: Fraqueza

Carta 263 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
enjôo	53 (39,85%)	46 (34,59%)
ânsia	4 (3,01%)	4 (3,01%)
mal-estar no estômago	2 (1,50%)	6 (4,51%)
estômago ruim/ ruindade no estômago	3 (2,27%)	4 (3,01%)
fastio	2 (1,50%)	1 (0,75%)
náusea	0	2 (1,50%)
vômito	2 (1,50%)	0
estômago embrulhado	0	2 (1,50%)
repugnância no estômago	2 (1,50%)	0

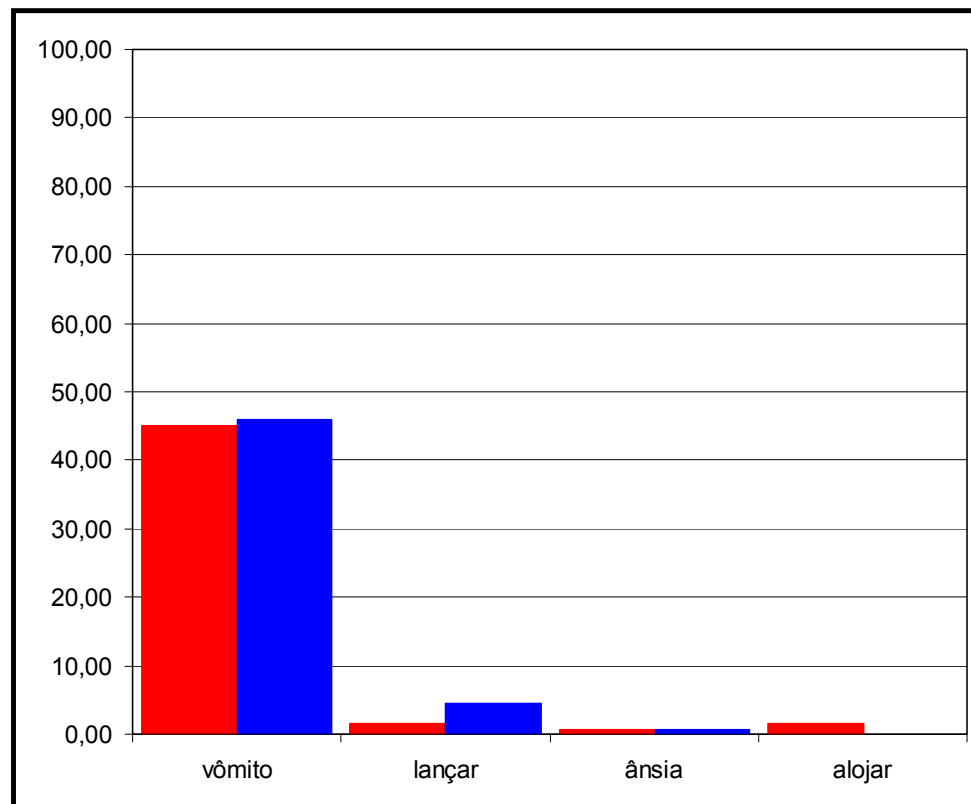


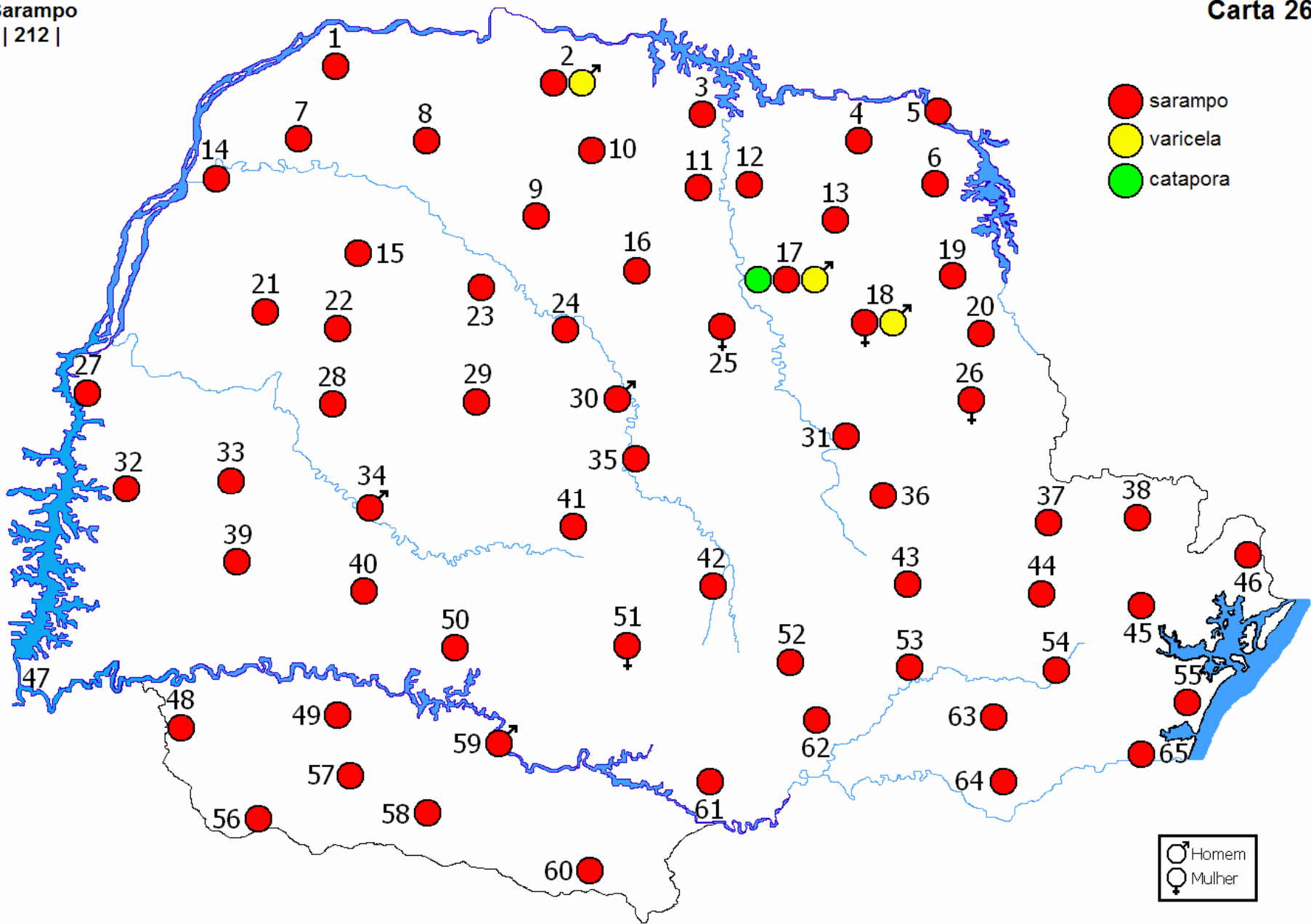


Ocorrências Únicas – Carta 264

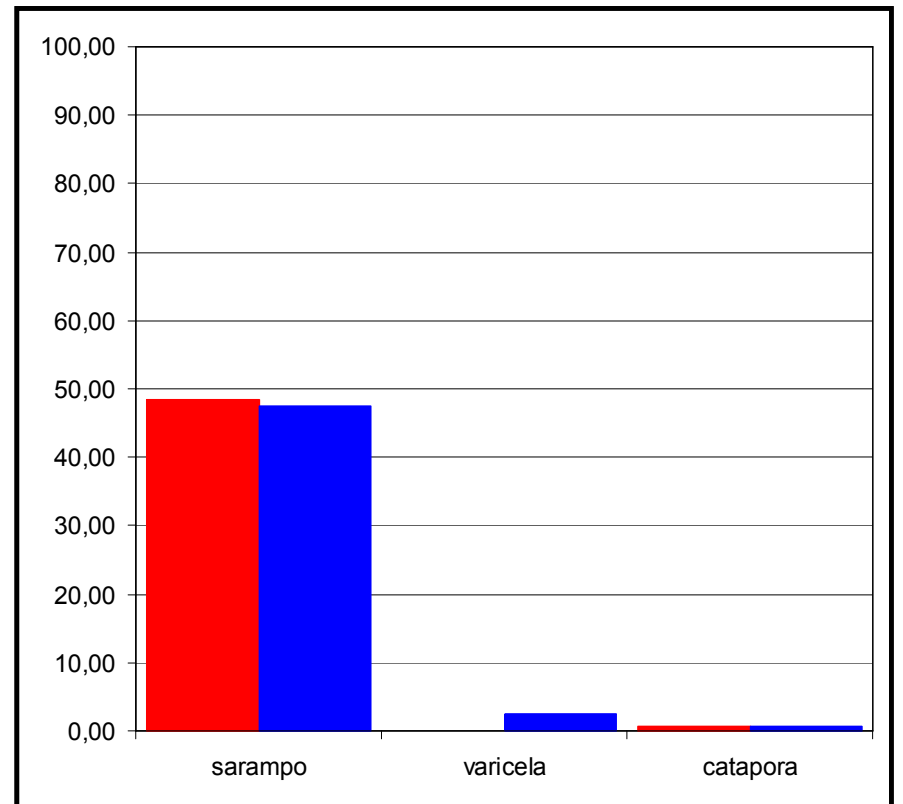
Ponto 49 – Inf. B: Pinchar fora

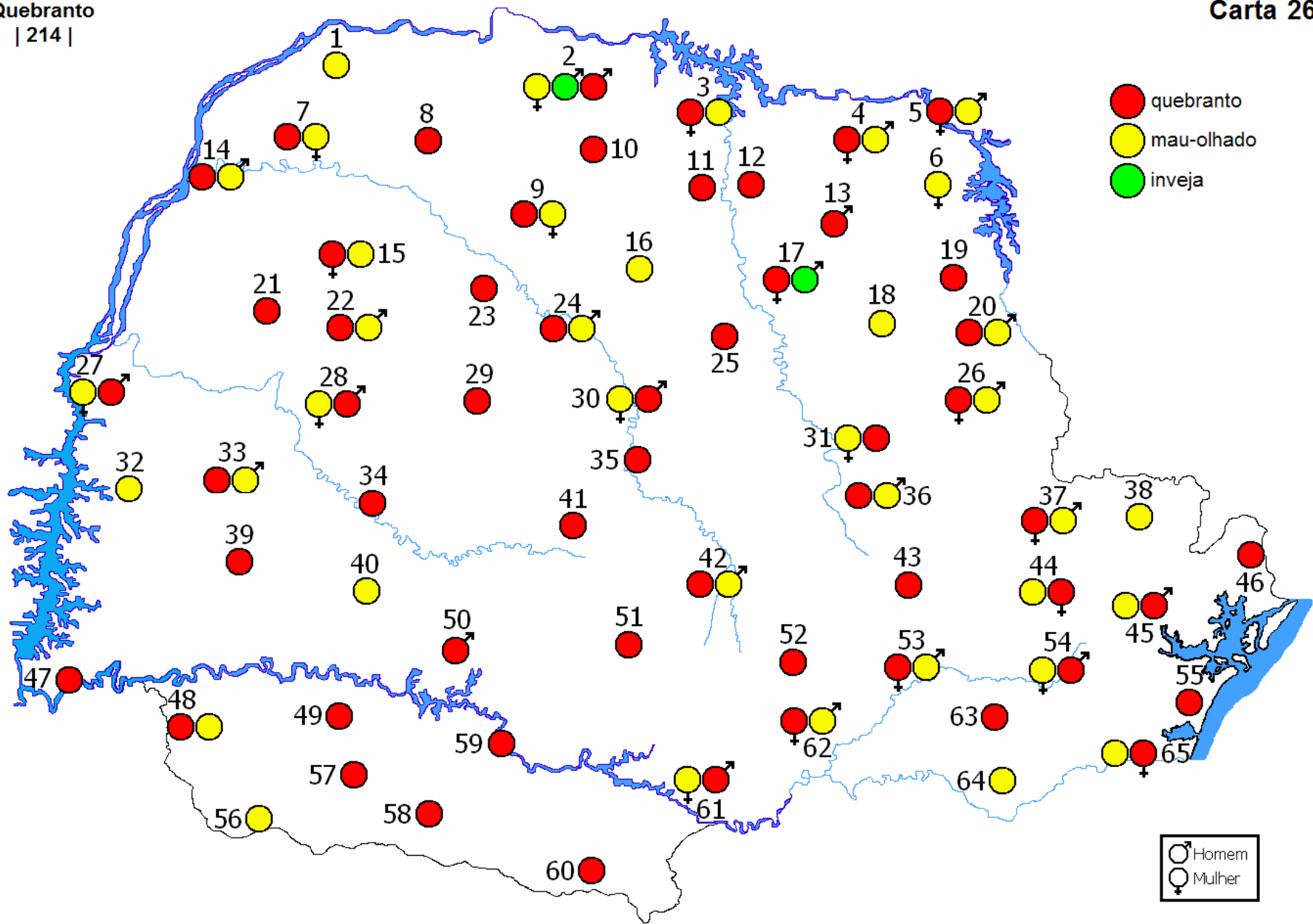
Carta 264 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
vômito	60 (45,12%)	61 (45,86%)
lançar	2 (1,50%)	6 (4,52%)
ânsia	1 (0,75%)	1 (0,75%)
alojar	2 (1,50%)	0



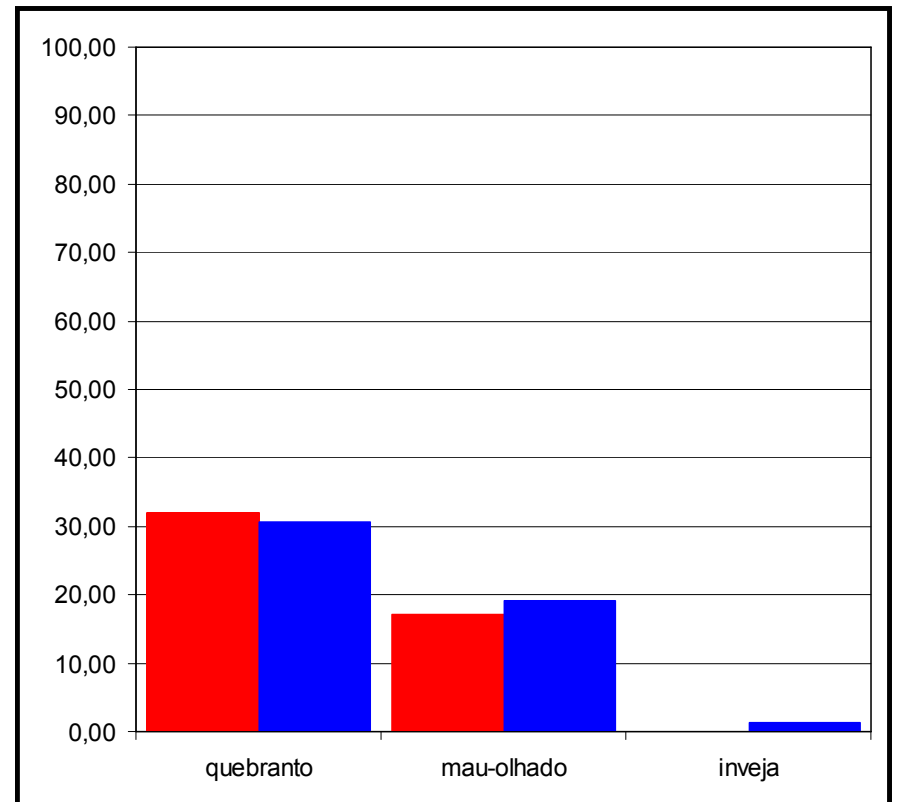


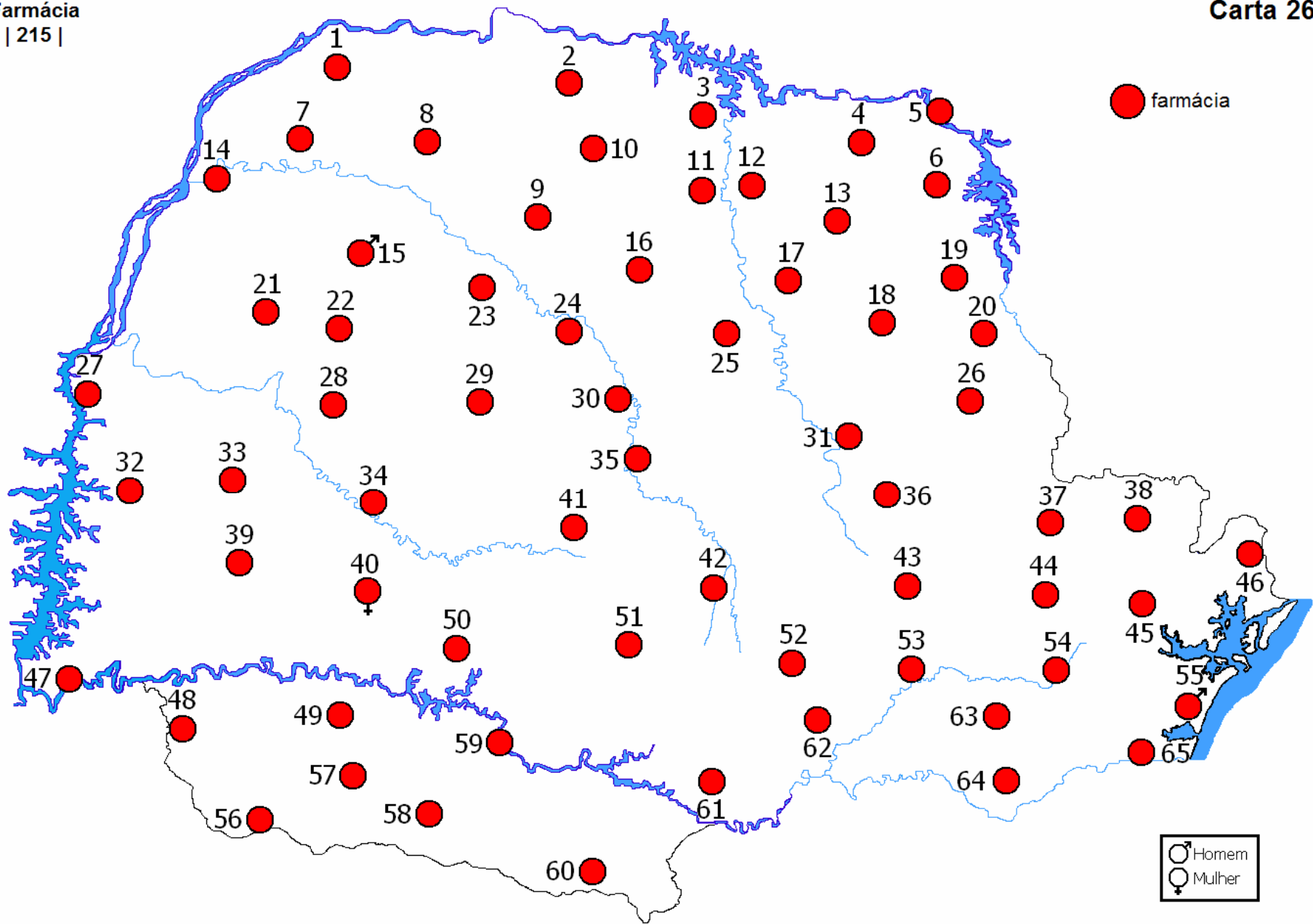
Carta 265 (126 ocorrências)	Mulher	Homem
sarampo	61 (48,42%)	60 (47,62%)
varicela	0	3 (2,38%)
catapora	1 (0,79%)	1 (0,79%)



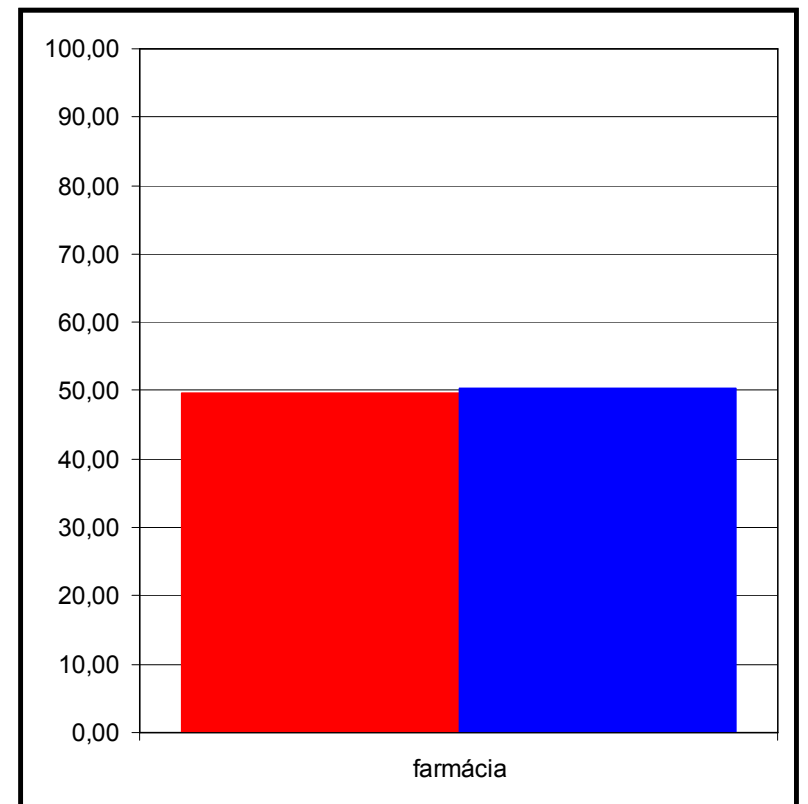


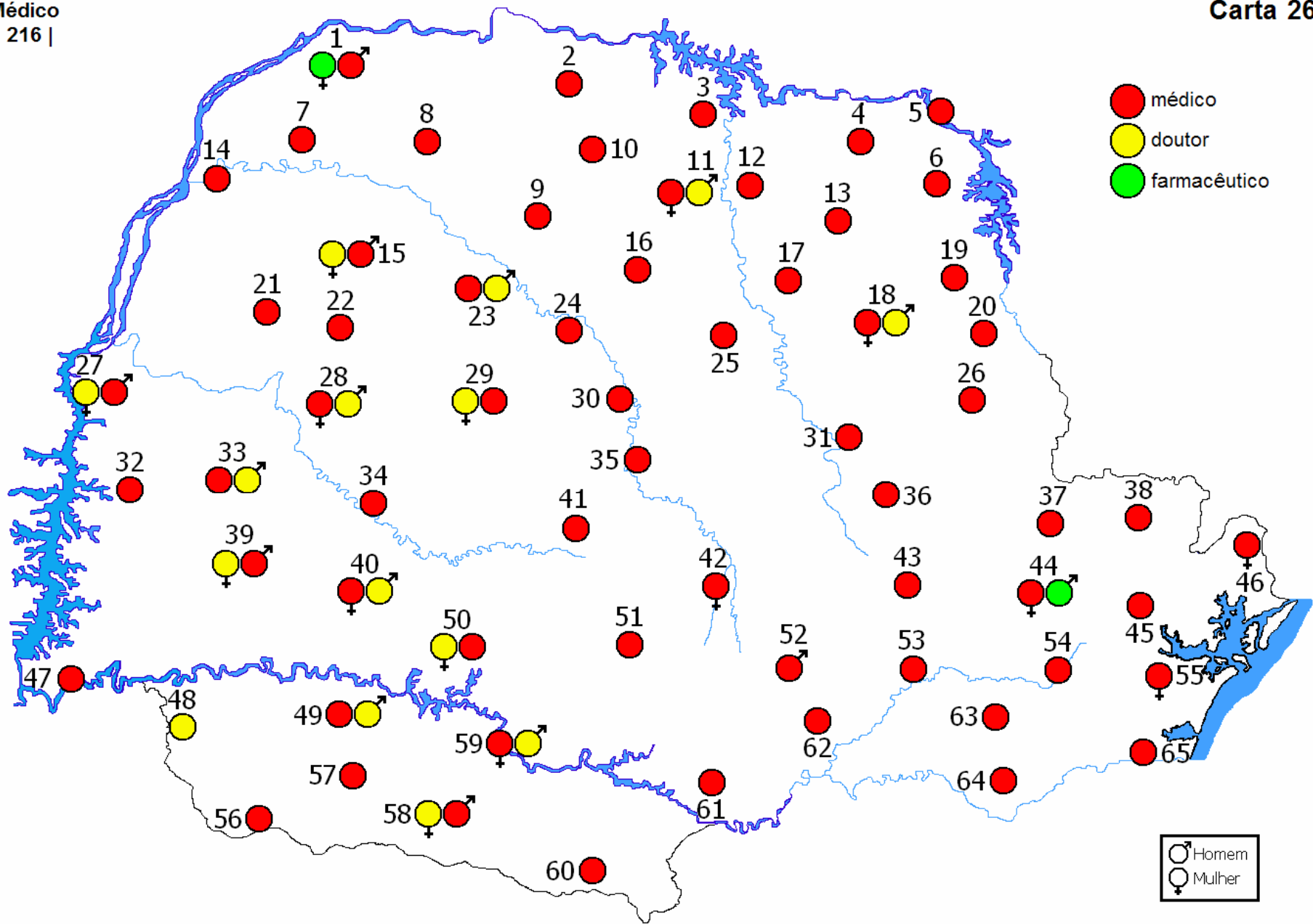
Carta 266 (147 ocorrências)	Mulher	Homem
quebranto	47 (31,97%)	45 (30,61%)
mau-olhado	25 (17,01%)	28 (19,05%)
inveja	0	2 (1,36%)



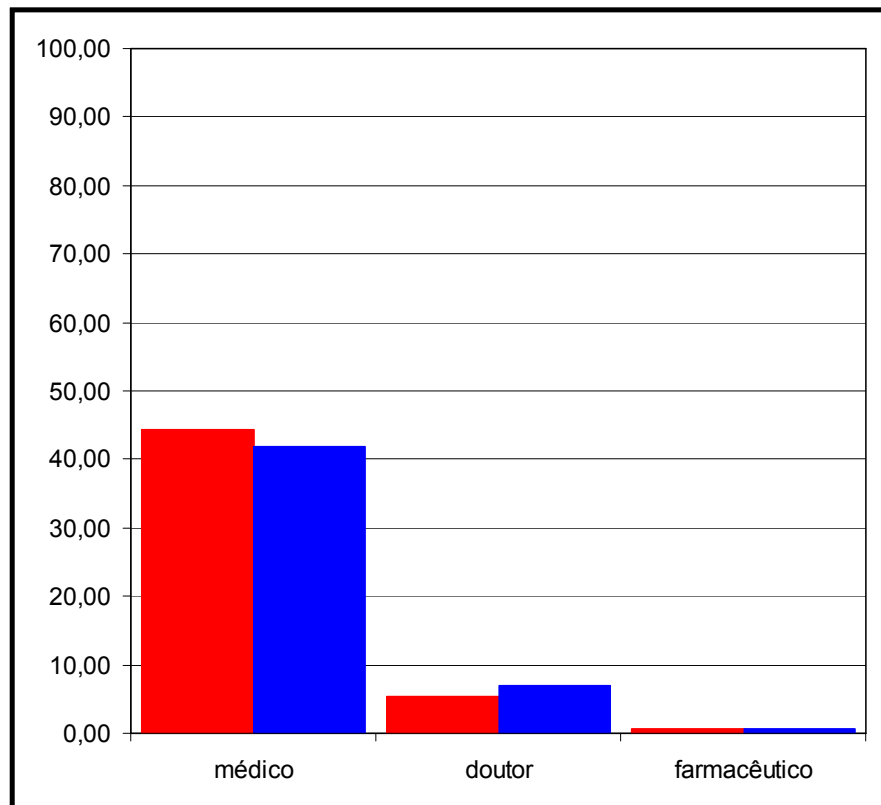


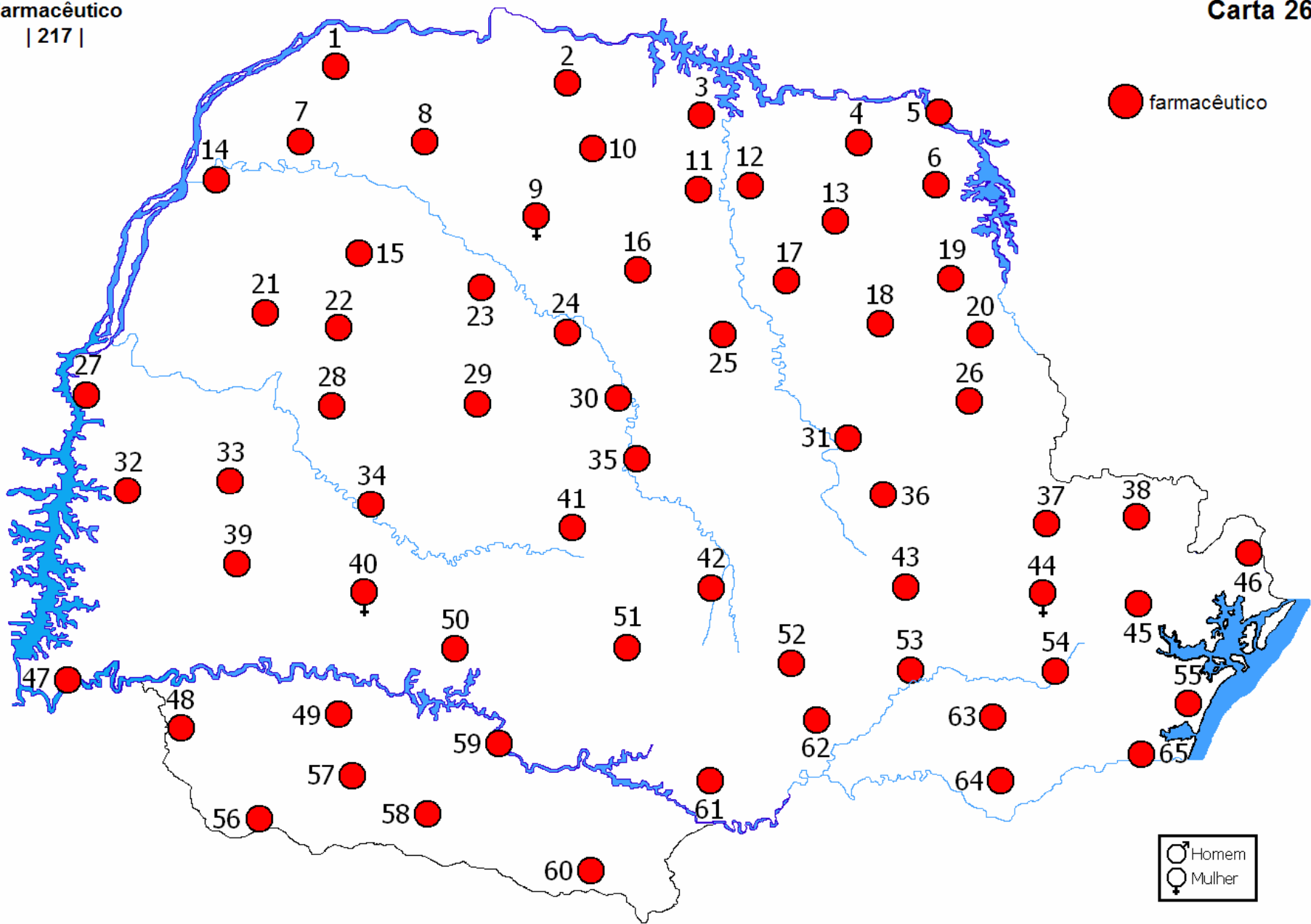
Carta 267 (127 ocorrências)	Mulher	Homem
farmácia	63 (49,61%)	64 (50,39%)





Carta 268 (131 ocorrências)	Mulher	Homem
médico	58 (44,27%)	55 (41,98%)
doutor	7 (5,34%)	9 (6,87%)
farmacêutico	1 (0,77%)	1 (0,77%)

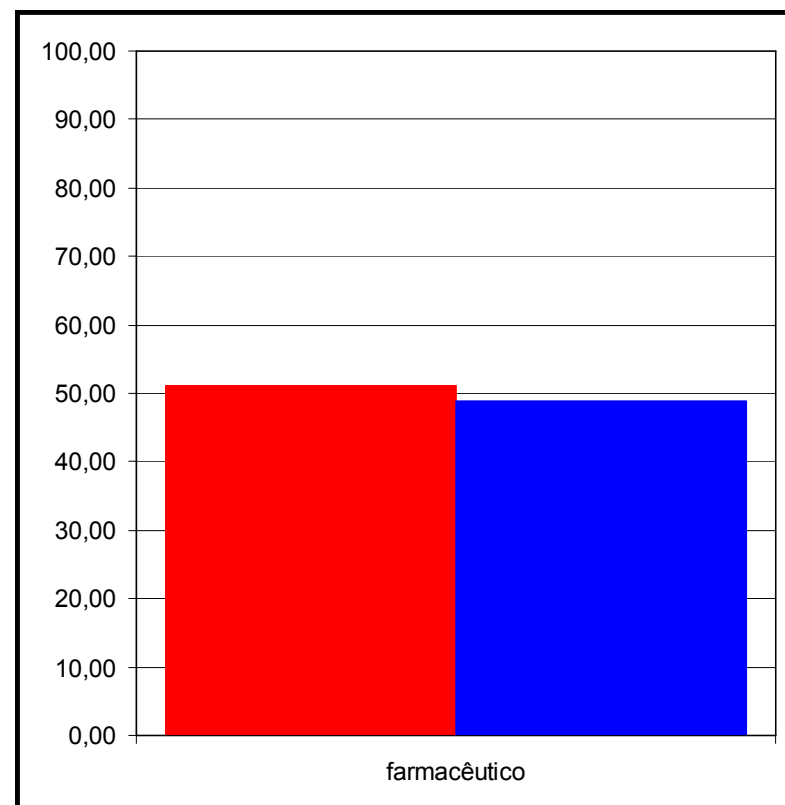


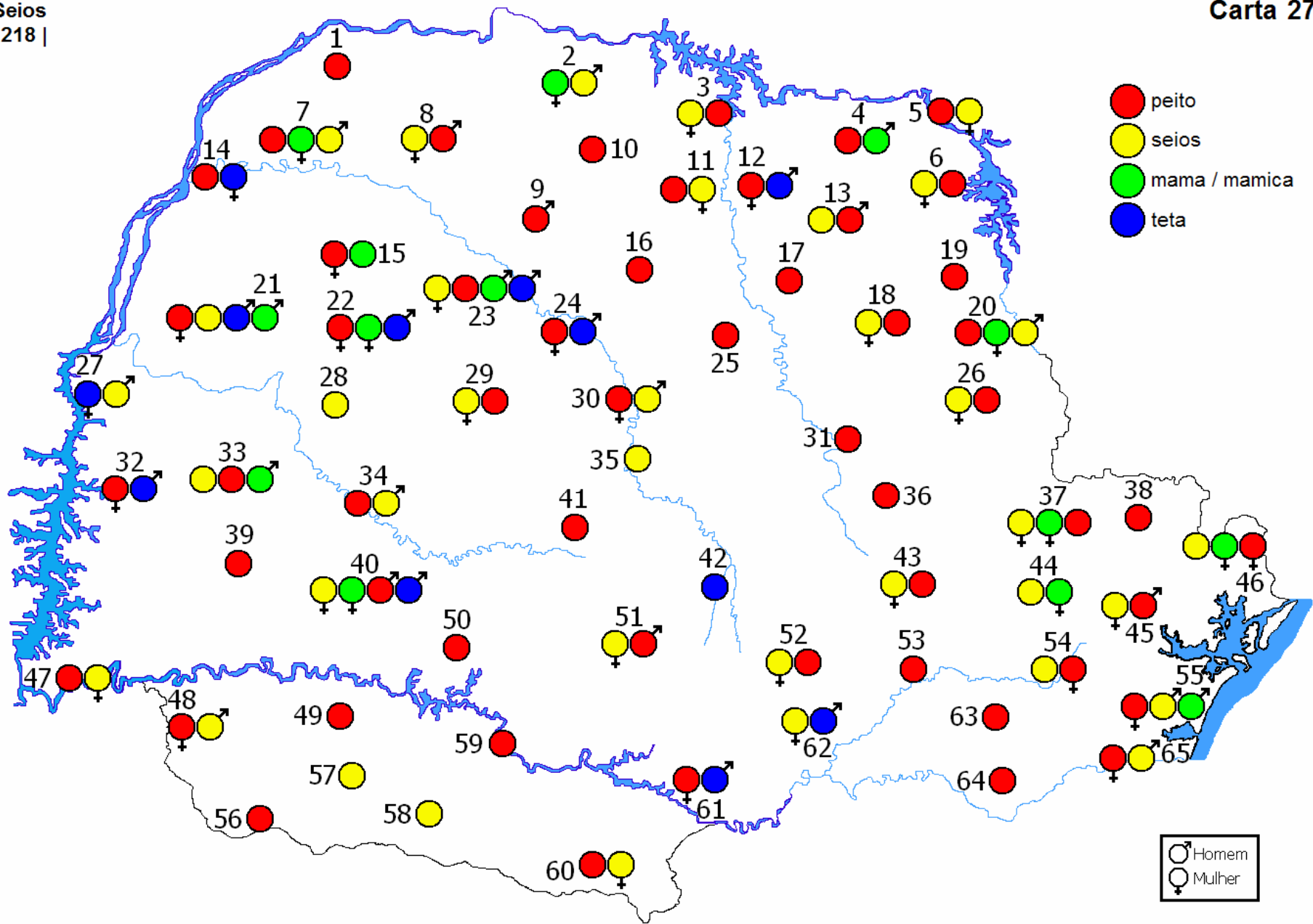


Ocorrências Únicas – Carta 269

Ponto 44 – Inf. B: Médico

Carta 269 (127 ocorrências)	Mulher	Homem
farmacêutico	65 (51,18%)	62 (48,82%)

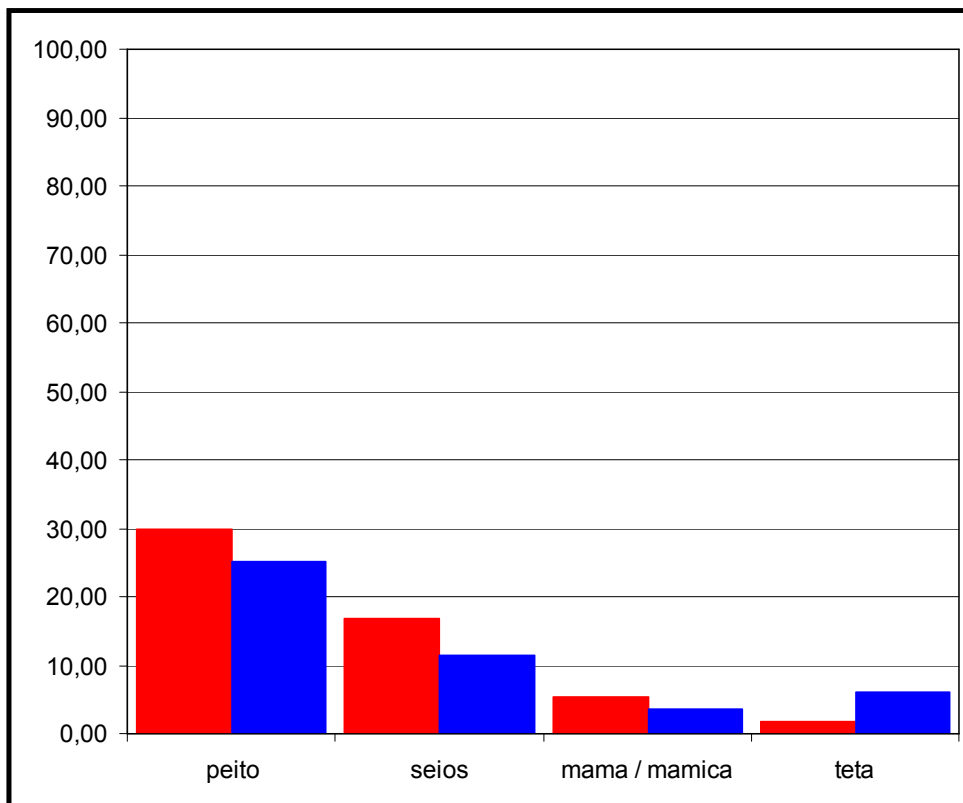


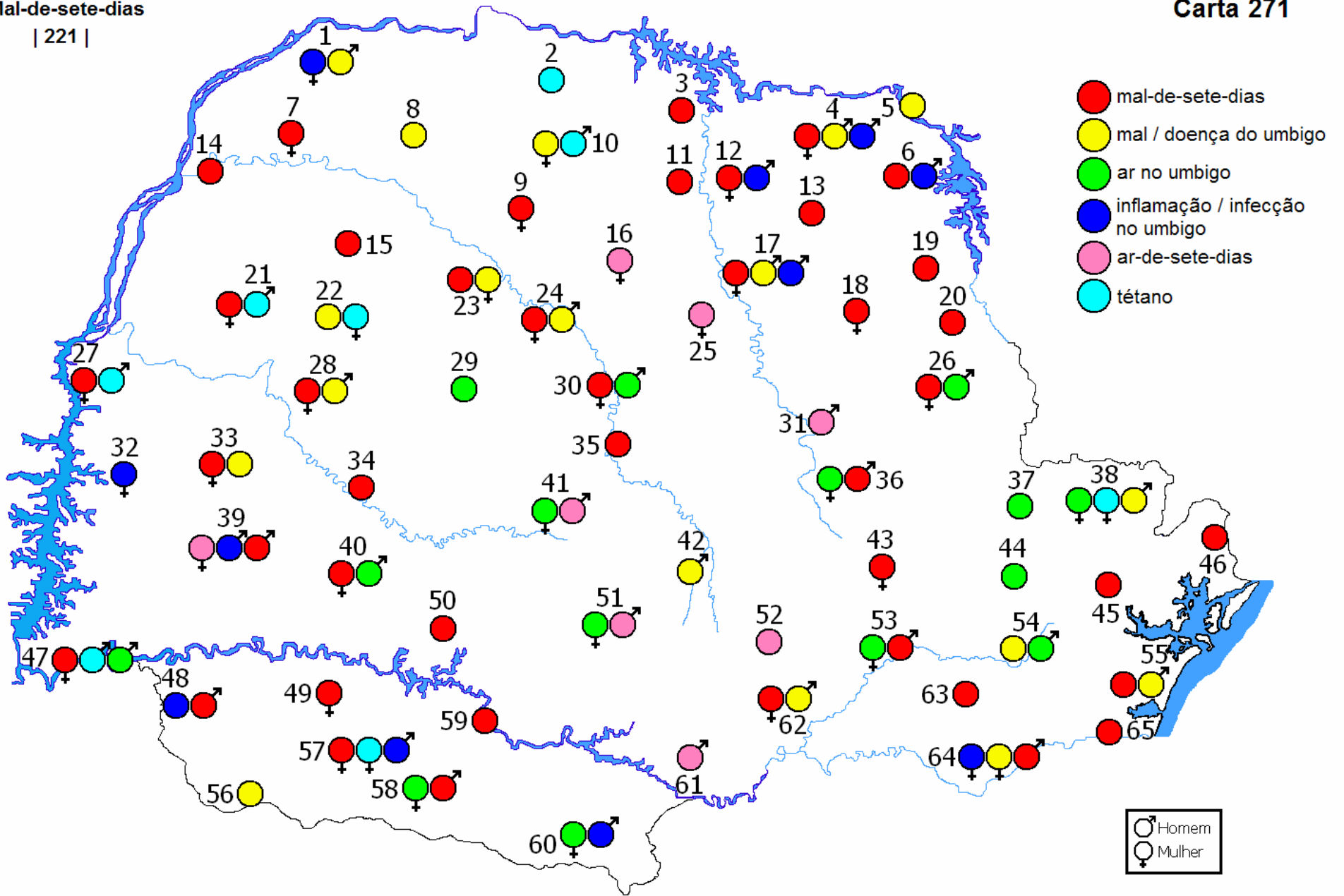


Ocorrência Únicas – Carta 270

Ponto 40 – Inf. B: Busto

Carta 270 (167 ocorrências)	Mulher	Homem
peito	50 (29,93%)	42 (25,15%)
seios	28 (16,77%)	19 (11,38%)
mama / mamica	9 (5,39%)	6 (3,59%)
teta	3 (1,80%)	10 (5,99%)





Ocorrências Únicas – Carta 271

Ponto 28 – Inf. A: Mal de simioto

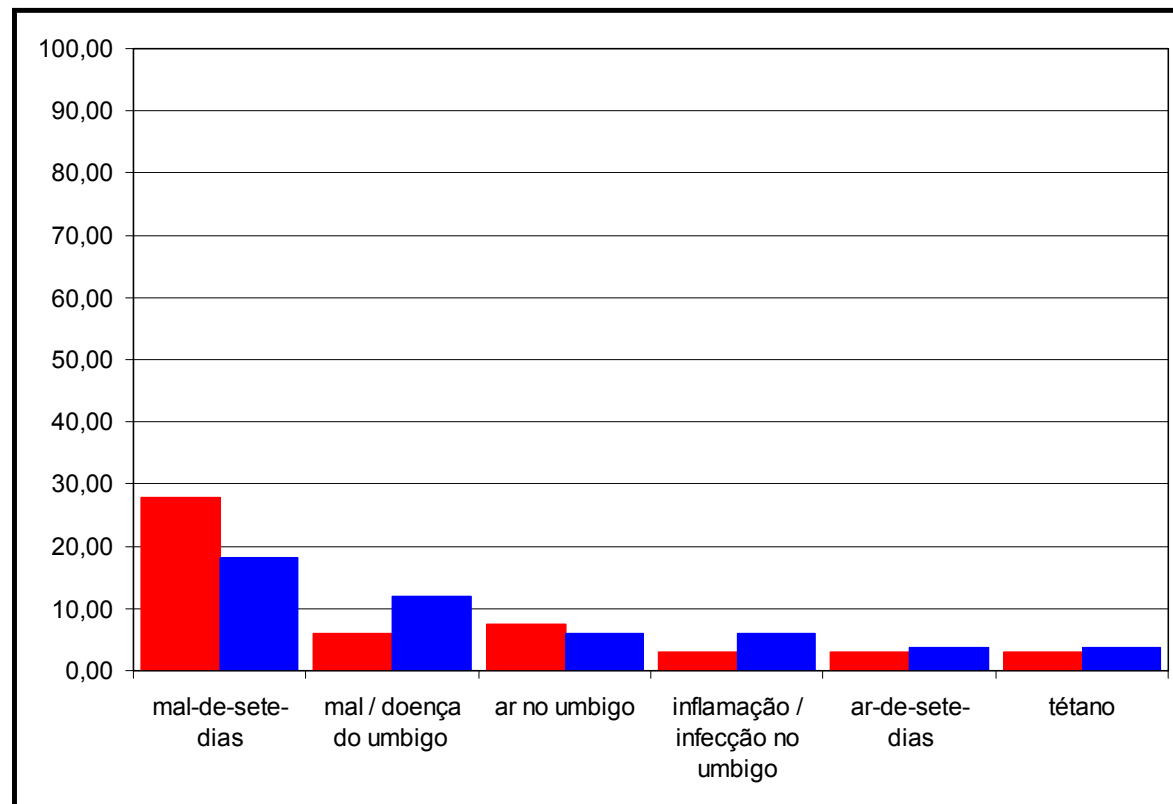
Ponto 31 – Inf. A: Rendidura

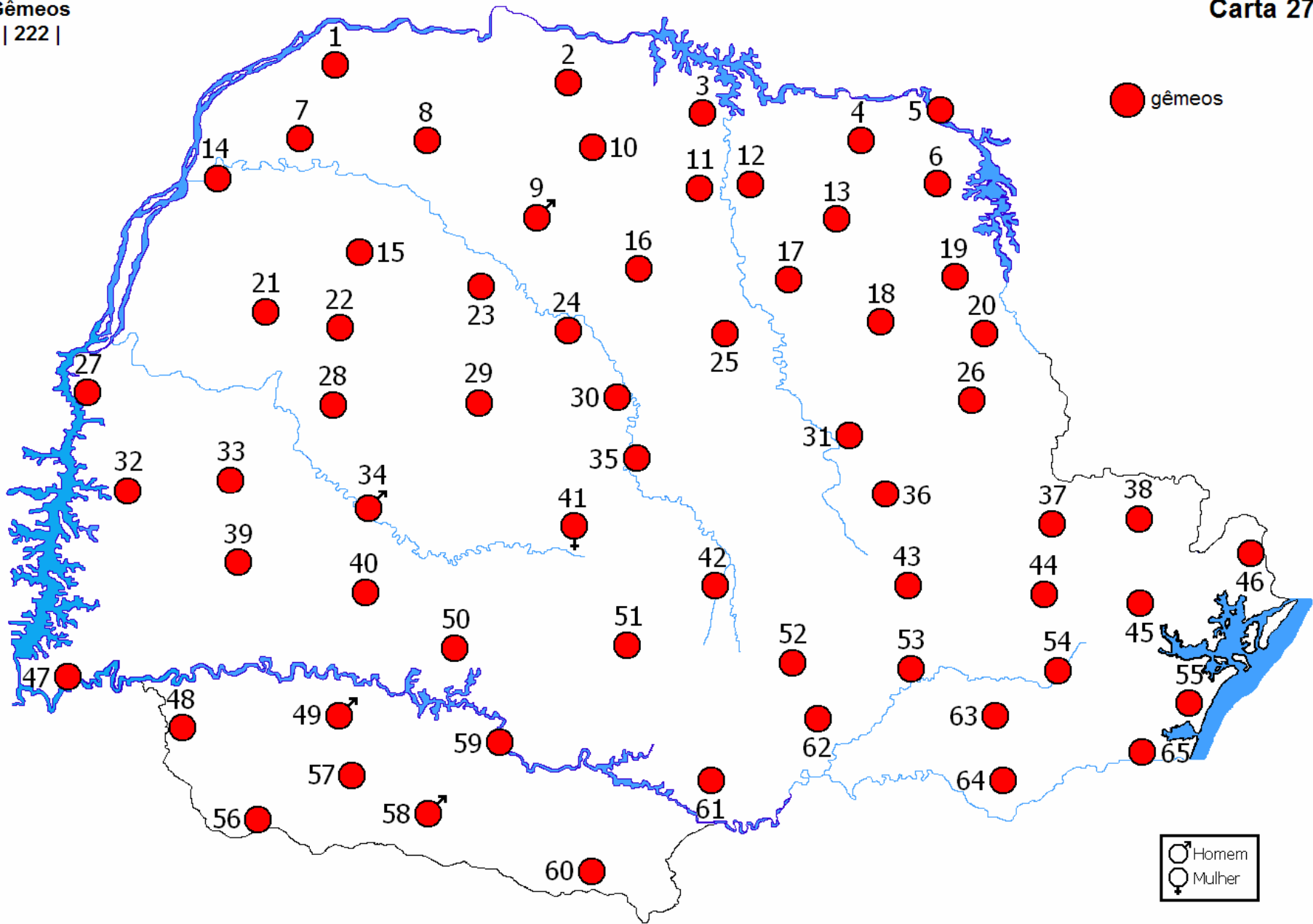
Ponto 43 – Inf. B: Dor de umbigo

Ponto 49 – Inf. B: Espasia' no umbigo

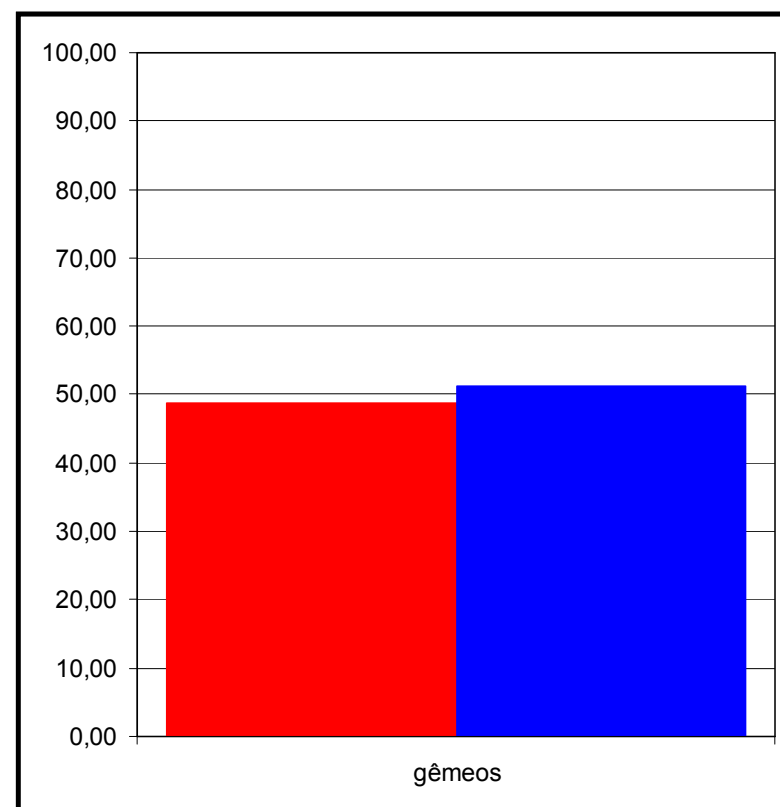
Ponto 60 – Inf. B: Friagem

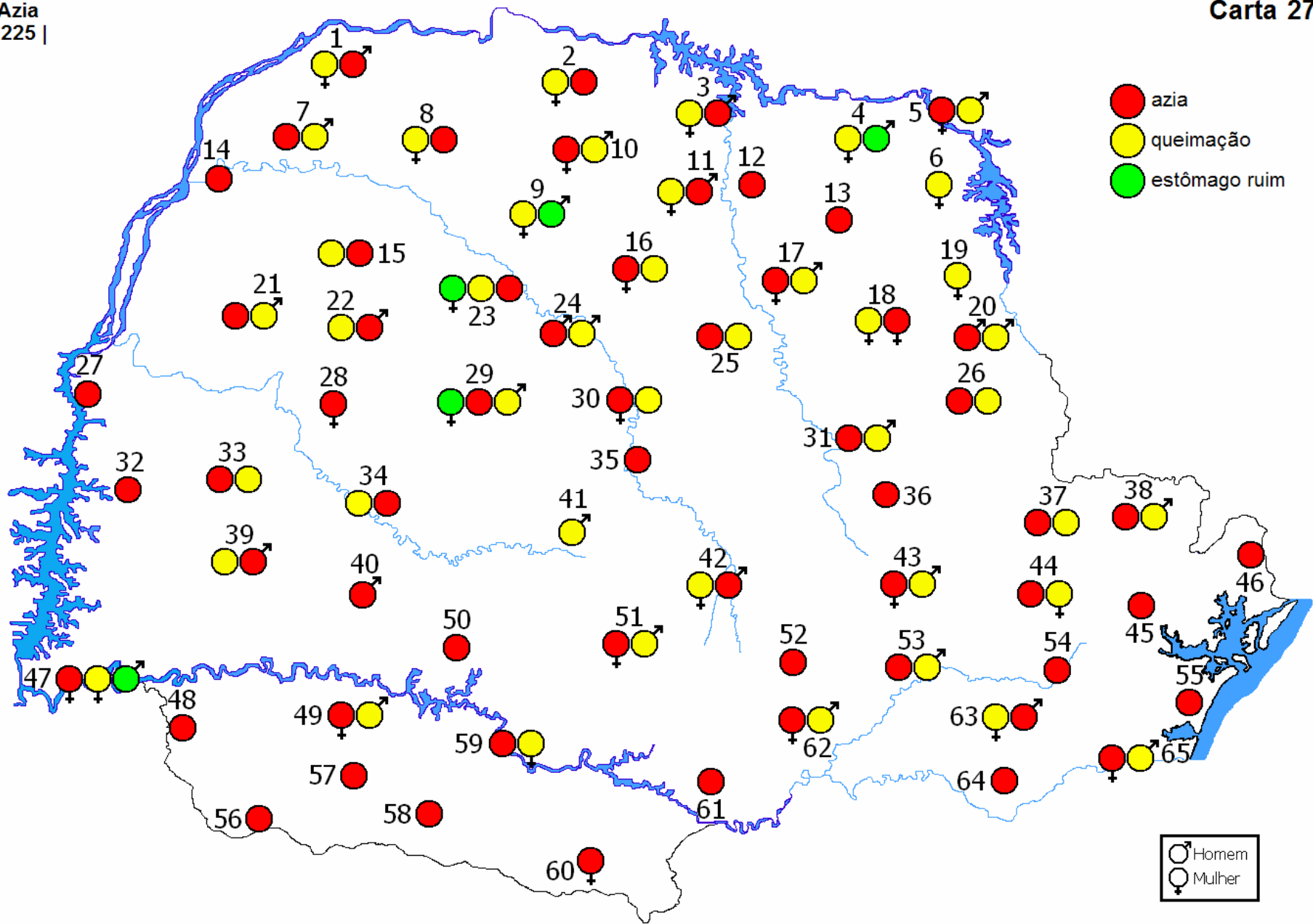
Carta 271 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
mal-de-sete-dias	37 (27,81%)	24 (18,04%)
mal / doença do umbigo	8 (6,02%)	16 (12,03%)
ar no umbigo	10 (7,51%)	8 (6,02%)
inflamação / infecção no umbigo	4 (3,01%)	8 (6,02%)
ar-de-sete-dias	4 (3,01%)	5 (3,76%)
tétano	4 (3,01%)	5 (3,76%)





Carta 272 (125 ocorrências)	Mulher	Homem
gêmeos	61 (48,80%)	64 (51,20%)





Ocorrências Únicas – Carta 273

Ponto 18 – Inf. B: Dor no estômago

Ponto 19 – Inf. B: Tripa

Ponto 20 – Inf. A: Estufação

Ponto 20 – Inf. A: Mal estar no estômago

Ponto 23 – Inf. A: Estômago embrulhado

Ponto 26 – Inf. B: Má digestão

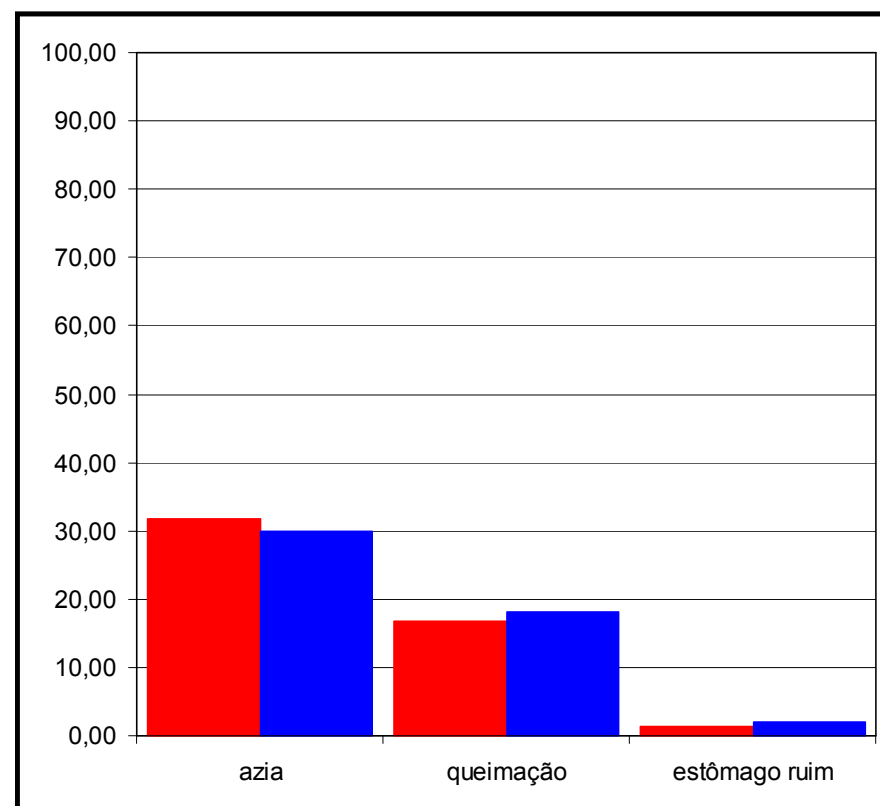
Ponto 28 – Inf. B: Boca do estômago

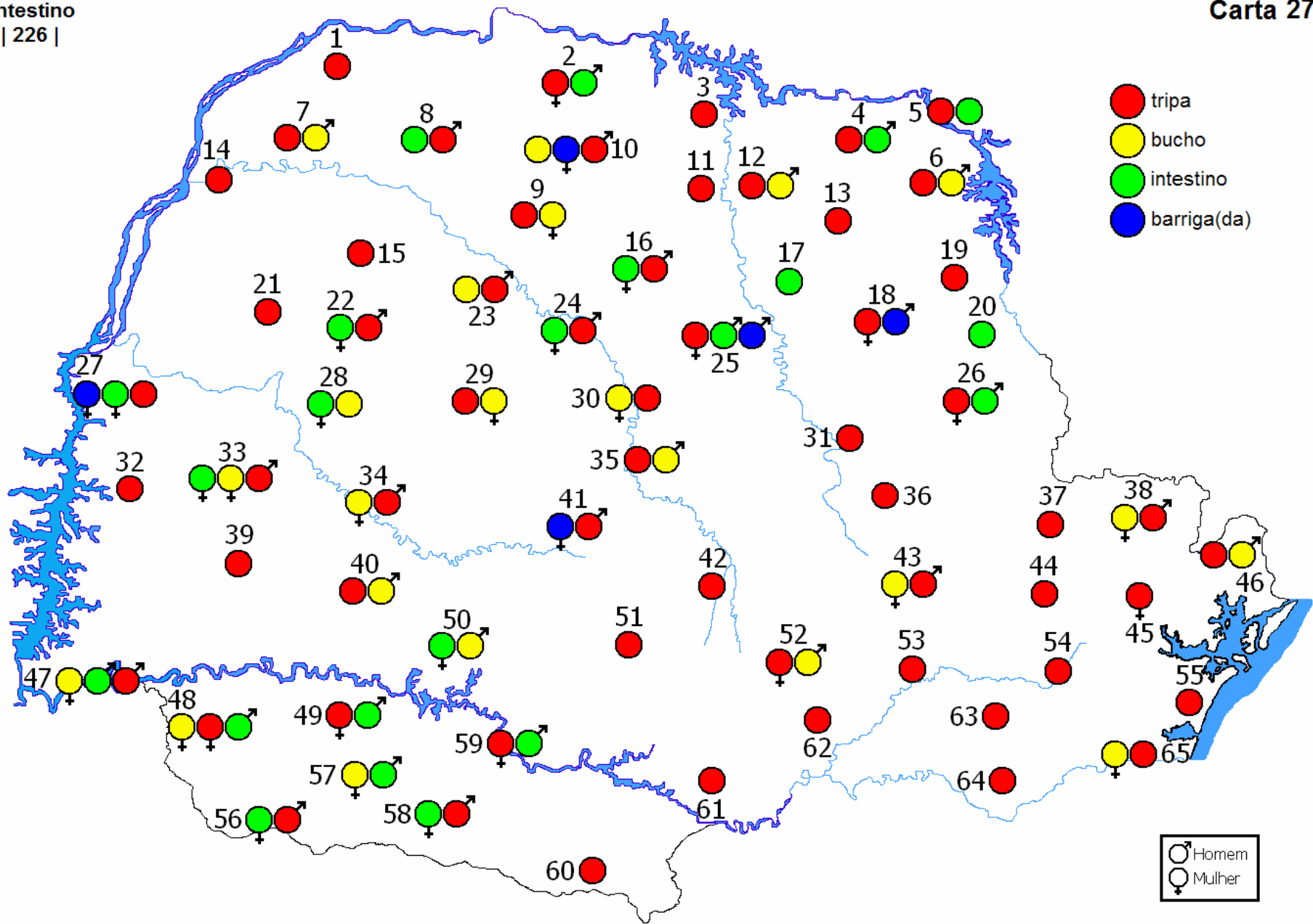
Ponto 40 – Inf. A: Empachado

Ponto 54 – Inf. A: Enjôo

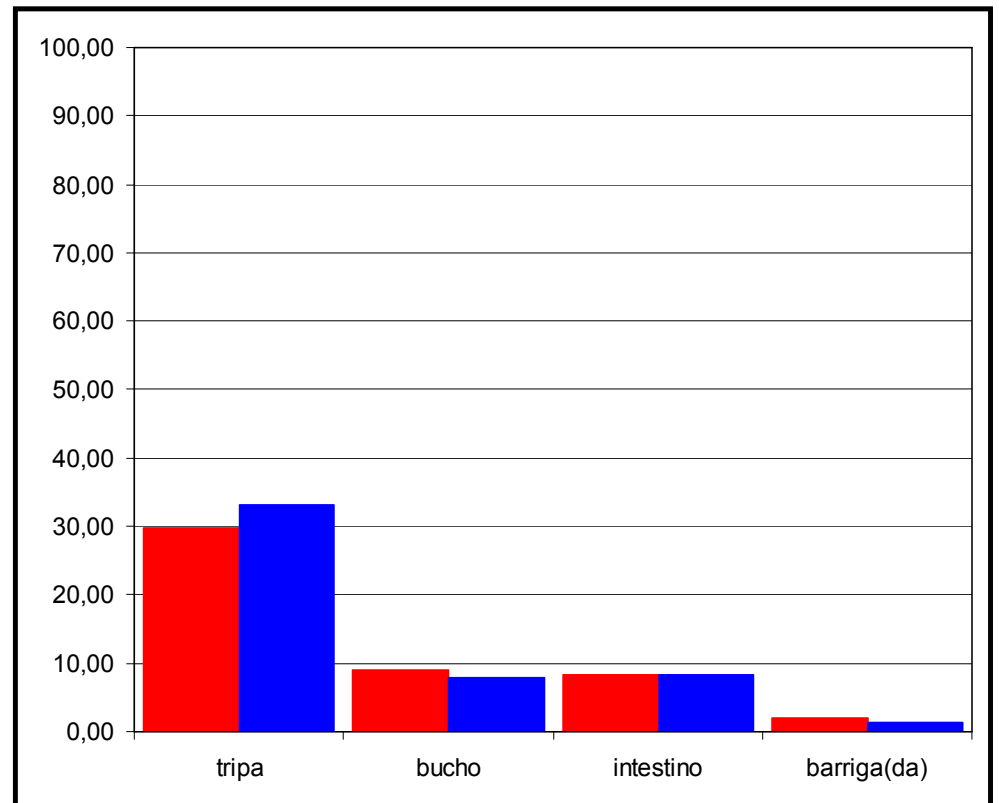
Ponto 63 – Inf. A: Estômago revirado

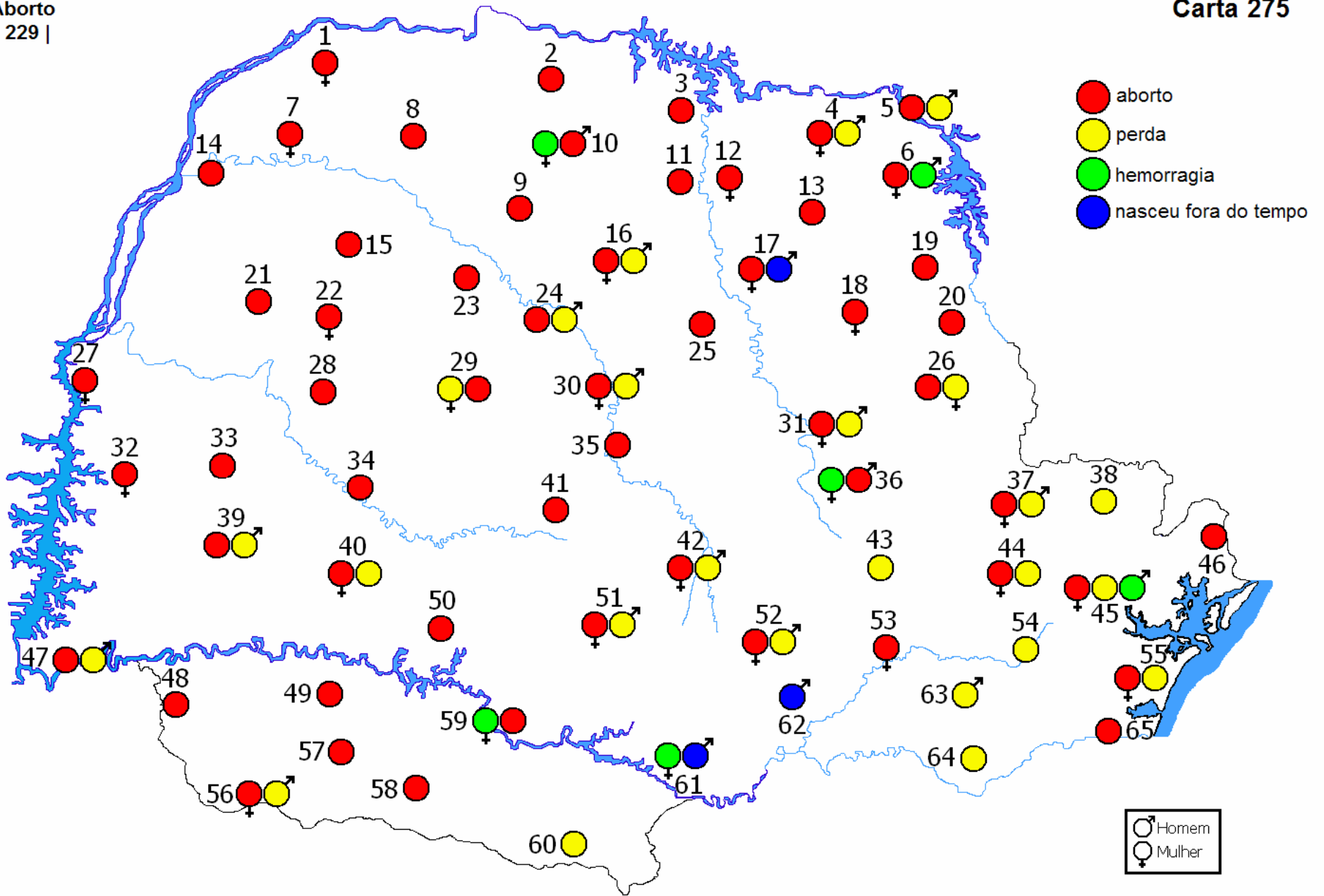
Carta 273 (154 ocorrências)	Mulher	Homem
azia	49 (31,82%)	46 (29,87%)
queimação	26 (16,88%)	28 (18,18%)
estômago ruim	2 (1,30%)	3 (1,95%)





Carta 274 (154 ocorrências)	Mulher	Homem
tripa	46 (29,87%)	51 (33,12%)
bucho	14 (9,09%)	12 (7,79%)
intestino	13 (8,44%)	13 (8,44%)
barriga(da)	3 (1,95%)	2 (1,30%)





Ocorrências Únicas – Carta 275

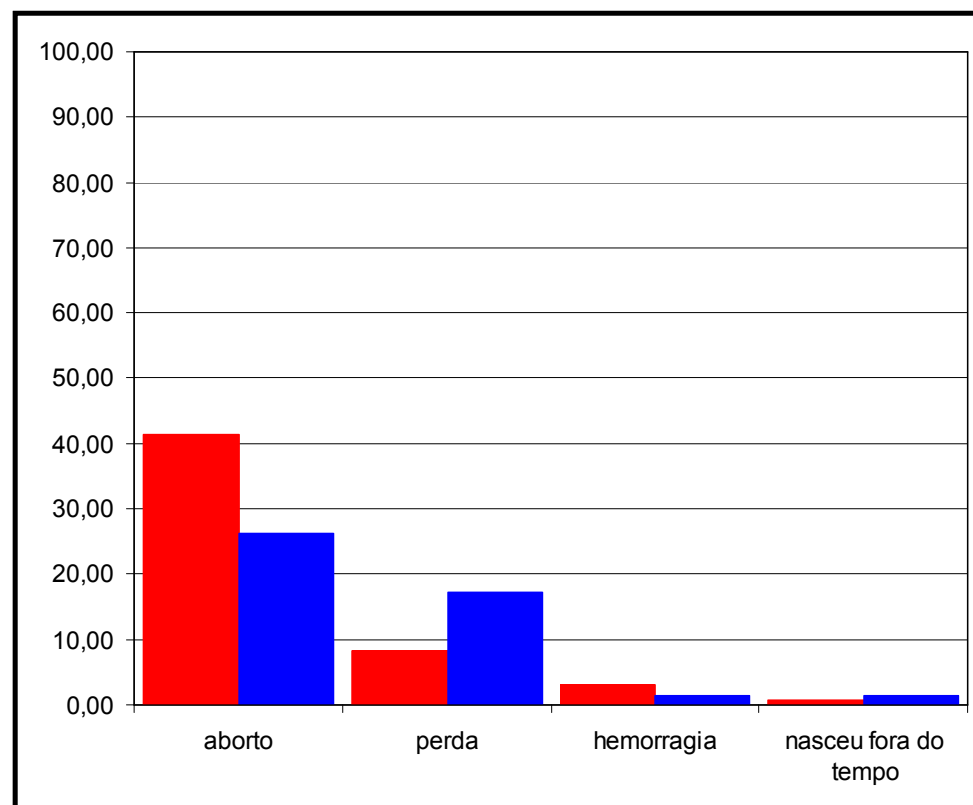
Ponto 01 – Inf. B: Parto

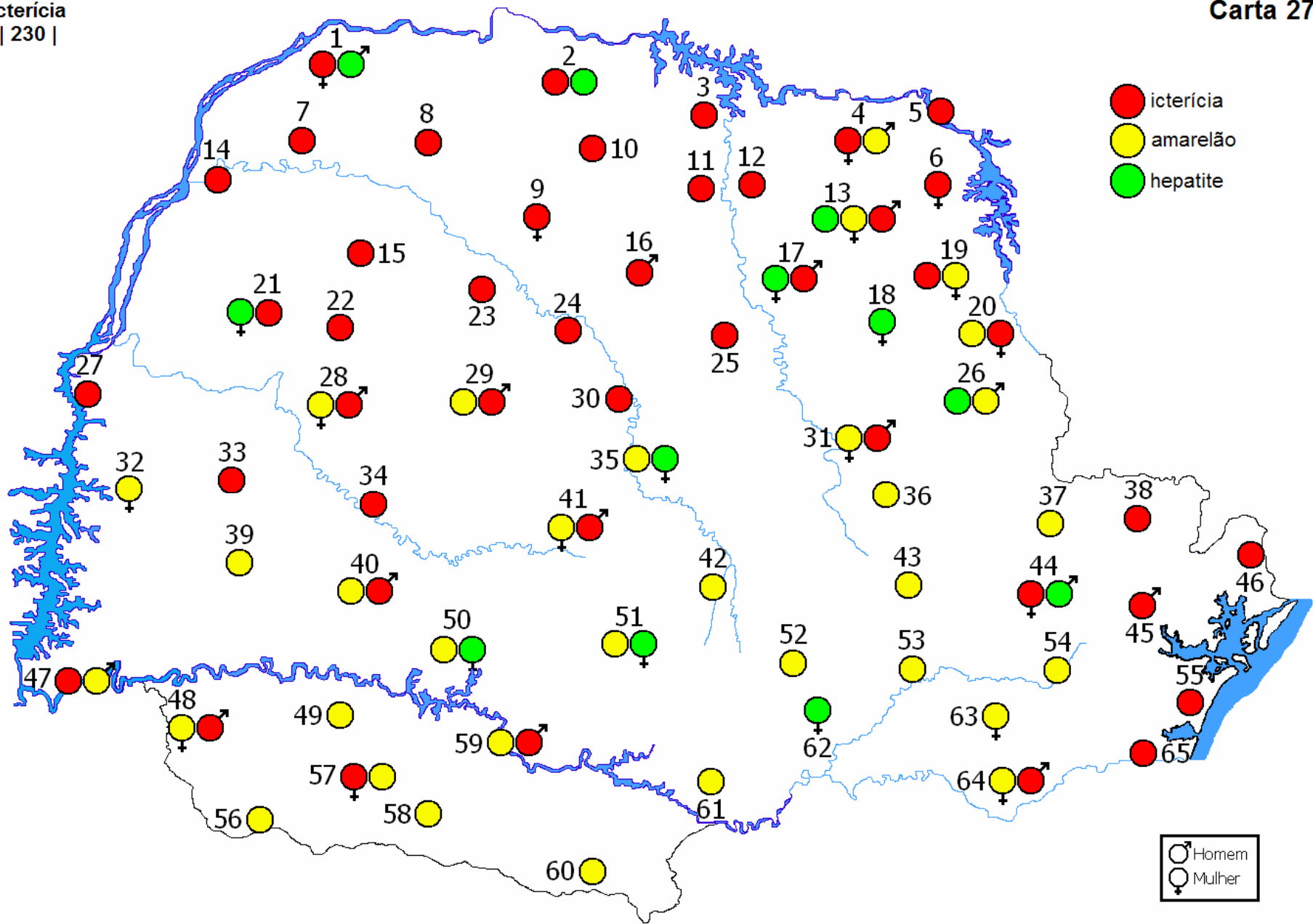
Ponto 08 – Inf. B: Natimorto

Ponto 10 – Inf. A: Raspagem

Ponto 62 – Inf. A: Sofreu algum incômodo

Carta 275 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
aborto	55 (41,35%)	35 (26,32%)
perda	11 (8,27%)	23 (17,30%)
hemorragia	4 (3,01%)	2 (1,50%)
nasceu fora do tempo	1 (0,75%)	2 (1,50%)

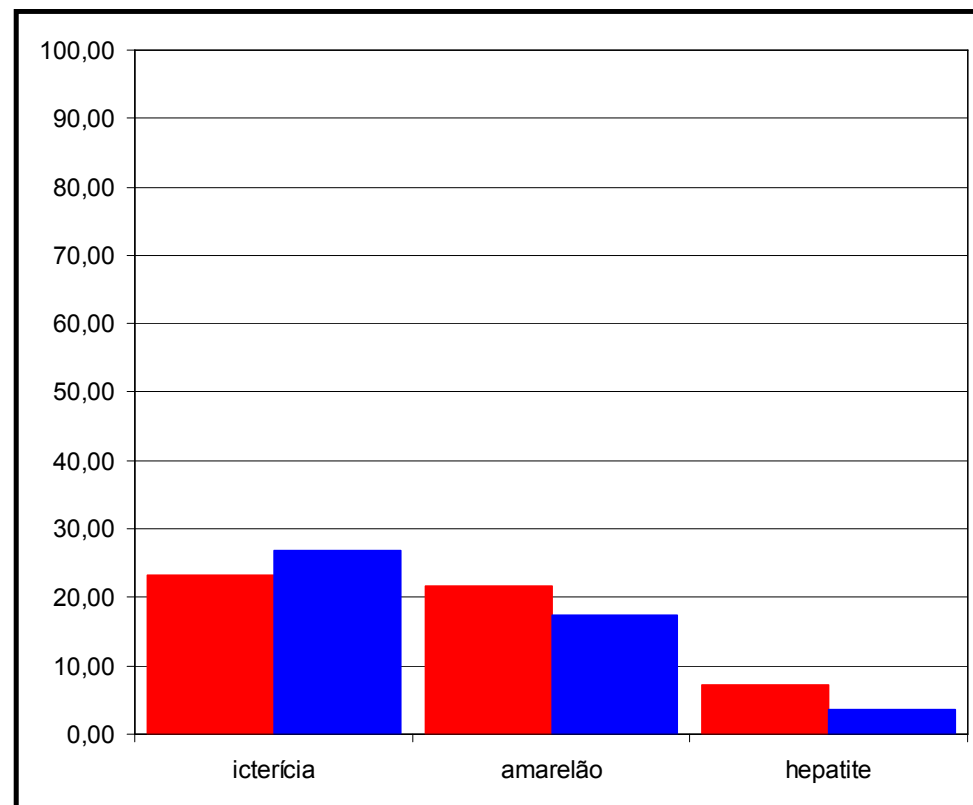


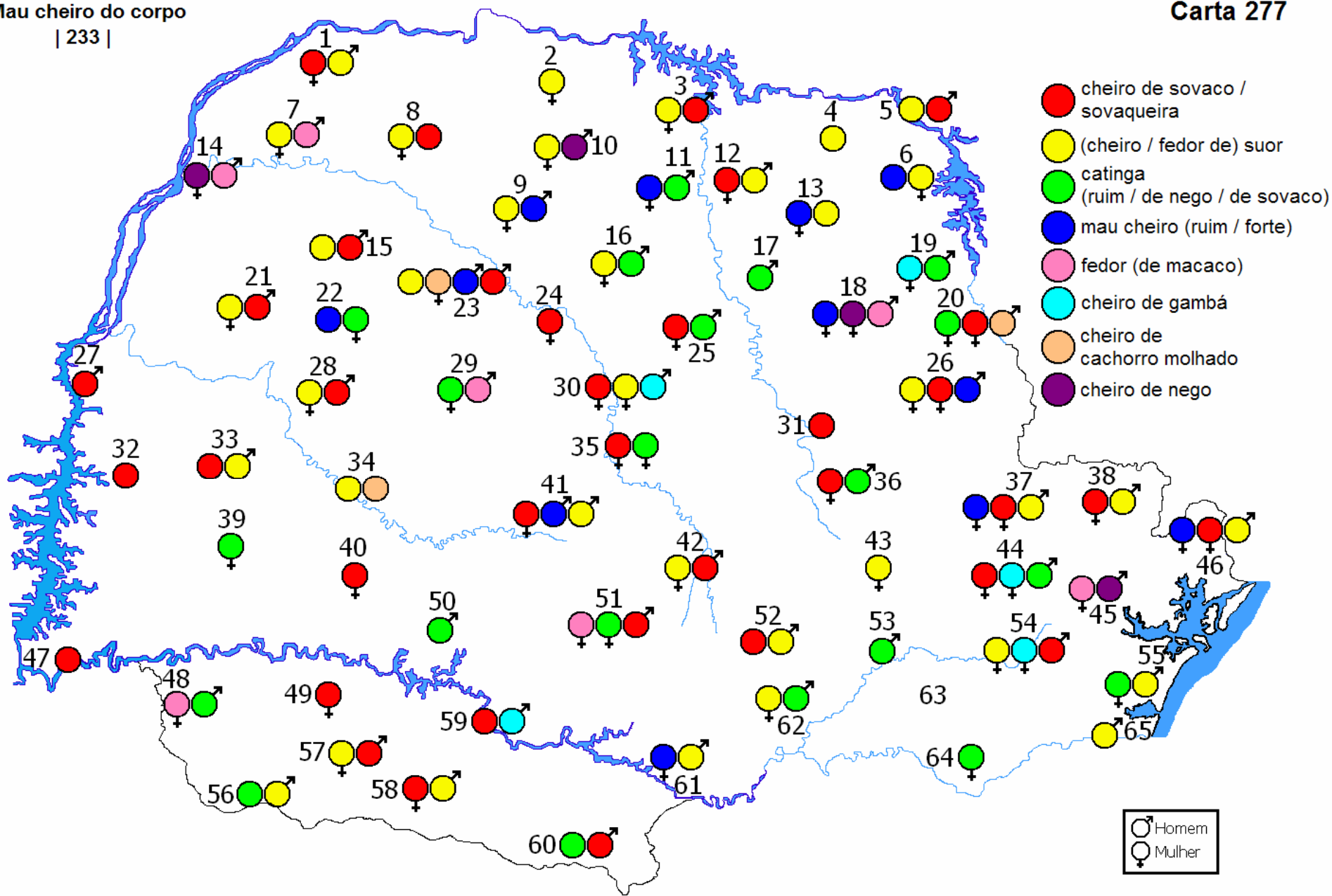


Ocorrências Únicas – Carta 276

Ponto 06 – Inf. B: Mal-de-simioto

Carta 276 (111 ocorrências)	Mulher	Homem
icterícia	32 (23,19%)	37 (26,81%)
amarelão	30 (21,74%)	24 (17,39%)
hepatite	10 (7,25%)	5 (3,62%)

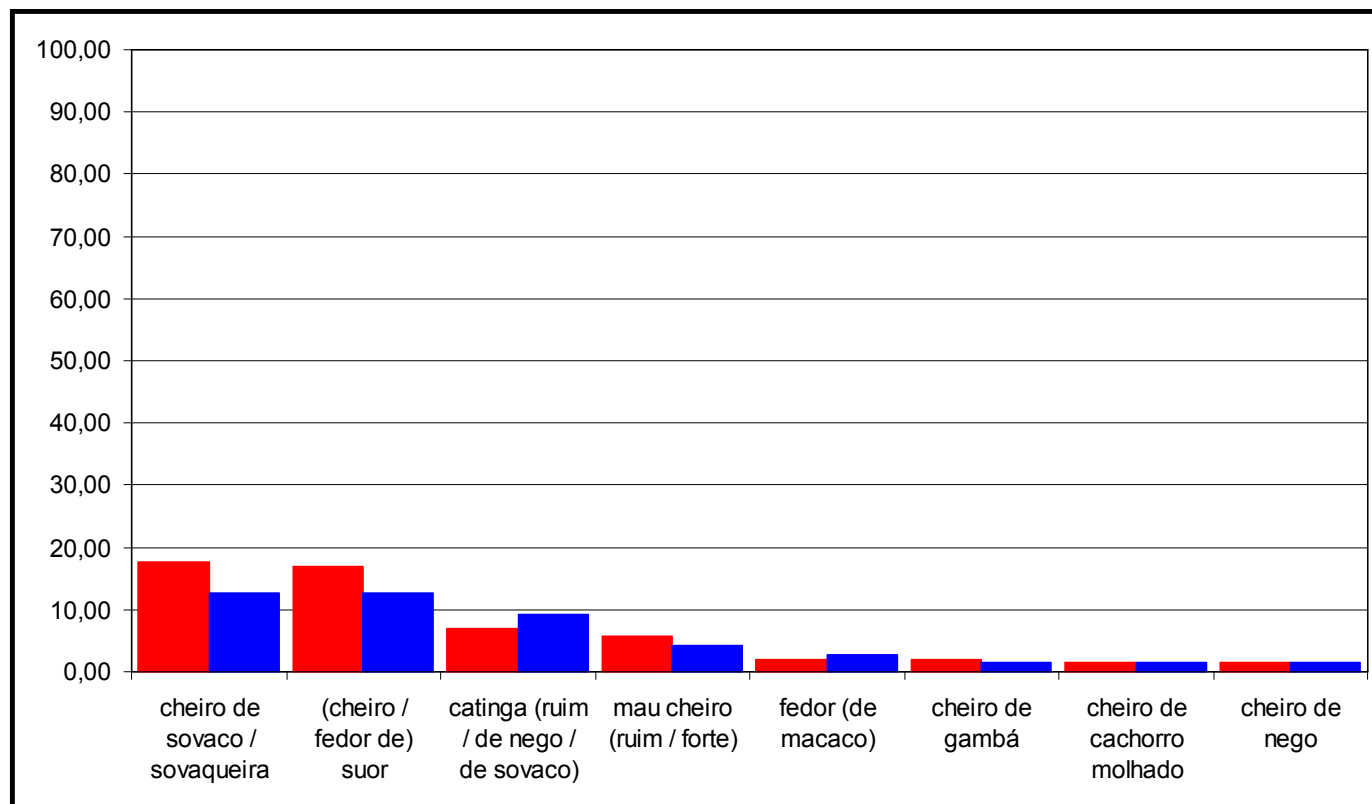


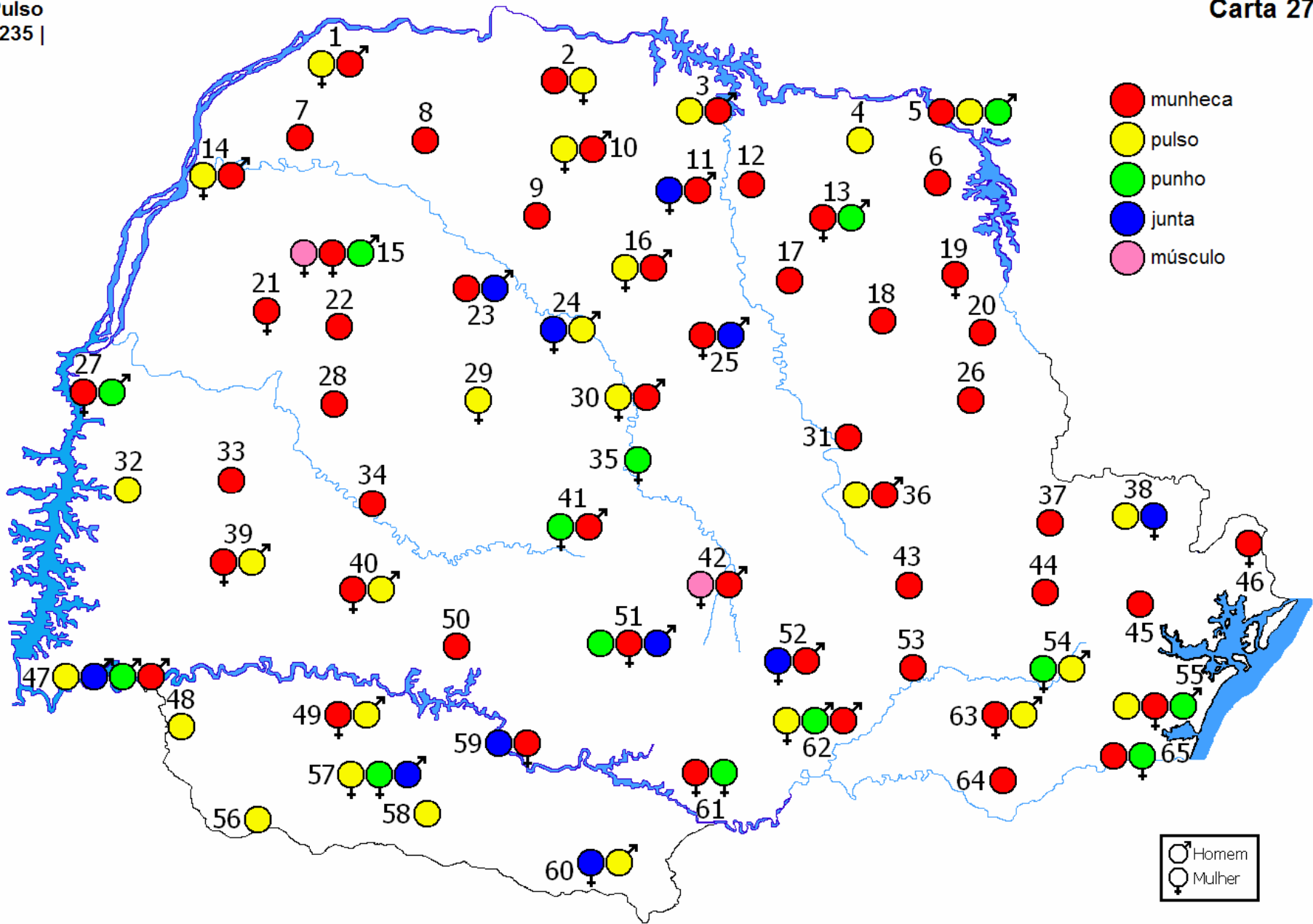


Ocorrências Únicas – Carta 277

Ponto 24 – Inf. B: Nhaca
 Ponto 40 – Inf. B: Cheiro de batata podre
 Ponto 43 – Inf. A: Cheiro de onça
 Ponto 43 – Inf. B: Cheiro de baralho velho
 Ponto 57 – Inf. B: Morrinha
 Ponto 64 – Inf. B: Cheiro de raposa

Carta 277 (142 ocorrências)	Mulher	Homem
cheiro de sovaco / sovaqueira	25 (17,60%)	18 (12,68%)
(cheiro / fedor de) suor	24 (16,90%)	18 (12,68%)
catinga (ruim / de nego / de sovaco)	10 (7,04%)	13 (9,15%)
mau cheiro (ruim / forte)	8 (5,63%)	6 (4,23%)
fedor (de macaco)	3 (2,11%)	4 (2,82%)
cheiro de gambá	3 (2,11%)	2 (1,41%)
cheiro de cachorro molhado	2 (1,41%)	2 (1,41%)
cheiro de nego	2 (1,41%)	2 (1,41%)

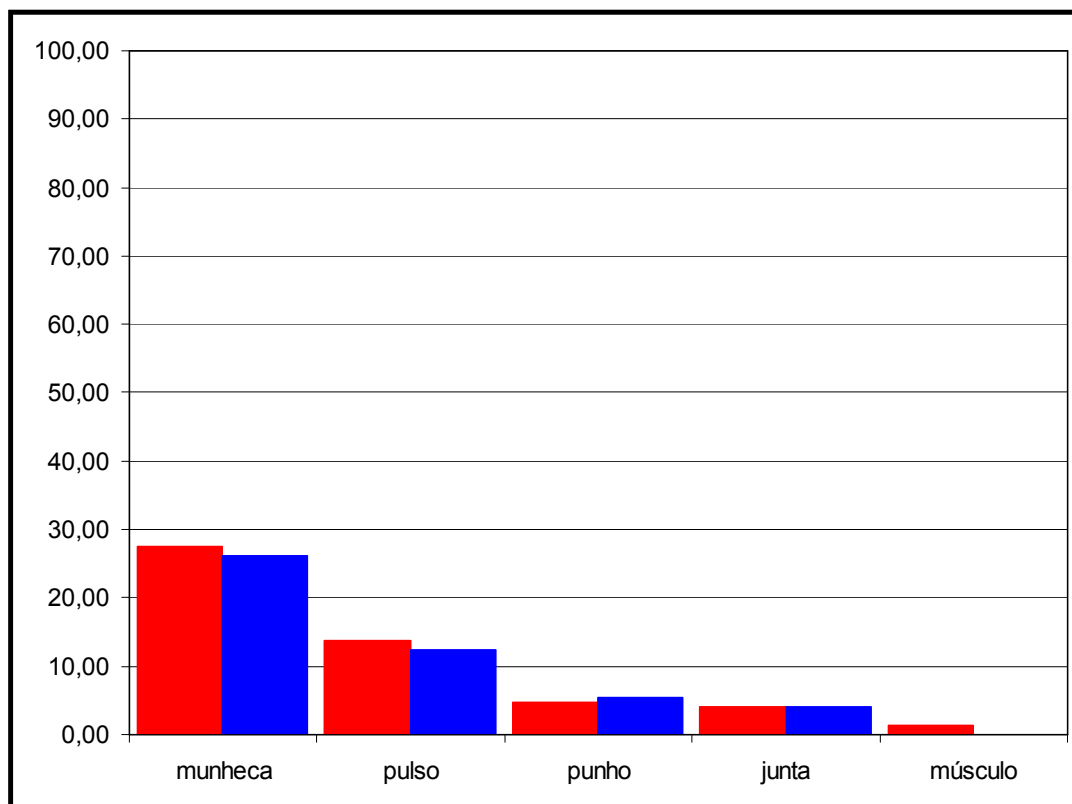


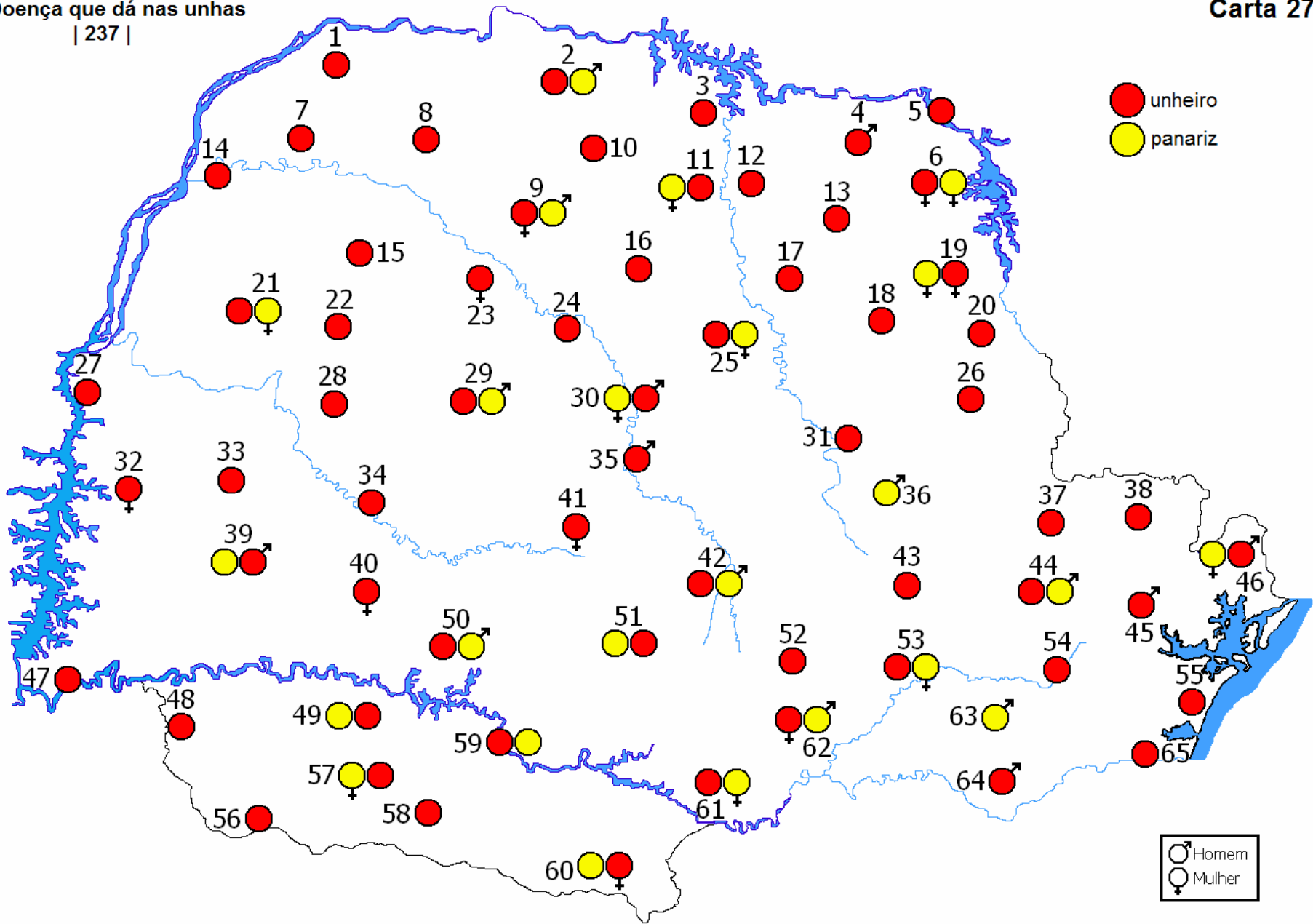


Ocorrências Únicas Carta 278

Ponto 36 – Inf. B: Muque

Carta 278 (145 ocorrências)	Mulher	Homem
munheca	40 (27,58%)	38 (26,21%)
pulso	20 (13,79%)	18 (12,41%)
punho	7 (4,83%)	8 (5,52%)
junta	6 (4,14%)	6 (4,14%)
músculo	2 (1,38%)	0





Ocorrências Únicas – carta 279

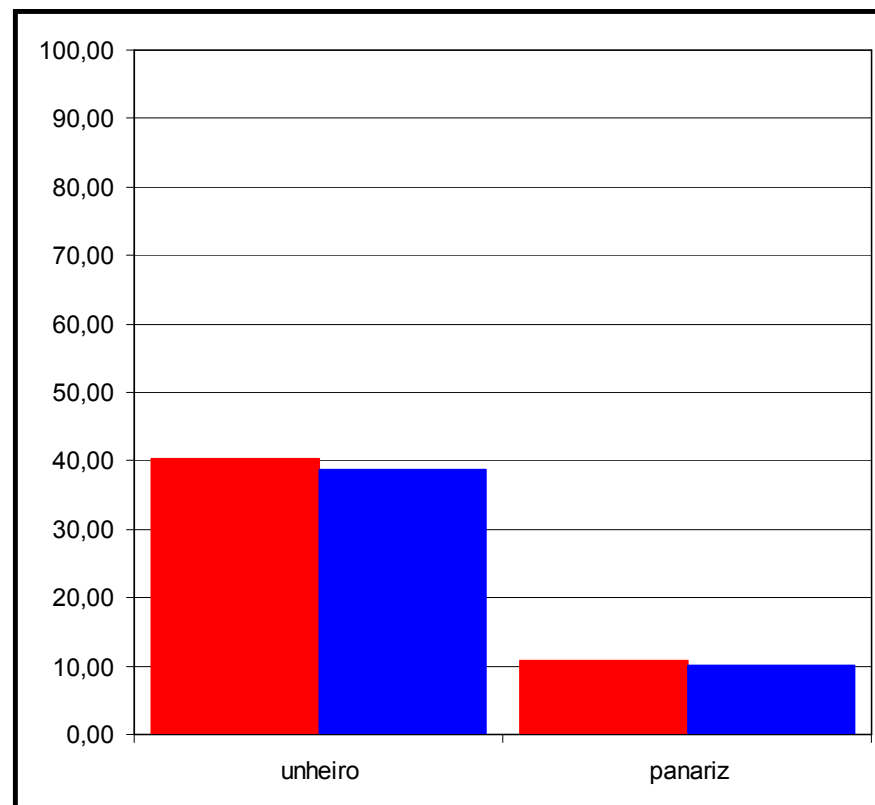
Ponto 02 – Inf. A: Micose

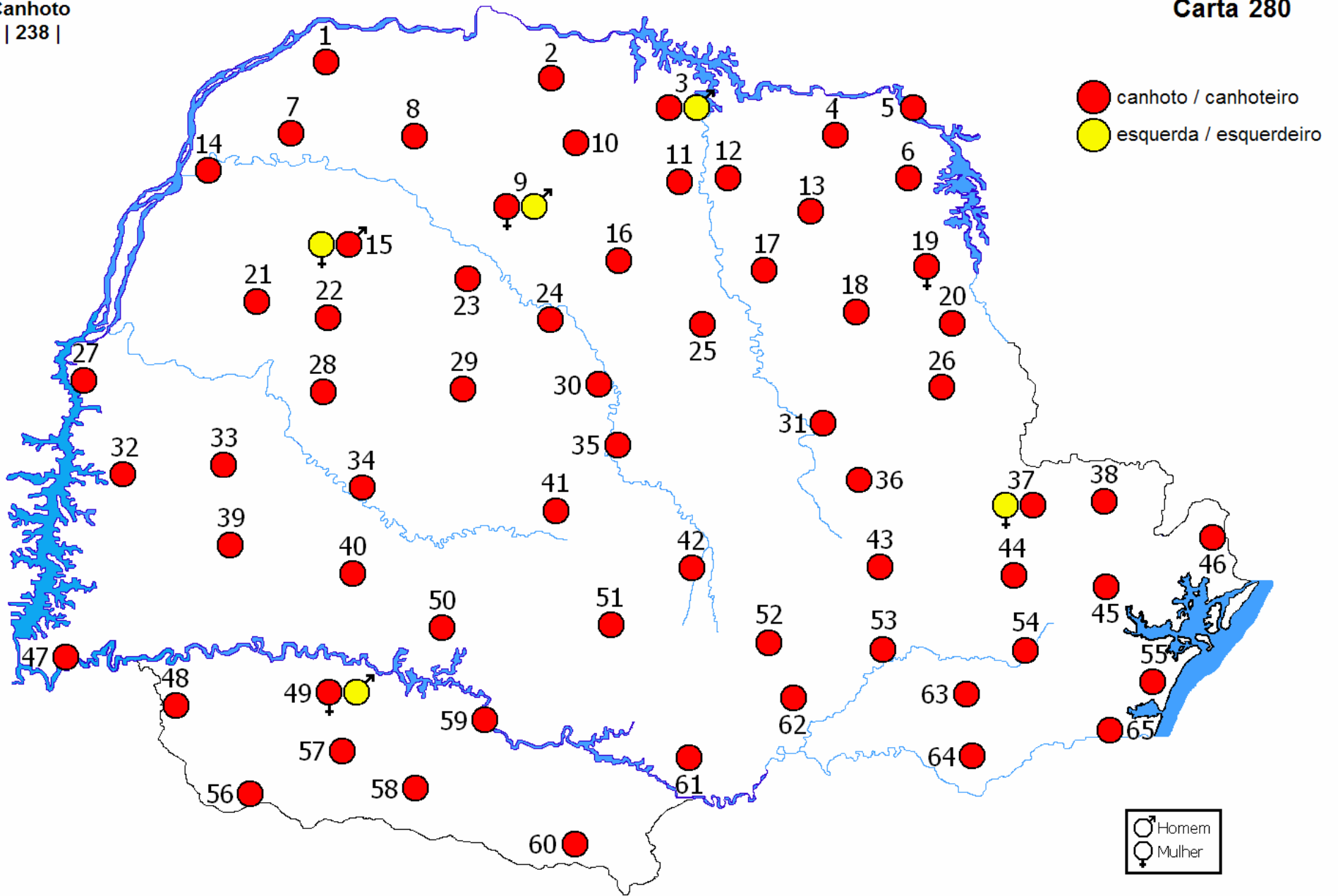
Ponto 34 – Inf. B: nascida

Ponto 40 – Inf. B: Machucado

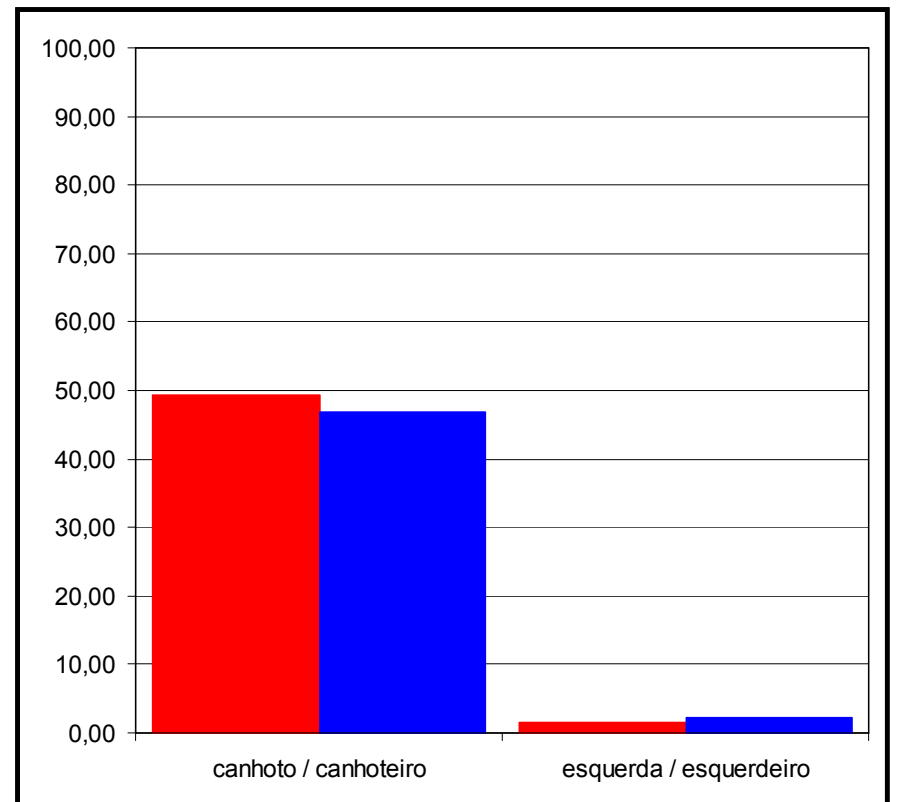
Ponto 52 – Inf. A: Mijação

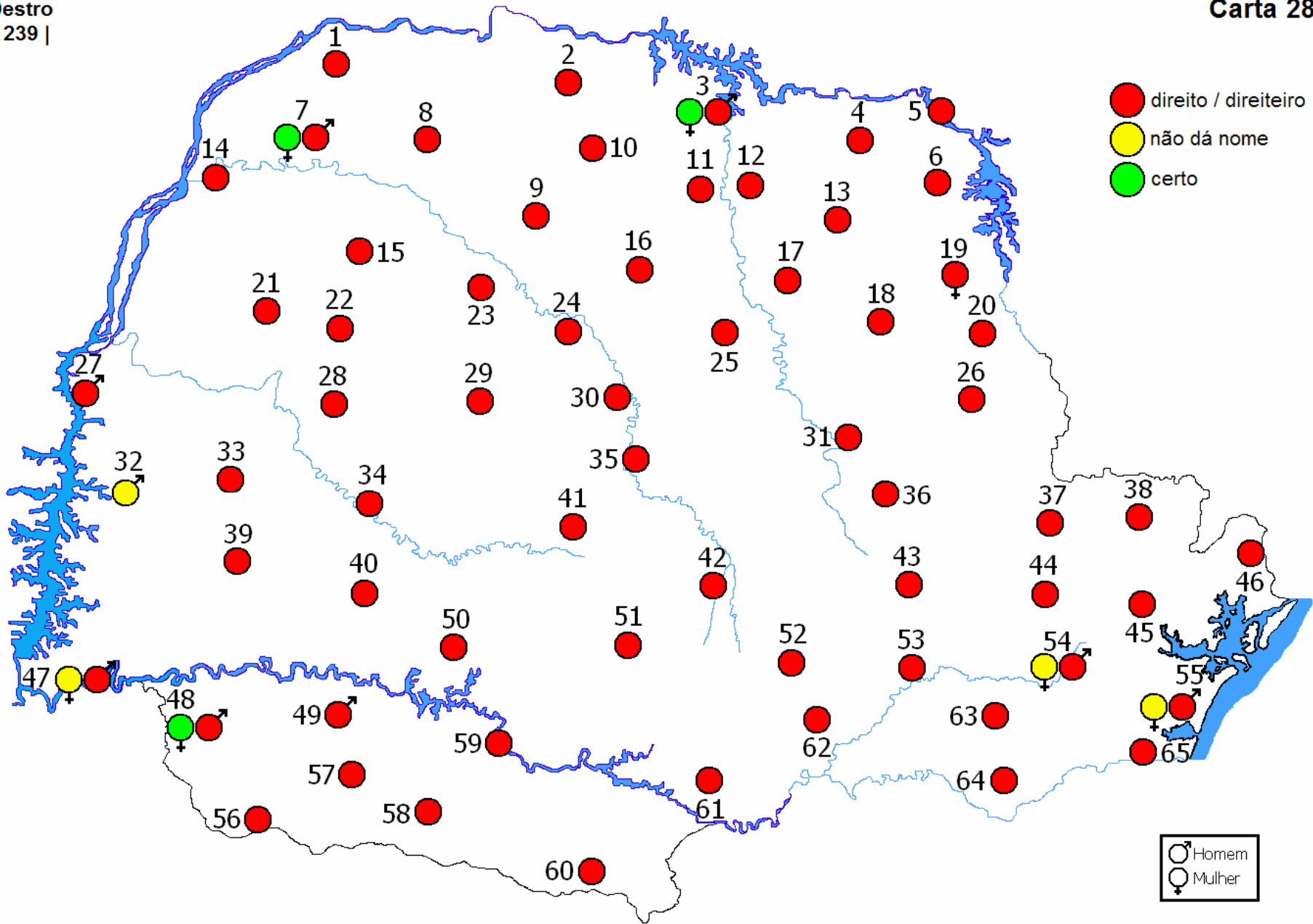
Carta 279 (139 ocorrências)	Mulher	Homem
unheiro	56 (40,29%)	54 (38,85%)
panariz	15 (10,79%)	14 (10,07%)



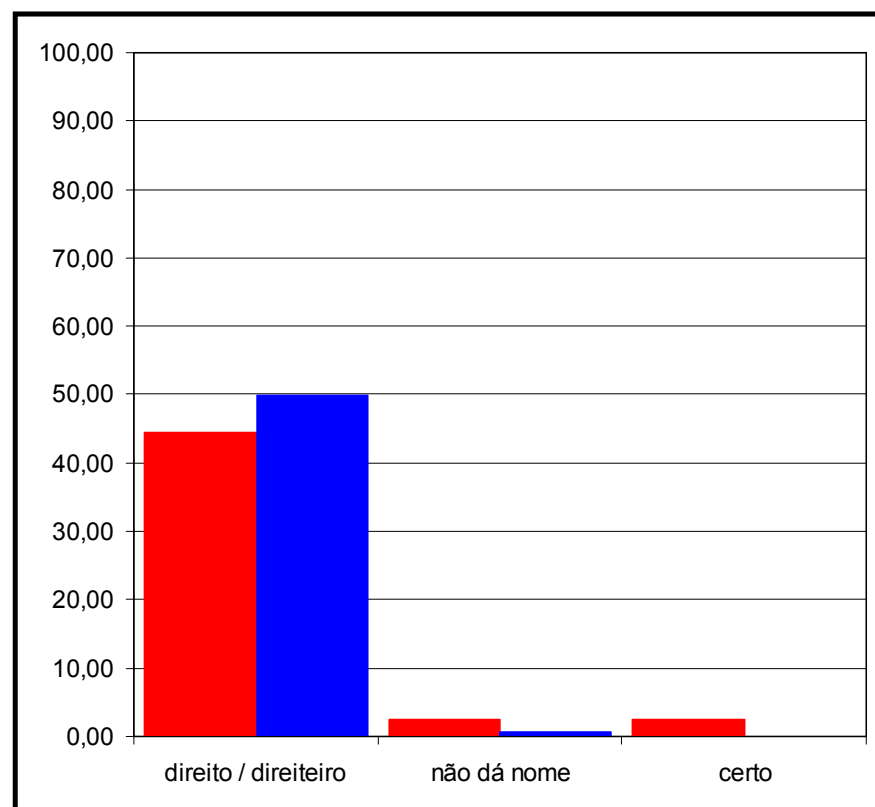


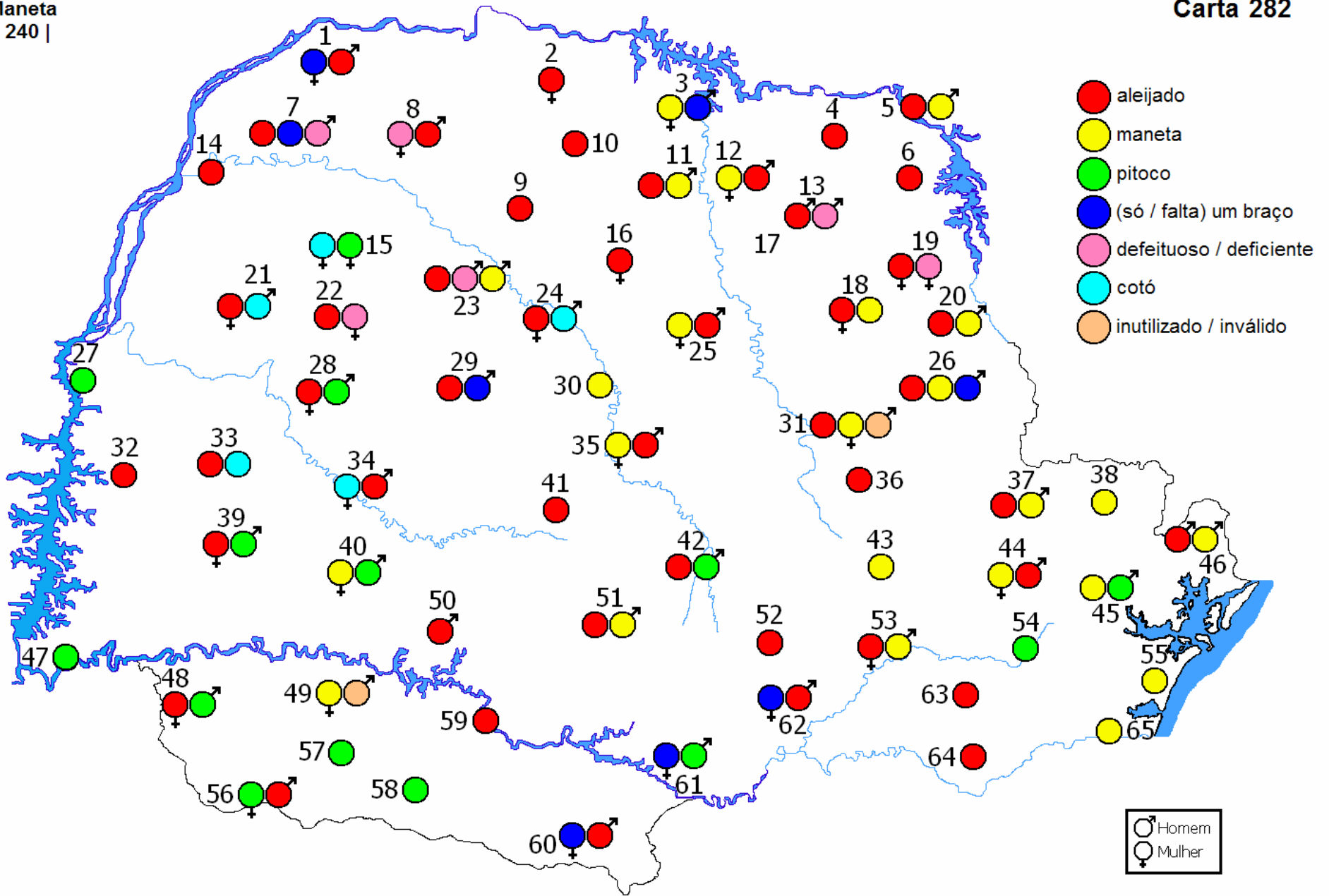
Carta 280 (132 ocorrências)	Mulher	Homem
canhoto / canhoto	65 (49,24%)	62 (46,97%)
esquerda / esquerdo	2 (1,52%)	3 (2,27%)





Carta 281 (126 ocorrências)	Mulher	Homem
direito / direito	56 (44,45%)	63 (50,00%)
não dá nome	3 (2,38%)	1 (0,79%)
certo	3 (2,38%)	0



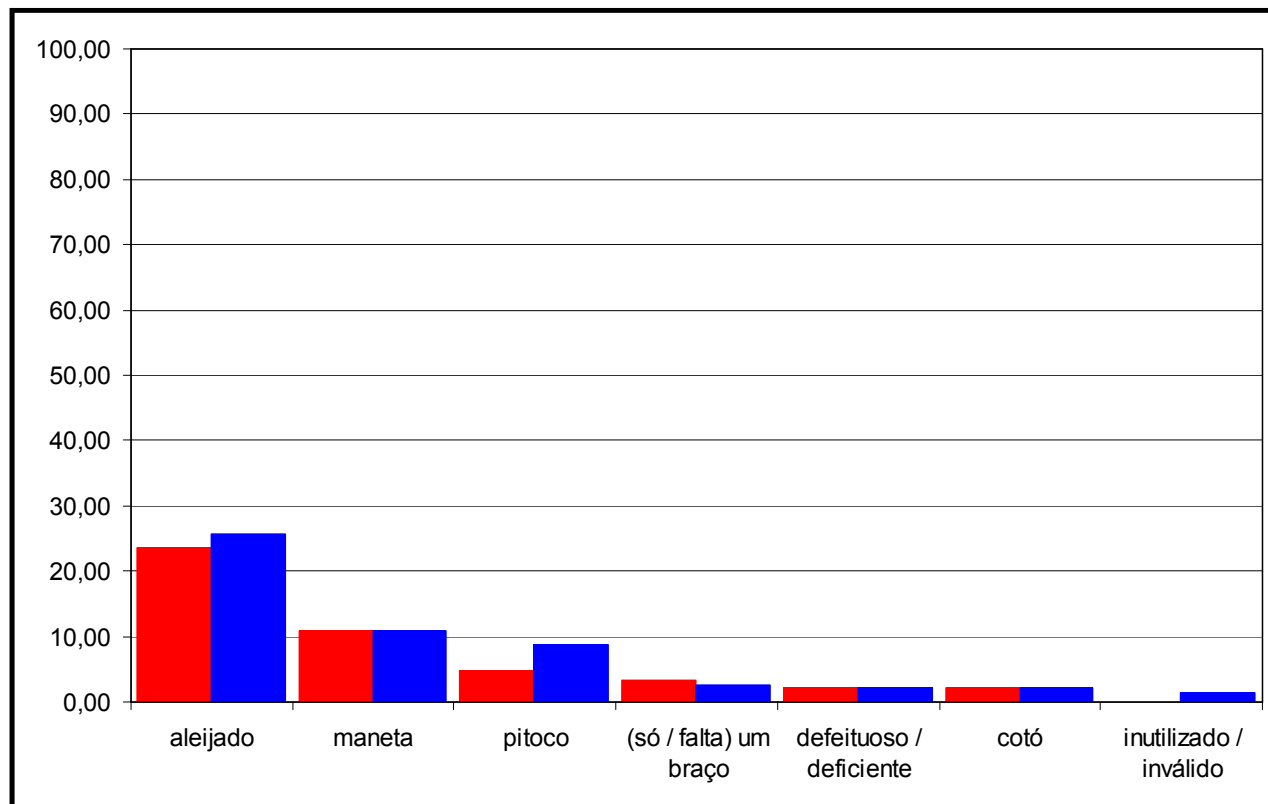


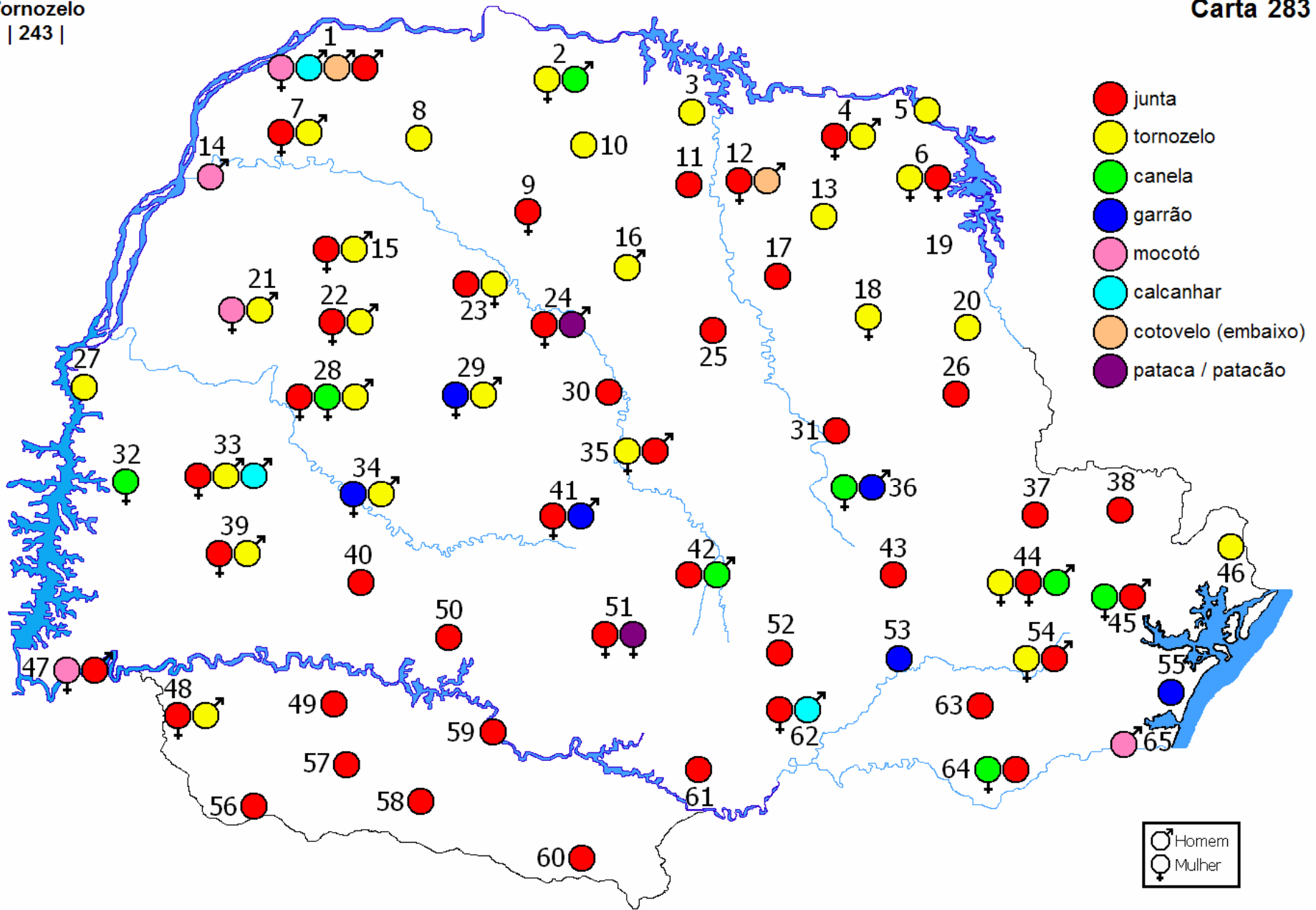
Ocorrências Únicas – Carta 282

Ponto 46 – Inf. A: Falanciosa

Ponto 50 – Inf. A: Náfego

Carta 282 (148 ocorrências)	Mulher	Homem
aleijado	35 (23,65%)	38 (25,68%)
maneta	16 (10,81%)	16 (10,81%)
pitoco	7 (4,72%)	13 (8,78%)
(só / falta) um braço	5 (3,38%)	4 (2,70%)
defeituoso / deficiente	3 (2,03%)	3 (2,03%)
cotó	3 (2,03%)	3 (2,03%)
inutilizado / inválido	0	2 (1,35%)



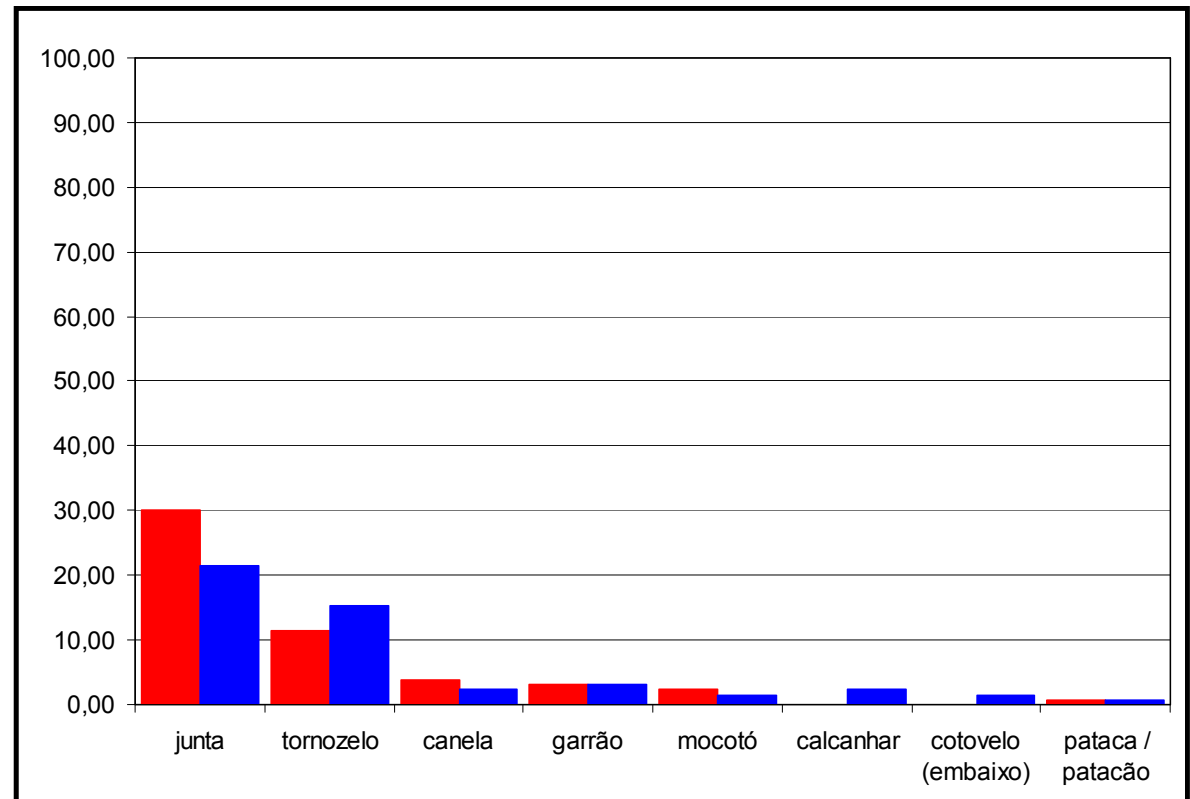


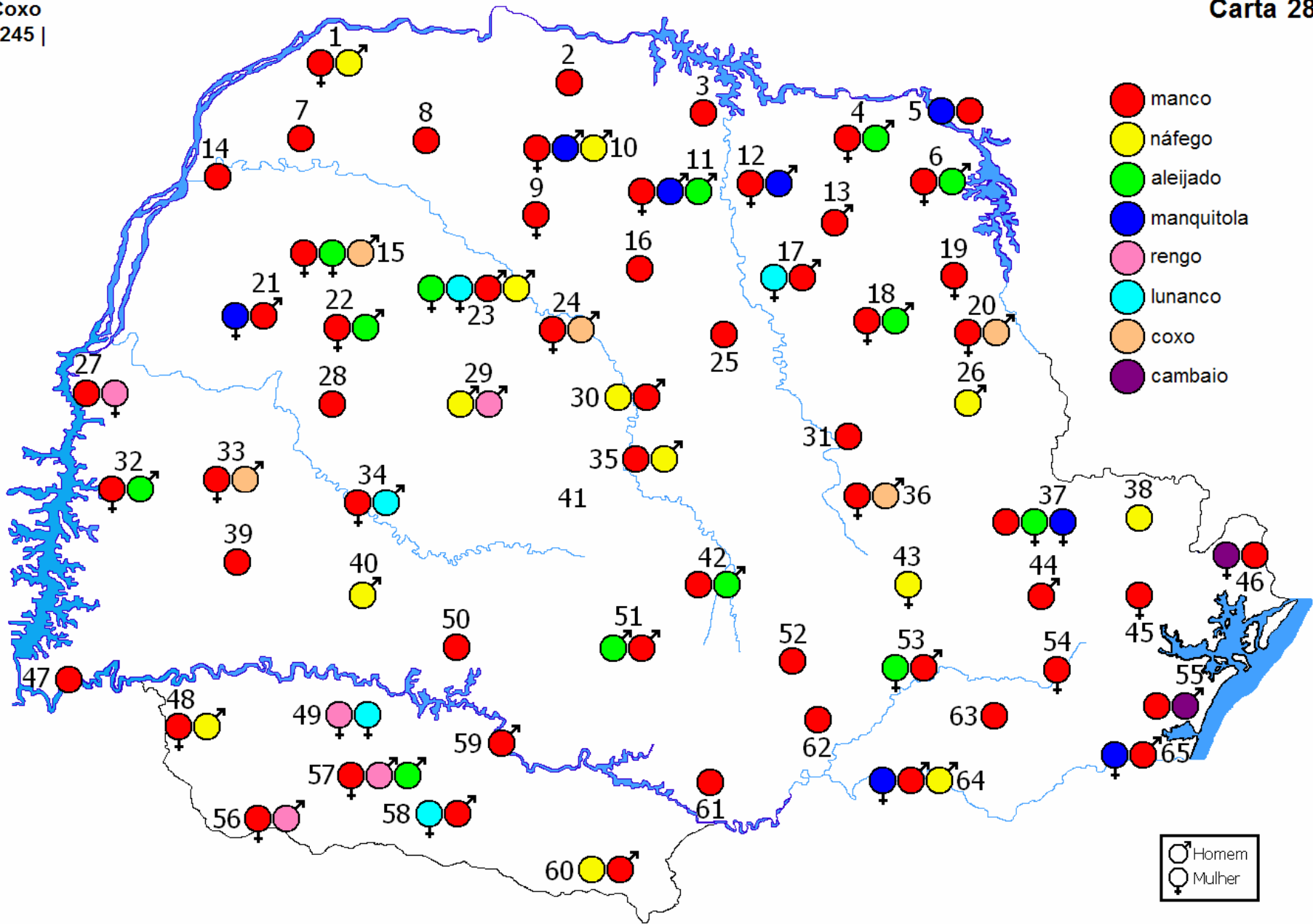
Ocorrências Únicas – Carta 283

Ponto 45 – Inf. A: Jarrete

Ponto 45 – Inf. B: Tronco do pé

Carta 283 (130 ocorrências)	Mulher	Homem
junta	39 (30,00%)	28 (21,54%)
tornozelo	15 (11,54%)	20 (15,38%)
canela	5 (3,85%)	3 (2,31%)
garrão	4 (3,08%)	4 (3,08%)
mocotó	3 (2,31%)	2 (1,53%)
calcanhar	0	3 (2,31%)
cotovelo (embaixo)	0	2 (1,53%)
pataca / patacão	1 (0,77%)	1 (0,77%)





Ocorrências Únicas – Carta 284

Ponto 07 – Inf. A: Anda torto

Ponto 39 – Inf. B: Capengo

Ponto 40 – Inf. B: Falso de uma perna

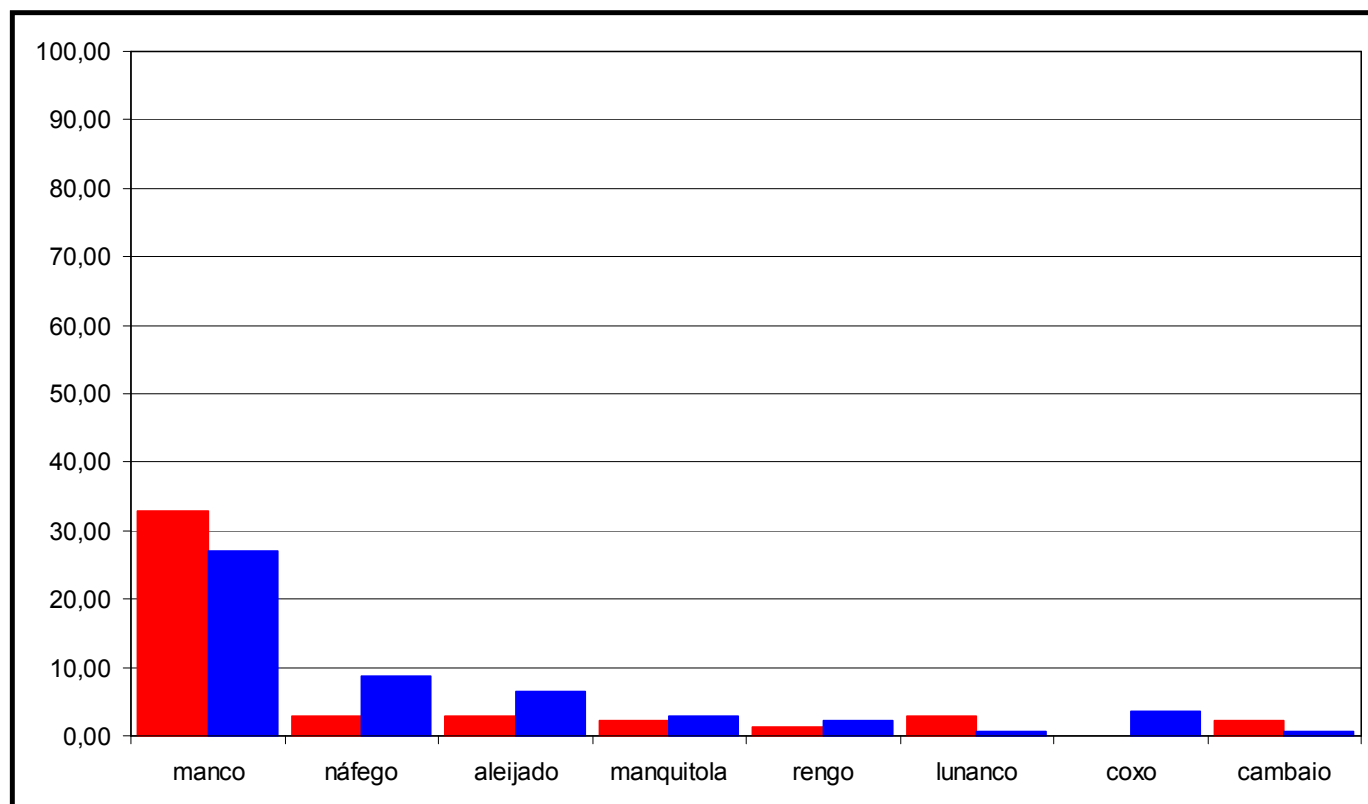
Ponto 47 – Inf. B: Perna bamba

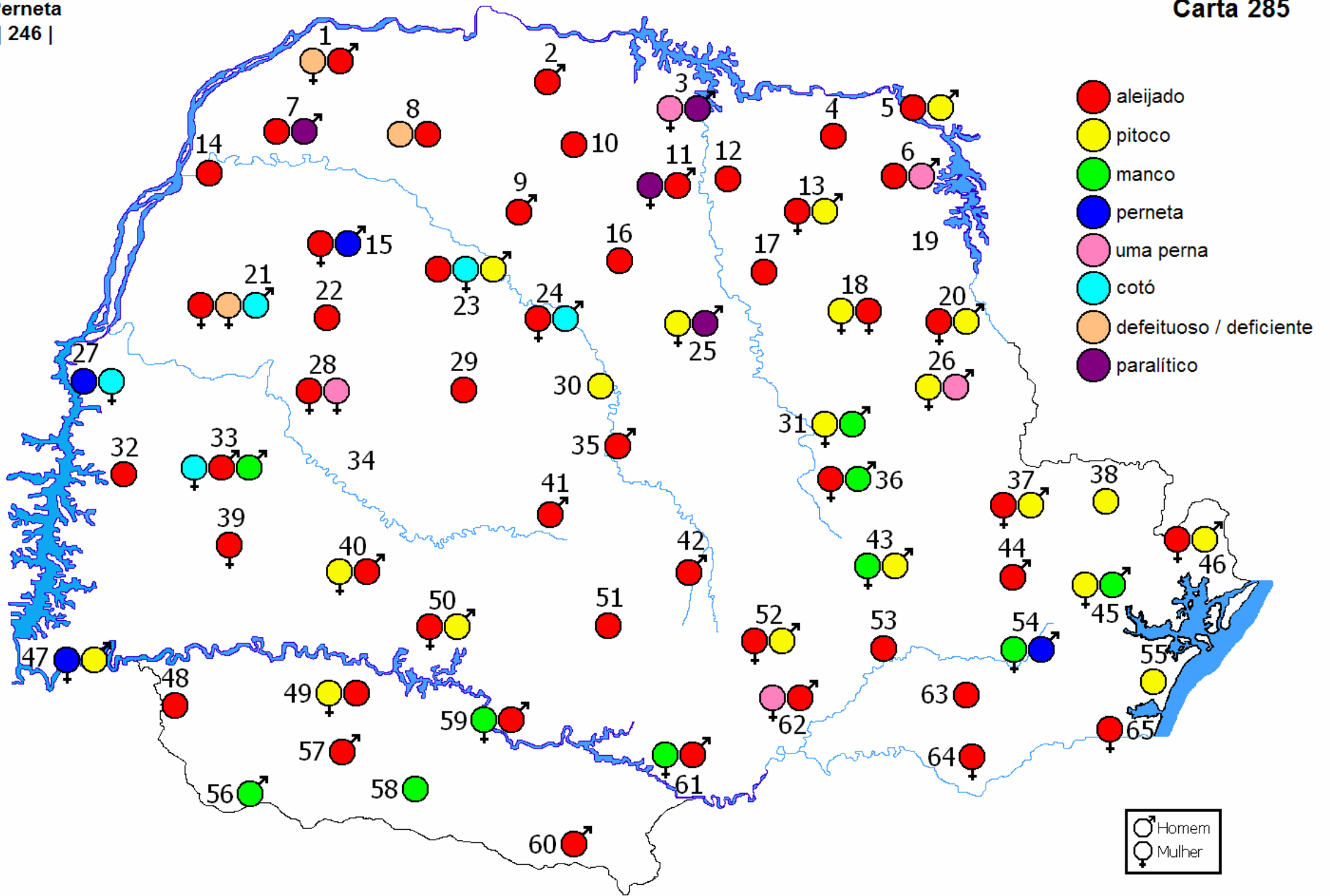
Ponto 49 – Inf. B: Inutilizado / Nervo encolhido

Ponto 54 – Inf. B: Perneta

Ponto 56 – Inf. B: Perna mais curta

Carta 284 (137 ocorrências)	Mulher	Homem
manco	45 (32,85%)	37 (27,00%)
náfego	4 (2,92%)	12 (8,76%)
aleijado	4 (2,92%)	9 (6,57%)
manquitola	3 (2,19%)	4 (2,92%)
rengo	2 (1,46%)	3 (2,19%)
lunanco	4 (2,92%)	1 (0,73%)
coxo	0	5 (3,65%)
cambaio	3 (2,19%)	1 (0,73%)





Ocorrências Únicas – Carta 285

Ponto 08 – Inf. A: Cambota

Ponto 11 – Inf. B: Perna torta

Ponto 14 – Inf. B: Manquitola

Ponto 34 – Inf. B: Peté de uma perna

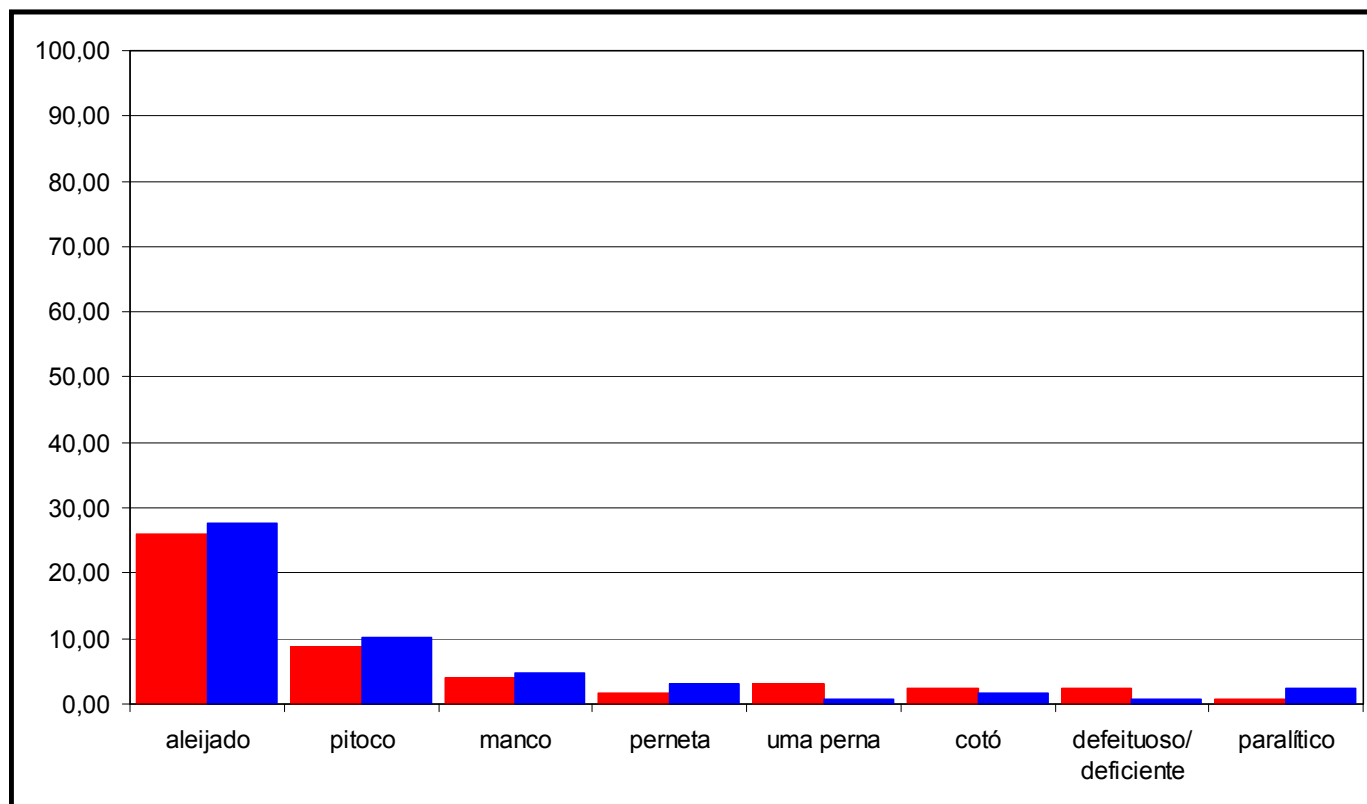
Ponto 43 – Inf. B: Perna de pau

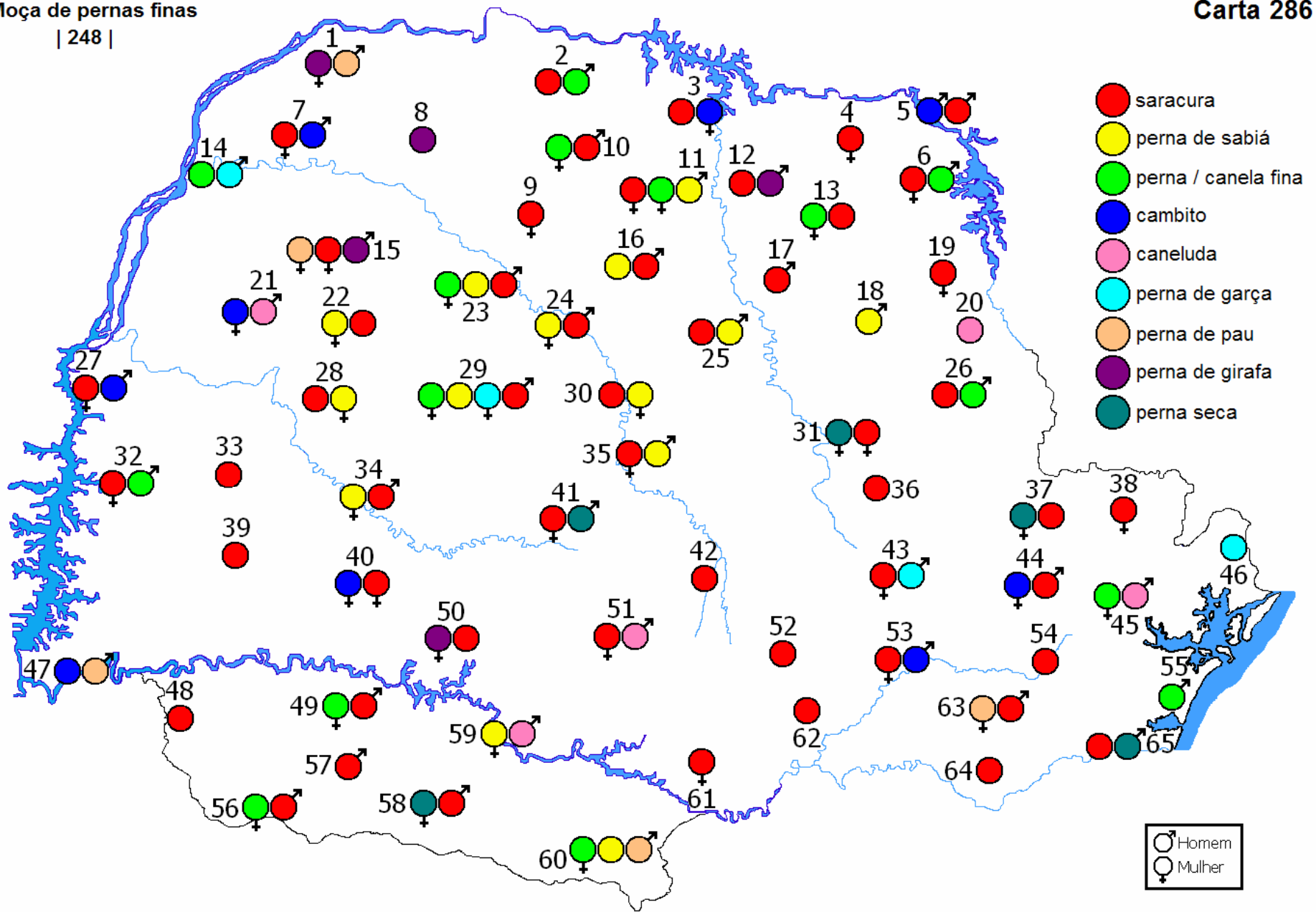
Ponto 57 – Inf. A: Banguela da perna

Ponto 59 – Inf. A: Lunanco

Ponto 61 – Inf. A: Sem um pé

Carta 285 (127 ocorrências)	Mulher	Homem
aleijado	33 (25,98%)	35 (27,56%)
pitoco	11 (8,66%)	13 (10,24%)
manco	5 (3,94%)	6 (4,73%)
perneta	2 (1,57%)	4 (3,15%)
uma perna	4 (3,15%)	1 (0,79%)
cotó	3 (2,36%)	2 (1,57%)
defeituoso/ deficiente	3 (2,36%)	1 (0,79%)
paralítico	1 (0,79%)	3 (2,36%)

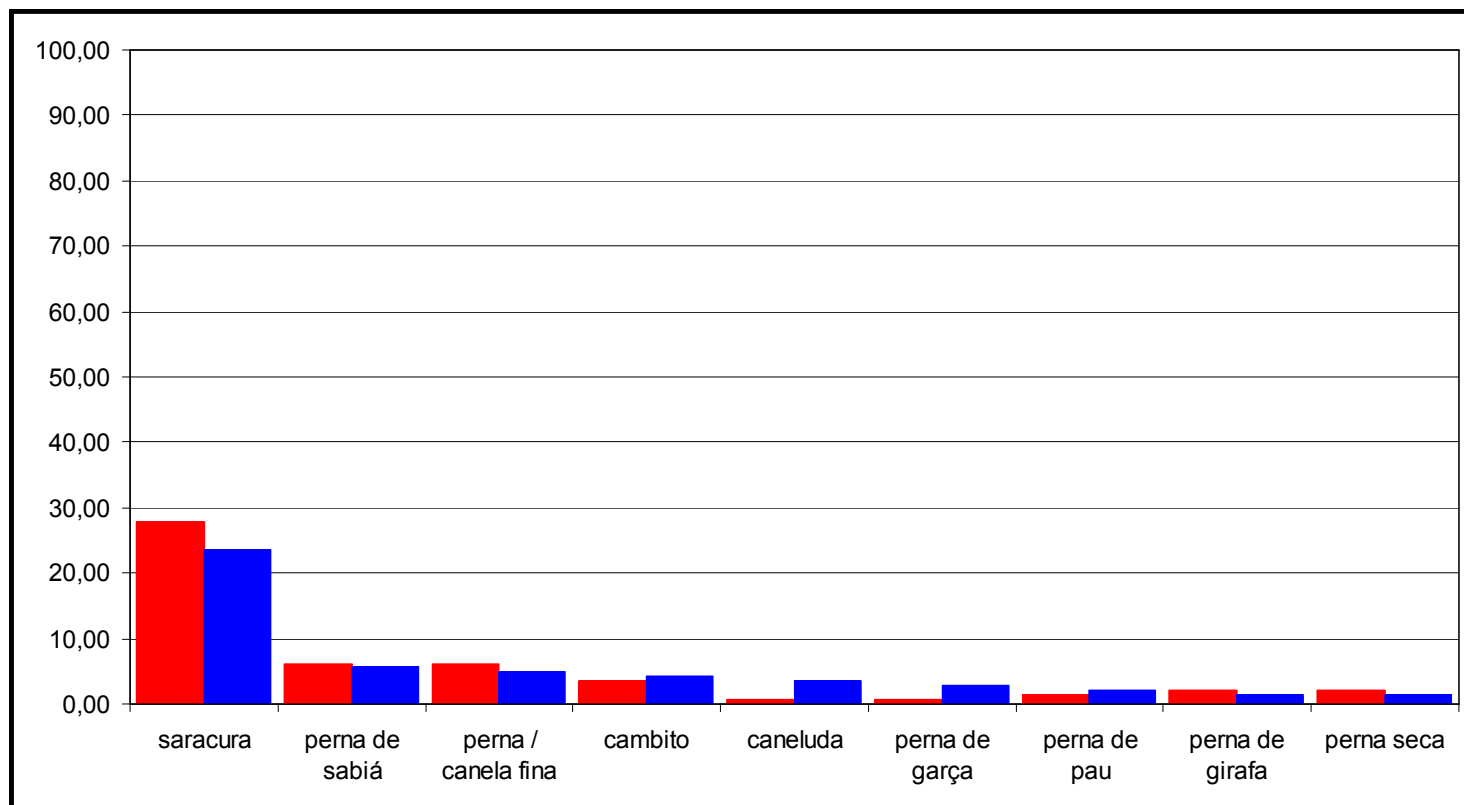


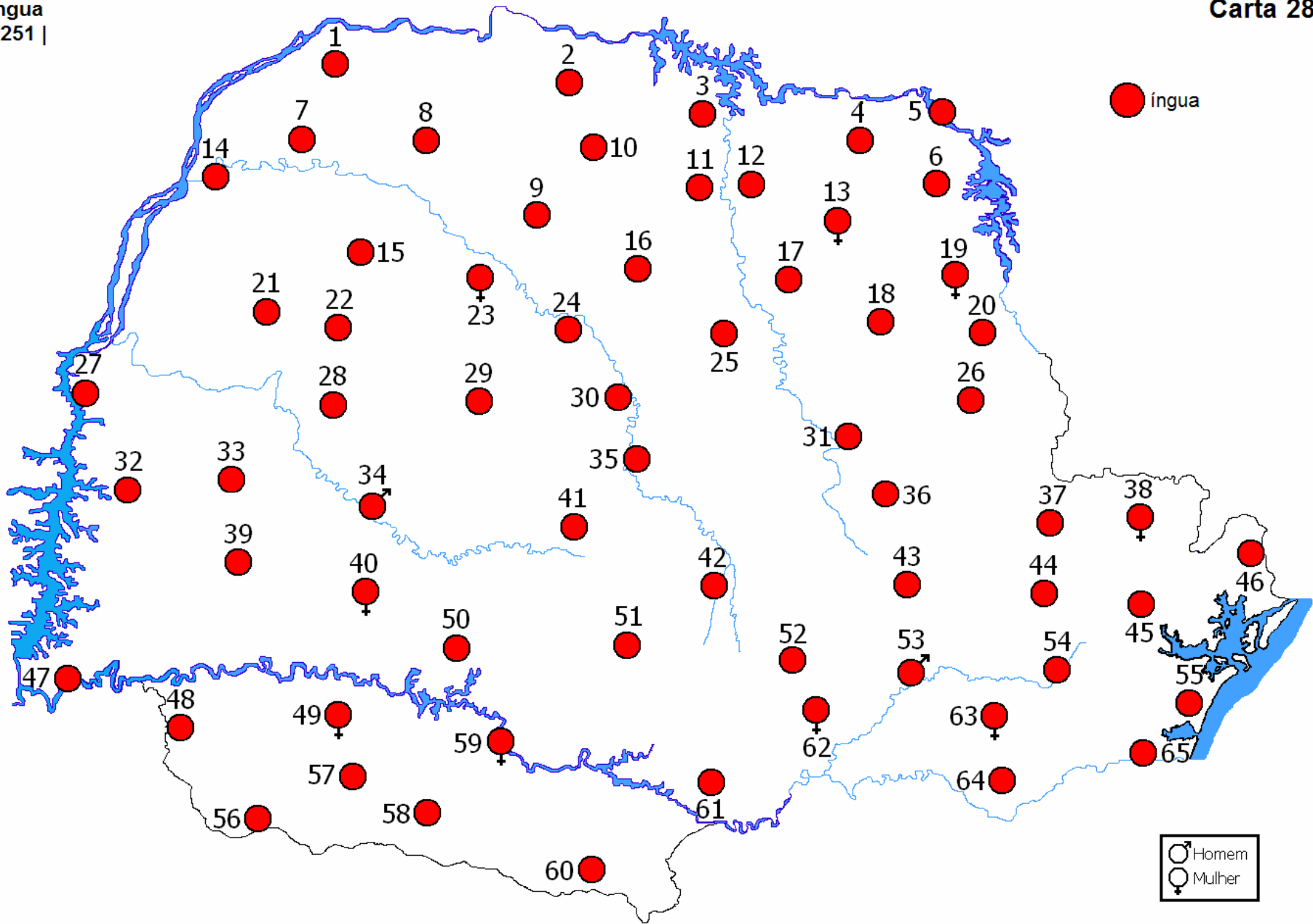


Ocorrências Únicas – Carta 286

Ponto 02 – Inf. A: Perna de Mesa
 Ponto 09 – Inf. B: Perna de Pernilongo
 Ponto 13 – Inf. A: Taquara
 Ponto 14 – Inf. B: Jaburu
 Ponto 15 – Inf. B: Taco de sinuca
 Ponto 20 – Inf. A: Canela de veado
 Ponto 23 – Inf. B: Dois canudos enfiados no sabugo
 Ponto 23 – Inf. B: Vara de bater pecado
 Ponto 27 – Inf. B: Quero-quero
 Ponto 31 – Inf. A: Patriarco
 Ponto 43 – Inf. B: Perna de socó
 Ponto 46 – Inf. B: Rabisseco
 Ponto 55 – Inf. B: Menina espigada
 Ponto 58 – Inf. B: Pernuda

Carta 286 (144 ocorrências)	Mulher	Homem
saracura	40 (27,78%)	34 (23,62%)
perna de sabiá	9 (6,25%)	8 (5,56%)
perna / canela fina	9 (6,25%)	7 (4,86%)
cambito	5 (3,47%)	6 (4,17%)
caneluda	1 (0,69%)	5 (3,47%)
perna de garça	1 (0,69%)	4 (2,78%)
perna de pau	2 (1,39%)	3 (2,08%)
perna de girafa	3 (2,08%)	2 (1,39%)
perna seca	3 (2,08%)	2 (1,39%)





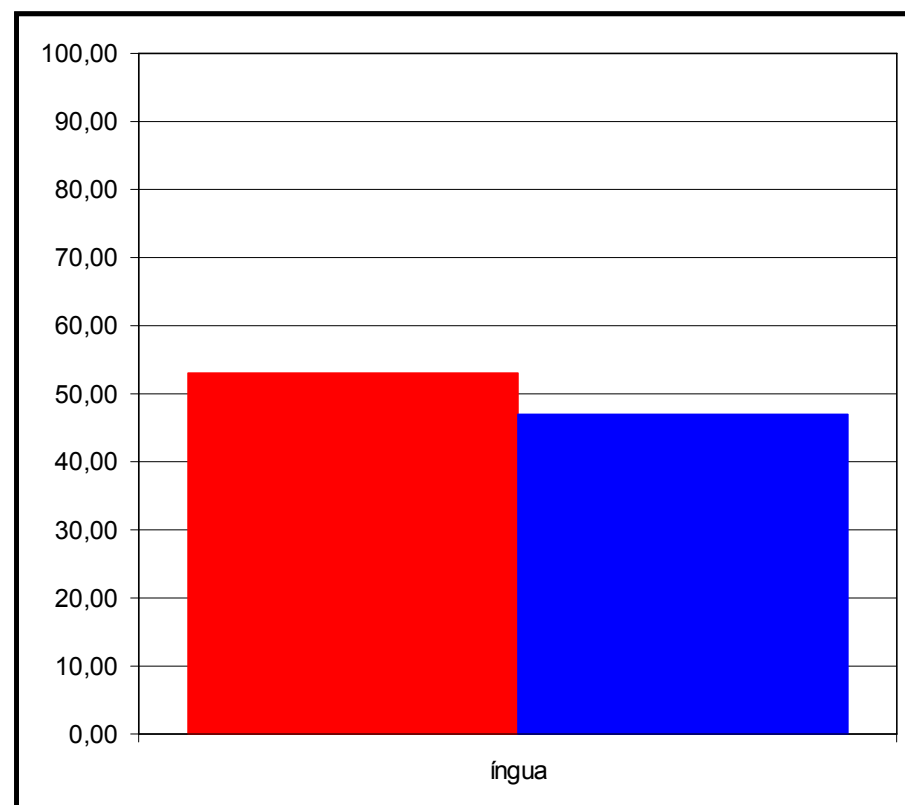
Ocorrências Únicas – Carta 287

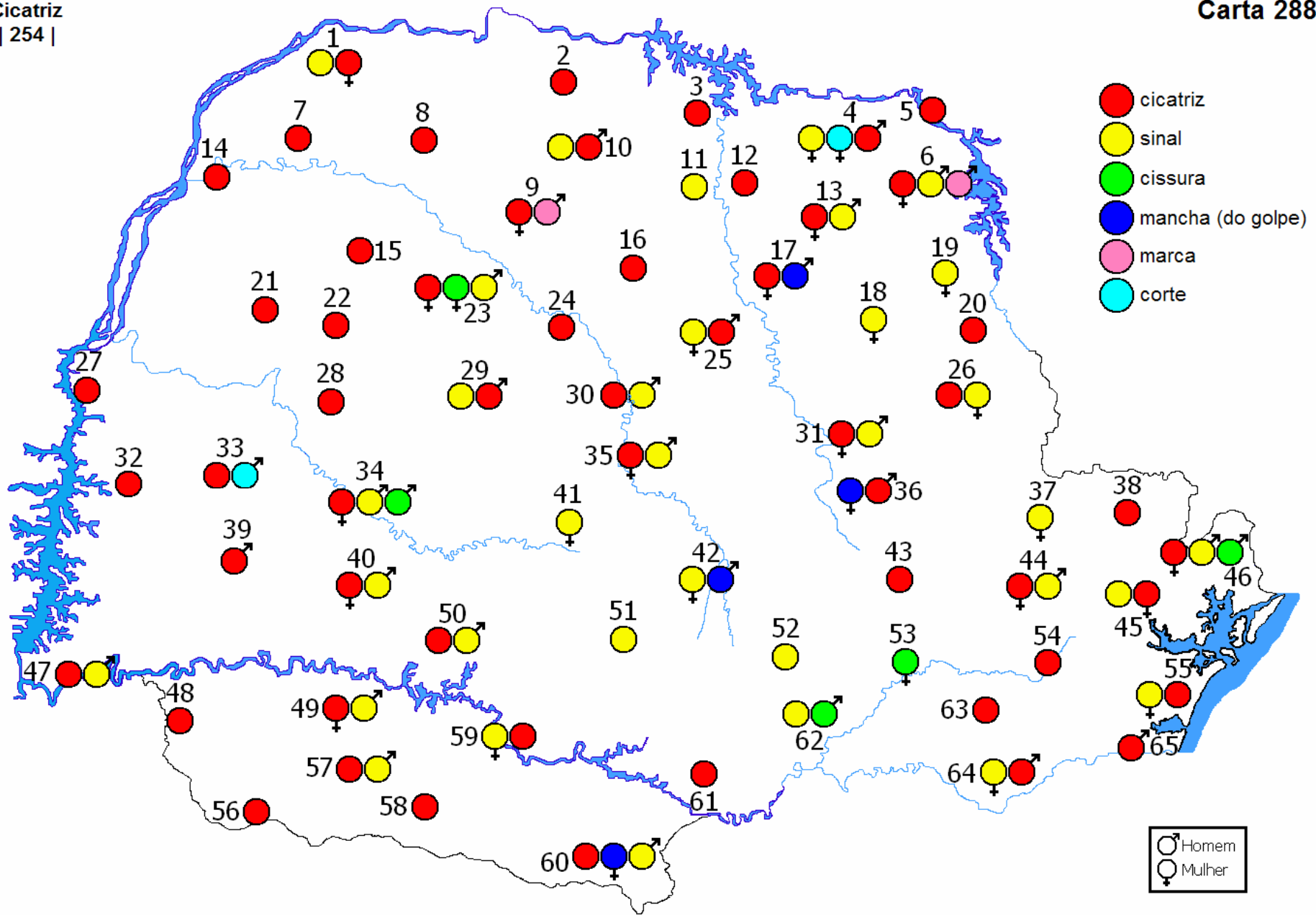
Ponto 13 – Inf. A: Cabeça de prego

Ponto 45 – Inf. B: Inchaço

Ponto 49 – Inf. B: Inflamação

Carta 287 (119 ocorrências)	Mulher	Homem
íngua	63 (52,94%)	56 (47,06%)

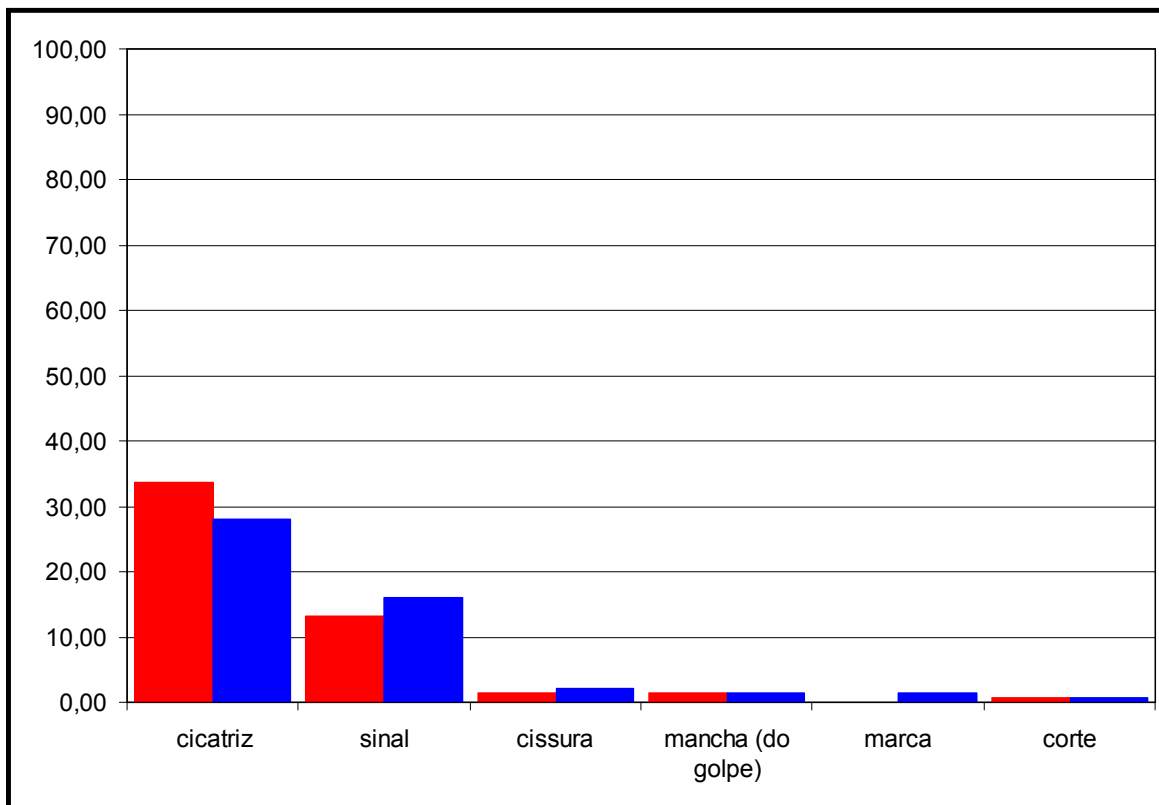


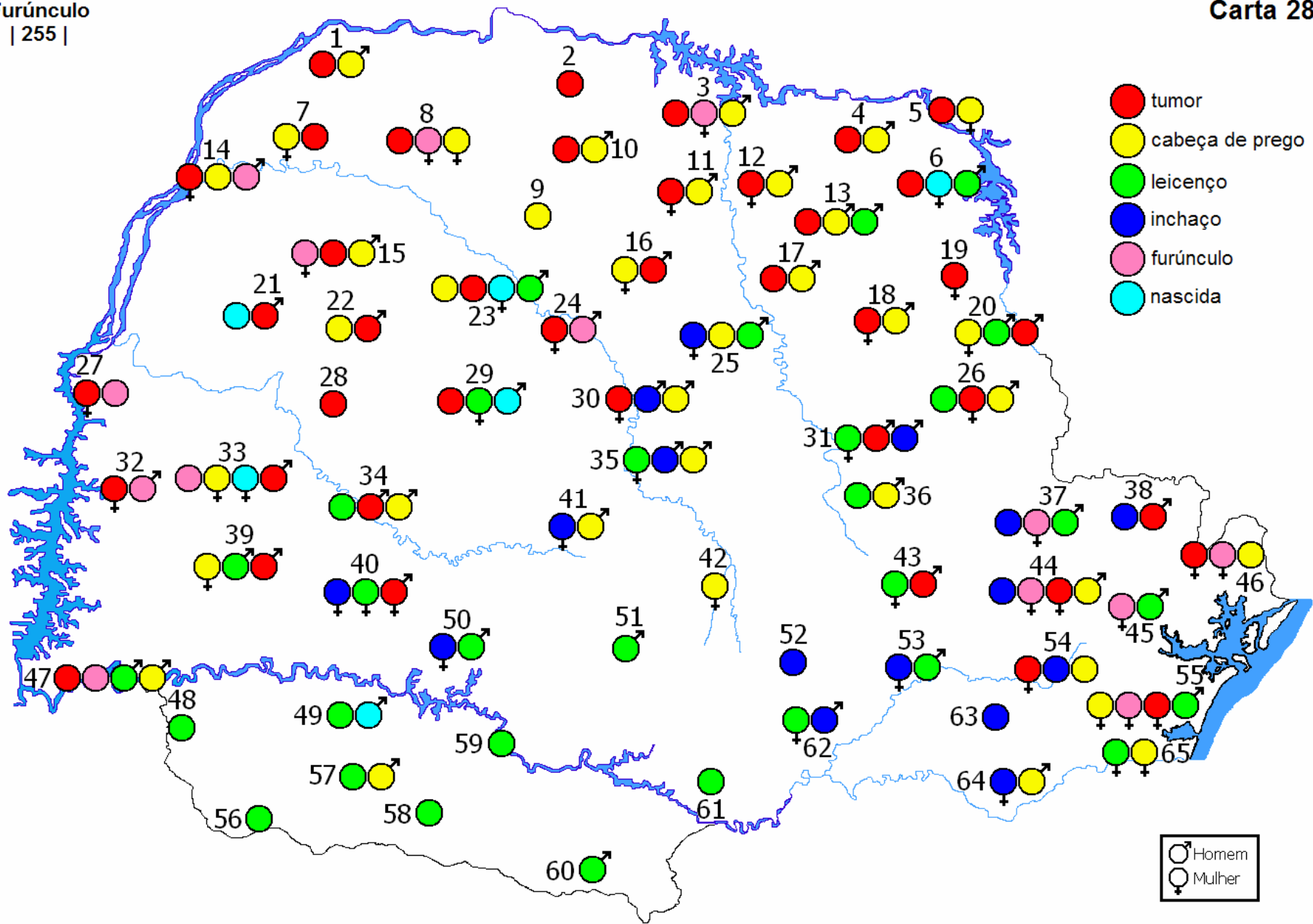


Ocorrências Únicas – Carta 288

Ponto 18 – Inf. A: Vergão
Ponto 18 – Inf. B: Coro Alto
Ponto 27 – Inf. A: Casca final
Ponto 41 – Inf. B: Risco
Ponto 42 – Inf. B: Larado
Ponto 44 – Inf. B: Ferida
Ponto 53 – Inf. B: Friso

Carta 288 (143 ocorrências)	Mulher	Homem
cicatriz	48 (33,56%)	40 (27,97%)
sinal	19 (13,29%)	23 (16,08%)
cissura	2 (1,40%)	3 (2,10%)
mancha (do golpe)	2 (1,40%)	2 (1,40%)
marca	0	2 (1,40%)
corte	1 (0,70%)	1 (0,70%)





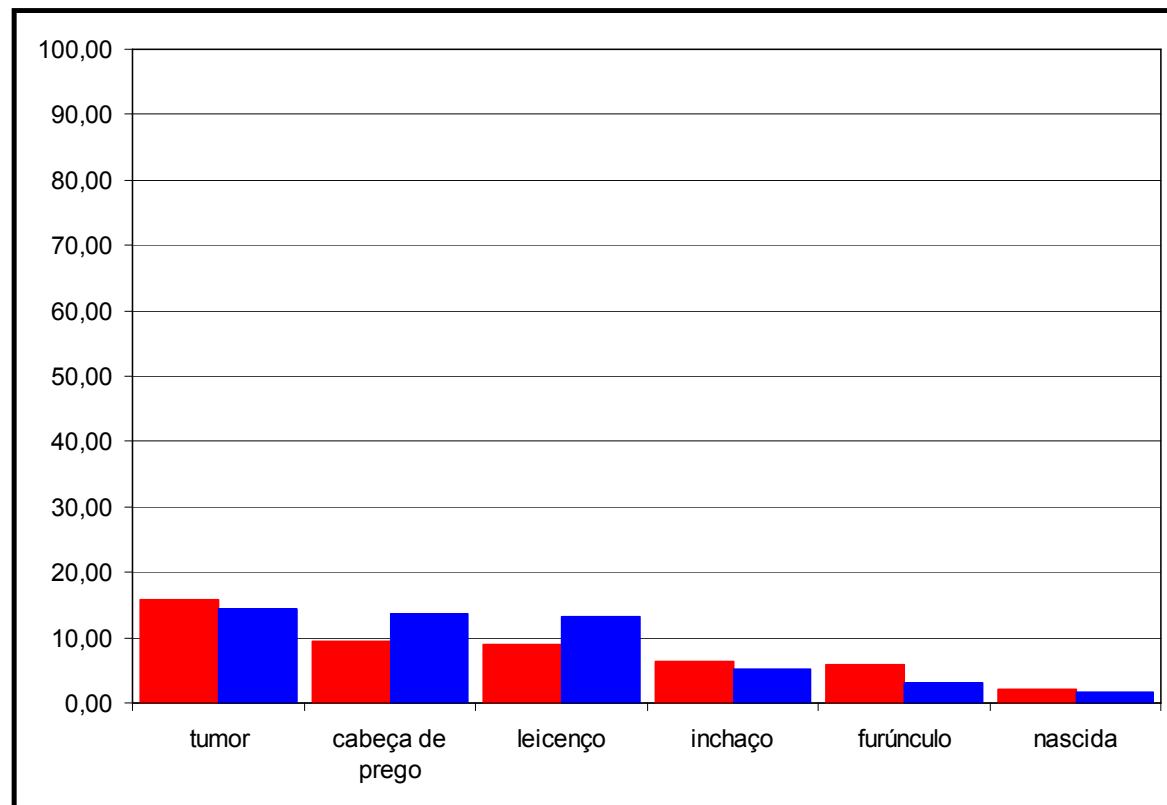
Ocorrências Únicas – Carta 289

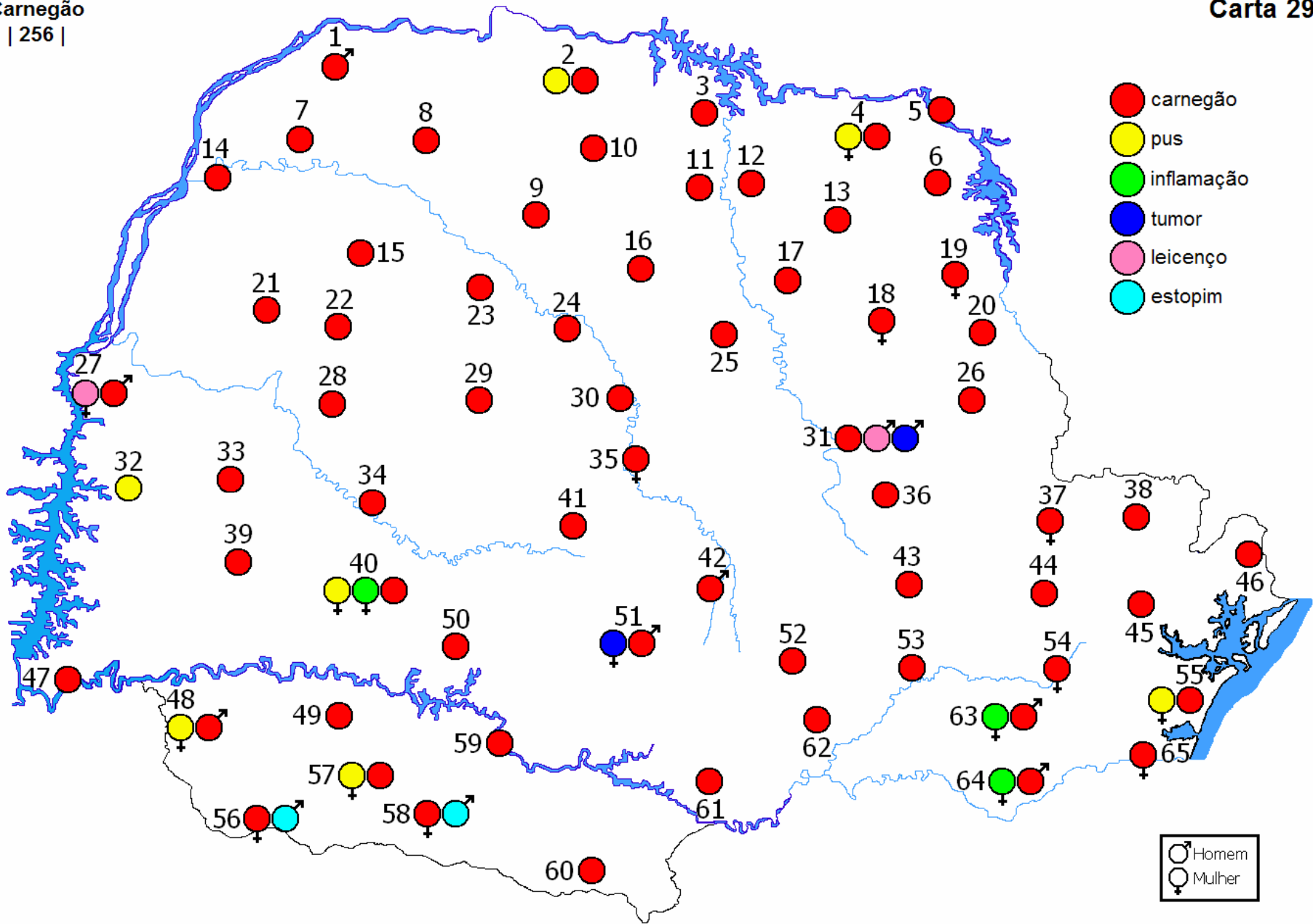
Ponto 03 – Inf. B: Juá

Ponto 21 – Inf. A: Panariz

Ponto 51 – Inf. B: Podridão

Carta 289 (189 ocorrências)	Mulher	Homem
tumor	30 (15,87%)	27 (14,29%)
cabeça de prego	18 (9,52%)	26 (13,76%)
leicença	17 (8,99%)	25 (13,23%)
inchaço	12 (6,35%)	10 (5,29%)
furúnculo	11 (5,82%)	6 (3,17%)
nascida	4 (2,12%)	3 (1,59%)





Ocorrências Únicas – Carta 290

Ponto 18 – Inf. B: Purgão

Ponto 35 – Inf. B: Maldade

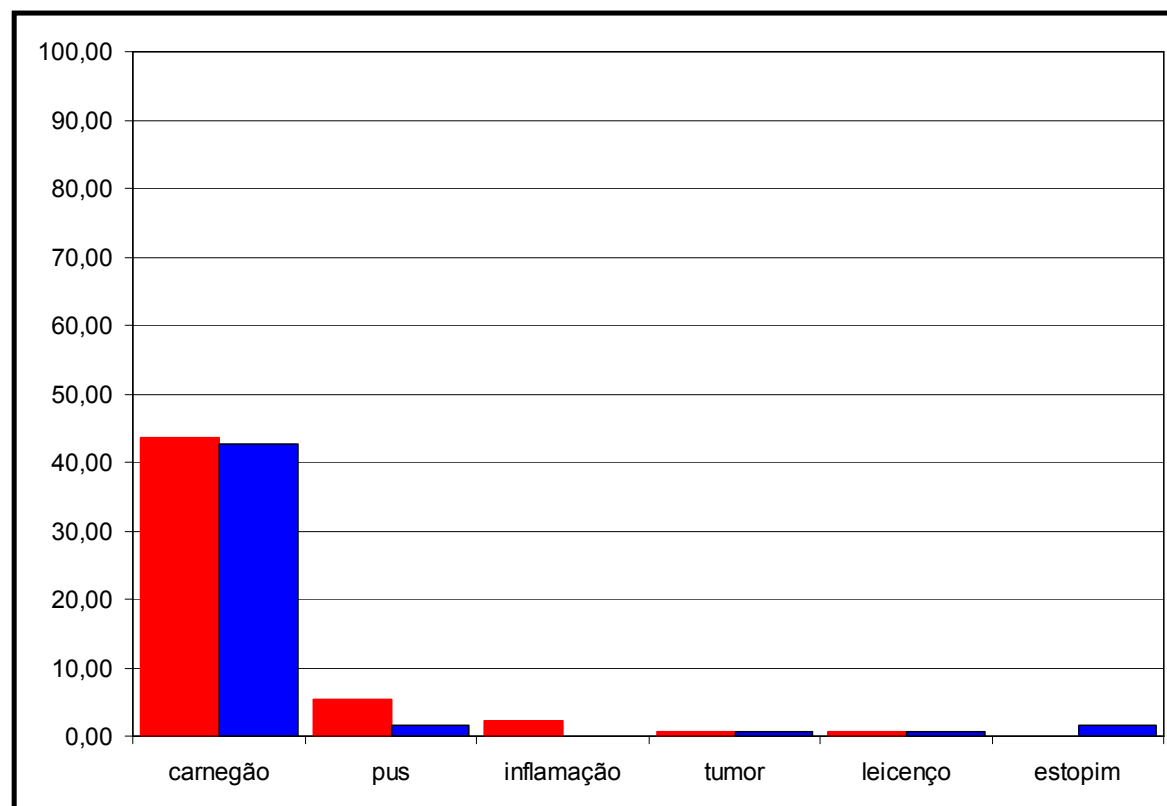
Ponto 37 – Inf. B: Matéria

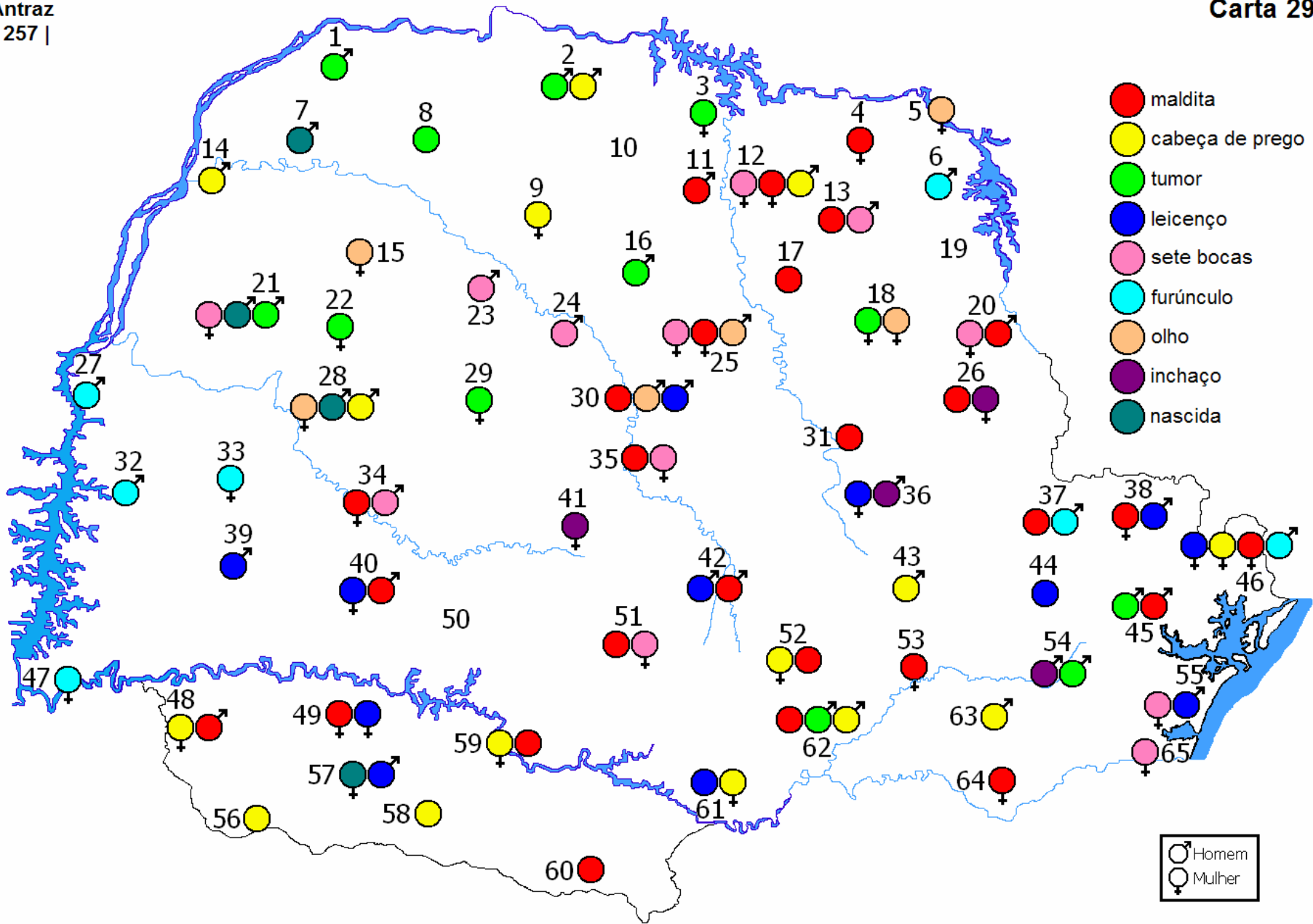
Ponto 48 – Inf. A: Panariz

Ponto 54 – Inf. B: Pião / Furúnculo / Inchaço

Ponto 65 – Inf. B: Massa

Carta 290 (131 ocorrências)	Mulher	Homem
carneção	57 (43,51%)	56 (42,75%)
pus	7 (5,34%)	2 (1,54%)
inflamação	3 (2,28%)	0
tumor	1 (0,76%)	1 (0,76%)
leicção	1 (0,76%)	1 (0,76%)
estopim	0	2 (1,54%)

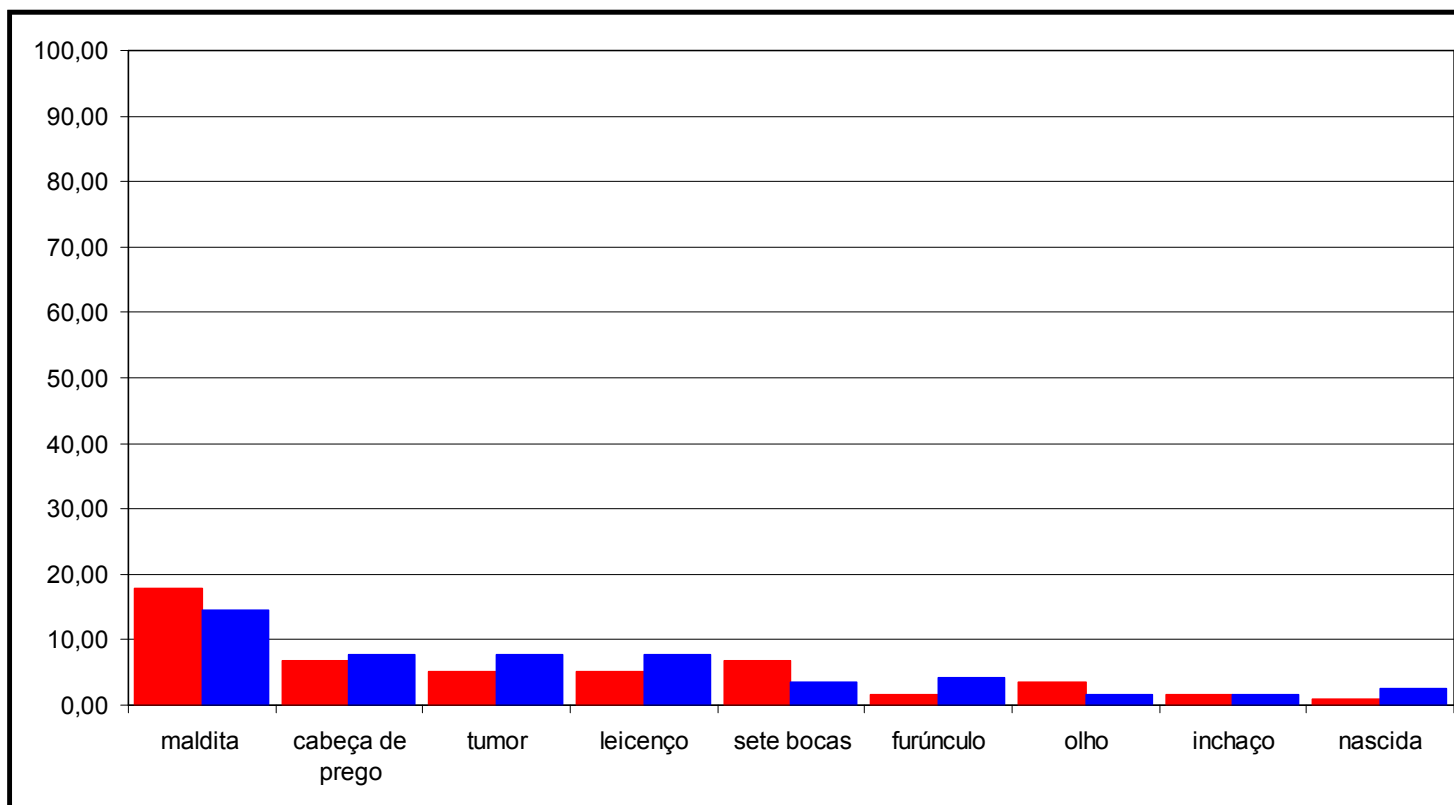


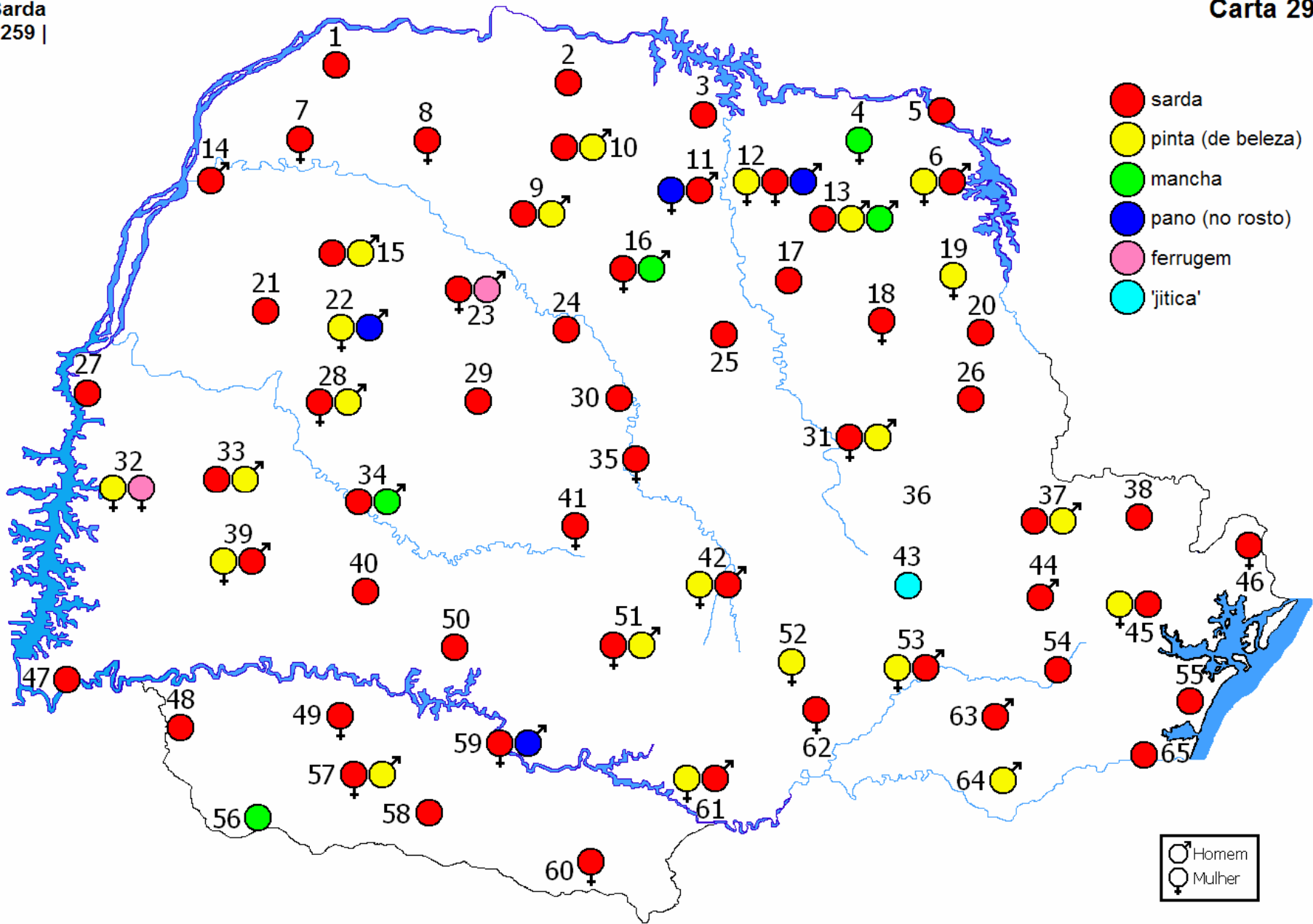


Ocorrências Únicas - Carta 291

Ponto 02 – Inf. A: Formigueiro
Ponto 12 – Inf. A: Praga
Ponto 14 – Inf. B: Sete buracos
Ponto 17 – Inf. B: Figueira
Ponto 22 – Inf. B: Sete olhos
Ponto 23 – Inf. A: Mijação
Ponto 23 – Inf. B: Maligno
Ponto 33 – Inf. B: Sete camaçadas
Ponto 50 – Inf. B: Filipe
Ponto 65 – Inf. B: Antraz

Carta 291 (117 ocorrências)	Mulher	Homem
maldita	21 (17,95%)	17 (14,53%)
cabeça de prego	8 (6,84%)	9 (7,69%)
tumor	6 (5,13%)	9 (7,69%)
leicenço	6 (5,13%)	8 (6,84%)
sete bocas	8 (6,84%)	4 (3,42%)
furúnculo	2 (1,71%)	5 (4,27%)
olho	4 (3,42%)	2 (1,71%)
inchaço	2 (1,71%)	2 (1,71%)
nascida	1 (0,85%)	3 (2,56%)





Ocorrências Únicas – Carta 292

Ponto 04 – Inf. B: Pinta de caboclo

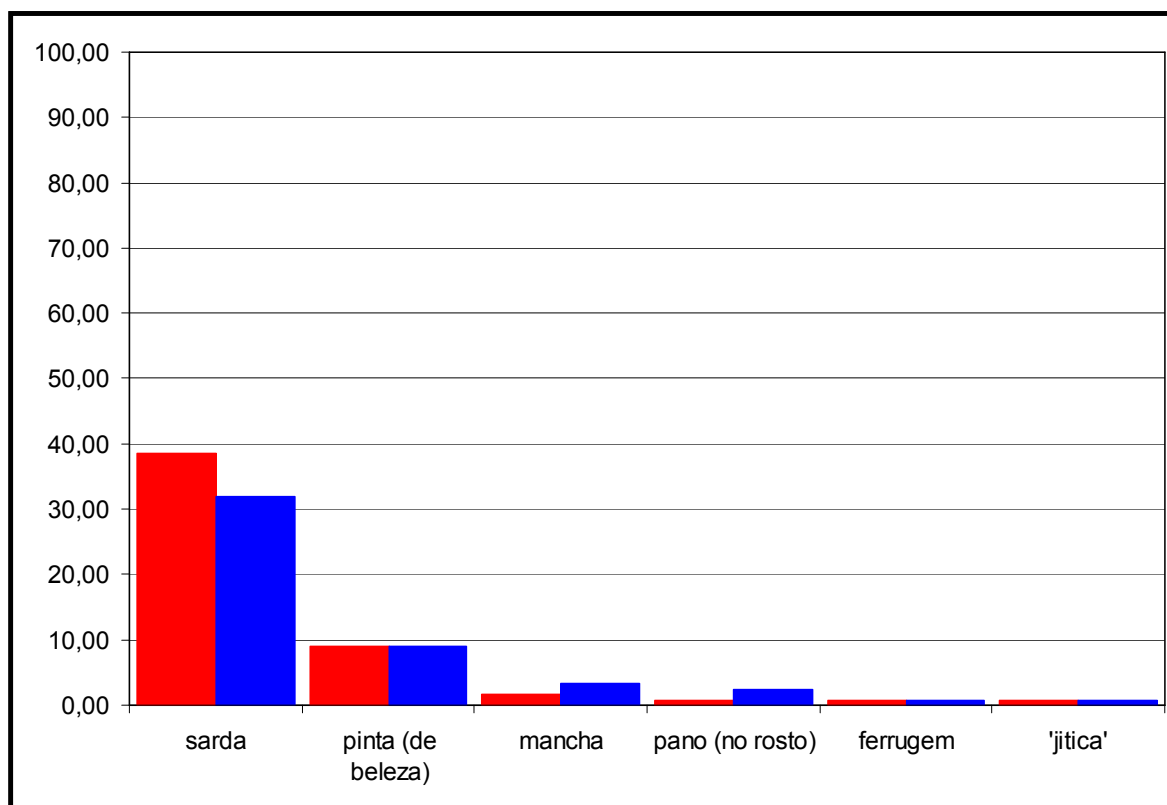
Ponto 13 – Inf. B: Tico-tico

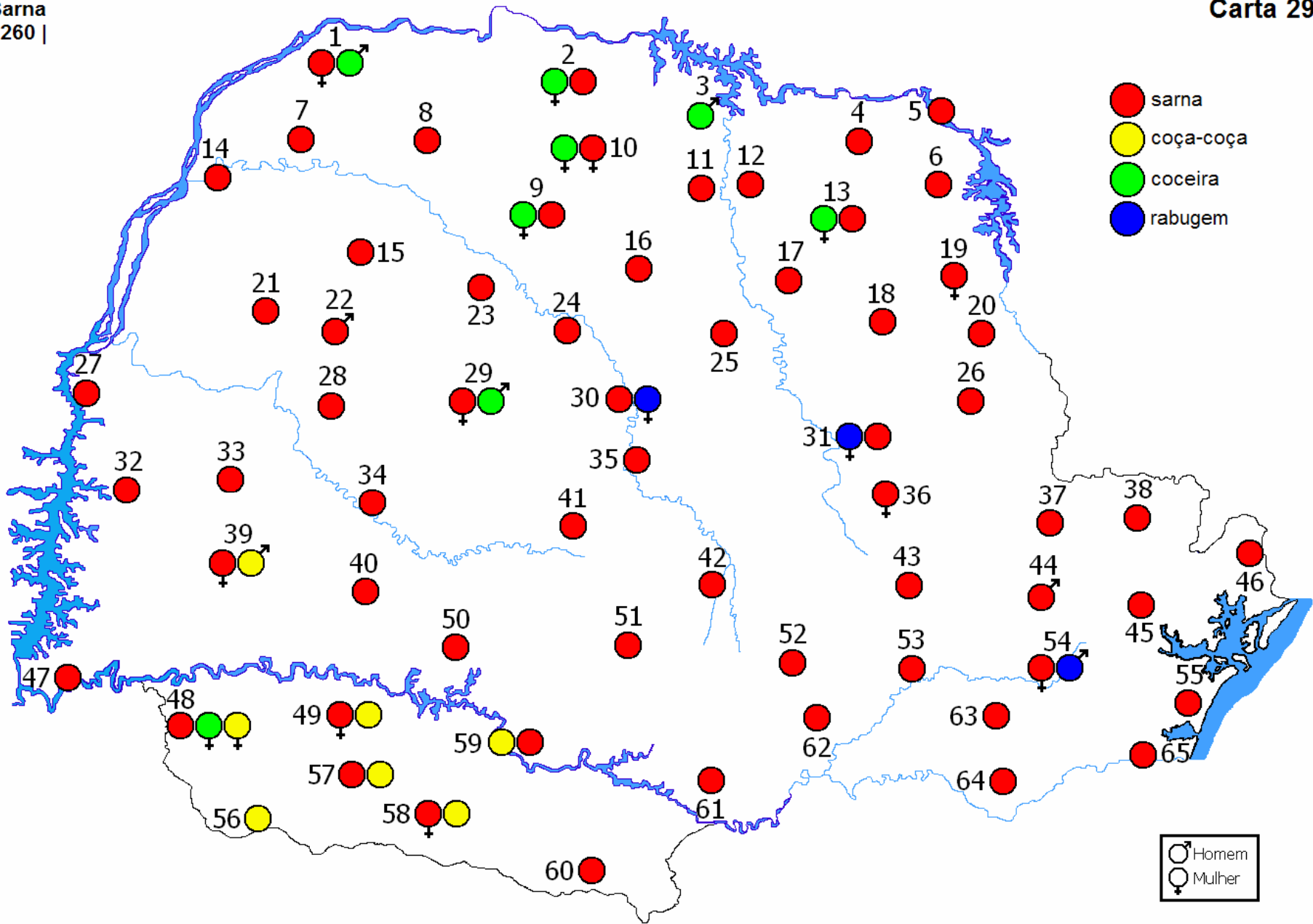
Ponto 17 – Inf. B: Pinta de Charme

Ponto 44 – Inf. A: Negrinha

Ponto 46 – Inf. B: Sinal de beleza

Carta 292 (122 ocorrências)	Mulher	Homem
sarda	47 (38,52%)	39 (31,96%)
pinta (de beleza)	11 (9,02%)	11 (9,02%)
mancha	2 (1,64%)	4 (3,28%)
pano (no rosto)	1 (0,82%)	3 (2,46%)
ferrugem	1 (0,82%)	1 (0,82%)
'jitica'	1 (0,82%)	1 (0,82%)





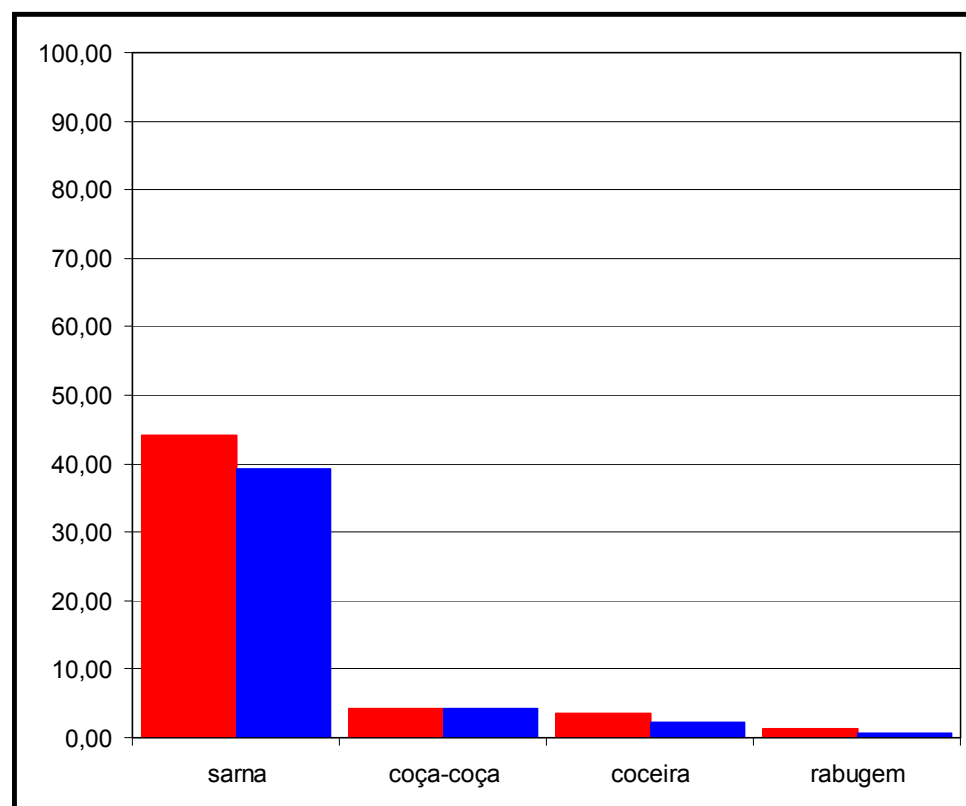
Ocorrências Únicas – Carta 293

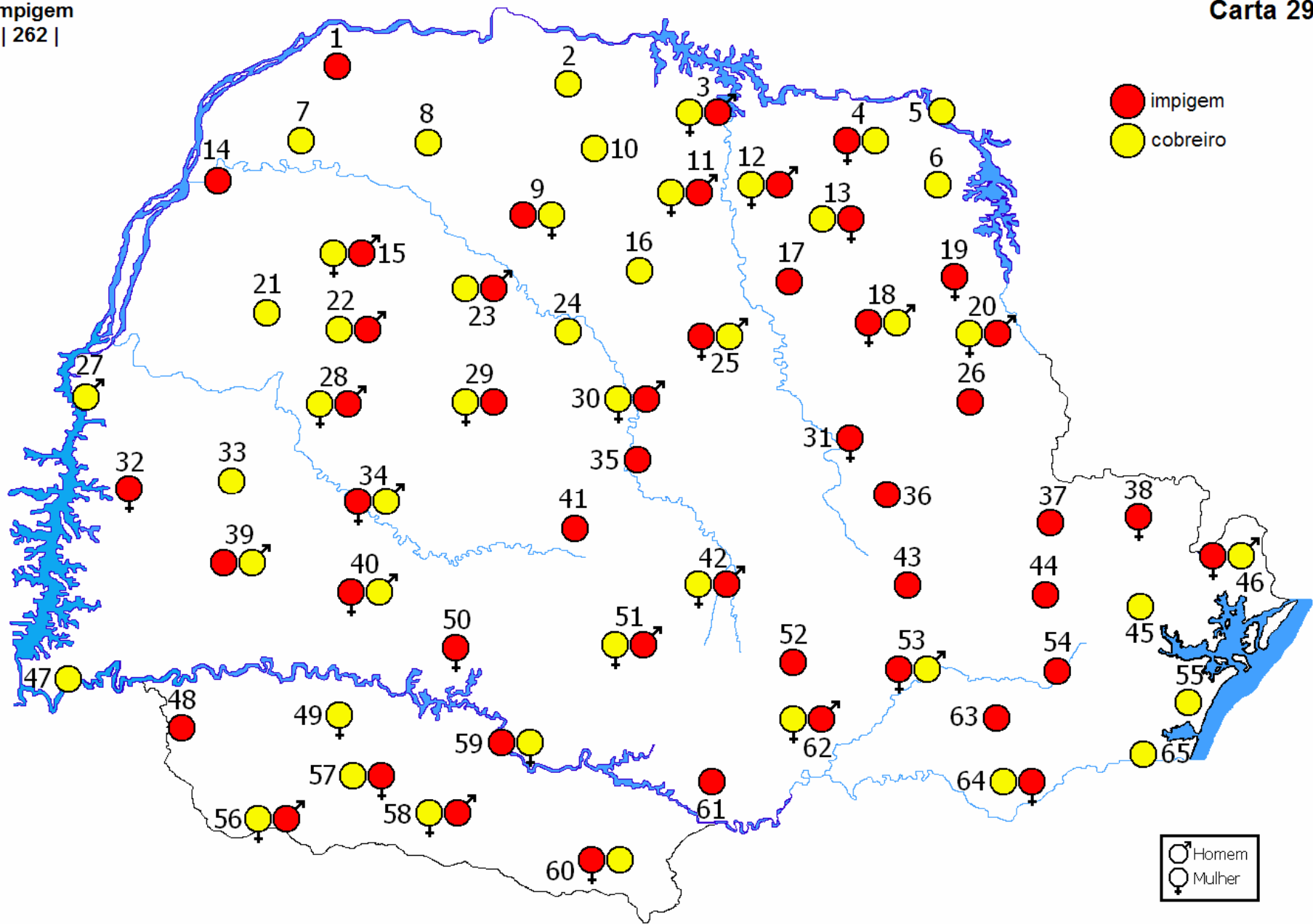
Ponto 28 – Inf. A: Micose

Ponto 48 – Inf. A: Alergia

Ponto 49 – Inf. B: Grosseiro

Carta 293 (138 ocorrências)	Mulher	Homem
sarna	61 (44,20%)	54 (39,13%)
coça-coça	6 (4,35%)	6 (4,35%)
coceira	5 (3,62%)	3 (2,18%)
rabugem	2 (1,45%)	1 (0,72%)





Ocorrências Únicas – Carta 294

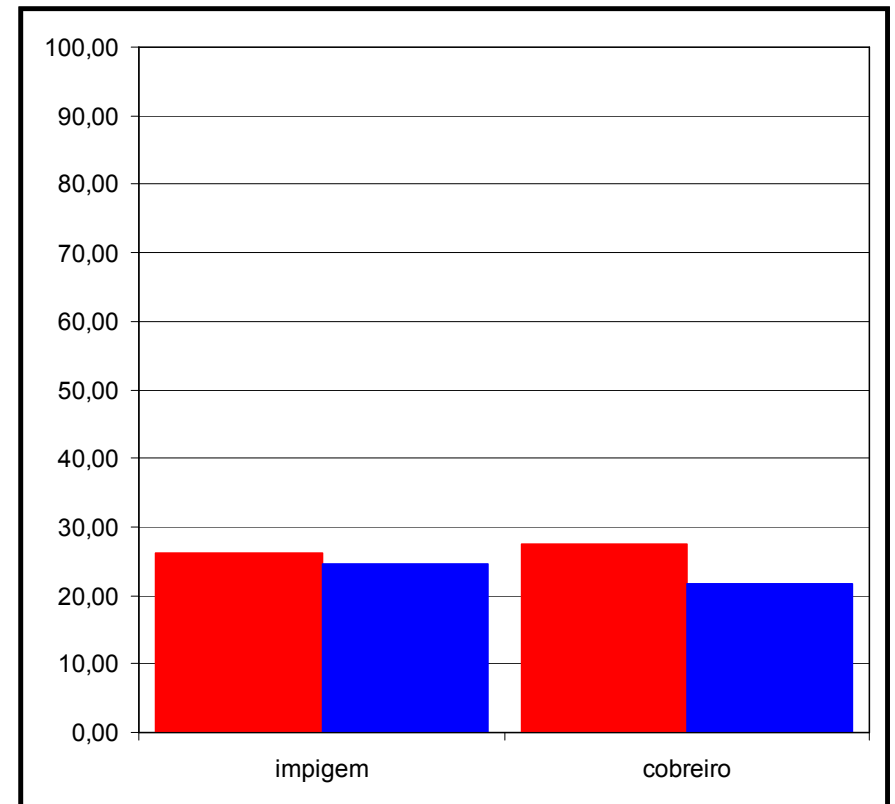
Ponto 10 – Inf. B: Signo de Salomão

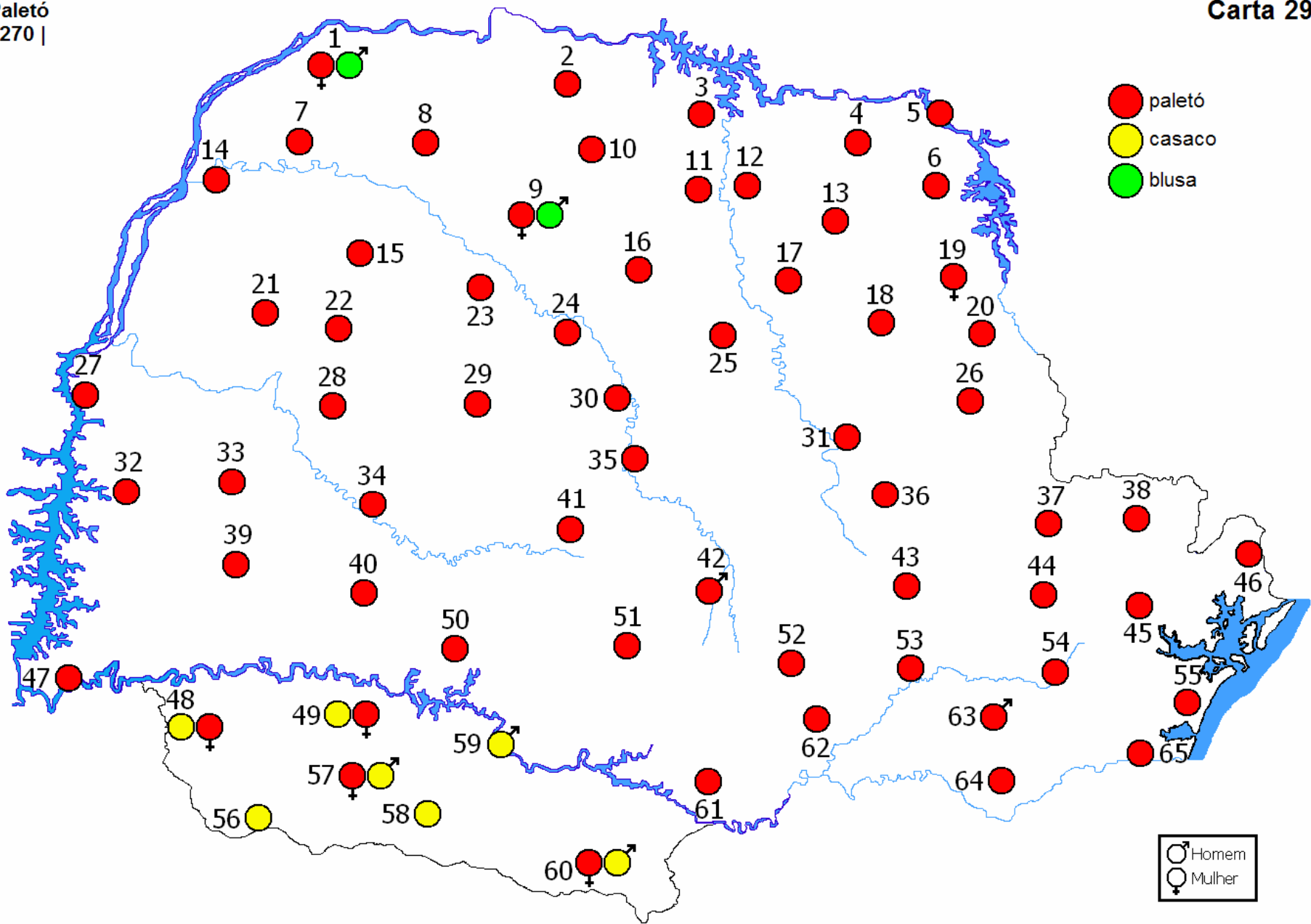
Ponto 31 – Inf. B: Bugreiro grosso

Ponto 38 – Inf. B: Micróbio

Ponto 50 – Inf. B: Erisipela

Carta 294 (134 ocorrências)	Mulher	Homem
impigem	35 (26,12%)	33 (24,63%)
cobreiro	37 (27,61%)	29 (21,64%)

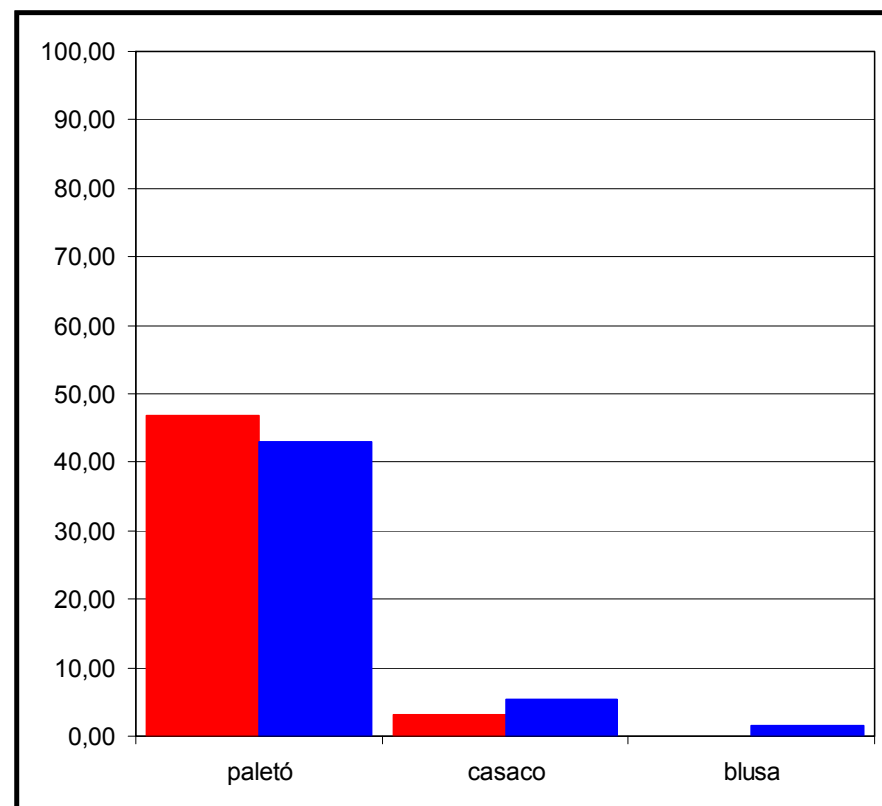


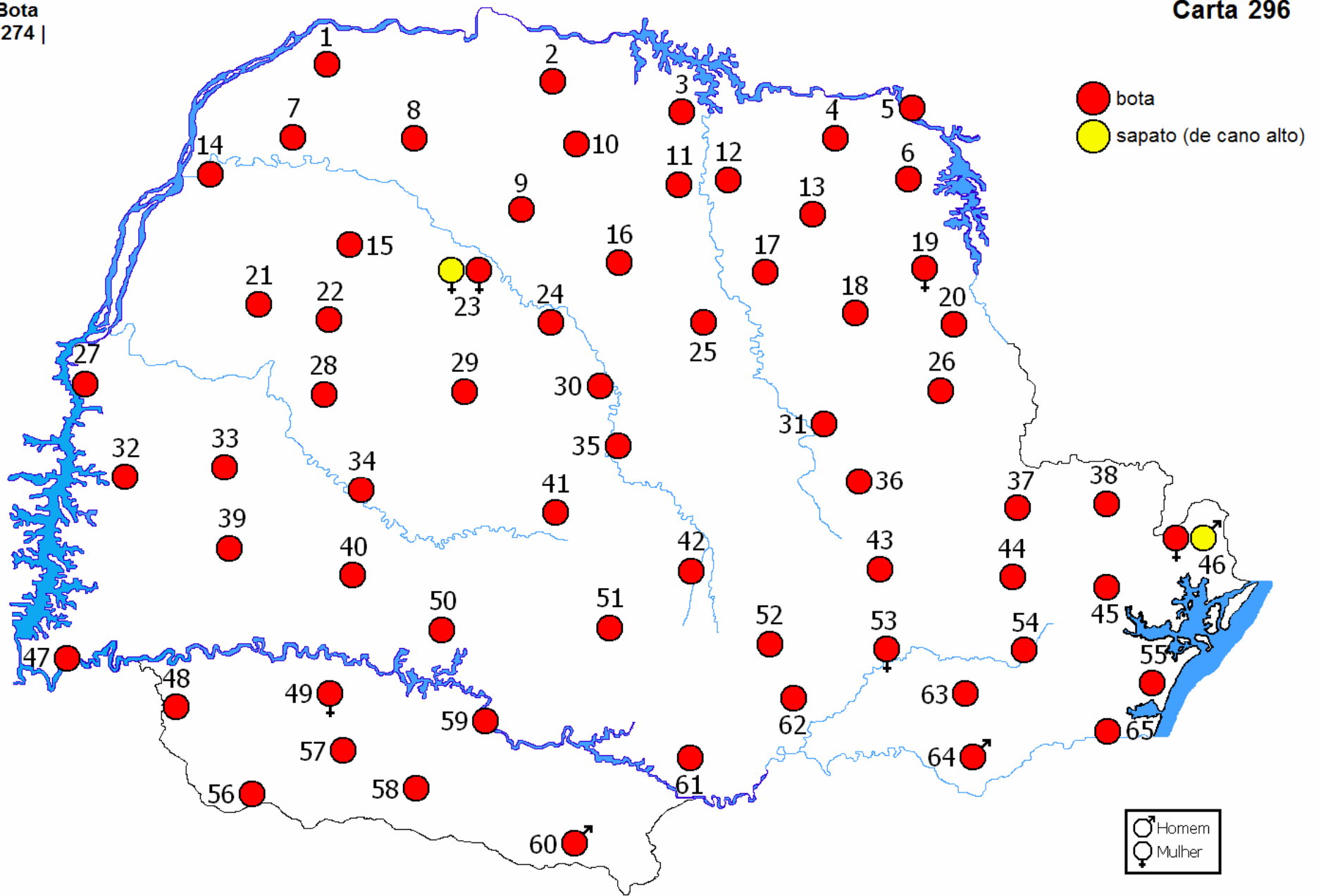


Ocorrências Únicas – Carta 295

Ponto 59 – Inf. B: Terno

Carta 295 (128 ocorrências)	Mulher	Homem
paletó	60 (46,88%)	55 (42,96%)
casaco	4 (3,13%)	7 (5,47%)
blusa	0	2 (1,56%)

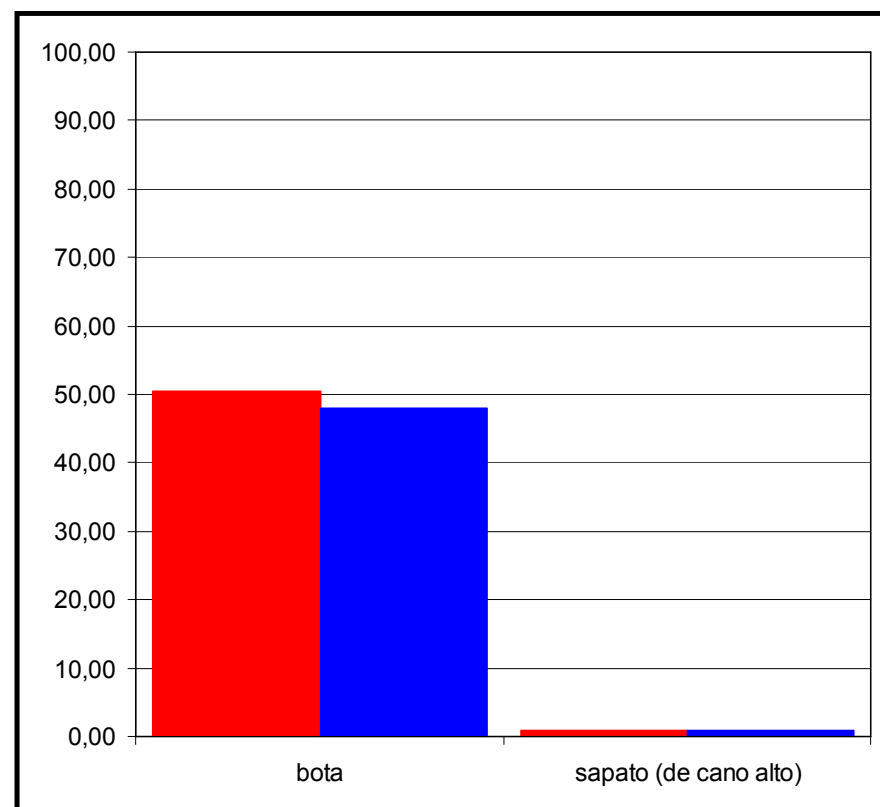


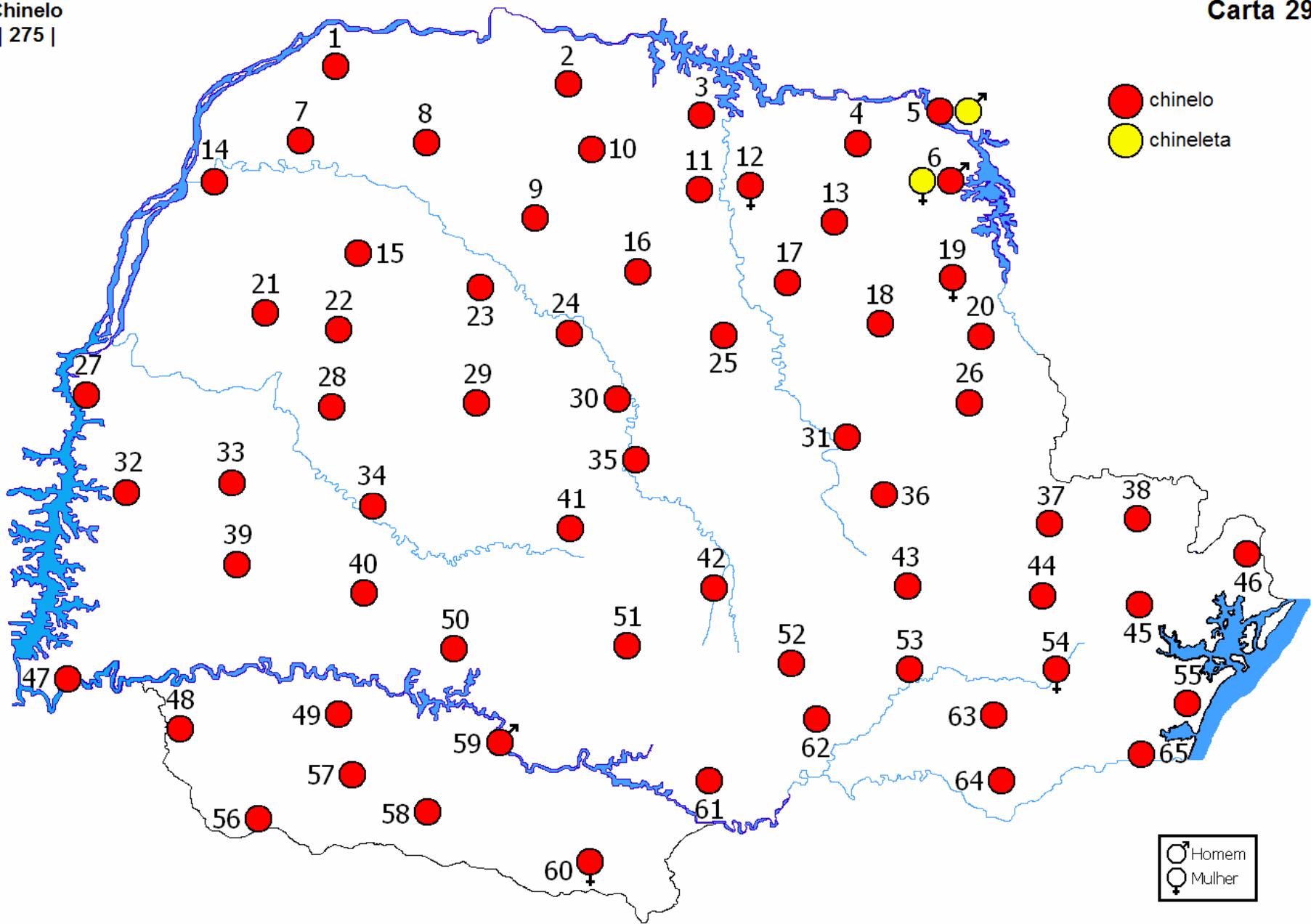


Ocorrências Únicas – Carta 296

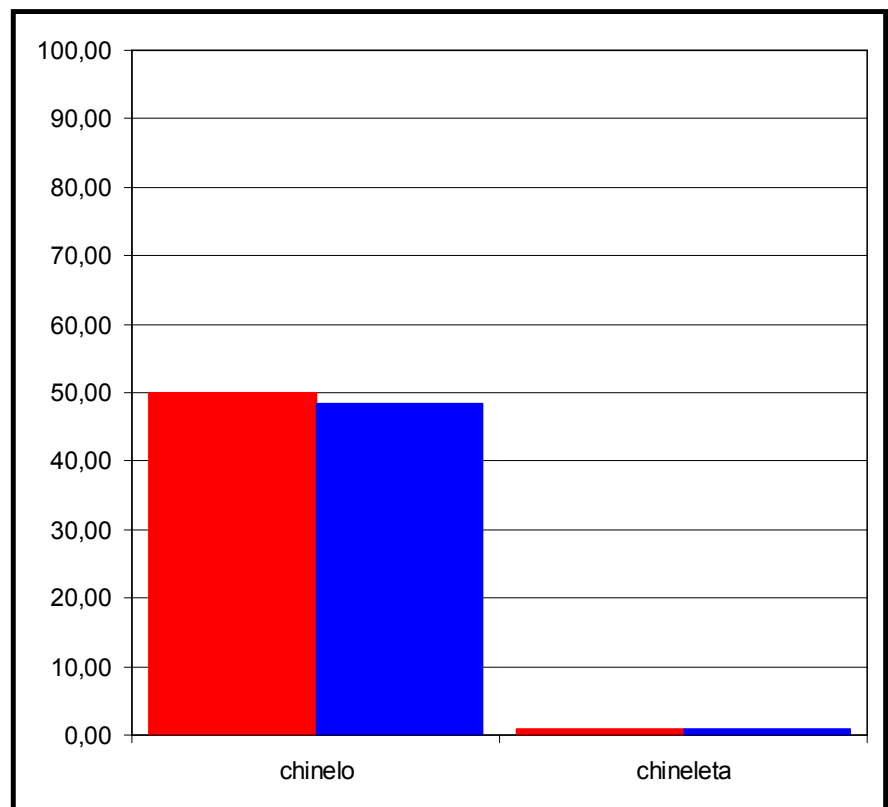
Ponto 49 – Inf. B: Botina

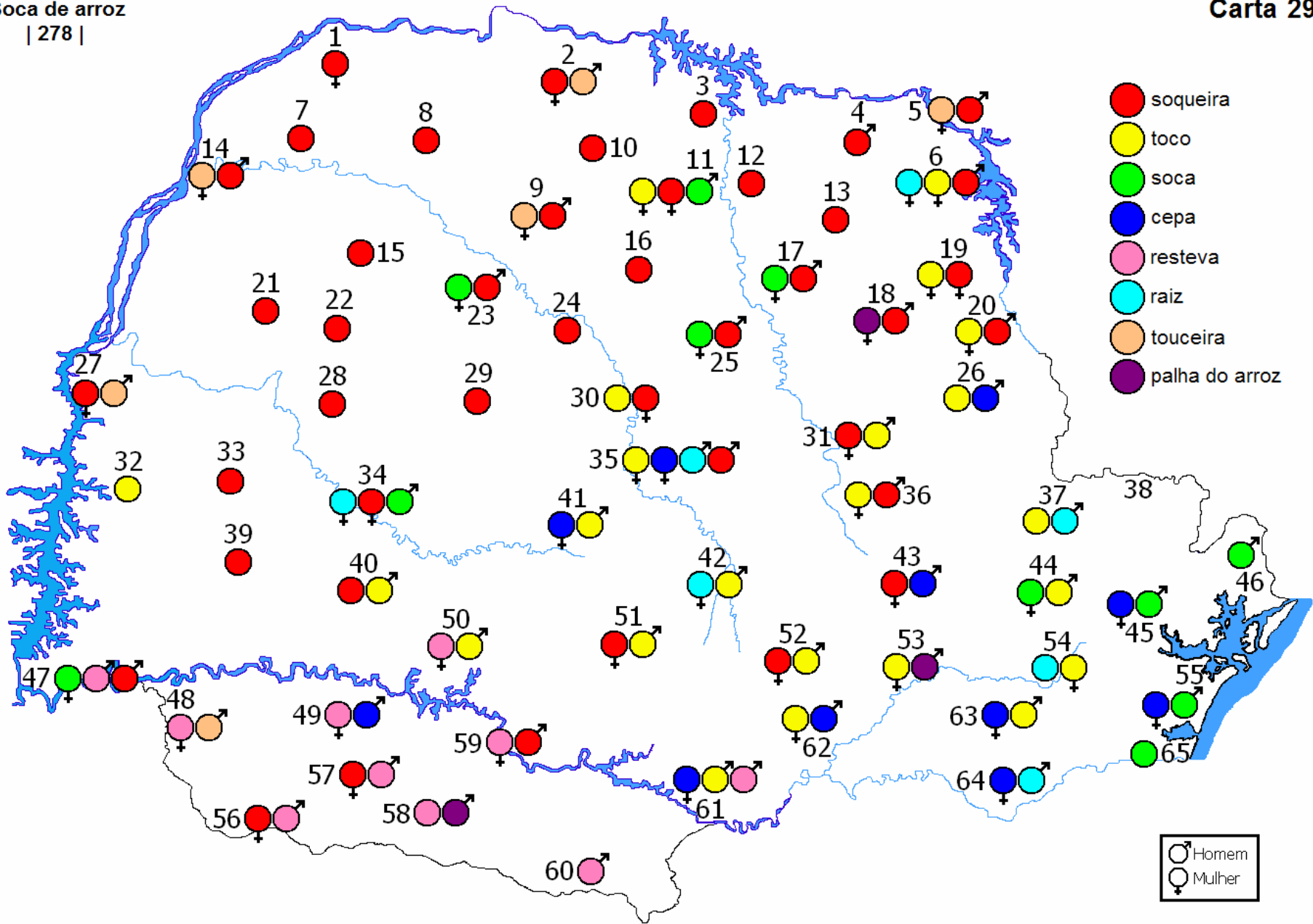
Carta 296 (125 ocorrências)	Mulher	Homem
bota	63 (50,40%)	60 (48,00%)
sapato (de cano alto)	1 (0,80%)	1 (0,80%)





Carta 297 (126 ocorrências)	Mulher	Homem
chinelo	63 (50,00%)	61 (48,42%)
chineleta	1 (0,79%)	1 (0,79%)

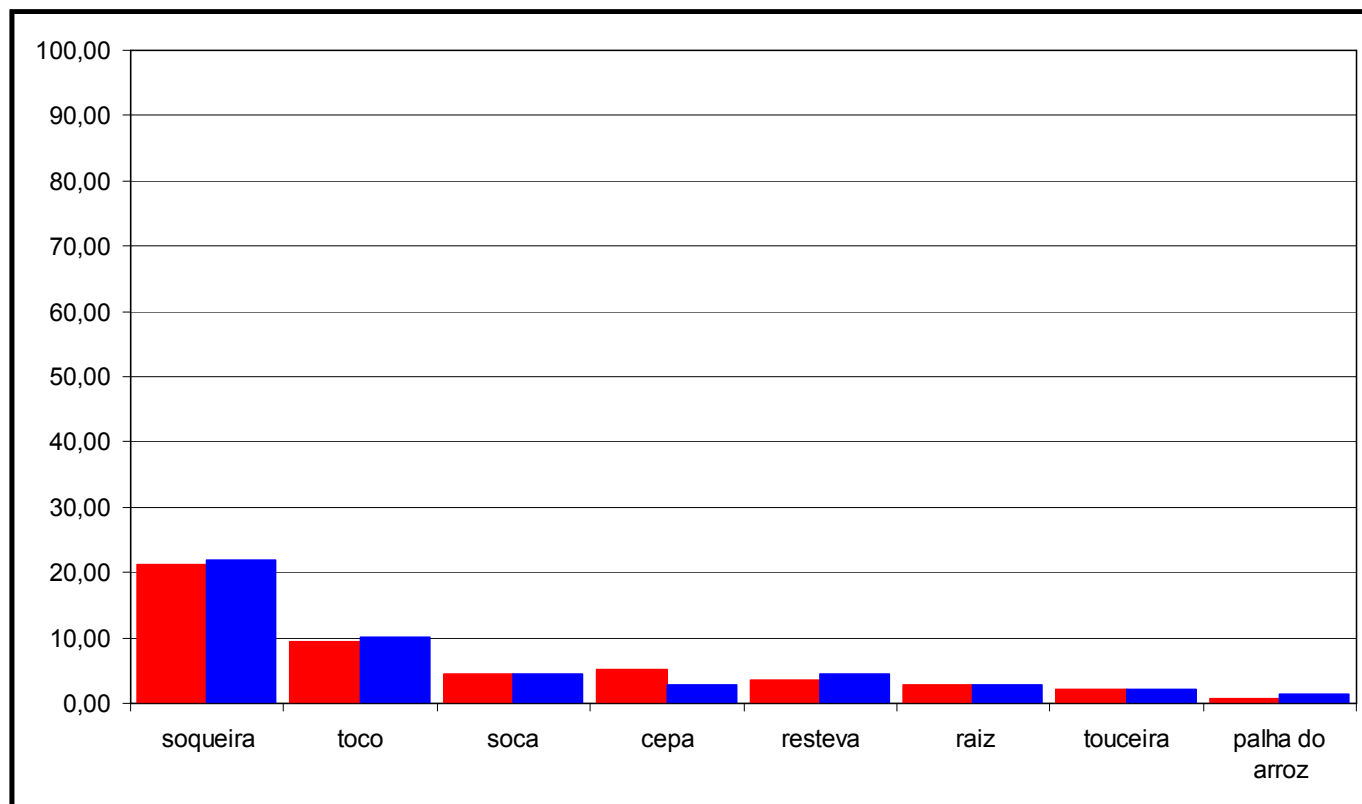


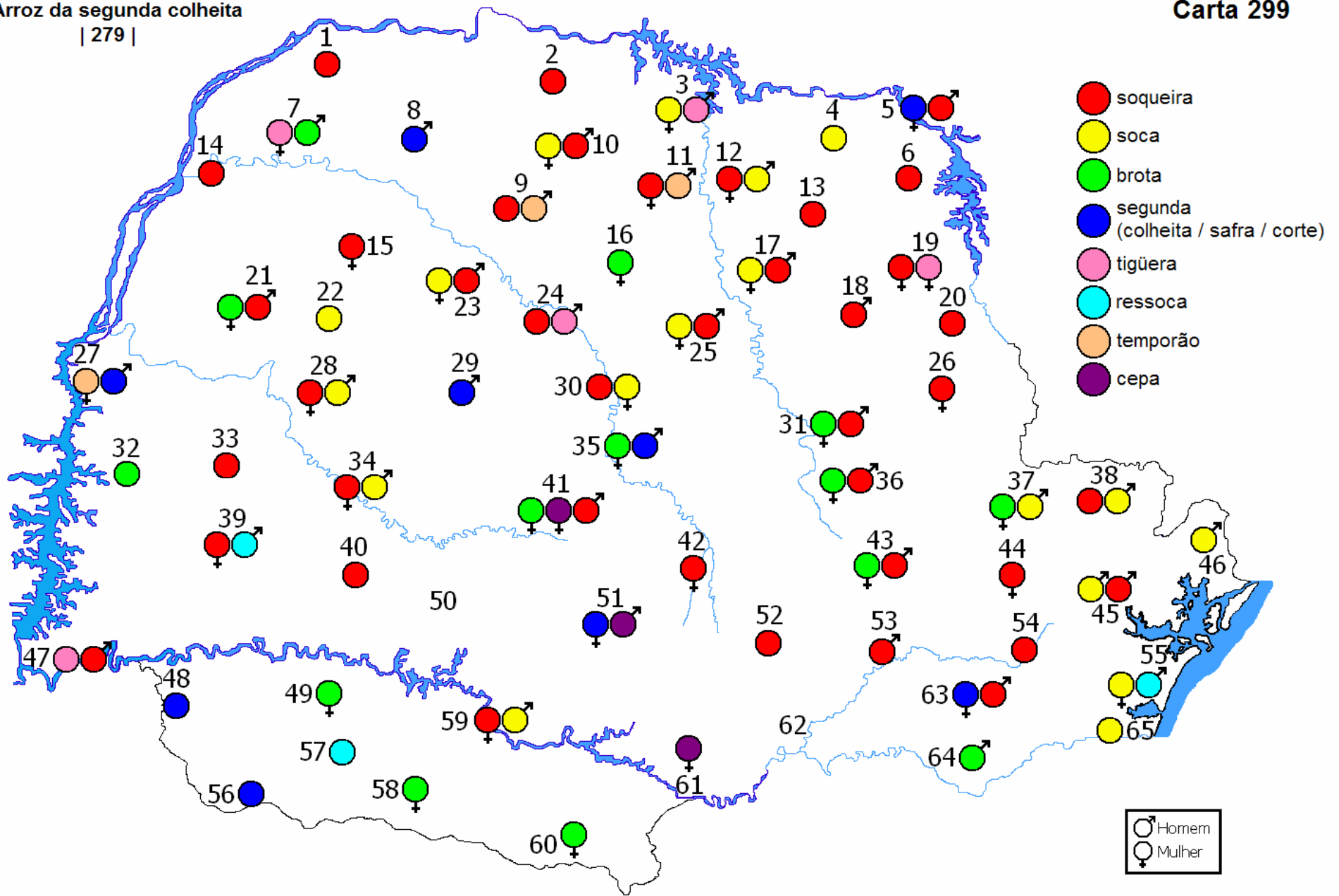


Ocorrências Únicas – Carta 298

Ponto 08 – Inf. A: Resto
Ponto 16 – Inf. B: Sobra
Ponto 26 – Inf. A: Pé
Ponto 18 – Inf. A: Foquinho
Ponto 31 – Inf. B: Tigüera
Ponto 38 – Inf. B: Granagem
Ponto 55 – Inf. B: Ressoa
Ponto 60 – Inf. A: Recanto

Carta 298 (137 ocorrências)	Mulher	Homem
soqueira	29 (21,17%)	30 (21,90%)
toco	13 (9,49%)	14 (10,22%)
soca	6 (4,38%)	6 (4,38%)
cepa	7 (5,10%)	4 (2,92%)
resteva	5 (3,65%)	6 (4,38%)
raiz	4 (2,92%)	4 (2,92%)
touceira	3 (2,19%)	3 (2,19%)
palha do arroz	1 (0,73%)	2 (1,46%)





Ocorrências Únicas – Carta 299

Ponto 16 – Inf. B: Recatada

Ponto 18 – Inf. A: Arroz de duas granadas

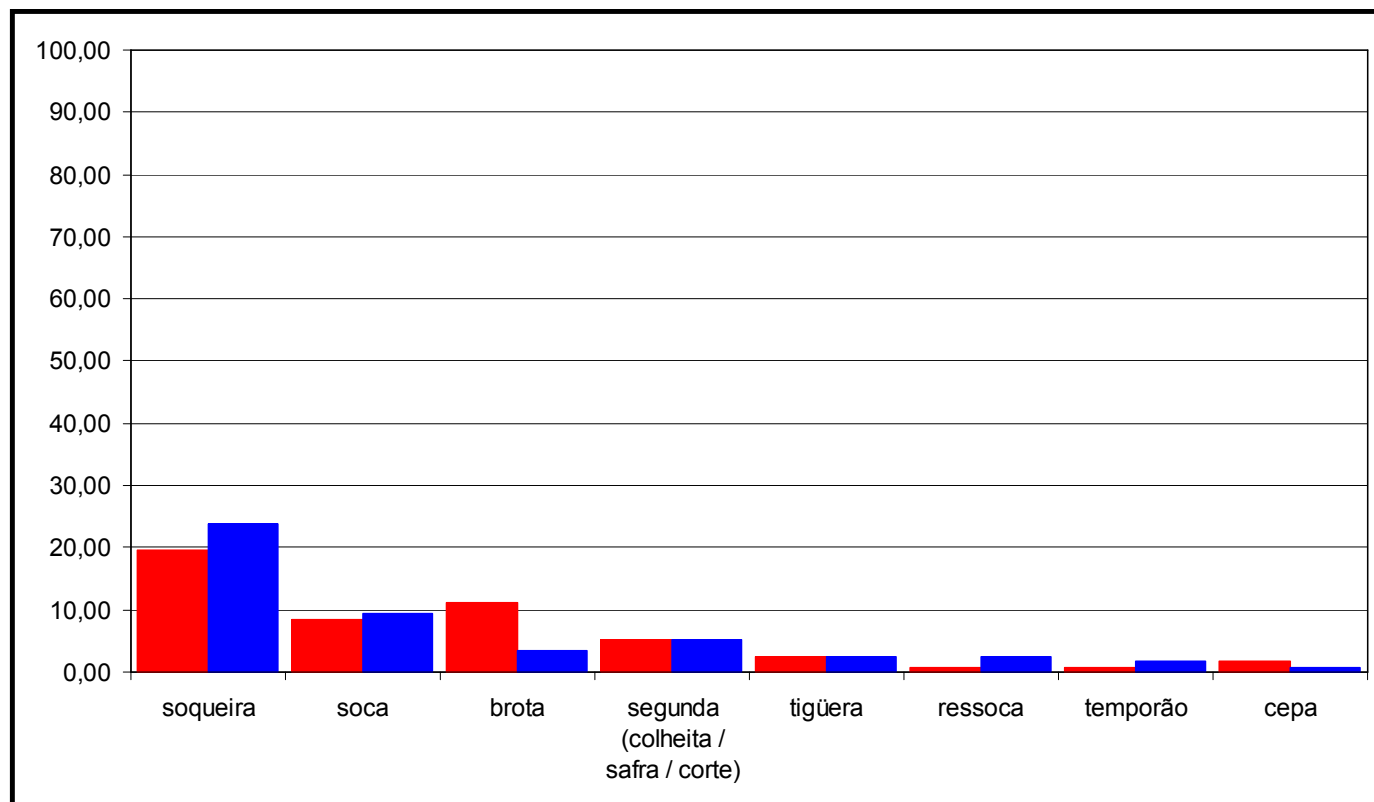
Ponto 42 – Inf. B: Arroz do toco

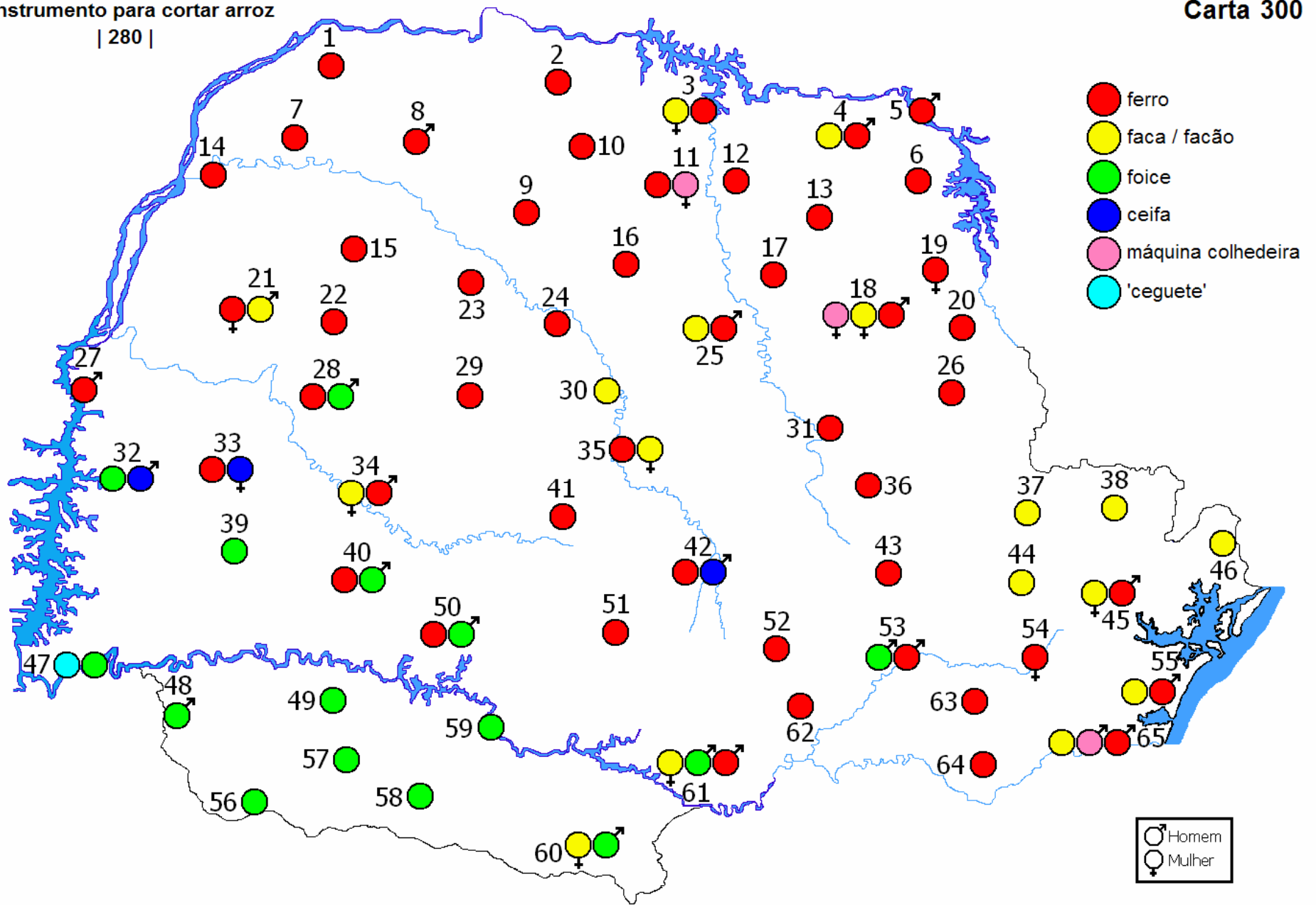
Ponto 44 – Inf. B: Sobra do arroz

Ponto 53 – Inf. A: Palha do arroz

Ponto 49 – Inf. B: Ligeirinho

Carta 299 (117 ocorrências)	Mulher	Homem
soqueira	23 (19,66%)	28 (23,93%)
soca	10 (8,55%)	11 (9,40%)
brota	13 (11,11%)	4 (3,42%)
segunda (colheita / safra / corte)	6 (5,14%)	6 (5,14%)
tigüera	3 (2,56%)	3 (2,56%)
ressoca	1 (0,85%)	3 (2,56%)
temporão	1 (0,85%)	2 (1,71%)
cepa	2 (1,71%)	1 (0,85%)

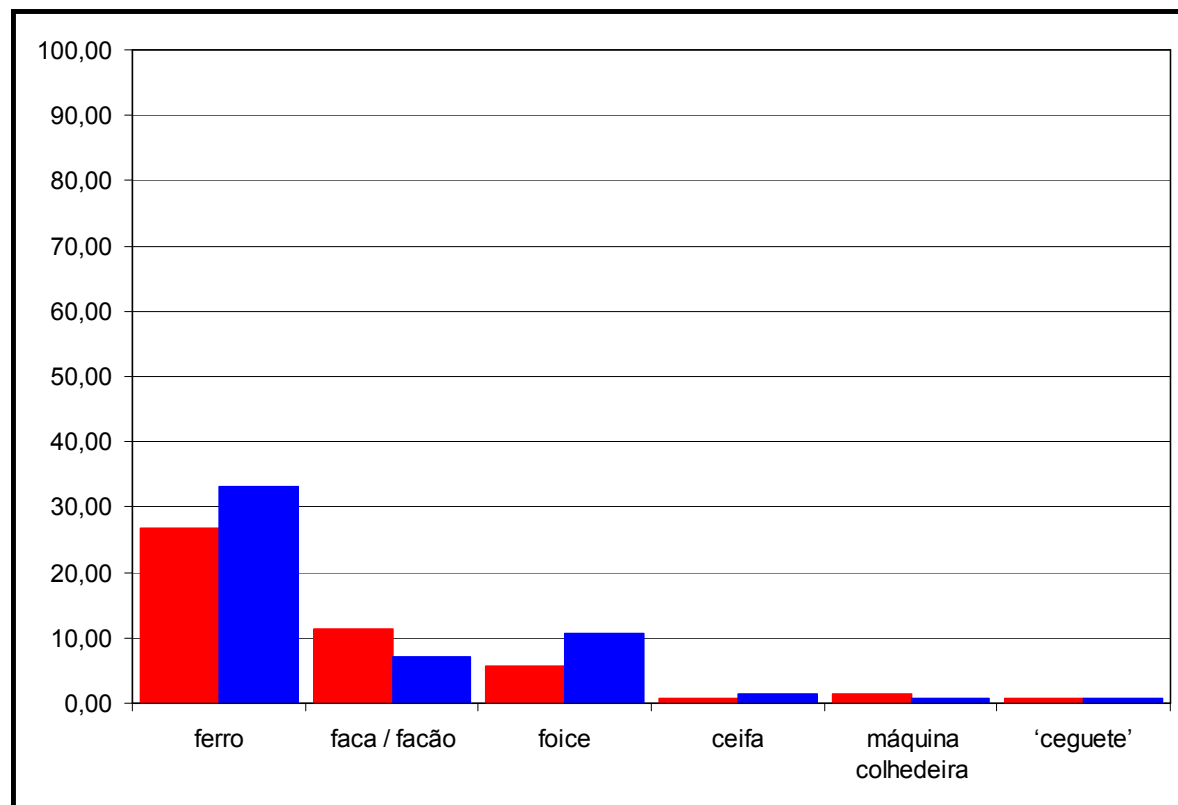


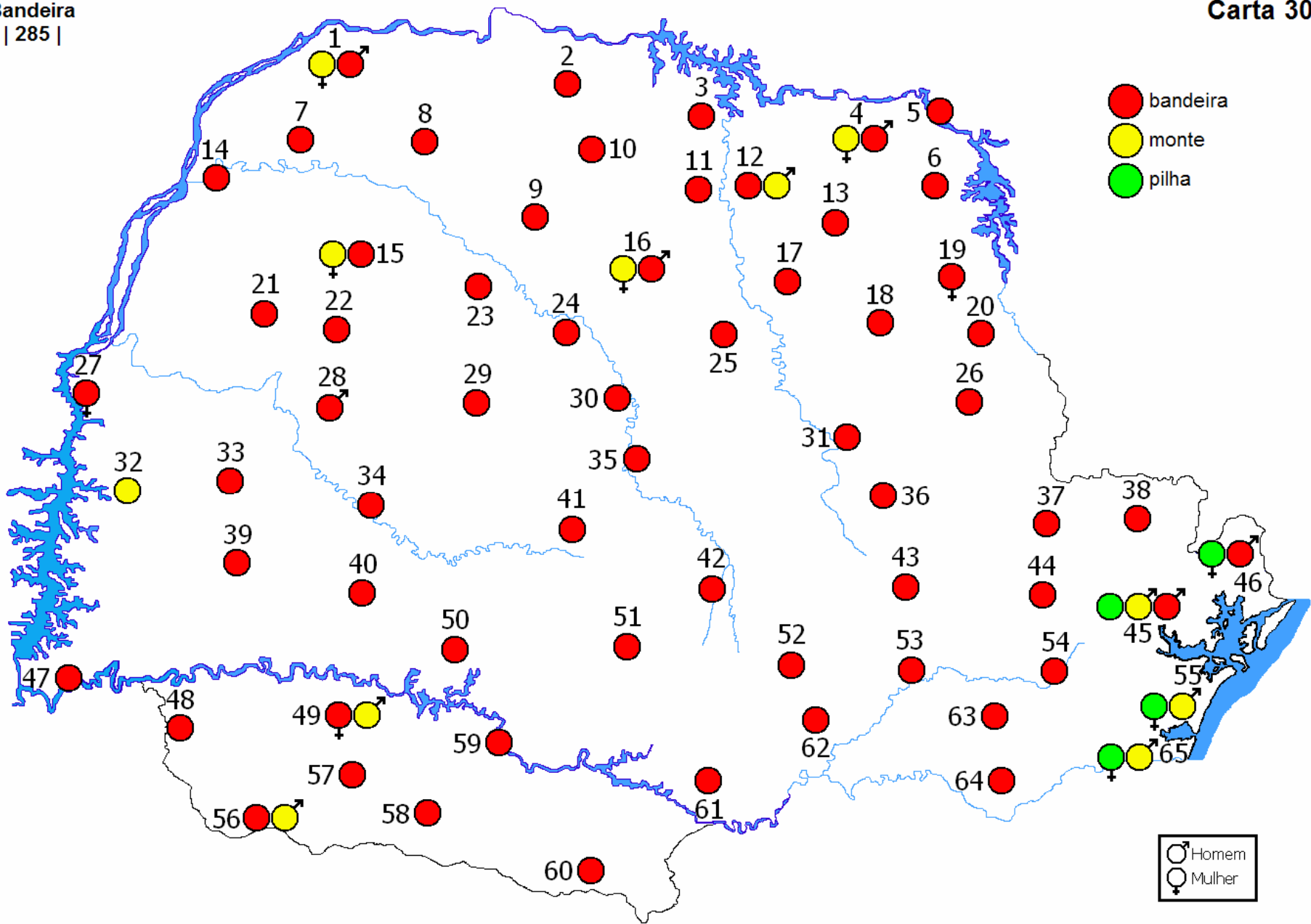


Ocorrências Únicas – Carta 300

Ponto 05 – Inf. A: Gancho
Ponto 08 – Inf. A: Podão
Ponto 19 – Inf. A: Batedor
Ponto 27 – Inf. A: Ancinho
Ponto 45 – Inf. A: Serra
Ponto 54 – Inf. B: Goiva
Ponto 55 – Inf. B: Franje / Zenzu
Ponto 58 – Inf. A: Cacete
Ponto 60 – Inf. A: Tesoura

Carta 300 (142 ocorrências)	Mulher	Homem
ferro	38 (26,76%)	47 (33,10%)
faca / facão	16 (11,27%)	10 (7,05%)
foice	8 (5,64%)	15 (10,56%)
ceifa	1 (0,70%)	2 (1,41%)
máquina colhedeira	2 (1,41%)	1 (0,70%)
'ceguete'	1 (0,70%)	1 (0,70%)

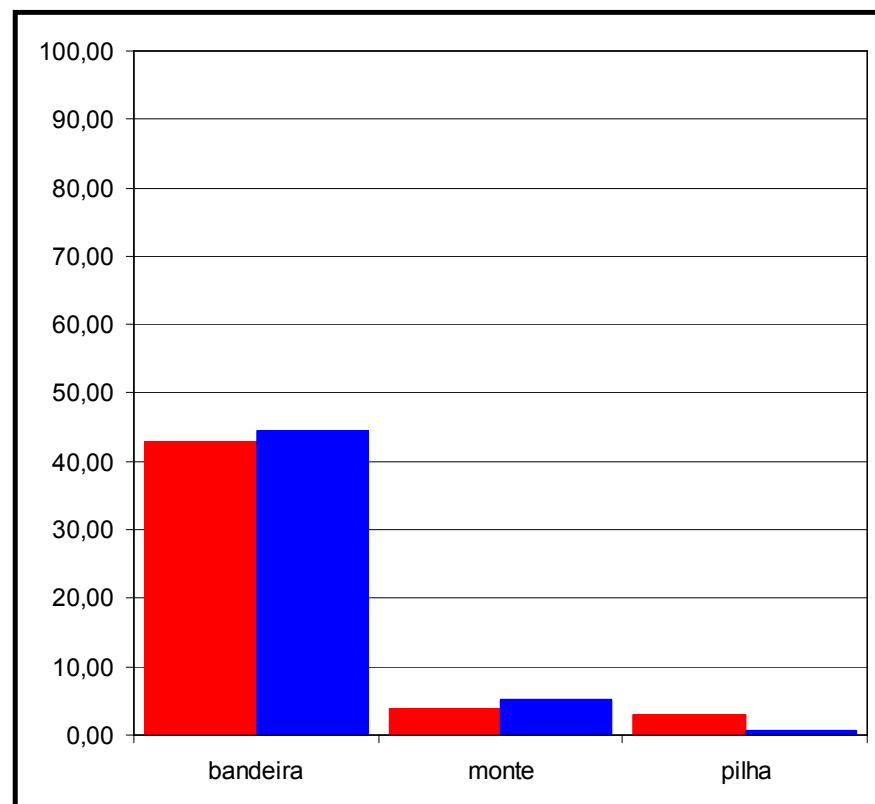


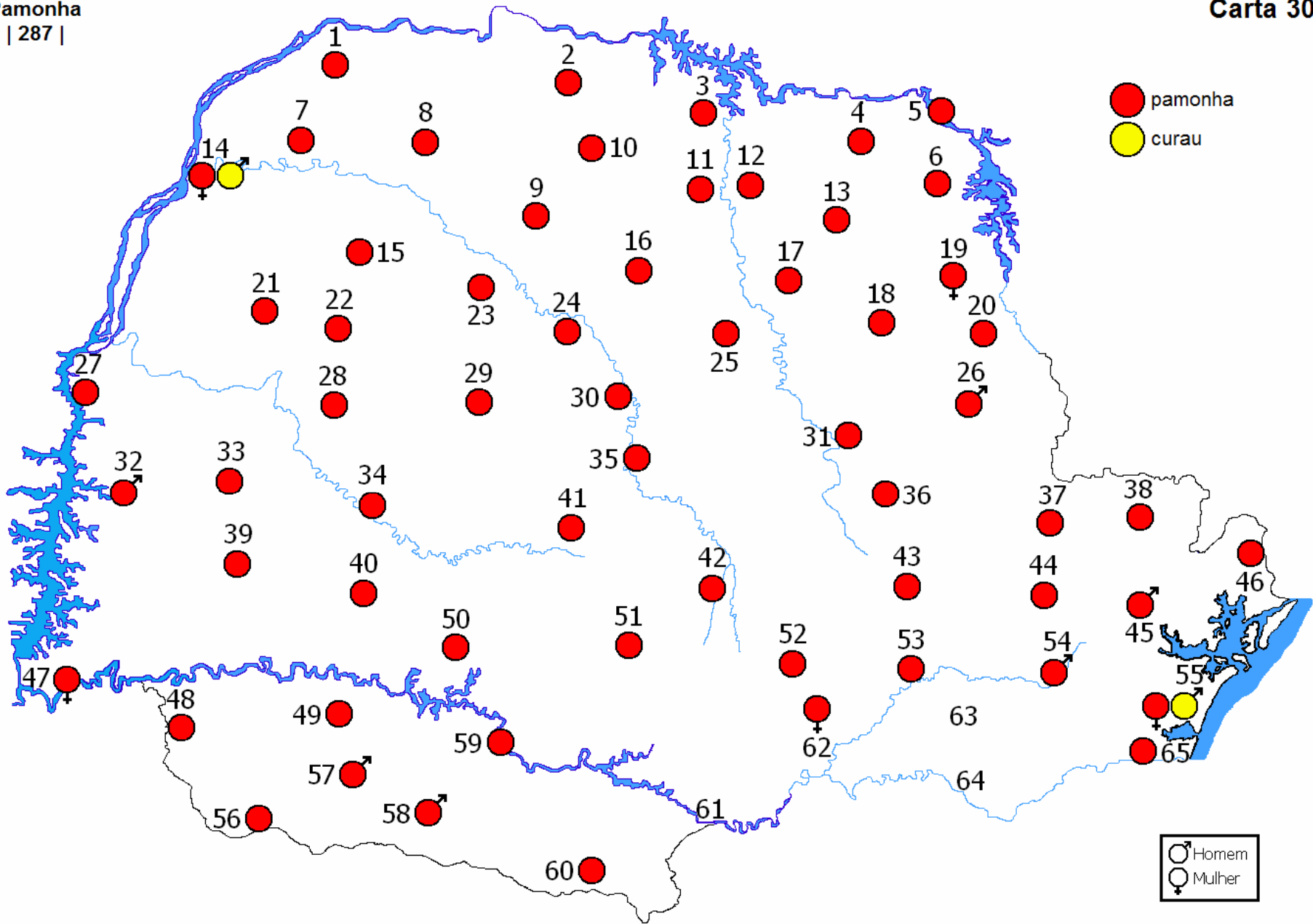


Ocorrências Únicas – Carta 301

Ponto 27 – Inf. B: Leira de milho
Ponto 28 – Inf. A: Cama de milho

Carta 301 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
bandeira	57 (42,86%)	59 (44,36%)
monte	5 (3,76%)	7 (5,26%)
pilha	4 (3,01%)	1 (0,75%)





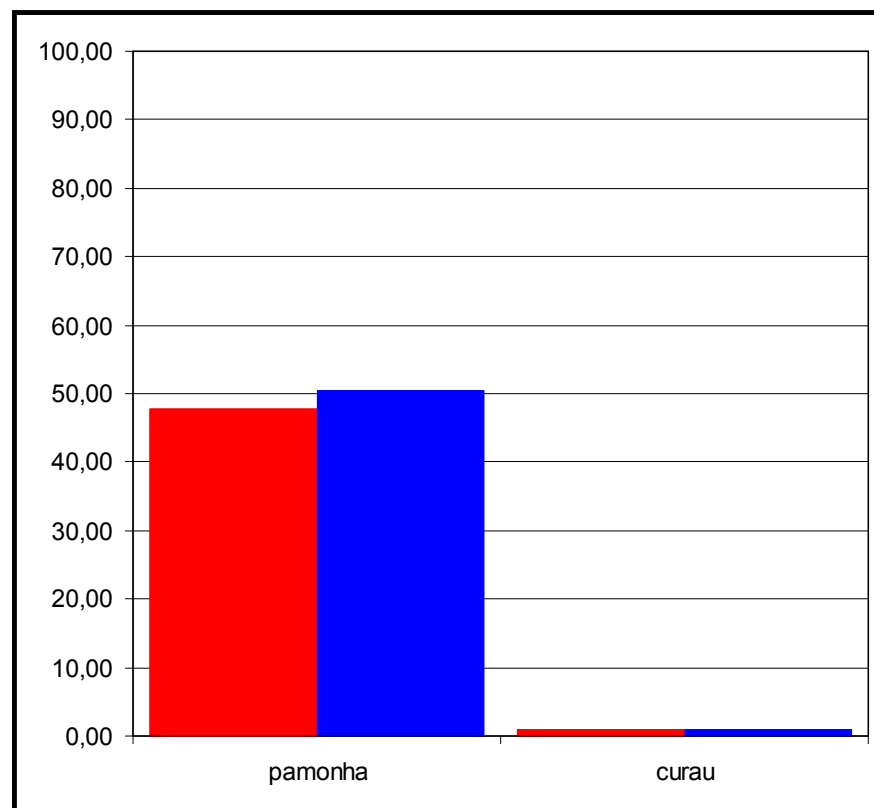
Ocorrências Únicas – Carta 302

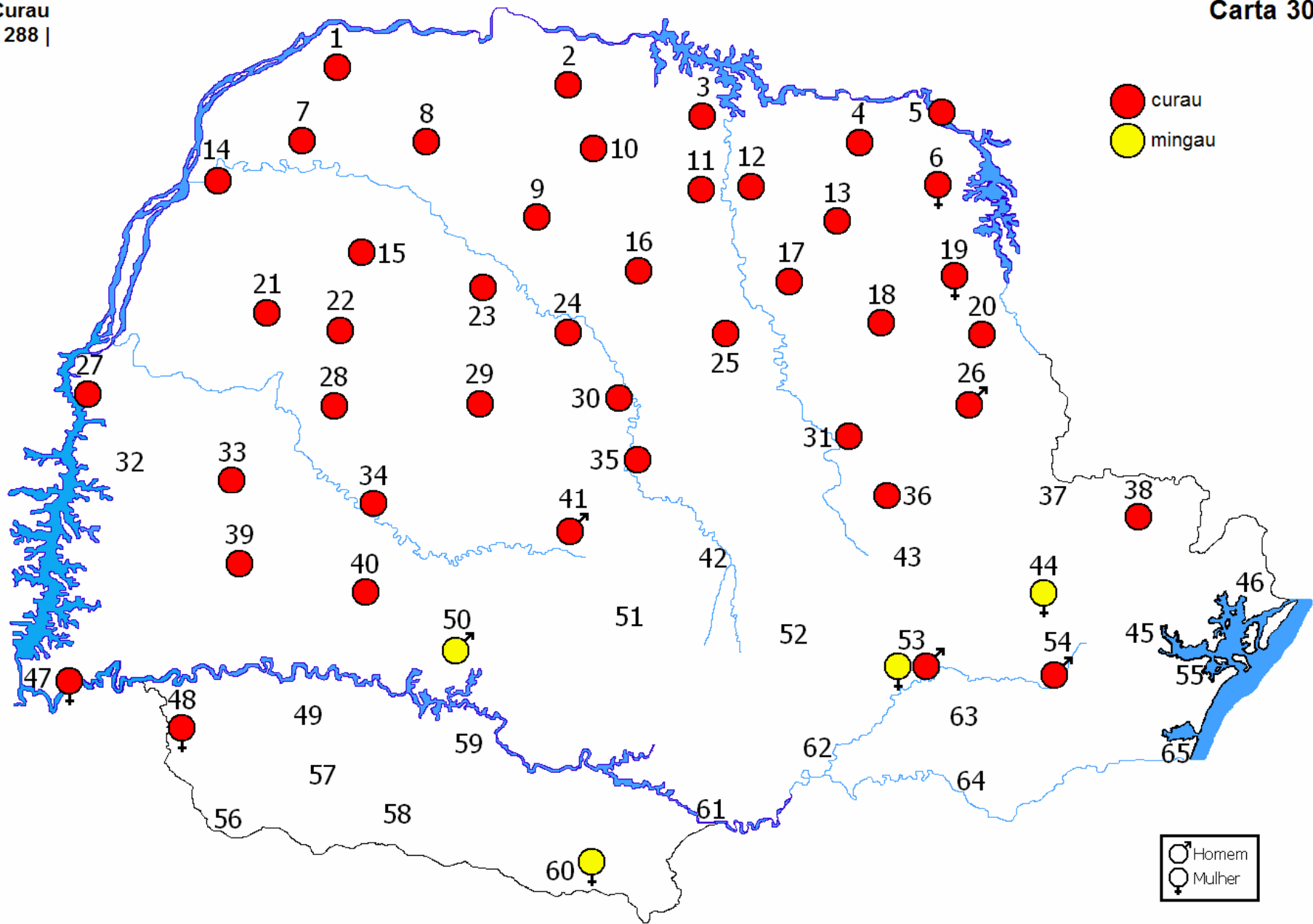
Ponto 11 – Inf. B: Mingau

Ponto 46 – Inf. B: Coruja

Ponto 62 – Inf. B: Cuscuz

Carta 302 (115 ocorrências)	Mulher	Homem
pamonha	55 (47,83%)	58 (50,43%)
curau	1 (0,87%)	1 (0,87%)

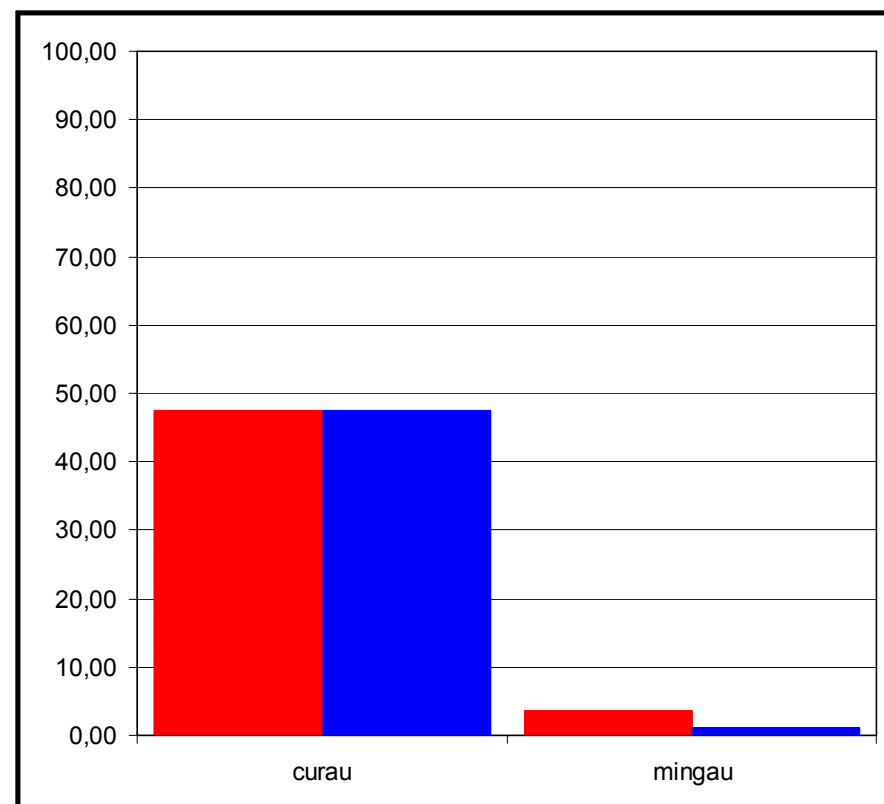


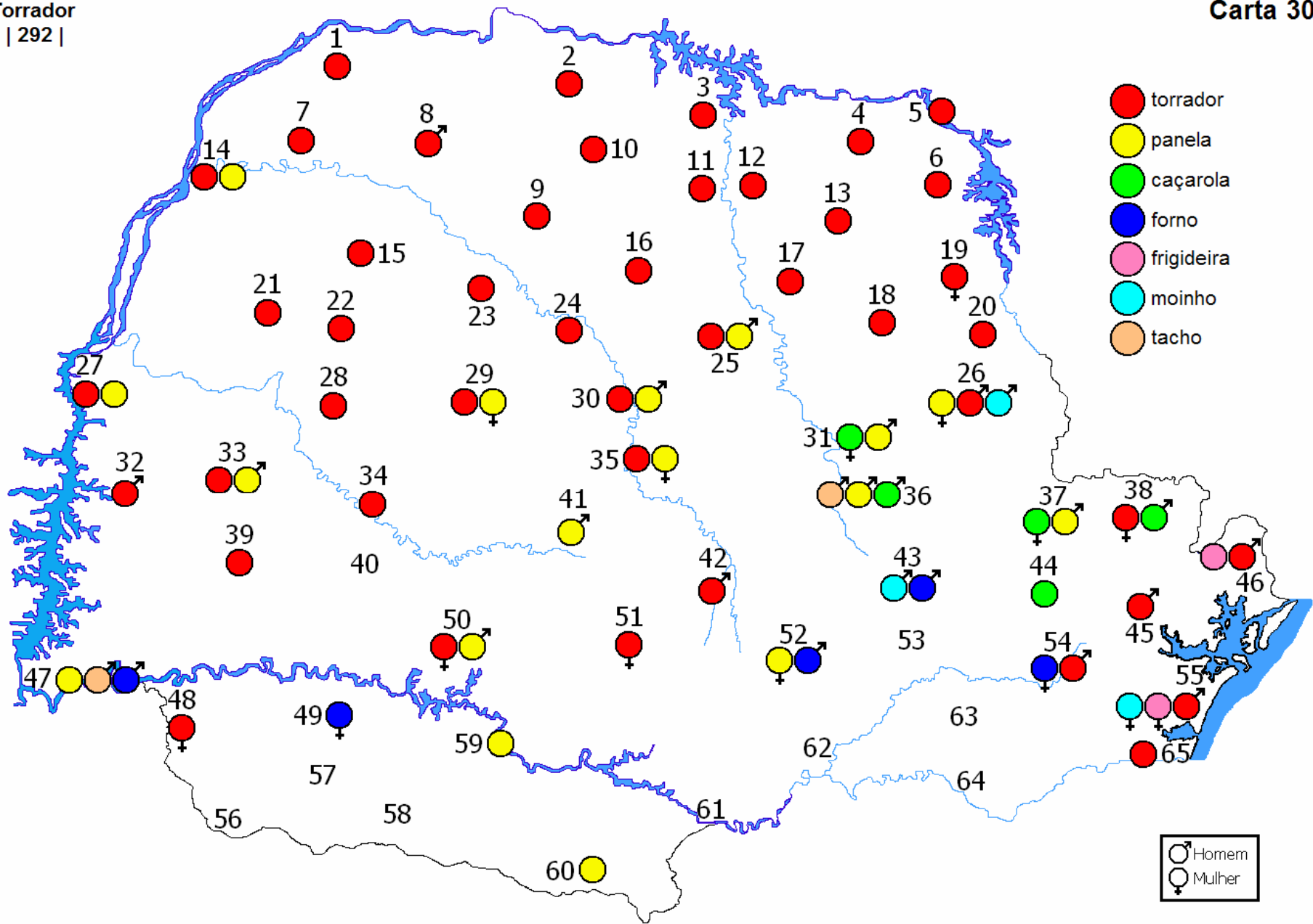


Ocorrências Únicas – Carta 303

- Ponto 19 – Inf. A: Creme
- Ponto 37 – Inf. A: Cuscuz
- Ponto 57 – Inf. B: Polenta
- Ponto 62 – Inf. A: Pudim de milho verde
- Ponto 65 – Inf. A: Coruja
- Ponto 65 – Inf. B: Papa

Carta 303 (82 ocorrências)	Mulher	Homem
curau	39 (47,56%)	39 (47,56%)
mingau	3 (3,66%)	1 (1,22%)





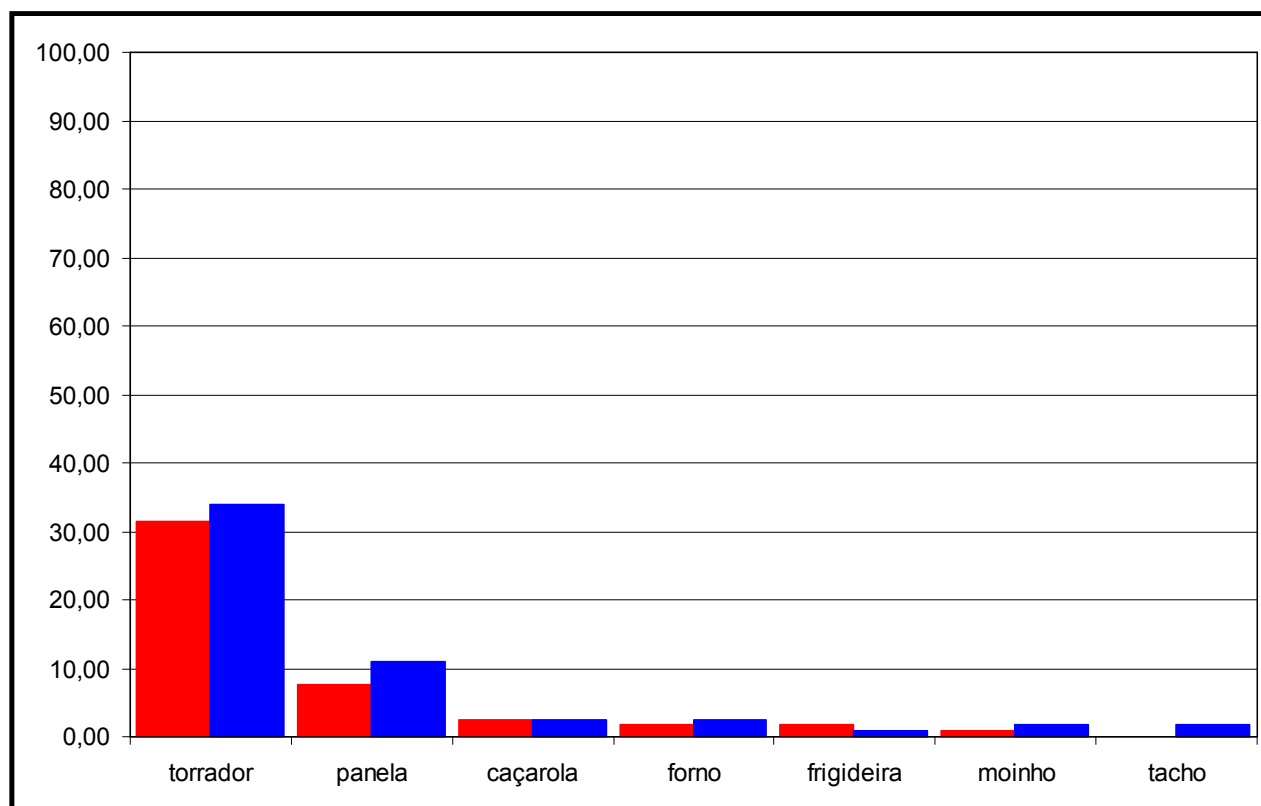
Ocorrências Únicas - Carta 304

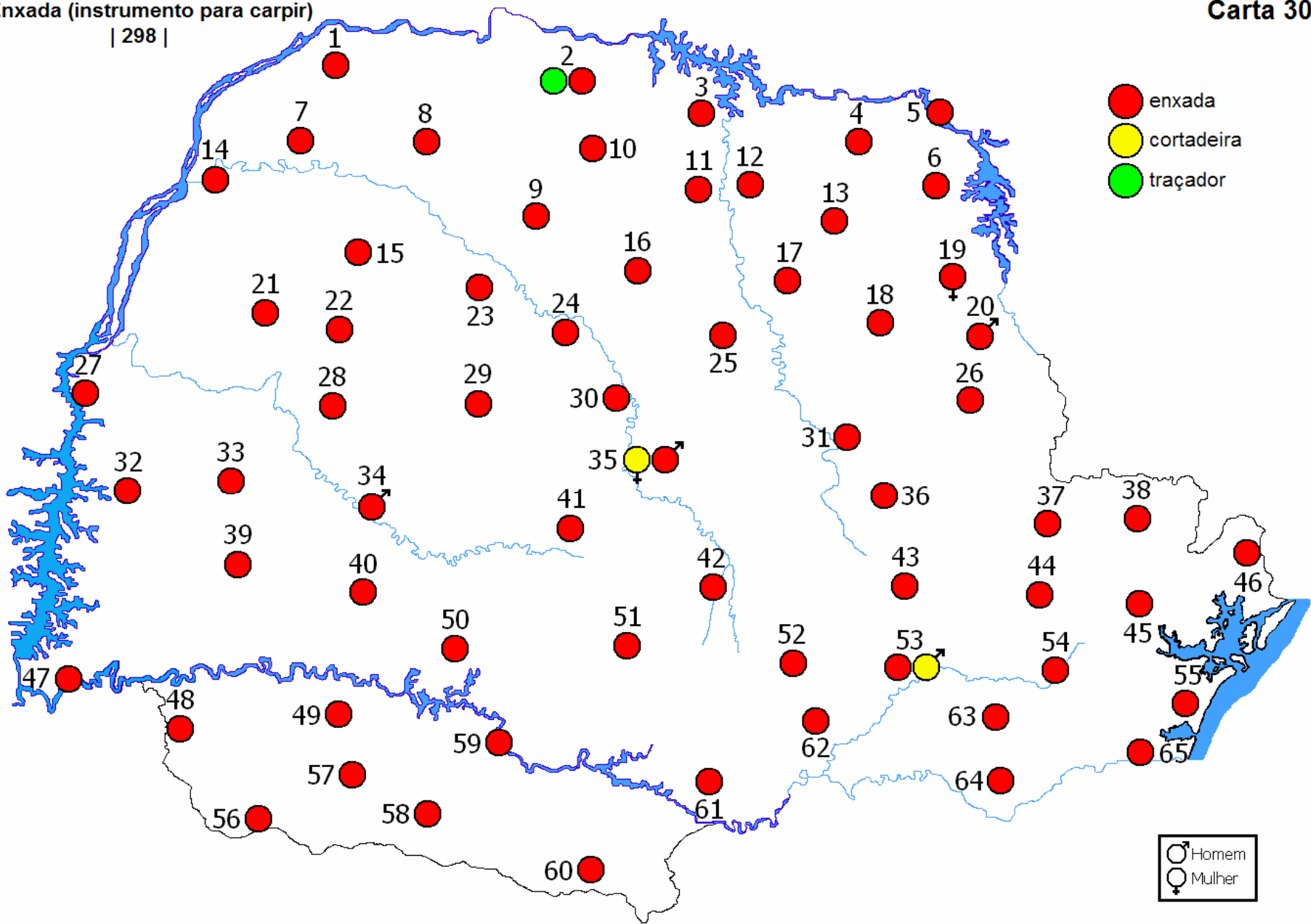
Ponto 45 – Inf. A: Bacia

Ponto 49 – Inf. B: Fornalha

Ponto 55 – Inf. A: Pilão

Carta 304 (118 ocorrências)	Mulher	Homem
torrador	37 (31,36%)	40 (33,90%)
panela	9 (7,63%)	13 (11,03%)
caçarola	3 (2,54%)	3 (2,54%)
forno	2 (1,69%)	3 (2,54%)
frigideira	2 (1,69%)	1 (0,85%)
moinho	1 (0,85%)	2 (1,69%)
tacho	0	2 (1,69%)



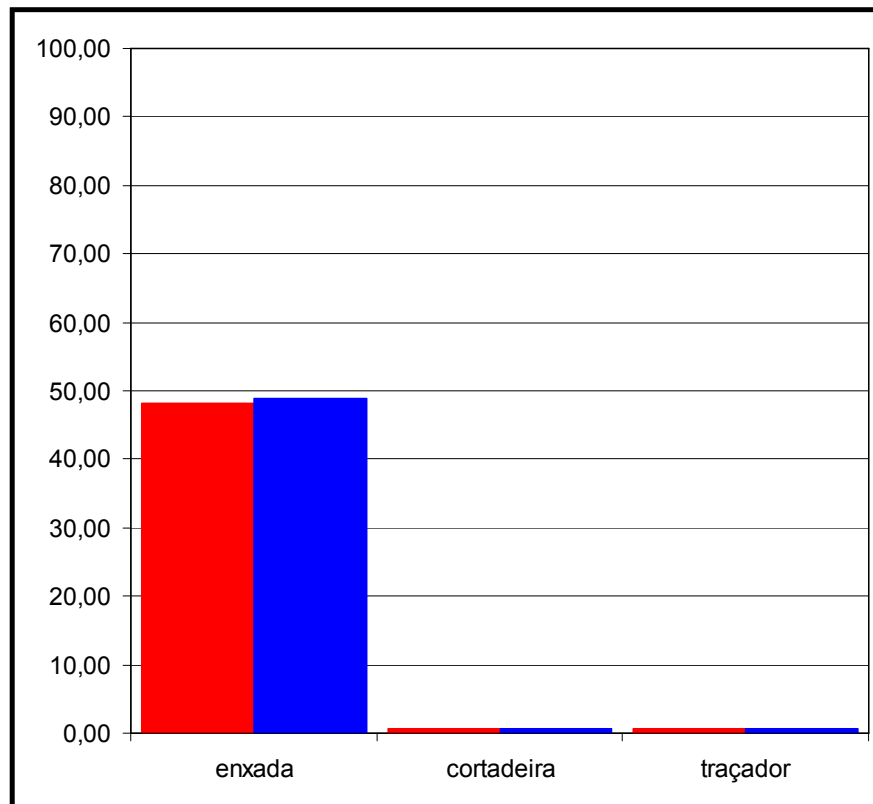


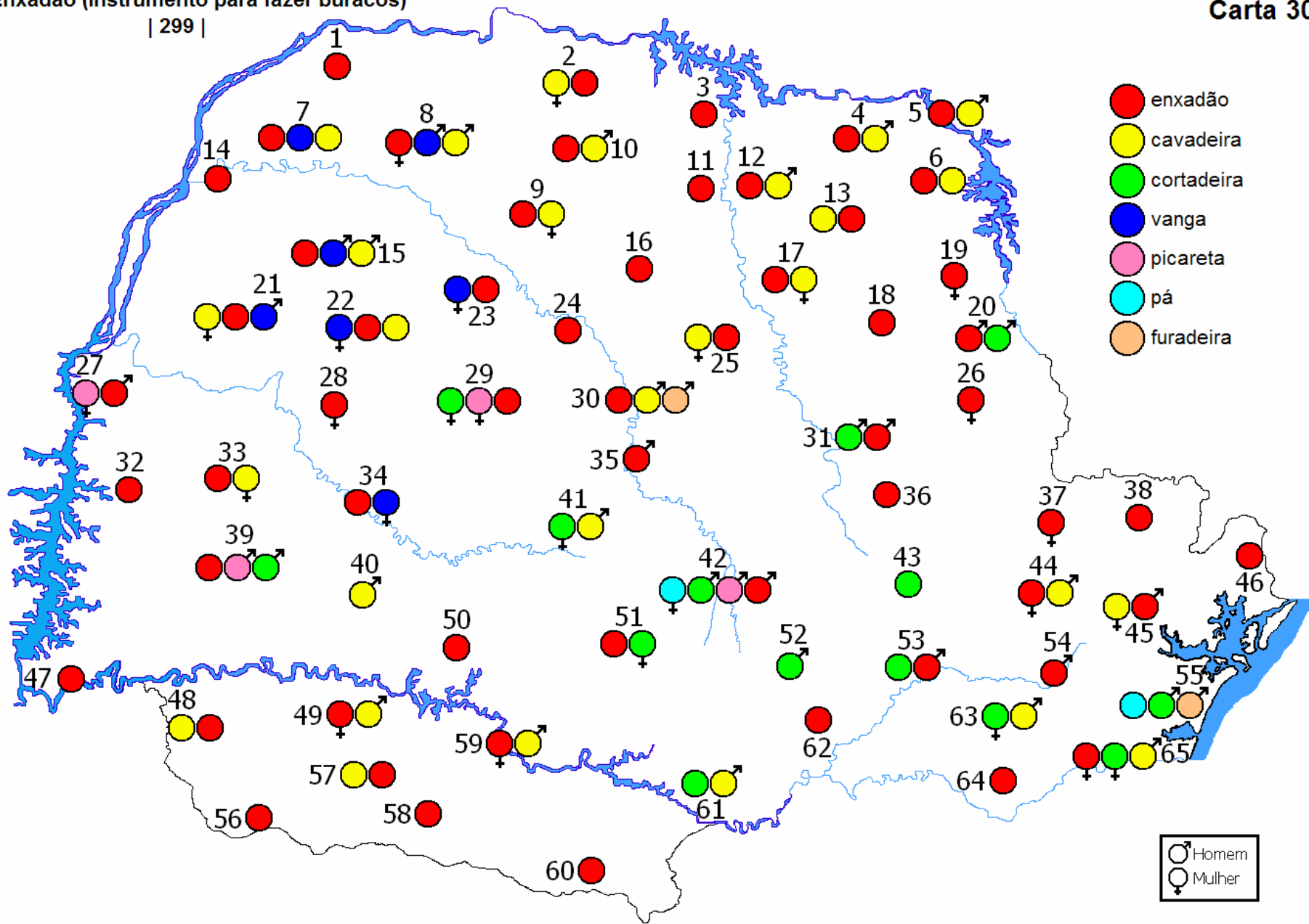
Ocorrências Únicas – Carta 305

Ponto 11 – Inf. A: Passa-bico

Ponto 35 – Inf. A: Picareta

Carta 305 (131 ocorrências)	Mulher	Homem
enxada	63 (48,10%)	64 (48,86%)
cortadeira	1 (0,76%)	1 (0,76%)
traçador	1 (0,76%)	1 (0,76%)





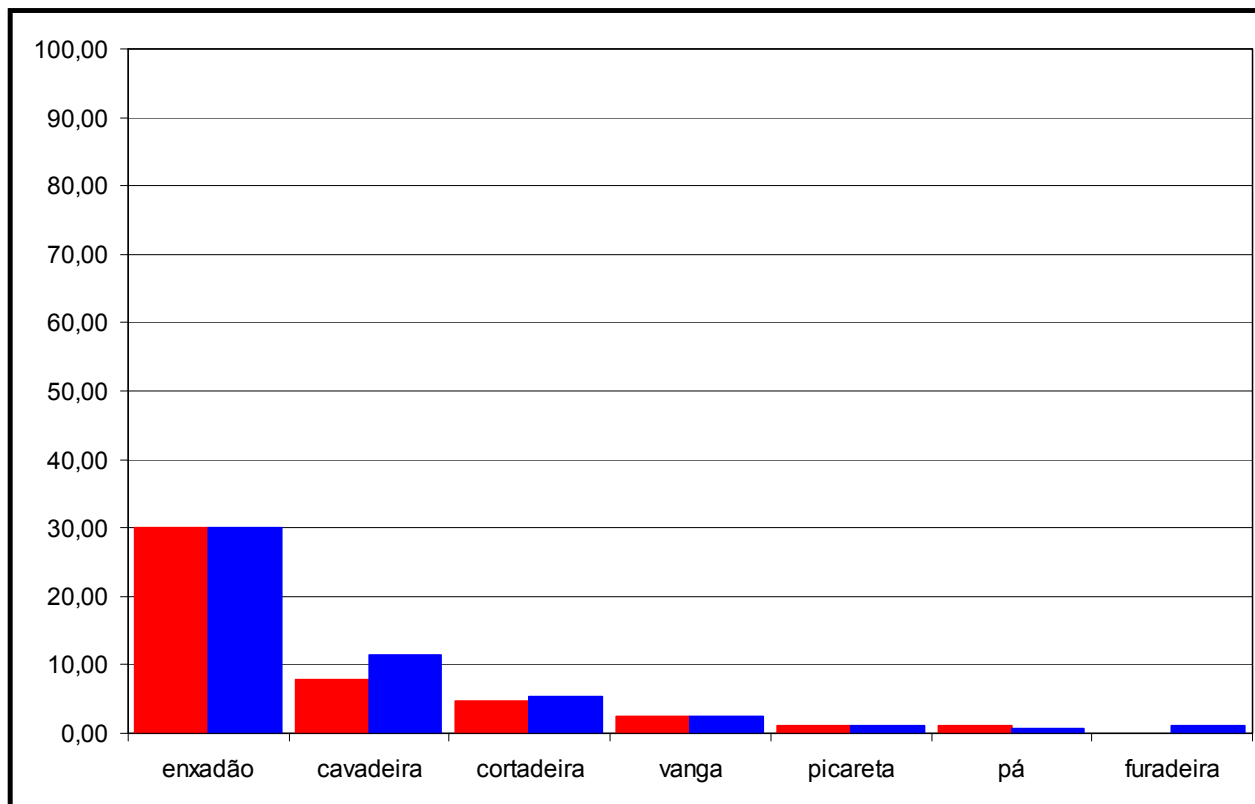
Ocorrências Únicas – Carta 306

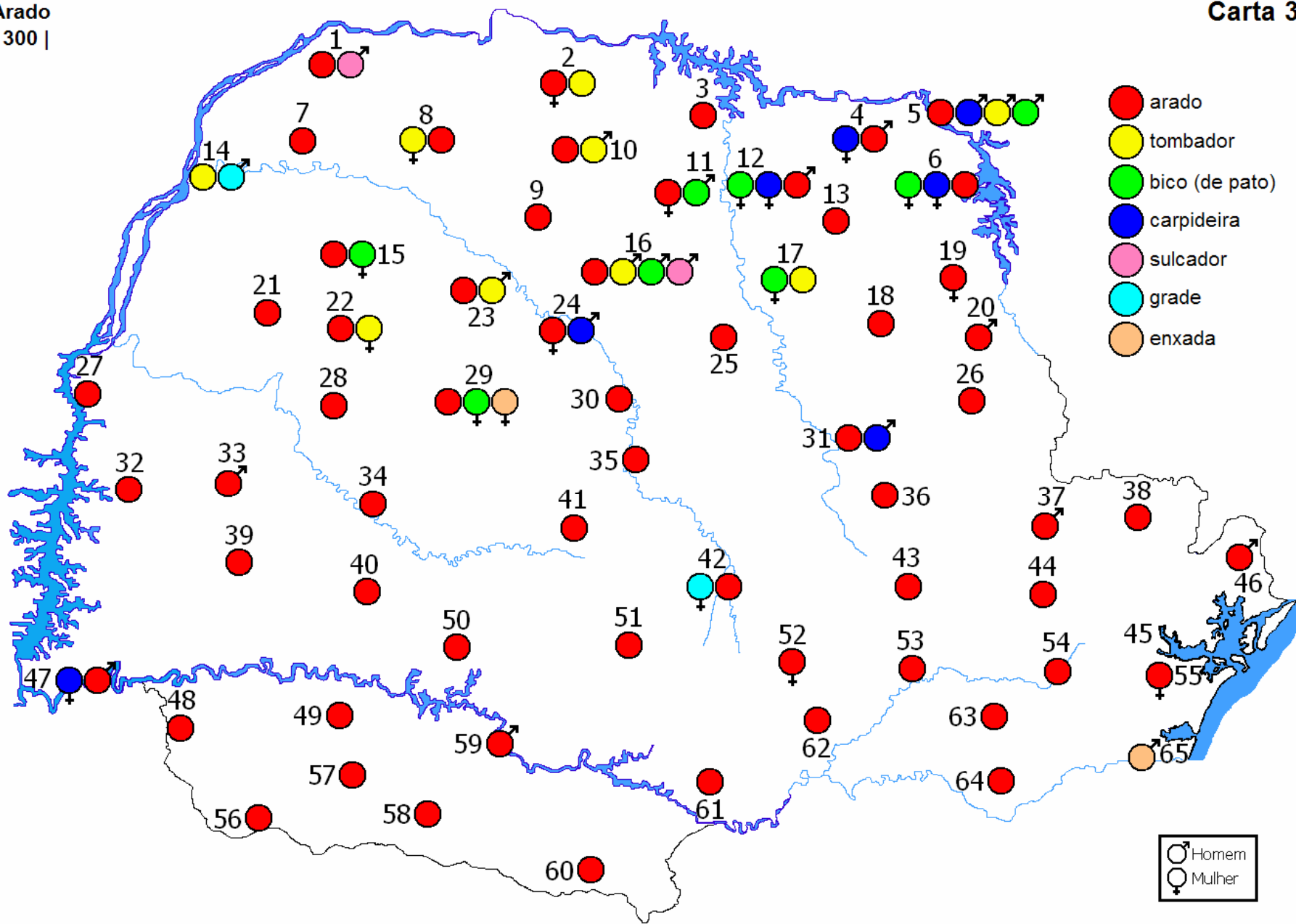
Ponto 26 – Inf. A: Saraquá

Ponto 37 – Inf. B: Boca de burro

Ponto 44 – Inf. A: Picão

Carta 306 (166 ocorrências)	Mulher	Homem
enxada	50 (30,12%)	50 (30,12%)
cavadeira	13 (7,83%)	19 (11,45%)
cortadeira	8 (4,82%)	9 (5,42%)
vanga	4 (2,42%)	4 (2,42%)
picareta	2 (1,20%)	2 (1,20%)
pá	2 (1,20%)	1 (0,60%)
furadeira	0	2 (1,20%)



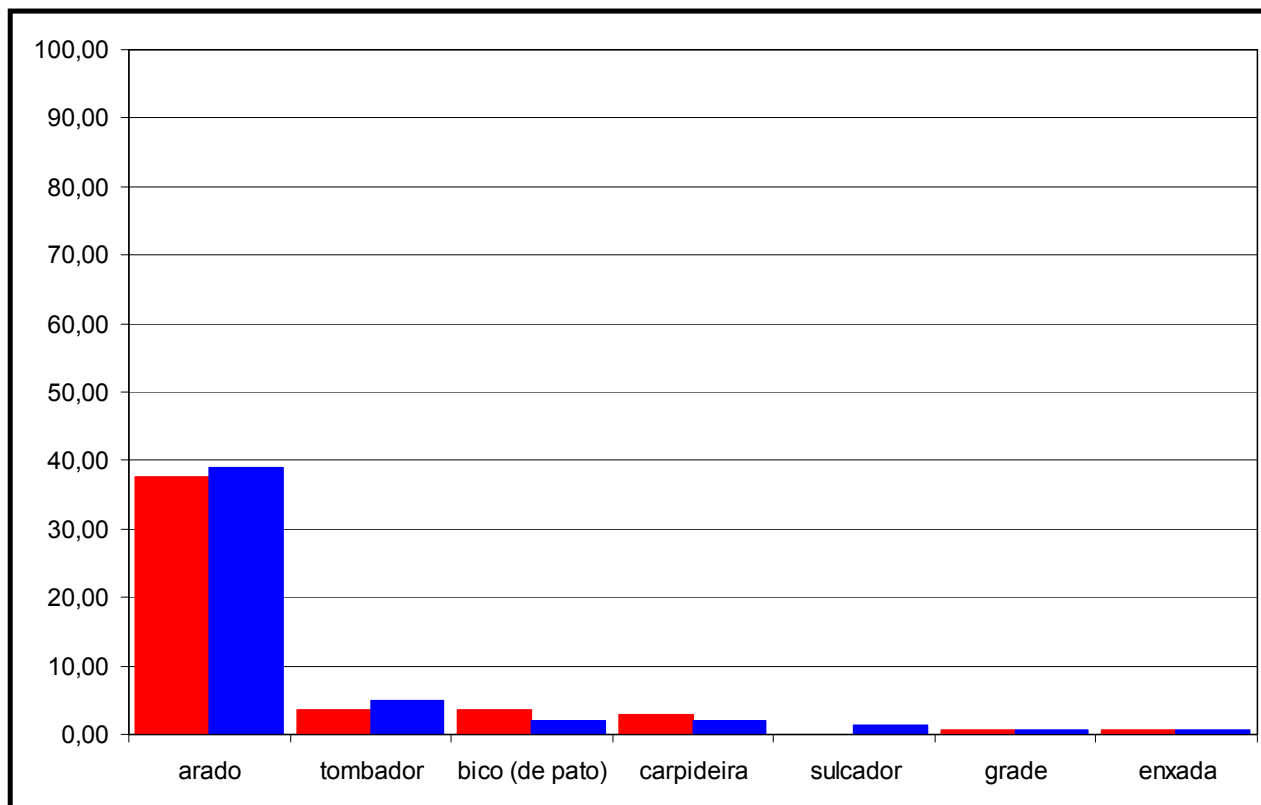


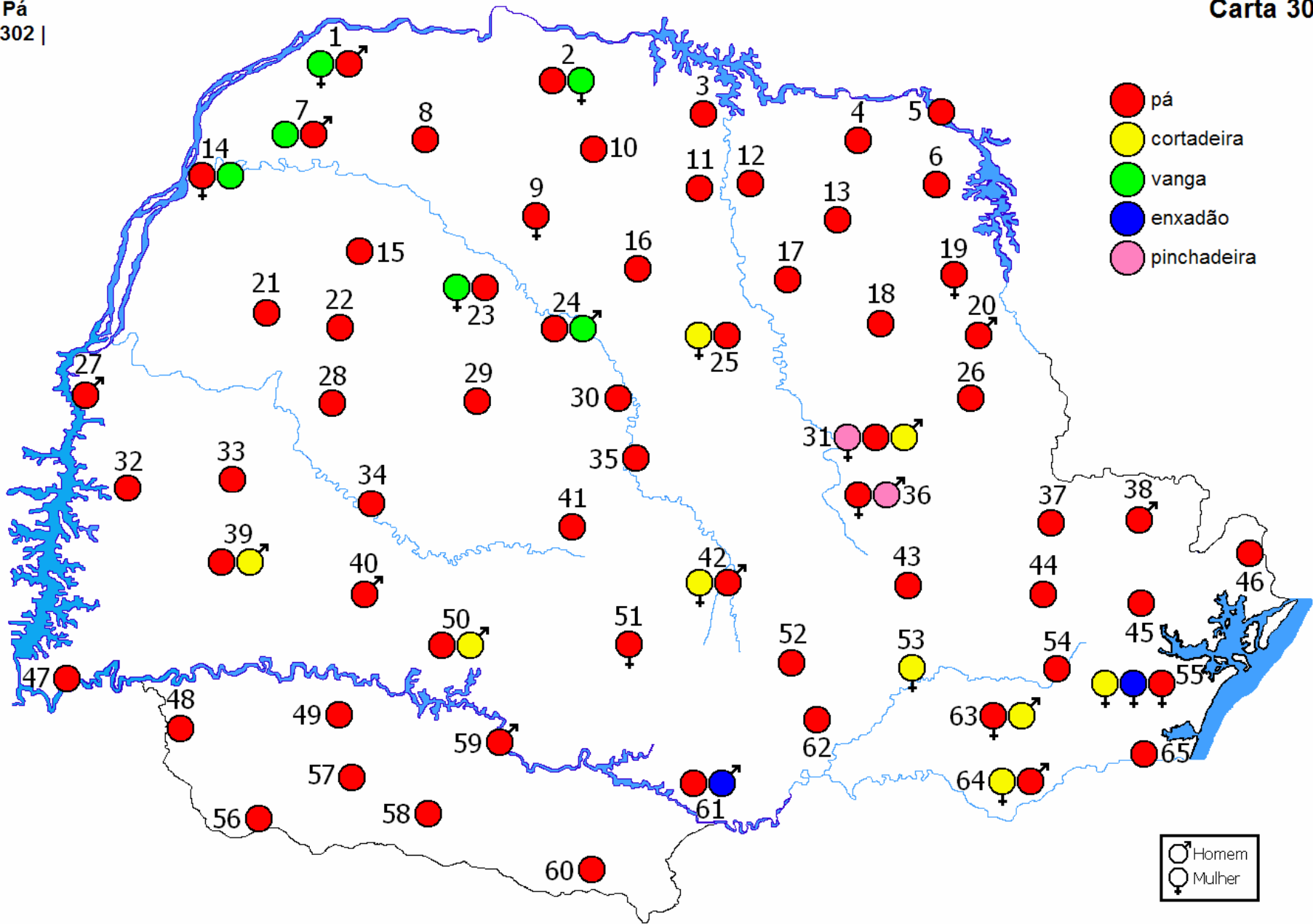
Ocorrências Únicas – Carta 307

Ponto 40 – Inf. A: Cortadeira

Ponto 42 – Inf. B: Vira terra

Carta 307 (141 ocorrências)	Mulher	Homem
arado	53 (37,59%)	55 (39,01%)
tombador	5 (3,55%)	7 (4,96%)
bico (de pato)	5 (3,55%)	3 (2,12%)
carpideira	4 (2,84%)	3 (2,12%)
sulcador	0	2 (1,42%)
grade	1 (0,71%)	1 (0,71%)
enxada	1 (0,71%)	1 (0,71%)





Ocorrências Únicas – Carta 308

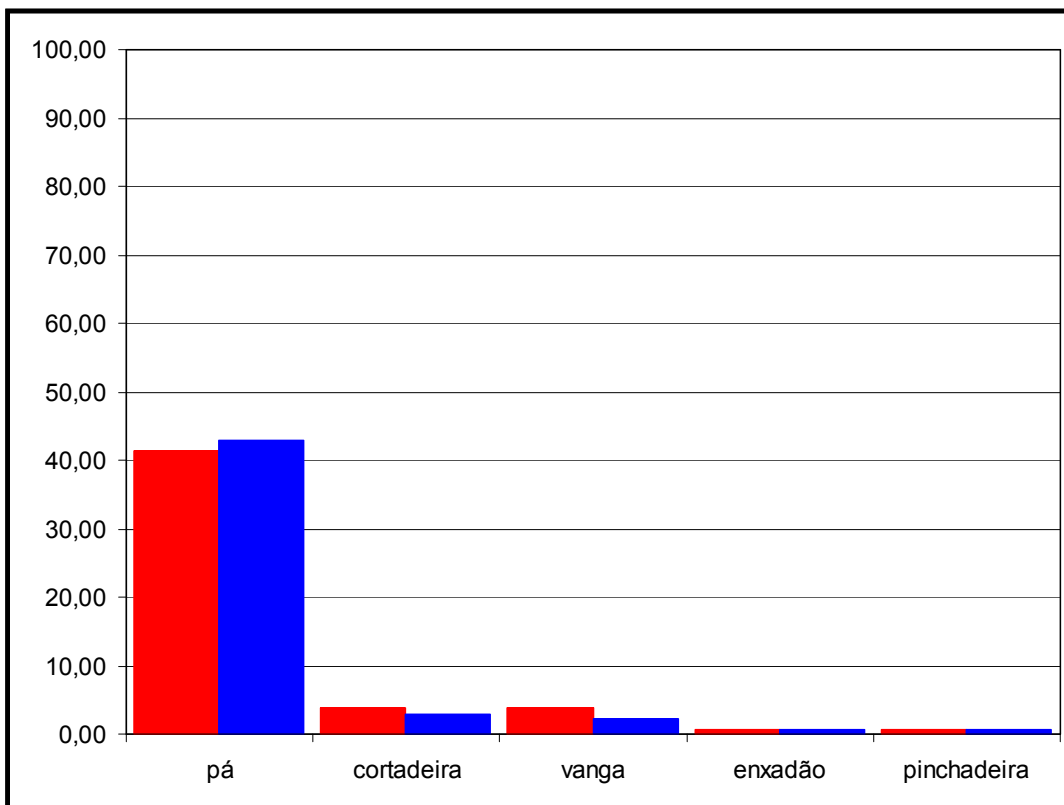
Ponto 07 – Inf. A: Colher de areia

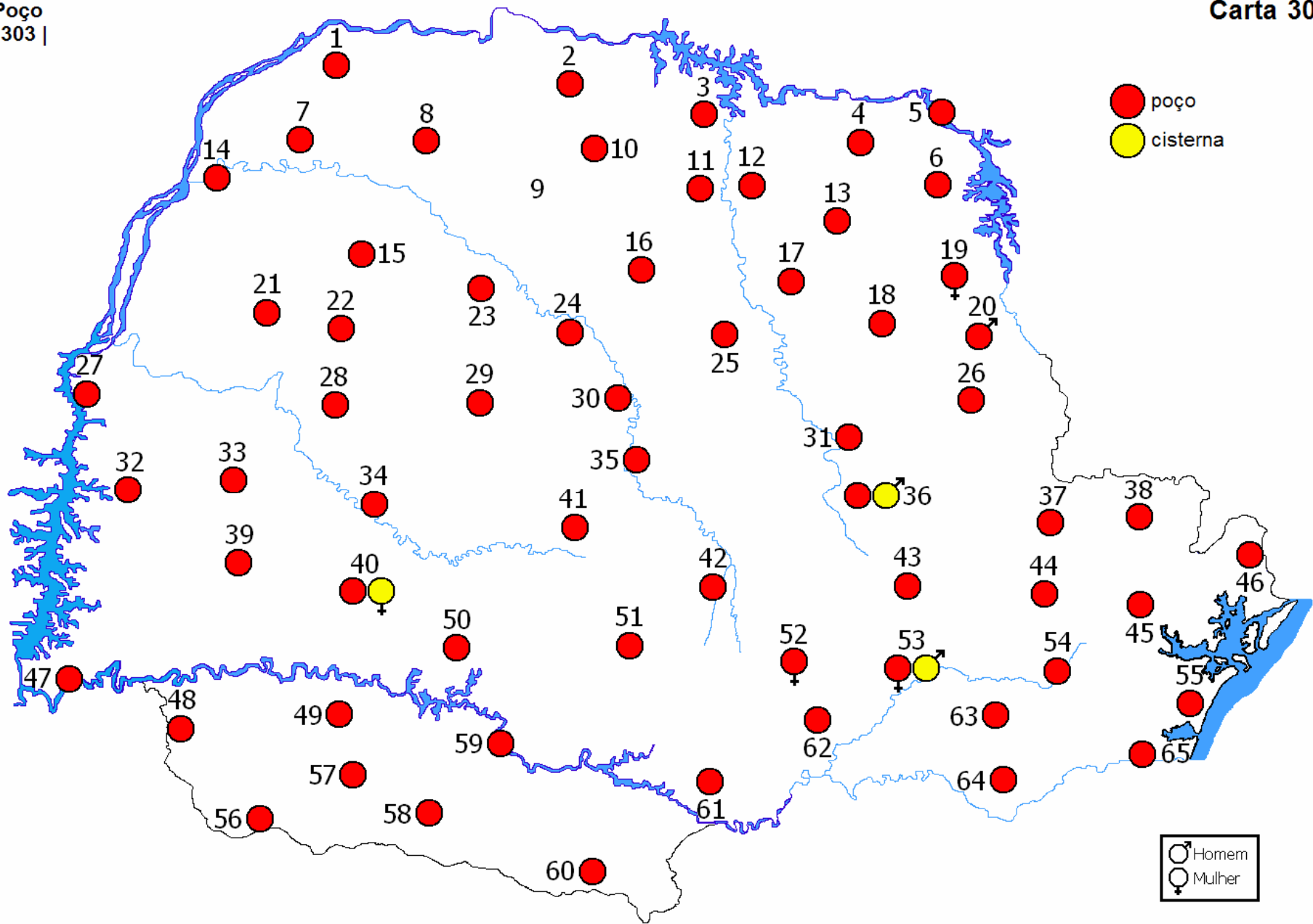
Ponto 30 – Inf. B: Sacho

Ponto 53 – Inf. B: Cavadeira

Ponto 56 – Inf. B: Picão

Carta 308 (133 ocorrências)	Mulher	Homem
pá	55 (41,35%)	57 (42,86%)
cortadeira	5 (3,76%)	4 (3,01%)
vanga	5 (3,76%)	3 (2,26%)
enxada	1 (0,75%)	1 (0,75%)
pinchadeira	1 (0,75%)	1 (0,75%)





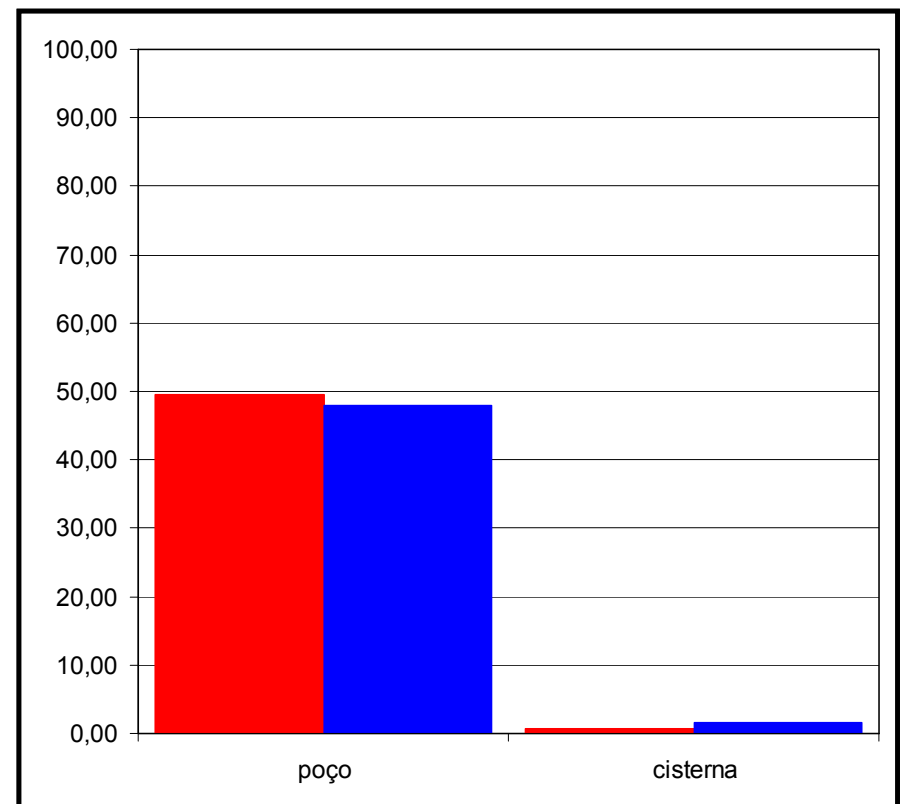
Ocorrências Únicas – Carta 309

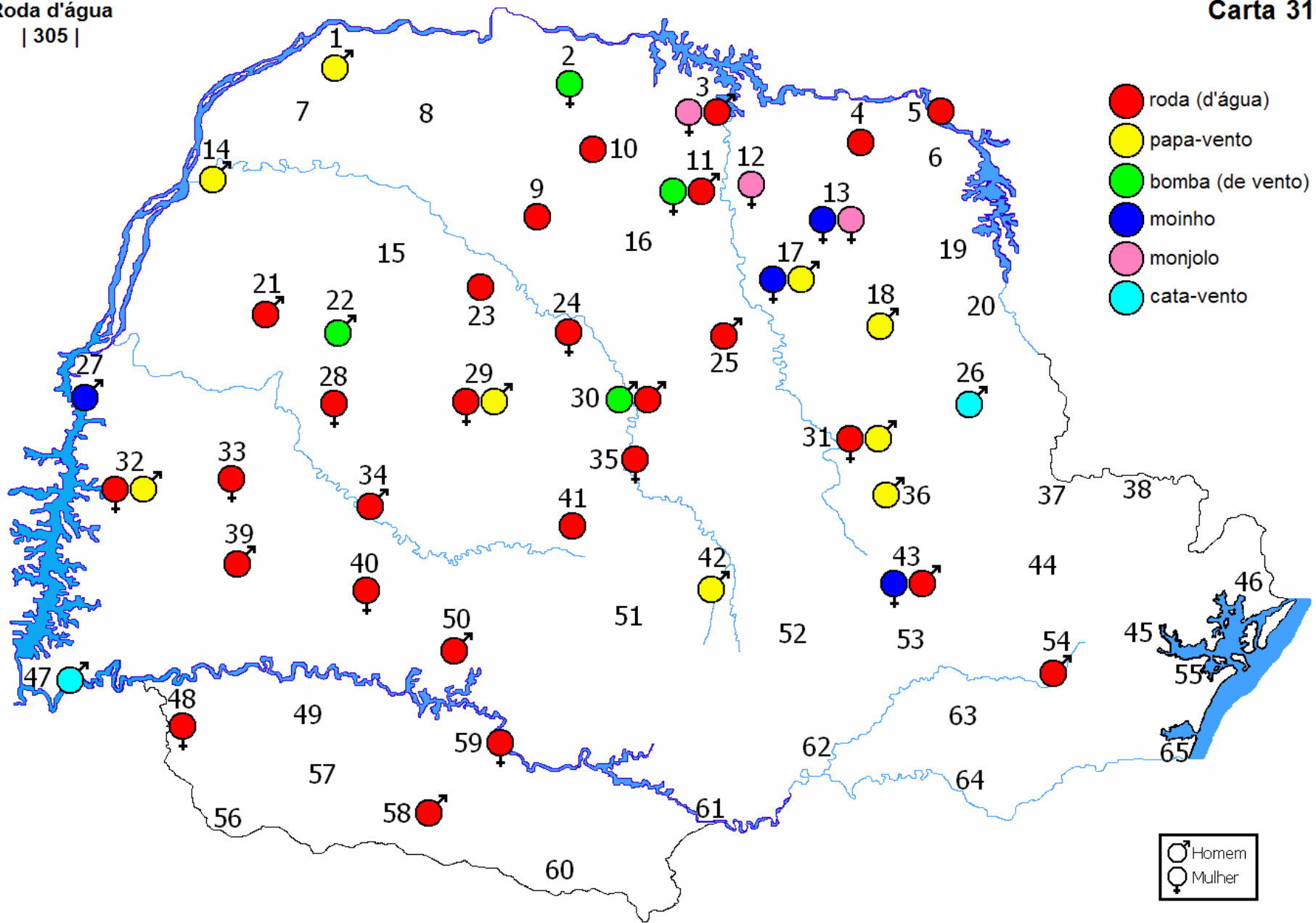
Ponto 09 – Inf. A: Buraco

Ponto 23 – Inf. B: Mina

Ponto 40 – Inf. A: Olho d'água

Carta 309 (127 ocorrências)	Mulher	Homem
poço	63 (49,61%)	61 (48,03%)
cisterna	1 (0,79%)	2 (1,57%)





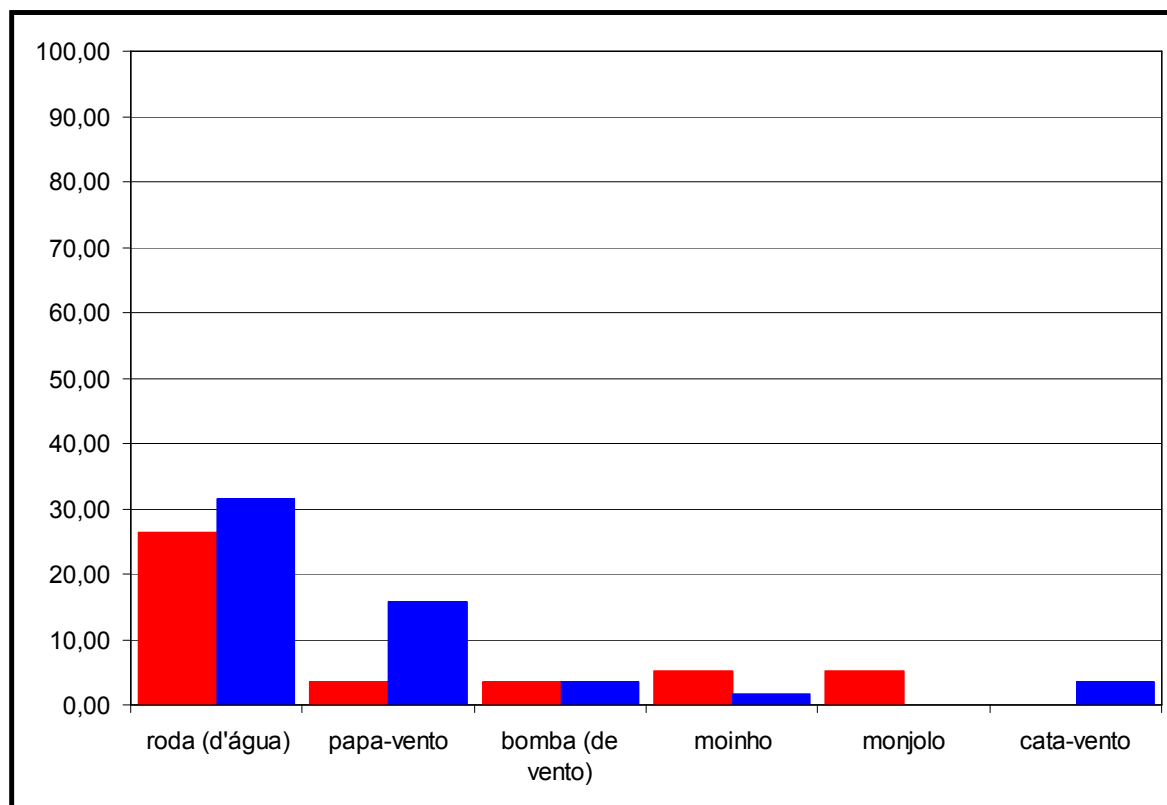
Ocorrências Únicas – Carta 310

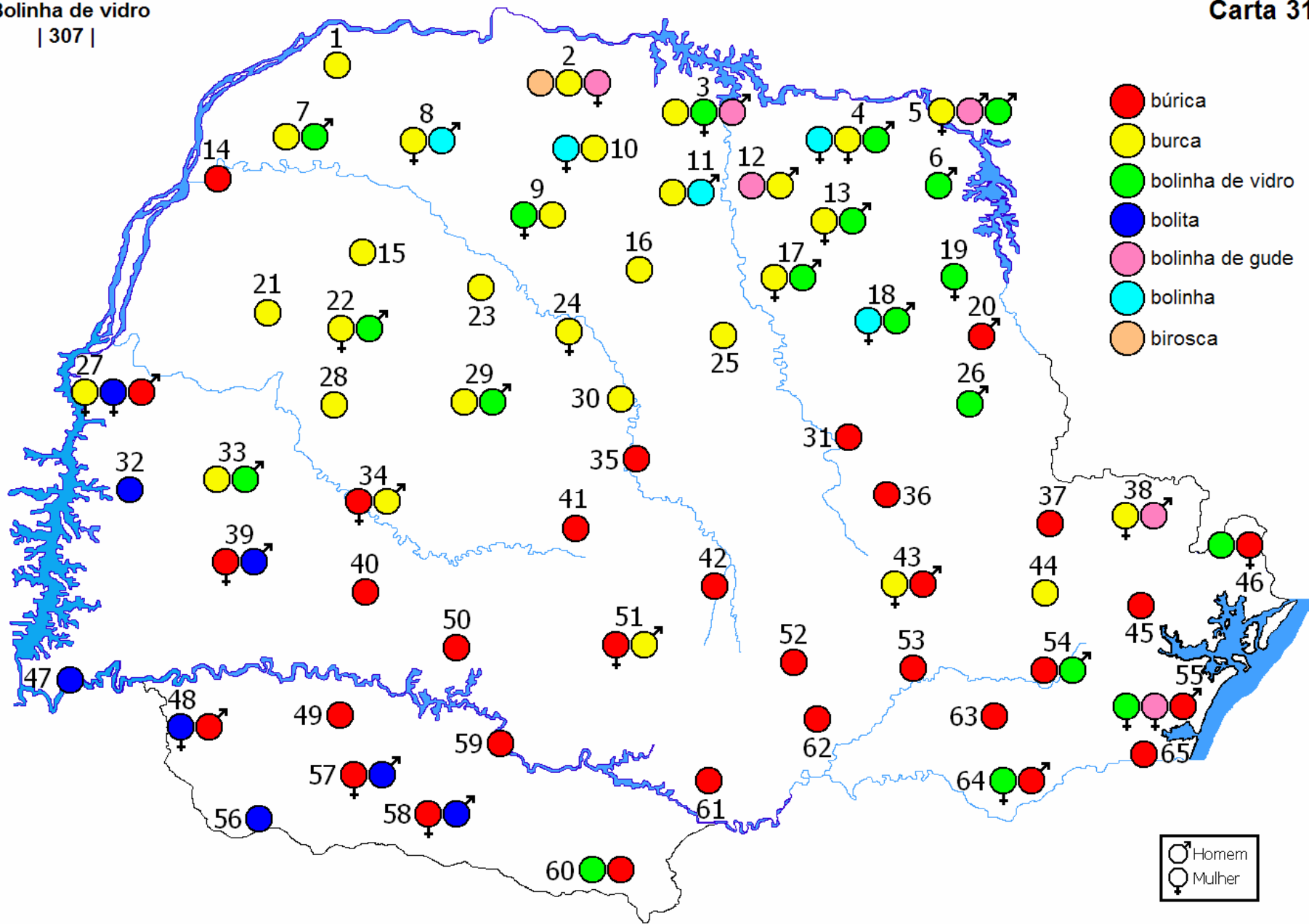
Ponto 02 – Inf. B: Roda vento

Ponto 08 – Inf. B: Toca vento

Ponto 55 – Inf. A: Engenho

Carta 310 (57 ocorrências)	Mulher	Homem
roda (d'água)	15 (26,32%)	18 (31,58%)
papa-vento	2 (3,51%)	9 (15,79%)
bomba (de vento)	2 (3,51%)	2 (3,51%)
moinho	3 (5,26%)	1 (1,75%)
monjolo	3 (5,26%)	0
cata-vento	0	2 (3,51%)

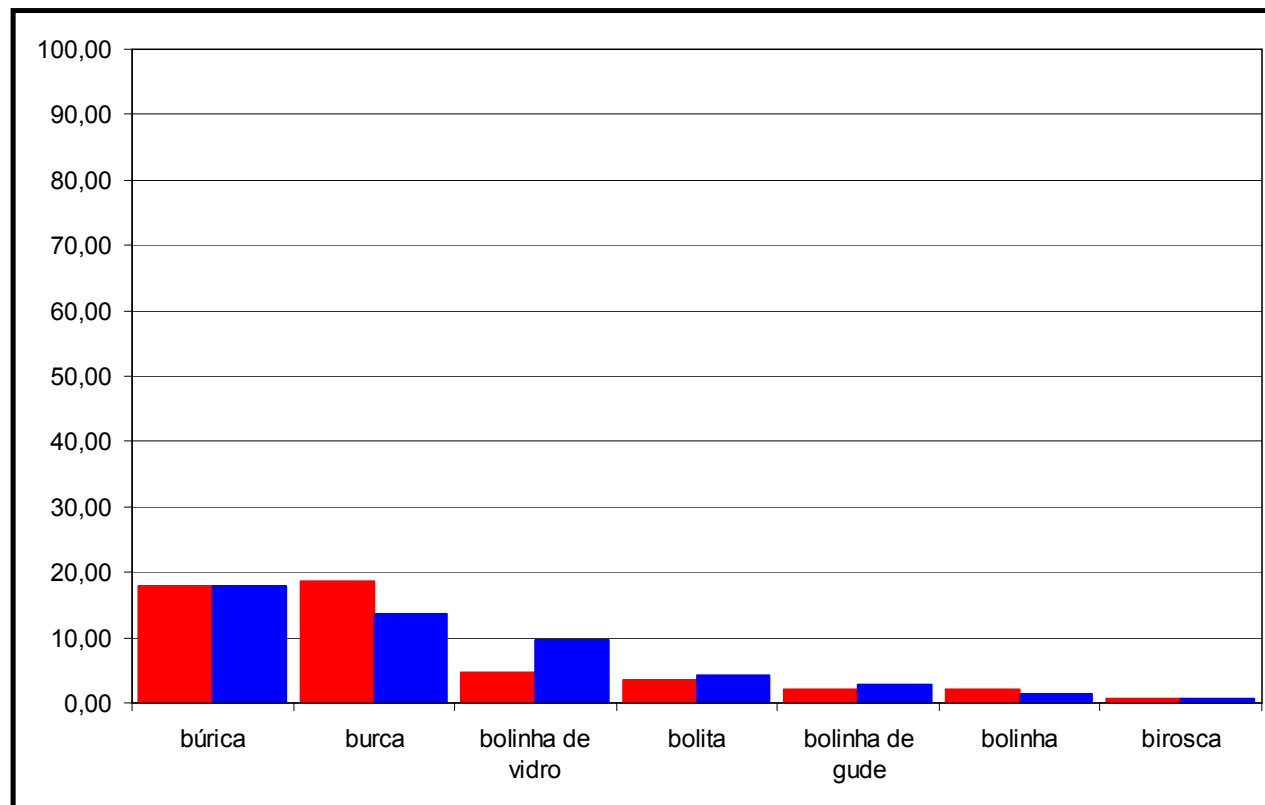


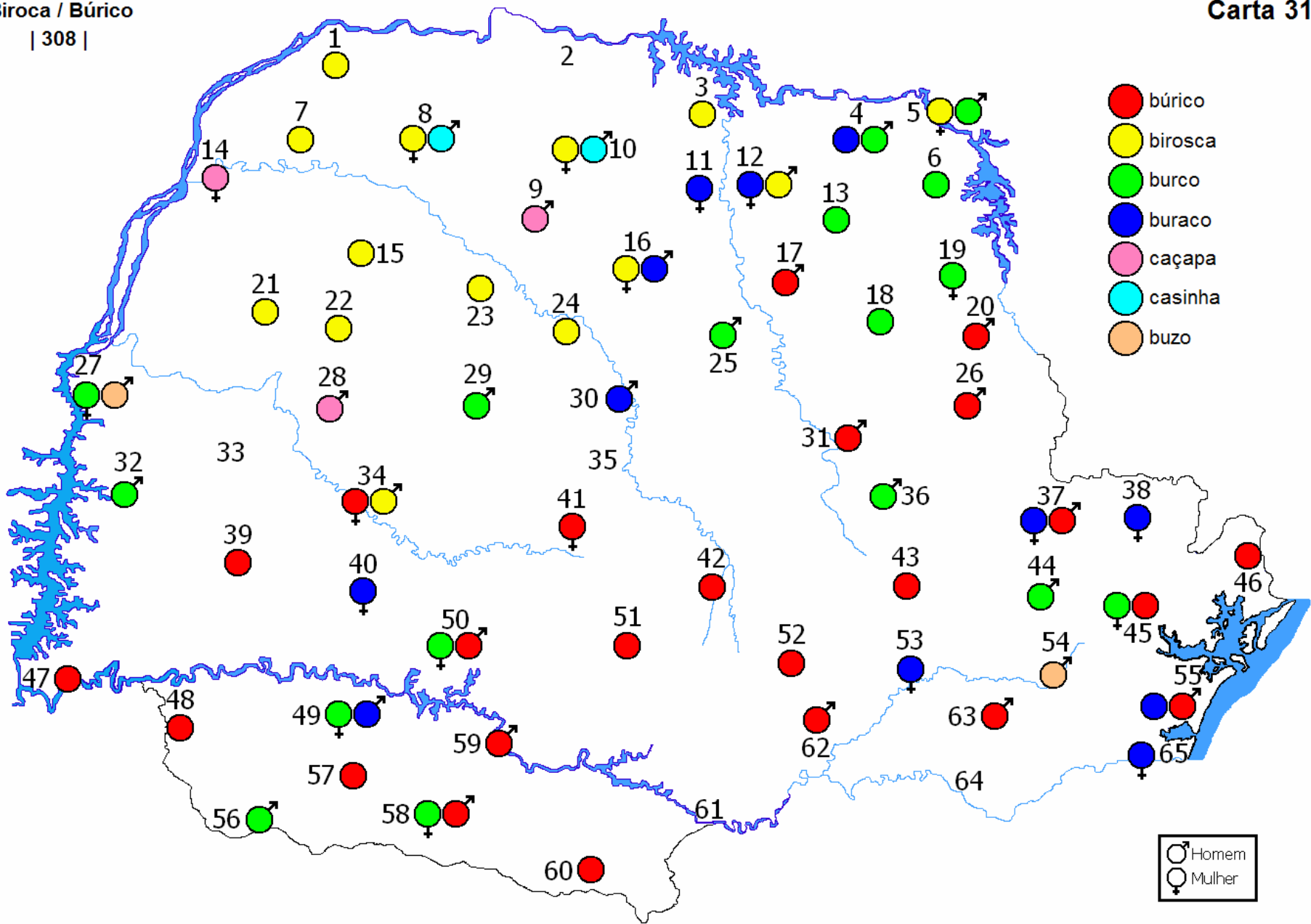


Ocorrências Únicas – Carta 311

Ponto 64 – Inf. A: Pêca
Ponto 64 – Inf. B: Pelote

Carta 311 (145 ocorrências)	Mulher	Homem
búrica	26 (17,93%)	26 (17,93%)
burca	27 (18,62%)	20 (13,78%)
bolinha de vidro	7 (4,83%)	14 (9,66%)
bolita	5 (3,45%)	6 (4,14%)
bolinha de gude	3 (2,07%)	4 (2,76%)
bolinha	3 (2,07%)	2 (1,38%)
birosca	1 (0,69%)	1 (0,69%)

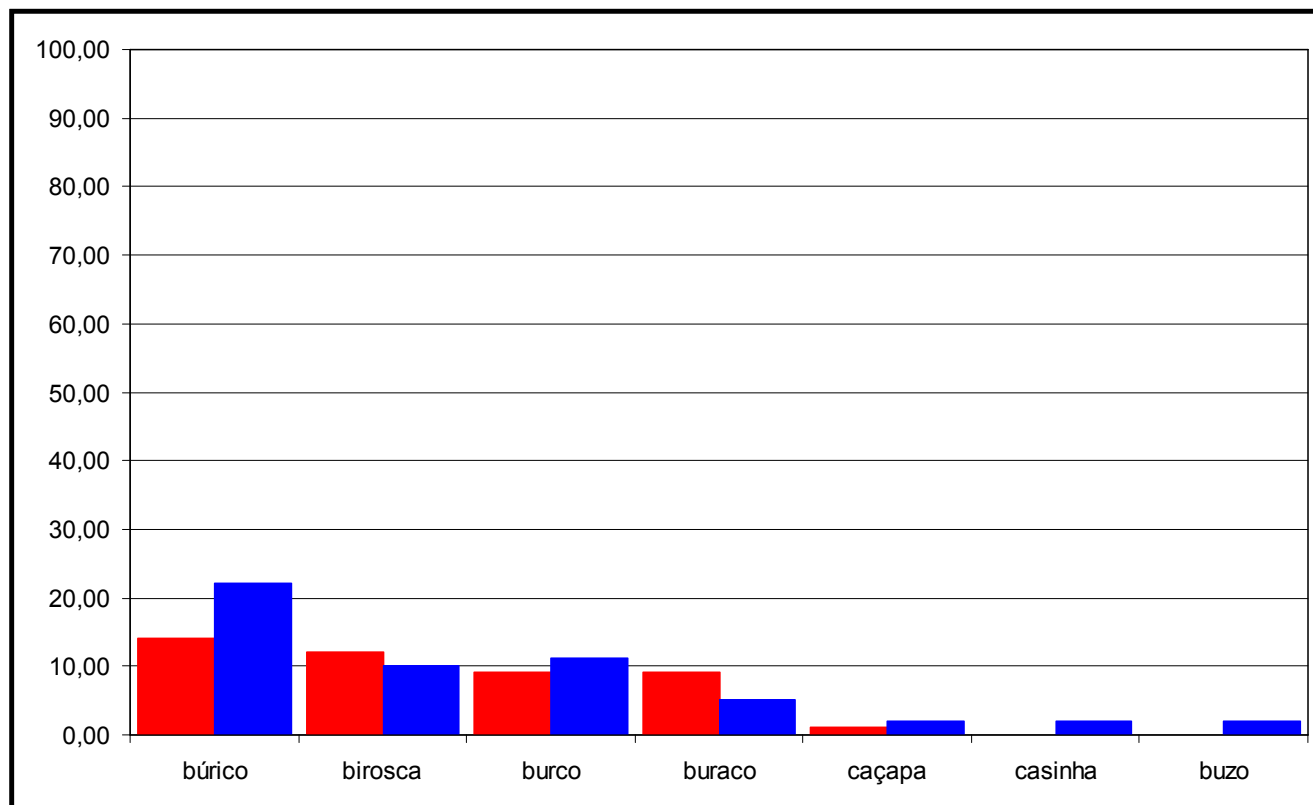


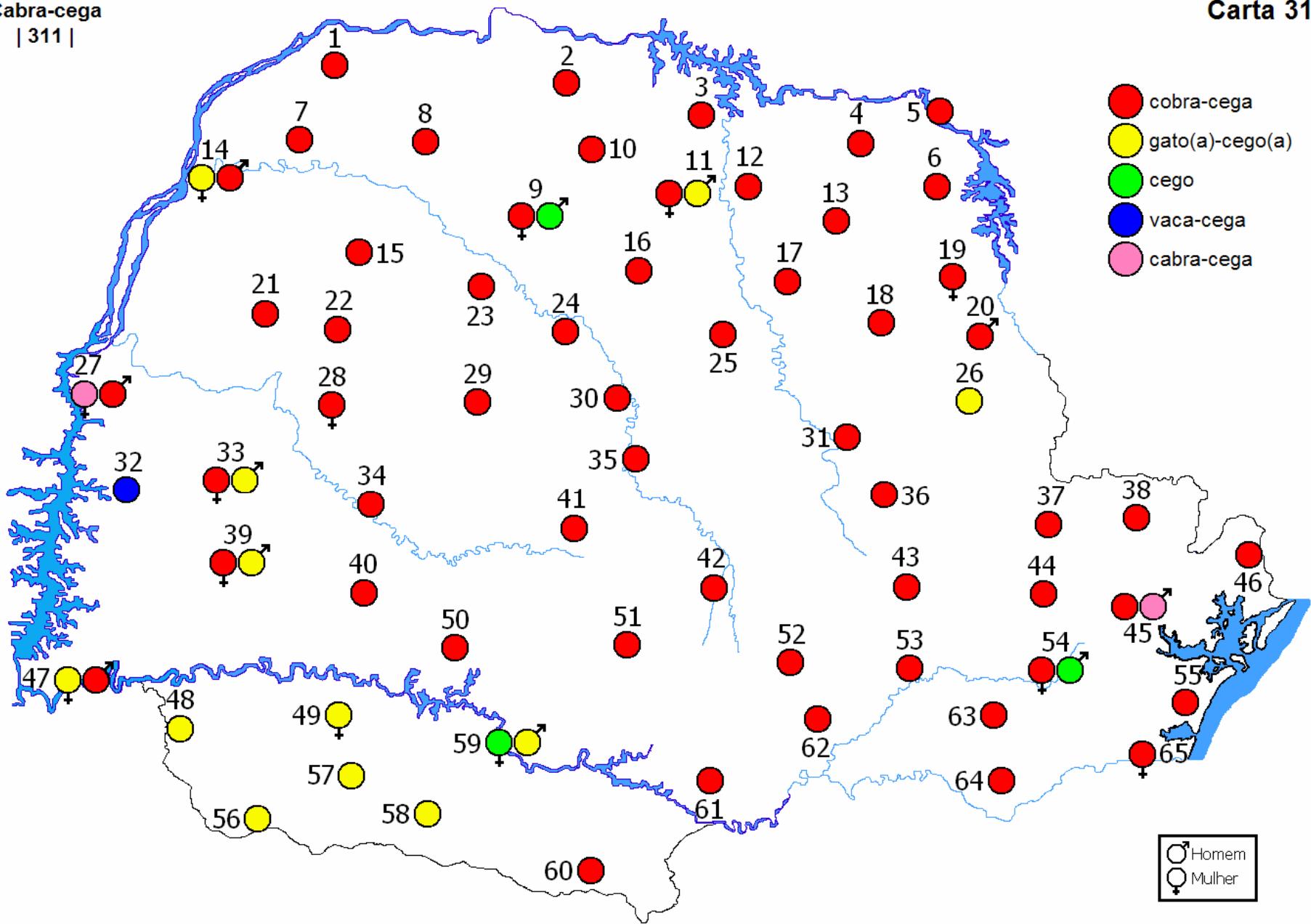


Ocorrências Únicas – Carta 312

Ponto 14 – Inf. B: Furo
Ponto 37 – Inf. A: Panelinha
Ponto 38 – Inf. B: Cova
Ponto 41 – Inf. B: Toca
Ponto 47 – Inf. B: Curral
Ponto 49 – Inf. B: Cancha
Ponto 53 – Inf. B: Centro
Ponto 54 – Inf. A: Poço
Ponto 56 – Inf. A: Box
Ponto 64 – Inf. B: Boca

Carta 312 (99 ocorrências)	Mulher	Homem
búrico	14 (14,14%)	22 (22,22%)
birosca	12 (12,12%)	10 (10,10%)
burco	9 (9,09%)	11 (11,11%)
buraco	9 (9,09%)	5 (5,05%)
caçapa	1 (1,01%)	2 (2,02%)
casinha	0	2 (2,02%)
buzo	0	2 (2,02%)



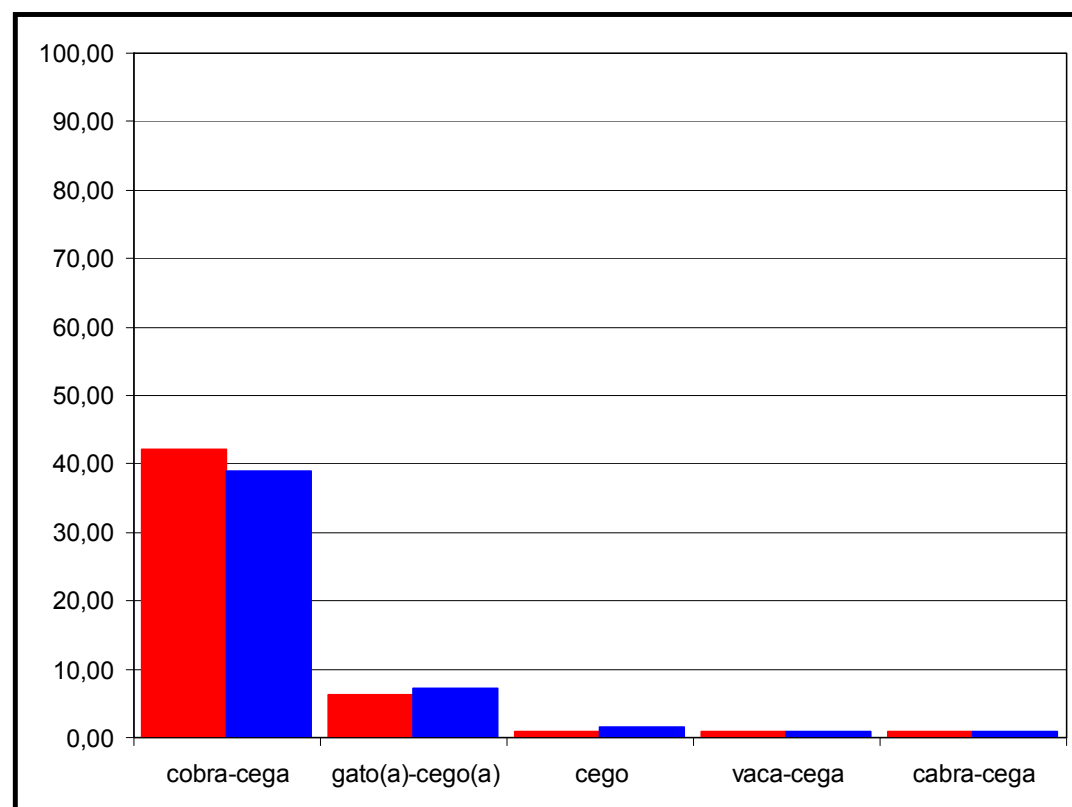


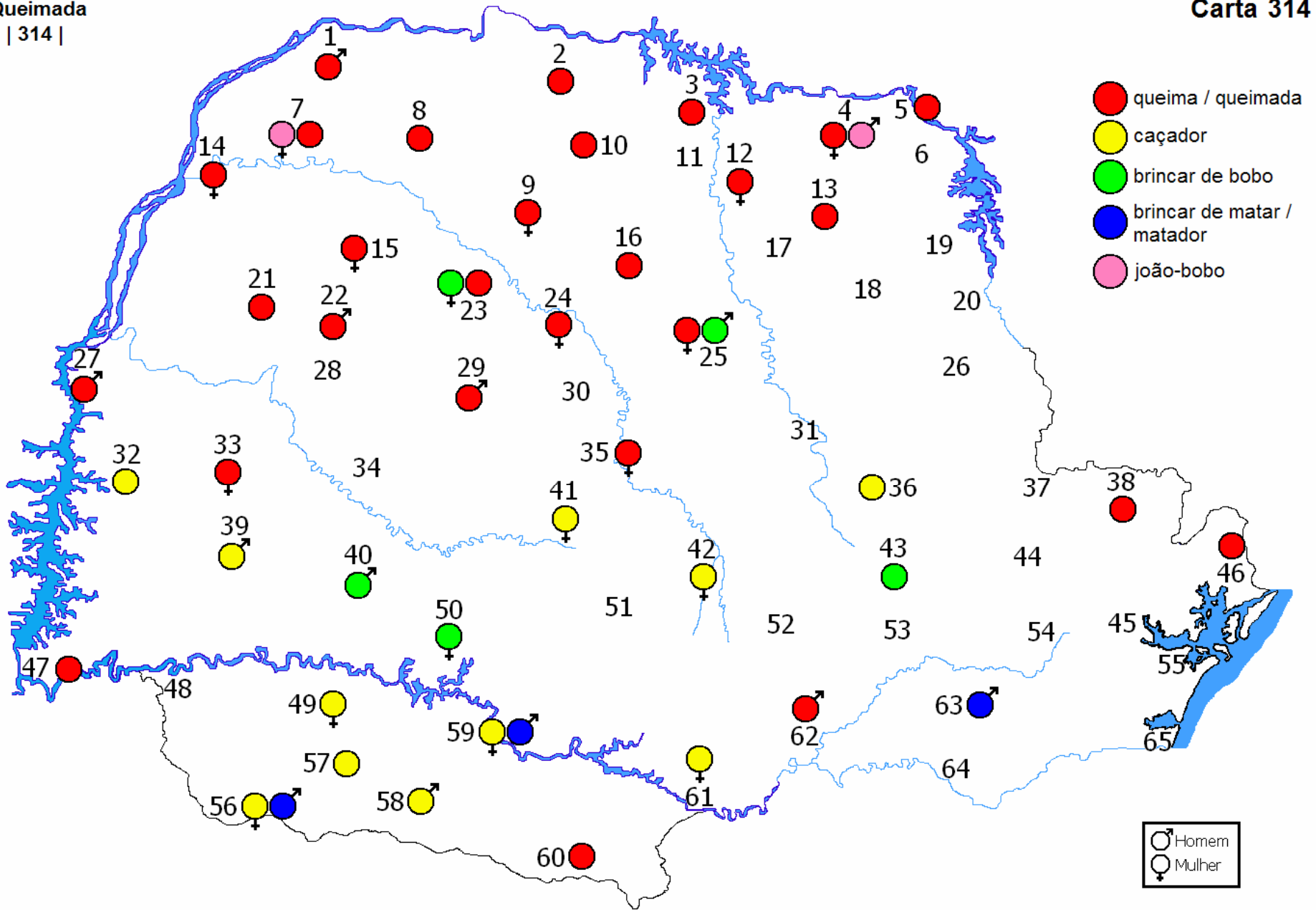
Ocorrências Únicas – Carta 313

Ponto 28 – Inf. B: Velha Cega

Ponto 57 – Inf. B: Maria Esconde

Carta 313 (126 ocorrências)	Mulher	Homem
cobra-cega	53 (42,06%)	49 (38,90%)
gato(a)-cego(a)	8 (6,35%)	9 (7,15%)
cego	1 (0,79%)	2 (1,59%)
vaca-cega	1 (0,79%)	1 (0,79%)
cabra-cega	1 (0,79%)	1 (0,79%)

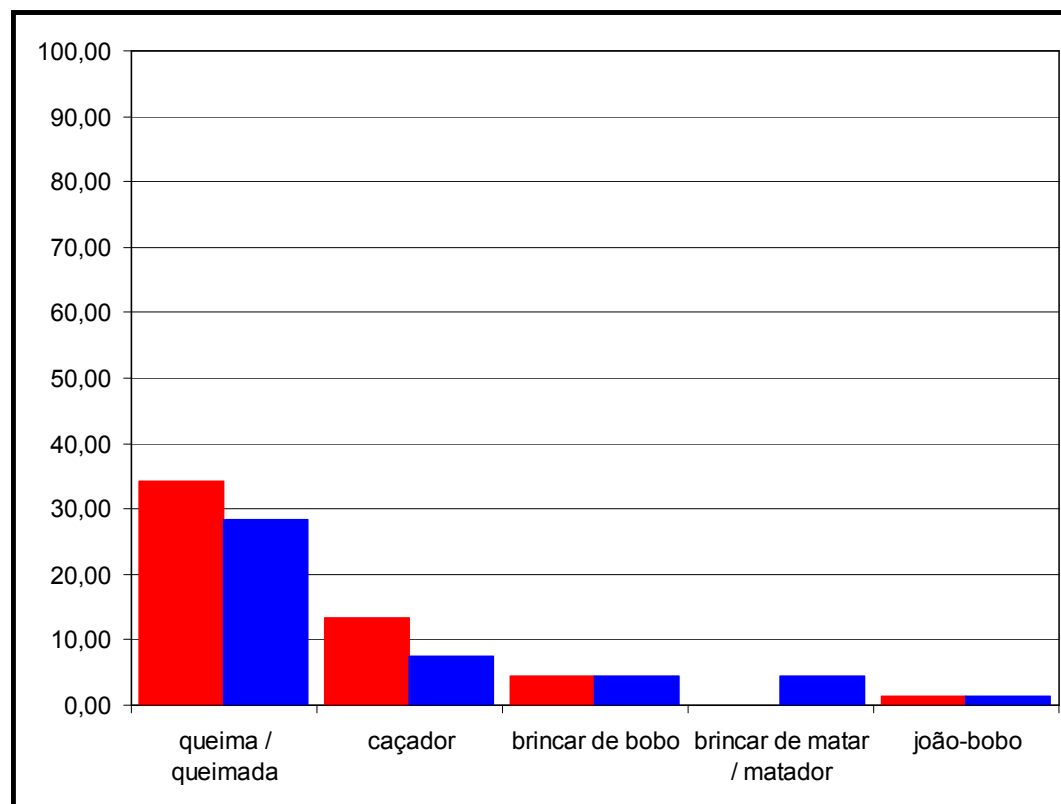


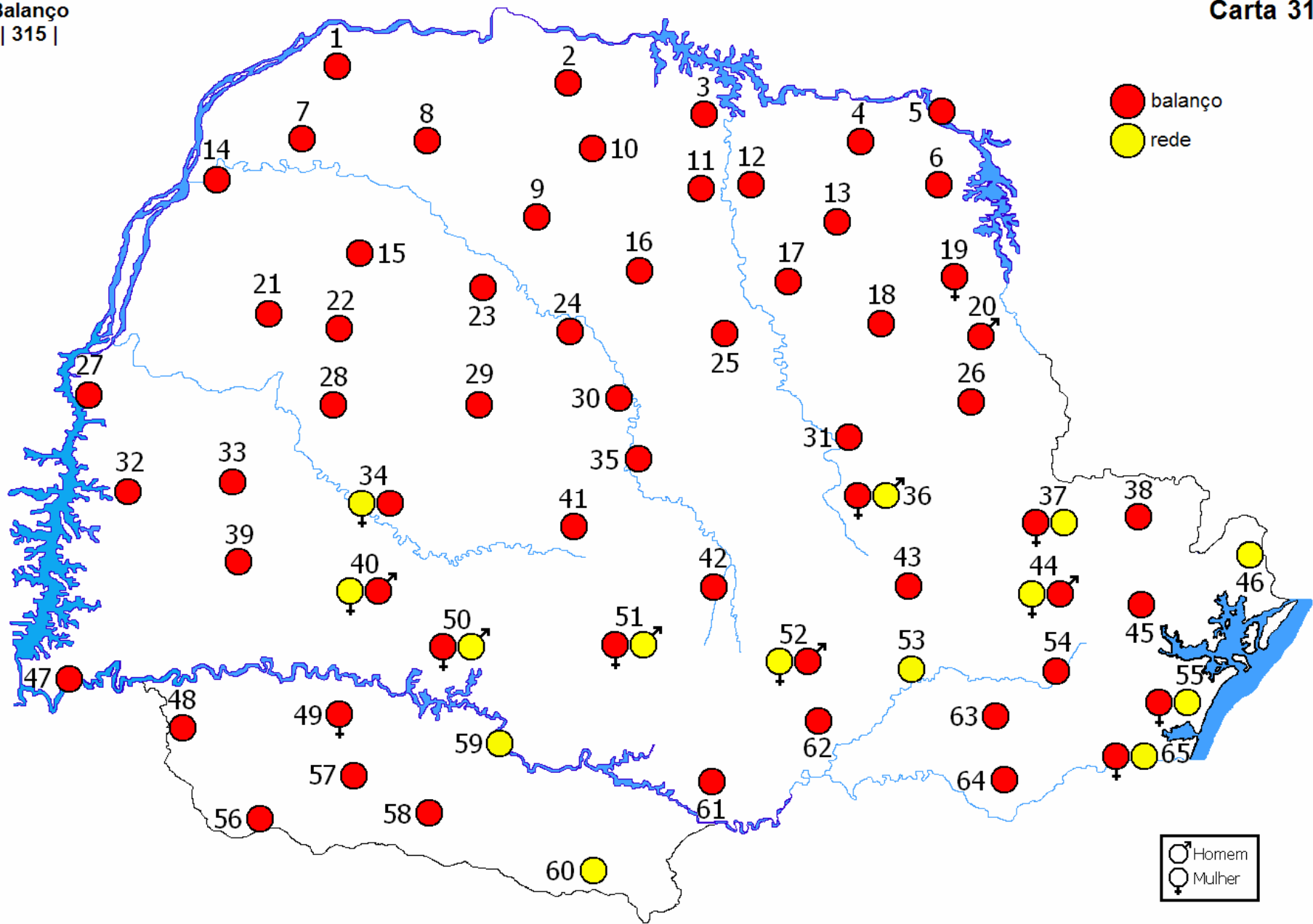


Ocorrências Únicas – Carta 314

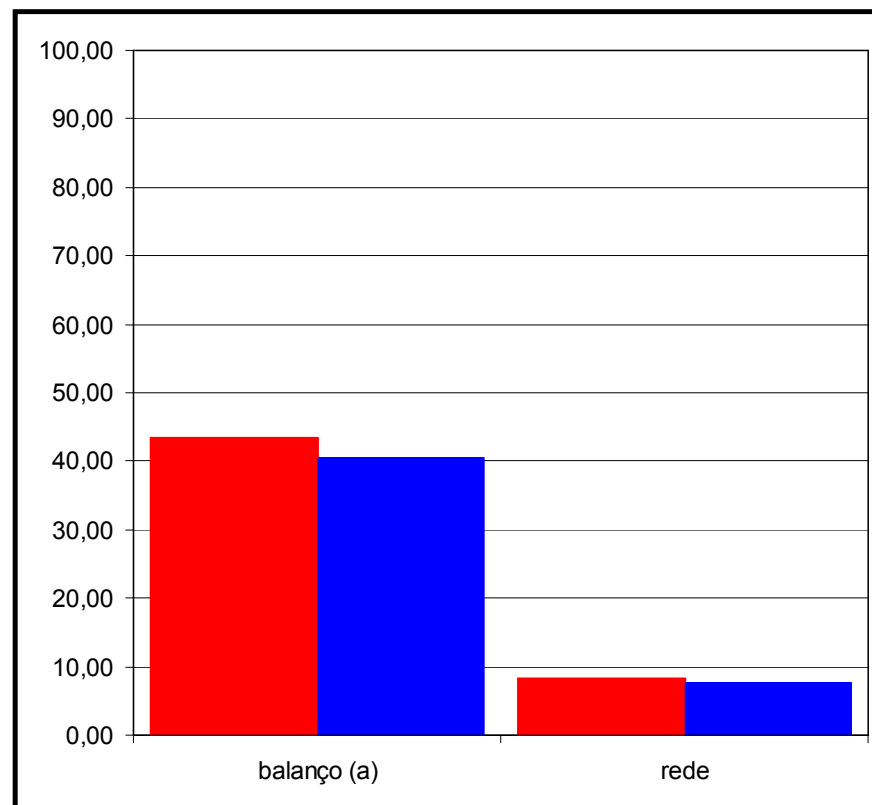
Ponto 09 – Inf. B: Barreira
Ponto 17 – Inf. A: Barra-bol
Ponto 18 – Inf. B: Brincar de carimbar
Ponto 25 – Inf. B: Mãe
Ponto 26 – Inf. A: Sapo sarmento
Ponto 27 – Inf. A: Macaco
Ponto 48 – Inf. A: Passador
Ponto 55 – Inf. B: Trinta-e-um
Ponto 64 – Inf. A: Brincar de pinchar a
bola no outro

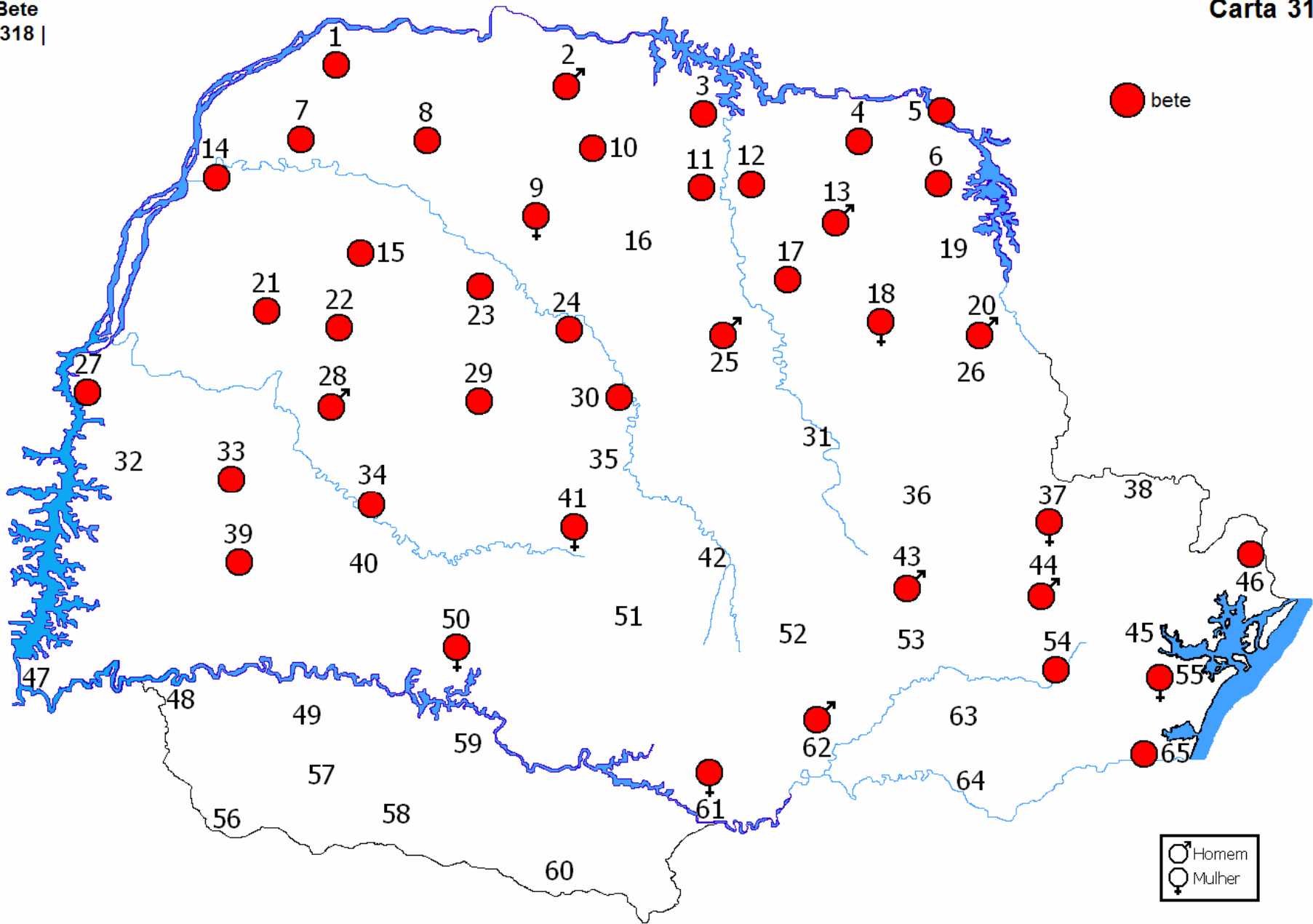
Carta 314 (67 ocorrências)	Mulher	Homem
queima / queimada	23 (34,33%)	19 (28,36%)
caçador	9 (13,43%)	5 (7,46%)
brincar de bobo	3 (4,48%)	3 (4,48%)
brincar de matar / matador	0	3 (4,48%)
joão-bobo	1 (1,49%)	1 (1,49%)





Carta 315 (131 ocorrências)	Mulher	Homem
balanço	57 (43,51%)	53 (40,46%)
rede	11 (8,40%)	10 (7,63%)



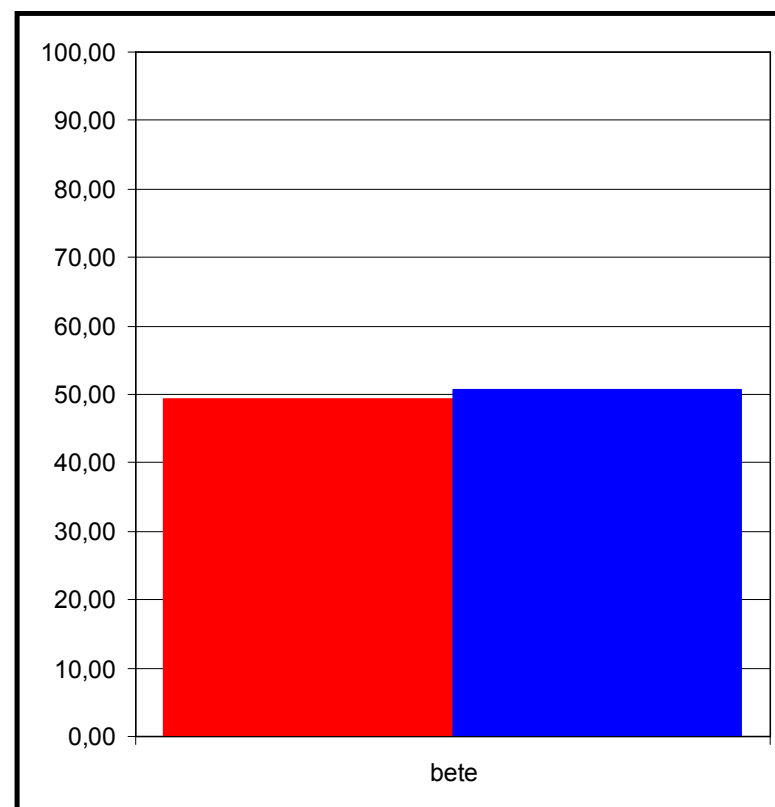


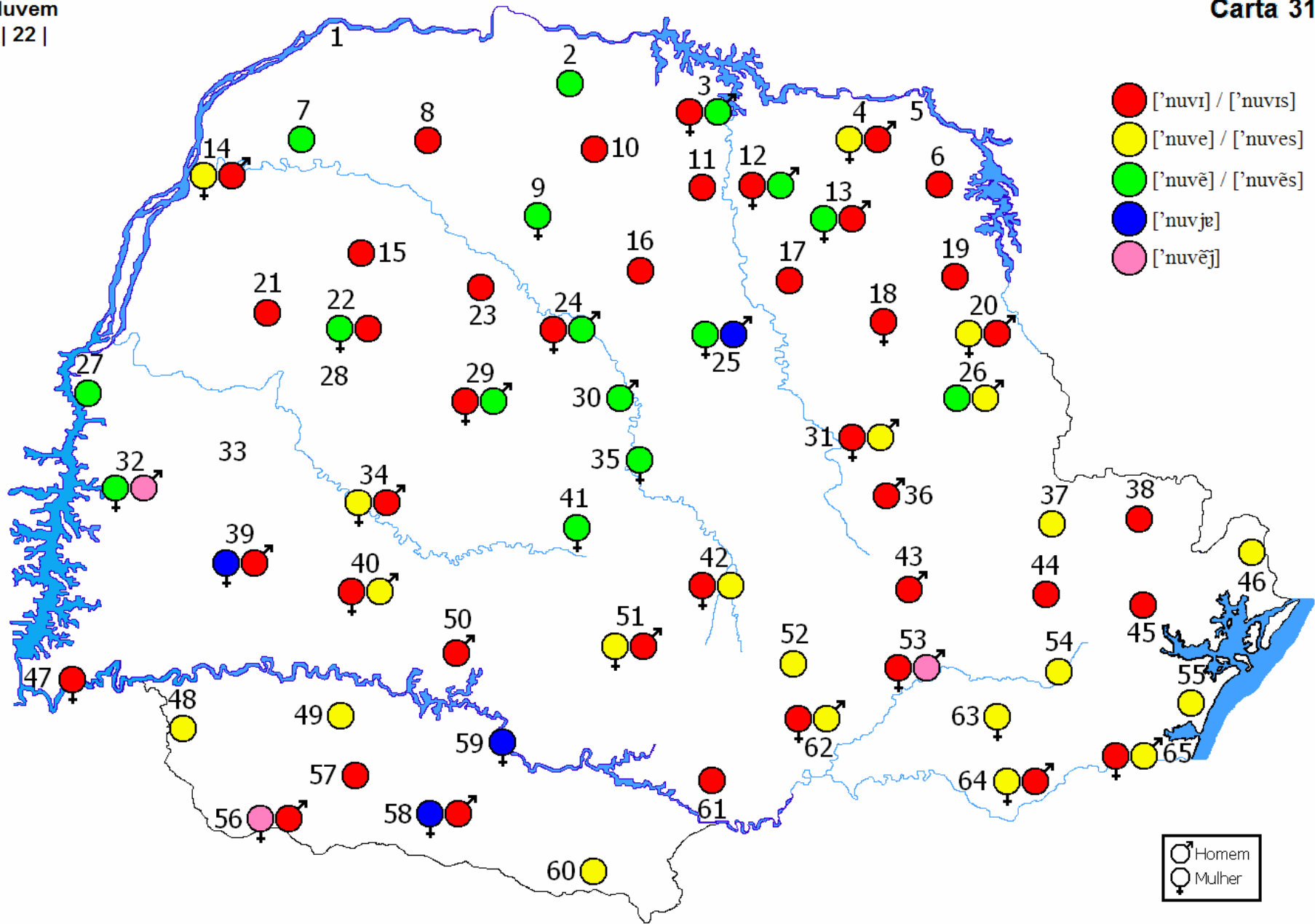
Ocorrências Únicas - Carta 316

Ponto 09 – Inf. B: Jogo de lata

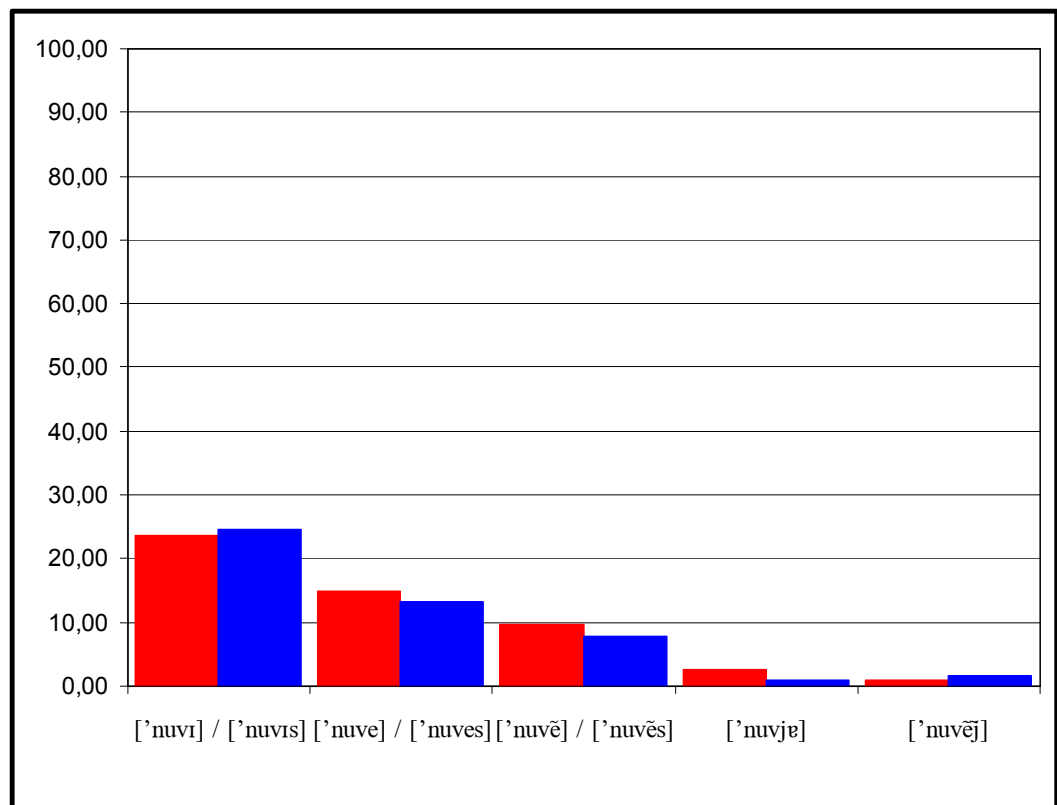
Ponto 38 – Inf. A: Brincar de taquinho

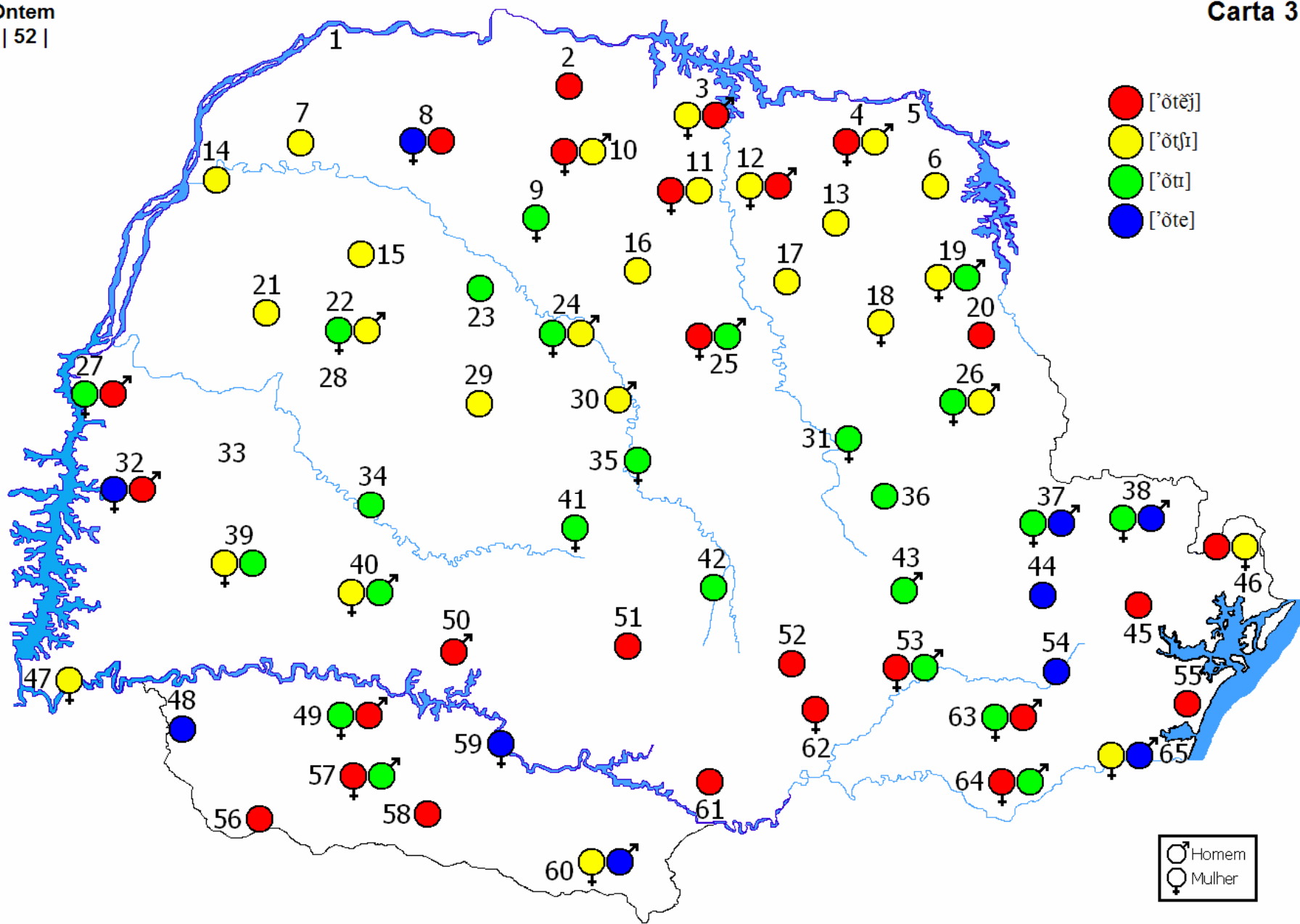
Carta 316 (67 ocorrências)	Mulher	Homem
bete	33 (49,25%)	34 (50,75%)



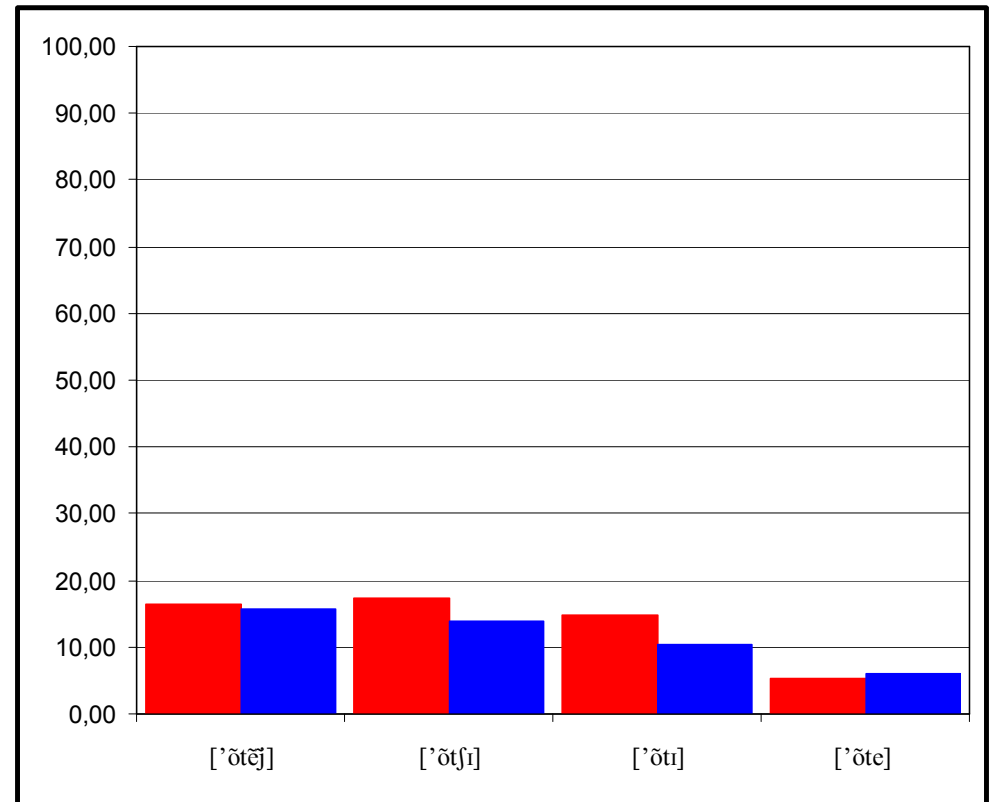


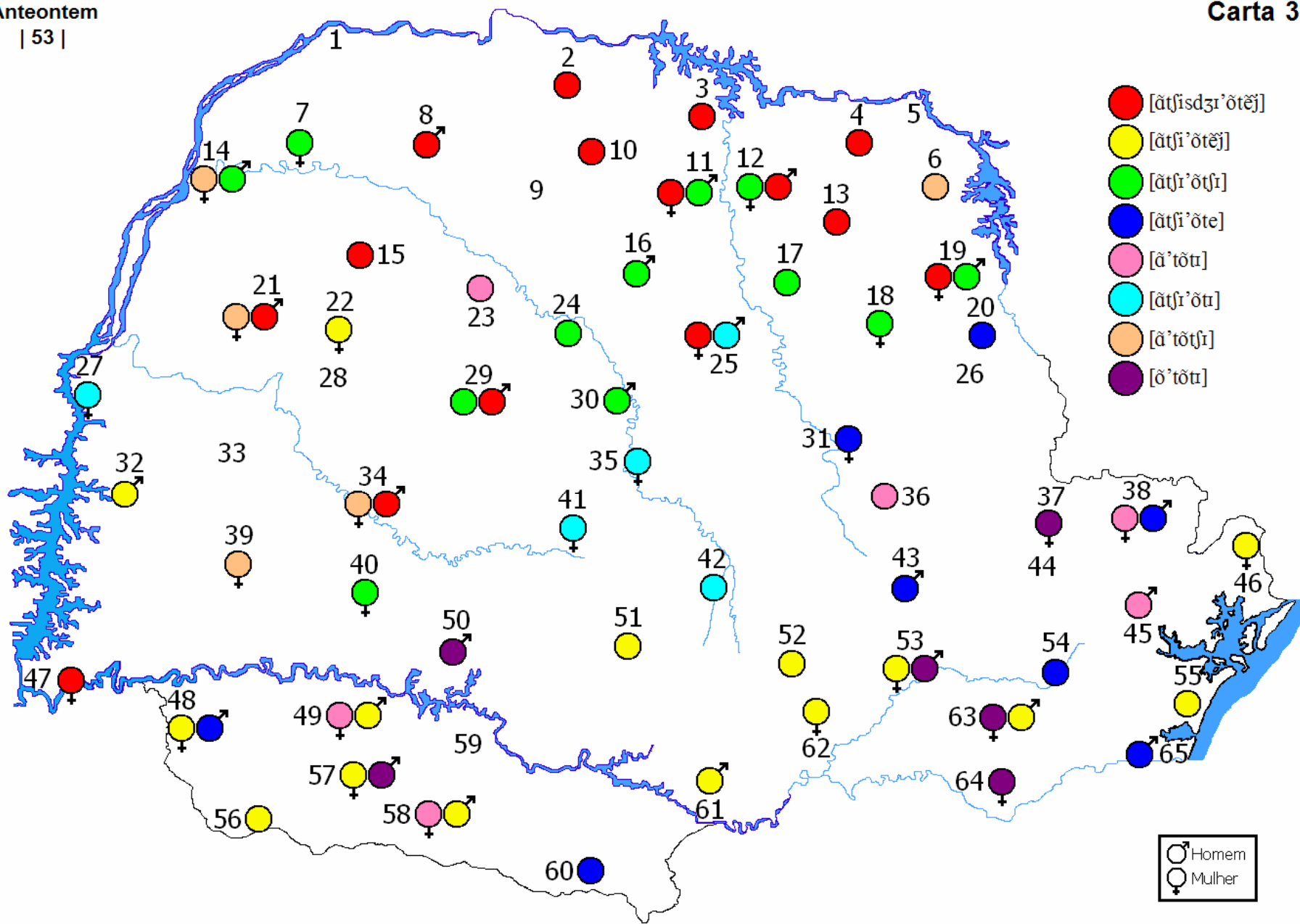
Carta 317 (114 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈnuvi] / [ˈnuvis]	27 (23,68%)	28 (24,56%)
[ˈnuve] / [ˈnuves]	17 (14,91%)	15 (13,16%)
[ˈnuvẽ] / [ˈnuvês]	11 (9,65%)	9 (7,89%)
[ˈnuvje]	3 (2,63%)	1 (0,88%)
[ˈnuvẽj]	1 (0,88%)	2 (1,76%)



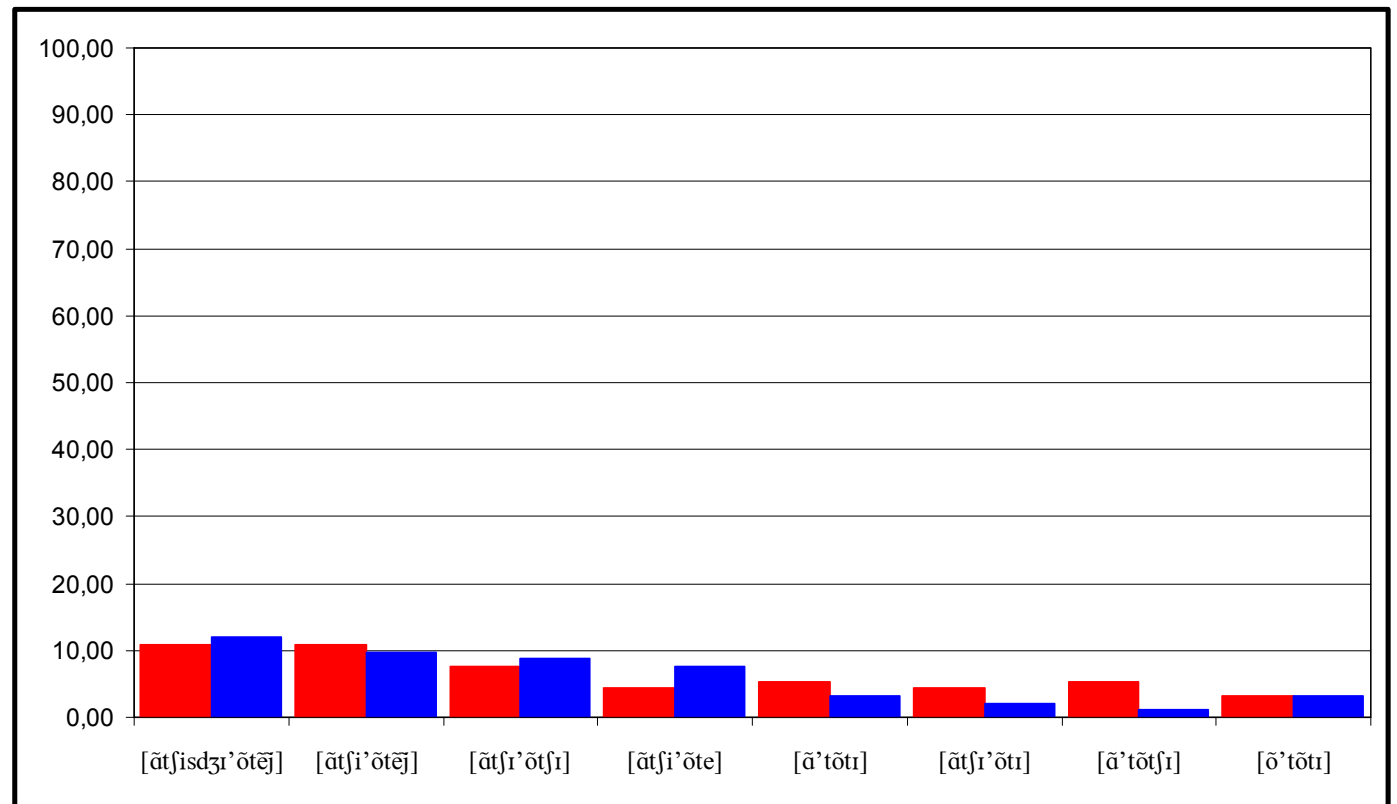


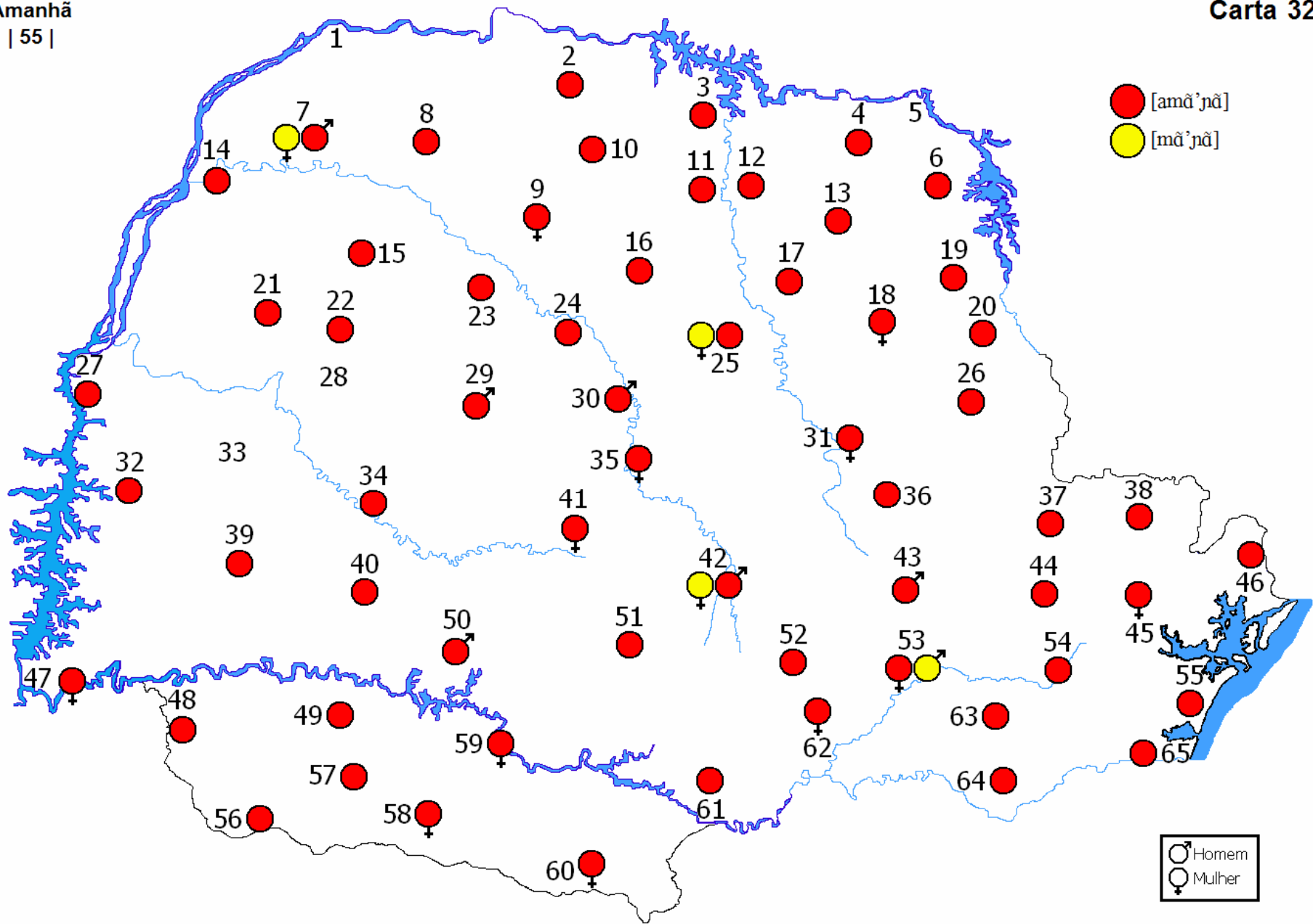
Carta 318 (115 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈõtẽ]	19 (16,52%)	18 (15,65%)
[ˈõtʃɪ]	20 (17,39%)	16 (13,91%)
[ˈõtɪ]	17 (14,78%)	12 (10,43%)
[ˈõtɛ]	6 (5,22%)	7 (6,10%)



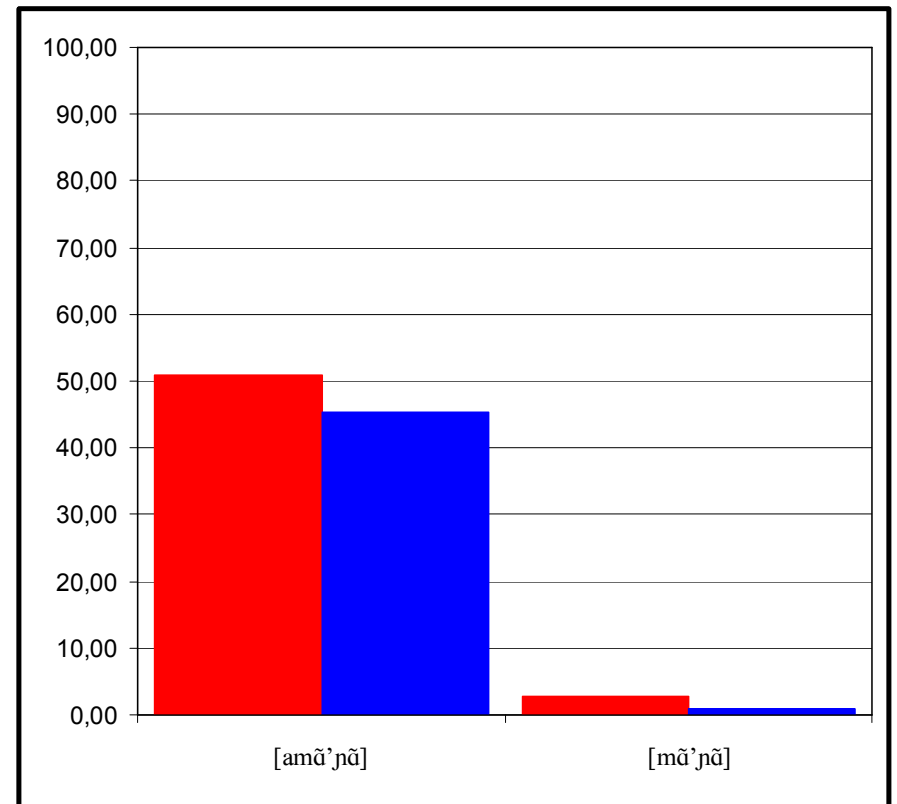


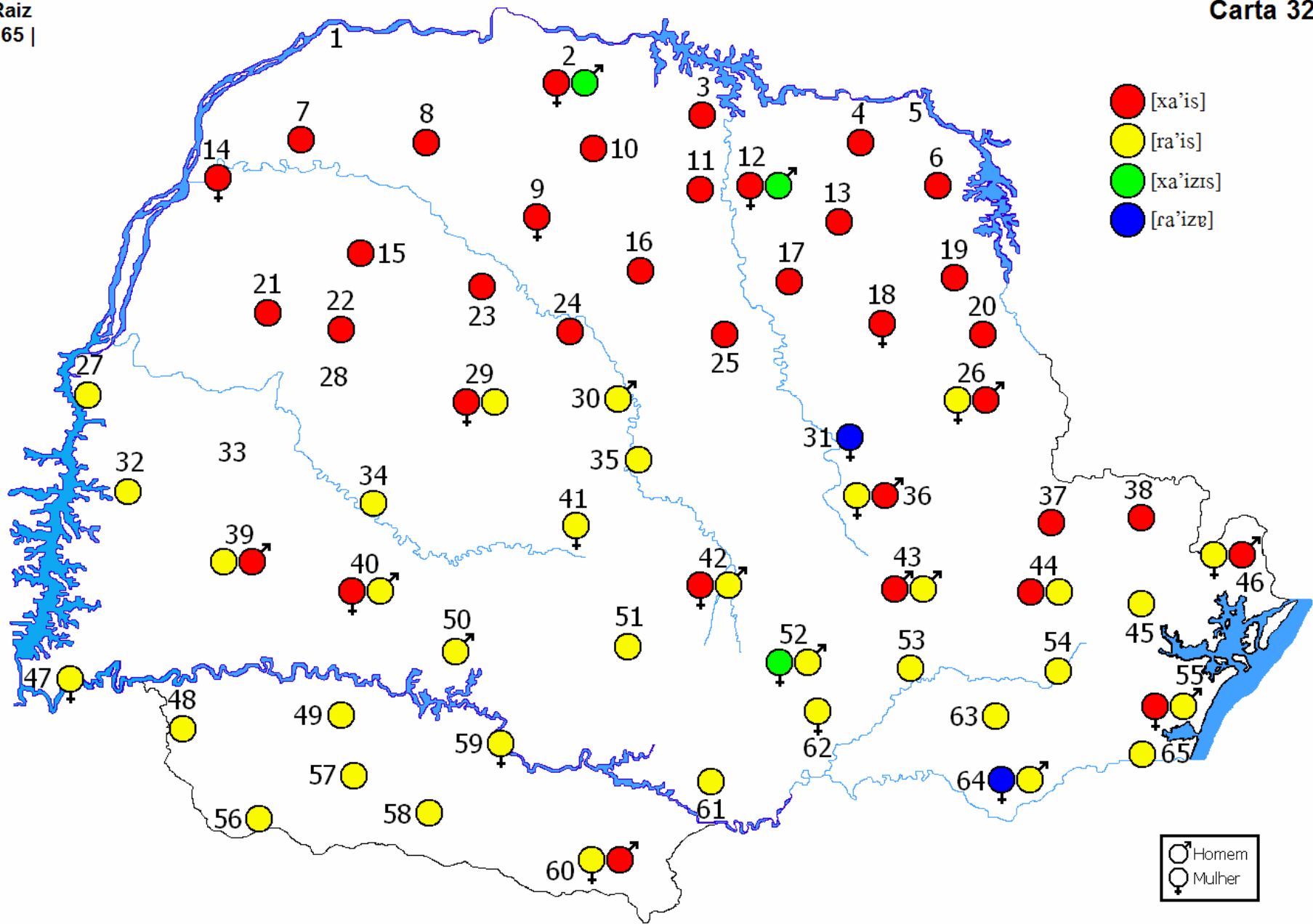
Carta 319 (92 ocorrências)	Mulher	Homem
[ãtʃisdʒɪ'õtẽʃ]	10 (10,87%)	11 (11,96%)
[ãtʃi'õtẽʃ]	10 (10,87%)	9 (9,78%)
[ãtʃɪ'õtʃɪ]	7 (7,61%)	8 (8,70%)
[ãtʃi'õte]	4 (4,35%)	7 (7,61%)
[ã'tõtɪ]	5 (5,43%)	3 (3,26%)
[ãtʃɪ'õtɪ]	4 (4,35%)	2 (2,17%)
[ã'tõtʃɪ]	5 (5,43%)	1 (1,09%)
[õ'tõtɪ]	3 (3,26%)	3 (3,26%)



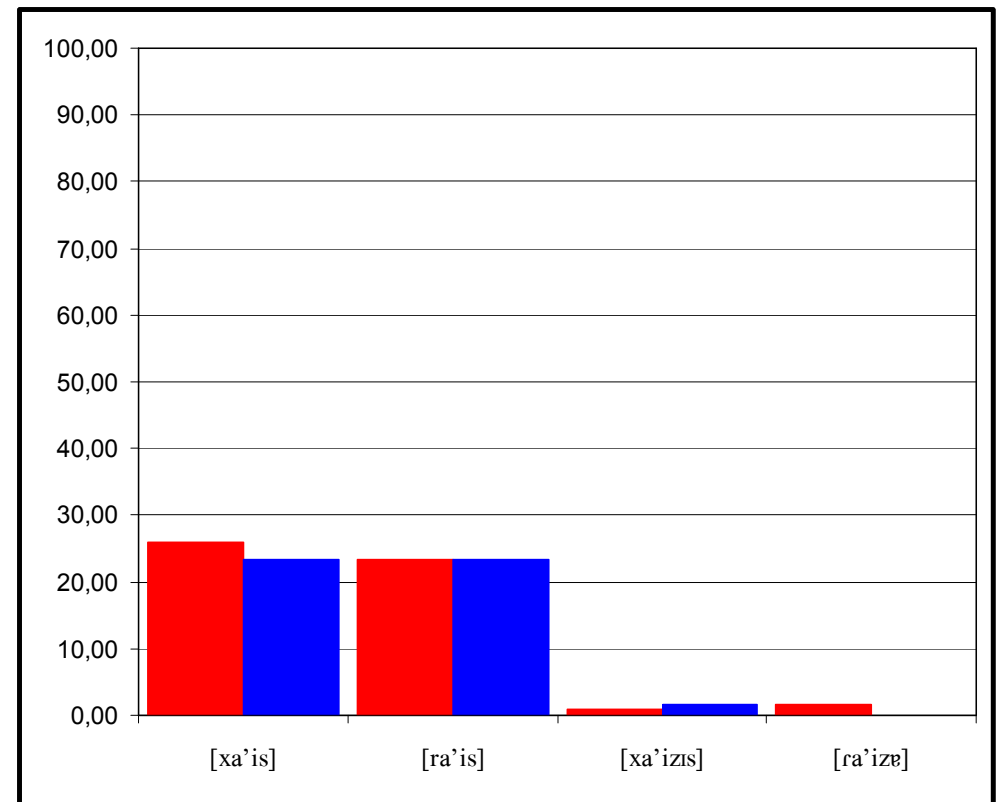


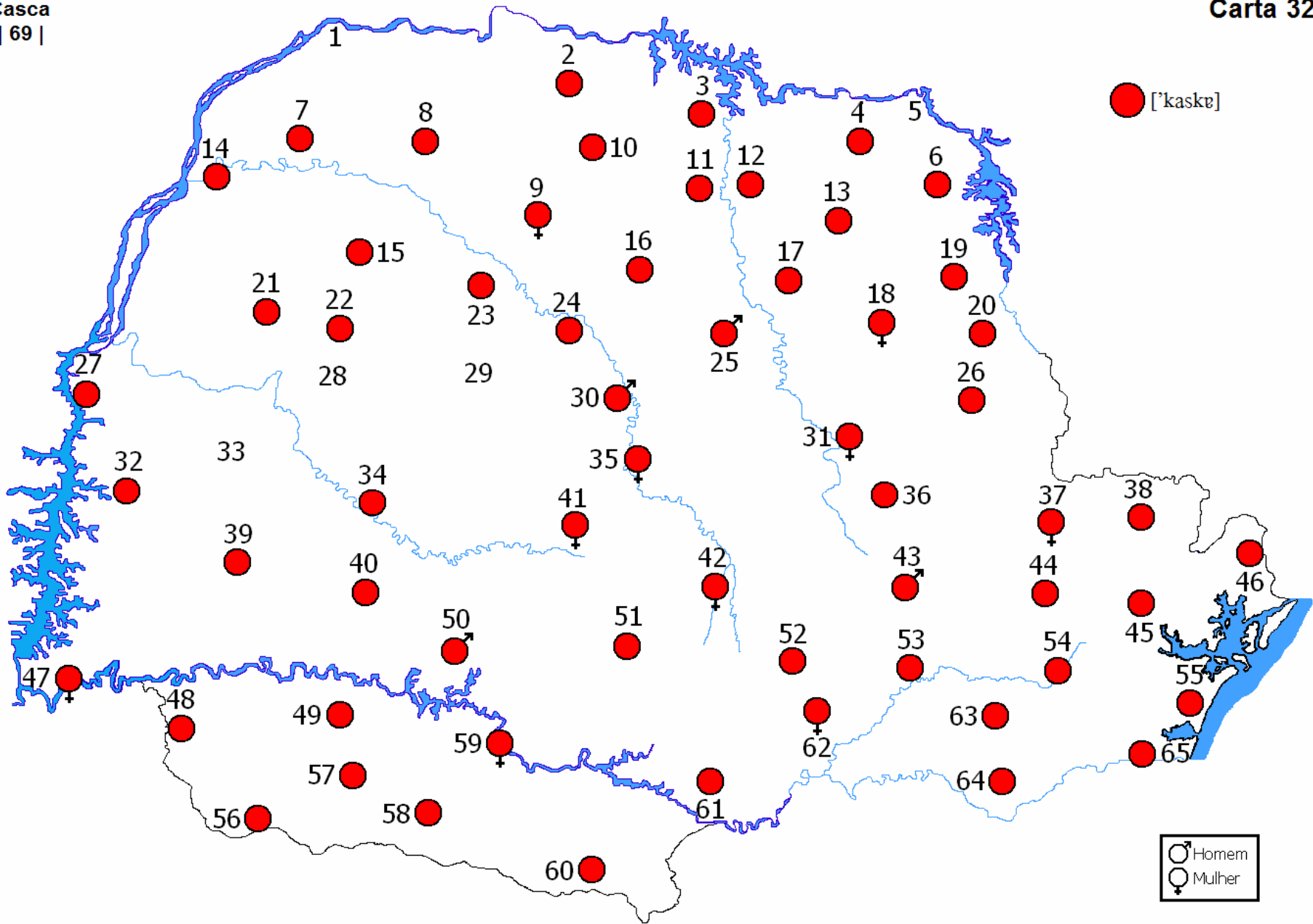
Carta 320 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[amã'jã]	55 (50,93%)	49 (45,37%)
[mã'jã]	3 (2,78%)	1 (0,92%)



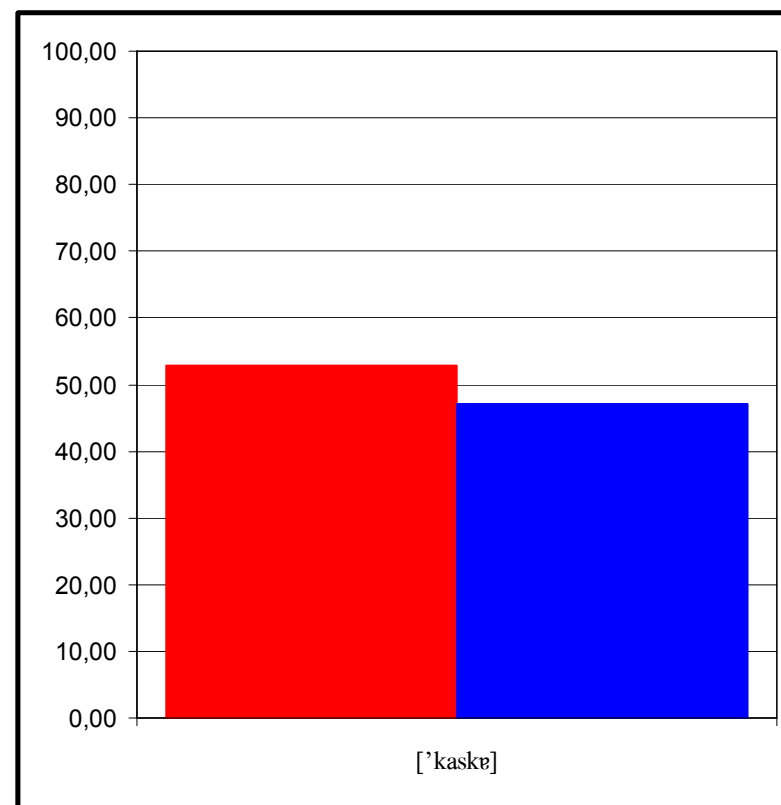


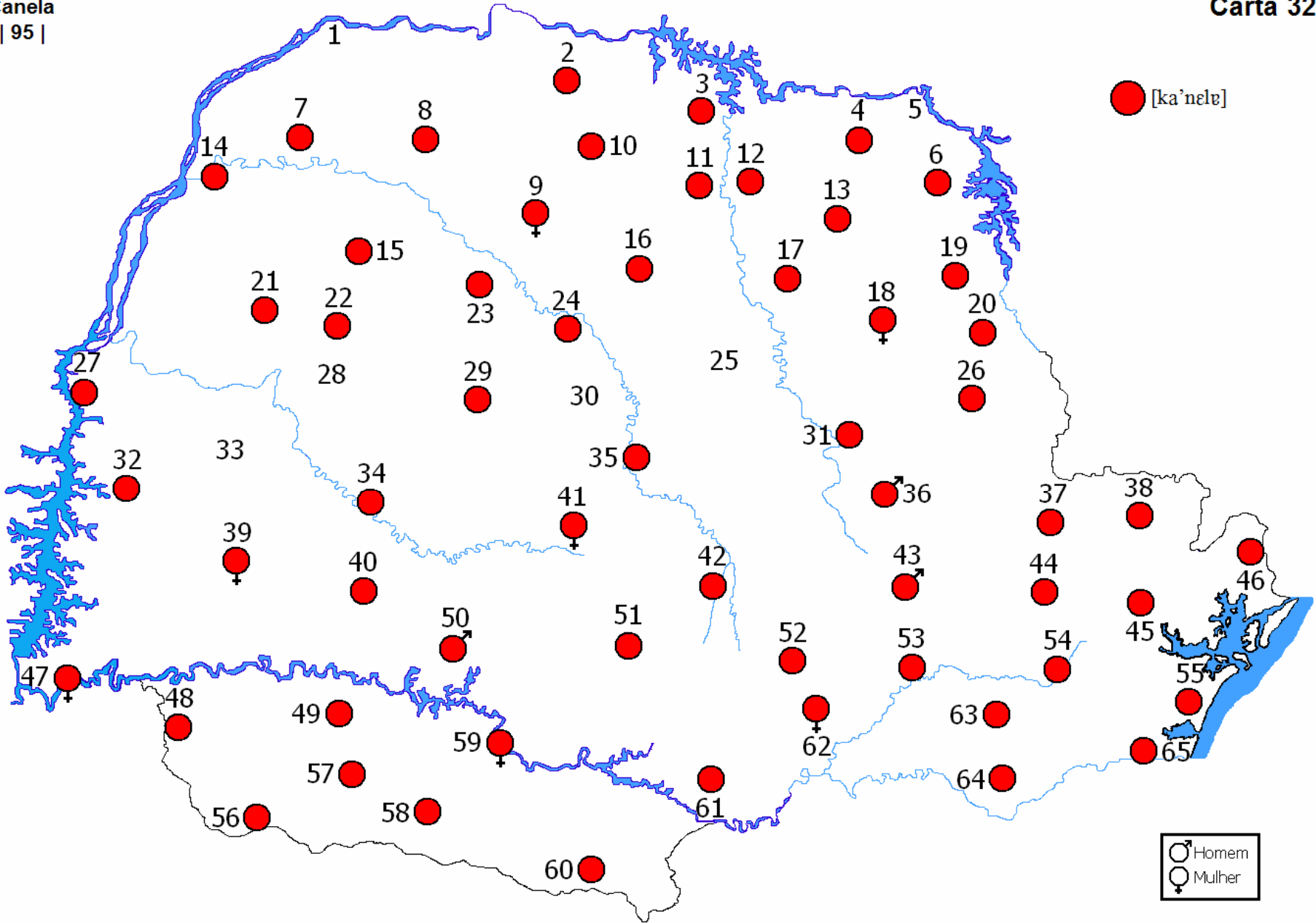
Carta 321 (116 ocorrências)	Mulher	Homem
[xa'is]	30 (25,86%)	27 (23,28%)
[ra'is]	27 (23,28%)	27 (23,28%)
[xa'izis]	1 (0,86%)	2 (1,72%)
[ra'izə]	2 (1,72%)	0



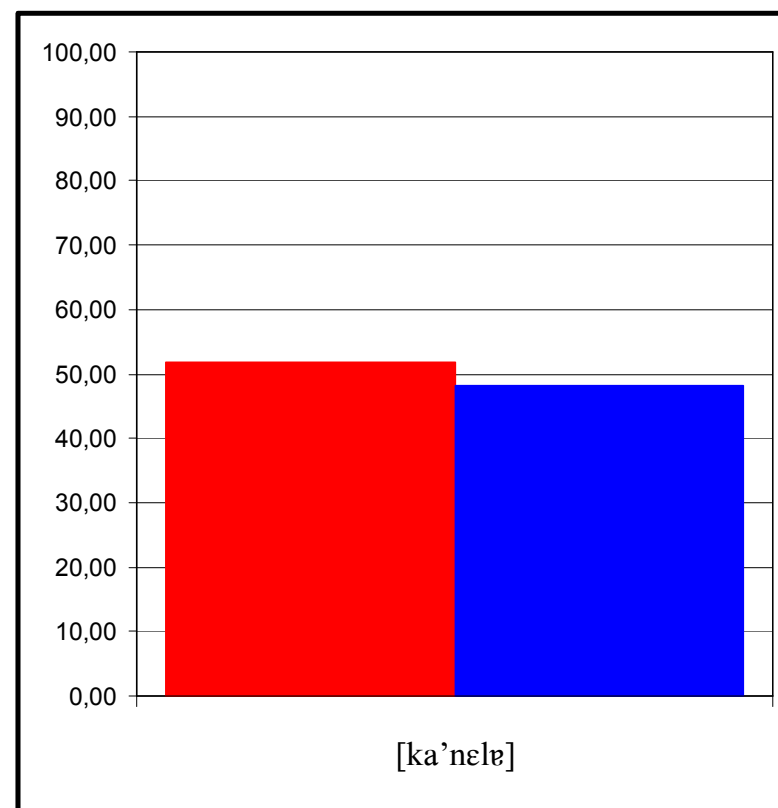


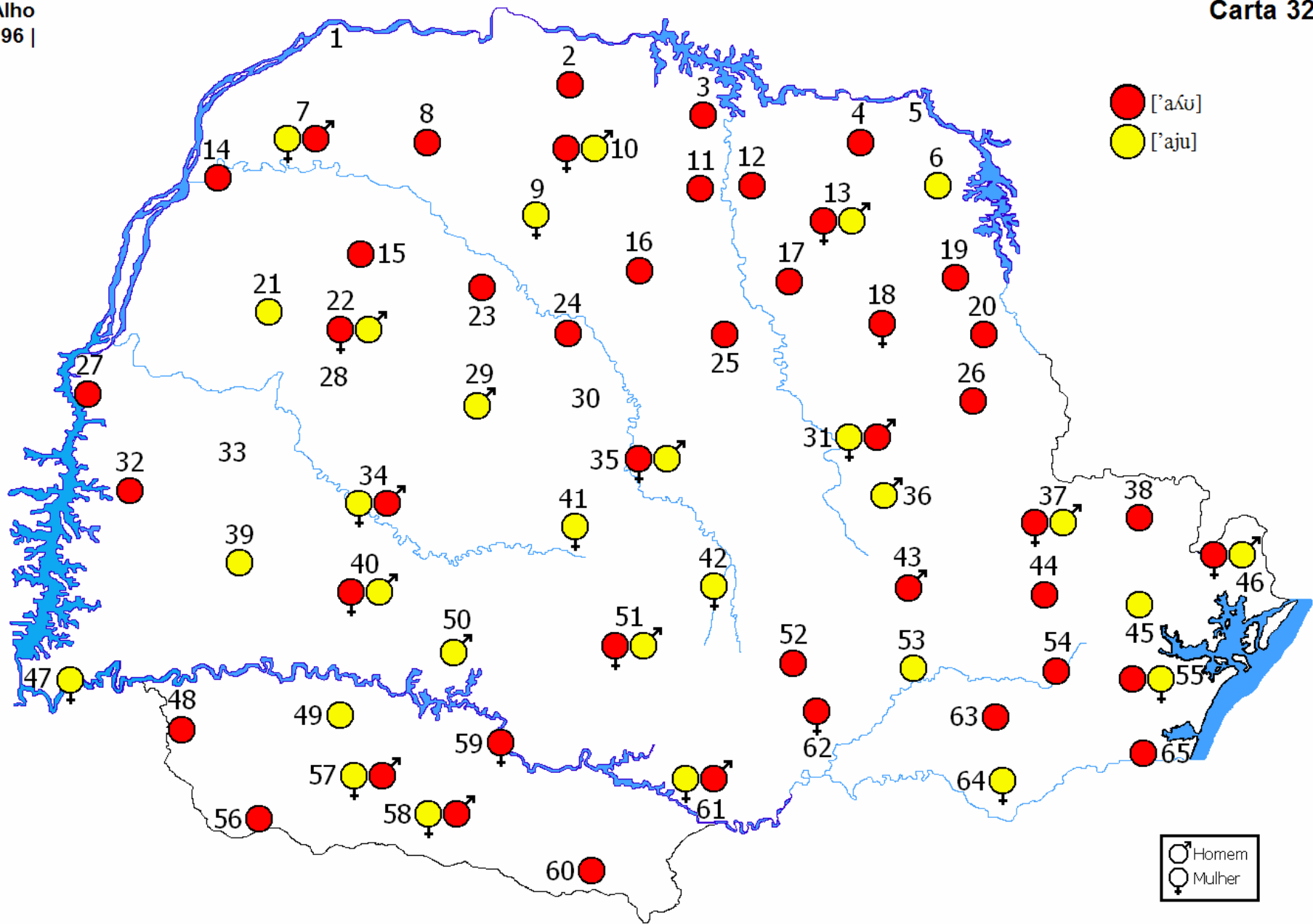
Carta 322 (106 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈkaskɐ]	56 (52,83%)	50 (47,17%)



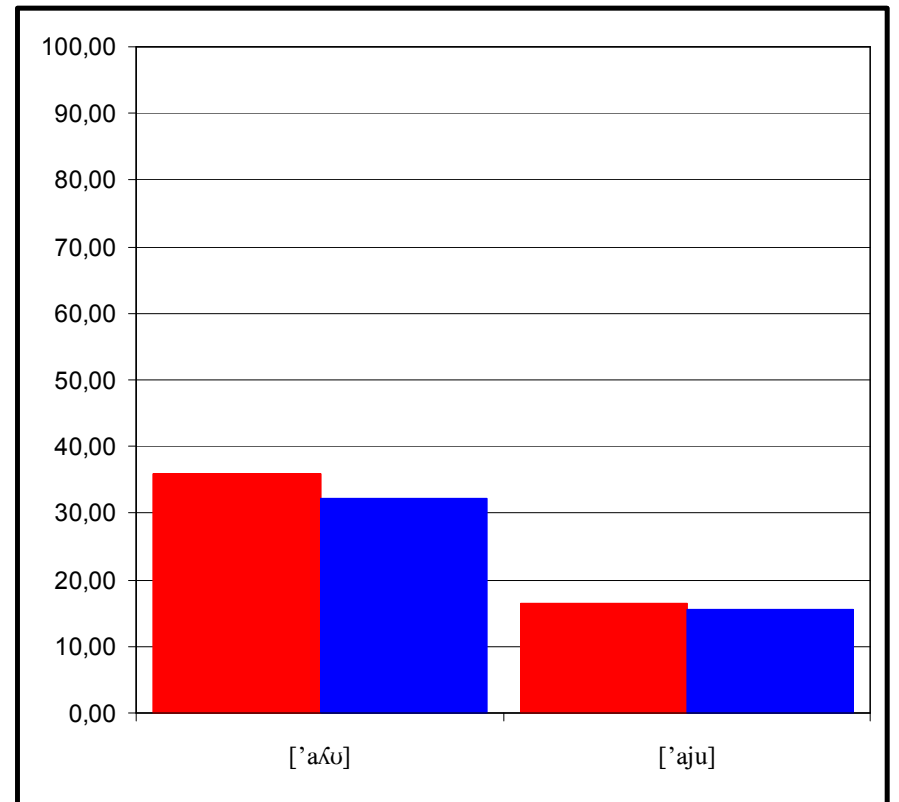


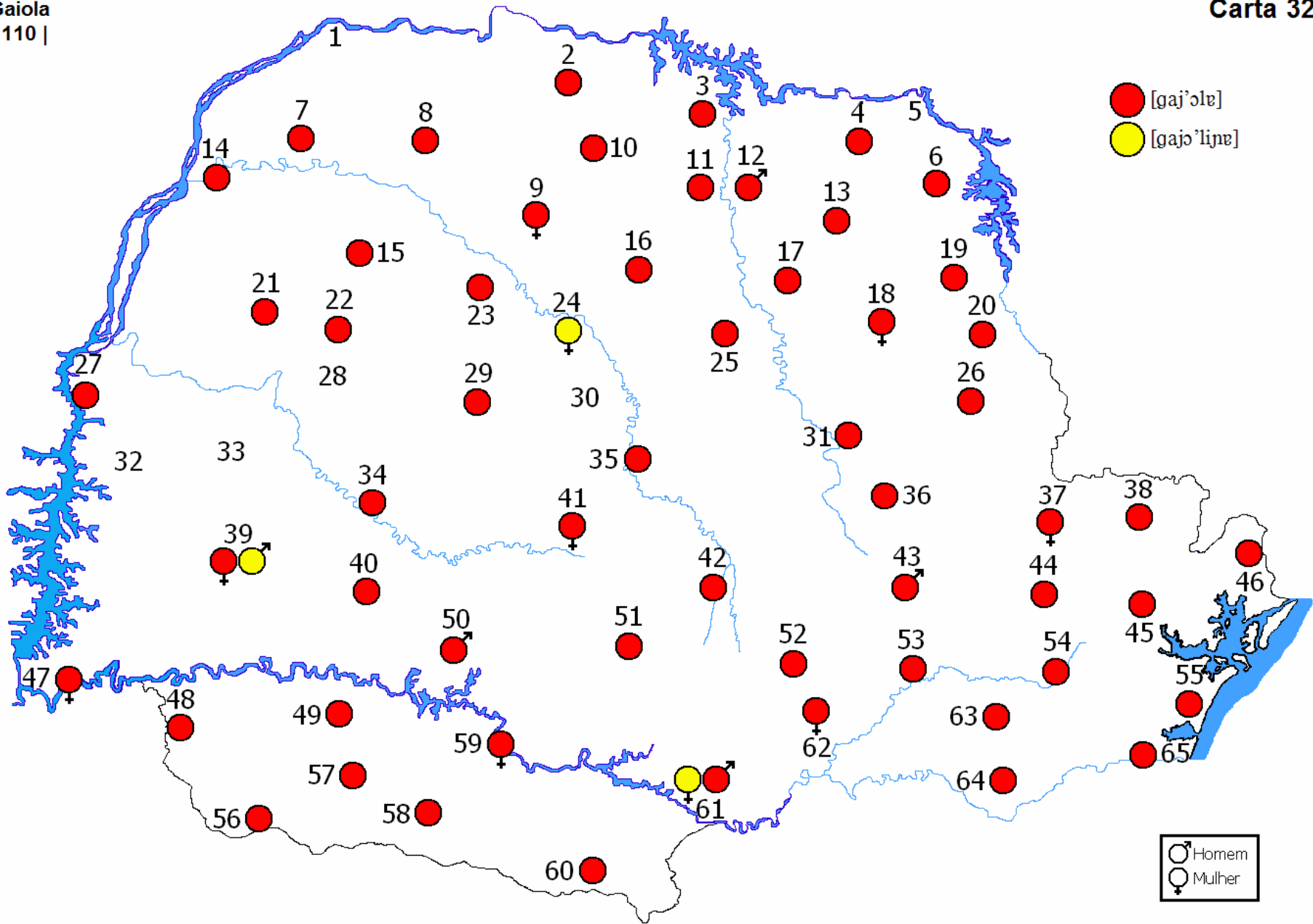
Carta 323 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[ka'neɫə]	56 (51,85%)	52 (48,15%)



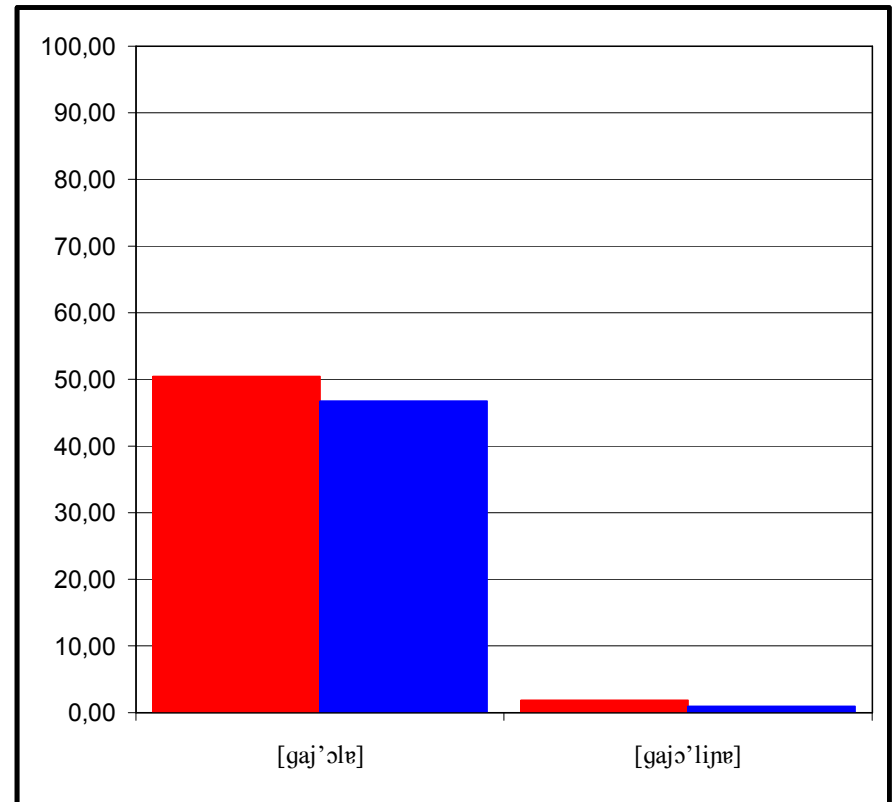


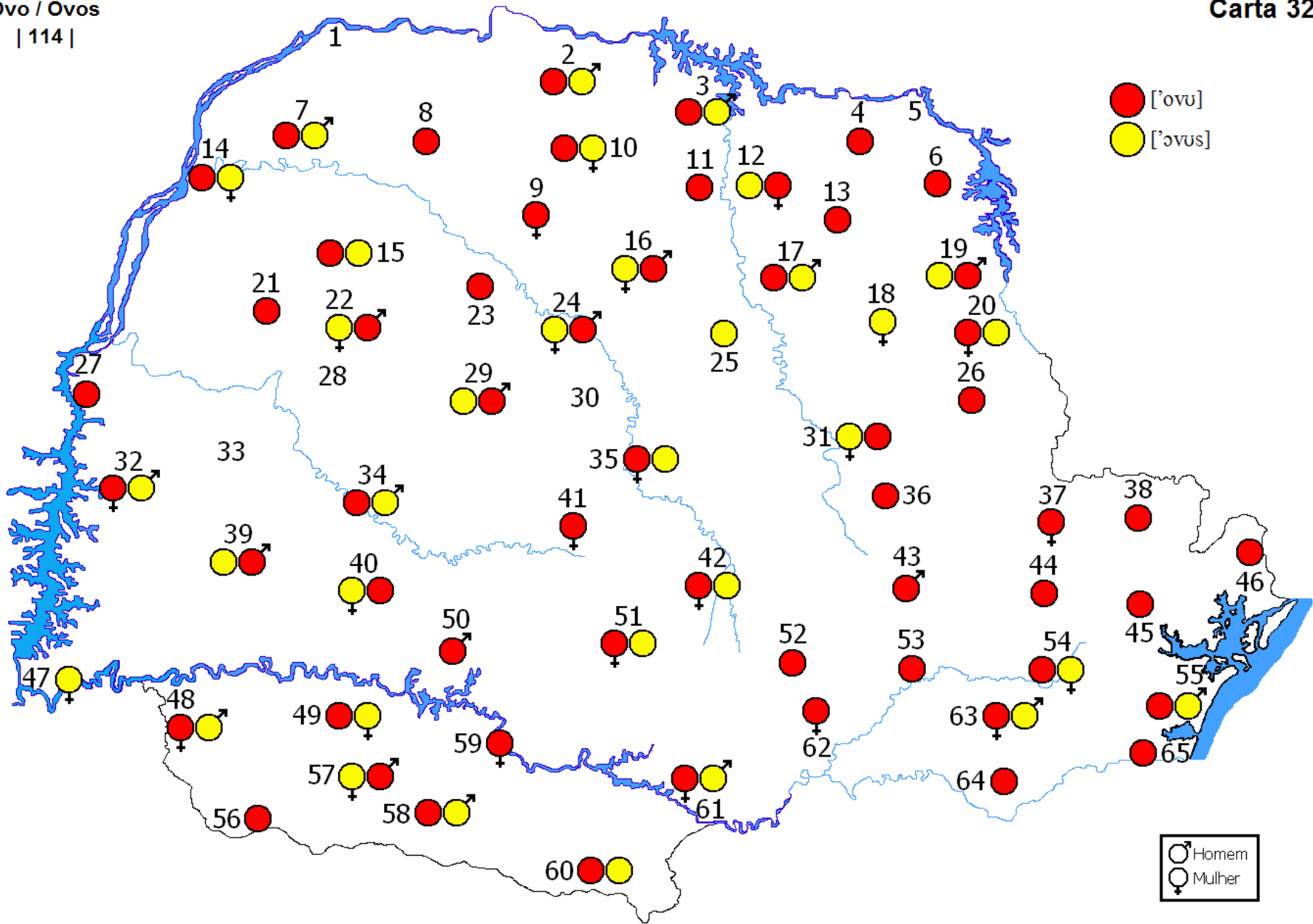
Carta 324 (109 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈaʎu]	39 (35,78%)	35 (32,11%)
[ˈaju]	18 (16,51%)	17 (15,60%)



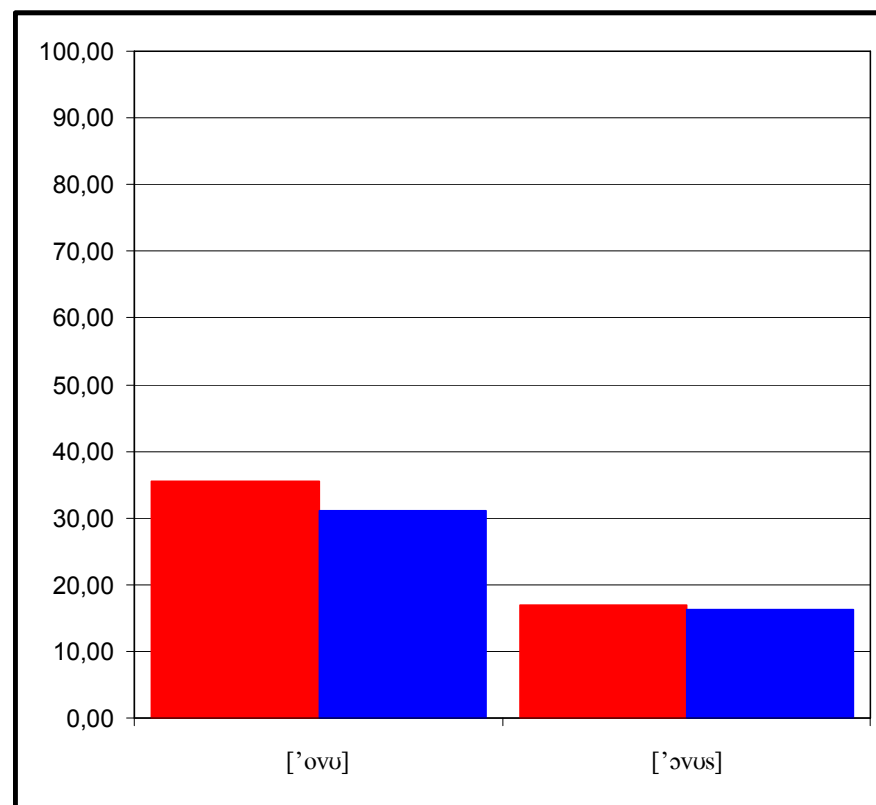


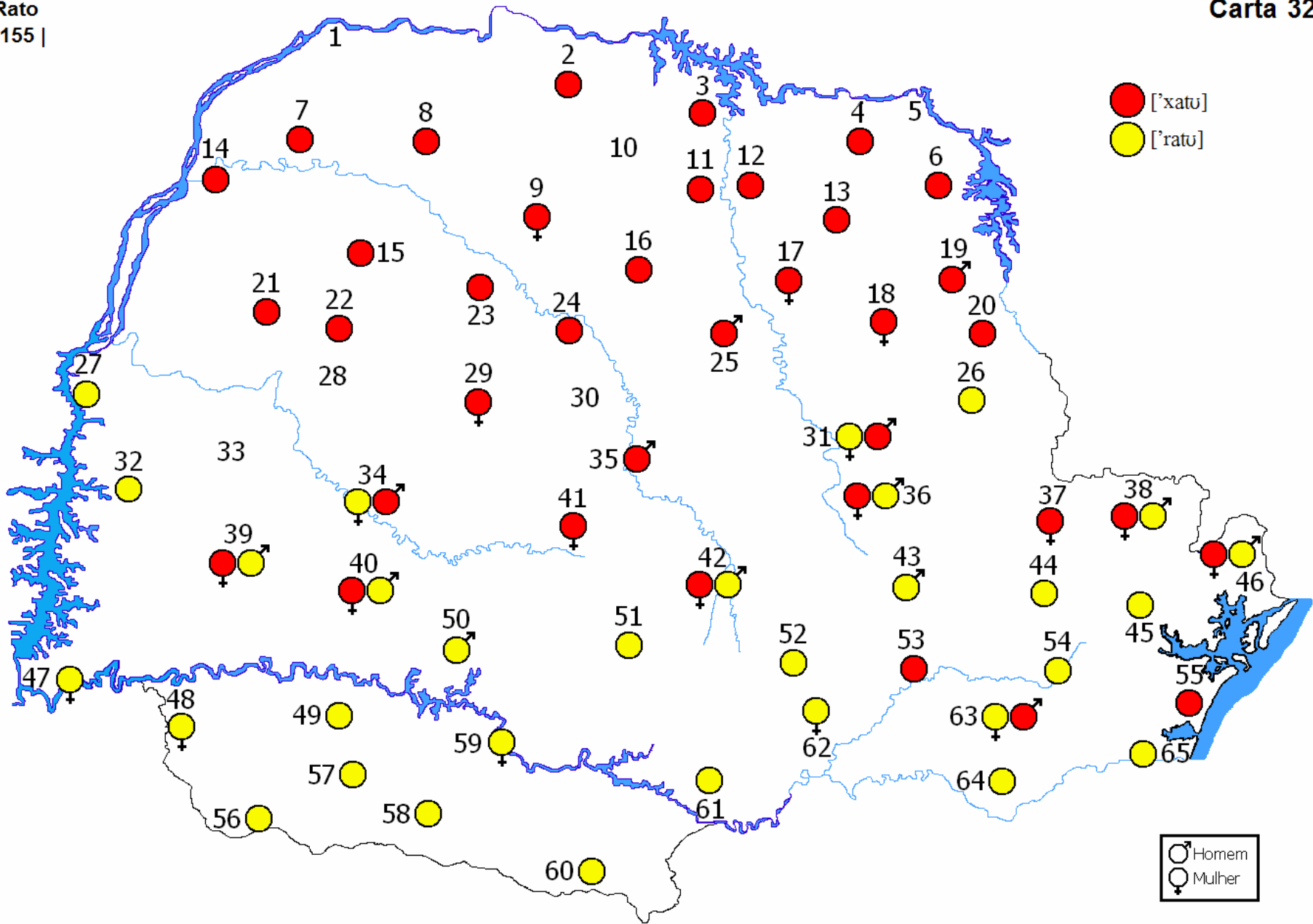
Carta 325 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
[gaj'ɔlɐ]	54 (50,47%)	50 (46,73%)
[gajɔ'liɲɐ]	2 (1,87%)	1 (0,93%)



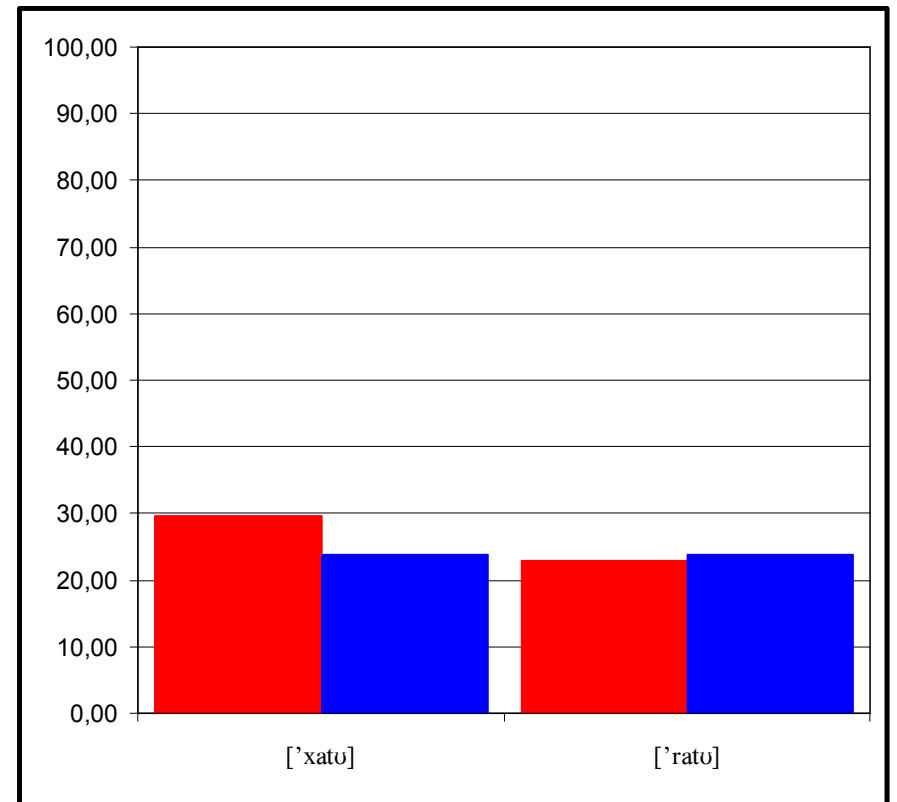


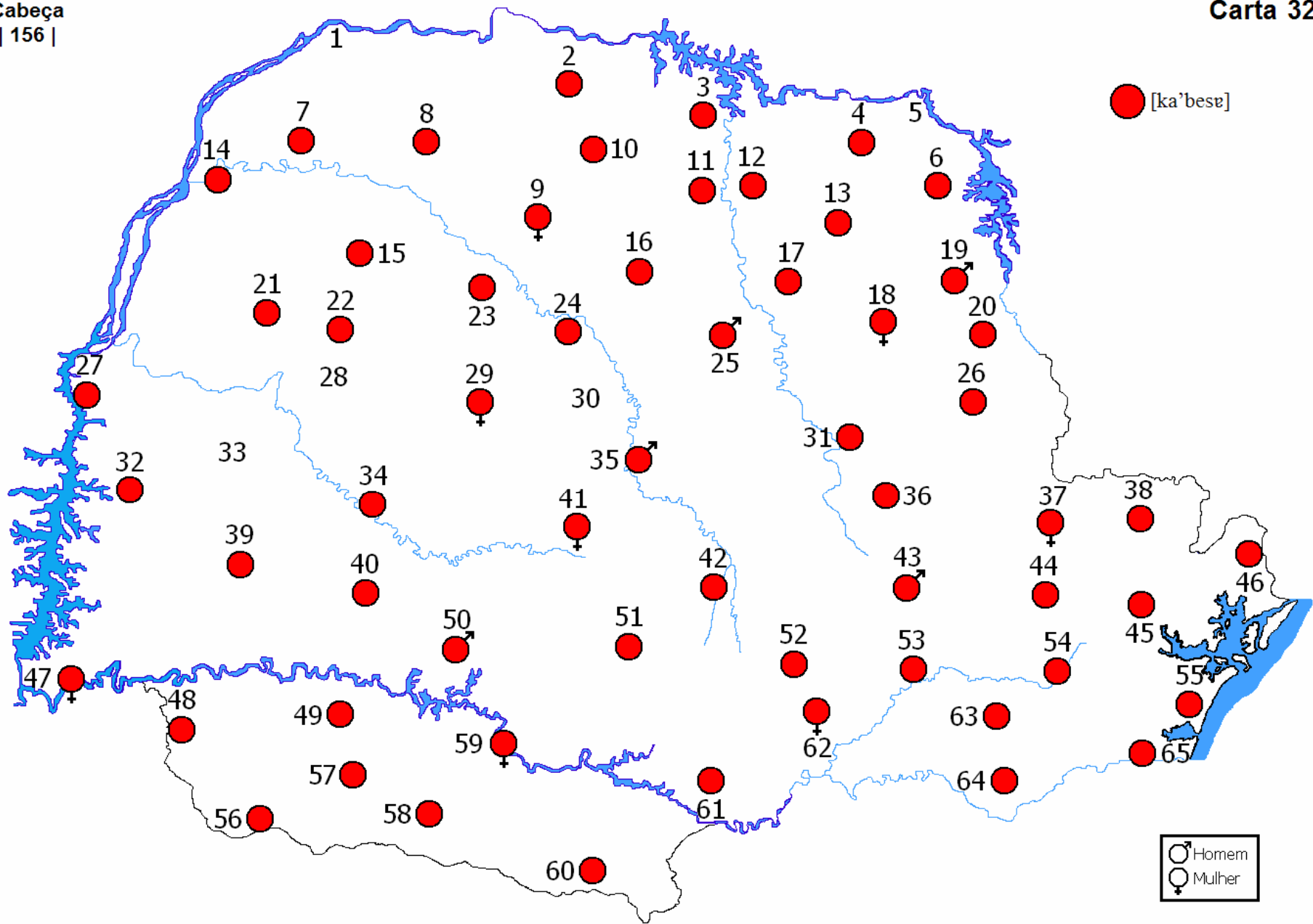
Carta 326 (135 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈovʊ]	48 (35,56%)	42 (31,10%)
[ˈovʊs]	23 (17,04%)	22 (16,30%)



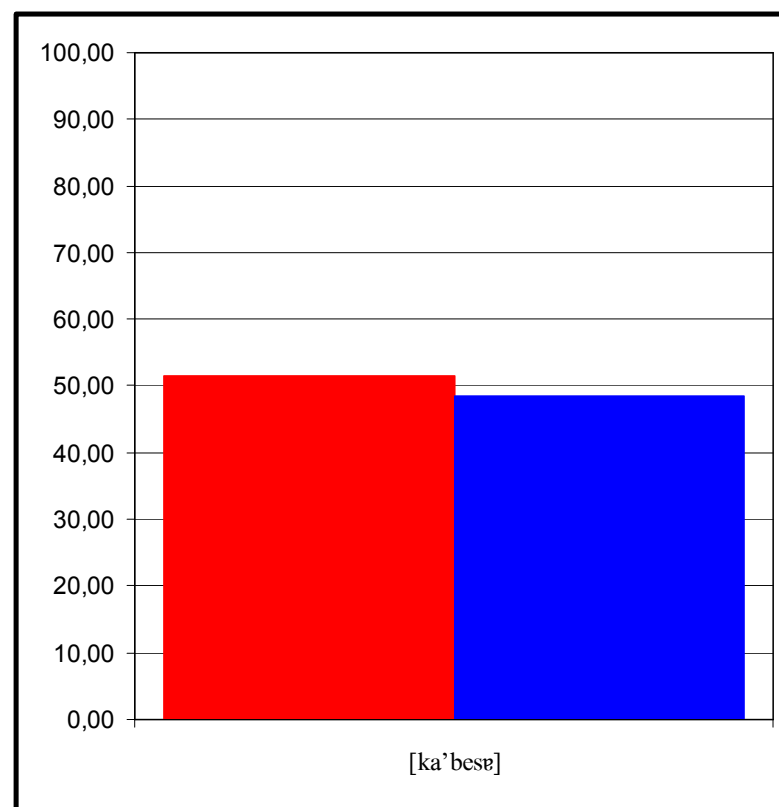


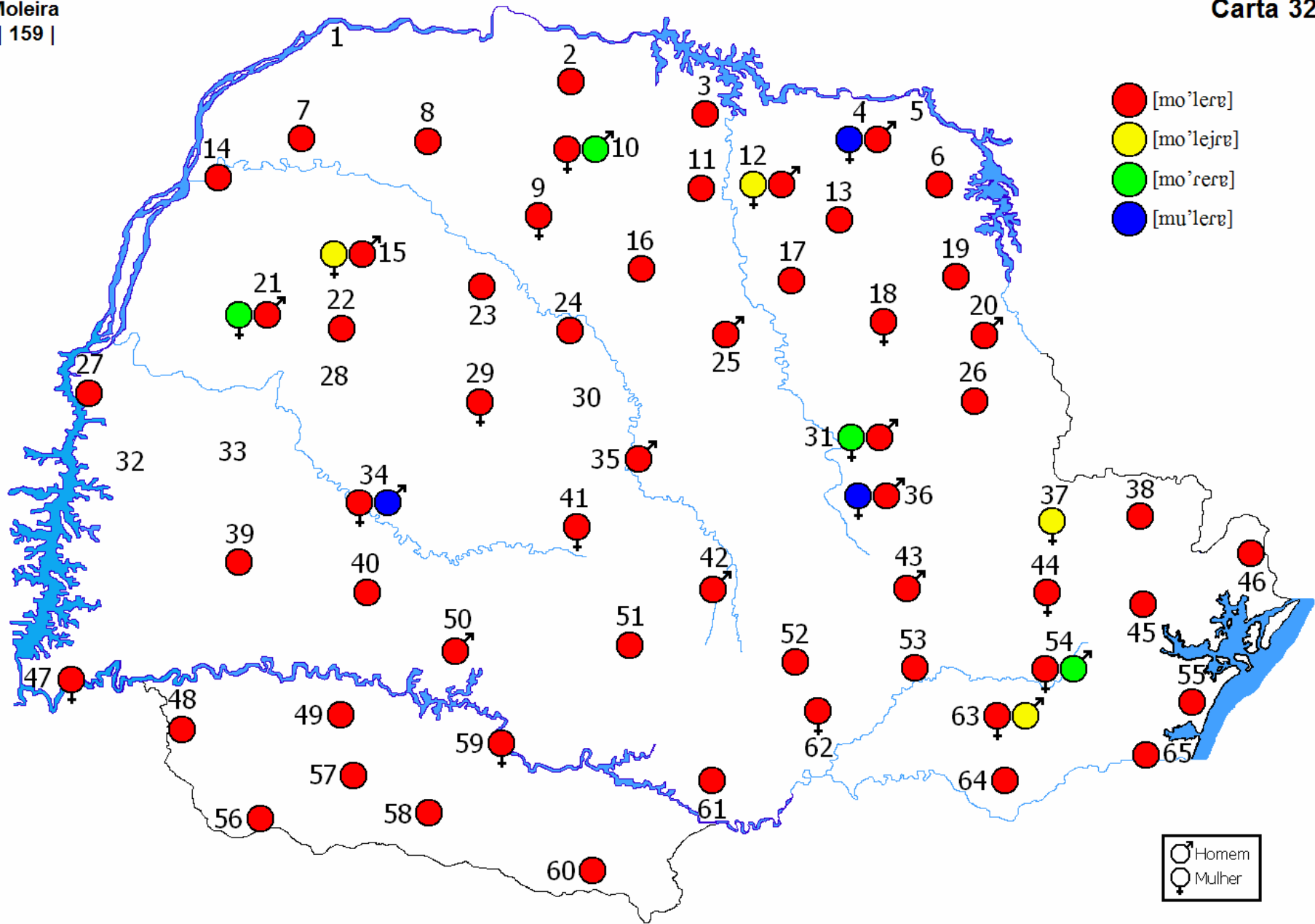
Carta 327 (105 ocorrências)	Mulher	Homem
['xatu]	31 (29,52%)	25 (23,81%)
['ratu]	24 (22,86%)	25 (23,81%)



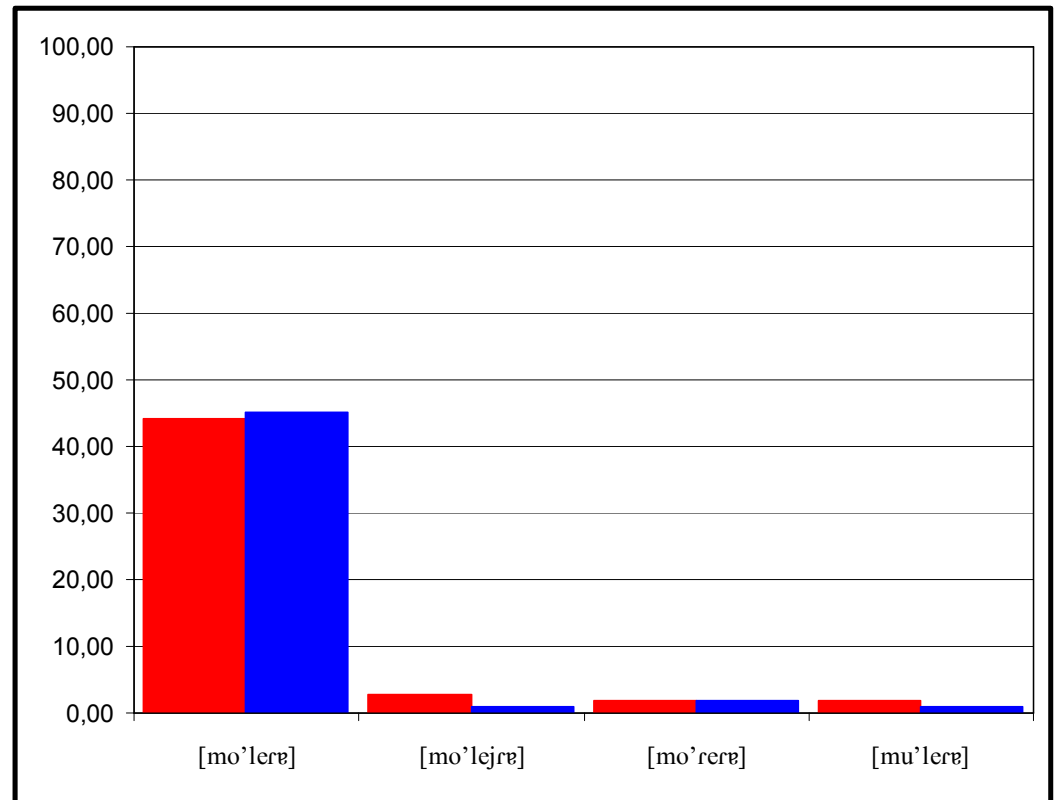


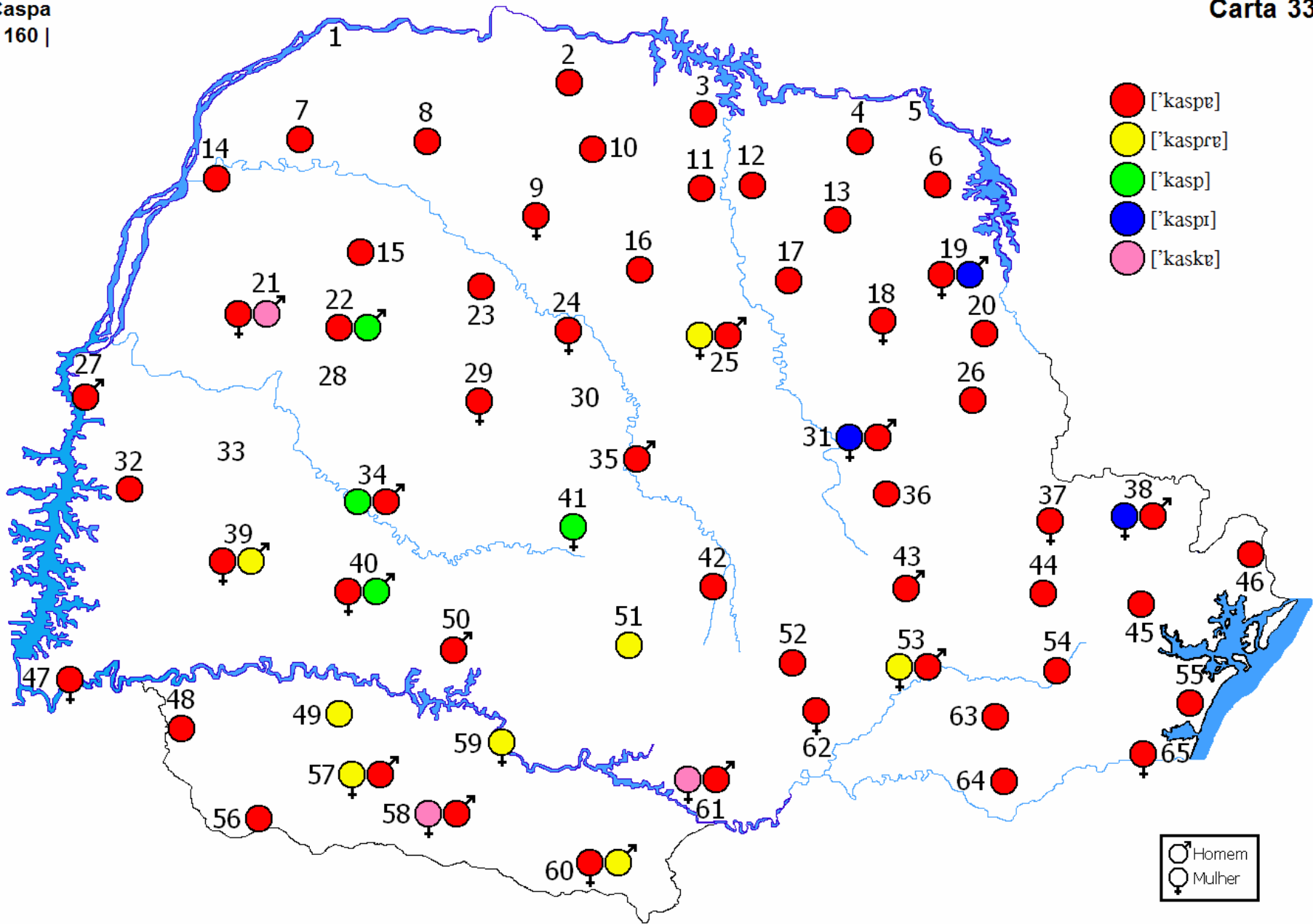
Carta 328 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
[ka'besø]	55 (51,40%)	52 (48,60%)



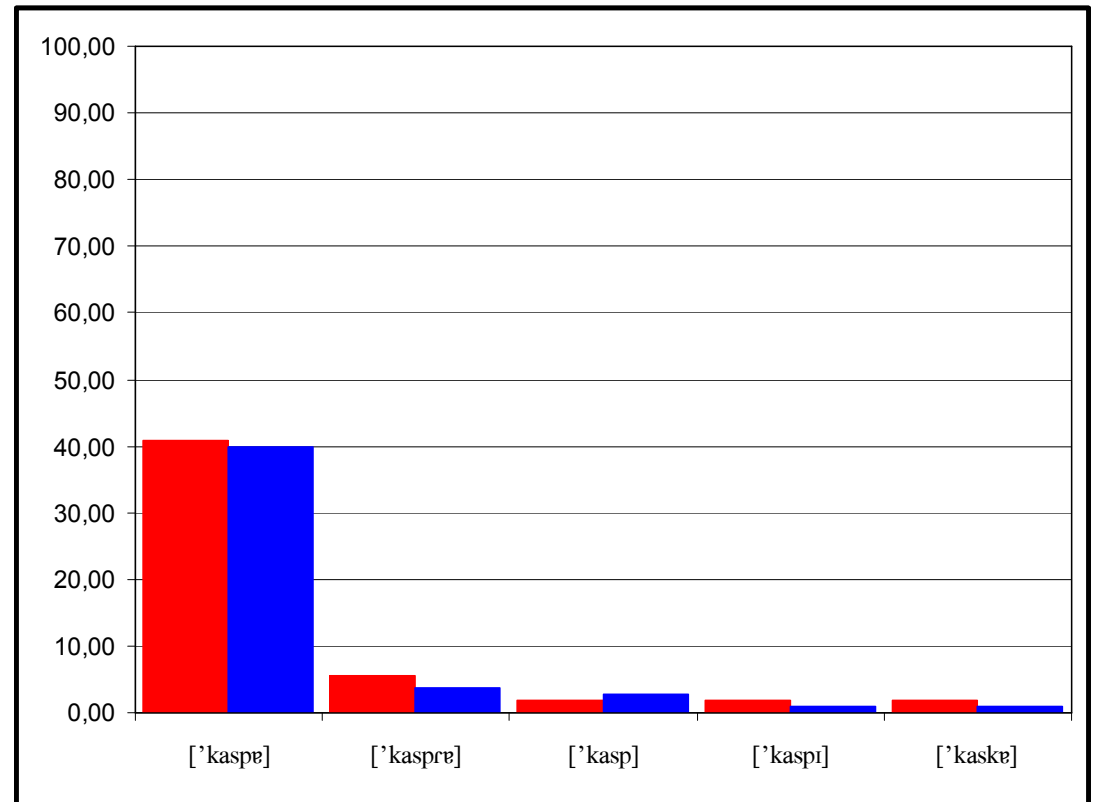


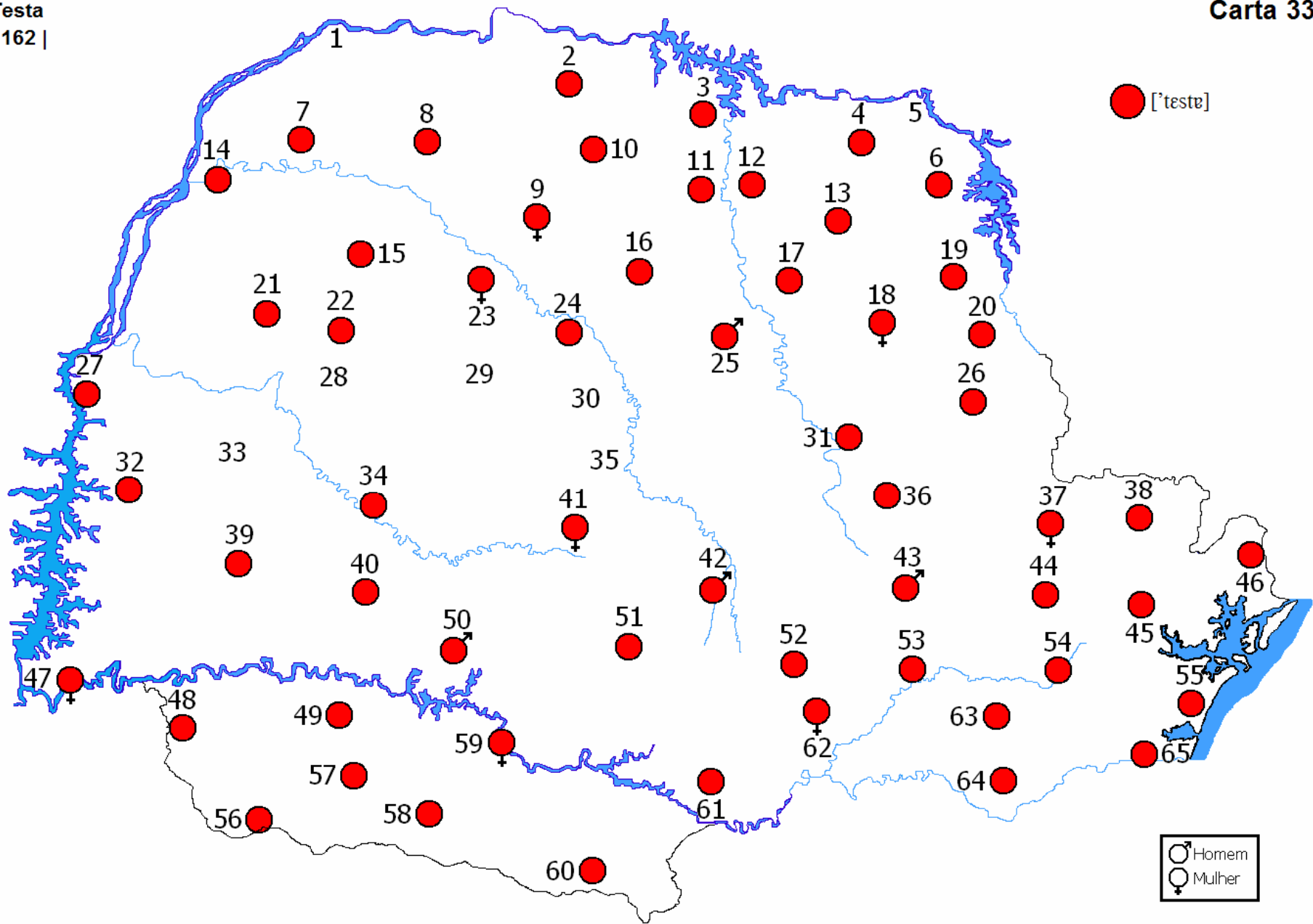
Carta 329 (104 ocorrências)	Mulher	Homem
[mo'lerɐ]	46 (44,24%)	47 (45,20%)
[mo'lejrɐ]	3 (2,88%)	1 (0,96%)
[mo'rerɐ]	2 (1,92%)	2 (1,92%)
[mu'lerɐ]	2 (1,92%)	1 (0,96%)



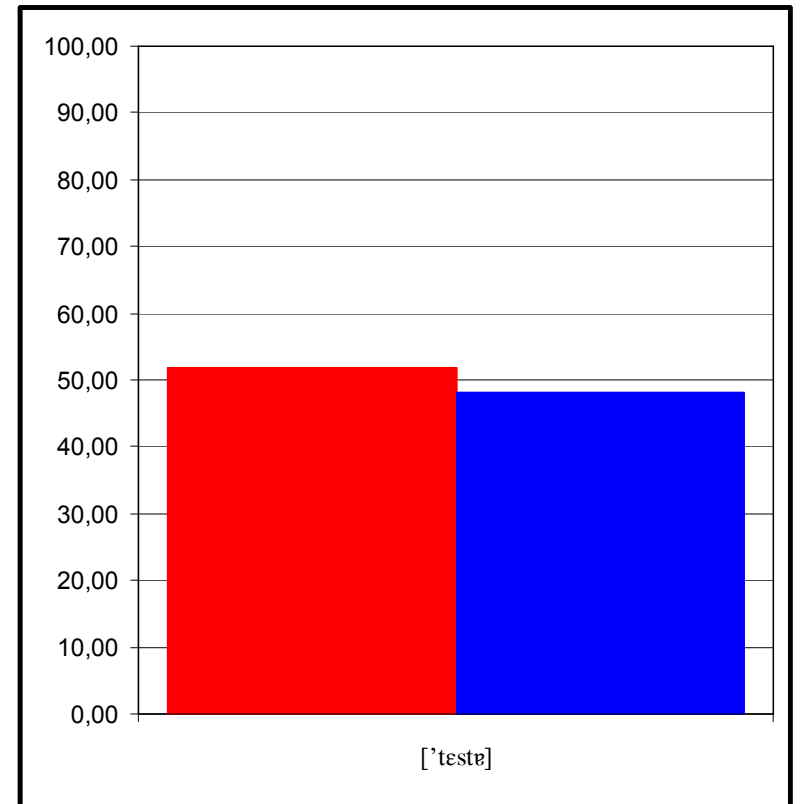


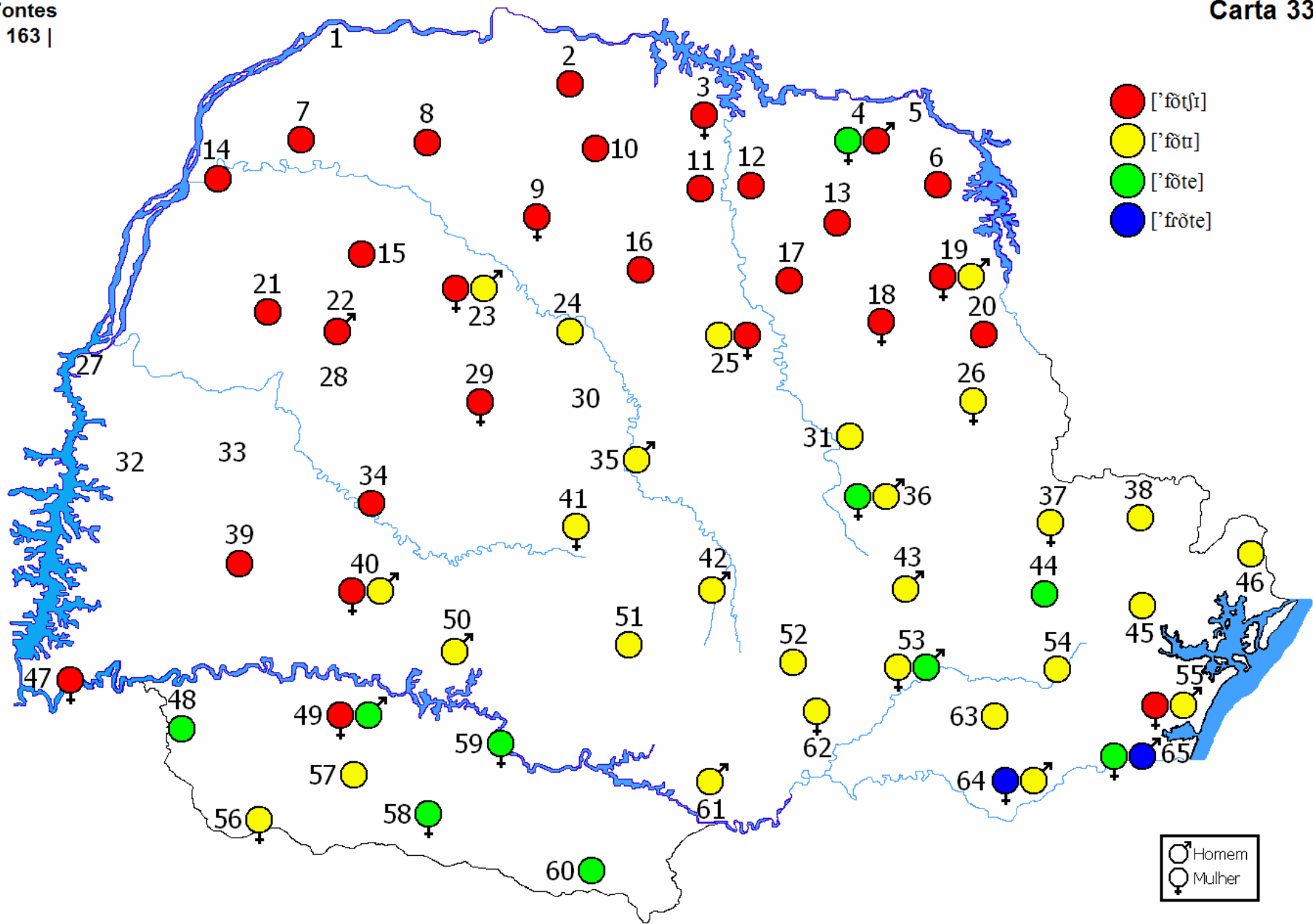
Carta 330 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈkaspə]	44 (40,76%)	43 (39,81%)
[ˈkaspɾə]	6 (5,56%)	4 (3,70%)
[ˈkasp]	2 (1,85%)	3 (2,78%)
[ˈkaspɪ]	2 (1,85%)	1 (0,93%)
[ˈkaskə]	2 (1,85%)	1 (0,93%)



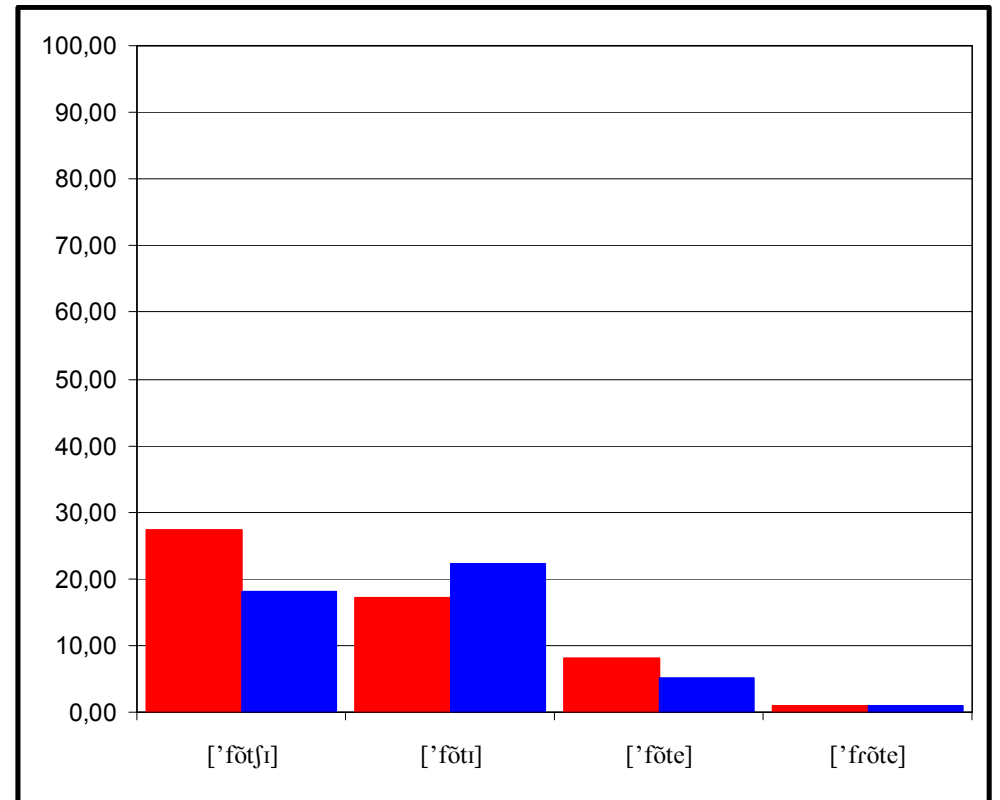


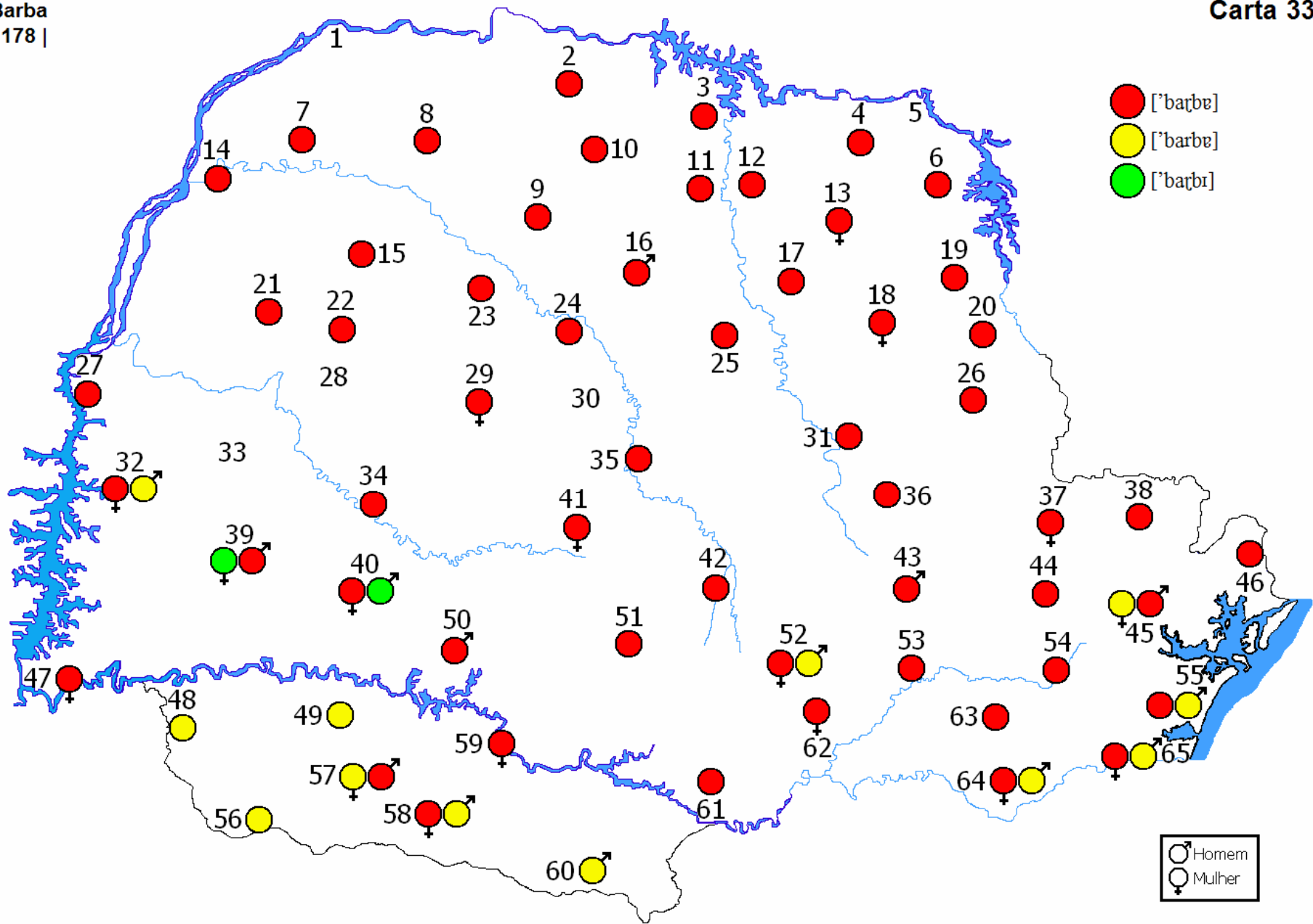
Carta 331 (104 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈtɛstɐ]	54 (51,92%)	50 (48,08%)



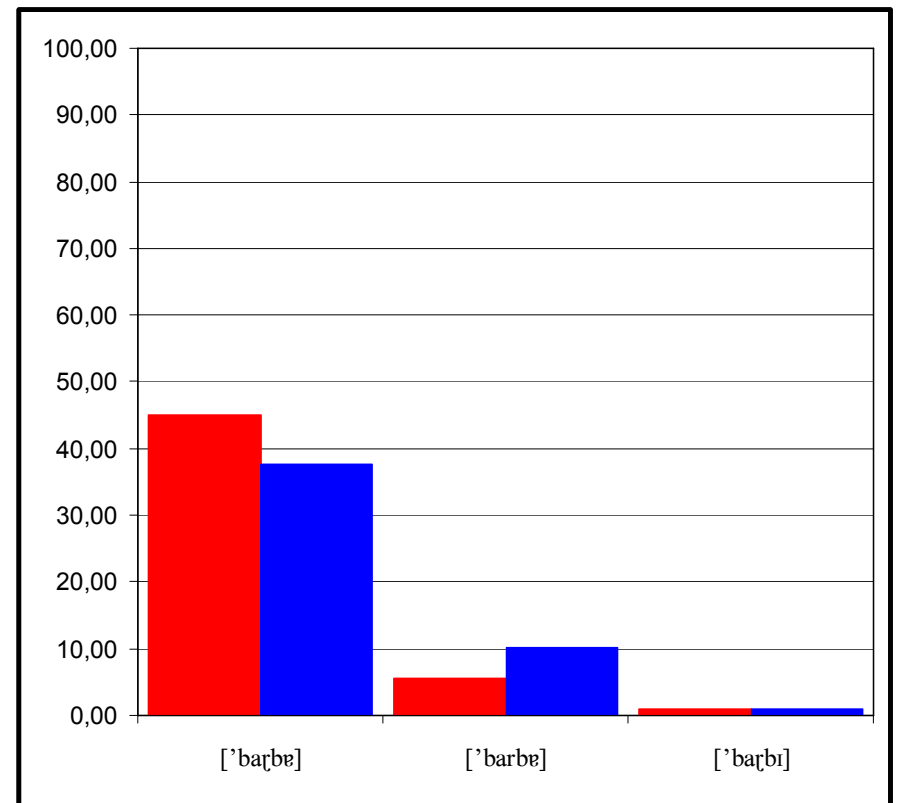


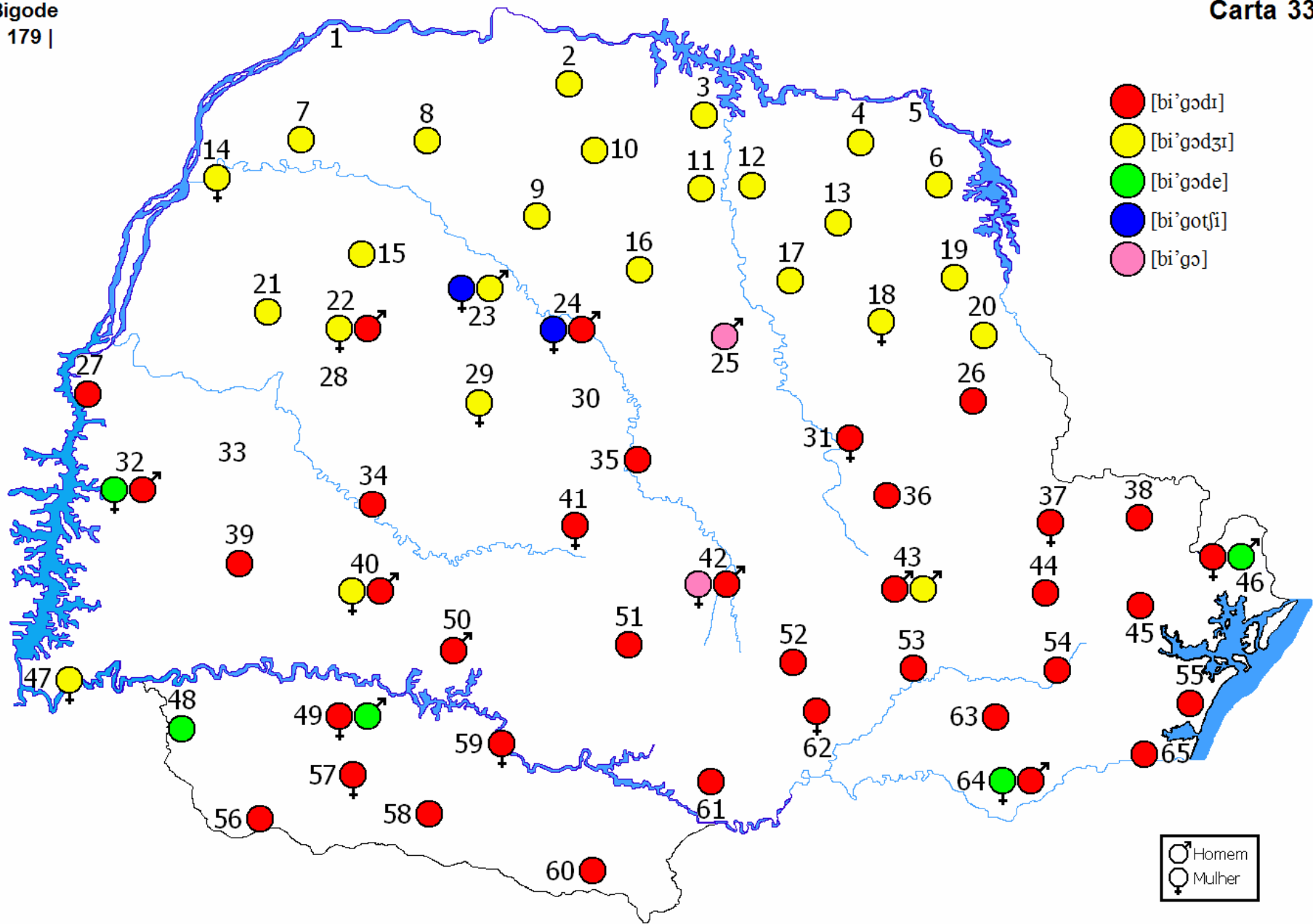
Carta 332 (99 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈfõtʃɪ]	27 (27,27%)	18 (18,18%)
[ˈfõtɪ]	17 (17,17%)	22 (22,22%)
[ˈfõte]	8 (8,08%)	5 (5,05%)
[ˈfrõte]	1 (1,01%)	1 (1,01%)



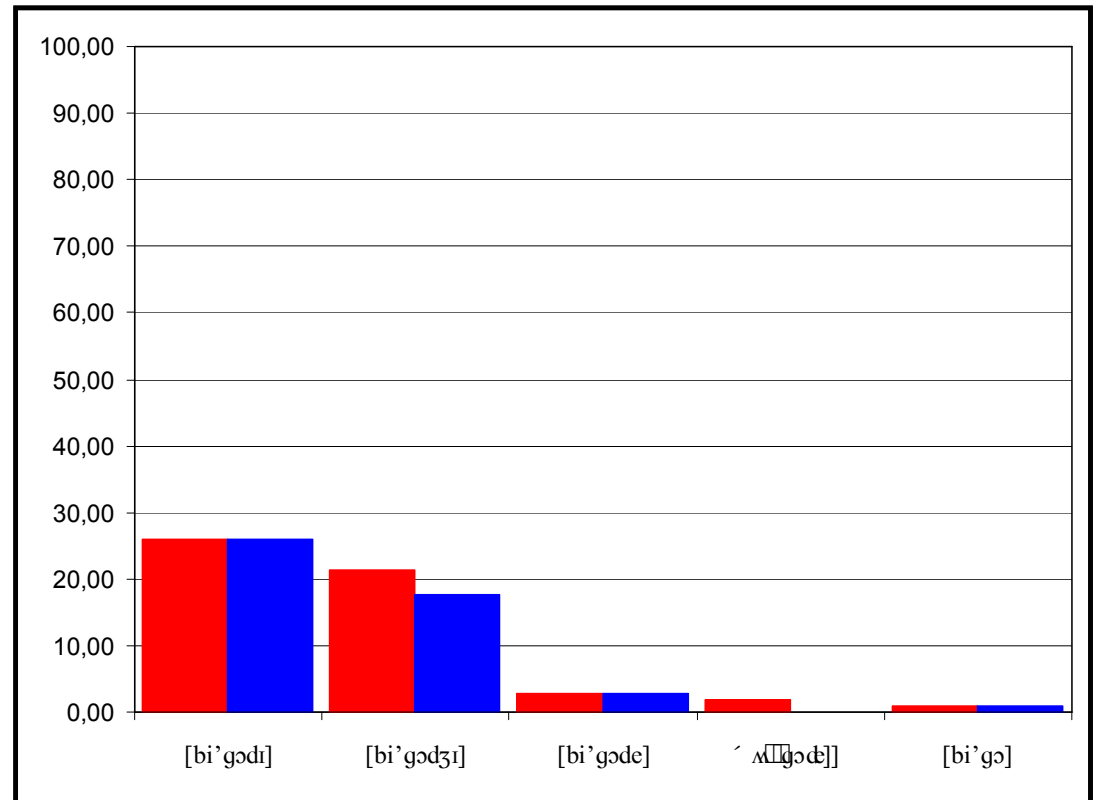


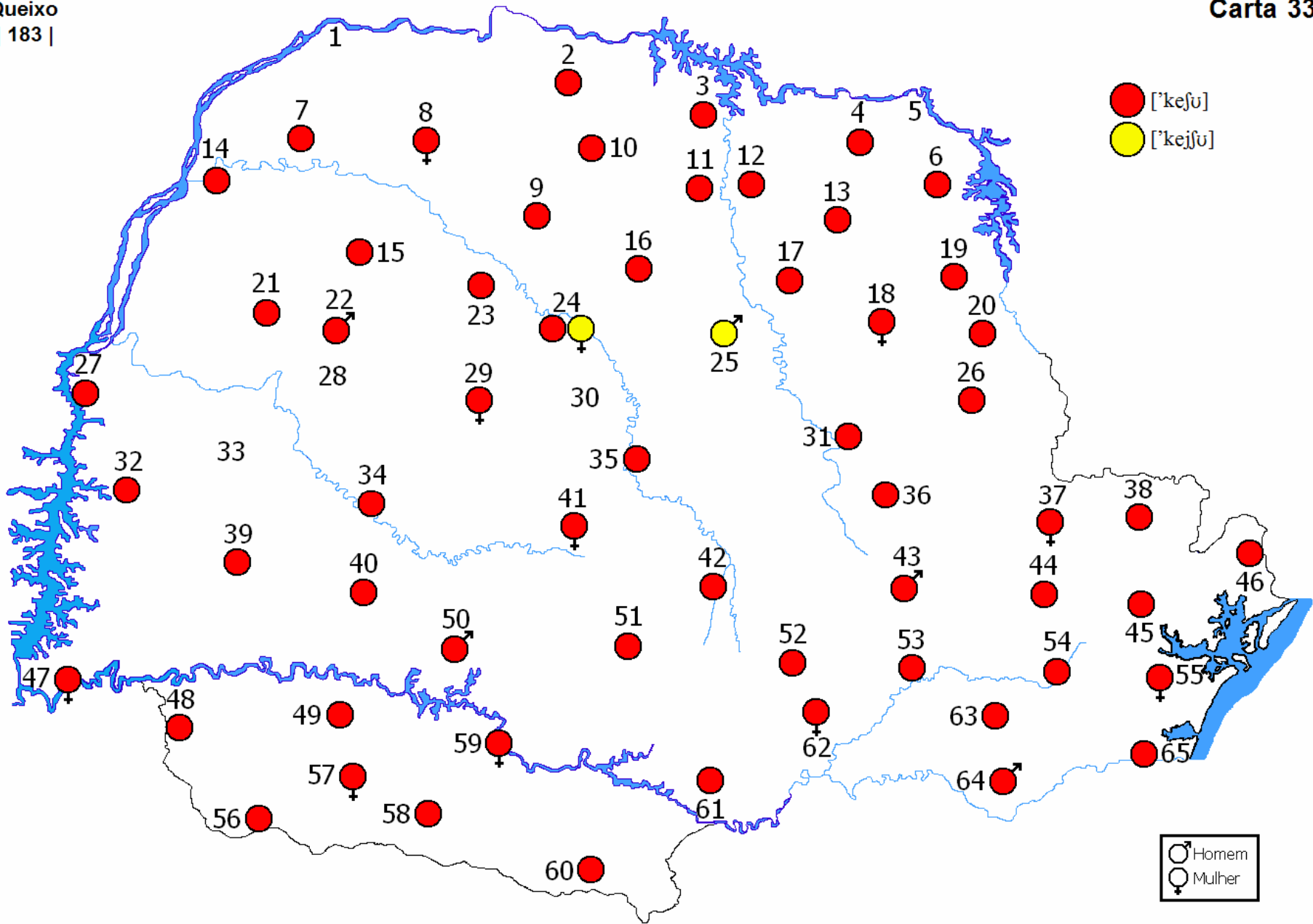
Carta 333 (109 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈbaɾbɐ]	49 (44,95%)	41 (37,62%)
[ˈbarbɐ]	6 (5,50%)	11 (10,09%)
[ˈbaɾbi]	1 (0,92%)	1 (0,92%)



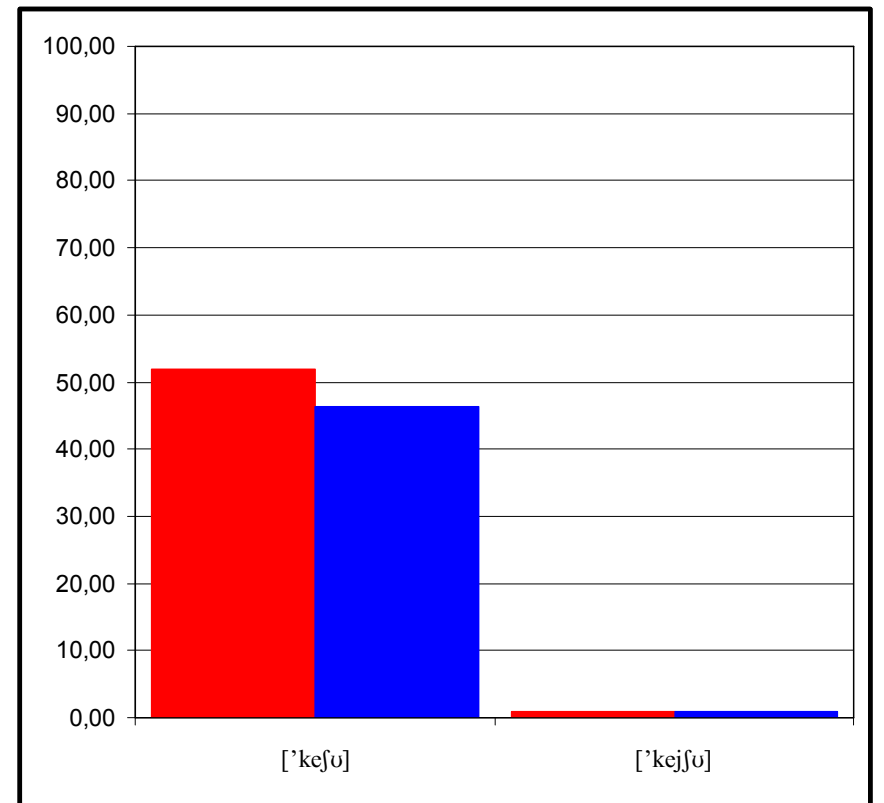


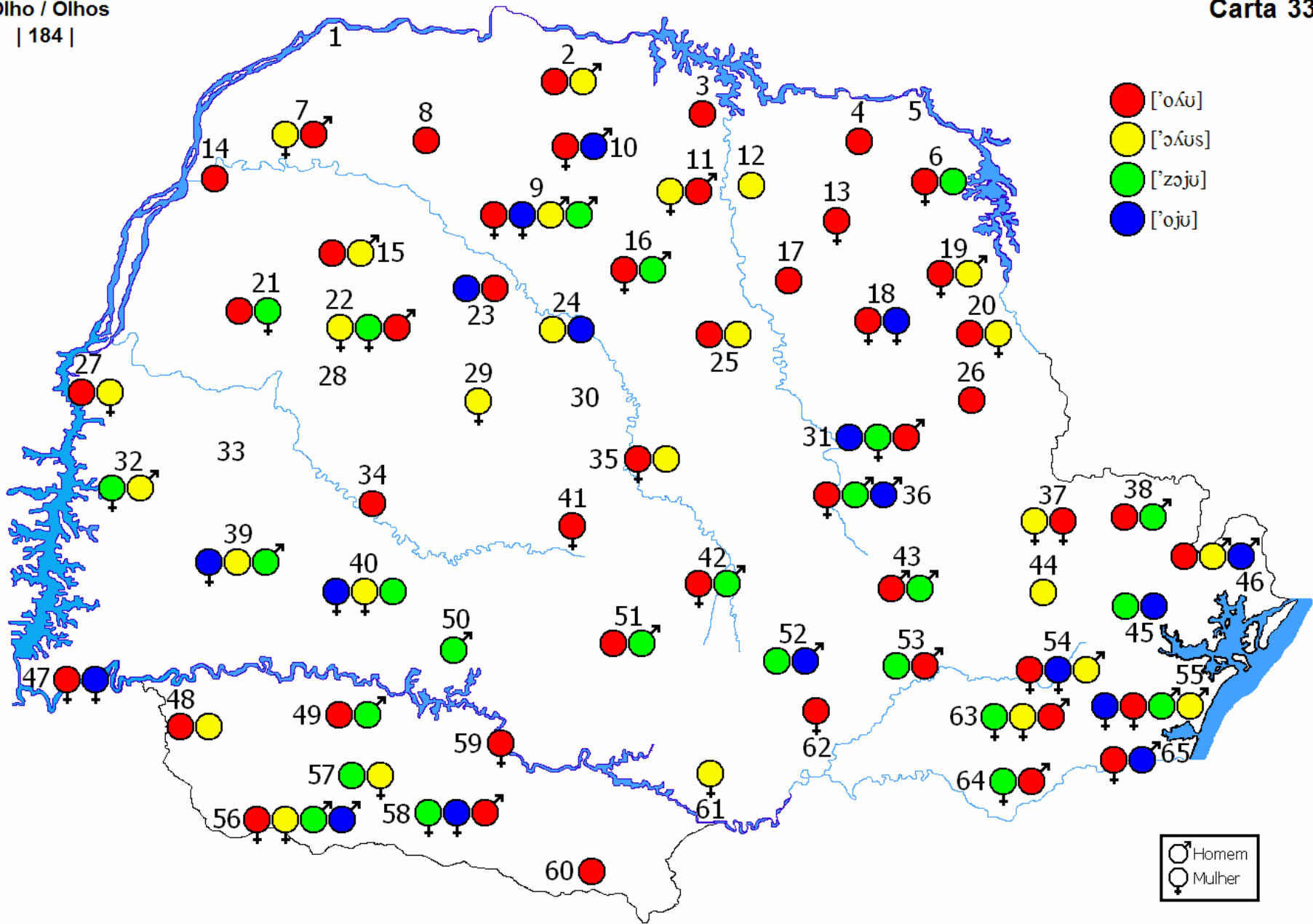
Carta 334 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[bi'gɔdɪ]	28 (25,92%)	28 (25,92%)
[bi'gɔdʒɪ]	23 (21,30%)	19 (17,59%)
[bi'gɔde]	3 (2,78%)	3 (2,78%)
[bi'gotʃi]	2 (1,85%)	0
[bi'gɔ]	1 (0,93%)	1 (0,93%)



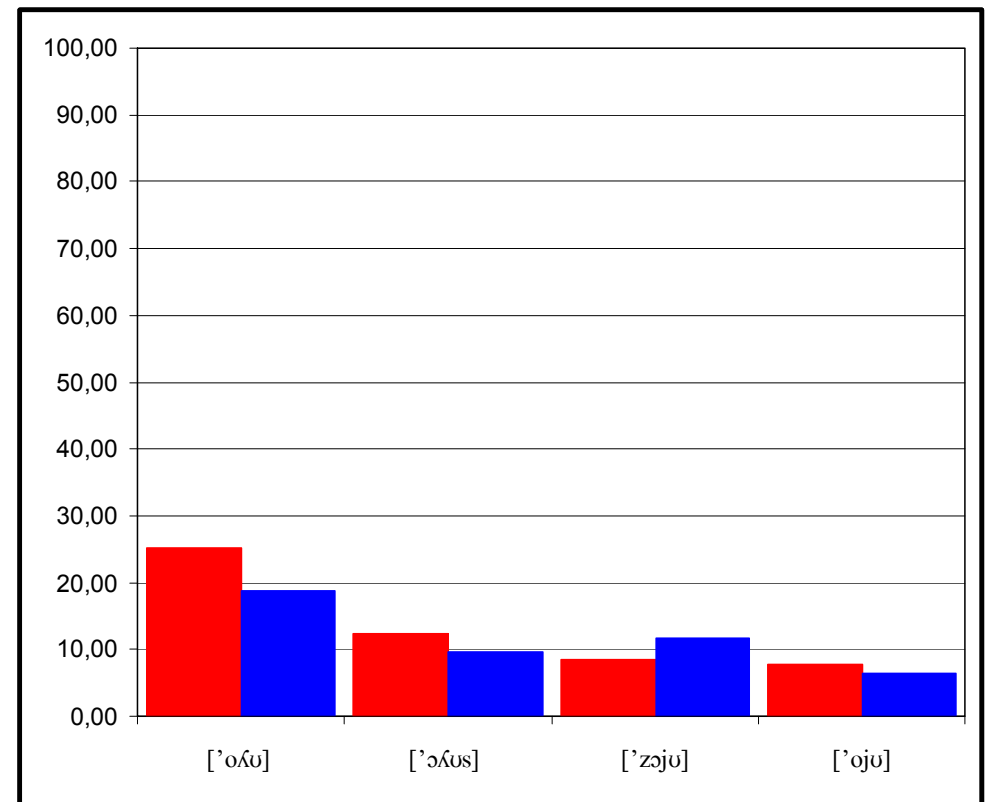


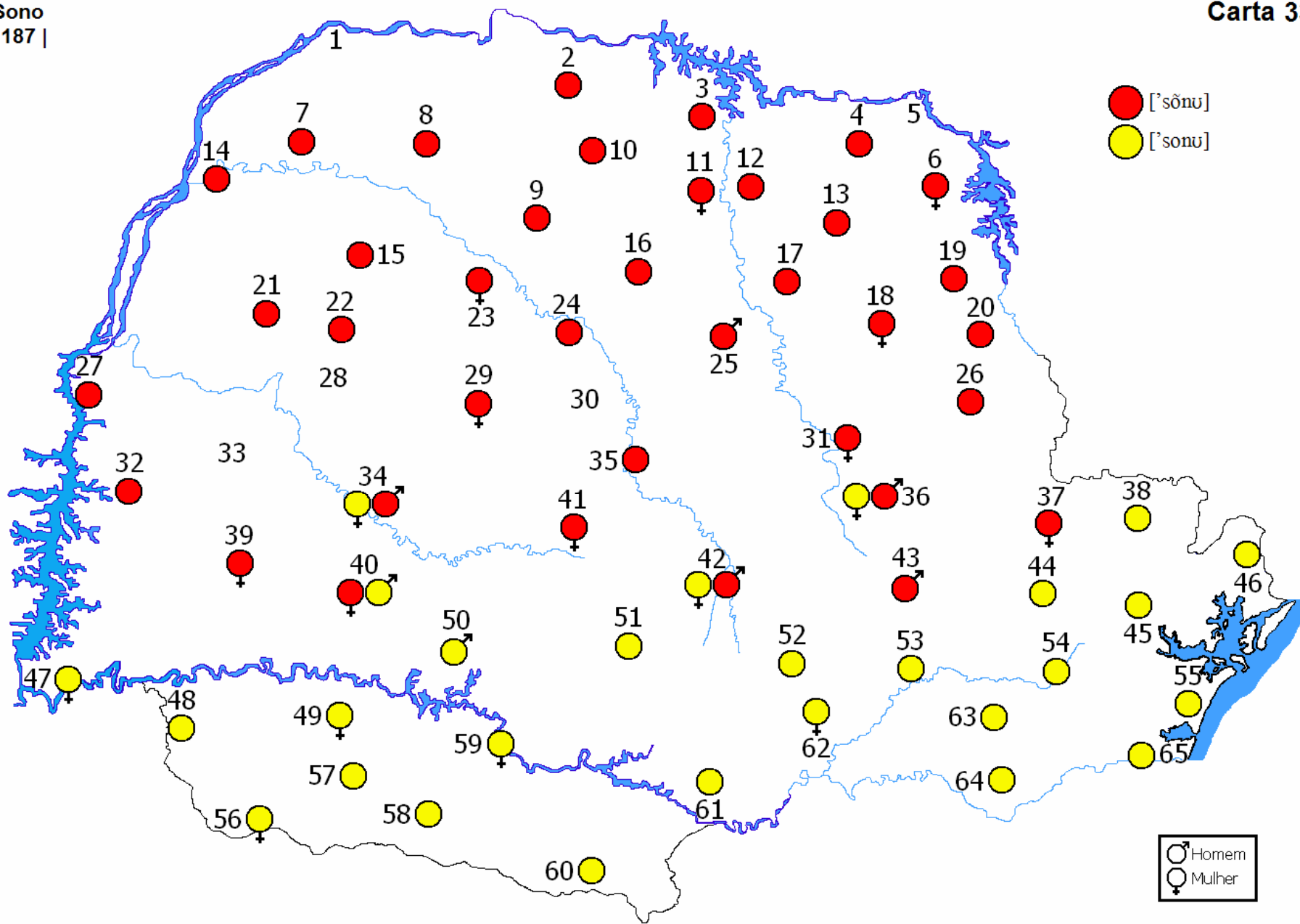
Carta 335 (106 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈkɛʃu]	55 (51,89%)	49 (46,23%)
[ˈkɛjʃu]	1 (0,94%)	1 (0,94%)



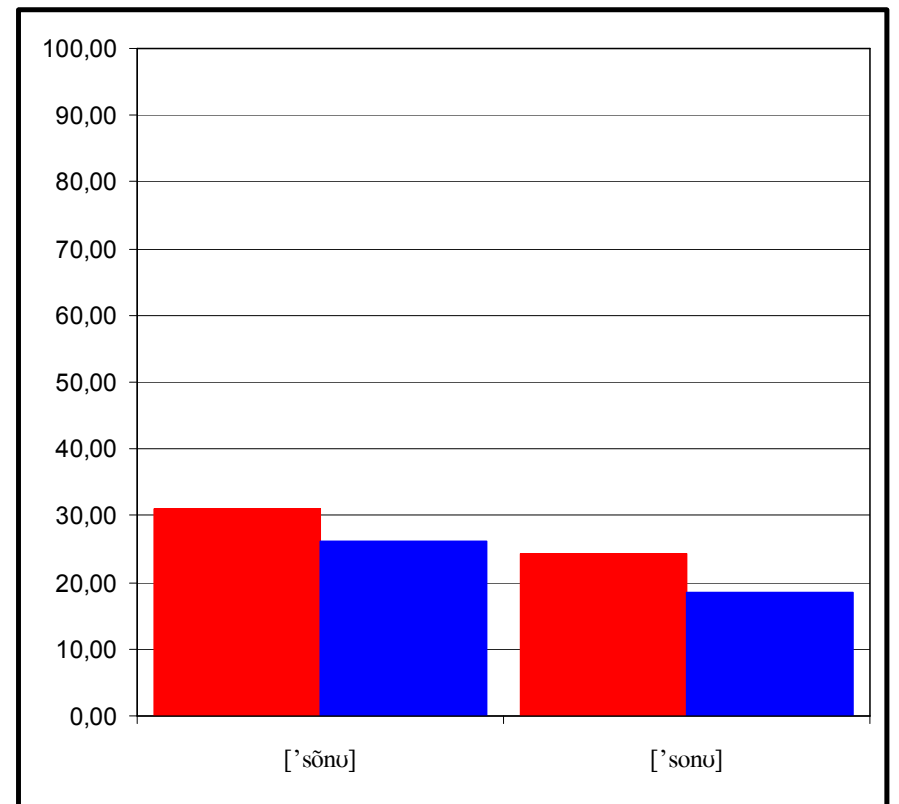


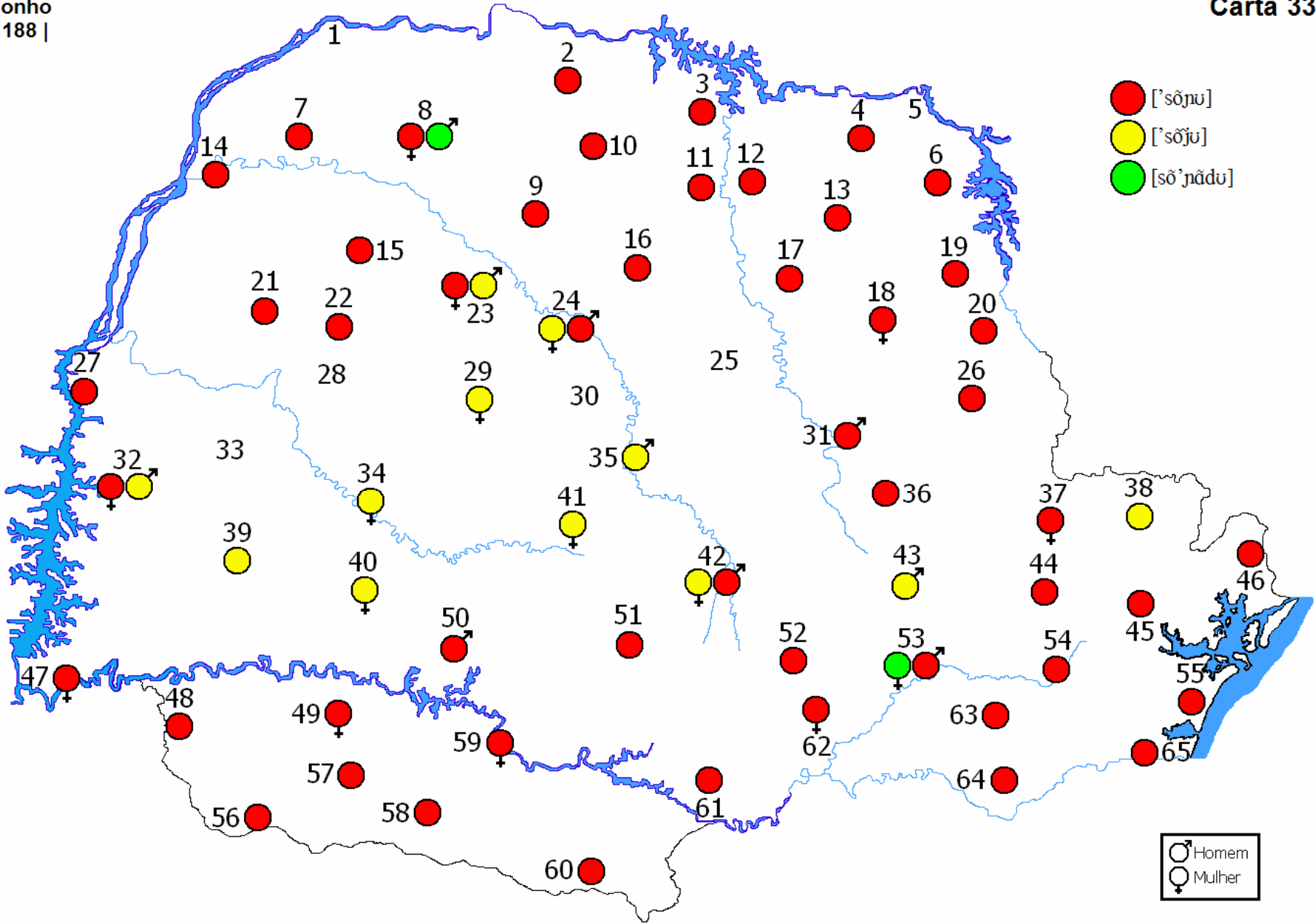
Carta 336 (155 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈoʎu]	39 (25,16%)	29 (18,71%)
[ˈɔʎus]	19 (12,26%)	15 (9,68%)
[ˈzɔjʊ]	13 (8,39%)	18 (11,61%)
[ˈojʊ]	12 (7,74%)	10 (6,45%)



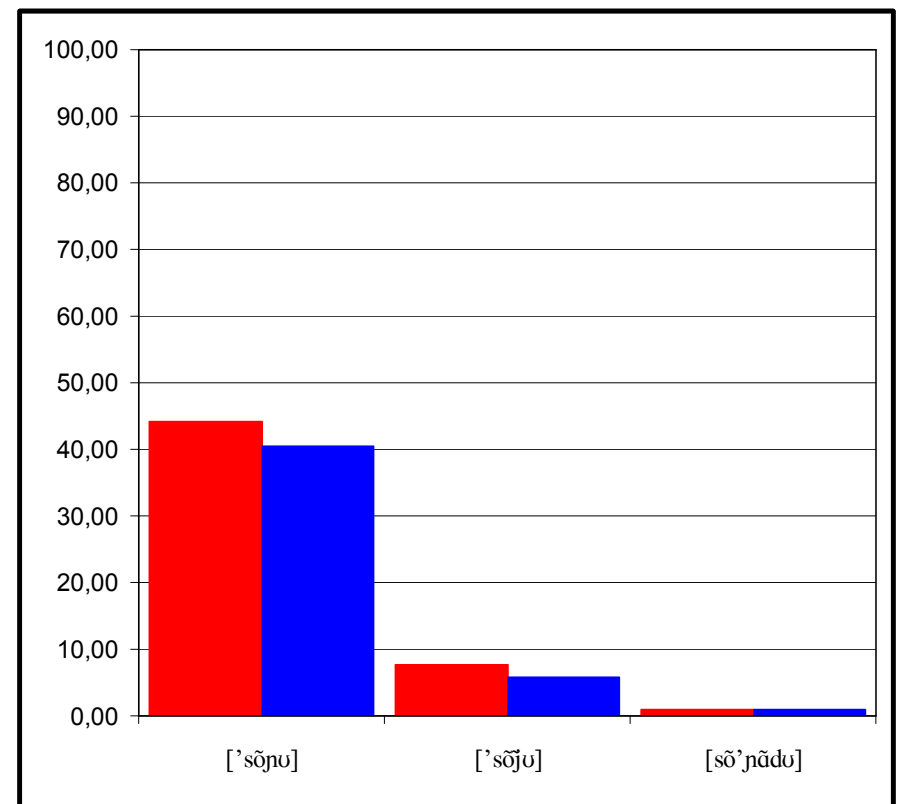


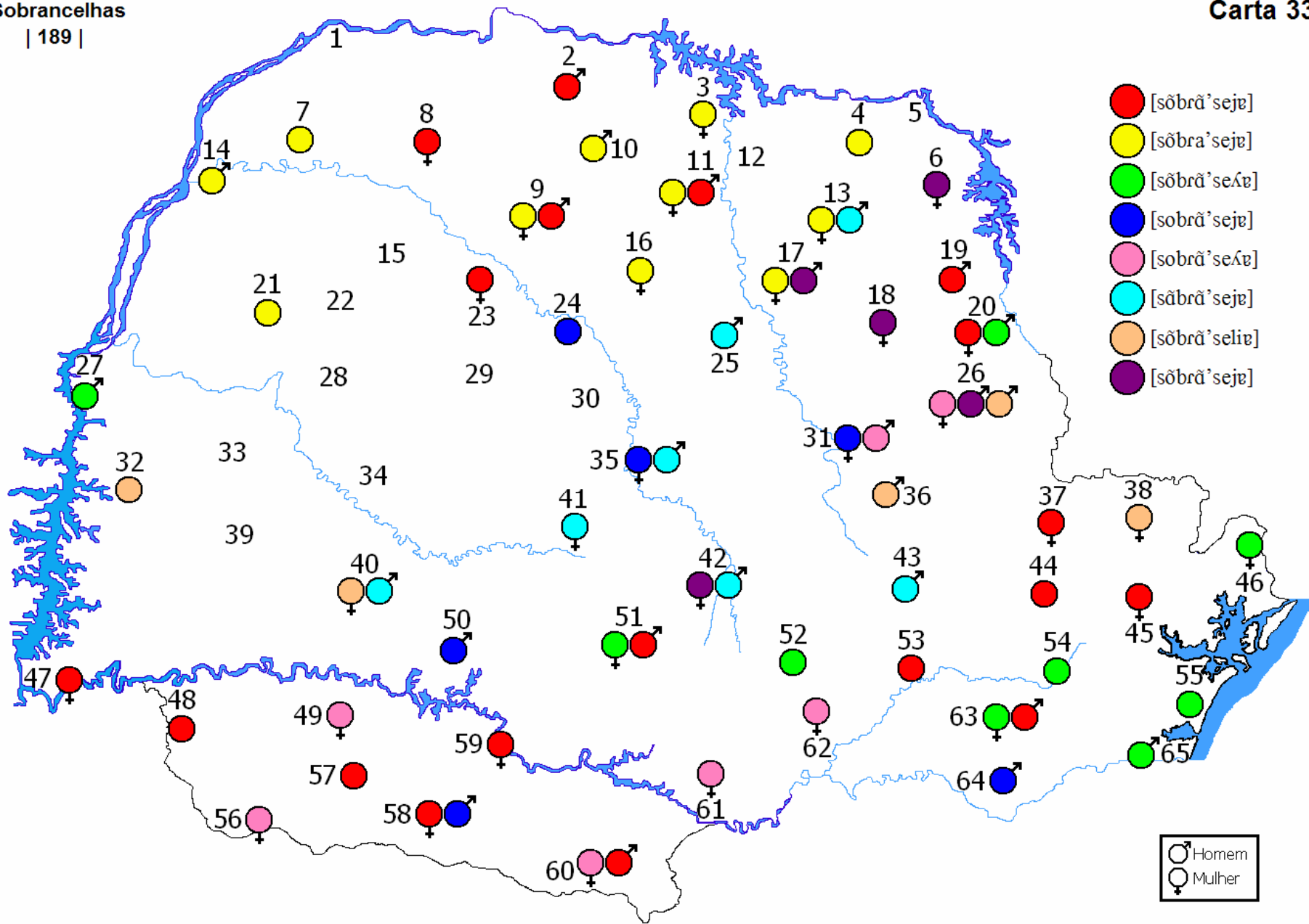
Carta 337 (103 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈsõnʊ]	32 (31,07%)	27 (26,21%)
[ˈsonʊ]	25 (24,27%)	19 (18,45%)



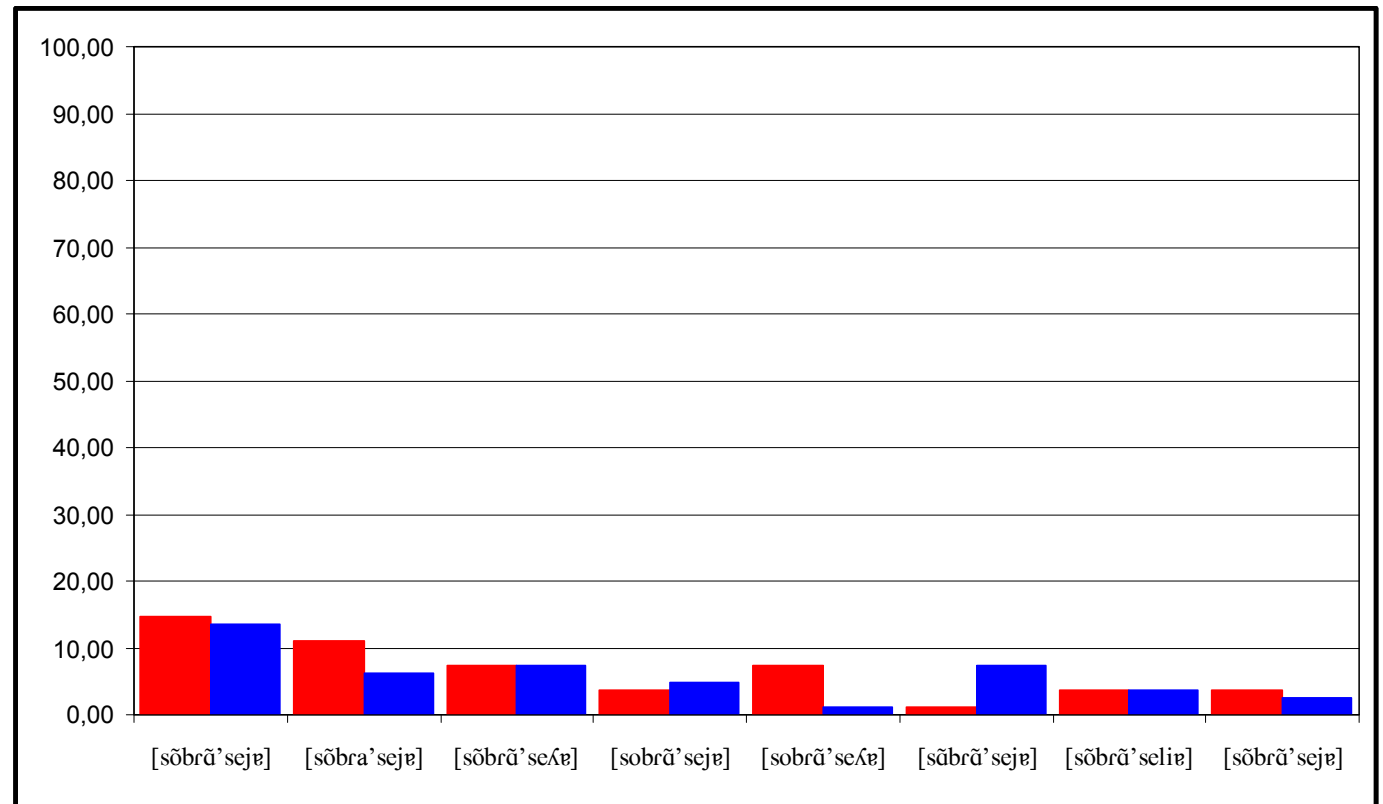


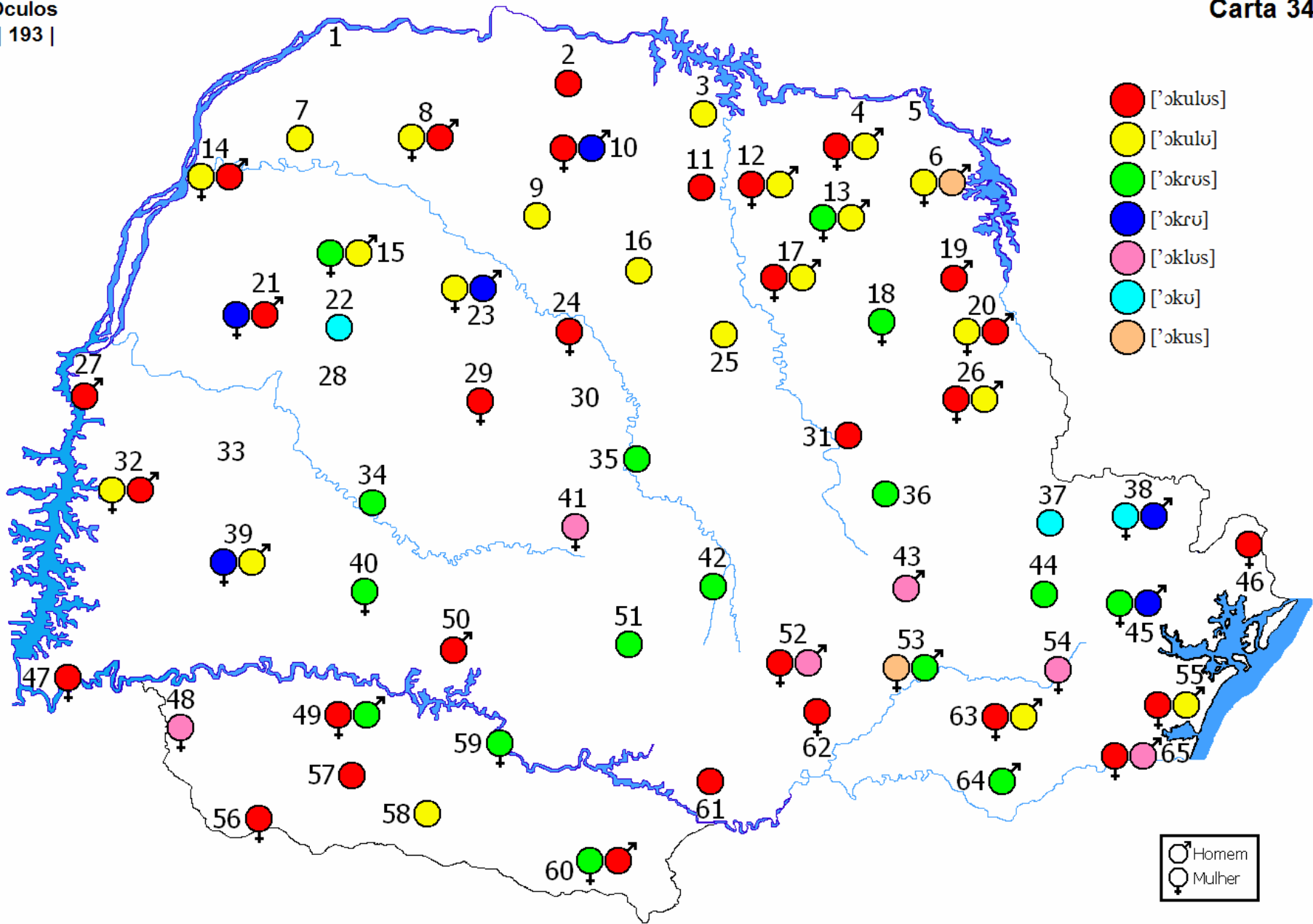
Carta 338 (104 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈsõɲu]	46 (44,24%)	42 (40,38%)
[ˈsõʃu]	8 (7,69%)	6 (5,77%)
[sõˈɲãdu]	1 (0,96%)	1 (0,96%)



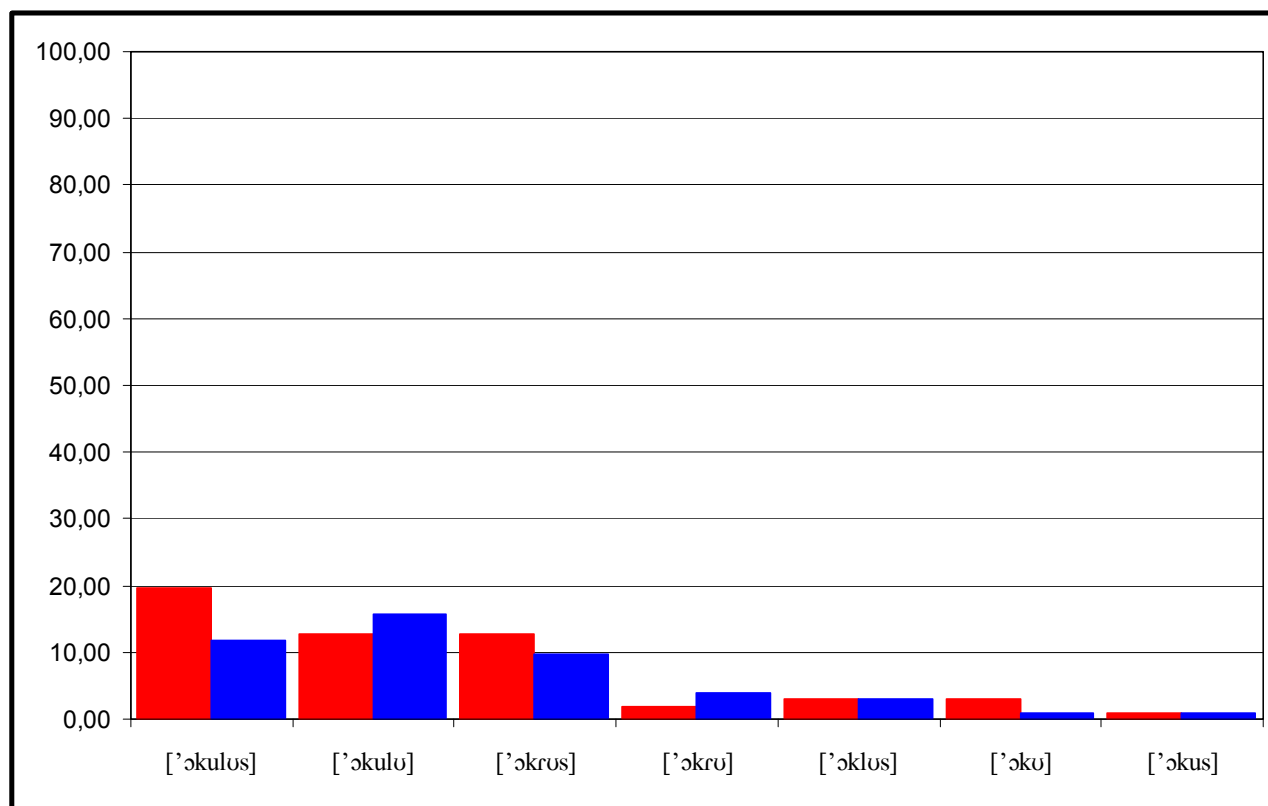


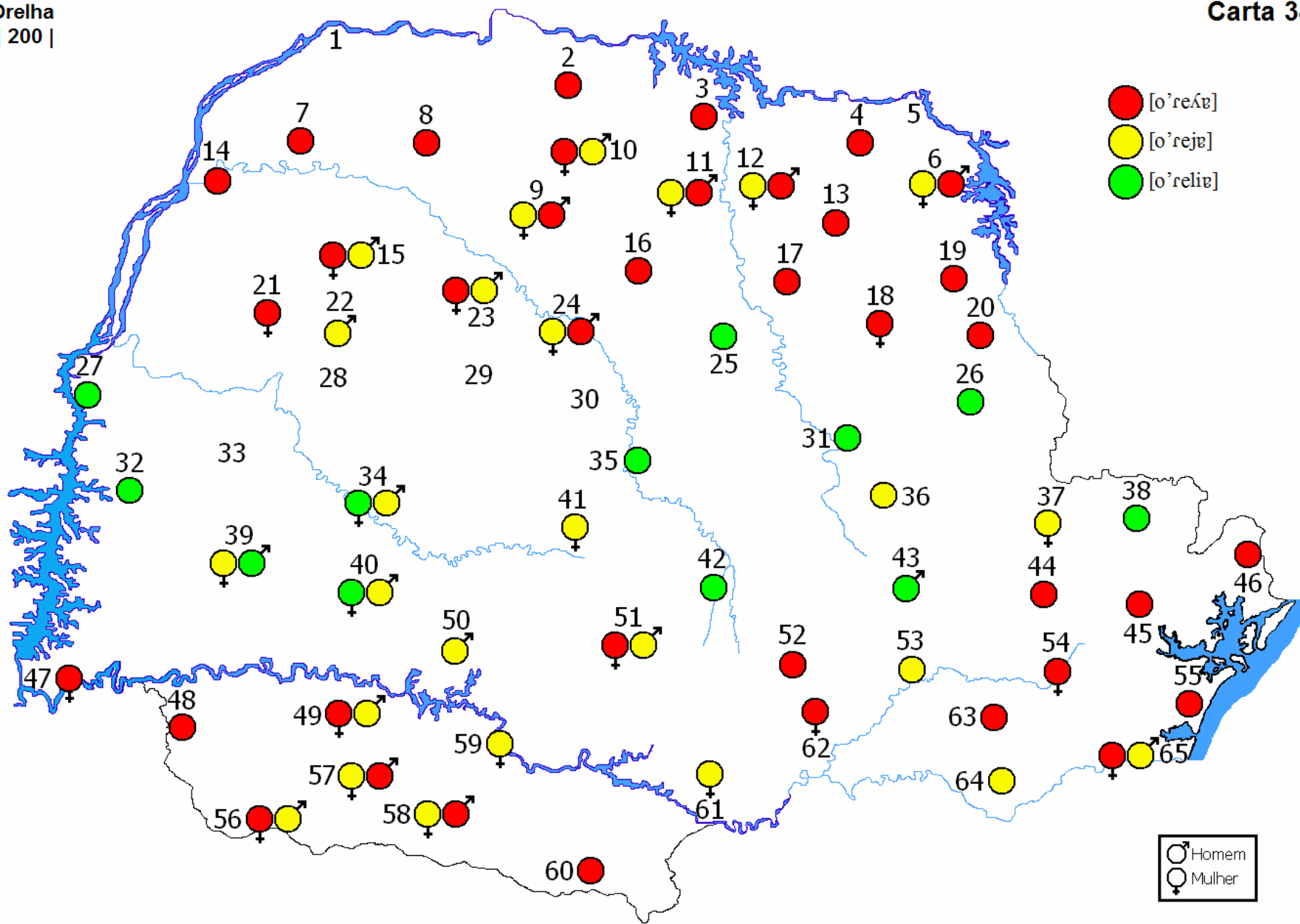
Carta 339 (81 ocorrências)	Mulher	Homem
[sõbrã'sejø]	12 (14,82%)	11 (13,59%)
[sõbra'sejø]	9 (11,11%)	5 (6,17%)
[sõbrã'seʎø]	6 (7,41%)	6 (7,41%)
[sobrã'sejø]	3 (3,70%)	4 (4,94%)
[sobrã'seʎø]	6 (7,41%)	1 (1,23%)
[sãbrã'sejø]	1 (1,23%)	6 (7,41%)
[sõbrã'seliø]	3 (3,70%)	3 (3,70%)
[sõbrã'sejø]	3 (3,70%)	2 (2,47%)



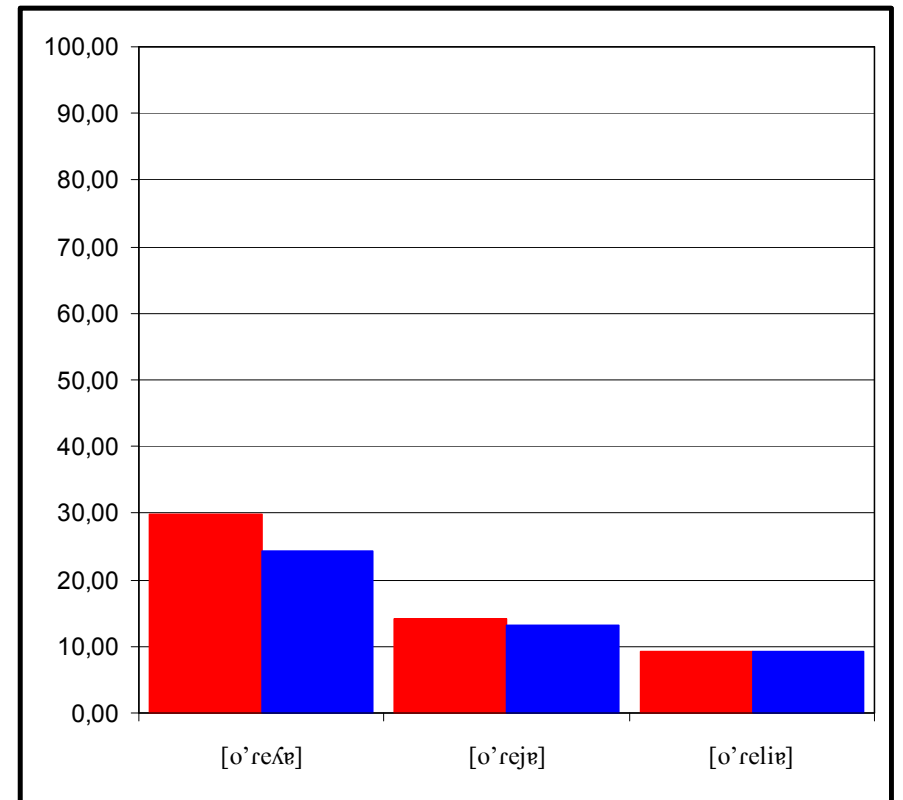


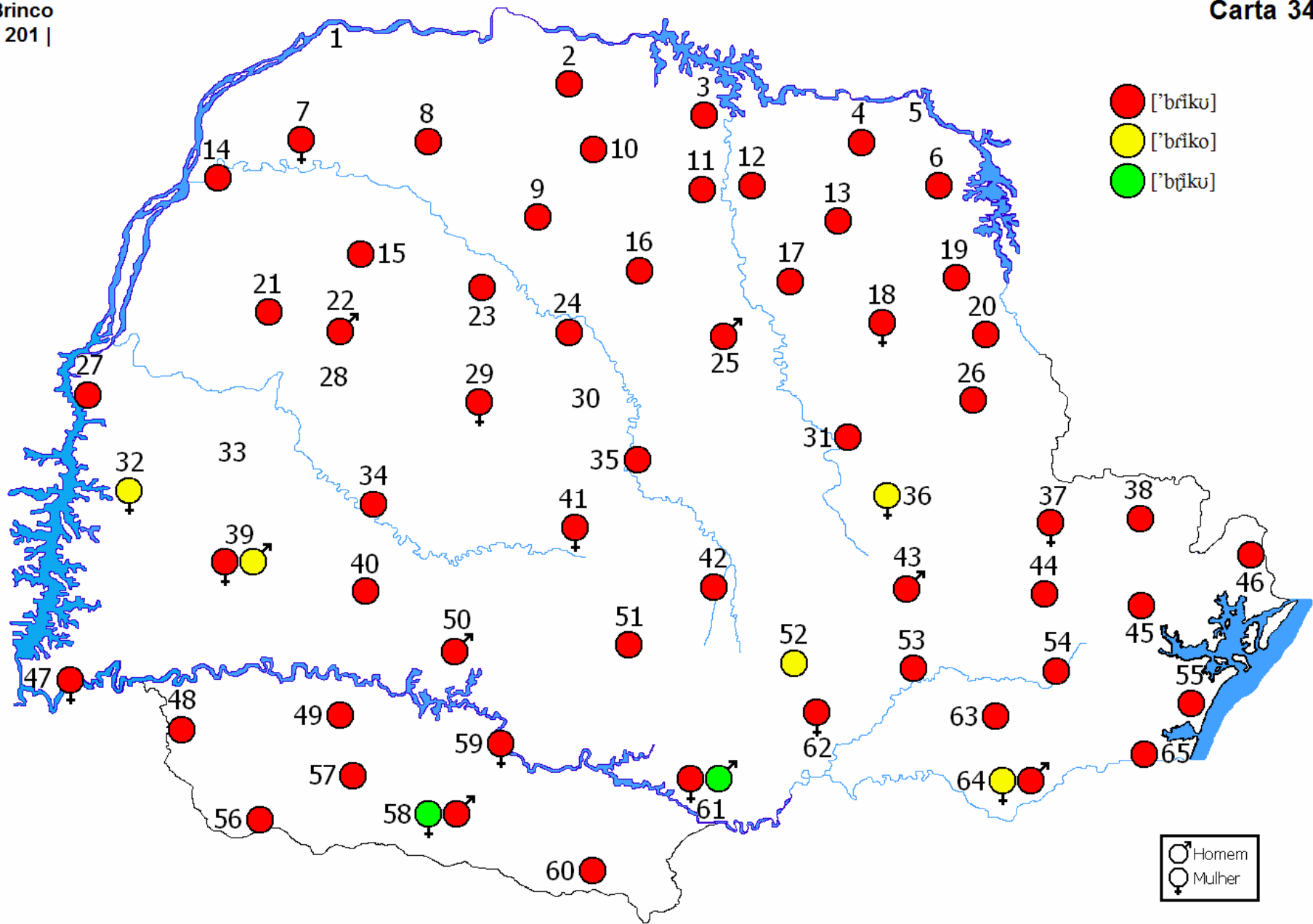
Carta 340 (102 ocorrências)	Mulher	Homem
['ókulus]	20 (19,61%)	12 (11,76%)
['ókulɨ]	13 (12,75%)	16 (15,69%)
['ókɾus]	13 (12,75%)	10 (9,80%)
['ókɾɨ]	2 (1,96%)	4 (3,92%)
['ókɫus]	3 (2,94%)	3 (2,94%)
['ókɨ]	3 (2,94%)	1 (0,98%)
['ókus]	1 (0,98%)	1 (0,98%)



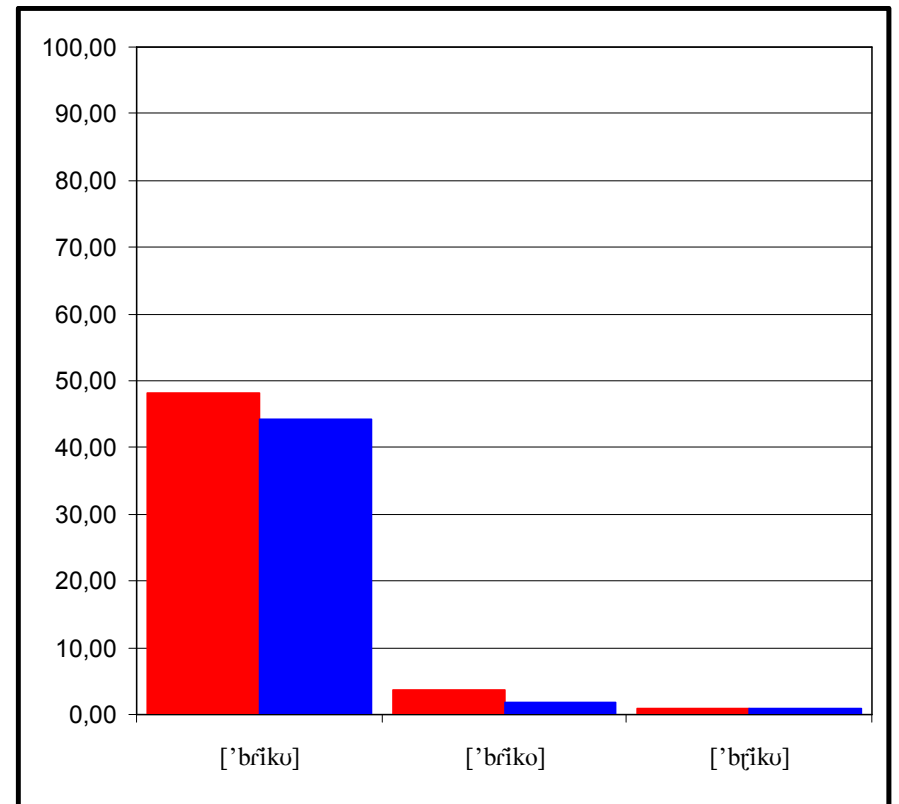


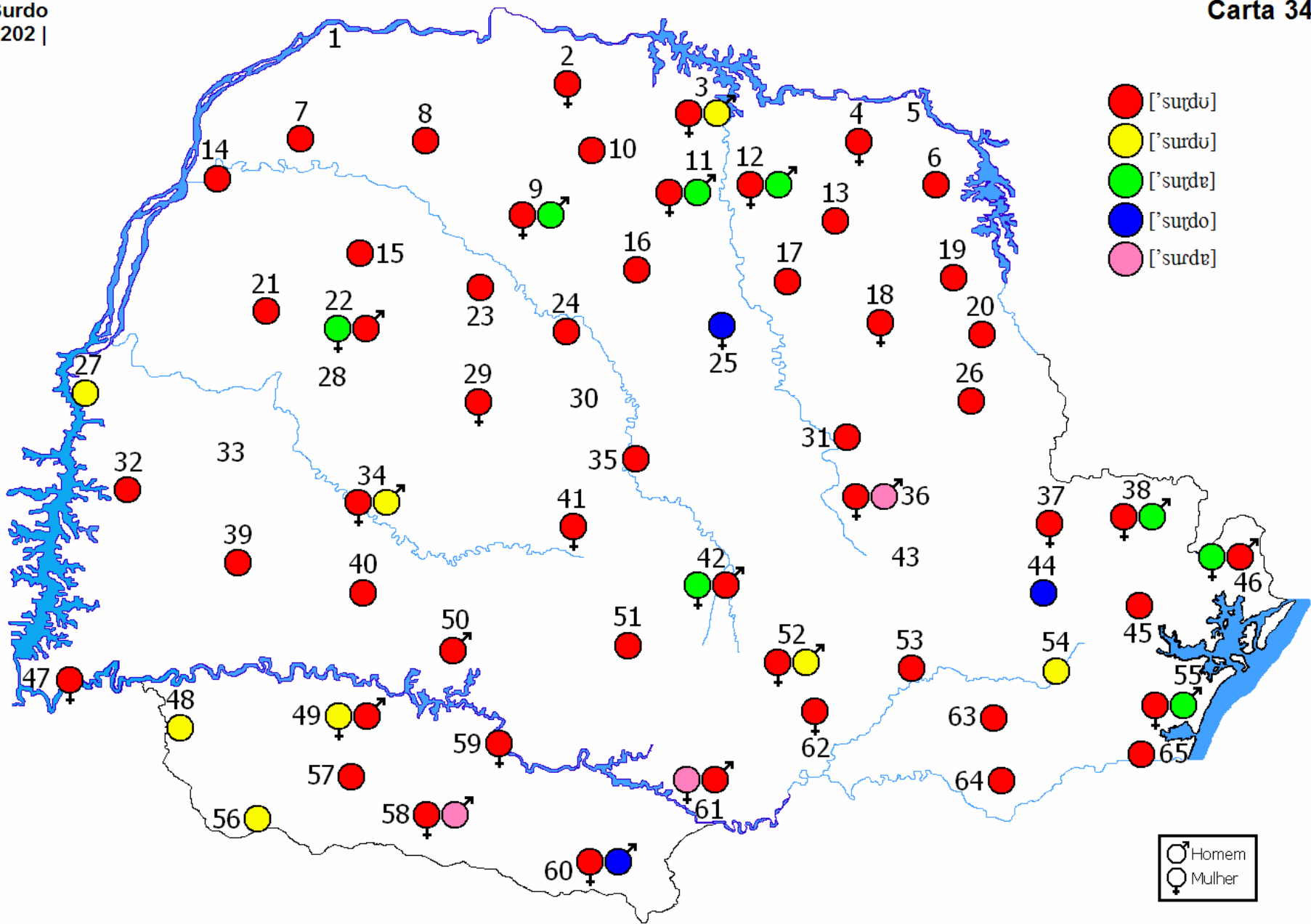
Carta 341 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
[o'reλə]	32 (29,90%)	26 (24,30%)
[o'rejə]	15 (14,02%)	14 (13,08%)
[o'reliə]	10 (9,35%)	10 (9,35%)



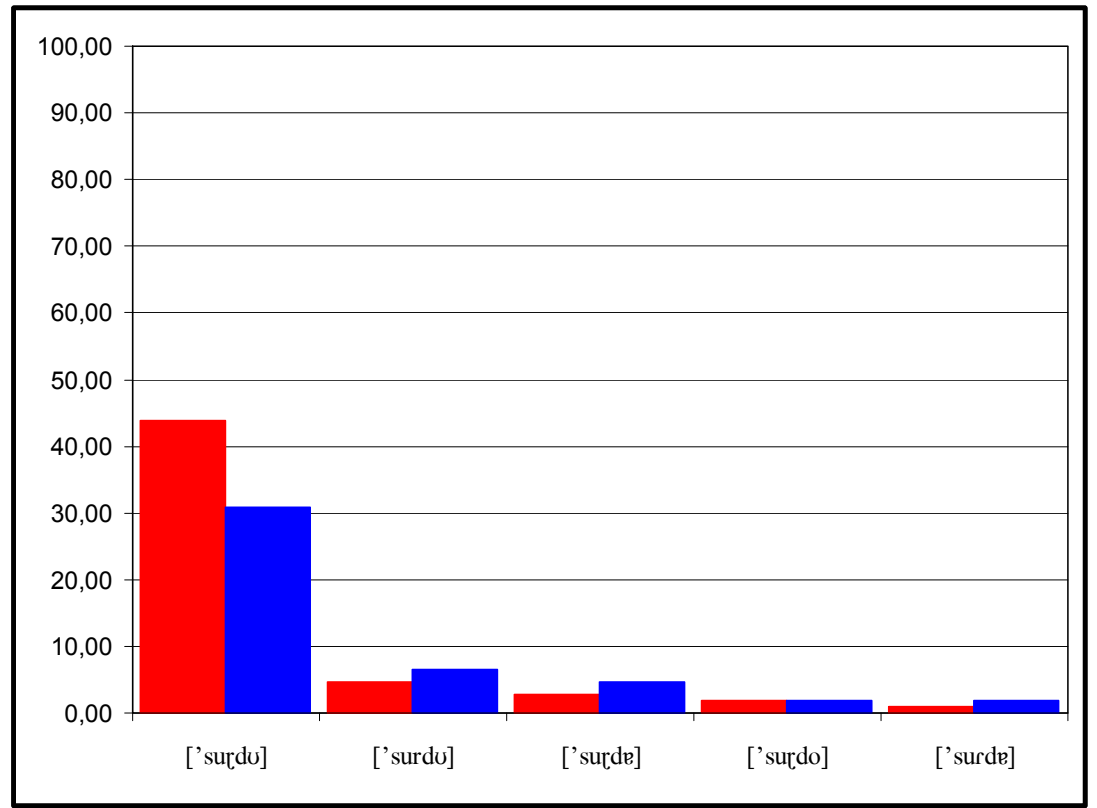


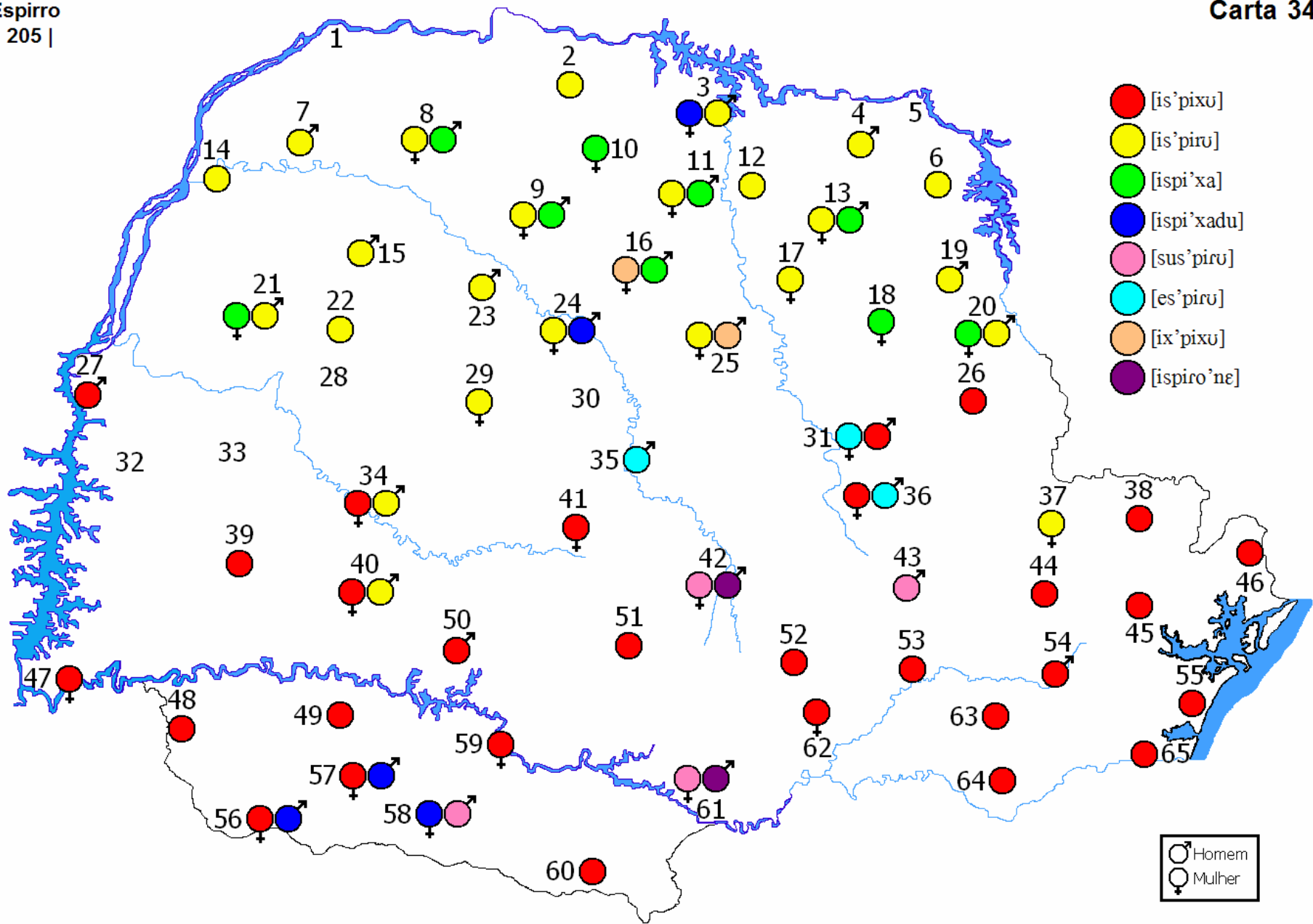
Carta 342 (106 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈbrĩku]	51 (48,11%)	47 (44,34%)
[ˈbrĩko]	4 (3,78%)	2 (1,89%)
[ˈbɾĩku]	1 (0,94%)	1 (0,94%)



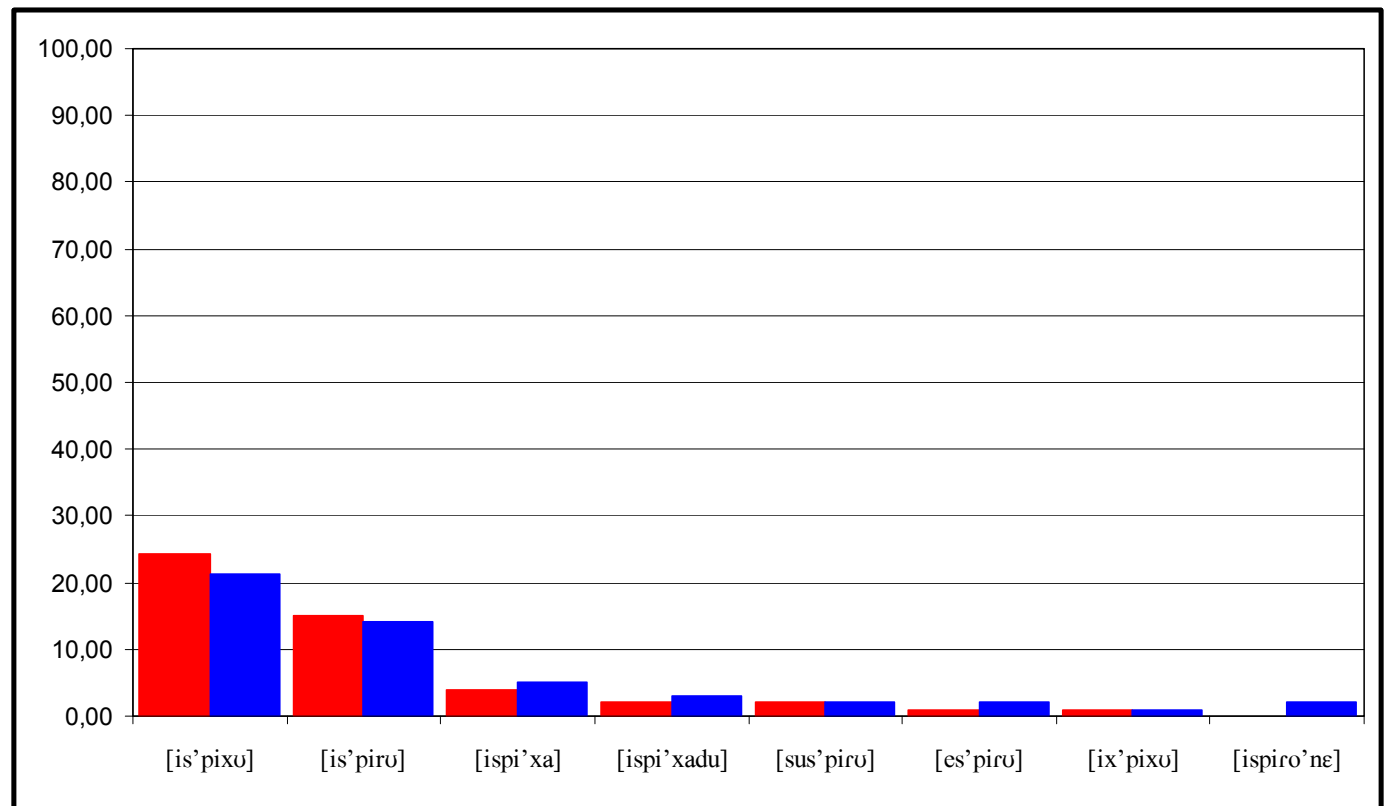


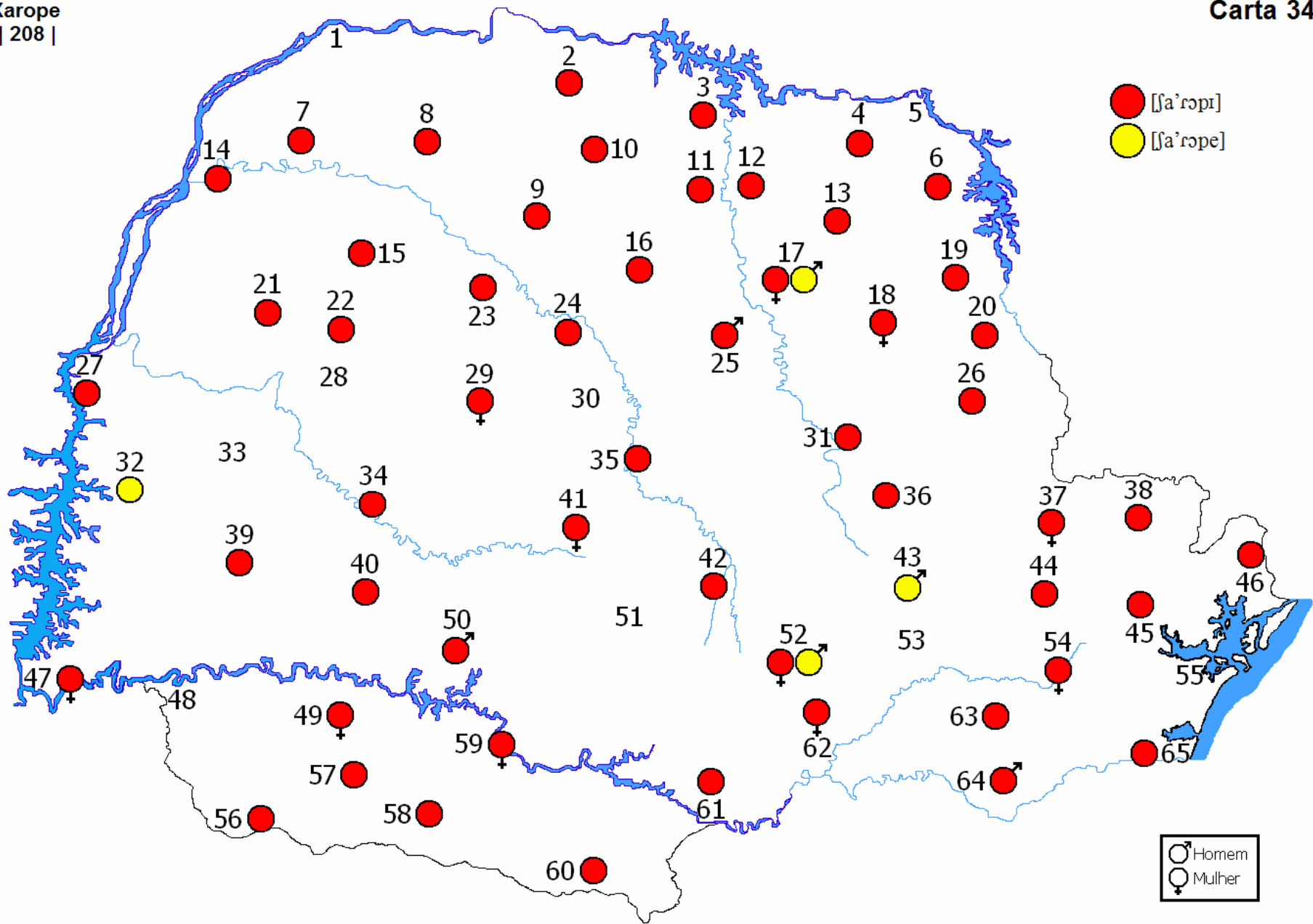
Carta 343 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈsuɾdo]	47 (43,93%)	33 (30,84%)
[ˈsurdo]	5 (4,67%)	7 (6,54%)
[ˈsuɾdɐ]	3 (2,80%)	5 (4,67%)
[ˈsuɾdo]	2 (1,87%)	2 (1,87%)
[ˈsurdɐ]	1 (0,93%)	2 (1,87%)



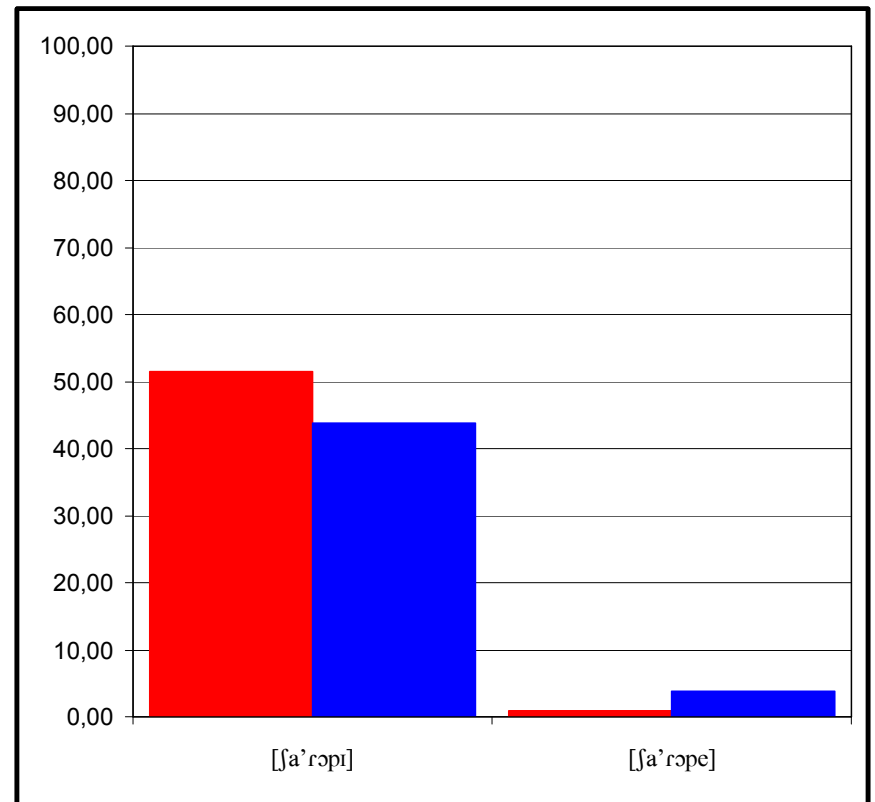


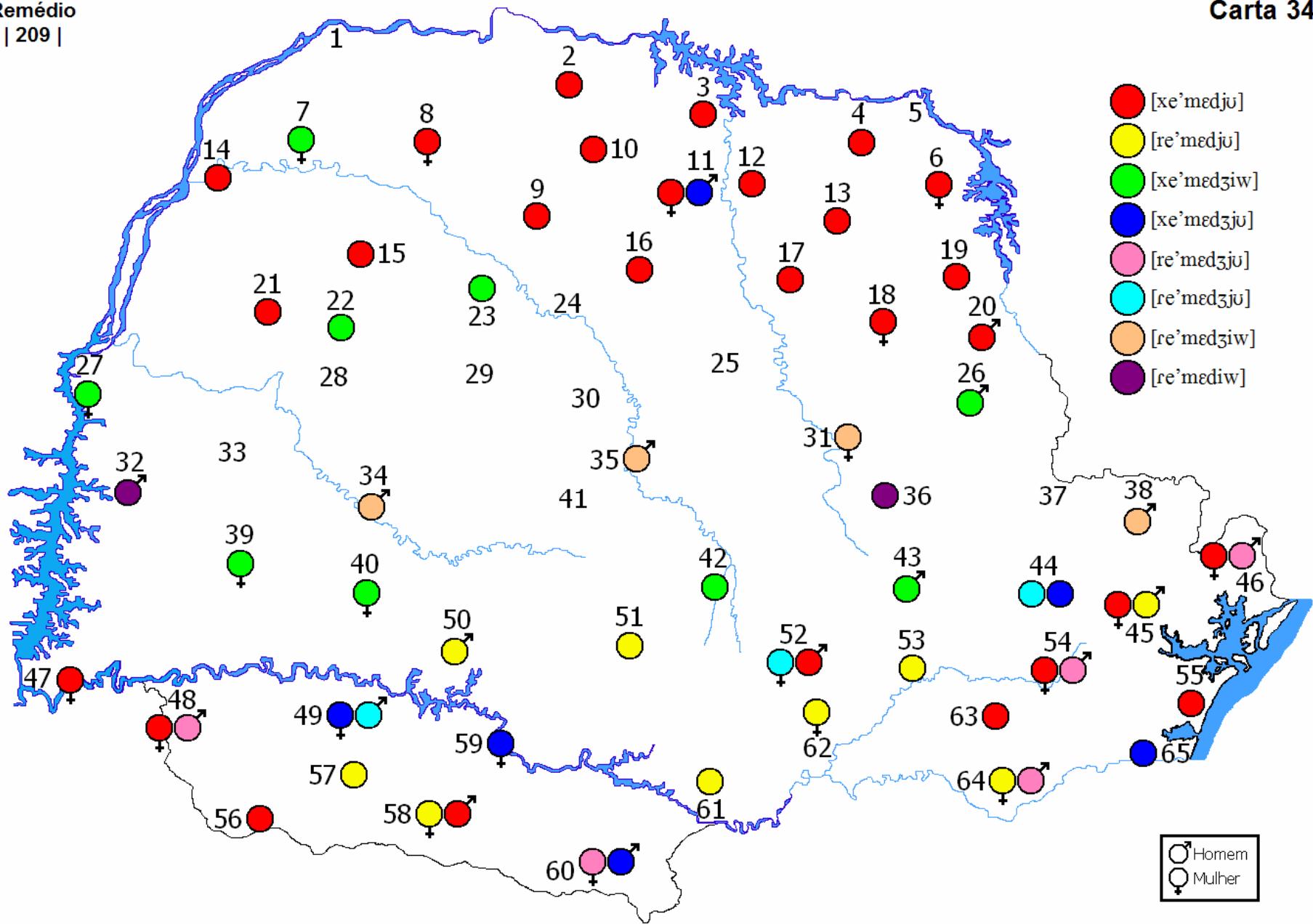
Carta 344 (99 ocorrências)	Mulher	Homem
[is'pixu]	24 (24,24%)	21 (21,21%)
[is'piru]	15 (15,15%)	14 (14,14%)
[ispi'xa]	4 (4,04%)	5 (5,05%)
[ispi'xadu]	2 (2,02%)	3 (3,03%)
[sus'piru]	2 (2,02%)	2 (2,02%)
[es'piru]	1 (1,01%)	2 (2,02%)
[ix'pixu]	1 (1,01%)	1 (1,01%)
[ispiro'ne]	0	2 (2,02%)



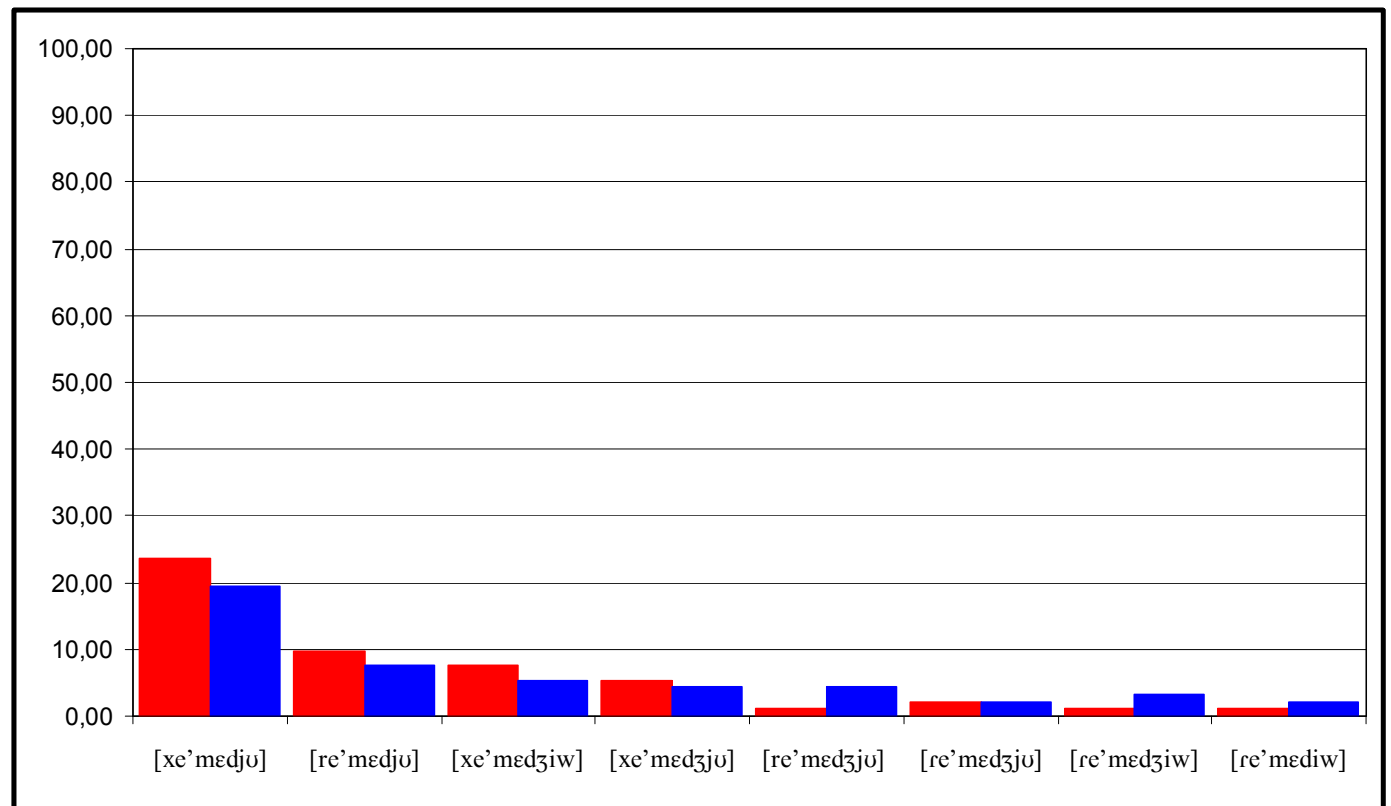


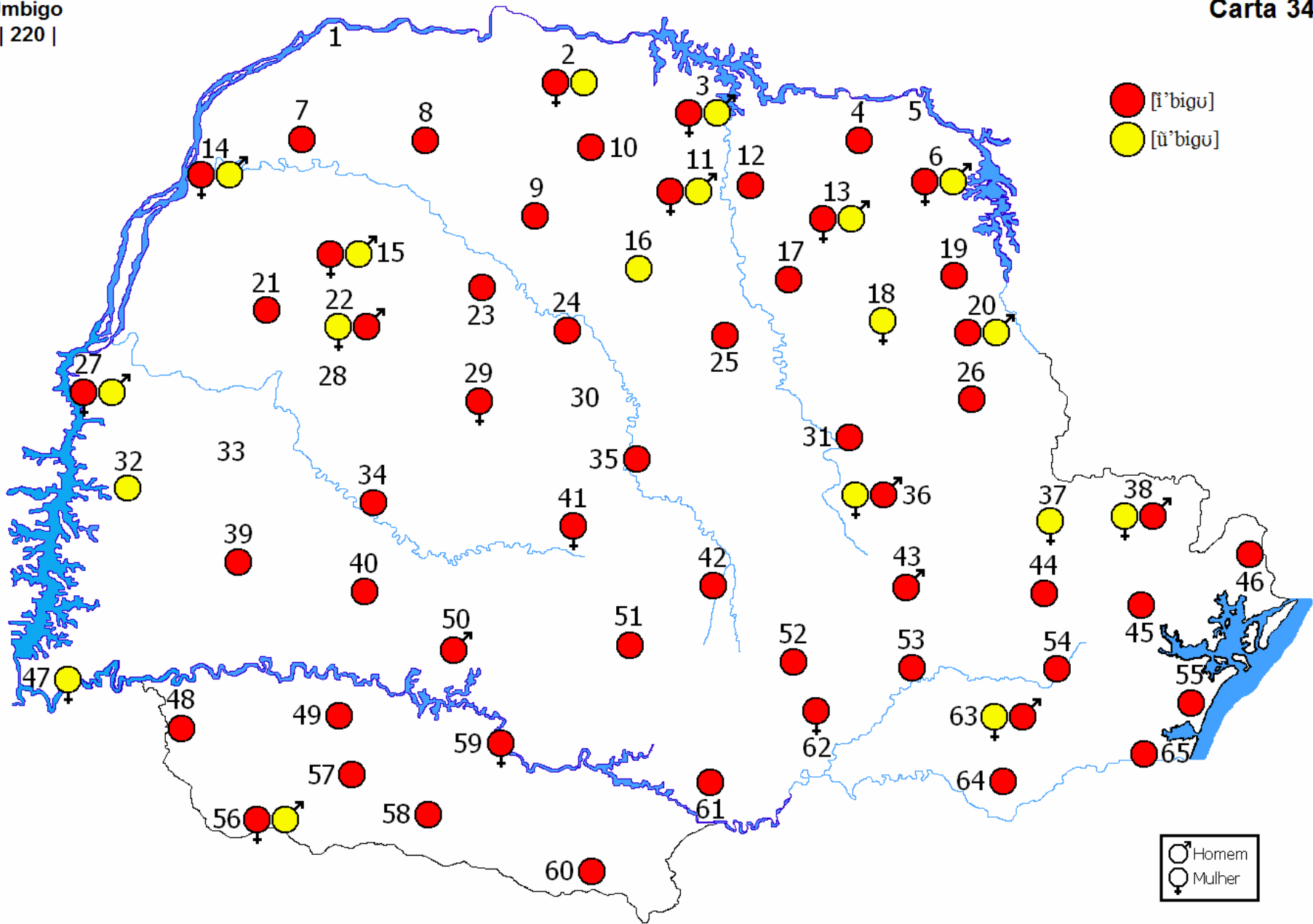
Carta 345 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
[ʃa'ɾɔpi]	55 (51,40%)	47 (43,93%)
[ʃa'ɾɔpe]	1 (0,93%)	4 (3,74%)



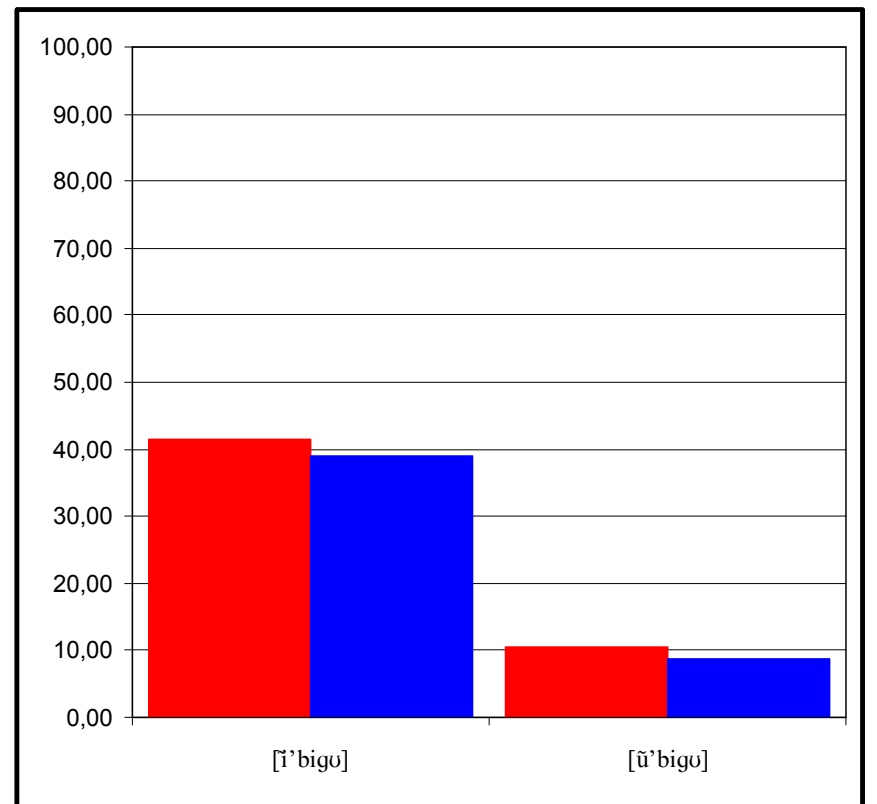


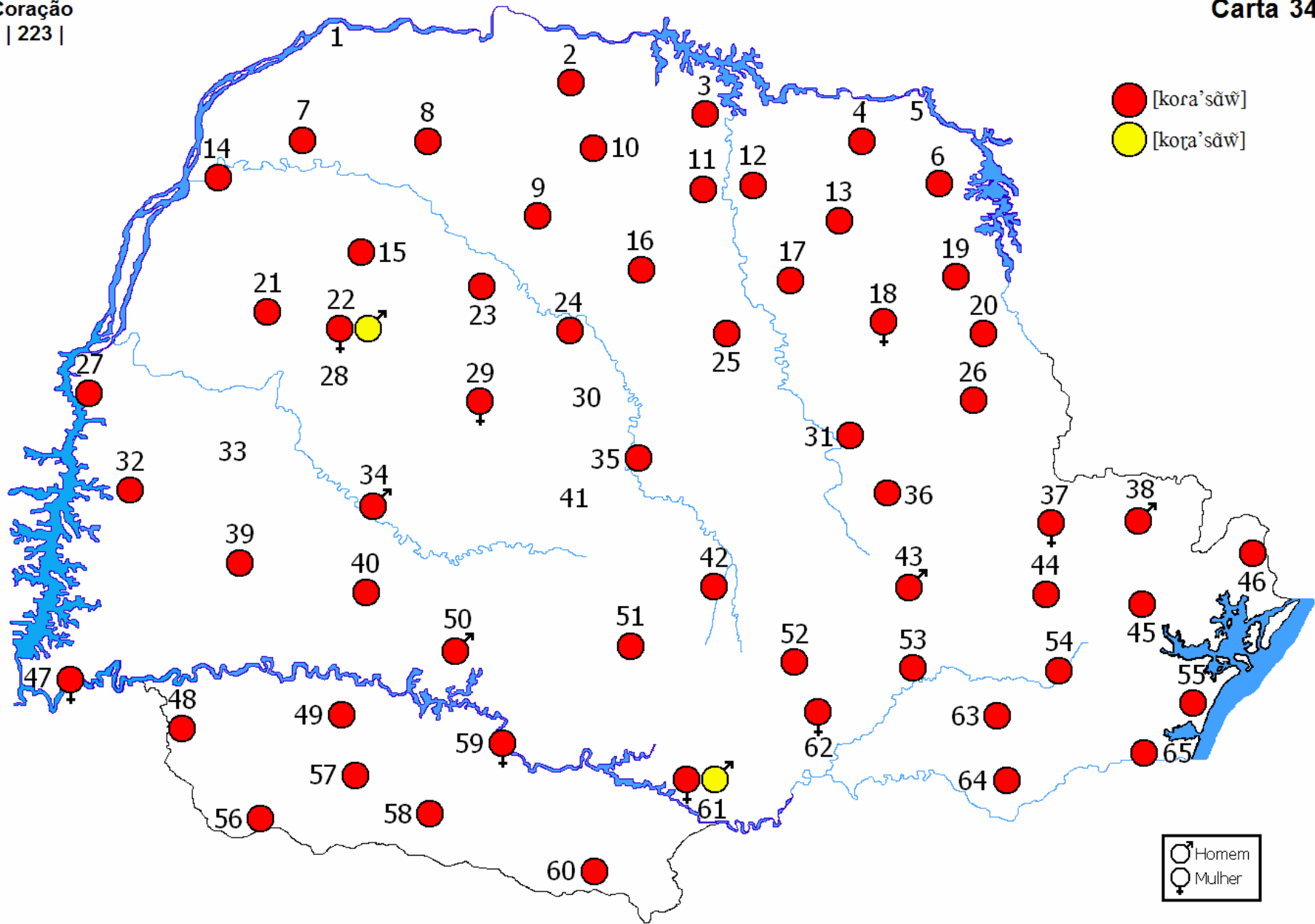
Carta 346 (93 ocorrências)	Mulher	Homem
[xe'mɛdʝu]	22 (23,66%)	18 (19,35%)
[re'mɛdʝu]	9 (9,68%)	7 (7,53%)
[xe'mɛdʝiw]	7 (7,53%)	5 (5,38%)
[xe'mɛdʝju]	5 (5,38%)	4 (4,30%)
[re'mɛdʝju]	1 (1,08%)	4 (4,30%)
[re'mɛdʝju]	2 (2,15%)	2 (2,15%)
[re'mɛdʝiw]	1 (1,08%)	3 (3,23%)
[re'mɛdiw]	1 (1,08%)	2 (2,15%)



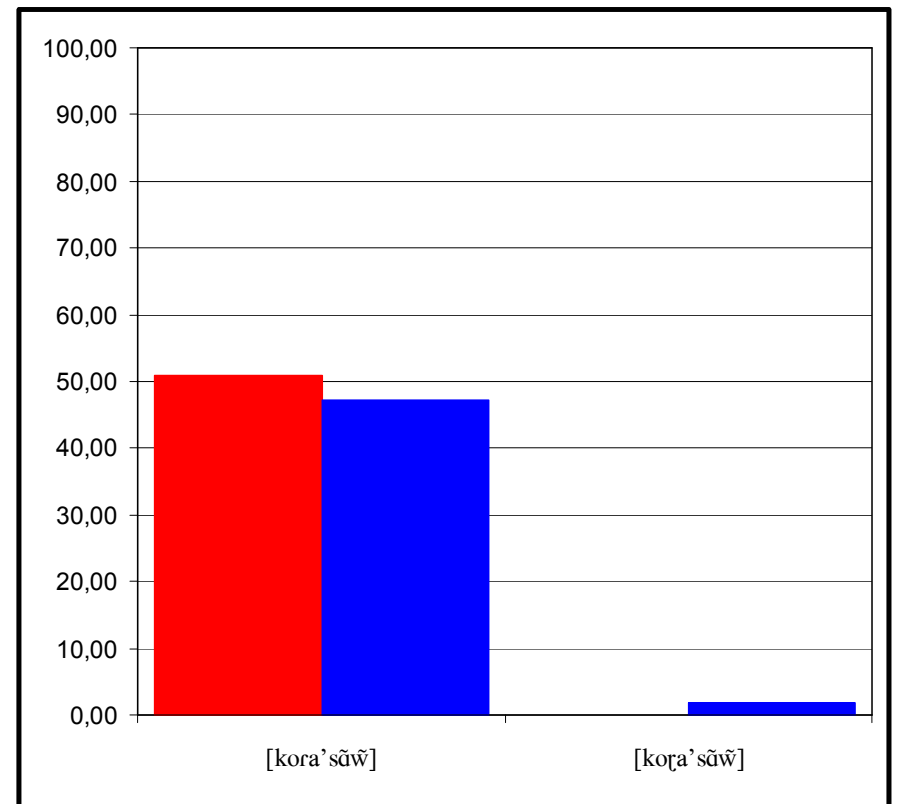


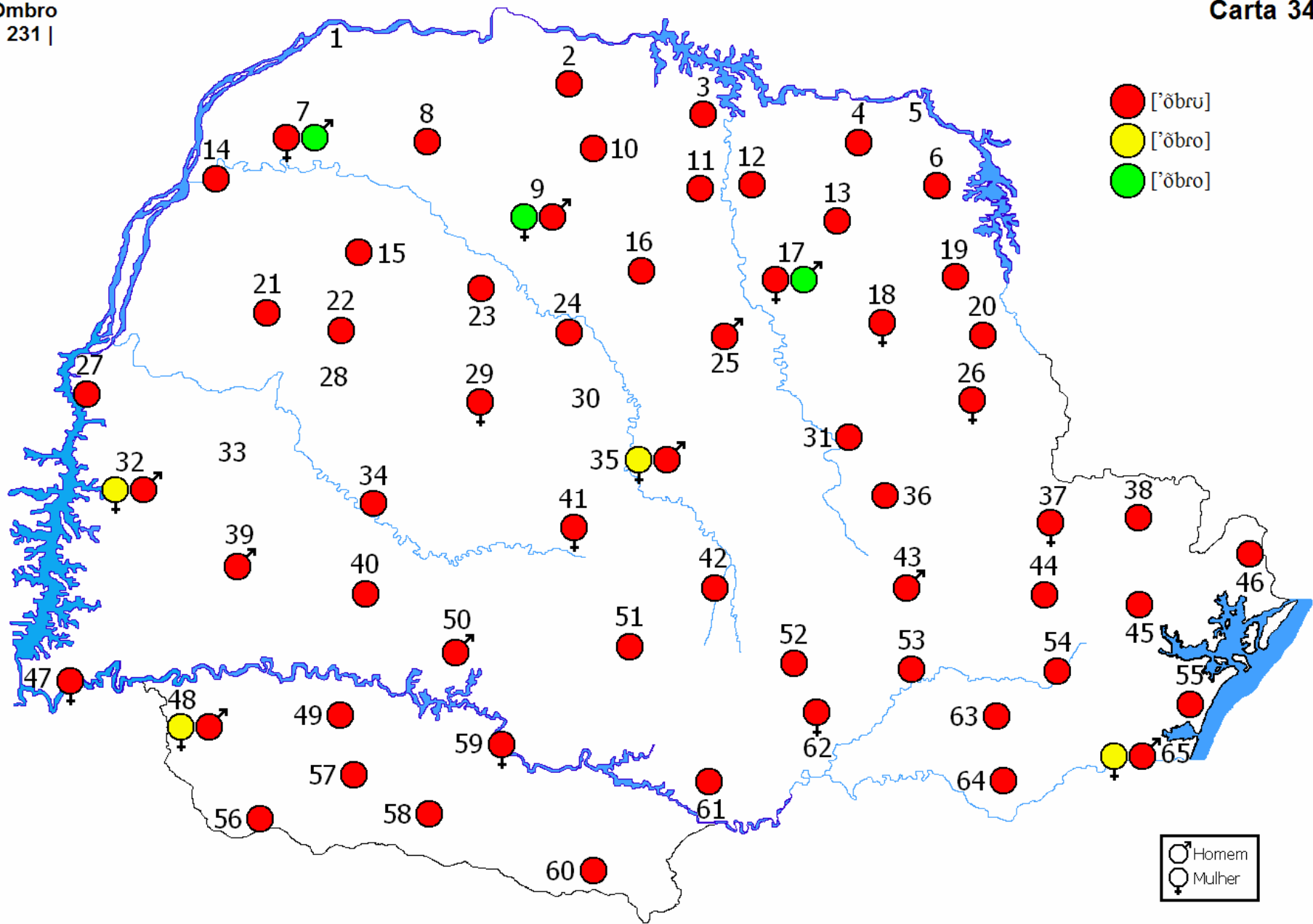
Carta 347 (113 ocorrências)	Mulher	Homem
[ĩ'bigu]	47 (41,59%)	44 (38,94%)
[ũ'bigu]	12 (10,62%)	10 (8,85%)



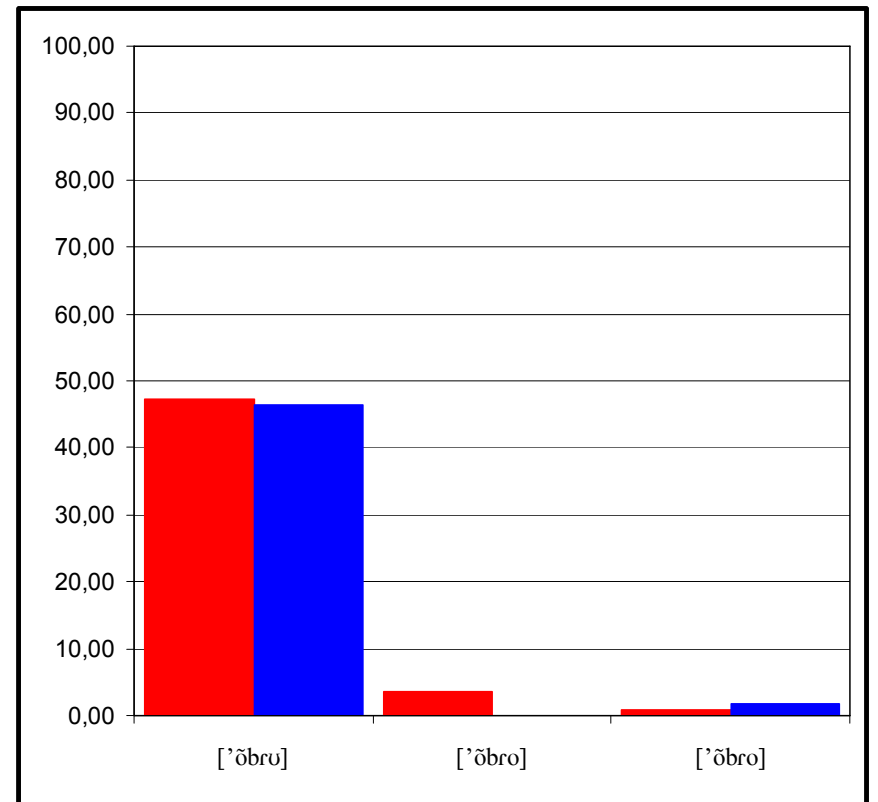


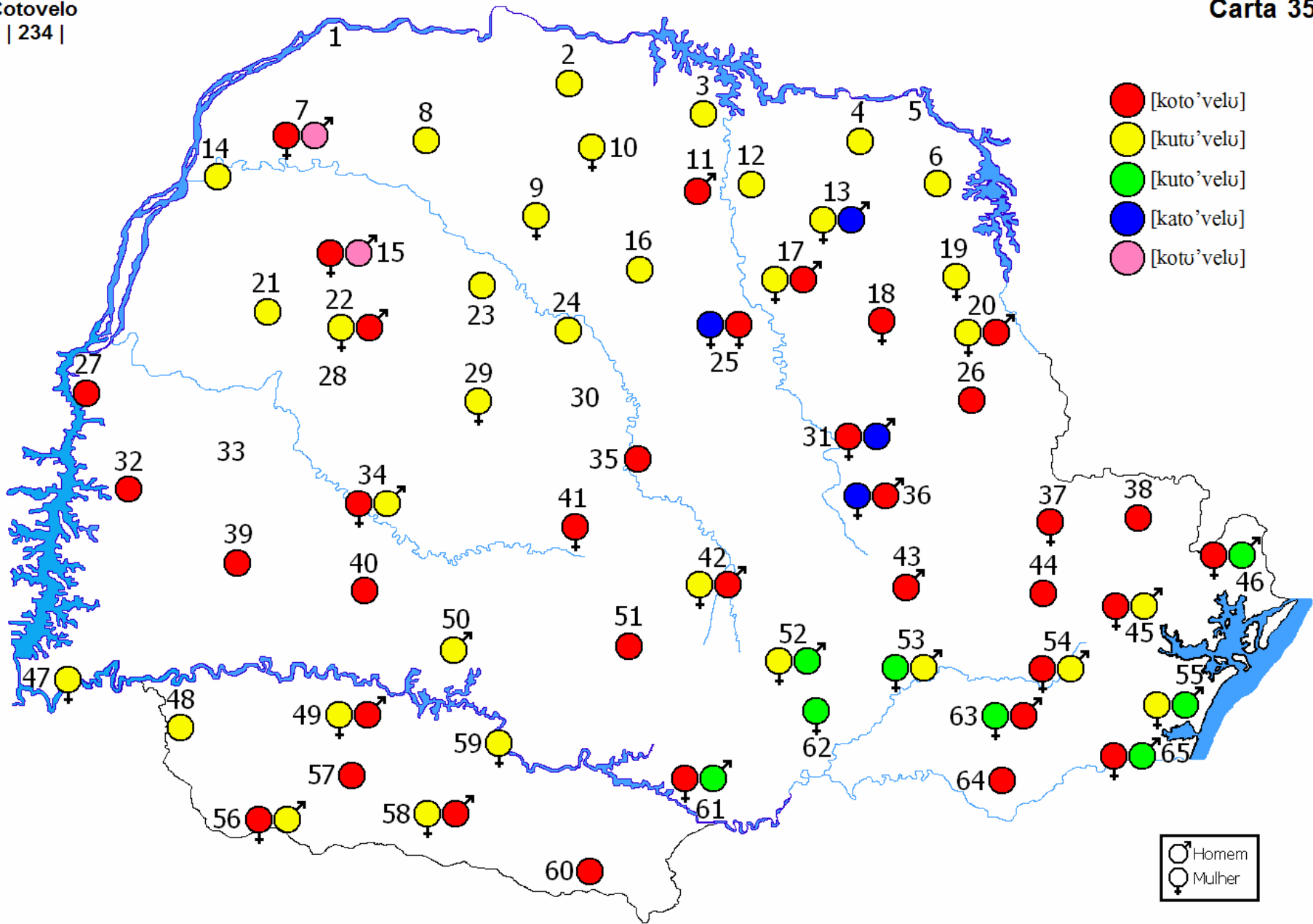
Carta 348 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[kora'sũw̃]	55 (50,93%)	51 (47,22%)
[koʁa'sũw̃]	0	2 (1,85%)



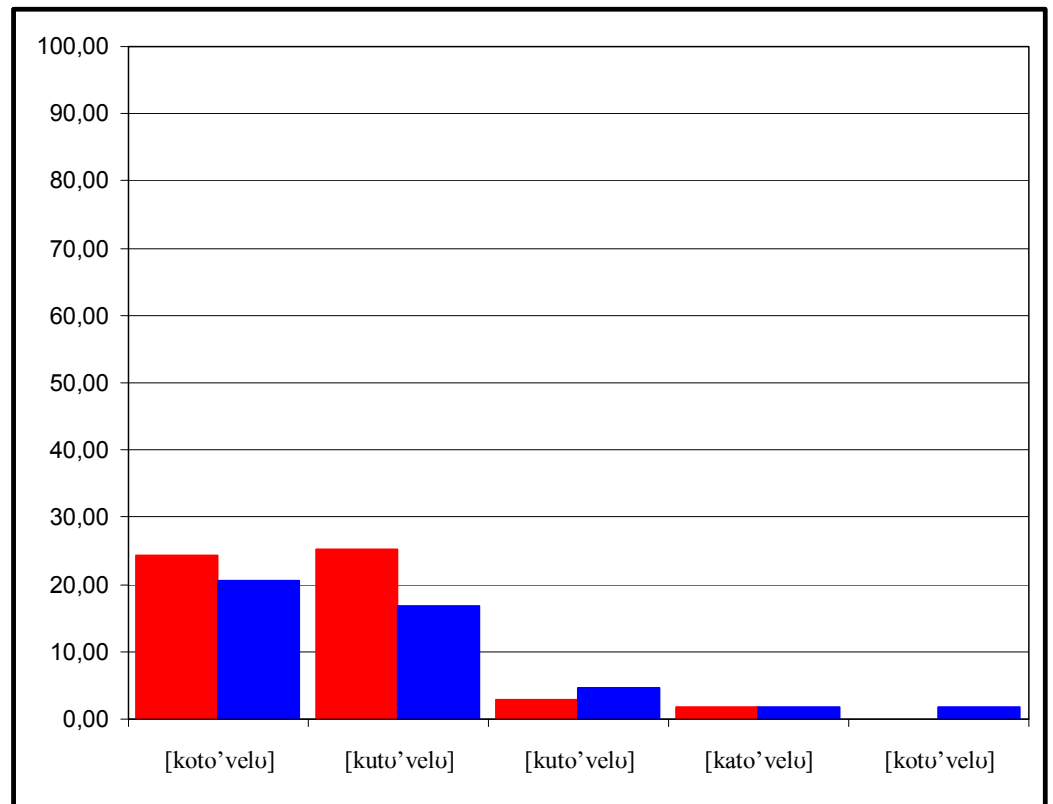


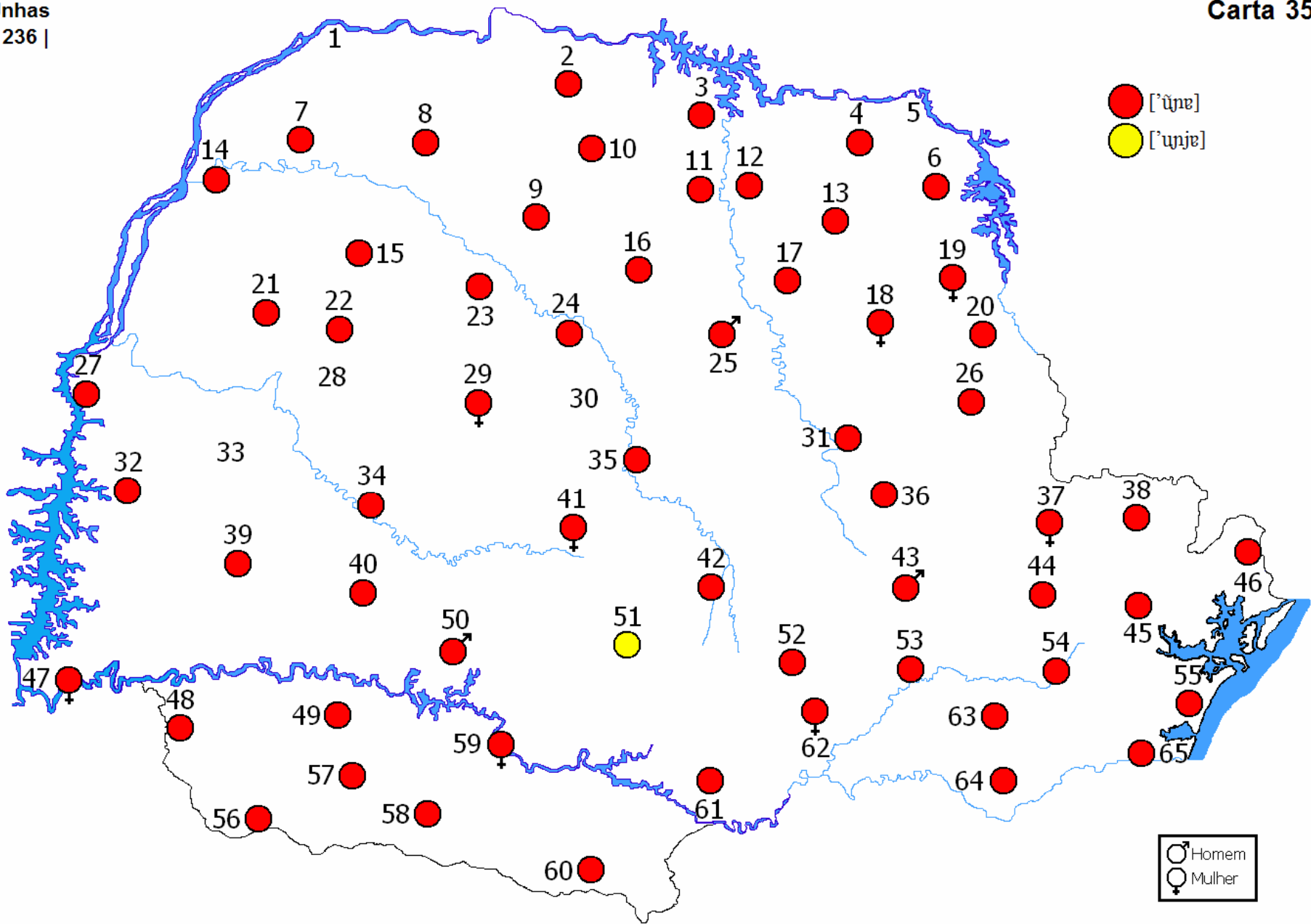
Carta 349 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈõbru]	51 (47,22%)	50 (46,30%)
[ˈõbro]	4 (3,70%)	0
[ˈõbro]	1 (0,93%)	2 (1,85%)



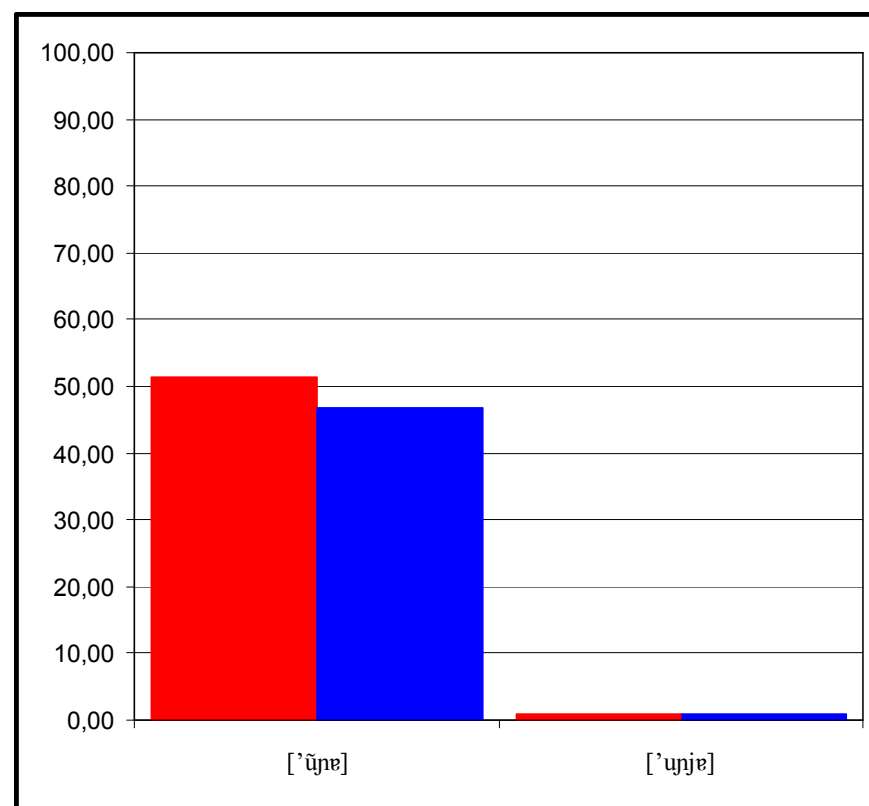


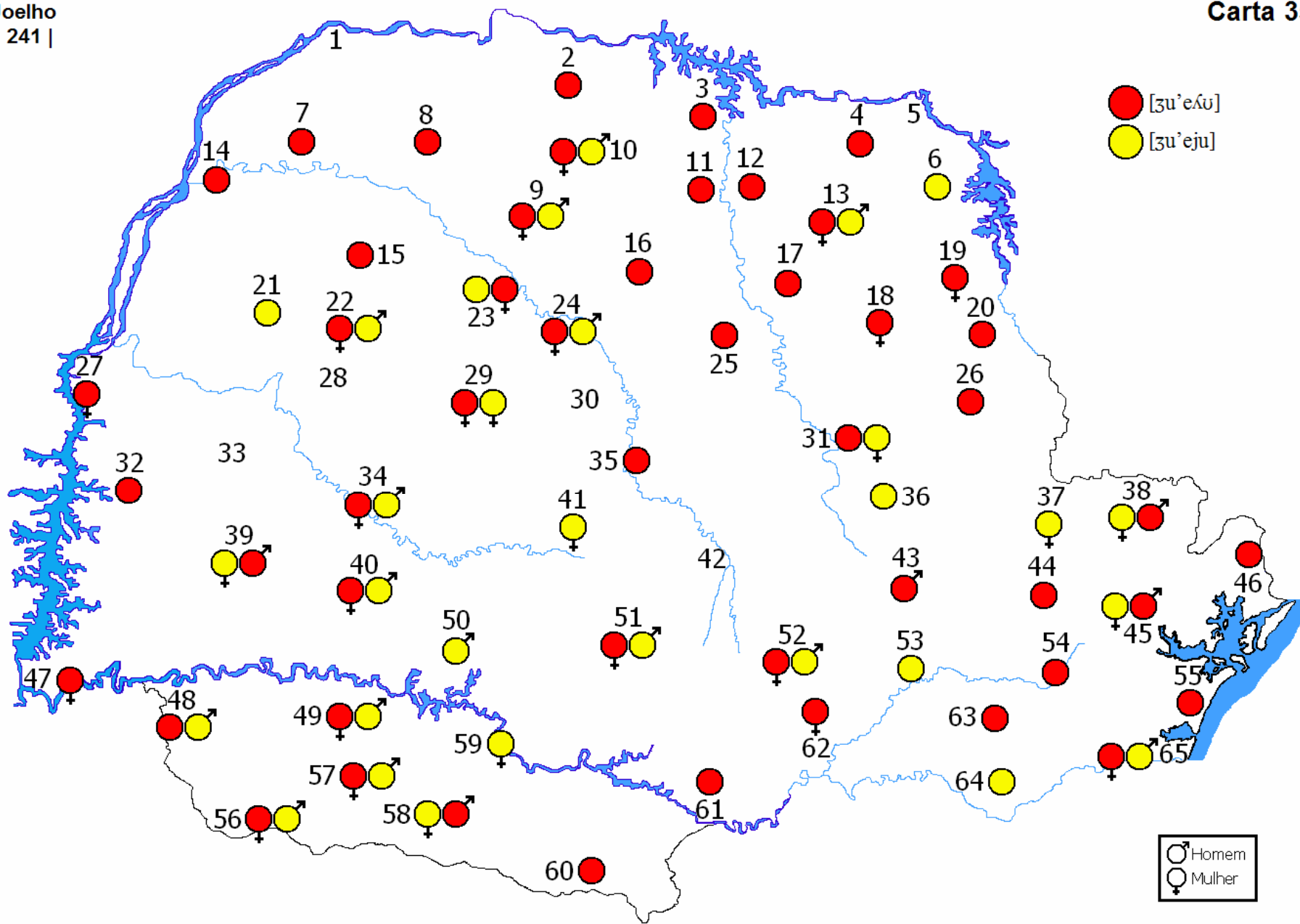
Carta 350 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
[koto'velu]	26 (24,30%)	22 (20,56%)
[kutu'velu]	27 (25,23%)	18 (16,82%)
[kuto'velu]	3 (2,81%)	5 (4,67%)
[kato'velu]	2 (1,87%)	2 (1,87%)
[kotu'velu]	0	2 (1,87%)



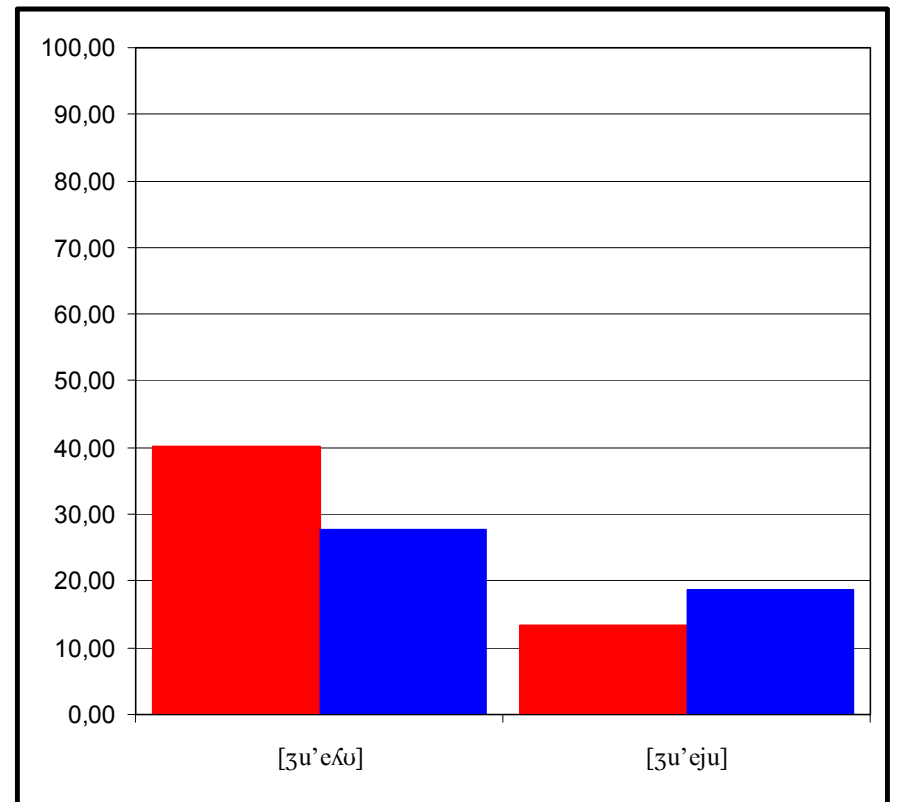


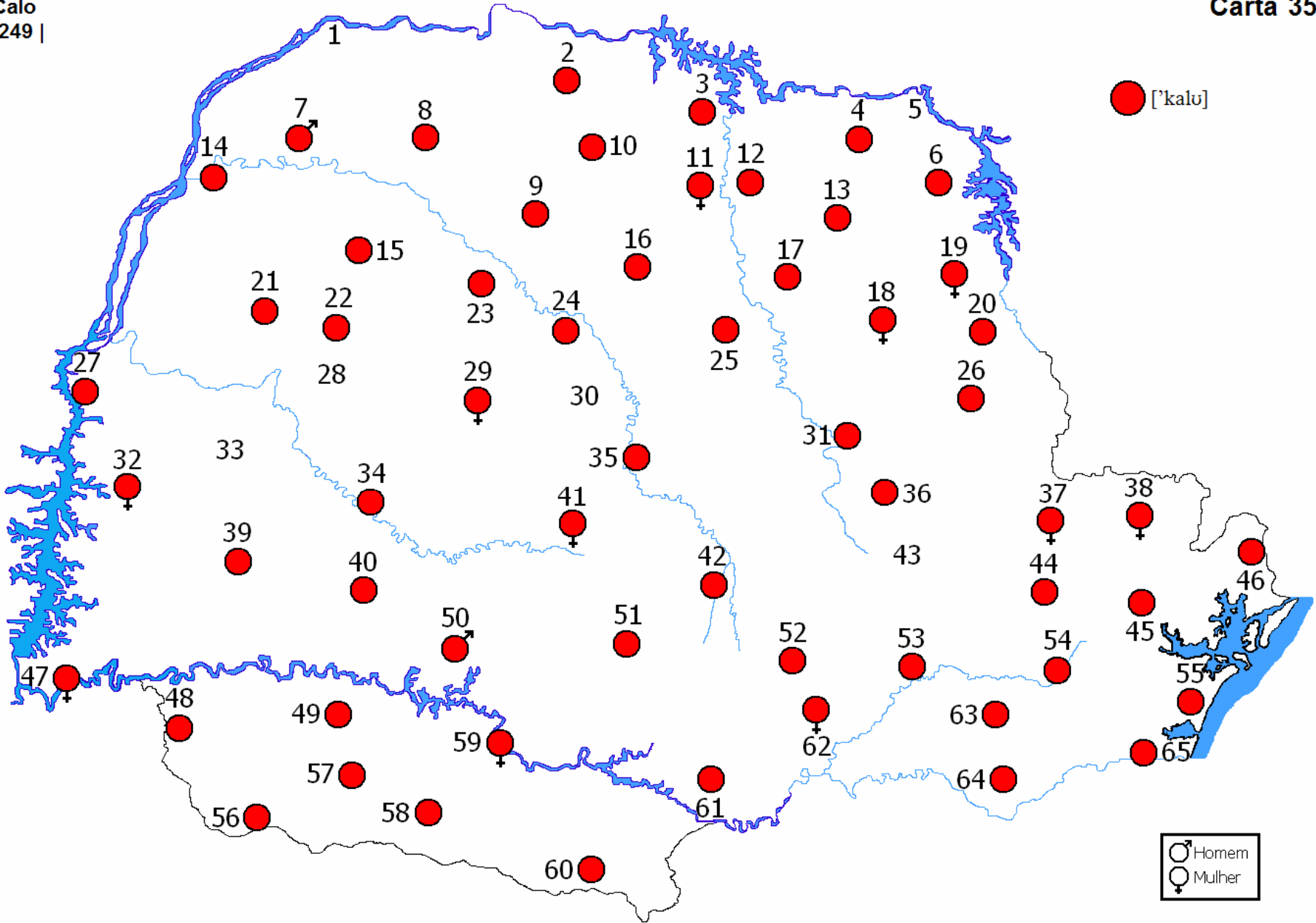
Carta 351 (109 ocorrências)	Mulher	Homem
['ũɾɐ]	56 (51,38%)	51 (46,78%)
['uɾjɐ]	1 (0,92%)	1 (0,92%)



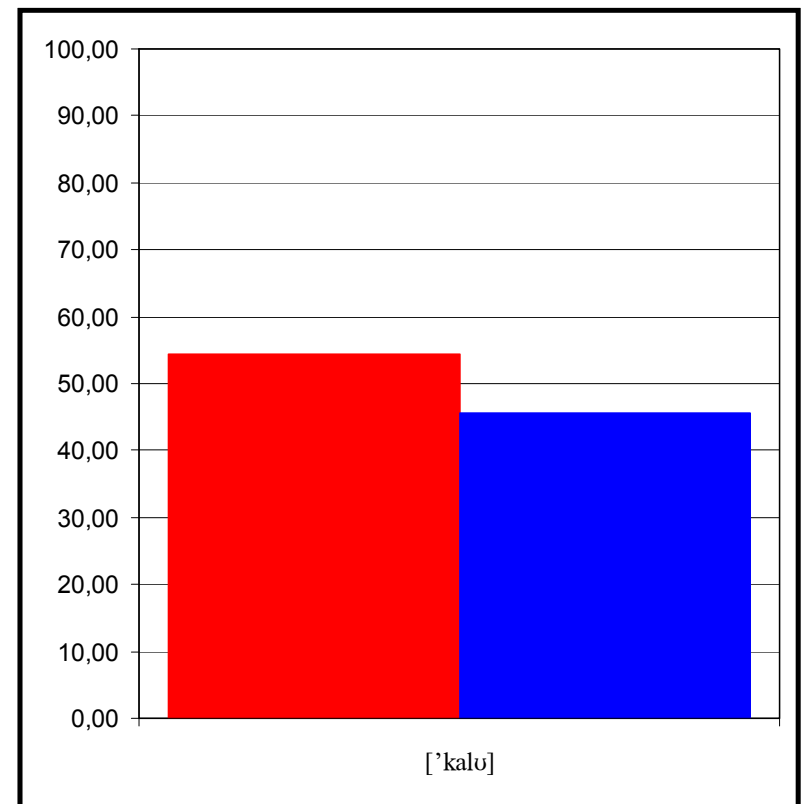


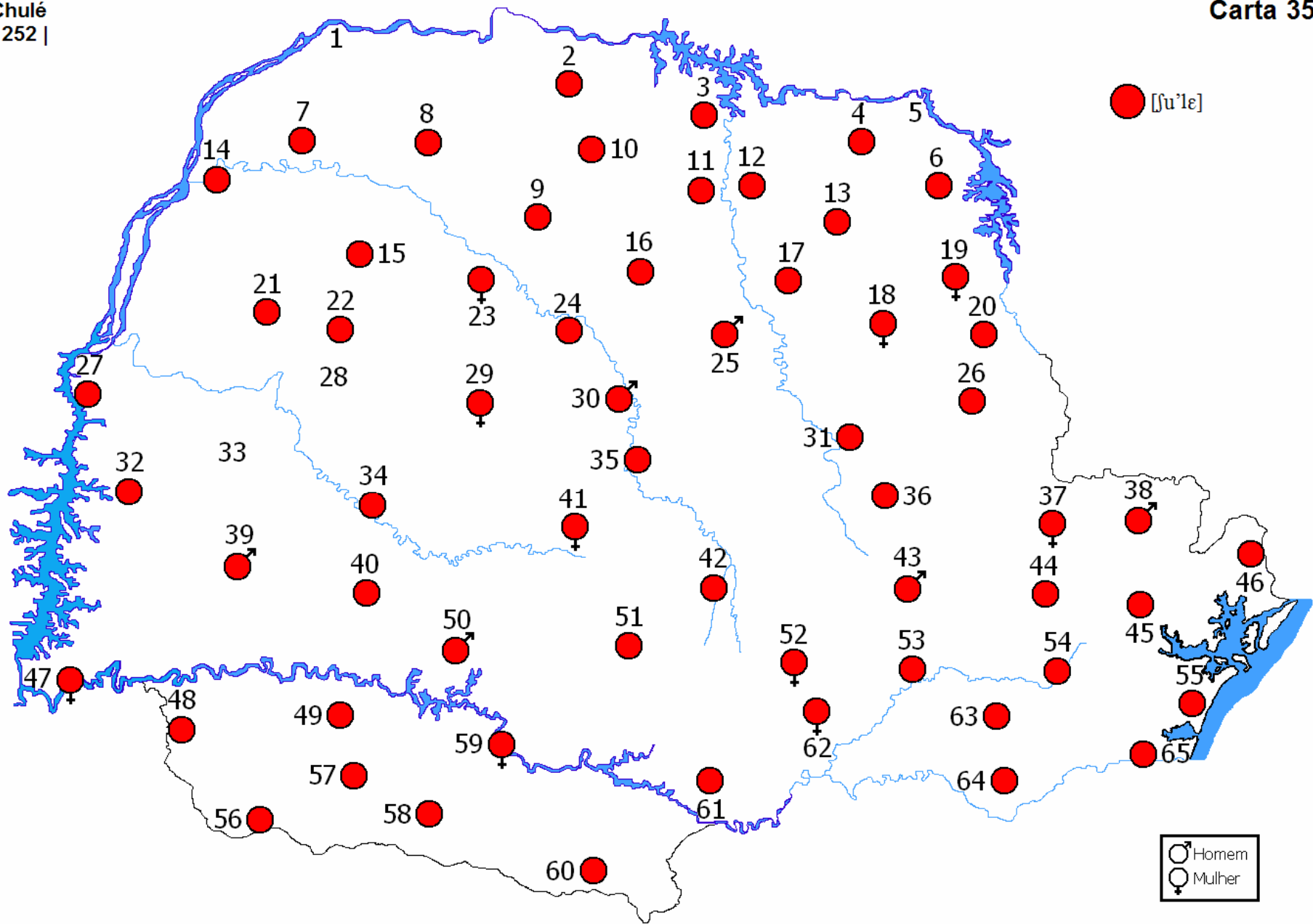
Carta 352 (112 ocorrências)	Mulher	Homem
[ʒu'eʎu]	45 (40,18%)	31 (27,68%)
[ʒu'eju]	15 (13,39%)	21 (18,75%)



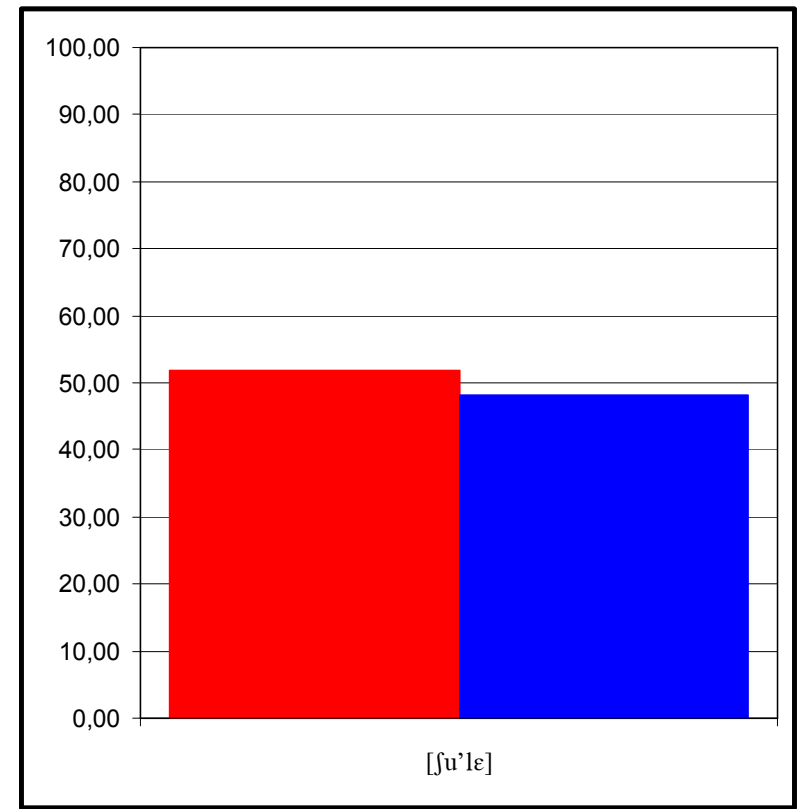


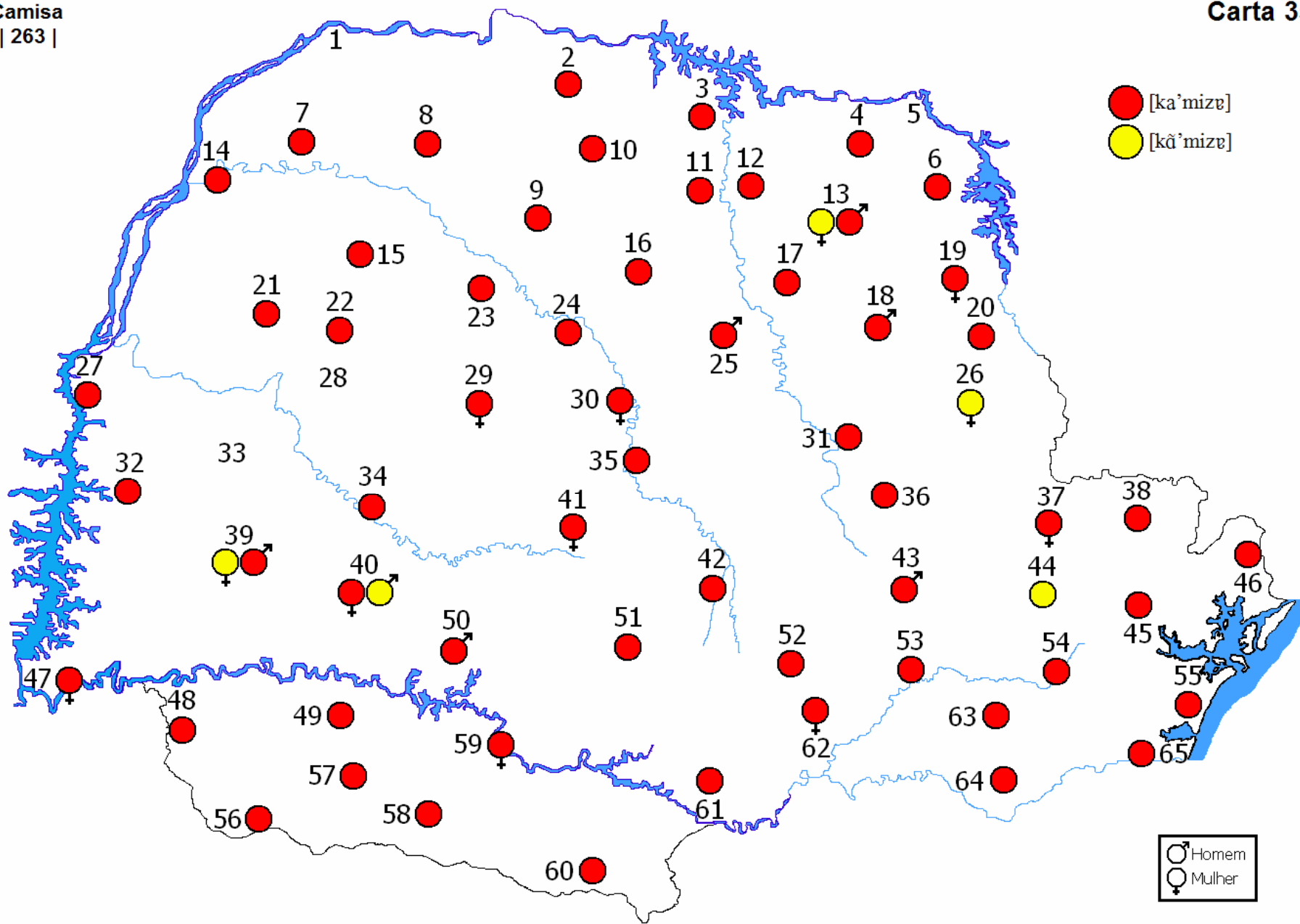
Carta 353 (105 ocorrências)	Mulher	Homem
['kalu]	57 (54,29%)	48 (45,71%)



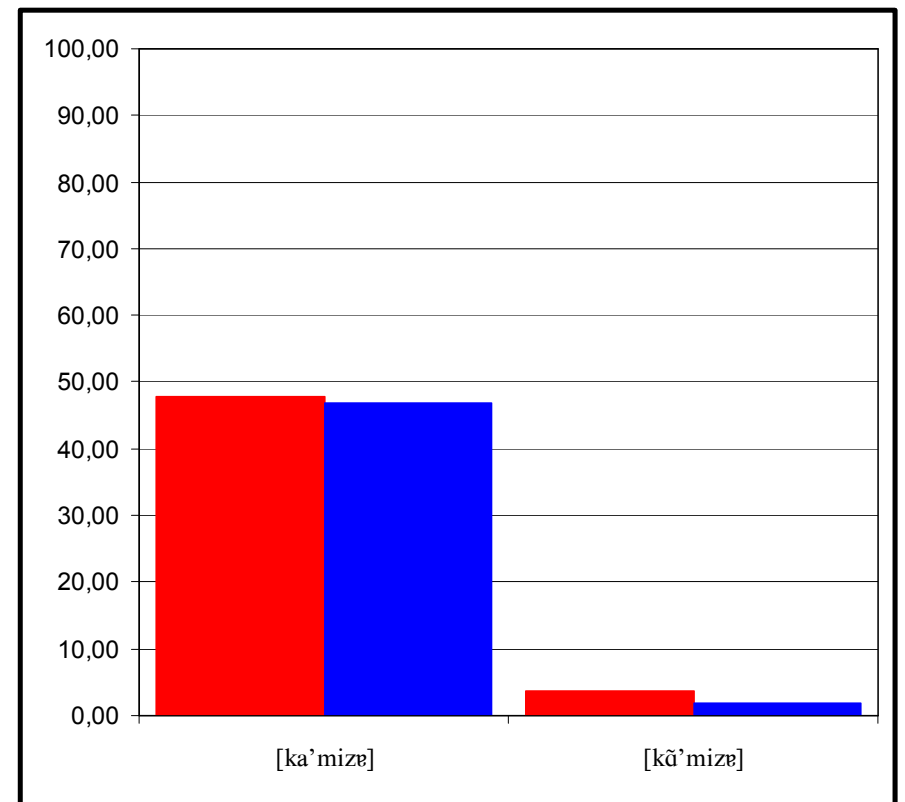


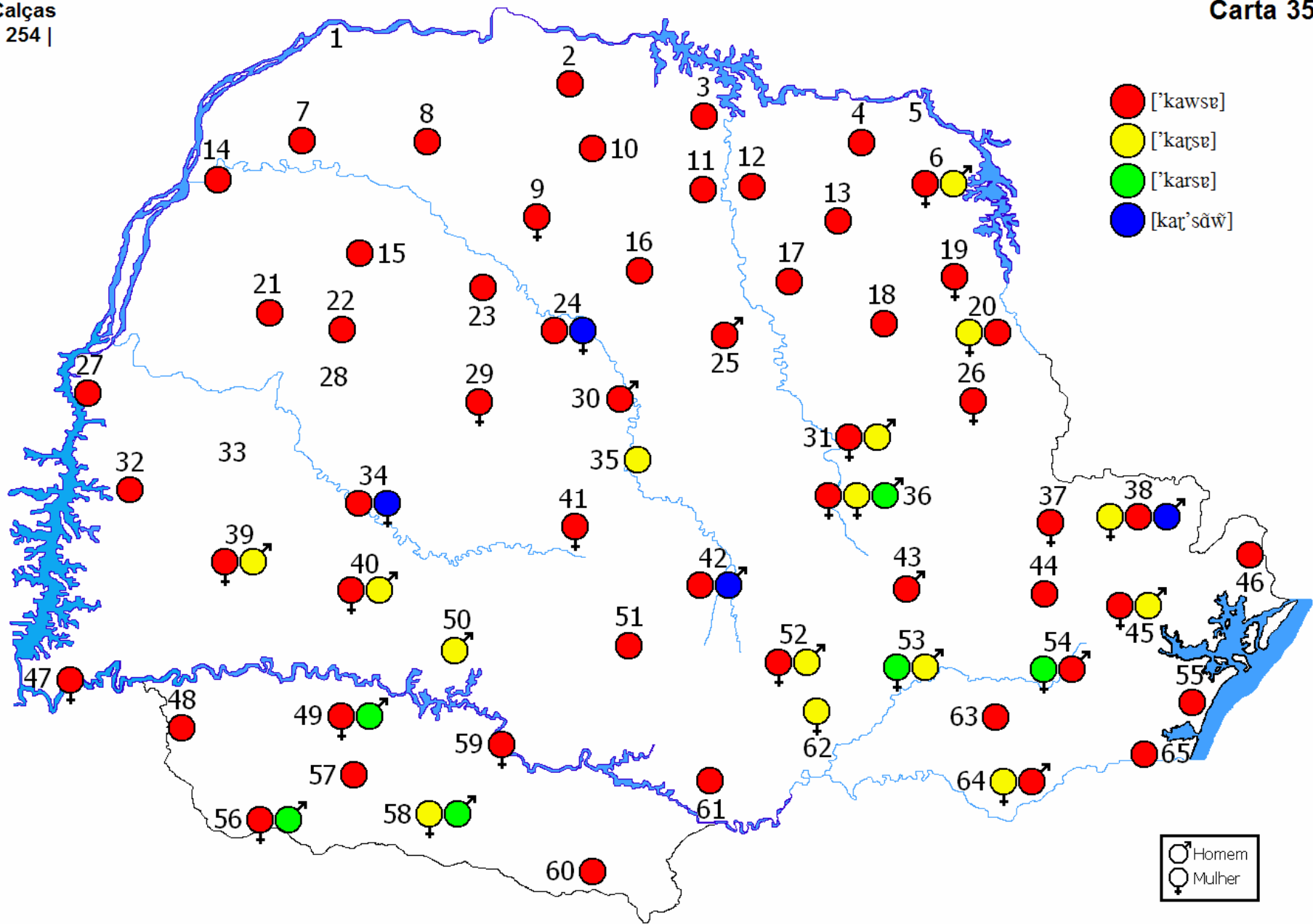
Carta 354 (106 ocorrências)	Mulher	Homem
[ʃu'leɪ]	55 (51,89%)	51 (48,11%)



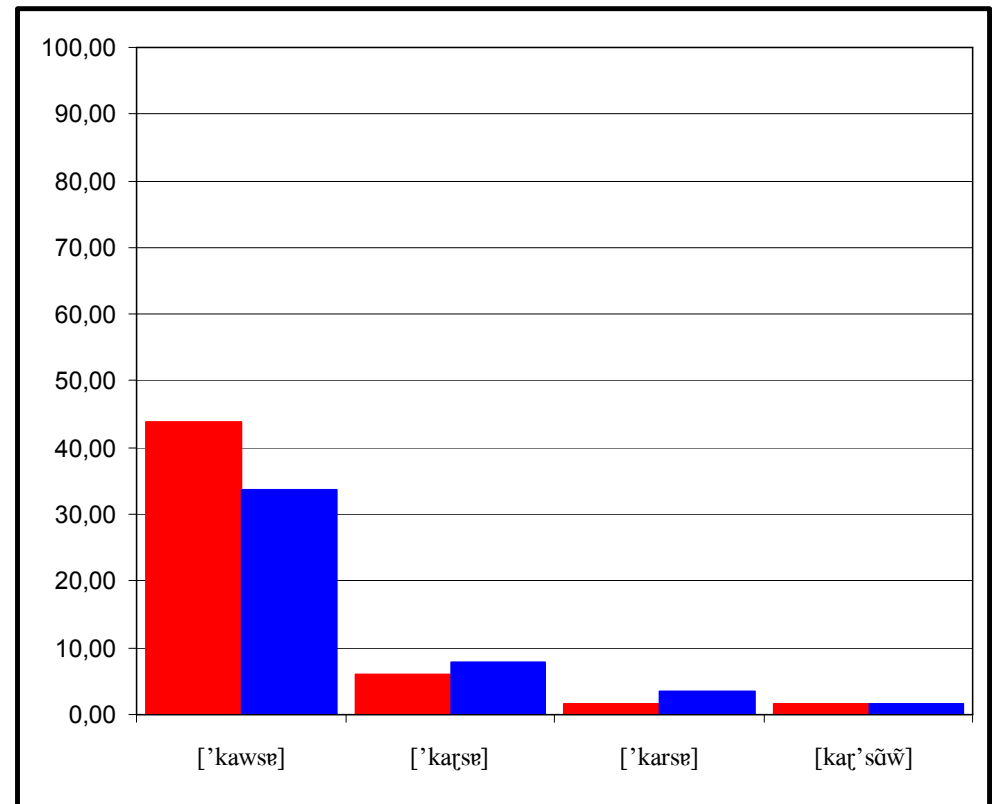


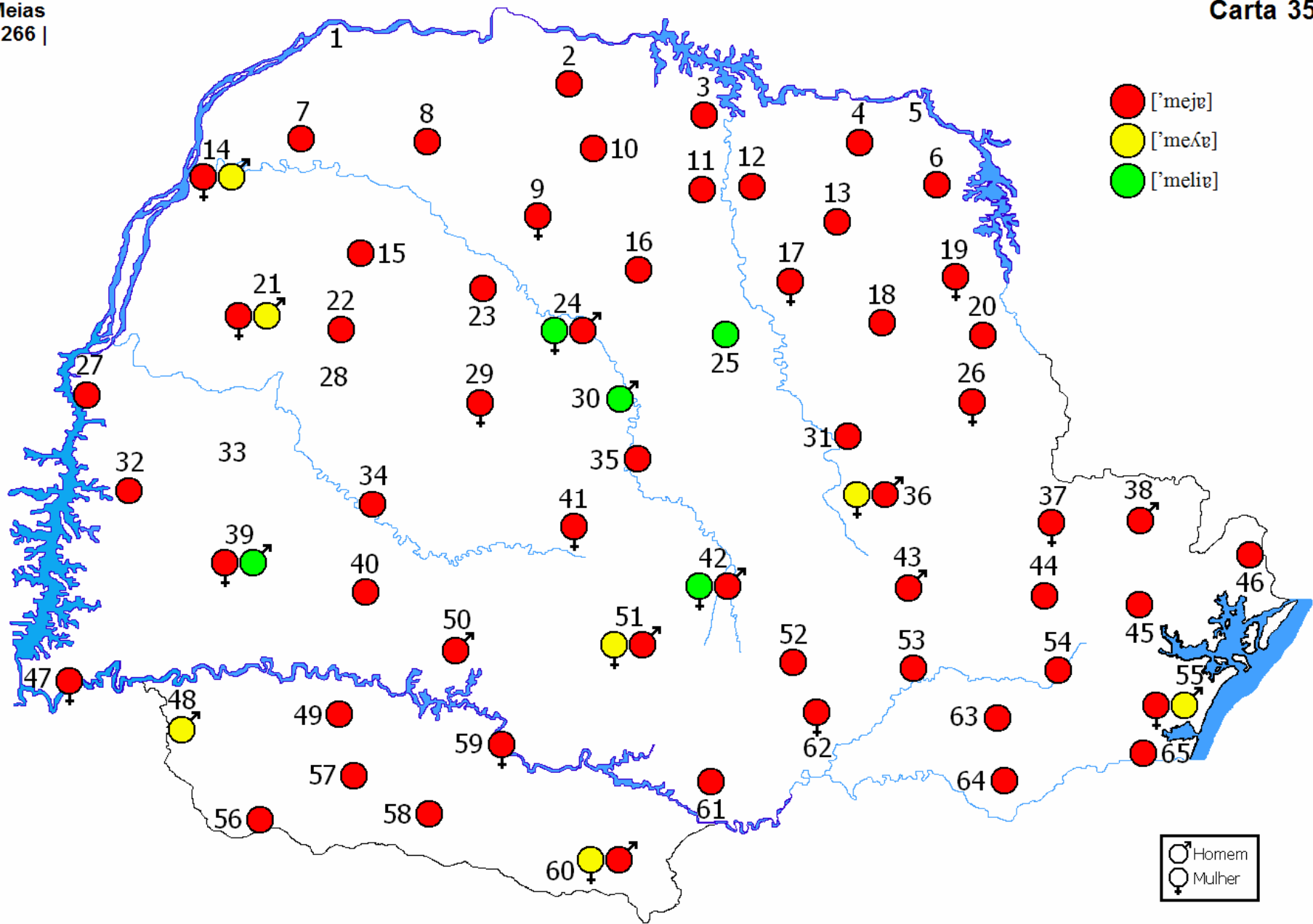
Carta 355 (109 ocorrências)	Mulher	Homem
[ka'mizɐ]	52 (47,71%)	51 (46,79%)
[kã'mizɐ]	4 (3,67%)	2 (1,83%)



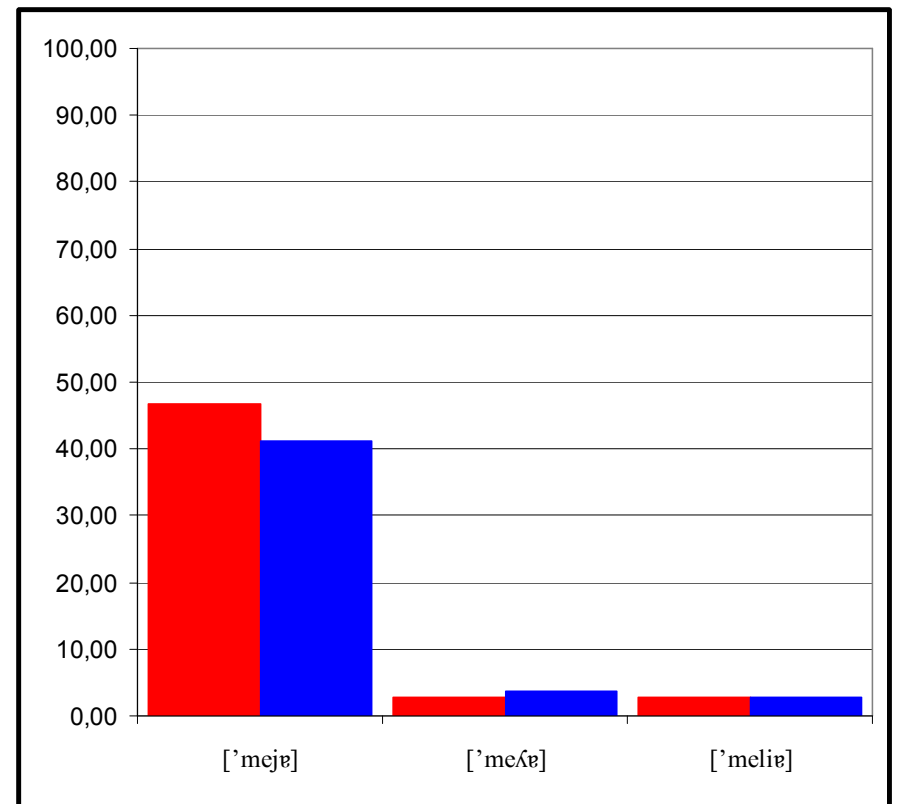


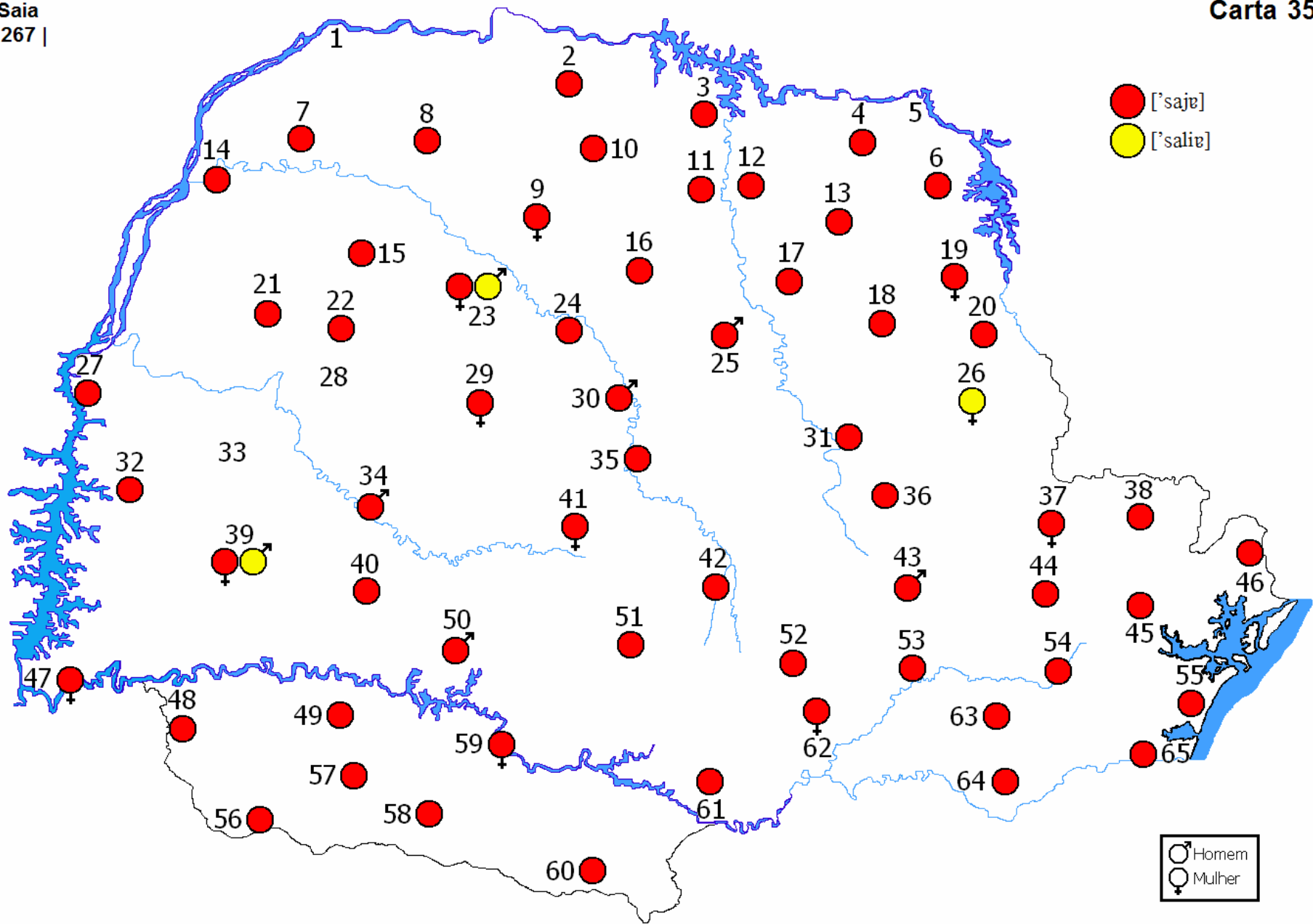
Carta 356 (116 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈkawsɐ]	51 (43,97%)	39 (33,62%)
[ˈkaɾsɐ]	7 (6,04%)	9 (7,76%)
[ˈkarsɐ]	2 (1,72%)	4 (3,45%)
[kaɾˈsãw̃]	2 (1,72%)	2 (1,72%)



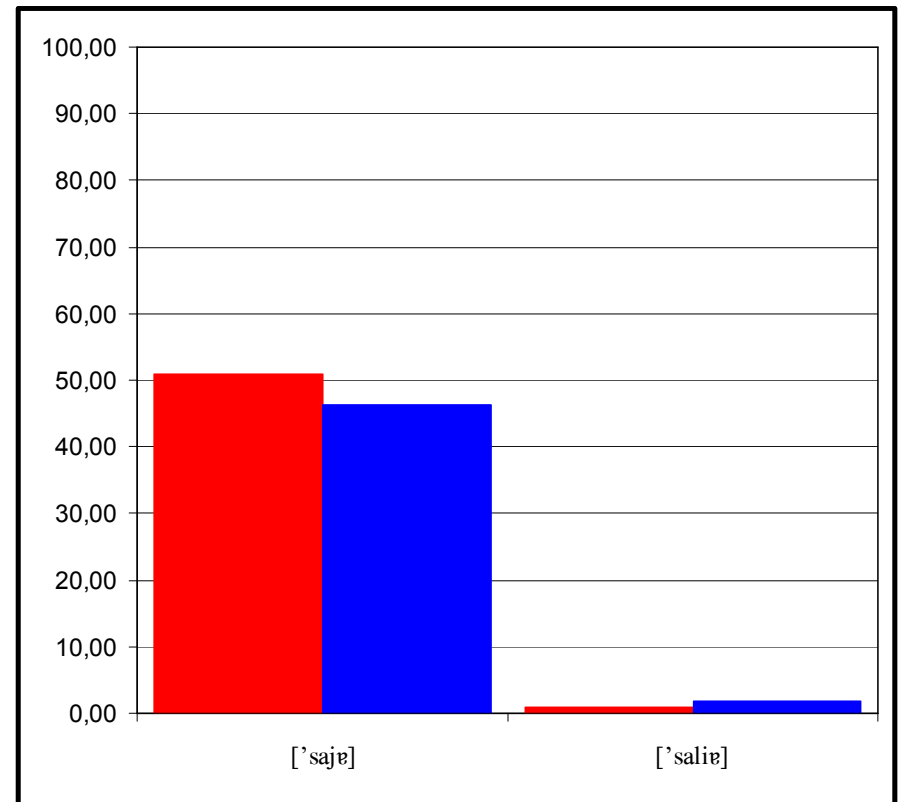


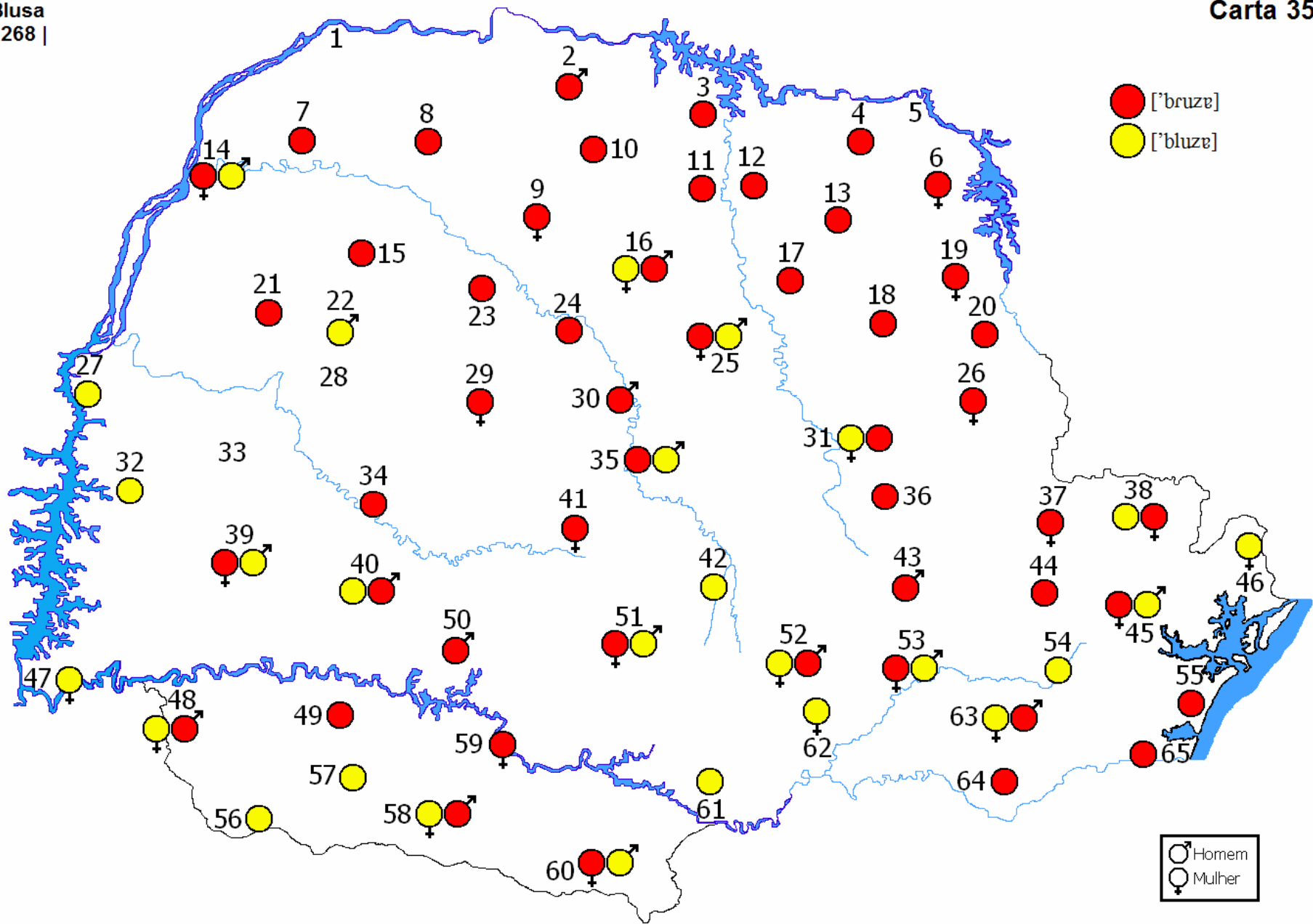
Carta 357 (107 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈmejɐ]	50 (46,74%)	44 (41,12%)
[ˈmeʎɐ]	3 (2,80%)	4 (3,74%)
[ˈmeliɐ]	3 (2,80%)	3 (2,80%)



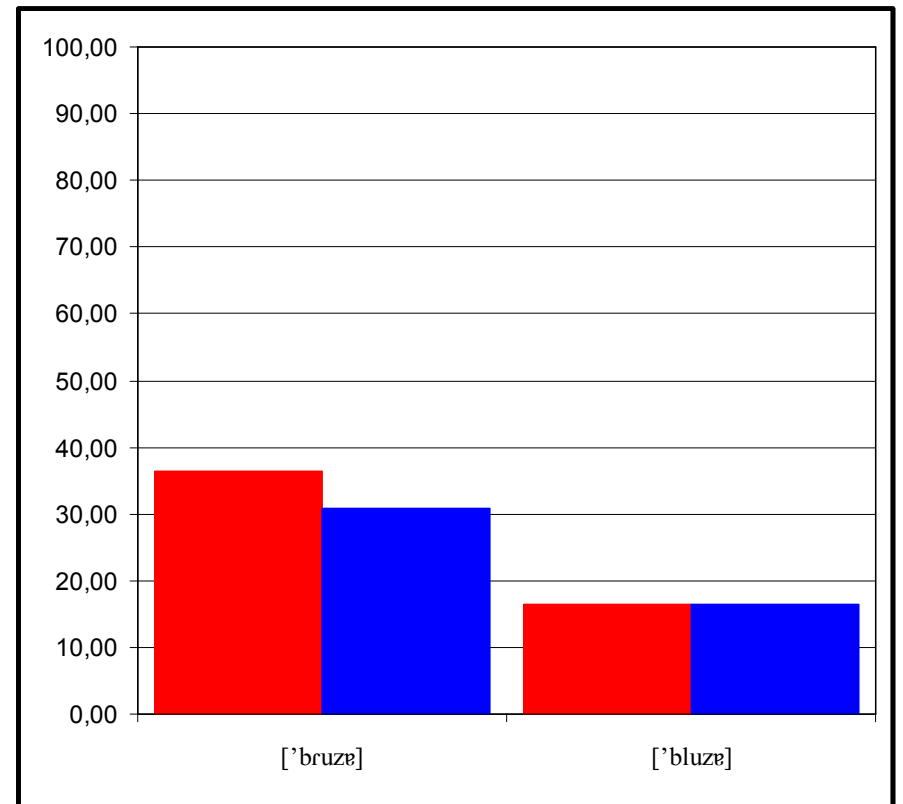


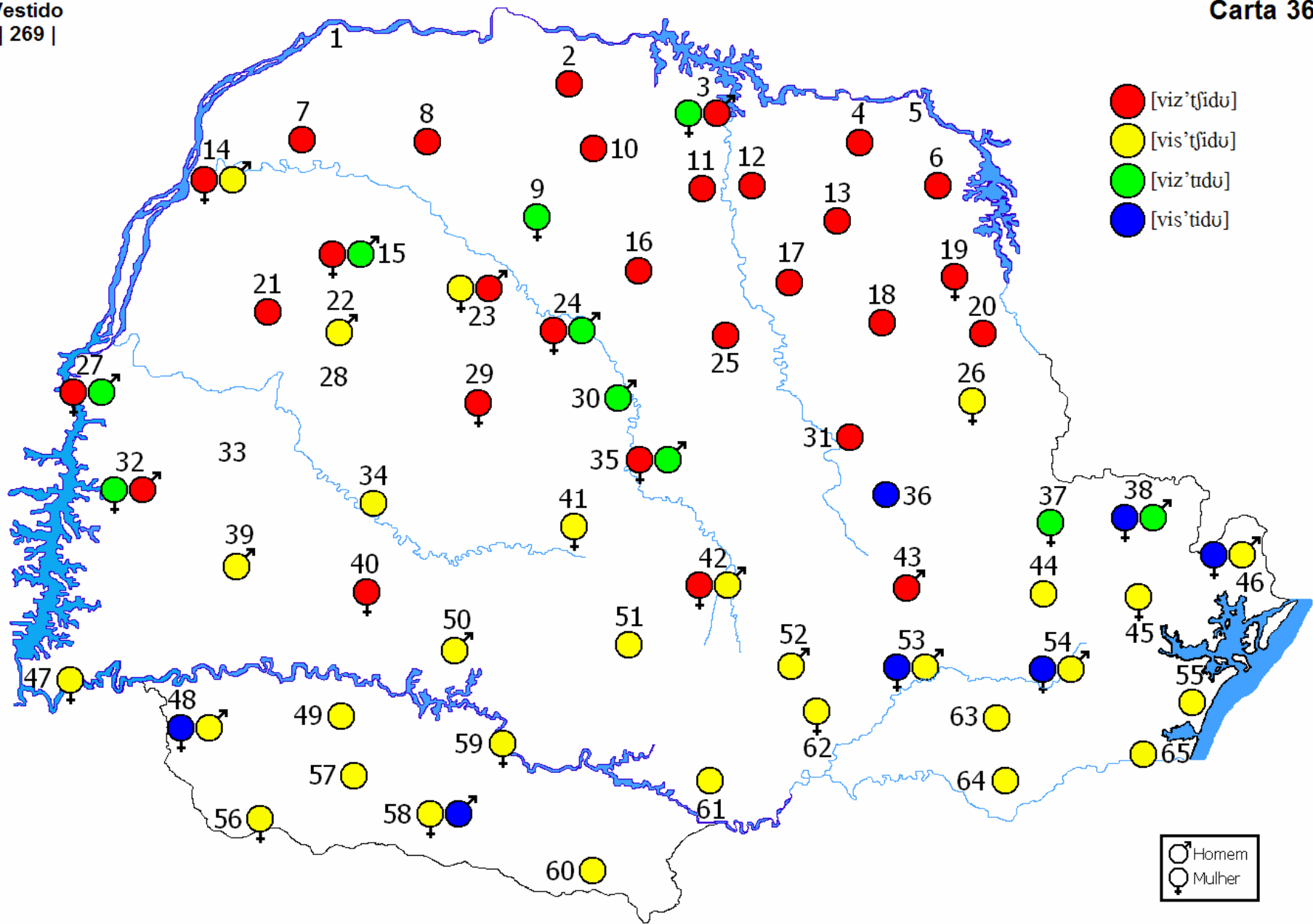
Carta 358 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈsajɐ]	55 (50,92%)	50 (46,30%)
[ˈsaliɐ]	1 (0,93%)	2 (1,85%)



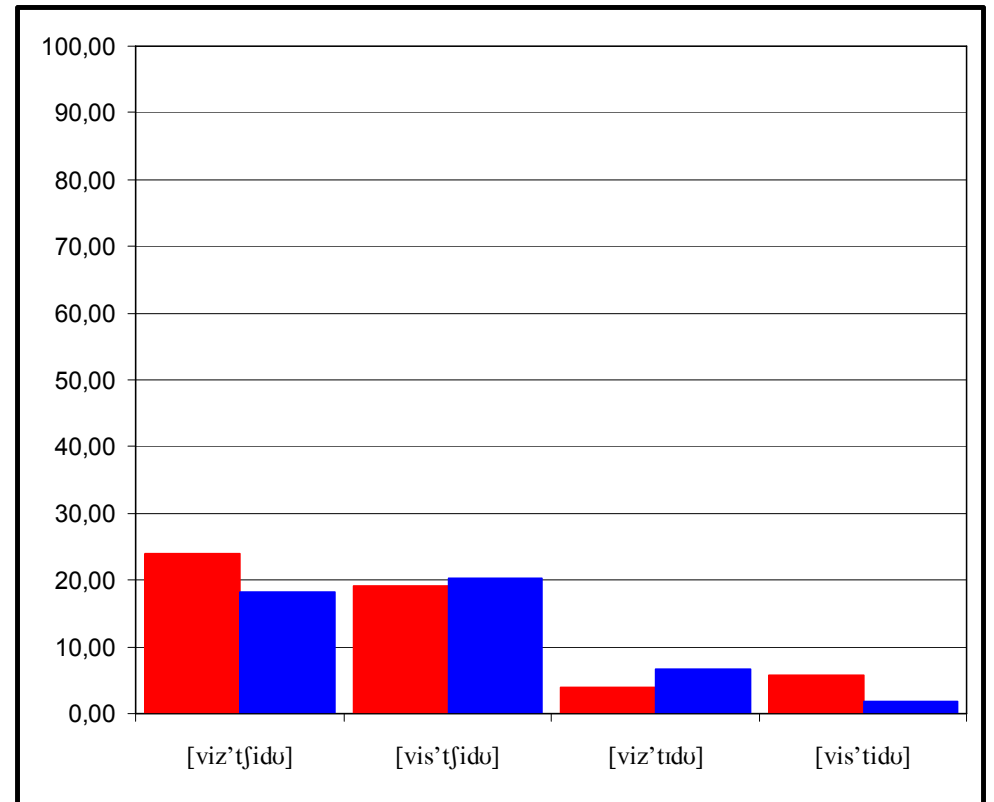


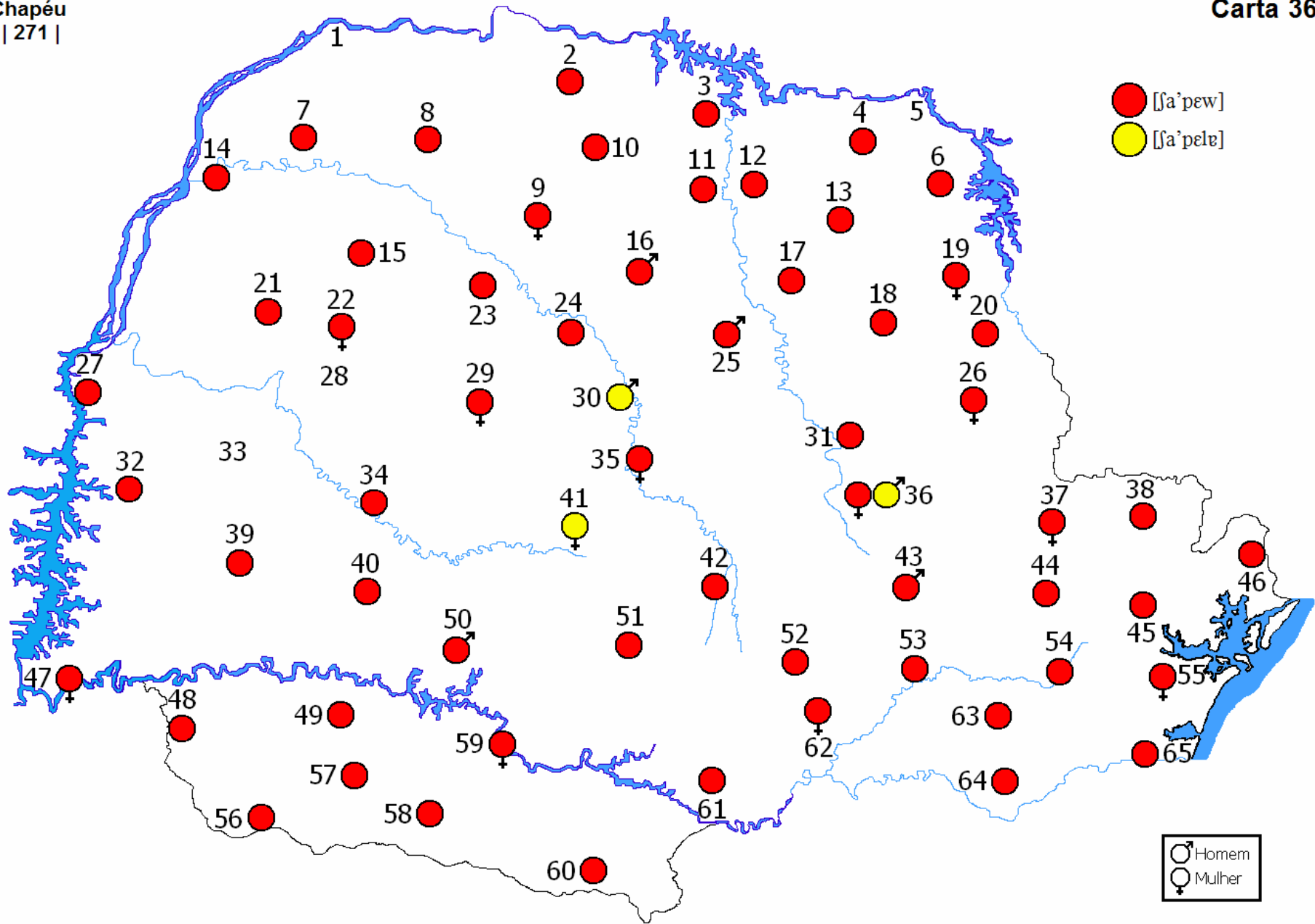
Carta 359 (110 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈbruʒɐ]	40 (36,36%)	34 (30,92%)
[ˈbluʒɐ]	18 (16,36%)	18 (16,36%)



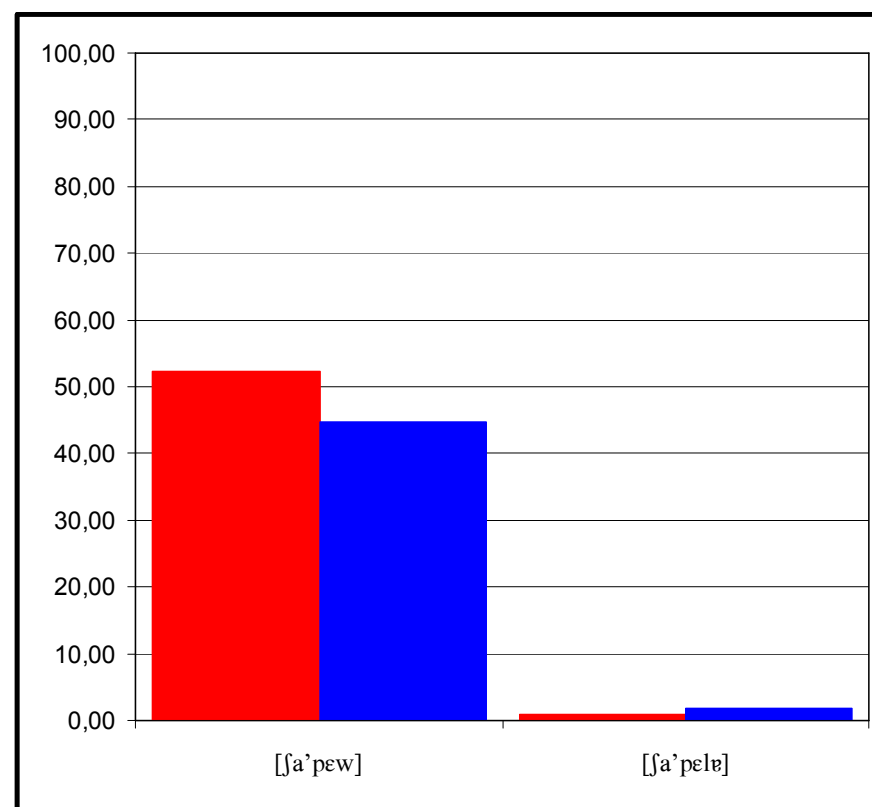


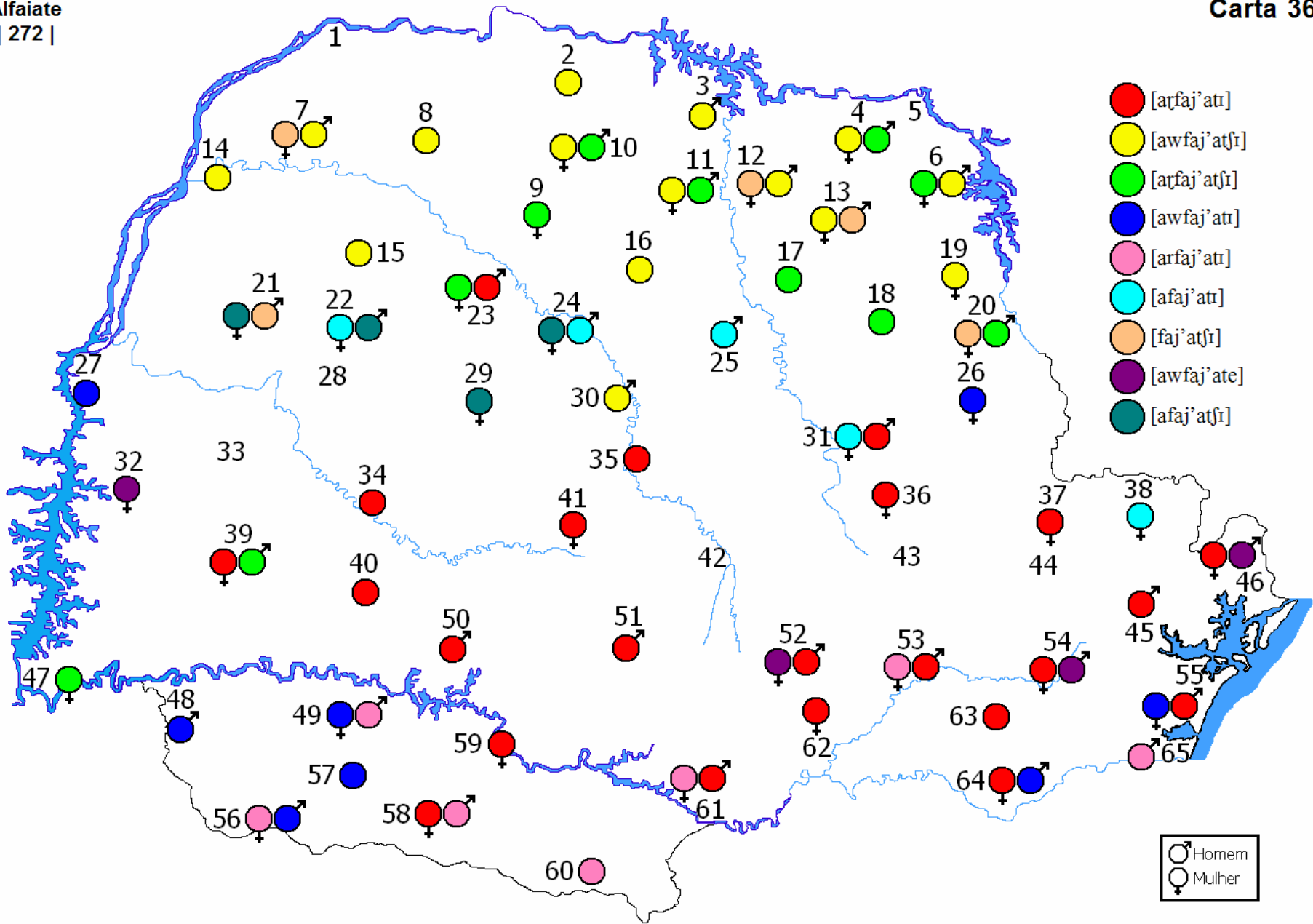
Carta 360 (104 ocorrências)	Mulher	Homem
[viz'tʃidʊ]	25 (24,04%)	19 (18,27%)
[vis'tʃidʊ]	20 (19,23%)	21 (20,19%)
[viz'tɹidʊ]	4 (3,85%)	7 (6,73%)
[vis'tɹidʊ]	6 (5,77%)	2 (1,92%)



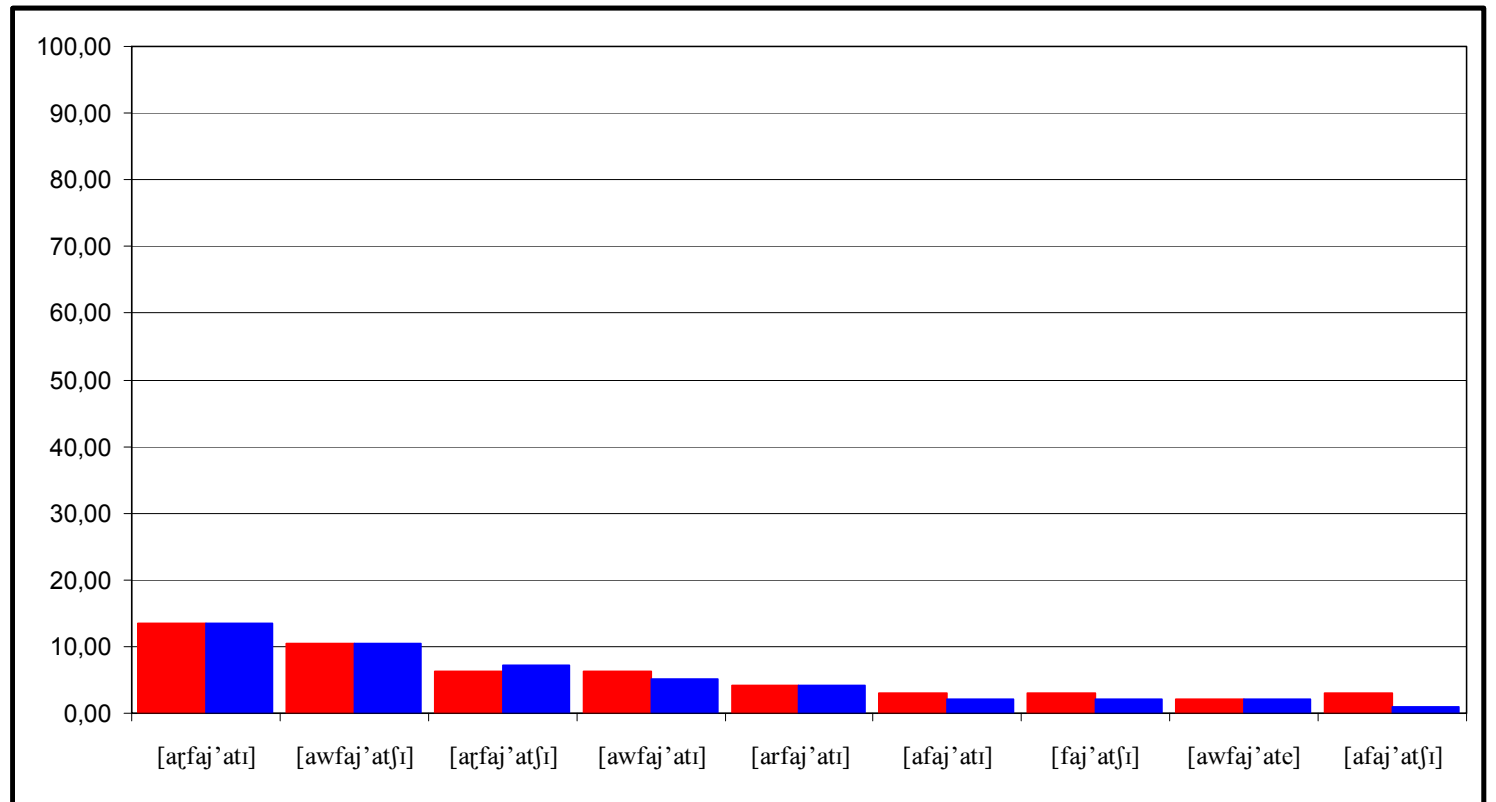


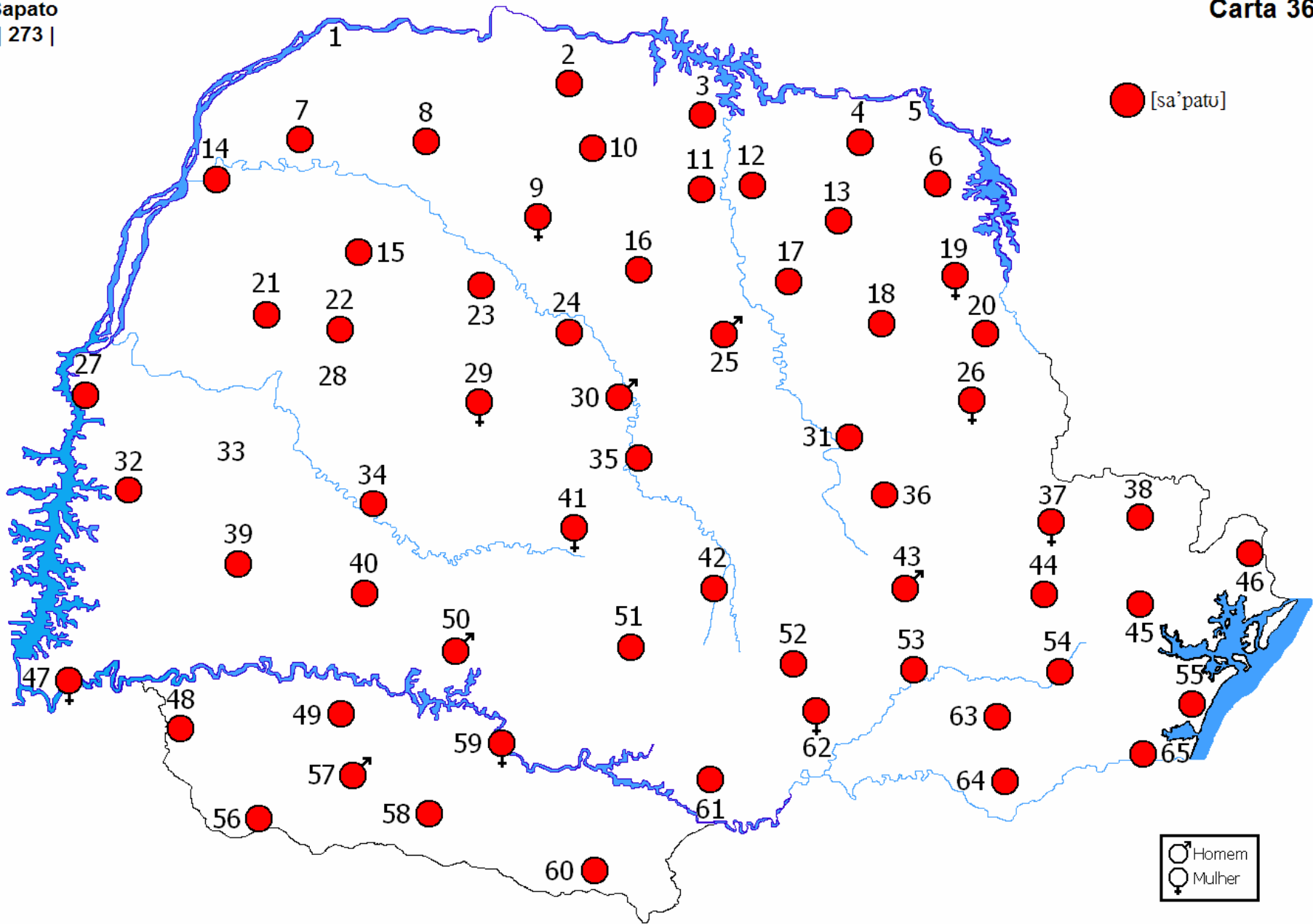
Carta 361 (105 ocorrências)	Mulher	Homem
[ʃa'pɛw]	55 (52,38%)	47 (44,77%)
[ʃa'pɛlɐ]	1 (0,95%)	2 (1,90%)



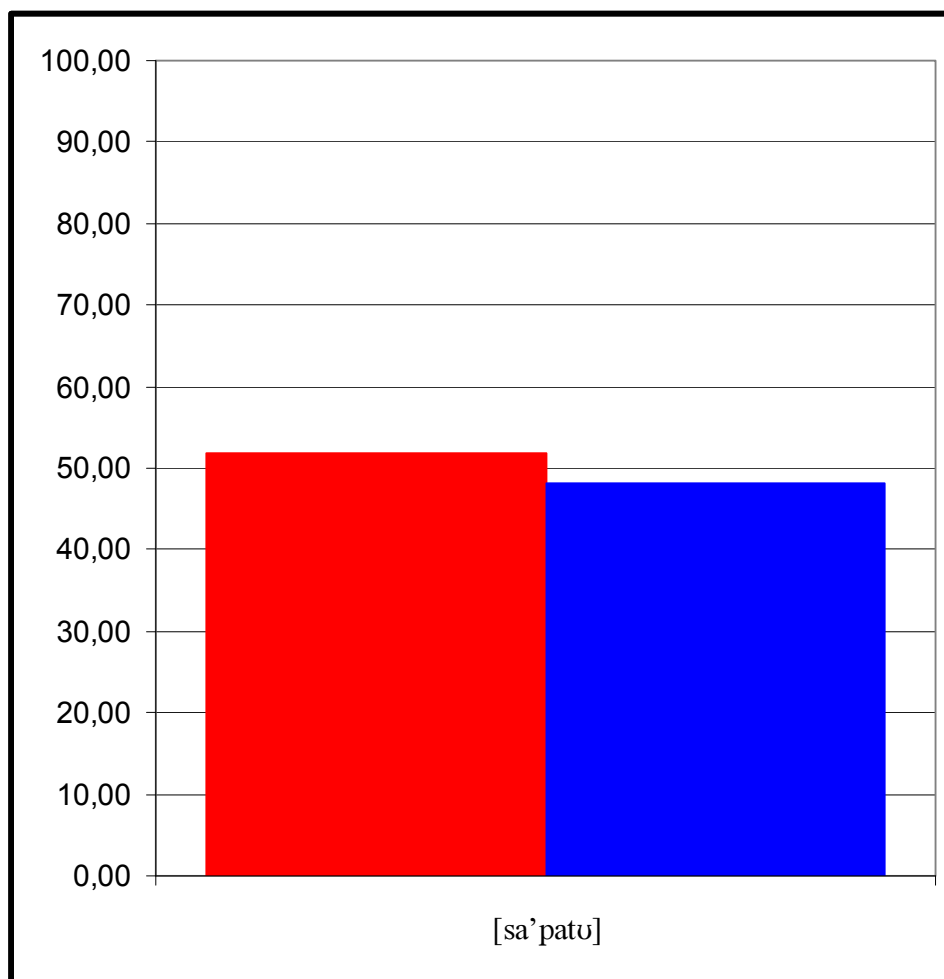


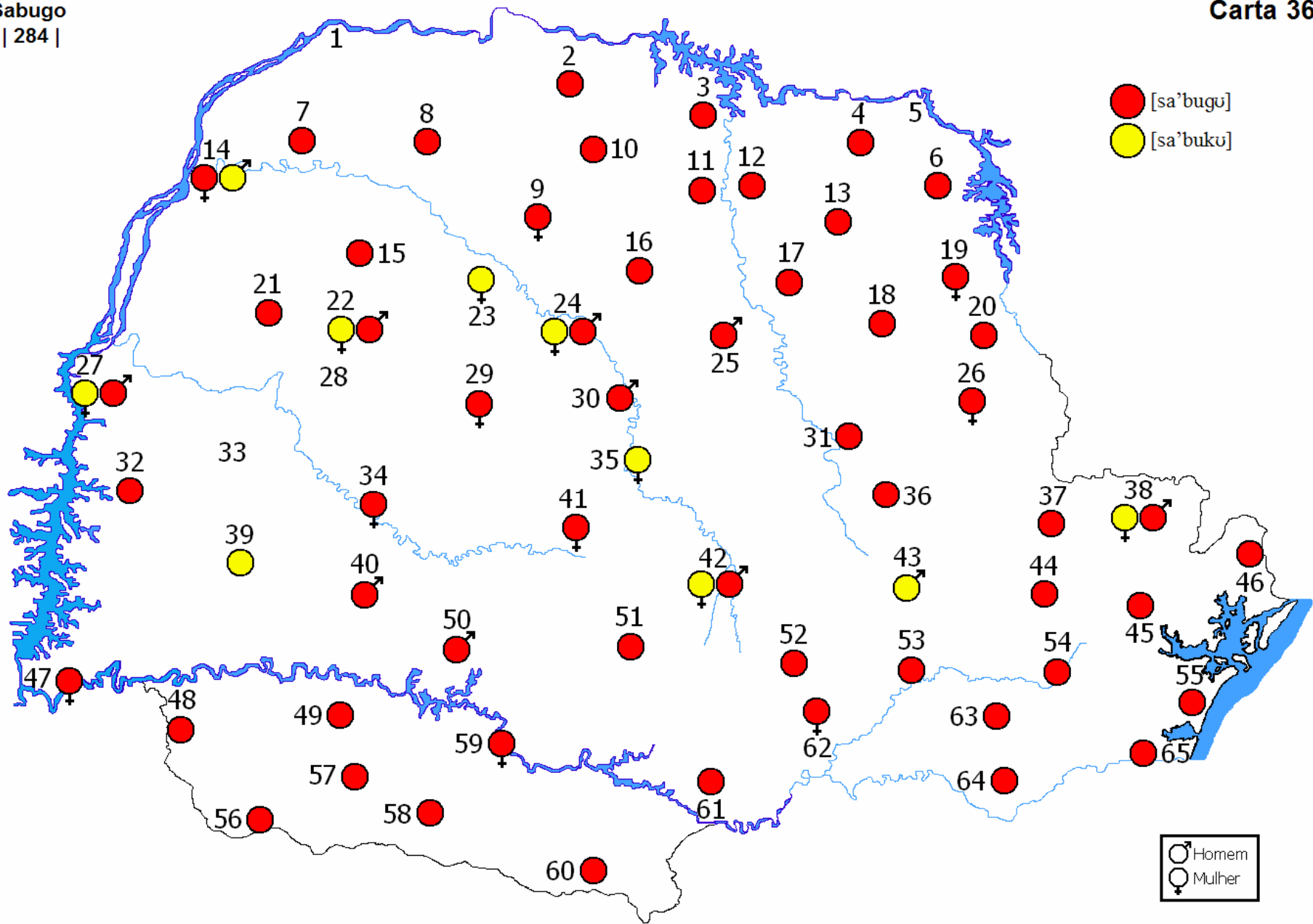
Carta 362 (96 ocorrências)	Mulher	Homem
[aɾfaj'atɪ]	13 (13,54%)	13 (13,54%)
[awfaj'atʃɪ]	10 (10,42%)	10 (10,42%)
[aɾfaj'atʃɪ]	6 (6,25%)	7 (7,29%)
[awfaj'atɪ]	6 (6,25%)	5 (5,20%)
[arfaj'atɪ]	4 (4,17%)	4 (4,17%)
[afaj'atɪ]	3 (3,13%)	2 (2,08%)
[faj'atʃɪ]	3 (3,13%)	2 (2,08%)
[awfaj'ate]	2 (2,08%)	2 (2,08%)
[afaj'atʃɪ]	3 (3,13%)	1 (1,04%)



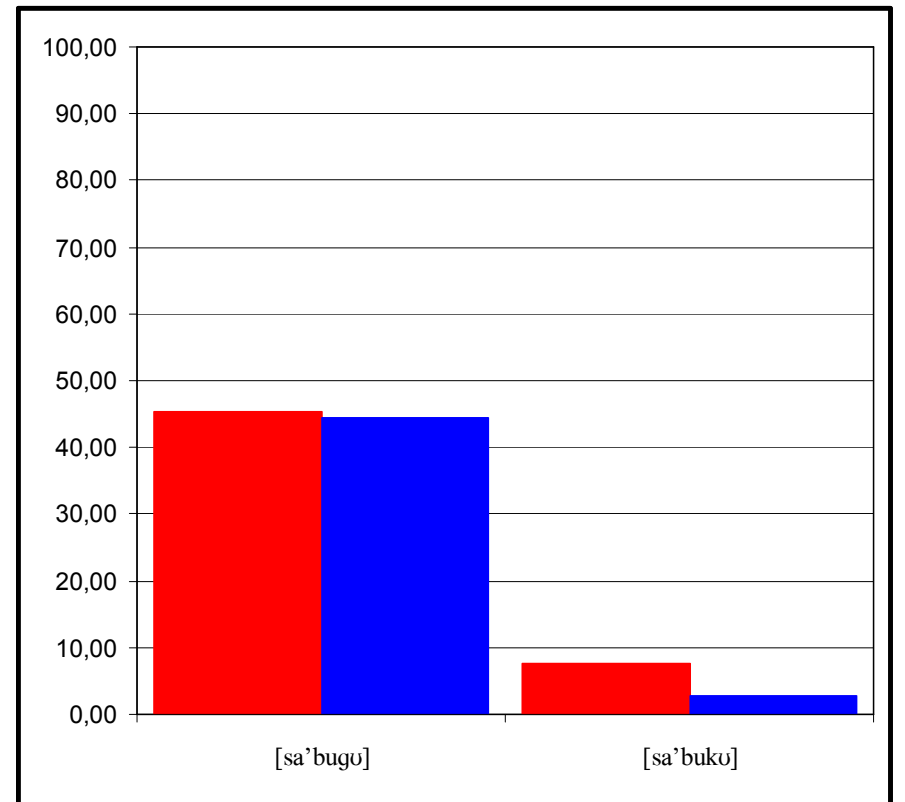


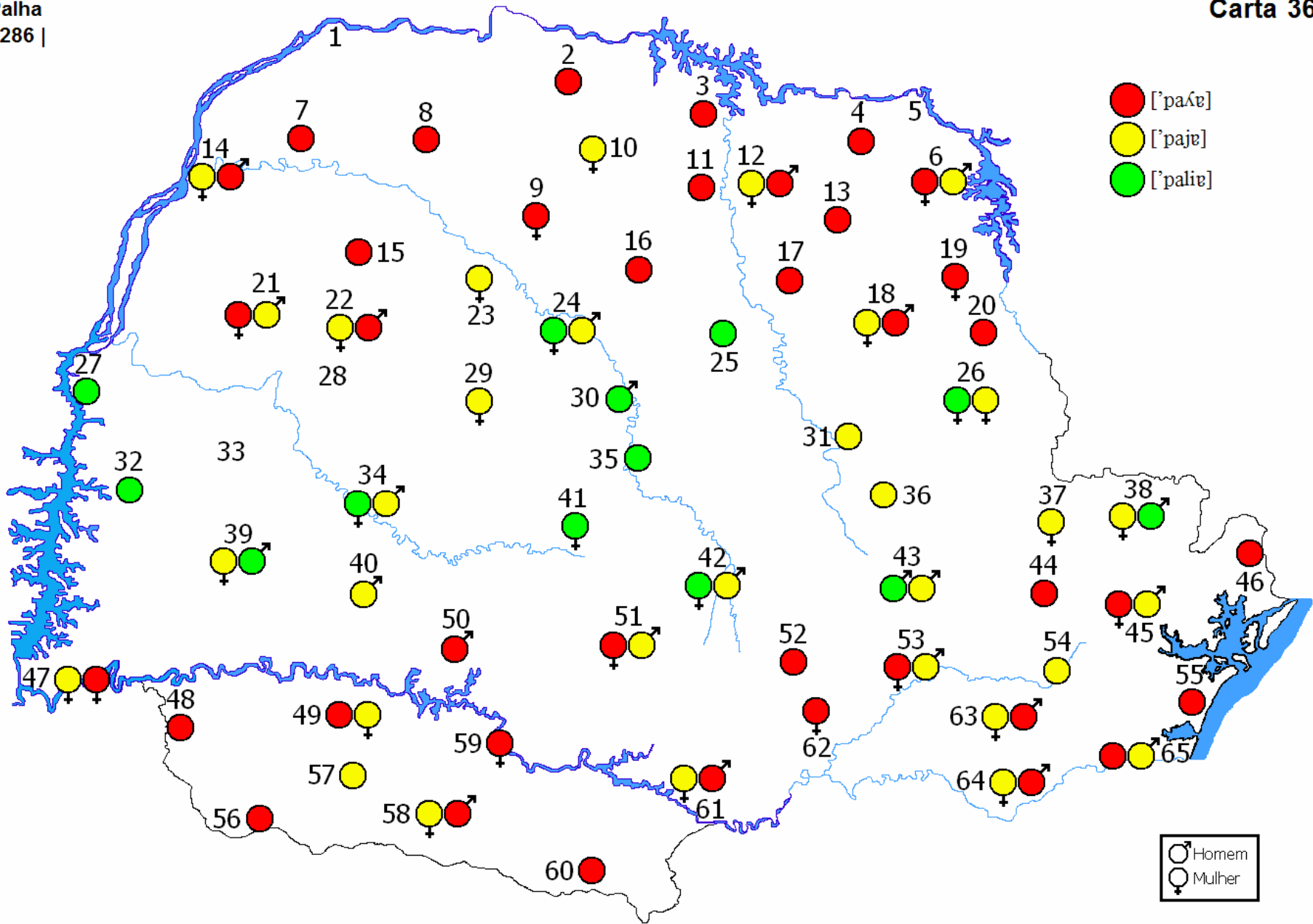
Carta 363 (108 ocorrências)	Mulher	Homem
[sa'patu]	56 (51,85%)	52 (48,15%)



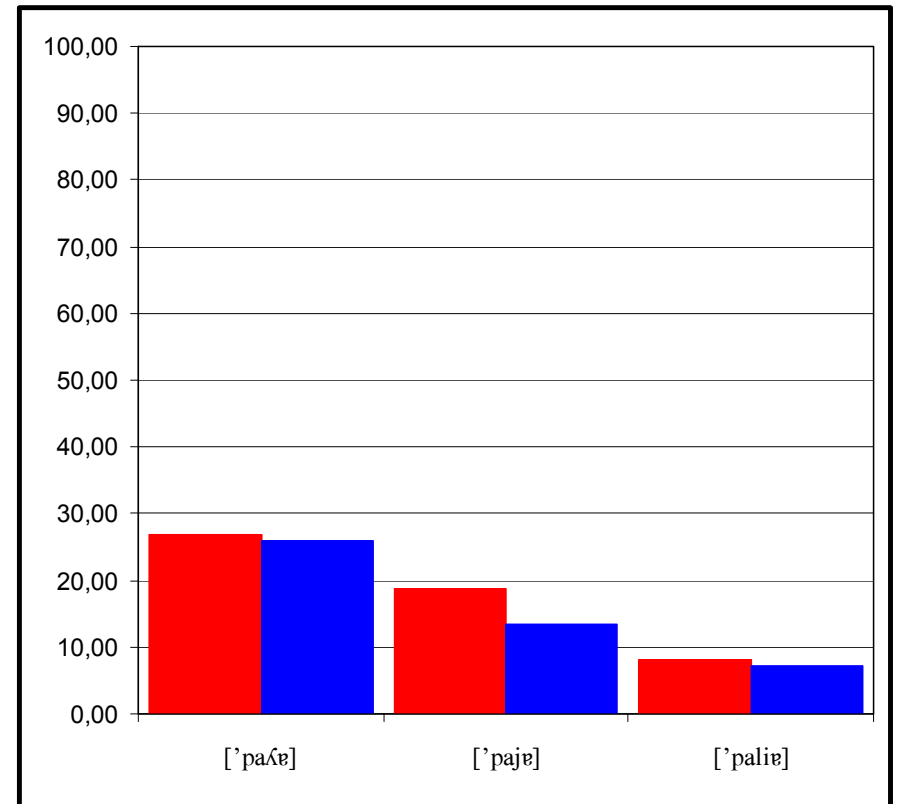


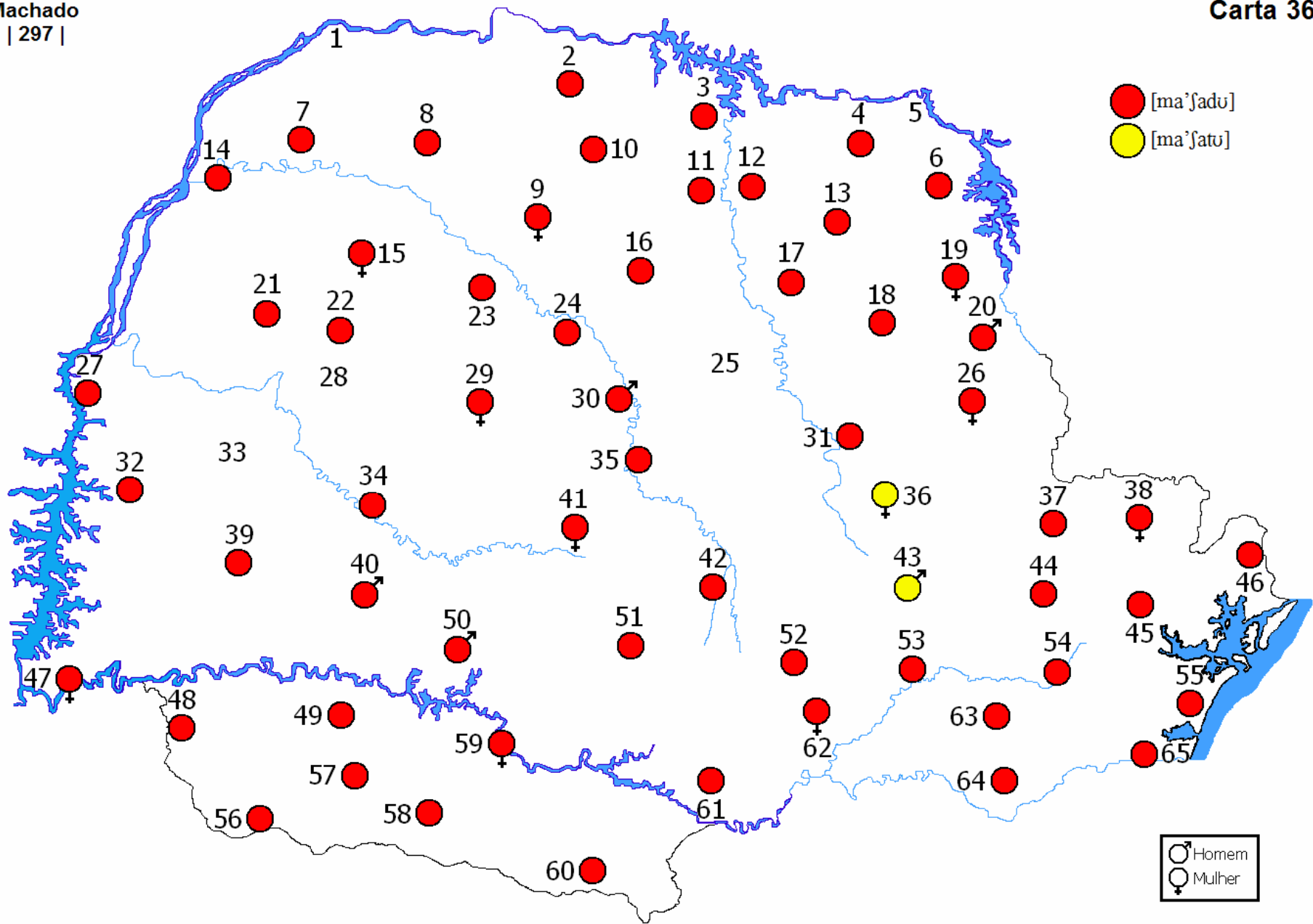
Carta 364 (106 ocorrências)	Mulher	Homem
[sa'bugu]	48 (45,28%)	47 (44,34%)
[sa'buku]	8 (7,55%)	3 (2,83%)



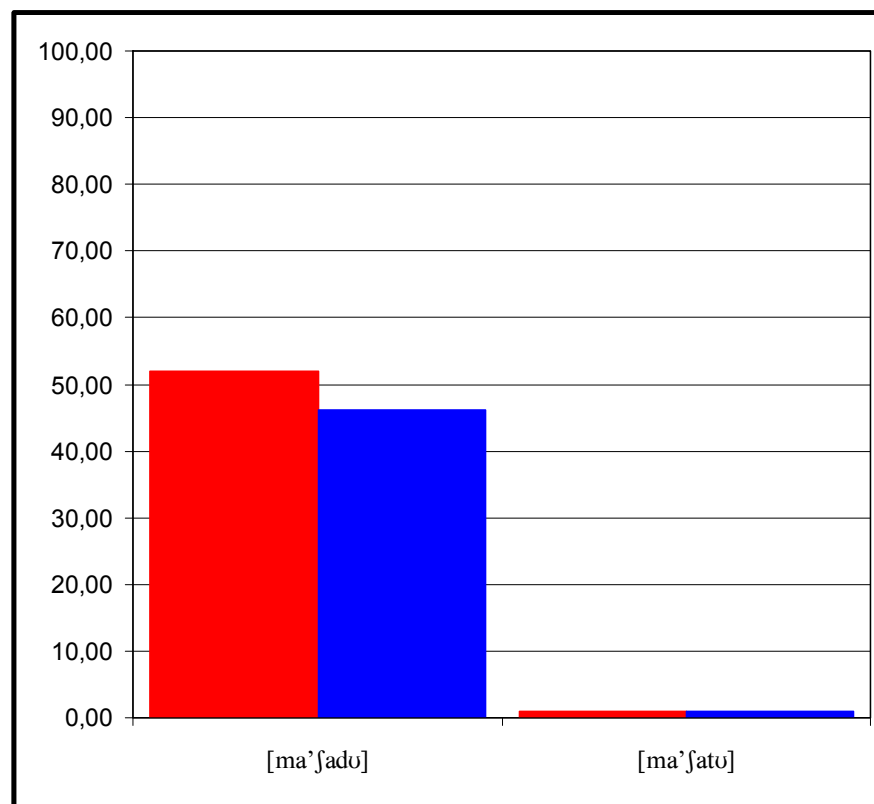


Carta 365 (112 ocorrências)	Mulher	Homem
[ˈpaʎə]	30 (26,79%)	29 (25,89%)
[ˈpaʒə]	21 (18,75%)	15 (13,39%)
[ˈpaʎiə]	9 (8,04%)	8 (7,14%)

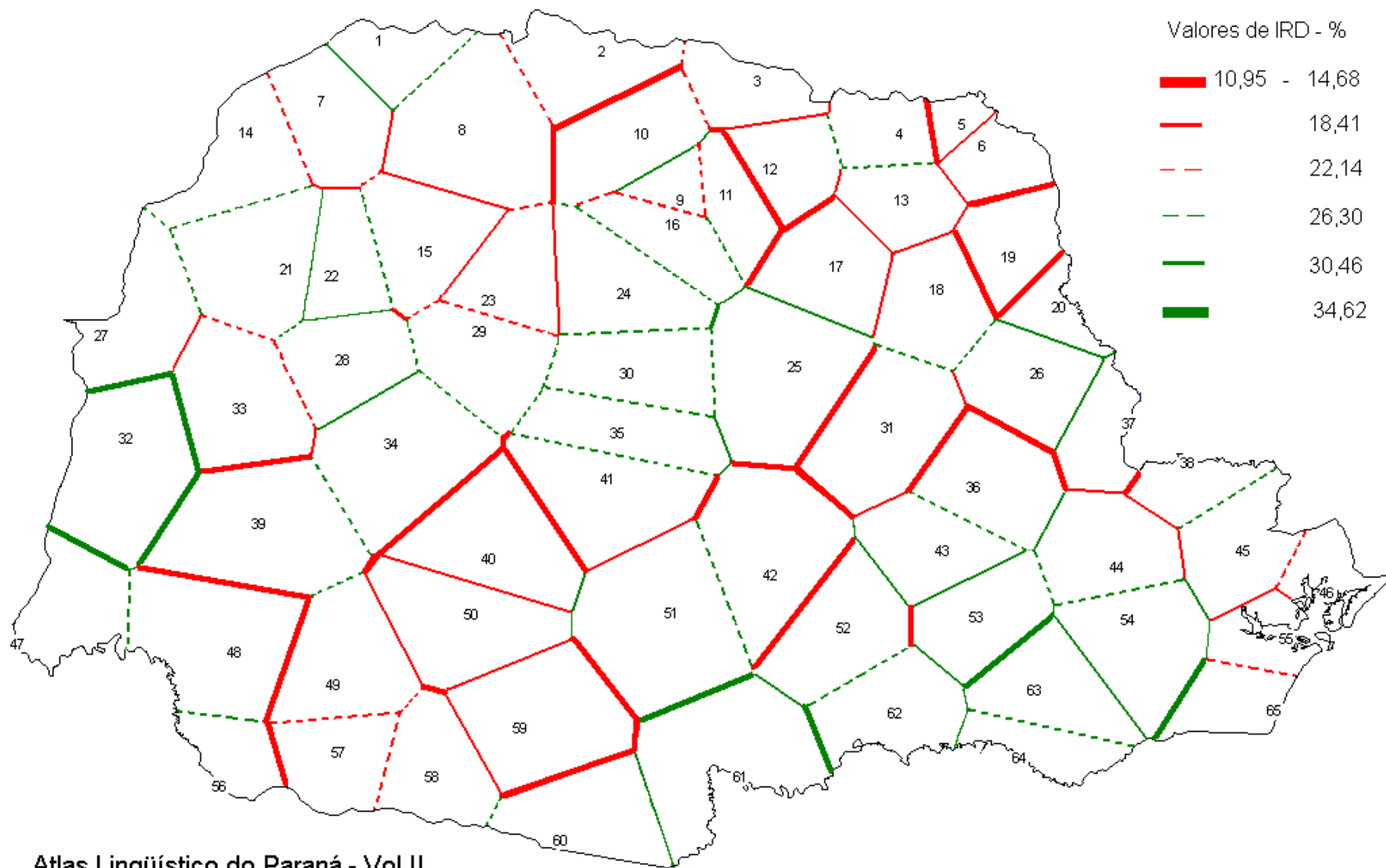




Carta 366 (104 ocorrências)	Mulher	Homem
[ma'ʃadu]	54 (51,92%)	48 (46,16%)
[ma'ʃatu]	1 (0,96%)	1 (0,96%)



Carta 1 - IRD - Índice Relativo de Distância



Carta 2 - IRI - Índice Relativo de Identidade

